

Tratado ontológico acerca das

bolas do boi

romance

José
Carlos
Queiroga

méritos
editora

VERSÃO EBOOK



edição
fac-símile

Para falar com o autor:

ou pelos sites www.lapandorga.com.br
www.meritos.com.br

The background of the cover is a grayscale illustration of a rural landscape. It features a large, leafy tree on the right side, a person standing in the middle ground, and a dog in the foreground. The scene is set in a field with rolling hills in the background.

**José
Carlos
Queiroga**

Tratado
ontológico
acerca das
bolas do boi

romance

— Versão livro papel —
2004

— Versão e-book —
2021

méritos
editora

2004 - Versão livro em papel
2021 - Versão e-book fac-símile

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260
Fone: (54) 3313-7317
Site de internet: www.meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Rafael Borges
Diagramador

Fernanda Cardozo
Revisora

"No Pampa" – Figari
Ilustração da capa

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Partes deste livro podem ser reproduzidas, sem fins comerciais, desde que citados o autor, o título da obra, a editora e outras informações indicadas pelas normas da ABNT.

Q3t Queiroga, José Carlos Tratado ontológico acerca das bolas do boi / José Carlos Queiroga. – Passo Fundo: Méritos, 2004.
524 p.

1. Literatura gaúcha 2. Romance gaúcho
I. Título

CDU: 869.0(816.5)-31

Ficha catalográfica: bibliotecária Marisa Fernanda Miguellis CRB10/1241

ISBN da versão em papel: 978-04-89769-04-6

ISBN da versão e-book: 978-65-89009-05-4

Impresso no Brasil



Apresentação

Este livro acompanha o périplo de Otacílio, gaúcho de-a-pé, em busca de cavalo para desfilar no dia 20, data magna da identidade pampeana.

Através de suas idas e vindas por uma cidade abalada pela insurgência de movimentos sociais e pelo alargamento do cinturão de miséria de que já falava Cyro Martins na década de 30, o autor examina os elementos fundadores desta mesma identidade, quer no âmbito propriamente histórico, quer no latifúndio do nosso imaginário, com seus mitos fronteiriços, e uma literatura (rio-grandense, argentina, uruguaia) fértil, sempre a renovar-se.

De-a-cavalo estaria um homem devidamente apetrechado para as exigências do moderno agribusiness?

Não é pergunta que se faça a um centauro, ainda mais “degolado” de sua parte inferior.

No pampa, as coisas são e pronto. Desde que o mundo é mundo, o gaúcho vive no lombo do cavalo, que é de onde tira seu parco sustento, cuidando de gado alheio.

É pouco, claro, mas... e a vertigem de horizontes? E a liberdade que o pampa sugere ao pensamento?

Trata-se de um jeito de ser, mescla fronteiriça, uma cultura em luta contra o tempo – anacrônica, há quem diga.

Por supuesto! Porém viva!

E, se em luta, melhor ainda... terçada no vasto campo da linguagem... e do humor.



Sumário

Apresentação	5
1. O gaúcho	9
2. Rumor microscópico	11
3. Corsários terruños	15
4. Amontoado de trastes	21
5. As maçãs de Newton	89
Errata	247
6. “Circunvoluções cerebrais”	251
7. Coisa mais mimosa	283
8. Sabambalhas	327
9. Buenos Aires querido	453
10. La fecha	523



I. O gaúcho

O vento, em lufadas, atíça o crioulo de Otacílio qual rubro vaga-lume na escuridão do pampa. Cotovelo no moirão, o homem ergue o bicho como se deve, entre o polegar e o indicador, a brasa protegida na capelinha da mão, fazendo-o sumir na greta invisível debaixo do bigode. A espaços, e longamente, traga o vício perfumado. Quatro horas da madrugada e – menos que vento, quem dera brisa noturna, tosse seca de engasgado – o bafo quente não deixa dúvidas: vem aí mais um dia de chumbo. A estiagem prolongada queima os pastos, seca os mananciais, lixa as mucosas. Otacílio solta a fumaça pelo nariz e sente o ardido.

O gaúcho gosta de tudo às claras.

Sempre viveu de peito aberto, desprezando o embuçado, reles hábito da covardia. Mas os tempos são outros e exigem do homem mais do que retidão e transparência – ou menos... Há algo que se esconde no escuro e que lhe é próprio: o tenebroso de seus herméticos. Assim é e ninguém deixa de dormir porque é noite. Neste escuro, no entanto, escuro sem estrelas, de enlutado, há como que um presságio, uma iminência – não, das trevas, o renascer do sol radiante, mas a feérica combustão do dia.

É tempo de mexer-se, pois, e alimentar o incêndio na lenha das linhas que seguem.

2. Rumor microscópico

A bolante onde Otacílio está arranchado guarda resquícios da cor de maravilha dos compensados marítimos, ainda que as chapas, algumas empenadas, apresentem rachaduras nas extremidades e deslaminamento progressivo. Não são frestas de causar preocupação, mas quer deixar as coisas de modo a sentir-se tranqüilo na cidade; o poucábóia que fica no acampamento não lhe é confiável, bebe e só não perde a cabeça porque está fincada no pescoço, até a identidade extraviou, não duvida que se extravie ele mesmo, estando solito, ou queira bisbilhotar em suas coisas nos dias em que a baiúca ficar tapera. Por isso, enquanto tranca a janela por dentro, ajeita a lanterna na mala de garupa, pronta de véspera, e fecha o cadeado da porta; seu pensamento se demora a vedar as fissuras já conhecidas dos três por dois onde vive – a contragosto – há demasiado tempo para um gaúcho.

Sai então para a estrada, onde alguns quilômetros de marcha o esperam até o caminho do ônibus. Ao passar pelo arranchado do outro, o ronco profundo coloca-lhe uma questão perturbadora: e se, ao invés de tentarem arrombá-la, os bandidos levarem a casa inteira?

Antigamente, havia respeito...

Otacílio corta caminho pela taipa erodida da barragem e a escuridão é tanta que nenhuma pedra rola gorgulhante até a água, nenhum graveto estala, nada, nem o pêlo suado sob arreios, denuncia a presença de alguém naquele rincão remoto. Só ele sabe deste indivíduo que se movimenta na noite porque – antes satisfeito de tudo ser como era, largos horizontes no lombo de um cavalo – tem de carregá-lo agora,¹ com tantas preocupações e cismas, como se levasse na cabeça um cupim pétreo daqueles que só a lâmina de um arado consegue degolar. Cupim coalhado de formigas infatigáveis e do rumor microscópico que fazem existindo, sem achar o buraco da boca por onde articular rumo.

2.1. Pialando de cucharra

Não há nada no mundo igual ao pampa!

Otacílio jamais ultrapassou os limites da Serra do Caverá, que, embora serra – outra coisa, pátria dentro da pátria –, pode ser cavalgada por quem sabe e sempre o foi pelos

¹ (como a parábola aquela, Ele, vejam, sublime humildade... de estivador de gente! Aleluia! E sem paga...)

gaúchos, os melhores nesta arte. Um dos grandes, Honório Lemes, fez misérias por lá. E foi o Honório Lemes, o CTG, que ensinou a ida de Otacílio àquelas plagas, ainda gurizote mas já metido em rodeios, bom que sempre foi no tiro de laço. Na época – por que mentir? –, ainda flaquito, não podia com um de doze braças, mas já brincava direitinho com os de oito e quatro rodilhas, que é o tiro mínimo oficial de rodeio, pro causo, o que interessava.

Nunca foi exibido – depois de velho, a troco?

Mas quando estão charlando no galpão – ou estavam, até isso a lavoura tomou-lhe –, gosta – gostava... de uns tempos pra cá – de lembrar esses sucessos de guri, ainda mais agora que não hay más disso, a juventude passou ligeiro como enterro de pobre, e de pobre entende... Bueno... Mais taludo, achava lindo o tiro de sobre-lombo – até meio charrua, não vê? –, de a cavalo, correndo no costado do bicho e, abrindo dele, soltar o redondo do laço no que pegasse as aspas, e pegava mesmo, quase sempre. Mas, quando guri, como dessa vez, no Honório Lemes, era campeão no pialo de cucharra, este de a pé, logo na saída da mangueira; atirava curto assim, de bolcada, maneando o animal pelas duas mãos, coisa mais linda, fazendo ele virar cambota na cancha.

Ah, eras!...

Otacílio, cada vez que contava alguma coisa do tempo de piá – já peão pra todo serviço! –, parecia outro, não esse homem meio encarquilhado, triste, sombra do que fora, mas um senhor campeiro, guri ainda, sem a senhoria da idade, tá visto, guri, que sim que pelos prodígios do dom que Deus lhe deu – Don Otacílio!... já pensou?! – ...não esse homem, não mesmo!, isso vai resolver é agorinha, na cidade!... Alargava o pensamento, o gesto abrindo o laço no ar e até sorria, orgulhoso, como se abraçasse toda a Serra do Caverá, emaranhado de matos e cristas rombudas onde, ouviu dizer, ninguém achava o tropeiro Honório e o taura virava leão. Sorri, sorri da lembrança no breve instante em que, viajando nela, esquece que fala de si, e é quando cai em si, querendo mais que aspas, mais que manear boi, mas algo que não desmanchasse no ar,² algo que não virasse silêncio, lembrança apenas, de uma lembrança, após suas palavras numa roda de galpão...

Que fazer?

Nunca teve e nem quer – sabe-se lá o que é isso! – uma foto em formato gabinete no jornal, medalha, diploma, essas quinquilharias, mas se pergunta: o que é um gaúcho sem cavalo?

Nada é o que não quer ser, um nada.

2.2. No colo do maria-fumaça

O pampa ensina o homem rapidamente a ser homem.

O pampa ensina, num upa!, a ser alguém,³ porque é preciso desde cedo acostumar-se à limpidez solar da imensa redoma azul onde o escuro não tem vez – ou não tinha. Então o guri ganha um chapéu e à sua sombra cavalga para sempre, subindo e descendo os tênues redondos da terra, lidando com o gado ou pelo puro gosto de ouvir os cascos

² (Marx... “Ai, ai, ai! Política, não!”)

³ (pra ler esta nota, por exemplo, o homem tem que quebrar o corincho... um minuto que seja. O acúmulo de notas pode, alertamos, gerar um probleminha na cervical do querido leitor, que, uma vez instalado – médicos, exames, tratamentos... –, o fará desembolsar um bom dinheiro. O ir e vir dos

no pasto macio, sábado à tardinha e no domingo sagrado da visita ao bolicho, que sempre mantêm-se aberto nas encruzilhadas dos corredores da campanha, com um bom estoque de canha, pra animar o carteadado, uma ou outra china barata sozinha e, se tiver sorte, uma peleia da qual sobreviva.

Otacílio chega aos limites da propriedade já nos albores da manhã, não correndo maiores riscos ao transpor os trilhos do mata-burro – comodidade para uns, motorizados, que não precisam abrir porteiros; armadilha para outros, quadrúpedes ou bípedes de botas com solado de couro, uns sabonetes. Pega à direita, e segue pelo meio da estrada vazia que acompanha o correr da linha férrea desativada. Logo avista a estação de Yapeyu, onde costumava desembarcar há uns vinte ou trinta anos, quando as locomotivas também puxavam vagões de passageiros, além dos imensos contêineres cor de ferrugem dos vagões de carga.

Era lindo ver passar pela janela a sucessão de paisagens conhecidas, sempre as mesmas, sempre na ordem esperada, transmitindo a segurança e o conforto de estar em casa; poder recostar-se e dormir no sacolejo de colo do maria-fumaça. Mais lindo ainda era o inverso, ver passar o trem de passageiros com gente dentro, rostos à janela, acenos – olha o fulano! –, e sorrisos. Pelo menos nas últimas cinco mil manhãs, e nesta, a estação está fechada; vidraça nenhuma, postigos quebrados, inços arrelvando o decrépito e belo prédio inglês.⁴

olhos ainda poderá trazer outro efeito colateral, a tontura, nos casos mais graves, seguida de vômito. Diante disso: a) não nos responsabilizamos por quaisquer abalos de sua saúde, leitor amigo; b) só lê nota de rodapé quem quer; elas são geralmente dispensáveis; c) as notas de rodapé deste compêndio são indispensáveis. Como dizia Marco Prisco, “O conhecimento dá informações. / O amor conduz à verdade.” Boa sorte.)

⁴ (Bota mais uma acha, que o fogo periga apagar.)

3. Corsários terruños

Muito grande era o deserto, a la pucha!

Terra e terra, campo. Não espanta que até hoje ainda há crianças que recebem de pia por nome Ptolomeu, nenhum Copérnico; tudo gira em torno da terra. E a coisa é meio frouxa, sempre foi meio frouxa. A Câmara de um município vizinho de Nova Hereford, Alegrete, em 1848, declara que a grande maioria das estâncias encontram-se ao Deus-dará e os gados todos alçados, possibilitando a apropriação de tropas alheias por qualquer um. A Câmara do importante município⁵ institucionalizava, raposona, já se vê, o roubo de gado,⁶ que, de qualquer forma, era prática comum entre os fazendeiros: um toma-lá-dá-cá de pura selvageria.

Se os índios faziam isso antes de serem exterminados, absolviam-os o selvagem, generoso entendimento de que tudo era de todos na natureza, a mãe dadivosa. A ação dos brancos baseava-se, todavia, na civilizada noção jurídica da propriedade privada, ainda que muitos não possuíssem os títulos das terras que usavam como suas e de cuja exploração recheavam os pezuelos; e, claro, baseava-se no direito dos mais fortes sobre os mais fracos, o que, por si só, justifica a convocação imediata de Darwin a ser requerida pelo nobre vereador folhas adiante.⁷ A Lei Provincial número 203, de 12 de dezembro de 1850, deu uma disciplinada no troço, obrigando o uso da marca no gado pelos sesmeiros, que foram se adonando dos Campos Realengos.

“Meu reino por um camelo!”, bradou aquele, e bem a propósito, pois calhava no deserto um, ainda que lerdo como uma lesma, que dele o libertasse, mas não neste saara de cá, pura esmeralda, jóias de pastar o que coubesse no bucho, atravessar a alfândega e desovar o tesouro em algum “water-closet d’além mar”.⁸ E, vejam, este nosso rei, bem ao contrário, não queria era livrar-se do pampa – e por quê?, úbere de liberdade, céleres crinas ao vento... –, paraíso, bem dizer, se há na Terra algum escondido, ei-lo!, e dê-lhe! dê-lhe!... Mas era-lhe impossível, usando de seu exército, conquistar e cuidar de tanto campo aberto. Assim, aventureiros, corsários terruños tomaram para si a tarefa, exigindo em troca o que lhes aprouvesse. Na sanha por terra, dominaram a vastidão pampeana

⁵ (eles juram...terceira capital farroupilha e não sei o que mais...)

⁶ (isso, sim, bem coisa deles...)

⁷ (já deve ter acontecido com vocês, acontece com todo mundo: a gente percebe que está vivendo um momento já vivido mas não vivido, compreendem? Como se pudéssemos adivinhar o futuro, agora!, coisa louca! “Pena que nunca ninguém adivinha os números da loteria”, dizem alguns, mas assim tem de ser: Deus, que é justo – além de estivador de madeiro, estátua, crucifixo... –, jamais incentivaria jogos de azar, isto é, sorte...)

⁸ (créditos: Dr. Vazulmiro, a vetusta expressão apostrofada; M.M.Gonçalves, o WC)

que era a Estância de Yapeyu, entrando pelo Uruguay adentro. E foi como diz Raul Pont,⁹ “a posse das coisas não se dava num espaço nacional conhecido, mas o possuidor, com sua nacionalidade é que delimitava, por assim dizer, a soberania de seu Estado”.

3.1. O sagrado direito

El desierto,¹⁰ deserto, era imenso...

Imenso! As cercas que hoje recortam os campos só começaram a ser de um todo estendidas a partir de 1870, finda a Guerra do Paraguai.¹¹ As cercas prendiam o gaúcho, tolhiam-lhe as liberdades de monarca, mas, mais importante, garantiam a propriedade.¹² De início, frágeis alambrados de três fios, depois de seis, e, aleluia!, eis que aparece o arame galvanizado.

Antes, as estâncias eram demarcadas por acidentes naturais e por precárias tiras de cercas de pedra erguidas com milhares de cabeça-de-negro – a pedra aquela meio que arredondada como as cabeças de – por milhares de braços escravos. E não podemos deixar para depois, é necessário dizer neste momento que Chico Pedro, tratado assim sem respeito por Chico, era um Barão, e que não o movia nas Califórnia¹³ apenas o intuito de retomar seu gado roubado, senão que também retomar outro tipo de propriedade usurpada: seus negros, que alistavam-se com os chefes políticos uruguaios em troca da liberdade, pois que lá já não havia mais escravidão. Anotem, que cai no vestibular: para defender o gado e a escravaria dos brasileiros proprietários no Estado Oriental, nosso imperador interveio em favor de Venâncio Flores contra o governo constituído por Aguirre. Foi então que Solano López não gostou e explodiu a já aludida Guerra do Paraguai. Bem disse Helga Picollo, sempre lúcida: “aos interesses gerais da nação brasileira, sobrepujam-se interesses particulares defendidos em nome do ‘sagrado direito de propriedade’.” Y aquí andamos, en la vuelta...

⁹ (não adianta explicar, vocês não o conhecem)

¹⁰ (diferente, mas igual ao de Subercasaux y sus chicos, el hombre que quería “un beso” de cada um antes de morrer, “Pero ligero, chiquitos...” Direito sagrado o dos pais, un beso, essa coisa mínima que tanto tudo modifica ainda a ser estudada pela Nanociência, professora Mildred, porque o deserto, veja, parodia o poeta, põe quanto é no mínimo que faz, é todo em cada coisa... O mundo, então, árida solidão sobre nós concentrada, e já nos arqueiam os ombros, e já nos espicham os olhos – que não acham, e o quê? –, e já nos mimetiza, por apoucados, nanicos, fervilhando junto, pasto dos corvos, enfim integrados à divina igualdade da natureza, subjugados por seu indomável caráter, sua pantagruélica fome, sua guerra bacteriológica... e, então, nós, professora Dresselhaus, heróis da gesta pampeana, monarcas, pro causo, caídos no campo de batalha, honrosamente, também nós não temos o direito de ganhar un beso, un beso – ligero! – de nuestros hijos?)

¹¹ (a que a Tríplice Aliança fez contra Solano López porque ele estava construindo um país auto-suficiente, um país soberano, e de índios, à revelia dos ingleses. Então, carajo!, não percebeu que arranjava sarna pra se coçar? Depois disso, o país vizinho aprendeu a lição e nada mais produziu – entreposto de quinquilharias de camelô –, a não ser estadistas do quilate de Stroessner, que, uma vez posto a correr, foi recebido de braços abertos pelo governo brasileiro e tratado com toda fidalguia que era de se esperar)

¹² (bota grande o negócio do gado!... E eles, sempre chorando, sorris...)

¹³ (hoje uns ajuntamentos festivos, de cantoria, que fazem pros lados da fronteira, mas de liça, nada!)

3.2. En la vuelta

Na Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul muito se debateu o tema. Em sessão anos antes – de 28 de junho de 1849 –, o Senhor Fidêncio discursara a respeito “da proteção que necessitam os criadores de gado”, porque...

– A todos os momentos são violados os seus direitos não só nas suas propriedades, como nos seus animais, e infelizmente Srs., estas infrações partem daqueles a quem está confiada a segurança da Província.¹⁴ Se têm dado freqüentes abusos na campanha, estabelecendo-se não só acampamentos, como introduzindo-se animais da Nação em terrenos particulares sem consentimento de seus donos, e mesmo contra a sua manifesta vontade.

O Senhor Fernandes, a falas tantas, acrescentara, acaciano, que:

– O nobre deputado é fazendeiro, eu também o sou; ele se interessa pelo custo das fazendas, eu também me interesso.¹⁵

O Senhor Bonifácio grita para o Senhor Patrocínio, mais acima, nas galerias:

– O nobre colega é como eu, eu também o sou...

E o outro:

– Como o nobre colega, também eu, como sou, sou.

...O contubérnio, vejam, do homem público com o cerne do fazendeiro no bolso de suas calças, pouca vagonha!

Surdo ao som das galerias – regra deputativa número um –, o Senhor Fidêncio concorda com quem com ele, o Senhor Fernandes, concordara, recebendo vivos “apoios”:

– Os fazendeiros necessitam de muita proteção para poderem ver os seus gados respeitados, para poderem tranqüilamente exercer o gênero de indústria que exercem,¹⁶ para não serem finalmente violadas as suas propriedades – disse o mesmo Senhor Fidêncio, que já asseverara que “a constituição garante o direito de propriedade em toda a sua plenitude”.

3.2.I. Abrir estrada pra quê?

Em sessão de 12 de abril de, vejam só, 1875 – o Senhor Fidêncio já era pó –, o Senhor Silvestre, dirigindo-se ao presidente da Assembléia, cuida de deixar claro que não queria...

– ...violar um princípio sagrado, um princípio constitucional, que é o respeito e homenagem à propriedade particular, que não se esbulha de seu proprietário para abrir-se uma estrada que muitas vezes não traz vantagem alguma para o interesse público, mas que para se encurtar mais uma hora de viagem, vai-se estragar um campo.

¹⁴ (raposas cuidando do galinheiro? “polícia para quem precisa de polícia”? ...ouçam com todas as letras o que vocês – vocês! –, empoleirados nas altas torres do palácio, nos fizeram sempre, perseguindo-nos por cuatrerros, malentretidos, vagos, bandidos, que é ao que vocês – coquimbos! – nos reduziram, excluindo-nos das sesmarias, de las suertes de estancia – que sempre foram nossas, o pampa íntegro –, obrigando-nos a viver nos monturos, en los pueblos de ratas, contrariando frontalmente **La Carta de la Tierra**, Capítulo IV, Princípio 15: “Tratar a todos los seres vivientes com respeto y consideración”... Bárbaros!)

¹⁵ (acaciano e ferrugento!)

¹⁶ (e até hoje, vejam a maldade, ficam dizendo por aí que não temos indústria e por isso a Metade Sul ficou pra trás... E a politicagem?)

Agora, nos digam: abrir estrada pra quê?¹⁷

E têm uns aí que querem trazer fábricas e fábricas de automóveis só pra bonito! E bonito, modo de dizer, porque é feio esse negócio, e sujo... O nariz da gente não dá vencimento, bá, já viram o tamanho da Tabela Periódica? O ministro foi na TV E e afirmou, sem medo de errar que “80% das estradas brasileiras hoje estão precisando de reparos...”, quando não o serem refeitas totalmente... como a Transamazônica, vejam, que pecado!, o asfalto, as empreiteiras, “a civilização”, enfim, forcejando, forcejando, mas... que se há de fazer? A selva..., o Pantanal... resumindo: tem muito mais coisas entre nós e a malária do que podemos imaginar, reclamões de barriga cheia, mata-moscas em punho, neste calorão que Deus te livre!

...80% disse o homem público, e isso ainda é bem mais do que tínhamos em 1875, o que nos leva a concordar com o nobre tribuno – defensores da tradição, nosotros, artigo sempre em falta nos bolichões da capital –, encarecendo que não arrumem, que não joguem o nosso dinheiro fora, já não chegam esses escândalos que o jornal não cansa de dar? O que que o gado vai pastar em uma estrada? Nos digam!

Esses governantes...

2.3. A sorte grande

Se existe paraíso na terra, apeia e aproveita, é o pampa.

O morto que sugere a quietude descampada e este silêncio, que silva, rufla, muge, relincha, onde mais?

Acostumado a tais melodias, Otacílio sente de longe, antes da polvadeira anunciar na curva da Ferraria, o estrídulo de ruelas e engrenagens do ônibus, que chega tossindo. O gaúcho engole grosso o cheiro viscoso da gasolina e, envolto em pó, sobe os degraus de ferrugem e toma assento no primeiro banco vazio, dando um buenas geral, porque já viu o Valenciano, a viúva do finado Pelecha, o Edgar e, parece que, lá no fundo, o Chiquinho.

O pinga-pinga nem chega a embalar e já pára novamente, na porteira dos Silva. Sob o Valnei, o capataz, sujeito falador, que se gaba de ser íntimo – ou mente – dos graúdos, e, capaz que não!, dá um tapa na perna de Otacílio – “nem parece que vizinhemo, há quanto tempo, che!?” – e senta a seu lado.

– Pois é.

– O que tem feito? Sempre com o Seu Valentinho?

– É. Tô na lavoura.

¹⁷ (um guia que leva os turistas à Rota do Che por uns trocados, explica aos clientes: “A primeira coisa que Che Guevara ia fazer quando assumisse o poder era criar uma escola e um posto médico em cada povoado. E depois disso ele ia melhorar as estradas da região.” Marcelo Câmara esteve na Bolívia para investigar acerca de um novo santo que há por lá, San Ernesto de la Highera, em vida, Che Guevara, que é venerado desde que por ali, na aldeia de Vallegrande, foi assassinado e mostrado ao mundo, embora morto, de olhos abertos, e limpo, penteado, bonito, um cadáver bonito, que os que o mataram queriam que fosse cabalmente reconhecido, mas conseguiram mais: fazer com que parecesse com Cristo. San Ernesto está nos altares e nas preces do povo simples. Mas este, popular como San Yermo, Roma nem pensa em santificar. E ele, segundo o guia Robledo, queria saúde e educação, vejam, o binômio da básica humanidade, além de estradas para ligar o povo pobre ao vasto mundo. E o povo acredita que ele, ao contrário dos governantes, conseguiria estes milagres. “Mas não se compara, aqui é campo fino, lá, pura grotá!”, argumenta um, devoto da Imaculada...)

– Bá. Então tirou a sorte grande.

Otacílio olha pro outro, pescando algum tipo de ironia, mas não, ele fala sério. E ainda explica:

– O peão campeiro só perde. Quando vai o fim do mês, o homem não tem mais xergão, não tem barrigueira de cincha... E se um matungo dispara, caborteiro, quando tu tá apertando os arreio e deixa o cabresto solto, qualquer coisa, um barulho, um guaipeca o cavalo já mete a pata nos... Sim, porque a primeira coisa é botar a pata nos estribo, os basto arroteiam, vão pra barriga... E já arrancam tudo, rasgam a carona e se vai o arreio do peão. Se tem rabicho, tu sabe, rebenta também. E isso quando não rasga as basteira. Não, quisperança! O peão campeiro só perde. Se o arreio é dele, não tem mais; se é o patrão que dá, já desconta tudo e come o salário inteiro. Não. Na lavoura é muito melhor, a gente só entra com o corpito no más.

Otacílio não fala nada. Valnei não está mentindo, sabe bem disso. A lavoura de arroz paga melhor do que o trabalho no campo, e judia menos do peão. Mas ele é um gaúcho. Gosta é de bicho. Quando guri, naqueles invernos que nem existem mais, ia descalço, manhãzinha, queimando os pés na geadá, tirar leite no galpão. Aproveitava o sono dos patrões e enrodilhava-se um pouco na cama de palha, ainda quente dos animais, torcendo pra que o tempo não passasse. Ai, saudade... Viveria de novo mil vezes aquela friagem, se pudesse, em vez de abrir e tapar boquetes de lavoura, encharcado feito sapo.

O outro continua:

– O patrão tem que dar cama e mesa e sustentar o dado. Não pode o peão descontar cama e dormir no pelego dele, no poncho dele. E quando não dá mais e o vivente quer acertar as conta, é aquela conversa de tô seco e acho que não te devo mais nada, che. E fica por isso mesmo.¹⁸ Claro, o peão, analfabeto, não aponta nada do que tirou ou deixou de tirar. Comigo é deferente porque estudei,¹⁹ fiz até o terceiro primário, sempre fui vaqueano na tabuada e o Seu Léo é gente buena. Senão...

O capataz ajuda a fala com caretas, pés, mãos, o corpo todo. Tem a mania – enervante, para Otacílio – de enfatizar suas opiniões com tapas, encontrões e o que mais tiver ao seu alcance.²⁰

3.2.2. “Un niño ilegal”

Devemos evitar os mal-entendidos, para que não nos peguem trocando tapas pela rua, o que, além de não ficar bem, é uma tremenda falta de educação. Exemplos aleatórios:

a) Um monte de galinha andava pra lá e pra cá, co-có-ró-có, co-có, e notamos – muito estranho! – que aquela carijó tá sempre separada, no meio dos cachorrinhos, e tem uns repentes, dá uns pinotes e sai correndo. “E essa galinha?”, perguntamos. “Pois é, parece

¹⁸ (Só pra ajudar o Valnei, saibam que o promotor Sílvio Couto Neto é contra esse troço do “tolerância zero”, de prender todo mundo, porque acabam presos só os ladrões de ovelha, pro causo, e diz ele que, sus!, o *Direito Penal age forte contra os fracos*, “mas está desaparelhado para usar a força contra os fortes”. E, vejã, o promotor não amorcega que os colegas, lá, em Ponta Grossa, prendem oito em cada 10, mas quando o caso é com ele, solta “mais da metade”. Couto Neto talvez prendesse esses do “tô seco”, fortes, bá!, embrulhões de gaúchos.)

¹⁹ (o Seu Léo é gente buena mesmo, deixou o Valnei quase se graduar com louvor...)

²⁰ (“Acho que tem que dar uma encilhada, lavou.” “Deixa que eu viro. Que erva é essa?” “Mano Lima, boa barbaridade.” “Como o próprio, forte.” “Bá! Do Mbororé!”)

loca”, arrisca um. Mas o campeiro mata a cobra: “Ela pensa que é cachorro, por isso não se acolhera com as otra”;

b) Aramadores. O mais velho tá com os dedos entre os arames e o moirão, presos. Em vez de gritar com o pouca prática, levanta a outra mão e o companheiro entende que é pra puxar mais a máquina – máquina é aquele ferro com argolas, sabem? – e aperta mais os dedos do coitado. Só quando perdeu três deles, atorados pelo mal-entendido, foi que gritou, mas já era tarde. Cada puxada é de mil quilos e vai trocando as argolas conforme o arame vem vindo, compreendem? Coisa séria;

c) Tem um rebojo dentro da Patria Gaucha que denomina-se, curiosamente, Linha Paca Norte. Perguntamos prum nativo da aprazível localidade do por quê do nome, e ele, cartesiano: “Paca, porque tem muita paca, e Norte, porque também tem Sul”.

Por isso que é muito bom mesmo, para evitar mal-entendidos, a convocação imediata de Darwin, a ser requerida pelo nobre vereador folhas adiante.²¹ George Orwell:

– Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.

Waldo Ansaldi esclarece:

– Esto es, el control del futuro requiere controlar el pasado, pero controlando antes el presente.²²

“No reinado do Rei Sol, em que os pobres e os loucos eram aprisionados, vai-se, então, quadricular a letra, colocá-la na prisão”, explica Georges Jean. E acabou de que jeito o Rei Sol? hein?

Não adianta.

É como dissemos, não tem erro: mal-entendido é coisa de mau entendedor, compreendem? De qualquer forma, nossa mão tá sempre pronta pro tapa, viciada em beijo.

²¹ (reexplicando, pra quem não entendeu: vocês nunca sentiram que estavam vivendo um momento antes vivido ainda que não vivido antes? Todo mundo sente. Pois é isso, só que ao contrário)

²² (não tem erro, não?... É como escreveu Juan Gelman, “La esperanza es un niño ilegal, inocente, / reparte sus volantes, anda contra la sombra.” Passemos adiante)

4. Amontoado de trastes

Do trevo de quatro folhas que dá acesso à cidade, construído por um dos generais do golpe, da cuna dos ângulos interasfálticos pra fora, como ao infinito, serpenteiam umas coisas sujas, uns monturos, uns lixões. Tão ordinários nas obras de engenharia quanto raros na natureza, ainda assim pode-se dizer que este específico trevo da “Capital do Boi Gordo”, a mui valerosa Nova Hereford, cidade que nunca muda, imóvel ali ao lado da BR, pode-se dizer que duas das folhas do tal trevo têm mais sorte do que as outras duas, do que podemos deprender que “duas” pode ser diferente de “duas” num raciocínio sócio-matemático.

Não nos alonguemos na ciência, que é coisa pra quem não é deste nosso mundo, mas é bom tomar pé da situação, pois, por exemplo, à direita de quem vai pra Polianga do Sul – cidade lindeira de Nova Hereford e sua grande inimiga²³ –, corre-se o risco de pisar em falso e estatelar-se na bosta, quando não nas profundas da Sanga do Intendente, rasa d’água como sabe ser um valão cloacal entulhado de latas, garrafas plásticas, pedaços de pau, os restos todos da parte mais alta da cidade, nem tão mais altaneira.

Num dos monturos à direita da BR inaugurada com festa pelo ordenança de um dos generais do golpe – gente de casa –, pra dar cancha às indústrias automobilísticas ao mesmo tempo em que desestruturavam o sistema ferroviário, muito mais barato, bueno... por ali mora Otacílio. (Se gosta, se é feliz? Bueno. Na lavoura... Mas Tunica e Andressa, bá, o gaúcho gosta delas coisa séria, nem dá tempo de ver o resto quando tem a mulher e a filha pra olhar... Agora, esse contratempo do dia 20... Mas Otacílio é diferente, claro, protagonista, e o drama esmaga um próximo, que nem o chinelo à barata. Interessante que a Nigéria, o México, a Venezuela, El Salvador, Porto Rico, o Vietnã e a Colômbia, os países que lideram o ranking da felicidade na Terra – dados do World Value Survey, não de qualquer manicure –, são todos de terceiro mundo, de população pobre, como Otacílio. O filósofo Eduardo Giannetti passou um tempo na Nigéria e encontrou “vitalidade afetiva”, “calor humano” e “pura alegria instintiva de viver”. Don Bagayo y Balurdo compreende: “Eles não são felizes propriamente. A hiena ri, mas é feliz? São simplórios, bobos-alegres como aquele que fica na esquina do obelisco, rindo e se babando.” E bem pode ser, pois Romanini e Umeda, autores da matéria, no box “Mitos que a ciência derrubou”, escrevem que “O que vale não é a ‘realidade’, mas sim a avaliação que a pessoa faz de sua vida”. Don Bagayo: “E vocês acham que um bobo-alegre pode avaliar qualquer coisa, por mínima que seja? Por isso que é alegre?” ...Capaz que sim. A vida, bá... Capaz que fiquem mais tristes...)²⁴

²³ (por maior, melhor, mais próspera)

²⁴ (uma opinião incontestável: “É preciso um pouco de loucura para ser feliz”, Letícia Spiller, ex-paquita)

Não bem mora, Otacílio, porque, olhando de perto o aglomerado de trastes, percebe-se que são casas pelos portõezinhos baixos e, logo, pelas portas – “ao menos não são cortinas de couro de boi, como antigamente, tão reclamando do quê?”, embrabece a Berê, de um tudo infeliz, professora e deixada do marido – fazendo par com as janelas cambaias, desencontradas, arquitetura possível por estas bandas, a dita Metade Sul, pra quem não possui sesmaria.

– Seis Marias? Nunca joguei. Só cinco, mas não sei direito fazer a ponte. Me ensina, tia?²⁵

Se um ET sobrevoasse o lugar, enternecer-se-ia²⁶ com a menina curiosa e seu vestidinho surrado. Não deixaria de notar também, lá de cima, que o trevo, como uma negra cheia de pernas, caga os amontoados²⁷ que escorrem molambentos entre as macegas. “Que rico!”, diria o ET espanhol, porque somente os espanhóis achariam beleza nisso, acostumados com as deformações picassianas, os delírios de Dali, os ludismos de Miró e o pitoresco, para não dizer o que possa magoar nossos antepassados, daquele amontoado de cavernas que Gaudi ergueu em Barcelona e que as pessoas, provavelmente,²⁸ usam para cursos de arte rupestre.

4.1. As coisas, conforme devem ser

Voejar um ET por Nova Hereford só surpreende quem não conhece história contemporânea. Os seres que habitam os outros planetas costumam visitar esta ímpar cidade, uma espécie de parada obrigatória das naves, que sentem-se em casa em Nova Hereford.²⁹ Vários congressos de navexologia foram realizados no Hall de Eventos do município, construído inteligentemente a 10 km do centro, ao lado do aeroporto, de modo a criar um complexo do que seja aéreo em um só lugar, melhor organizando a administração pública com evidente economia para os cofres da Intendência. Parabéns, senhor.

Abundam os depoimentos de autóctones – o Tiago, o Danny, o Hector... – que tiveram contatos com alienígenas. Sem exceção, eles viram uma luz misteriosa deslocando-se no céu noturno e, quase sempre, tal luz era gerada por um objeto em forma de prato, prato raso. Como o aeroporto não recebe aviões e nem há perspectiva de linhas para tão remotas paragens, têm-se por inquestionável que as coisas são como devem ser e que, por conseguinte, se as luzes dos colorex voadores iluminaram a mente dos responsáveis pelas obras ou se, antes, as obras despertaram o interesse dos ETs, não importa.

²⁵ (que amor! Mas a Berê fica ainda mais fula)

²⁶ (“enternecer-se-ia? Puxa!” “Nós não somos como aqueles de quem falamos, Roger. Não vem com ironias.” “Está bem, Rosa, só não vai murchar por isso. Como ficaria nosso jardim?”)

²⁷ (amontoados, montón, montoneras... estas irrompendo daqueles)

²⁸ (observação não comprovada in loco: não viajamos de avião, que cai, e de navio, que enjoa... Ponte? Com a engenharia moderna... Mas nós, não. Quase morreremos cruzando a Rio-Niterói, aquilo balançar, nunca mais... Túnel? Bem capaz! Já entraram no Rebouças? Nem se vê a luz que sempre há no fim... No tempo do Getúlio que era bom, não tinha nada disso; um gaúcho até a cavalo passeava pelo centro e a cidade era maravilhosa.)

²⁹ (Phil Collins conta que alguma coisa destapava suas filhas durante a noite: “Depois disso, não considero mais loucas as pessoas que dizem que tiveram contato com os mortos”. Mas, Phil, não são mortos, são... Bueno. A Câmara deveria convidar esse menino pra visitar NH.)

Jesus nasceu em Belém e ninguém fica achando que seria melhor que nascesse em Papeete, compreendem? Nova Hereford, a par de ser a “Capital do Boi Gordo” é, com muita honra, a incontroversa “Capital dos OVNIs”, batendo, por antigüidade – e merecimento –, Itara. Por isso não devemos espantar-nos com um ser antenado, verdolengo e corrugoso dizendo “Que rico!” da escotilha de seu pires voador ao deparar-se com umas coisas sujas, uns monturos, uns lixões.

Alguns, incautos – ignaros é o que são! –, chamam de lunáticos os nova-herefordenses,³⁰ mas, àqueles, basta identificá-los como sulpoliangos e a resposta está dada, com sobras.

3.3. Tudo índio, o resto

Houve um tratado, o de Tordesilhas, e contra fatos não há argumentos.

Não podemos apagar da história a divisão do mundo em dois gomos, feita por Portugal e Espanha (cccom apopopoio papapapapal, a b b b buuu la), como Stálin apagou Trótski dos ícones soviéticos. De stalinista todos temos um pouco, mas dividir ao meio a cabeça de Trótski não resolve a questão, entende? Bem, não importa. O líquido e certo é que, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, isto aqui era tudo espanhol. Calcule-se a cara dos índios ao verem aqueles extraterrestres fedegosos chegando aqui e – “Que rico!” “Que precioso!” –, tomando conta de tudo: matas, rios, campos, bichos, o imaginário de charrúas, minuanes, yaros, guaraníis...

Os portugueses forçaram as linhas com suas bandeiras predatórias e acabaram por ganhar um outro acordo, unindo-se, Portugal e Espanha, contra os nativos de recente alma que – audaciosos pra quem há pouco não poderia ter Deus, brandindo o tacape, em suas hostes – resistiram, quase, ao extermínio.

Sepé, julgando-se inalcançável pela pólvora ibérica, tomado que estava pela confiança no Deus jesuíta,³¹ enfrentou Valdelírios e Bobadela – ó nomes prodigiosos! Deuses tutelares? – de peito aberto, caindo morto aos primeiros tiros e deixando livres as coxilhas para os invasores.³²

– Esta terra tem dono! – disse o cacique,³³ mas, adiantou?

Os que chegavam roubaram-na dos índios, bem dizer, no tapa.

Hoje, quando os sem-terra vão à luta, os velhos e respeitáveis ladrões repetem a frase de Sepé, ó ironia! Os vermelhos remanescentes foram sendo pouco a pouco exterminados, servindo de bucha de canhão nos entreveros que os fazendeiros arrumavam para garantir sua riqueza ou para mais enricar. Não há propriamente índios na Fronteira Oeste; foram todos com Guiraypoty para a “Terra sem Males”.

Há ainda um que outro, avulso como Otacílio e, muitos, participando de lutas populares, como a do temível Movimento Sepé Tiaraju, onde brancos, pretos, pardos de todas

³⁰ (neoherefordenses, newherefordenses ou, simplesmente, herefordenses, há disputas lingüísticas a respeito, mas, lunáticos, nunca! Agora mesmo, miles de cartas – como a da senadora Mikuslski – empanturram as caixas de correio de NH, tudo para a NASA, preocupadas com “o destino do Hubble”, telescópio espacial deveras querido dos ETs humanos.)

³¹ (justificável, a confiança? ...vejam no que deu!)

³² (justificável?)

³³ (ou morubixaba)

as tonalidades pintam-se de vermelho e vão para o confronto por um pedaço de terra longe dos monturos, dos lixões, que é onde lhes restou sobreviver, às margens, bem dizer, do Styx, o rio do inferno, a Sanga do Intendente, como almas insepultas.

Quem são os verdadeiros extraterrestres? Quem são os lunáticos? E, uma fácil: quem são os mocinhos?

– Ora, os mocinhos usam bota e chapéu de feltro, o resto é tudo índio.³⁴

3.4. Mundo *vário*

O pampa é um espaço.

Diz Milton Santos que a “construção do espaço...”³⁵ Ele diz que: – A construção do espaço é obra da sociedade em sua marcha ininterrupta. A sociedade se transforma em espaço através de sua redistribuição sobre as formas geográficas, e isso ela faz em benefício de alguns e em detrimento da maioria.

Quer dizer que o pampa já foi de ninguém, quando era dos índios, que, por não terem alma – no então, no ainda... a compraram em promissórias com resgate no céu –, não eram gente e não poderiam ter terra; depois, foi de uns e outros invasores até que os reis decidiram legalizar sua posse, doando sesmarias, mercedes de tierra, suertes de estancia.³⁶ ...E agora, outros invasores, legitimados por seus antecessores, querem “a parte que lhes toca neste latifúndio”? Isso seria, enfim, incluir a maioria dentre os beneficiados pela rapina histórica?³⁷ Não é proibido, isso?

De certo modo, sim. Esses dias, vejamos, o intendente disse no rádio que as pequenas propriedades deveriam acabar. As grandes, argumentou, ainda que improdutivas, podem vir a tornar-se produtivas porque têm potencial para tanto, agora, as pequenas, as pequenas não, porque são... pequenas!

E – “óóóóóóia!” – ele foi enfático. Então é bom calar-se.³⁸

O Milton Santos também falou que: – O estudo do espaço exige que se reconheça os agentes dessa obra, o lugar que cabe a cada um, seja como organizador da produção e dono dos meios de produção, seja como fornecedor de trabalho.³⁹

³⁴ (Este ponto é controverso no seio do nosso Instituto Cultural, registre-se.)

³⁵ (Quem? O bi-campeão? A “enciclopédia”?)

³⁶ (o latifúndio, diz Cesar Guazzelli, gerou os caudilhos – fazendeiros, todos – e os gauchos, os vagos, carnes de canhão das montoneras...)

³⁷ (escreve-se “rapina” e, no “na”, já chega correndo “histórica”. Incrível, isso! As palavras grudam umas às outras como aqueles de agarramento pelas esquinas escuras. Um pia “meio”, e o eco, “ambiente”; um bota “as barbas” e é sempre “de molho”, e quando diz “pelas barbas”, aí é “do profeta”; “Almeida”? “Quando pula, peida!”; “Mário”? “Te comeu atrás do armário!”; “urubu”, “cru”, “anu”... “meu pau no teu cu!”, “filho...”, “da puta!” E por aqui paramos, que isso não é esquina nenhuma – embora escura –, temos bem certo o rumo, que é adelante! “...Sim, mas...” “Não tem mais nem meio mais, que nos guia a boeira. Ordinário, marche!” Bonito isso, vejamos, as árvores dão sombra, frutos, madeira... que o carpinteiro aplaina – passa os dedos, áspera carícia, fosse árvore ainda e “ai!”, mas é aplainada tábua – e, com quem o ajuda, monta, macho-e-fêmea, seu, bem dizer, filho – sombra, casa, lar... –, fruto... e já gruda “do seu trabalho”, pão e é o “de cada dia”... Y así son las cosas, dá pra criar um mundo de uma singela semilla... “Quem que se mija? Repete!” ...Ai, ai...)

³⁸ (melhor pra saúde...)

³⁹ (“Mas ele era bom como o Leônidas, que fazia gol até de bicicleta?” Tem boldo neste mate?)

Veja só como o mundo é vário. Diferentemente do Excelentíssimo Senhor Intendente de Nova Hereford, o Senhor Domingos Alves Branco Moniz Barreto, em 1790, observando o Continente de São Pedro, defendeu...

“a divisão racional da propriedade, de forma que as terras, que não forem próprias para a criação dos gados, se possam cultivar, sem ficar espaço algum desocupado, em lugar de haver muitas fazendas grandes, haja muitas pequenas, segundo a força dos agricultores”... *ai, ai*.

Se o intendente toma conhecimento do que pensa esse homem, Deus te livre!, o manda prender – e nem precisa andar com o boné do Sepé.

3.4.I. “Só sabem falar de éguas”

Para terem uma pequena idéia do que estamos falando, um peteleco, um beliscão, tapinha amigo... basta dizer que um outro ilustre político novaherefordense, indignado com a fala de uma colega, que referira a Teoria de Darwin, subiu à tribuna e bradou:

– Quero que esta Casa convoque imediatamente este senhor para que venha aqui e repita na nossa cara que o homem veio do macaco!⁴⁰

Francisco Ferreira de Souza, já em 1777, notara certa grosseria na gente daqui. Diz das mulheres:

– Trazem camisas mui sujas; os corpos são mui mal feitos, só sabem falar de éguas, potrancas, cavalos, laço, bois e bolas. Têm os pés disformes e grandes, os dedos mal compostos, as unhas muito sujas. Tanto os homens quanto as mulheres têm grande paixão pelo tabaco,⁴¹ como igualmente por uma erva chamada mate,⁴² da qual usam dela grosseiramente pisada em um porongo. A ler e escrever se não empregam, pois todo o destino é laçar, é arrear e bolear.

Mas Francisco observa que seu relato não tem “a intenção de satirizar costumes menos polidos de sua⁴³ gente grosseira, que não tem obrigação de ser civilizada. E sim querer dar uma exata notícia, como também temos de outros países incultos.” Ora, se este homem de 1777 conseguiu puxar nossa realidade atual⁴⁴ para o século XVIII, por que não seria possível trazer de mais perto, do século XIX, Charles Darwin, e passar-lhe o pito que merece, engrandecendo a Casa do Povo de Nova Hereford?

2.4. O ruim é o cheiro que entra

Otacílio não mora de verdade na Vila do Sangão porque vive em uma bolante no interior do município, à beira de uma lavoura de arroz. Mas ali, sim, moram sua mulher, Tunica, e sua filhinha Andressa, que está para fazer um ano e a quem visita, quando dá, uma vez por mês em época de safra, estada de não mais de 24 horas, e uma vez a cada

40 (não prevenimos? Pois tá aí.)

41 (daí vem o costume de serem chamadas de tabacudas.)

42 (perceberam? Tá nos xingando, o turista!)

43 (nossa!, do Continente)

44 (assunto controverso no Instituto)

quinze dias na entressafra, quando, minuto a minuto, esbalda-se de conviver 48 horas com sua família – Deus é pai.

Mas Tunica, de ordinário compreensiva com as condições que a vida lhe proporciona, anda cansada. Sai cedo pra trabalhar – de doméstica – na casa do Doutor Sandoval, cobrindo a pé os quatro quilômetros até lá, para economizar a passagem. A filha fica com a sobrinha de oito anos até o meio-dia, quando ela tem que preparar-se para ir à escola, e com a vizinha, enquanto Tunica não chega, lá pelas quatro da tarde, depois de deixar a cozinha do patrão brilhando, sem nenhum resquício de sua sombra miserável.

Tunica anda cansada porque, compreende?, acorda com as galinhas pra trabalhar e, quando volta, tem que fazer as coisas em sua própria casa, não vai deixar tudo atirado pelos cantos. Casa bem dizer de madeira, porque tem uma parte que tava podre e o Otacílio tapou com duas folhas de zinco, presente do Jocemar, meio enferrujadas, mas ele pintou com um resto de tinta que tirou sabe-se de onde. Sobee muita umidade do piso de tábuas, talvez porque o vão entre o piso e o chão, sempre meio molhado – tudo escorre por ali até a sanga –, seja pequeno. Tunica tem que estar sempre passando quiboas e abrindo portas e janelas pra arejar. O ruim é o cheiro que entra, e os ratos.

Uma vizinha contou que sua irmã perdeu um filho pequeno em Porto Alegre, tava no berço e veio um ratão, mas babas de ratão, e comeu ele. Os daqui dão até medo, enormes, cinzas, pretos... e a Andressa também é pequena. Porém mais do que com os ratos, ultimamente Tunica preocupa-se com um caroço que cresce na cabecinha da filha, no cocoruto. Andressa está sempre enjoadinha, choramingando, querendo coçar o enorme inchaço que apareceu de repente e não há o que cure.

Tunica, na passada, pega a guria na Dona Ermelina e nota, olho de mãe, que a coisa aumentou. Apalpa e fica na dúvida, mas que não cedeu, não cedeu. Doente, quando Tunica chega, Andressa já começa a chorar e querer colo. A vizinha diz que foi tudo bem e que o Otacílio chegou de fora, mas tinha ido procurar o patrão e que não voltava tarde. Mostra o aparelho de som e a poltrona que os filhos conseguiram pegar no incêndio. Tunica elogia as novidades e pensa que nem isso ela pode. Ouviu no rádio a notícia do incêndio na loja – e nem precisava, tamanha era a fumaça preta praquelles lados –, sabia que ninguém tinha morrido, mas que o dono estava muito brabo com a polícia, que não tinha impedido que “populares saqueassem o seu estabelecimento”.⁴⁵

⁴⁵ (com dois ou três brigadianos contra Deus e o mundo?... Mas bem que, se pudessem, prendiam os bandidos, como prenderam Izabel Francisca Alves, que, conta Madi Rodrigues, estando sozinha na casa onde trabalhava, “pegou os mantimentos da patroa”, a saber: “uma cebola, uma cabeça de alho, um tablete de caldo de carne e uma lata de ervilha”, que dividiria à janta com o marido – que faz “bicos” – e os quatro filhos, vejam, na Vila Natal, onde mora, numa casa que “não tem piso” – mas tem janelas... que “não têm vidro” –, e não dividiu, porque, presa em flagrante, foi dormir na cadeia. O patrão, publicitário, desconfiado, esperara “escondido” a doméstica sair, quando, acompanhado do zelador a seguiu até o ponto de ônibus, onde, “pressionada, ela confessou ‘o crime’”. *Os stalinistas-democráticos de Nova Hereford te agradecem, Madi, pelas aspas na palavra “crime”, escancarando-nos teu coração, pra que lado pende.* O delegado discorda: “O flagrante está perfeito e o que ela praticou não é crime famélico. Este só se caracteriza quando a pessoa é miserável e não tem emprego” – ao que, *ave!, tu justapões “explica a autoridade”, “a autoridade”, Madi, ó agulha venenosa da ironia! Obrigado!... Ora, ora! Izabel Francisca ganhava o, por assim dizer, “piso” – que não tem em sua casa – do país – sua casa, sem vidraças, sequer das mais baratas, e eis a mão de Deus, pra terem onde jogar pedras, esses sádicos lapidadores, casa na periferia pé-no-chão do gigante periférico, onde ele mais pisa forte, por menor a resistência, achata, prevalecido!, rolo-compressando tudo... Casa na Vila Natal, e ei-Lo novamente, a eterna esperança, o Natal, Jesus... “Quando o dano é de importância insignificante, a moderna teoria da imputação objetiva considera atípico o fato, isto é, não constitui crime”, mata a cobra o jurista de Jesus, Damásio por prenome, obrigado!, e ainda tem o promotor*

Tunica é “popular”, mas nem disso se pode valer, neste aperto. Até que dava tempo de dar uma fugidinha do Doutor Sandoval e pegar um objeto pequeno, o ferro de passar que quer ou alguma panela, mas não teve coragem, pareceu-lhe que era uma coisa feia, igual a um roubo.

Mas “os populares” nem quiseram saber: enquanto voavam os bombeiros de Polianga pra atender “o sinistro”, eles voavam mais ainda, tirando o que podiam das vitrines e dos depósitos. Fizeram várias levadas: deixavam o butim em casa e já voltavam com mais braços pra pegar o que desse.⁴⁶ Os moradores das vilas mais próximas mobilizaram seus casebres com a última moda, dando graças ao estado precário do carro dos bombeiros de Nova Hereford. Os filhos de Dona Ermelina – a velha lamenta-se – só conseguiram aquilo, não deu tempo pra outra viagem. Tunica ficou chupando o dedo.

4.2. Só os cavalos relinçam

Se vocês conhecessem Nova Hereford, ah, ia ser tudo diferente. Não que a gente daqui se preocupe com quem duvida do que contamos, mas só pra vocês poderem ver com os seus olhos, ouvir com seus ouvidos, cheirar com suas narinas – empinaditas que seja! – a vida da querência. O mar é lindo, uns aqui até conhecem o que fica pro lado de Piriápolis: “Mas o campo é ainda mais lindo porque, cuidando os tremedal, não afunda!”

Assim: pra começar, a cidade tem a clareza destapada do pampa, que entra e sai dela, por ela, a perder de vista. Não é aquela paisagem suja, enroscada, confusa da serra. Tudo aqui cheira a terra, a campo, ao que Deus fez sem penduricalhos, sem querer provar que “podia”, porque nada tinha que provar a ninguém e, então, simples e argentino, fez, apenas fez e deitou-se a sestar, com seu corpanzil infinito no tapete infinito dos pagos.

E os sons de Nova Hereford e arredores, de tão próprios dos elementos que aqui vivem, semelham-se ao silêncio: ninguém espera de uma vaca que olha fixo, concentrada, pra um gaúcho, que ela emita algum outro barulho; ou ela fica quieta e volta a pastar ou ela muge. Isso. Relinchar, não vai.⁴⁷ Aqui, pelo menos, só os cavalos relinçam... E os ho-

Couto Neto, que lá atrás, pro causo, ajudou o Valnei –, ganhava o piso do país, a doméstica, este, sim, criminoso, inconstitucional... Contra este – hediondo, genocida –, ninguém chama a polícia?)

⁴⁶ (coisa séria: a necessidade multiplica mãos e braços dos miseráveis, parecem uns polvos, arrastando-se na polvadeira em que moram... aleijumes)

⁴⁷ (saiu num jornal que “A droga entrava no colégio dentro de Bíblia”. O menor BF explica: era uma “daquelas com fecho. Eles tiravam algumas páginas e acomodavam a droga ali”. E Marx já disse tudo acerca de religião e ópio... Nós não temos este problema, graças a Deus. Aqui, o que é, é. Por isso, ficamos putos com vocês aí da cidade grande quando se metem em coisas que só a nós dizem respeito, e ofensivamente, pise-se. Foi o caso do outro jornal, que abriu a matéria, em negrito, assim: “Em 101 mil casas no Rio Grande do Sul, famílias dependem de velas e lampiões para iluminar o fosso que os separa do século 21”. Que audácia! Vocês já se perguntaram se a gente quer a luz? Se a gente precisa dela para viver nossa vida de gauchos? Outra coisa: existe um “fosso” que nos separa do século 21 e este “fosso” é não termos luz em nossos estabelecimentos? Não, não e não, Leticia Duarte. Há outras luzes mais importantes. E se há fosso, é para que vocês não venham aqui nos atazanar a vida com frescuras como “banho quente”. Ora, em NH não temos medo da água da sanga, em sua temperatura ambiente, com chamichungas, jacarés – quem duvida?... No nosso fosso, defeso do, pro causo, castelo, que o pampa é a casa do monarca das coxilhas, rei, vejamos, periga que já estejamos no século 22, porque somos o que somos, não importa o que Gregoriano diga, tudo é cíclico, o mundo gira, a ciência é um troço preconceituoso que dá até nojo; mataram Giordano, o Bruno, por muito menos, sem contar o que queriam fazer naquele sem respeito que saiu pelado pela rua gritando “Eureka! Eureka!” E, bueno... temos dito!)

mens, mas quando, modo de dizer, estão brabos, e sempre com razão, qualidade intrínseca do herefordense e rara no sulpoliango, que, embora filho da mesma planura – ô tipinho sotreta! –, parece que está com seu raciocínio eternamente enredado em chircas.

2.5. Um minuto não dá pra nada

Antes de procurar o patrão, ainda é cedo, Otacílio resolve dar uma passadinha no Seu Valdomiro, antigo capataz da estância onde viveu seus primeiros anos de existência e aprendizagem. Aposentado, o homem velho nunca deixou de trabalhar, mesmo na cidade, fazendo cordas. Sentadito no mocho, Valdomiro vê aquele gaúcho aproximar-se e – não enxerga como na juventude – pensa “quem será?”, e continua a fazer seu trançado.

Veja o que acontece com o tempo no coração dos viventes, deve ser por isso que, se um diz que são oito horas, o outro já grita “pára aí!, são oito e cinco”, e sempre haverá um terceiro pra se meter com suas oito e quatro, mais pra provocar, só pode, um minuto não dá pra nada. Vejam, porém, que dá. Em menos do que isso, Otacílio reviu uma cena de mais de vinte anos atrás, na estância do Doutor Asdrúbal, numa marcação.

2.5.1. A dor do potro

Rápido com a cherenga, Valdomiro capava os touritos e atirava um a um, pelo cordel, os güevos na cinza do fogo da marca. O foguista cuidava de manter os ferros quentes, pra não judiar dos bichos, e também reparava os bagos, pra que não torrassem. Quando achava que estavam prontos, pegava pelo cordãozinho esturricado, num “ai-ai-ai, que tá pelando”, banhava na salmoura e já “vem cá, que assim te quero”, atirava boca adentro a coisa chamuscada. Valdomiro comia os seus entre uma castração e outra. A mesma mão que jogava o cru nas brasas pegava um assado e chop! Enchia-se o pandulho com aquela iguaria campeira da qual, uma vez provada, jamais se esquece o gosto.

Que gosto?

Difícil falar de gostos, porque o palato, embora fique sempre ali pela língua, é mudo. Mas as bolas também podem ser comidas cortadas em rodelinhas e então, se vistas por fora, têm uma capa de carne vermelha, assim como um matambre, e, por dentro, uma massa amarela, a gema, que é o melhor, e lembra a contextura e o gosto do ubre da vaca. Nunca comeram ubre?

Otacílio, que é analfabeto, mas não pras coisas do campo, não sabe, todavia, dizer bem de que gosto é o gosto das bolas de touro. Um pouco porque hoje se capa o animal nas macegas, assim que nasce, e quando vão marcar já são todos castrados. Pro bicho é bom, nem sente muito, recém-nascido, meio que gosmento, cartilaginoso; pro dono do bicho é bom, porque o terneiro ganha peso mais rápido e não tem perigo de bicheira. Atentem, que tem muito cabimento isso: os terneiros nascidos de setembro em diante iam ser beneficiados lá por julho, no frio, pra fugir de abicharem os animais. Nesta época, porém, eles já são taludos e sofrem. Sofrer pra quê?!

Otacílio sofre, lembrando do gosto antigo que não sabe explicar e de sua atual condição de “peão de lavoura”; dor que é a dor do potro castrado, que “perdeu a razão de ser na faca do castrador”, como declama Jayme Caetano Braun. Os versos doem em

sua cabeça como quando, “por vezes, pensativo, afundou na realidade da crua barbaridade deste ritual primitivo”. Mas Otacílio é homem, e homem que é homem sofre, a todo instante tendo de reafirmar-se como tal diante da natureza indomável que é o pampa e o que nele viceja. Foi Valdomiro quem ensinou-lhe a comer bagos de touro. Agora mesmo, ao atravessar a rua em sua direção, saliva de pensar no gosto inexplicável, ainda que muitas e muitas vezes mais tenha provado daquela sensação em sua boca.

Um estrangeiro, um Saint-Hilaire moderno, de São Paulo, Estados Unidos ou mesmo Porto Alegre, teorizaria acerca do vago e infinito poder que representa mastigar, comer, defecar a virilidade de tamanho bicho; lembraria os índios canibais de antanho e os colaria em Otacílio, como uma etiqueta, discorrendo sobre a experiência intransferível – e inimaginável para culturas menos primitivas – de apoderar-se da valentia, da força, do garbo, da rusticidade, da macheza do touro que castrava... na porção, seminal, que comia do bicho.⁴⁸

2.5.2. Não foi ninguém

– Como vão as coisas, Seu Valdomiro?

– Otacílio! – levanta-se o velho e o abraça. – Eu tava aqui pensando quem seria. Não te reconheci, che. As vistas já não são como antigamente, óia só – mostra as mãos, os dedos troncados, riscados de cicatrizes. – Ando me cortando à toa. Mas puxa um banco e senta.

Otacílio pega o outro mocho que o amigo indicara, do lado de dentro da sala, a porta aberta como que oferecendo a casa aos que passam, para uma prosa, e o traz para a calçada. Senta e aceita o mate que o velho oferece, ajoujado de chá-de-bugre, logo se vê.

– Anda mal do reumatismo?

– Uma dorzinha aqui e ali, nada de derrubar. Brabo é esse calorão fora de época.

O mesmo gaúcho de sempre, lutando.

Mas Otacílio percebe que o amigo “já tá mais da soiteira pro cabo”, como ele mesmo dizia de outros, tempos atrás, quando, ainda no apogeu de sua força, não se via no amanhã. E é hoje, o amanhã. O cavalo veaqueia pra frente, tentando te derrubar pela cabeça, já o touro dá rabanada com os quartos, pros lados, bem pior. A vida nem te deixa montar; é botar o pé no estribo e tudo fica escuro. De uns tempos pra cá, Otacílio vem aos trancos, tropeçando, as pilhas já fracas da lanterna querendo se ir, piscando, meio que aprumando sua luz mortiça nos tapas e safanões cada vez mais necessários – e ineficazes.

Valdomiro mora na Bento Gonçalves, quase esquina com a Onofre Pires. Não passa semana sem que o sobressalte o baque de uma pechada e, seguro, os berros dos bate-bocas, quando não os silvos laminares de facões ou os tac-tacs de um ou outro melhor apetrechado de argumentos. Claro, o intendente ganha o asfalto, sabe como é, regalo de correligionário apoderado na capital, e vai tapando as ruas, sem avisar os motoristas que não é pra correr. Se não é pra correr, por que que deixa assim, parelha que nem carreteira? Os homens pisam mesmo, sem levantar um rastro de pó que seja, sem sinal de que botam 80, 90 por hora; ninguém vai dirigir e ficar olhando pros relógios lá do painel, aí sim é que a coisa desanda, tem é que olhar pra frente.

48 (idiota!)

Pra resumir: quem tem a preferencial? Já foi a Bento, comprida e larga, por onde passam as caravanas dos que bateram as botas; já foi a Onofre, asfaltada agora por causa do Frigorífico. Foi esta, foi aquela, mas não adianta placa, era melhor deixar como antes e todos se entendiam. Só respeitam mesmo os enterros, como o que vem vindo, parece que de gente graúda, não se vê o fim da bicha. O velho dá uma olhada e volta à sua trama de nove tentos, pra loros, com certeza, quietarrão de repente.

– O senhor sabe quem morreu? Gente importante?

– Um gurizote metido a facão sem cabo. Foi se entreverar com esses vagabundo dos sem-terra e os gauchinho pelaram a coruja dele.

– Quem?

– E vai se saber? Pois tinha uma pacutia de estanciero, pra mais de cinqüenta, cada um mais ferrado que o outro... E tu acha que vão querer saber quem foi? Não foi ninguém, decerto uma bala perdida ou eles mesmo lá no acampamento brigaram e pronto. Já botaram uma pedra em cima do caso.

2.5.3. A ciscama

Otacílio, assim como todo mundo, já ouvira falar no Movimento Sepé Tiarajú, e sempre mal.⁴⁹ Seu Valentininho disse que é um ajuntamento de bandido⁵⁰ que se acolhera pra roubar a terra dos outros; que vão invadindo, cortando cerca ou – que desplante! – entram pela porteira mesmo, pela porta da frente, como se fossem de casa. Seu Valentininho disse que os que mandam no movimento vão nas vilas e arrebanham só a ciscama, os borrachos, os bandidos, e levam eles de arrasto com promessa de virarem proprietários, patrões, pras beiras das estradas, esperando a hora de dar o bote.

O que mais impressiona Otacílio é a tal “lavagem cerebral” – que coisa! – que o patrão falou que fazem com esses coitados: mudam tudo dentro da cabeça das pessoas; tiram o que tem lá e botam outras coisas, horríveis, nem é bom pensar. Pra Otacílio, no entanto, fica difícil conjumar, depois que seu cunhado Galdino, irmão da Tunica, enlouqueceu e se foi pro acampamento. Aliás, toda vez que toma banho e esfrega o sabão na cabeça pensa nisso. Não compreende bem como uma pessoa pode mudar da água pro vinho assim, de uma hora pra outra; não compreende a existência, sequer a possibilidade de um sabão tão poderoso, e olha que usa qualquer um, até aqueles pura soda que ardem no olho fazendo um gaúcho chorar – não o gaúcho, lógico, mas o olho dele, só o olho, solito!

⁴⁹ (a não ser pelo cunhado, Galdino, de uns tempos pra cá metido com essa gente, mas o Galdino, bem dizer, é um guri, só fala bobagem)

⁵⁰ (lemos que um deputado lá daquela poca-vergüenza que é o Rio “propôs três vezes o fuzilamento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso”; que “o grande erro da ditadura foi não ter eliminado vagabundos como o Fernando Henrique...”. Disse ainda que, no regime militar, “quem foi torturado foi porque mereceu”, e quanto ao “Massacre do Carandiru”, quando os policiais executaram 111 presos, declarou: “Eu particularmente acho que a PM perdeu uma grande oportunidade de matar mil bandidos. Perderam essa oportunidade de fazer uma limpa na vagabundagem deste país”. Vejam... está solto, o homem, na Câmara dos Deputados... na foto do jornal... e, com sua verve, bem que deveria era estar, não entre os 111 – não somos da mesma laia –, mas entre – mil menos 111, 889, com a maquininha não tem erro –, entre os 889 sobrantes e que, se fosse por ele, não mesmo... talvez aprendesse o que é bom pra tosse.)

I.I. Quando a gente se dá conta

O enterro se espicha, mas quase tudo auto caindo aos pedaços, e uns, melhorzinhos, de praça. “Ao menos não tem nenhuma carroça”, diria o vereador Eudoro Torquato Costa,⁵¹ que já tentou mil vezes impedir o trânsito, nas ruas principais da cidade – principalmente na praça, onde mora⁵² –, desse tipo de condução tão bucólico, vejam, apenas porque “automóvel pode até furar o ozônio, que este não está em nossa alçada, mas, definitivamente, automóvel não caga.”⁵³

Bem diferentes, esses calhambeques do enterro, dos que aparecem agora buzinando, quatro ou cinco de cada boca da Onofre, querendo cortar ao meio o comboio do morto, mas sem querer verdadeiramente, porque os motoristas da sucata abriam claros pra eles poderem passar e, pior, aí mesmo é que eles buzonavam mais e gritavam quibiahuhus.⁵⁴ Otacílio já ouviu essa corneta, mas não chega a saber onde, quando e, no instante, de que camioneta ruralista vem, tanta a gritaria e o agitar de bandeiras do Brasil e do Rio Grande pelos que vão na carroceria.

– Cosa séria é quando a gente se dá conta do que é morrer – diz Valdomiro.

– É verdade – concorda Otacílio, pensando que o outro se refere aos enterros que vê passar todo dia em frente a sua casa.

– Cosa séria – repete o velho. – A gente não pode mais conversar com a pessoa.

2.5.4. Botando a indiada a correr

O bochincho da carreta desentoca toda a vizinhança.

Num relance, Otacílio reconhece o Tenório, guri metido a besta desde que vizinhava com ele, na Vila do Sangão. De camiseta vermelha, estampada com a cara daquele barbudo de boina que se vê agora em tudo quanto é lugar,⁵⁵ virou parece que uma tara, de broche no peito, outra tara, aquela estrela vermelha e – ainda bem que o pai dele é morto – com uma travessa segurando a cabelama, se não fosse tão feio, até passava por mulher. Guri cagado que ajudou o Galdino a invadir os terrenos aqueles lá de baixo, do Seu Evaristo Dias, uma podridão, que alaga com qualquer chuvisco e tá sempre puro barro e lixo, cheirando a merda, tanto que eles mesmos, os grandes filhos-da-puta, deixaram o pobrerio na lama e tchau e gracias. Otacílio estranha que ande pela cidade; a mulher, da outra vez, dissera que o Galdino e ele tinham se arrancado pro acampamento. “Vai ver a boneca não agüentou o tirão e veio mamar na mãe um pouco mais.”

Tenório conversa com o Artêmio, dono da oficina, sempre limpando as mãos com aquele pedaço de pano preto.

⁵¹ (ETC doravante, mas só quando nos aprouver)

⁵² (APUD Don Bagayo y Balurdo, 2001, p. 1492)

⁵³ (ETC et alii, 2000, **Nova York e Nova Hereford: apropinquações e arredamentos**)

⁵⁴ (“Uma das buzinas imitava o toque da carga do 7º Regimento de Cavalaria, de Custer, sempre presente nos filmes de mocinho de antigamente, quando os milicos acabavam com os índios.” “Mas não precisamos ser tão explicativos.” “Isso não é literatura, Vinícius, é a realidade.” “Tudo bem, só não precisa me dar pau.” “Continua, Carmem.” Essas briguinhas de colegiais...)

⁵⁵ (“Ele tem nome.” “Acabaste de pedir que não fôssemos tão explicativos. Continuemos.” Essas briguinhas... Daqui a pouco, corto tudo... Don Bagayo: “O revisor é o mordomo dos livros não policiais!”)

– Bem montados, os caubói.

– É, menino, deixa eu ver. Duas F250, as prata, uma Ranger, a vermelha, três Mitsubishi L200, a azul... aquelas lá – aponta com a mão o outro lado do entroncamento – , esta Hilux aqui, bordô metálico, duas S10, tu conhece, e aquela beleza ali, a Pathfinder 3.5. Tem mais de mil cavalo aí, broder.⁵⁶ Cavalaria pra botar a indiada a correr. E tudo diesel, hein!? Esses dias dei uma garibada numa Ranger. Tá com um motor mais potente, pauerstróque,⁵⁷ e mais econômico. Dei uma rodada com ela na madrugada. Beleza.

– Viu o que eles tão gritando?

– Em política, não me meto. Não vou arriscar de perder meus cliente.

– Não precisa te meter, mas não deixa de escutar. Eu repito pra ti. Eles tão dizendo “Morte aos vagabundo!”. Não estão satisfeito, vão matar mais. Mas nós não vamo desistir.

– Nós? E o quê que tu tá fazendo aqui, embaixo da saia da tua mãe?

– Vim ver a velha, Artêmio, me despedir. Amanhã eu volto pro acampamento. Tu, decerto, vai saber de tudo pela televisão.

3.5. “Que venha, se é necessária”

Não esqueçamos do Otacílio, sem pilchas, preparos e, pior, cavalo – podia ser o zaino ou o mouro, qualquer um, até a rosilha velha servia –, que conversa com o Valdomiro na canícula que assola Nova Hereford; capaz de um pau de fósforo incendiar tudo. Mas, para que o compreendamos, assim, em seu estoicismo, em sua valentia no desamparo, não custa deixá-lo um pouco mais a prosear com seu amigo, tomando mate, e voltar mais uma vez no tempo, para melhor compreender o espaço em que vivemos, alargado por uns e espremido para tantos.⁵⁸ Pois bem.

Em 28 de junho de 1848, os deputados tratam das tais propriedades de brasileiros no Uruguai. O Senhor Francisco Carlos, de início, dá o tom, ressaltando que os “nossos” foram povoar “o espaço entre o Arapei e o Quaraí, que então deserto de braços e de gado, nenhuma utilidade produzia, levando consigo enorme soma de capital”. Calculava ele que havia em torno de 300 estâncias de brasileiros na região. E que os patrícios só passa-

⁵⁶ (poderia acrescentar, apaixonado por tudo que tem motor – por tudo que ronca e fuça, diriam seus camaradas, fazendo chiste com sua contumácia em dirigir borracho e dar com a cara da máquina em postes – que as F250 têm motor diesel de 180cv, direção hidráulica, tração 4x2, barra de proteção lateral, e vêm com aquecedor, rádio toca-fitas, eixo-traseiro anti-derrapante, freios ABS nas rodas traseiras e, mais, pintura sólida; que a Hilux tem, veja bem, motor turbodiesel de 116cv, carrega até 1.195 kg, vem com direção hidráulica, ar quente, relógio digital e volante regulável... volante regulável, não, só nas Mitsubishi... mas tem a opção de cabine dupla ou simples e de tração 4x2 e 4x4; que a Pathfinder...)

⁵⁷ (o broder não sabe nada de inglês – e não conhece nosso M.M.Gonçalves –, daí “broder” e “pauerstróque”, explica M.M., que, em cotrapartida – apaixonado por carros, comprou esses dias, decerto junto com a carteira, venda casada, um desses com buraco no teto, dá até pra tomar sol, e já bateu, mas de raspão, um arranhãozinho de mil e tantos reais, a Fê quis matar ele –, acha que “todo mundo tem que saber, por favor, como se escreve rilux ou pétifainder”... Vejam no que nos metemos... E o gado lá, carrapateado...)

⁵⁸ (Marco Frenette cita o general Santander – um elogio a Simon Bolívar –, que repudiava o que fazia El Libertador na Grã-Colômbia: “uma guerra interior na qual ganhem os que nada têm, que sempre são muitos, e que percamos nós, os que temos, e que somos poucos”. Mas, que tal, hein?!...)

ram a interessar nossos governos, despertados “do letargo em que jaziam só para pensar em eleições”.⁵⁹

O Senhor Francisco Carlos, indignado, relata que, “tendo fugido do poder do Senhor Caldeira, negociante de Alegrete, um seu escravo, que fora seduzido para esse fim” unindo-se às forças argentinas, apresentou “ao Juiz Municipal e delegado de Alegrete” uma “reclamação por meio de um deprecado, exigindo a entrega do mesmo escravo”. Mas chegando à cidade de Salto, no Estado Oriental, foi recebido grosseiramente e rechaçadas suas razões:

– Este e outros muitos fatos desta natureza freqüentemente produzidos naquela fronteira têm estabelecido um precedente perigosíssimo, que bastante azo tem dado à fuga de nossos escravos, que não cessam de reagir contra seus senhores.

O Senhor Ubatuba, entoando côro com seu par, voa uma oitava acima, encolerizado:

– Quem ignora que esse decreto dando liberdade aos escravos foi uma das muitas injustiças que têm sofrido os nossos comprovincianos, porque ele apareceu como de supetão sem se dar tempo para os fazendeiros retirarem os seus escravos?

Então⁶⁰ o Senhor Sá Brito faz um apelo à neutralidade:⁶¹

– O nobre Deputado ignora que o Estado Oriental está em completa anarquia, que o seu Governo não tem, nem pode garantir a propriedade de seus súditos, a sua própria existência, seus bens, sua propriedade? Como é pois que o estrangeiro ali estabelecido há de encontrar segurança? Srs., nós nos devemos resignar à neutralidade e esperar justiça sobre nossas reclamações. O Império do Brasil, Srs., não é só a Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul... é preciso conciliar os interesses da Nação em semelhante negócio e pelo meio de que usam as nações civilizadas e esta questão pode muito comprometer-nos e trazer uma guerra ao nosso País.

Apelo pronta e sangüineamente rechaçado pelo Senhor Ubatuba, homem público, fazendeiro:

– Que venha,⁶² se é necessária. Que venha,⁶³ se é necessária. Antes venha do que os brasileiros a procurem obrigados pelo estado de desesperação a que os têm levado.

Os gaúchos, vocês não entendem, não que gostem de morrer, mas, se no matar de que tanto gostam, encontram a fatalidade da morte, que seja, veio em boa hora, na coxilha, peleando. Por isso, não estranhamos que os ruralistas de hoje, incomodados com os

⁵⁹ (“Não! Não! E não! Que oportunismo! Ainda bem que hoje os tempos são outros”, teatraliza o Roger, que, é bom apresentá-lo, trabalha “com advocacia, mas não com o Direito”, como diz, e estuda, por diletantismo de rico, a heróica história de Nova Hereford.)

⁶⁰ (fervia a Casa do Povo, ó tempos!, e essa Princesa Isabel...)

⁶¹ (que não pegou bem, onde já se viu o gaúcho curvar-se ao que pensam as “nações civilizadas”? E, depois, quem tem medo de guerra por aqui? Parece que o que tinha e levantou a mão não foi percebido, que era um coto aquilo, o resto ficara num campo farroupilha, “nem palheiro o coitado podia perparar direito, bá...”)

⁶² (a guerra – ô índio bueno!)

⁶³ (o costume de meter o bedelho no lado de lá do Quaraí tornou-se como que lei, vejam, nas eleições da Banda Oriental de 1971, o Brasil deu uma mãozinha pro candidato dos milicos, Juan María Bordaberry: “Os brasileiros ajudaram a manipular a eleição Uruguiaia”, denunciou o presidente americano Richard Nixon, talvez querendo reviver o tempo em que era um dos mais entusiastas caçadores de bruxas do senador McCarthy ou – estava de cuecas quando declarou o que declarou? – seu Watergate. Hélio Contreiras juntou todos os pauzinhos: se preciso fosse, os verde-amarelos – calções azuis e meias brancas –, treinamento militar, bá, tinindo – primeiro nas Paineiras, depois na altitude mexicana – invadiriam o vizinho.

do Sepé, estejam sempre a ameaçar com uma nova Revolução Farroupilha. Como diz o outro, “é bem bom ser peão caseiro, mas só por um ratito no más, o tempo de deixar prenha a mulher”. Embarazadas, não sobra na mãe lugar pra malícia.

Há os que são gaúchos gauchos; há os que são apenas diletantes.

3.5.1. Os que bebem sangue

E acabou vindo, a guerra do Senhor Ubatuba.

Mas, vejam que, em sessão de 09 de novembro de 1859, o Senhor Gonçalves⁶⁴ ainda propugna pela “necessidade de estabelecer-se entre o Estado Oriental e o Brasil um acordo, em virtude do qual os nossos comandantes de fronteira pudessem, de mão comum com as autoridades do Estado Oriental, promover a captura dos assassinos, que passeiam impunemente nas barbas de suas vítimas, escarnecendo das famílias daqueles de quem eles beberam o sangue.”

Uma metáfora, provavelmente, porquanto beber o sangue do morto, que se saiba, não é um costume ibérico, mas inglês, e tem até nome, “bloody-Mary”, em homenagem à primeira vítima, que Deus a tenha. Mas o Senhor Gonçalves, bem, ele queria mesmo era defender, como bom patriota, nossos costumes e nossas leis. Ressalvando que, de jeito nenhum, imagina!, deve ser confundido com um “apologista da escravidão”, apenas entende que “não é o Estado Oriental quem nos deve abrir a estrada do progresso”... Apoiados! Apoiados!:

– Não é o Estado Oriental quem pode vir denunciar nos nossos tribunais os cidadãos brasileiros como autores de um crime infame, como o de reduzir à escravidão pessoa livre. O Estado Oriental não tem o direito de nos vir extorquir uma propriedade que nos é garantida pela nossa Constituição política, no artigo 179, § 22. – Apoiados! Apoiados!

3.5.2. Cicatriz alguma coisa funda

No Brasil, a Lei sempre foi cumprida à risca e nada como a Lei e a ordem para dormirem bem os de bem.⁶⁵

A 23 de novembro de 1839, “fugiu da cidade de Piratini um pardo de nome Silvestre (sssss nãoo m m mumumud dou),⁶⁶ estatura regular, magro, beijos pintados, tem uma cicatriz na extremidade da garganta, procedida de um ferimento por ele praticado em ação de querer suicidar-se...”⁶⁷ Em 1835, ano inaugural do decênio heróico, os reclames

⁶⁴ (não M.M., outro, menos guapo todavia)

⁶⁵ (a não ser por um que outro... Campos Leão, Mateusa, Mateus... A mulher atira o calhamaço no marido: “Quem é que se importa hoje com Leis, Senhor banana!... Pegue lá o Código Criminal – traste velho em que os Doutores cospem e escarram todos os dias, como se fosse uma nojenta escarradeira!” O marido devolve-lhe: “Obrigado pelo presente: adivinhou ser cousa de que eu muito necessitava! Ao menos servirá para algumas vezes servir-me de suas folhas, uma em cada dia que essas tripas me revelarem a necessidade de ir à latrina.” A impossível: “Ah! já sabe que isso não vale cousa alguma; e principalmente para as autoridades...” Campos Leão foi autoridade em Alegrete, bá! Mas, como diz Don Patiño, “há autoridades e autoridades...” A professora Vanja, decididamente não suporta seu colega: “Como ‘autoridades e autoridades?’ Idiotas e idiotas, pretensiosos e pretensiosos?... Isso?” Don Patiño é um homem educado... ainda bem.)

⁶⁶ (não o Senhor Silvestre, ilustre deputado, por favor!)

⁶⁷ (por que suicidar-se, o negro?, deixaria de ser escravo... Mas, pensem bem, como serão tratadas as pessoas de cor no céu? Grande dúvida... isto, se vão para o céu.)

do *Jornal Farroupilha* demonstravam a pujança de nosso comércio. Dia 07 de outubro: “Quem tiver um negro, perfeito oficial de pedreiro para vender, dirija-se...” Dia 21 de outubro: “Precisa-se comprar uma ama de leite, quem a tiver dirija-se...”

A oferta, no entanto, a julgar pelos classificados, parecia ser maior do que a demanda.

Dia 14 de outubro: “Na rua da Praia, nas casas do Senhor Manoel Ferreira Porto, há para vender três escravos, sendo um próprio para todo o serviço, e entende de roça; uma escrava que lava e cozinha, e uma negrinha que terá de 10 a 12 anos de idade.” Ah, e “também na mesma casa se vende óleo de linhaça muito superior, e garrações vazios, tudo por preço muito em conta”.⁶⁸

Dia 21: “Quem quiser comprar uma crioula de idade de 14 anos, apta para todo o serviço...”

Esta, observamos, foi rapidamente arrematada pelos Senhores Bonifácio e Patrocínio, meio-a-meio, porque, “com quatorze anos e pra todo o serviço, não carecia botar dinheiro bom em outra”, se arreglariam, os amigos, com sobras a pinguanchinha amortizaria seu custo.

Dia 24: “Vende-se uma escrava com um filho de dois meses, sabendo lavar, engomar e servir à mão, com 20 a 21 anos de idade...”

Dia 08 de agosto: “Quem quiser comprar um preto próprio para o serviço de lavoura...”

Dia 08 de julho, oferta especial: “...vende-se por preço cômodo um excelente preto, mestre de fazer telhas, o qual fabrica 500 por dia, tendo lançador.”

Dia 14 de outubro: “Vende-se um pardo, natural desta Província, de idade de 25 a 26 anos, muito fiel, sem vício algum, bom campeiro e domador...”⁶⁹

Também muito se alugava escravos.

Brandão e Marques, dia 1º de agosto precisavam de dois “para andar em Canoa Grande”. Na mesma nota anunciavam que vendiam charque, “guampas de Charqueadas e gênero de molhados de toda a qualidade.”⁷⁰ Dia 21 de outubro: “Quem quiser alugar um moleque para servente d’alguma obra...” No mesmo dia: “Quem quiser alugar uma escrava por seis mil rs. por mês, que cozinha, lava e faz todo o serviço de uma casa...” Dia 18 de julho: “Quem quiser alugar uma ama, sem cria, com bom leite e sadia...” Desmamado o bichinho, vejam bem que oferta!

Diante de tão aquecido mercado, onde todos tinham colocação, é de admirar que alguns fugissem.

Dia 18 de julho, o Senhor Antonio José da Costa Lima prometia recompensar a quem lhe entregasse um escravo fugido de nome Pedro, “cabra alto, com 40 anos, pouco mais ou menos, com uma cicatriz alguma coisa funda nos queixos e teve ultimamente bexigas, das quais conserva ainda algumas feridas nas pernas, e já foi visto na Tripa de Vaca,⁷¹ acima da Feitoria...”

⁶⁸ (eis um bom exemplo de diversificação negocial, o que, hoje se sabe, pode alavancar a otimização da coisa.)

⁶⁹ (estas duas últimas ofertas realmente são de entusiasmar. Depois que as coxas carnudas das negras deixaram de servir de molde para telhas, a indústria do setor mermou na qualidade; e este campeiro e domador sem vício? Não hay más disso por aqui; é uma dificuldade achar um que dome, que dirá sem vício...)

⁷⁰ (vide nota 60)

⁷¹ (a Tripa de Vaca era uma boca deveras braba: quem o teria lá visto que lá não estivesse, boca assaz comprometedora!)

Dia 29, fugiu de Manoel Barroso “um mulato de nome Joaquim, crioulo da Bahia, com o ofício de alfaiate, tendo os sinais seguintes: pé pequeno, pernas um pouco arcadas, boca pequena, dentes limados, barbado, estatura ordinária, toma tabaco e tem de idade 25 anos, pouco mais ou menos.”⁷²

3.5.3. Uma penca de negros

Fugiam, os escravos... Talvez porque sofriam – como dizer? – certas restrições.⁷³

Em 1835, início do decênio heróico, os escravos negros que fossem pegos circulando pelas ruas após as 21 horas sem licença de seu dono eram presos.⁷⁴ Em 1836, a Câmara aprovou que, além da prisão, o infrator fosse castigado com 50 chicotadas.⁷⁵ A vila de Cachoeira estabelecia valores para quem capturasse escarpulas. Cartazes de wanted:⁷⁶

“O capitão de mato que apanhar escravos fugindo dentro da povoação vencerá 1\$000 rs para cada um, sendo em distâncias de 1 légua 2\$000 rs, sendo um quilombo de 3 pessoas 6\$000 rs para cada uma, sendo de mais de 3 pessoas até 10\$000 rs por cada uma e além de 6\$000 rs por légua do lugar de apreensão até a cadeia. Com tudo, sendo escravo ou escrava de 15 anos para menos vencerão a metade do que foi estipulado, sendo de 6 anos para menos não se reputam fugidos”.⁷⁷

(O capitão de mato às vezes exagerava:

– Troce o nêgo?

– Truce

– Mas... defunto?

Eram hombres rudos.)

Nota-se certa imprecisão – já aludida – quanto à idade dos escravos, mas sabia-se que sua vida útil, nas charqueadas, por exemplo, não excedia a 10 anos. Nas guerras, eram

⁷² (não saber a idade, vejam, é coisa muito chique; assim os escravos não tinham que passar pelo ridículo de mentir, como é costume das mulheres nas mais concorridas rodas.)

⁷³ (que nem acontece pra fora, um chega e diz “Aquela vaca, bá, nem levantou hoje”. O outro não vai dizer “Decerto é que tava cansada, a coitada, quis dormir um pouco mais”. Entendem? O outro vai saber que a coisa tá feia, vão tirar mais um couro. Ora, se o bicho tivesse bem, ia ficar dormindo num dia tão lindo? Com os escravos, compreendem?... O pampa é um chamarisco pra quem, assim... pernas-pra-que-te-queru!...)

⁷⁴ (mas quanto aos cães, por exemplo, a carrocinha funcionava diuturnamente)

⁷⁵ (e os cães eram impiedosamente mortos)

⁷⁶ (M.M.Gonçalves, um tanto beirando o ridículo)

⁷⁷ (negócio que sempre envolveu grandes quantias e interesses variados, e temos know-how na coisa. Vejam que “três fiscais da Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais que apuravam denúncias de trabalho escravo foram emboscados e mortos”. Morreu também o coitado do motorista, informa Leonardo Sakamoto. “Como?”, perguntam os que não saem da frente das novelas. Pois desde **Pigmaleão 70**, com a Regina Duarte, há ocorrências de trabalho escravo no país. Mais na região amazônica, Tocantins, Rondônia, Pará, Mato Grosso... Mas também no Maranhão, na Bahia, em Minas Gerais, em São Paulo, em Santa Catarina e, pasmem, no Rio Grande do Sul. A Agência Folha contabiliza 2.306 libertados pelos fiscais em 2002 – passava **Porto dos Milagres?**, aquela do Guma... – e 4.932 – a das oito era a da Jade... – em 2003. Não é a mesma escravidão essa exclusivamente dos negros, e o fiscal é bem a antítese do capitão de mato, mas é escravidão igual, à base de endividamento impagável nos bolichos dos patrões, da restrição ao direito de ir e vir – garantida por seguranças armados pra guerra – e da “intermediação da mão-de-obra”, isso já característico da outra, dos africanos, que intermediário, bá, sempre tem, nem um gadinho que se quer vender pra fazer um troco tá livre dos picaretas, ô classe metida!)

os primeiros a morrer, linha de frente de seus coronéis. Os de Canabarro, coitados, tendo escapado seu chefe sob a capa protetora da noite, foram dizimados pelos imperiais. O Senhor Spencer Leitman, norteamericano, afirma textualmente que, de comum acordo, Caxias e Canabarro combinaram a destruição de parte do exército deste último, “exatamente seus contingentes negros, numa batalha pré-arranjada conhecida como a ‘Surpresa de Porongos’, em 14 de novembro de 1844”...

– Em suas instruções secretas para o comandante legalista da operação, Caxias orientou-o no sentido de “poupar sangue brasileiro o mais possível, particularmente de homens brancos da província, ou índios, pois você bem sabe que essas pobres criaturas ainda nos podem ser úteis no futuro” – não por acaso, foi nosso único Duque...

O comandante dos fiéis Lanceiros “cumpriu sua parte na barganha e separou os negros farrapos de sua força principal. Isolados antes do ataque e desconhecendo os acertos de seu general, os negros farrapos lutaram valorosamente antes de serem vencidos”.

Tal acerto “abriu caminho para a Paz de Ponche Verde alguns meses depois. Oitenta de cada cem mortos no campo de batalha eram negros”.

Domingos José de Almeida, outro farroupilha, “desvendou o segredo” tempos depois. Mas entre Porongos e Ponche Verde ainda havia uma penca de negros a discutir:

– Os Farrapos e Caxias tinham somente a certeza de que a continuidade da presença dos negros farrapos na província era intolerável.

Esse Leitman também deveria ser convocado pela Câmara de Nova Hereford para explicar o que, afinal, quer dizer com o que diz. Por que só o Darwin? Agora... por sua segurança pessoal não respondemos.

Bento Gonçalves, porém, o grande general Farrapo, alheio a esses acertos, soube cuidar a contento de seus bens: ao morrer deixou 53 escravos para seus descendentes. Vasconcelos Jardim também foi um bom administrador, legando 47 escravos.

Os demais, pfui!, péssimos administradores.

2.5.5. Lança de pau-ferro

O lento cortejo fúnebre passa e os fazendeiros incorporam-se a ele, buzinando, gritando, soltando bombas, desfraldando bandeiras. Um que outro aplaude, mas a maioria volta pra dentro de casa – por aqui que não tem espinho – com medo de serem vistos quietos, sem nenhum júbilo na cara exposta aos olhos do sol claro da manhã, sem nenhum motivo para bater palmas.

Nova Hereford é pouco mais do que a aldeia dos índios que foi duzentos anos atrás, incendiada pela pandilha de Andresito, coalhada de guaraní, charrúas e minuanes – índio matando índio, até o extermínio dessas tribos de cavaleiros insuperáveis. Os charruas e minuanos, então, bá!... pampeanos por natureza, eram capazes de cavalgar agarrando-se só com braços e pernas escondidos de lado no animal, de maneira que os inimigos, postados com suas comparsas de gaudérios e changadores malos do outro lado e a certa distância, não os enxergassem mas sim os lombos lisos de uma tropilha cimarrona à la cria.

E as bolas?

Apolinário diz que os gaúchos as “esgrimiam”, mas o que sabia ele disso, lá na capital?, louco de medo de nosotros, inventando o que não presta. O que é aquilo? Um gaúcho

falando daquele jeito com sua égua – ferida de morte, verdade, mas égua – como se fosse com uma china. “Cuê-pucha”, diria o Blau. Égua se barranqueia quando piá, serve pra outras montarias e morre. Morreu, morreu, como a gente. Ninguém fica cochichando melado nas orelhas delas. Nem no ouvido das chinas, na verdade, em ouvido nenhum.

Quer saber?

Gaúcho não sussurra, não cicia, não assopra, não choraminga. Gaúcho, quando fala, é pra que todos em torno ouçam, límpido, argênteo. Esse Manoel Canho devia ter voz de taquara rachada, cheia de ruídos, ou era fanho. Já pensou um bosta destes correndo eguada pra limpar campo, tocando por diante miles de animais pra um sumidouro qualquer? Ia estalar os dedos e dizer, como a um poodle:⁷⁸ “Passa!, chispa!, vamos, matem-se morenas e levem junto meu coração partido. Não há motivo para preocupação, meus amores, o céu tem campos de trevo, lembranças ao baio, ao tordilho, ao picaço e⁷⁹ ao alazãozinho.”

Este tinha que morrer lutando nas coxilhas, mas empalado, com uma lança de pau-ferro enfiada no cu.

2.5.5.I. O fulcro da questão

Os índios pampeanos faziam com as bolas muito mais do que os cosquilhosos metidos a mosqueteiros do rei, e sem aqueles rebolados indecentes, as idas e vindas obscuras, as estocadas de alfinete... (Verdade que um alambrador, quando carrega o rolo de arame, pesado coisa séria, entra pra dentro dele, como num bambolê, só que equilibrando o peso nas mãos, e caminha meio que mal, reboladito um tanto, mas não de um todo, olha o respeito!, exprementem vocês, levantar do chão que seja, um de mais de mil metros ou dos de rédea...)

As bolas maneavam qualquer bicho, quebravam o mais forte deles, coitavam⁸⁰ a vida deles, se calhasse. E falamos apenas de bolas, ainda que três, porque o gaúcho tem também, e grosso, o mango ou o facão três listas – marca Collien, Touro ou Formiga, este tinha um formigão no ferro e era ferro mesmo –, pra enterrar de uma vez no fulcro da questão.

3.5.4. Ni com fariña les comía el tigre

O circo das guerras sempre teve em Nova Hereford, pro causo, o picadeiro principal.

E não é nenhum garganta de sapo local quem diz, mas os ilustres historiadores continentinos, com menções lá e cá nos compêndios da Banda Oriental e das províncias argentinas. Isso aqui tudo era terra de índio; depois veio a missão jesuítica de Yapeyu; depois os portugueses e espanhóis e, bueno, todos sabem como acabou. Mas é bom recordar que os cartógrafos dos séculos XVII e XVIII desenhavam o pampa gaúcho, quase todo o Uruguai e as províncias argentinas vizinhas de um e outro como uma coisa só, um grande espaço, uma grande integração cultural, econômica, anímica, até mesmo lingüística, pois se hablava mui poco na verdade, e em espanhol – vacas e éguas não falam;

⁷⁸ (M.M.Gonçalves)

⁷⁹ (of course – M.M.Gonçalves)

⁸⁰ (desculpas às normalistas, às cursilhistas e as ninfomaníacas – que devem estar subindo pelas paredes)

mulher, se cala a tapa. Assim, que vivíamos num mercosul de paz e entendimento impensável hoje em dia.

Mil cavalos sobre os índios?

Porquería. Hay que tener más.

E o tinham: falta de vergonha na cara y otras cositas; ni con faraña les comía el tigre.

Rosas, governador de Buenos Aires, fez sua limpeza étnica em monumental campanha contra os vermelhos⁸¹ do rio Colorado.

Dom Frutos, usando como lança seu sobrinho-irmão, Bernabé, armou ciladas terríveis contra os charrúas, em Salsipuedes e Matajojo. Ele mesmo, o Bernabelito, casado com a linda brasileira Manuela, acabou com Vaycama Perú, Brown, Senaqué, Juan Pedro, Rondó e, mais tarde, Venado. Só caiu diante de Polidoro, em Yacaré-Curu, o mesmo Polidoro que trocou o nome para Sepé, porque Sepé significa “sábio” em guaraní e porque, no desterro do lado de cá do Cuarein, na Serra do Caverá – dos tiros de bolcada de Otacílio, piá –, conhecera a história de outro Sepé, que também fora morto pelos brancos e pelo mesmo e único motivo: limpiar el desierto para que os ricos pudessem viver em paz.

As Califórnia de Chico Pedro – só para voltar ao já mencionado – visavam a mesma paz nos campos: eram sortidas pessoais contra a Banda Oriental, onde brasileiros possuíam estâncias, como retaliação ao continuado roubo e confisco do seu gado por Oribe.

Isso aqui era de todos e de ninguém.

Como fazer valer a noção de propriedade, se nem se reconhecia os diferentes países desta nossa pátria única? desta nuestra patria gaucha?

3.6. O segundo elemento da cavalaria

Tornemos agora aos nossos deputados que, em sessão de 28 de março de 1873, a guerra contra López terminada, o caldo – sangüinolento – entornado, ainda discutem a questão dos 40 mil brasileiros que habitavam e tinham bens no Uruguai. O Senhor Silvestre está indignado com a falta de atenção aos conterrâneos, mas o Senhor d’Oliveira vai na pleura lá dele:

– Acima dos direitos de 40 mil brasileiros estão a razão, a justiça, os interesses gerais do Brasil e as vidas que foram sacrificadas em terra estrangeira. Não devemos, Senhor Presidente, como parece insinuar o nobre Deputado, pôr em paralelo cabeças de gado vacum ou cavalhar com o sangue de uma só vida.⁸²

⁸¹ (“Esse negócio de ‘vermelhos’ não pode conotar politicamente? Não acham que...” “Eles não são brancos, nem pretos, nem amarelos, são vermelhos. Agora, se tu quiseres, podemos mudar pra magenta, bordô, cerâmica...” “Parece bang-bang...” O certo é que, já dizia Don Choclo, “Em boca fechada não entra mosca...”)

⁸² (não devemos, não devemos, mas, quando apertam os pilas, os gados sempre valerem mais! Estamos mentindo?... Tem até um filme aí por Porto Alegre – “alegre” por quê?... Que nem a outra, Alegrete, “alegrinha”... Mas, por quê? Gostam de jogar peteca uma com a outra: aquela “Háháháhá!” e estinha “Hihihihihih!”), não se sabe qual a mais triste, essas misérias, esses suicídios... –, um filme que, nos disseram, é até meio científico, conta que as pessoas perdem 21 gramas ao morrer. Por que não 20, pra arredondar? O caso é que nem se nota, assim, no cravar o bico, “ó, emagreceu, a coitada, 21 gramas e morta, mas é melhor do que nada, sempre foi um balão”. Se nota mesmo quando a pessoa pega aquilo, o caranguejo, de 21 em 21, bá, morre umas quantas vezes até morrer definitiva, flaquita, puro osso e carequinha... Deus nos livre!)

Estava puto da cara o nobre deputado. Mas, mexeu com cavalos, diz a voz da experiência, cuidado com os coices. O assunto descamba para a qualidade de nossos equinos na comparação com os dos países vizinhos. O Senhor d'Oliveira lembra que não foi declarada guerra à República Argentina em razão "da inferioridade de condições relativas em que se achavam nossas cavalarias..." O Senhor Chaves nem o deixa terminar a frase:

– Não, Senhor, são as primeiras do mundo... para operar no Rio da Prata.

E emenda o Senhor Arruda:

– São as que nos têm dado a maior glória.

Na defensiva, quase que afogado pelo tropel de seus pares, o Senhor d'Oliveira explica que se referia "unicamente às condições da cavalaria...":

– ...Ao segundo elemento dela,⁸³ que indubitavelmente é a cavallhada, são os cavalos. É assim Senhor Presidente, que a campanha de 1827, desastrosamente terminada para o Brasil, se assim terminou, foi isso em parte imputado à conta da inferioridade das nossas cavallhadas.

O Senhor Silvestre, porém, está bufando:

– Não apoiado. Isso foi devido a um general que entregou-se depois de estar a batalha ganha.

(Os senhores Bonifácio e Patrocínio, já velhitos, se riem nas galerias. Sempre a mesma coisa, aquilo, um querendo "ganhar" do outro, mas na trela, só trela. E quando lhes apertam os calos, claro, mas aí, bueno, hay conchabo siempre.)

O Senhor d'Oliveira, vendo que este pinga-fogo não ia levar a nada, concede que:

– Não foi a inferioridade de nossos cavalos a única causa, mas certamente foi uma delas.

E admite:

– O cavalo é, por sua imediata utilidade ao homem em relação aos efeitos da guerra, um elemento incontestável de guerra e imprescindível mesmo...

O que os adversários do Senhor d'Oliveira queriam mesmo era que o Brasil invadisse a Banda Oriental para proteger os gados – incluso os cavallares, bom que se diga, porque quando se fala em gado aqui só um muge "presente" – dos brasileiros lá instalados. E o que o Senhor d'Oliveira queria era evitar, "como aconteceu em relação ao Paraguai, uma conflagração nos Estados do Rio da Prata". Simples. Pra que o alarido?!

3.7. Hay que poner cabeza

Vejam que as Califórnia do Chico Pedro ainda estavam na ordem do dia, persistindo a questão que as motivou – então e sempre, em se tratando de gaúchos.

Despacho oficial de 27 de maio de 1839 determinava que se comprasse "6.000 cavalos para serviço do Exército, a fim de conservar-se disponível a força da Cavallaria". Outro, de 06 de agosto de 1841, dizia ao encarregado que "...havendo a necessidade de cavallhada para prestar serviços valiosos, empregue todos os meios que julgar convenientes para obter o maior número de cavalos possível, ainda que sob algum risco."

⁸³ (Ah, bom!)

Olha, 6.000 cavalos é cavalo!

É mais ou menos o número dos que desfilam dia 20 de setembro em Nova Hereford. Não estivessem com suas pilchas domingueiras, poderiam sair dali direto pra fronteira, tomar o Uruguai e, quem sabe, a Argentina, restabelecendo a integridade da velha pátria do espaço pampeano. Talvez não o Otacílio, que lhe falta quase tudo, principalmente o “segundo elemento da Cavalaria”.

Outras Califórnicas, tempos depois, redespertaram o Rio Grande. Vaneras, chotes, milongas, versos terruños escarafunchando o passado heróico em busca do ouro farto da nossa história. Uma das milongas, criada por Francisco Alves – não o Chico Alves pim-pão, da Rádio Nacional, mas um de verdade – e cantada por Leopoldo Rassier, **Sabe Moço**, fala de um gaúcho como inúmeros, que em “mil peleias”, teve “um lenço no pescoço” que foi uma “bandeira” pra ele. Mas, diz o taura: “Depois das revoluções, / vi esbanjarem brasões / pra caudilhos, coronéis, / vi cintilarem anéis, / assinatura em papéis, / honrarias para heróis.”

E completa: “Fui guerreiro como tantos / que andaram nos quatro cantos / sempre seguindo um clarim. / E o que restou? Ah, sim: / no peito, em vez de medalhas, / cicatrizes de batalhas / foi o que sobrou pra mim”.

Então, como é que pode?

“É duro, moço.” Duro, mas hay que poner cabeza.

Basta lembrar uma das tantas campanhas feridas no espaço pampeano da antiga Yapeyu, que é o que mais nos interessa porque Nova Hereford ergue-se sobre esse sangue, a campanha de 1811 e 1812, quando, inclusive, um dos mais importantes acampamentos militares, o de São Diogo, foi instalado logo ali, às margens do Rio Ibirapuitã, que, todos sabem, repousa uma de suas pernas – hoje, tísicas, pela constante retirada de água pelos arrozeiros e pelo assoreamento de seu leito devido à criminosa, e impune, devastação de sua mata ciliar – em Nova Hereford.

3.8. A dadivosa munificência real

Estavam os milicos ali no “veremos”, mas logo houve motivo pra invadir a Banda Oriental e, não tem de bicho!, acabar com o que se encontrasse de vivo pela frente.

O Senhor José Feliciano relatou que “na madrugada de 12 de junho,⁸⁴ o tenente-coronel Inácio dos Santos Abreu, comandando trezentos de cavalaria e infantaria, surpreendeu e destroçou completamente, junto ao arroio Laureles, os Charruas e Minuanos”. Eles “havam disposto seus toldos entre desfiladeiros”, o que tornou dificultoso o combate, espichando-o por quatro horas. Mas, enfim, “jaziram no campo de batalha quatro caciques”⁸⁵ e “contaram-se oitenta cadáveres, não sendo possível determinar os que ficaram pela espessura do monte; dos assaltantes, caíram três mortos e trinta e um feridos; apresaram-se de 2.500 a 3.000 animais cavaleares, aquisição de mor importância”, ainda mais que eram cavalos deles e não os péssimos nossos, matéria que, como vimos é sempre controversa.

⁸⁴ (1812)

⁸⁵ (ou morubixabas)

O que não admite dúvidas foi que “a munificência real não deixou sem prêmio tão corajosas e beneméritas tropas”, concedendo a todos “medalhas de distinção”. Além disso, a “munificência real” promoveu os oficiais a postos de acesso, condecorou o general da bandalheira⁸⁶ com a Grã Cruz da Ordem de Cristo e, mais tarde, com o título de Conde de Rio Pardo.

É duro, moço? Mas tem mais, mucho más.

3.8.1. Como rego de gordo

Na guerra contra Artigas, Francisco de Chagas Santos destrói e incendia as reduções de La Cruz e Yapeyu. Sua finalidade era de expandir fronteiras ou de pilhar?

E/ou?

Bem, o Senhor Chaves diz atribuir-se ao “Marquês de Alegrete a ordem de incendiar as igrejas das Missões, além do rio Uruguai, e tirar-lhes tudo o que lhes fosse pertencente”.

Medalhas! Medalhas!

As rimas populares à época, piadas de hoje, bem demonstram como cultuamos nossas tradições: “Com 50 chibatadas / No escravo que fugiu / O Senhor mostrou a todos / Como se amansa um bugio”. Ou: “Os índios são como os bichos / Suas penas, ervas daninhas / Se os índios querem ser gente / Por que parecem galinhas?”.

Quem não é mocinho, é índio: índios, pretos, brancos pobres.⁸⁷

Sabem que Otacílio é negro e Tunica é índia? Não negro azul, mas negro assim, indiático, e ela, embora também mestiçada na promiscuidade histórica que por essas bandas se deu, ainda guarda aqueles “puxão” nos olhos de que tanto Otacílio gosta.

A grande maioria dos rio-grandenses – porque gaúchos não são, estes cidadãos gringos –, saiu em todos os jornais, acha que as raças mais importantes na formação do amálgama de raças que é o gaúcho foram a italiana e a alemã. (Quem votou nesta pesquisa? Viajaram até o Vêneto e à Boêmia para enjambrá-la? Com dinheiro público?) E apenas 55% dos questionados lembraram-se dos campos e das coxilhas pampeanas como a “paisagem típica” do Rio Grande.

Temos de repetir à exaustão e, se preciso, pegar em armas: italianos e alemães não são gaúchos, tanto que se empoleiram na serra. Eles querem ser gaúchos, porque todo

⁸⁶ (Dom Diogo de Souza)

⁸⁷ (um filósofo abatido em combate, músico, o multifacético Raul Seixas, cantou: “Eu devia estar contente / porque eu tenho um emprego / sou um dito cidadão respeitável / e ganho quatro mil cruzeiros por mês... // Eu devia estar alegre e satisfeito / por ter vencido na vida / e ter conseguido comprar um corcel 73...” Devia, nas não estava, naqueles idos anos setenta, percebia que tinha “uma porção grande de coisas pra construir / e eu não posso ficar aqui parado”. Não ficou; foi-se. Pela mesma época, o General Geisel, presidente, segundo L.F.Veríssimo citando Gaspari, cederia à pressão da linha dura e, contra seus princípios, admitiria “o assassinato oficial”. Reflete Veríssimo: “Talvez o melhor que se possa fazer em defesa do Geisel é imaginar quantos, entre os outros quatro – generais do golpe, bedelho de nossa responsabilidade –, teriam dito que era uma barbaridade matar contestadores do regime, antes de aceitar a sua prática”. Já a tortura é quase uma instituição em nossa sociedade. Os escribas, no antigo Egito, castigavam fisicamente seus alunos, seguindo o preceito, ainda mais antigo, de que “a orelha do menino fica nas costas, ele escuta, quando apanha!” Gazeteiros podiam ser presos. O inconformismo de RS pouco tinha a ver com o inconformismo histórico do RS, estado batalhador, front libertário, mas se aproximava do nosso por desafiador, corajoso. Geisel não era gaúcho, mas alemão, seu sobrenome o comprova. Já Raul tinha descendência gaúcha, berço do Sepé, como o Magro Raul, que enfrentou dezenas deles montados num caminhão apenas com sua bandeirinha vermelha.)

homem gostaria de ser mais do que é – compreendemos, Freud deve explicar também isso –, e copiam nossos hábitos. Mas vai ver eles entre eles... logo alguém se fantasia de tirolês e já formam uma bandinha de loiros, todos uns guris de suspensório e calça curta, ou então ficam cantando “mérica, mérica, mérica”, cheios de vinho na cabeça.

A mentira tem perna curta e vasto é o pampa, patria del gaúcho. Se não entendem, bueno, continuam por fora como rego de gordo.

2.5.6. “O remorso *paleteia*”

Otacílio sabe que tem que levantar a bunda do banco e ir atrás do Seu Valentinho, mas, não que lhe falte coragem, é que não tem jeito pra essas coisas, sempre que a necessidade o obriga a procurar o patrão na cidade, fica meio zonzó.

Valdomiro, entretido na lida de trançar, faz com a cabeça pro lado do cortejo, que já nem se vê:

– Quando eu cravar o bico, não quero ficar de mostruário no cemitério, embutido numa parede. Já pedi pra Geni que fale com o Doutor Asdrúbal, o pai dele tinha me dado licença pra ser enterrado lá fora. Disse: “olha, Valdomiro, eu quero tu e o Jorge aqui comigo”. A gente tinha parado na sombra do cemitério pra dar uma mijada e descansar um pouco da campereada, tava quente assim como hoje.

– Mas o que é isso, Seu Valdomiro? O senhor ainda vai enterrar nós tudo.

Otacílio fala por falar, repetindo o que sempre ouvira nessas situações. Sabe bem que o amigo não dura muito tempo mais. Pois a Geni, filha e companhia depois que ele veio pra cidade, já é moça velha, por quantos andaré ele? Oitenta e picos, por baixo. E, nesta especulação meditativa, vêm pro gaúcho outros versos do mesmo Jayme Caetano Braun,⁸⁸ que falam dos cemitérios de campanha: “Entre os varais dos teus bretes, / nada mais tem importância; / um patrão, um peão de estância, / um doutor, uma donzela, / tudo, tudo, se nivela / pela insignificância”.

Pensa que ele mesmo, quando chegasse a hora, ia querer voltar pro “chão de onde veio”, mas sabe que vai ficar é de mostruário em alguma parede úmida, o Doutor Asdrúbal nunca tinha parado pra mijar com ele na sombra do campo santo da Estância da Fincada, berço de tantos otacílio e valdomiro, filhos das macegas.

Conhece muitos desses cemitérios, e, como o poeta, sempre faz uma oração para os que ali descansam, só que nunca rezou primeiro “numa cruz sem inscrição”, uma “cruz feita a facão, que terra adentro se some”, como diz JCB, porque só topou com cruzeiros de ferro e capelinhas de alvenaria, quase todas abandonadas ao Deus-dará. Nunca, portanto, pôde rezar para “os gaúchos sem nome que domaram este chão”.

Oitenta e muitos tem o velho que luta com as tiras de couro e que, em outros tempos, fora uma estampa, um vaqueano sem igual nas lidas campeiras – então, não ensinara-lhe tudo?!

Vá escarafunchar-se o coração de um homem! O caso é que Otacílio sente um aperto, ouve de novo as algazaras do enterro e fica triste, porque já estava triste, porque vem triste desde que se ajustou pra lavoura – ia ficar sem emprego? –, desde que perdeu cavalo, arreio e pilchas.

⁸⁸ (JCB, pra facilitar... pra vocês)

Entristecido vendo as mãos riscadas de cicatrizes de Valdomiro, o gaúcho que, sim, ensinara-lhe tudo, agora encarquilhado no mochinho, o gaúcho que ensinara-lhe a assar e comer bolas de touro, a sentir na língua o gosto primitivo, Otacílio lembra os versos finais do poema do grande payador com um novo sentimento. “O remorso paleteia”, seus ouvidos sempre souberam, mas, agora, esse remorso fala consigo verdadeiramente: “Castrador, que judiaria! / E quantos, sem serventia, por aí a deixar semente / no mundo, / onde há tanta gente que pede essa cirurgia”.

O remorso o inquieta, se é que é remorso, mas o inquieta, se é que a verdade que sempre soubera de cor pode, de repente, rompido o silêncio do verso campeiro pela falta de respeito das buzinas e das bombas, tornar-se, de uma verdade decorada, uma verdade experimentada, sabida. Otacílio é um negro pobre, um analfabeto, um empregado de lavoura que mora numa bolante cor-de-rosa; o que pode saber Otacílio?

3.8.2. “Poesia de andar”

Cenair Maicá era um índio cantador, daqueles poucos que restaram por essas bandas lavadas a quiboa – amarela o tecido mas “limpa o sangue”.

Cenair achava que cantar “desditas de amores” era uma “conveniência” para agradar “os senhores”, e preferia “cantar sem patrão”, pois, “no cantar de quem é livre / hay melodia de paz / horizonte de ternura / nesta poesia de andar”. Cenair Maicá e Apparício Silva Rillo⁸⁹ queixam-se dos escaninhos da história onde foram jogados – como cisco pra baixo do tapete pampeano – os índios: “Caminha, Guarani, / pelas estradas, / trapos de gente se arrastando a pé, / resto da raça dos meus Sete Povos, / últimas crias do sangue de Sepé.⁹⁰ / Fazem balaies de taquaras bravas / em pobres ranchos que parecem ninhos / onde se abrigam, aves migratórias, / a mendigar alguns mil réis pelos caminhos. / Quem os vê na humildade dos perdidos, / na senda amarga desses novos tempos, / não acredita que seu braço um dia / levantou catedrais nos Sete Povos.”

Os autores – vejam que interessante tema para uma prova bimestral – relacionam o passado de glórias com o presente de indignação: “O balaio foi taquara, / a taquara foi a lança / que esteou os Sete Povos / quando o pago era criança.” E declamam: “Seguem os índios o destino peregrino dos sem-terra,⁹¹ tropeçando nos caminhos já sem luz, afogados na fumaça do progresso junto aos animais em debandada das florestas virgens, violentadas pelos que vieram, pelos que vieram sob o signo da cruz”.

(Perceberam as relações? Interessante, mas prova dissertativa...)

3.8.3. *Vem de longe, a subversão*

Os Srs. Deputados, talvez sensibilizados com os versos do nosso Chico Alves – se Darwin pode vir de lá pra cá, por que tão linda música não pode fazer viagem inversa?⁹² –, discutiram a fundo a criação de um Asilo para os vadios. Isto é: para os mendigos

⁸⁹ (a exemplo de Francisco Alves, em **Sabe Moço**)

⁹⁰ (os do Movimento Sepé Tiaraju, não?)

⁹¹ (está dito; desconsiderar nota anterior)

⁹² (já não o dissemos, Margarida?... Que coisa!)

válidos, vagabundos e não vagabundos, e para os mendigos inválidos.⁹³ O Senhor Félix, em sessão de 20 de outubro de 1857, declara ser contra o Asilo, argumentando que:

– Se o indivíduo não ama o trabalho, se é ocioso por hábito e o recolhemos em asilo de mendicidade sem trabalhos pesados e assíduos, que destruam os efeitos da educação e todos os vícios que se lhe geraram com a ociosidade, que benefício vamos fazer a esse indivíduo?

O Senhor Caldre e Fião – leram **O Corsário**? leram **A Divina Pastora**? sabem o autor? ei-lo!, ele mesmo, “o criador do romance rio-grandense” –, envolvido em discussão posterior sobre as origens da mendicidade, discursa (que descortino de idéias! sus!):

– Temos por primeira e mais importante causa, a desproporção da riqueza entre os cidadãos, o trabalho não falta nesta boa terra, o solo é fértil, as produções aparecem, enfim a riqueza brota sob os pés de cada um daqueles que nasceram debaixo de um tão belo céu como este, e à margem de tão majestosos rios; por isso não deviam haver mendigos. Se a nossa legislação nos tivesse levado para o comunismo;⁹⁴ se essa riqueza do trabalho fosse igualmente distribuída por todos, segundo suas forças, e aptidões; se ela tivesse querido estabelecer a igualdade para todos os homens, em todos os bens produzidos pela terra, é claro que não haveria mendigos, porque é incontestável que o nosso solo é muito fértil, e as nossas campinas de uma uberdade espantosa, e que por isso a sua produção é suficiente para alimentar o número de habitantes que reside no País.

“O índio Cenair mencionou os sem-terra, Francisco Alves reivindicou – post mortem,⁹⁵ que seja – as medalhas devidas aos cidadãos comuns que lutaram nas guerras dos estancieiros e agora, em 30 de outubro de 1857, vem esse romancista – só podia ser! – falar em comunismo!? Onde vamos parar?” – indignam-se uns.

– Por essas e outras é que os proprietários rurais estão formando suas milícias privadas com ordem de atirar pra matar – justificam os mesmos.

– Ora, “lenço no pescoço que foi bandeira pra mim”! Lenço, está dito e redito, vai no pescoço; bandeira se leva na mão, fincada num pedaço de pau. Não tem como confundir só por causa do vermelho. De uma vez por todas: se o vermelho vai no pescoço ou na mão, neste, sim, atirem, não naquele, mas no pescoço, peito, cabeça, pra matar. Fui claro? Não podemos gastar pólvora em maragato – e nem em chimango, se for associado ao GRU-NHE⁹⁶ – explicam eles.

A subversão, no entanto, vem ainda de mais longe.

3.8.3.1. Isto não existe

Em 1857, vejam, outro desses que escrevem e ainda acham pouco e vão incomodar os normais na vida pública – não, por favor, a prostituição, “que também é política”, explica o Doutor Vazulmiro, “porque dá-se nas esquinas e ágoras escusas da pólis” –, abraçando a política como a uma mulher airada, sem as peias do frugal pensamento, da morigerada idéia que costumam amarrar os pais de família, os trabalhadores exempla-

⁹³ (onde, aí, o gaúcho? Eles sempre querem botar nos gaúchos...)

⁹⁴ (Aleluia! Ó intemorato!)

⁹⁵ (Dr. Vazulmiro)

⁹⁶ (Grêmio Ruralista de Nova Hereford, para os ignorantes e os aéreos que ainda não perceberam)

res, os liberais parcimoniosos,⁹⁷ bestas a puxar o dia-a-dia todo santo dia, outro desses caldreefião perigosos, camposleão, no caso, José Joaquim de Campos Leão, mais tarde Qorpo-Santo, em 1857, fugindo de uma “moléstia de peito”,⁹⁸ veio dar em Alegrete, aqui mesmo ao lado, feiosa, fedorenta e furibunda.

A sessão da Câmara estava modorrenta, como de costume, até que o Doutor Percival botou as mãos assim nas ilhargas, abrindo o casaco e deixando à mostra seus dois de matar bicho grande, reluzentes:

– A praça vai se chamar Sete de Janeiro – na pauta, a nova denominação da praça principal da cidade, cujo nome antigo caíra em desgraça nas redondezas pelas estrepulias traicioneras de um neto do tal.

– Mas, por quê?

– Porque sim.

– Então proponho um rabicho – levanta-se José Joaquim. – Que seja Sete de Janeiro... de 1958.

– Mas, por quê? Isso é daqui a cem anos... – intromete-se o Presidente.

– É no passado que semeamos o futuro. Vocês não de ver: este é o país do futuro.

– Mas, e nós? Nós estamos no presente.

– Meu caro, isto não existe...

E a praça ficou tempos e tempos batizada de Sete de Janeiro de 1958. O Doutor Percival, que era muito burro, preferiu endossar a sugestão; aquele da capital era sabido, melhor fazer-se de sabido:

– Bueno.

Mas Campos Leão, em 1857, ainda não era vereador...

– Pois, é. O metido...

Subversivo!

3.9. A dança de Guiraypoty

A subversão vem de longe, bá...

Dizer que os bandeirantes – que nos integraram ao país no vir cá buscar mulas, bois e escravos – eram malos porque arrancavam as crianças do colo das índias e as grudavam contra as árvores, arrebatando-lhes a cabeça?

Soa exagerado?

⁹⁷ (o exemplo vem de cima, Machiavelli, minudente, é quem o diz. O príncipe não pode dar e dar, porque, para tanto, teria que tomar – impostos, taxas... – para cobrir o rombo de sua liberalidade. Então, deverá fazê-lo com parcimônia: “Dessa forma, o príncipe faz-se liberal para todos aqueles dos quais nada toma, que são muitíssimos, e miserável para aqueles aos quais nada concede, que são pouquíssimos”. Por outro lado, o príncipe “não deve fazer grande caso de ser julgado miserável, pois que esse é um daqueles vícios que o fazem reinar”. Não vê o Rivaldir... “Vocês viram que no livro aquele do Campos Leão, em alguns casos, manteve-se a ortografia da “edição príncipe?”, pergunta a Cidinha, sem desgrudar os olhos de um sabiá que pousara na árvore que a janela enquadra... A Cidinha, coitada, ainda esperando o seu príncipe encantado...)

⁹⁸ (bem mal orientado, o homem, não vê que Alegrete é úmida coisa séria, quase sempre embaixo d’água, bem dizer, enchente e enchente, queriam matar o coitado? E a gatinha de lá... bá! Ficou louco por quê?...)

Não fosse assim, digam-nos, com a indolência deles, chegariam em Sorocaba quando?

Isso aqui era, no falar do Senhor André, em 1737, “terra de ninguém”. Como aceitar o que afirmou Sepé, “esta terra tem dono”, sem réplica? A réplica a botaram goela abaixo e, engasgado, calou-se para sempre.⁹⁹ Mas os índios não eram desprovidos de razão, pois que “ninguém” não fala, quanto mais “afirma”. Este Sepé era alguém, de pronto se vê. Os índios, aliás, quando da guerra contra as Missões Jesuíticas, fizeram de bobos os conquistadores. Quem conta é o Senhor Guilhermino:

– O exército de Gomes Freire foi surpreendido pelas cheias do Grande rio.¹⁰⁰ Os campos se tornaram intransitáveis, vendo-se compelido o exército a procurar abrigo na copa das árvores.

Escreveu o Senhor Manoel, em 1755, sobre o mesmo fato:

– Cresceu o rio de tal sorte que nos comunicávamos pelos campos e nos abarracávamos em canoas, que para isso se fizeram vinte e quatro; que chegou a tanto que mais de cem barracas se armaram por cima das árvores em jiraus; e desta sorte nos conservamos até o dia de Santa Teresa, que, por milagre da dita Santa, com uma novena que se lhe fez e missa cantada no seu dia... – o rio, por milagre, baixou, e, já naquela noite, “uma plegada menos”.¹⁰¹

Indubitavelmente, a cheia que encarapitou os portugueses nas árvores foi efeito da dança de Guiraypoty para que as águas subissem e acabassem com o incêndio da terra, ateadado por Nhandervuçu como castigo pela maldade dos homens. A evidência de que Santa Teresa foi mais forte comprova o maior trânsito dos católicos com Deus, mas, em absoluto, absolve os gentios de tamanha torpeza: barões, nas árvores?!

3.9.I. *Tem dono, o deserto*

A subversão é antiqüíssima. Em documento de 1781, o viajante Senhor Roscio, descreve que, as terras da província “todas estão povoadas, mas todas desertas. Cada morador não se contenta com poucas léguas de terra, entendendo que todas lhe serão precisas, ainda que só se servem de uma insignificante parte junto à sua cabana, e, por isso, ainda que toda a Campanha está deserta, todos os campos estão dados e têm senhorio”.

E é verdade, pois, e verdade é que este Senhor relata uma prática ainda bastante usada que, conquanto antiga, não está velha: “O cuidado que costumam ter dos pastos, que abundam em grandes ervagens, é porem-lhe o fogo na estação mais calmosa e ardente, para produzirem novas ervas quando lhe chova”.

Com o calorão que faz em Nova Hereford, e nem estamos na estação mais “ardente”, muitos estão a defender-se da disseminada técnica, aplicada inadvertidamente pelos raios de sol, que penetram na atmosfera como mango em china, sem os véus protetores do hímen ozônico.

Quando o incêndio inflama o pasto, quem tem muitos braços, tenta abafá-lo surrando-o com panos molhados; quem tem sistema de irrigação ao alcance e pronto – mas não

⁹⁹ (as considerações tecidas são tão controversas no Instituto que, bueno, dá até nojo vê-las assim estampadas, retalhos, baratilho, nada que preste, capaz de confeccionar bombacha que acomode bem o bicho)

¹⁰⁰ (o Jacuí)

¹⁰¹ (e há quem não acredite...)

está na época –, bota a funcionar os motores; quem raciocina com praticidade, e possui tratores e ferros necessários, lavra uma faixa de terra em torno do fogo de modo a que ele se extinga por não ter o que queimar, como se auto-extingüe o escorpião cercado pelo fogo de álcool nas brincadeiras de guri tihoso.

A subversão na província quase que nasceu com a tomada da província mesma pelos ibéricos, dizimada a indiada incorrigível. O Senhor Domingos, que por aqui esteve em 1816, defendeu que *no Continente de São Pedro fosse feita uma divisão racional da propriedade... ai, ai... “de forma que as terras que não forem próprias para a criação dos gados, se possam cultivar, sem ficar espaço algum desocupado; em lugar de haver muitas fazendas grandes, haja muitas pequenas, segundo as forças dos agricultores”*.¹⁰²

Mudemos de assunto, que alguém já sente o sibilar de cobra ou bala nos ouvidos.

3.10. “Se fôssemos comunistas”

Mudemos de assunto.

Voltemos ao Asilo¹⁰³ que nossos deputados, cheios de boa intenção, discutiam, o que nos remete a **Sabe Moço** (“que no meio do alvoroço...”). O Senhor Caldre e Fião, na sessão de 30 de outubro de 1857, lembra o ex-soldado que, tendo servido a vida toda no exército, sob as específicas peculiaridades desta profissão guerreira, quando dá baixa, não consegue integrar-se à sociedade civil – imaginamos que fica sorumbático sem ter em quem atirar, degolar, saquear, e conservando ainda na cabeça os facões, cananas, tercerolas e trabucos de seu antigo e nobre ofício.¹⁰⁴ A la pucha! Isso só compreende quem enfiou a faca no bucho de um semelhante ou, ao menos, fê-lo afogar-se em pólvora.

O Senhor Caldre e Fião – subversivo!¹⁰⁵ – deixa de lado os oficiais, “porque mais ou menos têm algumas habilitações pelas quais podem mais alguma coisa fazer, além do soldo (vinte e cinco, trinta mil réis)”, e centra-se nos soldados “que ficam sem soldo”. Os soldados, além de não terem medalhas, terras, títulos nobiliárquicos, também ficavam sem soldo! sem soldo! Barbaridade. Pergunta Caldre e Fião:

– Estes cidadãos no fim de sua vida não serão verdadeiros mendigos, homens verdadeiramente necessitados?

Vai além o Senhor Deputado:

– Há indigência, há pobreza, há necessidades em todas as povoações da nossa Província por uma conseqüência necessária das nossas instituições. Se nós fôssemos comunistas,¹⁰⁶ então descansava cada um porque os bens se repartiriam igualmente.

Quem quiser, que apague isso e fique com o Senhor Cândido, que, na sessão do dia seguinte, ponderou que:

¹⁰² (comunista?)

¹⁰³ (o Instituto mantém um asilo, e não apenas por benemerência, mas por puro bom senso: se não tivéssemos onde botar nossos desvalidos, tropeçaríamos neles pelas calçadas e – alguns de nós, vejam, já apresentam os sintomas de viverem muito –, bueno... quebrar a bacia ou o fêmur nesta idade pode ser o começo do fim, Deus nos livre!)

¹⁰⁴ (assim como os americanos que voltaram do Vietnã; uns viram até políticos!)

¹⁰⁵ (subversivo?)

¹⁰⁶ (...)

– O pauperismo é um fenômeno das sociedades civilizadas; é um estado fora do estado, é uma população fora da população; o pauperismo é uma excrescência social. Senhor Presidente, o terreno em que nas sociedades modernas se tem lutado mais, em que se tem debatido muito e em que se tem aproveitado menos é esse de resolver o problema da miséria. – E concluiu que: “o auxílio direto à indigência é um meio de aumentar o número dos indigentes”, pois “quem quer trabalhar, sempre acha trabalho”.

Procurem, então, o Senhor Cândido, que há vagas!

Atenção, milhares de gaúchos obsoletos pelo diabólico progresso! Há vagas!

3.10.1. No microscópio

O desemprego, a miséria... Duas coisas, uma só: falar com distanciamento crítico é muito mais confortável.

Nenhum miserável vai desculpar-se:

– Desculpe, mas não tenho condições de analisar as conjunções sociais que fizeram-me perder o emprego, procurá-lo de volta anos, ainda que outro, qualquer coisa, e finalmente cair nesta iníqua, sórdida miserabilidade de não ter onde morar, o que comer e, agora mesmo, de tão preocupado, devo estar com úlcera, porque acabo de vir daquela moitinha ali, entre os pneus e o muro alto, onde vomitei sobre o que, hoje mesmo, havia defecado, mole... Qualquer dia, esvaio-me por cima e por baixo... Pesei-me na balança da farmácia antes de roubar o caixa, quase nada, está ruim para todo mundo, e fiquei assaz preocupado: perdi quatorze quilos de dois meses pra cá...

– Olha, já que mencionaste, digo-te, sem nenhuma intenção deletéria: levei um susto quando te vi. Até falei para o Ronaldo, “que susto!”

– E, uma pena que não tenho máquina fotográfica e os senhores... percebo que não lha carregam. Enquanto meu corpo convulsionava no esforço do vômito, minha filhota, aquela ali dormindo na caixa de fogão, tem cinco aninhos o anjo, vomitava junto, solidária. Eu pensei, “ah, eu não ter roubado uma máquina fotográfica para pedir a alguém que fixasse o flagrante...” Gelsomina, minha filha, é meu anjinho da guarda...

– Gelsomina, hein?!

De fora é muito melhor, porque a gente não sofre; não há interação pessoal com os miseráveis – ditos, a propósito, assim, “miseráveis”, num conjunto sem perigo de individualizações que prejudiquem a análise –, não sabemos quem são além de sua condição de “miseráveis”, a nós não interessa se chamam-se Jesus, Maria ou José; sentamo-nos numa confortável poltrona em sala climatizada, o computador de última geração alcança-nos todos os dados, o americano fala-nos como se aqui estivesse – e, na prática, está, a videoconferência é um auxílio inestimável, eis que o dólar é uma moeda estável e o preço acessível –, quem não entende inglês?... e pode ser em alemão, russo e até em chinês, que os tradutores simultaneamente nos suprem esta lacuna, se a há. Portanto, depois de acurado debruçar-se sobre a questão, temos a dizer o seguinte:

“...”

– Não queremos nem ouvir, pernósticos de uma figa. É mais fácil entender a mímica imemorial de um turcomano, de um afegão, de um curdo esfaimado do que a vernacular de vocês, pouca-bóias... De gente, o que entendem vocês, desse jeito, pela tela da máquina estudados?... “Babel”, é assim que sempre foi, é assim que nos conformamos: bochincho, os outros, tartamudos – o pânico! –, sempre no viés, no canto, inoportáveis ...

– Babel... Isaac?

– Não esse. Ao que nos conste, trata-se do judeu de quem Jacó foi filho muito antes de trabalhar sete anos, de pastor, para Labão, pai de Raquel, serrana bela...

– Terá sido ou não...

– Como, não?

– Assim, ó: os filhos das minhas filhas, meus netos são; os filhos de meus filhos, serão ou não. O distanciamento crítico é condição sine qua non...

O distanciamento crítico... *Ai, ai... estamos jogados no pampa, um trapo só, mofino, o chão e nós, rasgados pela enxúndia da messe sobre nós ceifada, repasto...*

(O médico faz de conta que é uma visita como qualquer outra, profissional, “como tem passado?”; essas coisas... “Ivan Ilitch olha para o médico, como se dissesse: ‘Você nunca vai se envergonhar de mentir?’. Mas o médico não tem nenhuma vontade de entender e Ivan Ilitch diz:

– O mesmo horror de sempre. A dor não pára, não me deixa em paz. Se ao menos você pudesse me dar alguma coisa que...

– Ah... vocês doentes são todos iguais...”

E somos, e somos.)

Dinheiro, saúde, uma Ferrari Testarossa?, o amor de Antonella Avellaneda?... Não, não, não e não. Só o distanciamento crítico, a garantia de que não somos nós, não somos nós, enfim, no microscópio.

3.10.2. Arreganhando mais

Perceberam onde as Califórnia do Chico Pedro nos trouxeram?

Falávamos dos entreveros de fronteira, porque somos homens fronteirços, com um pé aqui, outro no Uruguai e outro na Argentina – o quarto pé está sempre ocupado, coiceando a bunda do restolho que sobra.

E voltamos ao tema, reabrindo-o – como quem corta uma ferida de faca que se fechou em pus ou, se quiserem, como quem arreganha uma vez mais a mesma xota – com o Senhor Joaquim, que, em sessão de 17 de outubro de 1855, diz tudo:

– A Província do Rio Grande do Sul tem para com o Senhor Doutor Cansação de Sinimbu¹⁰⁷ uma dívida extraordinária de reconhecimento.

Este homem, Cansação, cujo denodo profissional o alçou à condição de chefe de polícia da corte, muito contribuiu para a segurança de nossas fronteiras, o que não é coisa pouca. Veja que o Senhor Jacintho, na sessão de 17 de outubro de 1855, pergunta-se:

– É possível prescindir da guarda e polícia das nossas fronteiras sem que a Província sofra um grande abalo, sem que a propriedade, as pessoas e seus interesses sejam gravemente ofendidos?

E responde:¹⁰⁸

¹⁰⁷ (vejam, até o caminho de Riobaldo o Córrego Cansação atravessou, perto de Araçuaí, ganhando o status da Lagoa do Amargoso, em Porteirinha, do distrito do Quem-Quem, em Janaúba, e do Morro do Cocuruto, em Grão-Mogol, dentre outras importantes localidades; obrigado Alan Viggiano pelas informações, que engalanam o volume, é certo, mas, *ai,ai,ai... trazem à mente a coitadinha da Andressa, filha de Tunica e Otacílio, que tem bem isso, um cocuruto na cabecinha...*)

¹⁰⁸ (não sei nos outros mundos habitados, mas por aqui muitos gostam de responder as próprias perguntas, diante do que nos perguntamos: por que perguntam?)

– Seguramente, não.

Na sessão seguinte – porque é preciso, no parlamento, repisar sempre as mesmas coisas, de modo que os cidadãos possam bem repeti-las, garantindo o trânsito e a fácil introjeção das opiniões formadoras na cabeça às vezes dura, duríssima, dessas pessoas¹⁰⁹ –, o Senhor Jacintho, que é o mesmo Senhor Joaquim, já citado, mas não é o Senhor Manoel, que isso não é piada de português, diz lembrar-se de que “o ano passado nesta Casa se mostrou o grande mal que sofrem os nossos estancieiros com os continuados furtos de gado”. O correr do relógio só confirma o discurso do deputado, eis que hoje, provavelmente neste exato momento, ainda são furtadas não poucas reses, vejam, diz o jornal que são 30 mil por ano. E o pior, é que a metade do gado abatido no Rio Grande não paga imposto, é clandestino.

– Ué, e ninguém vê? – pergunta um mais bacudo.

– Sinto muito, mas chorar não posso.

Riam, não é com vocês.

3.10.2.1. As minúcias prosaicas dos pobres

O abigeato campeia.

Há, mesmo, quadrilhas especializadas agindo no campo, muitas delas compostas por fazendeiros que nem se dão ao trabalho de varar o Uruguai ou o Quaraí com as tropas surrupiadas, levando-as para dentro da fronteira intransponível de suas propriedades particulares, de onde saem, remarcadas, para algum matadouro amigo; muitas vezes os abigeatários não contentam-se com roubar e matam, impiedosamente, quem interponha-se em seu caminho.

Isto aqui – já o dissemos – é um espaço; um espaço natural e infinito renovável gratuitamente pela mãe natureza, de modo que o tempo – exceto para gente como Otacílio, que vive as minúcias prosaicas dos pobres –, o tempo nestas plagas pode pouco além de ir arrancando as folhinhas e ir mudando sempre as mesmas, e na mesma ordem, estações.

Por isso soam atuais as palavras do Senhor Joaquim:

– Os nobres Deputados não desconhecem que desgraçadamente ainda as nossas estradas são às vezes infestadas por salteadores e assassinos.

Mais de vinte anos depois, em 24 de março de 1876, quase 140 anos atrás, o Senhor Fernando chama a atenção para “a falta de segurança da vida e da propriedade do cidadão em toda a Província e, muito principalmente, nos municípios que se acham colocados nas fronteiras do Sul do Império”. Sugeriu o deputado que se criassem postos militares em curtas distâncias um do outro, “de maneira que possam fazer a polícia volante”. O Senhor Fernando recebeu súplicas das câmaras de Uruguaiana, Piratini, Dom Pedrito, San’Anna do Livramento, Arroio Grande e Alegrete (Polianga do Sul e Nova Hereford aí inclusas, arranchamentos, então, quase vilas). Continuando a defender suas idéias a respeito de como proteger a nós fronteiriços, o nobre Deputado estimou que a distância de 30 km entre os postos garantiria que a polícia pudesse fazer um bom trabalho: “sem dúvida, os ladrões e assassinos que passam ao nosso território serão afugentados”.¹¹⁰

Pra quê!? Mexer nos marimbondos...

¹⁰⁹ (transformando-as em papagaios, nome com pena dos eleitores)

¹¹⁰ (de 30 em 30? Mas, menino, hoje, que é hoje, não é, portanto, tresontonte, tem pra mais de 70 passos só entre Bella Unión y Artigas! Esses não conhecem a fronteira e ficam trelando al pedo...)

3.10.2.2. “A polícia atual é má”

Lá vem o Senhor da Cunha observar – vivamente apoiado por outros deputados – que “é preciso, antes de tudo, regenerar a nossa polícia”. Quando se esperava um quero retruco!, se vem também a concordância do Senhor Fernando, plasmando a idéia – absurda! inédita e absurda! – de que nenhum deles confiava em nosso aparato policial:

– Sem dúvida, sem polícia honrada, sem soldados honestos não pode haver guarnição útil e conveniente. – Mas, entendia ele que, bueno:

– A polícia das fronteiras deverá ser feita ou por força de cavalaria de linha do Exército, ou por corpos especiais. O que desejo ardentemente é que nos unamos na idéia de procurar a melhor defesa para os direitos menosprezados dos nossos patrícios, para a garantia de sua vida, propriedade e honra.

Na vida fixa-se o Senhor Bisol, contra a tortura:

– Nenhuma sociedade alcança uma consciência sadia e uma vida cotidiana respeitável, se nos seus quartéis e nas suas delegacias de polícia, ocupando postos de alta relevância pública e social, sejam mantidas pessoas que são a escória da humanidade.

– Tem um João Chiquinho por lá, pelo Caty, que gosta de brincar esfolando vivos gatos novinhos. Vão botar fora os bichaninhos e ele, “me dá o saco que eu vou”, só pra, escondido na beira do arroio, fazer as judiarias dele. É lindeiro lá de casa, o pai dele anda preocupado, de barranco não nem quer saber – apensa o Senhor Rojas.

Mas nem o ouvem os outros,¹¹¹ ainda ricocheteando a fala do Senhor Bisol nos ossos duros da cabeça.

– O colega não está, me parece, sendo cortês com os delegados que têm assento nesta Casa – tenta um.

– Existe uma diferença fundamental entre delicadeza e cortesia. A delicadeza é um respeito natural, espontâneo que se tem pelo outro. A cortesia é um esforço artificial que se faz para demonstrar esse respeito.

– Sim, mas...

O Senhor Bisol desculpa-se, não era sua intenção ferir suscetibilidades, mas, chama atenção:

– Toda suscetibilidade é obscuramente um desejo de agressão: busca-se, por perturbação emocional, por insegurança, o dardo agressivo até onde ele não está.

– Voltemos à fronteira, que é lá que meu rebanho pasta – intercede o bonachão do Senhor Andrea.

O Senhor Fernando retoma seu ardor, perorando em favor do uso da tropa de linha, porque, “tem certa razão o Senhor Bisol”:

– Julga, porém, alguém preferível lançar-se mão da polícia atual para esse serviço? Jamais, senhores Deputados! A polícia da atualidade é má, além de não se achar organizada, está composta em grande parte de homens perversos, que antes deveriam estar respondendo a processos. Na polícia atual, estão alistados inúmeros vagabundos que se valem da posição para desfeitear e oprimir a homens honestos.¹¹²

¹¹¹ (pois deveriam! Não vê no que deu!...)

¹¹² (o pampa é um espaço, os relógios chegam aqui e, pronto, pifam. E lá vai o próximo ao relojoeiro. Sai funcionando, mas não dura uma semana e, batata, pifa de novo. Ora, quem é que vai ficar neste leva e trás custoso, se o sol tá aí mesmo pra gente se localizar? Nada muda, a não ser que agora, temos notado, os gurizotes andam usando umas bombachitas meio que apertadas... Vai sentar e deu: ou rasgam na bunda ou derrubam tudo que tem nos bolsos!)

Ao que o Senhor da Cunha, observa, talvez com um muxoxo:

– É necessário andarmos todos de revólver contra a polícia.¹¹³

– Verdade, nobre colega. A polícia bandeou-se, lés a lés bandida – acrescenta, só pra ouvir a própria voz decerto, decrépita, o Senhor Chauchón.

Isto posto, afinal, por que teríamos “uma dívida extraordinária de reconhecimento” para com o Senhor Doutor Cansação de Sinimbu?

3.IO.2.3. Manetas

Certas coisas, bueno...

“O mais seguro nesta vida é o que jamais se conhece. / Sob os signos do céu, os que não possuem braços / Têm as mãos imaculadas, e, assim como o espectro sem coração / É o único intocado, assim o cego é quem melhor vê.”¹¹⁴

A polícia, vejam, nem é bom falar. Por exemplo: acharam ossos de um dicinodonte aí pra cima, um antepassado dos mamíferos que viveu “há 230 milhões de anos”, deu no jornal. O bicho é horrível de feio e não comia carne, então perguntamos: e a nossa fama de guapos? e o nosso churrasquinho?... Essas coisas, melhor ficarem enterradas. Achou, devolve. Finca uma placa: “Não mexa!”

– Mas, se formos agir assim, a ciência não prospera... – observa Don Patiño, já meio-meio quanto aos transgênicos.

– Ora, Senhor... – o novo membro, apresentado pelo Roger, de São Leo.

– Don...

– Como?

– Don

– Dim?

– Como?

– Dim-dom, dim-dom... assim?

– Que máximo, parece um sino de igreja... – rejubila-se Aninha Leocádia, ensaiando pulos de dança (simpatizando, isto sim, de imediato com o de São Leo, Leo, Leocádia, a santinha do pau oco!). Por isso tem razão aquele lá: “O mais seguro nesta vida é o que jamais se conhece”. As pessoas mal chegam e, pronto, tomam conta. Por isso é bastante útil a lição do italiano: temos que ser liberais, liberais... tá bem, mas com parcimônia.

– A gente dá o dedo e já querem a mão...

– E nós. Ficamos manetas?...

3.II. “Piedras del mismo camino”

O pampa é um espaço, uma zona, mas não uma putaria sem solução. (Nos desbocamos, às vezes, mas sem bagaceirice. Muitos ruralistas tiraram “a muié véia – mas quando nova e reluzente” – de cabaré. E bota mães que dão! Como dizia um aqui, com as

¹¹³ (leiam novamente a nota anterior... como dever de casa. Todo cuidado é pouco!)

¹¹⁴ (Thomas, Dylan – I. Junqueira traduz, o “multimídia” está viajando)

palavras que nem adaga, sempre em punho: “Lavou, tá nova! Pior é passar a vida batendo manteiga rançosa e achar que a santinha vaza muito óleo!”)

Um penetra noutro e, logo, é penetrado por aqueloutro, numa de-a-meia incessante?

Claro que não, mesmo porque aqui não tem de homem com homem e mulher com mulher.¹¹⁵ Olha o respeito, que já te “capemo, degolemo ou matemo”, escolhe. O caso é que essas linhas imaginárias inventadas pelos manda-chuvas não passam de imaginação lá deles: o gaúcho e o gaucho são o mesmo monarca agauderiado de sempre, peleando pela vida, pois, como dizia um taura, “não podemos se entregá pros home, / mas de jeito nenhum”.

E, pra quem duvida, temos a **Milonga das três bandeiras**,¹¹⁶ dizendo que rio-grandenses, orientais e argentinos somos “piedras del mismo camino, / agua del mismo caudal”, que fomos “paridos no mesmo rancho”, mateamos “ao pé do mesmo fogão”, que não temos “cadenas ni fronteras” e que “el patriotismo e la hombría, / lo guardamos en el pecho”.

Gaúchos de três bandeiras, homens de Osório, Artigas, Belgrano, Madariaga, San Martín, Urquiza, Lavalleja, Antonio de Souza Neto; homens como Blau e Martín Fierro, Dom Segundo e o Capitão, João Burro, por supuesto. Há quem diga, doutoreando-se, que, não, a milonga não é nossa, só o bugio e o tatu. Nem o xote, a vanera, a polca... Mas, sendo assim, nem a gaita e, calculem, nem a bombacha! Pobres diabos. Nunca ouviram a **Ramilonga**¹¹⁷ e, pudessem, corriam a engrasar **Los Ejes de Mi Carreta**,¹¹⁸ surdos aos sons de nossa vitalidade guasca.¹¹⁹

3.II.I. Filhos da mesma mãe

Edson Paniágua, o historiador, fica roxo de brabo:

– Eles querem separar o gaúcho da sua cultura. Como é que pode uma coisa dessas?...

Pra arrematar, quem ainda não está convencido, ouça **Orelhano**,¹²⁰ no portunhol de Dante Ledesma, que, só pelo portunhol, seguro haveria de formar convicción.

Silva fala que “brasileiro, argentino, / castellano, campesino, / gaúchos de nacimiento, / são tranças de um mesmo tento, / sustentando um ideal, / sem sentir a marca quente, / nem o peso do buçal”. Conhecedor da realidade crua de hoje, porém, quando vivemos embretados, os versos solidarizam-se com o Fulano de Tal que procura “um descampado / nesta gaúcha nação, / e aquele traço de união / que nos prende lado

¹¹⁵ (anotemos que sim, os há... “Bichas?” Nunca! Bicha, bicha, não!, integral, não! Só um que outro gilé...)

¹¹⁶ (de Caetano Braun e Noel Guarany)

¹¹⁷ (do Ramil mais moço, o Vítor)

¹¹⁸ (de Athaulpa Yupanqui, todos sabem... não? Ignorantes!)

¹¹⁹ (com uma pergunta Daniel Viglietti respondeu à ignorância gringa – só pode! mas... só pode! – do repórter de P&V, a respeito do “significado do Rio Grande do Sul para a música uruguaia”. Disse: “Que papel tem um irmão sobre outro irmão, que são praticamente filhos da mesma mãe...”? Viglietti sabe que a fronteira “é uma área comum, culturalmente falando”, e que uma chimarrita “não precisa passaporte” pra bandear pro lado de cá – quase que repetindo os versos de **Orelhano** –, porque “as fronteiras geográficas nem sempre coincidem com as fronteiras culturais”. E eis aí, cristalina a idéia artiguista da Patria Gaucha. Precisamos contatar este rapaz urgentemente!)

¹²⁰ (de Mário Eleú da Silva)

a lado, / como um laço enrodilhado / à espera de ocasião”. E convidam para a guerra, os versos:¹²¹ “Orelhano, vem lutar no meu costado, / um pampa sem aramado, / soprado pelo minuano, / reportar a liberdade / que acenava tão faceira / nas cores de uma bandeira / levantada no passado”.

Esse Fulano era um negro con su gaita, “um paisano de bombacha, / alpargata e boina negra” que não se sabia de onde era e, pelo sim, pelo não, pediram-lhe os documentos, ao que ele “respondió, despacito: me identifico com la paz e vengo a cantar bajo su bandera”. Mentira da grossa, que, sin embargo, não macula o caráter do gaúcho, pois, na guerra vale quase tudo (menos cuspir pra cima e mijar-se), e foi com guerra que nossas paradisíacas e produtivas terras, que hoje abrigam belas fazendas e o melhor gado europeu, foram tomadas dos seus verdadeiros donos. Fique claro, portanto, que a um orelhano “não se pede passaporte nestes caminhos do pampa”, su patria libre.

Convencido? Não?

Então, vai plantar mandioca, que te pide el culo tuyo.¹²²

2.5.7. O patrão manda

– Viu quem ia na camioneta? – pergunta Valdomiro.

Otacílio estava longe:

– Desculpe, o que que é?

– Tu viu o Damasceno e o Altino com as bandera?

– Pois, não... Fiquei meio zonzó com a barulhama.

– Eles e mais outros, tudo empregado dos fazendero. Vão ali, amontoado que nem bosta de cuiúdo, gritando o que o patrão manda. Esses dia ainda fizeram um tal de protesto na BR e, enquanto os dono tiravam foto e falavam no rádio, quem ficava pelando no sol pra atacar os auto e dar um papelote contra isso e contra aquilo eram os empregado. Deu na televisão. A Geni foi que viu, me chamou pra ver o Altino, mas não deu tempo, daí que eu viesse de lá, tava lá dentro, o cachorro não parava de acuar e fui ver o que era, mas não vi nada, já tinha escurecido... A Geni viu na televisão.

Otacílio não entende bem o que Valdomiro está querendo dizer, pois foi sempre assim, que saiba: o patrão manda e o empregado obedece.

Não entende mal, porém, que agora mesmo cismava com aquilo; falta-lhe juntar o que viu com o que sentiu, somar a isso o que diz Valdomiro, diminuir do resultado o que o traz à cidade, se conseguir o que quer do Seu Valentininho, do que ouve no rádio também dar um desconto, no programa do Centro Nativista Farrapo, onde sempre tão falando das lutas do gaúcho, todos iguais lado a lado, mas tem que somar, tem que somar o que cismava, e não sabe como, nem sabe quanto...

Otacílio é um peão analfabeto – de momento, aguador de lavoura –, que mal se defende nas contas de mais, porque tem dedos, e nas de menos, sempre com o que descontar, mas nunca conseguiu botar nas idéias como, puta que pariu!, os outros multiplicam as coisas, e fácil como peidar dormindo. Otacílio, porém, analfabeto, gaúcho de

¹²¹ (lástima... são apenas versos...)

¹²² (costume muito comum em outras paragens este, o de plantar mandioca preventivamente. Às vezes o vivente fica solito e, bueno, não tem cão, faz o quê? Caça com gato...)

sentimentos, sente o raciocínio de Valdomiro, seu igual, divide com ele o que por si mesmo não sabe expressar, coisa enrolada como lingüiça de bolicho, que vale cinco pila o quilo, um pouco mais ou menos, dessas matemáticas entende, é uma realidade, não uma fumaça pra enganar a gente simples.

– A gente fica como sempre, enterrado no borrarho, e o outro, que faz o trabalho fácil, ou não faz nada, ganha as glória. O Altino até cheio tá ficando, pensa que é importante. Mas quando percisa de uma rédea, uns apero, vem bater aqui em casa... Mais um mate? esquento a água?

– Não, obrigado, tô verde.

– Mas pra almoçar fica, não vai desfeitear a Geni.

– Como não, obrigado.

2.5.7.1. Pra não desfeitear a Geni

Otacílio aceita o convite pro almoço, porque... bueno, não ia pegar mais o Seu Valentinho no Grêmio Ruralista, melhor deixar pra primeira hora da tarde. Depois, tava com uma fome que perigava a tripa grossa comer a fina.

Geni fez um guisado com abóbora que ficou um colosso, mais o arroz marca Baioneta, e o feijão, com nacos de charque. Pra ajudar a descer, um copo de leite de leiteiro, cru, e um pedaço de rapadura “pra adoçar a vida”, como ela brincou ao oferecer. Brincar mesmo não brincava, a Geni. Mocinha ainda, ficara noiva de um esquilador sotreta que lhe prometeu mundos e fundos e acabou sumindo, deixando-a pronta, com o enxoval completo, menino! Coitada!

Desde então vive dentro de casa, cuidando da mãe, quando o pai morava pra fora, e do pai aposentado, depois que a mãe morrera. Faz umas costuras e uns bordados pras mulheres da volta, dá pra ajudar nas despesas. Só gasta mesmo com as revistas que falam das novelas de TV e da vida dos artistas. Tem uma foto dela abraçada com um beijudo que mostra pra todo mundo:

– Olha eu e o Wando, quando ele veio cantar em Polianga.

O tal beijudo fez com que gastasse parte de suas economias, coisa rara, pão-dura do jeito que é – assim diz o Valdomiro –, “só pra viajar praquela imundícia e pagar pra ouvir só o que não presta”. Os herefordenses não entendem por que nunca tem show em Nova Hereford e em Polianga vive tendo. “Agora, me diz – pergunta Valdomiro –, o que que eles têm que nós não temo?”

– Mais uma rapadura?

– Não, não, Geni, tô cheio, bá.

Fumam depois de comer, no puxado que o velho faz de oficina, uma courama pra tudo quanto é canto, cabeçadas, rédeas, laços, preparos completos coisa mais linda.

Valdomiro oferece um pouco de figuerilha pra botar no cigarro, mas Otacílio prefere o seu sem outro perfume que não o do fumo mesmo.

2.5.7.2. O salário do perro

Valdomiro tem orgulho do seu trabalho e se pára a mostrar uma coisa ou outra, ressaltando uns laços trançados de quatro, de seis e de oito tentos, “ao gosto do freguês”; umas peiteiras tramadas de doze e outras, uns mimos, de sete tentos, tipo barriga de cobra, oval de um lado – que muitos acham feia mas não Otacílio, que não tem sequer uma de tento ponteadado ou um sovéu que seja, retorcido como sente-se por dentro, lá na lavou-ra, sem cavalo, pra quê?

Encanta-se com um preparinho gurizeiro, trançado de três, como cabelo de mulher, levianinho. Nunca teve um de seu, embora sua mais remota lembrança da infância seja no lombo de um cavalo. Tocava ovelha a pé, apoiava as leiteiras, dava de mamá pros guachos, ajudava o caseiro com vassouras de carqueja, isso também, isso e muito mais, guri de campanha, sem mãe e de pai incerto, achego no mais onde nasceu e foi ficando. Mas gosta de ver-se guri a cavalo, com preparos trançados de oito, completos...

Pura invencionice. Ganhava somente o salário do perro, um canto, a bóia – pra aplacar o rosnado do estômago e pra deixar o cachorro pronto pra seguir a lida. De vez em quando, uma muda de roupa e, quando aprendeu a fumar, uns cigarros. A primeira bota, ganhou já muchacho grandote, comprada pelo Doutor Asdrúbal no bolicho do finado Bolacha. Com ela, participou do seu primeiro “baile solpresa”, divertimento que – expressam todo seu desalento os riscos do rosto, fundos, e tantos que são – “hoje não hay”.

Ajudou a pegar e carnear a vaca brasina do Seu Capucho e, depois, aboletado no reboque do trator, chegou “com toda a indiada na casa do pobre do home, que só se deu por conta da bulha quando lhe serviram um pedaço do churrasco com o couro, como era do costume, e no couro, chamuscado, adivinhou sua marca. Foi uma mazorca das grande.”

Mas o Seu Capucho até se riu.

Na hora do café, todos queriam a sua caneca bem quente, pra tomá-lo aos poucos, gole a gole, e poderem comer bastante mistura e ficar de bucho cheio. Não se passava fome nesta época, mas o trabalho era duro e se tinha sempre uma boca aberta na barriga; dando, se aproveitava qualquer ocasião pra forrar o pandulho.

– Então, tá perparado pro desfile?

– Quisperança! Não tô com as pilcha completa.

– Se precisar de corda, te empresto as minha. Tô muito velho pra essas cosa.

– Gracias, Seu Valdomiro. Precisando, prendo o grito. Mas, me diga, quanto sai um arreio completo?

– Óia, no Bolichão do Nedi tão anunciando por cento e dezenove à vista. Mas tem que ver o que eles chamam de completo.

1.2. Com a namorada

Arreio completo? Bueno...

No trabalho rotineiro da estância, se usa xergão, carona, basto, dois pelegos bons, badana, peiteira, que segura a cincha pra não ir pra trás, rabicho, que segura na cola pro arreio não ir pra frente, o relho de cabo comprido ou a guaxa, de cabo curto, a cabeçada da rédea, a rédea, o freio, o buçal com cabresto, o laço de 12 braças, pra usar no campo, um de

sete ou oito dá pra trabalhar na mangueira, a cincha, a sobrecincha, o travessão, o látego, o maneador, pra botar o cavalo na soga e serve também de pé de amigo, passando-se uma coleira com ele pelo pescoço do animal e levando-se uma volta na pata de trás, puxando e levantando a pata do coiceador, quando se quer encilhar, ou então se usa uma maneira de três pernas, compreende?... Mais tirador, boleadeira, mala de poncho, e, claro, os lóros e o estribo, pra poder firmar o pé e montar no crioulo bem pelechado, adelgado pelos cuidados do dono, que o alimenta no embornal, na medida certa, e com ele passeia a cabresto como com a namorada – mas estas são mais caborteiras.

Os gaúchos pilcham-se a preceito: bombacha, bota, espora – de preferência uma das antigas, serrilhadas, que rodam, e não dessas que usam nos rodeios, com roseta de sete dentes e travada, que bate e fura o animal, como é que o bicho não vai saltar, até um sogueiro, facilita estrebucham o cavalo, ora, ginetes –, camisa clara e limpa, de preferência nova, lenço – branco pros chimangos, vermelho pros maragatos e de qualquer pêlo pros ignorantes –, chapéu de aba larga, tapeado, com barbicacho, faixa, guaiaca lustrada, da cor da bota, umas com detalhes em prata ou alpaca. Há quem leve uma cambona atada no basto, mala de garupa, com a erva, a cuia, a bomba e a farinha de mandioca pro churrasco...

Ué, se a lida fica num fundão e a estância é grande, pra mais de 50 quadras – que ainda tem muitas nestes campos de Yapeyu –, por que não? O gaúcho não pede mate, oferece, e, se dá fome, leva o quartito do consumo debaixo dos pelegos, o índio velho.

1.2.1. O miúdo

Na verdade, se usa tudo isso... e não se usa.

O que mais se vê na campanha é peonada despilchada, é corda desencontrada, é cavalo pangaré.

Aprumam-se pro desfile, porque sentem-se honrados em protagonizar a festa, em manter a tradição. Muitos não vão por falta de pila pras pilchas ou pras cordas, ou, pior, por falta de cavalo. Sem estarem completos, têm vergonha de desfilar; não estando completos, têm vergonha de pedir emprestado o que lhes falta. E não pensam que é bota de pelica, bombacha de casemira ou preparos de prata; é o miúdo mesmo, o barato que lhes falta – para que honrem o Rio Grande e passem na praça dentro do que manda a cartilha.

Alguns, bá, até deixam que mingüe a comida em casa, mas mantêm inteiros seus arreamentos; outros, poucos, raros, por desespero, chegam a roubar dos galpões a rédea que precisam ou a peiteira, pro caso. Por isso é tão importante saber quanto custa tudo: porque desfilar no dia 20 de setembro não tem preço.

2.5.8. Abaralhando o freio

Cento e dezenove é barato, barato demais... Otacílio vai ter que conferir a tal promoção.

Outra loja, diz o Valdomiro, oferece bombacha, bota, “cinturão”,¹²³ chapéu e lenço por cento e trinta e cinco. Para as prendas, a mesma loja está vendendo o vestido, a saia de armação, a sapatilha e até o broche e a flor pro cabelo por cento e vinte; mas a Tunica tem

¹²³ (já se vê que não sabem o que vendem, ora, “cinturão”...)

o que precisa, do outro ano, um vestido encarnado que judia o coração de Otacílio de tão lindo. Valdomiro, conhecedor, diz que por menos de cento e oitenta não encilha bem seu cavalo: “e coisa boa mesmo, especial, não sai por menos de quatrocentos real”.

Otacílio não almeja nada demais, o “especial” nunca lhe passou pela cabeça, a menos que estivesse dormindo ou beliscado da canha, o que é raro acontecer. Faz boa figura no lombo de um cavalo e gosta de montaria sem faceirice, das que pegam a tironear pros lados; gosta e se sente bem num flete de trote sério, como pisando em espinho, de vez em quando querendo abaralhar o freio, jogando a cabeça pra cima.

Quando era mais moço, desfilava de pelegão cor de laranja, daquela lâ escorrida e comprida das “lincou”. Hoje, não se encontra mais quem tinja e parece até que é proibido. As cordas oferecidas pelo amigo são mais do que precisa; contentava-se com aquelas simples, de tento de uma perna só, sem as tiras duplas do ponteadado. Não por bonito ou feio, mas porque, campeiro – embora atualmente na lavoura –, sabe que o ponteadado é menos resistente na lida, quando não rebenta o couro, rebenta o ponto e, se quer costurar de novo, fica barrigudo como cobra que engoliu sapo. Mesmo o trançado de oito do Valdomiro, se rebenta, não tem compostura, fica um nó; a não ser que rebente nas presilhas, mas já aí fica curto, defeituoso. São mais lindos, não se discute, e capaz que aceite, e com muito gosto e agradecido, o oferecimento, pois são amigos de muitos anos – para Otacílio, foi quase como um pai, que não teve –, se não conseguir nada com o patrão.

Na posição em que se encontra, pobre do jeito que é, tinha é que desfilar num piquete de burro chorro, todo remendado, de bota de garrão... Um mocinho jovem, que às vezes vai no bolicho do Tarumã, acha que um gaúcho bem apresentado é o que desfila como anda pra fora, campereando: “Fiz um sovêu de três corda, torcido e com ele me defendo”, diz ele. “Quem vai botar defeito em mim se eu for pro desfile com os apero que eu mesmo faço?”

Valdomiro até acha lindo esses retorcidos de guasca. Se tira o tento na volta do couro, estende, em parelha, depois enfia um pauzinho na ponta e vai torcendo – com uma manivela de pua também dá e é mais fácil. Fica lindaço.

Mas Otacílio veio pra cidade porque tem lá os seus motivos. E é no que cisma. Muito bem, o Seu Valentinho pode dizer “vai lá na correaria e pega no meu nome um par de arreio, um par de bota... no Fulano tira a roupa, a faca aparelhada, com chaira, baina...”

Mas...

2.5.9. Vamos a ver, dijo un ciego

Mas em quanto importa a despesa?¹²⁴

Só pra cruzar uns minutos ali na praça, botar umas lojas em cima do corpo e do cavalo, ficar devendo quanto? E se pede arreglo de conta? Mais um ano não fica na lavoura. Vai se acertar e, “mas como é que tu vai sair, se tu tá me devendo?” Ficar escravo do patrão, bem dizer, pra desfilar? Isso não pode, gaúcho sem liberdade não é gaúcho; não há lei maior na tradição. Não pode cagar na maneira. Tem que ir devagar com o Seu Valentinho: se vier duro¹²⁵ ou se, ao contrário, prestimoso demais,¹²⁶ não vai prestar.

¹²⁴ (afinal, quer ou não quer? Por que não aceita o do amigo?... Te resolve, home!)

¹²⁵ (como pau de preso...)

¹²⁶ (como mãe de noiva...)

A toritos flacos, todos pealam e Otacílio anda tão desaparelhado que tá mais pra boi: dos de canga. Quer um favor, não nega, precisa, mas não é mais guri pra que lhe tirem das mãos o doce dado, porque dado, dado não vai ser, mas, também, que não lhe saia mais amargo do que ser peão de lavoura, que não lhe custe, o doce, a liberdade. O que é a festança do dia 20 senão comemorar a liberdade do gaúcho de ser gaúcho?!... Pois, então? Tudo são adivinhas com relação ao Seu Valentinho, homem de lua: vamos a ver, dijo un ciego.

2.5.10. Resbalada no es caída

Otacílio sabe que a sesta pro amigo é sagrada, assim que despede-se de Valdomiro prometendo voltar no dia seguinte, pra outra charla.

Pega a Bento, dobra na Duque de Caxias, onde fica o bar do Nito, e resolve que vai cumprimentar o “pé-de-valsas”, cuja fama pelo desempenho nas bailantas de campanha parece vir mais do jeito de contar¹²⁷ do que propriamente por seus dotes de dançarino. É o que dizem os daqueles tempos, se rindo, deixando Otacílio no ora-veja, sem saber se riem porque o outro aumenta ou pra enticar mesmo com o, hoje, pançudo e suarento proprietário do BarBados, onde “criança não entra, mulher não entra, portanto, cadela também não, e só se bebe canha braba”.

Tudo mentira, exagero do gordo: o que mais sai de bebida é cerveja e vinho – este, sim, brabo. De comer, não tem quase nada, às vezes umas mulitas assadas ou carne de capincho catinguenta, ninguém liga. A freguesia do BarBados é selecionada: a pior de toda a vila. Otacílio entra por uma das duas portas sempre abertas e vai direto ao balcão, onde o Nito conversa com o único cliente que foi tomar o seu liso digestivo.

– Mas, olha quem chega! Fazia horas que não te via, vivente!

Otacílio recebe o forte e molhado aperto de mão do outro e um hospitaleiro – e doído – tapa de bem-vindo nas costas, carinho daquelas manoplas rechonchudas que, acostumadas a encaixar cinturinhas outrora, só têm encaixe pra o copo nos dias que correm ou, não raro, pra quebrar os queixos de um mamau mais atrevido. Nito, com o calor mormacento que faz, parece que está derretendo, feito porco no espeto, sem, porém, no derreter-se, perder banha, ao contrário, figura ainda maior, como acontece com os muito gordos. Este homem, porém, buldogue repulsivo pra quem vive a vida de luvas, sustenta família numerosa com sua birosca e tem estudo, só não completando o primário à época, porque começou a trabalhar pra ajudar em casa. Respeitam-no os que o conhecem e ele faz por merecer este respeito com seus conselhos de homem calejado; quando não respeitam, dá no mesmo, passam a respeitar porque ele senta o braço. Dele, Otacílio recebeu o conforto que precisava quando, abichornado, contou-lhe da transferência pra lavoura: “una resbalada no es caída, hombre!”, dissera-lhe.

E é isso o que espera passando ali, uma força de quem sempre foi touro; mesmo em rebanho alheio. Sua briga em Concepción é famosa.

¹²⁷ (enfeitado como bidê de china...)

1.3. Não fica nem rastro

– Boa tarde. Desculpe. Por acaso os senhores não conhecem o Seu Janguta ou alguém dele?

Olham pro estranho que chega, maneiroso, enforcado com uma máquina fotográfica – retratista? –, óculos de aro fino, redondos como pincenês de orelha, chapéu de palhinha afundado na cabeça, suarento, bolsa-de-mulher – de couro cru – a tiracolo, jovem, mas cansado, vê-se, talvez em sua busca, talvez de sua busca infrutífera.

O Nito lhe oferece um copo d’água – “ou alguma coisa mais forte, meu rapaz?” –, mas não, sim, “a água, sim”, e pergunta pras mesas, agora duas, ocupadas, se alguém conhece o tal Janguta, de quem nunca ouviu falar. Ninguém sabe, ninguém nunca o viu mais gordo. O bolicheiro indaga do moço por que procura em Nova Hereford e não em Polianga do Sul ou Uruguaiana e ouve que foi lá que lhe disseram “quem sabe em Nova Hereford”, porque Janguta por aquelas bandas não tem nenhum. Ainda passara por Quaraí e pela Vila Fanuel, no que livra o Caty, à esquerda, e nada.

– Coisa séria. A gente tá bem vivo aqui, hoje, conversando, e amanhã, foi-se! Não fica nem rastro. Os que deixa, quem a gente menos espera sai a apagar. E foi-se o homem – filosofa o Nito.

O outro conta que igualmente quedou-se inútil sua parada em Alegrete. (Mas isso, não precisava nem dizer, ô terrinha braba!)

1.4. Numerosa invisibilidade

Sempre alguém está procurando alguém por este mundo.¹²⁸ Não vê o Otacílio, atrás do Seu Valentim! E o homem existe de carne e osso, não é como um fantasma. Vai ver o

¹²⁸ (esses dias, o Apolônio saiu apressado do banco, com uma papelama, e deu uma reboldosa de vento – daqueles da Ana Terra, de bater portas, agourento –, e foi que, bá, num vu!, teve que resolver se perdia os documentos ou a peruca, e, mal ela ameaçou voar, largou o bolo de folhas, inúmeras – não fossem elas cheias de números, balanços, balancetes, balancins brincando ao ar livre –, e, vem cá!, segurou a peruca – claro!, um homem que nem idade tem pra ser calvo... – que já dava adeus, o Apolônio, e plantou-a na cabeça, com a mão servindo de peso. Ninguém, vejam, notou, porque quase todos seguravam alguma coisa, as moças, ui!, ai!, os vestidos, meio que inutilmente, vimos as calcinhas multicores de várias – como são lindas as moças quando um vento lhes levanta, de inopino, a saia! Como, rubras, juntando os joelhos, mãos na rachinha da frente e na de trás, pudicas, são adoráveis essas moças... moças demais para nossa cobiça, ó desgraça!, e... ó desgraça!, indiferentes a nossa insistência de velhos –, os camelôs, toda a variada produção da indústria leve paraguaia, lenços, fitas-cassete, bruxinhas de pano... Uma moça vê aquelas folhas de Apolônio, birutas, revolteando e pergunta pra mãe, “De que árvore são, tão branquiquinhas e quadradinhas, parecem pandorgas?” A mãe limpa o filete melado do picolé que desce pelo pescoço da coitadinha e responde, mais para si, desalentada com seus próprios problemas, o marido devendo as calças – as dela, vimos, lindas, branquíssimas, rendadíssimas... –, inaudível no centro do tornado: “São os cheques frios do teu pai envergonhando a gente”. E para a pobrezinha: “É papel sujo, não pega”. Não dizem que o que vale não é a idade cronológica da pessoa, mas a cabeça? Pois então – irônico consolo –, a filha pode ficar velha, pelancuda, osteoporótica, mas – ó felicidade! – terá sempre uma cabeça de criança... Onde mesmo que nós estávamos?... Ah. O que que tem que ver o cu com as calças? Já imaginaram agora o Apolônio juntar esse balancete? Sim, porque são folhas, não pandorgas, que o vento leva e pronto... Vai contratar um detetive? E, outra coisa, a principal: Apolônio tem bem mais de 37 anos e nunca vai conhecer Paris, como a mulher do filme que pegou na locadora, seu único divertimento, os filmes, espichado na enorme cama de casal, solitário e calvo. Então, quando tira a peruca, ao deitar, a deita junto, no travesseiro ao lado, aninhada como um gato, cachorro ou mesmo gente – das que gostam de se tapar até a cabeça –, só o pelincho de fora do lençol, bom de alisar ou apenas olhar, assim, uma companhia. Apolônio batizou a peruca de Frodo...)

Janguta este já morreu ou transformou-se com o tempo a ponto de desaparecer da memória dos que o conheciam tal como era, assumindo, bem dizer, outra identidade. Um pesquisador de Nova Hereford, um tanto excêntrico, tem uma tese que diz que não tem, que é dos americanos, não dele: a tese do “charlie”.

Bueno. Ele viu nos filmes de guerra que os inimigos dos americanos – todos: altos, baixos, gordos, magros –, todos são chamados de “charlie”. Sua conclusão é de que eles não existem, pois, apenas sua identidade coletiva, enquanto alvo, vigora, e nunca sua identidade enquanto indivíduos; logo, quando os milicos da América do Norte matam, podem fazê-lo inocentemente, como quem trabalha no atacado com bens fungíveis – lixo, por exemplo, para os garis; o mal para os evangélicos... –, nada pessoal, entende?, “charlie” pode ser qualquer um, inclusive esse Janguta que o retratista procura. Quantos Jangutas existem, fulanos de tal por aí, sem eira nem beira, anônimos sem CPF; anódinos, fictos em sua numerosa invisibilidade?

Aviões americanos, nem bem tinham explodido todo o Afeganistão, lançaram milhões de panfletos sobre o Iraque, com a frase: “Vocês podem ser os próximos.”¹²⁹

Ora, não referiam-se explicitamente ao Abdul ou ao Said, mas a qualquer “charlie” do deserto, ao deserto, com seu petróleo subterrâneo. (Ah! o subterrâneo...)

A vizinha Alegrete tem o maior índice de crianças não registradas, quase 37%, o dobro do índice estadual. Nisso, também nossa região dá de relho nas outras: Uruguaiana tem mais de 33%, São Borja, 35 e meio, Rosário 27%, Polianga do Sul 34% e Nova Hereford 32,6666%, dízima periódica que espicha nosso número ao infinito, ocupando, se queremos, páginas e páginas de qualquer relatório, oh! glória! Quem sabe o Janguta jaz subterrâneo como essas crianças que são bocas sem voz, roncos sem estômago, estômago sem intestino, vida pra quê? E ressuscitam, saem da toca aos quilos – puro osso, carne de segunda, graxa nenhuma pra dourar no espeto – mal um meganha qualquer dá um coice na porta atrás de um ninguém qualquer, um Janguta, porque sempre estão dando coices nas portas frágeis das vilas e gritando ameaças onde a bota não estrague ao estragar e os moradores, essa ciscama, não estorvem o trabalho da autoridade com reclamações – “nem um pio que prendo tudo vocês por desacato!” –, ou telefonemas, de onde?

2.5.II. Ninguém conhece o Janguta

– Eu vim dar a notícia para o Seu Janguta, ou alguém dele, que o Ricardo morreu – assim fala o homem, assim no mais, como se esse Ricardo fosse um Ricardo especial, diferente desses que a gente tá cansado de ver nas ruas, no mesmo monturo dos José, dos João, dos Chico, dos qualquer coisa.

¹²⁹ (e foram. Destruíram o Iraque para, com sua reconstrução, receberem tudo o que gastaram em bombas mais os dividendos próprios do negócio, y así son las cosas... Não pescaram? Sabe filme de Vietnã? Pois, então! Só que isso foi na década de 60, início de 70, idade das cavernas, paz e amor, Woodstock, os caras ficavam de cara no “voltar para o mundo”, sociedade de consumo e tal e, bueno, não conseguiam parar de apertar o gatilho... mas amadores, ações individuais, compreendem? A coisa... não que tenha mudado, não, mas se sofisticou... Business... Como diz M.M.Gonçalves, “Bizínés”. E o Totoca, desalentado: “Li que depois que os Estados Unidos tomaram conta do Afeganistão, a produção de ópio cresceu 825%.” Que coisa! E este nem é o tal “ópio do povo” porque eles continuam cada vez mais pobres...)

– Olha, seu, gente morre todos os dia. O Ricardo que hay nas redondeza tá bem vivo, graças a Deus, domando potro na Lagoa do Parové. Não podemos ajudar o amigo. A menos que queira mais água ou provar duma branquinha especial, com butiá...

Mas o retratista agradece – “não, obrigado!” – e vai embora, “decerto bater de valde em outras portas, judiaria...”, pensa a Antonieta enquanto escreve (escrevendo o que pensa, imagina!).

De Janguta em Nova Hereford nunca se ouviu falar. João, sim, o João Burro, o João Guedes, de Boa Ventura; Jango, por supuesto, o Jango Jorge, saudoso, o Jangolarte sãoborgense, quem não vai lembrar? Mas Janguta... Otacílio comprime os lábios, levantando o queixo como quem, voltando de uma reculuta na memória, nada encontrou. O outro faz que não com a cabeça, concordando. Não, definitivamente, nenhum ali conhece ou conheceu Janguta porcaria nenhuma. “De quien me hablas, hombre?”, e Nito abre os braços para os amigos, dando o caso por encerrado.¹³⁰

O mesmo gesto, a mesma pergunta, a mesma pachorra de Concepción, embora os braços já não sejam os mesmos, então capazes de muito, e as pernas de bolicheiro nem de longe lembrem as do incansável e maneiroso par dos bailes da campanha. Bailes como o de Concepción, em 58, quando muchos sarandearam e uno por lo menos bailó.

2.6. Vaneiras passeadinhas

Ah, o baile em Concepción!

O Nito tinha um trato com o Ariovaldo... Bem dizer trato, que não era nada escrito assim nesses enroladinhos de tinta que cumpre quem quer e quem pode se escapa pros advogados. Era fio de bigode o trato, embora nunca tenham se prometido um ao outro nada, e, sim, semana após semana, ano após ano, o tenham cumprido e assim selado como compromisso de amigos, que é mais do que qualquer coisa. Um ficava cuidando o outro da porta do bolicho, sábado. Quando o último dos dois chegava, pediam um liso e o bebiam num golpe seco. Só depois se apertavam as mãos e seguiam a folga a prosear, de gole em gole, nos copos daqueles goma dos grandes que usavam antes.

Se tinha baile, era lindo, arredavam tudo e enchiam de vela a peça, pra verem bem as moças que iam levar pros escuros. E se não tinha vela, era a candieiro feito em casa, com graxa e pavio em latas de goiabada; lampião de querosene dava, e era um luxo, mas o fedor emborrachava mais que a canha, e depois, pra que gastar do que pode faltar pra outras coisas se a farra era a mesma?

Os bailes eram em ranchos de chão batido e telhado de santa-fé, não tinha essas frescuras de hoje em dia. Quando a polvadeira começava a levantar, o dono da casa nem deixava as mimosas tossir, botava todos pra fora e ele e quem quisesse ajudar – braço nunca faltava –, uns quantos, varriam a poeira e aguavam a peça pra seguir o mexe-mexe.

Uma vez, no São João, no casamento do Mouro Gato, foram três dias e três noites de festa e tinham que limpar a pista a pá, pois os que saíam e entravam faziam daquilo um atolador.

¹³⁰ (mas, vejam, não está, porque o Laerte, que anda morando por Porto Alegre, visitou o Instituto e, quando inteirou-se da história, disse “Bá, e deixou viúva e um filho pequeno, o Lenine...”, inteirando foi nós do acontecido, que, se vamos ver, nem tá inteiro... Bota mundo pequeno! E a gente lutando, menores ainda...)

– Vocês não queriam dançar? Então dancem, que comida não falta! – conta o Nito que dizia o pai da noiva e que ele, de todas, só não dançou uma marca, porque não queria que a – pro causo, que era um casamento – “noiva dele” se agarrasse com outro.

Deu coisa o namoro, atado de olhares e piscadelas no compasso cortejador, lento, das vaneras passeadinhas, mas lá fora, ao luar, como se diz, porque ela envareta no meio dos outros. Bueno... também... saiu de lá a cabresto, já não sabia de que lado cantava o galo.

Mas, desta feita, em Concepción...

– Ah, e não se dançava aos pinote como hoje em dia! E nada dessas bobage de cantiga. Baile de gaúcho tinha só gaita, violão e um pandeiro ou chocalho. Pode escrevê.

2.6.1. O baile era outro

Pois ia dizendo o Nito que, em Concepción, só sobrou a carreta, as correntes ficaram espalhadas no potreiro, eles fizeram de relho, foi quando cortaram o Florindo, escrivão aqui na Justiça:

– Ah, e a mão do homem não descia das espaldas; se baixava, os dono da casa passavam um pito no atrevido e até botavam porta afora, se fosse o causo. Hoje, em vez de olhar pros movimento das pessoa, só ficam cuidando das polpa, com essas calça apertada, entrando no cu. E se soubessem dançá, ainda, mas ficam se batendo uns nos outro! E esses ritmo! Óia, essas dança parecem mais retoço de porquinho novo, não dá, che.

Os Santos deram por lá e os Contreras já estavam...

Sabem que tropa de zebu é que nem de ovelha, boa de tocar? Onde um vai, vão tudo. Só não gostam de grito. E foi tal e qual: um ponteiro com os cavalos, o Alcídio, abrindo porteira; dois fiadores, o Astrogildo e o Aurimar, um de cada lado, e o culatreiro, que é o patrão, pro causo o irmão mais velho, o Odone Santos, mau barbaridade quando andava assim entropilhado. O Nito tinha penado umas quantas marcas com a Ondina, flor de linda mas cadeira dura, parece que socava canjica como cavalo de trote ruim, e então, quando a moça pediu licença pra mijar, ele se acolherou com a Diva, que nem bonita era, mas não queria pra tirar cria, e pra par não tinha igual em todo o município. Com ela dava pra dançar de bota de pelica, que é delicada, até guanxuma seca tira pedaço. E não era caronista, dançava com qualquer um, tinha uma alegria que era só dela mesmo; acabava era ensinando a matungada a, pelo menos, não pisar os outros e dar encontrões.

E, outra coisa: a Diva não pintava a cara, nem labina usava. Os cabelos eram no natural, bem diferente das outras, que misturavam vaselina com azeite de mocotó – e Deus te livre se não fosse apurado, porque com água fica rançoso e fedorento –, aquilo brilhoso, pegava a azedar, bá, misturava com os cheiros do Amor Gaúcho ou aquele outro, o Royal Brilhar, Briar, coisa assim, que elas botavam com aquelas borrachinhas de borrifar, era de fugir pra lançar no escuro.

A Diva, nem enchimento de pano usava pra fazer bucles, na verdade porque nem tinha mecha pra enrolar, os cabelos meio que carapinhas, fios de arame. E faziam falta? Faziam falta? Ora... Ah, a Diva!

– Eram onze e pico. A primeira foi um xote figurado, a dama passava por baixo do braço do gaúcho e fazia aquele salamaleque largo mostrando a lembrança. Depois, umas valsa de três ou quatro par, o homem dizia “transferir” e a gente saía pro outro lado, só

mudava de pé, ninguém se batia, não tinha trompaço. E te digo – contava o Nito –, com a Diva até rancheira, que tem aquele tranco que machuca os troço lá embaixo, era bom de dançar. Bá...

E tavam nisso, os Contreras folheiritos no más, que eram buenos, só não gostavam que lhes pisassem o poncho – e quem é que gosta? –, estavam ali, no divertimento, como todos, depois de uma semana de marcação, trabalho duro. Foi quando chegou o Odone e sua trinca e a mulherada – e o homerío –, uma gritaria, tudo saíram porta afora, que nem tropa de zebu desembestada, pois, não disse?, não gostam de grito, e o Odone já chegou tropejando, que matava e acontecia.

O baile que queria era outro, tava visto, e assim foi.

2.6.2. Potros arabianos

Não vê que os Santos e os Contreras não se bicavam fazia tempo. Por coisa pouca, que ninguém lembra mais, e que acaba, por coisa nenhuma, em morte.

Quando os touritos chegaram, nem precisou o Odone berrar, o Nito sentiu o rumor e atendeu, assim, pra janela. Mandou a Diva se esconder com os da casa e se encostou num canto, cuidando. O Odone era famoso: costumava oferecer um copo pro amigo e quando ele empinava a canha, o maula furava a barriga distendida do outro. Por que aceitavam? Uns, porque julgavam-se amigos mesmo, não viam motivo pra ter medo; outros, pra mostrar que não tinham medo e, por destemidos, morriam. Melhor, com os Santos, era manter distância.

O Alcídio era ruim até de olhar porque, veja, tirando um tento, contra o corpo, claro, pra sair parelho, furou o queixo e a boca e um tanto de bochecha, assim, vinha o couro leviano, num talho só, resvaloso, até que deu com um nó endurecido, o homem fez força e... Bueno, a costura que lhe fizeram deixou meio franzido o moço, e torto, e brabo, sempre brabo.

O Astrogildo, uma vez, levou um balaço na testa, de 44, não entrou, mas deixou marca. O Odone tirou a bala com alicate e se cobrou pelo irmão, matando o outro numa tocaia, atirando por baixo do poncho. O Astrogildo, então, com aquele furo no meio da testa, era brabo, só podia ser brabo.

Já o Aurimar, este era brabo, mas do tipo revoltoso, meio voluntário como uns potros arabianos. Por qualquer coisinha, saía com três pedras na mão e ficava dias encerrado na baiúca dele, sem comer, sem falar com ninguém, só tomando mate e pensando, decerto. Verdade que tinha a mão seca de um talho ganho em uma briga de tasca, mas era uma só, e com a outra fazia misérias.

É. De todos, falando a gente vai se dando conta, o Odone, reluzente de bem tratado pela Dionéia, um desperdício até, nem dava muita bola pra mulher, proprietário de umas boas braças de campo povoado, era o que não tinha motivo nenhum pra ser brabo e, vejam, era o pior, bota maula!, um pária, como se fosse, como se fosse um gaudério sem paradeiro fixo, um gaúcho, em uma palavra, malechor, taura.¹³¹

¹³¹ (gaúcho, em uma palavra, que há buenos e malos mesmo entre os anjos, vejam os casos de Lúcifer e da Xuxa. Por isso, vocês!, ao tratarem com nosotros, que somos por natureza coiceiros, como diria, em amistosos hendecassílabos, o poeta, “ao invés de se apotrarem, esbofeteantes, / pensem, pensem, pensem antes!” ...Aqui, ainda domamos potro quebrando queixo.)

E o caso era que os Contreras estavam desarmados, como todos no baile, o Seu Tranquedo, mas de jeito nenhum permitia gente ferrada nas suas festas.

2.6.3. À socapa e desparelho

Assim que os malevas chegaram, a balbúrdia instalada, a maioria dos bailarinos, que não tinham nada a ver com a rixa antiga – por aqui que não tem espinho! boi lerdo bebe água suja de sangue –, picaram a mula.

Os Contreras armaram-se de paus, pedras, correntes de ferro, o que encontraram, e agarraram-se, bem dizer, a unha com os inimigos. Foi pouco: a coragem e o instinto de salvar a pele mais uma vez, na longa história das contendidas entre os animais adultos, racionais e – por supuesto – machos, quedou-se derrotada pela covardia do trabuco, do gatilho disparado longe, sem mirar olho no olho, sem sentir o bafo do outro, a raiva do outro, ofegante, o quente do sangue do outro, que seja, nas mãos, no engalfinhar-se que o berro, covarde, covarde e prepotente, evita, olímpico, como que fosse aquilo um jogo, uma disputa de tiro-ao-alvo.

E o Nito, que, vejam, podia muito bem ficar quieto no seu canto, mais do que por simpatias ou antipatias, e sim porque aquilo não estava certo, desparelho e à socapa, meteu-se no entrevero, e foi quando o Odone, bem dele, feito bicho, avançava com seu Lister contra um dos Contreras, o Hemitério, já caído no chão e bufando gosma...

Pulou pra fora o Nito, entre os dois, com seu ferro nervoso, brilhando à parca luz de um que outro candieiro remanescente que imiscuía-se pelas aberturas do rancho na noite negra.

– Não te metes! – disse o Odone, ofegante.

– Agora é tarde – retrucou o Nito.

– Foi tu que pediu, seu bosta!

Se palavras não matam, não ferem, sequer fazem cócegas na pele de um homem, como dizem alguns, para esconder sua falta de vergonha na cara, em Nova Hereford não somos surdos. Aquele “seu bosta” desdenhoso picou fundo o Nito, naquilo que era bem por onde o gaúcho principia, sem recuos nem titubeios, os infinitos horizontes e patas para vivê-los, uma imagem – o orgulho! – e seu reflexo no espelho, dois de faca e o deserto, que é espaço e tem cor: vermelho.

– Bosta é a puta que te pariu!

Odone investe frontal e o Nito gambeteia. Odone finge um golpe pra com outro, no bucho, dar um fim à peleia. Mas Nito pressente a burla – pelo trinar das chilenas – e aproveita o corte do maula, no ar, e lesto, o faz comer poeira.

– Já chega? – pergunta ao Santos, o pior dos Santos, que, ajoelhado, responde girando o braço, aberto como um compasso, pá de moinho em dibujo, pois só colhe ar, mais uma vez apenas ar, na sanha de alcançar bucho.

Já chegava, sim, mas pro Nito, que riscou a cara do atrevido, de fora a fora, em diagonal, num meio xis de testa a queixo, rasgando olho, fuças, beicho, pro causo, deixando-o mais bonito. Matar por que, se era um alívio?...

Otacílio ainda tem muito que andar, lutar outras lutas – o cavalo, o arreio... e o desfile tá em cima –, mas não tem como sair antes de ouvir o fecho do amigo pra seu

famoso feito de Concepción, nombrada que lhe valeu um bom tempo no presídio, nas mãos do delegado Guanxuma.

E foi assim:

– O senhor quis matar a vítima? – perguntou-lhe o juiz.

– Quisperança! – respondera ele, quase ofendido. – Se eu quisesse matar, tinha matado. Eu uso a faca melhor do que o senhor usa a caneta!¹³²

Ah, tempos...

2.5.12. Sem a compostura do inteiriço

Otacílio acerca-se do prédio do Grêmio Ruralista como de uma cobra cruzeira, cheio de cuidados, arrodando a malvada, mas sem arma nenhuma, pau nenhum para matá-la e o mostrar, tá aqui, não tá lá em casa. Encosta-se no muro do outro lado da rua, meio escondido entre as uvas-do-Japão da calçada, as lajes tudo levantadas pelas raízes – um relaxamento, vá que um próximo trupiue, quem paga o hospital? –, copadas lá embaixo como a sombra cá em cima, e bota sombra.

Invisível como um ladrão, que, graças a Deus, nunca fora, ao contrário; invisível com suas bombachas domingueiras azul royal, sua camisa de listras intercaladas em cinza e preto, sua bota sanfonada preta, seu lenço vermelho vivo, de pano cintilante, e seu chapéu de abas largas, preto, enterrado na cabeça; invisível atrás das árvores, na calçada, cuidando o prédio em frente, quando tocam-lhe o braço, fazendo-o pular como uma cobra na vertigem do bote:

– Oop!...

– Otacílio! Que milagre! Te assustei?

– ...Dona Otília?! Tô aqui vendo se falo com o Seu Valentinho. Tava aqui pensando.

– Ah, mas acho que é melhor sentar, que de pé tu cansa. O Deco trabalha aí agora e chega em casa sempre atrasado pro colégio. Depois que aqueles comunista se acamparam lá no arroio aquele, bá, acho que vai rodar, estudioso do jeito que é.

– Vou esperar só um pouquinho mais...

– Então, tá. Dá um abraço na Tunica. E passa lá em casa, o Dorismel vai ficar faceiro, tu sabe como ele é contigo.

– Não sei quando volto pra fora Dona Otília, mas vou fazer uma forcinha pra tomar uns mate com ele.

A mulher segue seu caminho e Otacílio, descoberta sua invisibilidade, procura colocar-se bem atrás de uma das árvores, de modo que o tronco fique entre sua pessoa e as pessoas que entram e saem do Rural, de tempos em tempos ladeando as espaldas contra a parede pra ver quem e querendo que fosse, um deles entre tantos, o patrão. Entretanto neste exercício físico e mental, não percebera alguém que ao lado das escadarias do prédio, atirado no chão como uma casca de banana, a perna boa esticada e o toco com a moleza troncha de uma fatia de casca que, como um homem que esborracha-se do alto de um edifício, deixa-se estar como caiu, sem a compostura do inteiriço.

¹³² (essa é velha, não? Mas anedota não é, todos por aqui atestam em cartório sua veracidade, o que muda são os personagens... Outra coisa: queria que dissesse “meio”? Ora... na frente do Juiz?)

A calça dobrada nos limites do que o trem lhe deixou de perna – “loco de sestar nos trilho” –, na altura do joelho, ajuda a compor o desastre humano que estende a mão bêbada – o irredentismo do vício – a quem passa, os dedos pegajosos causando asco, obrigando os transeuntes a mudar o rumo de seu caminho pra desviar da casca asquerosa, sebosa, e, Deus que nos perdoe!, suja, resvalenta em que se transformou o Universal, guri criado ali mesmo no Cerro e que, quando veio servir, ficou e se entregou pra quica -, até ladrão virou.

2.5.12.1. Hay que tener cojones

Está nisso, quando saem dois gauchitos de seus vinte e poucos, com pilchas de patrão. Um deles, dentro de uma castelhana pura prega, atira uma moeda ao pedinte, como se joga bolita, se é que ainda se joga, e a moeda erra a caixa de sapatos com que Universal tenta, contorcendo-se, abaralhá-la, rolando de quina em piruetas pelo declive da calçada até desaparecer no meio-fio.

Os jovens atravessam a rua rindo e, bem diante de Otacílio, um brinca:

– Bem sem mau! Agora o cara vai ter que trabalhar pelos teus centavo.

– Bueno, Deus viu, ninguém pode dizer que não fiz a minha parte. Que vá cocheiar gafanhoto!

Felizmente, para o espírito de Otacílio,¹³³ uma senhora ajoelha-se na calçada, salvando a esmola do envelhecido, do acabado Universal, com quem um dia correrá carreiras, muito antes de ir ser peão de lavoura, ele, e servir o Exército, o outro, quando estava em paz com o mundo e a vida era uma longa estrada aberta à sua frente.

Ajoelhou-se como uma Filha-de-Maria, a senhora pobremente vestida. Suas pernas varicosas emocionaram Otacílio, ele mesmo ali, invisível, sem um gesto em favor do amigo da longínqua, perdida infância.

O calor deixa a gente ansiado.

A cabeça, por dentro, incha e o pensamento, esmagado contra os ossos da caveira, pega a dar manotaços – o pensamento, “como um pedreiro sem braços” – de afogado, nada construindo que pare em pé. Um estrangeiro seria capaz de matar pelo desatino do sol na cuia; e, saibam, o júri o condenaria, não por matar, por favor, matar é coisa de estar vivo, mas por qualquer insignificância: por ser gringo e não tinha nada que vir incomodar os paisanos; por não ter aberto os tarros no enterro da mãe... Pois, bem feito!

Já o gaúcho não precisa andar pisando em ovos toda a vida, mais liso que bunda de santo; ao contrário, hay que tener cojones e manter afiada a faca.

3.II. Seu Mulita e as Multinhas

“João Burro” ouvimos a folhas tantas, lembram?

João Burro conheceu Mata-Sete e Saia-Curta em um bolicho de campanha. O dono do estabelecimento era um oriental, que por aqui ficara quando da estada de Lavalleja no Guassu-boi. Encambichara-se com uma chinoquinha flor de mimosa e, bueno, sea lo que

¹³³ (não tem pilchas, mas tem alma, há horas o Papa, por Deus, decidiu)

Dios quiera. Tiveram sorte, que a Noemi, nome da moça, era os dendém dos patrões. Por conta disso, deixaram que Fito e Noemi botassem um bolicho no posto da estância que ficara sob a responsabilidade do castija, longe da sede, perto da estrada para Santana Velha. E assim foi.

Quando os três fundadores¹³⁴ se encontraram no lugar, já fazia pencas de anos que Fito estava por lá, cada vez menos posteiro e mais bolicheiro, pançudo e preguiçoso que só ele. Devia andar pelos sessenta e pico, o Seu Mulita.

Ah! vocês não sabem.

É que a Noemi ficou prenha só duas vezes e nas duas deu uma ninhada de duas fêmeas. Que nem mulita, Noemi só dava fêmeas ou só dava machos; modo de dizer, porque macho nunca deu, pra desgosto do Fito, desde então alcunhado de Seu Mulita. O velho não ligava pro apelido. Na verdade, não ligava mais era pra nada, depois que a Noemi morreu, com certeza de mau olhado das vizinhas invejosas do tão feliz que vivia com o marido e as suas florzinhas. Ciriaca e Jacinta, Consuelo e Soledad chamavam-se as niñas, paridas nesta ordem mesmo, em duplas, com dois anos de diferença entre elas.

Ciriaca assumiu para si a tarefa de substituir a mãe nas fainas da casa e o pai no balcão. Braba cosa seria, mantinha os mamos no canto deles e, sempre ao alcance da mão, a velha garrucha de dois canos que o pai usara em suas passadas batalhas. Lo que pasa es que Ciriaca também sabia usar os punhos, as manoplas grossas e duras da lida, e trazia, na fivela da bota, uma cherenguinha afiada, com a qual limpava as unhas e furava buchos como se fosse o mesmo. Dois se sabe que sentiram na carne a destreza da moça e nenhum está vivo pra dizer “não, não”. Falam uns metidos a sabichões que vem de Ciriaca a expressão “faca na bota”, que apoda os de pavio curto muito enconradiços no pampa. Vai-se saber..

O caso é que Mata-Sete e Saia-Curta costumavam sempre dar um descanso pros esqueletos de suas andanças de livres no bolicho do Seu Mulita, que tinha uns ranchos pra receber mesmo quem ficasse pro pouso. Queriam bem o viejo, e como não?, todo mundo queria, mas queriam, de verdade, bombear Consuelo e Soledad, se lhes davam a confiança de um olhar, se falavam-lhes com voz doce como a rapadura que rebofcavam na boca, atentos aos movimentos graciosos das duas, rabaneando – e eles enrabados – saias pra lá e pra cá.

Às vezes Ciriaca passava um pito nelas, se os ovos eram pra hoje ou pra amanhã, se já tinham varrido embaixo da parreira. Mas – isso é que era lindo –, gostavam umas das outras, ajudavam-se, e cuidavam tanto do papito, a essas alturas sempre com uma dorzinha ou outra, que comoviam os corações de todos quantos as conheciam. E aí morava o perigo: o macherío caía de amores pelas “mulitinhas”, disputando na faca a ilusão de serem os escolhidos, quando, no íntimo, Consuelo já entregara seu coraçãozinho a Mata-Sete e Soledad o seu a Saia-Curta. Mas – ninguém é adivinho! – guardavam tudo pra si, as gurias. Foi então que os eleitos, ignorantes de sua sorte e vigilantes das amadas, pecharam com seu destino em uma tarde transcendente.

¹³⁴ (de Nova Hereford, adiantamos, para que não fiquem boiando como cagalhão na correnteza)

3.II.1. *Palavras mais ou menos xucas*

O Seu Mulita equilibrava o sono nos pés traseiros de uma cadeira com o espaldar apoiado num dos paraísos que davam sombra pras casas; Ciriaca cuidando disso e daquilo; as outras sentadas em um planchão, conversando e rindo... de jovens, de bonitas. Mata e Saia, como sempre, sentaditos em tripés, matando a canha a goles curtos e espaçados pra melhor cubarem as moças; se viesse um sinal da parte delas, não poderiam estar borrachos, ora, já esperavam bota tempo nisso.

Do lado de dentro do bolicho, um gaúcho sisudo, melenudo, mudo, pro causo, não dera palavra até então, limitando-se a apontar a branquinha pra Ciriaca, levando a garrafa inteira pra mesa de tábuas escuras perto da janela, donde podia ver todo movimento no pátio e o lançante da estrada que vinha dar até ali. Não era conhecido do lugar, mas suas bombachas, pura prega e largas como barriga de prena – deixando o bicho bem à vontade, faceiro que nem bugio em mato de fruta –, faziam crer que viera do outro lado. Dali, mal levantando os olhos do copo, que o absorvia, viu o homem que se aproximava, com tope de estancieiro, pela montaria, os aperos de prata e a pilcha bem cuidada, as botas russilhonas sem mácula, o trote fazendo tinir os penduricalhos de sua riqueza.

O Seu Mulita roncando; Ciriaca, como se nada houvera; as meninas, repentinamente caladas; os dois gaúchos firmes nos tripés, como que mastigando a canha, o morticho aparente do lugar – tudo observava o estranho. O melenudo foi o primeiro que viu os outros cinco de a cavalo que acompanhavam o patrão à distância, como escolta pro guerreiro; de que guerra não sabia, mas desconfiava, vivido, sorro criado pela vida andeja. O cola-fina – não era mais do que isso, mais perto se vê, branco como um papel, barbicha desenhada e cheio de ademanes – aproximou-se, apeou, tirou as luvas – andava de luvas, sim, senhor – e, dirigindo-se a todos e a ninguém, trinou, com sua vozinha de colibri:

– Buenas tardes, Seu Mulita, Multinhas, meus cunhados. Só vim pegar a Jacinta; pago o que me for cobrado!

Pro feminino da voz, palavras bem mais ou menos xucas.

Mas a valentia do moço assegurava-se na comitiva de – esses sim! – gaúchos de lei, que se aprobejavam devagarito e desciam dos fletes com toda calma desse mundo, pitando uns, coçando a barba outros, todos de Collien à mostra. Então o mudo, vendo o mal-estar das moças, da furna da janela, largou seus versos rinhadores:

– Cara-volta, manflorita,¹³⁵ que gente aqui não se vende. E já! Que eu te prendo o ferro e não vai ter quem te emende!

3.II.2. *Os três fundadores*

Surpresa?

Hay que contar a história con colores lunfardescas, pra que não soe, por incomum, boletera.¹³⁶ Não só a história mandamás,¹³⁷ que nunca deu a João Burro seu verdadeiro

¹³⁵ (“frescote”, pro causo, em lunfardo, fala de gaúcho pobre)

¹³⁶ (“mentirosa”, e aproveitamos para nomear nosso especialista na gíria, o professor F.Grbac, responsável por todo esse bochincho)

¹³⁷ (de “patrón”, logo, filho-da-puta)

valor – nega-o, por não ter sido um bacanazo¹³⁸ e, sim, um banderudo¹³⁹ de sua valentia de gaúcho rude –, mas vocês, todos surpreendem-se com a resposta do herói dos mistongos,¹⁴⁰ tido, por pobre, como ignorante, sem espírito, sem alma, todavia, para melhor borrar-lhe a estampa.

Pois, saibam, Burro, de burro não tinha nada.

Analfabeto, por certo, mas inteligente como poucos, foi daí, de seu tutano, que tirou os versos de contradita, hombre carpetero¹⁴¹ en la alambrada,¹⁴² instrumento que aprendeu a tocar, más o menos, com um certo capitão de Santa Fé – mas não como ele, legenda! –, em uma das tantas refregas pampeanas, nos descansos entre as batalhas. O terão chamado Burro talvez por sua força obstinada que, afinal, depois de muchos abriles, o matou.

Vejam o caso: estava a pecharse com um graúdo em um bolicho qualquer, sem saber se contava com os dois outros, pois do velho, mortadela en sus sueños, nada esperava e das fêmeas, bueno, talvez Ciriaca, se tivesse una morocha,¹⁴³ o poderia ajudar. Quem empacaria que nem burro enojado diante da vontade de um oligarca com sua comitiva? João Burro, por supuesto.

Mas também – e aqui começa a verdadeira história de Nova Hereford – Mata-Sete e Saia-Curta, que levantam-se e postam-se lado a lado com o valente, mostrando que, sin pelea, nada se resolveria. O mocito, de papel, ficou transparente e perdeu sua verve versejadora; quedou-se mudo, o flaco, cambiando com João Burro, que só falava o necessário, a impressão inicial. Seus gauchos aproximaram-se, mas o fanfarrón estava indeciso entre seu gosto por Jacinta e seu gosto pela própria pele. E nesta estava quando Ciriaca, que fizera a volta pela culatra do rancho, saiu detrás de uns restos de carreta amontoados junto a uns cepos com a pistola apontada para o tonto. Seus capangas moveram-se no átimo em que o chumbazo estalou, acertando-lhe a mondonguera.¹⁴⁴ E – ai! ai! ai! – instalou-se o kilombo.¹⁴⁵

Dois trataram de atender o patrãozito, os outros atiraram-se contra Burro, Mata e Saia, desistindo de Ciriaca, desaparecida, pro causo, no bolicho. Seu Mulita, derrubado pelo tiro, de susto, engatinhou pra trás do paraíso encostado no qual cochilava. Não que fosse um covarde, mas estava sonhando, como todo velho, com una milonguera,¹⁴⁶ Rosaura, com quem gastara muitas latas dançando séculos atrás, e, no sonho já a iba mojar,¹⁴⁷ comprendem?, Mulita já a estaba mojando e... lo qué? Puta que lo parió! Já la iba mojar! Não atinava com as coisas.

As outras três bestias,¹⁴⁸ que de bestas nada tinham e muito mais mereciam, flores do campo cultivadas com amor por Deus, do que serem lufanías¹⁴⁹ de gaudérios, sumi-

¹³⁸ (“refinado”, isto é, frescote)

¹³⁹ (“briguento, aspa torta e ostentador”, pedindo pisa)

¹⁴⁰ (“humildes”, a quem pertence o reino dos céus... está escrito)

¹⁴¹ (“bueno cosa séria”, da carpeta a tudo o mais)

¹⁴² (“guitarra pampeana”, para una milonga de amor)

¹⁴³ (“pistola”, coquimbos!)

¹⁴⁴ (nem precisaria, quem já não comeu mondongo com batata ou torta de mondongo? Não é bem, mas é perto: “estômago”, quer dizer)

¹⁴⁵ (“desordem”, vejam o preconceito do termo)

¹⁴⁶ (“puta” ou, se preferirem, “dançarina de cabaré”)

¹⁴⁷ (não compreendem: “comer”)

¹⁴⁸ (las “mujeres”, língua carinhosa...)

¹⁴⁹ (“musas”, o que mais?)

ram de vista também. Assim foi que o trio de macanudos fundadores de Nova Hereford entreteu-se em despachar, a golpes de facão, os maulas, basuriando¹⁵⁰ el mayoral chico com patadas em sus nalgas. Dizem – e falam baixo – que os degolaram a la postre,¹⁵¹ quando – e sussurram – ainda viviam.

O patrãozinho era filho do maior sesmeiro da região, que dedicou sua vida, a partir do “batifondo¹⁵² das mulitas”, a caçar os três valentes picaflores.¹⁵³ Mala suerte tuvo! Deus estava com os outros, que juntaram uma montonera de iguales e, movediços no pampa, vaqueanos da patria gaucha, foram dizimando o exército do terrateniente e aposando-se de suas anchas coxilhas, aguadas fartas, vacagem abundante.

Fizeram mais.

Fundaram um pueblo pronde acorreram todos os vagamundos da terra, aqueles que o eram por gosto e – muitos mais – os que, com a distribuição e ocupação dos campos realengos por particulares, não encontravam quehacer, sabendo tanto sobre a lida que o novo pueblo de deserdados era como uma convocação al placer, aos tempos bons de outrora.

3.II.3. *El agua de las aceitunas*

Lindo nisso que João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta não posavam de donos, ao contrário: os gauchos iam chegando e arranchavam-se aqui, neste alto de buena vista, ali, à sombra mimosa dos ipês, alhures, onde o arroyo faz curva. E tanto foi que, do nada, do deserto, ergueu-se Nova Hereford, assim nomeada bem mais tarde por Rivaldir dos Santos,¹⁵⁴ querendo homenagear o gado pampa do pampa, e lembrando mesmo o condado inglês berço da raça de cara blanca.

Achumados¹⁵⁵ do poder perrerrista, os dos Santos, Valir e Eldomir, burocratas da intendência, como quem cambia el agua de las aceitunas, fabricaram um caudal mal cheiroso de hechos positivos em atas, opúsculos, placas de bronze... ergueram estátuas, tudo o que Rivaldir, o irmão mais velho intendente, precisava para tornar-se – gran cachador¹⁵⁶ – el héroe de la cambusería.¹⁵⁷

Burro, Mata e Saia, afiambrados¹⁵⁸ por Deus sabe quem, tiveram seu legado prostituído. O que era de la barra brava, de los mamelucos, dos sem lei nem rei casoriados¹⁵⁹ por terem donde haver-se, da chusma paisana, dos pobres do pampa que prali retiraram-se pra, enfim, terem paz, o que era destes foi chorreado¹⁶⁰ por ladrones baquianos, una compadraje de refinados. E, hoje, Nova Hereford é uma cidade igual às outras do pampa,

¹⁵⁰ (“humilhando”, e bem merecia)

¹⁵¹ (“por fim”, “de sobremesa”, e bem mereciam)

¹⁵² (“briga, acontecimento, bochincho”, coisa pra lá de corriqueira)

¹⁵³ (“gaviões, sedutores”, ora...)

¹⁵⁴ (não os mesmos Santos de Concepción, mas do pau oco igual)

¹⁵⁵ (“bêbados”, que sempre los hay)

¹⁵⁶ (“bufão embromador”, nada mais, nada menos do que isso)

¹⁵⁷ (“a malta do poder”, se quisermos ser educados)

¹⁵⁸ (“assassinados”, da história, compreendem?)

¹⁵⁹ (“casados”, cabresteados, pro causo)

¹⁶⁰ (“roubado”, muito do pampa, bá!)

o mesmo largo desierto y el camelo¹⁶¹ dos índices de lotação pecuária, broma de alto custo social.

Otacílio ainda não, mas muitos por aqui – muitos! – estão a correr la coneja.¹⁶²

João Burro, Mata-Sete, Saia-Curta? Malhechores! El héroe: Rivaldir dos Santos.

Así es la lunfardía, bem o contrário.

2.5.13. “Uma sombra que se espicha”

Otacílio sente o calor inchando. Desiste de esperar o patrão – amanhã, no mais – e caminha as três ou quatro quadras que o separam do Caagai,¹⁶³ buscando a fresca das margens da água corrente. Senta numa pedra sem limo e fica, do alto da barranca, a observar o rio. Com a mão esquerda, que o índio é destro, pega a corda melada do fumo novo – e flaquito, paciência –; com a direita, a cherenginha de lâmina gasta de tanto afiar e perder o fio no ácido e no pétreo das folhas retorcidas. Corta fora a casca e põe-se a tirar fatias da corda, que caem, acumulando-se na palma da mão em concha. Descansa a faca, assim, no costado da perna e, com a digital do polegar, em movimentos circulares, desmancha o fumo em fios, coloca-o na palha, lambe a borda e enrola o crioulo. Risca o fósforo, sorve, como quem respira fundo, o sabor vital do tabaco e garante para si mesmo: “amanhã eu falo com ele, nem que...”¹⁶⁴

Satisfeito com a renovada decisão, até se ri do que não pode mais – “encilho o tostado e vou!” – , mas que, se Deus quiser, poderá. O tostado continua na fazenda, lindaço; mas pode ser o mouro ou o zaino... Otacílio sabe – isso é mais velho que as pedras, tá no Simões, bem dizer uma Bíblia Gaúcha que todos rezam, mesmo quem ler não sabe – que não dá pra se fiar “em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado”. E é. Mas, já disse, se contenta até com a rosilha velha.

Um movimento rio acima chama sua atenção.

Um punhado de gurizotes luta com o que parece ser um sofá... também ali uma mesa de fórmica e duas, não, três caixas de papelão fechadas. Fazem força pra tirar do meio dos galhos trançados das árvores, que serviu-lhes de esconderijo, já se vê, pro que conseguiram pegar na loja incendiada. Garantidos os objetos, deixaram passar o mosquedo e agora, que a barra do dia ameaça morrer no horizonte, preparam-se pra levá-los pra casa. Viram a mesa, encaixam o sofá entre suas quatro patas e empurram o barco improvisado, que – “bem sem jóia!”, exulta um – bóia. Empoleiram-se nas beiras do sofá, um de cada lado, de pé no que sobrou do tampo da mesa, e põem-se a remar com pedaços de madeira, rio abaixo, enquanto que os demais aboletam-se no almofadado com as caixas.

¹⁶¹ (“trampa”, “farsa”)

¹⁶² (“mencidência”, “indigência” – de conhecimento gaúcho, vocês!)

¹⁶³ (“rio da canoa do mato” ou “rio do mato de canoa”, em língua local, porque de certa árvore ribeirinha ocavam seu meio de transporte. Outra explicação, do Dr. Roger, exalta a opulência – de outrora – da mata ciliar do Caagai, tão fechada que os índios escondiam as canoas no mato para irem-se ao matinho)

¹⁶⁴ (este Otacílio! Sempre prometendo incêndio, mas pra amanhã... “Incêndio, pra ele, parece que é a brasa da ponta do palheiro... Não vê lá fora, quando se veio?! Sempre que acende o pito, fica prometendo...” – observação de um colega que, na verdade, é contra um peão ser mais importante do que o patrão, mesmo no papel degradável da pesquisa assistemática e da literatura aldeã. ...Mas haveremos de ser livro didático!)

Passam por Otacílio com sua chalana de pobre, num griterio, assanhados que nem lambari de sangá. Somem na curva do poente, deixando no que fica, sentado, pitando, “uma sombra que se espicha”.

2.5.14. *Más vueltas que la oreja*

Lembra, misturado, de quando era guri e de uma música do Jundiá, “o malhor”, Telmo de Lima Freitas, que diz assim: “Amanhã, / de manhãzito, vou varar o passo. / Nem que seja a nado, / tenho que varar... // Tem serviço grande / na Querência Nova, / vou botar em prova / meu pingo de lei. / Pega de turuno, / castração de touro, / esse servicito / más o menos sei...”

Mas sabe que a renovada decisão de procurar o Seu Valentininho amanhã foi, preto no branco, um adiamento, uma fuga, uma covardia (t tem raz z zã, affffffff final, o cocolega pipiolho de rrr rrr rico, s sss sss...). Não acha engenho pra chegar no patrão e inventa razões pra não enfrentá-lo. Desfeiteia-se o gaúcho, como um pura pose; um homem muito outro que o que pensa ser, templado nas lidas campeiras; um qualquer, que tiene más vueltas que la oreja, indeciso, enrolado que nem cabelo de negro.

Quando guri, depois do almoço, um calorão como o desses dias, mas no pleno do verão, o capataz dizia:

– Tacío, despôs vai lá tocá os ca’alo.

Ele ouvia o “depois” e continuava a jogar o osso com os outros muchachos da estância. Mas não por muito tempo. Logo o homem gritava, recostado em sua cadeira alta, sem tirar o chapéu que cobria-lhe os olhos:

– Tacío! Por que já não foi?

(Pensou ter aprendido a lição: não há depois, o depois é já.)

Saía chispando a cumprir a ordem. Deixavam então os cavalos umas boas horinhas na sombra, pra esfriarem o lombo, só aí saindo pro campo.

Nesse tempo, banhavam, boqueavam e dosavam, tudo junto, mais de duas mil reses. Os animais ficavam abombados por causa do carrapaticida, um banho violento cosa séria. Quando o serviço era grande, esperavam as fresquinhas e saíam de madrugada. Mas nos bichos, lembra bem, o carrapaticida dava uma febre bárbara. Em compensação, quando largavam os animais nas invernadas, era uma alegria, um orgulho de quem merece, como diz o Telmo, “depois do serviço, / um beijo daqueles / numa meia quarta, / para refrescar”, e na volta pras casas, abria-se o peito “ao desencilhar”.

Mas as promessas para o amanhã de Otacílio, hoje, não são de orgulhar-se; a pé como um chiru qualquer, e na lavoura, não difere do pobre do Universal, bem domado e enfrenado: as forças de que precisa são pra pedir que a si próprio desencilhem e possa, então, gaúcho livre, seguir o que Deus manda.

Viver é bucha!

2.7. Troncho de tanta bocha

Viver é bucha! É chicho atrás de chicho; paga e não bufa, se não, adeus tia chica. Se fosse luxo... Mas, não, é tudo chueco. Chô-mico! Puxa...

Deve dever muito Otacílio.

Já anda meio troncho de tanta bocha que leva da vida, sem entender o porquê, analfabeto dessas coisas que não são mais como antigamente na campanha. Ainda agorinha navegou frente a seus olhos um sofá, e tripulado. Houve tempo em que embarcações de guerra patrulhavam esse mesmo rio, munidas de canhões de ante-carga de 40mm, minúcia que desconhece. Mas ouviu falar que a cabeça de Gumercindo Saraiva – o taura indômito que, com Joca Tavares, liderou os maragatos em 1893, a mais sangrenta guerra civil jamais ferida em nosso país, o que nos ufana – fora jogada num rio como esse por algum pica-pau biriva.

Vingava-se o acontecido no Rio Negro, quando os homens de Saraiva, liderados pelo cirúrgico degolador uruguaio, o mulato Adão Latorre, aplicaram a gravata colorada em 300 inimigos? Se sim, o que foi então que houve no Capão do Boi Preto, quando Firmino de Paula mandou abrir bocas de orelha a orelha no pescoço de 370 maragatos?¹⁶⁵

Mister Joseph Love,¹⁶⁶ um americano enxerido que andou pesquisando documentos pelo Rio Grande, concluiu que Firmino não tinha os seus, idos em conseqüência de doença venérea, o pobrezinho.¹⁶⁷ Como diria Latorre, mestre no assunto, hay que poner cabeza. Nada justifica os setenta a mais do Boi Preto, setenta e um com Gumercindo, mais tarde, que valia por... bá! Portanto, feitas as contas, e arredondando, os pica-paus, só nestes episódios, devem pra mais de mil execuções. Como não se sabe quantos Gumercindo degolou no Potreiro do Segredo onde, dizem, o gado escusa-se de pastar – azar o dele, campo de primeira –, jogar a cabeça do general no rio foi uma hedionda judiaria.

Já imaginaram, vejam... já imaginaram o sofrimento de seus pais, Francisco e Propícia Saraiva, que, como gente de fronteira, criaram seus rebentos – entre os quais o caudilho Aparício – pra matar e não pra morrer?

2.7.1. Freiras de Porto Alegre

Muito se degolou por este Rio Grande afora.

Em telegrama ao presidente Floriano Peixoto, o general João Telles afirmava que:

– Os assassinos são em número muito elevado, pois por toda parte se degolam homens, mulheres e crianças, como se fossem cordeiros.¹⁶⁸

A Senhora¹⁶⁹ Pesavento¹⁷⁰ diz que a degola “é a extinção da vida de forma difamante”:

¹⁶⁵ (eunuco filho-da-puta!)

¹⁶⁶ (JL, pro causo)

¹⁶⁷ (ora, pobre es el diablo, que perdió la gracia de Dios!)

¹⁶⁸ (ainda vamo repetir esta fala, que é boa barbaridade)

¹⁶⁹ (damos senhoria, notaram? É porque respeito é bom e gostamos)

¹⁷⁰ (doravante SP, mas nem sempre)

– O cara não morre lutando, de armas nas mãos. O cara morre como um bicho. É como se a vida do inimigo não valesse sequer o preço de uma bala de revólver. A degola se constitui um ponto de referência. Ela mostra que o Rio Grande do Sul é violento e, de uma certa forma, vai ao encontro e de encontro a essa questão da imagem do gaúcho forte, violento, senhor da guerra e, mais modernamente, politizado. Encontrar uma positividade na valentia é fácil, mas na degola é difícil.¹⁷¹

Uma afronta aos nossos costumes, concluiriam alguns ruralistas, empenhados em formar suas milícias pra varrer os sem-terra do mapa do estado. O Senhor Antônio Augusto Fagundes¹⁷² vê as coisas com desassombro, homem da campanha que é:

– Não se pode imaginar com olhos de freira de Porto Alegre acontecimentos do fim do século passado.

2.7.I.I. Ovelha não é pra mato

Freiras de Porto Alegre... Crer que tornaram-se “mal-assombrados” os locais onde houve degola, portanto, freirinhas, é o mesmo que pensar na terra santa, onde se crucificou Deus e todo mundo, como chão do gualicho.

Que nada!

O sangue derramado, esborrifado, borbulhado, esguichado, espalhado – de índios, negros, pardos e mesmo brancos – pelo pampa gaúcho dá sustância aos campos e fortalece as cabeças que nele pastam. SP fala em “cara”, diz que “o cara não morre lutando”. Quem vê cara não vê coração, não vê pensamento, idéia, não vê cojones. O coronel Manuel Pedroso não morreu lutando? Tentou subornar Latorre e não deu, mas tentou e isso é luta. Quando o outro lhe disse que sua vida nada valia, o que fez o coronel? Atirou moedas na cara do algoz e cuspiu:

– Então degola, negro filho duma puta!

Estava, pois, com as mãos livres e lutou até o fim com as armas que tinha, sua língua aliciadora e seus patações. Hoje, os campos de batalha são grandes mesas em grandes salas em grandes prédios em grandes cidades, onde pequenos homens, engravatados eles também, mas não da colorada – a hora deles ainda chega! –, decidem entre si e com vozes – nem ao menos “caras” – ao telefone, pra que lado do mundo vai o dinheiro, a possibilidade de sobrevivência.

Isso agora, porque daqui a pouquinho podem as verdinhas migrar pra outro continente e amanhã, quem sabe?

Cada movimento desses liliputianos mata de fome milhares de crianças cujos pais não têm onde cair mortos, cujo país fede a putrefação de estar morto, lá, longe das grandes salas climatizadas, aqui mesmo em Nova Hereford, onde estão abatendo novilhos com um ano de idade, parabéns!, e crianças com até menos, idem! palmas!, mostrando que a precocidade é um grande trunfo para a conquista de novos mercados.

Uma menina de dois anos – “uma véia quaje, compadre” –, na Vila Mucufa, os pais não sabiam o que fazer, a coitadinha só chorava e não queria comer nem banana amassada, foi levada às pressas para o plantão, teve sorte e, quase se finando de sofrer, foi

¹⁷¹ (mas... se ela mesma já disse: o inimigo não vale o preço de uma bala de revólver. A questão é econômica.)

¹⁷² (doravante AAF, se calhar)

atendida, salva. O médico, muito jovem, parecia um príncipe com o avental branco e o aparelho aquele no pescoço, como um escapulário, apontou seu dedo limpíssimo, cheirando a hospital, para os pais agradecidos da guriazinha e sapecou-lhes:

– Ela está com a língua mofada! Vocês não notaram que a língua da menina está verde de mofo?!

Os dois – “sim, Senhor, não, Senhor, obrigado, Senhor!” –, rendidos aos milagres da medicina. Tinham visto umas placas brancas e verdolengas, mas, Deus é pai, não haveria de ser nada, e, agora, esse Doutor, brabo... mas salvou, graças a Deus, sua guriazinha; e pelo SUS, sem cobrar nada!

Viver é bucha, mas tem lá suas recompensas.

Nem sempre “são sinos de madeira as pobres razões dos pobres”.

Mas aquela outra lá, vocês não conhecem, novinha, nem de maior é, não vive num treme-treme que deixa a gente com ânsia? Esses dias, num aniversário, a coitada saiu pra fora e a amiga foi de atrás. Barbaridade, a guria num tremelique só, chorando, disse que – quando a Diná perguntou “mas o que foi, Nininha?” –, que “tava coooooom...” “Frio?”, a amiga; “dor de barriga?”; “de chico?” ... Mas a riquinha tava “coooooom... vergonha” ...de tremer, de sentir isso que vinha de dentro e a fazia tremer de medo, vergonha “de não poder seeeee...” “Matar?”, a amiga, apavorada: “Tu não é louca nem nada!” ...“de não poder seeeee... controlar”. (Tttt tamb b b b bém ttt tem m mo sss di ssss ssss sso.)

Viver, definitivamente, é bucha! Ovelha não é pra mato.

3.II.4. Visita a Tia Marlí

O maioral de Nova Hereford, Rivaldir dos Santos – que o demo dele faça bom proveito! –, contam os documentos oficiais, era um homem muito religioso. Em sua campanha contra os facinorosos que assolavam a futura capital do boi em pé, estava ele nas imediações do Ivaí, águas feias aquelas, quando ouviu uma voz que sussurrava-lhe “*allea jacta est*”.¹⁷³ As cigarras faziam um barulho infernal e, mesmo, Rivaldir era um tanto surdo, resultado dos telefones recebidos dos irmãos mais velhos, Adacir e Aldimar, quando brincavam de interrogatório policial – assim como Valir e Eldomir acabaram surdos, vítimas das brincadeiras de Rivaldir, e Adacir e Aldinar da mesma forma, quando iniciados no ludismo perrerrista por seu denodado pai, Seu Ademar –, e sendo meio surdo Rivaldir, quando sussurraram-lhe “*allea jacta est*” entendeu “a véia já tá no leste”.

Importante dizer que seu principal biógrafo, o irmão caçula Claudiomar, menciona um “pássaro de nuvem com asas azuis” que teria roçado “o nariz aquilino” de Rivaldir, provocando-lhe “imediate irritação na mucosa nasal e os conseqüentes dezessete espirros, que, ôpa!, foram apenas dezesseis”. Dentre os tantos conhecimentos de Rivaldir está o da numerologia, logo, “com precisão matemática, ele somou um mais seis e chegou à sensata conclusão de que o total dava sete”.

Observem que, fossem os contumazes dezessete espirros, jamais Rivaldir tomaria a decisão que tomou e que, segundo Claudiomar, transformou a terra da região “de assombrada em abençoada”, pois, “sem dúvida, fora tocado por um anjo, o que, ao fim e ao cabo, confirmou-se”.

¹⁷³ (Dr. Vazulmiro)

Na cabeça privilegiada de Rivaldir – ainda firme no pescoço! –, o raciocínio estabeleceu suas inteligências: tinha “a véia já tá no leste” e tinha o “sete”. Conhecia muitas velhas, como poderia saber a qual se referia o anjo? “Leste”, sim, mas em relação ao sol ou tendo em conta a posição em que estava, centro do oligouniverso, quando o anjo o tocou? Questão difícil quando se trata de um sinal dos céus. “Sete” era sete mesmo, o número sete, da perfeição, do espiritual, do superior, de gente peregrina como ele,¹⁷⁴ que têm como missão liderar na busca pela verdade.

O que era o óbvio para Rivaldir, homem elevado e consciente de sua grandeza, para os outros, não. E, vejam, Deus é sábio: não haveria revelação alguma não tivesse Deus dado a Rivaldir sete primos – Agenor, Aldenor, Albenoir, Deolmir, Elecy, mais os gêmeos Dorgival e Dorgivan – e não fosse sete um número primo. De todos os sete, nenhum vivia por perto, mas a tia Marli, mãe do Elecy, sim, logo no que começa o cerro de pedra, e, com seus quase setenta, era mais do que “véia”. Rivaldir reuniu então os seus homens, que descansavam nas sombras ciliares do Ivaí – hoje mermadinhas, esses gringos lavoureiros!¹⁷⁵ – e disse:

– Companheiros! A sorte está lançada! Vamos visitar tia Marli!

E foram, a trotezito, cobrir o pouco mais de légua que distava a morada da anciã, no rumo do nascente. Um brincou:

– Hoje tô meio mal do estombo. Vô tomá só um chazinho de lucera... com duas bolacha inteira!

E todos se riram, antegozando as delícias de um espinhaço de ovelha com pirão, o sono garantido do galpão...

2.7.2. “Com sangue entra a letra”

A cabeça de Gumercindo Saraiva desceu o rio como um pedaço de qualquer coisa, como um sofá barato.

Mas – por favor! – não era só “cara”, era a íntegra cabeça donde brotaram idéias revolucionárias; mais do que isso, era a lenda, a tradição dos pagos. Caudilho, porque atrás de si, como uma cauda régia, caudais de seguidores se vinham, e cada vez mais, sem perguntarem-se do motivo: “praoquê?” Bueno... os gaúchos, por divertimento, gostavam de brigar com cuchillos, terminando a peleia quando um marcava a talho a cara do outro. Abraçavam-se e iam beber juntos, satisfeitos, os dois. Às vezes, raramente, o risco – perdido como peido em bombacha – queria tirar ali mesmo sua desforra, e a diversão tornava-se coisa distinta, duelo a morrer, como aconteceu certa feita com o bom amigo de Don Segundo, que, além de marcar, teve que defuntear o desafiante sotreta.

Mas, então – só pra isso que elas servem? –, tinha mulher no meio.

É como diz a quadrinha: “As mulheres são potrancas / Que a gente doma e bota cincha. / Depois, é montar nas ancas / E dê-lhe pau que ela relincha.”

A domesticação das chinas, na lei, deveria ser como a dos potros.

¹⁷⁴ (o Conselheiro, os Pedro & Paulo, o coelho, a andorinha...)

¹⁷⁵ (agora vão ter que tirar licenciamento ambiental pra puxar água, e já não era sem tempo! – Resolução 284/01 do Conama, gringalhada relaxada!)

Don Acevedo Díaz¹⁷⁶ ensina que esta “custava sangue: aplicava-se ao bagual o cruel preceito então em voga nas escolas primárias: com sangue entra a letra”.¹⁷⁷ O gaúcho entendia que ao cavalo “só faltava a palavra”, como ao cachorro. “Reconhecia neles memórias e idéias”, inculcadas “mediante castigo”, claro. O que não livrava o flete de novos castigos:

– Se o animal se revelava lerdo e ruim na marcha, ou se rendia ao cansaço, seu dono arrojava-se em terra cheio de raiva e afundava em seu pescoço o facão, quando não optava por derrubá-lo com um golpe de rebenque na cabeça.

Com sangue entra letra, respeito, tudo. Se só faltava a palavra aos bichos, as chinas melhor serviriam como as éguas, mudas. Ainda assim, pra um gaúcho “recio e grave”, mesmo caladas, figuram perigo: a paixão que despertam. Mesmo um livre, que sempre andou de escoteiro pelo pampa, sem chamichungas ou mechinflarias, pode adoentar-se deste veneno.

Por exemplo: Pedro pega uma qualquer, despojo de guerra, e, vai ver, dá com Verdina,¹⁷⁸ clinuda, negra de olhos azuis, troféu salvo da degola e, mala suerte, vê-se, da escrava, “secretamente escravo”. Outro exemplo: Dona Camila,¹⁷⁹ tão prendadinha, pespegando guampas no Sargento Miguel, honrada autoridade, com – Deus nos livre e guarde! – um padre! E um terceiro, pra completar: a “china Valmira”,¹⁸⁰ que o Coronel tinha em alta conta, quase como o cavalo Torrão, que “matava castelhano a dentada e pica-pau a coice”; Valmira, “a única mulher que eu amei na vida e que matei com um tiro porque me enganava”. Enganava e “com um pernambucano”!

Ana Terra e Bibiana Cambará,¹⁸¹ eis duas mulheres de respeito; homens da casa, como Ciriaca¹⁸² – como Tunica, virando-se solita enquanto Otacílio guerreira as hostes do arroz vermelho e outros inços brabos.

¹⁷⁶ (AD)

¹⁷⁷ (e, quem sabe, daqui a uns anos os cavalos não falem? A veterinária Temple Grandin, meio autista, descobriu que os cavalos pensam como ela; Marc Hauser afirma que alguns cachorros têm “consciência de si mesmos” – a cadela Sofia, ensinada por Rossi e Ramos pede o que quer tocando um, bem dizer, piano de oito teclas; Peter Singer quer uma Declaração Universal dos Direitos dos Macacos, algo assim: “Usar chimpanzés em experiências médicas é como experimentar com crianças órfãs”; diante da possibilidade de um contato com alienígenas, Sean Hanser afirmou, com todas as letras: “Talvez os ETs nos peçam para sair da linha e os colocar em contato direto com os golfinhos”... Vinícius Romanini juntou esse bando de lunáticos – tem até um corvo chamado Betty que pesca comida a anzol –, não sabemos se pra nos deixar alegres ou tristes. Sirley, o hipopótamo ilustrado, o elefante sentimental... Sirley deve exultar, mas Tiago, Hector, Danny... “preteridos por golfinhos? Mas aqui nem tem golfinhos!” Sirley que, pouca vergonha!, matou, bem dizer, o pai, grudando-se qual viscosa lesma à parede úmida do mausoléu dos Nunes, sempre viajandão, o paquiderme, *Mares do Sul* a puta que o pariu! – “assassino!”, grita-lhe o velho, puro osso, da terra revolvida –, se fazendo de surdo, posando de vítima, mais um impune nesta terra pulcra e verde como os ETs, como o mofo, como o zinabre nas lâminas desusadas das mortes cara-a-cara – “biltre!”, grita-lhe –, Sirley, sim... Sirley deve exultar...)

¹⁷⁸ (Schlee)

¹⁷⁹ (Assis Brasil)

¹⁸⁰ (L.F.Veríssimo)

¹⁸¹ (E.Veríssimo)

¹⁸² (do herefordense, pro causo, anônimo, parente de Horácio e Facundo Quiroga)

2.7.2.1. *Pra começar fogo*

A cabeça de Gumerindo Saraiva sendo comida pelos peixes e essas tretas já resolvidas grudando como bosta em tamanco. Coquimbos de além campanha, alvoroçados como mulheroio em instituto, trocando perdigotos. Cobiçava soltar ali um camundonguinho, só pra ver as pipocas pularem; rir dos ui! ui! uis! e ai! ai! ais! Falam pelos cotovelos, doutoreando-se.

Aquela revista!

Vem uma revista e – falta de assunto, com tanto assunto – bota os tipógrafos na labuta, a sujarem-se com tipos, tintas e clichês. Linda até, se vê de longe na banca, que nem laranja de amostra. “Mas, e o contiúdo?” Ah, bom! “Em todo caso, tem serventia pra começar fogo”, repete Dona Alzira.

Imaginem que a moça disse na tal revista que “não havia uma legião de grandes militares”, falando do gaúcho que defendeu as fronteiras do Brasil, que foi até Cerro Corá matar Solano López e pôr fim à Guerra contra o Paraguai; que teve que deslocar-se até o oco sertanejo pra dar um basta no Antonio Conselheiro; falava do gaúcho, que forjou-se como tal na luta e, pra não nos alongarmos muito – não se gasta pólvora em coquimbo, repisamos pra esmagar –, devemos repetir que, das guerras guaraníticas até, pelo menos, 1930, não houve um instante de paz no pampa... são surdos?!

Que coisa, vejam... a moça ainda disse que nosotros éramos “quixotes” e tínhamos “bravatas esporádicas”. Por favor! Será que a pobrezinha pensa que o campeiro estava quieto, fazendo a recorrida e sofria, num de repente, um ataque, e saía a ferir moinhos-de-vento imaginários ou a gargantear como um papagaio de corda? Pra desandar o caldo, com a maior naturalidade, ela acrescenta que o gaúcho do interior “ainda usa alpargatas”! Entenderam? “Ainda usa alpargatas”...

É de perguntar – agora, sim – qual a relação do cu com as calças!

Estão proibidas as alpargatas?

E as botas, pode?

As solas dos pés, templadas pelo uso e onde o espinho não entra?

Sintam-se livres as moças da cidade – e os moços – para usar o que quiserem: redingotes, taiers, pantalonas, saltinho, salto 15, chinelinhas de lã e – tudo vale, se a gente se sente bem dentro – também alpargatas, botas, ou, se acharem “trilegal” homenagear os ancestrais, saibam que as ilhoas vestiam mantéu e saia de baeta, os tropeiros chapéus de pança de burro, os minuanos e charruas usavam cocar, o ñhanduá paraguá e, um amor!, bolsas feitas de papo de avestruz sovado...

Falta de respeito!

2.7.2.2. *A fumaça colorida*

Do que falávamos mesmo?

A gente fica contrariado com essas coisas, periga ter um ataque do coração... Ah, sim... da revista – Henriqueta, faz um chazinho de cidró pra nós, faz favor... –, da tal revista, e tem mais, não sei se um do Instituto, mais veterano, não acaba baixando hospital.

– Onde estava a prenda?

– Como? Esse aparelhinho só presta mesmo pra inflamar o ouvido da gente. Como?

– Ela quer saber onde estava a prenda.

– Como?...

No afã de provar a bobagem de que os gaúchos pilchados nunca existimos, a escritora – é escritora, ela – pergunta “onde estava a prenda?” Conseguiram pegar o fio? Mas não vão se cortar, hein! Pandorgas na primavera, ó saudades, gambeteando, no azul da nossa infância (ainda que, às vezes, o barbante distendido dos ventos francos de setembro, nos molestasse os dedos, corte sobre corte, memória laminar deste e doutros cuchillos). Se entendemos bem, a mulher só acreditaria na existência do gaúcho, do monarca das coxilhas, no taura sem lei nem rei... se existisse também a prenda, como duas faces da mesma moeda. Bueno! Haja paciência... e nós a temos.

Quer saber da prenda, onde ela estava?

Pois ela não estava. Essa coisa bojuda que nem um abajur cheio de rendas, como bem diz o psicanalista, “foi inventada em 1945”. Teve como inspiração a “saia a balão”, moda “pelos anos de 1865 a 1870”, segundo o Senhor João Cezimbra Jacques.¹⁸³

Em homenagem a tal indumentária, o poeta Pedro Canga escreveu versos divertidos: “E de repente no mais, / Vi rodando como a lua / E fiquei atrapalhado, / Adeus caminho, adeus, rua; / Era uma dessas muchachas, / C’uma tal saia a balão; / Coisa feia, amigo Juca, / Por Deus e um patacão. / A mão lhe quis apertar, / Espichando bem o braço, / Cuepucha! se estava longe, / A um comprimento de laço. / São tão duras as tais saias, / Como casca de tatu; / Tem mais volta que a mangueira / Lá do Cerro do Baú.”

O que havia era o gaúcho e seu flete.

O bastante no ir e vir das coxilhas, fosse na lida do campo, fosse nas lutas fronteiriças: se moeda, eram as suas duas faces; se mito, o do centauro. “Prenda” era o que se pagava, derrotados nesses jogos infantis que já não existem mais: correr até o umbu e voltar, dar um beijo na Candoca, declamar uns versos... ora, derrotas...; “prenda” era o que fazia o joalheiro; mimo no mais.

Algum que outro pachola mimoseava, é fato, com badulaques, chinocas bem parecidas, coisa rara nas tascas do deserto. Na falta delas, qualquer uma servia – perro bueno mata todo bicho –, mas, pá e deu! Nada mais. Daí a levar na garupa outra boca – e pra onde, se morava no pampa aberto, sem nada de seu pra dividir? Pra onde, se ajustava-se aqui e ali, sem pouso certo? –, isso é que não.

A mulher não cabe no centauro – ó folgazões da capital! –, íntegro em sua natureza mítica. Por isso, Pedro, com “o peito apertado”, mas firme, disse: “Vai-te! Anda.” E apeou Verdina da sua vida.¹⁸⁴

O “gaúcho épico” existiu e existe. Otacílio é um, como tantos – pau de enchente –, embora extraviado na ciscana das periferias, sem atinar para a epopéia que o abarca e da qual só percebe os fogos de artifício, perdendo-se na fumaça colorida.

Existiu, carajo!, e “el más infeliz tenía tropilla de un pelo”.

¹⁸³ (doravante poderá ser JCJ)

¹⁸⁴ (Schlee)

2.7.2.3. Tocando gaita de boca

Se vocês vissem a Zulma matando galinha!

Encurrulava as penas num canto de cerca e, vapt!, pegava onde pegasse com suas garras e, no mesmo gesto de levantá-las do chão, as torcia pelo pescoço, num tirão, e deu, tavam prontas pra serem peladas. Se o prato ia ser galinha ao molho pardo – um espetáculo! –, ela cortava o pescoço delas e, à medida em que morriam, esvaindo-se em sangue, este mesmo sangue era aparado em uma panela e mexido para, com os demais condimentos, encherem o pandulho dos loucos-de-fome, mais tarde.

Os consumos, nas estâncias, eram abatidos quase todos os dias. Hoje, com a diminuição da peonada, pelo menos uma vez por semana, em propriedades médias. Qualquer campeiro sabe carnear, é fácil, criaram-se vendo e fazendo. Meter a faca no pescoço do bichinho – um novelinho, coisa mais riquinha! – faz parte da lida. Com bois e vacas já complica um pouco, requer um ou dois que lacem o animal e o puxem, para que firme-se bem, como estaqueado, facilitando o trabalho do magarefe que o vai sangrar. Sabem filé mal passado? O sangue é o mesmo.

O artista plástico que participou da matéria¹⁸⁵ publicada pela revista aquela – que já foi pro fogo, lembremos, soltando labaredas azuis –, acredita na autenticidade do gaúcho:

– Alguém disse que os gaúchos são o que comem. Eles mastigam. Eles não comem farinha, eles matam bois e mastigam a carne. A morte é constante. Eu tinha um cunhado que morava no interior, e o vi matar um boi com absoluta tranqüilidade. Fiquei apavorado, o bicho gritava, mas para ele era comum. E entre matar um boi e carnear um homem, a diferença é mínima.¹⁸⁶

É uma arte, a coisa, matar um boi, não vão pensando... Se o gaúcho não tem tranqüilidade, fura mal e o bicho sofre mais. A gente até pode ser o que come, sim, mas... bueno, isso é ofensa ou elogio? Nos acha, assim... fortes? ...violentos?¹⁸⁷ Ou, pior: nos chama de boi, que não tem bolas?; de vaca, sem pingola?

O artista acredita no autêntico quando vê um – ao menos cego não é!, os pilchaditos de mate em punho e termo no sovaco que se vê no Brique, estes não compra, imitação barata –, só que se pára difícil pra nós do interior estender a coisa – “os gaúchos são o que comem” – pra quem só se alimenta de verdura e outras perfumarias, pros invejosos que não são gaúchos, alguns até ladrões de nombrada. Estes pobres-diabos que só comem alface¹⁸⁸ – e, quando, uma vez na vida, tocam gaita de boca numa costela de ovelha, ensebando bem os beiços do gosto bom, daí a um pouco vão incomodar os outros vomitando e pedindo carquejas ou luceras –, viram o quê? alfoces? Ou é só o gaúcho que, pro caso, se transforma no que morde, como um vampiro ao contrário?

Esse artista, afinal, tá contra nós ou a favor?

¹⁸⁵ (Rudiard: “Há matérias e matérias: / O diamante, o ouro, a prata, / Vidro, lata enferrujada... / Umas, jóias; outras, nada. / Mas a mais ruim das matérias, / Sem caráter, deletéria, / É a tal da matéria plástica.”)

¹⁸⁶ (realmente, mas afora o açougueiro da Rua do Arvoredo, não sabemos de outro que tenha carneado alguém. Talvez pelo menor rendimento de carcaça...)

¹⁸⁷ (qualquer prazer nos diverte)

¹⁸⁸ (um ilhéu, mui comedor de verduras, veio se fresquear aqui e foi corrido lindo pelo Reduzo, índio cuerudo, podem perguntar)

2.7.2.4. Mão-de-obra especializada

Não importa o que pensem. Nosotros sabemos o que somos.

Sócrates, na casa de Polemarco, disse a Céfalo que apreciava conversar com os velhos, “pois são pessoas que nos antecederam num caminho que também iremos trilhar, para assim conhecermos como é: áspero e árduo ou tranqüilo e cômodo”. Além de Céfalo e Polemarco, estavam lá os irmãos deste, “Lísias e Eutidemo, e também Trasímaco de Calcedônia, Carmantides de Penéia e Clitofonte, filho de Aristónimo”.

Platão não refere Blau, nem Osvaldo Pereira, mas, pro causo, bem que calharia. Qualquer dos dois, com o claro do pampa na alma, que desmascara as coisas, ensinaria Sócrates – e a vocês, no tranqüilo e cômodo do artifício –, que a vida é o áspero e árduo, apenas isso.

Quem quiser saber mais, venha.

A Terra até pode girar, quem duvida? Mas o pampa continua aqui, tranqüilo como água de poço. Já dizia o Coronel João Francisco – que tinha uma qualidade de poço de dez metros de fundura, que usava como calabouço para os “mais atrevidos e indisciplinados” –, autoridade de Castilhos no Caty:

– Degola sempre existiu, mas era só quando a justiça exigia, para limpar um pouco este oeste de bandidos e ladrões de gados.

Saiu na imprensa de Buenos Aires e o Senhor Raul Pont¹⁸⁹ transcreveu. O Coronel apenas limpou a fronteira “de maragatos ventenas, bochinheiros e arruaceiros”. Seu trabalho era esse mesmo. Pra quem está com pena dos presos no calabouço, saibam que eles ficavam lá “apenas por quinze ou vinte dias”, e – escutem bem pra não saírem dando chilikie – o Coronel, “de vez em quando, lhes mandava um naco de carne, na ponta de um sovêu”.

Ou vocês prefeririam que os bandidos dormissem “duas ou três noites nas estacas”?

Uma injustiça alcinhá-lo de “hiena do Caty”.

Ademais, coisa muito importante em tempos de vacas magras, a degola – e do que falamos, afinal? E até disso já falamos – é um método barato de matar, só ocupa mão-de-obra, nada mais – ainda que especializada.

3.II.5. Bexigas purulentas

Ai, Deus, a vida é boa!

Voltemos ao filho-da-puta do Rivaldir, que deixamos lá, indo pra tia.

Diferentemente de seus capangas, Rivaldir ia preocupado no lombo do mouro, teso como um Cid Campeador – e, na verdade, campeava o que lhe sussurrara o anjo –, mas muito vivo, atento ao mínimo sinal de qualquer coisa. Voava um quero-quero na volta, gritando quero-quero!, e ele: “Olha o quero-quero. Tá protegendo o ninho.” Corria uma perdizinha e já escondia-se na macega e ele: “A perdiz.” Tomava o campo o cheiro bom da querência e ele: “Tem zorrilho por perto”. Ouvia-se um plof! plof! e ele: “Cagou um cavalo, e foi o zaino do Almerindo.”

Tais características de um indivíduo é que o fazem líder, um ser especial nascido para conduzir seu povo.¹⁹⁰ Nem bem chegavam e ele percebeu que algo estava diferente.

¹⁸⁹ (doravante RP)

¹⁹⁰ (o que é do homem, o bicho não come. Rivaldir não é João Burro, mas também não é qualquer um...)

Muitos cavalos pastavam nos arredores das casas e tia Marli só tinha uma meia dúzia deles, suficientes para o pastoreio de sua estanciola. Ué, saís!

– Bombeia por ali Antero e tu, Zeferino, costeia os matos – ordenou Rivaldir, seguindo ele mesmo, solito, pra não dar na vista de que eram um pelotão. Enquanto os chefetes e a soldadesca faziam o que mandara, Rivaldir, no mesmo trotezito de sempre, como se nada houvera, subia reto, corajoso, direito às casas, de frente!

Logo percebe – não é cego – corpos atirados no meio do arvoredo, mas quase todos sobre os pelegos, a cabeça confortável nos arreios, os pés largados como quem dorme pesado, nos dez pras duas ou nos quinze pras três, estes capaz que lhes doam as virilhas amanhã... Bueno. Apeia e vai saber da tia o que hay. Um cheiro enfermizo, o pensamento de alguma carne estragada no galpão acompanham-no. A porta tá encostada e tia Marli rressona no sofá, tapada até o pescoço, e nem tá frio. Por que a tia não tá no quarto? Vai bispar o resto da casa quando pisa em falso – está escuro ali dentro, já entra a noite – e chuta um balde¹⁹¹ no instinto de levar o outro pé adiante pra não cair.

O barulho da lata acorda a tia, gemente, coitada. Rivaldir aproxima-se do sofá, chamando “tia, tia, é o Riva, tia, tá me ouvindo, tia?” A velha emerge do chumaço do cabelo branco sujo que lhe cobre o rosto e mostra-se ao sobrinho, tomada de bexigas purulentas. Só diz “peste, a peste”, com uma voz que, de tão fraca, diria o poeta, “saída das bocas miúdas das feridas, por onde, em pus, também lhe saía a vida”.

3.II.5.I. A *vincha aureolada*

Rivaldir horroriza-se e corre porta afora atrás da sanga para lavar-se. Seus comparas, que já haviam compreendido tudo, tratavam de por-se ao largo da defuntagem, esperando as ordens do líder a distância sensata. Rivaldir corre e pensa que ouvira “a véia já tá co’a peste” e não, como – surdo! – achara, “a véia já tá no leste”. Carajo! Em seu caminho até a sanga, vai tropeçando em gente morta e semi-morta cujos queixumes formam uma espessa cortina de som, som que não sabe se geme fora ou dentro de sua cabeça.

Vai tropeçando e tropeçando sampa-se na água do poço do vertedouro, onde ele irrompe da terra cristalino, saneador dos males deste mundo. Assim pensava Rivaldir e pensam muitos: que as cacimbas pampeanas possuem dons miraculosos, capazes de, pelo prodígio de suas águas, curar o que não tem remédio. Que seja. Ao cair, no entanto, cai como num lodo; como em um sólido que cede até certo ponto, textura de almofada, talvez, mas de couro e, nem isso, mais leve, tumefato, e rasgadiço ao tacão da bota, o couro, que é mais como a buchada do boi que se tira fora ao carnear-se; pisa como em uma carne que desfibrila, pastosa, um lodo.

Ensapado da água densa, gordurosa, vômica – fluido cadavérico, morte infecta –, Rivaldir dá volta ensandecido e atira-se à mortalha, como um qualquer atrás de despojos de guerra, apalpando os vitimados, conspurcando-se, até que, no revolvê-los, acha o revólver pretendido, a cura, meu Deus! A cura! Acha e diz “meu Deus!”, ao elevar o cano até a têmpera latejante, e diz “meu Deus!” ao premir o gatilho, o que num átimo faria, mas, “meu Deus!”, não o faz porque vê nitidamente no alto das pedras, entre as palmeiras e aroeiras – bom dia! bom dia! bom dia! – que entornam o poço do vertedouro, a figura inconfundível de San Yermo, com sua *vincha aureolada*, o pala simples de baeta, chiripá, boleadeira, botas

¹⁹¹ (viram? Aquilo das palavras grudentas... “Chuta” e é batata, gruda “um balde”. Agora, já pensaram se não tivessem balde na casa da Tia Marli? Com quem ia se acolherar “chuta”? Ia ficar solteira? Bota problemão.)

de garrão de potro e aquele olhar firme que têm as almas personificadas. A mão lhe cai de um golpe, igual que o queixo, e arregalam-se-lhes os olhos na noitinha clara.

San Yermo diz:

– No!

E como o outro não representa ter entendido, San Yermo repete:

– Não!

E, apontando com o beijo os que apodreciam, diz:

– Si!, digo, Sim!, Yes!, Oui!, Si! Abombado!¹⁹²

Depois, desaparece.

3.II.5.2. *Agresividade magnífica*

Rivaldir ficou séculos com os braços soltos do corpo...

Séculos, como trapos, olhando para o alto das pedras, a copa das árvores, o céu límpido, até que uma sanha o tomou e ele descarregou o berro nos corpos que boiavam, e deu de mão em um sabre que por ali havia e trabalhou como um lenhador sobre os mortos já mortos e os que agonizavam na morte instalada, estrebuchando, esquetejando, degolando até cair sem forças, desmaiado.

Pelo sangue que correu dias como água – assim, veja, Platão, contam os antigos – de sanga campo afora, pelo sangue que da toca entre as pernas de pedra e os pêlos arbóreos verteu dias alimentando a – outrora imaculada – sanga sangrenta, esta passou a ser conhecida como a Sanga da Moça e o buraco, o poço, como Toca da Moça. Ali foi erguida a Capela de San Yermo,¹⁹³ um dos pontos turísticos de Nova Hereford; por Rivaldir, que, não só não pegou a peste, como, em sua gana sanguinolenta, acabou com o que restava de João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta, que eram os chefes da pandilha contaminada e que achavam-se, quando do transe espiritual do vulto herefordense, buscando desafogo na água que os afogou. Isso contam os documentos oficiais.¹⁹⁴ Sem os três líderes, o pobrerio achicou-se ou foi-se a la cria... e Nova Hereford é, hoje, uma cidade igual às outras do pampa. Vocês, de outras paragens, que vêm em romaria até a capela e horrorizam-se por qualquer zumbido de varejeira, saibam, com Don Barrán, que:

– El castigo del cuerpo, la violencia física, impregnaba todas las relaciones humanas en la cultura “bárbara”. La violencia política, lo que la historiografía clásica percibió siempre, es, en verdad, un breve capítulo de otra violencia más general e indeterminada, uno de los componentes básicos de la sensibilidad “bárbara”. Estos hombres vivían, al parecer, con sus pulsiones más libres. La cultura todavía no había podido apocarlas. La agresividad casi no tenía límites, pudiéndose calificar de magnífica e insolente, pues la sensibilidad la admitía como hecho normal, cotidiano y vinculado al placer.¹⁹⁵

Ah, o prazer! A vida é boa, cuñao.

¹⁹² (que coisa interessante, vejam, acontece muito parecido com o Túlio, que, quando fica mamado, dá pra falar línguas, coisa séria, ninguém entende. Agora mesmo, quer porque quer aprender a dos golfinhos, e isso também ninguém entende...)

¹⁹³ (que é santo, mas popular, como San Ernesto de la Highera. Roma se faz de desentendida...)

¹⁹⁴ (mas os corpos dos três gauchos – nenhum Sebastião, mas todos reis a seu modo – jamais foram encontrados)

¹⁹⁵ (ouvindo Don Barrán, podemos imaginar o júbilo de Rivaldir com essas palavras, pudesse ouvi-las em sua sanha destrutiva... e depois)

4.2. Veados galheiros

Gumercindo foi degolado depois de morto e enterrado.

Os safardanas não respeitaram nem o sagrado campo de batalha, embora alguém o tenha livrado de ser repasto de corvo ou... Nossa fauna é riquíssima, sabem? Tigre, leão baio, jaguatirica, gato-do-mato, porco-do-mato, irara, caxinguelê, lobo guará, graxaim, anta, veado galheiro, avestruz, colhereiros, João grande, seriema, macacos, araponga, anu, jacutinga, quero-quero... Ih, que se vai.

Certas aves matam até cobra, outras limpavam o sul de pragas como os gafanhotos – e trabalharam bem, porque a última nuvem desses desgraçados passou por aqui há mais de cinquenta anos, até roeram as unhas da vó do Seu Paulo, coitada, velhinha, tomando sol na espreguiçadeira, quando o sol sumiu, preteou tudo, e os outros, preocupados com o tanto a fazer pra defenderem-se dos bichos, esqueceram a Dona Vergília lá. Mas não foi nada, só o susto mesmo.

Os veados galheiros também matavam cobra, arrodando e babando em volta da peçonhenta até tonteá-la e, então, a patadas, acabavam o serviço. Os galheiros, além disso, eram bons de mijo, adubando os campos com ácido fosfórico. Cheiravam forte barbaridade, ver o zorrilho, só que um cheiro desinfetante, tipo pinho-sol, “servindo assim para destruir os miasmas e desta sorte as doenças epidêmicas, não só dos animais como do homem do campo”.¹⁹⁶

Uma pergunta: quem não tem medo de cobra?

– ...Tanto que, às pessoas más por demás, chamamos de jara, cobra...

Pois vejam que o veado galheiro é mais perigoso do que cruzeiras, jararacas e casca-véis. Cremos mesmo que o veado galheiro, só por isso – e acham pouco? –, deveria ser escolhido como o animal-símbolo do pampa. Pior – isto é, melhor – do que ele só o homem em seu cavalo, mas o gaúcho é incomparável, “horse concurs”, como diz uma das metades centáuricas.

4.2.1. Falta misericórdia

Além de JCJ, outros senhores, Domingos Barreto, em 1790, e Semple Lisle, em 1797, roçam o tema.¹⁹⁷ Diz o primeiro que as estâncias “abundam em gados, não tendo este ali valor algum”:

– Em muitas partes, chegam a matar as reses somente pela utilidade de extrair o couro.

Coisa bárbara! Lisle confirma:

– Os moradores sacrificam muitas cabeças de gado selvagem só para extrair os couros; as carcaças que deixam nos matos, putrefazendo-se, ocasionariam pestilências, não encontrassem elas uma sepultura nas entranhas dessas aves vorazes.

E quem são, que nos hablas, essas aves providenciais? Os abutres, ora, que, por sua natureza saprófata, tornam-se “uma benção” para os continentinos. Viram a riqueza da

¹⁹⁶ (JCJ)

¹⁹⁷ (porque falar do gaúcho é discurso inesgotável, tantas as peripécias, qualquer garganta ficaria com as almôndegas assim, que nem azul de metileno curava – mas roçar, dizemos, com carinho de escovar peicho)

fauna e a sabedoria de Deus? Mas tem mais, só para que não reste dúvidas sobre o assunto. RP:

– Gaudérios e changadores nômades invadindo a Vacaria do Mar, sacrificavam inutilmente o gado, apenas para retirar o couro e o sebo.

Esses gaudérios, “garruchos”, sem tirar nem pôr, eram os gaúchos, como Borges do Canto, gente que merece todo o crédito por ser o Rio Grande o que é e como é.

AD menciona o costume charrua de derrubar “a flor das reses” e de lhes arrancarem, “com o couro, só o costilhar de cima, pois não se davam ao trabalho de desossá-las e virá-las do outro lado”.

Jornais do século XXI dão conta de que integrantes do Movimento Sepé Tiaraju, que ocupavam uma estância na fronteira, abateram duas reses, levando apenas duas paletas e um quarto do primeiro bicho e, do outro, deixando apenas buchada, patas e o couro. Logo se percebe que são pessoas analfabetas em nossas tradições, embora esforçadas em aprender. Como os charruas – e os gaudérios de antanho –, mataram para comer o que cabia em sua fome, largando o resto para os abutres, mas deixaram – sem falar no mocotó das patas – o couro, vejam, judiaria.

Com o couro poderiam fazer tudo: botas, portas para suas barracas de plástico, criando a barraca-toldo, composição interessante do ponto de vista da arquitetura de sobrevivência – que tem nos arranchamentos sob as pontes urbanas seu “must”¹⁹⁸ –, tirador, chepies e cuya-pies.¹⁹⁹ Os sem-terra foram-se, como diz dos charruas AD, ficando “somente os gusanos no chão e milhões de mosquitos, mutucas e vespas no ar”; foram-se, para felicidade do estancieiro: “E que outros lombos os agüentem!”

Duas reses, porém, não alimentam o que chegue de vermes e insetos, então, como alimentariam centenas, milhares de índios vagos sem terra de onde tirar seu sustento? Agora mesmo um ruralista ocupado “notou a falta de três cabeças de gado”²⁰⁰ e denunciou que levaram-lhe – está no jornal, não inventamos – “uma lata com mantimentos, um quilo de carne, uma panela e um quilo de canela”.

Puxa, vida. Que atrocidade! Com um quilo de canela dá pra temperar quantos quilos de doce em calda? Falta misericórdia pra essa gente; um pouco de prática também. As tradições, no entanto, precisam ser preservadas, pois é do anelamento indestrutível entre o passado e o futuro que depende nossa existência presente.²⁰¹

¹⁹⁸ (uma das palavras prediletas de nosso sócio honorário e tradutor do inglês M.M.Gonçalves)

¹⁹⁹ (Cesar Guazzelli: “as únicas coisas comercializadas para a população rural eram os ‘vícios’: aguardente, fumo e erva-mate”.)

²⁰⁰ (duas ou três reses, porém, não alimentam o que chegue de vermes e...)

²⁰¹ (Maria Terezinha, pedagoga do Instituto, diz que “a vida é só agora, o resto é ressurreição”)

5. As maçãs de Newton

Voltemos à História para subsidiar a comovente luta tradicionalista do Movimento Sepé Tiaraju.

– 1494, Tratado de Tordesilhas: todo o Rio Grande era espanhol – o guri atira uma maçã das grandes, meio verde, dura, pega na testa. Lição:

“Donos, e nada bobos, os castijas trataram de tirar proveito da terra e dos gentios achados no Continente. As Missões Jesuíticas, então, que já as havia no Paraguai e na Argentina, foram a forma encontrada para catequizar gente e gados, abundantes nas vacarias quando aqui fincaram as cruces dos Sete Povos (de 1682 a 1707). É que os padres (entre 1620 e 1634) já tinham se aventurado por essas bandas, deixando vacuns e cavaleiros soltos no mais, a proliferarem-se como mosca em bicheira, quando expulsos pelos bandeirantes paulistas em 1640 – saíram correndo com as calças na mão, depois de pelear por cinco ou seis anos. Não tiveram como carregar nas costas e nos pezuelos, uma pátria inteira.”

– A Missão de Yapeyu – manda bala. Outra maçãzaça espatifa-se – esta decerto passada – na cabeça do aluno, que se abaixa, e ela pega bem no coco. Lição:

“A Missão de Yapeyu, que interessa particularmente aos habitantes de Nova Hereford, pois estendia-se do Ibicuí pra baixo, vadeando o Quaraí e o Arapey, até o Rio Negro, sendo limitada a leste pelo Ibirapuitã e a oeste pelo Uruguai, era a maior de todas. Seus gados, sem marca e sinal, tiveram origem nas missões jesuíticas e na determinação de Hernandarias, grande criador e apoderado pros lados de Buenos Aires. Assim nossa querida NH, pois, a capital do boi em pé, está plantada, profundamente enraizada, no oco, no coração de Yapeyu.”

Lágrimas, amigos? Ah, cisco no olho.

Melhormente, que já íamos tocar a degüelo. Bueno...

Ah, não entendem? Não querem experimentar?...

Basicamente, usamos o Método Newton de Ensino Rápido, inventado pelo próprio, já falecido mas não esquecido em nosso cenáculo. Sagaz, Newton juntou idéias aparentemente desconexas e criou seu brilhante Método:

– O tocaio não tava sesteando embaixo duma árvore e não caiu uma maçã na cabeça dele e ele não se deu conta então de que aquilo, de cair a maçã, era devido à força gravitacional da Terra, que atrai os corpos para seu centro, quase nunca conseguindo, todavia, porque o chão às vezes é pétreo e os corpos não há jeito de passarem, nem sempre estamos nos referindo a tatus ou minhocas, e, atenção, o centro da Terra é bem quente, não tava sesteando embaixo duma árvore e não caiu uma maçã na cabeça dele? Se não fosse a maçã, capaz que a gente tivesse boiando no ar ou em coimbras já.

Do que é capaz uma maçã na cabeça, hein?! Adiante, pois. O guri agora acerta em cheio a moleira do discente, já testaveante, e se escondendo atrás da bunda, bom esse monitor. Lição:

“Continuando, em 1680, Portugal, interessado nos negócios do Rio da Prata, funda a Colônia do Sacramento, um enclave luso, cara a cara com Buenos Aires. Legalmente, todavia, tudo ainda pertencia à Espanha – mas para que servem as leis no deserto?”

– Para o mesmo que hoje: serem infringidas – repete o aluno, vejam, as mesmas sábias palavras de um juriconsulto conterrâneo em um ensaio publicado na revista *A Gralha*.²⁰² E, já, bem dizer, doutor, completa sozinho a lição do dia: – Logo os gajos empezan a vir pra cá, pra irem quedando, quedando... Fundam Rio Grande em 1737 e vão tomando, tomando... conta del espacio español – que, pelas leis da natureza, era mesmo dos índios guaranis, coroados, yaros, minuanos, charruas... Mas as leis... já vimos este filme.

1.5. A violência das palavras

Temos vivido momentos difíceis desde que nos entendemos por gente.

Não chega a dúvida cruel de sermos ou não descendentes do macaco, também não sabemos direito se nos acomodamos portugueses ou se brigamos por espanhóis, e, então, nos entrincheiramos na fronteira, ao menos aqui podemos ficar quietos e pensar, “sonhar, quem sabe...” Mas não é pra nós a pasmeira e logo içamos o periscópio sobre o pescoço e, protegidos pelo chapéu, boina basca, boné de revendedora de trator, cubamos prum lado e pro outro e nos vamos a la cria.

Dê-lhe! Dê-lhe! Dê-lhe! Abram cancha indiada! Qibiajuju! E vamo! E vamo!...

O ca’alo, porém, pingaço, mas não de ferro – não temos a sorte das estátuas, incólumes ao tempo, dominando as praças –, fica arreganhado, não consegue nem fechar a boca de tão morto, e, se segue, morre, mas um chasque de respeito só pára quando entrega nas mãos certas seu recado.²⁰³

²⁰² (que, no entanto, nega a autoria: “Nem sei o que que é isso. As lei tem que sê infingida!” O Doutor às vezes é que nem letra de médico, não se entende nada do que diz. As leis, claro, não podem ser fingidas, ao contrário, elas devem ser mais sinceras que a mulher do César – antes do desquite e antes do enleio com o cabeludo do jogo do bicho –, o César até bateu no balcão, “Nunca mais me caso!”, ajudando, vejam, que o dito pare em pé, não saia a derribar-se de desespero, tortinho. Alguns do IC acham que o nobre colega quis significar “infringidas”, que é quase o mesmo que dizer obedecidas sem esperneio, mas outros pediram que na próxima reunião do Instituto se discuta a substituição do referido Doutor na chefia do Departamento Jurídico da entidade, “porque tá na cara que o analfa nem sonha o que seja infringir alguma coisa, tanto que ele mesmo infringe as regras mais elementares da língua. E nós achando que foi coisa do tipógrafo!...” Essas professoras de português... Não entendem a contribuição do colega, que, com seu desinteressado gesto, apenas enche de recheio o pastel de vento de certas palavras – ignorância, asneira, burrice, bullshit... –, salvando-as do apodrecimento da obsolescência, de ficarem entregues às moscas, bicho linguístico coisa séria, sempre, bem dizer, lambendo os beiços de qualquer excrescência.)

²⁰³ (por isso, dizem que temos algo de grego, o nariz, talvez; e de olímpico, o altaneiro tope ou, bueno, se o inimigo aperta, fugimos uma maratona, pernas-pra-que-te-quiero... No dia-a-dia, no entanto, somos Leônidas nas Termópilas, entrincheirados sempre, abaixo desta imensa voçoroca – “a Depressão Central”, explica a Professora Adalgisa –, espartanos, e do deserto não saímos, tártaros, pro caso, não o molho, por favor!, mas pra que tenham o exato medo que devem ter – vocês! –, nós esperando, esperando e não vem ninguém, e dá um desespero, uns comecem a mamar e logo querem se dar um tiro, de solitos, por isso andamos em pandilhas, pra sempre sobrar um pra dizer: “Sou teu amigo, che. Não tô aqui contigo, che?!”... Ou pra apertar ele mesmo o gatilho. O problema é que vai querer a bala, se tiver, última, pra si, pra furar um céu azul em sua própria cabeça de monarca, taura sem lei nem rei, pária. Muitos enlouquecem do sobreviver. O suicídio.)

Muitos enlouquecem do sobreviver.

Otacílio, ainda não, redemunhando, redemunhando... ainda não desembuchou sua fala; nem o Seu Valentim, este nunca, que o dinheiro é capaz de comprar até o que não é pra venda, o dinheiro chega e vai arrematando, botando – VENDIDO – placa. Outros, sim, como o Titica, da tanta miséria, tararaca:

- Dona Veva, deixa eu amanhã lavar esses degrau?
- Não precisa, Titica, tem quem faça. Obrigado.
- Então, deixa eu lavar o carro da doutora.
- O Miranda já lavou, Titica.
- Mas eu quero “eu” lavar – espalma a mão no peito.
- Outra dia, então, meu filho.
- Sabe que eu gosto da senhora, Dona Veva?
- Claro, Titica. E eu também gosto de ti.
- Eu gosto da senhora porque a senhora é rica.
- Quem me dera, Titica.
- É, sim. A senhora é bonita porque a senhora é rica.

E a gente, vejam, fala, fala, mas não consegue, não consegue... A gente se acovarda ante a violência das palavras.

1.5.1. É da braba esta Lei

De suicídio falamos e é tempo de cortar fundo este naco.

Condenado ao ostracismo, foi Temístocles aceito entre os persas. Mas persas e helenos era que nem hoje Nova Hereford e Polianga, Alegrete e Uruguaiana, inimigos coisa séria, de um encontrar na estrada o outro acidentado – Deus nos livre, olha o caso do carroceiro aquele, na BR, o caminhão levou por diante com tudo, só ficou o chinelo no asfalto – e não ajudar, até pisar mais fundo, gritando “Sinto muito, mas chorar não posso”,²⁰⁴ só por maldade.

Chegou o dia em que o rei da Pérsia – tinham aqueles tapetes voadores, era braba a luta, os gregos botavam fé no Olimpo –, conversando com Temístocles, convidou-o pra ser chefe de uma expedição contra Atenas. “Ó, céus!”, gritou nele o pensamento, esgaçado:

– Trair ou trair?

E, para não trair nem tampouco trair, suicidou-se.²⁰⁵

Atenienses, espartanos, disso tudo temos um pouco. Não precisamos atirar no precipício os que nascem defeituosos: se der bom de-a-cavalo, como diz o outro, cabeça pra quê? Mas aqui também temos em alta conta o roubo,²⁰⁶ e nem precisa ser escondido; os maiores vultos de nossa história – é público e notório²⁰⁷ – foram rematados ladrões. O caso aquele do espartano que, pra não ser descoberto, deixou que a raposa que levava, sorrateiro, sob a túnica, comesse suas entranhas sem um ai, isto, sim, por aqui não. Ser morto sem um ai, degolado..., aí, claro, é da vida, mas raposa roubada, imagina que troféu! Melhor ainda

²⁰⁴ (eis outro exemplo do uso da expressão, igualmente abjeto. “Reeduquemo-nos”, exorta Don Bagayo)

²⁰⁵ (ver Dürkheim, mas egoísta não foi; misto de altruísta e anômico este suicídio. Discutir)

²⁰⁶ (questão controversa e perigosa no âmbito do Instituto)

²⁰⁷ (ó o ímã: “público”, pronto, lá vem “e notório”. Que coisa!)

tropilhas de fletes, capaz que resultasse em medalha, que é bem bom e a gente gosta, ou sesmária, que a gente, bá, gosta ainda mais. Exemplo afamado nesse sentido não falta!

Então, o suicídio é assim como a Lei de Newton.

1.5.1.1. Os puxões que a vida dá

Uma guria, novinha ainda, mas já de mamilinho duro, chega em casa, vai entrar no quarto e, será os pé!, a porta tá fechada a chave. Ela bate na lata, gritando com a irmã mais velha:

– O que que tu tá fazendo fechada aí?

– Vaitimbora, chata! Eu já sô furada, dô pra quem eu quero, te arranca!

Ela disse “furada”, vejam, como se falasse de cuchillo, arma branca – e o namorado, o Telmo, é um tição –, a outra teve um ataque, também queria, ora, chega um dia em que a pessoa cansa de ficar rebolcando o chiclé. De manhã, o pai não quis dar dez centavos pra ela comprar um e ela, azucrinando:

– Não vai me dá? Então vô me matá; e pegava a faca assim, ameaçando cortar os pulsos, que nem a mãe daquela vez, depois que voltou pra casa da tasca, não podia mais, não agüentava mais. O pai, coitado, ficou tão brabo que já ia sampano um pacote de pão nas fuças dela, mas a Aninha Leocádia chegou na hora:

– Nivaldo! O que é isso? Dá pra cá. Com o corpo de Cristo, não!

O homem obedeceu, arriado, lembrando da falecida decerto, puta mas boa, toda redondinha, o Nivaldo sempre gostou de carne, pena que já tava variando, que tristeza essas lembranças... “E essa guria...”, mas, da impossível, nem rastro, tinha saído correndo. E, agora, a outra encerrada no quarto, só porque já era furada. Bá. Se parou a bater naquela porta que parecia tormenta dessas de granizo no zinco, e nem tava se armando, os vizinhos tudo nas janelas.

Foi, foi que se matou, o Nivaldo. Deixou um monte de dívida. Não teve a oportunidade de se entregar como escravo, em pagamento para seus devedores – ou dar um dos quatro filhos, cada qual mais à toa –, como no tempo do Cristo supracitado,²⁰⁸ agora não pode mais, e olha que sempre foi como um escravo, este homem, da mulher, das crianças, dos patrões, analfabeto.

O suicídio é como a Lei de Newton porque comprova que o corpo das pessoas, pro caso, só o que querem é descansar desses puxões que a vida inteira, sem um minuto de descanso, dá na gente, forcejando pra nos enterrar, nos comer – que a terra há de, todo mundo sabe, mas quando chegar a hora –, e já, sempre louca de fome, no espeto, quem duvida?, que o coração dela é um fogaréu... “A gente luita, luita, mas, sabe duma coisa?, pra mim chega”, disse o próximo e se furou, assim – não como a filha trancada –, de baixo pra cima na barriga, esgravatando o que deu... num vu!, quase nada, caiu, bem dizer, na hora, coitado do Nivaldo, bom com a faca, o índio.

E essa Lei é da braba. Esses dias, a guria que queria chiclé – sem o pai por perto, bá, Deus te livre! – fez um alarido com o namorado que parecia que tava se furando, pois é de família essa coisa... A irmã mais velha, agora sentada da cabeça, tomando conta da casa, se ouvia que gritava:

²⁰⁸ (que hay otros, uns múmias que os vivos ficam cristeando)

– Tu só pensa nisso, só pensa nisso!

Mas, pelo amor de Deus, acudam, acudam: que isso é esse “isso”?

3.12. Afogados na peiteira

Em 1750, portugueses e espanhóis assinam o Tratado de Madri, trocando a Colônia de Sacramento pelas Missões – desculpa pra acabarem com as reduções jesuíticas, pois que esses padrecos tavam tentando trabalhar à margem d’El Rey e do Papa, já se viu?! Outros tratados foram assinados – não tinham eles muito o que fazer na Europa –, como o de El Pardo, em 1761, e o de Santo Ildefonso, em 1777. Este último criou os Campos Neutrais, área de ninguém entre o que era de um e de outro país, mas, pro causo, uma tripa de terra, perto da Lagoa Mirim: quem, taura, ia respeitar esse embretamento?

Nesta área vivia o gaudério, o gaúcho, cruza de lusos, castelhanos e índios, bicho cinzelado pelas necessidades do lugar e, por conseguinte, conhecedor e senhor dessas plagas; que foi alargando, já a tinha arreganhado, bem dizer, de uma tira à beira-mar até o pampa imenso e rudo.

Não o compreendiam de início; como, até hoje, vocês!, empilhados na cidade grande. Se um de nós dizia que não agüentava mais, “tô na corrente, na sogá, tô me afogando na peiteira”, não é que se entregava, bicho bom não se entrega, mas, ao contrário – não tem de mas nem meio mas, abre cancha! –, é porque queria libertar-se de algum jugo, esta papelama, e correr a modelar a Patria Gaucha.

O argentino Molas, em 1746, define o gaudério:

– Gente que vive como quiere, sin saber de dónde viven o de qué se alimentan, pues no trabajan...

Pois sim, não trabalham.²⁰⁹

O mesmo Molas colhe, em 1771, texto em que o gaúcho era tratado por “malfeitor” e, em 1780, um comunicado dava conta de que certo estancieiro não consentiria em abrigar... *Ai, ai, ai...*

“ningunos contabandistas vagamundos e ociosos que aquí se conocen por gauchos”.

Don Felix de Azara,²¹⁰ no mesmo ano, ajuda a compor o tipo:

– *Sua nudez, suas barbas crescidas, seu cabelo sempre despenteado, sua sujeira e a brutalidade de sua aparência os tornam horríveis de ver.*²¹¹

²⁰⁹ (terás a resposta a seu tempo, matungo!)

²¹⁰ (doravante FA)

²¹¹ (horríveis de ver? Brutos? Brutos são vocês aí, de traje e gravata no ar-condicionado, matando crianças de fome, pais na fila do SUS, a alma da gente no desemprego epidêmico, na indignidade da exclusão; brutos! Terroristas! Hipócritas! ...Nós aqui nos enforcando na peiteira, atados na sogá... Escreve Ali Kamel: “princípios rudimentares de economia estabelecem que se uma commodity é oferecida a preço zero, a demanda aumenta exponencialmente, a oferta entra em colapso e o que se vê é desabastecimento”. O sujeito fala da saúde da população, do sistema de saúde... Então um gaúcho pergunta: “A vida é uma commodity?” Marco Aurélio Weissheimer, o nome dele, gaúcho dos quatro costados, não liguem pro sobrenome, la gauchería é muito mais uma atitude, um frontalismo guasca. Diz Kamel: “a socialização dos serviços básicos – apesar da idéia generosa – leva sempre à ineficiência, à estagnação e impede o desenvolvimento da técnica. É Fukuyama puro”. ...Mas é lasqueado o tipo! Marco Aurélio, no entanto, não se achica e defende – com ironia, arma sem galtilho porque a

Para um viajante europeu, cheio dos não-me-toques civilizatórios, podemos imaginar o asco. O Senhor Sérgio Gonzaga²¹² esclarece que a similaridade entre o gaúcho platino e o do continente “é nítida, em virtude da indefinição fronteiriça e da semelhança do modelo econômico. Aliás, os documentos se repetem, nos dois lados, quase monocordicamente.”

SG cita ainda Miguel Lastarria, em “quadro que reitera a imagem miserável dos nômades do pampa”:

– *Esses homens não deixam de espantar a quem não esteja habituado a vê-los. Estão sempre sujos; suas barbas sempre por fazer; andam descalços, e mesmo sem calças sob a completa cobertura do poncho. Por seus costumes, maneiras e roupas, conhecem-se os seus hábitos; sem sensibilidade e muitas vezes sem religião. Eles são chamados gaúchos, camiluchos ou gaudérios. Trabalham apenas para adquirir o tabaco que fumam e a erva-mate paraguaia que tomam em regra sem açúcar e tantas vezes por dia quanto é possível.*

Isso da erva é verdade, temos que cuidar de evitar a gastrite, não pega bem,²¹³ e, os que gostam do chimarrão muito quente, o câncer de esôfago, “no que somos,²¹⁴ sem intenção de bravata,²¹⁵ os primeiros do Brasil”, observa o Professor Lelo, sócio-fundador de nosso cenáculo.

1.6. “Uma paixão coletiva”

Mais de dois séculos depois, ainda estamos magoados com esses estrangeiros,²¹⁶ que recebemos com toda a cortesia e que saíram mundo afora a denegrir nossa imagem. Não fôssemos sensíveis, não sobreviveríamos no deserto: como perceber o perigo quando ele ainda não mostrou sua cara? Sempre tivemos à flor da pele essa – isto sim – amabilidade telúrica, que não se compra em bolicho. Graças a ela expandimos o território brasileiro aos limites atuais. RP refere que:

– O alto padrão moral da velha estirpe foi a glorificação deste torrão, servindo como traço balizador das epopéias pampeanas – risco fronteiriço que, se não foi feito à roseta de espora, foi traçado à ponta de lança, para definir a ponta da pátria!

O Senhor Jorge Sallis Goulart²¹⁷ faz coro:

– As fronteiras do Rio Grande do Sul foram traçadas pelas espadas poderosas dos nossos antepassados entre arrojos de audácia e estros de patriotismo.

Guerrear era então “uma paixão coletiva”.

inteligência não funciona no tranco – a generosidade dos “perdedores”, daqueles que não aceitam “a idéia de que a saúde, a angústia, o sofrimento e a felicidade também são ‘commodity’”. Não, Kamel, a vida não é isso, seja isso o que for. E já que vens com Fukuyama, é que pedes – tradução de Mendes Cadaxa – Tu Fu: “Matar tem, porém, os seus limites também. / Quando defendes um reino, mantê-lo nas lindes... / Enumerar quantos matas, não é o que conta.”)

²¹² (SG)

²¹³ (doença contumaz em neurastênicos que, de modo algum, se coaduna com nosso perfil)

²¹⁴ (não pela doença em si, mas porque pode ser letal e não gostaríamos que continuássemos a morrer na cama, sem luta possível)

²¹⁵ (“chimarrão tem que ser pelando, manda o consuetudo” – palavras de Don Bagayo y Balurdo)

²¹⁶ (eles furam poços profundos em nosso peito)

²¹⁷ (JSG)

Dito isso, vocês acham razoável exigir de guerreiros, de coureadores, dos cavaleiros do pampa... barba feita? Conhecem o desenho que Berega fez de Borges do Canto, o conquistador das Missões? Ali está o gaúcho: botas de garrão de potro, chilenas (dddd de pp p p rrrrr att t t ta), chiripá, boleadeiras, rebenque, espada, vincha prendendo os cabelos livres na testa e barba, barba! Citado por RP como “caudilho”, “protótipo do gaúcho pampeano”, do Canto, “vaqueano Capitão de coureadores, arregimentava pandilhas gaudérias, transformando as sortidas em áreas conquistadas”.

Assim fez em 1801, com seu pelotão, definitivamente incorporando as Missões ao Rio Grande.

De lá se vieram, costeando o Uruguai até o Quaraí, expulsando os espanhóis para o outro lado, Buenos Aires à granputa! Até ganhou uma sesmaria pelo feito e a patente de capitão, mas, aventureiro, desertor perdoado dos Dragões de Rio Pardo, continuou a vida das arreadas e deixou a terra para os abutres, que os havia aos bandos.

1.6.1. Roubar, estuprar, matar

Em 1804, apresentando-se ao Ten. Cel. Patrício da Câmara, do Canto pediu licença “para ir fazer algumas hostilidades ao inimigo”. Atendido, varou o Quaraí, sendo morto aos 29 anos, quando uma cilada o pegou desprevenido bebendo as águas claras do Arapey... Morreu fazendo o que gostava: saquear, roubar, matar, cavalgar sem lei nem rei. Ao desprezar a sesmaria ganha por serviços prestados ao império e não estabelecer-se nela como respeitável estancieiro, optando por uma vida errática e irresponsável, Borges do Canto perdeu seu lugar na história como o maior de todos os gaúchos.

Mas a história é assim mesmo: ela tudo perdoa aos seus ungidos, desde que aceitem a purificação emprestada pela vida senhoril, pela rotina domesticada estabelecida pelo poder. Do Canto fez o que fez porque era um livre, assim permaneceria e por ser assim morreria.

Em Nova Hereford acontece muito disso.

Enquanto jovens, os filhos dos proprietários podem tudo, inclusive roubar, estuprar e matar. Não são punidos por traquinagens quaisquer; o braço da polícia não os alcança. Depois, casados, pais de família e proprietários da estância herdada, passam a defender os valores da ordem moral e dos bons costumes. Quem quer saber do que faziam quando piás? Bobagens de crianças, só bobagens de crianças.

Borges do Canto assumiu o risco e acabou virando um “cadáver bonito” – jovem como San Ernesto, como um “rockstar”,²¹⁸ embebendo-se nas águas como Narciso; mítico, mas sem as glórias de mito; borracho?²¹⁹

Campos Neutrais, Campos Realengos, el desierto, terra de ninguém; tudo pampa, habitat dos livres, do gaúcho. Não havia fronteiras na pátria gaudéria. O taura ia onde havia guerra ou arreadas – quase o mesmo em perigo; o mesmo na luta pela sobrevivência.

Ah, tempos!

²¹⁸ (M.M.Gonçalves)

²¹⁹ (Li Po, como Tu Fu, poeta da Dinastia T'Ang, conta Cadaxa, “morreu afogado tentando abraçar a lua”. “Sim, mas conseguiu?”, pergunta uma colega, torcendo as mãozinhas...)

2.8. Dentro da bocadela

Otacílio chega em casa já na esquina, quando ouve o choro alto da filha: “Será os pé... Tem que levar essa guria no postinho.”

Pelas janelas e portas abertas – um calorão! e já tá escuro – vê uma cena da telenovela à medida em que passa: um homem e uma mulher discutindo; um homem e uma mulher se dando pau, ela mais, “Pára! Pára! Pára!”; um homem e uma mulher se beijando de um tudo, grudados, “Deus que me perdoe”, que nem cachorro e cadela, só que de frente, ela agarrada na cabeça dele e puxando o próximo pra dentro do bocão, como de peixe, dela, a cabeça pequena nas mãos, assim como se quisesse espremer o homem, chupando-o pra dentro da bocadela.

Os vizinhos não desgrudam os olhos da TV; pai, mãe, vó, filhos, enteados, tios, primos, namorados, quem estiver nas salas apertadas de seus vizinhos, sentados uns sobre os outros, no chão, em pé, encostados na porta, ninguém, ninguém o vê passar, hipnotizados pela cena magnífica de cuja paixão jamais experimentaram, nem sequer imaginaram existir, a não ser, claro, no mundo encantado das novelas, tudo mentira, tudo falso, tudo exagerado, colorido demais, mas... “não sei, dá uma vontade de tá lá...”, pensam, escondendo-se. A TV, diz Maria Minerva,²²⁰ é coisa do demônio, veículo estupefaciente, es-tu-pe-fa-ci-en-te!^{221 222 223 224}

E por aí estende-se a discussão como um tapete vermelho sobre o pó e a pedra da rua desdentada que Otacílio, sem saber, pisa, analfabeto, com suas alpargatas de cordas escabeladas, completamente analfabeto, de não saber as letras do próprio nome misteriosamente gravadas por Deus em seu polegar direito, destroncado, aliás, de lidar no bruto, um homem que nem saberia o que fazer com esses modernismos, um gaúcho simples que, para ser feliz, só quer duas coisas: voltar a ser peão campeiro e arrumar montaria de respeito e apetrechos condizentes para desfilar no dia 20, passar fazendo boa figura na frente do palanque das autoridades.

Tão pouco para ser feliz – e os de sempre, que têm muito, chorando por subsídios e verbas a fundo perdido –, não fosse o choro ininterrupto, as lamúrias engroladas, os gemidos fundos da guria, mais retumbantes em seus ouvidos à medida em que se aproxima de casa, diferentemente das demais, de porta fechada, outra é a novela, mas, igual – e ele não sabe, não percebe, fechado em seu mundo de cavalos e rédeas, de rédeas curtas, freio de ferro –, estupefaciente.

2.8.1. Livros ociosos

Heloísa Primavera – “oh! primavera, cujo olor fede deveras”, como diria, e diz mesmo, o vate terruño Rudiard Silva – escreve que a pobreza “não passa de um grande mal-entendido”. E que “a solidariedade é nosso melhor negócio”.

²²⁰ (Maria Terezinha também, e muito mais gente boa)

²²¹ (Deixa as pessoas abestalhadas, ora. Os dicionários, aqueles de bolso, nem são tão caros.)

²²² (Depende do quanto se ganha.)

²²³ (Se não gastarem em bobagens, aperta que dá.)

²²⁴ (Porque não é tu... Um nunca conseguindo colocar-se no miserável lugar do outro)

– A pobreza não passa de um grande mal-entendido – disse Primavera, acrescentando, para não haver mal-entendidos, que: – A solidariedade é nosso melhor negócio.

Se soubesse ler, ou ouvir o que não sejam tropéis imemoriais – e berros infantes de sua princesa –, Otacílio sentir-se-ia mais leve ao chegar em casa. Tudo não passa de um grande mal-entendido, ainda vamos rir muito disso tudo um dia etcétera. Mas Otacílio é um merda de um analfabeto que trabalha pra fora e nem pode frequentar o MOVA, aprender com aquela menina maravilhosa, a Angélica²²⁵ – Gong-Li pampeana –, as primeiras letras, as capazes de explicar o mundo, de fazê-lo compreender o mundo que o cerca – e o cerca, com seis fios, com farpas, com choques: mundo velho sem porteira! –, de fazê-lo, talvez, se não fosse isso muito, muito, entender como bem posicionar-se no negócio da solidariedade, e equacionar, assim, seus probleminhas do dia 20 e dessa guria com esse calombo no cocuruto.

Agora, se não dá, não dá. Não vamos perder tempo preenchendo com volteios inúteis o vazio – que é o pampa! o pampa! – do coração do homem.

Há uma tese, inclusive, que tem recebido boa acolhida nos cenáculos de Nova Hereford, lançada pelo professor Tuiuti, que defende a idéia – perturbadora, quase subversiva – de que os livros têm que ser ocós a seu modo, para guardarem outra coisa além dele dentro.

Flor seca que o justifique, desabrochada como do sovaco das páginas quando lido, budum primaveril? Como saber? É primavera quase, mas o calor é tanto que, definitivamente, estão desmoralizadas todas as marcas de desodorante que existem na praça e, por consequência, adiada ad infinitum²²⁶ qualquer discussão que provoque sudorese. Por exemplo: se um cachorro – avestruz, papa tudo o bico dela! – comeu algo envenenado, esses pesticidas que deixam atirados pelo campo contaminando o mundo, se comeu, se marca o bicho com a marca quente do gado. Se ele vomita, vive. Mas Otacílio, vai vomitar o quê? Vomitar o que, se o que tem dentro pela boca pouco entrou, mais pelos ouvidos, pelos olhos... Não! Homem já é bicho complicado, o que dirá o gaúcho, que é mais e, portanto, muito mais.

1.7. Eram tudo chimarrões

Antigamente, bá! Hoy... o hoje jode más que un tajo en las nalgas...²²⁷ Os que se foram... ah, tempos!

FA descreve uma arreada:²²⁸

– Reúne-se uma quadrilha de gente pelo comum perdida e facinorosa, e vão onde há gado, e quando acham uma ponta ou tropa dele, formam uma meia lua: os dos lados vão

²²⁵ (coitadinha, encontramos com ela e a irmã na missa, vinha meio ladeada, de lenço na cabeça, mas conseguimos discernir, num tufo de cabelo que desprende-se, não o castanho de sempre, mas um preocupante bordô, vinho tinto, assim, e a guria logo foi embora, deixando-nos sem palavras – gritar por ela no sagrado recinto? –, sem palavras... Henriqueta perguntou-se: “Terá caído num barril de vinho?” Antes disso do que essas anilinas que andam botando – por gosto! – nos cabelos, que reações darão a longo prazo?...)

²²⁶ (Dr. Vazulmiro)

²²⁷ (que um sabugo nel culo, diríamos)

²²⁸ (ou “vacaria”, lembra Rosa, minudente)

juntando o gado, e o que vai no meio leva um pau comprido guarnecido de uma meia lua afiada com que desjarreta todas as reses, sem deter-se nenhum até que acabaram com as reses ou têm as necessárias; então voltam pelo mesmo caminho, e o que desjarretou, armado de um chuço, dá uma chuçada em cada rês que lhe penetra as entranhas, com o que morre, e se apeiam os demais, para tirar o couro, carregá-lo e estendê-lo com estacas. Pelo comum se paga ao que desjarreta e chuceia, um real por rês, e aos peões, um real e meio por couro.

O Senhor Décio Freitas²²⁹ observa que eram “ainda mais trabalhosas e arriscadas, as vacarias para captura de gado destinado ao povoamento das estâncias”, pois estes “tinham de ser apanhados vivos”; e eram tudo chimarrões, com cada guampa deste tamanho! Darwin – aquele que a Câmara de Nova Hereford está convocando a lá comparecer, filho do demo – conta ter visto gaudérios coureando cinqüenta éguas num único dia, solitos.

A um real e meio por couro, setenta e cinco reais por dia, o que importa, tirando sábados e domingos, mais de mil e quinhentos reais por mês. Bota salário! Não dá pra pagar isso nesta overture²³⁰ do século XXI porque não há mais gado alçado no campo; tudo ganhou marca. E o trabalho do gaúcho – quando hay! – é feito na facilidade do tronco. Mas, naquele tempo, quando os viajantes ficavam impressionados com as garruchas, deslumbrados com “aquele brillo terrible de las medialunas”, nas palavras de Don Fernando O. Assunção²³¹ – ah! tempo bom!, não nos cansamos de lembrar – então, sim, os homens mais valiam.

1.7.1. Lencinhos de papel?

Vem do instrumento sua identidade – garrucha, garruchos, gaúchos –, do nomadismo – pra lá e pra cá atrás de changa nas vacarias – e da valentia – não negaceava diante do perigo – seu tope de monarca das coxilhas. Segundo RP, “muitos desses coureadores já estavam habituados a beberem o sangue da rês”, ou “recolhendo-o em uma guampa junto ao sangrador ou bebendo diretamente no corte produzido, de onde o sangue esguicha.” E, pro seu governo, saibam que ainda há capincheiros que fazem a mesma coisa.²³²

A courama era o principal, mas também tinha valor o sebo, as guampas e, da bagualada xucra, as clinas. Na trilha desses gados, o gaúcho ora estava de um lado da fronteira, ora do outro. Como poderia saber? Está claro: o pampa é um espaço, um aberto igual em qualquer margem dos rios que o cortam. Por isso, falar em contrabando para os homens da época era o mesmo que falar com surdos.

O Senhor Guilhermino Cesar²³³ ensina que:

– A posse das coisas não se dava num espaço nacional conhecido. O possuidor, com sua nacionalidade, é que delimitava, por assim dizer, a soberania de seu Estado. – Portugueses e espanhóis “usufruíam, segundo seu alvedrio, a ‘terra de ninguém’.”

²²⁹ (doravante, às vezes, DF)

²³⁰ (nossa colega musicista)

²³¹ (doravante FOA)

²³² (repetimos e ainda vamos mais repetir, como quem diz “o Caty!”, “o Caty!”)

²³³ (GC)

De ninguém, se desconsiderarmos os índios, quero-queros, zorrilhos etcétera etcétera e, naturalmente, o veado galheiro...

Quando os índios vagos do Movimento Sepé Tiaraju dizem que “ocupam” as terras dos fazendeiros abastados, estes se declaram “invadidos”. Interessante notar que os historiadores referem a expedição do Brigadeiro Silva Paes ao Rio Grande, em 1737, como a “ocupação oficial” do território pelos portugueses; território que tinha dono, os espanhóis, e, desde milhares de anos antes deles, os índios. A melhor tradição gaúcha, portanto, recomenda o uso do termo “ocupação”, o que comove a todos nós, que vemos o pessoal do Sepé – “vagabundos”, “sujos”, “bandidos”, “analfabetos”, como lhes chamam outros – restaurar, feito os narizes de santos que os guaranis missionários criavam nas reduções, minuciosamente, nossa melhor memória...

Querem lencinhos de papel? Yes?

Não vão borrar a maquiagem...

2.8.2. *Jasmim de cachorro*

Quando entra em casa, a mulher, muda, entrega-lhe a filha chorosa.

Ele pensa em contar como foi seu dia, o nada que conseguiu, penalizado que estava de si e necessitado de compartilhar com alguém a autocomiseração.²³⁴ Mas a guria – como está grande, e pesada! – ocupa inteiramente seus braços, atenção – não pára! –, cabeça – porque não fica quieta por um minuto! –, esforços – quer a mãe, quer descer, quer a chupeta, quer... –, paciência.

Põe-se a sacudi-la em pinotes ritmados enquanto caminha na minúscula casa, pra lá e pra cá, como uma máquina de bater erva-mate, incontinenti como uma máquina, sem pensar, como máquina, sem cansar, máquina. A mulher deita na cama e comprime o travesseiro contra o rosto, as mãos – judiadas, percebe o homem, uma de cada lado da cabeça, como pratos de uma prensa, asfixiando os tímpanos. Vai, vai, que a guria, hã, hã, hã, hã, no tranco, dorme e – Deus é grande! – silencia.

Otacílio desacelera suas engrenagens e fica passeando com a filha no colo, fazendo a volta no pequeno espaço e, outra vez, mudando o sentido, para não tontear. Andressa, calma, adormecida como um anjo de chocolate, faz os herefordenses mais velhos lembrar, emocionados, de Daniel Viglietti, aquele: “Tan chiquita que es la Tierra, / Se la miran desde el sol. / Tan chiquita que es la infancia, / Quando vimos, escapó...”

E a lembrança, acreditem, que não foi de Otacílio, analfabeto, ignorante etcétera, de alguma forma o comove, ou outra coisa o comove – como adivinhar tudo o que se passa em sua cabeça?, o homem dava bem pra jogador de cartas, nada escancara –, que quase chora com a guriazinha nos braços e chega a notar, imaginem – tão aéreo ultimamente –, umas pintinhas vermelhas nas bochechas da filha, sarampo? Será que esse choro todo é porque Andressa está com sarampo?

– Tunica, acho que é sarampo. Mealembro que se fazia chá de jasmim de cachorro e se dava pra criança. Mas tinha que ser quando tá branquinho nas macega. Eu mesmo me curei assim.

Vejam como adocicou-se Otacílio com o sono da filha. Ele diz “jasmim de cachorro”, como as curandeiras, e não “bosta de cachorro”, que é o que é esse “jasmim”, só porque,

²³⁴ (e assim legitimá-la, entendem?)

com o tempo, fica a bosta branca que nem a flor, como se aberta em pétalas estreladas no pasto. E ele, pai, se “alembra”...

– Chá de sabugueiro também é bom pra sarampo.

A mulher, sem tirar o travesseiro da cara:

– Cala a boca, Otacílio, e me deixa dormir. Isso não é sarampo, é mosquito, conhece? Sabe o que é mosquito? Fica quieto! E te prepara, que tu vai pra fila do SUS daqui a pouco. Tem que chegar as três da manhã, se quiser pegar ficha. Agora, cala a boca! Me deixa dormir.

Otacílio acomoda a criança na cama de modo a não apertar o cocuruto, apaga a luz e senta na poltrona rota, a “cadeira do papai”... Também ouvia dizer que o chá das flores de língua de vaca ajuda a esquecer. Fecha os olhos. Às três, ela disse. Melhor antes, mais garantido.

1.7.1. Timba de pulperia

Voltando ao contrabando,²³⁵ que é tema para muitas payadas, vale ouvir Rui Barbosa no longínquo 1888:

– De longa data vem o contrabando na fronteira meridional do país, zombando sempre dos expedientes adotados para sua repressão efetiva.

Barbosa, claro, não conhecia o pampa.

Sempre fomos um povo ordeiro e pacífico e nunca quisemos zombar do “Águia de Haia”; imagina! na terra do vira-bosta! Devemos, no entanto, incluí-lo na categoria dos cogotudos, aqueles que, petiços, ficam na ponta dos pés e espicham assim o cogote pra que todos o vejam e apontem “olha ele aí, repara”, o centro do mundo, olho da bunda, isso sim é que é... E devemos convocá-lo, claro, para que aproveite a carona de Darwin e venha até aqui explicar-nos esse negócio de nos chamar de contrabandistas.

Não é e nunca foi contrabando, gurizada! Pois se não havia fronteira no pampa!?! E não hay.

Vejam o caso da aftosa: ela veio vindo da Argentina, do Uruguai, como quem não quer nada no seu pingo de asas, e cruzou pra cá, folherita no más. Nem o exército pode com ela; e, olha, que o espírito de Abreu, de Neto e do Cabo Tuco, um veterano degolador da campanha de 93, que depois botou um putedo só com china flor de linda, todos eles andam por aí, jogando truco com algum charrua nas furnas encantadas do Jarau.

Como gostava de baralho essa indiada! Bá... Deus te livre!

Dizem até que os lusos e castelhanos não lhes pilharam a terra, mas a ganharam de um Venado qualquer numa timba de pulperia – “envidou os pagos numa só parada, 33 de espadas mas perdeu de mão”, como diz a música do Telmo. Aí foi que se largaram mesmo e não prestaram mais pra nada.

Lá pelo fim dos anos de 1960, começo dos 70, quando o contrabando dos chibeiros era, bem dizer, livre, algum remanescente desses índios começou a trazer lança-perfume de Libres pra vender em Nova Hereford. No carnaval, então, cochilava tubinho por aqui. As pessoas cheiravam meio sem querer aquele “amor gaúcho” que fazia zim! zim! na cabeça e, pra quê!, esparramavam-se no salão, como dedão do pé que não conhece bota.

Uma vez, no Campestre, o ar puro lança, alguém achou de apalpar a bunda da mulher do presidente. Deu guerra. Voava cadeira, copo, sapato, mata-cobra... Só não

²³⁵ (se isto é charla, também é dança, e cheia de volteios)

chamaram os Lanceiros de Canabarro porque no Campestre – brada o Doutor Palacios – “nunca entrou nem vai entrar negro”.

1.7.2. *Esscrúpulos de quarentena*

O contrabando,²³⁶ para os farroupilhas, era questão de vida ou morte.

Embretados na Campanha, sem respiro pra cima ou pro mar, os tauras entregaram-se a um comércio com Montevideú, Salto, Paisandu e até Buenos Aires, de onde veio a tipografia que imprimiu *O Povo*, *O Americano*, *O Estrela do Sul* e *O Campeador*, jornais rebeldes itinerantes de todos conhecidos.

Salienta GC que “a importação clandestina de idéias, tão estimulantes para os que se batiam contra o princípio monárquico, não foi menor que a de mercadorias”, idéias estas que entravam pela fronteira em “folhetos subversivos em língua castelhana”. O autor refere que, atentem bem, “ante necessidades prementes, no calor de uma guerra áspera, não houve quem não pusesse de quarentena certos esscrúpulos”. Assim, traziam “armas, pólvora, gado, dinheiros, cavahadas, ferro, sal, tecidos...” Com os Caramurus na cola, não devemos condenar a rotinização de condutas ilegais, mesmo porque não há lugar para a palavra “esscrúpulo” no vade mecum²³⁷ guerreiro.

Quando a aftosa entrou como um Facundo, um López em nossos campos, em 2001, os animais vendidos para outras praças tiveram de fazer quarentena também. Não faltou quem reclamasse da situação – justamente aqueles que, alertados contra a aproximação da insidiosa moléstia, fizeram ouvidos moucos, considerando que era “alarmismo”, “exagero”, “vontade de aparecer” de quem falava.

Adiaram o que puderam o apoio a medidas de prevenção nas fronteiras para depois, quando a peste já estava entre nós, se fazerem de espertos que nem gringo de venda – porque isso é coisa de gringo mesmo –, botando as culpas pelo acontecido no gaúcho que avisou e, frise-se, impediu que o desastre fosse maior com sua pregação pela vacinação do rebanho.

Nesta guerra, a FEDER (Federação para o Desenvolvimento Rural) deixou os esscrúpulos, pro causo, de quarentena, levando aos extremos de sentir no próprio bolso as dores das perdas só pra não dar o braço a torcer.

1.7.2.1. *Esse tal de Lapolila*

Dizem os científicos que o vírus se propaga pelo ar, como borboletinha invisível e danosa. E nós lhes devemos crédito, pois a vacina é cria deles mesmos. Mas também propagou-se, qual aftosa, o boato de que foram estancieiros com propriedades dos dois lados da fronteira que trouxeram de lá pra cá a doença.

Longe de nós aferventar o assunto, só aquecê-lo no mais, que este inverno que vem²³⁸ promete muito frio, não vê?! , pelo calor que agora já faz. Frio de rachar, como as lichiguanas que passou aquele piolho de rico monitorando o acampamento do Sepé Tiaraju

²³⁶ (aquilo que não era contrabando, conforme já explicado)

²³⁷ (Dr. Vazulmiro)

²³⁸ (no ano que vem, mas, que vem, vem, como diria o intendente das águas das cheias, “Eu prometo a vocês que elas vão baixar, Deus é grande e elas vão baixar...”)

no Curuçu²³⁹ madrugadas e madrugadas, ora perscrutando com o holofote, ora soltando bombas e fogos de artifício, ora dando tiros mesmo – a inação deixa o homem entorpecido e vai que pega no sono –, tiros que zuniam sobre as barracas pretas, num baixio, e iam ricochetear no asfalto preto, além, perdendo-se mais além, na noite preta.

Um apoderado do GRUNHE,²⁴⁰ de antepassados salteños, homem de pouca paciência – estava sempre a dizer nervoso: “Nos hace falta un Facundo! Não adianta... Siempre!” –, achava que a linha de frente dos proprietários estava em mãos incompetentes. Citava livremente Azara²⁴¹ nas reuniões, em altos brados:

– Tratándose de exterminar la polilla, és locura fomentarla por otro lado.

Uns não entendiam o espanhol cuspidado, outros o sentido do comentário. Queria ele que atirassem para matar ou que não atirassem? Quem é esse tal Facundo? E essa Lapolila?

O fato é que o contrabando, depois do Tratado de Santo Ildefonso e da criação dos Campos Neutrais, tornou-se um modo de vida.

1.7.3. *Contrabandistas*

O espaço do pampa estava coalhado de facínoras, ladrões, filhos-da-puta de toda espécie.

Isso aqui – Nova Hereford no centro, por supuesto –, pisa bem o Senhor César, era “um valhacouto de contrabandistas e bandoleiros”.

O Borges do Canto...?

Era um deles.²⁴²

Descendente de açorianos, mas não havia “mameluco” mais temido e odiado dos dois lados da fronteira. Isso porque passou a vida pra lá e pra cá, convivendo e peleando – “viver é lutar”, já dizia o poeta – com espanhóis, minuanos, portugueses, charruas, mestiços de todos os pêlos e línguas, criminosos de todos os matizes. Sua perícia na rapina, porém, não constituía-se exceção e, sim, quase que um atavismo. Nos anos em que o Continente esteve sob bandeira castelhana, de 1763 a 1776, o gaúcho dava combate ao invasor invadindo-o também e roubando-lhe o que podia em gado, armas, gêneros.

Destacou-se nestas razias contra o inimigo o cabo-de-guerra Rafael Pinto Bandeira, um aventureiro tihoso, que acabou por abalar “o moral”²⁴³ dos castijas,²⁴⁴ pondo o grosso deles a correr. Não só ele, natural, mas, inúmeros como ele, tornando a estratégia do saque, do abigeato e do contrabando uma instituição que continuou a ser cultivada quando veio a paz.

Do lado de lá, eles faziam e pensavam o mesmo.

Don Ramírez escreveu que “el contrabando violaba sin duda alguna las leyes escritas de la dominación española – pero era al mismo tiempo ‘ley social’ de la época”. O

²³⁹ (“cruz”, na primitiva língua, e que adequado o local, vejam, que cruz la cargan ellos!)

²⁴⁰ (Grêmio Ruralista de Nova Hereford)

²⁴¹ (o pior é que tem uns que sabem ler – e são os mais perigosos, mais que os ninjas do norte que contratam)

²⁴² (assunto controverso no Instituto)

²⁴³ (Don Bagayo y Balurdo)

²⁴⁴ (nuestros hermanos, pro causo, mas isto é uma charla, uma dança, certo, mas também uma pesquisa histórica... Assim, que temos que contar, paciência... Para ejaculação precoce recomendamos exercícios pélvicos e meditação Kundalini. É pá e tá!)

problema estava em que, quando era bom para um lado, para o outro, não. Assim que, enquanto o governo luso incentivava Pinto Bandeira, o “flagelo dos Castelhanos” – um Átila menor, este “o flagelo de Deus”, mas sempre um Átila!, protejam as bundas! –, em suas campanhas predatórias, os orientais criavam seu mui famoso Corpo de Blandengues para policiar os campos.

O apoderado do GRUNHE saudoso de Facundo, o Senhor Fernández, muito conhece este assunto, pois seus antepassados estavam entre os brasileiros e indígenas fugidos dos Sete Povos que fundaram a cidade de Salto, no Uruguai, em 1817; ele até tem a cara larga e o cabelo de porco, espequeado ver o dos índios. Como se sabe, Salto foi um ninho de contrabandistas muito utilizado pelos Farrapos, anos mais tarde, como entreposto comercial.

Nossos vultos, embaçados ou não, traziam de tudo do Uruguai e “exportavam”, nas palavras de GC, baseado na correspondência de Domingos José de Almeida, “couros, mulas, cavalos, gado vacuum em pé e erva mate”. Tão arraigado estava o hábito do contrabando que, quando do “governicho”, em fins do século XIX, a junta revolucionária de Itaqui – lindeira de N.H., sabemos bem – “revogou um Decreto Federal que visava obstar o contrabando”. O Senhor Sérgio da Costa Franco²⁴⁵ acrescenta que a medida foi copiada por outras juntas – como, por lógica, a da nossa sempre progressista e irredente Nova Hereford!²⁴⁶

1.7.4. Com Palumenta e tudo

A exemplo do Senhor Fernández, muita gente migrou daqui pra lá e de lá pra cá, pois o gaúcho é, por natureza, um homem livre, que necessita de largos horizontes para viver.²⁴⁷

Uns fugiram de Rosas, outros de Urquiza ou de Abreu. Don Frutos, derrotado em batalha por Oribe e Lavalleja, veio dar um pulinho no Brasil, tomando fôlego para voltar, em 1838, vencê-los e tornar-se presidente do Uruguai. Antes da vitória de Palmar, quando ainda era, como nosotros, apenas um revolucionário,²⁴⁸ Rivera assinou com o governo de Piratini contrato comercial: dava-nos dois mil cavalos e levava em troca “três peças de campanha, calibre seis, e um obus de vinte e quatro com trinta cargas de pólvora por Boca de Fogo, e cem projéteis para cada dita boca de fogo, incluindo a terça parte em metralha – e outrossim armada aquela bateria com a correspondente Palumenta”.

Era a “lei da fronteira” colocada em prática, independentemente do que podiam estar pensando em Montevideo ou na Corte. Do mesmo modo, diz GC, “o transbordo de couros, gente e mercadorias já se realizava antes da ocupação oficial de 1737”. Mas, se-

²⁴⁵ (doravante SCF)

²⁴⁶ (Rafael Pinto Bandeira, Borges do Canto... Que sorte, hein?! Como diz a Caolha: “A gente não tinha que rir, mas dar gargalhada pelos filhos que a gente tem...”)

²⁴⁷ (não é o caso do Gato, pai do Churrio, traficante conhecido pros lados da Fumaça, que, deram uma batida no rancho dele, atrás das “coisa” do Churrio, que nem tava ali, mas elas tavam, e o Gato, já velhito, acabou preso, porque, que sabia, sabia, não ia mentir. Pois queriam soltar o homem, já cumprira o que deu, e ele, “Não mesmo!” e ameaçava a autoridade, que ia matar um ali na frente mesmo, na saída, só pra ir ficando... “Tô cansado. Aqui é mais calmo...” E foi ficando, vejam, um gaúcho criado campo fora... Cuê-pucha!)

²⁴⁸ (“apenas” porque temos que parecer humildes e escrever de fraque e gravata mariposa, palavras tipo pastor evangélico, embora o resto do país nos julgue prepotentes, pura inveja de quem não tem história pra contar)

gundo ele, nenhum contrabando – “nem o de prata e ouro” – foi por aqui mais rendoso “do que o de carne humana”. De negros – aqueles “que podiam vir a ser o melhor amigo do homem”, conforme a piada infame.

1.7.4.1. Manuel Perbaixa

Montevideo, Colonia e Buenos Aires recebiam navios negreiros e espalhavam a mercadoria pelo pampa. Os espanhóis concediam a empresas privadas estrangeiras o monopólio do comércio negreiro: inicialmente à Companhia de Guinéa em Índias, sediada em Paris; depois a uma empresa de Londres, a South Sea Company. (Qual a origem de Tunica? Os traficantes lusos, a Guinéa ou a South Sea?)

No Salto, cidade do Senhor Fernández, foi preso em 1845 o Coronel Cândido Figueiró – nas pesquisas de RP, caudilho “que chefiava uma comparsa de gaudérios e changadores”. Trazido para a vizinha cidade de Alegrete, foi absolvido “pois era acusado somente por roubo de gado, não existindo então a figura delituosa do abigeato. O gado preado era considerado como caça...”

Já escravo era gado diferente. Valia mais porque tinha mais valia.²⁴⁹

Inúmeros, ao pé da letra, bandearam-se para a Banda Oriental em busca da liberdade que, para eles, aqui ainda não havia. Outros, livres, também... como alguns soldados do 1º Regimento de Artilharia Montada, que, em 1857, roubaram ovelhas, desertaram e fugiram para o Uruguai; como o índio oriental José Dias que, em 1853, matou um brasileiro para ficar com seus arreios, e tomou o mesmo rumo; como Paulo Martins, que, em 1851, contrabandeou fumo, panelas, lenços, roupas, chapéus e, bueno, teve que deitar o cabelo. Com o porteño Joaquim Peralta, em 1857, deu-se o contrário e ele, para ficar no Brasil, trocou de nome, cometendo o crime então corriqueiro de homeostasia:²⁵⁰ passou a chamar-se, suspicaz, Manuel Perbaixa e casou-se com uma mulata de ancas generosas chamada Generosa. Mas foi descoberto e morto.

Interessante anotar, já que acima citamos a valorosa cidade de Alegrete, que, em 1854, quase 20% dos crimes do Rio Grande foram cometidos por lá; alegretenses defendem-se dizendo que, nesta época, Uruguaiana fazia parte da mesma comarca, razão de tão alto percentual: “A bandidagem é da natureza deles”, alegam.

2.8.3. Os rumores do bicho

Duas horas da madrugada e já Otacílio encaminha-se para a fila do SUS.

Andar pela cidade quando dorme é como flunar no sonho?

Até bate um arzinho fresco – ou é impressão – na canícula infernal?

O silêncio escuro amplia a percepção dos passos na terra da rua, da roupa roçando-se, do coração batendo, da ardência do pensamento aplacando-se na massa untuosa e disforme do casario encardido, como um sonho mesmo, homem ao mar. O silêncio amplia e embota a noção de quem vai apressado e, no ir-se, afogando-se mais e mais, dissol-

²⁴⁹ (repetimos, para que levantem a bunda daí e peguem o amansa-burro)

²⁵⁰ (em NH tivemos um problema semelhante ainda agorinha, abafado rapidamente pelas autoridades. O Seu Ramão, depois de velho, começou a sair de saia pela rua, e todo rebocado. Os amigos se faziam de loucos e “Como vai, Ramão?”, sem nem olhar pra saia – por sinal, plissada, um amor –, amigos, sabe como é... Mas ele respondia, modulando a voz: “Rameira! Meu nome agora é Rameira!” Deus te livre! Tiveram que abafar o caso. Imagina se Alegrete, Uruguaiana ou Poliangá ficam sabendo?!)

vendo-se na unívoca sombra, que é tudo sombra sem matizes, sem contornos ou silhuetas para quem flama em Nova Hereford, a caminho da fila do SUS, imerso no sonho bom, na esperança, no maná caudaloso: conseguir uma ficha.

Duas horas e tem pressa. Mal dobra e vê, antes sente,²⁵¹ que não é o primeiro. Aproximando-se, percebe que não é o segundo, nem o terceiro, nem o quarto, nem... A fila já tem sinuosidade de corpo; cobra, talvez, centopéia. E o bicho fala; a bicha, cobra adulta, cascavel talvez, chocalha. Otacílio, desolado, anela-se no rabo, cu último, cu, hemorróida exposta latejando – por que não foi antes? –, com presunção de cabeça.

– Buenas – cumprimenta o velho que substitui na culatra.

– Buenas.

– Calorzinho brabo, hein?! Vejo que o amigo é de fora. A seca deve andar braba pelos interior...

– E tá – concorda Otacílio ao mesmo tempo em que percebe sua bombacha surrada, sua alpargata desbeijada, seu chapelão deslocado, capuz perfeito, homem da campanha, e, contrariado, replica: – Mas o calor, já vi malhores. Até um ventinho deu uma lambida de-já-hoje.

– Não senti. Também, quando a gente tá preocupado, não sente mais nada, só a preocupação. Hum!... Mas Deus sabe o que faz – o homem sacode a cabeça. – O senhor não acha?

Otacílio fixa seu interlocutor e põe-se a pensar se realmente acha que Deus sabe o que faz. Sempre foi uma pessoa honesta, um trabalhador incansável. Se não consegue levar mais dinheiro pra casa não é por falta de esforço, o salário de peão é tabelado e o peão de lavoura ganha um pouquinho mais, mas não passa daquilo, não é o bicho, sabe; o que não sabe é fazer outra coisa, nasceu e se criou no campo, e Deus, por que será que Deus não lhe retribui com um tantinho de felicidade? por que será que plantou aquele calombo na cabeça da guria e, na sua, por que esse desespero espicaçando? E a mulher, agora, sempre aos gritos, perdeu o respeito, perdeu o respeito, claro, um gaúcho sem cavalo, sem arreios, sem...

O outro lhe faz alguma pergunta, ou a mesma, qual?, nem lembra qual, mas sente uma grande raiva, um enjôo por dentro, uma bola gosmenta que lhe sobe – nem lembra qual, nem sabe o quê – e funde uma única, explosiva, retumbante, metálica palavra:

– Não! – atira e engatilha. – Não! – repete e cospe.

3.13. “Como po-derei vive-er?”

“Vírus”, ô palavrinha maleva!²⁵² O vírus entra até por onde até ontem não, camaleão invisível, clandestino no veículo a cuja forma amolda-se, escondido no ar que

²⁵¹ (como quando na véspera pisou a rua de casa; um sensitivo, o pobre, só para o que machuca)

²⁵² (por exemplo: quando Otacílio cuspiu seu “Não!”, vocês tiveram um tremelique, não tiveram? É que o nosso “Não!” prescinde de explicações, porque é não e não, pronto. O outro ouve e compreende de primeira. Não somos que nem vocês, que, de tanto enfeitarem as frases, de tanto superlativo que usam – tudo é íssimo, érrimo, ésimo... –, não conseguem produzir um simples não, legítimo, íntegro, cabal. Por isso – vocês! – a gente se ladeia, já deixando livre o caminho do braço pra faca, quando tem que negociar coisas aí, neste monturo: incapazes de um “Não!”, incapazes, por conseguinte, coitados!, de um ancho e crível “Sim!”)

respiramos, e, de repente, é já todo um discurso, uma idéia entranhada. Vêm os médicos e decretam: “o remédio mata o doente”. Nada há o que se possa e o vírus é já o que, no contágio, vivemos. O Movimento Sepé Tiaraju e outros mais acreditam saber da cura o segredo.

O Senhor Elias Chaves Neto²⁵³ escrevia em 1962 a respeito dos que lançavam mão dos “princípios surrados do liberalismo econômico, pelos quais pensam encobrir os manejos dos trustes internacionais em nossa terra, cujas atividades são tidas como constituindo o regime da chamada ‘livre empresa’ e ‘livre iniciativa’”. Juscelino²⁵⁴ reagiu – modo de dizer, era simpático, falante, e a Dona Sarah, boa que só ela, até virou hospital – contra as imposições do FMI e contra a “atitude de absoluta submissão diante da política externa dos Estados Unidos, por nós seguida ‘quase por uma questão de hábito’”.²⁵⁵

Percebem? Eis o vírus aí, tornado hábito, entranhado em nossas idéias.²⁵⁶ (“Ainda podemos mudar, gente!”; nós, dentro de nossa cabeça, como se estivéssemos lá, no tempo em que “a redentora” ainda viria e, por nossa intercedência, não. Gabeira, vejam, lutou e tal, estaria aposentado, se quisesse, mas, madadayo!, ainda não: “Os travestis brasileiros que batalham lá fora poderiam doar US\$ 1 para ajudar um travesti brasileiro a virar mulher.” Tem uns que estão sempre batalhando, não podemos esmorecer, compreendem? Nova Hereford está cheia de turcos... E se o louco se pára a atirar bombas em nós?)

Ricos, nos emprestam dólares, e, “solidários”, dizem-nos o que fazer com os recursos. Resultado: ao vencerem as contas, não temos como pagá-las e precisamos de mais dólares “solidários”. “Oh! Deus! Deu tudo errado!”, pensam uns, contaminados até o caracu – porque, hijos de una gran puta!, deu tudo certo, carajo!

– O que na verdade está em jogo neste suposto interesse pela solução dos problemas nacionais é a defesa da ordem imperialista – ecoa ECN desde 62; éramos, bem dizer, crianças e os comunistas, bá, tinham um apetite...

(*Se a alma está perdida, ai, ai... salvemos o corpo. Os de sempre polichinelos! Um, dois... Genuflexão! Tragédia inca: “Barbudo, adversário, homem vermelho... / perde-te, volta à rua terra, / barbudo inimigo, homem vermelho...”*)

3.13.1. Comendo gato por lebre

Ô palavrinha surrada, “imperialista”! Mas não é que está de novo na moda: e com propriedade. Quando a Corte carioca e Buenos Aires resolveram acabar com Artigas e o perigo que representavam suas idéias distributivas, o Brasil era “o império”. Hoje, temos a Império Serrano, a Imperatriz Leopoldinense, a Imperadores do Samba... Troquemos “imperialismo” por “globalização” e já não surramos os ouvidos ou a verdade. Troque-

²⁵³ (ECN)

²⁵⁴ (“Como po-derei vive-er? Como po-derei vive-er...” – tem uma moça aqui em Nova Hereford que quando fica triste, canta isso... perdeu o namorado para Brasília, pronde foi, construí-la, o Juscelino, “ajudar o tocaio”, e foi ficando e ficou... até hoje esperando, a moça velha – “...sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia...”)

²⁵⁵ (E o hábito, perdão, mas não faz o monge. O padre da hérnia sempre dura atada embaixo do poncho ancho da batina, este pro céu não vai!)

²⁵⁶ (não era 64, mas já se vinha a coisa)

mos também “anticomunismo” por “anti-PO” ou “anti-Sepé” e, pronto, compreendemos o Senhor Elias:

– Para os defensores da ordem imperialista, o que importa não é o interesse do país, mas o das nações imperialistas em nossa terra e o anticomunismo é mais uma vez o lema a seguir.

Cambiou algo? Hã? Por isso deram sumiço no livro aquele de Caldre e Fião, **A divina pastora**, devia ser coisa comunista... Diz-que acharam os originais... Então tá. Vamos fazer de conta que acreditamos (isssss so²⁵⁷ é bem coisa deles, tá na cara que mudaram ttt tutu do!²⁵⁸). Afastado Perón²⁵⁹ e tomando seu lugar como presidente da Argentina Alfredo Frondizi, logo foram adotadas as fórmulas do FMI para a economia. Apesar de seguirem as receitas à risca²⁶⁰ – de privatizações, de empréstimos, de demissões em massa... estão percebendo alguma coincidência com o que se diz hoje, quando a América do Sul está ainda mais quarenta anos defasada? –, o governo argentino não tinha dinheiro nem para pagar o funcionalismo do mês que findara. E, como hoje, havia quem dissesse que deveríamos seguir o exemplo argentino.

Ainda bem que existem homens como João Mangabeira:

– A história ri dos incautos e zomba dos desprevenidos.

E homens como Caio Prado Júnior, que se levantou contra o Substitutivo²⁶¹ ao projeto que disciplinava o funcionamento das empresas estrangeiras que operavam no Brasil bem como a remessa de lucros aqui auferidos para suas matrizes, por estar claro que não limitava em coisa nenhuma “seu saque às finanças nacionais”, ao contrário, restringia a ação dos órgãos que deveriam disciplinar tais operações. A trampa principal estava em considerar genuinamente nacionais todas as empresas “nominalmente constituídas e organizadas sob forma de firmas brasileiras” – toda “a genuína fauna imperialista que atua no Brasil”.

(Tragédia quéchua. Genuflexão: “Me é impossível / compreender tua estranha linguagem...”, diz Sairi Túpac; “É-me impossível compreender / teu obscuro idioma...”, retorque Filipillo, intérprete de Pizarro; “Barbudo inimigo, homem vermelho, / tampouco eu consigo entender / este teu idioma...” torna Sairi Túpac.)

Caio Prado critica a ação dos parlamentares, que pregavam uma peça “ao povo brasileiro, fazendo-o comer gato por lebre”, contando “com nosso proverbial analfabe-

²⁵⁷ (chega desse negócio! Chega!)

²⁵⁸ (óia!)

²⁵⁹ (mas não Evita, no imaginário de nosotros, nunca! Uma confissão: no pampa vasto, gostamos de égua que galopeie ancho, clinudas, ruanas... temos um fraco por putas)

²⁶⁰ (a professora Anita entende que: “devemos seguir sempre à risca as receitas, se não, pra que nos serviriam? Improvisação em minha cozinha, não senhora! Rua!” E já lá tava sem empregada de novo.)

²⁶¹ (por favor, tenhamos cuidado com os substitutivos. A Rosa Maria trocou o Tito, taxista noturno, porque descobriu que tinha uma amante no outro lado da ponte. Pegou as trouxas e se amasiou com o Edgar, que era guarda noturno e, homem sério, cuidava da mãe doente. O problema é que o Edgar, sem amante nenhuma, não era como o Tito; o Edgar dormia só de manhã e pronto, todos os dias queria “sestia” com a Rosa. Mas então, como é que ela ia atender o Seu Nica, o Vilso, o Seu Dimas e o filho dele? A Rosa Maria gostava de vestido novo e de brinco, colar, sapato... Sabem quanto custa hoje um vestido estampado? Sabem quanto ganha um guarda noturno? E os remédios da velha? Bá... se arrependimento matasse...)

tismo”.²⁶² (Aquele menina do MOVA, a Angélica, ainda tem muito o que fazer hoje. Criada no Jacaraí, ela conhece bem a diferença. Fica até com vergonha quando vê um desses políticos na televisão explicando, “Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”, logo se percebe que não sabem de que coisa falam.)

3.13.1.1. El sonido

De Perón hablamos... “Adióóóóóóóó, pammmpa mííííaaaa...”, “Por uuuna cabeeezaaa...”, “El dííííí en que mi quieeeeeraaas...” “Miiiiii Buenoss Aiiiresss queriiiiidooo...”

– Te gusta el tango?

– Sí, sí, como no?

Pero... em Nova Hereford, cada vez mais, esses grupos de andinos soprando aquelas taquaras e seus bombos legüeros dá uma passada por aqui, faz alto em alguma esquina movimentada e começa a tocar. Lo que tocan estos americanos – “Miii viida en los pueeeeblos... aaaamericanooos / Miii viida se sienteeeee... aacongojaaaaaaadoo / Miii viida porquéé loooooos... goberrrnadooos / Miii viida noos tieeneeee... táááán separaaadoooo...” –, o que tocam eles, em nós toca fundo – “Cuaaando será esse cuaaando, ...senñor fiscaaaaaal / Queee la America seeea... sóóólo uun pilaaaaaaar...” –, porque, pensamos, com Galeano, *nAs veias abertas da América Latina*, e – “Sóóólo uun pilar, ay siiiii... y uuunaaa bandeeeeeeraaaa / Queee terminem los lioos... en laass fronteeeraass / Pooor unn puñao de tieerraaa... no quieero gueeeerraaaaa” – sentimos que *ainda estamos hemorrágicos, sem torniquete à vista, ai, ai, e, assim, flaquitos, vamos diminuindo, diminuindo, como a guriazinha ferida à bala, pequenos, indefesos, criaturas de Deus apenas, ínfimas diante do sacralizado “direito ao exagero” dos que têm “em excesso”, aqui neste pampa assolado por “esse monstro triturador da justiça que é a grande propriedade da terra”*,²⁶³ *escapando-nos a miragem da Patria Gaucha, ai... De Violeta Parra, cantan los indios... también “Gracias a la vida, que me ha dado tanto / Me ha dado el sonido...”* – mas não “el abecedario”, vejamos, Otacílio, muito pouco a dar gracias, buscando algún algo pela cidade que não é sua, hombre del campo, del llano, um vago, afinal, vagando.

3.13.1.2. A ordem da natureza

Falando em analfabetismo, em incautos, em desprevenidos, em 1956 – portanto seis anos antes do texto cujos excertos citamos acima –, já ECN contava o caso das sementes de milho híbrido que o grupo Rockefeller vendeu para nós.

Atenção, pois requer: isso só foi possível porque, “inexplicavelmente”, a Secretaria de Agricultura de São Paulo cederá à estação experimental do grupo ianque, em Belo Horizonte, “algumas de suas melhores linhagens de grande valor genético, nas quais vinha trabalhando desde 1932”. Parece coisa de mentecapto, não!?²⁶⁴ Ou de puta: “Deben

²⁶² (“Otacílio é analfabeto, porém não é burro. Suas dificuldades são as de um homem desacostumado de pensar”, diz José Ovideio)

²⁶³ (Bisol, tudo)

²⁶⁴ (nem de louco, nem de jeca – que, disso, temos todos um pouco –, mas a coisa solta uma inhaca, gruda uma tal meleca, que, bueno, aí tem caca!)

estar secando sus cabellos al sol / las putas de antes que continúen vivas. / Alrededor del cuello una toalla húmeda, / algunos pétalos en el cubo de agua, / sus cabezas de reina vencida mirando un gorrión.”²⁶⁵

“Sus cabezas de reina vencida...”

Os ingleses vieram e roubaram a borracha. Pronto, escancararam a porta. Onde passa um boi...²⁶⁶ Estão brotando plantas amazônicas, vejam, no mundo inteiro, e eles ainda fazem uns papéis patenteando o que sugam das plantas... Como proibir que a Amazônia continue, fértil que só ela, a procriar, procriar, procriar? Até pista de pouso tá dando lá que é uma maravilha; o governo nem sabe da missa a metade. O grupo Rockefeller, informava o autor, atuava em diversos estados, “sob o pretexto de uma ajuda técnica”, mas com o fito real de firmar “cada vez mais fortemente a ascendência dos norte-americanos” por aqui.

Bá... Desde que teu pai foi cabo,²⁶⁷ as forças exógenas dominam a nossa economia, vê-se:

– Nunca, porém, fazendo a prosperidade do nosso país depender da apregoada vinda de capitais estrangeiros que, implantando os seus negócios em nossa terra, virão, não sanar, mas sim agravar os nossos males.

(Tragédia quéchua. Genuflexão: “Ai, ai, meu mui amado / Atahualpa, meu Inca... / talvez tu possas destrinchar / esse ruidoso idioma... / O deslumbramento de sua funda de ferro / me infunde medo...”)

E o Senhor Elias nem sonhava que um dia existiriam os ditos “capitais voláteis”: lá por 56 pensariam em um pé-de-vento que fizesse voar as cédulas de algum bobo,²⁶⁸ sempre tão comuns no Brasil. Mas ele já ensinava que “nada disto é novo”; é da própria essência colonial da nossa economia aceitar o que nos é imposto “como constituindo a ordem da natureza”.²⁶⁹

(“El tigre tiene mucho de paloma / y algo también de mujer o poeta.”²⁷⁰)

Não residiria neste fatalismo terceiromundista “a causa do baixo padrão de vida do nosso povo”? Quem quer saber?... A Chininha levanta a mão, sempre que já vai bater e guardamos todo o material na pasta. Bueno, este é um compêndio de auto-ajuda mas não é egoísta:

– Sim, Chininha, assim pensamos. Rezava o Código de Hamurábi: “Se alguém penetrar numa casa por arrombamento, deve morrer, e o seu corpo deve ser enterrado no próprio local do arrombamento”. Satisfeita?

– Mais ou menos, professor... Mas e se deixam a porta aberta?...

(Nota: prestar mais atenção na Chininha, da 103. Sutil e insinuante?)

²⁶⁵ (Antonio Jose Ponte, Matanzas, 1964)

²⁶⁶ (“boi”, tá certo, é modo de dizer, vamos fazer de conta que é “touro”... Vocês não acham que a filha da Sarita tá muito solta? Esses dias amanheceu meio pelada dentro de um carro na Vila Planalto, e só porque o corneteiro tocou a alvorada no quartel ali do lado, senão... Qualquer dia a escandalosa mata a coitada!)

²⁶⁷ (e, anotemos, o único QAO que fez carreira e chegou ao generalato)

²⁶⁸ (o balancete do coitado do Apolônio, demitido)

²⁶⁹ (ora, natureza! O tio do Sílvio chocou um ovo de passarinho 21 dias embaixo do sovaco, na boca... e nasceu um bichinho com penas, afinal)

²⁷⁰ (Luis Rogelio Noguerras)

3.I3.I.3. Pájaro libre

A trampa denunciada por Caio Prado, o milho híbrido doado a Rockefeller, nossa proverbial hospitalidade, casa da mãe joana... precisamos de uma reforma, urgente. “Constua certo, contrate um arquiteto!” Então, que seja Oscar Niemeyer, que imaginou o Museu – de Arte Contemporânea de Niterói – “como qualquer coisa solta na paisagem, um pássaro branco a se lançar sobre o céu e o mar de Niterói”. Um pássaro, vejam, “como um pássaro livre...”, coisa linda!, e nos meses sem erre.²⁷¹

Antes, porém, arrumemos o terreno. “Nada começa uma sociedade justa, salvo a reforma agrária”.²⁷² E que assim seja.

(Dito isso no seio do Instituto e – janelas abertas – veio uma viração que Deus te livre! Dorothy, sempre over the rainbow, o aperitivo é sagrado nas reuniões de sábado – “porque hoje é sábado”, bem disse o poetinha –, e as reuniões são sempre sábado, se conosco estivesse,²⁷³ voaria de novo para o reino de Oz, como nosotros, aqui, uma viração que ninguém se entendia, o que não é incomum, mas voar?... Então compreendemos, porque nos molhamos todos, flutuávamos todos no mar proceloso. ETs humanos? Chá de trombeta? Henriquetaaaaaaaaaaaaa!...)

– Como vão?, câmbio.

– Assim, assim, câmbio.

– Em que sentido?, câmbio.

– Pois, é, não sabemos, estávamos indo prapaquele lugar – “vão pra p... aquele lugar!”, lembra, lá no GRUNHE?, e vínhamos vindo –, indo e... (zzzim grrough zzff...)

– Câmbio! Não estou te ouvindo... Câmbio! (traftgt pfbzz zim ourgh...)

– O trubigo, isso, o trubigo... (ngsghzzz íííínnnnnnn grog...)

– Câmbio! Dormindo? Perigo?... Câmbio! (zzzziiimm etcétera)

– Umbigo? Não, não, trubigo... (etcétera)

– (Etcétera etcétera etcétera)

De reforma agrária hablamos, o futuro ao alcance de nuestras manos, a ele, tim-tim, brindamos... E tudo – “Dobrar o trubigo! Dobrar o trubigo!” – “porque hoje é sábado... e amanhã é domingo.”

3.I3.I.3.I. Ai, nosso joanete!

Estamos em meio a uma tempestade, vejam, brainstorm d’água e vento, mala suerte!, todos no mesmo barco. O filho do Senhor Érico, pai do Pedro, grita ordens, que é o capitão, e mui respeitado:

– Içar a traquineta! Reverter a vela bimbão para pegar o Vitúrbio de solapa! Vasquilhem a rosca do cabo alçus ou aboldaremos o grande vizeu! Atenção para a sirigaita cruzada!

O capitão, bem dizer, afogando-se no convés, querendo salvar-nos – “O Brasil já fez reforma agrária... dos outros...” – enquanto que os deuses parece que querem mesmo é

²⁷¹ (pra que os gringos que descem pra caçar caturrita não nos molestem o pássaro, que, aliás, nem verde é)

²⁷² (JPB)

²⁷³ (e já está convidada. Por que deixar para depois o que se pode fazer antes?)

que devorem-nos os tubarões – *“Itália, Alemanha, etc., fizeram a sua reforma agrária com nossa terra, mas não podemos esperar que nos devolvam o favor...”* – aumentando o rugir da natureza, os sons que saem de tudo quanto é boca – *“Não existem outros brasis no mundo para receber os sem-terra, já que este está ocupado. Se houvesse, poderíamos incluí-los na nossa pauta de exportações...”* –, Babel, isso?...²⁷⁴ Ante-salas do inferno estas salgadas – *11 reais por cabeça!* – salas – *“Poderíamos exportar desesperados. A população não pára de crescer...”* –, galpões, da peonada, do charque oreando, do fogo – e, olha que apaga o fogo que nunca apaga! –, banheira fazendo água, o barco – *mas, os desesperados, “como não há mercado para eles, deveria pensar-se numa alternativa mais radical...”* –, de encharcar nossas vidas, capaz que uma pneumonia tripla, ou, no mínimo, gripe espanhola, indefesos, sem vitamina C, escorbúticos, a essas alturas, todos. E o capitão, rouco, heróico, defendendo-nos:

– Dobrar o trubigo! Dobrar o trubigo!

Mas os sonhos, bem o sabemos, não fazem curva, retilíneos, alucinados entre os antolhos, burros. Então ao capitão, depois de muito considerar, ocorreu a alternativa radical, fundada em Swift,²⁷⁵ *“que sugeriu aos irlandeses que comessem seus bebês”*, resolvendo os problemas da *“fome”* e da *“superpopulação”*, *ai, ai, ai...: “os sem-terra deveriam ser convencidos a se suicidar”*:

– *O suicídio coletivo*²⁷⁶ *seria um gesto patriótico que daria paz aos campos, sossego aos latifundiários e alívio ao governo. E, ainda por cima, um pedaço de terra para cada um.*

A reforma possível, vejam, mas truplicamos no bochincho tormentoso e – *ai, nosso joanete!* –, vamos ver e temos no pé, nem sonhávamos, mastaréis, vergas, velas... Há esperanças, então. Companheirada:

– Olho nos espigomastaréis da gávea! Força nas pegas de vante! Tu, aí, grumete, é tua a do mastro do traquete! Comigo a grande... Errol! Vai na sobregata! Acab! Acab!... esquece a baleia! A verga, olha que verga! E se verga, se vem a vela! Flynn! Flynn...

Desmaiamos da emoção, ali, pegando junto... e da dor no sobredito, muito saliente a deformação do primeiro metatarsiano em articulado conluio com a correspondente falange do primeiro pedartículo.

– Afinal, quem ganhou?... Ganhamos?... Companheirada... Flynn...

3.13.1.4. O vírus entranhado

Um fato de 1955.

O Embaixador dos Estados Unidos do Brasil nos Estados Unidos, falando aos empresários da terra de Al Capone, disse que a Ilha de Vera Cruz era ainda uma fronteira aberta *“à aventura capitalista”*. Pergunta-se Pompêo do Amaral o que significaria para o Embaixador *“a cultura brasileira, a pátria brasileira?”* E ele mesmo responde:

– Nada. No seu entender o Brasil é uma terra de ninguém que os capitalistas norte-americanos poderão explorar à vontade.

Talvez a única *“terra feliz”* no mundo, discursara o Embaixador.

²⁷⁴ (Isaac?)

²⁷⁵ (Armour?)

²⁷⁶ (este compêndio tem idéias fixas, como essa; os de NH, como disse o poeta, somos todos *“suicidas omissos”*...)

“Sim”, emendava Pompêo, “...sem um governo que a defenda.”

Mudou algo, mas não muito na terra de ninguém, no deserto. Como bem disse Ouyang Hsiu, “Praticando caligrafia, não notei cair a noite... / Para começo de conversa, tinha os olhos enevoados de cansaço, / Não podendo distinguir se a tinta estava espessa ou rala. / Toda a vida do homem tem também essa mesma inconsistência... / Há nisto uma verdade que não se limita à prática da caligrafia, / Deixem que o escreva como aviso para os pósteros, em letras garrafais.”

É o vírus entranhado. E a resistência.

2.8.4. O rato comeu

A fila aumenta à medida em que a Terra, lentamente, despreocupadamente, gira, e, nem bem sai o sol, já desaparece na esquina. E, nesse tempo todo em que Otacílio esteve quieto, os outros não:

– O tatu peludinho chorão, ele chora quando se bate no bucho dele...

– Um corderinho preto de dois ou três dia sumiu, se extraviou. Fumo percurá e eu vi numa toquinha a cabeça redondinha e preta, com um branco meio manchado. Olhei e ele méééé! Um pedaço do nariz tava comido e a oreia tronchinha. Ou foi raposa ou zorrio. Tirei o bichinho forcejando...

– Fiquemo atucanado... Sem luz, sem água... Pagá, como?

– A gente aí rengueia até o banho...

– Bota boa aquela mulher lá de vermelho, olha...

– Meio pouco!...

– Os home vão comendo pelas beirada, e quando a gente vê, adeus-tia-chica...

Quanta ternura, simplicidade, cor... em uma palavra: donaire.²⁷⁷

Vejam que o bichinho fez méééé!

Um senhor uma vez, desses bacudos, sabem como é, viu o patrão comer uma nojeira e saiu espavorido, gritando que o Seu Agenor tava comendo “chapéu-de-cobra”.

Não é graciosamente telúrico?

E instrutivo, pois contraria a idéia muito difundida entre os intelectuais de hoje – e os proctologistas de sempre –, esses doutores!, de que o gaúcho se alimenta mal. O que não pensariam os arqueólogos daqui a uns quinhentos anos? Chapéu-de-cobra, lesma e até concha viva tem quem coma, e que assim conste. Agora, pasto? Pasto não. E isto nos diferencia desta gente que se empanturra de radiche, rúcula, repolho podre, feito o ilhéu de **Melancia – Côco Verde**, nem vale a pena repetir, leiam.

– Um rato comeu o dedo mindinho da filha dela, coitada.

Alguém o cutuca e ele, que estava longe dali, Deus que o perdoe, sua tarefa tão importante, de pai zeloso, pai, mas ia longe, já andava por Cielito, a um passo de Quibiajú, via mesmo as pradarias mimosas, como um tumbeiro, parando um pouco ali, outro pouco acolá, um tumbeiro, que é, pro caso, o gaúcho andarengo que ainda resta, esfarrapado, mal montado – mas montado! – e entendedor de um tudo, qualquer changa por pouco e bóia... Já andava por Santa Glória, mocito ainda, campo fino, puro trevo, quando uma vaca comprada, de tanto empanturrar-se da leguminosa – e dizem os gringos que, na

²⁷⁷ (o poeta Rudiard)

salada, é bem bom –, pegou, vejam timpanismo, como se diz, e Otacílio aprendeu que se faz um furo no vazio dela e se enfia um tubo ali, pra saírem os peidos, às vezes, quase sempre, salta bosta junto e entope o tubo, mas é assim, se limpa e meta bala, senão ela morre... as coitadinhas, pegam a comer, comer, ficam com cólica e deitam com as patas estaqueadas pra cima, como o raio deixa elas, essas mortas no upa!, que também do timpanismo, morrem, só que depois, aos poucos, pegam a inchar, a inchar...

3.13.2. Periga faltarem vacinas

O vírus entranhado...

Continuemos no mesmo sendero aquele, pode ser que se encurrale o bicho.²⁷⁸

Caio Prado Júnior, em 1956,²⁷⁹ falava dos “malefícios da tremenda concentração de capital e poder econômico”. Criticava a posição do presidente Juscelino numa questão básica para a desconcentração deste poder: a reforma agrária (e os do Sepé são vistos como desatinados!). Escreve: “o Senhor Kubitschek reduz essa ‘mudança de estrutura social e econômica’ a medidas de fomento da produção e estímulo da técnica”. Ora, diz ele, isto “é chover no molhado” (e nós, neste calorão, usando qualquer papelão de leque, temos que concordar, porque o homem está certo).

(Antevendo tudo isso, a vida é bucha e tal, Jojô e Jajá – 1901 – resolveram se suicidar:

– Tudo frito! Tive a última recusa. Só temos uma porta aberta para sair deste aperto fechado... – diz Jojô.

²⁷⁸ (Uma pausa: pegaram Saddam. Como bicho fuçador, escondia-se em um buraco no pátio de um ermo qualquer – “Jamais se soube ao certo / o que oculta um deserto”, Drummond –, com armas e dólares – americanos? –, a toca camuflada por um tapete barato, vejam, esconderijo tão manjado esse, qualquer sujeira, bota pra baixo do tapete, e estava sujo, o derrotado – como são sujos, molambentos... “Repunantes! Um nojo!”, diz a Anastácia, nome de princesa e língua tão ordinária... os mendigos de nossas ruas, um especialmente, das redondezas, sempre pedindo um trago, parecido com aquele outro que, como o português Peralta, trocou de nome, para Osho, mas não foi preso por isso, decerto acharam que não podia ser nome isso, muxoxo, vá que seja, e, então, “desacato à autoridade!” –, como são os derrotados pelo dia-a-dia da vida, escondendo-se nesses vãos do progresso – que não pára! Não pára! Não pára! –, onde caibam todas suas miudezas – latas, panos, vidros, plásticos... –, os sacos, casa ambulante, domicílio incerto, porém, mas moram dentro, dentro dessa aura miserável que afasta os outros como cerca elétrica, como jaula que também o ilha nas ruas como se bicho de zoológico, mas não qualquer um, cobra, aranha, ariranha... os olhares de asco, de medo, de distanciamento confortável, e refugiam-se nos vãos. Já estava preso Saddam na toca, que só não foi sua tumba porque há quem o queira exibir vivo, cobra rara daquelas do deserto, antes de, exemplarmente – e como se enganam... – executá-lo. Bush já declarou que quer, mas seus aliados, não. O cardeal Renato Martino, presidente do Conselho Pontifício para Justiça e Paz, está no jornal, ficou chocado, sentiu “compaixão” por Saddam ao vê-lo na TV sendo tratado “como um bicho” pelos americanos. É princípio rudimentar do capitalismo – como diria o outro – produzir... “Exclusão?”, atalha a sempre ansiosa – “ai, tô ansiada hoje!”, e, amanhã, “ai, não sei o que que é, menina, mas não posso parar quieta hoje!” – Romilda. Mas nem era isso, pensávamos em dejetos... Viggo Mortensen, americano, diz que George Bush é um “imbecil perigoso”, e que os “interesses por trás dele são perigosos, não somente para a América, mas para o mundo”. E Viggo, vejam, é Aragorn, rei de Gondor... Bueno, basta! Frodo e agora Aragorn? Não temos um trato de não falar de política? Daqui a pouco vem um e diz que, uuuuu!, “há algo de podre no reino da...”, qualquer um desses paisinhos inóspitos, “...Dinamarca”, que seja. Ah, tenha dó.)

²⁷⁹ (“Essas datas: por que essas e não outras?” Querem mudar 35? 93? Bueno, então tá. 35 é 53; 93, 39, só invertendo, pra simplificar... Ah, não querem. Também não mudamos as nossas nossas. Ou nascemos por aquela época, ou éramos crianças, ou jovens... tem tempo melhor? E foi por ali, do “Bota o retrato do velho na parede outra vez...”, passando pelo “Como pode peixe vivo viver fora da água fria...” e pelo “Varre, varre vassourinha...”, a renúncia, a Legalidade, Jangolarte, Castelo... foi por ali que a nosotros tocó bailar con la gorda, cagados que nem guasca de tambol!)

- ...Com esta é a dezenóvima vez que queres ser dependurado – diz Jajá.
- Por andar na dependura: mas não chegaremos à vítima.
-
- Isso é coisa do Campos Leão. Só pode! – arrisca um.
- E não é que não é. SLN e mais não digo.
- Sotreta. Mas já tenho um palpite pro bicho.)²⁸⁰

Caio Prado não cansa de pregar no deserto?... Reforma necessária para uns reduzir-se a “crédito abundante” e “preços mínimos para a produção agrícola, mantida a paridade entre os preços de venda e custos de produção”. O presidente ficara nas generalidades encontradiças “em todos os documentos públicos relativos à agricultura aparecidos neste último meio século pelo menos” – ou seja, na primeira metade do século XX do milénio passado.

(Como passa, o tempo, lá fora... e nós, aqui dentro, os mesmos, de gumex e calça curta... Desperdício.

- É mau ser-se bom – está certa Jajá.
- E o Caio Prado, hein?!... E o irmão do Henfil?!...)

Essa reforma que nada reforma, agrária, apenas mantém o status quo.²⁸¹ Compreendem? Vocês aí, “masa estúpida / que se estructura / bajo el concepto fofo / de pueblo”.²⁸² Prestem atenção! Agora: dez apoios e vinte polichinelos!

- Que reforma agrária? Terei dormido... Sonhado, quem sabe...

(Impressiona que, ao ligar-se a TV ou abrir-se o jornal, HOY, lá estão os produtores com o mesmo discurso:

- Grrgh grauuuooo uof uofffrrrrr etcétera)

Só mudou o que mudou: o Sepé, que, àquela época – com os trabalhadores rurais apenas ensaiando alguma agitação para serem ouvidos, “a exemplo de seus companheiros da cidade” –, nem em sonho se imaginava. (Tal surgimento, bueno, muito ampliou – e enraiveceu – o – supracitado – discurso da classe proprietária. Periga faltarem vacinas...)

– Querem uma confissão franca? Eu, depois que deixei de jogar no bicho, não encontro mais atrativos na existência... O bicho, sim, é comigo! – Jajá, definitiva.

- Somos artistas – Jojô, numa pirueta.
- Em NH o boi é aposta certa – o Senhor B., de bunda.
- Na mosca: muuuuuuuuuuu!

E Campos Leão, hein?! Sub-delegado e não prendia ninguém. Corporativo!

3.I3.2.I. Moscas morriam às pamparras

A de Juscelino, definitivamente, não era a reforma agrária que pediam “os milhões de trabalhadores roídos pela verminose que povoam o campo brasileiro”.

E eis que – viram? – aparece a verminose, a doença, o vírus social.

²⁸⁰ (girafa, tá na cara, o bicho é mudo... E diz-que tem umas no mato do Caagai, pros lados do Mariano...)

²⁸¹ (Dr. Vazulmiro em nome da classe dos “adevogados”)

²⁸² (Carlos Aguilera)

Diz Osvaldo Albuquerque: “nas zonas de latifúndio, o índice é aterrador, o que levou um latifundiário a afirmar: ‘Se a mortalidade de bezerros fosse nas minhas fazendas como a das crianças, eu desistiria de ser criador’”.²⁸³

Puxa vida! Delicado, não? E cartesiano, como todo negociante inescrupuloso. Nós, não... “Vincent Van Gogh también pintó veleros:

no sé cómo se construye un velero
nadie me propuso nunca construir
un pequeño velero
no traían más que tablas de salvación
para flotar a la deriva
yo siempre te dije que era grande el océano
tiene por imagen el viento y la madera...”²⁸⁴

Grande o oceano, não dissemos?... Flynn!... Flynn...

Van Gogh pintou, mas Gauguin foi... (e com as orelhas salvas!): “su seguridad es que el límite no existe...”²⁸⁵

O caso é que corria 1956 e morriam no Brasil crianças às pamparras: mais em um ano de paz do que todas vitimadas pelos nazistas na 2ª Grande Guerra. Em 1944, 70% das crianças que brincavam nos parques de São Paulo eram subnutridas e 80% entre os escolares do Rio de Janeiro de sete a quatorze anos. Andressa, ainda bem, não.

O Senhor Albuquerque achava que “somente combatendo a miséria, somente resolvendo os problemas do imperialismo e do latifúndio é que as crianças brasileiras deixam de morrer como moscas”.

Chocante, não lhes parece? Como morriam moscas, meu Deus!

E o Jeca Tatu, o Mazaropi, tão engraçados... Agora tem o Cascão... Nossa criatividade, sem favor nenhum, é famosa em todo o mundo. Tem gente aqui que mora em caixas de papelão, não se desperdiça nada, “tudo se transforma”, como disse o homem aquele. E o Pelé! Cada golaço. E o Canhotinha de Ouro, o Galinho de Quintino, o Bola-bola, o Dadá Maravilha... Ih, que se espicha!

O Senhor Luís Carlos Prestes...

Não. Nesta roda de charla amistosa não devemos tocar em política, procure e leia nota em algum lugar lá atrás.²⁸⁶ Não é o homem da tal coluna? Então... Mais um mate?...

3.13.3. Preços vis

A quizila contra o “latifúndio e o imperialismo” vinha (vem!) de uma simples razão: aquele trabalhava para este outro e não para o país.

Lição primária: a produção voltada para o mercado externo, característica estrutural de nossa economia de base – e não sabemos, aqui?!, anda, le vas a enseñar a tu padre a

²⁸³ (repete, sem saber, Barrán, ou este, ao cuidar da cultura bárbara de cento e poucos, duzentos e poucos anos atrás, no pampa, sem pretender, apresentava um modelo, um modo de pensar que vararia os tempos, bárbaro, cruel, animalesco. Cuê-pucha!)

²⁸⁴ (Reina María Rodríguez)

²⁸⁵ (Reina...)

²⁸⁶ (“Como? Umas temos que ler, outras, não...” Sem chilikues, apenas obedeçam-nos.)

hacer hijos!²⁸⁷ –, não faz frente ao que necessitamos importar: assim sempre seremos, dizia Elias Neto, em 1956, fornecedores “de gêneros alimentícios e matéria-prima aqui adquiridos a preços vis”. Mais de quarenta anos passados, mala suerte, o tema ainda é o mesmo, discutindo-se como “agregar valor” ao que produzimos.

(Tragédia inca. Genuflexão: “O barbudo inimigo tem... / o coração ansioso de ouro e prata...”)

ECN receitava um plano de industrialização com a concomitante, *ai, ai, ai*, “divisão da propriedade agrícola para aumentar o padrão de vida de nossa população rural”, que se constituiria em “um mercado” para a indústria nacional. A dificuldade nisso tudo era que dominava-nos “o imperialismo norte-americano” e, embora “a época dos fazendeiros” tivesse passado,²⁸⁸ “sua influência devia se fazer sentir no governo, pesando sensivelmente até hoje na direção dos negócios públicos”. O “hoje” de 1956 ainda está contido no “hoje” do século XXI, não é certo? Olhem o embrulho de Boicici, a mãe da mãe da cobra, que jara, hein!? De cada mil crianças nascidas com vida em 1990, 48 morriam antes de completar um ano de idade. Em 2000, o índice melhorou para 29,6. Andressa, não, graças a Deus! As taxas preocupam os especialistas porque, vejam, na região nordeste ainda morrem 44,2 em cada mil.²⁸⁹

A preocupação é pertinente – olha os micuins... –, pois, nos últimos vinte anos, o Brasil passou do nono para o segundo país do mundo em número de desempregados, atrás apenas da Índia... E, na Índia, isso é até normal, porque lá boi não trabalha... São 11 milhões e 454 mil desempregados no país! 35% dos gaúchos não têm rendimento – 42% dos brasileiros – e a quarta parte dos que trabalham recebem “até” um salário mínimo, o que significa que muitos nem isso ganham.

– Mas então, nobres colegas... – discursa um vereador –, não tá certo chamar de mínimo. Temo que batizar esse salário doutra coisa. Proponho o nome de Salário Miniatúra, que é mais um arremedo, assim... minha mulher foi que pensou, ia passando o anãozinho filho do Seu Soneca...

Os micuins vão coçando e a gente tem é que tirar a roupa e tomar um banho, é só o que cura: o Senhor Pochmann, secretário da prefeitura de São Paulo, afirma que os números catastróficos refletem a maneira como o país inseriu-se no mundo globalizado, abrindo-se demasiado sem impor coisa nenhuma.²⁹⁰ Tendo em conta que a globalização é patrocinada basicamente pelos Estados Unidos, vemos que o atrelamento à economia e aos interesses “imperialistas americanos” de quem falavam nossos camaradas de décadas atrás, continua, e com grandes prejuízos para o Brasil.

– O Império... – Gore Vidal.

²⁸⁷ (não que discordemos do que vai dito, está dito, aliás, “le vas a enseñar...”, compreende?, mas dá uma coisa na gente é esse jeito de dizer, começa a dar uma coceira, parece que a frase tá cheia de micuin...)

²⁸⁸ (como, “passado”? Em Alegrete, já disse o poeta, “quem não é fazendeiro é boi”; em Nova Hereford, Poliangá, Uruguaiana, Quaraí... é o mesmo. Basta sair pra rua que se pecha com uns quantos, e nem precisam andar pilchados, todo mundo se conhece... E boi, bueno... vejam o Otacílio: boi não é, mas a vida toda, guri sogueiro, peão campeiro, peão de lavoura, sempre forcejando... sempre preso à canga...)

²⁸⁹ (o Ambrósio não pode ouvir isso, fica nervoso e se frouxa, se caga todo, o homem! Pensa que o pastor da igreja nova, sempre suando no terno imenso, esgoelado pela gravata vermelha, o pastor então está certo: o apocalipse! O mundo vai acabar, já está acabando, meu Deus... pronto, cagou-se.)

²⁹⁰ (é o caso da guria da Sarita. Temos que alertar a próxima! Se cai na boca do povo...)

O sonho – talvez utópico – de João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta era o de um povo autônomo, vivendo o idílio de um pampa para todos. Sonhou-o também – e antes, e mais ancho – José Gervasio Artigas, mas o imperialismo de então, o inglês, o abortou. Lástima!

3.13.3.I. Babugem

Agora está na moda a água... eles querem; a amazônia... também; o petróleo... sempre em alta. Tudo, tudo, saco sem fundo!

As professoras receberam um saquinho com água, pedrinhas e um peixinho de matéria dentro. Para meditar. Depois, cada uma delas socializava seu pensamento. A Rose, sincera:

– Eu fiquei pensando em mim, um peixe fora d’água... Com esse calorão, podia estar na praia...

– De monoquini?

A outra entregara flores para o Oswaldo Aranha quando criança, ele ministro e tal, ela estudante designada:

– Ele me beijou no rosto e acariciou meus cabelos...

– Mas qual a relação disso com a água? – a orientadora, preocupada.

– Me babujou toda.

A Dona Mimosa Saldanha, vejamos – saudosa senhora –, parente do João Saldanha, a escolhera... porque era “a mais mimosa da classe”.

– Pois eu pensei na viagem que fiz a Miami ano passado, cada peixão! – a rainha do faz-pouco, fazendo pouco das colegas.

A água, bá!, bota coisa séria. Ainda bem que temos o Botucatu embaixo de Nova Hereford inteirinha.

2.8.5. Pobre da Dona Eulália

Otacílio, na fila – que fila? – vai longe, nem sabe, de lança, enfeitada com bonitas penas de tarrã, de aljava, de carcás, a terra sortida que era uma beleza, tinha – tem, basta saber o que é bom, ser vaqueano – de tudo. Pegou o tempo em que se ficava anos sem vir na cidade, pra quê? Uma vez se tocou de carroça, carregando a mulher e a filha do patrão, não era mais que um gurizote, nunca esquece que as duas, antes de passarem a ponte, pararam e lamberam bem os cabelos, imagina!, tapadas de pó, que boniteza a lambidinha lhes daria!?

E a finada Eulália? Mais de oitenta anos e nunca tinha arredado pé do São João.

Os filhos avisaram que ia ter que viajar pra cidade, arrumar os papéis do Funrural, ganhar um dinheirinho por mês, que a coisa não tava boa, não podiam perder, ela tinha direito, uma vida inteira trabalhando no campo, até em trator subia, ajudava na mangueira, bá! Mulher de valor a Dona Eulália. Pois não é que – nunca tinha vindo –, de nervosa porque no outro dia viajava, teve um ataque, caiu e ali ficou, mortinha da silva.

E sem conhecer Nova Hereford – nem sua ossamenta! –, pois lá mesmo foi enterrada, no cemitério da família, à esquerda de quem pega a estrada do Parové, se vê de longe, no alto, um túmulo pintado de azul – celeste – embaixo de um enorme paraíso, é o dela.

Pobre da Dona Eulália.

4.3. “Personagem de romance”

Verdadeiramente, a bandidagem grassava no pampa. Como diz FAZ:²⁹¹

– El estado cultural que se va desarrollando en el Plata alrededor del nucleo inicial de la vaqueria e la volteada y de su caza en los grandes espacios abiertos, condiciona las aptitudes... Es por eso que, insistimos, se ha confundido esta condición socio-cultural de los gauchos con un estado de marginalidad.

Bandidos mas não marginais, ficou claro?

O roubo, a pilhagem, o saque eram cometidos tanto pelos proprietários como pelos que gauderavam pelaí; estes, no mais das vezes, a soldo daqueles. Por isso, quando o Senhor Tau Golin²⁹² deixa escapar, en passant,²⁹³ que “Bento Gonçalves da Silva não só cometeu largamente o contrabando, como também constituiu-se em um dos mais ativos ladrões que a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul já teve notícia”, tranqüiliza-nos, pois, pelo menos os fronteiriços, ficávamos um tanto encabulados com sua mitificação como símbolo da pátria – e Pinto Bandeira? e Borges do Canto? e João Burro, Abreu? e Gumercindo Saraiva? e los hermanos Facundo, Peñaloza, Varela, Rosas, Artigas, Rivera?

Quando líamos no jornal do Grêmio que “ninguém mais do que esse gaúcho incomparável – Bento – possuía as brilhantes qualidades de caráter e atividade que caracterizam essa raça de centauro”, corávamos. “Cavaleiro andante”; “mais belo tipo dessa geração de espartanos”; “tipo representativo da nobreza rural”; “patriarca da raça”; “personagem de romance”...

Puxa! Parece coisa de pederasta, essa linguagem “orgulho gay”, essa meleca cor-de-rosa, Deus nos livre!

Menos mal que o homem foi muito mais macho do que o mito.

4.3.I. Comprou a patente

Já em 1812, Bento vai para o Uruguai e começa a negociar gado com Don Contucci, “o maior traficante fronteiriço daqueles tempos”, segundo Wiederspahn. Daí pra frente, só acumulou fortuna. Capaz que não!

Em 1818, um clérigo a serviço de D. João VI acusa o governo do Marquês de Alegrete “de roubo contra a Real Fazenda, despotismo, libertinagem e corrupção de costumes”.

Bento era “capitão de guerrilha” do Marquês, “com o objetivo de saque”. O diário do Sargento Mor Albano Rebello, de 1819, anota que o futuro líder farroupilha comprou a

²⁹¹ (ora, Iara, esta Feira já perdemos, atenção, por favor! FAZ de jeito nenhum desfaz, como pode parecer, de nosotros, gaucho bueno cosa séria)

²⁹² (doravante TG)

²⁹³ (Valduílsson José, cronista social)

patente de capitão por “doze mil cruzados”.²⁹⁴ A carta do clérigo a D. João diz que Bento introduziu milhares de reses “publicamente roubadas no campo de Montevideu, e vendeu-as na fronteira”. Os ganhos eram divididos entre todos os participantes dos golpes.

O Senhor Antonio José Gonçalves Chaves, autor das **Memórias Econômico-Políticas**, refere os roubos, inclusive de terras, levados a cabo pelo Marquês e sua pandilha. E este Senhor é sério...

4.3.1.1. Sincero conservadorismo

TG comenta que um dos golpes funcionava assim: o grupo introduzia gado na província por contrabando e o vendia; depois, confiscava a tropa, porque contrabandeada, e a vendia novamente ou a transferia às estâncias de cada um deles. Vivendo e aprendendo...

O sobredito Rebello relatou a D. João VI o roubo e o contrabando, por Bento, de quase vinte e duas mil cabeças de gado; isso sem contar outras quatro tropas, cujo número de animais não é citado. Não espanta que, em 1822, tendo como sócio Boaventura Barcelos, tenha comprado “uma grande estância do outro lado do Jaguarão”, segundo informa SCF. Quando estourou a Revolução Farroupilha, em 1835, com o intuito de defender o status quo²⁹⁵ dos ruralistas e charqueadores do Rio Grande, Bento – também, com todo esse currículo! – já era um homem respeitado, especialmente por seu sincero conservadorismo, pela confraria oligárquica gaúcha.

Como chefe militar foi pouco mais ou menos como um chiste – verdadeiro desastre! –, tendo passado o decênio heróico praticamente virgem de vitórias. Na batalha da ilha do Fanfa, quando acabou preso, demonstrou o quanto faltavam-lhe pendores estratégicos. Mas, ao menos – “Por ventura restava de braços cruzados Quinto Máximo?”, pergunta Cícero, bem a propósito –, pôde levar um dos seus escravos para servi-lo na cadeia.

4.3.1.2. Um homem de bens

A rememoração de tais fatos não busca denegrir a imagem que foi construída para Bento a partir do fim do século XIX. Não.

Alguns de nós, do Instituto, entendemos que o povo precisa de vultos a quem cultuar, para que fique quieto no seu canto e não venha incomodar com ilusões de igualdade, liberdade e humanidade. Nos momentos certos, é preciso usar as palavras certas, que alimentam o espírito de tão estentóricas, de tão grandiosas em seu significado, capazes de abrigar todo um povo sob seu imenso poncho vazio. Se não, onde iríamos parar.²⁹⁶

Queremos é preencher o curriculum vitae²⁹⁷ de Bento com feitos que garantam-lhe o status²⁹⁸ de mito mesmo perante o populacho de hoje, muito mais vaqueano em barbaridades. Com a folha corrida que a história oficial inventa, Bento não conseguiria sequer

²⁹⁴ (considerando as mudanças da moeda, desvalorizações, inflações, de moderadas a galopantes, lastro ouro, cotação do dólar no paralelo, segundo nosso bombeiro hidráulico, Romalino, pagou barato, pois um bom trono não tem preço: “não é onde cagam os reis?”)

²⁹⁵ (Dr. Vazulmiro)

²⁹⁶ (o assunto é controverso, já o anunciamos, mas qualquer campo tem suas chircas, entendem?...)

²⁹⁷ (Dr. Vazulmiro)

²⁹⁸ (idem)

um emprego de leão-de-chácara de boate, quanto mais de miliciano nos corpos de combate ao Movimento Sepé Tiaraju!

Portanto, vamos lá: lição de casa: em nome do sagrado direito de propriedade – a máxima bandeira do GRUNHE e seus coirmãos –, é preciso fixar que o ínclito General Bento Gonçalves da Silva nunca foi um democrata. O movimento farroupilha, ensina o Senhor Moacyr Flores,²⁹⁹ constituía-se “de uma minoria prestigiada e dominante, econômica e militarmente, pois não aceitava a participação do povo, isto é, dos não proprietários, no governo”. O mesmo autor comenta que na eleição de Bento para chefiar a Revolução, “o povo não votou, seguindo a orientação liberal, que concedia o direito de voto apenas à elite”: o chamado voto censitário, privilégio dos “homens de bens”. Acrescenta TG que – lógico! – “somente os proprietários tinham direito a cargos”.

Prosseguindo: para candidatar-se a deputado exigia-se “renda anual superior a 300 mil réis”; a vereador e a juiz, “acima de 100 mil réis anuais”; a senador, bueno, aí o candidato deveria possuir de “rendimento anual por bens, indústria, comércio ou emprego, a soma de 600 mil réis”. Mais ainda: Bento nem republicano era. Em carta de 1836 a Domingos José de Almeida, é bastante claro:

– Escreve a nossos inimigos que se existe esse sonhado partido republicano, que nos mostrem que nós seremos os primeiros a debelá-lo.

4.3.1.2.1. La cueca

Canta Violeta, sem a caixinha do lado, que de aires vive, su canto viene del aire: “El primer día el Señor / bajará con sus arcángeles / con nuevo coro de ángeles / a juzgar al pecador..” Onde? Otacílio procura no céu o sinal, mas nada, nem de arcángeles ou chuva ou, inocente pecador, de seu cavalo com asas... encilhado. Canta Violeta, canta: “Arriba de aquel árbol / se subió mi pensamiento / y después que estaba arriba / no hallo por donde bajarse...” Apeia, tinhoso! Como vamos prosseguir... Chega de retoço! Então, Violeta, que não quer de modo algum atrasar Otacílio em sua missão, obedece: “Aquí se acaba esta cueca / aquí la remato yo / como la cueca se acaba / así me acabaré yo.”

– Mas, será os pé... García!

– Si, señor – rápido para um gordo.

– Anjo, árvore, vá que seja, mas agora essa bagaceirice?!... Cueca se acabando?! Mas o que que é isso?!

– No lo sé, señor...

– Leva a mulher pro estádio, tá ficando perigosa.

– Mas, señor... Cobreloa y Colo-Colo están jugando... No hay más lugares, el estadio está lleno.

– Puta que pariu! Quién gana?...

Não Victor Jara e tantos, tantos... Pero “los muertos están muertos. / Tranquilos, y bien aclimatados al silencio / que no los desespera...”³⁰⁰ enquanto nosotros, ai...

²⁹⁹ (doravante MF)

³⁰⁰ (Ángel Escobar, Guantánamo)

4.3.1.3. Semi-deuses

Os farroupilhas entendiam que o seu pensamento conformava a sociedade justa, pois, como bem coloca – onde? olha que um aqui meteu mal e quebrou a coisa, ficou que nem uma torneira, assim, dobrada pra baixo – MF, “o liberalismo parte do princípio de que poucas pessoas têm capacidade de governar e que o povo necessita de uma classe culta que escolha seus representantes”.

Estão percebendo?

Por isso criaram a idéia de que peão e patrão são iguais, escamoteando o fato principal de que o último – “Bota último! Que dirá se fosse o primeiro!”, faz pouco o mesmo Romalino, que se parou a ouvir em vez de trocar fossa, poço negro, tudo, que o cheiro é tal que as reuniões do IC acabam quando manda o nariz, fanho como são os narizes: “chega!” – é o dono dos meios de produção e, portanto, pode mandar a la cria o peão sempre que lhe aprouver. Sem diferenças de classe e sem conflitos – no Rio Grande nunca houve uma revolução que antagonizasse classes sociais –, “quem exerce a dominação”, na análise de SP, “o faz porque é, em tudo, natural e visceralmente, superior”. Mesmo não sendo, compreendem? São predestinados, semi-deuses! Compreendem?... hein, Romalino?!

Temos de otimizar o currículo de Bento e de sua turma: já eleições são perdidas em currais tradicionalíssimos. Isso é uma barbaridade! DF fala do trabalho ideológico que sustentou e sustenta a dominação social dos proprietários rurais:

– Asseveram os ideólogos do pastoreio que essa produção constituiu sempre um processo natural que dispensava a intervenção do trabalho social ou, quando muito, apenas exigia quantidades despidiendas de trabalho. Daí conclui-se que a acumulação de capital se operava “mediante processos exclusivamente naturais; não haveria dominação e exploração no pastoreio”. A lida campeira, para eles, era “puramente lúdica”. (Freitas denuncia vários desses ideólogos – que idéia! Venham camperear um par de dias que seja e vamos ver como se saem de bunda!)

4.3.1.3.1. Arrodeando na jaula

Puramente lúdica a lida campeira?

DF cita Rubens de Barcelos – “o pastor rio-grandense é um ocioso” –; Jorge Goularte – o peão “serve ao patrão espontaneamente, quase sempre por amizade” –; Severino de Sá Brito – o trabalho pastoril são “aventuras agradáveis na vida da estância” –; Euclides da Cunha – o gaúcho “tinha o trabalho como uma diversão” –; outra vez Sá Brito – era uma “existência idílica nos pagos abençoados pela felicidade” –; mais de Jorge Goularte – dêem ao peão “um excelente chimarrão, um veloz corcel, um suculento churrasco e o centauro do pampa se mostrará totalmente satisfeito” –; ainda Euclides – o peão vive como um “aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado”; Vargas Neto – o peão é um vagabundo, “é o horror do trabalho que o domina”.

(Palavra de ordem, *por favor, não podemos nos calar diante de tais atochadas, calúnias, melhor dizendo, e já a cabeça se nos cai e vai ficando tortinha, tortinha, a emoção, e já entramos no terreno movediço do Direito, Deus nos livre!, o caso é que, já dizia Artigas, “con libertad, no ofendo ni temo”, e Dyonelio, “a minha vida foi marcada com o signo da solidão”, e o Senhor Crespo, “a gramputa, horror al trabajo! Andate a cagar!”, e a Professora Vanja, “falta de respeito!”, e nós ficamos sem saber se censurava seu colega*

de sodalício ou a quem ele xingava, criando-se um mal-entendido, espaço para elocubrações e conjecturas nada férteis em se tratando de uma sociedade sem fins lucrativos, onde enganos, empulhações, logros, não cabem, essa história de, pelo telefone, “o senhor foi sorteado pela nossa empresa e pode ganhar uma viagem...”, ou “...um bonito conjunto de panelas”, ou..., entendem?, às vezes na cara de pau mesmo, na nossa porta, “o senhor é um dos felizardos escolhidos...” Não! Não! E não! Não somos, em Nova Hereford, felizardos; não há felizardos por essas bandas! Nos tiraram tudo e ainda vêm – vocês! vocês! – apunhalar-nos a alma – empedernida, por supuesto, bárbara, o minuano lapida bruto, mas alma, enfim, “sin perder la ternura jamás” –, e vêm vocês, sem ó de casa, sem com licença, sin Ave María Purísima instalar-se lombriguentos em nossas mais remotas entranhas, corroendo-nos a intestina identidade, não espanta que cresçam entre nós os casos de hemorróidas, que dieta, que nada!, que carne, que nada!, é que, vocês!, só mesmo cagando fora, não entendem? No pampa, escreve Dyonelio, fala Dyonelio!, e já nos falta lenço, que sobram águas, “o que nos cerca e aprisiona é o infinito, a falta de horizonte próximo, que marque uma etapa, como quem diz: uma finalidade...” No pampa, aí, Jesus!, “a vida, que é movimento, não nos vem, nem do tempo, que não marcha, nem do espaço, que não muda”, assim, temos “por teto a solidão, por vivenda o deserto”. Dessa “claustrofobia às avessas” sofremos... Horror ao trabalho? Coisa nenhuma! Ficamos arrodando na jaula séculos, guerreiros, peões pra toda lida – lida nenhuma, analfabetos, nem nenhum documento próprio que reconheçamos, nenhum sem retrato, letras nenhuma, lidas todas, de bicho, tosa, doma, alambre, tudo – e nada hay que nos emancipe de tanta experiência, de tanta competência, de tantos serviços prestados à pátria, enfim, de tão qualificado currículo, nada que nos alforrie deste zanzar andareco, desta monarquia em farrapos, que nos sente o pêlo do lombo, coisa pouca queremos, qualquer canto deste infinito que nos assente, que nos prenda, pro causo, porque aqui, grita Dyonelio, “só a riqueza governa”!, e então, presos a um naco de terra, não pela plata, enfila nel culo si te gusta!, mas pelo livre governo sobre a prisão que nos toque, talvez, quem sabe não ganhamos um horizonte, uma finalidade concreta, que é riqueza também – ainda que não a do latifundiário, que não está com o seu povo, pois “lhe cumpre obrigação maior, embora censurável”, treveja Dyonelio – Urano, Netuno, Plutão... Marte, por supuesto, Vênus, por que não? – “que é estar com as suas terras”, os desumanos materialistas –, ou, que seja, acorrentem-nos ao salário, digno, carteira assinada, todos os direitos legais, não incomodem-se com plano de carreira, participação nos lucros, estabilidade no emprego, só com os comezinhos, ou – que fazer? – então arrumem uma changa pra nós, que as crianças têm urgências famintas, aí estão nossos índices de mortalidade infantil que não nos deixam mentir, o trabalho não liberta, como dizem?... RB, JG, SSB, EC, VN, tudo perdido como surdo em bingo – os tiroteios, sabe como é... E esse Euclides aí, EC, bem feito! Bem que mereceu o que levou... ora, “diversão”! O que divertiu-se com sua mulher, Dilermando, saibam, desalmados!... até serviu em Alegrete, no 3º Grupo de Artilharia, o Rui³⁰¹ conta que levaram suas malas para o Novo Hotel, ali pertinho da Ferroviária, e ele, quando viu o nome da rua, Euclides da Cunha, desistiu, foi morar no quartel, bem feito!

³⁰¹ (Neves, carregador de malas na Viação Férrea, sapateiro, metalúrgico, servente de pedreiro, costurador de bola, comerciante de artefatos de borracha, militante comunista – e até hoje! –, carteiro – cassado pelo golpe militar –, inventor da calça com bolso guerrilheiro, no lado da perna, em 62, da sola de couro cru, sem pintura, em 56, poeta principalmente, visceral, amigo necessário)

4.3.1.3.2. Um pobre diabo

Puxa vida! Credo! DF coloca as coisas no lugar: o gaúcho não tinha “horror ao trabalho”, mas faltava-lhe trabalho; não constituía família não porque fosse irredutivelmente um “livre”, mas porque não tinha como sustentá-la; os estancieiros, até hoje, preferem peão solteiro. “O gaúcho não era um folgazão, como se apregoa”, mas “um desgraçado, um pobre diabo sem eira nem beira”.

Desde as vacarias e as guerras de fronteira, sempre foi usado pelos seus patrões como pau pra toda obra. Agora mesmo, quando as entidades ruralistas decidem protestar contra o governo, ficam à sombra de barracas dando entrevista enquanto que a “peonada” vai pro sol distribuir panfletos. Não lembram daquele ato que atacou a BR?

E hay de quem se negar! – pra cada um que trabalha, quantos esperam na fila?

Do destemor do gaúcho de antanho e do desprendimento servil dos de hoje – e nem precisa mandar, “Empujá que cabe outro!”, o próximo por si mesmo se esfalfa, lonqueadito já, o tino nas bocas em casa e nos amigos, vizinhos, quantos sem o que fazer, e isso é pior do que se estrebuchar fazendo – a classe dominante tira o sumo de seu poder, numa espécie de “transfusão legitimadora do canibalismo social”.³⁰²

“Cada qual com seu igual, ora”, já pensava o Baixinho desde guri, misturado com a jogatina no Mocotó. Mas esta “síndrome do seqüestrado”, como gostam de papagaiar os psicólogos, de identificar no algoz o protetor – e é seqüestro o que o peão sofre a vida inteira, de sua liberdade de monarca, de sua alma mesma de gaúcho –, bá, isso é velho: todos os judeus machos nascidos no ano de 332 a.C. chamaram-se Alexandre, em homenagem ao bom tratamento a eles dispensado pelo Magno, da Macedônia, que conquistara o império persa, Judéia inclusa. “Como é teu nome, judeu?” “Alexandre, seu criado.” “E o teu, judeu?” “Também Alexandre, nobre senhor.” “E tu aí, narigudo?” “Alexandre...” “Será os pé?! Tão escondendo o que, vocês? Prendam todos!” E lá iam os inocentes pagar pelos culpados.

Aqui em Nova Hereford, tudo gente simples nesses arranchados no meio do pó, a Lenezir atendeu uns brigadianos que tavam atrás de um tal de Adilson, mas ela disse que não conhecia nenhum, e não conhecia mesmo, guria boa, a Lenezir, filha da Dona Pepa, da padaria. Quando o Dico voltou – tinha ido vender uma bicicleta que tomou de um guri, na praça –, contou pra ele, e ele, faceiro com a mulher – três anos de juntados e só uma pisa teve que dar nela, e nem de relho –, até um beijo na Lê deu, arrumou uma trouxa e foi passar uns tempos em Polianga, com a tia. Lenezir ficou repetindo “Adilso, Adilso... achando bonito aquele som, principalmente o “ils”, louca pra que ele voltasse logo, pra que pudesse – de noite, claro, no escuro, escondido –, dizer no ouvido dele, “Adilso...”, muito mais chique do que Dico. Três anos, vejã, e cada dia achava uma boniteza mais no marido.³⁰³

³⁰² (Laerte, antropólogo)

³⁰³ (“E outra coisa – diz Don Bagayo y Balurdo –, socialmente importantíssima: sem sangue, sem que precisássemos ser invadidos.”)

4.3.1.3.3. A cidade de Cofralande

O trabalho pastoril, que nos define enquanto povo, de início era feito pelos índios pampeanos.

Através dos tempos e das cruzas fronteiriças, esses índios foram juntando-se em uma chusma de mestiços sem paradeiro certo, os gaudérios, isso qualquer um sabe, mas, e isto: que, no início do século XIX ainda representavam “10% da população do Continente”, segundo o Senhor Antonio Eleutério? Ah, bueno... Pois para domesticar essa mão-de-obra, anotem, era preciso despojá-la de seus meios de produção; e foi este o objetivo oculto na expulsão dos jesuítas em 1767 e na ocupação das Missões em 1801, como bem assinala DF.

Mas aqueles 10% – gauchos! – tiravam o sono dos estancieros que, brindados com sesmarias, vinham para o deserto, eis que, quando tinham fome – os 10% –, matavam uma rês e seguiam adiante, no rumo do Deus-dará.³⁰⁴ Como aceitar essas tropelias? Como conviver com o roubo contumaz?, perguntavam-se os que tomaram-lhes a terra à força. O negócio era obrigá-los a assalariarem-se; o que faziam somente quando estavam matando cachorro a grito, paus de virar tripa de tão precisados.

Na observação do mesmo Freitas, foi o que fizeram:

– Recorreu-se à coerção extra-econômica, equiparando a delinquentes todos os que não se empregassem nas estâncias.³⁰⁵

Para não serem confundidos com a “gente odiosa” – rapinantes filhos duma puta!, sorros desmemoriados! – que vagava sem eira nem beira, fazendo arruaças, tipo Pinto Bandeira ou Borges do Canto, a peonada recebia uma papeleta do patrão que dizia que o portador era, como gado, “gente dele”. As papeletas, explica TG, “serviam como documento de identidade e salvo-conduto. Como chefes políticos, os poderes dos estancieros praticamente se confundiam com os do Estado”...³⁰⁶ Por cima da carne seca, hein?! Bá!

E foi assim que, mala suerte, a domesticação do gaúcho completou-se.

Mais tarde, com as marcas na gadaria – acabando com os reiúnos, que, seguissem do rei, de ninguém, pro causo, poderiam servir de alimento para o gaudério – e com o cercamento dos campos, confinando todo o pampa em propriedades privadas, cujos donos tinham poder de vida e morte sobre aqueles que ultrapassassem os limites dos seus domínios, o gaúcho só continuou a ser o monarca das coxilhas nos versos dos Grêmios Gaúchos, declamados em salões de periferia por bombachudos de prega, saudosos de um tempo que não viveram.³⁰⁷

³⁰⁴ (Mesmo hoje, com todos os avanços da tecnologia, o estômago ainda ronca, e com precisão de bula, de tantas em tantas horas. “Sem dúvida, o maior problema do mundo moderno é a persistência da fome, o que é deveras constrangedor depois de vinte e três pedaços de pizza no rodízio do Alemão”, enuncia o Matias Gordo. De fato. Violeta Parra – de novo?!... mas nada de cueca, hein?! –, vejam, há quanto tempo..., em seus **Versos por ponderación**, cantava: “*Hay una ciudad muy lejos / para allá los pobres se van / las murallas son de pan / y los pilares de queso / llevando de este protesto / la ciudad tiene su honor / y por el mismito don / que el poder les origina / las tejas de sopaipillas / y los ladrillos alfajor*”. Essa, cidade de Cofralande, muito parecida com o rio aquele, medieval – de chocolate? –, e a casa que acharam Joãozinho e Mariazinha, sonhos, todos, de pobre: “*La ciudad de Cofralande / es rebuena pa’ los pobres...*” Lá, “*por hambre nadie se aflige...*” Sonhos, como o de Violeta, “*Arriba de aquel árbol*”, onde encarapitou-se su pensamiento, “*y después que estaba arriba / no halló por donde bajarse*”. E como? Ai, ai, ai... “*Yo quiero los ladrillos, mamá!...*”, o pobrezinho.)

³⁰⁵ (A nosotros, gauchos!... Repetimos, mudando a fonte, para que nunca esqueçam – vocês! –, nunca!)

³⁰⁶ (“Estavam por cima da carne seca, hein?!”, diz a Mirtes, com uma cotoveladinha na Beta, que se ri: “Pára, menina! Tu tá me deixando toda roxa.” Cheias de celulite, bem feito!)

³⁰⁷ (nós?..)

Hoje se sabe – está em **La Carta de la Tierra** – que debemos “tratar a todos los seres vivientes com respeto y consideración”.

4.3.1.3.4. Bárbaro entre bárbaros

Quando os oligarcas rurais inventavam suas guerras, o taura do passado emergia selvático, gestos atávicos dominavam suas mãos e cabeças rolavam no campo da luta. Mas 1893, especialmente, e 1923 são datas obscurecidas pela memória seletiva – sorros! – de muitos, que preferem reafirmar o heróico e longínquo decênio.

Maldade deixar de louvar a precisão – de Pitangui – de nossos degoladores. Ainda citando DF: “os ideólogos da elite pastoril escamoteiam outro fator fundamental na produtividade do trabalho, a saber, o da habilidade e experiência dos próprios trabalhadores”, nossa superqualificação. E do quanto dependiam deles, sobre cujos ombros, alma, terra, patas, ergueram suas fortunas.

Também Bento, o que o torna um bárbaro entre bárbaros; um vencedor, o protótipo do vencedor neste pampa coalhado de losers.³⁰⁸

– E o Otacílio, hein? – pergunta um, escondendo o sol com a mão. (Mas que sol?)

2.8.6. Calombo na cabeça

Alguém o cutuca, ele vira-se e uma mulher que nunca viu, de cuia na mão, está dizendo que um rato – outro?! – comeu o dedo mindinho da filha da outra, coitada – e aponta a que está com a térmica, com cara de choro –, a guria tinha ficado com a filha da vizinha, sete anos, um amor, prestativa, mas desarranjada, a riquinha, não saía da patente, e pura água, um churrio daqueles, alguma bobagem que comeu, foi então que deixou o nenê na verdade sozinho no berço e os ratos... Também, aqueles entulhos atrás da casa, na sanga, coisa séria, agora tava vendo se conseguia uma ficha.

– A minha tem um calombo na cabeça – diz Otacílio, *como num pesadelo, a voz saindo-lhe por outra boca que não a sua, suturada, fendido que está com a catástrofe que o traz nesta madrugada gosmenta de calor, lesmosa de lenta, para a fila que espera, como num sonho, no abrir-se o guichê, a dádiva da ficha.* – Tem um calombo e não pára de chorar – *ouve-se na noite escura, como quando fecha os olhos e não dorme, ele que sempre deitava e apagava, em paz, e agora não dorme e fala sozinho, sem cavalo, arreiro, tudo, ou pensa, assim, por trás das pálpebras vermelhas, sem o socorro do sono, desesperada vigília. Pra fora, se faz uma cruz de carvão nos ovos pra nascerem todos os pintinhos; todos gostam de pintinhos amarelinhos correndo pelo pátio e, mais tarde – se algum raposão não chega antes –, frangos depenados, na panela, com batata. As crianças prefeririam que eles não crescessem, ficassem amarelinhos e delicadinhos para sempre, e que os pudessem pegar na mão toda hora sem que a mãe os mandasse soltar para que não pestearassem. Criança parece meio ao contrário – vê Andressa! –, mais ainda quando dizem que é de colo, então pode pestear por qualquer coisa, não por viver engarupada na mãe – o pai trabalhando pra alimentar aquelas bocas, às vezes ficando troncho de um tombo e, na cidade, até mutilando-se em máquinas, perdendo dedo que, podem debochar, mas faz falta, se temos tantos, esta é a conta, nem mais nem menos –, e a mãe é, por isso mesmo,*

³⁰⁸ (M.M.Gonçalves)

mãe, umas agora andam botando os filhos pequenos numas bolsas grandes que atam no pescoço e na cintura, pra poderem lidar, ficam parecidas com aquele bicho que pula, e que o Universal, do Angico, disse que uma vez viu um quando tirava lenha nos matos do Ibirocai, o Canguru, e bem pode ser, todo mundo sabe que lá mora mesmo gente, famílias inteiras, tudo com uma cabelama de assustar, roubando ovelha, caçando e pescando, é até perigoso, mas bota mato bom, sem lenha não se vive, bá!

2.8.6.I. Que nem pato

– A gente tem que rir pra não chorar – diz a do mate.

– Como?

– Eu tava dizendo pra ela que o Lula também tinha um TL, como o do meu marido.

– Ah.

– E a filha dela agora também não tem o mindinho.

– Ah.

– Ela acha que vai ter que se mudar. Junta muito bicho lá onde ela mora, depois que baixa a enchente. Fica um lixão – continua a falastrona.

– Ah, sim – assente Otacílio e resolve dizer algo mais, sentindo-se em dívida para com a outra, que, mal ou bem, estava tentando fazer menor a espera; como sempre o Otacílio, sentindo-se em dívida: – Com esse calor, dá pra fazer a mudança com calma. Tá tudo pelos olho da cara.

– Mas eu nem quero i – diz a da filha sem dedo. – É bom morá na enchente, a gente ganha comida, coberta, tudo. No aperto, é uma mão na roda. Já tô acostumada a limpá a casa quando a água baxa. Só fica um chero por uns tempo, e dura menos do que o que vem na cesta³⁰⁹ – se deverte.

Bem feito. Em boca fechada não entra mosca. Se a outra gosta, gosta. Peixe também gosta de viver dentro d’água; gringo, adora. Já ele, Otacílio Guaicuru, não. Nunca gostou nem de molhar as botas – quando as tinha, de couro alazão, lustrosas sempre –, quanto mais... Claro que, na lavoura, passa molhado, e aquelas imundícies de plástico amarelo que bota – ora, bota!... – nos pé^{310 311} só servem pra atrapalhar, caminhando fica que nem

³⁰⁹ (vejam quanta miséria! *O cheiro não importa porque a comida da cesta básica, que importa mais, dura mais que o cheiro. Ai, ai... E ela ainda ri!* Já a Aninha Leocádia queria porque queria ser pobre. Faz pouco, comprou uma casa na enchente. Nem mora naquele baixio, mas quando começa a chover, e a armação é das brabas, pega uma muda de roupa e corre pra lá. Tem sonhos de que a salvem de bote, como se fosse igual às outras dali, imagina!, ela bem corada e sempre com boi pra vender! Esses dias, de visita no Seu Atanásio – depois, é metida a comedora de verdura –, não aceitou almoçar o ensopado que ele ofereceu, pois tinha carne, e perguntou pro velho, “Dá pra comer um galho da sua ramada?” O homem não entendeu, a Aninha tava agarrada na sempre-viva, olhando pra ele como quem espera uma resposta... “Óia, eu nunca vi nenhum bicho comê isso, mas se tu qué, teje a gosto.”)

³¹⁰ (“língua, língua, melhor com ervilhas”, diz um colega. Mas saibam, Berlitz conta que Heródoto contava, mas lemos no opúsculo dos professores Libindo e Leidilaura, muito mais acessível, que Psamético, rei do Egito, separou dois gêmeos de sua mãe e os pôs sob a tutela de um pastor mudo, para que não aprendessem de ouvir e, assim, quando falassem, usariam as palavras da língua original da humanidade. Aos dois anos, tirou-lhes a comida e parece que uma das crianças disse “pão” em cita, vejam, língua falada na Ucrânia e Psamético era egípcio! E aí? Bueno, o Imperador alemão Frederico II repetiu a experiência séculos depois... E aí? E aí os gêmeos morreram.)

³¹¹ (uns falam de um jeito, outros de outro, como é que se vai dar uma “uniformizada no texto”, como querem eles? Olha, pra dizer a verdade, deixa pra lá. Ora, Psamético...)

um pato, só que sem bunda de boiar, abrindo e fechando boquete, um langanho aquilo, a outra querendo viver como peixe na enchente e ele, afogado naquele trabalho estúpido, vivendo que nem um peixe fora d'água.

4.4. Fotografia colorida

Olhem só: estão liberando as queimadas para “limpeza de campo”.

Querem limpar o campo do campo que há nele?

Deve ser, pois a queima vai acabando com a riqueza de vida que há no campo; chega um dia que morre à míngua.³¹²

Dizem que serão “queimadas controladas”.

Quem vai controlar? Como? Pega um dia de vento, o pasto seco, e vamos ver quem controla. Controlar o fogo depois que é incêndio, só se tiver uma corporação de bombeiros em cada queima. E nem assim. Incêndio na mata, só Deus controla. E Deus... Bueno... Não estamos brigando. A noite está em ruínas, mas isso é lá fora. Encilhemos o mate. Esta Conquista do Chão, bota erva boa!

Mas, como íamos dizendo... foi depois da Segunda Guerra que os teco-tecos começaram a largar veneno nas lavouras. Faziam um redondo no céu e se vinham, rasantes, soltando aquela fumaça podrida na plantação. Ainda é assim. Os próximos que moram perto ficam respirando aquele cheiro de matar praga, capaz até que vá matando alguma coisa dentro da gente, coisa séria! Já sentiram... o cheiro? Bá! Dizem que o Tinhoso fede a enxofre... Que seja. Mas mais tihoso é o fedor desses venenos, que estes a gente, pro caso, bem dizer engole todos os dias.

Os americanos pulverizavam coisa parecida no Vietnã, quando queriam desentocar os amarelos. Chamavam o químico de “agente laranja”. Ficava colorido o palco: a mata verde, a chuva alaranjada e os amarelos correndo enquanto iam sendo corroídos, sob o anil do céu empassurado. Uma menina deles lá, disparando daquilo e chorando da dor – que dor deve ser! que dor! – de suas carnes sendo comidas, nuinha e solita, sem pai nem mãe, só com sua magreza, com seu desamparo, e a como que solitária comendo-lhe as carnes, essa menina virou fotografia.³¹³ Saiu na Manchete e no Cruzeiro, correu mundo.

Em Nova Hereford só tinha uma revistaria, do Seu Vicente, na Borges, no que passa a Presidente Roosevelt, agora funciona uma loja de 1,99 na casa; se acharam? Ali comprava-se as revistas e todos levavam a mão à boca – lembram-se do gesto? Era comum, de quando as pessoas ainda se espantavam com as coisas, ignorantes do que ia pelo vasto mundo – e sacudiam a cabeça, alguns mordiam o lábio inferior, outros comentavam “Que horror, Seu Vicente!”

³¹² (repetimos e repetimos e...)

³¹³ (recebemos a inesperada visita no IC do psicólogo e fotógrafo Antônio Augusto Toninho, que anda correndo mundo atrás de uma mulher mais toda bonita do que a gaúcha, uma que levou pro mato do Itaimbezinho. Prova, prova e ainda não achou, mas não vai desistir. Mostrou-nos – porque falamos de fotos, não? – uma pose sua com Xanana Gusmão, no Timor Leste, outra com a Pina Bausch, e autografada, outra pelado em cima de um palco de teatro... – fazendo o que, ali? só pra envergonhar a família? o pau esfolado daquele jeito? –, outra de um tubarão, “E é dos mais perigosos, foi na Nova Guiné”, aponta para o bicho de papel, e nós, “Mas, tu não aparece nesta...”, desconfiados, e ele, “Claro, pois esta fui eu que bati... E depois matei o peixinho, a carne é semelhante à das outras espécies...” Puxa!... Claro, se foi ele que bateu, como é que ia estar na foto com o tubarão? A gente vai ficando burro de falar sozinho. Esse Toninho, hein?!)

O dono da revistaria era uma pessoa muito querida da população de Nova Hereford. Talvez por viver entre tantas publicações, passava a idéia de saber tudo. Do último Pato Donald ao Correio de tresontonte – sempre chegava dois ou três dias atrasado, viajando os 500 quilômetros sem pressa, pra quê? Tudo é sempre igual! –, de tudo parecia saber o Seu Vicente. De tudo e mais um pouco, até andou preso na época feia do golpe.

4.4.1. Fantasia de matéria

As pessoas levavam a mão à boca, vestiam eslaques, óculos de aro grosso, ou já pantalonas, óculos redondos estilo John,³¹⁴ mas o espanto era o mesmo diante da foto da menina fugindo de si mesma, da dor que a ia corroendo na fuga, ao fundo a floresta verde em chamas coloridas e, na estrada, soldados impassíveis com metralhadoras, cumprindo com seu dever.

Os alvos então eram tanto faz, compreendem? O negócio era lançar a coisa na selva e pronto. A televisão não ficava mostrando as minúcias, xeretando os detalhes dos bombardeios. Agora, qualquer erro dos americanos se fica sabendo até em Nova Hereford... E isso que o Seu Vicente já morreu há tempos.

Pois eles não tiveram a cara dura de bombardear uma festa de casamento no Afeganistão, matando dezenas de civis? Já era o quinto dia de festa, eles vai ver cansaram daquela algazarra toda e cabum! Pediram desculpas, como das outras inúmeras vezes em que – já não dissemos? – alvejaram Salim querendo pegar Raduam. Que coisa!

Desculpar como? E adianta desculpar ou não desculpar? Eles não ligam a mínima mesmo. Que coisa!

Hoje, porém, as pessoas não levam mais a mão à boca: perderam a inocência, elas, e, os facinorosos, a vergonha, tornando trivial o horror.

Parece que proibiram os organoclorados e os organofosforados, mas os bombardeios de agrotóxico continuam a pulverizar lavouras e pessoas em Nova Hereford. Diz-que com nitrogenados, para que a planta absorva melhor o veneno... e as pessoas também!? Ora, onde é que nós estamos!? Então quem mora ao lado de uma lavoura vai botar bota de borracha, calça plástica, jaqueta plástica com toca plástica, luva, óculos e máscara – de carvão ativado! – cada vez que um teco-teco se aproxima?

E quem vai comprar essa fantasia de matéria pra toda a família?

Diz-que o veneno se acumula nas gorduras do corpo, mesmo de quem é magro, já viram uma coisa dessas? A gente vai cheirando, cheirando, comendo essas porcarias e tá, deu, instala-se o caranguejo e adeus-tia-chica!

Tudo vírus, tudo vírus.

2.8.7. Fichas de perdedor

A madrugada já recorta as casas contra o céu se abrindo, hora de sair pro campo...

Otacílio busca o pampa no horizonte, logo ali onde os olhos alcançam o coração, atrás de um casario baixo, e dali se vai, sem fim, sem quem o ataque.

³¹⁴ (Lennon, claro... lembrem daquela: "Imagine all the people..." Lembram? "You may say I'm a dreamer / But I'm not the only one..." Chega. Desculpe, mas *chega... ou choramos. O que fizemos de nossas vidas?*)

Queria poder dizer pro seu Valentininho o que toda a redondeza sabe: “os peão dele não vistoreiam direito, é uma vergonha! Nem corvo e carancho tem mais pra dar a notícia dos bicho morto!” E o Vitélio teve que ficar dois dias costeando os bois dele extraviados e não levou nem pro fumo, como se fosse obrigação. Outro, carneava no meio do mato e tinha charque pra um ano.

– Depois que entrou pro Grêmio Ruralista, parece que o home mudou, entreverado como aqueles que escondem a cara com, o que é aquilo?, umas meia, que nem bandido, armados até os dente, assustando os campeiro, que nunca percisaram de guarda pra cuidar do pampa, sempre pronto pra seguir o primeiro clarim pelas coxia...

Otacílio lembra do pai contando dos “capa branca”, que eram maus só pelo gosto e andaram policiando “os corredor” há, o quê?, uns cinqüenta anos. Mas não vigoraram muito tempo, porque polícia não tem que ser mau como tem gente que pensa, polícia tem que ser firme, tem que ter uma cara só, tem que ter respeito antes pra merecer o “sim senhor”. Não vê o cabo Tino?!

Que se virava, se virava, aqui e ali, uma coima e coisa e tal, e até gostava da branquinha um pouco demais, mas, quando o assunto exigia, bota honestidade, senso de justiça, nobreza até, que o cáqui da farda, sempre manchado e sujo – quem imaginaria que trilhas trilhava, a serviço!, o cabo Tino? –, transformava-se, como que engomava-se só com seu empertigar-se, e a voz saía clara, sem a pasta da canha, as sobranceiras sobranceavam e os olhos desanuviavam-se da ressaca, nem precisava do apoio da mesa, do balcão, do companheiro, impunha-se, teso, pela retidão do comportamento, pela, pro causo, salomônica intuição – o que lhe custou a carreira, quando cortou fora, a facão, num talho seco, a orelha do abusado do Leomir, que vivia enchendo o pobre do Marciano, surdinho, surdinho, e meio retardado –, jamais bamboleando e testaveando como um bêbado qualquer.

Mas é ao Seu Valentininho, enfim, tão mudado, que veio procurar, nele jogando todas suas fichas de perdedor.

4.4.2. A verdade falsa

Bacilo também é vírus, tudo vírus. O do carbúnculo faz o corpo do boi inchar e esvair-se em hemorragias. No homem, enche-o de furúnculos; quando não lhe ataca a respiração, que aí é séria a coisa, faz o coitado ficar azul. As bactérias do carbúnculo vivem por décadas dormindo no solo, mas, tá dito, vivas, esperando um menos cauteloso para atacá-lo. Costuma-se enterrar em valas comuns os animais doentes, como no caso da aftosa, e é nesses terrenos, bem dizer adubados a doença, que o perigo é maior. O carbúnculo não costuma provocar tanto alvoroço quanto a aftosa, que é de contaminação mais fácil. Diz Claudio de Barros, PhD em Patologia Veterinária nos EUA, que é “a doença mais contagiosa que existe no mundo. Na Inglaterra, um país extremamente adiantado” – Darwin veio de lá³¹⁵ – “e que está numa ilha, seria muito mais fácil de controlar a doença e não conseguiram. O Japão também teve aftosa”.³¹⁶

³¹⁵ (“como ‘veio’? Já veio e não me avisaram?!”, embrabece Altamira, ansiosa por vê-lo repetir na Câmara a asneira de que somos tudo macaco, o sem respeito!)

³¹⁶ (“E o país do sol nascente também é uma ilha”, completa o Professor Vinícius, fazendo o Javier Pedreiro, que é pedreiro e tá consertando um reboco, olhar assim pro ajudante e girar o dedo na orelha.)

A de Nova Hereford veio do Uruguai, dizem que trazida por um fazendeiro; como o Senhor Fermín, que tem campo nos dois lados, e não são poucos por aqui. Mas não foi o Senhor Fermín, com certeza. O estabelecimento deste outro Senhor fica no lado oposto do município, local onde apareceu o primeiro foco. Os demais ficaram circunscritos àquela região, graças ao trabalho da Secretaria da Agricultura do Estado, que cercou de cuidados os caminhos que levavam até lá, assim como aos campos lindeiros. Alguns desses proprietários que lindam com o tal contrabandista viral e que tiveram seus rebanhos sacrificados pelo rifle sanitário ameaçaram denunciar às autoridades a verdade verdadeira a respeito do fato. Foram demovidos pelos companheiros do GRUNHE – “tu vê, é gente nossa, não vamo ficar brigando entre nós, depois o governo indeniza e a gente ainda ganha mais por cabeça do que o preço de mercado, vamo deixar assim, a coisa tá feita, agora é ver como sair dela sem prejuízo e até, quem sabe, com lucro, a união da classe é o que mais importa nessa hora”, e por aí seguiram... – e ficaram quietos.

Valeu, para todos os efeitos, a verdade falsa, que é uma mentira conveniente, de resto tão utilizada pelas pessoas em diferentes épocas e lugares que nunca se saberá se tal e qual acontecimento foi assim ou assado, relativizando a história a ponto de nos perguntarmos se vale a pena brigar pela estátua de João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta que o prefeito e a Câmara não estão querendo botar na praça, mesmo estando pronta... Em estilo “conceitual”, é verdade, ninguém sabe muito bem o que quer dizer isso e o monte de sucata de ferro que o Dorival, o artista, filho do Dorgival, o ferreiro, juntou e chamou inspiradamente de “Os três mosquiteiros”.

4.4.3. Pode ter sido Deus

A verdade verdadeira é que o fazendeiro trouxe de seu campo no Uruguai, já tomado pela doença, uma tropa para a fazenda de Nova Hereford. No trazer o gado, trouxe o vírus.³¹⁷ Quis, provavelmente, livrar do perigo o seu patrimônio ameaçado pela insídia patológica, não pensando em mais nada e em mais ninguém. Talvez o gado estivesse sadio, hein?, pensemos nesta hipótese, e Deus o tenha inoculado com a aftosa para castigar o dono pela sua parca noção de cidadania, ética, moral, respeito aos outros, essas coisas de que todo mundo fala mas poucos levam a sério.³¹⁸ Pensem nisso: pode ter sido Deus, pra dar uma lição nele e em todos nós. “Há quanto tempo tu não te confessa?...” Aliás, muitas esposas ligadas ao setor primário³¹⁹ iniciaram novenas e fizeram promessas quando a zoonose foi publicamente admitida. Até a Dona Rute, a pobre da velha, pesada daquele jeito e já batendo biela, pois os joelhos dela, o que são aquilo?, umas abóboras de inchados, também, não sai da igreja!, até a coitada fez a promessa de ir a pé à capela de San Yermo – e subir os quase cinqüenta degraus genuflexa, já pensaram? –, se o rebanho do filho não pegasse a doença.

Ainda bem que pegou, vaitimbora! Mataram tudo, enterraram e calcarearam. Deus é sábio.

³¹⁷ (na fronteira é assim mesmo, tem até a marca do Anildon de Moraes, “Tchê loco! Por onde andaste? / Peleador como tu não se viu / Ou estava escondido dos home / Ou cruzou pro outro lado do rio...” Cruzou, no caso, pra este lado do rio. O Rui Biriva é quem canta, aquele cabeludo feioso.)

³¹⁸ (“E, depois, o coitado já tá velho...”, desculpa a professora Iara. “Quem, Deus?”, o Roger, parece um guri!)

³¹⁹ (em todos os sentidos e, por favor, sem ofensa...)

4.4.4. *El nombre del hombre*

A verdade falsa, que, pro causo, ficou valendo foi a de que o vírus entrou pela fronteira, quem sabe até pelo ar, que não tem como criminalizar o ar, apesar da culpa; como faríamos para respirar estando o ar preso? e como prendê-lo? Outra verdade falsa: os animais silvestres, que não respeitam os marcos, trouxeram a aftosa que, vocês sabem, só ataca os de casco partido mas todos são transmissores. O canário-da-terra, o cardeal,³²⁰ o tico-tico, a tesourinha da nossa infância, cortando o ar, a jacutinga, o macaco, o socó-boi são suspeitos; o bugio, o lobo-guará, a jaguatirica, o gato-do-mato, o tatu-canastra, o ratão do banhado e o veado campeiro são suspeitos; o pintassilgo, o leão baio... A polícia nada pode fazer, os animais são animais e, pior, quase todos ameaçados de extinção. Há quadrilhas em ação, traficando os bichinhos, ou pela pele ou por eles mesmos. Diz-que o negócio movimenta em torno de um bilhão de dólares no Brasil, sendo o terceiro debaixo do poncho do mundo, só perdendo pro contrabando de drogas e o de armas. Só um grama do veneno brabo da coral vale mais de 30 mil dólares no mercado negro. Foi um cardeal cantor, que não se consegue por menos de 300 pilas nas bocas, que, cantor, cantou a verdade verdadeira. Disse também o cabecinha encarnada que el virus – é castelhano o cardeal – sobrevive más de lo imaginable.

– En las ropas de algodón fica até 68 días, en las botas de goma, 102 días! En el pelo de vaca viva queda hasta 42 días y en la orina 24 días – o que é muito tempo, suficiente para o fazendeiro aquele trazer a tropa contaminada da outra banda pra vir mijar o vírus aqui. No feno, o vírus fica 29 semanas, nas moscas domésticas, 10 semanas, y en las carrapatas – ensina o cardeal – 15 a 20 semanas. Diz-que o cardeal sabia até el nombre del hombre que trouxe a febre para o Rio Grande, mas sumiram com o passarinho alcagüete.

O pardal, outro vírus, quem trouxe foi o Assis Brasil! Foi o Assis Brasil!... Como é fácil, cismamos nosotros, falar de casos passados, como quem aumenta o ponto ao contar o conto, a salvo da mão larga da responsabilidade. É bicho ruim o homem. Cuê-pucha!

4.5. *Como muçuns entre pedras*

A conjuntura atual da Metade Sul preocupa porque, de certa forma, reproduz meio ao contrário aquela dos tempos ditos “míticos”³²¹ do gaúcho. Querem um exemplo? Olhem pro cocuruto dos proprietários jovens. Eles estão usando boinas, de preferência uruguaias, ao estilo basco, mas arrumando-as na cabeça pendidas para o lado, o que dá a elas o aspecto de enormes pizzas.

Bueno. Os muchachinhos não pretendem andar com pizzas na cabeça – ter nojo de gringo já vem gravado no genótipo do gaucho –, logo devemos buscar outras simbologias para explicar a moda. As mais evidentes são: a) viram o filme **Os Boinas Verdes**, com o John Wayne, e querem acabar de exterminar os autóctones; b) estão treinando a estampa para estudar no Colégio Militar da capital; c) amam o argentino Che Guevara e prepararam uma nova revolução nos pampas – além da boina, notem que eles procuram falar

³²⁰ (“quando a gente abre as asas, nunca mais, nunca mais...”, cantava aquele outro cardeal raro, Passarinho, lembram? Agora, só nas vitrolas...)

³²¹ (“sem pendores filosóficos, como o cérebro e a quinta vértebra, o estômago vazio, bem dizer, bolso, ainda assim, nutre-se de mito, e, saibam, até repete!” – Don Bagayo y Balurdo)

“che” e não “tchê” – que, ignorantes!, é apenas a tentativa canhestra de escrever o “che” como hablan los hermanos – quando conversam: “me dá isso aqui, che!”; “cheee! não tô brincando, hein!”; “anda, che!”; “ah, é, che!?”; “então, che, tu pediu, toma! e toma! e toma, pra aprender”.

Só que esses jovens não viram **Os Boínas Verdes** – ninguém vê filme pré-histórico³²² –; não têm mais idade pra estudar – nunca tiveram, a não ser Agronomia, Veterinária, Zootecnia, preferencialmente na estância mesmo –; e, principalmente, não são bobos a esse ponto e sabem que Guevara é cubanoargentino,³²³ inimigo como os do Movimento Sepé Tiaraju, que, aliás, usam camisetas com sua efígie estampada bem no alvo.

Mas o “meio ao contrário” do hoje com relação ao ontem é que, como os lusos e castelhanos, os cabeças de pizza³²⁴ fazem guerra contra os filhos de Sepé, essa chusma mestiça que vive gauderiando de acampamento em acampamento, sem paradeiro fixo, igualzinho aos gaúchos de outrora. Igualzinho, *ai, ai, ai, esgueirando-se, como muçuns entre pedras, nos limites estreitos do mundo que não tem dono quando – oh! Deus, onde estás que nunca estás? que reza mágica abre a colossal porta onde, atrás, estás, se é que estás? que chagas mais queres abertas que as da genuflexão, das mãos postas, das promessas, caninas de tão fiéis, da pureza de pensar, da espera confiante e irracional, quando muitos, incontáveis rebanhos abandonam-Te? que língua, oh! Deus, devo falar, que não a de Camões, Vieira, Alves, Russo... de tão grande uso nos trâmites entre Terra e Céu? que fazer, oh! Deus, que o não-fazer de rezar que, antes Te adormece, ladainha monocórdica, do que acorda-Te, pois não acordas? não acordas e, sempre no ponto mais fraco, a corda esgaça e quase já se corta, porque não abres a porta colossal, e se não corta, mesmo rota, a corda enforca... – do mundo que não tem dono quando todo o mundo tem dono, até o reiúno hoje tem dono...* Igualzinho, pelos corredores labirínticos, andantes entre alambrados – primeiro de parcos três fios, mas, em seguida, de seis, galvanizados, e ainda vieram os farpados, rasgões na pele gasta, e, última moda, os eletrificados –, bandidos, marginais, vagos, gaúchos a quem o capataz, ordens do patrão, não concede pouso.

Debaixo de pontes, nas cidades, ou à beira do asfalto que corta os campos, conspurcando-os, eis os endereços dos gaudérios.

4.5.I. Burro comedor de urtiga

“Meio ao contrário” guerrear essa ciscama pois, está nos livros, gente assim, como que filhos de Sepé, miscigenados no esgrimir rotineiro da vida fronteiriça, foram os heróis deste chão, conquistadores do espaço-pampa para os livres viverem sua liberdade. Está lá, com todas as letras, que descendemos do português, do espanhol e do índio, com uma pitada africana – que quase não se nota, como sal em comida de hospital.

Mas do índio, do índio herdamos, pro causo, o que nos distingue: a destreza incomparável de cavaleiros; o chiripá, que foi uniforme guerreiro em 35; as boleadeiras, sem as quais não sujeitaríamos os chimarrões e as feras; o mate amargo, momento de comunhão do gaúcho nas madrugadas do galpão, que é bem como canta o Telmo, “cada gole verde

³²² (isto é, filmes do ano passado, todos que não estão em cartaz – para a geração do futuro)

³²³ (como o argentino-cubano Diego Armando Maradona, lembra-se Luciano López, “el chancho, o maior de todos”)

³²⁴ (coisa de gringo, não nos sai da cabeça... a que ponto chegamos!)

dessa erva missioneira / nos enraiza mais por este chão”; a língua original que nos identifica, pelos espanholismos, pelos africanismos, pelos indigenismos... compreendem, chirus véios?

“Meio ao contrário” porque, se os gaúchos eram os que vieram, os ibéricos, toda nossa cultura é uma mentira – e não é! Somos assim como somos, cadinho de sangue temperado na luta e, bueno, só resta aos outros ficar de boca aberta qual burro comedor de urtiga.

3.14. Na enfermaria

No Rio de Janeiro, Capital Federal, as pessoas viviam em média, em 1927, pouco mais de 23 anos. Já imaginaram no pampa largo? Miguel Pereira dizia que o Brasil era um “vasto hospital”. Hospital? Onde, no pampa? O potreiro que fica perto das casas, diz-se que é o hospital, ou a enfermaria, porque ali se deixa os animais doentes, facilitando a lida do peão que tem de curá-los. O resto é campo infinito. Nas ocupações de terra feitas pelo Sepé, sempre aparece bicho morto no hospital, que vai pra conta dos ocupantes.

Mas que gente é essa que não sabe que comer gado doente é comer a doença? (E, com esta seca, os bichos já tão batendo até nas folhas das árvores, nas cascas. Tem gente que tá desganhando os arvoredos: “Bá, até o calital tive que carequear...”) Por que não matam – se têm fome – os animais de alta genética³²⁵ que costumam pastar nos campos dos grandes fazendeiros, gado que pesa como 400 quilos no sobreano? A carne é sã e muito mais macia. Ou tá mal contado isso ou o Sepé tá mal de gente, não sabem nem o que é bom!

– Depois morrem e põem a culpa nas bala dos meganha, como em Eldorado do Carajás! – doutoreiam-se os jovens filhos de proprietários que revezam-se na ronda ao acampamento do Sepé Tiaraju em Nova Hereford.

I.8. Algumas linhas honestas

Aqui, um esclarecimento.

Não acreditem em tudo o que ouvem por aí, seja na televisão, no rádio, na rua, e nem no que está escrito nos jornais, revistas, livros... As pessoas costumam moldar os fatos aos seus interesses – às vezes inconfessáveis –, principalmente quando tratam de política. Este presente texto que lêem é o único que conhecemos totalmente isento, porque aqui não discutimos política, futebol ou religião, isso é questão de princípio para nós.

Outro princípio: não gostamos de gringo. O gaúcho basta a si próprio, pra que essas imundícies? Conosco é o preto no branco, sem os aleivosos cinzas. Repudiamos veementemente o ponto de vista de Zevasco, para quem “a história é um ato de fé”, para quem “não importam os arquivos, os testemunhos, a arqueologia, a estatística, a hermenêutica,

³²⁵ (Cambises, filho de Ciro, quando invadiu o Egito e derrotou Psamético III, matou o boi Ápis, poderoso deus dos vencidos. Mas não consta que o comeu: e se estivesse envenenado? ou com o vírus? Com o vírus, bem capaz que estivesse porque, basta ver esses que saem das igrejas: quando entram, são uns; quando termina a cerimônia, já tão naquela base, tontinhos, tontinhos... Imagina se Cambises comesse o boi, o corpo do deus mesmo e não apenas uma casquinha simbólica?!)

os fatos mesmos”, para quem a missão do historiador “é rechaçar prontamente o que não enrobustece, o que não é positivo, o que não é louro”.³²⁶

Ao contrário, pensamos que os fatos condicionam a análise; que o continente do historiador e o conteúdo de sua obra devem, por supuesto, coincidir, compreendem?

O famoso escritor argentino, Federico Juan Carlos Loomis, poderia ilustrar nosso entendimento, pois levou sua concepção literária a um nível de exatidão que faria de João Cabral de Melo Neto um prolixo. Loomis era especialmente duro com os metaforistas, “que, para significar uma coisa, a convertem em outra”. Pra quê a confusão, baratar os próximos? Assim, para ele, *ipsis literis*³²⁷ “o título é a obra”, o que maravilha qualquer um que leia seus livros, pela “coincidência rigorosa de ambos os elementos”. Um atento comendador impressiona-se³²⁸ que “o texto de ‘**Catre**’, *verbi gratia*, consiste unicamente na palavra ‘Catre’.”

Evidentemente que para chegar a este excepcional rigor dormiu mês e meio num catre “em um lupanar da rua Gorriti, cujos inquilinos, por certo, jamais chegaram a suspeitar da verdadeira identidade do polígrafo que, sob o suposto nome de Luc Durtain, compartilhava de suas penúrias e regozijos”.

Loomis, o sabemos, é incomparável. Mas devemos nos perguntar por que tantos ficam a jogar conversa fora quando algumas linhas honestas bastariam para resolver o assunto.

1.9. “El sueño de uno”

A Academia de Letras de Nova Hereford elegeu recentemente o melhor conto gaúcho, honraria que recaiu sobre **O Sul**, de Jorge Luis Borges, o que originou a briga entre os acadêmicos Filomeno Silva e Delfino da Costa, na qual, entre impropérios e perdigotos, acabou perecendo o safenado Delfino, que “não podia se incomodar” e, incomodado, ao tentar uma ofensa explosiva, expressão cujo termo nuclear iniciava-se por temerária bilabial, sofreu fulminante enfarte.

Delfino defendia que um autor rio-grandense fosse o escolhido, argumentando que, “sim, todos somos gaúchos, mas apenas nosotros somos gaúchos”. Filomeno, defensor feroz do separatismo e da criação del Protectorado de los Pueblos Libres imaginado por Artigas, sugeriu que Delfino, fazendeiro, advogava em causa própria, autor que é do famoso conto **A segunda morte de Sepé**, em que condena o Movimento Sepé Tiaraju e exalta o latifúndio na figura do personagem Hernán Darias.

Sem entrar no mérito da questão, a viagem de Dahlmann “ao passado e não só ao Sul” é uma magnífica narrativa. O próprio Borges, referindo-se ao **Martín Fierro**, bem a propósito, disse:

– Estas cosas, ahora, son como si no hubieran sido, pero en una pieza de hotel,³²⁹ hacia mil ochocientos sesenta y tantos, un hombre soñó una pelea. Un gaúcho alza a un moreno com el cuchillo, lo tira como un saco de huesos, lo ve agonizar y morir, se agacha

³²⁶ (interessante gostar de louros quando, está provado, os negros, por assim dizer, enrobustecem mais... O Adolfo aquele, do bigodinho, também, ai, meu Deus, adorava louros!)

³²⁷ (Dr. Vazulmiro – o homem faz questão de ser creditado, o que fazer?)

³²⁸ (já leram? Leiam, é ma-ra-vi-lho-so!)

³²⁹ (O hotel aquele ficava em Santana, no Rio Grande de São Pedro, pertinho de Nova Hereford.)

para limpiar el acero, desata su caballo y monta despacio, para que no piensen que huye. Esto que fue una vez vuelve a ser, infinitamente; los visibles ejércitos se fueron y queda un pobre duelo a cuchillo; el sueño de uno es parte de la memoria de todos.

Por que brigar, por que morrer por tão pouco? Tudo é o mesmo deserto.

1.9.1. Vale a intenção

Como vai viver agora a mulher de Delfino sem o seu “Fino”, sempre envolvido nas coisas do GRUNHE e da Academia, fachada perfeita para seu romance com o grosso do capataz?

Delfino já não vinha bem desde a missa em comemoração aos 500 anos do descobrimento³³⁰ do Brasil.

Quando o índio pataxó Jerry Adriani pegou o microfone e, em vez de cantar “Querida, quero lhe dizer / que toda minha vida / entreguei a você...”, começou com aquele discurso comunistóide de que...

– Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa; o que vocês fazem com a gente? Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extremínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão... – Delfino foi ficando sem ar, o peito em fogo, o braço esquerdo dormente...

Quando Jerry, em vez de ocupar-se com o Tom, falou em “invasão”, Delfino desacordou e nem ouviu o índio acusar os brancos da “mentira do descobrimento”, e de que cravaram “em nossa terra uma cruz de metal”.

Na ambulância, o autor de **A segunda morte de Sepé**, balbuciava “nossa terra” e, depois, já melhorzinho, no hospital, tendo escapado daquela, perguntava a sua mulher “como foi acontecer aquilo? O papa já não tinha vetado todos os trechos de crítica social da missa?” O papa, que mais de uma vez reafirmou diante do mundo que “é gaúcho”, significava muito para o religioso Delfino: “um santo!” Depois de sua primeira visita ao Brasil, o imortal tragicamente morto enviara-lhe uma pilcha completa, com esporas e tudo o mais.

Mas os índios brasileiros estavam inconformados:

– Cravaram em nossa terra uma cruz de metal no lugar de um monumento indígena, que foi destruído, e impediram a nossa marcha com bombas de gás e tiros.

A polícia agiu firme como os conquistadores ao impedir “o protesto dos silvícolas”, ferindo dezenas e detendo mais de 150. Ao ouvir dados como estes, Delfino sentia-se melhor. Quem haveria de imaginar que meses depois, num bate-boca literário, perderia a vida? Ao menos, diferentemente de todos nós, que ficamos negociando com a inteligência essas questões anímicas, está garantido no panteão dos imortais.

Getúlio Vargas, comentam alguns em Nova Hereford, nem precisaria dar-se ao trabalho de fazer a revolução e ensinar ao resto do país por vinte anos como se governa; nem precisaria matar-se “para entrar na história”, que na história já estava, vivo, por ter voltado ao poder “nos braços do povo”; nem morrer morreria quando, de velho, morresse, ocupante que era da cadeira número 37 da Academia Brasileira de Letras, cujo

³³⁰ (“descobrimento”? Hã, hã. Então, tá.)

patrono é um outro entendedor do bucólico, o grande Tomás Antônio Gonzaga, a quem o colega herefordense Delfino dedicara longo poema com os seguintes – e indelévels! – decassílabos iniciais: “Ó Tomás, Tomás Antônio Gonzaga! / Ó Gonzaga, Antônio Tomás, tomai / A pampa fazenda do Pai, Tomás, / Pastor que és, pagão, Arcade Adonai!”

Notaram o sincretismo? O jogo de palavras? (Bueno... o que vale é a intenção.)

4.6. A plúmbea realidade

Dizem que exumaram o corpo de Gumercindo Saraiva e degolaram-no não para que a judiaria servisse de exemplo para os insurgentes ou para fazer da cabeça regalo ao presidente da província; não. Queriam era que cientistas examinassem o seu cérebro – o de “um prodígio militar descarriado”, nas palavras de Chasteen – sob todos os aspectos, fascinante.

Gumercindo, como seu irmão Aparício e, antes, Artigas, Facundo e Rosas, era o que as gentes chamavam, entre maravilhados e temerosos, um caudilho, o líder carismático que, por algo de pronto inexplicável, reunia uma massa impressionante de seguidores para a luta, a morte, talvez, sem que soubessem disso o porquê. John Charles Chasteen³³¹ diz que, esses simples, nos chefes sentiam “la poderosa experiencia de la auto-transcendencia”. E Enrique Menna Segarra acrescenta: “cada uno podía ver en su caudillo la imagen sublimada de lo que él mismo era o aspiraba ser”.

Aparício tinha o desprate de vestir sempre um poncho branco, que o distinguia de longe para as balas inimigas. Brincava com a morte, incorporando a condição de mito que seu nome granjeava. Dizia para os preocupados: “No podrán voltearme!” Como Sepé, achava que tinha seu corpo “fechado”, e, como a Sepé, a plúmbea realidade mostrou-lhe o quão humano era.

Gumercindo e Aparício, irmãos, um rio-grandense outro oriental, ambos filhos da família de fazendeiros brasileiros que invadiram o Uruguai quando das lutas de fronteira, Portugal e Espanha querendo para si a posse da mesma terra. Os Saraiva, los Saravias, los Sarabias; gaúchos, gauchos: incomparáveis guerreiros de-a-cavalo!

O americano Chasteen só se engana num ponto. Diz que “no es posible encontrar ninguna estatua de Gumercindo en todo Brasil”. Erro imperdoável, muito comum, aliás, nos ianques médios, que ainda pensam que o Brasil é aquele vasto território ao redor de Buenos Aires.

Em JCC, um estudioso, o erro assume a proporção de afronta.

Os edis de Nova Hereford, tão logo consigam trazer Darwin para que explique-se na Casa do Povo, envidarão todos seus esforços patrióticos para que o erudito ignorante também pise o solo pampa e possa ver, com seus próprios olhos, a bela estátua do mayoral maragato³³² no centro de uma das salas do Museu Municipal.

Talvez sua vinda ajude pedagogicamente no sentido de que alguns herefordenses desaforados aceitem o que chamam de “aquilo” como o valoroso Gumercindo em seu flete; sem cabeça, mas firme en la silla, comandando seus homens, o que era de sua natu-

³³¹ (JCC)

³³² (que jamais botou no pescoço um lenço que não fosse blanco, bandera!, salvo o que, derradeiro, post mortem – Dr. Vazulmiro –, desenharam-lhe os perrerristas filhos-da-puta)

reza. O próprio JCC ajuíza que, “sin embargo, de los dos (Saravias), Gumercindo fue el mejor general”.

Por essas idiossincrasias do povo de NH é que explica-se como Otacílio vê – sem realmente ver o que não pode ver – a cabeça do caudilho descendo o rio e descendo o rio e descendo o rio e... bueno, em algum momento teria de fugir de vista!

2.8.8. Mortadela

– Foi ao ar, perdeu o lugar, ora, isso é mais velho que a minha vó.

– Mas eu fui mijar, tava apertado.

– Foi mijar, perdeu o lugar, simples.

A discussão acontecia umas dez posições à frente da de Otacílio na fila do SUS, de onde o guichê, prestes a ser aberto, tornava as fichas mais do que uma plausibilidade, uma vitória possível. Os homens altercavam e acabariam se esbofeteando não fosse a intervenção do guardinha do posto, um sujeito pequenote e vermelho, de uniforme azul.

– Calma lá. O que foi? O que foi?

Os dois olharam pro toquinho de amarrar burro e, talvez pensando – por instinto, analfabetos decerto – na célebre frase de um neoherefordense poeta que também era professor de Química, o Laire – “são as pipetas pequeninas, Risoleta, que decidem nossa sina” –, ou pelo poder mágico da farda, ainda que desbotada – as pessoas da campanha vêem uma e só falta saírem a bater continência, deve ser herança do Caty –, olharam e respeitaram...

Respeitaram a farda ou porque, além da farda, o que é comum em cidades pequenas, onde o patrimônio cultural é de domínio público, transmitido oralmente pela população que, sem outras opções de lazer, dedica-se diuturnamente a falar da vida alheia, e todos sabem o fim da pobre Risoleta,³³³ cujo exame deu positivo – e não poderia –, então, neste caso, respeitaram por pena da lembrança da próxima...

E eis aí outra contribuição de NH para as ciências: o respeito.

Mas, pensemos: se o cara, em vez de viver a vida, não assim, suja como é, mas limpinha lá no seu canto, entendem?, se o cara não se pára a cutucar o escuro e dá de escrever versos... Agora é tarde: deu positivo e não poderia, o exame, o que ficou plasmado na sextilha imorredoura: “Risoleta, tua greta / e a boca, mais a rosqueta, / que eram só da mi’a vareta, / atiraste na sarjeta. / Pois mato, e minh’alma enluta, / a puta y el hijo-de-puta!”

Por que a burra não usou arruda ou mestruz? Abortava na hora. Se bem que às vezes Deus não quer e não deixa, fica costurando ali o buraco com a teia insuperável de Sua vontade e nada sai, como uma rocha firme.

A mãe de Otacílio mesmo já tava salva do aborto, coitada, mas fraca, e foi comer um arroz com galinha gorda... gorda, é verdade, como eram na época as galinhas, e duras, e abortou de vereda. Otacílio era pequeno, só depois foi entender o alvoroço das tias e a sangüeira.

Essas coisas são verdadeiramente um mistério. Vejam, a Elvocy, amiga do Osvaldo, estava à morte e ficha só pra quinze dias, ninguém sabia o que era, até que a vizinha atinou e fez uma lavagem nela. Pois não parava de cagar e vomitar uns brutos pedaços de mortadela. Ficou boa.

³³³ (perdeu, gente já, cinco meses já... E não resistiu, ela própria ao Laire, cada tapão, coice, mata-cobra...)

– Não adianta, eu não posso ver mortadela – dizia a pobre.
Um dia ainda morre empanturrada.

4.6.I. *Entregue às baratas*

Pinto Bandeira, Borges do Canto, João Burro, Gumercindo e Honório Lemes foram grandes, mas talvez³³⁴ o maior de todos os caudilhos desta banda foi aquele que saiu dos pagos a trotezito e amarrou o cavalo no obelisco da então Capital Federal. Getúlio Vargas, chamava-se,³³⁵ e com isso se diz tudo. Controversa – aí, sim –, é a história de Bento, “o general de vitória nenhuma”, como riem-se, exagerando, alguns sem respeito. Seu museu, criado na casa onde morou sete anos, está entregue às baratas. Pra início de conversa, que museu é esse que não tem nenhuma peça do tal que lhe dá nome? Botaram lá umas roupinhas farroupilhas surradas, uns jornais da época e, pasmem, uns 800 bichos daqueles empalhados que nada têm a ver com o decênio heróico – e como teriam, empalhados? –, objeto de sorrisos irônicos de visitantes.

O pior é que a “coleção taxidérmica”, que está lá porque não tinham mais com que preencher os espaços largos da casa antiga – não tinham com que, e o homem foi “o maior herói gaúcho!” –, está se decompondo pela ação da poeira, do vento e por falta “de iluminação adequada”. Ora, mas os bichos – Deus assim os idealizou – existem no tempo, sem outro teto que não o céu azul do campo. Chega um dia que morrem – como tudo o que é vivo; como Aristóteles, as rosas e, Deus!, Matilde Urbach – então, tomados pelos livores intestinos, apodrecem, voltam ao pó, à poeira que molesta os espantalhos do museu.

Decompor-se a palha, outrossim, e eis uma informação agroecológica,³³⁶ é ótimo para o solo, cama protetora para as lavraturas politicamente corretas – que hoje as hay, e como!, patricio –; para as lavraturas dos grãos do futuro.

Apodreçam para que novas flores floresçam!

Uma ressalva, apenas: que sejam, as novas, antigas. Nada dessas modernidades transgênicas.

4.6.I.I. *Mataram Atahualpa*

(As grandes empresas – Leviatãs do presente – contratam cientistas nervosos – de temperamento colérico, desaconselhável para a profissão – e começam a desenvolver plantas resistentes a isso ou acrescidas daquilo, pensando em quanto vão faturar com as patentes. Só que patentes, patentes não são vasos!... Elas nem se perguntam sobre os efeitos de suas brincadeiras de Deus na natureza, nas pessoas que vão consumir seus produtos. Raciocinem conosco: se Deus fez assim, por que mudar? Outra coisa: não seria um comportamento herético? Peidar em público – para ficarmos no exemplo daquela cidadã de Nova Hereford que, se não apareceu, ainda vai peidar por aqui, logo, logo –, peidar em público, em nossa humilde opinião, não chega a ser herético, mas pode ser considerado blasfêmico,

³³⁴ (gosto não se discute e, quem ama os seus, bonitos lhes parecem)

³³⁵ (já falamos no taura, lembram?)

³³⁶ (este volume, como vêem, foi pensado como livro-texto para as escolas de todo o Rio Grande – os da Metade Norte, para quebrar-lhes o corincho –, daí nossa preocupação em pesá-lo de informações de toda e qualquer ciência, humana e desumana, abarcando um todo deveras pedagógico)

pois, via de regra, a soltura emite som, como as palavras – sons articulados, a Dêta, frases inteiras, bá! –, e, ainda que não entendamos o que um próximo está dizendo – tem uns que falam pra dentro –, quando fala, no entanto, fala! Assim com o peido. Alguns o prendem, modo de dizer, o engolem – mas faz mal, já adiantamos, isso não precisa perguntar pro médico –, mas muitos o deixam soltar-se, livre, campo fora... e o som que emitem, a palavra que dizem – blasfêmica? – até nem importa tanto, porque, que a ouvimos, ouvimos, não adianta disfarçar. E aí entra a questão do fedor. Quando a palavra é dita, costuma feder. Não a enxofre – se assim fosse não estaríamos aqui a buscar sentido pras coisas, coisa do demo, estaria claro –, mas sabendo ao pútrido, e, mais um complicador, dependendo muito do que a pessoa ingeriu recentemente. Por exemplo: o ovo ou o repolho costumam produzir sons, palavras anais, digamos, com alta probabilidade de blasfêmia. Mas são conjecturas apenas. Achamos que o tema merece uma pesquisa específica, porque, a continuar como hoje, o mal-estar, o envareamento, as ironias, risos, até... bueno, a continuar assim, vai ficar muito dificultoso nosso convívio social, perigando morte. O Doutor Paredes – opinião majoritariamente respeitada em nosso Departamento – acredita que “a saúde depende de expelir o que quer sair, e não só mijo e merda, mas pedra na vesícula, pus e, claro, arrote, espirro e pum”.³³⁷ Então, como dizíamos, os Leviatãs querem é faturar.³³⁸ Se o negócio é tão seguro para a saúde do mundo – para a financeira da empresa, não se discute –, por que estão sempre botando areia quando se quer exigir estudos de impacto ambiental para o plantio ou quando se fala na obrigatoriedade de rotulagem dos produtos transgênicos? Rotular o Greenpeace – isso até parece nome feio, como se aquilo fosse verde – de retrógrado, isso pode. Hã-hã!... Estarão com medo de serem flagrados produzindo super-pragas? liquidando com a fauna microbiana do solo? espalhando inadvertidamente para outras espécies o que desenvolvem especificamente em uma, criando um caos ambiental? colocando em risco, enfim, a biodiversidade? Estarão com medo – o que parece já estar claro nas pesquisas de opinião, que só erram quando colhem dados eleitorais, aí, menina, é um tal de número estapafúrdio que nem as explicações de praxe, “a pesquisa afere o momento”, “nossa margem de erro...”, nenhuma explicação cola, porque a coisa, bueno... –, com medo de que os consumidores evitem comprar produtos que tragam no rótulo a informação de que são geneticamente modificados? Porque, cada vez mais, quem compra quer saber o que compra. E cada vez menos as pessoas querem morrer pela boca, como os peixes, coitados, indefesos, e as iscas, hoje, nem são comestíveis, apenas brilho, engodo multicolor... judiaria... Não esqueçam da Arca de Noé: todos somos – os seres vivos, que morrem!, e os outros, as pedras, por exemplo, que não respiram, mas que, bem dizer, vivem, porque estão ali onde estão e esses dias a Maricota tropeçou numa e quebrou a bacia, tá de cama e, pra completar, não consegue ir aos pés, diz que dói... e deve mesmo doer, já pensou? – todos, todos filhos de Deus.)

Mataram Atahualpa. Genuflexão: “Que arco-íris é este negro arco-íris / que se levanta? / Para o inimigo de Cuzco horrível flecha / que amanhece... // Já ficou gelado o grande coração / de Atahualpa. / O pranto dos homens das Quatro Regiões / afogando-o... // Apagou-se em teus olhos / a luz; / no fundo da mais brilhante estrela caiu / teu olhar...” Ai, ai...

³³⁷ (o Dr. é uma pessoa chique, perceberam... ele não diz “peido”, diz “pum”. Mas não se preocupem que o tratamento é o mesmo, expelir... É que o português é uma língua muito rica.)

³³⁸ (são os “champions”, o oposto dos despiendos “losers”)

4.6.1.2. *Acalcanhando o povo*

Nós, aqui, sempre fomos a favor das coisas simples, naturais, brasileiras, gauchas, sem anilina, enfim.³³⁹ E isso desde o tempo do xisto betuminoso e das areias monásticas. Portanto, o petróleo é nosso! Salve o cupuaçu! Porque, vejam, está cabalmente³⁴⁰ provado que muitas dessas invencionices que botam nos alimentos criam e alimentam o caranguejo que mata a gente.

Já em julho de 2000, Washington Novaes preocupava-se com o executivo federal “divulgar nota de apoio incondicionado aos chamados OGMs” enquanto sucediam-se pesquisas “mostrando a crescente rejeição do consumidor” aos monstros vegetais.

Sempre os governos acalcanhando o povo. Mas não tá morto quem peleia!

JCC escreve que, na década de 1890, a cavalaria gaucha de Gumercindo e Aparício não mais podia enfrentar “a los ejércitos gubernamentales”, já que “los oficialistas estaban ahora (entonces) equipados con rifles Mauser y artillería Krupp”. Não podia, de igual para igual, mas enfrentava; e Honório Lemes, em 23, enfrentou, e – como não? – Getúlio, em 1930... Ou seja: esses dos transgênicos são mais fortes mas não são dois; temos que pelear. Pena que muito nos falte hoje do tudo que tínhamos, especialmente hombres!

3.15. *“Darwin matará Comte”*

O general Lavalle, quando concentrava tropas em Santa Fé para lutar contra Rosas, isto em 1840, perdeu 40.000 cavalos intoxicados por mio-mio: não eram vaqueanos os matungos! Depois, na Campanha de Pavón, foram-se mais 4.000 em questão de dias. Só por esses dados percebe-se o quanto o mio-mio é injustamente esquecido na história da latinoamérica, assim como outras pragas. Em compensação, a praga do positivismo instalou-se por aqui no pós-república e não havia Oswaldo Cruz que a debelasse. Carlos Von Koseritz,³⁴¹ eminente homem de letras e deputado pelo partido de Silveira Martins, teve o peito de dizer, dois pontos:

– O positivismo não conquistará o universo, não terá as honras do domínio do absoluto... O futuro pertence à síntese objetiva; Darwin matará Comte.

Pra quê!? Castilhos ficou furioso e perseguiu Koseritz, acabando por cercá-lo em uma chácara em Pedras Brancas, onde, conta Carlos Reverbel,³⁴² foi “mantido incomunicável por oito dias”, vindo a morrer ali, “fulminado por um colapso”. De fato, “o homem que inventou a ditadura no Brasil”, conforme o intitulou DF, não brincava em serviço. Koseritz era um grande homem, verdade, mas, sabe como é, alemão e tal. Acontece que Castilhos aniquilava a todos os que se opunham ao seu poder unipessoal, mesmo gaúchos de marca e sinal.

Um seu correligionário, Artur Pinto da Rocha, envia-lhe uma carta pessoal, em 1893, criticando a degola, segundo ele, “uma violência que fere a dignidade humana”. Esse Pinto da Rocha deveria estar brincando! Onde se viu criticar uma prática que o

³³⁹ (estaria a Angélica com hemorragia capilar?... anilina mesmo?)

³⁴⁰ (grupo stalinista-democrático)

³⁴¹ (CvK)

³⁴² (CR)

próprio Castilhos transformara em instituição rio-grandense,³⁴³ que platina já o era, bá... Diz CR que, no tempo de Rosas, “chegaram a desenhar e mandar fazer, com requintes artesanais, uma espécie de faca especial para a operação”. Na República Positivista Gaúcha, degolava-se com qualquer faca, desde que de bom fio: sem “requintes”, sublinhe-se, meio que à moda miguelão, mas com efeitos idênticos. O General João Teles, outra alma pura entre os republicanos, em telegrama a Floriano Peixoto, denunciou:

– V. Ex^a não faz idéia dos horrores que se têm praticado; os assassinatos são em número muito elevado, pois já por toda a parte se degolam homens, mulheres e crianças, como se fossem cordeiros; o saque está por demais desenvolvido, assim é que não há nenhuma garantia, quer individual, quer material.³⁴⁴

Teles referia-se ao que já acontecia no estado antes de eclodir a revolução de 93, especialmente quando o Rio Grande era governado interinamente por Fernando Abbott e Vitorino Monteiro, em 92: pouco mais de quatro meses bastaram para que os perrerristas vitimassem 134 adversários políticos; entre os quais dois sobrinhos de Joca Tavares. E isso tudo, sob a liderança “praticamente absoluta” de Castilhos, na observação de Reverbel.

3.15.1. “...Pluma por pluma...”

E Otacílio? Não esqueçamos de Otacílio na bicha, capaz que crie raiz e não pode, vejam, como então vai falar com o Seu Valentinho? Planta criada, nem adianta, no arrancar, morrem... Se fôssemos o Sirley e Otacílio a Quelem, estaríamos chorando “I missing you... I missing...”, como aqueles do Coldplay que o Arli ama “de paixão”!

Esses dias o Arli foi batizar un niño. Uma novela! (Não el niño de Hernandez e Cortez, “En la cuna del hambre mi niño estaba / com sangre de cebolla se amamentaba, / pero tu sangre / escarchada de azucar, cebolla y hambre...” A Quelem – antevemos, na vigília, terá um chilique de mãemulher, a mulher –, linda...: “Una mujer morena resuelta en luna, / se derrama hilo a hilo sobre la cuna, / riete, niño, / que te traigo la luna cuando es preciso...” Não o Sirley, Otacílio, Sirley, o semprencantadobeso, na Quelem: “Tu risa me hace libre, me pone alas, / soledades me quita, cárcél me arranca, / boca que vuela, / corazón que en tus labios relampaguea...” E a torcida dos velhos, nós, já sem forças para recomeçar – e todo santo dia! – tudo de novo: “Desperté de ser niño, nunca despiertes, / triste llevo la boca, riete siempre, / siempre en la cuna, / defendiendo la risa pluma por pluma...” Não este niño, o Arli batizou, tampouco el niño climático, terror da agricultura, sem poderes de mágico.) Não esse, mas, da mesma forma, macho. A freira fez-lhe coceguinha no queixo e cumprimentou:

– Ah, machinho... Que bom! – a freira!

A mulher do ministro também fez questão de abençoá-lo:

– Querido! – o sinal da cruz na testa, olhos de susto.

E o Arli se pergunta: ministros do quê? Antes, o padre era o exclusivo intermediário. Agora, há ministros vários e, está dito, até à mulher do ministro Deus poder tem dado... Ou dele elas não se apoderado? Freiras e essas, vejam, Pitágoras... – “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher” – ...serão trigo limpo?

³⁴³ (com status de Política de Estado)

³⁴⁴ (se já não o repetimos, repetiremos, para que decorem)

– Imaculada só Maria... Mas, as do batuque, são tudo joio... – copou a outra. Pra quê? Nem na igreja...

3.15.1.1. Tudo joio

O batismo, bá. Como disse Nikola Tesla, “Sinto cada vez mais que fui o primeiro a ouvir as saudações de um planeta a outro”. A turma do Tiago já levanta as anteninhas, mas não cabe: melhor fariam se cumprissem sua parte e fossem à missa todos os domingos e dias santos de guarda.

– Não batizo – o Arli. – Sem padre, não batizo. Esses poca-bóia pensam que são Deus na Terra?

O ministro estava como que possuído, não parava de repetir as mesma coisas – “Nós temos que ser fiel e obediente” –, querendo, logo se via, inculcar na mente dos próximos o que dizia. Fazíamos força, Deus é testemunha, mas, a cada disconcordância, a mulher ao lado nos dava um cutucão e revirava os olhos, “ai, minha santa!” Não deu, já até rezamos dez Ave Maria e dez Pai Nosso de penitência, porque, nós, “nós” nunca poderíamos ser “fiel e obediente”. Compreendem? E a ministra, de óculos escuros dentro da igreja? Ressaca? Não foi ela que o marido, bueno...

As batinhas, sim, estavam chiques, predominando o branco, mas com uns panos assim, em diagonal, realçando o conjunto. Se pegassem detrás do altar a flauta de taquara e o bombo legüero, não ficaria mal tocar una baguala, un taquirari, una tonada potosina ou mesmo – o Senhor permitindo – una cueca. Mas, não. O ministro só repetia:

– Essas criança ainda não são filho de Deus. São criatura de Deus, mas não filho de Deus. (E só o seriam pela ajuda dele?..)

– O batismo é um só. Não adianta ir com essas comadre depois no batuque. O batismo é um só.

(Queria porque queria ser Nikola Tesla!

E se era um só, como é que a ministra batizou de novo a guria chorona, fazendo de conta, e dando o lado, só pro fotógrafo pegar o flagrante? A mulher cutucava: “Olha, olha, olha... Não perde...”)

Demorou mais de hora, os anjinhos já começavam a chorar pela arenga ministerial,³⁴⁵ pelo mamá, de balda... a vomitar, a cagar – “pelas flardas só não passa o cocozinho, sentiu”, cutuca a outra. E o Arli:

– Não batizo. Já não gosto de padre, imagina ministro?!

Os ministros estes passaram o óleo unguido pelo bispo na testa dos inocentinhos (e se pega no olho? Vão pagar o tratamento?); derramaram a água benta na cabeça dos pobrezinhos, isso na pia (pedindo que se gripassem decerto, o choque térmico); fizeram o sinal da cruz, sempre um a um, e eram dezenas (queriam desidratar as criaturas, o calorão?); convidaram os padrinhos para irem até à frente pegar sua vela acesa (então, sim, ficamos com medo medo: de que certo conhecido não resistisse e enfiasse aquilo, já pensou? Muito tempo pra fora, sozinho, chega e, pá!, de supetão, já lhe alcançam uma vela... e das grandes!)

³⁴⁵ (que não são, como os discursos de Fidel – as homilias –, tão longos e tampouco tão necessários: “um lamento da Razão”, segundo o professor F. de Oliveira, de “um homem do Iluminismo, que opera no sentido da caminhada conjunta da história da Razão e da Justiça: a Justiça é racional e a Razão é justa”. Oremos.)

Todos esses trabalhos só pra que as crianças, de criaturas, passassem a filhos de Deus. E ainda tinha, como que uma brincadeira de “capitão-manda”, eles diziam uma coisa lá e a gente tinha que repetir, sentando e levantando. Aí cansava. Então eles inventavam uma que a gente tinha que dizer ou “creio” ou “renuncio”. Divertido aquilo, mas uns erravam, não davam nem tempo pra gente pensar, e eram perguntas complexas – “Renuncio à luxúria, aos pecados da carne?”, ou “Creio em Deus-Pai todo poderoso?” ... Não essas, mas assim como essas, complexas –, como irresponsavelmente iríamos responder num vu! Havia catecúmenos presentes, além de tudo, crianças de colo: mentir é pecado, melhor então engolir a língua (assim mataram-se vários na história, buscando o pé da letra na campainha). Mas a mulher do lado respondia, bem alto – e foi nossa vez de dar-lhe um cutucão.

O Arli, irreduzível – “o primeiro sacramento!” ... –, só aceitou batizar a criança – e sob protesto! –, quando, de tanto dizer “Não!” e “Não!” e “Não!”, sacudindo a cabeça, começou a rir pra ele o inocentinho, coisa mais linda. Então foram os dois, satisfeitos, até a pia, de onde se ouviu a gargalhada do padrinho, como se a igreja tivesse dentro um daqueles tímpanos e, nos tímpanos, a metade risonha, retumbante, saborosa.

– O guri salvou a festa – explicou o Arli. – Soltou um baita peido bem na hora que despejaram água nele. Aninha Leocádia acha que o Arli não vai pro céu, “a menos que passe um bom tempo no purgatório”.

Puxa... E logo o Arli, que até tinha planos...

3.15.2. Tiro pela culatra

Mais uma vez, sentimo-nos na obrigação de reparar um dado, o número há pouco mencionado, protestando quanto ao esquecimento de Nova Hereford também nesta estatística – a exemplo de inúmeras outras, como se não existíssemos –, o que, de antemão advertimos, não vai ficar por isso mesmo.

Já estamos mexendo nossos pauzinhos e, logo, os 53 assassinatos de gasparistas ocorridos em nosso território terão de constar como imorredoura – ou, que seja, morredoura – parcela desta excelsa lista. E, acrescentando-se, 90% dos crimes de nosso município perpetraram-se tão somente pelo uso do lenço colorado por parte das vítimas. Era lá vem um e zupt! Lá vem outro e zupt! Não havia clima para diálogo ou para explicações tipo “só tenho dessa cor”, “foi presente de mamãe”, “nem é meu, um vizinho me emprestou” ...

Quer dizer que a seqüência Rio Negro / Boi Preto, sempre reafirmada como prova de que foram os maragatos que começaram com as degolas – “aqueles bandidos castelhanos!” – é mentira da grossa. Boi Preto pode ter vingado Rio Negro, mas Rio Negro vingava – e, digamos tudo, ainda era pouco! – os assassinatos brutais cometidos pelos castilhistas em tempo de paz,³⁴⁶ como os 134 mais os 53 acima citados. Ora...

Também terrível foi o ocorrido com o almirante Saldanha da Gama, que, morto por três ferimentos, um de lança e dois de espada, apareceu – seu cadáver, profanaram seu cadáver! – “sangrando, com falta de uma orelha, castrado, sem os dentes orificados, só com a metade do bigode, apresentando seu corpo infinidade de talhos feitos com facas ou espadas?”, segundo o publicado pelo jornal *O Maragato*, de Santana do Livramento

³⁴⁶ (de paz!!!)

to.³⁴⁷ A guerra corria solta, estava mesmo no fim, oficialmente, mas nada justifica o banditismo em se tratando de um homem que já não podia defender-se. Covardes!

Em 1903, muitos anos depois de finda a “revolução da degola”, soldados do Cati empastelaram a redação de *O Maragato* juntamente com policiais de Rivera. Resultado: três mortos, dois deles degolados. Quando a gravata colorada voltou a marcar outra revolução, a de 23, falaram na “volta da degola”. Volta? Como, se nunca deixou de ser usada pelos governos perrerristas, notadamente pelo ínclito Coronel João Francisco, o guardião da fronteira com os terríveis orientais, a fera³⁴⁸ para sempre lembrada como a “hiena do Cati”?

Em contrapartida aos atos animalescos dos positivistas, avulta-se o conceito histórico dos homens oriundos da Maragateria. Manoelito de Ornellas diz que, na Espanha, “sua honestidade se tornou proverbial, pois jamais os registros policiais do país acusaram uma queixa” contra eles. Uma ou duas centenas de maragatos havia entre os guerreiros de Gumercindo, mas todos os federalistas aceitaram a alcunha que lhes fora pespegada pelos pica-paus, porque honrosa na verdade... um tiro que saiu-lhes pela culatra!

2.8.9. No cu da gente?

Otacílio, o pobre, ansiado, e a fila andava, a pau e corda, como uma tortuga, “pedra que caminha”, como bem observa o Santiago, e esta mais para pedra.

– Isto já tá que nem tropa de burro – diz a da cuia, fazendo chiste com o mate puro pau de tão lavado.

– Vão se pegá – aponta a outra para os dois que discutiam, com a mediação do guardinha, se o que saiu pra mijar tinha ou não direito de recuperar seu lugar na fila.

– Uma vez tá bem, mas três! Três! – esbaforia-se o reclamante. – Isso já é pra provocar. Como é que eu tô me mijando e não arredei o pé do meu lugar?

– Eu vim pegar uma ficha...

– Eu também vim. Todos aqui madrugaram pra pegar uma ficha, ora.

– Mas eu vim porque não consigo mijar direito – explica o velho. É um velho e tem, parece, o rosto triste inchado.

– Imagina se conseguisse! – força uma gargalhada o outro, buscando olhos em volta que o aplaudissem. Mas as pessoas estão cansadas, muitas com dor, ninguém encontra motivo pra rir da dor alheia.

– O senhor aqui deve tá com um problema na prósta – adoutora-se o guardinha. – É assim mesmo. O home vive se mijando, mas quando vai lá, mija só uns pingo. Meu sogro teve isso, depois operô. Tem que fazê o tal toque, mas, se não for câncer, não tem perigo...

– Ah, bom... é aquele exame que metem o dedo no cu da gente? Ah, bom... – o criador de caso, agora compreensivo; a velha solidariedade gaúcha quando é braba a peleia, as defesas poucas e o perigo assustador. – Entendi. Desculpe. Pode mijar quando quiser, amigo. E que Deus me livre desse teu troço.

³⁴⁷ (tendencioso, dirão alguns, mas os que viram – e em Nova Hereford há filhos dos filhos dos filhos dos filhos dos filhos, e acabaram, pro causo, vendo, pelo boca-a-boca dos ancestrais –, levaram um choque pior do que o da Noemi aquele dia, na tomada da saletinha, o pior grito que já ouvimos na vida, coisa séria)

³⁴⁸ (assunto controverso no Instituto – “herói” alguns o entendem, com santinho na cabeceira)

2.8.9.1. De rabo entalado

Os corpos não são feitos para sofrer violência.

Doente, todo mundo fica. Agora, esse negócio de ficar metendo o dedo no cu do homem, especialmente no cu de um gaúcho, já é demais e, no entender de um grupo de estudiosos de Nova Hereford, configura-se violência inaceitável; *mutatis mutandis*,³⁴⁹ é como ser empalado, método de matar que, ao contrário da asséptica degola, antes tortura o inimigo e o dilacera por dentro, física e moralmente. Se o dito “toque anal” é a mais confiável medida preventiva do câncer de próstata, como dizem os médicos, a doença tornar-se-á,³⁵⁰ sem dúvida, ao menos em NH, a maior causa de suicídios em legítima defesa da comarca.

Prevenir, pro causo, é sair de guarda-chuva quando o tempo se pára feio, mas daí a enfiar a ponta nos próximos é outra coisa. Sugerem os estudiosos “segredo de justiça”³⁵¹ para o procedimento, cuja desobediência – pimenta no dos outros... – deve ser punida com execração do falastrão em praça pública, nos moldes dos empalamentos humanos, mas com maior civilidade, para servir como exemplo demovedor do crime mesmo e – aí a grande idéia – para agregar valor econômico às mandiocas que nem a panela de pressão amolece, alavancando os ganhos minguados do pequeno produtor. Mas nada draconiano; apenas uma hora – sem vaselina nem cuspe – de rabo entalado, além, claro, dos cem guascaços com trançado de oito...

Porque, vejam, os corpos não são feitos para sofrer violência e um gaúcho deveras não deveria expor-se em uma fila do SUS a discutir a respeito de seu ânus devassado. Ainda mais um velho, talvez veterano de 23, 30 ou pracinha da FEB. Mas como diz o Arlênio, do Rincón de Toros, “a carreira é mil no atar e mil no enfrenar”, quer dizer, se um desiste só no ver o que tem pela frente, já perde mil, e se corre, pode até perder dois mil, mas – atentem para a tirada filosófica –, “e se ganha? E se ganha, hein? hein? Morou?”

Em síntese: a opção é viver, dar o rabo, esperar calmamente sua vez na fila, porque não tem outra solução. “Tem? tem? tem, carajo?” Judiaría isso com os homens, mais ainda com os gaúchos.

3.16. Apetrechos humanos

Ai, ai, ai. “Minha vida foi marcada pela solidão do pampa; aquele aprisionamento de horizonte aberto foi uma coisa tremenda. Me obrigou a voltar-me para dentro de mim à procura de alguém.” Assim, vejam, falou Dyonélio Machado, autor de O louco do Cati. O Cati, o Cati! No tempo do Cati, ao sinal da cruz seguia-se: “Se Deus quiser, João Francisco e sua mulher!” Temia-se o aprisionamento em regime fechado no calabouço da Hiena, fera asquerosa, fácil agora xingá-la, o tempo nos dá a distância conveniente à coragem,

³⁴⁹ (Dr. Va... – que vá pra puta que pariu este chato!)

³⁵⁰ (mesóclise? Idem nota anterior!)

³⁵¹ (Don Bagayo y Balurdo acha inaceitável de qualquer maneira a tal falta de respeito. Pergunta: “Desexistirá a flor que há no Evereste só porque nunca ninguém a viu?” E responde: “Ao contrário. Se ninguém nunca a viu, é porque fora colhida antes.” E pergunta: “Como pode ser?” E responde: “Ah, meu filho! Contra avalanches, até no pampa é melhor ficar calado.” Compreendem? Don Bagayo bebe, mas socialmente.)

covardes... Mas compreende-se, se não o Cati, o andar, andar, andar e sempre haver o que ainda andar, infinitas as distâncias do pampa igual, como se o andar, andar, andar não passasse de alucinação na cabeça do pobre homem, sempre no mesmo lugar, fazendo ojo, e sem bolitas. Compreende-se – não o Cati, pertinho de NH, ali naquele bojo do Quatepe, da sanga do Lajeado, da Coxilha de São Manuel e do Cerro dos Touros, campos de Quaraí, criadores, mas o Cati... – o ensimesmamento do gaúcho e os versos de solitário de Yupanqui, “a mi me gusta que suenen..., los ejes de mi carreta, nunca los voy a engrasar!” O gaúcho, ó sina!, só tem existência possível – gentama sem respeito da capital! – nas lonjuras do pampa; todos os nossos apetrechos de gente requerem o pampa e são pelo pampa requeridos, prisioneiros os dois um do outro. Uma cruz, e isto se compreende, como “la que lleva el viento”, na canção de José Larralde: “y hay gente que la envidia”, porque, cunhado, sempre as hay. “Cuanto espacio pa’ uno solo, piensa el que mira de ajuera”, mas, de fora, eles – vocês! – não sabem “que aunque vuela pa’nde quiere, no tiene rumbo ni pago, ni rancho onde alguien lo espere.” Sentem o vento e não percebem “que amargura hay en su voz”. Têm inveja – puro teatro, como o mambembe do dia 20, fantasiados no asfalto, bufonería, vendo se acham sua identidade, “uma verdinha assim, ninguém viu?” –, têm inveja, sempre invejosos, daninhos – façamos figa – porque “la envidia mide la fuerza, pero no mide el dolor”. El dolor, esta dor, imanência. Dyonélio fugiu desta prisão de “horizonte aberto” e depois conheceu outras, fechadas, porque, no ensimesmar-se, abriu-se como Yupanqui e “tantos hermanos”, para “una hermana muy hermosa que se llama libertad”. É assim mesmo, o pampa, “un horizonte abierto que siempre está más allá”, que “cuando parece mas cerca es cuando se aleja mas”. Por isso...

Por isso – e nos aprumamos –, dentre as qualidades mais apreciadas e valorizadas nos gaúchos sempre estiveram as do vaqueano, aquele homem que tinha aprisionada em sua memória todo o pampa, as coxilhas hermosas, los arroyos, a peculiar imensidão, o que o fazia capaz de um ir e vir de homem livre, taura sem lei nem rei, de gaúcho, em uma amalgamada palavra.

3.16.1. Morada do espírito

Dos vaqueanos muitas vezes dependeu a pátria. Gente como Avençal, por exemplo, que “constituía de per si o mais exato arquivo topográfico, um mapa vivo e pitoresco” da Província. E, por ser vaqueano, não guerreava de menos: nos combates, José de Avençal “era o delírio personificado”.

E Don Frutos, então? Tá aí outro homem que palmilhava a fronteira como se sua própria mão – isto para não falar de Artigas e de tantos charrúas e minuanes; de Bento Manoel, Hormiga Negra, Borges do Canto, João Burro, Gato Moro, los Sarabia, e, patrício, Blau, que cruzou “o nosso Estado em caprichoso zigzag”. Esses homens, ai, ai, ai, que estão mermando, como Dyonélio, procuravam dentro de si mesmos. Eles apeavam, enchiam o pulmão dos ares do lugar, mastigavam as fibras da grama, circunspectos, bebiam do rio seu peso e perfume, perscrutavam o que os olhos podiam, de cores, adivinhar, repetir de cor, e, ouvindo sempre – os bichos, a folhagem, ausências –, pouco falavam, a não ser para o necessário: indicar o rumo a seguir. Como Dyonélio, Cyro, Yupanqui, encontravam dentro de si mesmos esse alguém que é o pampa, identidade, morada do espírito; sentiam-se em casa, enfim, longa é sempre a jornada.

Rivera, mais que vaqueano, era rastreador, da estirpe daquele que, conta Alfredo Ebelot,³⁵² agiu certa vez nos “contrafuertes de la sierra de la Ventana”. Um grupo de índios havia invadido a linha onde trabalhavam e era preciso saber mais: quantos eram? onde tinham se escondido? As condições eram péssimas para discernir rastros; “la tierra suelta se había volado, y no quedaba sino un montón desplomado de la tosca dura de que allá está formado el subsuelo”. Mas mesmo assim, depois de breve ainda que minucioso exame, sem mais floreios o rastreador sentenciou:

– Han pasado seis caballos montados, quince sueltos, y una yegua madrina con un potrillo de seis a ocho meses.

E foi batata! Lembram do Rivaldir?

3.17. “Napoleão dos pampas”

Os Saravia eram vaqueanos.

Derrotados na batalha do Inhanduí, aqui pertinho de Nova Hereford, por absoluta desigualdade de armamentos, cruzaram a fronteira e reuniram-se em conselho com os generais Tavares e Salgado. Este último, o único deles com treinamento militar acadêmico, defendeu “la inutilidad de continuar la lucha”, dada a deficiência dos maragatos em armas de fogo. Alguns opuseram-se à rendição, segundo Chasteen, porque “se debía mantener el honor marcial a toda costa, argumentando que, aun sin esperar la victoria, los verdaderos rio-grandenses no debían ceder”. Entre estes valentes estavam, por supuesto, los Saravia.

Enquanto Joca Tavares e Oliveira Salgado retiravam-se temporariamente dos campos de batalha, Gumercindo assumiu a testa mesma do movimento e empreenderia uma marcha sobre o Rio Grande, que – entretidos os homens na guerra – vadeou o Mampituba até quase São Paulo, de onde o “Napoleão dos pampas”, na pena justa de Patrocínio, retornou para morrer aqui mesmo, logo ao norte de Nova Hereford, a um passo de las llanuras, patria suya. Foi o 10 de agosto de 1894, Combate do Carovi.³⁵³

Meses antes, quando tomaram Passo Fundo, tal os sofrimentos que lhes foram infligidos pela dura marcha por terras desconhecidas, e pelas refregas, sempre com inferioridade de armamentos e homens – em número, mas não em templa! –, os habitantes do mimoso vilarejo ficaram, oh! ah!, mudos de espanto diante daqueles guerreiros maltrapilhos e cadavéricos que, assim mesmo, desfilavam vencedores pelas ruas engalanadas de mortos, na ordem e no aprumo de soldados cavaleiros.

“Me mataram!”, disse Gumercindo aos ajudantes de ordens, o que imediatamente foi corroborado pela análise dos doutores Hungria, Fritz e Ângelo Dourado, seu grande amigo: a bala penetrara “entre a sexta e a sétima costelas”, precisa Reverbel, alojando-se, morte, Deus-sabe-onde. É o amigo Ângelo quem conta o fim de Gumercindo, na padiola, dando ordens: “Dourado, que organizem já a marcha. Torquato que faça a retaguarda e

³⁵² (AE)

³⁵³ (efeméride nunca lembrada pelos historiadores a soldo, mas não em NH, que o Instituto anualmente realiza cerimônia em honra do homem. Não sem dificuldades, fique claro, pois nem em nossa cidade todo mundo tem bom senso e, sendo agosto o mês do cachorro louco, essa loucama de atar sai nos jornais e nas rádios a repudiar nosso culto de gratidão.)

o Aparício que tenha cuidado com o flanco esquerdo”. Coberto pelo velho poncho e já sobre uma carreta, morreu o caudilho, desastre mantido oculto dos guerreiros, pelo bem de poderem suportar ainda as cargas da Divisão do Norte e a tempo de empreenderem o recuo salvador para o pampa.

É poético, Dourado: *“Por muito tempo marchamos ao clarão do incêndio que devorava o campo e estendia-se como uma monstruosa serpente luminosa. Eram as luzes de sua câmara ardente...”* Em carta a sua esposa Cândida, que o queria junto a si, escreve Aparício: *“Yo no pensaba envolverme más en la revolución, pero como he sabido que los tiranos desenterraron al finado y lo han hecho pedazos, esto me obliga a tomar armas en venganza de su cadáver”*.

3.17.1. Guerra de-a-cavalo

A morte do grande general causou comoção entre os federalistas, que – os mais simples e mais leais, sustância de caudilhos e lendas – recusavam-se a admitir tamanho absurdo.

O missivista das linhas acima, sempre de poncho branco, alvo solar para os inimigos, rezava pela mesma bíblia: *“No podrán voltearme!”*, dizia. Mas tanto foi que o voltaram, em setembro de 1904, sua última revolução blanca, na batalha de Masoler. Atingido no ventre, foi socorrido pelos filhos, Nepomuceno e Mauro. Pediu-lhes, seguindo o exemplo do irmão mais velho: *“No dejen que los hombres sepan que estoy herido”*. Ainda tentaram salvar-lhe a vida buscando auxílio em uma estância do lado rio-grandense da fronteira, mas, apesar do denodo dos anfitriões, não resistiu.

Assim como Gumerindo, Aparício também exalou aqui seu último suspiro – e o penúltimo, o antepenúltimo... –, modelando ambos, na vida e na morte, a condição de fronteiriços que muitos outros caudilhos carregaram em inúmeras campanhas; nenhum, no entanto, como eles, cuja história familiar é tão intrincadamente rio-grandense-uruguaya. O direito seria erguerem-lhes estátuas pedagógicas nos dois países, enquanto a Patria Grande de Artigas, la patria gaucha, não sai do papel revitalizador do nosso Cacalo.

Sorte de Aparício, em seus últimos momentos, bater em porta que honrava a tradicional hospitalidade gaúcha, vejam só, foi dar na estância de la madre-del-hijo, a extremada progenitora do Coronel João Francisco, este de terrífica fama lá pras bandas do Cati, hijo-del-madre, por acolher inúmeros maragatos em sua casa. Homem da fronteira, Aparício, tendo cruzado a linha, deve ter trocado o *“Ave María Puríssima!”* de quem chega na Banda Oriental pelo *“Ó de casa!”* rio-grandense. E por ser a anfitriã rio-grandense, não respondeu com a segunda parte da fórmula, *“Sin pecado concebida!”*, mas abriu logo as portas para o ferido, que não estava em condições sequer de falar, quanto mais gritar salamaleques.

Aliás, Aparício não era dado a essas amabilidades quando o caso era sério. Assim, ao resolver que queria Cândida como mulher, esperou a noite e a levou na garupa, combinados os dois contra a vontade da família da moça, repetindo o que seu pai, Francisco, fizera trinta anos antes, ao raptar Propícia. Cândida, que lhe rogara para deixar a revolução de Gumerindo com a morte deste e não o conseguira, também nada pudera para impedir o marido de liderar suas próprias revoluções, em 1897 e em 1904, contra os colorados, que, enfim, o matavam, longe da mulher e da íntima querência. Ao menos

morreu lutando e nas llanuras do pampa – esta ancha querência, hospitaleiro campo-santo –, como se esperava de um gaúcho de estirpe.

Em suas lutas, os Sarabias só não tinham escassa a coragem. Faltava-lhes as Remington, as Mauser, os canhões que aparelhavam seus oponentes. Mas foi a coragem gaúcha mesma que os celebrizou em cargas ligeiras de lanceiros contra os aparatados inimigos, baratinando-lhes a defesa. Os Sarabias faziam a guerra de montoneras, a tradicional guerra de-a-cavalo dos tempos antigos que, mais tarde, Honório Lemes empreenderia na revanche maragata de 23, novamente derrotada pelo terror civilizatório e genocida que reduziu os gaúchos como que a bonequitos de cuerda, quietos a vida inteira na acomodação miserável de peões assalariados – ou sem o que comer, no desemprego dos arrabaldes – para, dia 20, cuerda dada, passarem a trotezito marcado no brete do povo, roupa limpa, porte altaneiro, a lambar as botas dos maiores do palanque.

2.8.10. Atrapalhando

Otacílio está a dois corpos da salvação, resfolegando da canseira de correr a noite toda passo a passo.

Mas a moça da janelinha parece que encontrou uma amiga:

– Imagina a vergonha no mundo se chega a ganhar!?

E ela:

– Um pé rapado na presidência, já pensou?!

Dando trela pra outra enquanto os próximos, que vararam a noite na fila, esperam. E caem na gaitada, enquanto, judiaria, os próximos dóem.

Faz uns anos já – Otacílio viu na TV –, uma autoridade treinava tiro-ao-alvo numa praia dessas e acertou uma guriuzinha de oito anos. O médico precisou³⁵⁴ que ela tinha 40% de chance de voltar a andar, pois o tiro tinha se alojado na coluna. Na cama do hospital, a guria disse que doeu muito e que – Otacílio, rude campeiro acostumado ao pior, nunca esqueceu – “parece que eu fui ficando pequena”. Perguntaram o que ela esperava do futuro e – Otacílio não esquece – a guria, assustada, olhando fundo, respondeu: “Ter vida”. Simples assim: “Ter vida”. É o que quer para Andressa, vida.

Mas a cidade, a cidade é um antro, uma obscuridade só, caminho de cego cheio de quinas.

– Isso me repuna – dizia a da janela –, me repuna.

– Mas todo mundo levou. Lá em casa, mobiliamo a sala. Ia queimar tudo mesmo e eles são rico, têm loja em tudo quanto é canto – replicava a da fila ao que a outra emendava, rindo:

– Me repuna porque eu tava trabalhando e não peguei nada. Fiquei tapada de nojo.

Novas gaitadas. E ainda continuaram, guá-guá!, como faz o sorro, com a boca aberta, bem como quem vomita, “me repuna”.

Quando chegou sua vez, Otacílio estava cansado e o calor já ia alto, ofuscante, queimando-lhe os neurônios de ignorante.

– Eu quero uma ficha pra minha filha, Andressa.

– Quantos anos?

³⁵⁴ (pensam que são deuses? Isso não é matemática!)

- A Andressa? Um ano e pouco.
- O que que ela tem?
- Uma coceira...
- Ah, deve ser alergia da mariposa. Dá do calor. Tem que ser com o Doutor Chamorro.
- Mas é na cabeça. Ela tem um cucuruto...
- Às vezes dá na cabeça.
- Mas é uma baita bola que ela tem...
- O senhor quer me ensinar o meu trabalho? Não vê que ainda tem esse mundo de gente na fila? O senhor não vê que tá atrapalhando?

1.10. Solito na janelinha

A mendicância é a solidão.

Otacílio, como todos que madrugaram na fila, tem direitos, é certo, cidadão de Nova Hereford, mas, como todos, está ali por um dever mais do que tudo. Alguns pelo dever para com sua própria dor, o dever de estarem rijos, fortes para ganhar os trocados que enchem a barriga da mulher e da gurizama; outras, do lar, para terem forças no cuidar da gurizama, fazer espichar os trocados, multiplicar os pães dormidos, gritar “fulano, sai daí”, “sicrano, não dá no teu ermão”, “beltrana, tira isso do nariz”, e cozinhar, limpar a casa, bater boca com o bolicheiro; outros, como ele, pegando uma ficha de consulta para o pai, a mãe, a mulher, o marido, o filho, a filha, Andressa, que vem amoladinha faz tempo, e ele, pra fora, não podia saber o quanto e o quanto adoecia com isso Tunica.

O dever, ai, ai, ai, é uma mendicância: como cumpri-lo? de que jeito, sem nenhum pila no bolso, cumpri-lo, como é seu direito? Otacílio, sempre metido com essas lorotas guerreiras do passado, com essa pose, esse lenço – a cidade é um antro! –, sente, frente à janelinha da funcionária que decide sobre a vida e a morte de quem está na fila, que a mendicância é a solidão. Não tem ninguém por si e pelos seus. Onde, agora, Bento, Neto, Canabarro? O seu Valentinho que seja, por quem até a vida arriscou na enchente grande que já ia levando o patrão rio abaixo até o Prata, quem sabe? E o Papa, que vive repetindo e repetindo – parece até papagaio – que é gaúcho? E Deus? Não adianta. Está solito na janelinha e tem de mendigar, mendigar... Os charruas armavam seus toldos com fendas que, de dentro, permitia-lhes cuidar toda a volta, olhadores que os defendiam das malas solpresas. Pois é como se Otacílio estivesse dentro de um desses toldos, menos para ver e mais para não ser visto, ele, o defensor das tradições campeiras, o que não conhece a palavra “medo”, o conquistador do Continente, o revolucionário da “paz honrosa”, o taura dono de todo esse deserto – a cidade é um antro, um sumidouro –, sem lei nem rei, o monarca, tem de esconder sua vergonha na carapuça de seu toldo imaginário, como não tivesse vida honrosa, folha de serviços, como se não fosse um centauro, ou fosse, mas petrificado, imobilizado, domesticado entre os anões do jardim. Carpentier, bem lembra Assis Brasil, pensou uma vez que “na América Latina convivem todos os séculos”. E assim é: Otacílio frente ao guichê; Otacílio na periferia da cidade, despilchado, desmontado, desnorteado; Otacílio desmembrado; Otacílio mendigando.

I.II. Como que desnucados

– Ela tem um cucuruto assim – mostra, um exagero!, o que seria o tamanho de uma bocha no vazio entre as mãos –, e não pára de chorar.

– Se o senhor tá dizendo... – faz pouco a funcionária, escrevendo alguma coisa e carimbando. – Tá marcado com a neurologista para... sem ser nesta sexta-feira, na outra. A hora tá aí, mas é bom vir mais cedo, porque nunca se sabe quando os médico vão chegar ou sair – sorri, marota.

– Mas não tem pra antes? São quaje³⁵⁵ ³⁵⁶ duas semana.

– Foi o senhor que pediu um especialista.

– Mas é demais de tempo, a guria fica chorando, a Tunica tem que trabalhar...

– Meu senhor – atalha a moça –, o senhor pediu e eu fiz a sua vontade. Não é só sua família que tem problema. Agora dê licença, que tem mais gente esperando. O próximo – chama, despedindo-o.

Os braços lhe caem, como que desnucados, só com parafuso pra engatar, e custa caro... pelo SUS, bá, morre antes...; caem como um suicida, o corpo pendendo frouxo da árvore; como um bêbado, o Universal na calçada do GRUNHE, a perna mole só da calça, sem recheio carnal; como uma lebrezinha daquelas cor de chumbo, cobrizas, pro causo, carregada pelas orelhas... por ahí, por ahí... – por que, vocês!, tienen los ojos como huevos fritos? – ...e só não se arrastam, os braços, porque, se o homem veio do macaco,³⁵⁷ no que veio vindo, foi perdendo pedaços.

O suicídio... vira e mexe e estamos nele, como se ele nunca de nós se apartasse, unha-e-carne com a alma, sem domicílio, já o dissemos, difícil de pegar, como perdiz no vôo, e, antes fosse, o Bibita bem que o matava – o suicídio – pra nosotros, bom no gatilho, livrando, o Bibita – aprendeu com o Seu Ducterlívio, talvez em Santa Cristina –, a alma incólume, alvar, dos chumbos estes do tiro e do, pior, o alvo do tiro que ele nos tira fora, o suicídio.

“Suicídio”, falamos... e já nos corre um arrepio, assim, uuuui, pelo espinhaço – a flauta-vértebra do poema, soprando-nos ao pé da orelha? –, do cóccix ao cogote, diacho! (Porque não é um arrepio daqueles bons que o Edson contou, de São Borja, a guria, um colosso, de bunda, pernas, peitos... e o Edson, perdido no desfileiro, mamando, pro causo, o colostro, e foi então que ela gritou “Vaca!”, pediu “Ai! Me chama de vaca, vacão!”... Bá. Decepção. “Não deu pra continuar”, desabafa o taura, “Eu tinha ela por terneira, vaquilhona, vá que seja, mas nunca vaca, o que dirá vacão...” Bá. Acoquinado, o amigo.)

Assunto espinhoso, o suicídio, que o filósofo disse ser “o único relevante para o homem”, antes de morrer nas ferragens daquele carro que dirigia ligeiro demais para um

³⁵⁵ (não é saborosa essa língua deles?)

³⁵⁶ (“deles”, a puta-que-te-pariu!)

³⁵⁷ (questão controversa no Instituto Cultural de Nova Hereford e, por enquanto, “Os vereadores estão in albis no assunto, boiando, nenhum querendo prantear o tatarataravô in anima vili – não são bichos! –, ainda não recompostos do – incredibile dictu! – absurdo que o colega afirmara, e da *Tribuna*, provavelmente in fraudem legis, ao menos as do bom senso, assim, in verbis, ‘O homem veio do macaco’, e por aqui ficamos, atalhando o Dr Vazulmiro, até porque, pesquisamos no Aurélio e não tem mais nenhum “in” – do latino, claro – depois do “in verbis”, e o “in” português termina em “inzoneiro” e já caga tudo, que de mexeriqueiros estamos cheios e desse carnaval, a **Aquarela do Brasil**, bueno... por sí o por no, calamos.)

franco-argelino satisfeito da vida, que, fosse o carro arma – e é!, mortal! –, dir-se-ia que provocava a morte, o homem, e, afinal, o carro – sem dó, como fazem as máquinas – o matou. E, assim, não foi o primeiro homem, e – carajo! – nem será o último.

Nova Hereford é a capital mundial do suicídio. Ou isso, ou quase.

Uma mulher veio de lá de São Paulo só pra confirmar, até defendeu tese e saiu na revista. Parece que ela concluiu que o individualismo guasca, a auto-suficiência do gaúcho, tudo isso é mentira. E como NH é o centro deste pampa que é um deserto, a solidão é quem mata – “quem”, a solidão, que é gente para o gaúcho, com quem ele fala sozinho –, quem nos está dizimando feito reses na vala comum do abate sanitário, porque isso também é um vírus, e pega, e capaz que se espalhe...

“Melhor cortar na raiz!” *Ai, ai... Pronto.*

1.12. Buraco de penas

Sempre foi assim, o vêem vestido de lã e pensam que é ovelha. Tem ganas de esgüelar a mulher; ovelha, imagina!, com esse calor. Ouviu uma vez de um delegado, no rádio, que no calor os crimes aumentam e concordou imediatamente, assoleado que estava, recém chegado de uma reculuta coisa muito séria, como concorda agora e só não pega a mulher pelo pescoço e sacode à maneira de quem mata uma galinha, assim, com uma torcidinha, porque... Não porque é uma ovelha que só diz amém e qualquer guri pequeno domina, que ovelha não é, nem guri, e é por isso mesmo, porque não é mais um guri que não se grudou no pescoço da mulher, toda refestelada atrás daquele vidro, como flor de estufa, aquele bucho. Foi lá, levantou de madrugada, bem dizer nem deitou, só deu uns cochilos curtos no sofá, pra não perder a hora, foi lá pra pegar uma ficha pra filha, como de fato pegou, pra daqui a uns dias, é verdade, mas garantiu que a Andressa pudesse ser atendida, e vai ser, e, se Deus quiser, a doutora vai achar remédio pro cucuruto, se Deus quiser. Não é uma ovelha, nunca foi, só que gosta de ficar quieto no seu canto, tem nojo de complicação. Só às vezes, poucas, teve vontade de, por exemplo, esgüelar alguém. Como agora. Sente uma ânsia, uma ânsia de palavras – que lhe faltam, parco vocabulário de analfabeto³⁵⁸ –, de xingar Deus e todo mundo – um bochincho, muito espalhafato para alguém tão modesto e sério –, de dizer palavrões, descarregá-los como balas, todo um revólver – que tem, mas nunca usou, a não ser uma vez, para matar uma cruzeira, defendendo-se –, sente uma ânsia que é bem de vômito, mas também de fala, que, afinal, não é nada, evola-se, perde-se no ar, matando nem o que tem asas – pássaro, borboletas, frágeis pensamentos –, porque, além da ânsia, além da voz, além do ultrapassado 38, que calibre tem Otacílio? Quem pensa que é Otacílio? “A ave piou”, como estava escrito – e virou ditado – nas velhas cartilhas que ensinavam às crianças das estâncias o be-a-bá, mas não a Otacílio, meio que filho das macegas, desde que se conhece por gente trabalhando aqui ou ali, de tudo um pouco nas lidas de campo, sem tempo pra essas frescuras, coisas pros filhos dos fazendeiros, que um dia teriam de fazer contas, assinar papéis, escrevê-los. A ave piou e deu, acabou-se o que era doce, rápido assim, como no dito popular, depois de tão penosa espera: toma, tchau e gracias, o próximo. Pra daqui a duas semanas! E Otacílio – analfabeto –, nem um pio, afogado em suas ânsias, ave rasteira, pinto mesmo,

³⁵⁸ (este o “sabor” da língua, nossa, pro causo, esta a indigência!)

ovelha, voltando para casa, béééé, solitário avestruz perdido na cidade – um antro! – escondendo-se, cabisbaixo, num buraco de penas. E Tunica, ai, ai, ai, o espera, chora Andressa.

Viver é bucha... mas a gente não se mixa.

5.1. Duras baionetas

Otacílio quer e não consegue.

É assim com os pobres.

Os vagos do Movimento Sepé Tiaraju, comoventes tradicionalistas cuja ortodoxia passa despercebida por alguns, querem apenas parte dos campos que lhes foram escamoteados na distribuição que a história patrocinou³⁵⁹ sempre de afogadilho, no calor da hora, premida por ameaças daqui e pressões dacolá.

Não se trata de reforma agrária, vejam bem; política, religião e futebol nestes pagos não se discute – e bichice não hay! Se os pobres-bichos do Sepé andam dizendo essas barbaridades, é porque estão desesperados, sem ter uns hectares que seja para trabalhar.

Todos sabem que a reforma agrária faz-se ao natural, através das heranças, na paz:³⁶⁰ Pedro deixa 1.000 hectares para seus dez filhos, 100 para cada um. Está pronta a reforma agrária. Agora, se eles resolvem ir vendendo seus quinhões sempre para o mesmo irmão e este acaba dono dos 1.000 hectares que originalmente eram do seu pai, não há nada de ilegal nisso.

³⁵⁹ (M.M.Gonçalves, extrapolando sua função de tradutor juramentado, esfrega-nos, bem dizer, na cara um livro de um tal de Rogério H. da Costa, que nota que muitos autores não “atentam para o caráter social da distribuição das terras, profundamente segregador...”, privilegiando os maiores, claro: “Tratava-se sempre, é óbvio, de uma prática clientelista, onde não se respeitava nenhum preceito legal.” Rogério cita Jean Roche, que cita o presidente da província, F.J.S.Soares e Andrea, um seu pronunciamento na Assembléia Legislativa em 1849: “Um dos maiores obstáculos que se tem oposto ao desenvolvimento da agricultura, e mesmo do povoamento, é a existência de grandes fazendas, ou antes, de grandes desertos, cujos proprietários, não se interessando, e mal, senão pela criação, têm o direito de expulsar de suas terras as famílias pobres”. No século XXI, así son las cosas: mudou a direção do IRA e as fazendas que antes eram improdutivas, por milagre – varinha mágica, a pena dos prepostos do poder no poder –, tornaram-se produtivíssimas. E sem qualquer possibilidade de equívoco, pois foi um satélite da NASA, acima de qualquer suspeita, portanto – mas, vejam, Arthur Miller, americano, que inclusive comeu, e não uma, mas várias vezes a Marilyn Monroe, foi marido dela, perguntado se “A respeitabilidade, neste país, é mais uma virtude ou uma hipocrisia?”, respondeu “A respeitabilidade sempre é uma hipocrisia...”, tá na revista – que forneceu as imagens das fazendas, e este satélite não tem nada a ver com aqueles misseis teleguiados que os americanos atiram em Plínio e acabam matando Plauto, sua família inteira, a vizinhança e até algum americano – eles são como Deus, estão em todas as partes – que andava espiando por lá, o tal “fogo amigo da onça”. Enfim... Fora Sepé! Xô reforma agrária!... “Mas, se eram improdutivas na época da vistoria, basta o cara sair arrendando tudo pra que na nova vistoria, esta da NASA, a terra passe a ser produtiva e ele tá livre? Então, o negócio é impedir a vistoria na data que tá no papel, contestar a que foi feita depois, ainda que com amparo legal, e se fica livre do problema? Mas então eles fazem o que querem e...”, discursava um guri que tem nos visitado no Instituto, curioso coisa séria. O professor Itaúba, num raro momento de emoção – e paciência –, completa: “...a gente só pode cruzar os braços... E a filha da Lindaura, que mora nas bibocas, atrasou o aluguel e foi despejada... A Lindaura nem pode faxinar lá em casa ontem, ficou cuidando dos netinhos, um rebuliço, a filha foi não sei aonde... Nunca quis que eu ajudasse, ô mulher birrenta!...” O professor periga ter uma quedinha pela Lindaura...)

³⁶⁰ (questão controversa no IC)

O filho comprador pode até – o que acontece muito – adquirir uma ou outra fazendola lindeira e anexar à antiga do senhor seu pai, que Deus o tenha, Pedro, ninguém tem nada com o que o próximo faz com o seu dinheiro. Qual relação com reforma agrária pode haver em um cidadão comprar um pedaço de campo? Se ainda fossem cortinas, móveis e tijolos, se poderia dizer que o sujeito estaria pretendendo fazer uma reforma em sua casa. Ora! Mas, não.

Não. Os índios do Sepé só querem, como nos velhos tempos, dividir o espaço que é o pampa entre todos os viventes naturais deste paraíso terreno; aí incluso o veado galheiro e, dá pra negociar, o Saint-Hilaire, o Dreys, talvez o Darwin.

Não podemos simplificar com quadrinhas variantes como: “Maloqueiros das tendas pretas, / Guerrilheiros do PO, / Nossos campos não são tetas, / Vão tomar no fiofó!” ou “Maloqueiros das tendas pretas, / Vagabundos do PO, / Nossas duras baionetas / Vão rasgar seus fiofós.” Judiaria! Não fica nem bem.

4.7. Parar em pé

Já em 1780, Sebastião Bettamio classificava os arreadores – os Sepés de então? – como “uma peste”. Mas o mesmo homem, citado por TG, notou que alguns tomavam posse de grandes extensões “com o destino de as poderem vender”, especulando com a terra, portanto. Golin recupera ainda as palavras de Manoel Antônio de Magalhães, que, em 1808, denunciou “o abuso que há nesta capitania de terem alguns moradores tomado três, quatro sesmarias com dez, doze e mais léguas de terra,³⁶¹ ao mesmo tempo em que há famílias que não possuem um palmo”.

É triste isso de não ter um palmo; não dá nem pra parar em pé!

As terras, conforme diz Magalhães, foram “tomadas”, todo mundo sabe e RP é claríssimo:

– Todas as sesmarias do sudoeste gaúcho pertenceram em seu início aos campos realengos e especialmente as compreendidas ao sul do rio Ibicuí, que fizeram parte da Estância de Yapeyu por mais de dois séculos – e, antes, foram dos índios por dezenas de séculos.

Nova Hereford, Polianga do Sul e todos os outros municípios que nos cercam foram “tomados” – sem anestesia ou indenização. Credo!

Rogério H. da Costa³⁶² pede ajuda a Foucault, segundo o qual “a ‘desqualificação do espaço vem reinando há várias gerações’, sendo tratado como o que está ‘morto, fixo, não dialético, imóvel’”. Em contraposição, o tempo seria “rico, fecundo, vivo e dialético”. RHC acha o que Michel Foucault acha, isto é, que deve ser feita uma “história dos espaços”, pois “a fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada”, já que “a descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe são ligados”.

– Coisa mais boa – balbucia o Enéias, com a boca cheia de bolo de chocolate, obra da quituteira do Instituto, Dione. – A gente tira dum livro e não precisa ficar discutindo horas.

³⁶¹ (pois não vê os Costa, do Costinha, do Reduzo, “o confiança da casa”... **Melancia-Coco Verde**, cuñao!)

³⁶² (RHC)

Só que, vejam, muitos não concordam com esse rapaz – tem gente que prefere bolo de laranja, ou que nem gosta de bolo... –, e há quem fique num vermelhão e periga explodir ou dar um tabefe no próximo. Esse negócio de “ordinário, marche!” – onde já se viu, ordinário? –, se foi o tempo. A tese majoritária no IC é a de que o pampa é só um espaço, e bem assim, “morto, fixo, não dialético, imóvel”, tal conclusão extraída da “análise dos efeitos de poder que lhe são ligados”.

O tempo? Muito bem, é só ficar repetindo “se foi o tempo”, “se foi o tempo”, “se foi o tempo”, entendem?, e o tempo realmente já se foi, saiu disparando e não há quem o alcance, seja com esteróides anabólicos, com a polícia perseguindo... não há, porque ele não corre pra frente como gente normal, porque o tempo é uma aberração, só corre pra trás, um perigo, de ré, em altíssima velocidade, não dá bola pra placa de sinalização, pra nada, uma aberração, uma desumanidade... Tentamos segurá-lo em papéis, fotos, filmes... mas não adianta, se vai o tempo, se foi o tempo, se foi o tempo, pronto, se foi...

Um vírus, e não há cura, infelizmente... e o caixão tá pela hora da morte.

4.7.1. Fressuras

O gaúcho...

Mesmo antes de sê-lo ou sabê-lo, naquela fase embrionária dos garruchos,³⁶³ o que fosse o ser gaúcho que reinava no deserto sem súditos dos campos do rei, que avançaram – e, agora, vejam, o deserto arenoso mesmo, mas sem odaliscas, avança roubando campos outrora verdes, e há quem diga (comunistas?) que é pra combinar com a indumentária, a bombacha do gaúcho, que os ingleses tinham de sobra fazendas e o modelito, esgotada a demanda no mercado turco, e nos venderam a tão tradicional pilcha, mas sem odaliscas e (comunistas!) sem oásis –, mas o gaúcho, gaúcho, sempre foi avesso a reformas, agrárias ou não: vivia do gado trazido pelos jesuítas, Cristóbal, Hernandarias..., ih!, hijos de una gran puta os primeiros e, está claro, da Contra-Reforma católica – o gaúcho é contra reformas! –, reação a Lutero e outros da mesma laia.

“Por que filhos da puta?”, sempre um chato quer saber, em vez de cuidar de escovar direito os dentes, um bafo.

Filhos da puta, sim, repetimos com gosto, porque queriam exclusividade sobre as vacarias e forçaram os índios a trabalhar para eles figurando-se-lhes³⁶⁴ faina agradável a Diós, quando Deus nada tinha com aquilo ou com os tratados sucessivos assinados na Europa ou com as sortidas que faziam a rotina selvática dos continentinos de então. Dizem que a flauta atraía os autóctones; os padres iam tocando e os índios, como os ratos de Hammelin, hipnotizados pela melodia, bueno... entregavam-se.

Um dos sesmeiros que veio ocupar parte de Yapeyu, ao morrer deixou grande fortuna, cujo elenco de bens bem diz da fertilidade de tomar a estância. Galaria variada, inclusive seis burros, doze mulas, onze bois mansos tambeiros e sete escravos, sendo que um deles, João Mole, de cinqüenta anos, “quebrado”, valendo pouco. Em compensação a João Mole, Camila, no auge de sua balzaquianice, 36 anos, vai cotada em mil e trezentos

³⁶³ (daí “garrucha” e, assim, “espalhamos, qual boca de fogo, chuva de chumbo guasca, pelos quatro cantos da Terra e, quiçá, pelos planetas habitados desta e das infinitas galáxias, o nome sagrado do gaúcho” – Professor Tuiuti, enrolando com celofane as idéias do Tiago, cada vez mais navexólogo.)

³⁶⁴ (uma certa Professora que adora mesóclises, coisa séria, a coitada – deve ser uma tara isso – fica procurando um buraquinho pra enfiar a unha dela: “aqui, ó, fica melhor...” E lá vem mesóclise.)

réis, só perdendo pro campeiro Ambrósio – útil nas lidas que mais interessam –, valorado em mil e seiscentos réis.

Estranho nisso que um par de “bichas de ouro com topázio” custe a metade de uma “panela de ferro menor”, e esta, cinqüenta por cento mais do que uma marquesa “com cabeceira de gomos”. Estranho pra gente de hoje, pensando bem: já imaginaram a utilidade de uma panela de ferro pros carreteiros sustanciosos, pura graxa, a modo de sustentar um homem na bruteza da luta com os animais?

Bota bruteza! No tempo das vacarias, nem panela se usava.

Se deitava o bicho com as patas pra cima – desgarroneado, claro, se não, quem ia poder? – e abriam um talho “da rabada até a papada”, tirando buchada e as fressuras todas de dentro, no que retalhavam “o sebo e as gorduras internas da barriga”. Está no RP e quem conta é o Senhor Calixto, por isso as aspas, que não são da rês, neste particular intacta.

Feito o oco, botavam tições pra dentro e completavam com bosta seca, pra levantar labareda mesmo; assim ajeitavam o de comer e alumiavam a noite pra entrarem a madrugada coureando. Um mais costureiro fechava novamente o bicho com tentos e furava chaminé no couro, deixando fumegar o quitute “a noite toda e às vezes até uma parte do dia seguinte”. Nas cansadas, vinha um e cortava um naco a seu gosto, com ou sem o couro – se era a seu gosto! –, depois outro e outro e todos. A carne “durava vários dias”; o que sobrava, os gaudérios levavam sob os arreios, prevenidos, até a próxima arreada. Já viram disso?

4.7.I.I. Anjos do lar doméstico

Claro que hoje é mais fácil, quase todo mundo arruma um rabo de saia pra lhe servir. (O Arthur Miller aquele, que comeu a Marilyn Monroe umas quantas vezes,³⁶⁵ perguntado se “O coração, para a mulher, é realmente tudo?”, respondeu – tá na revista *Oitenta* –, maroto, “Em Nova York, nem sempre”. Bem que Don Bagayo y Balurdo podia escrever um novo livro, de “literatura comparada”, vá que seja... “Nova Hereford e Nova York: mulheres”... Assunto não ia faltar.)

Na cozinha, então, a fêmea reina, sente-se realizada no meio de painéis e caçarolas. Por isso a gente do pampa fica sem entender quando alguém do estrangeiro ou de Porto Alegre – dá no mesmo! – pergunta qual o papel da mulher na vida do gaúcho.

Ora, papel. Negócio de gaúcho é no fio de bigode, não tem de meter papelada no meio – nem nos lembrem, as odiosas papeletas, prisão, pro causo, as piores, de papel, pena poderosa –, foi isso que estragou tudo de uns tempos pra cá. A mulher, pro gaúcho, tem que ser submissa, mais flaquita que é e assustadiça com qualquer miuçalha. Pra encurtar o assunto, JCJ já disse tudo a respeito, em 1912, basta repetir:

³⁶⁵ (decerto de tudo quanto é jeito, o sonso, com aqueles oclinhos de intelectual, meio careca como o Apolônio – mas sem peruca –, e vêm esses boleiros aí apresentando as esposas, uns buchos, como “modelos”, e – não sabemos qual a explicação oftalmológica pra isso – a gentama acredita, só porque são boleiros, imagina! Agora a Marilyn, não... Quem não gostaria de comer a Marilyn?... Nesse tempo, nós também tínhamos umas mulheres de parar o trânsito, e não eram “modelos”, que qualquer recepcionista ou entregadora de folheto nos sinais pode se declarar, de uniformezinho curtinho e coloridinho... Tínhamos – as gaúchas, nem tem graça concorrerem, Ieda Maria Vargas, Miss Universo... –, só pra citar um par delas, a Marta Rocha – duas polegadas a mais no quadril? Pois, sim... Vamos medir esse quadril... lá em casa – e a Terezinha Morango; uma morena, outra loira, piteuzinhos! Nunca – encravados neste fim de mundo – tivemos a oportunidade de chegar perto delas, mas podemos dizer que as comemos muitas e muitas vezes – como Miller a Marilyn –, sublimadas... na carnuda fruta vermelha e na torta dulcíssima... *Ai, ai...*)

– Em regra, ela se tem tornado, felizmente, surda às doutrinas anárquicas que pretendem arredar a mulher do digno papel – olha o tal papel, higiênico – de esposa, mãe e irmã ou, em uma palavra, de formar cidadãos e mantém-se firme no lar doméstico, para felicidade da nossa terra, na posição de fiel e sublime anjo da guarda do filho e de inspiradora do marido e do irmão.

– Por essas e outras é que não dá pra engolir esse mulherio que agora deu de fazer passeata, carregando faixas, diz-que em nome das “produtoras rurais”. Era lindo de ver as mimosinhas na mangueira, sujando de bosta viva as ricas botinhas de pelica... – comenta um irredutível.

E não está só, vejam, Rita Lee garante que o mundo feminino “é bem mais interessante e rico do que o masculino”. E é, aqui, os homens gostamos é de mulher. Claudio Szynekier, então pergunta – quanto à bosta da mangueira, pro causo –, falam da “Mãe Terra”:

– Tudo vira bosta? Inclusive as ideologias?

E ela (putzgrila! E a gente tão esperançoso do amanhã...):

– Tudo.

Isso da bosta. Quanto à mulher, Pêdra é clara:

– Agora, Papai, vamos coser, bordar, fiar; fazer renda.

4.7.I.I.I. Quem tem cu, peida

Vocês não entendem?! Não?...

Estão é apoiando os maridos, dando um perfume de boniteza nos choros de sempre, ultimamente acrescidos dos berros contra o Sepé Tiaraju. Estão é cumprindo, atualizado, o seu “papel” – vá que seja – de “digna submissão ao homem”. (Uma das moderninhas – ainda bem que lá pela serra, no meio dos gringos, casou com um desses de banco que tá sempre se mudando – anda vendendo desentupidor de patente, imagina! Trabalhando e ainda com desentupidor, ora desentupidor, onde ficam as tradições?, o chá de umbu?... Pois a tal – não vale o que come! –, disse que não podia vir visitar a mãe doente porque tinha vendido pouco, sirigaita!)

Desfrutável!

Outra do mesmo quilate – nenhum, pro causo –, não tava ali no bar bebendo e, descendo completamente do salto, não desfeiteou o marido? Pois, a Marilayne, menina! Soltou um peido, daqueles altos, mas meio molhados, sabem?!, se cagou, decerto, aí riram dela, e, bagaceira, a tipa, não teve dúvidas:

– O que que é? Tá rindo do quê? Todo mundo que tem cu, peida. Eu peido, tu peida, ele peida, até levanta a perna pra soltar melhor o vento...

O marido tentava fazer a mulher calar a boca, a vergonha, imagina!, mas ela nem dava as horas pra ele. Claro, trabalha fora, ganha bem...^{366 367}

³⁶⁶ (um minutinho, já que em vento falamos, ficaria bem a propósito citarmos a imemorial fala de Ifigênia, em Áulis, quando, sábia, embora jovem, concede que, sim, deve ser sacrificada pela pátria, para que venham os ventos e enfunem as velas gregas e, enfim, possam, Agamêmnon, Aquiles, Odisseu, Menelau, singrar até o outro lado e vingar o rapto da mulher do último por Páris, aquela parte em que se dirige a Clitemnestra, “Ah! Minha mãe...”, e coloca: se “a existência de uma única mulher/ poderá ser um óbice de tanto heroísmo?/ Isto seria justo? De que subterfúgios/ nos valeríamos?...” E pergunta: Aquiles terá de lutar e arriscar-se “por uma só mulher – por mim –, pois a existência/ de um homem só tem certamente mais valor/ que a de muitas mulheres juntas?”

Esses dias, botaram uma guria de guia num museu da capital. Ela foi despejando o decorado até que apontou prum quadro e disse: “aquele lá é o Gaspar Silveira Martins, só não sei se é chimango ou maragato, sempre esqueço”. E o lenço vermelho, mais rubro do que nunca, no pescoço do homem. Talvez ela não esquecesse se sua professora tivesse usado o exemplo do modess: “olha, minha filha, quando novo, é chimango, quando usado, maragato”. Não tem erro.

Volta pro lar doméstico, percanta. Anda! Caminha!¹³⁶⁸

2.8.II. Uma terneirinha

Ai, Otacílio.

Tunica o espera, braba já, e nem sabe da missa a metade:

– Por que demorou tanto? Toma ela um pouco, não agüento mais. Me dá aqui – pega o papelzinho da consulta.

O homem – Otacílio – obedece, agarra a filha e começa a sacolejá-la, pra ver se dorme. Mas a guria, que choramingava, abre os tarros.

– O que que é isso? Pra outra semana? Tu não disse que tinha que ser pra logo? Tu não explicou o caso? E essa doutora? Neurologista? Não pediu com o Doutor Chamorro? Tu não vê que não adianta nada? Me dá essa guria, vai afogar ela, nem pra isso tu presta.

Tunica atira o papel no chão – como dinheiro velho, o tanto que sofreu Otacílio, pro cisco –, grita pra filha “cala a boca! cala a boca!”, abre uma gaveta, revira, abre outra, tira de lá a caixinha de costuras, deita a guria na cama, mas Andressa esperneia, dá com o pé na caixa, espalha linhas coloridas, dedais e agulhas pela colcha desbotada. Tunica encordoa três ou quatro palmadas pelas pernas, costas, bunda da doentinha e grita pro marido:

– Te presta pralguma coisa e segura ela.

O homem obedece.

– Segura bem a cabeça.

Ele segura com esforço – como se fosse uma terneira! –, o quanto quanto firme... o quanto, sem machucar a guria?

Então Tunica pega uma agulha, a maior de todas, daquelas que até um cego, sem lamber a linha, faz passar pelo buraco – camelos também, cáfilas –, afasta os cabelos da filha, expondo ao máximo o cocuruto, tateia – Otacílio, segurando firme, pela primeira

Sapientíssimas palavras. Tradução até que bem razoável de M. da Gama Kury. Não se fazem mesmo mulheres como as de antigamente; perderam a forma.)

³⁶⁷ (um minutinho, dizemos também nós, já que em vento falamos, para lembrar versos de Gregório de Mattos, imorredouros como o tema: “Dizem que o vosso cu, Cota,/ assopra sem zombaria,/ quando vem chegando a frota:/ parece que está de aposta/ este cu a peidos dar,/ porque jamais, sem parar,/ este grão-cu de enche-mão/ sem pederneira ou murrão/ está sempre a disparar.” Tais versos foram enviados por um cidadão herefordense a uma sua ex-amante e, graças a um curso que fez, “O empresário na era da Globalização”, sua concorrente – desleal – no ramo do Jogo do Bicho, que, imagina!, cheia de rabo, ainda denunciou o colega. No que que deu? Em traque, como sempre nessas ilegalidades. E o missivista, sabedor disso, e bagaceiro de tão irônico, antes de assinar ainda botou o beija-mão espanhol, praxe até em cartas comerciais, como queria que fosse encarada a sua, flor de bagaceiro mesmo... botou o S.S.S.Q.B.S.M. – “Su seguro servidor que besa su mano”. Não adianta. Esse volume, com tanta citação, Eurípides, Gregório, o anônimo missivista... tem que ser adotado pelas escolas.)

³⁶⁸ (o tema é controverso no Instituto, perceberam, não é? Tem umas que acham que são a Luciana de Abreu, só que o IC não é o Partenon, amoldem-se!)

vez vê bem o machucado, acinzentado, mais pro escuro, e avermelhado, fedorento, e nota que é como um ovo mole, uma coisa viva, mais ainda quando Tunica tateia, parece que aquilo afunda um pouco onde ela pressiona com os dedos, se mexe, bem dizer –, tateia, tateia e pensa, decide o que fazer, mas já decidida.

Se Otacílio fosse poeta, como Cabral, diria, bem a propósito, que “A presença de qualquer ovo, / até se a mão não lhe faz nada, / possui o dom de provocar / certa reserva em qualquer sala”. Mas não diz nada, nada pensa, espera por Tunica, endossando a cruel – um gaúcho, onde já se viu? – estatística: 58% das famílias pobres têm a mulher como cabeça. Como pode ser cabeça, analfabeto, despilchado, desmontado, desgraçado? E Tunica é, lembramos nós, como Ana Terra: tem um temperamento “de mula”. Só não disse, por mula obstinada, como Ana, que Andressa era “mais uma escrava”. Não! Uma rainha, a filha. A mulher reluta e, se fosse Cabral, dir-se-ia que reluta como “um relógio vivo”, um “relógio que tivesse / o gume de uma faca / e toda a impiedade / de lâmina azulada”. Fura a filha? Espera, e a espera – fera inconsútil – da consulta devora o que lhe resta – desespero! – em frangalhos.

2.8.II.I. Cabeça da casa

Relógio vivo e piedoso. Tunica morre de pena da guriazinha – e de si mesma, tão atarefada, por que não dizer?, com um marido que nem uma ficha pegar sabe, e o choramingo dia e noite –, sempre chorando, amoladinha com aquilo...

Num ímpeto, mas de leve, *cuidadosa, carinhosamente enfia no tumefato do couro cabeludo a enorme agulha. Sem assepsia nenhuma que não o amor curativo – lambida de vaca no terneirinho; rosnar de cadela que enovela a ninhada diante de passos –, Tunica fura a filha com a enorme agulha. Está como que posses em seu transe alucinado. Nada ouve. Seus olhos fixam o furo e ela toda ali está, no fixado. Camelos, cáfilas desfilam solenemente pelo buraco da agulha, e ela nada vê, obsessiva, até que vê, pelo furo, sair um bicho. Um bicho arrastando-se, solerte inseto esgueirando-se pelo furo da filha, piolho ou coisa parecida, e logo dois bichos, três, caminhando por entre os fios da delicada teia capilar da guriazinha, emplastada de secreções, pomadas, restos de compressas de jujo. Tunica leva a mão à boca, “Ai-ai-aiiiii!”, aquele “iiiiiiiiiiii” – de Aimamã? Aimamã rediviva? relapsa? – prolongando-se pelo espanto, pela dor de não ter percebido antes, mãe, de ter falhado, da filha estar assim por causa dela. Pega a tesourinha da caixa de costuras e, cirurgiã convicta – escola da vida, competência do coração –, enfia a ponta metálica no buraco e corta, abre, no buraco, fenda, mais bichos fervilham, e corta, mas o fio da tesourinha do 1,99 é pouco para a casca do ovo – da serpente, traíçoeiro, horripilante, nojento –, não vai mais.*

– Me dá tua faca! – ordena, e Otacílio, automático, ajeita as costas pra que ela desem-bainhe a de picar fumo que traz presa em diagonal na bombacha. De picar fumo, mas faca, cuchillo e não uma cherenguinha no mais. O gaúcho estremece do tanto que usou aquela mesma lâmina pra carnear ovelha, novilhos gordos, não vai a mulher lastimar a guria, sem prática... Mas não ousa estorvar Tunica com seu medo, ela tão imbuída da macheza materna que intui certezas, temerária, é verdade, mas – a humanidade está aí, viva e gorda para comprovar – eficaz, obstinadamente eficaz. A mulher pega a faca, ajeita a ponta afiada na fenda aberta e vai abrindo o pútrido, populoso ovo, como Otacílio – que sujeita a filha, agora quieta – coureando, e vai descerrando cortinas, valeta que se dobra

no rasgar-se o couro, e vai dando à luz dos olhos estupefatos de ambos, pai mãe, unidos na empreitada, o espetáculo dantesco de um formigueiro de piolhos sob o cupim desvelado, liliputianas criaturas, repulsivas só no serem, na mesma chaga asquerosa, miríades inquietas de um bicho único, uma única dor. Aquilo se vai libertando do ovo e espalhando-se pelos cabelos da guriazinha, e se iria à cara, mas a mãe – a mãe de Gorki, a mãe de Brecht, a mãe de Andressa –, a Mãe corre com ela, como uma boneca de pano e seus membros balouçantes, até a torneira do tanque e ali mira o jorro barulhento, ferruginoso mas forte, principalmente forte, como uma cascata que colhesse incautos navegantes e os arremettesse aos punhados para o poço sem fundo do ralo. Trabalhando com a cabeça da filha feito uma panela que se gira na torrente pra tirar o grosso, Tunica vai livrando do mal a pequenina. Água purificadora, bênção da conta em dia, tu, Otacílio, ao menos isso...

Passado o pior, a mãe senta a criança na tábua do tanque – a criança apaziguada, brincando de pegar os bichinhos que escaparam do tombo e caminham em seu corpo – e acaba de desbordar a, bem dizer, casca mole do ovo, tecido morto. Decidida, prática, cabeça da casa, percebe que tem de cortar – e muito rente – os cabelos encaracolados da filha. E é o que faz – como os barbeiros de outrora, também sangradores, médicos –, e, com sua medicina de cabeleireira doméstica, vence a doença e embeleza Andressa: banho tomado, perfumada, cabelinho curto, bem na moda, mercurocromo na ferida limpa, sã, vestidinho de flores e babados, o sorriso aliviado da inocência, sai, no colo da mãe orgulhosa, que como um troféu vai mostrá-la aos vizinhos, batendo com força a porta.

I.12. Puteo do Barranco

Um pobre nunca deixa de ficar triste. Senta-se num mocho e é capaz de ficar horas olhando pro fogo, encolhido, segurando as pernas. O mundo sempre foi assim: de um lado, pobres; do outro, ricos. Como duas faces da mesma moeda-sociedade, opostas em tudo, mas justificando-se, a existência de uma dependendo da existência da outra. O engraçado é que nunca, no Rio Grande ao menos, esses antagonismos digladiaram-se.³⁶⁹ Engraçado, modo de dizer, mas porque nosso estado foi o que mais passou por entreveros de guerra em todo o país.

Sem querermos defender tese, longe de nós tamanha audácia, somos apolíticos, pergunta pra todo mundo – isso é mais velho que cagar sentado! –, ainda assim, odiando política, no sagrado recolhimento que o vaso sanitário nos proporciona, cismamos que os pobres não devem estar satisfeitos com sua situação, cada vez mais deteriorada, e nos perguntamos: por que nunca ousaram levantar-se contra os ricos, exigindo melhores condições de trabalho e vida? (Arranjavam um jeito e faziam, com hérnia e tudo, como o João Milico, que botou a correr o sem-vergonha do quarto e matou a mulher a pau. Todo mundo comentou, o Teco disparando pelado pela rua...)

Falta de coragem não pode ser, somos tudo descendentes dos mesmos bandidos. Talvez falta de divulgação... Olha aí, pode bem ser; a tal Guerrilha do Araguaia, ninguém sabia nada dela e, hoje, ao menos se sabe que aconteceu, até morreu gente, coisa séria. O departamento de marketing é o mais importante da firma, seja uma multinacional ou um

³⁶⁹ (só agora, esses do Sepé, porque aqueles antigos do Sepé não deram nem pro começo...)

putedo do Barranco.³⁷⁰ Se não fosse a divulgação, por exemplo, jamais tomaríamos conhecimento da criação, em Israel, do frango careca.

I.I2.I. Assando do viver

Os cientistas inventaram um frango sem penas, com ciclo mais curto de ganho de peso, carne menos gorda e, muito importante, não poluente; a gordura e as penas dos frangos comuns contaminam barbaridade a pouca água que temos no mundo. Imagina! E a gente superdimensionando o Protocolo de Kioto, limitante das emissões de gases nocivos para a atmosfera; a gente temendo pelo lençol freático a cada nova instalação de planta fabril potencialmente produtora de lixo tóxico; a gente sempre errando, por muito, o foco; e o Greenpeace, hein!? que furada! Não fosse a divulgação, como saberíamos que os resíduos de depenar nosso almoço de domingo comprometem tanto o meio ambiente? Outra coisa: morreram mesmo penças de inocentes no Araguaia?³⁷¹ Outra coisa: esses frangos pelados, impróprios para países frios – como a Patria Gaucha no inverno – , aceitariam vestir roupinhas apropriadas? Alguns cães, nem pensar. Ao menos os frangos estarão assando enquanto vivem, nesta canícula fora de época, branda e longamente, aí que fica bom, e economizando carvão.

Mas, voltando às ovelhas, o Senhor Tarso Fernando Genro³⁷² – odiamos política, está dito acima – escreve que o outro lado da moeda-sociedade, o lado pobre, the dark side of te moon,³⁷³ pisoteado, “fremia”. TFG cita Linhares e Dulles, “lutas operárias” e outras subversões para dizer que “uma guerra surda, entre despossuídos e proprietários, articulava-se nos porões³⁷⁴ da sociedade”; isto lá pelo início do século XX, quando, contra 280 mil operários urbanos, o país possuía “nove milhões de trabalhadores rurais”, o que por si só demonstra “a força ideológica das oligarquias rurais sobre as cidades”.

³⁷⁰ (o tal que distribuiu calendário de ano novo com a foto de cada uma das mulheres e um dia da semana marcado, coisa dirigida, clientes preferenciais, 20% de desconto... Recuperam o bônus na quantidade, na, bem dizer, certeza do negócio, os homens envaidecidos – e com a guaiaca cheia mesmo – de serem o exclusivo da Marilda às terças, o da Clô às quintas... bonitas as gurias, e a noite toda deles, bá! Millôr Fernandes – que o colega, “parente de Horacio e de Facundo Quiroga”, reivindica que também é um primo seu, “que usa o ‘Fernandes’ e não o ‘Fernández’ da família pra, sabe como são esses gênios, esquisitos... não dar bandeira de sua origem nobre”, pois o Millôr disse uma vez, com todas as letras, e apontamos – “80, inverno de 81”, o que estaríamos querendo lembrar com isso? –, que, “Não se vai partir para a solução do mundo, partindo do macrocosmo; precisamos partir do microcosmo, não tenha dúvida nenhuma. Cristo começou com uma cruz só”. E, vejam, a supracitada Marilda – a melhor de todas, domina instintivamente o guasca Kama Sutra –, o que nos emociona, relendo Millôr, a Marilda jamais tira o crucifixo do pescoço, e como fica lindo nela suada aquele brilho, galopeando... Millôr Fernandes diz que “chega de heróis. O homem tem que se convencer de que mais importante do que tudo é o dia-a-dia. O homem vive é todo dia. A maior utopia é a resistência diária”. Incompleto o apontamento, a que contexto referia-se? Mas não faz mal. Gênio é gênio. Vejam que quem ficou com a Marilda às terças, com a Clô às quintas, com a Bia aos sábados... experimentava, neste específico dia, a sua utopia individual, resistindo o resto da semana, como um herói – o gaúcho, não adianta, é herói por natureza –, na laboriosa, estóica espera, do seu dia – ou, melhor, noite... que um cristão merece – de, enfim, entregar-se desabridamente à vida, viver... viver!)

³⁷¹ (os que acreditam piamente no jornal das oito são os que menos acreditam quando o mesmo jornal, que sempre escondera o fato, décadas depois conta o fato: “Isso é história...” E é.)

³⁷² (doravante TFG)

³⁷³ (M.M.Gonçalves)

³⁷⁴ (mas fremia meio surda no escuro dos porões... catacumbas, se não erramos o pensar)

1.12.1.1. *Fuçando*

Então, a época dos fazendeiros não passou, como dissera ECN? Que passou coisa nenhuma... Bota força!

Um diálogo entreouvido em 14 de maio de 1866, no Beco do Rosário:

– ...Digo? Digo? – o Impertinente.

– Se quiser, pode dizer! – a Intérpreta.

– É uma das melhores que se podia encontrar nos maiores rebanhos desta... – a Intérpreta o interrompe:

– Pois chama rebanho às famílias que habitam esta cidade!?

– Pois o que é mais triste que um grande rebanho de ovelhas merinas!? – pergunta-firma o Impertinente.

Portanto, quando o poeta aquele daqui do lado anunciou seu axioma – “Em Alegrete, quem não é fazendeiro, é boi” –, nem precisava invocá-lo, um homem da sua grandeza, e não o fez... mas, bem que poderia, pois há o precedente. E esse do diálogo, Campos Leão, foi vereador, sub-delegado e mestre-escola na mesma Alegrete, quer dizer, intelectuais e tal, sabem do que falam.

– E, depois, ovelhas ou bois... ovelhas todos os dois... – o Laíre, não querendo perder pros outros, o metido, querendo fuçar entre os graúdos...³⁷⁵

1.12.2. *Vestido desbeijado*

Nada mudou.

SP, tratando do nosso microcosmo pampeano de antanho, refuta a tal igualdade entre peão e patrão – pobre e rico – escrevendo que as relações de produção, “assumindo ou não conotações capitalistas”, apresentam “mecanismos de dominação-subordinação baseados inclusive na violência”. Na violência! Diz Dyonélio:

– O Rico-Homem descido à condição de simples Homem-Rico, nessa Idade Média bastarda de uma História incipiente, contava com a Violência em todo o seu poliformismo: violência física, violência econômica, violência moral, violência jurídica, violência eleitoral.

Violência é guerra.

(Observação: este compêndio quer, antes de qualquer coisa, parar em pé. Não menos importante – as aparências podem bem enganar um próximo de vista cansada –, isto é, desavergonhadamente,³⁷⁶ um romance. Perdão, mas é o que é. Nabokov achava “desagradável e injusto para com o autor” ler, “por exemplo, **Madame Bovary** com a noção

³⁷⁵ (C. Guazzelli, citando Marx, que citava Mórus, este falando de um país “onde os carneiros comiam os homens, numa óbvia alusão à Inglaterra da época em que ocorreram os cercamentos e a expropriação forçada dos camponeses”. Comenta ele: “Na Argentina, foram os bois que comeram os homens”. Aqui? Ora, os peões eram ninjas que cuidavam como filhas a propriedade do patrão, e guerreavam a guerra do patrão, e morriam como bucha de canhão; ninjas que, de vez em quando castravam, só “para melhor manejo do rebanho e uma relativa preservação das fêmeas para permitir uma procriação adequada”. Ninjas, os peões de papeleta, contra os vagos, os cuatrerros remanescentes, o próprio passado, borrando-o... e então, cortadas las cadenas, cerra-se a vida, enorme, em mixe papel, e torpe, desnatura-se, desencadeia, abisma-se o gaucho, guacho.)

³⁷⁶ (“Com tanta coisa relevante a escrever, hein?! Perdendo tempo com moreninhas, moços loiros...”)

preconcebida de que a história é uma denúncia contra a burguesia”. Corretíssimo, não passa da história de uma puta que, se vivesse no pampa, já tinham pelado a coruja dela há muito tempo. E o autor ainda teve o desprazer de dizer “Madame Bovary sou eu”, assim, com todas as letras. A França sempre foi licenciada mesmo, as danças de atirar as pernas e mostrar os fundilhos; aqueles dois, Jules e Jim, dividindo a mulher, imagina!; a comida não pra encher pandulhos, mas para o prazer; a falta de banho... Wilde, vejam, famoso pederasta inglês, depois que saiu da cadeia – por pederasta! doente! ameaça aos bons costumes –, mudou-se para a França, país no qual esse que, publicamente, declarou-se “Madame”, que nos conste, nunca preso foi... Nabokov também diz que um romance não informa com exatidão sobre “lugares e épocas”, ou, ao menos não deveria preocupar-se em fazê-lo. Certíssimo novamente: este compêndio não é dedo-duro como aquele que virou intendente. Assim que, prestem atenção: Manual de Leitura: eduquem “a visão e a audição”; deixem de lado os “possíveis desarranjos do ambiente”, “o desalinho gramatical”; vejam “com bondade” e ouçam “com lógica”; acomodem as anedotas no “arquivo do silêncio”; André Luiz, espírito. E acrescentaríamos às recomendações passadas através de Francisco Xavier que o leitor não deve esperar nada do que está lendo; um ficou esperando o Godot e o tratante furou; o Chico de Holanda até advertiu, “quem espera nunca alcança”...; a menos que espere sentado, ou deitado, que o sono, santo remédio, vem, logo vem.

O professor Vicente Romano persegue a utopia³⁷⁷ da não violência, porque acredita que “os corpos não são feitos para sofrer violência; a violência é o extraordinário que a TV torna ordinário, imunizando-nos contra a indignação humanista, cidadã”. Ele falou isso mesmo, o espanhol, enfaticamente. Estávamos reunidos no Instituto e lembramos bem porque a Professora Elvira entretera-se com uma foto que o Professor Tuiuti levava: “Mas que coisa! A mamãe, eu vi que era ela, mas eu custei foi ver que eu era eu... Que vestido desbeijado é esse? O sapato eu sei, é um de camurça velho, mas o vestido...”

E, quando o Professor foi mijar, ela picou a fotografia até ficar um cisco só: “Não quero que ele ande com isso por aí. Imagina, o horror que eu tava!”

1.12.2.1. Tudo ovelhas

No caso das ovelhas, o professor José Hildebrando Dacanal³⁷⁸ reputa “inacreditável” que, “mais de meio século depois de ter sido destruído pela evolução histórica o que restava do poder da classe dirigente nascida nos primórdios do século passado,³⁷⁹ estas lendas (autojustificadoras) circulem e sejam aceitas como verdades” (a tal “força ideológica das oligarquias sobre as cidades” de que fala TFG, referindo-se a 1918!, e ECN, e toda a misanscene que continuam a carregar em torno, como uma cauda comprida de reis mambembes – “seria o rabo?”, pergunta o colega Roger –, pelos bretes de Esteio e pelos corredores palacianos, onde deixam sua indelével marca no tapete vermelho de raiva – “Merda!” –, ainda fedendo e cheirando, vejam... e já estamos no terceiro milênio, Nostradamus desmoralizado, os sonhos teimando em martelar, e nós... nós já devíamos era estar mortos!)

³⁷⁷ (“microcosmo” acima, “violência” agora... repararam que ainda estamos emocionados com a pia Marilda?)

³⁷⁸ (doravante JHD)

³⁷⁹ (o século XIX – o texto é da década de 80 do século XX)

Isso tudo, que, afinal, de essência é quase nada, por aí...

Talvez porque o descontentamento, que “fremia”, na palavra de TFG... os fatos históricos, este frêmito!... “eram tratados simplesmente como ‘casos de polícia’ e a ampla maioria dos intelectuais permanecia no intimismo do poder e nos privilégios da burocracia”. Ainda assim, ele mesmo conta que o jornal castilhistaborgista *A Federação* chamava de “subversivo” o movimento maximalista carioca, que “havia decretado ‘guerra à propriedade privada’”. Mas isso em 1918.

Esses tempos, um dos tantos movimentos minimalistas de NH, gurizada medonha, resolveu manufaturar uma bomba caseira nos moldes da que tinham visto num filme alemão, **O que fazer em caso de incêndio**, misturando herbicida, salitre e açúcar, tudo numa panela de pressão. Botaram na porta do Colégio – privado –, mas não explodiu. A Tininha, braba: “Eu não disse que tinha que cagar dentro?! O cara do filme não cagou?! Então?!... Putz!” 1918 deu nisso?... Então... putz!

Bueno.

No Rio Grande do Sul, em 1924, os operários do Frigorífico Armour³⁸⁰ entram em greve; em 1906, os cidadãos da capital haviam deflagrado “a primeira greve geral de Porto Alegre”, que incluiu motoristas, pedreiros, têxteis, alfaiates, correieiros e marceneiros: tudo ovelhas, rematadas, engordadas e ensopadas ovelhas, mas gritando o seu slogan, béééé!

1.12.2.2. Sempre culo

Enquanto conversamos, é impossível deixar de pensar que, em propagando-se, as galinhas peladas não poderiam ser chamadas, tecnicamente, de “penosas”, o que seria uma lástima para nossos prolongados papos dos almoços de domingo, regados a cerveja.

Já meio bêbados, ousamos matutar que o tratamento de casos de polícia dado aos acontecimentos sociais refrearam possíveis revoltas dos pobres contra os ricos em nosso estado. A gente viu, eles espernearam – como frangos, carecas ou não; ovelhas apotradas, na caçarola –, mas não sendo reconhecidos como grupo social e sim como bandidos, tinham não só os patrões do outro lado, mas também as instituições públicas, especialmente a justiça. E quando a justiça está contra, afoga-se o justo em pilhas de papéis,³⁸¹ esmaga-se qualquer possibilidade de sobrevivência do soterrado... Às traças com o justo!

É como num jogo de osso que dá sempre sorte prum lado e culo pro outro. Esta tava, esta moeda-sociedade está viciada. TFG cita Décio Saes a respeito da tal época (início do século XX), de resto atualíssima: “o que marca esse período é o chamado ‘sistema político oligárquico’”, que “caracteriza-se, de um lado, pela hegemonia política da burguesia agro-mercantil sobre as demais frações da classe dominante e, de outro lado, pela exclusão política das classes populares rurais e urbanas”.

Como dá sempre culo pra ele, um pobre nunca pára de ficar triste.

Agora mesmo, o governo departamental distribuiu nota oficial admitindo que aconteceu em Nova Hereford, por transfusão de sangue, “o primeiro caso no mundo, em humanos, com óbito, do mal da vaca louca”, e que o informado pelo secretário de saúde da Grã-Bretanha, Jonh Reid, foi “apenas o segundo”.

³⁸⁰ (Swift?)

³⁸¹ (a pior das prisões, já foi dito)

NH reivindica a primazia “em nome da verdade”.

Só não tornaram público antes o lamentável fato, porque – contou-nos, em off, o Doutor Pinotea – “tamo com falta total de estoque no nosso Banco de Sangue, che. Tem alguma coisa do O+ e deu. Já pensou? E o que tem, não podemos botar fora com gente do SUS... Esse que morreu aí era indigente, tudo bem, a filha foi que doou, mas e os particular?”

Bá. Bota problemão esse do Doutor Pinotea. Pelo menos Nova Hereford ganhou em alguma coisa de alguém... e da Grã-Bretanha, hein?!

Não é pouco.

– Desde os tempos dos tropeiros e changadores valeu aqui a lei do mais forte – comenta a Professora Nadir. – O pobre nunca pára de ficar triste.

2.8.12. Flaquitos pero valientes

Tunica bate a porta e Otacílio sente o tremor da parca construção, seus estrondos de lata, as louças rilhando os dentes... como se a porta nele explodisse, a porta dele, a cara, o nariz, o nome, Otacílio, batesse nele, de fora pra dentro, um tremendo tapa, ou, melhor, de dentro pra fora, pois que aberto estava, solícito, nervoso, pai que estava, ali, segurando com toda intenção e pensamento a filha doente – então não viu?

Recolhe os pedaços da consulta que conseguira penosamente depois de uma madrugada em pé na peçonhenta fila, serpenteando na canícula obscura, contorcendo-se das tantas dores³⁸² de seu múltiplo organismo: a mendicância, a mais completa e absoluta solidão.

Otacílio, vejam, é um homem simples, tem vida simples, sonhos simples, crenças elementares. Se lhe dizem que o fogo aquele que “nunca apaga” nunca apagou desde 1835, ele acredita, sem qualquer fagulha de dúvida, porque é simples e – respeito é bom e em Nova Hereford o cultivamos como outros cultivam flores de estufa – porque naquele fogo simbólico aquece as mãos de seu insignificante cotidiano.

No lo creden? Se no lo creden ustedes, quien?

No entienden tampoco?

E nós aqui cultivando o pampa aberto – no que podemos, flaquitos pero valientes – em todo seu majestático deserto; campos mais campos e o gaúcho, o humano alegórico, o gentílico que, sem pejo, vocês nos roubam e vestem engalanados; campos sem horizonte, cosmo gaudério, e as cidades como estrelas – cadentes –, cometas da infância, eternos eclipses de nossos malogrados sonhos.

Nas cidades – esses antros –, o campo faz do gaúcho um pária, porque “gaúcho quiere decir paria”, já o citamos. E, pária, praoque estudo? e como? peão pra toda lida, quando? Praoque estudo, pária, se não hay, anda escasso o trabalho? e o estudo pro trabalho adonde? no atirar o laço?

Ora...

Amigos, vejam vancês, óiem como falemo, vivemo, sofremo...

Mas sofrenamos a avassaladora modernidade: aqui estão os latifúndios, sesmarias quase intactas; aqui, os fiscais da reforma agrária fazem cara-volta, botamos a correr;

³⁸² (está doente, Otacílio, de uma doença que dói mais que dor de dente!... Já pensaram?! Bota dor!)

aqui, mui especialmente no Departamento de Nova Hereford, que abrange a capital, mais Alegrete, Uruguaiana, Quaraí, Polianga do Sul, Barra, São Chico, Itaqui, Maçambará, Rosário e talvez mais algum povo que a memória olvida, o Sepé Tiaraju não entra – até pode acampar, mas, ficar, não fica –, em nome das mais sagradas tradições gaúchas.³⁸³

Pagamos caro por isso; e também por vocês, árvores sem raiz, galhos secos ao vento...

2.8.12.1. *Racistas duma figal*

Nossa qualidade de vida é péssima, dizem os números no jornal. Não ligamos. Tomamos água da cacimba,³⁸⁴ nos aliviemos atrás das moitas, o candieiro preteia a palha, ou lata do rancho – e os pulmões –, e assim vamos lindo.

Não ligamos pro que dizem. Pra quê? Uns pobre-diabos. O que temos não tem preço! E eles – vocês! – se pilcham, postiços. Pouca vergonha! Até o Paraná quer adotar a bombacha! Já dizia DF, homem de palavras justas: “a fonte da identidade gaúcha está na Metade Sul”. As guerras de fronteira, 35, 93, 23, os grandes homens, quase todos são nossos:

– A Metade Norte é de fato uma província cultural da Metade Sul – espicaça Freitas. Oigaletê!

Castilhos – aquele bandido! – privilegiou os gringos³⁸⁵ em sua política lesa-pampa, porque, com nosotros, não levava nem pro fumo. E assim foi que ele e sua seqüela, o tirano Antonio Chimango, nos foi tirando e tirando, nos empobrecendo com suas políticas excludentes e empobrecedoras. Franklin de Oliveira chegou a prever que nosso futuro era ser um “novo Nordeste”. DF nota inclusive um “acentuado e visível racismo (dos do Norte) em relação aos habitantes da Metade Sul”.

Racismo!

Esses gringos sujos, cheirando a chiqueiro, gente corrida da pátria lá deles a quem acolhemos, hospitaleiros que só nós mesmos; esses branquelos de olhinhos de gato, de boneca, de bolita – transparentes de tão falsos –, agora nos depreciam, montados na dinheirama que fizeram no Rio Grande às nossas custas, incentivados pelo bandido do Castilhos e a súcia que instalou no estado pra nos botar na bolinha, por vingança de 93, dizem, mas nós, de Nova Hereford, palco das mais sangrentas batalhas, sabemos que foi mesmo é por inveja... pimpões, que nem montar sabem!?!...

Mas não reclamamos. Ao contrário. Mantemos firmes os tentos que nos prendem à querência e é com esses mesmos tentos que tecemos as cordas de nossos arreios, que, ao prender-nos, dão-nos rédeas e os ares – no rosto, no cabelo, no galope largo – do que eles não conhecem, expatriados: “una hermana muy hermosa que se llama libertad”.

³⁸³ (não é unânime esta opinião no Instituto, muito pelo contrário, mas somos democráticos, stalinistas-democráticos)

³⁸⁴ (agora inventaram o “pé-sujo”, mistura de coca com vinho brabo... Barato “e dá barato, sim...”)

³⁸⁵ (e essas imundícies botavam os filhos contra nós. Quem conta é Dante de Laytano: “A verdade é que os italianos tinham certa repugnância até em ver a rapadura, e conheci velhos italianos que ensinavam os filhos pequenos que a rapadura era feita de excremento de cavalo”. Bosta de cavalo, vejam! Então todos os dias comemos bosta de cavalo depois do almoço, com um copo de leite cru, mijo decerto, espumante?! Imundícies!)

4.8. A usança

Vejam só que Gumercindo era tratado pelos castilhistas como bandido, “el tigre de Curral de Arroios”, representando a barbárie do quadro maniqueísta pintado por Sarmiento, sendo eles mesmos, os republicanos, a civilização; Gumercindo era o avatar de Facundo, chegando até mesmo a ser comparado ao demo por um periodista – cronista social feito a martelo, na faculdade da vida airada – de Nova Hereford cujo nome não sujará estas páginas.³⁸⁶

Engraçado. Pois os civilizados estupravam, saqueavam e degolavam, como era a usança da época.³⁸⁷

Que diferentes achavam-se? Onde? Quando?

Piores na igualdade, isso sim, que o PRR, mal caída a monarquia, informa CR, recebeu em suas linhas massa “de açodados e trêfegos adesistas dos velhos partidos imperiais, sobretudo do Partido Conservador”. O mesmo historiador revolta-se com o tratamento dado aos federalistas no Paraná e em Santa Catarina, onde os fuzilamentos “foram uma ignomínia, com os dois Estados, num dado momento, entregues por Floriano Peixoto a dois desvairados, cada qual mais sanguinário”.

Enquanto Alcides Maya considerava Gumercindo um rio-grandense admirável e Afonso Arinos inscrevia sua marcha “entre os grandes episódios da nossa história militar, com a retirada da Laguna e a Coluna Prestes” – e, vejam, Maya e Arinos não são uns borra-botas quaisquer –, o órgão oficial do governo do Estado do Rio Grande do Sul, quando da morte do caudilho, esbravejava:

– Miserável! Pesada como os Andes te seja a terra que generosamente cobre teu cadáver maldito. Caiam sobre esta cova asquerosa todas as penas concentradas das mães que sacrificaste, das virgens que violaste, besta, fera do sul, verdugo do Rio Grande...

4.8.1. Nenhum de fraque

Os “civilizados” daqui, que apodavam Gumercindo de bárbaro, comparando-o a Facundo e comparando-se, eles mesmos, com Sarmiento – talvez daí a inusitada menção aos Andes, em cujo pé está ubicada La Rioja, província natal de Quiroga –, estavam certos se o que queriam era depreciar os autênticos habitantes dos pampas e enaltecer os conquistadores europeus. A exemplo de tantos governantes que hoje vendem os bens públicos como quem os presenteia aos estrangeiros, virando as costas para os seus, suas raízes, aqueles “civilizados” de outrora eram igualmente traidores da história pátria.

O modelar Sarmiento, preocupado com a “prosperidade” da nação, escandaliza-se que em La Rioja de meados do século XIX nenhum homem use fraque. Sua fixação por este traje maricas perpassa todos os seus textos de arrivista, preocupado em borrar a própria origem ofendendo-a nos outros: “se levantardes um pouco as lapelas do fraque com que o argentino se disfarça, achareis sempre o gaúcho...”

Menos mal! Sarmiento sempre esteve a serviço de senhores de outras plagas; sua defesa à educação formal, nos moldes europeus era intransigente. Horrorizava-se com o raciocínio de Quiroga:

³⁸⁶ (já chega o que ele suja de balcão de bar com seu vomitório de mamau e o que suja de mango, bêbado, daqueles que contrata no bar para o enrabarem, nojento)

³⁸⁷ (Mitre chamava as províncias argentinas de “los trece ranchos”, unitario e porteño acendrado)

– Paz – o general – me fuzilou nove oficiais e eu fuzilei noventa e seis dos dele; estamos quites.

Onde o erro? Na aritmética? Y qué? Se é um selvagem, valem as ciências da selva, do deserto pampeano.

Dizia – Sarmiento – que as miradas de Quiroga “se convertiam em punhalada”, mas que abriu “a cabeça de seu filho Juan com uma machadada³⁸⁸ porque não havia maneira de fazê-lo calar”; que encheu a bofetadas e quebrou a cabeça de Severa Villafañe porque não aceitava seu amor; que “deixou estendido um juiz com uma punhalada”; que “espreitou o momento em que pai e mãe dormiam a sesta para pôr aldrava na peça onde estavam, e tocou fogo no teto de palha com que, geralmente, estão cobertas as habitações de Los Llanos”; etcétera etcétera etcétera...

Se só com mirar já podia resolver tudo, pra que tanto desforço físico?

4.8.1.1. *Abdul Mejid*

Sarmiento – perro sarmento, chamem a carrocinha, a carrocinha, rápido! – era um obsessivo. Imaginem, dizia, que em San Juan “não há três jovens que saibam o inglês, nem quatro que falem francês, só um que cursou matemática”! E pra quê, na década de quarenta do século XIX? Ah, e também não havia nem dez cidadãos que soubessem “mais do que ler e escrever”.

Como?, perguntamos nós.

Então o facundo Quiroga permitiu uma coisa dessas? Por que no los miró? Esse Sarmiento!

Tinha implicâncias, o finório. Não gostava do vermelho, vejam: “não é o colorado o símbolo que expressa violência, sangue e barbárie? Ide estudar o governo dos povos que ostentam esta cor e achareis a Rosas e a Facundo: o terror, a barbárie, o sangue correndo todos os dias...” E encasquetou com o fraque,³⁸⁹ como se esta fantasia de pingüim fosse o busílis da história da humanidade:

– De fraque vestem-se todos os povos cristãos; e quando o sultão da Turquia, Abdul Mejid, quer introduzir a civilização europeia em seus estados, depõe o turbante, o cafetã e as bombachas, para vestir fraque, calça e gravata. Os argentinos sabem a guerra obstinada que Facundo e Rosas fizeram ao fraque e à moda.³⁹⁰

Abdul Mejid, hein?!

Sarmiento escandaliza-se com Quiroga que, no tempo em que permaneceu em San Juan, “habitou um toldo no centro do poteiro de alfafe e ostentou, porque era ostentação

³⁸⁸ (Trótsky assim foi morto, repetimos, quando asilado na casa de Diego Rivera, ali em cima, no México, o gordo devasso com suas pinturas de um colorido arrogante, temerário... E, vejam, mataram Trótsky e nada puderam contra o buço de Frida Kahlo, como Tunica, bem dizer, homem da casa.)

³⁸⁹ (Campos Leão conta de horrível desinteligência acontecida a propósito – ainda que casaca não seja fraque, mas também, não estamos em Buenos Aires e nem por isso o ar aqui deixa de ser bom! – entre o Impertinente e a Consoladora, esta querendo impedir àquele de ir embora. “Senhora, se continua deste modo, fique certa que me mato!...” Oh, não! E ela: “Pois vá; mas há de ir sem casaca!” Arranca-lhe a peça, outras mais, sempre discutindo, e, quando vai tirar-lhe as calças, “ele agarra com uma mão em cada perna e sai aos pulos, dizendo”, assim, sem mais nem menos: “Se és planeta, eu sou cometa!” Consoladora ficou triste, “cometa”... CL, vejam, não se furtava de tratar de assuntos delicados, até de seqso falou, omoseqsoalismo...)

³⁹⁰ (!)

premeditada, o chiripá – repto e insulto que fazia a uma cidade em que a maior parte dos cidadãos cavalgava em sela inglesa e onde os trajes e os gostos bárbaros da campanha eram detestados”.

Juan Bautista Alberdi percebe que “la civilización, para él, está sólo en las ciudades, porque, según él, consiste en el traje, en las maneras, en el tono, en los modales, en los libros...” Nota Alberdi que Sarmiento “no conocía la naturaleza económica del poder”; que acreditava que Facundo e Rosas governavam pelo terror e pelo cavalo: “puerilidades”, conclui, dominavam “por la riqueza, en que reside el poder”.

Aí é que são elas.

4.8.1.1.1. Trâmites

Difícil para nosotros hablar de Facundo, parente e tal... “Religión o muerte”, o dístico em sua bandeira... homem pio, pro causo. Se erros cometeu, por amor os cometeu: Severa Villafañe. Tan libre el hombre y ella... bueno, severa. Peñaloza escreveu a Urquiza, em 1854: “Yo soy un gaucho que nada otra cosa entiende que de las cosas de campo, donde tengo mis reuniones y la gente de mi clase no sé porqué me quieren ni porqué me siguen; yo también los quiero y los sirvo com lo que tengo, haciéndoles todo el bien que puedo...” Assim Güemes, Artigas, Gumercindo, Facundo...

Liderar? Guerrear? Matar? Cosas buenas, pero son naturalezas de quién las, de tener, dispone... Já o amor, nada há que o aplaque que não o amor, nada há que o cure. O mesmo Peñaloza teria oferecido a Facundo una mujer “solamente brasa, hay que cuidar, Juan, que asa”. Remedios, su nombre.

– No és lo que piden mi cuerpo y mi espíritu...

– Pues... Remedios, che...

– Hay dolencias, amigo, que remedios no bastan...

Quiroga, vejamos, uma mulher com R maiúsculo e ele, não! Apaixonado, sensível, quase poético aquele que chamam bárbaro. Queria ter filhos com ela, Facunditos, Severitas... niños. (E aquele casal que, o marido pegou, a mulher deixou, o filho de um ano e o grudou num auto que vinha, e o marido pegou, a mulher deixou, a filha, e bateu com a cabeça da filha de seis anos contra uma árvore, várias vezes... em São Paulo, ô terrinha de gente ruim.

Aqui em Nova Hereford é bem outra coisa. Esses dias a Dona Pitica caiu da cama e a filha – até bem rechonchuda, fortacha – não conseguiu erguer a mãe, doente, os membros já não atendem bem – e nem a cabeça, sejamos claros, a velha tá caduquinha –, sem outra idéia, discou pros bombeiros.

– É gato? Tá em cima dum poste ou dalguma alve?

– Não, mas...

– É sinistro?

– Pra mim, é, minha mãe...

– Minha senhora, se não é incêndio ou gato, não é com nós. Liga pro hospital. E passar bem.

A filha ligou e, aí, sim, recebeu o socorro de que necessitava. Dona Pitica nem baixou, foi só o susto mesmo.

Aqui é assim: as coisas, em seguindo seu trâmite normal, funcionam.)

1.13. Por que sorria Deus?

Hobsbawn disse – isso é nome de pessoa? –, que a gente pobre que nunca pára de ficar triste, de repente, em grupos de iguais, premidos os estômagos pela necessidade, começa a reagir contra quem as oprime. A esta reação, sempre violenta, ele chamou de “banditismo social”. Os grupos nunca têm a noção acabada e firme de grupo; eles não atacam “em nome de sua classe”, mas sem pai nem mãe, desorganizados, movidos pelo desespero. Houve isso no nordeste, tendo como protagonistas os cangaceiros, e houve isso no pampa.

Aqui, os bandidos sociais eram os gaúchos.

Todos sabem como são verdadeiras as palavras de Araújo Brusque – “Deus, ao fazer esta terra, decerto sorria” –, só que, para alguns párias, nunca ficou claro porque Deus sorria.

Estes, mais tarde, após seu extermínio,³⁹¹ transformados em heróis, conta Emílio Coni, “moravam na sua camisa, debaixo do seu chapéu”; eram “ladrones de ganado, en la región fronteriza com el Brasil”, diz Molas; os governos criavam volantes para que “perseguiesen y arrestasen a los muchos malévolos, ladrones, desertores y peones de todas castas que llaman Gauchos o Gauderios”, repete Meyer a Zabala, que, em 1790, pela primeira vez cita em documento esta estampa heróica que foi, é, o gaúcho.

Os párias, “los muchos malévolos” eram os gaúchos, sim, senhor.

E já que estamos nesta **Prosa dos Pagos**, avancemos com Augusto Meyer³⁹² nas pegadas destes “perturbadores da paz” de “insolência andarenga”, de “cunho abarbarado”. É Meyer quem diz, nós só papagaiamos – política? nós, não! –, que “o velho critério da concessão de sesmarias era decerto o menos indicado no caso, para o povoamento e a exploração econômica da terra”.

Por quê?

Porque a sesmaria, que beneficiava “uma insignificante minoria de privilegiados, na prática, revelou-se prêmio e incentivo às formas cerradas e improdutivas do trabalho, com a máxima vantagem individual, em detrimento das garantias médias do trabalho assalariado”; calculando seus quinze ou vinte anos de vida produtiva, em média, um escravo custava quarenta vezes menos que um peão. AM:

– O peão pobre, o proletário rural aprendia portanto bem cedo esta dura experiência: de nada lhe servia a aptidão para o trabalho. Daí os agregados, os encostados, os gaúchos explorados em serviços especiais, quase sempre ilícitos.

1.13.1. Um naco de pampa

Gaúcho sem salário, nas estâncias, era como mosca em bicheira, porque, explicava João Pinto da Silva, “em vez de peões, os ricos apenas mantêm capatazes e escravos, e esta gente gaúcha está naturalmente voltada para os gados chimarrões, ou para as fainas clandestinas dos couros”. E mais:

³⁹¹ (!)

³⁹² (AM)

– As estâncias não foram nunca, entre nós, baluartes da democracia, mas revivescências do feudalismo.

Coisa bárbara!³⁹³

Em 1803, informa Rubens de Barcellos, a população de errantes dos campos era de pouco mais de quatro mil homens, enquanto que proprietários de estâncias no interior, apenas “quinhentos e tantos” – “o deserto”! AM comenta que a “corrida às sesmarias, sem nenhum dispositivo acautelador do governo nessas doações, feitas arbitrariamente”, acabavam “ocasionando complicadas questões de terras”. Mas, “em essência, o que prevalece é a exploração de imensas extensões de terra por um reduzido patriciado militar, os donos de sesmarias, bem aquinhoados nas guerras de fronteiras, e assentados economicamente no latifúndio”.³⁹⁴

Dito isto tudo e liquidificado, define o mesmo Meyer: “o gaúcho de vida solta, em sua disponibilidade marginal”, é a “resultante inevitável do círculo vicioso configurado por: latifúndio, pastoreio patriarcal, abundância de gado alçado, fronteira aberta”. Quando os viajantes xingavam os gaúchos de vagabundos, escancaravam de pronto, “os vícios, a imprevidência ou as fraquezas da política colonial no extremo-sul, manifestados através de uma colonização manca e retrógrada”.

Mas alguns poucos, já naqueles tempos do gaúcho heróico, livre – “liberdade ampla, porém vazia e sem objetivos”, escreve AM –, engenhavam alguma reforma agrária. O presidente da Província, Soares de Andréa, pensou “um projeto de colonização mediante o parcelamento gradual das grandes propriedades”. Arsène Isabelle, por sua vez, notou o desenvolvimento da colonização alemã, em pequenos lotes, contrastando “com a região da campanha, escravista e latifundiária”.

Azara, sempre atilado, propõe um regramento com a seguinte cláusula: “Anular las compras que se hubiesen hecho fraudulentas, las de enormes extensiones, y las que no hubiesen poblado en tiempo, repartiéndolas a pobres”. E o cônego Gay refere que “esses

³⁹³ (Mas, se assim é, é assim. Batista Lusardo, citado por Glauco Carneiro: “Esta é a minha região e a minha vida. Quem nasce nestas planuras sem fim tem que possuir o espírito aberto, brigar lealmente, enfrentar a natureza e os homens de peito limpo. Influi na psicologia, no modo de ser, na maneira de encarar os outros e encarar a si mesmo – este pampa é a alma e o coração do gaúcho da fronteira”. Mas o Gaúcho da Fronteira, vejam, anda gravando até com dupla sertaneja! E o **Guri!** – música lindaça, mas bem feito pra ciscama que mora lá. Tudo metido a besta!... Agora, feudalismo... Bertha Becker, tá no RHC, disse que a nossa fronteira é “uma periferia de crescimento lento”. Bueno, uns crescem mais, os outros menos. O guaipeca, por maior que seja, sempre vai ser menor do que um cavalo pequeno. Mas o cachorro cresce muito mais rápido... e dura menos! Assim que, esse negócio de periferia, de feudalismo, parece, pro caso, xingamento... Não vamos nos sujar cagando a pau meio mundo por pouca coisa. É como diz Don Bagayo y Balurdo: “as melancias se ajeitam no andar na carroça e o que não tem solução, solucionado está. Mas se não tem solução, as melancias não se ajeitam nunca, e aí é que mora o perigo. Vá que, desarrumadas, quebrem, no solavanco, as guardas, sempre remendadas – gente pobre, coitados –, e vá que a carroça esteja subindo uma lomba, e vá que caiam as melancias e rolem, pegando força, e vá que tenha uma criança brincando lá embaixo?...” Don Bagayo não se recupera de um trompaço que levou quando guri – medonho! –, quando, no roubar uma melancia de cima do armário, escondida pela Dada, ela se veio e pegou bem no meio da cabeça dele, que desmaiou, e voltou a si – sempre tem o lado bom – um tempão depois, já meio filósofo...)

³⁹⁴ (coisa horrível! Querem tudo pra eles, só pra eles! Um desses, trinta e tantas quadras, levou a noiva no bingo. O homem lá cantava e a guria marcava, sortuda coisa séria, até que gritou “Bingo!” , bem faceira e já ia receber o prêmio, mas, menina!, foi quando o ruralista pegou ela pelo braço e disse “Dá pra cá essa cartela!” A noiva olhou pra ele assim, avermelhando, e mal olhou e ele já tinha arrancado o papel das mãos da próxima, “Fui eu que paguei, o prêmio é meu!” Desmancharam na hora. Por isso que se diz que “sorte no jogo, azar no amor”... Então, casar com o mão-de-vaca, apesar das trinta quadras, como se diz, neste caso, não seria “a sorte grande”?)

gaúchos sem paradeiro fixo se tornariam ótimos colonos se lhes dessem em propriedade um canto destas estâncias”.

Como se vê, desde há muito correm por esses pagos idéias semelhantes às do Movimento Sepé Tiaraju. Mesmo o tratamento de “bandidos!” dados a seus membros não é novidade: os gaúchos fundadores também padeceram do mesmo sofrimento. Daí o comovente esforço em prol da tradição feito pelo Sepé: quer porque ocupam terras um dia ocupadas; quer porque essas terras eram de vagos como eles mesmos; quer porque são guerreiros sendo gaúchos; quer porque querem um canto de campo seu, um naco do pampa e paz.

1.13.1.1. Revivescências

“Feudalismo” lemos acima – e nos arrepiamos –, as estâncias “revivescências” disso.³⁹⁵ Artigas atacou a questão – redistributiva – de frente, em campo aberto, expondo-se à sanha belicosa dos mais-me-toca (agora mesmo, Voltaire Schilling: “Pela primeira vez a humanidade conhece um império universal regido apenas por seus exclusivos interesses”, os Estados Unidos... a que ponto chegamos, uma holding feudal e nós sem armaduras, ainda esgrimindo boleadeiras) e, carajo!, Don José Gervasio, como o Cavaleiro aquele, de La Mancha, acabou tristemente derrotado pelos rodamoinhos de conchabo y plata. Loucos? Visionários? No lo credes, El Comandante redistribuiu:

– Com esse quase nada – café, tabaco, açúcar, turismo, dólares dos gusanos de Miami –, a Revolução Cubana mantém um padrão que resultou de um vastíssimo programa de redistribuição de renda e da riqueza que não tem paralelo em qualquer economia e sociedade latino-americana – diz Francisco de Oliveira.

– Iééééé?

– Cuba persiste como uma das mais igualitárias sociedades deste triste planeta desigual.³⁹⁶

– Mas, na televisão, quando dá, parece que tá tudo caindo aos pedaço.

– É uma igualdade na pobreza. Wolfgang Leo Maar resumiu a questão: sem ética não se faz transformações radicais, mas só com ela também não se muda o capitalismo – concede, amargamente?... percebemos que... Oliveira.

– E esse Artigas, morreu?

– Nunca! – mas já somos nós e nosso sonho, La Patria Gaucha.

Um aluno do MOVA – velhito, aprendendo a ler com a Angélica, entusiasmado, homem do campo – veio visitar o IC e disse-nos não entender porque existe o Ministério da Fazenda e o da Agricultura, se o da Fazenda – “tá no nome” – já cuida das fazendas:

³⁹⁵ (analogia interessante: no ganhar, feudo ou sesmaria, era pra nobre, pra quem podia, não pra qualquer um; no explorar, vassalos ou arrendatários, o suserano nada fazia, nada precisa fazer o proprietário, vide Sirley – só a guerra e a caça, os nobres ofícios, Sirley, coitado, nem isso –; no ganhar, seu sustento, o barão, conde, marquês, sesmeiro... sua percentagem, do labor d’outrem, lavoura dos gringos. Na Argentina – diz Cesar Guazzelli –, a “preocupação com a concentração da propriedade se concretizaria ainda em medidas semi-feudais, como a instituição de uma ‘Mesta de Hacendados’ e a implantação do direito de morgadio”; os estancieros podiam, inclusive, se “ocupar” dos viventes em terras por ali perto... Mesta... GRRGRS... E estes por ali perto, hein?!, gauchos, e então “vagos”, párias é o que eram, o que são: porque não tinham donos... Inadmissível condição, em que mundo estamos? Etiquetem preço!... Ah, é? Polícia! Ai, ai...)

³⁹⁶ (Francisco de Oliveira é o nome dele; nós estamos aqui quietos, só ouvindo...)

– Quando eu era pequeno, sim, não tinha fazenda, só chakra e estância, e eu pensava que os mascate que iam nas estâncias eram os maiorais do mundo. O patrão comprava miles de cosa, pras filha, pra mulher, prele mesmo... Pó, labina, água-de-cheró e fazenda de tudo quanto era estampa... Nós, só vendo aquilo, de longe. Uma vez me resolvi e perguntei prum desses, vem cá, tu é rico desse jeito e vive desse jeito, nessas mula comendo poeira, mas praoquê? Ele me deu de presente um corte de bombacha, de riscado, cosa mais linda!, e disse, nunca me esqueci: “se eu não como poeira, minha família não come. Rico é quem compra fazenda, quem vende é turco”. Bá, fiquei no ora-veja. Só agora tô conjuminando, mas... Ministério das Estâncias não tem...

O feudalismo, vejam... O Doutor Sandoval às vezes sente uma comichão nas costas, mas não alcança, gordo que tá, então pede pra Tunica que o coce, solteirão, o coitado. Só quem paga é ele, e com o desemprego que hay... Don Bagayo y Balurdo tem uma tese:

– As revivescências feudais que são as estâncias, geram vassalagem também em outras instâncias...

Mas, e a ética?

– Poesia, meu caro, triquestroque, triquetraque, pum! pum!, truque...

Coitado do Otacílio, sem pilcha, cavalo, e agora isso...

4.9. Saque orgiaco

Não só na Argentina de Sarmiento, mas aqui mesmo em Nova Hereford há, por assim dizer, próceres, que afastam – não que não haja, compreendem? – de toda ação política o interesse dos agentes – eles próprios, ladinos! – e do dinheiro que está a bancar determinada ação como um investimento que renderá lucros talvez ainda no mesmo ano fiscal.

Há, pasmem!, em Nova Hereford – santa ingenuidade! – líderes das chamadas “forças vivas” da comunidade que desconhecem que “ladino” significa “espertalhão”, “vivo” e cometem atos de administração sem darem por si que beneficiam este ou aquele. Seus adversários políticos hacen broma, dizem que são esses “mortos” que mantêm as forças “vivas”.

Nem é bom falar, até porque não admitimos discutir carnaval, futebol e religião em nosso cenáculo, mas alguns desses “centroavantes não passam de goleiros fantasiados de padres”:³⁹⁷ seguram firme os tiros frontais pra poderem, enquanto a geral, cega, comemora, guardar no ancho poncho da batina os frangos, perus e outros butins do saque orgiaco do qual banqueteam-se desde que o deserto pampeano foi repartido entre meia dúzia. Pegos no flagrante, indignam-se – eu não sabia! eu sequer imaginava! vou abrir uma sindicância para apurar... –, e são prontamente absolvidos, porque a geral, surda de tanto bulício e afônica de tanto gritar, nada pode, de pugna, confinada entre as grades e os cães intransponíveis, cá embaixo, a não ser olhar, murcha, cá debaixo, para a tribuna imarcescível.

Em Mendoza, em 1886, de 26 legisladores, 21 pertenciam à mesma família; em Nova Hereford, a mesma meia dúzia mantêm, terratenientes, do albor de nossa amada querência até este exato momento em que a tinta derrama seu sangue azul – ó sina! – neste

³⁹⁷ (aquele colega de Instituto que só pensa em futebol – o pior é que não joga nada!)

papel de embrulho, o poder em suas manoplas de finórios. E os da geral, vejam, não são índios de lança, mas índios de chusma em sua maioria; alguns, sob disfarce, até mesmo índios reduzidos.

Os do Sepé querem seu tanto da grama viçosa do campo, daí o perigo e o conseqüente alijamento do espetáculo. Eles, no entanto, persistem, armam seus toldos à margem das rotas de comércio – índios do asfalto – como que dizendo “cá estamos”, provocando “cá estamos”, desestabilizando com a fumaça “cá estamos” das bóias que fazem em seus fogos-de-chão, cá do chão, os, pro causo, homens de fraque das tribunas que, atacados de tosse, já não podem se fazer de desentendidos, mas, ladinos, vivos, sorris, no levar a mão educada à boca que tosse, dizem-se, entredentes, “perros!”, “vagabundos!”, “filhos-da-puta!”, comentam, nostálgicos, entre os acessos, “que falta nos faz um Facundo”.

Esses abastados! Nunca têm o que lhes baste! Ora, Facundo... (O Fúlvio, na firma, misturando a conta pessoal com a da sociedade, com a mesma cara de sempre, se fazendo de pobrezinho com seu carro importado. E os outros, sem outras armas, nomeando arquivos de computador: “Ladrão 1”, “Ladrão 2”... Gritavam de uma sala para a outra: “O folder tá nos Meus Documentos, Ladrão 2”. E lá se vinha o Fúlvio, desconfiado – de quê? –, a carapuça grande demais, encapelado, troncho de sem-vergonha, inventando desculpas para ver o que a tela mostrava... inocente folder... o filho-da-puta!)

Quantos Facundo na folha de pagamento têm encastelados em gabinetes montoneros? Quantos mesmo já montados bem armados e prontos para um malón? Se fazem de Sarmiento pra passar bem, mas o fraque é traje mui apertado, sempre deixa entrever as íntimas bombachas folgazãs. Sarmiento, ele também, era um “montonero intelectual”. Como diz Jorge Lanata,³⁹⁸ o pueblera sabia ser cruel, “de una crueldad animal”.

4.9.I. “Invencible repugnancia”

Anotem aí, ó apoderados da tribuna.

Mas, que dizemos? Nossos próceres são doutores nessas filigranas. Ainda assim, consignemos que Sarmiento não aprovava o terror de Facundo, porém aceitava o terror quando a serviço de seus interesses ou, de terceiros, quando consentâneo com suas idéias; para ele, “el terror es un medio de gobierno”, assinala Alberdi. Sua opinião sobre os índios? Não são mais do que uns “asquerosos”, por quem sentia “sin poderlo remediar, una invencible repugnancia”, ajuda-nos a responder JL.

Em uma carta ao general Mitre, o presidente recomenda:

– Hay que desalojar al criollo como éste desalojara al indio. En cien años del mejor sistema de instrucción no haréis de él un obrero inglés...

Sarmiento era um estadista, como se diz por aqui, tinha grandes planos para o país. Por exemplo:

– Con emigrados de California se formará en el Chaco una colonia norteamericana; puede ser el origen de un territorio y un día de un estado yanqui. Si conservan su tipo cuidaré de que conserven también su lengua.

(O homem – é espantoso! –, em 1868, pensava igualzinho aos governantes da América Latina de hoje! Queria dar um pedaço do país para os EUA, projetando uma política exterior que vem sendo ardentemente implementada, com doações de estatais, abertura

³⁹⁸ (JL)

do mercado sem nenhuma salvaguarda – para quê? –, submissão total aos interesses de instituições como o FMI, Hollywood e o Tesouro Americano...

Talvez, num futuro próximo, não no Chaco, que ficou com a Argentina na divisão dos despojos da Guerra do Paraguai, mas na Amazônia, o pulmão do mundo, a maior reserva biológica da Terra, possamos – apoiando o “Plano Colômbia” etcétera – realizar o que Domingo Faustino Sarmiento sonhou. Claro que el hombre foi “general, literato, pedagogo”; foi presidente, governador, senador, diplomata, ministro; foi um “organizador de parques e jardins, importador de pássaros e peixes úteis, aclimatador de plantas exóticas, destruidor de gafanhotos, louva-deuses e outras pragas...” como escreveu alguém em 1855 e Schlee traduziu, currículo difícil de ser igualado...³⁹⁹) Mas, quanto ao que interessa – não nos afastemos do fulcro –, na mesma carta a Mitre acima referida, o bandido é frontal:

– No debe ahorrarse sangre de gauchos, es lo único que tienen de humano y es preciso abonar con ella la tierra.

Empreendedor e progressista, pugnava pelo “cambio de pueblo” em prol de uma Argentina feliz. Alberdi fazia coro:

– No son las leyes lo que precisamos cambiar, son los hombres.

(É morto Atahualpa, ai... Elegia inca. Genuflexão: “Geme, sofre, caminha, voa enlouquecida / tua alma, pomba amada; / delirante, delirante, chora, padece / teu coração amado. / Com o martírio da separação infinita / o coração se rompe...”)

Com Lanata, nos perguntamos de Sarmiento:

– Qué era él, después de todo, sino la demostración cabal de un campesino sobreviviendo a su educación?

.....⁴⁰⁰

4.9.I.I. Ai, coração...

Y entonces?

“Sarmiento era Facundo”: logo, gauchada da tribuna, chefetes dos GRUNHEs da vida, mirem-se “al espejo” e mãos à obra: há antecedentes nobilíssimos e muito a ser feito. Os do Sepé estão prontos; operam – talvez não como um inglês, *o mundo é tão vasto que até emociona...* – todos os instantes de sua vida a máquina logística que lhes devolverá a terra donde foram “desalojados” um dia.

Ao menos assim o crêem. Como dizia Marx, “a força é um agente econômico”, e Beccaria, “as idéias mudam com o tempo”: verdades que o grande filósofo de Nova

³⁹⁹ (o Marquês de Alegrete, vejam, escreveu o **Tratado da Esfera** e uns poemas e epigramas latinos, só...)

⁴⁰⁰ (Arinos, Aurélio... um com A, meio que botou defeito nas reticências de Simões Lopes Neto, por “demasiadas” ou coisa assim. Bueno. As reticências, além de bonitas, três estrelas quais as Três Marias encordoadinhas, no céu, têm uma função bem assim aérea, cosmológica, que é deixar no ar... Santos Dumont, vejam, inventou o 14 Bis e foi aquele retoço em Paris, salvou-se a Torre, ainda bem, já imaginaram o vexame... Ainda mais que os irmãos Wright tinham voado antes, com um mais pesado – impressionante como andamos nesta área de voar, hoje tem até saquinho pro lançamento em qualquer teco-teco –, mas eram americanos, então... Bueno... as reticências, como Cabral, **Tecendo a manhã**, “A manhã, toldo de um tecido tão aéreo / que, tecido, se eleva por si: luz balão.” Mas nós sem a presunção da luz – que é para os poetas poetas e para as mulheres mães –, apenas servindonos – por incapazes, sonsos, rastejantes... – do imponderável balão... Voar, quem sabe, inseguros, com Cabral, Münchhausen... o resolutos Samuel Fergusson... e, se for a hora, Deus...)

Hereford, Don Bagayo y Balurdo sintetizou, quando do terrível vento norte que ameaçava NH, no famoso, pro causo, axioma:

“Empurrem, camaradas! Vamos! Empurrem que, unindo forças, fazemos virar o vento!” ...Aquele muralha de homens intrépidos pechando a natureza desembestada, eia! Ó espetáculo! Ai, coração...

E a tormenta, acreditem, foi destelhar Alegrete.

3.18. Gado pampa

Escreve Angel Rama⁴⁰¹ que, no século XIX, “la limpieza de sangre era condición requerida para los empleos y estaba terminantemente prohibido enseñar a los negros las letras y aun los oficios” no Rio da Prata. Aos negros, às mulheres, aos pobres em geral, e, até hoje, embora não seja proibido, ao menos para os últimos, cuja base, pro causo, de sustentação, são os primeiros, é quase proibitivo. Em todo o pampa, para todos os gauchos, Otacílio...

E ainda assim, nós, que tivemos de Simões a Schlee, de Cyro e Dyonélio a Faraco, de Quintana ao Laire, todos limpios de sangue, também tivemos, vadeando o Cuarein, al sur, nel lejano norte oriental, José Gervasio Artigas y el negro Ansina, payador e letrado, letrado e negro, negro como índios eram os charrúas, todos companheiros do general no sonho da Patria Gaucha. Escreveu o negro Ansina, aquele que “nunca adoró dioses sentados”: “Así como el hornero / De barro hace su casa, / Mostramos al mundo entero / Que aquí también se amasa. // Así como el jilguero / Canta con alegría, / Todos decimos: quiero! / Y cantamos todo el día.” Escreveu o negro Ansina, aquele que disse que “sólo Artigas sabe hacia dónde voy”: “Así como los flamencos / Vuelan en forma ordenada, / Indios, negros y blancos / Marchamos en fila alineada. // Así como el cardenal / Luce su copete colorado, / Defendemos la idea federal / Que Artigas há proclamado.”

Em Nova Hereford, estamos com Ansina – e com Artigas, por supuesto –, porque somos párias. O povo de nossa querida e mimosa cidade, o “gado geral”, no simpático dizer de um estancieiro amigo do IC⁴⁰² é queimado do sol, tismado, melhor dizendo, encardido, mais exatamente, miscigenado, caldeado pelo fogo aquele imemorial, es-caldado. Simplificando, é que nem o gado pampa, a alva cara sempre lavada pra receber as visitas.

3.18.1. Deuses sentados

Vejam Otacílio e Tunica, ervilhas mendelianas cujas variedades cromossômicas leguminosas, por assim dizer, distintas, encomendaram à cegonha em uma noite úmida e

⁴⁰¹ (AR)

⁴⁰² (que também os há. Majoritariamente, não somos preconceituosos, só não toleramos provocação, como a daquele amigo do Totoca, de cabelo amarelo e roxo, camisa estampada de flores “enoorrmmes”, que ele falava assim, cheio de erres, bermuda vermelha colante, óculos vermelhos, pra combinar, decerto, e brincos em forma de estrelas verde vivo, com a bunda pra cima, procurando no cisco “ai, o meu murano, moooooo se perder o meu murano, o bofe me mata!”, porque não é pedagógico, compreendem? “Bem parecido” o tal. Tava querendo o que com o circo? Desmoralizar a bombacha?)

fértil, propensa à fusão nuclear, a vagenzinha⁴⁰³ Andressa, que saiu nem lisa, nem enrugada, nem dominante – quem nos dera! –, nem recessiva, mas cafusa, apenas cafusa, genérica, encardida.

Os donos das fazendas, com uma e outra exceção aberrante, estes são todos lisos, ainda que enrugados; dominantes, ainda que recessivos, e de tez variada, claro, troncais dos mesmos plasmata germinativos dos mitos fundadores da monarquia pampeana, hoje, deuses sentados. E, depois, quem vê cara, não vê coração... Ao menos em Nova Hereford...

Bueno, e como contávamos, “decimos: quiero!” Mas não basta.

Artigas, o que é feito de Artigas e da marcha hermana de “indios, negros y blancos”?

Temos que ser práticos. A secessão é inevitável, com ou sem Artigas, com ou sem Neto.

Vocês aí de cima – ladrones! – não imaginam a dor de nossa perda. A cada gringo que aparece na TV cantando milongas pampeanas, dançando chula, esgrimindo boleadeiras; a cada gringo, com suas bombachas castelhanas, a bufonaria estampada no rouge dos mlares, que se doutoreia com o laço ou fica ensinando aos gaúchos, nosotros, cinqüenta ou cem maneiras de fazer o mate, quando ele apenas tem que ser bom, espumante que nem mijo de vaca – sem o engodo criminoso do açúcar – e agüentar umas quantas rodadas sem lavar; a cada gringo que se fantasia de gaúcho, nós, de Nova Hereford, temos ganas de voltar pras coxilhas, vingar 93, 23 e outros muitos desaforos. Só pra que saibam: Elías Regules, em 1894, apontava as vantagens da bombacha sobre o fraque:

– Para colocar el yo pensante⁴⁰⁴ encima de los corceles, la bombacha representa más sentido práctico y más progreso que los ajustados pantalones.

A citação é de AR, que ainda traz a resposta de Carlos Blixen, e este folga que, pelo menos, “la bombacha todavía no es traje común”. Blixen – atenção ao sobrenome – era um janota, tá na cara, pois a bombacha não é apenas uma indumentária. Vejam que o compadre Osvaldo⁴⁰⁵ ganhou uns melões de um vizinho e não tinha como levá-los até a jardineira, a menos que fosse uns vinte anos mais moço e a distância da chácara até o veículo uns 200 metros menor. Não teve dúvida. Bispou pros lados, viu que não tinha mulher nenhuma por perto e tirou a bombacha, ficando só com a samba-canção velha de guerra. Fechou

⁴⁰³ (alguns de nós não podem rir de chorar porque antes se mijam, bexiga frouxa, coisa da idade. Mas a menção à vagenzinha – não tem nada a ver com a riquinha da Andressa – fez alguns correrem pro banheiro, e só tem um, pronto... vamos pegar balde e pano... O Clarín publicou um anúncio de uma soja transgênica, a Mireya, e – bem coisa de publicitário – tinha lá um desenho de uma vagem com oito grãos. Oito grãos! “Que maravilha, cumpadre, vamo forrá o poncho!” E já chamaram o leva-e-traz e encheram o galpão da semente, pagando, segundo o jornal, até 200 dólares pela saca. E tá tudo plantado. Mas a vagem não era de verdade, entendem? Os publicitários inventaram ela assim, de oito, pra mostrar que era mais produtiva do que as outras... e isso nem se sabe ainda. Mas o clavo já é grande, falta só contabilizar, na colheita. Esses gringos! Viram que o governo não vai fazer nada mesmo contra eles – “o contrabando sempre foi um modus vivendi na fronteira”, comenta o Dr. Vazulmiro – e, total, continuam a vadear o Uruguai com transgênico. O Enéias que sempre esteve certo: “Eu dizia pra vocês, mas não me escutavam... Qualquer dia eles compram lebre por gato...” A Cotinha se assusta, essa coisa do transgênico não se sabe no que pode dar, leu que nos Estados Unidos dobraram os índices de doenças ligadas à alimentação, a alergia a soja aumentou 50%... “Jesus!” Mas, ainda bem que a Cotinha não é das que se mijam, ela só chora... e tem uns tremeliques...)

⁴⁰⁴ (nenhuma relação com o que dizem essas feiosas que não arrumam macho, que o gaúcho “pensa com a cabeça de baixo”, não. São apenas maneiras centáuricas de expressar las cosas...)

⁴⁰⁵ (vivo, e, então, ainda vivo, o amigo)

os punhos do tornozelo e inventou, na hora, um saco, assim... mala de garupa, que encheu de melões, daqueles amarelos, doces que é uma beleza.

Em resumo: só fez três viagens, enquanto que o companheiro, cheio de vergonhas, deve ter feito umas dez, quase morreu de cansaço. Devia ser um gringo comedor de radiche.

3.18.1.1. La “Leyenda Negra”

De Artigas falávamos... Escreveu ele a Güemes: “Nada tenemos que esperar sino de nosotros mismos.” Em outra ocasião, dijo para los orientales, el Jefe: “La cuestión es entre la libertad y el despotismo”. Quando os ibéricos juntaram-se para acabar com o sonho da Patria Gaucha, bá... “Hubo campos de batalla que fueran hecatombes de criollos”, lamenta Eleuterio Fernández Huidobro,⁴⁰⁶ e assim foi derrotada “la mejor caballería del mundo”. Mas não só de cavalos vive el gaucho. Criado el Protectorado de los pueblos libres, Artigas instala-se em Purificación e logo inaugura la “Primera Escuela de la Patria”, funda a Biblioteca Nacional e organiza a Orquesta: “Sean los orientales tan ilustrados como valientes.” E não só de ilustração precisavam los gauchos. À parte los reglamentos – vários e preferindo aos mais necesitados –, Artigas, elenca Fernández Huidobro, fundou “nuestra marina mercante y nuestra flota de guerra fluvial”, firmou “nuestros primeros acuerdos comerciales internacionales”, “inició nuestra diplomacia”, “nuestra Salud Pública” distribuindo “las primeras vacunas antivariolíticas”, “tal vez nuestra primera Sanidad Militar”, “construye la Iglesia”, “desarrolla la agricultura trayendo semillas y herramientas”, leva mestres e são criados “talleres de herrería, artillería y armería en general, fundiéndose metales”, también beneficiadoras de “cueros, astas, sebos...”

Semilla, eis o que era Purificación, la Patria Gaucha. Por isso, o perigo que representava o homem e suas idéias...

– Contra Artigas se perpetró a lo largo del siglo XIX y hasta bien entrado el XX una formidable campaña de desprestigio, insultos, tergiversación y ocultamiento, conocida como “La Leyenda Negra”.

F. Huidobro diz mais:

– Las injusticias para con la memoria de Artigas se siguen perpetrando en estos mismos días en pleno centro de nuestra capital, debajo mismo de su monumento en la Plaza Independencia.

E nos refresca a memória. Em 1976, “en plena dictadura”, realizou-se concurso entre os arquitetos uruguaios para “la erección⁴⁰⁷ de un Mausoleo” que abrigaria os restos del Jefe. O projeto ganhador incluía realçar, no monumento, “a las frases del conocido ideario artiguista”. Há cortes no projeto arquitetônico que mostram, entre outras, a frase “Clemencia para los vencidos”, que Artigas pronunciou “al finalizar la batalla de Las Piedras”. Mas, “las palabras de Artigas acorralaban a la dictadura. El Mausoleo corría el riesgo de quedarse mudo.” Dito e feito:

– El homenaje al Héroe debía ser de granito, bronce, luz, hormigón armado, urna de plata y madera fina, pero a condición de que Artigas se callara la boca.

A ditadura, inclusive, publicou um decreto a respeito, 16 de marzo de 1976, deliberando que as inscrições só trariam as datas e seu informe. Assim: “Nacimiento del Gene-

⁴⁰⁶ (outro parente, por supuesto... melhor calar, estamos sem o raminho de arruda...)

⁴⁰⁷ (o Arlênio dá um pulo do sono: “Onde? Onde?” Dizem que não é doença, mas en nosotros dói...)

ral José Artigas – 19 de junio de 1764”; “Batalla de Las Piedras – 18 de mayo de 1811”; “Éxodo del Pueblo Oriental – Octubre de 1811...”

– La dictadura procuró de esse modo hacerse un homenaje a sí misma – conclui F. Huidobro. – Artigas debía permanecer callado.

Muito se amordaçou na América Latina àquela época, não só a homenagem em pedra, quase sempre pelo temor às palavras – fontes inesgotáveis de subversões –, temor “de un irreverente empleo de sus expresiones” – as que deveriam constar no mausoléu, mas em qualquer bronze – “en beneficio de ideas políticas determinadas...”

– Hay montañas de olvido – diz Fernández Huidobro, *montañas... e nós pensando, ai, ai... que esta falta de ar que nos pesa fosse, já, o pulmão cansado, o coração... a bunda do Sirley...*

I.I4. Morreu Osvaldo Pereira!

(E aqui, perdão, fazemos alto nessa, bem dizer, tropeada, que só vamos tocando adiante o reíúno disperso, ou, vá que seja, campereada, que campeamos os sentidos ofuscados pelo sol a pino do deserto, atolados no tremedal, escondidos nalguma grota ou canhada de mato... fazemos alto...

...porque, ai, veio a Terezinha e nos chamou na porta e fomos e ela, chorando, chorando mandou que olhássemos pro céu, e olhamos, olhamos e nada vimos, só o azul estático, e ela nos abraçou forte e disse “o Osvaldo, o Osvaldo faleceu Zezinho, a gente ficou só, e agora? o Osvaldo faleceu...” Mas, como? “Foi visitar a filha em Porto Alegre e morreu, no Dia dos Pais, imagina!” Como? Pensar que o comrade não vem nunca mais tomar mate e prosear, lúcido, pedagógico, do que experimentou da vida, 72 anos, divertido; não vem mais sentar-se na poltrona forrada do pelegão alaranjado, cobiça de quando gurizote, trono, pro causo, do monarca; não vem nunca mais... E agora, Terezinha? E nós?... “Ele se sentiu mal, um enjôo, vomitou, levaram ele pro hospital, mas o moço deu um remédio pro estômago e mandou ele pra casa, ele tinha comido porco no almoço...” Não fizeram nenhum exame? Um homem daquela idade? Tinha comido porco no almoço, e daí? Acostumado a mulita, a carreteiro de capincho, a graxa de ovelha a vida inteira... e já era de noite! “Quando eles iam levando ele de volta pra casa, disse ‘ai’, botou a mão no peito e morreu... Assim, Zezinho, nem deu tempo de chegar no hospital de novo, dentro do auto, caiu a cabeça, morto...” Como? Mas como é que... Como é que não atenderam ele direito? Por que era negro? Por que era pobre? Por que andava de bombacha, que nunca usou calça na vida, o homem? Por que essa gente da capital tá ligando trinta pros outros, escondidos que estão entre as milhares de pessoas que vivem por lá – até que eles as deixem morrer como bicho! –, pessoas que nunca viram na rua e nunca verão em qualquer lugar dos tantos lugares que a metrópole tem de ancha, ancha demais pros antolhos ocupados só com o ponto no infinito em frente, domicílio de sua, e só sua, ambição, ocupados com o trânsito, o shopping, o banco, o vil que há na vida, por isso? Por que não o cercaram de cuidados, o gaúcho pobre? Por pária? E, vejam, Osvaldo⁴⁰⁸ era um dos

⁴⁰⁸ (não era aranha, vejam, nunca pode armar sua teia e nela subir aos píncaros – que isso também tem méritos –; era só pereira, dessas sombras que dão no campo, de frutos firmes, bons de comer ao pé e fazer geléias, doces. Era doce esse Pereira, no tratar, de homem para homem, mas, claro, sua crioula fidalguia não tinha o entono de ONU. Melhor que sim, hein?!, matutamos: o mundo seria outro. Porém, “así son las cosas”, diz Don Pepe Fernández, taura salteño, e este não se engana nunca.)

últimos, dos últimos da cepa monarca, hombres de caracu que o pampa ainda guarda – daqui a pouco não temos nem pra remédio, a essência – e vocês, vocês!... Nos roubaram tudo, estão nos deixando morrer à míngua, coquimbos! E sem um pingão de vergonha na cara! Não adianta, não adianta... Imundícia!

O Laíre não é o Luís Coronel – “Silêncio, abanem os lenços, / é Gaudêncio em despedida. / Gaudêncio, velho Gaudêncio, / pulou a cerca da vida...” –, mas conheceu o Pereira – e quem não o conheceu em Nova Hereford? – e, comovido, em lágrimas mesmo – todos nós –, leu uns versos que fez pra ele quando o enterrávamos no Itapororó, campo aberto:

“Foi-se Osvaldo Pereira / de repente, neste agosto. / Dos fios tendidos que alambra / o mundo ficou mais frouxo. // Estava vivo num dia, / mas sempre de atrás vem outro, / e foi num destes, nefasto, / que o homem quedou-se morto. // O Manco, ainda de-já- hoje, / lembrava do Osvaldo moço: / tosquiador de pulso firme, / dançarino desvolto. // Morreu Osvaldo Pereira, / que, desde muchacho novo, / comprovava em monarquia / que o que é bom já vem do ovo. // No Itapororó, no Angico, / no Cerro, na alma do povo, / deixou fama e uma saudade / que extravasa aquele bojo. // Morreu o Osvaldo, que pena! / Mas há gente que faz pouco. / “Imagina”, dizem, cínicos, / “mais mata o jornal das oito.” // É que este um era un gaúcho, / na simplicidade, douto. / Ninguém é insubstituível? / Mas, substituí-lo, como? // Se tosquiava, se alambra, / dançava, domava potro. / Morreu Osvaldo Pereira, / meus versos pedem socorro. // Pois foi assim, Deus o quis / e levou-o, num assomo. / Morreu Osvaldo Pereira, / os anjos cantam em coro.”

Cantavam os anjos e chorávamos nós plantando ali no ermo aquele “tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...” , como Blau; nós ali, enterrando a arca e as histórias tantas vezes aeradas para nunca mais... ai, ai...)

4.10. Duas cabeças

Firmino de Paula desenterrou Gumercindo, degolou-o e mandou sua cabeça pra Porto Alegre, pelo Coronel Ramiro de Oliveira, homem de sua confiança, como um mimo pra Castilhos.

O portador, conta Reverbel, hospedou-se no Hotel Lagash, ali na rua da Praia, a uma quadra curta da Borges, onde costumavam ficar as famílias herefordenses em férias na capital ou de passagem para a outra capital, a do obelisco, em férias. Lembramos, saudosos, dos corredores do Lagash, largos como os do campo – ou assim nos parecia, éramos pequenos à época –, as portas altas de duas folhas, o banheiro, um potreiro!... Histórias várias, feito aquela que o finado Nunes contava do filho dele, o Sirley, que, gurizinho ainda, apertado, não conseguiu se segurar, deixando um rastro de merda pelo corredor, e é fato, perguntem pra Conceição.

Isso no tempo em que criança usava calça curta, não tinha como embolsar a caganeira frouxa na bombachinha ou, mesmo, prensá-la entre as pernas e as pernas da calça Lee, dessas que usam hoje, fazendo, assim, uma massa de panqueca com aquilo, entendem?, fininha e bem espalhada na, pro causo, frigideira. Não vazava perna abaixo, assim. Mas

vazou. O guri tomou uma tunda de pau na frente da arrumadeira, o Nunes, velhaco, dando e gritando que “onde se viu sujar tudo, dar um trabalhão pra moça?”, pra depois, ao acompanhar a tal moça até a porta, agradecer-lhe com uns pilas e abrir cancha pro bagual galopar mais tarde. Esse Nunes! Não escapava uma!

Hotel Lagash... era o preferido da gauchada.

Por isso o coronel Ramiro parou lá, com a cabeça de Gumercindo e a outra. Sim, pois havia outra e, como sempre, a história oficial, esclerosada, apaga Nova Hereford da memória coletiva. Todo mundo sabia entre os federalistas e, com certeza, também entre os republicanos – que não apenas por sanguinários, mas por terem sido sangrados mui especialmente por Gumercindo e pelo outro, seu ordenança, o degolaram –, que a segunda cabeça, melnuda e dura como moirão de guajuvira, pertencera em vida ao nosso Mata-Sete.⁴⁰⁹

4.10.1. *Campito que aceita tudo*

Tudo começou na malfadada batalha do Inhanduí, aqui pertinho, na coxilha do Combate.

Todos conhecem a fama da vizinha cidade de Alegrete, que nenhuma das grandes revoluções deixou de aproveitar. Por hospitaleira – diriam “covarde” os facinorosos inimigos –, toda sorte de combates ali se feriram, pois generais, coronéis, caudilhos, caudilhetes, quadrilheiros em geral e malechores da pior laia escarrapachavam-se, como se donos fossem, no imenso território ou na povoação, diminuta e desgraciosa, vá lá, mas sem nenhuma lei que a defendesse, ou sem autoridades que a fizessem cumprir. Achado não é roubado, ora.

E assim, de rota de tráficos na apropriação do Continente, passou a teatro de guerra, sempre que uma estourava na fronteira – e estouravam sempre –, os contendores parece que combinando “vamo um pouco mais pra cima e ali peleamo”, ou “por que sujar este campito fino de sangue? Logo ali tem um que aceita tudo”. O “ali” que sempre achavam de conspurcar era a indefesa Alegrete, roubando a paz de seus habitantes; roubando a estada, sempre conflagrada, em seus campos; roubando-a desavergonhadamente em seus brios, como se brio fosse um brilho qualquer achado no lodo. Os farrapos, com seu governo em trapos sobre carretas, onde vieram dar? Quanto mais cordeiro e pacífico o povo, mais guerra lhe trazem. “Provalecidos!”, indigna-se – e nem vale a pena, Alegrete... – o xiruzinho.

4.10.2. *Capado e recapado*

Vellino escreve que por estas plagas não havia “homens maus” e Salis Goulart, que “gaúcho malo” só entre os platinos, que, vejam só, por cá “o ódio contra a autoridade também não se verificou”, pois “o rio-grandense é antes de tudo ordeiro e respeitador dos governos”.

Em que mundo vivem esses, canejo!?⁴¹⁰ Nem precisaria – basta descer à Metade Sul, à patria gaucha hoje para encharcar-se da verdade, ó pimpões! –, mas Elio Flores⁴¹¹ con-

⁴⁰⁹ (que não estava, vejam, entre os pesteados da tia de Rivaldir, como a vida dá voltas meu Deus!)

⁴¹⁰ (digamos simplesmente que é uma interjeição, para que as normalistas, as noviças e as virgens de qualquer natureza possam também adotar este didático volume)

⁴¹¹ (EF)

trapõe-se afirmando que “o caudilhismo positivista chegou ao poder e enclausurou-se nele pela força bruta da espada e da degola”.

Joaquim Nabuco corta fundo: “a faca de ponta e a navalha, exceto quando a baioneta usurpava essas funções, tinham sempre a maioria nas urnas”. Ou seja: se nem o governo respeitava a lei, como exigir da facção fora dele comportamento exemplar? Cordeiro, aqui, esfolamos e comemos até os miolos, pra depois sentarmos em cima do seu couro lanudo, mostrando quem manda. Ninguém no oco do pampa sobreviveria cordeirito no más. EF dá o tom da guerra incessante afirmando que:

– É o poder estatal em cumplicidade com os grandes proprietários⁴¹² que combate e persegue os excluídos da terra e dos rebanhos.

O poder da república positivista perseguia também e principalmente os adversários políticos que foram desbancados com a queda da monarquia; deles poderia vir – e veio! – a reação ao arbítrio castilhistas.

Aliás, o vereador de Nova Hereford que quer chamar Darwin pra explicar no plenário esse absurdo pagão de que descendemos do bugio, está certo, mas esqueceu de Comte, Spencer, Renan... todos, enfim que contribuíram com sua pena para a institucionalização da violência de estado em nossa pátria pampeana no tempo de João Burro e seus dois gloriosos segundos. (Desde as calendas da colonização do deserto os poderosos armavam suas milícias rurais como verdadeiro “corpo de sicários e matadores”, fixa Oliveira Vianna.)

Muito em função disso pode-se acreditar em Capistrano de Abreu – não bastassem a hediondez dos crimes praticados nesta fronteira –, que anota a nódoa feroz de nossa formação, quando o povo foi “capado, recapado, sangrado e ressangrado”.

Tais violências podiam ser reais – o pau-mandado e sua capangada pelavam a vítima, puxavam os gúevos e degolavam com a cherenguinha o pescoço do saco, aquela pele de galinha sapecada que o segura junto ao corpo – ou metafóricas, estas últimas no terreno dos costumes impostos, da papelama legal, dos políticos e dos tribunais. SG ensina que:

– Tudo que não se aglutinasse à estância ou ao quartel equiparava-se ao banditismo. Gaúcho e gaudério adquirem um sentido unívoco – diz ele –, o de “inimigos da ordem”.

Entendem? Se passa a ser bandido num santiamén, só porque interessa aos poderosos. Não entendem? Bueno...

– Eu mindiguino! Bá... tão estrupando nós... – diz um espoleta, afiando a faca.

Arsene Isabelle, em meados do século XIX, escrevia: “como a ambição dos estancieiros consiste em possuir grandes rebanhos, de cinco, dez e trinta mil cabeças de gado, resulta que procuram possuir a maior extensão possível de campo”; estão acompanhando o raciocínio? Então. Se não conseguem obter “todos esses vastos terrenos a título de concessões”, continua o francês, “compram de seus vizinhos pobres as terras que os rodeiam e se livram assim de qualquer concorrência inoportuna”.

4.10.3. De *pecho abierto*

Lição: essa tal de “reforma agrária natural”, pela divisão dos quinhões hereditários através dos tempos, não acontece e nunca acontecerá, basta consultar os dados. O nível

⁴¹² (sempre eles)

de concentração da terra só tem aumentado: a terra é dividida e o lindeiro com mais café no bule, arremata tudo. Outra evidência da castração metafórica foi a fraude eleitoral que grassou na província sob o desgoverno dos positivistas. Eles tinham desdém pelos “menos capazes” – aqueles que não rezavam por sua cartilha e que julgavam, cabotinos, que não a entendiam –, por isso fraudavam. Max Weber mata a cobra: para os castilhistas e seus seguidores, “uma eleição ‘errônea’ constituía uma injustiça a ser expiada”.

Como ficar quieto! Que paz o quê!

Se há um lugar no mundo onde se brigou abertamente por séculos contra o poder, estamos nele.⁴¹³ Daí a expressão feliz de Rubens de Barcelos: “matar será glória como é virtude saber morrer”; a de Cassiano Ricardo: “o gaúcho é homem que não se esconde. Se briga, é a peito descoberto”; a de Sandra Pesavento:

– Num contexto histórico fronteiriço, onde lutar era condição de sobrevivência, onde o autoritarismo, a arbitrariedade e a violência imperavam, muitos atos de heroísmo e bravura ocorreram, provavelmente muito mais até do que aqueles que a história oficial registra.

Nestes lapsos entram João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta, que, lá pelo fim do século XIX, só não fizeram chover por aqui porque não precisou, o tempo comportou-se lindo, repartindo equitativamente águas e azuis.

4.II. Tapera

Nova Hereford era como uma toldería, só que de ranchos de santa-fé, em 1893, como as do Sepé, hoje, de plástico preto. Existia e não existia no meio do campo vasto, quartel-general da quadrilha de João Burro para onde acorriam os desvalidos da região, buscando e encontrando refúgio. Se os papéis cartoriais já a tinham reconhecido, isso não nos importa, porque, mesmo depois, pujante, os graúdos da capital, decerto no bolso dos entonados de Alegrete, custaram a registrar nos livros oficiais o que só um cego não via. De vila a cidade, desmembrada, graças a Deus, tornou-se o centro de excelência bovina, ovina e cavalari que o mundo admira.

A região, todavia, em fins do século XIX – Alegrete mais, pois fica no centro geográfico do deserto da banda de cá –, era o caminho natural de toda sorte de forças e foi palco de não poucas “escaramuças de partidas volantes”, na observação de Luís Araújo Filho,⁴¹⁴ “causando alarme entre os habitantes pacíficos e deixando quase sempre após si algum traço de sangue e depredação”. Vejam que o apodo de “pacíficos” com referência a nossos vizinhos era aceito como – não gargalhem, herefordenses, que ninguém tem culpa de ser como é e do castigo de Deus nenhum de nós está livre; mas sorrir podem... – um encômio por eles. LAF parece dizer que, “Virgem Santa, esses bandidões, ui, assim nos machucam, ai...”, quando, para nós, de Nova Hereford, a paz só resulta honrosa com luta, com sangue derramado.

⁴¹³ (agora o Antonio Augusto Toninho, não satisfeito com sua expervivência no Timor, acaba de ser deslocado pela ONU para... o Congo. E ele, vejam, está faceiro, “não é África nenhuma...” Mas, como não?! É a África toda, epidemias, fome, leões... Tia Luci deixou Buenos Aires às pressas, para despedir-se, o guri não pára...)

⁴¹⁴ (LAF)

Então foi que João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta ocuparam o quartel – que estava tapera, frise-se – de Alegrete e passaram a comandar a guarnição, ditando leis “a seu talante”, claro, pois era preciso pôr fim àquilo de qualquer pandilha, como uma nuvem de gafanhotos, passar por ali deixando terra arrasada na polvadeira de seus cavalos. Mas nem muito se demoraram, o que foi deveras decepcionante para parte do povo local (aqueles que, como diria Getúlio tempos depois, eram ainda “descendentes dessa raça indômita de peleadores que passaram pela história com a rapidez vertiginosa de um sonho e, mais eficazes do que as missões diplomáticas, marcaram as fronteiras da pátria até onde atingiram as pontas agudas de suas lanças”, porque o triunvirato fundador de NH, homens sempre interessados nos destinos de sua gente, paladinos da justiça, Robins pampeanos,⁴¹⁵ tomou o seu partido na revolução que sacudia a província, abandonando o comando da guarnição de Alegrete e alistando-se nas hostes federalistas.)

4.II.1. O “tema” não ajudava

João, Mata e Saia até estranharam, de início, que os maragatos não usavam, todos, os lenços vermelhos que os deveria identificar. Muito ao contrário: Gumercindo, Aparício e os orientais na guerra eram brancos. Houve a esse respeito um bate-boca entre Salgado e Gumercindo, quando este último impôs sua opinião – que era, sempre, uma decisão sem volta, um norte, um ultimato –, ficando liberados os castijas da vergueira del lienzo rojo en sus pescuezos.

O gaúcho, já nesta época, não tinha mais pudores como o de cavalgar éguas, por exemplo, disseminado no pampa por séculos – “montar una yegua era considerado preferible solo a caminar. Cualquier cosa era preferible a caminar”, diz Chasteen –, mas o lenço é uma bandeira, e pelas bandeiras se vivia e se morria. Muitos tentaram canhestramente empunhar a sua e sair pelas coxilhas chamando os patrícios para uma luta qualquer; Rivaldir, para citar um só, e de Nova Hereford. Mas nunca passou de um comissário dos positivistas, um “chefete rural”, bem enquadrado no tipo descrito por Nicanor Letti, surgido de “sua insegurança patrimonial, da ignorância da doutrina política e da valentia fanfarrona que até hoje é contada pelos trovadores”.

Trovadores de quinta, é bom esclarecer, que não chegam aos pés do finado Gildo... também porque o “tema”, pro causo, não ajudava.

4.II.2. Galos de pua forte

O Gildo de Freitas era “imbatível”, conta o Osni Saldanha Gomes, gurizote campeiro que foi do Pai-Passo e hoje mestre-de-obras respeitado em Nova Hereford, Polianga do Sul e arredores.

Concorda com ele outro taura nascido na Tuna e criado no Cerro, subdistrito do Itapororó, o Osvaldo Pereira,⁴¹⁶ companheiro da Maria Terezinha, flor de pessoa – alô, alô, Terezinha, no Campo Fanuel, favor trazer quando venhas, murta, urtiga e cavalinha –, que sempre, indagado pelo anfitrião povoeiro sobre qual música quer escutar, pra

⁴¹⁵ (como o de Sherwood, inimigo do xerife de Nottingham, nada de batmóvel, batcaverna, batfrescote...)

⁴¹⁶ (e não é que nos morreu o homem! E agora?... Deus tem errado muito de velho, e o Osvaldo era um guri de 72. Talvez Ele é que esteja batendo biela.)

embalar o mate, sabe como é, pergunta: “Tem do Gildo?” E, como não? **Eu reconheço que sou um grosso, Homem feio sem coragem não possui mulher bonita, Eu não sou convencido**, e por aí vai, ao sabor terruño do mate cevado com erva Mano Lima – outro imbatível – cortada com a Baldo, daqui também, mas feita ao gosto oriental.

Osni lembra da coincidência de Gildo e Teixeira de Freitas terem morrido no mesmo dia quatro de dezembro, só que aquele em 82 e o consagrado autor de **Coração de Luto** – “bota emocionante!” – em 85. Conta ele que, de uma feita, o Geraldo Ribeiro, grande trovador do Alegrete, “o homem que de um cavalo tirou 21 poesias”, chamou o Anselmo Pereira,⁴¹⁷ outro trovador de respeito, para um desafio em um circo que tinha se instalado perto da Ponte Seca. Vinham “dois galos de pua forte”, o Francisco Bica e o Gildo de Freitas.

No bilhete de resposta, o Anselmo escreveu para o Geraldo:

– A Dorvalina já tá arrumando as mala, tu pega o Chico Bica e deixa o Gildo pra mim.

Pois trovaram uma hora e meia sem vencedor, conta o Osni, “única vez que o Gildo teve um rival à altura”. Isso lá pelos anos 60, quando ele já morava por Porto Alegre e corria o estado trovando.

4.II.2.I. Bota tapal

Mate vai, mate vem, ficamos sabendo que o Gildo esteve preso em São Borja antes de ir para Alegrete, onde ficou anos; “até adoeceu e andou algum tempo em cadeira de rodas”. Guardou boas recordações da cidade vizinha, colocando em versos que naquela terra têm “corações bondosos”. Mas nos interessa saber por que o homem foi preso, afinal. E o Osni:

– Ele matou um a tapa.

O valente tinha puxado o revólver pra ele num bochincho, ora, o Gildo não teve outra saída senão estalar-lhe um tapa nos beijos. Caiu duro na hora. E nosso poeta só foi preso porque não fugiu, “retido por uma bela mulher que apareceu”. Ele ficou olhando “e deu tempo pros pé-de-porco chegarem”. Não deixou, no entanto, de fazer versos a respeito quando guardado. O Osni os diz de memória: “Nisto apareceu uma prenda, / Mulher de rara beleza, / Que me olhou com firmeza / E meu corpo estremeceu. / Eu não fugi no flagrante / E a polícia me prendeu.”

Bota tapa nisso! E bota mulher! Como o Osni e o Osvaldo, também nós preferimos Gildo de Freitas a Teixeira de Freitas. Mas gostamos mesmo é de ouvir histórias como essa, sorvendo a amarga seiva que, por amarga, nos faz a vida mais doce... Hum...

I.15. Matando pasto

Conversa vai, conversa vem e estamos sempre falando do gaúcho, essa recorrência, como quem, na campanha, desossa e abre uma manta de carne para fazer charque. Hobsbawn dixit.⁴¹⁸

⁴¹⁷ (pois outro Pereira, o Osvaldo, morreu, che, barbaridade. E ainda esses dias andava se queixando de cansaço, das cadeiras... Se repetimos é porque não queremos acreditar... Como falar do Osvaldo no passado? Só no passado?)

⁴¹⁸ (Dr. Vazulmiro)

– Os historiadores são os recordadores profissionais do que os cidadãos querem esquecer.

Fazem-no para alumiar o presente, não são de ficar pisando em nuvens. Nós, não. Não somos políticos nem historiadores.

É comum por aqui ouvir contar de um ou outro que bate com a cabeça na parede, de raiva, até sangrar. Isto é perigoso, pode alguma coisa quebrar por dentro que nem a degola cura. A cabeça degolada de Gumercindo, como um sorete, vejam o destino do bravo, ainda desce o rio – os peixinhos esculpiram-lhe olhos fundos e um sorriso assustador –, o rio, qualquer um vai dar no mar. Um quebra-cabeças, a coisa, dor de cabeça, cabeça virada, de ponta cabeça... tudo, tudo. Ai, ai...

Otacílio, gaúcho íntegro, dos pés à cabeça, volta pra casa devagar, matando pasto,⁴¹⁹ a cabeça cheia de vazios que sua compreensão não preenche. E nós nada podemos...

Tentamos encaminhar apenas: doces, bombachas, fios de lã – antes, cardá-la –, ranchos de santa-fé... Encaminhamos, só. Claro que muitas vezes perdemos o material, assim tem de ser – nossa missão está sempre se processando, nunca o arremate. Um exemplo: as pessoas têm vergonha de sua pobreza; nós queríamos que ser pobre, esta naturalidade, desse fama, virasse última moda. Assim, todos aprenderíamos mais no olho do sol. Estamos no recreio, temos tempo. Falam da sujeira da nossa casa, mas qual? Eles dizem “sujeira” o que é pobreza. E falam entonados, de cima pra baixo, como quem peteleca bitucas; nem percebem que sentam num tapete de cigarros... Apenas vício, preconceito de rico.

Senhores, saibam que, muchachinhos, apanhávamos feito bicho por qualquer insignificância. Nos lanhavam a relho e nem sabíamos por quê. As mães levavam os tinhosos pra dentro e salgavam nossas feridas pra não abichar; depois de botarem vareja, bá!... Charqueados, aprendíamos a obedecer os mais fortes. No pampa, sempre imperou a lei do mais forte.⁴²⁰ Isso templa a gente.

Vamos que bata a fome e só tem carneirinho dente-de-leite. Matar, só para tirar a vida deles? Não dá, não dá, tão tudo magro! Agüentamos no osso.

Agora, cobra, isto sim, as venenosas. Dá pra sentir a morrinha dela quando está perto. O Atanásio conta que foi picado por uma cotiara no tempo em que cortavam arroz a foice. Era um gurizote, não sabia. Mas aprendeu, quase batendo as botas, mas aprendeu. Elas tem uma morrinha parecida com cheiro de frade, aquela mutuquinha que dá nas folhas das abóboras, das couves, só que mais podrida, muito mais... Sabem a cotiara? É, bem dizer, uma cruzeira, que sim que vai o amarelo no lugar do branco. O preto é igual.

1.15.1. *Ninho de bem-te-vi*

Mas, falando em cobra, tem uma piada bagaceira que sempre contavam pros guris no galpão, do tempo do Romualdo decerto. Se passava no galpão mesmo, a peonada, vendo que a filha do patrão, muito enxerida, tava bispando por uma fresta, dava de falar tudo quanto é nome feio, mas dos cabeludos. A guria, já moça, até noiva era, mas naquele tempo, nunca tinha ouvido aquelas palavras, foi correndo perguntar pra mãe o que significavam. A mãe, sem saber o que dizer, foi explicando lá do jeito dela: piça é a mesma coisa que braço; boceta é uma cumbuquinha... Pra quê!

⁴¹⁹ (já voltou, mas de novo volta, entendem? O eterno retorno, o remoer sorumbático...)

⁴²⁰ (repetimos, e repetimos e repetimos, pra calar fundo)

Quando veio o noivo almoçar no domingo, a pobrezinha, louca pra mostrar seus novos conhecimentos, pediu pra ele alcançar o feijão que a piça dele era mais comprida... Não acham de chorar? É que não tinha televisão nem na cidade, quanto mais pra fora.

– Hoje, as criança crescem vendo aquelas barbaridade ali, na sala, umas bonecrinha e já tão apontando peito, de amanunciadas já que tão, sabidas cosa séria, os marmanjo sempre passando a mão, coxeando elas.

Naquele tempo, o pai dizia pras filhas: “não quero ninguém se requebrando diante dos outro”. Os soalhos eram altos do chão, de madeira já gasta, e as mocinhas tinham que andar retas e pé por pé pra não balançar as cristaleiras; o pai também não queria barulho. Sabem o que mais? Barulho lembra baralho. Uma vez...

Acham que é enrolação? Pensam que é fácil? Nós só encaminhamos: os bem-te-vis até fizeram ninho no punho de uma perna de bombacha que a Terezinha tava fazendo pro Pereira há uns dez anos. Ainda tá lá, do mesmo jeito. Estamos no recreio. Precisamos. Se não é assim, como não chorar? Estamos em volta de um candieiro de graxa de gado com pavio de algodão bem torcido. Não se usa querosene, que preteia o nariz da gente, coisa horrível!

O historiador ilumina o presente; nós, não. O candieiro alumia bruxuleando. E nós também!

1.15.2. Baralho de pinta

“Uma vez”, conta – contava... mas vai ver que ainda conta, lá onde está, muito bem acompanhado, graças a Deus e o homem merece – o Pereira, “tava seco, não tinha nem pro fumo e me fui pra uma carpeta no Rengo.

Fui peruziar a cachaça no mais. Só que a Dona Filinha me deu dez mirréis pra comprar uma vassoura e outras miudeza que não lembro. Bueno. Chegando lá, fizeram duas mesa no fundão dos coelho. Uma pra pobre, outra pra rico, a dez o coto. Não me sofri, sentei na dos rico. Tinha o jogo de primeira, o pife estradulado e o jogo do nove, tudo com baralho de pinta, não o espanhol, que é mais pros calavera que gostam de gritar o truco.

Aquilo foi toda a noite e eu não podia chegar sem vassoura na Dona Filinha. Joguei o nove com o tutano de prontidão. Conforme vinham as cartas graúda, um sete, um oito, eu apostava. Só sei que quando o galo cantou tinha mais de quatrocento mirréis na guaia-ca. Comprei o que tinha que comprar, mais os vício e fiquei um mês de vagabundo.

Hoje, pra encurtar, nem me garanto na escova, esqueci. Só lembro do sete belo, que é a carta mais bonita do baralho. Baralho espanhol, mas o jogo é pra brincar em casa, com a piazada e as tia velha.”

É verdade. O jogo de cartas, vai que vira vício.

1.15.2.1. Tudo é principal

Os charruas podiam passar uma semana jogando. Quando incomodavam muito nas pulperías, davam um baralho pra eles e pronto, iam-se embora faceiros.

O Rengo tinha umas sete braças de campo, e, só com o jogo – ganhava os tubos, e sem roubalheira –, periga hoje ter de quatro a cinco quadras. Mas também, só copava o estradulado, sem limite; era ladino, manhoso. É isso com a vida... Pensam que é mentira?

Não damos morto por testemunha: perguntem pro Pereira.⁴²¹ Pensam que é pra voltar o assunto principal, que é lenga-lenga de sorro pra cristeiar vocês?...

Sim e não. No pampa, tudo é principal.

Mas, queremos, sim, adiar a ida pra debaixo das barracas de plástico preto, à beira das estradas, esses toldos improvisados que são uma prisão, outra das tantas... Queremos um pouco mais do calor amigo do candieiro alumando a noite que nunca acaba. Bandidos não somos.

5.2. A verdade relumbra

Judeus, alemães, italianos, polacos e frescos de todos os matizes não são gaúchos. E porque não são gaúchos, não entendem nada de gaúcho. Há muito dessa gente no Movimento Sepé Tiaraju, por falta de com quem se acolherarem. Podem ter certeza de que as cagadas todas são obras deles.

O Sepé quer retomar a discussão sobre o espaço que é o pampa, nave e altar do gaúcho,⁴²² e fazer um novo pacto, um novo tratado, como o de Madri ou o de Santo Ildefonso, só que diferente, distribuindo a terra entre todos, povoando verdadeiramente o deserto. Essa gringama enxertada entra no contrabando, e só porque o coração do gaúcho é do tamanho do pampa. Fique claro ao que nos referimos, auxiliados pelo sueco Lindman e seu belo livro de 1906, **A Vegetação no Rio Grande do Sul**.

Escreve ele que o planalto termina “por uma descida íngreme que atravessa a maior parte do Rio Grande na direção leste-oeste a cerca de 29° latitude sul. Daí resulta a separação do estado em duas metades, um planalto ao norte e uma baixada ao sul, atingindo

⁴²¹ (e não é que morre o Pereira! De repente! Sem aviso! E nos pega desprevenidos... se a gente ia lindar no Jacaraí... comer laranjas... fazer chácara... Encomendado por bispo em Nova Hereford, mas morto. Missa rezada por bispo na longínqua Araraquara – a pedido da Dona Fani e da Irisnel, muito amiga –, cantada, com coral e tudo, merecedor, o taura, entrou voando no céu – mas, morto... Por cima da carne seca, mas morto... Ah, saudade. E, agora, nós?)

⁴²² (o assessor do presidente, Frei Beto, em cerimônia recente, disse que Jesus “nasceu filho de um casal de sem-terra”. Saiu no jornal, uma notinha mixuruca intitulada “Frei Beto diz que Jesus era sem-terra”, mas nossos pesquisadores foram lá de lupa e pescaram ela pra cá. Por quê? Ora, imaginem o impulso que pode dar ao movimento se o marketing trabalhar bem a informação! **A Misa Criolla**, de Ariel Ramírez e Félix Luna, um chamamento aos povos tristes, ouçam-na, é puro Sepé: “A la huella, a la huella / José y María / Por las pampas heladas / Cardos y ortigas...”, a pampa, o pampa, atentem... “Florecita del campo, / Clavel del aire / Si ninguno te aloja / Adónde naces?...”, aonde? À margem das estradas? Sim, mas aqui, no campo, aqui: “Ay burrito del campo / Ay buey barcino / Que mi niño ya viene, / Háganle sitio...” Campos, burritos, bois... e “Un ranchito de quinchita / Solo me ampara / Dos alientos amigos / La luna clara...”, só um ranchito pobre, que é como que uma senzala, Mercedes, Negra – tua voz nos embala o sonho, a voz embarga –, toldo, uma barraca, entre os bichos, como se fosse bicho, como os do Sepé, porque os das casas grandes ainda não sabiam, porque ninguém sabia – “A la huella, a la huella / José y María / Com un dios escondido / Nadie sabia” –, ninguém, e nasceu Jesus, como os do Sepé, bruxinho de presépio emponchado de trapos... “Vengan pastores del campo / que el rey de los reyes ha nacido ya...” É sem-terra... Fica claro quando canta Mercedes Sosa, La Negra, “Niño bonito, no lloris mi amor / Ya llegaremos a tierra mejor”... E, depois, “Llenos están los cielos / Y la tierra de tu gloria”, vejam, a reiterada menção à terra, para a glória do Senhor, e Jesusinho sorriu “Y a medianoche el sol relumbró”... Tantas evidências, mas vocês só acreditam mesmo vendo as chagas; esburacando arqueologias na terra santa, como poncho de calavera; testando o sudário com essas ciências pagãs; pagando pra ver – não dissemos? Calaveras! –, quando a verdade relumbra al sol do pampa, terra prometida... Obrigado, Frei Beto. Marketing, ao trabalho!

para leste uma diferença de altitude de 500 metros que para oeste diminui até completo nivelamento”.

E continua: a área “abaixo da serra, limitada ao norte pelo vale do rio Jacuí e geralmente denominada ‘a Campanha’, corresponde em todos os seus caracteres mais aos estados limítrofes ao oeste e ao sul, Corrientes, Entre-Rios e Uruguai, e consiste em um terreno chato e aberto, interrompido por alguns espigões irregulares compridos e baixos denominados ‘coxilhas’, ao redor dos quais o terreno retoma o seu caráter ondulado”.

As coxilhas, vocês sabem, são como nádegas redondinhas separadas por um baixio, voçoroca anatômica, geralmente cabeluda de árvores baixas, e com o correr de alguma sanga. Segue o viajante: “A parte sul (e oeste) do Rio Grande é, pois, especialmente um território baixo que, sem limites naturais próprios, é continuado nos países vizinhos e, como neles, quase sem matas”.

Bem aí, aqui, fica Nova Hereford. E temos “vida econômica mais comparável com os estados do La Plata, tão afamados por sua população valente de ‘gaúchos’ e de ‘campeiros’, por suas ‘estâncias’ com a importante criação de cavалares e bovinos, e suas ‘charqueadas’ e ‘saladeros”’.

5.2.1. Coxilhas charqueadas

Atentem para Lindman: “a ‘campanha’ do Rio Grande é, por um lado, o oposto à vida das cidades, e, por outro, à vida dos colonos nas regiões florestais”.

Entenderam agora? entenderam por que gringo não é gaúcho? Porque nunca foi, ora.

Para encerrar com o sueco, diz ele que “houve talvez um prazo imenso durante o qual rolava as suas ondas sobre a campanha o mar”, o que comprova a pertinência das metáforas campeiras, como o “pampa é o verde mar encapelado de coxilhas” ou “nas ondas do pampa verde, surfei como em Papeete” – esta de autoria de Sirley, o filho do velho Nunes que, com a morte do pai, arrendou toda a estância e nunca mais saiu daqui, nem pra ir no afamado putedo de Alegrete.

O padre Rambo, em livro de 1956, afirma algo alarmante:

– O que Lindman enuncia modestamente como hipótese, a nós nos parece certo: o mato está em avanço.

O quê? O mato?⁴²³ Barbaridade.

Por isso não podemos dormir no ponto. As chircas estão vindo e precisamos delimitar firmemente nosso espaço pampeano. Bobadela e Valdelírios, fora. Bandeira e Borges do Canto, sim, mais Bento Manoel, seu amigo Rivera, Sepé, Polidoro, Venado, Rosas, Urquiza, Lavalleja, o abarbarado Quiroga, Peñaloza, Varela, Neto, Canabarro, o visionário Artigas, Latorre, Tavares, Honório Lemes, Vargas e este Gumercindo virado em cabeça que desce o rio e vai ganhar o mar, as coxilhas charqueadas do oceano.

⁴²³ (para o gaúcho, acostumado ao pampa, qualquer mato tem coelho. Um deles escreveu: “Não me mato/ Porque tenho medo/ Do mato escuro da morte...” Não se morre mais às claras, no campo de batalha, com a lança furando o peito bem no rincão da alma.)

5.3. Hospitalidade

Conhecem a **Copla de Assobiar Solito**, de L. C. Borges e J. F. González?

Pai e filho vão camperear, o pai “assobiando qualquer coisa doce, como se fosse de luz de luar”. Mais tarde, na cidade grande, o filho pega-se assobiando a mesma “copla terna”, “ensimesmado em seu próprio ser”, herança que lhe “acalentava a infância” e que “era parceira apenas campo fora”, não no “galpão da estância”. E ele está campo fora, “tropeando ruas” em busca de si mesmo. O galpão da estância ficou lá, cada vez mais tapera.

Antes, as estâncias meio mais ou menos, estância, não chácara, tinham dez peões; hoje, um ou dois, quando muito. Nas cidades da fronteira oeste, há 40 anos, a população dividia-se entre o povo e o campo; hoje, Nova Hereford, que é a mais campeira, não chega a contar 10% de gente que vive pra fora. O pampa voltou a ser o deserto do século XVIII, com as mesmas guerras de apropriação do que está parece que de balde – uns dizem que sim, outros que não –, mas, olhando assim, olha que, a menos que a vista nos esteja falhando, periga que sim.

Um gaúcho no corredor se vê; em grupo, ah, aí já é difícil.

O assobio que volta e meia se escuta no silêncio do descampado bem pode ser uma nota da **Copla de Assobiar Solito**, coisa de algum passarinho ensimesmado. Em grupos, os gaúchos só andam mesmo nos preparos pro dia 20. E, de uns tempos pra cá, formando piquetes a mando da patronagem, pra dar um susto em algum político do PO que visita a cidade ou pra fazer vigília em frente a alguma estância invadida pelo Sepé.

Esses tempos até, se pilcharam a preceito e se foram pra cidade, uns daqui, outros dali, pra “receber” uns graúdos do Movimento. Fizeram o cerco no clube onde eles tavam fazendo a politicagem deles⁴²⁴ e, na saída, botaram os cavalos por cima e dê-lhe relho onde pegasse. Nem mulher escapou – quem mandou se entreverarem em coisa de homem? –, ora bolas. Uma, o Feliciano derrubou com um tapa na paleta. O chefão teve que sair a trote largo, protegendo a nuca e se abaixando que nem esses descadeirados que passam a vida com a bunda no sofá e “ai, que dói o ciático”, senão, a guasca ia deixar-lhe marca. Outro levou um bofetão nos beijos, ficou todo arreganhado, mas não parou de correr até se esconder no auto, de onde saíram voando pro aeroporto.

Bá! Não ganhou hora-extra, a peonada, mas se divertiu como há muito tempo não fazia.

5.3.1. Gado alheio

Outra farra da boa foi a vigília da Fazenda São Pancrácio.

Durou dias, à base de carne gorda e canha especial. A indiada de todo aquele bojo ali, que tem umas quantas propriedades, foi convocada pra sentar praça. Foi lindo. O Lombriga, quando bebe, conta sempre a tal história, rememorando o encontro com quem não via há anos: o Luca, o Albenoir, o Quero-quero, o Xanduca... Sua patroa só deixou o caseiro nas casas, pegou a Ranger, os dendém dela, e foi também, só que, claro, ficou com os estancieiros, mais de cem conduções e máquinas trancando a estrada. Dormia nas fazendas próximas, com as outras produtoras do Grêmio, mas o macherío ficava na estra-

⁴²⁴ (assunto controverso no Instituto)

da mesmo, em barracas, dando tiros, cortando carne e contando piada de sem-terra. Os empregados dormiam nos arreios, mais perto da porteira da estância invadida, e se tapavam, como diz o outro, com as estrelas – ainda bem que não choveu, a estiagem já vinha braba –, sempre meio mamaus, não tinha muito o que fazer, só ficar olhando pros bandidos⁴²⁵ lá dentro, dava um sono; só bebendo mesmo.

A patroa do Lombriga, pra se precaver, chamou os “criadores de corredor” da volta e os pequenos, sempre apertados de pasto, pra que botassem seu gado nos campos vazios dela. A estância ficou produtiva de uma hora pra outra, tinha gado saindo por cima da cerca de tanta lotação. Mas, também, conta o Lombriga, “quando os do Sepé deixaro a São Pancrácio, ela mandô, mediatamente, a gente tocá pra fora todo o gado alheio, foi aquela mistura no corredor”.

5.3.1.1. Foi bem feito!

O Lombriga já anda cheio:

– Ela é tão boazinha que chegaro dois andante pedindo pra comprá um pedaço de carne e ela, com aqueles óculo que tapam bem dizê toda a feiúra dela, disse que de jeito nenhum, que a estância não era açogue. Eu fervei. Tava carneando e, no separá as chúria que levava pra casa, era sábado, moro ali pertinho, na Sina-sina, guardei o mondongo, a coaieira, a tripa gorda e separei o sangrador. Guardei as carne no frizer e me mandei. No que saí da estância, a uns dois quilômetro, tem um socavão onde corre uma sanga e tem uns pé de sombra. Os andante, bem como eu pensava, tavam ali, fazendo um fogo e assando umas batata. Dei preles o sangrador que trazia separado e eles não queriam aceitá, ‘vai le fazer falta, o senhor deve ter fio, quisperança...!’ Eu disse, podem pegá. Sou carregado de fio, mas Deus, quando deu, deu pra todos. Ninguém sabe o dia de amanhã e, se eles percisarem, hão de tê quem alcance um pedaço de carne pra matarem a fome. Bueno. Uns dia depois caiu uma tormenta da braba e um raio matou dezessete novia dela. Quando veio se queixá pra mim, ah, não me sofri e larguei: se a senhora desse um pedaço de carne praqueles vivente, o raio não caía. Foi bem feito. Ainda tô lá porque, se saio, vô praonde? E ela me agüenta porque ninguém agüenta ela.

A conversa tá boa, mas temos que ir adiante. Vamos tomar só mais um, o mate pro estribo e a bomba pro passador.

3.19. O rum-rum

Bueno. Falávamos mal do Rivaldir, pra variar, que tratou de esconder-se, “enfermo”, quando a coisa esquentou mesmo pros lados do Inhanduí.

Já na batalha da Jararaca ficara como no seu gabinete, sentadote numa pedra – pra não sujar os fundilhos – fora do alcance do inimigo e da chacota dos amigos, no campestre de um matagal que tinha por ali. Agora, que todos os homens preparavam-se para o grande entrevero, caía dodói.

Não os intrépidos João, Mata e Saia. Enturmados com os federalistas, que, afinal, falavam a mesma língua fronteira – e era um rum-rum exaltado, de hombres prestes a

⁴²⁵ (controverso, repetimos)

matar, ou a morrer –, os fundadores chegaram-se a um grupo de correntinos que, logo souberam, viviam lá e cá, dependendo de como iam as coisas. Refugiados em Artigas, depois de uma escaramuça no lado argentino, contavam a respeito de seu parceiro morto pela polícia de Monte Caseros, o Gato Moro.

Quem não ouvira falar do Gato Moro nos arredores da tríplice fronteira? Quem, gaúcho de verdade, não admirava suas façanhas e sua coragem?

3.19.1. *El Gato Moro*

O homem falava pausadamente, entre goles de ginebra, e, se via, com a amargura de quem ficara marcado pelo golpe. Alfredo Ebelot,⁴²⁶ em livro de 1890, disseminara o nome, Gato Moro, que, das páginas encadernadas, como que desfolhadas ao vento outonal – era mayo –, transformara-se em lenda, reverenciada nas charlas de campo e nas pulperías. Disse: “la ferocidad del Gato Moro no se ablandó y há quedado hasta su fin a la altura de su sombría fama”.

Ebelot reproduz suelto de um periódico de Buenos Aires:

“El miércoles tuvo aviso la policía de Caseros que había pasado Gato Moro y su gente por aquel pueblo en una chalana, con una vaquilla que habían robado. Despachó el activo jefe político D. Oscar Domínguez una comisión al mando del alférez Ballejo a recorrer la costa del Uruguay en persecución de la chalana, la que fue encontrada en la barra del arroyo Mangangá.

“Gato Moro procuró ocultarse al ver que huían sus compañeros, pero el oficial Ballejo no le dio tiempo, y acorralado como se acorrala un tigre, procuró no caer en manos de la policía y defender su libertad como los tigres la defienden. Al dársele la voz de preso, armado de un facón y de una pistola contestó: ‘Solo muerto me han de llevar. Un gaucho como yo no se rinde a la policía’. Los agentes de la autoridad, al ver la resistencia que ofrecía el célebre bandolero, cumpliendo con su deber, le hicieron fuego, cayendo herido de muerte para no levantarse más.”

O periodista assinala que Gato Moro “tenía una larga cuenta con la justicia” e que “últimamente había sentado sus reales en Santa Rosa, donde cuatreaaba a mansalva, siendo el terror del lugar”. Diz ainda que ele e seus companheiros, “los salteadores Romerito, Fulgencio Borda y Leocadio Leiva, ejercían el bandolerismo más salvaje en aquella parte de Corrientes y en el departamento oriental de Artigas”.

3.19.2. *“No votaban con docilidad”*

Contava a desdita, entre goles de ginebra e sempre na companhia de Romerito e Fulgencio, o gaúcho Leocadio Leiva. A história desses cuatrereros era sempre a mesma: trabalhavam, tinham família, levavam a vida simples e honradamente como qualquer, até que um dia tinham que fugir da polícia que ia atrás deles para mandá-los, presos, lutar em algum batalhão de fronteira. Por que razão o faziam? “Porque el juez de Paz codiciaba su mujer, o un oficial de la partida su parejero, o porque no votaban con docilidad,⁴²⁷ u otros análogos motivos” – explica AE. O francês também era metido a entendedor de gente e

⁴²⁶ (AE)

⁴²⁷ (exemplo pros castilhistas, essas selvagerias?)

por conta disso filosofava que às naturezas impulsivas “y más estrechamente dominadas por las fatalidades de origem – los analfabetos, los aldeanos, las mujeres” – não são antipáticos “los criminales”.

Perspicaz, o homem.

João, Mata e Saia, analfabetos, sim – como não? –, mas aldeões, tá brincando? – gauchos, cuñao, de lei! –, e mulheres? – por menos, vários foram parar embaixo de uma cruz –, acercaram-se do grupo, simpatizando de cara com o jeito largado deles, melenas e barbas bastas, e, vejam, ainda usavam chiripá, os patrícios, largos e coloridos. Não mais se desgrudaram até o três de maio, no Inhanduí – por selvagens, malhechores, diriam alguns finórios; por bravos, que é o que vale na peleia, dizemos nós –, quando a derrota dispersou as forças maragatas e apenas a coluna de Gumercindo continuou a luta no Rio Grande, com seus 1.100 homens, entre os quais Mata-Sete, que virara seu confiança.

3.20. Pueblos de ratas

João Burro e Saia-Curta desprenderam-se da tropa e largaram com Romerito, Fulgencio e Leocadio atrás de outras guerras, mais particulares, ora de um lado ora de outro deste regalo pampeano que é o rio Uruguai. Mata, no entanto, tipo às vezes estranho aos seus próprios íntimos, que não compreendiam seus deslumbramentos, os ímpetos ocasionais e categóricos de um caráter no geral tão previsível, firmou posição: “não vou”. Disse: “não vou e pronto!” Entonces... Despediram-se com um “até breve”, que os três fundadores pretendiam retornar a Nova Hereford e aqui terminar seus dias, mas Deus, ah, Deus... melhor nem falar.

Os que foram, num aperto, tinham conhecidos – dos correntinos – em vários dos pueblos de ratas que pululavam na Banda Oriental, rancherios miseráveis frutificados – mio-mios – a partir do avanço das cercas e dos trilhos, que trouxeram para o pampa uma nova paisagem, retalhada, pro causo, acoquinando os gaúchos, cada vez em menor número necessários nas estâncias e em maior número devalde, marginalizados, como diz Joseph Love, não lhes restando outra alternativa que não retalhar de volta, tirar nacos de vida de onde sobrava – tal e qual o gaudério de cem anos antes a que o progresso os tinha obrigado –, compelidos pela *gana de sobreviver muito bem figurada, a propósito, pelo secretário de estado aquele, poeta, que afirmou publicamente ser capaz de roubar um pão para matar a fome de seu filho, corajoso e verdadeiro esse homem, preferindo expor sua humanidade profunda a esconder-se atrás de meias-palavras, que, da boca pra fora, são apenas sons sem nenhum sentido*, ruídos que, valha-nos Deus – se existe –, os microfones demoníacos reverberaram, oh!, expandem, oh! oh! oh!, estardalhaçam, oooooooh!, enquanto que a palavra exata, a palavra oportuna, a palavra humana, única possível – disse-o Barthes –, se o homem o é na linguagem, *a palavra digna, a palavra, caro poeta – diante de ti, a oratória ajoelha-se*, Silveira Martins é nada –, como na tirania, é conspurcada.

Saiba, companheiro, que ainda hoje em Nova Hereford, alguns dizemos “sim à vida”, frontalmente como deve comportar-se um gaúcho, e que, para salvar um filho da fome, somos capazes – palavra de honra! – de matar. Assim também pensavam os tauras marginalizados daquela época; assim agiam – nosso orgulho! – os fundadores. Mata-Sete ficara entre os maragatos de Gumercindo pela mesma razão que levou João Burro e Saia-

Curta a irem-se com os correntinos. Nova Hereford, vejam, não era muito mais do que um pueblo da ratas e seus filhos cresciam lá; algo por eles, pela pátria – que é “a infância”, disse alguém – tinha de ser feito.

Mas uma outra razão movia Mata ao imobilizar-se ali entre estranhos num bivaque que logo rumbearia pra outros nortes: o grande Gumercindo Sarabia.

4.12. Cada federal!

Em Nova Hereford temos um cinema.

Na verdade uma pequena sala que era o poleiro da sala antiga, glamourosa, que deu lugar a uma asséptica loja de departamentos. Chama-se Cine Oliú⁴²⁸ e tem como especialidade filmes de rala-rala.

Às vezes, no entanto – o dono, programador, bilheteiro, faxineiro etcétera, é um homem de outra época e não raro é ludibriado pelos títulos e apresentações, todas elas fantasiosas, sugerindo gemidos –, o Cine Oliú passa alguma coisa que pode ser qualquer coisa menos pornografia. Os freqüentadores assíduos, nesses casos, saem na metade, reclamando: “uma bomba!” Foi o que aconteceu com **Miss Julie**.⁴²⁹

O que parecia ser uma sessão de tira-e-bota entre a condessa e o engraxate, revelou-se, segundo a Professora Noêmia, da Academia de NH, “uma interessante análise da questão da luta de classes na Suécia de fins do século XIX”. A professora Noêmia é uma stalinista-democrática de primeira hora, mas, solteirona e contumaz freqüentadora do Oliú, diz-que na salinha escura transforma-se em uma, por assim dizer – à boca pequena!? – hedonista epigástrica de meter medo nos mais notórios afogadores de ganso do baixo meretrício. Pois a professora contou que Miss Julie olhou para o engraxate e, penalizada, disse:

– Deve ser horrível ser pobre.

E o serviçal, talvez com outras palavras, respondeu-lhe:

– Sim. Um cão pode aninhar-se em seus braços, um cavalo pode receber seu carinho, suaves tapinhas no pescoço, mas um criado não.

O criado até fornicava com a condessa no filme, meio que animaisicamente, num desvão da cozinha, mas, sim, é horrível ser pobre. Em Nova Hereford, então, bá! Tem muitos que tomam cada federal!

Um atrás do outro, curando a ressaca com o novo porre, muitas vezes não tanto pelo gosto – amortecido pelo álcool –, como pelo desgosto, este jamais aplacado enquanto o sono não os derriba, pesados como mortos, na mesa, na sarjeta, onde Deus abre vaga em sua onipresença e, ao menos daquele escuro, pode descansar.

4.12.1. Audacioso, o poca-bôial

A perna do vô do Hector, só para darmos um exemplo recente, ficou horas ali, atirada num canto, porque não tinha um pacote onde pudesse ser posta para que a levassem para

⁴²⁸ (mesmo nome do cigarro, “Me dá um Oliú”, “Bá, te devo. Tem Continental e Belmom”, “Não, me viciéi no Oliú. Capaz que no seu Bruno tenha...” “Pode ser, pode ser.”)

⁴²⁹ (de Mike Figgs)

ser incinerada. E foi mesmo num desses de embrulhar carne – *ai, ai, ai, carne que era* –, pelas mãos do neto, horrorizado. Se fosse a perna de um rico, até enterro com pompa teria: “aqui jaz a querida e prestimosa perna...” Estão brincando conosco! Óia!...

É verdadeiramente horrível ser pobre, como somos, a maioria, em Nova Hereford. Mas resistimos!

O que nos tapa de nojo é quando vem um ignorante qualquer e deprecia nossa tenacidade. Esse Euclides da Cunha já tá passando dos limites. Fala que o gaúcho é “inimitável numa carga guerreira”, “transmutando o cavalo em projétil”, mas logo vem a paulada:

– O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Que audácia do pouca bóia! No frigir dos ovos, está dizendo que o gaúcho faz teatrinho enquanto que o nordestino é o realmente valoroso.

Mas, e a história?

Ele fala de Canudos, daquele bando de fanáticos esfaimados?

Pois quem foi lá acabar com eles foi a soldadesca gaúcha, degolando inclusive, que faz bem pra tosse.

O gaúcho garantiu este chão na ponta da lança seca; o gaúcho ganhou todas as guerras importantes para o país; sem soldados gaúchos no combate, o general mais napoleônico combalia e adeus-tia-chica! A vereadora Açucena terá de chamar à Câmara para explicar-se – a exemplo de Darwin, não podemos olvidar – também este borra-botas metido a sabe-tudo. Sabe tudo, mas garanto que nem montar direito sabe.

I.I6. Lombrigas

Nós já estamos murchando no galho, mas é preciso que os que ficam entendam como as coisas foram deveras.

Dizem que quem bebe da água do Ibirapuitã, que corta nosso departamento, apaixonou-se pela terra e um dia volta. Lenda! Mentira! É que somos mesmo uns párias. Quem toma a água do Ibirapuitã – e nem falamos do Caagai! –, onde deságua boa parte dos esgotos das cidades de Nova Hereford, de Alegrete e de Polianga do Sul, mais os venenos das lavouras, tudo direto, sem nenhum tratamento, acaba ficando doente.

Uma vez, a Matilde, vizinha, chamou a Tunica aos gritos que o Edvaldo, filhinho dela, tava “todo mol”.⁴³⁰

A Tunica – que é muito prestativa, o Doutor patrão dela vive elogiando –, correu e viu a coisa preta. Acostumada com o sofrimento – quantos parentes enterrou? –, a Tunica; pobre, no ser pobre, desenvolve não-razões que resultam em uma práxis⁴³¹ que, sabe-se lá como, dá certo. Dentro desta lógica do pauperismo, Tunica olhou pro guri atirado na cadeira, branco meio cinza, quando no natural é mulato, e pensou: “o mundo está virado, meu Deus, essa criança vai morrer”. E, imediatamente, “me ajuda aqui, Matilde”, botou o guri de ponta-cabeça e o sacudiu, chacoalhou, como quem quer esvaziar totalmente um saco.

⁴³⁰ (sintoma de muitas doenças nesta região, já não é hora de ir fundo?)

⁴³¹ (grupo stalinista-democrático – sempre assinamos, assim como as bombas que atentamos!)

Foi então que ele deu a primeira golfada.

Na segunda, apoiaram a cabeça dele num balde e o guri não parava mais de lançar. Eram bolas de vômito que, uma vez espalhadas no fundo do balde, revelavam-se vivas, um monte de lombrigas cor de coral mexendo-se, umas entreveradas nas outras, deslizando na gosma que aquilo ficou. Pior do que os oxiúros, mínimos, e até do que as solitárias, que são defecadas aos pedaços, mortas, as lombrigas podem afogar e matar uma criança, pela consistência que tomam em quantidade; saem pela boca, nariz, ânus e até, dizem, pelos olhos e pelos ouvidos.

A comadre Terezinha – o Osvaldo era vivo e ela estava bem, todos estávamos, ó sina – contou que, lá no Itapororó, uma guriazinha ficou com problemas mentais por causa disso, “coisa horrível!” Já imaginaram as minhoquinhas rosadas saindo pelos olhos?

1.16.1. *Muge, bale, relincha...*

Mas o importante é que o Edvaldo se salvou.

E aí é que Otacílio não entende. Onde estava com a cabeça a Tunica que não atinou que aquilo na Andressa podia ser por causa dos piolhos?!

A guria quase sempre tinha piolho, como a maioria na vila. Todos os dias as mães dão uma olhadinha no cabelo das crianças procurando lêndeas, que são aqueles ovinhos gordinhos, meio translúcidos que grudam e deixam os fios meio que com pontos brilhosos, estrelados. Os piolhos são mais de caminhar, gostam da parte de trás das orelhas, mas se espalham por tudo, uma praga. As mães ficam que nem macacos, catando. Acham um, seguram, puxam pelo fio do cabelo para que não se perca e estalam o bicho contra a outra unha.

Antigamente, usavam o Ungüento Soldado.

Emplastavam de pomada o cabelo e botavam uma touca. Depois de um tempo, lavavam bem a cabeça e, com o cabelo molhado, passavam o pente fino, de trás pra frente, pros que ainda tivessem vivos caírem num pano que abriam no colo do piolhento e ali serem catados e mortos. Quem não tinha o unguento, usava Neocid, mas era perigoso pras crianças, Otacílio sempre ouviu dizer. Outro remédio que Otacílio lembra da infância na campanha – oh, devaneios saudosos da aurora da vida outrora! –, mas este era especial pra tirar as lêndeas, que, de toda a imundície, são as mais grudentas, é a língua de vaca.

Se tirava a ponta da língua crua, claro, uns dois dedos pra poder dobrar em trouxinha e ficar bem ouriçada, assim, cheia de, bem dizer, chupadores, áspera tipo umas esponjas, como lixa, e se passava ela, mecha por mecha, no cabelo, porque, vejam, a lêndea pode até estar morta, mas pra tirar é difícil coisa séria, ela murcha, bã, uma luta.

Otacílio cisma – como Juca Mulato, que caiu de amores por uma branca, história batida em Nova Hereford, e Tunica nem branca é –, cisma com o que fez ou deixou de fazer e, enfim, botou a mulher tão de vento norte. É que a cidade é um antro. Zitarrosa bem que cantou: “No te olvide del pago / Si te va para la ciudad / Quanto más lejos te vayas / Más te tiene que acordar”.

Ali, na vila, na canícula fedorenta do amontoado de gente e lixo dos arrabaldes, onde nem um arzinho corre, o pago está lejos, tan lejos que nada muge, bale ou relincha.

2.9. Terreno fronteiriço

Otacílio acorda cedo, pra tomar mate com a mulher, mas ela nem lhe dá as horas.

Arruma a filha – outra, depois da operação da mãe, risonha como era de seu temperamento normal –, deixa-a na vizinha e sai pro trabalho na casa do Doutor Sandoval, homem compreensivo que por certo vai-lhe perdoar a falta de ontem.

O gaúcho perscruta⁴³² o céu, limpo de cegar, o sol lançando todas suas flechas ultravioletas já de manhãzinha. Vai ser mais um dia de matar, pensa, antecipando o que tem pela frente e que é tão simples, tão simples que não há como não complicar. Um homem sem cavalo e sem arreios precisa desfilar no dia vinte – e vai! – e vai, desde que ache o Seu Valentinho, basta que o Seu Valentinho empreste o que precisa, tão pouco; assim que conseguir falar com o patrão, envolvido com as coisas da exposição e, agora, com essas imundícies do Sepé, que resolveram acampar em Nova Hereford justo na época das festas.

Veste a bombacha, a bota, uma camisa limpa, pega o chapéu escuro e sai pra ardentia da rua: quem não campeia, não acha.

Os que vêem este homem, um entre tantos de bombacha, caminhando na poeira arrabalera de un pueblo del Sur – gente da Metrópole, claro, manipulando a teleobjetiva de uma ciência qualquer, de luvas, como quem, familiarizado com alvas cobaias e hamsters de estimação, enojado, agarra um ratão preto pelo rabo, o insidioso ratão, e o joga no lixo –, logo o etiqueta, manequim de loja, roupa apenas e preço – e preço! –, cobrindo o plástico oco. Um homem que, malgrado sua juventude, tem baixa expectativa de vida, consequência de uma nutrição deficiente – a carne gorda? o carreteiro de charque? –, da insalubridade das casas – os ranchos caiados, de chão batido e santa-fé? –, do seu modo de vida, falando claramente.

É um gaúcho de verdade – pode beliscar que ele te sampa um tapa –, mas, para os da metrópole, em nada difere de um coitado de Serra Leoa, da Somália ou do Iraque.⁴³³

Um gaúcho como aqueles que conquistaram esse deserto e de quem o foram tomando aos poucos, primeiro a terra, os horizontes, e, de saque em saque, até a nombrada, o epíteto tenebroso e depreciativo – coquimbos! pimpões! –, que era um ai-ai-ai, ui-ui-ui só de ouvirem “gauchos”, “gaudérios”, “gaúchos”, “garruchos”, ai-ai-ui-ui, e agora o adotam, o vestem – manequins!, tauras de butique!, mamelucos! –, o cultuam no altar da história – lorota, isso sim, que a ancestralidade é nossa, só nossa! –, e esse gentílico, bueno, o termo já desmoraliza a audácia, ora gentílico... pois saibam, os que não sabem e os que se fazem de loucos pra passar bem, que gentis nunca fomos no desgarronear a rês alçada ou no degolar o inimigo; gentis, na fronteira, nunca pudemos ser, sem tempo pra salamaleques.

Aliás, está no livro do padre Amiot, que traduz a sabedoria do grande cacique yaro, Suntu-açu: “Em terreno fronteiriço, não pare”.

Aqui não é como apoiar vaca mansa, que é só ter onde atar o terneiro; aqui é sempre um vai-vem guerreiro, bochincho sem trégua, os de lá invadindo cá, os de cá invadindo lá, como a aftosa, agora – para que entendam! para que respeitem! pimpões! –, por isso

⁴³² (Otacílio, por certo não “perscruta” nada, como revisor somos obrigados a anotar; Otacílio, “cuba” o céu, meio que “de relancina” e já basta, entendeu os desígnios de São Pedro, gaúcho do Continente do santo.)

⁴³³ (professora Sônia, de geografia e contabilidade)

estamos sempre montados, prontos pra tudo, porque, como disse Niemeyer, “o diabo está na surpresa”.

2.9.I. “Mi amor y mi sustento”

Bueno... por falar em diabo, o Papa anda dizendo – se exibindo! – que é gaúcho. Que fique claro: não, ele não é!⁴³⁴

Compreendemos que todos gostariam de ser gaúchos, mas isto é para poucos e o Papa, definitivamente, não é gaúcho! Mesmo que o polaco tenha se colocado a favor das desapropriações de terra para a reforma agrária quando o proprietário não estiver cumprindo com sua função social, e isso é corajoso, justo, revolucionário, enfim, de certa forma, gaúcho... mas o santo-homem é polaco, esta casaca não se vira.

Até há uma sociedade mais ou menos secreta em Nova Hereford que afirma que o Papa é “a reencarnação de um dos cardeais furibundos do Concílio de Trento, adepto de medievalismos e grande incentivador do santo ofício de Torquemada”. Sociedade de gringos papa-hóstias, inconformados com um sumo pontífice não italiano, na verdade – André Mitidieri, um dos poucos da raça⁴³⁵ que presta em Nova Hereford, que conste, não faz parte da dita sociedade –, um antro de sem-respeito.

Em todo caso, repitamos: o Papa não é gaúcho.

Porque, notem, ele vê pecado em tudo e nosotros, no deserto pampeano, às vezes temos que lançar mão de expedientes para continuar vivendo segundo a Constituição Federal garante; falamos em especial no que toca ao lazer, item desconsiderado ordinariamente e sua falta sendo responsável por muitos suicídios nesta região. Lembrem que por suas altas taxas da barbaridade auto-infligida, a vizinha e desgraciosa Alegrete até saiu na Veja.

Há quem tenha de montar só éguas, embora a grande maioria, tradicionalistas dos quatro costados, prefira tropilhas de cuiudos. Mas há também os teatinos, andantes cada vez mais assombrando as casas com seus pedidos de changa nem que seja só pela bóia. O que possuem estes? Como condená-los pelo que fazem com as mãos? Compreendeu-os muito bem Victor Jara: “Y mis manos son lo único que tengo, / son mi amor y mi sustento”.

Que nos seja breve esta nova Idade Média. O outro Papa, o anterior, que, dizem, mataram no Vaticano, aquele poderia vir a ser gaúcho, um homem santo.⁴³⁶

⁴³⁴ (Don Pedro Casaldáliga, o arcebispo, este até – Pedro... – pode ser. Ele disse que o latifúndio é o “símbolo maléfico do capitalismo e do imperialismo no campo”, que em diabo falamos. O padre Martinho Lens acrescentou que a globalização neoliberal subordina “a Justiça à ganância e o Judiciário aos interesses dos latifundiários”, e que – fechem os ouvidos os mais sensíveis, apertem bem as mãos, pensem em anjos, querubins, serafins e afins – “se o MST não existisse, teríamos que inventá-lo. Bendito seja o MST”, disse o padre, deixando os do Sepé todo alvoroçados... E não é pra menos! Bá!)

⁴³⁵ (a raça genérica dos gringos: todo o lixo que não for gaúcho)

⁴³⁶ (coisa bem diversa de “santo-homem”, encômio burocrático, regalo, pro causo, dogmático)

2.9.1.1. Aymamã

Santo, João Paulo I, por algumas razões que também as tem Otacílio, este que vaga pela rua polvarenta. A principal: a humildade.

Um peão qualquer, exilado de seu trabalho e identidade, que bem pode ser descendente de “la Águila de los Andes”, o grande general San Martín, “el Libertador”, nascido no pueblo de Yapeyu, possivelmente de um intercâmbio carnal de seu pai, capitão, Don Juan de San Martín, com uma índia guarani reduzida. A história oficial, claro, vira a cara para esta hipótese, imagina!? Mas – chama a atenção Arturo Lozza –, San Martín tinha “piel morena cobriza, como los indios”; era o único dos cinco irmãos que “no tenia fe de bautismo”; foi toda a vida “depreciado por la aristocracia que lo tildaba de ‘tape’”; não teve quase relações familiares “com sus supuestos padres y hermanos”. Para tantas evidências os acadêmicos não deram pelota, porém horrorizaram-se porque “se dio a conocer que San Martín sufría de hemorroides y que Belgrano u O’Higgins le aconsejaban qué hacer para aliviar el dolor”.

(É impressionante – devemos abrir ilhargas para este oportuno comentário – como os grandes homens sofriam, e sofrem, deste mal constrangedor, as hemorróidas. Não é só o Coronel Trajano, de Água-Clara, que, pelo menos este teve o lenitivo do permanganato de potássio e do dedo massageador do Guedes, mas aqui mesmo, em Nova Hereford, hay disso cosa séria, talvez pelo hábito de montar, pela dieta pouco fibrosa... o caso é que, bueno, todos conhecem o episódio do Doutor Coutinho, que, desesperado de dor, enfiou um aparelho oblongo, meio que vivo, pulsante, no ânus vaselinado – não agüentava, o homem – e não é que as entranhas sugam a coisa e, bá, nem é bom pensar. Foi parar no hospital, como o artista aquele, da cenoura, mas artista, sabe como é, são tudo meio-meio.)

Diz muito bem Lozza que “los pueblos necesitan humanizar a sus héroes, bajarlos del caballo” – ó! viram? – “y del bronce, para transitar con ellos los caminos que todavía faltan recorrer”. Pois, filho natural dos ímpetos amorosos de seu pai com uma chinoca, conjectura-se que favoritos da esposa do Don Juan, Gregoria Matorras, teriam posto a correr a dita índia tão logo dera à luz al “tape de Yapeyu”.

Corrida – vejam o que sofre uma mulher neste mundo, despojada de seu filho, o filho, já pensaram?, razão maior da existência das coitadas, pegar cria, dar machos sadios para seu homem, e ela o fez, e nada menos que San Martín!, “el héroe de Chacabuco”, vejam o que sofre, como terá sofrido ao Deus-dará, sin cojones –, corrida pro outro lado, este de cá, varou o Aferidor e, segundo pesquisa minuciosa do falecido professor Acácio junto aos prostíbulos ribeirinhos, onde encontravam guarida as chinoquinhas desenca-minhadas, isso lá pelos anos 20 ou 30, a tal chamava-se Aymãmã.

2.9.1.2. Rasgando frinchas no frio

Aymamã – observem quão mimoso nome, *mimoso, a lembrar, mãã, o filho que da mãe tiraram, um lamento, ai, mãã, e, mesmo pelo que significa na língua deles, cercar, rodear, que essa chinoquinha ficou arrodando Yapeyu e, à noite, passando embuçada na frente da casa do capitão, muitas vezes lá foi para ver se enxergava o inocentinho por alguma janela –, Aymãmã chamava-se e, não contentes em atirá-la pra banda de cá, ainda, os desalmados, a escorraçaram pra mais longe, onde hoje situa-se a progressista e impá-*

*vida Nova Hereford, local que, à época, não passava de um punhado de arranchamentos, mais pouso pra nômaes, mais camping pra tolderías. Então a história de Aymãmã – a índia que, arredia, estava sempre a chorar nos escuros, aaaaaaaaaiiii!, o aaaaaaa derramando-se como uma baba sonora e dorida mas, de tal forma ancha, que dir-se-ia⁴³⁷ acalentava o desolado pampa, e então o iiii, o iiiiii, como punhais de gelo, rasgava frinchas no frio, sibilante –, da pobre Aymãmã, pode melhor ser rastreada pelo estudioso neoherefordense porque, como é comum em muitas famílias antigas, os nomes costumam repetir-se e outras Aymãmãs através dos tempos nasceram, cresceram, reproduziram-se – dever “de cada vientre femenino que, salvo causas extraordinarias, debe procrear siempre”, diz Javier de Viana em **La Biblia Gaucha** – e morreram, seguindo a lei bem gaúcha de Deus.*

A avó de Otacílio tinha esse nome e sua mãe atendia por Maria Aymã, Maria em homenagem à Virgem, pois que o parto foi difícil e só a promessa salvou a parida e a que pariu, e Aymã porque, somado a Maria, ficava mais bonito assim pela metade.

2.9.1.3. O conto do Tio Tino

Otacílio, caminhando na manhã polvarenta, pensa que, sim, bonito.

E noutras coisas que se criou ouvindo, sempre com um pé atrás, pois o Tio Tino gostava de aumentar os causos e tava sempre borracho. Mas, antes de morrer, chamou o sobrinho, puxou-o mesmo pela gola – o bafo de canha choco impregnado em sua roupa – e balbuciou “é verdade”. Disse “é verdade”, teve um acesso de tosse, vomitou, afogou-se no vômito, se mijou, se traqueou, se cagou e morreu.

Contava o Tio Tino que há muito tempo, pras bandas do Inhanduí, os lusos ergueram uma capela. Por ali havia alguns arranchamentos, nada que não pudesse ser levado de a cavalo ou nas costas pra mais ali, acolá. Uma capela no deserto fizeram, simples, mas com grandes propósitos: fincar pé, alargar e garantir as fronteiras pampeanas para o Império.

Ora, mas, já ouviram falar de Artigas?⁴³⁸ El Protector de los Pueblos Libres queria uma América para os americanos e, no que lhe tocava, uma Patria Gaucha, reunindo a Banda Oriental, Entre Ríos, Corrientes, Santa Fe, Misiones, Córdoba e – sim, que éramos d’Espanha, cutucando com vara curta o Império –, a porção gaúcha da então Capitania Geral do Rio Grande: sua metade sul e o território dos antigos Sete Povos.

Estão acompanhando?...

Por isso, em 1816, Andresito Artigas, o Guacurari, cruzou o Cuareim e se veio. O general Thomaz da Costa, comandante de Curado na região, capou a mula pra junto deste “com os habitantes da fronteira e todos os moveis que poderam estes carregar comsigo”, conta Luiz Araujo Filho, com sua fala peculiar.⁴³⁹

⁴³⁷ (última mesóclise para a qual chamaremos a atenção dos que resolvem isso de adotar livro em escola!)

⁴³⁸ (mas, como não?! Só se chegaram atrasados nesta charla de galpão, um que outro copito de ginebra...)

⁴³⁹ (essa coisa de falas, já dizia Pascal, “saber escrever bem, é saber pensar”, mas as coisas mudam com o tempo, ora “comsigo”, e mudam tanto que Don Bagayo y Balurdo em boa hora consertou o colega pensador: “Saber escrever bem é fazê-lo de modo que o professor entenda”. Genial, isso, porque, perguntafirma o filósofo, fã dos cadernos de caligrafia, “como é que nós vamos poder dar as notas para os alunos se não entendemos os garranchos deles?!” Genial e muito prático...)

Ao chegar Andresito à Capela do Inhanduí, não encontrou vivalma e tocou fogo em tudo. Havia, no entanto, vida por lá, *ai, ai, alma não sabemos, que para Aymãmã – que não foi com os outros e com os móveis, ela mesma um móvel talvez, imobilizada de dor, sem ânimo para mexer-se de onde enrodilhara-se – aquele macio rechonchudo e quente, tão distinto da vida, áspera, e, no entanto, vivo, vivo!, que gerou e que arrancaram de seus abraços, do ninho que Deus deu às mães, de pança, seios, braços, redondos também, de aninhar, pois, ninho, este vazio que tem contorcido de dor, aquele que falta, amor, para Aymãmã talvez fosse alma, o que os outros chamam alma e que os índios não tinham anos antes, segundo esses outros, os mesmos que arrancaram a sua, roubando-lhe El Libertador...*

2.9.1.3.1. Limpianado el sable

A índia estava quieta, deitada no chão de uma choça de barro, sobre um pano terruño, mimética em su piel morena cobriza, encolhida e quieta, com o queixo entre as coxas e as mãos en las rodillas, seus olhos negros, muito abertos e fixos, crepitavam, espelhando as chamas que iam consumindo o mundo. Foi quando entrou o homem, el hombre con su vincha, sus manos, sus cojones y... Bueno, arrastou-a pra fora e a levou meio assim, aos trambolhões, até uma canhada atrás de uns matos de espinilho e umas touceiras altas, onde a currou – hay que limpiar el sable! –, rápido como um cuiudo, e a emprenhou, a chinoquinha quieta, que chorava, aaaaaaaaaaiiiiiiiiiiiiiiiii!, quieta, com os grandes olhos fixos de morto.

Quando foi dar, em farrapos – quanto tempo depois? dias? meses? –, em um rancheiro – onde? perto dos mangueirões em ruínas do Yapeyu-Puitã? –, disse que, el hombre, o chamaram de “Andresito”; e todos olharam-se, respeitosos, “o Guacurari!”. Otacílio descende desta mulher, o professor Acácio, genealogista de fama internacional, não tem resquício de dúvida. Sendo assim, corre em suas veias o sangue de Artigas – se Andresito era mesmo seu filho, e, se não era, o tope do grande tinha –, e, por Aymãmã, vejam, “la Águila de los Andes” era el hijo robado de sua tataratataravó.

Tudo isso lhe contava Tio Tino, sempre com o acréscimo de um ou outro detalhe, tornando-se mais minuciosa e épica a narrativa à medida em que o álcool, este componente poderoso da consangüinidade fronteiriça, pesava a língua do historiador, tornando quase incompreensíveis as palavras escorridas pelos beijos. Antes de morrer, no entanto, ele disse: “é verdade”.

Carlos Maggi afirma que, “cada vez que un testigo jura decir la verdad, toda la verdad y nada más que la verdad, está mentiendo”. Bueno. Pode ser. Mas Tio Tino não foi tão abrangente, ainda que cabal: antes de morrer, disse apenas “é verdade”.

Só.⁴⁴⁰

5.4. Interesses alheios

O velho Lombriga, sempre daquele jeito, agora lá na vigília: com mosquitinho faz um baita prato de sopa...

⁴⁴⁰ (só, e, para nós, basta!)

A menção ao velho Lombriga, bicho bom, índio campeiro, vaqueano nas questões mesmo de responsabilidade da estância, tendo que sujeitar-se a ficar de guarda, bem dizer, daquela gentama maltrapilha, se tem o lado bom de beber com amigos antigos, tem o outro lado, que o Pereira sempre levanta quando ele dá de contar o acontecido, o lado de que se estava ou não do lado certo.

– Pra mim, vocês tudo ali, tavam mais por baixo que cu de cobra! – sentencia o Pereira.⁴⁴¹ – E o cobreriio nas camioneta, metendo em vocês, fazendo vocês de brinquedo deles!

Lombriga pode ser até parecido, magro daquele jeito, mas de cobra não entende nada, mata e pronto. Quando, porém, o Pereira diz que os patrões são tudo “cobra criada”, ele sente um arrepio como diante da cascavel e balança, balança, sem saber em que conta botar o que o amigo diz: se na de pau mandado da mulher, metida com politicagens; se na de paisano, amigo de toda hora, franco quase à brutalidade, mas nunca enredado em costura como os piolhos – que tão aumentando nestes tempos oscos que nem é bom comentar.

Se Lombriga fosse cobra criada, saberia ler e leria o que escreve SP sobre 93:

– Peões de estância, “crias” de fazenda, agregados dos senhores de terra, marginais do campo, despossuídos: foi toda uma massa coagida a lutar por interesses completamente alheios.

Como em 93, o tempo das papeletas também contrariava a tal liberdade do gaúcho propalada aos quatro ventos; na verdade três, o minuano e o pampeiro, das quinas do sul, sudoeste, e o leste, brisa constante, o norte não é vento é mau presságio, como tudo que vem donde não é o pampa, Ana Terra já sentia.

Como em 93, 35, 65, 23... sempre, as papeletas eram documentos que por sua própria existência declaravam extinto o direito de ir e vir dos não proprietários.⁴⁴² Talvez fosse uma primitiva manifestação da dita “liberdade com responsabilidade” que aterrorizou o Brasil inteiro no tempo do “ame-o ou deixe-o”: os possuidores do documento eram livres, mas sua liberdade só poderia ser gozada dentro do que permitia-lhe o responsável que abaixo assinava. Muitos que a amavam – a liberdade! –, porque verdadeiramente amavam, abriram os panos. Outros...

Não devemos julgar os outros – aqui não se discute política, religião, futebol, cavalo e mulher. É preciso dizer, no entanto, só por dizer, como quem assobia a **Copla de Assobiar Solito**, que em 93 não só os maragatos buscaram forças nos guerreiros da Banda Oriental, mas também os republicanos; e que ambos os exércitos obrigavam seus prisioneiros a pronunciar a palavra “pauzinho”, tarefa, como se sabe, impossível para um platino, que, desmascarado, na hora ganhava sua gravata colorada.⁴⁴³

Gaúchos matando gauchos, irmãos do tronco gaudério que engalanou de heróis o pampa.

Porque o pampa, de uma vez por todas, é um espaço, pátria de todos, pago sem lei nem rei.

⁴⁴¹ (e não nos acostumamos, do amigo, a pensá-lo no passado, tão imperfeito o presente na sua falta... Morreu o Osvaldo Pereira, morreu e o vimos ser enterrado. Até um punhado de terra deitamos sobre o caixão, carinho... Mas, não! Morrer é longe demais, o impensável: maior que o pampa infinito. E no impensável não pensamos. Não pensamos, é simples, pronto!)

⁴⁴² (como agora, os ruralistas fizeram, enchiqurando os sem-terra do lado de lá)

⁴⁴³ (lutas fraticidas todas, sem maniqueísmos – tollice infantil –, trocas viris de suicídios, retribuições de amigos, isto – ó, tristeza! –, isto sim)

5.4.I. Bandeiras no varal

Perguntam – os alienígenas de todas as laias – “se 93, se 23, se... sim, senhor, mas de que era?”

Ora, era! O que importa o tempo sucessivo – essa abstração morta por Borges⁴⁴⁴ –, se o que sucede ao sucedido é, em essência – já está dito – o que é, o que está desde sempre estabelecido, anterior ao que antecede o que sucede e posterior ao sucedido?⁴⁴⁵ Vocês que entendem de pá: é como ciscar sempre em volta da pá, revirando o revirado. A Terra até pode girar em outras plagas, quem duvida? Mas o pampa, não; nunca ninguém viu ou virá. Se isso lhes parece relativo, até mesmo porque este longo relato situa-se – aos pulos –, mas situa-se, em pontos do que um historiador diria ser uma linha de tempo, é porque, bueno, quem, além do Stephen Hawking, entende profundamente o big-bang e essas metafísicas em inglês?⁴⁴⁶

As metafísicas, pra começar, deveriam ser em alemão,⁴⁴⁷ e alemão é gringo, como o italiano, o americano,⁴⁴⁸ a terra deles fica “em cima da serra”. Sendo gaúchos, dizemos as palavras, porque, como Avençal, sorrimos quando outros param “desanimados” diante “das barrancas de caudaloso ribeirão”; sorrimos e brincamos “com o guará, o tigre e o tapir”, e os subjugamos “ao braço como terra criciúma sob a pressão do vento”. Dizemos as palavras e, com Apolinário, perguntamos: que receio teríamos “do potro indômito e bravio e do boi chucro e de pontas aguçadas?” O sorriso que nos ruga o lábio é “a craveira” de nossa “grandeza e superioridade”.

Portanto, cuñaos, datas para nós são nada; apenas prendedores em um longo varal segurando – alguém disse “lençóis brancos quais bandeiras”, mas nós, não – bandeiras verde-amarelas rasgadas ao meio de encarnado. E ainda isso é uma abstração do que somos; o que somos foi moldado em terra como Adão, a nossa terra pampeana que, chão, é espaço, é pátria. Dizemos as palavras, duvidando que compreendam, mas, “tupi or not tupi?”,⁴⁴⁹ para que nos comuniquemos, compreendem?

⁴⁴⁴ (não o gaiteiro e compositor, mas o outro, cegueta e cabalístico)

⁴⁴⁵ (transcrição livre de fala emocionada de Don Bagayo y Balurdo)

⁴⁴⁶ (M.M.Gonçalves, leitor desses delírios)

⁴⁴⁷ (Caetano Veloso – mas não compreendemos, Don Bagayo é gaúcho dos quatro costados)

⁴⁴⁸ (“Não temos por que aguardar que um país se torne comunista por causa da irresponsabilidade de seu povo”, disse Henry Kissinger – Moacyr Scliar o cita para falar de Allende, vítima dessa prepotência estúpida –, assessor de Nixon, quando os EUA resolveram patrocinar os golpes de estado que agora, por nova geofísica do poder, centram na grande região do Islã, berço da humanidade – e de grande parte do petróleo do mundo –, na América, mui especialmente aqui, bem dizer, na Patria Gaucha, pois já há membros do ICNHE a defender a inclusão do Chile e do Paraguai em nosso país de-a-cavalo, lembrando que os melhores crioulos têm sangue chileno, de Hornero, e o Paraguai, bueno, desde Solano López podemos dizer que nossas fronteiras – o Chaco, Quiroga andou por lá –, estão abertas como portas de vai-vem...)

⁴⁴⁹ (quem, mesmo? Gomes? Carlos?... não importa. O que importa é que somos todos índios recém saídos da oca da mãe. Ficamos, pro causo, velhitos, mas ainda armamos tendas, toldos de proteção no dia-a-dia, brincar de índio, compreendem?... “Que tal?”, perguntam-nos, e nós, “Que tal?”... Não nos entendemos, verdadeiramente. E os sinais? Um levanta a mão, o outro que vem no auto levanta a mão, abana, não pára. “Mas, Seu Leôncio, eu fiz sinal prele, mas ele se foi...” A tia do Paulo Antônio tava numa missa na Igreja Matriz e o padre mandou todo mundo se dar as mãos, essas bobagens de hoje em dia, onde já se viu umas pessoas grandes dando a mão, como pra brincar de roda, pra os que tão no lado, nunca viram mais gordo... Bueno, o Paulo Antônio contou que a tia dele deu a mão pruma velhota que vizinhava com ela no banco e, bá, levou um bruto susto, que aquilo não era mão... A senhora: “Tive que amputar o braço... É de plástico...” A tia, que não perdia jamais a compostura,

Parece-lhes sem pé nem cabeça?

Vejam Gumercindo Saraiva descendo o rio. Lá vai... lá, ó, ih, se foi... se foi a cabeça. Agora, pra pescar o taura, só dando a volta lá pelo Valêncio.

5.4.2. Nheco-nheco-nheco-nheco

As degolas deixavam os homens sem pés nem cabeças – estas, liames do que é humano.

As cabeças de gado valem pelo corpo inteiro. Se são 500, são 1.000 quartos, 1.000 paletas, costelas... Os frigoríficos contam cabeças, mas querem mesmo o resto, o rendimento da carcaça. Até os sebos querem, parte das fressuras – chúria pra chúria –, quase nada sobra pros cachorros. Os gaúchos, entretanto, valem pelas cabeças. Está tudo dentro: o ancho do pampa, o homem-cavalo, o rastro de sangue e o infinito horizonte. Se o indefeso apresado pronunciasse o luso “pauzinho”, morria também, porque a faca já vinha cortando, bem dizer, na pergunta e ele ali, ajoelhado, sem saída – agacharse es aliveo aunque lo maten de uno palo. Morria aliviado, pois. Mas morria hombre, não cabeça. A manadas também não se diz que são tantas “cabeças”, porque o gaúcho é – sabem-no todos quantos sentiram-lhes os pataços – o centauro dos pampas e referir-se a sua tropilha como “sete cabeças de tordilhos lindaços”, ainda que pretensio elogio, constitui-se em grave ofensa. Homem-cavalo, o gaúcho, não se conta flete por cabeça sem o risco de perdê-la. O coronel João Francisco só encilhava tordilhos, no Cati; lembrem-se sempre disso, o Cati, e mantenham-se mudos – e sem cicatrizes.

Alguns enlouquecem.

O Liberato, por exemplo, era um guri normal, gostava de matar passarinho com a funda que ele mesmo fazia, forquilha especial, de goiabeira, jogava bolita ali na vila dele, a Mucufa, corria de-em-pêlo nos cavalos do lagoão dos potros, um guri como todos, resumindo. Depois que a polícia resolveu acabar com a gangue da vila é que o Liberato ficou louquinho, louquinho. Diz-que viu um dos mortos, primo carnal dele, atirado lá pelo lagoão, vazando sangue por tudo quanto é buraco, os de Deus e os de bala, e começou a tremer, a bater queixo. Quando parou com os tremeliques, deu de sair pilchado pro centro, montado num cabo de vassoura. Chega na praça, senta num banco, deixa o “animal” à soga em alguma árvore, e começa a tocar gaita com um papelão sanfonado, gritando “nheco-nheco-nheco-nheco”. É conhecido do povo de Nova Hereford, reconhecido

e ali, na igreja, tinha que ser ainda mais católica: “Não tem problema, de plástico é ótimo! Ótimo”, disse ela e olhou pra frente, pro altar, segurando firme, temendo arrancar o braço da outra, imagina!, e se fica com o braço da próxima na mão? Aí a brincadeira já não seria de roda, mas de boneca, um pouco demais... Ora, já se viu isso?! E se a senhora não tivesse nem mão de plástico? Ia ter que pegar a vizinha pelos cabelos?... E vá que fosse peruca? Ia deixar a mulher careca?... Não, não... O Caco Milque – só pensa em mulher, aquela fazenda dele vive apinhada de mulher, e tudo de menor – contou que, tava no Central e entrou um daqueles que se faz de mudo, distribuindo cartãozinho. Ele não queria pegar, mas o mudo cutucava ele nas costelas... Pegou, leu e – cara de pau esse Caco! –, disse pro cara: “Perdão amigo, mas eu sou surdo...” Compreenderam?... E o mudo ficou brabo, arrancou o cartãozinho do Caco e gritou, bem alto, todo mundo ouviu, um vexame: “Vai tomá no teu cu!” Aí saiu correndo... Todo mundo olhando. O Caco nem terminou o cafezinho de sem jeito... Saiu, levantou uma putinha na Sônia e se foi pra fora, “plantar árvore!”, como ele diz, no seu entendimento todo pessoal e, bem dizer, sincrético, daquilo de fazer filho, plantar árvore e escrever um livro... No caminho, passou pelo Laíre e gritou, rindo, “O livro é contigo!”... o Laíre ficou no ora veja... Que livro?)

como de bom coração, daí que ganha umas moedinhas mixurucas, que os engraxates lhe roubam mesmo, o que importa o valor?, vale a intenção. Coitado do Liberato!

5.4.2.I. *Confundindo estampilhas*

Uma vez, extraviado decerto, veio dar aqui um turista – vai ver que do tope daquele Darwin que a Câmara anda exigindo que se explique, ora o gaúcho ser filho de bugio! –, e se parou a bater fotos e fazer perguntas pros vagos que andam pela praça, conversando fiado nos bancos, tomando cafezinho no Central. Naquela embromação de simpatia, foi, foi que largou: “me disseram que um poeta da terra disse que, aqui, quem não é fazendeiro, é boi”.

Quería encrenca? Bueno.

Primeiro que o poeta referido nasceu na vizinha e decadente Alegrete e não na próspera Nova Hereford, o maior mercado de gado em pé do Rio Grande! Segundo, que boi periga ter guampa, e cornudo aqui não hay – nem fresco, se querem saber. Terceiro, que ele tava confundindo as estampilhas: quem tem parte com boi é o minotauro, não o ceutáurico taura. Deve ter levado a tunda que mereceu. A ofensa era grave, vejamos: o elogio de centauro dá força xucra pro homem, dá cancha livre pro espírito correr pelos campos e, mantém, na integridade do símbolo, o tirocínio, a rude inteligência na sombra do chapéu. Minotauro é anomalia, bruta anomalia debatendo-se em labirínticos bretes, cabeça no mais sem o conforto do chapéu.

Gumercindo Saraiva, em 27 de agosto de 1893, no combate do Cerro do Ouro, usou o tirocínio próprio dos centauros, enganando o general Francisco Portugal – logo se entende, o Joaquim! o Manuel! o Francisco! – fazendo que fugia pra ponta do Salso, fazendo fogueiras como se ali acampado estivesse, mas fazendo mesmo a travessia do rio à noite e pegando desprevenidos os republicanos, espreguiçando-se ainda, sem terem nem escovado os dentes.

Vitória memorável.

Pelo centro, conta José Luiz Silveira, atacou “o terrível Aparício Saraiva”, irmão de Gumercindo, numa “carga de cavalaria com lança seca”, que “desorganizou a resistência republicana, fazendo-a fugir desordenadamente, sendo depois massacrada pelos lanceiros”. Os derrotados perderam 400 homens e abandonaram “o comboio valoroso de armamento e munições, maior interesse dos maragatos”, além de “cavalos encilhados” – centauros degolados – que, fugitivos, “deixaram pelos campos”. Viu-se que os federalistas tinham “tropas preparadas, aguerridas e com comandos competentes, conhecedores da arte da guerra”. E isso que as lanças nem deveriam ser de palo, como as dos charrúas artiguistas, mas de simples taquara.

Dizia Sun Tzu:

– Toda a arte da guerra baseia-se na dissimulação. Ofereça iscas para atrair o inimigo. Simule desordem e o derrote. Finja ser fraco, que o inimigo pode ficar arrogante.

Gumercindo já sabia.

3.2.1. Perros cimarrones

Saint-Hilaire, o sempre minucioso viajante, até meio que rocó, compreende?, reparara que “a influência do clima é poderosa sobre os seres vivos. Nas zonas tórridas os cães latem menos, são tímidos e fogem à mais insignificante ameaça. Ao contrário, nesta Capitania eles latem muito e freqüentemente perseguem seus inimigos, com audácia e animosidade”.

Los perros cimarrones, de fato, eram um perigo para gentes e gados do pampa. Mesmo com o extermínio de doze mil em Cerro Largo, em 1852, eles persistiam em viver gauderando em fins do século XIX. Que falta não fizeram, nem que fosse um milzinho deles, para os castilhistas entrincheirados em Bagé que comiam figos verdes e caruru, vejam, sitiados pelos federalistas, decerto que ensopados com charque de carne de cavalo ou de cães e gatos.

No oriente, existem várias iguarias à base de carne de cachorro – Antonio Augusto Toninho esteve no Timor Leste e provou, mas, naquele entrevero lá, do gosto as papilas nem lembram, mas deve de ter sido um sabor do tipo inesquecível, pois ele vê cachorro, vivo, assim, caminhando, e vomita ou então saliva, baba mesmo, não há remédio que cure, trauma de guerra, sabe como é... e meio bipolar a coisa, braba... –, não há pecado nisso, basta que estejam gordos ou que haja fome.

Para um fronteiroço, acostumado ao sangue de tudo quanto é vivo no fio de seu cuchillo e na boca, respingando pela cara a força do jorro revitalizante engolido aos borbotões, isso é nada, frescuras. O que se fazia com um terneiro que teimava em não desmamar? Ora, cortava-se o úbere da vaca, que mais? Conta JCC que um viajante inglês admoestou a dois guris que tinham degolado um cachorro no norte uruguaio, mas “fue ‘tranquilizado’ por los jóvenes, al estos decirle que el perro les pertenecía”.

Ah, bueno... Qué bien! Qué bien!

Mas o negócio de ser dono foi depois, muito depois.

3.2.1.1. Pobre-bichos

Ser “proprietário” era valor nenhum no pampa edêmico, quando isso aqui, *ai, ai, ai, São Jerônimo, Santa Bárbara, não tinha arame de tanto em tanto, como a iludir de alambrados olhos peçados de infinitos. Que pecado! Isso, sim, pecado. Cavalos tropeçando em miragens, essas prepotências de confinamento – no pampa! no pampa, onde “além do horizonte há mais horizontes!” –, gaúchos de-a-pé, zonzos do tombo, para sempre tontos de encurralados, sem saída no pampa!, que, está dito, pampa!, não tem entrada nem saída, integral que é, Deus assim o fez, de llamuras e liberdade, desintegrados, de-a-pé, bois de bolas, potros sem cancha, homens que latem, só latem no mais – e não mordem –, bravateando nombradas. Mas que nombradas! Nem nome têm: são gente dos Nunes, dos Silva, dos... seus donos, vejam, amigos, que vergonha! A noção de propriedade – que é o que é isso, afinal, que nos amarra, gaúchos, do lado de fora, no palanque –, como uma tormenta de verão – São Jerônimo, Santa Bárbara, valhei-nos – enegreceu o azul argênteo e veio, veio, veio desabando sobre nossos corinchos, submergindo tudo, submetendo todos, subsumindo um mundo, o mundo. E agora, José? Fugir para onde, o pampa inato em nós, para onde? Gaúcho sem propriedade no papel era fora-da-lei,*

malechor, o que em Nova Hereford sempre soubemos, ai, sofrimento!, talho profundo na carne. E como comprovar, se a palavra, o fio de bigode, a vida inteira ali... nada valia contra uns papéis e trabucos? Falam de um gaúcho de Bossoroca, por apelido Bigode, irmão dos pobres, que é pobre de plata, mas rico de caráter, peitoral de angico, ninho de um coração grande, capaz de abarcar nós tudo, generoso índio missioneiro, este homem – marquem bem despilchados, desmontados, desgraçados em geral – pode muito. Simples do seu jeito, mas, por verdadeiro, dizem que pode muito, mete medo, desarmado, nas milícias dos apoderados. Agüentemos o tirão, que não vem D. Sebastião, não vem Godot, mas a volta vem. Os do Sepé... O que são os do Sepé senão gaudérios de antanho redivivos no pampa? Não andam eles em constante movimento, escoraçados sempre mal sentam o pêlo? O que querem além de retomar as terras que lhes foram tomadas há 100, 150, 200 anos? E lhes basta parte delas – magnânimos –, deixando aos usurpadores, se não a medida de sua cobiça, o bastante para que alegre-se a cega e equilibre-se a balança. Nada de monarquias, uns pobre-bichos eram, nômade por necessidade, “foras-da-lei”, não disse o doutor? Esse acampamento mesmo em Nova Hereford: toldería, o que mais? Acuada, assustadiça chusma amontoada qual mosca em bicheira junto ao sonho de sossegar de uma vez num canto seu. E cobram-lhes abigeatos, como se não fossem os gados que pastam no pampa hoje avatares dos gados que ontem pastavam nas vacarias reiúnas; como se os loucos-de-fome dos arrabaldes, desempregados do campo tecnificado, o cada vez mais deserto campo, e, por deserto, ancho, indefensável, como se os maloqueiros periféricos fossem tudo do Sepé porque de a pé; cobram-lhes, por inocentes, o indefensável...

Chega, chega...

3.21.2. “Asesinos de nuestros días”

Para distrair,⁴⁵⁰ uma metáfora: CE prefulgia entre seus pares reflexivos sustentando que “el salvaje” realizava-se mais ao matar do que ao engendrar e que, se nós mesmos, os civilizados, não matamos, isto se deve a uma educação hereditária “análoga a de los perros perdigueros de pura raza”, que resistem ao desejo de provar as perdizes que buscam, abatidas, porque seus ancestrais haviam sido surrados para que deixassem de fazê-lo. “Con el andar de los siglos – dizia Ebelot –, su cerebro canino se ha amoldado a la prolongada lección”. Então, diante dos maravilhados convivas, concluía:

– Cierta día, sin motivo, nace un perro que há perdido la noción de los latigazos antiguos, y engulle una codorniz, aunque esté asada y puesta en la mesa. Los asesinos de nuestros días son este perro.

Como diz o outro, do GRUNHE: cachorro comedor de ovelha tem que matar. Esses turistas! Saint-Hilaire, falando de cães e dizendo dos homens; Ebelot, cachorreando-nos. Têm até uns que latem e não mordem, claro. Mas mesmo estes, que não são perdigueiros e sim cimarrones, sobreviventes de Cerro Largo e outras guerras de extermínio – como os guaranis, os charruas, os minuanos, os gaudérios, os pampas num todo –, vai, vai que atacam. Não por selvagens – uma perdiz indefesa na travessa? –, mas porque têm fome.

E, vejam, perdidos como cuscos extraviados do comboio da mudança, neste saara verdejante caídos do cavalo, acham-se e, homens, vai, vai que matam.

⁴⁵⁰ (senão... Iara é morta!... Viremos essa boca pra lá... E o volume? E a Feira? Todo o trabalho?...)

1.17. O componente eqüino

Ser gaúcho é para poucos, não para quem quer.

Se “lutar com palavras é a luta mais vã”, conforme o mineiro aquele, por que gastar pólvora em chimango?

Digamos as palavras: ser gaúcho é para poucos, oligões.

Por isso “oligarquia” – senão vira baile de chanchos, tem que haver ordem, respeito –; por isso “oligodacria” – nada de choramingas porque somos poucos, para dar cria a um gaúcho só serve matriz com pédigre crioula –; por isso “oligomania” – nossa autosuficiência, comprovada no campo de batalha, dispensa idéias deletérias. Mas de jeito nenhum “oligospermia” – sêmen é o que não falta por essas bandas, só não queremos refinar a raça e, muitas vezes, preferimos, de andar solitos, o solitário vício, ou preencher a eguada de cola erguida pra tirar mais uns centauritos de combate; de jeito nenhum “oligofrenia” – senão não teríamos os melhores quadros do país, não exportaríamos chefes pra arigozama pimpona, não seríamos bem acabados modelos de educação e fidalguia. Know-how, compreendem?!

Simões Lopes Neto,⁴⁵¹ bosquejando sobre nossa etnia, elude o componente eqüino – por modéstia, mas já sabem porque são largas as bombachas –, observando, no entanto, que divergimos do tipo étnico brasileiro, alguns comentadores nos carimbando “como enxertos daninhos nesse grande e nobre tronco de uma raça americana”; nos assinalando “como progênie de antepassados ensaiados em todos os vícios e crimes, ou como possessos de revolucionários e cruezas execráveis, que inculcam a necessidade de nossa expulsão da comunhão social...” Simões – chistoso, por certo – chega a dizer que “somos como uma sub-raça brasileira”, mas Walter Spalding⁴⁵² emenda:

– Cada povo é o conjunto de várias etnias amalgamando-se não para formar uma raça, mas um povo característico, com sua língua, seus usos e costumes.

Pensam que nos importamos? Somos o que somos. Ao menos o autor dos **Contos Gauchescos** nota que o índio “relampagueia” em nós, no que os gaúchos temos de guerreiros. O já citado – e abancado na roda – J. L. Silveira acha que:

– As revoluções, apesar dos males que acarretam, são geralmente as razões do progresso das nações e, até mesmo, do desenvolvimento e descobertas científicas.

Viram? Mas é um vai-vem de idéias coisa muito séria.

Simões dá um talho no luso imperialista: “dominado pela ambição de lucros, pela paixão às aventuras, pelo fanatismo católico e pelo espírito de dominação”. Spalding assopra: este era “o espírito da época”; “o que guiava essa gente era o individualismo”. Não só lusos, mas franceses, ingleses, holandeses e espanhóis agiam da mesma forma; movia-os a ambição e a aventura, mais ou menos disfarçadas pelo sentimento religioso”. Aurélio Porto,⁴⁵³ lembrando um padre missioneiro – da comunidade socialista das Missões –, refere que “o espanhol considera o índio tão vil e baixo que mais facilmente se casara com uma bastarda, com uma mulata ou uma negra do que com uma índia”. Sentencia o padre que o castelhano “erra na apreciação, porque o índio é tão livre como o branco e pelo que concerne ao sangue não tem ele impedimento para função pública ou eclesiás-

⁴⁵¹ (SLN)

⁴⁵² (WS)

⁴⁵³ (AP)

tica, mas o bastardo, o mulato e o negro são incompatíveis para todos os cargos”. O socialista católico, vejam, defende as suas ovelhas – ovelha é bicho muito burro, fácil de catequizar – e senta o mango em tudo o mais que não for branco.

Pobre do Otacílio, pobre da Tunica, pobrezinha da Andressa e seus genes, incompatíveis com o processo civilizatório.⁴⁵⁴

Para nós, gaúchos, é grande honra quando nos chamam de índios: “e aí, índio velho, há quanto tempo?”; “o Ozorimbo é índio vaqueano cosa bárbara!”; “O gaúcho é o índio vago / que, nas guerras fronteiriças, / desenhou à lança o pago, / não por terra, pela liça.” O índio, como o gaúcho de lei, amálgama genético, era desprendido, desambicioso.

Conta Tomas de Mattos⁴⁵⁵ um fato que bem demonstra a idéia que os índios tinham das coisas, sinteticamente: “ninguém jamais pôde convencê-los de que as reses eram suscetíveis de propriedade”.

Que lição, hein?! Cá pra nós... que tapa de luva!

1.17.1. Tudo teu, tudo meu

O cacique charrua Sepé⁴⁵⁶ morava nos campos de Don Higinio Gauna, que tolerava sua natureza difícil e os desfalques sistemáticos, mas de pouca monta, em seu rebanho. Passando da conta, o índio um dia “tosou o cavalo predileto de Don Higinio”, que “ficou furioso e foi procurá-lo no bolicho”, falando-lhe “sem gritar, mas com inusitada dureza”.

Pra quê!

“E de repente o indignado era Sepé”, traduz Sérgio Faraco:⁴⁵⁷ “Bateu no peito e, com o braço, traçou um círculo no ar: ‘Tudo meu! Tudo meu!’”, disse, também sem elevar a voz. Antes que Don Higinio pudesse retrucar, acrescentou: ‘Tudo teu! Tudo teu!’ Em seguida, aproveitando o assombro de Gauna com tal contradição, foi apontando os presentes um por um e repetindo: ‘Tudo teu! Tudo teu!’ Não excluiu ninguém e logo completou sua idéia: ‘Tudo nosso! Añang nos deu!’”

⁴⁵⁴ (Avanílson Araújo ressalta o que todo mundo sabe mas faz de conta que não porque pode dar gastrite e os remédios tão pela hora da morte: que a polícia só faz blitz em bairros periféricos, ignorando princípios constitucionais, como a “dignidade da pessoa humana” e a “presunção de inocência”. AA refere que a polícia vai parando todo mundo na rua, sem que procurem ninguém especificamente, mas contando que algum coelho devem achar naquele mato, muitos negros e mulatos, muitos pobres, sabe como é, e obrigam a pessoa a “colocar-se em posição vexatória e humilhante, abrindo suas pernas”, as mão na parede, “para ser apalpada em suas partes íntimas por algum policial” – desculpem, mas bota bom que deve ser apalpar a Tunica, toda desenhada em curvas, aquela bunda arrebitada, a costura, nem que não queira, nem que se negue, diga, a costura, “não, ela é mulher do Otacílio...”, não adianta, acaba entrando no, bem dizer, cu da Tunica, porque, bá, bota mulherão... O Dr. Sandoval... Bueno, saibam, e isso é o que importa, diz Bia Barbosa, uma criança ou adolescente negro tem “quase duas vezes mais chance de ser pobre” – e duas vezes mais chance de morar sem água, de não freqüentar a escola, e três vezes mais de ser analfabeto, como Otacílio – “do que uma criança ou adolescente branco”. E Andressa, vejam que pepino, quando adolecer, terá 23 vezes mais possibilidade de ser analfa – como Otacílio –, porque Otacílio e Tunica têm baixa, baixíssima escolaridade. No Acre, no Maranhão, lá pra cima, é pior... Mas, para quem sofre de exclusão, aqui ou em caixa-prego, é bucha. Viver é bucha, é xixo atrás de xixo... Xingar? E o dinheiro pra pastilha Valda? Pro Colubiasol? Pro Azul de Metileno?)

⁴⁵⁵ (Josefina Péguy)

⁴⁵⁶ (Polidoro?)

⁴⁵⁷ (**Bernabé! Bernabé!**)

Incrível que quando ouvimos isso quase temos um acesso de multidacria, não fôssemos comedidos naturalmente quanto a secreções – e tudo o que sai de nosso dentro, menos o mijo, como é bom mijar!, desde a fala, só a necessária, até a merda, que, só carne, entope –, pois retumba a voz exata do Lombriga para os andantes: “Deus, quando deu, deu pra todos”.

Não piscássemos, abrindo olhos nos olhos, e bem Iris morria afogada...

1.18. *Carnes devolutas*

A charla se espicha e parece que estamos parando rodeio, em círculos, sem sair do lugar – fazendo lama, apenas, apenas lama.

Os índios estão por tudo em nós, mas onde que os possamos apontar? Uns olhos espichados que passam, a tez característica em um rancho de arrabalde; quase marca nenhuma. Rosas quis exteminá-los, mas, ou os únicos restantes na Argentina são jogadores de futebol, uma indiada!, ou falhou em seu intento. Talvez Don Frutos tenha sido mais efetivo na guerra genocida contra os charrúas uruguayos; Salsipuedes y Mataojo são mais cuspes que palavras. Os maiores heróis de ambos os povos hermanos, no entanto, Artigas e San Martín, têm parte com eles; parte com o diabo, na cabeça de certos historiadores, que tergiversam, “hu-hu”, “hã-hã”, “ah! tá”, mas calam sobre o tema, mais que um tema, o DNA cultural da pátria gaúcha. Por enquanto, nessas genealogias, fiquemos por aqui. Cacalo – Tatalo –, num futuro inexato, enfronhar-se-á, de ofício e por desespero, na aparentemente inextrincável tarefa de buscar, sem microscópio – tontinho, tontinho –, gens onde abundam traças.

Por enquanto, saibamos que Otacílio tem mais do que rasgos indígenas e que Andresito Artigas, filho do coração do general José Gervasio, andou por aqui, queimando capelas e emprenhando índias lá por 1816, setembro, quando a primavera convida aos amores a campo; saibamos também que San Martín, la “Águila de Los Andes”, nasceu na povoação de Yapeyu, em um rancho de pedras irregulares e capim santa-fé, provavelmente filho de um espanhol com uma índia guarani dali mesmo, mais à mão, que depois teve outros filhos e, seus filhos, outros chiruzinhos e morochinhas lindas; saibamos o que já sabemos no adivinhar, que no correr do tempo, a chusma procriou por dentro, nestas terras cada vez mais intolerantes para com os tismados de nascença, porque, depois, a insolação contagia todos no descampado do pampa e fica difícil distinguir, no meio da súcia, quem caiu sucio já da boca da botija de quem queimou-se no inferno do deserto. Otacílio é dos primeiros – que são os últimos por aqui. Restolho.

Frei Vicente Salvador já dizia, em 1630, que “não há pecado abaixo do Equador”, referindo-se à impudicícia dos índios, do que muito aproveitaram-se os conquistadores brancos. Começou aí o etnocídio, sabe-se bem, pois dois terços dos selvagens morriam no primeiro ano após o contato inicial com os brancos. Na seqüência, foi o que bem coloca Luiz Araujo Filho⁴⁵⁸, 1908:

– Os índios foram sempre aproveitados como soldados, constituindo como que uma espécie de remonta à disposição de todos os chefes ou caudilhos que primeiro os quisessem arrebanhar para defender os seus interesses ou idéias.

⁴⁵⁸ (LAF)

Observem nas palavras “remonta” e “arrebancar” o quão animalescos podem ser os atos humanos mais corriqueiros: escravizar, estupro, matar.

– Esses infelizes aborígenes eram considerados a carne devoluta do canhão e largados após prestarem os serviços de campanha, em que lhes cabia sempre a faina mais rude e arriscada – comenta LAF. Já na aurora do século XIX achavam-se “dizimados, errantes e vagabundos na própria terra natal”. Foram “levando vida miserável, perdendo sempre a sua autonomia e desaparecendo pouco a pouco”. Alguns tentaram fazer o mundo girar ao contrário e “voltaram à vida selvagem, em busca da antiga liberdade”, mas não “escaparam de ser suplantados e explorados por outros ambiciosos, seguindo a sorte dos povos inferiores, destinados a serem absorvidos pelas raças superiores e conquistadoras, segundo a lei do progresso”.⁴⁵⁹

Essa desumana lei, a gente do Movimento Sepé Tiaraju quer abolir; porque, vejam só, a cor da pele continua a ser, entre nós, um estigma de miserabilidade e, concedamos razão à companheirada, “povos inferiores”, “raças superiores” é coisa para os goebbels da vida,⁴⁶⁰ imundícies que já não vivem, caladas por nova “lei do progresso” a qual, no entanto, não impediu o nascimento de novas imundícies – não só no “pampa pobre”, mas até nas europas dos outros continentes –, ervas daninhas no ancho e sucio campo dos interesses patrimoniais.

1.18.1. Fazendo lenha

De árvores derrubadas, todos fazem lenha: precisam, os do Sepé, manter firme o corincho, fincando o pé, como raízes de frondosas árvores – figueiras do mato, ipês, paineiras, umbus... –, na “terra natal” que, por “natal”, é sua. São pessoas duras, eles; não crêem em presentes caídos do céu, como discos-voadores,⁴⁶¹ estrelas, maná. Eles só crêem, de ressabiados, no que podem tocar. É espantoso que o que os mantém vivos é este nada, o ar, a ânsia de ar.

Do que falamos? DF responde:

– Antes de ser sistema de classes, o Brasil é um arcaico sistema de castas, aquele em que a condição do indivíduo na sociedade é predeterminada pelo simples nascimento, no caso o nascimento branco ou não-branco.

Mais:

– O Brasil ainda abriga uma imensa, vergonhosa senzala que mutila a nação e falseia a democracia.

É disso que falamos; da abstração de um governo de todos e para todos – não no que depender do Lombriga, que faz a sua parte. Mas quem é o coitado do Lombriga?

O último censo do IBGE⁴⁶² apontou que 86,3% da população do Estado é branca, contra 53,4% dos brasileiros em geral. Apenas 7,8% dos rio-grandenses são “pardos” e 5,2% negros; muitos mais, além do Negrinho do Pastoreio, foram sendo devorados pelas vorazes formigas do ordinário cotidiano. Houve uma época em que vigia a Lei do Boi, garantindo 50% das vagas em faculdades ligadas à terra para filhos de pecuaristas; Sirley

⁴⁵⁹ (tudo do Frei aquele... ou será do LAF...)

⁴⁶⁰ (observação do grupo stalinista-democrático do Instituto, que é democrático)

⁴⁶¹ (ressalvas indignadas do Tiago)

⁴⁶² (professora Sibila, matemática e estatística, cada vez com números diferentes)

Nunes serviu-se dela. O sistema de cotas para os não-brancos, entretanto, até hoje é contestado.

Os do Sepé – acalmem-se! – não querem ser doutores; lhes basta o diploma da posse legal da terra. Há muitos pardos e negros no Movimento, mas há também gringo-polenteiro e um punhado de alemão-batata: o que os une é a condição de párias, a que fica abaixo do cu da cadela em uma sociedade de castas. Os do Sepé não acreditam que existam “raças superiores” – eles crêem no que podem ver –, por isso, não enxergam as diferentes colorações epidérmicas de sua gente; o que vêem, vendo-se, viu-o antes Juan Estrada: “gaucho quiere decir paria”.

Párias, malechores, vagamundos, tudo o que representava perigo para os que ocuparam as terras deles, brandindo títulos de sesmaria e chispeando o pedernal nas caçoletas.

Os do Sepé vêem-se gaúchos, párias em sua própria pátria – querem “a parte que lhes cabe neste latifúndio”.⁴⁶³ Carreados por séculos, criaram sua montonera. Organizada, no entanto, e armada de foices, martelos, facões, pedaços de pau – instrumentos de trabalhar no campo –, mais a força indestrutível da palavra, da vontade ideada.

Acham pouco? Pensem...

1.18.2. A simbologia da morte

Se acham pouco, pensem o mesmo das sobreditas formigas, dos cupins, das traças, dos vírus microscópicos!

Pensem o mesmo dos Lombrigas, que a necessidade prolifera o que têm de mútuo.

Não acham pouco os senhores que ocuparam a terra de quem – a chusma – agora as ocupa. E armam-se de modernidades:

1) lei que impede a desapropriação para reforma agrária de terras “invadidas” – o que deixa aos do Movimento Sepé Tiaraju a opção de ocupar não as improdutivas, que almejam, mas as produtivas, que, de qualquer forma, não lhes seriam disponibilizadas, por produtivas, apenas para dizer a todos “estamos vivos”, “continuamos a luta”;

2) força política de deputados ligados aos ruralistas e, naturalmente, dos órgãos que congregam os proprietários, como o GRUNHE, para impedir que o IRA realize as necessárias vistorias nas propriedades – ficando todos, inclusive os do Sepé, sem saber qual terra é produtiva e qual não é, o que adia ad infinitum⁴⁶⁴ os assentamentos;⁴⁶⁵

3) convivência dos veículos da grande mídia, que, por exemplo, cuidam de manchetear as invasões e as alegadas depredações às propriedades produtivas tomadas pelo Movimento, grifando o “produtivas”, sem esclarecer o que está dito acima no item 1 – o que coloca o público contra a “chusma”;

4) divulgação de supostas irregularidades nas contas do Movimento e arbitrariedades cometidas contra assentados e acampados, que, por supuesto, viram manchetes de primeira página nos jornais da grande mídia e reportagens de fundo nos canais de TV – o

⁴⁶³ (João Cabral)

⁴⁶⁴ (Dr. Vazulmiro)

⁴⁶⁵ (interessantes argumentos usam os ruralistas. Um indignou-se com o IRA quanto ao eterno debate sobre a lotação dos campos: “A gente tem que ver o fisiologismo da rês. Não queremos tetas do governo, como dizem, mas já viram a quantia de pasto que uma vaca come com o terneiro ao pé?”)

que desacredita o Sepé Tiaraju, na certeza de que a massa, noveleira barbaridade, dará maior valor às picuinhas explícitas do que à verdade, escondida sabe-se onde;

5) campanha dos proprietários junto aos comerciantes, profissionais liberais, operários de empresas ligadas ao setor e entidades empresariais contra o Movimento – o que infiltra na sociedade um sentimento anti-Sepé, calando muitos dos simpatizantes, temerosos de isolamento ou, no caso dos empregados, de demissão;

6) articulação de estratégia guerreira, com rede de comunicação interna⁴⁶⁶ e milícias responsáveis pela vigilância dos inimigos em suas diversas tolderías – o que ilha a indiada e marca os alheios que os vão, sociologicamente, visitar;

7) armas mesmo, de matar gente – importadas, nem o Exército tem –, que adquirem para uso próprio e das milícias que criam para defender “o sagrado direito da propriedade”, que, por aqui, vem antes do direito à vida digna – o que fragiliza muito o espírito de alguns, que se escondem no oco do plástico preto, sem achar ação possível.^{467 468}

Tanta modernidade transforma a foice, de terrível gadanha, em brinquedinho de guri, no duro.

Acham graça?

Mas, perante os olhos do mundo, distantes e erráticos, renova-se a simbologia da morte, um bocado maltrapilha, nos párias sob os chapéus de palha.

Quanto a nosotros, fixamos: Otacílio é protagonista!

2.10. El héroe en su tinta

Otacílio tem muito o que fazer, uma única coisa, essencial: falar com Seu Valentim, o patrão, o homem que pode resolver seu problema, que é desfilar dia 20, e a preceito.

“Um pepino”, dissera o Antenor, “um baita dum pepino”.

Mas Otacílio não vê assim, pois cavalo é o que não falta na estância.

Diz **La Biblia Gaucha**⁴⁶⁹ que el flete “es el primero y más persistente de los amores gauchos”, que sus “ojos han de ser vivos, las orejas nerviosas, ancho el encuentro, finos los remos, recias las caderas”, el flete “es único”, e é mesmo, mas Otacílio só quer um cavalo, qualquer um que não seja mancarrão ou lunanco, e arreios completos. Diz a Biblia ainda:

– Imposible es concebir al rudo domador del desierto sin el complemento de su apero. Durante casi todo el día y todos los días, el gaucho permanece sobre el recado. Sobre él

⁴⁶⁶ (é só aparecerem um ou dois ali por perto, só pra dar fé, e os milicos de aluguel já dão um corridão nos coitados)

⁴⁶⁷ (enumeração de responsabilidade dos stalinistas-democráticos do Instituto, que entendem que: “não vivemos em uma democracia e sim em uma plutocracia cujo álibi são as eleições – que é quando os mais ricos colhem os frutos do abuso do seu poder econômico”)

⁴⁶⁸ (agora mesmo condenaram o José Rainha por porte ilegal de arma durante uma ocupação no Pontal! E sua mulher, Diolinda, também está presa, vejam. Brada L.F.Veríssimo: “Eu poderia ser melodramático e dizer que há um mês seus filhos pequenos estão sem mãe ou simplista e lembrar que neste período nenhum plantador de transgênico proibido e nenhum instigador de violência contra os sem-terra, portanto, também transgressores da lei, foram presos...” Veríssimo só quer “comentar o silêncio”. Em Nova Hereford tinha um homem que respondia o fogo dos trovões a bala. Chamavam-no louco, mas ele, ele ao menos não ficava quieto, não cruzava os braços enquanto chovia canivetes.)

⁴⁶⁹ (de Javier de Viana, por supuesto)

trabaja, sobre él pelea y sobre él va en busca de los reducidos placeres que le ofrece su vida de luchador sin treguas. Y cuando viene la noche, la silla, la herramienta, el arma, se convierten en lecho. Blando, incomparable lecho sobre el cual el héroe descansa...

E ele não tem mais o seu, peão de lavoura; “pras pilchas dou um jeito, pago à prestação...”

Vê-se, isso sim, garboso entre os garbosos passando frente ao palanque das autoridades, na praça, e empinando o flete, em continência: guerreiro farrapo apresentando-se para a luta!

Chega de embromação!

Uma única coisa a fazer, por isso o melhor é ir direto pro GRUNHE e esperar o homem lá, resolver tudo logo; só falar com o patrão, e rápido, nenhum dos dois é de render assunto e nem teria assunto que rendesse mesmo; o Senhor me empresta e tal e tal e pronto, nem vale a pena se preocupar, botar a carreta na frente dos bois, o negócio é ir indo, Deus há de ditar o ritmo dos passos, promover o encontro que tanto necessita; melhor entregar a Deus, dá pra dar uma passadinha no Valduílsson, nem convém chegar cedo demais, quem pede favor não pode estabelecer horário e condições...

E está nisso, pensando em atravessar a rua e refrescar-se no bolicho do amigo, quando um buzinaço – que já incomodava seu raciocínio, percebe agora, como um bloco de carnaval que vem vindo, vindo, e ele tem nojo –, um comboio de camionetes reluzentes, buzinando à toda, cheias de gente empoleirada na carroceria, com faixas, bandeiras e gritando alguma coisa com “Sepé”, “chulé”, “méééé”, tudo terminando em “é”, que era o que eles mais forte gritavam.

Sempre que está em um lugar onde tem muita gente, Otacílio envareta, parece que todos olham pra ele, e ali, na beira da calçada, as camionetes passando, bem dizer desfilando pra ele, não tem mais ninguém por perto, o gaúcho, que não refuga cavalo brabo, trabalho pesado, um de gringo na lavoura, se preciso – porque tem responsabilidade e bocas pra sustentar –, Otacílio envareta, quer dar meia-volta, enfiar a cabeça num buraco, feito avestruz, qualquer coisa que o tire dali, quando, parece mentira – parece um sonho, na verdade, um pesadelo, porque nada mais ouve, apenas vê, como num sonho embaixo d’água, turvo e de relance –, passa o Seu Valentininho, rindo ao volante de sua cabine dupla apinhada de uma gurizama fiasquentá, uma criançada pulando carnaval.

Nem notam Otacílio, na verdade, o frege é deles com eles; vão se preocupar com um pobre-diabo naquele arrabalde!? Mas Otacílio, ao ver o Seu Valentininho no meio daquilo, preocupa-se: pra onde vão daquele jeito? como vai poder falar com ele? quando? Valduílsson o acorda:

– Vai ficar aí parado? Ué! Eu não sabia que tu gostava desses bochincho!

Ele atende com a cabeça e finalmente atravessa a rua para, quem sabe, encontrar na prosa solta do amigo algum consolo para o que sente, alguma alternativa para sua desorientação.

2.10.1. A mesma merda de sempre

Quando entram no bolicho, Valduílsson espicha o beijo pro barulho que já vai longe e brinca:

– Tão latindo, mas os cachorro não me morderam ainda. Afeitados y sin salida.

Otacílio sorri,⁴⁷⁰ preocupado, pois entende tudo o que diz o amigo, reconhece os sons das palavras, “ele” mais “a”, “la” ..., latindo, as ruas, o campo, ali, mas tudo parece outra coisa, a passeata, os ditos do velho, não compreende o que se passa, mas algo se passa e ele está, ele, que nunca saiu de Nova Hereford, como que perdido na própria casa, dentro da própria pele, no embrulho dos pensamentos.

– Hoje eles começam a tal vigília lá perto do acampamento do Sepé. Já vinham cuidando deles, mas agora não vão arredar pé de lá. Decerto tão reunindo gente pra coisa.

– O Seu Valentininho tava junto.

– Bá. É dos principal. Mas não adianta. Desde que me conheço por gente isso aqui é a mesma merda. Um dia alguém ia querer mudar, tá na cara. E esses pobre-bicho não têm onde cair morto, bem que um retalhinho de terra dava pra distribuir entre eles e, cá entre nós, não ia fazer falta pra ninguém.

– Eu tinha que falar com o Seu Valentininho.

– Tenta mais tarde, no Grêmio Rural. Pode ser. Ele é dos graúdo, pode ser que não vá lá pro meio da estrada, bancar o xerife.

2.10.2. Carnegão por carnegão

Desinquieta, Otacílio não sabe o que fazer.

O outro abre uma coca de garrafa de vidro, o barulho do abridor, o estampido, o fresh do gás...

Como são melhores as coisas de antigamente, pensa, hoje quase não hay mais disso. Bebe um gole gelado... bom, bom! Dizem que o refrigerante serve até pra limpar ferrugem. Dizem, mas aqueles que passam encharcados de canha.

Otacílio, *ai, ai, ai, lembra da mãe talqueando-se com Alma de Flores, tinha sabonete também, o mesmo cheiro doce, e o Vale Quanto Pesa, com uma balancinha desenhada no papel, mas isso pras ocasiões especiais. Lembra da mãe fazendo colcha com os retalhos que ganhava da patroa e de uma vez, uma vez, lembra bem, que resolveu que ia fazer uma de fuxico, que rende menos, os retalhos são franzidos, assim, em rodinhas, e não terminava nunca, mas no dia que ficou pronta, bonita, a lembrança mais bonita que tem da mãe, arrumou a cama com ela e – não esquece – o Negro Dionei foi dormir lá aquela noite, era sábado, saindo cedo no domingo, decerto pro bolicho, e quando ele foi ver porque a mãe, tão tarde, não saía do quarto, a colcha tava atirada no chão, como um trapo velho e ela, pelada, de perna aberta, os cabelos de baixo que nunca tinha visto, enroladinhos – molhados? –, tudo de fora, os peitos caídos um pra cada lado e a mãe de boca aberta, os pretos dos dentes bem à vista – ela que, quando ria, tapava a boca, vergonha deles –, roncando como uma porca...*

Mas, outra vez... a dor no ombro não dava pra agüentar, um daqueles furúnculos de várias bocas, a gente até pensa em morrer, tanta a dor, e ela botou em cima deles um pedaço de polpa de tuna e enrolou uns panos pra não sair do lugar – como não saiu –, e, no outro dia, aquilo amanheceu tudo melecado, a tuna tinha chupado carnegão por carnegão e a dor, a dor insuportável, a mãe tinha dado um jeito nela.

⁴⁷⁰ (não como Canho, desdenhoso dos perigos, mas, assim, um ladear da boca, de nervoso, de preocupado mesmo, está dito)

O Negro Dionei ia só de vez em quando. E nem ficava pra dormir, só às vezes...

As gurias do Cerro faziam batizado das bruxinhas de pano e palha que costuravam, tinha até bolo, e uma vez a Cleusa... Otacílio pode vê-la, de tranças e vestido de bolinhas, enternecido agora, homem feito, com a visão que na infância lhe parecera ridícula, e com o que a guria disse, suada, no ouvido, e saíra correndo, enternecido agora que, embora analfabeto, bem sabe o que quer dizer a horrível palavra “redícula”, que a Cleusa podia ser tudo menos isso quando o puxou pela mão e disse molhado em seu ouvido “meu amor”,⁴⁷¹ a Cleusa, que nunca mais viu depois que foi pra Quaraí morar com a tia. “Lá eu tenho o meu imbigó enterrado”, pensa Otacílio, e nós: onde? no Cerro? na infância? em Quaraí?... Importa?

Deixem de fingir, pimpões metropolitanos, que conosco se importam...

Um exemplo: o Totoca e a Terezinha viajaram 500 km e foram aí visitar a Dona Celina, parente distante de ambos, doente, os dois quiseram vê-la, somos carinhosos, gostamos das pessoas, e a velha estava muito velha, pensamos “será que a veremos ainda um dia?”, “e se a coitadinha morre antes?” Noventa anos, a anciã, de cinco em cinco minutos virava-se para a filha que cuidava dela e perguntava: “Elaine, quem é esse gor-do?” Ou: “Elaine, essa mulher, acho que é louca!” Ou ainda: “Eles vão quebrar a cadeira de palhinha, Elaine. O que eles querem aqui?” 500 km! Ora, vão plantar batata!

Há limite pra tudo.

4.13. Cada chancho en su estaca

Quando SCF visitou o CTG de Santa Vitória, num dia 20, e, notando dois fogos distintos pro churrasco, estranhou, disseram-lhe:

– Aquele outro fogo é do CTG dos negros, que está dando seu baile naquele pavilhão menor, ali dos fundos.

Costa Franco comenta que “nem a memória da Revolução Farroupilha tivera o condão de unir na mesma festa brancos e negros.” A explicação ouvida:

– Aqui é assim. Cada chancho en su estaca.

Lemos essas passagens, ouvimos e contamos causos nesta roda de mate que cada vez mais se abre, enchendo o galpão de vozes...

O Osvaldo Pereira, do Itapororó, negro de pai e mãe, faz um movimento de cabeça – le vai ficando moura, companheiro! –, aperta os lábios escuros, enrola o pito de palha... “na morte, semo tudo igual.”⁴⁷² Os versos do Telmo, envolvidiços, vêm-nos tocar o pensamento: “Esse jeito taita quando pega a gaita / vale a pena de escutar, / mescla de paisano que passou pra cá.”

⁴⁷¹ (“Isso tu tirou de um conto do Tchékhev, Noêmia, pensa que me engana? E já é a segunda vez que tu enfia isso no texto...”, deblatera o Roger. A professora Noêmia, calma e provocante: “O teu problema, Roger, é que tu passas lendo, e só. Por que não vais ao cinema? Qualquer filme... Às vezes a realidade é mais verdadeira do que a ficção, principalmente quando apaga a luz...” Puxa! A professora Noêmia, hein!)

⁴⁷² (e em ti o comprovamos, amigo velho, hoje silencioso como um morto qualquer em seu buraco sem ar, enquanto que na vida, bá!, nós que a respiramos, opressiva, não há um igual a ti que nos conforte...)

Enovelam nossos fios de pensamento, os versos do Jundiá; enredam-nos com sua fala destorcida: “Ambrósio de Melo, duro de pelar, / tocador nos baile pros outro dançá, / quinchador de rancho pros outro morá, / Ambrósio de Melo, duro de pelar.”

A melodia cala e nos vem, como a Vítor Ramil, “a imagem invernal de um gaúcho solitário tomando seu chimarrão, a olhar a imensidão fria do pampa”, “uma cena regional, quase remota”, pois Ambrósio, “quando chega a tarde, rumbeia pro rancho / louco pra chegar”, e desencilha, solta o flete e queda-se a matear.

Não só a de Ambrósio, mas nos vem a nossa cena, aqui, falando sozinhos neste amplo circunlóquio de pensares, virando e encilhando o mate, porque Ambrósio também, “se um dia tivesse que falar com a vida / tinha o que dizer: / umas santas gracias por poder viver.” Cena regional, de botar em quadro no hall de entrada do apartamento. Há pencas delas, vendidas em série, pelas esquinas da capital; na Semana Farroupilha, alguns, desmamados, fazem presépios vivos nos parques com a estamperia gaúcha.

4.13.1. De ponta cabeça

“Uma tragédia silenciosa”, lamenta Golin, porque o campeiro, “frente à universalização daquela gauchada fulgurosa e pavoneante de roupagem colorida da televisão e das festas cidadinas”, sentia o absurdo: “ele era um impostor”. Ele, um homem que acordava com as galinhas, lidava o dia inteiro no lombo do cavalo e sim, tomava seu mate, silencioso – e só, muitas vezes, que os patrões não querem o prejuízo de peão afamiliado e nem dos que não sabem se virar sozinhos em dez ou doze quadras, contribuindo com seu suor para a otimização do estabelecimento dentro das modernas concepções de gerenciamento –, cá nos fundões, com sua rota e incompleta indumentária “era um impostor”. Verdadeiros gaúchos eram aqueles da TV, “manequins de museu, adornados pela quantidade de peças capazes de suportar”, diz TG, restando para “a população rural da campanha (e, agora, também da roça), sempre constrangida pela sua marginalidade camponesa, triste e ironicamente, encontrar a sua identidade na adoção do gaúcho inventado dos centros urbanos.”

Não adianta, o mundo virou de ponta cabeça!

Vem de longe esta mentira.

Historia o Nico Fagundes que “os sábios do Partenon foram atrás e se adonaram do gaúcho. Para salvá-lo? Não. Para decretar a sua morte.”

Como?

– Como bons intelectuais, desconheciam a realidade e idealizavam o gaúcho, perseguindo um mito que outros intelectuais haviam criado: o centauro dos pampas, o monarca das coxilhas...

Só que:

– ...o monarca das coxilhas nunca existiu e o gaúcho nunca se presumiu tal. E, claro, quem nunca viveu, jamais morrerá.

Quanto ao centauro, “era o gaúcho enquanto guerreiro” e vivia ainda quando de sua morte, para desaparecer somente “com o fim da guerra a cavalo”.

Tomando mate cá com nossos botões, enleados nesta rede desconexa de pensamentos e sabendo-nos reais, porque, como diz o Nico, “é só visitar a fronteira-oeste” é só se

darem “ao luxo de viajar pelo interior do estado” que “facilmente encontrarão o gaúcho a cavalo” – o nosso refaz-se da lida no potreiro, enquanto charlamos, Otacílio anda atrás do seu –, e nem precisava o Nico dizer, basta um beliscão, aaaaaai!, e, bueno... dói. O caso é que, decretou Borges,⁴⁷³ “murieron otros, pero ello aconteció en el pasado, / Que es la estación (nadie lo ignora) más propicia a la muerte.”

Nosotros estamos vivos, vivinhos da silva. Ambrósio, Otacílio, o que mateia solito, os que, quietos a ouvir o enxame das vozes que ribombam no porongo da cabeça, mateamos. Sim, mas...

Não tem mas nem meio mas, chega de brajerada! Senhor!...

4.13.2. “Instrumentos humanos”

Chega de brajerada.

O imenso painel do palácio Piratini, pintado por Locatelli, que simboliza a etnografia rio-grandense, tem até as gringalhadas, mas – e agora, MAS!⁴⁷⁴ – não aparece o negro, nem que seja pra carregar o quadro nas costas, que nem mula de carga, ou pra salgar tanta carne nobre antes que apodreça.

Quem conta é Mário Maestri,⁴⁷⁵ não somos nós de Nova Hereford, só porque aqui, todo mundo sabe, temos alta percentagem de negros e – como eles dizem – pardos, o que nos honra, inclusive, se querem um dado científico, o tamanho do pênis do herefordense é proverbial não apenas porque nosso fundador chama-se João Burro. Por que, então – coisa pensada, o erro é acintoso – não botaram o negro lá?

Porque, explica MM:

– Sobre a negação da importância do trabalhador negro escravizado repousa um dos mitos basilares da retórica mistificadora sobre o passado gaúcho – a democracia pastoril sulina.

Até um presidente do Brasil, autoridade máxima da nação, encheu de negro seu livro sobre o Rio Grande. Bento Gonçalves da Silva, o manda-chuva farrapo, ao morrer, deixou de herança mais de 50 negros.⁴⁷⁶ Viajantes testemunhais, documentos da época, quilombos – havia vários, um até saiu no jornal esses dias, perto de Caçapava, por ali –, a tez, ela mesma, de gaúchos, cochila melanina... nada vêem os que não querem ver.

Salis Goulart afirma, categórico, que no Rio Grande não houve “nenhuma servidão econômica”. O general Borges Fortes admite a existência do negro, mas faz pior – “os negros broncos dos resgates da África que não poderiam realizar a obra transcendente de fixar uma civilização, sendo pela sua própria natureza apenas instrumentos humanos de trabalho, incapazes de compreender o espírito civilizador de sua tarefa” –, deprecia, desdenha, como Ebelot al salvaje, àqueles que ajudaram a construir nuestra patria gaucha.

⁴⁷³ (e repetimos, repetimos... E por ouvir, não pelo ouvido, pro causo, nos sabemos vivos. E também nos beliscamos, vocês viram, pra certeza ser completa.)

⁴⁷⁴ (“ora um ‘mas’ afirmativo! um punhal cravando furo / negro-preto de retinto / no alvar papel de embrulho / com que enrolam nós tudo / os mercadores do olvido” – Rudiard Silva, poeta e microempresário, entendedor, portanto, da matéria.)

⁴⁷⁵ (MM)

⁴⁷⁶ (repetimos, compreendem?)

4.13.2.1. Oi-bota-aqui-oi-bota-ali...

Depreciam, desdenham...

Não fossem as condições sub-humanas do trabalho escravo nas charqueadas, talvez nem houvesse a Revolução Farroupilha, e, não havendo a Revolução Farroupilha – cujos lanceiros negros de Canabarro constituíram-se nos mais combativos soldados –, *ai, ai, ai, o que seria de nós? Não teríamos vultos em quem apoiar nosso discurso e colher nossos exemplos, não teríamos datas a louvar, desfiles a desfilar, não teríamos uma indumentária típica, CTGs, nem o pezinho, talvez nem o pezinho saberíamos dançar. Já pensaram nosotros sem o oi-bota-aqui-oi-bota-ali-o-seu-pezinho? Nem pensem! Nem é bom pensar. Então, San Yermo, Tata Dios, voltando a girar esta mateada que nunca acaba; melhor morrer de úlcera na batalha, ou de câncer no esôfago, do que de bala perdida na cidade grande.*

Maestri, não sei se repararam, deu-lhe uma estocada na tal “democracia pastoril sulina” de deixar gauchinho de vitrine com cara de bocó. Ele foi mais longe: “a negação do esforço e do sofrimento do homem negro escravizado procura, sobretudo, manter o trabalhador contemporâneo no desconhecimento das sofridas e contraditórias origens da nossa sociedade”, no desconhecimento, vejam, como se as palavras, que nos distinguem dos outros bichos, menos agressivos, fossem um código ininteligível para nós, que somos, afinal, a origem, a indiada, como os americanos fizeram com os navajos, usando sua língua e a vida de muitos para desnortear os japoneses na 2ª Guerra, nos mantendo na ignorância em nossa própria língua,⁴⁷⁷ me sanos priapró gualín!, animais!... e conclui, mas quem ouviu?: “também com a domesticação do passado mantém-se a dominação do presente”. *Ai, ai, ai...*

Não gostamos de política – só de cavalo, carne gorda e campo livre... ah! também de mulher, obediente –, mas como Pilla Vares⁴⁷⁸ afirma que “política se discutia na hora do amargo chimarrão nos galpões das estâncias” – mal sabe ele que gaúcho também gosta de

⁴⁷⁷ (se “o homem é na linguagem”, e Barthes estava certo, faziam-nos ignorantes de nossa própria humanidade, os desumanos! E aqui fazemos alto, pra aproveitar o rumo do assunto. Saussure – “sossir”, como uns dizem, não queremos que ouçam errado e pensem que uma coisa é outra coisa, quando todo mundo sabe que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa –, há 100 anos atrás inventou de dizer que “língua é fala”. Tava guerreando era com a escrita, que muito metido adotava por bíblia, porque naquela época não tinha gravador cassete, provar que as coisas eram assim, assim, só com testemunha, e as testemunhas, todo mundo sabe, dizem cada disparate que, bá, dá até nojo. O Seu Queiroz não ia indo com o filho pro culto e não se veio um cachorro desses da moda, aqueles que parecem uns ursos, e não atacou o guri, ele tendo que encher de coice o malensinado, só assim largou o Zeca, e o guri não foi parar no hospital, a perna que era um retalho? “Pois o Senhor mesmo tá dizendo que não”, disse o Bila, testemunha do dono do cachorro pra polícia, porque não era o filho dele, sem-vergonha! A língua, esses linguarudos é que desmoralizam ela, tiram a louçania dela, quebram de tanto morder ela, cortam em cacos, mastigam e engolem... Aí vem o Tom Zé e pergunta, “Má tu tá comendo vrido, meu fio?” E o guri, louco de ladino, “Não, pai, eu tô chupando é preda d’água...” Vou te dar fala!... O exagero é que mata a gente. Vejam a Dona Itália, botou o nome da filha de Grécia... Que coisa! “Quando guardou o imbiguinho da coitadinha, colou um esparadapro no vridinho, com o nome: “Antenas”. Burra. Se nem gêmea é, praoquê mais de uma antena?... A guria é esperta, tá bem, não vamo menti, mas com uma antena só eu pego todos os canal, e nem é das que ficam pra fora da janela... A Leidilaura era muito mais viva, com dois mês já chamou o vô, disse ‘ÔÔÔ...’ O pai ficou numa facerice menina, mostrou todos os dente, bem dizer, os dois ou três dele, as chapa tão uma fortuna, e, de facero, já não tinha mais canha, e, menina!, não deixou uma gota do álcool pra eu começá o fogo...” Assim que, tá bem, língua é fala... mas não vamos exegerar, este é um volume com pretensão e entono de didático.)

⁴⁷⁸ (PV)

mate doce, por amarga a vida –, sentimo-nos na obrigação de não desmentir o companheiro, assim que, citê-mo-lo:⁴⁷⁹

– A paixão do gaúcho pela política está inscrita em suas origens. Dir-se-ia que o destino do gaúcho é a política: ele é um predestinado à política. Nasceu como tal.

PV quer dizer com isso que, por ser a função de defender o território a primeira dos que aqui se estabeleciam, e essa é “uma função política”, então... E que, sempre envolvidos com guerras, não houve condições nesses primórdios para que cá vicejasse uma intelectualidade “capaz de pensar” nosso “agitado mundo”. Entonces nós era tudo como bicho... Salvajes!, exclamaria CE, decerto espumando.

4.13.3. À beira do Caagái

(Temos que abrir um parêntese para falar um pouco da Câmara de Nova Hereford, que não tem a função de defender o território nem nada, mas os vereadores, lá seus currais defendem... sem a indiada não conseguem a reeleição e os pilas do fim do mês mermam coisa séria. Uns até pagam uma capangada pra manter o pessoal comendo na mão do “doutor”, que doutor todo vereador passa a ser na boca do povo mais humilhado pela necessidade, nem que seja um analfá sem cabimento, e tem cada um que Deus te livre!

Nos Indigitamentos⁴⁸⁰ ficam bem definidos os limites geográficos do curral de cada um; nas Petições, os interesses, pro causo, sociais. Os bate-bocas, que é o que eles mais gostam – parece que tudo se criaram lavando na beira do Caagái –, são no espaço do Pinga-Fogo.

Darwin foi duramente criticado – bugio comedor de bosta! – no Pinga-Fogo. Idem o ex-intendente que entregou dezenas de cidadãos herefordenses aos milicos trinta e tantos anos atrás e que tinha seu nome colocado à aprovação da Câmara por um correli-gionário pra virar nome de rua, pois falecera recentemente de câncer no cu. Este, no entanto, teve quem o defendesse, além do propositor, saudosos de um tempo em “que eram felizes e não sabiam”, como não se cansam de dizer, sem saber o que dizem, pois a felicidade não sabe a morte, a sangue, a dor, ainda que dos outros...

“Voto a favor, nobres colegas,⁴⁸¹ plenamente a favor!”, oh! – as galerias boquiabrem-se –, disse uma vereadora do PO, “Só assim todos os automóveis embarrados, todas as

⁴⁷⁹ (outra mesóclise da professora: merecemos ou não a adoção do livro em sala de aula?)

⁴⁸⁰ (denominação esta muito combatida por parte de alguns dos nobres edis, “Resto do entulho autoritário do governo verde-oliva...”, nenhum deles tendo sofrido na pele – güevos, ouvidos, boceta, seios, unhas, beijos, olhos, cabeça, tudo o que tem dentro um corpo humano autopsiado, e então se vê, rins, fígado, estômago... tudo, tudo num estrebuchó só, os sonhos, no pesadelo dos interrogatórios... – a fria realidade de que falam, a qual xingam, à distância confortável, hoje, “Aqui ninguém é dedoduro!...”, batem no peito – e nem soltam “ai...”, um único “ai...”, são de lombo, o coração valente como um João-bobo de plástico, nunca tombando, nunca jazendo como Ricardo – e o Seu Janguta já não saberá, o velho, por certo também ele morto –, como um João-bobo de plástico, sorriso plástico, a esperança inquebrantável do que é de plástico, balouçando sobre a própria bunda, pés rotundos, design macio, “Galhos que vergam mas não quebram, companheiros...”, quando – perdoe-nos Deus dos desgraçados, a vida que nos resta é uma sucessão de espasmos – deveriam trincar que fosse, quebrar um pouco a bazófia vegetal da espinha, corincho pimpão, refil de baratilho, para que doessem – mas só um pouco, de humanizarem-se –, cruéis e ultrajantes delegados da nossa inexpressiva, torpe e falaz região eleitoral. Nos indigitamentos... nas petições – que seja! – deveriam, mas não o fazem, poderiam, mas não o desejam, bem que, enfim... já pensaram se achassem ocasião de botar o dedo na ferida?)

⁴⁸¹ (todos nobres e, nesta condição privilegiada, “ungidos” pela matemática da “fenda urnígera, vagina do poder”, derramam rios de sangue azul nos papelórios, bics mais bics de fidalgarronices, um troço!)

camionetas e caminhões espalha-merda, toda a população de Nova Hereford poderá, ainda que depois de morto, pisar e repisar neste estrupício. De minha parte, podem ter certeza de que mudarei meu trajeto só para ter diariamente esse indescritível prazer...”

Bá. Foi um bochincho. A vereadora teve que retirar a expressão – tão vivaz!, não lhes parece? – “espalha-merda” pela morfética “espalha-fezes”, mas não chegou a ser punida pela egrégia Casa. E a rua trocou de nome, sendo o que já era, uma das mais transitadas da cidade, só que agora – vejam quão rico nos sai o ser-estar no mundo! – com reforço de justificativas e sentidos.

Assim é o Pinga-Fogo.

Às vezes os representantes do povo atacam-se à unha, chegam às “vias de fato”, como escreve o assessor de imprensa, não raro havendo a necessidade de uma chegadinha à delegacia e ao hospital, para exame de corpo de delito. Assim daquela vez em que a vereadora Beltrana foi vestida de escoteiro em homenagem aos homens que gostam de usar calça curta – ainda que fora da idade e da moda – e o colega da oposição subiu à tribuna para solidarizar-se, em dúvida apenas se Beltrana estava fantasiada de Huguinho, Zezinho ou Luisinho, “pois não lembro de ter lido alguma revistinha em que a Vovó Donalda estivesse de fardinha... E olha que minha coleção era bem grande...” A coitada desmaiou, mas os demais membros da bancada tomaram as dores dela – e do escotismo! –, o que gerou uma pancadaria generalizada.

Na sessão seguinte, o brincalhão foi duramente xingado: “Falta de respeito! Por que a Vovó Donalda e não a Margarida, que, por jovem e heroína, muito mais condiz em ser comparada a Beltrana...” Pior a emenda que o soneto, as mulheres são “uma caixinha de surpresas” – como bem disse o original presidente da Casa –, sem atinar – bruto! – que nunca se deve chamar uma mulher tanto de velha quanto de pata, ainda mais se ela caminha como tal... “Mas, então? Mas, então?...”, diria ele, já sozinho, esquecendo, original, que, em se tratando de mulheres, “a mentira é a verdade mais conveniente”.

4.13.3.1. Espelinhos

Nos Indigitamentos, dizíamos, os vereadores demarcam seus domínios.

Todos, da direita furibunda à esquerda nefelibática, solicitam “ao Executivo Municipal, através do setor competente” calçamento, encascalhamento, patrolamento, colocação de bueiros, quebra-molas, placas de sinalização, canalização de valos, reposição da camada asfáltica de ruas... reposição de lâmpadas, instalação de novas luminárias, conserto de abrigo de ônibus, inspeção nas bocas de lobos, limpeza de inços, retirada de lixo... realização de cirurgias gratuitas, distribuição de cestas-básicas para os desabrigados da enchente, cobertores, passagens de ônibus...

O Executivo pra uns pode, pra outros não, dependendo quem e onde, embora sempre sejam necessidades “urgentes”, porque a rua Tal “está intransitável...”, os moradores do Valão “vivem tapados de esgoto...”, descobriram um caso da vaca louca em gente, “temos que dar um jeito, a guriazinha, acho que não dura muito...”⁴⁸² A miséria é grande,

⁴⁸² (sejam os claros com assunto tão delicado, até porque temos experiência nada boa com esses, bem dizer, calemburgos, coisa de gente da cidade, logo se vê a assinatura do triquestroque na perfídia, na aleivosia, matungada de asfalto... Pois chamar mulher de “vaca” até que não é ofensa, só mesmo quem não conhece as tetas da Odete, quantos filhos de leite não amamentou? E, bá, coisa complicada é essas mocinhas de hoje que não fabricam alimento pros nenês que ganham... tem que criar os

mas o nome dos logradouros públicos – “um lodro, também isso?”, perdunta-se o Tatalo, sempre melantólito –, bá, um campeonato de chiqueza: Praça Negrinho do Pastoreio, Monumento Acendo Esta Vela Pra Ti... Avenida Nova Brasília, Rua Rincão dos Vates, Bairro Qorpo Santo, Estrada Municipal Veado Galheiro... Tantos e tantos logradouros – “joios vestidos d’ouro / trigos brilhando louros...”, nos versos rudos de Rudiard Silva – que, se fôssemos, no escrever, elencá-los, nossas mãos, sensíveis mãos, ficariam puro calo. Nem adianta, não dá.

Nas Petições dos vereadores, dizíamos, é que avultam-se os interesses – geográficos, também, sempre, mas principalmente –, as demarcações, por assim dizer, subjetivas do exercício do mandato. Os “votos congratulatórios” são a forma de longe mais utilizada de investimento nos eleitores potenciais – “Temos que regar as plantinhas”, confessa um, se rindo –, abrangendo desde categorias – ferroviários, enfermeiros, professores... –, quando a colheita, de antemão, se vê que é promissora, até sociedades, associações, lojas, famílias, pessoas – no seu natalício, ou sem motivo nenhum, só porque os vereadores, generosos, todos gostam de amar o próximo, como soprou aquele no ouvido de Moisés –, um leque interminável, dependendo dos setores por onde o mandato imiscui-se, qual vírus – o vírus entranhado –, por onde, amoldando-se à fresta, entra, e já toma conta, discursando, distribuindo espelinhos e colares, de preferência, no atacado, que o varejo é muito trabalhoso e não se colhe o que chegue, doce ilusão.

4.13.3.2. Lembranças parasitárias

Ilusão. Mas há casos em que o varejo impõe-se, pela própria natureza dos votos – que tudo são votos, não nos deixemos enganar –, os de aniversário, os pontuais – algum específico sucesso –, os “de Profundo Pesar”, estes, importantíssimos, de todos, os inegociáveis... porque o “Profundo Pesar” vem acompanhado do rabicho da fórmula – “pelo falecimento...”, “pelo trágico passamento...”, pelo infortúnio...” –, a qual encerra-se com o nome do que cravou o bico e as condolências “à família enlutada”. Isso rende. Talvez seja o equivalente pós-eleitoral ao rito pré de pegar criança no colo... Vejam, antes, as promessas encarnadas na risonha infância, depois, pó, tudo pó – do esquecimento – na lembrança parasitária dos vermes.

Por que não mudam o mundo nossos delegados?

Por que, ao contrário, o repisam, desdobram, cevam, monstruoso?

bichinhos guachos... – E teta de silicone, dá leite? E não faz mal? – Chamar de “louca” também, pode até ser um mimo, o Rui Biriva canta e todo mundo repete, “Tchê louco! Por onde andaste?...”, e tava era com saudades do amigo que há quanto tempo não via?... Um lote de anos, muito tempo... Agora, “vaca louca” sempre é um tabefe que estala na cara de uma próxima. Em nome dos bons e sadios costumes campesinos, preferimos o nome científico – razão pela qual dizemos “blenorragia” e não “gonorréia”, a dor parece que diminui, a coisa parece que desinfecta –, encefalopatia espongiiforme bovina, que, quando pega em gente vira “doença de Creutzfeld-Jacob”, muito mais distinta do que “vaca louca”, vejam, nem cura tem, melhor, se mata mesmo, que o coitado morra de coisa difícil. Tem ruralista pulando porque apareceu um caso na Inglaterra e outro nos Estados Unidos... “Ué, mas aqui também não...”, ia dizendo o boca-grande do Jeferley, mas o vereador Sicrano, sempre vivo no repique, lascou um “Cala a boca!” que retumbou na sala. Assunto encerrado. Todo mundo começa a assobiar, olhando sempre pros lados, pra cima, nunca olho no olho; o Jeferley, pra mostrar que entendeu e agradar o doutor, comentou, distraído, só que se fazendo, entendem?, “Acho que vai chover...”, mas o Sicrano deu uma fuzilada nele que saiu chispa; jornalista é burro, vendido e tal, mas nem tanto!

Um doutor desses, na *Tribuna*, resolveu “homenagear” a Lei Áurea com Cecília Meireles: “liberdade – essa palavra – / que o sonho humano alimenta: / que não há ninguém que explique, / e ninguém que não entenda!”

E, ó ironia!, o tal foi um dos que indigitou nos anos de chumbo! Agora, confiando na perda progressiva de memória dos eleitores – falta de algum fortificante na comida, quando não a própria –, banha de ouropel as balas, o filho-da-puta, e com Cecília, o sem respeito. E ninguém o contraditou no Pinga-Fogo – todos no mesmo saco? –, que o Roger chama de “Pinga-Fogo-Fátuo”. *Ai, ai...*)

4.13.3.2.I. O Doutor Camposanto

(Outro parêntese. Está acontecendo uma coisa muito muito séria em nossa querida e pacata cidade. Achamos – alguns aqui do Instituto – que a coisa anda tão séria que é capaz que o mundo, sabendo, mude... pra pior.

O caso é que gostamos muito deste mundo, não pelo mundo em si, mas porque, estando neste, naqueloutro não estamos, compreendem?, não trocamos o certo pelo duvidoso,⁴⁸³ aqui, ao menos, o ar chega aos pulmões – as adenóides, a sinusite, o ranho duro, a catarreira... são coisas que atrapalham, mas não a ponto de entupir as vias aéreas, como dizem esses de branco que pensam que sabem tudo, mas não sabem é nada, a mãe do Julica tava grávida e não queriam tirar a barriga dela? o tal de mioma?, só porque tinha cinqüenta tava proibida de trepar?... ganhou foi um bom dum tabefe, o de branco, “vias de fato”, como ficou registrado na delegacia, coisa mais sem fundamento... nem soco foi, um tapa forte, só, quem mandou ter o nariz tão desentupido?... parecia um chafariz a sangüeira... –, o ar chega aos pulmões e a gente vai levando. É como diz a comadre – bem inteligente, ela, foi até o terceiro primário –, que trabalha na coleta do lixo: “melhor sentir fedor do que não sentir nada”. E, no outro mundo, bá!, maioria expressiva do IC acha que é que nem Marte, não existe nada.

A coisa estranha é que o Doutor Camposanto, que nunca foi muito certo, é verdade, agora deu pra desafiar “as leis da física”, segundo a preocupada Carmem, vizinha dele.

– A gente entra numa loja e, pronto, quem é que nos cumprimenta? Dobra uma esquina e lá está ele, vai atravessar a rua e o homem passa abanando. Pensei que tava me perseguindo, até falei pra Liloca, mas ela disse que com ela é a mesma coisa, vai sair de casa e o Doutor aparece-lhe na frente, como uma assombração... Então, pensamos: uma pessoa não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Se isso está acontecendo em Nova Hereford, é um fenômeno capaz de mudar toda a vida sobre a face da Terra. Na condição de Instituto Cultural, devemos investigar o caso, mas, antecipando, a questão é: em sendo positiva nossa hipótese, vamos contar a verdade ao mundo? Interessa-nos? Sim, porque vai ser uma confusão... Já tô em chilikues...

Coitada da Carmem. Fica tão entregue às tarefas de casa e do IC, nem televisão mais vê, imagina!, não perdia novela... Ora, ano eleitoral, tá na cara que o Doutor Camposanto é candidato a candidato. E, agora, a coisa bem diferente daquele tempo de mocidade, não vai mandar matar ninguém pela vaga. Nem anda mais armado e a capangada fica de longe, escondendo postes de tão largos, mas de longe. Cidadão inofensivo.

⁴⁸³ (Túlio/Tiago, Hector et alii discordam: “Nem mais discutimos mundos, já estamos no nível das galáxias...”)

– E aquele menino, o Toninho, inventando moda de novo. Agora vai para o Congo, que nem belga mais é, imagina!... Com tanta gente aqui pra tratar, com a cabeça virada, virada... dando chique por qualquer ventinho, parecem galho de sarandi...

– A Carmem tá é esgotada. Ela me disse que leva cada susto, caminha e a sombra fica perseguindo ela e, em casa, cada vez que passa pelo espelho aquele da sala, treme de cima abaixo... Por que não viaja um pouco? Nem São Chico conhece, e agora tem um pedaço com asfalto... Ruim é a parada, nem te conto.⁴⁸⁴ Um molambento me atendeu e a comida, bá!, encontrei um cabelo enrolado no bife... um nojo!

2.10.2. Barrigada d'água

Otacílio mata o tempo que não tem no bolicho, duro como aroeira seca, difícil de soltar o cavaco.

Uns velhotes que passam o dia orelhando a soca, jogo mixuruca, só pra esperar a morte rindo, riem-se e o gaúcho – agora empregado na lavoura – sente inveja daqueles sem nenhum compromisso, a não ser o já citado encontro, mas sem hora marcada, nem dá pra ansiar um vivente, ora está vivo, ora morto está, não vê o Osvaldo.

– Esse troço é bem bom, não?!

Valduílsson abre outra e serve os dois.

– Bá! – exclama Otacílio, brigando consigo mesmo, mas nas caraminholas das idéias, pois se o GRUNHE fica bem ali, um pulo, nas barbelas, como diz o outro, e ele nada de soltar o cavaco.⁴⁸⁵

– Não adianta ficar se preocupando à toa. Mais tarde tu acha o homem e resolve tua pendenga. Escuta essa.

E o bolicheiro começa a contar uma do Seu Arnildo Baratini, gringo, só podia, e cheio das pelegas, que foi roubando dos tantos com os quais fez negócios na vida. O peão dele, o Osmar, foi que viu tudo. Bueno. Pois iam carregar cordeiro a peso e o vivaracho já atochou que não podia ser muito cedo, que ele andava amolado e tomava uns remédios, resumindo: acordava um pouco mais tarde e queria acompanhar o serviço.

Mas, que nada! O homem pulava da cama ao clarear do dia, como de fato pulou. Foi tomar mate com o Osmar – que nem era do seu costume, o que tinha e o que não tinha que fazer na fazenda era dito na véspera, no chimarrão da tardinha – e deu a ordem:

– Osmar, tu pega aquela bolsa de sal que tá lá no quartinho e dá pros bicho, depois abre a porteira do espinilho que eles vão querer tomar água.

– Não é melhor por aqui? Lá tá tudo embarrado – diz o Osmar, já compreendendo – e se fazendo de bobo, divertindo-se – a alarifagem do velho.

– Faz o que eu tô te mandando, rapaz, e não toca eles, deixa que vão assim no tranco deles mesmo.

Na hora de pesar, o homem do escritório, um rapazola, ficou admirado do peso da bicharada, mas pagou, o negócio era a peso, pagou e não bufou. Já pensaram! O gringo safado deixou os bichos ficarem com sede, do sal, deu uma bruta duma barrigada d'água

⁴⁸⁴ (ah, conta...)

⁴⁸⁵ (e sem cavaco, saibam – vocês! –, fica difícil começar o fogo, quanto mais “alimentar incêndio”, que era o que parecia prometer o taura quando saiu de sua bolante cor-de-rosa – lá longe, no princípio! –, deixando-a bem fechada, como quem vai e nem sabe se volta...)

neles e, ainda por cima, fez eles pegarem mais quilos e quilos se embarrando tudo na ida e volta pro açude. É como dizem na nossa terra: “el pobre pela, el remediado raspa y el rico come con cáscara”.

– O Seu Valentinho não é diferente, Otacílio. Eles tão brincando de mocinho e bandido... E acham que são os mocinho, é só ver pelo que muntam.

Pela montaria, sim – Silver era um cavalo de patrão –, mas não pelo alvoroço: quem chegava em pandilhas fazendo algazarra, dando tiro a torto e a direito eram os bandidos. Nas matinês da uma, todos os domingos, a gurizada ia bater pé, ajudando, com sua solidariedade inocente e exaltada, a vertiginosa perseguição do herói mascarado, em seu tordilho alvo e reluzente como a prata, aos facínoras, feiosos, inescrupulosos, acompanhado, o mocinho, de seu fiel pele-vermelha, naturalmente que num cavalito inferior, tobiano, o índio, de nome Tonto, e lhe caía bem.

2.10.2.1. Entre mortos e feridos

A Guerra Guaranítica, vejam, juntou pela primeira vez os dois grandes mocinhos da época, lusos e espanhóis, para acabar com as reduções jesuíticas e, por supuesto, com a indiada que pensava que era gente – bando de tontos –, vivendo como brancos, ouvindo música sacra e até – a que ponto chegamos! – comendo-as e fazendo estátua de santo.

A aliança entre Zorro e Tonto, grosso modo – que é o nosso modo aqui, grosso, sim senhor, já dizia o Gildo –, até que ilustra bem a aliança missioneira dos padres espanhóis com os guaranis, estes últimos reduzidos, isto é, convertidos, ou seja, transformados, que é o mesmo que restringidos, limitados, confinados, diríamos nós de Nova Hereford, que gostamos do que é ancho, e, então... reduzidos ao pensamento, à cultura, à fé, à estreita dogmática daqueles com seu Deus terrível, ameaçador, sorumbático.

Pior para os guaranis que sua guerra foi colorida, como é o mundo, e não em preto-e-branco como nas domingueiras do matinê da uma, quando os revólveres tinham inúmeras balas, os bons ganhavam sempre, morrer era apenas, e mansamente, deixar cair a cabeça pro lado, e não havia sangue, porque era tudo em preto-e-branco, tudo o preto no branco, mocinho-mocinho, bandido-bandido, e, entre mortos e feridos, todos se salvavam.

Pior para os guaranis que o enredo – complexo, incompreensível –, os fizesse bandidos, quando eram apenas tontos, tontos demais num mundo de sorros.

Desesperaram-se os guaranis – descrentes da fé que os reduzira – e saíram a arrebanhar índios infiéis – índios, pra dizer tudo –, minuanos, charruas, mboanes, yaros, guenoas, para lutarem juntos contra os brancos que os queriam expulsar de suas próprias terras. “Tiroteio grosso deu-se na sanga da Aroeira, onde alguns espanhóis escondiam-se nos macegais”, conta a historiadora Maria Ignácia de Souza Antunes, e emenda: “nos campos do sul do Ibicuí o entrevero era intenso”.

No sul do Ibicuí, vejam, era Yapeyu, é Nova Hereford.

O mundo estava acabando aqui, porque vieram os fazendeiros e, confirma Maria Ignácia, “os índios infiéis passaram a ser enxotados de um lugar para outro”. Ou morriam lutando contra a pólvora com fundas, boleadeiras, lanças, arcos, a obsoleta valentia, enfim, ou sujeitavam-se ao regime das estâncias, morte outra e não menos morte porque consentida, comprada a canha, vendida a prazo, no dia-a-dia preguiçoso de bicho caseiro, pobres-bichos.

Engraçado que Ibáñez de Echávarri defina o gaudério como aquele que “tiene la propiedad y costumbre de vender lo que no es suyo”. E o gaudério, ou gaúcho, ou cuatrero, a indiada chucra del desierto nada mais era do que a gente pampeana, miscigenada no entrevero das culturas nativas e exóticas, aqueles, pro causo, que preferiram o risco de viver sua identidade bárbara, nômade, libre, o risco de morrer por ela. Engraçado que Echávarri – como tantos, ainda hoje, por conveniência, mesmo esses das camionetes engalanadas – nunca tenha pensado que, se chegaram después, los hacenderos eram os que se apropriavam do que no era suyo, los hacenderos!

Este raciocínio a que Echávarri recusa-se – e muitos outros para quem a história dos homens teve início com a sesmaria ganha por algum antepassado seu, cabotinos! –, límpido como água de cacimba, claro como o céu de outono, denso como catarro em parede, velho como mijar em arco, reto como pensado a régua e justo como dedo no cu, este raciocínio – mais do que raciocínio, princípio, o do tempo sucessivo,⁴⁸⁶ o do nada como um dia depois do outro, o d’a volta vem – move o mundo.

O pessoal do Sepé – mocinhos? bandidos? – querem agora dos proprietários o que um dia estes, com um pedaço enrolado de papel, tomaram da companheirada de Sepé Tiaraju, a indiada velha de guerra, a gauderiana, a gauchada dona desses horizontes, tudo sem cerca, porque dá pra todos y Dios no cobra pastoreo.

3.2.2. Materialmente

Na época da Revolução Farroupilha, peão e patrão, num passar de olhos general, eram tudo farinha do mesmo saco, até trabalhar junto trabalhavam.

– Na realidade, só materialmente esta classe se definiria como possuidora – diz Pilla a respeito dos estancieros.

“Materialmente” é assim: o guri dono da bola joga sempre e nunca no gol; quando não quer mais, pega a bola e acaba com o jogo. O gol – de levar bolada, frangos, xingamentos – pode ser laçar boi brabo galopeando em campo ainda crespo de taipas mal desmanchadas, perigo de a sobrecincha arrebentar e correr, pode até capar o laçador... É, se o látego se rompe e a argola vem, facilita, capa um, o bicho meio chimarrão, e vai que o cavalo entesa pro outro lado? Coisa braba.

O gol pode ser desatolar vaca aspada em tremedal, laça as aspás e puxa, já viu o peso, e a ferocidade dos chifres, uma vez solta a bicha, contra quem a livrou daquilo, porque quando vaca pensa, é que nem umas aqui de Nova Hereford, pensa tudo errado. Uma vez o Osni e o Aniceto, lá no Pai-Passo, forcejaram a tarde inteira pra tirar uma já flaquita de dentro de um córrego abarrancado. Tiveram que desmanchar a barrigueira da cincha, emendar, uma ponta ataram na árvore que tinha assim, torta pra dentro, e foram puxando a outra ponta, enfiando um pedaço de pau dentro da argola da barrigueira, pra fazer um elevador e não matar o animal ao salvá-lo. Se vai puxar pelo pescoço, com o laço, enforca. O patrão não ia gostar.

O patrão era capaz de largar campo fora os dois!

⁴⁸⁶ (“Ah, é? Então munta!”, “Mas pra quê?”, “Munta e bamo pro lado de Uruguaiiana, por dentro... Tu vai vê que esse tempo aí não existe...” “Mas, como?” “Munta, que tu vai vê. Bamo andá, andá e o pampa não vai nem se mexê...”)

O campo só tava lotado – botando bicho por cima da cerca! – porque o patrão exigia que a campereada tinha que ser a preceito. O rebanho só cresce se se cuida de cabeça por cabeça dele. Se o homem descobre, numa de suas recorridas, que deixaram morrer um de sobreano sem curar lá pros lados da capela ou uma de invernar atolada no olho-de-boi da invernadinha, Deus-te-livre!, o responsável vai ver o que é bom solito da silva no tremedal do olho-da-rua.

“Materialmente” é isso, mandar, e não obedecer; vender a tropa e embolsar o di-nheiro, tangível ali no bolso; viver na casa grande e ser dono de tudo até o horizonte, inclusive da vontade da peonada que se amontoa no galpão. “Materialmente” é possuir de fato, é o que importa na estratificação do convívio. O gurizote filho do estancieiro, que é coronel ou general, já sai pra seu batismo de fogo como tenente; os que leva por tropa da indiada da propriedade vão como soldados rasos, servir de carne de canhão.

Se vão folheiritos, todos, do patrãozinho ao chiru changueiro – e vão! –, é porque o gaúcho dá um dedo por uma boa briga, e assim como dá o dedo pode dar a vida. Se vão folheiritos no más, hermanos. Na morte, porém, contam os galões: quem não os tem, fica lá mesmo na coxilha, em cova rasa, se dá tempo, antes que os filhos-da-puta se reagrupem na rebordosa, reculutando os que sobraram pra nova carga; quem os tem, ganha enterro com clarim, comoção geral, nome em enciclopédia.

Vejam o Getúlio: bem como escreveu em sua derradeira carta, entrou rachando na história, onde já estava, pro causo, mas o espírito, sabe como é, precisa das asas que o corpo não tem para ganhar corpo como espírito, entendem? Discursar em seu túmulo, ainda hoje, é uma liturgia que rende dividendos políticos.

É lindo morrer cravado na terra pátria por uma lança fratricida, não se discute, é lindo e o gaúcho merece. Mas, nem bem a morte se instala e já os urubus se atacam a limpar os ossos... bá, não se faz pro pior inimigo! Por isso, desenterrarem Gumercindo e cortarem-lhe a cabeça indefesa não tem defesa. Os restos dele, lá no túmulo em Santa Vitória, são os outros que um cadáver vira, não os da foto alouçada que informa “aqui está o homem”, pois não se sabe onde foi parar aquele resto barbudo e altaneiro do homem, castilhistas desgraçados!

3.23. Sem moeda nenhuma

Notaram que nossa conversa galponeira às vezes bóia no bote à deriva, como o sujeito aquele picado por cobra, à deriva no rio sem óbolo nenhum; à deriva como floreios de milonga, como brincos de china. Temos que dar um porto seguro àquele morto, o acorde final da payada, o rijo que educa a percanta. Charlar tem suas regras; não é a casa-da-mãe-joana. Mas, vejam, o silêncio nos tem matado à míngua esses anos todos. Quando pensamos que Silva Paes, em 1627, que Rafael Pinto Bandeira, Borges do Canto, Artigas, Bento, Rosas, Silveira, Castilhos... Quando pensamos que Otacílio... falamos pelos cotovelos, gritamos, balbuciamos, choramos porque, vejam, estamos é desesperados.

O monarca tافل, o paisano loução, o gaúcho desempenado, e dê-le dê-le!... floreios apenas, penduricalhos. Estamos é nos consumindo, como o homem no bote, a coisa ruim atando-nos os braços, inchando-nos os pés, gangrenando-nos os caminhos... e nós sem moeda nenhuma boiando no escuro perau do Estige.⁴⁸⁷

“Materialmente” é tudo; o resto é sonho, ilusão, domesticação, estupro.

O hino de Nova Hereford – bem dizer o hino, o outro ninguém sabe cantar –, que nos faz chorar com seus versos de puro sentimento guerreiro, pela verdade com que amalgama a saga de nossa gente, até ele foi estuprado. Vejam, pegaram a melodia, o poema, o rico e marcadamente marcial fraseado de nosso hino e o transformaram em uma dessas imundícies reboativas e manemolentes dos baianos. Como se Nova Hereford – porque ubicada na fronteira, talvez – não existisse neste mundo e seu povo não pudesse ir aos tribunais reclamar contra a conspurcação de um de seus símbolos.

Imaginem se roubassem o **Canto Alegretense**⁴⁸⁸ de nossos vizinhos!? Seria o mesmo. (Na verdade, pra eles seria pior, por que, bueno, o que têm eles a não ser o **Canto Alegretense**?)

De qualquer forma, estupraram-nos e – agora podemos compreender as mulheres, em parte, porque tem umas que gostam, vagabundas – não foi nada bom, doeu, sangrou. Por conta do ignominioso esbulho, como diz o Doutor Vazulmiro, nosso procurador na causa, registremos neste espaço democrático – este, sim, democrático, plurívoco, promíscuo até, limpando o termo do que tem de bagaceirice – o hino. Silêncio. Ei-lo:

“Bum! / Ka-pum! / Ka-pum! Pum! Bum! // Bum! / Ka-pum! / Ka-pum! Pum! Bum!
// A nossa história é rica e revolucionária, / Somos gaúchos de João Burro, Mata e Saia. /
/ O inimigo faz cantar suas metralhas / E nós cargamos só com lanças de taquara. // É que
tal força que têm eles vale nada / Porque nos move a razão desta batalha. // Ó terra
pampa, o teu brasão é a estrela d’alva / E o sol radiante, o amanhecer da pátria salva. //
Bum! / Ka-pum...”

Patrício, desculpe, mas é de chorar, desculpe...

“Materialmente” é tudo, não adianta.

O Assis Brasil, que, bem dizer, veio até Nova Hereford, beber em nossas tradições, pois parou numa estância aqui lindeira – a Estância da Fonte até podia ficar em Rio Pardo, terra do Coronel Baltazar, Micaela, Isabel, Jacinto... Félicien De Clavière, francês “medido a homem de ciência”, está escrito, andou por lá quando o Coronel teve a comichão de engajar-se na luta contra Artigas, tocando o coração das damas com seus dotes de herbóreo e telescópico; mas foi aqui, no pampa aberto, que AB, homem de letras, achou o C, o D, o E e assim por diante, porque, isso é mais velho do que rascunho de Bíblia, as virtudes ficam no meio, compreendem?, da casa, de Isabel, de Micaela... –, o Assis Brasil, enfim, é homem conhecedor do tema. E, então, não somos nós, semi-analfas, mas ele mesmo, como quem sampa a verdade nos beijos da gauchada de butique, quem diz:

– O sistema de sesmarias, versão colonial dos baronatos europeus, serviu de divisor-de-águas entre as classes, distinguindo os que eram “alguém” daqueles outros que nem sequer tinham um nome próprio.

3.23.I. O caldo da salga

Quantos eram gente desse ou daquele patrão?

⁴⁸⁷ (Dr. Vazulmiro)

⁴⁸⁸ (do Bagre e do Nico Fagundes, todo mundo sabe)

Quantos, como João Burro, Mata-Sete ou Saia-Curta, tiveram de cavar nombradas furando buchos à tripa-forra para ganhar respeito de apelido? Quantos, chusma, nem vida própria tinham, quanto mais nome – apelido que seja, alcunha –; nem proprietários eram de sua vontade, que a posse de seu corpo, suor, sangue era d’outrem.⁴⁸⁹

O gaúcho suava, digamos, vinte baldes por semana, dos quais, recebia – quando recebia, porque muitos trabalhavam pelo direito de dormir no galpão sobre os arreios e pela bóia, saco vazio não pára em pé – um ou dois, só para argumentar, ninguém tá afirmando nada, estamos entre amigos. Seu salário perfazia então, *Deus do céu!, um ou dois baldes dos vinte que suara. Os outros dezoito ou dezenove baldes ficavam com o patrão, que era como o barão europeu, por conta de ter recebido um papel na corte que o fazia proprietário de tudo ali, ainda que houvesse gente habitando o que lhe estavam presenteando de deserto, pois o papel também lhe dava o direito de expulsar os seres vivos dos, agora seus, só seus domínios, considerando seres vivos, naturalmente, apenas os hominídeos, os selvagens nativos, índios e gaudérios de todo naipe que perambulavam fazendo suas arriadas, como urubus. Os selvagens – selvagens?! – que não aceitavam a domesticação viravam foras-da-lei, malechores.*

Os, pro causo, baldes de suor ganhos através do trabalho da peonada, na falta de onde gastar a dinheirama, poderiam engrossar, *ó sina!, o caldo da salga nas charqueadas, indústria da época, movida a braço escravo.* E, vejam, não seria nada desprezível, nojentto, asqueroso ou despropositado como os adoutorados de hoje em dia podem supor – com base num fordismo social⁴⁹⁰ que distribui os trabalhos de acordo com a cor da pele, com o quilate do berço, com a presença ou não do membro viril no seu encaixe natural, condição esta última que atrapalharia o desafortunado D’Avila Correa, que o perdeu incendiado, além do que tiraram-lhe fora os braços, restando-lhe o trabalho intelectual, não lhe fosse também extirpada a cabeça, gesto de profunda compaixão da peonada de Gumercindo, para que o moribundo não ficasse a remoer pensamentos tristes que costumam levar as pessoas a comportamentos autodestrutivos –, biltres!

Bem ao contrário, “a mão-de-obra escrava era o ponto fraco das charqueadas rio-grandenses na concorrência com as de Montevideo e Buenos Aires, que utilizavam trabalhador temporário assalariado”, dizem Bones e Ruas,⁴⁹¹ reforçando o relatório de Louis Couty e a tese de FHC,⁴⁹² embora, *segundo a Igreja da época, a escravidão correspondesse “à vontade do Senhor Deus”, ai, ai...* Asquerosa a idéia da salga com suor? B&R citam Robert Avé-Lallemant:

– Em toda a região há um terrível cheiro de carniça. Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseante massa de sangue em putrefação...

Citam Alvarino Marques:

⁴⁸⁹ (Roger, valzumiriano só pra inticar)

⁴⁹⁰ (coisa dos stalinistas-democráticos)

⁴⁹¹ (B&R)

⁴⁹² (De ora em diante Fernando Henrique Cardoso – se ainda aparecer –, que gostamos das coisas claras e este é conhecido mais pela sigla, que pelo nome, imagina!, como se fosse multinacional, razão social, essas coisas que, Deus nos livre!, rimam com mal)

– Na sujeira das praias de matança mal lavadas, nas pilhas de inverno, nos varais impregnados de gordura e sangue das mantas, nos guanos que se amontoavam nos pátios, nuvens de insetos formavam-se e espalhavam-se pelos arredores...

Com o suor excedente dos trabalhadores foi feito tudo o que existe; o pampa, esta folha branca e, letra após letra – ciscos, germes, lágrimas... –, as pestilências de viver nele.

3.2.4. *Vida maleva*

“Materialmente” é o tangível, o que se pode pegar, vender, comprar e até perder no jogo do osso, como aconteceu com o Chico Ruivo, que apostou a mulher, Lalica, mas a sorte pendeu pro Osoro.

E, já que estamos nisso, o mesmo sucedeu com o barraqueiro aquele – Giloca e João de Borba testemunharam tudo –, que perdeu a sua nas carreiras para um ricoço. “Perdeu a costela!”, riam-se os gozadores. Mulher sempre foi moeda forte no pampa. Dizem que por ocasião de um parto difícil da mãe de Gumercindo, a parteira perguntou ao velho Chico Saraiva a quem deveria salvar, se tivesse de escolher, e, conta Chasteen, ele “respondió con entereza: ‘Salve al niño, la madre está cumpliendo con su deber’”.

Mãe é mãe, ora, vaca é vaca. “Materialmente” é tudo.

Assis Brasil – que vasculhou isso aqui desde o tempo do quarto de légua em quadro dos primeiros imigrantes – escreve que o busílis “está na propriedade imobiliária”, que tem como “castelo” no pampa a estância, “nada mais restando aos outros, os simples povoadores”, senão “submeter-se à tutela do estancieiro assim como o servo da gleba submetia-se ao barão medieval”. Quem não comprovasse a propriedade da área onde vivia, emenda Guazelli, para todos os efeitos era um marginal, surgindo a necessidade – manotaço de afogado, assim, pra sobreviver – de “comprovar uma relação de trabalho” já que proprietário não era. Diz ele que os peões passaram a ver nos estancieiros, “não os expropriadores da terra” – que eram, está dito na própria entrelinha da negação –, “mas aqueles a quem deviam a subsistência e a proteção contra as autoridades”.

Ó sina! Maleva, a vida.

3.2.4.I. *Direito universal*

Quando os maragatos preparavam-se para a batalha do Inhanduí – João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta trocando miúdos com os correntinos remanescentes da pandilha do Gato Moro –, lutavam contra a República, ou ao menos contra aquela do Marechal de Ferro e seu preposto envariado; a República, esta praga que, conforme apunhala Fischer, instalava-se com sua lógica econômica “capitalista-industrial, portanto inibidora da vida gaudéria propriamente dita”.

E, a cuchillada fatal, de PV: “os campeadores já não cortam o pampa em liberdade com seus pingos”; “as estâncias já não têm o aspecto e o conteúdo democrático dos primeiros tempos, a sociedade global apresenta agora, uma estrutura de classes estratificada”.

Tio Lautériooooooooo!

Dá vontade de gritar pelo Tio Lautério. A chimangada se escarrapachava no pampa, atualizando a raiva de Onofre contra o então manda-chuva: “ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade”. O que mais? Tiravam tudo do gaúcho, sua fortuna, sua honra, sua vida, que era a liberdade mesma de andarengo.

(Pára, pára! Olha ali... Viu? Não viu?... O Doutor Camposanto. Tá impossível o homem, parece dedo em nariz de piá, sempre enfiado... Não desconfia?... Quem é que vai votar nesta assombração?...)

Bueno...

A de 93 foi a última grande guerra de-a-cavalo; o fim peleado, pois gauchesco, de uma época e de uma estampa cujos clarins ainda soaram em 23, mas como eco apenas, epílogo, assombração. Hoje, só o latifúndio – ó sina! –, comenta TG, “mantém uma correspondência concreta com o passado, dadas as suas características reais perceptíveis de representantes do atraso, da concentração da terra, da injustiça, da miséria da peonada”.

E isso que “a Javé pertence a terra e tudo o que ela contém”, lembra o Padre Romeu Ullrich:

– A terra foi entregue para o bem de todos; ela não pode ser monopolizada, pois excluiria muitos do direito universal de usufruir dos seus frutos.

Mas ninguém tem dado muita bola para o que os padres dizem e os ensinamentos cristãos, hoje, valem pouco, a não ser para demagogias de campanha. Vejam que o Padre Romeu insiste em sua pregação, bem intencionada, mas totalmente contrária ao que pensam os proprietários do deserto. Diz que a terra “não é um produto de exploração, não pode ser possuída visando à ganância, ao acúmulo, mas deve estar a serviço da vida”.

Se alguns membros mais exaltados do GRUNHE chegam a ler tamanha subversão ao sagrado direito de propriedade, ainda mais vinda de um religioso, bueno...

E ele ainda pergunta, do alto de sua nuvem:

– Por que tanta ambição desmedida, se tudo pertence ao Senhor?

3.2.4.2. Um filho de carpinteiro...

Mais pé no chão, Rua – Maria das Graças – percebe que “as elites agrárias possuem forte persistência e capacidade de adaptação, no sentido de garantir e preservar seu espaço nas coalizões de poder”. Assim, os velhos latifundiários e os empresários rurais – a burguesia agrária, portanto – completa Patta Ramos, “possuem pontos em comum como, por exemplo, a estrutura da propriedade e as relações com os trabalhadores”, contra os quais aliam-se.⁴⁹³

(Olha ali, olha ali... “O Doutor Camposanto?...” Acho que não, parece uma fila indiana, o rabo não acaba nunca...) Como essa chorumela de reforma agrária pra cá, reforma agrária pra lá... Bento... Já tá na cara, pra que ficar repetindo só trocando o nome do personagem? Estávamos lendo o livro do Carlos Cavalcanti e diz lá que o Dadaísmo procurava “expressar a decepção raivosa... com a inutilidade da cultura, incapaz de evitar as destruições e matanças da guerra...” E em guerra estamos! Páginas adiante, somos apresentados ao Tachismo, que é um tipo de pintura manchada, “uma revolta do indivíduo contra o social”... manchas, mas “instintivas e traduzindo impulsos profundos...”

⁴⁹³ (valha-nos Deus, Xangô, San Yermo!... e nós só com lança seca, porrete, funda, como Davi...)

Nem tão profundos, nosotros, porque somos baixos – como Getúlio, o Xiruzinho Ubaldo... –, mas temos intenso o instinto, e por instinto, resolvemos adotar o tachismo de computador, atualizando a corrente artística. Daqui pra frente, tudo que nos incomodar, vamos tachar. E está resolvido.

Para Flávio Heinz, “a ameaça de mudanças nas posições sociais historicamente ocupadas” redefine “estratégias e laços de solidariedade” dos novos e velhos burgueses agrários. Regina Bruno, citada por Patta, coloca “a ameaça iminente de uma reforma agrária como momento aglutinador dos agentes que, por serem proprietários, se sentiriam ameaçados...” Bruno – ela – identifica a burguesia agrária como antagonista dos trabalhadores rurais na luta pela terra, isto é, diferentemente de 35, 93 e 23, dá-se pela primeira vez um embate interclasses no pampa, afirmação que confirma as desigualdades sociais que todo mundo vê, o rancherio, os acampamentos, mas em letra de forma quase nunca, dispensando-nos das visitas constantes ao oculista e ao oftalmologista, porque, lemos alto o que essa gente escreve e, vejam, parece que agora as coisas começam a fazer sentido.

Otávio Ianni, reescrito por Patta:

–A Burguesia Agrária seria uma fração das classes dominantes cuja especificidade é dada pelo investimento de capital no trabalho agropecuário e/ou pela apropriação material e simbólica da terra, sendo que esta fração vive da exploração do sobretrabalho camponês e/ou da mais-valia de assalariados rurais.

(Bateu uma aragem agora – neste calorão! – e nos veio uma música que dançávamos, rolinho, twist, palminhas, mascando chiclê balão... Mais ou menos assim... “Tá com pulga na cueca... Ianí patápatá... Mariabá, mariabá... Ianí patápatá...” O que significariam essas palavras cantantes? O que poderíamos dizer a respeito em uma prova oral? Temos severas dúvidas, mas... se o homem é na linguagem e língua é fala, como é corrente por aí: 1. como ficaria o caso do Mudinho?; 2. e o dos que mentem?; 3. e dos paulistas em geral?; 4. e o deste tolo palimpsesto?...)

A “ameaça” da reforma agrária, então, não é coisa de comunistas internacionais, mas consequência de desigualdades sociais – e, claro, desses padres que martelam na cabeça dos outros que tudo pertence ao Senhor – como?, um filho de carpinteiro... –, sem falar na gentama do Sepé, que fica batendo sempre na mesma tecla, parece que o ouvido da gente, sabe-se lá... – e nos vamos, que fazer?, ao oftalmo – e, sendo assim, a culpa da guerra é menos de quem reivindica do que de quem jura de pés juntos que é a favor, mas..., é a favor, porém..., não tem nada contra, entretanto...

“Materialmente” é tudo, eis o embasamento da luta.

Não vêem o caso de Boicici, a mãe da mãe da cobra?

3.25. Soqueira gurizeira

Ainda agorinha, em Boicici, os do Sepé caminhavam pacificamente pela BR... um passeio, compreendem? Aproveitar a vista lindaça... e se vieram estes a favor da reforma agrária tentando impedir a romaria com seus cavalos, camionetes e trabucos. Eles querem, mas não uma reforma agrária como essa, são civilizados, experientes, sabem que sem as tetas do governo poucos poderiam trocar de “utilitário”⁴⁹⁴ todos os anos, e eles falam porque possuem miles desses lotes que querem dar pra esses pobre-diabos; falam

porque, sim, dentro de suas fazendas cabem aldeias, vilas e até cidades inteiras, em alguns casos, mas com suas mazelas sociais, mendigos, favelas, alta taxa de criminalidade; falam porque, como dizia Delfim Neto, primeiro tem que crescer o bolo pra depois dividi-lo, e eles querem uma reforma agrária que possa dar, modo de dizer – com glacê –, uma fatia de bolo pra cada um.

Por isso, ora, foram atacar aquela marcha sem cabimento que só atrasaria o processo dentro do processo maior, demorado, esse judiciário, bate aqui, “não senhor”, bate ali, “só amanhã”, bate lá, “bata ali” – Praga! –, sim, mas, não tão querendo demais? Vivemos finalmente um estado de direito e vêm vocês exigindo mundos e fundos? Calma! Calma, que é no andar da carroça que as melancias se ajeitam!

Então, a marcha e a contra-marcha ia e vinha, vinha e ia e a polícia achou de enxerir-se e saiu apalpando ambos os lados, nada achando de arma entre os sem-terra e, praticamente, também entre os ruralistas, que levavam apenas “quatro espingardas calibre 12, uma espingarda calibre 20, 774 cartuchos calibre 12, 225 cartuchos calibre 20, cinco revólveres calibre 38, vinte cartuchos calibre 38, um cartucho calibre 22, cerca de vinte facas, facões e punhais e uma soqueira de ferro”, segundo saiu no jornal, vejam, quase nada considerando o tamanho do projeto de reforma agrária que eles propõem, e essa soqueira, só rindo, devia ser do filhote de um deles brincar, nessa idade gurizeira em que a mistura de classes se dá nos folguedos corpo-a-corpo como o futebol no campinho, depois toma um bom banho e fica novo, sem falar nas facas e assemelhados que, de uma vez por todas, são instrumentos de trabalho do gaúcho, não são armas!

3.25.I. Luta cotidiana

Mas a polícia, vejam, anda braba, bá! Imaginem que estão trabalhando diuturnamente desde o dia quatro de dezembro de 2001⁴⁹⁵ para esclarecer quem foram, afinal, os ruralistas que bloquearam o caminho dos peritos do IRA, impedindo-os de vistoriar a tal propriedade.

É importante chegar aos nomes das pessoas para depois indiciá-las, pois foi graças à ação ilegal dos produtores que a vistoria não foi feita na data da notificação, mas sim alguns dias depois, quando os a favor da reforma agrária⁴⁹⁶ já haviam se dispersado. Feita então a vistoria e constatada a improdutividade da área⁴⁹⁷ – ao menos quanto aos fins sociais rezados pela Constituição –, o governo a desapropriou. Mas, sabem como é a lei: não houve nova notificação para a nova data e o tribunal decidiu que a anterior era inválida.

– Mas se notificassem outra vez, eles fariam novo bloqueio, tá na cara! – pondera nossa colega Carmem, um tanto indignada.

– E como é que numa cidadezinha de merda, menor que Nova Hereford, a polícia não vai saber os nomes de quem manda nela? Olha, isso me enoja!

Henriqueta oferece um de seus chás e Roger lê o que disse o Procurador Federal, Flávio Xavier:

⁴⁹⁴ (porque são multi-uso, os tanques; e uns até vêm com ar-condicionado)

⁴⁹⁵ (espantoso o denodo, desde o dia quatro de dezembro de 2001!)

⁴⁹⁶ (mas não essa reforma aí, sem respeito)

⁴⁹⁷ (mas, ATENÇÃO: a NASA acaba de declarar que a propriedade é produtiva. Eles iam dar um pulinho em Marte e, passando por aqui, sabe como é... Bueno. Quem pode contra os satélites?)

– Os cinco séculos de latifúndio em nosso país deixaram um rastro de prepotência e violência, no marco de uma estrutura fundiária concentradora de renda (e poder). Engendraram uma cultura política de passividade, de obediência cadavérica ao ordenamento jurídico mantenedor desta perversidade. Por esta razão não há um palmo de terra distribuída pelo Estado brasileiro aos pobres do campo que não seja fruto da luta quotidiana por reforma agrária.

Puxa!

3.25.2. Vida da qual sejam donos

O ônibus dos universitários da capital que vieram apoiar os sem-terra foi apedrejado e alvejado com rojões, rojões que não deixam os do Sepé pregar o olho de noite... com a ajuda de uma máquina espanta-marreção de deixar a gente surdo, conhecem? É que os a favor da reforma agrária⁴⁹⁸ estão felizes com o veredito do julgamento, por isso festejam com fogos, falam pelos cotovelos do “autoritarismo” do governo e ainda estudam se vão manter a mobilização para “impedir as novas vistorias”. Flávio Xavier maldiz esses dias em que:

– A segurança patrimonial se esconde, envergonhada, no manietamento do direito à manifestação; quando nossos julgadores vacilam em desestimular a intimidação física e prepotente dos proprietários rurais, que se jactam de sua própria torpeza; quando os delírios fascistas pugnam por morticínio e limpeza étnica, em panfletos distribuídos à luz de dia, e que, portanto, anônimos não são.

Ah, ele deve estar falando daquele papel que sugere nem tão veladamente incendiar o acampamento dos sem-terra e... Bueno, mas como aqui não discutimos política, vamos brincar de roda, daquelas danças bonitas dos índios.

Os Pataxó Hã-Hã-Hãe, da região do Pau-Brasil, os Uru-Eu-Wan-Wan... os Cinta Larga, de Mato Grosso, estão pintados e dançam porque querem de volta sua terra, “porque a terra, além de ser um direito histórico, são seus primeiros habitantes, é garantia de vida: é na terra que se planta e se colhe; que se coleta o fruto; que se retira a palha, o cipó, a madeira; é onde se mata a caça; onde é construída a casa; onde a criança cresce, fazendo crescer o povo”. Querem a terra porque “é o chão cultural” deles, “onde – vejam que lindo⁴⁹⁹ – se constrói a história e se resiste”. Uns daqui, outros de lá, resistem.

De tanto brincar de roda, acabamos ficando tontos: não querem os índios, claro, a reforma desses 500 anos; querem-na os ruralistas, brandindo papéis de branco. Os do Sepé, só o que querem, é uma vida da qual sejam donos.

Então, não adianta, “materialmente” é tudo.

⁴⁹⁸ (idem nota anterior)

⁴⁹⁹ (exclamação nossa, não é lindo?!)

5.5. Ah, o delegado Guanxuma!

Sem capuz, o mal é identificável; as câmeras, pela cara, chegam às digitais.

A sucursal da URCSA (União Ruralista Cristã Sul-Americana) na região de Yapeyu está pressionando as autoridades federais no sentido de que identifiquem “esses bandidos que invadiram a São Pancrácio para que sejam presos e paguem pelos crimes que cometeram, esses canalhas, servindo de exemplo para os demais que estão pensando as mesmas bobagens”. O porta-voz da entidade entende que o Movimento Sepé Tiaraju “usa alguns segmentos da Igreja como inocentes úteis para sua causa”, mas que seus membros “não acreditam em Deus verdadeiramente, apenas usam Seu Santo nome em vão, mentindo em benefício próprio”. Alerta, porém, como católico, que “não adianta tentar enganar Deus, pois Ele tudo vê e está de olho nesses vagabundos, do lado do bem e da lei, ou seja, de nós todos, da URCSA. Onde já se viu?!”

Os antepassados dos proprietários receberam a sesmaria há quase duzentos anos e não só mantiveram as 150 quadras como as aumentaram, o que o porta-voz ressalta como “façanha ciclópica”, digna da estátua que o avô do atual dono ganhou no canteiro central da Praça Garrastazu Médici, a como que 20 ou 30 metros de monumento ao general: “cada palmo dos 180 mil hectares são produtivos e geram divisas para o país”.

A sucursal da URCSA fica na mesma praça, em um casarão de dois pisos, estilo eclético, destacando-se o triângulo do frontão onde ainda lê-se, em alto relevo, DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI. Bem ali, na Praça Médici, em Nova Hereford, uma beleza no traçado de jardim inglês, mas sem toda aquela fleuma, colorida de cravos, petúnias, margaridas, rosas, amores-perfeitos... Os namorados costumam freqüentá-la à noite, desfalcando um que outro canteiro em suas trocas amorosas.

Sempre foi assim. Desde o tempo em que o delegado Guanxuma trazia os presos em fila indiana pela rua – e sem algemas ou qualquer cuidado, confiante em sua autoridade – para que limpassem os capins invasores das alamedas. Mas então a praça chamava-se Conde de Bobadela, aquele que morreu de susto diante do avanço castelhano na segunda metade do século XVIII, nome, já se vê, inadequado a uma praça de tal porte, erro histórico felizmente corrigido pelas autoridades municipais imediatamente após o passamento do general do Tri.

Se o delegado Guanxuma ainda existisse, a indiada do Sepé perdia as coceiras num instante. É tradicional no Rio Grande entregar vagabundo à polícia. Essa história de “questão social” tem seu lugar nas colunas sociais das revistas. Quando se trata de bandidagem, o Código Penal tipifica e a polícia sai a campo.

TFG refere o trabalho de compilação histórica de Linhares e Dulles com respeito às lutas operárias na República Velha, mostrando que “uma guerra surda, entre desposuídos e proprietários, articulava-se nos porões da sociedade”,⁵⁰⁰ mas os fatos desta guerra “eram tratados como caso de polícia”.⁵⁰¹ O mesmo TFG informa que o censo de

⁵⁰⁰ (repetimos e repetimos, que é bom pra tosse)

⁵⁰¹ (isso já era velho na República Velha, imaginem agora! Tá escrito no jornal: policiais militares encostaram três jovens contra a parede, deram uma tunda de cassetete neles e tchau, deixaram que fossem. O leitor que denunciou o fato ao jornal, “ficou com as seguintes dúvidas: Bateram por quê? Isso é norma da Brigada? E se eles tinham algo irregular, porque os liberaram?” O jornal contactou a BM, que informou que não havia registro da ocorrência, “e que a abertura de investigação dependeria de uma denúncia”. Não adianta. O que vale é “materialmente”. Esses dias a Odila, da Honório,

1920 apontou que o Brasil tinha “aproximadamente 280 mil operários, em comparação com nove milhões de trabalhadores rurais”.⁵⁰²

– Ora – diz o porta-voz da URCSA – no Rio Grande, hoje, tem muito menos do que isso, fica fácil de identificar um a um os baderneiros e botar a quadrilha na cadeia.

A que ponto chegamos!

Antigamente, quem não tinha papeleta era, ipso facto,⁵⁰³ bandido, e, de imediato, repetimos: recebia a punição merecida por pretender-se livre. Muitas pandilhas que infestavam o deserto foram apagadas assim. Outras pandilhas, entretanto, recebiam tratamento diferenciado, como aquela formada por praças do 18º Batalhão, no vizinho município de Alegrete, do qual, felizmente, Nova Hereford emancipou-se.

5.5.I. Aos 13 já havia matado um preto

Corria 1891 e a proclamação da República ainda não havia sido engolida de todo por todos, de modo que os alegretenses – sempre eles! – arrumavam suas confusões, pra não perderem o jeito.

Os soldados saíram pela rua a agredir quem encontrassem pela frente, ferindo gravemente a golpes de sabre um portuga e terminando por assaltar um hotel, vazio então – hóspedes e funcionários corridos pela aproximação da súcia –, em cujo mobiliário descarregaram sua fúria. A população levantou-se e, para não tornar as coisas piores, a tropa foi transferida – em boa hora, pois, segundo LAF, o 18º de Infantaria contava com 300 homens “bem armados a Comblain e municados em regra” – para o outro lado da ponte. Enfim, abriram processo contra os arruaceiros mas, quanto a esta quadrilha, não houve punição.

Bento Gonçalves – jamais punido por contrabandista – igualmente escapou lindo do atentado que matou o vice-presidente Paulino da Fontoura, dizem que a mando seu. Razões teria. Paulino o estava contrariando quanto ao confisco que determinara dos bens dos legalistas, além do que os adiamentos repetidos da Constituinte para, na ótica de MF, não “abrir mão de seus poderes discricionários”, desgastaram-no perante seus pares.

Paulino foi alvejado por uma janela da sua casa, em Alegrete – sempre Alegrete! –, vindo a falecer dias depois, de tétano. Não só pelos rumores de culpa, mas também pela desfaçatez de permitir – incentivar? ordenar? Falta de respeito! – que uma banda do exército, no dizer de Flores, tocasse “músicas alegres em frente da casa em que ele (Paulino) agonizava”, Bento desgastava-se. O coronel Onofre Pires chegou a acusá-lo

braba coisa séria, tava levando um frete na carroça dela, um caquedo, o marido quase caindo de tão mamau, a cabeça de mola dançando da buracama da rua, até que o coitado bateu com o nariz no ombro da mulher e sangrou na hora, sujou mais a camiseta – “Adenor pra vereador”, da outra eleição, mas ainda dava pra usar – dela, que, braba, embrabeceu. Isso foi ali pela ponte, imagina! Pois ela esqueceu os cavalos e deu uma tunda de relho no Teco, pelas aspas, pelas fuças, onde pegasse... e foi dando até a vila São Paulo, do outro lado da cidade, um monte de gente viu. Bota equilíbrio do Teco, bá. O Seu Tunica, quando a Odila chegou com seus trastes, pediu: “Pára, muié! Vai matá o home!” Mas ela é braba: “O que é ruim não morre. Agora dô otra nele na volta, pra endireitá. Só o que sabe é bebê!” E não é que um pedro&paulo que mora por ali, mateando, de folga, queria prender a Odila “por desacato à autoridade”?! Só porque ela mandou ele tomar no cu – “Vai tomá no teu cu, poca-bóia!” – quando se meteu pra defender o Teco, coitado, todo mundo tem pena dele, vive na sarjeta... Ainda bem que o Seu Tunica não deixou. Bá. Viver é bucha!

⁵⁰² (repetimos...)

⁵⁰³ (Dr. Vazulmiro)

frontalmente de “ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade”,⁵⁰⁴ ofensas que buscou reparar em um duelo no qual feriu mortalmente o acusador. Fidélis Dalcin Barbosa⁵⁰⁵ observa que Bento tinha experiência em tais combates: “aos 13 anos havia matado em duelo um preto que o provocara”.

5.5.2. As fraldas do Jarau

Apenas uma testemunha, pensava-se, presenciou o famoso duelo: o ordenança do general, Blau Nunes, vaqueano de “vista aguda e ouvido fino”. No seu entender, tudo se deu por causa de uma mulher – “rabo-de-saia é sempre precipício pros homens...” –, uma castelhana que chegara com uns papéis a mando de Rivera ou Oribe. “Com um olho no padre, outro na missa”, conta Blau, “por entre as ramas da restinga, fui espiar a peleia”.

Aí é que a coisa complica na “memória mais esburacada que poncho de calavera” de Blau, porque havia outros olhos nos matos fechados do Garupá que, vocês sabem, corre até o Quaraí, serpenteando, e, num desses volteios, lambe as fraldas do Jarau. Dividido entre cuidar os cavalos dos contendores e a contenda em si, o vaqueano ouviu um chacoalhar conhecido, tenebroso às suas costas e, seguro morreu de velho, virou-se, bem a tempo de ver a boicininga esgueirando-se na direção do cerro – e da furna encantada que Blau enfrentara, quebrando-lhe a mágica... ué, será outra, a Teiniaguá? A mesma rediviva?... –, lapso que, tirando-lhe a tenência do duelo, abriu enorme buraco em seu poncho (de calavera): no ínterim, não Bento, mas Onofre “finçou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara”. Foi quando o coronel recebeu o ferimento que o mataria.

Olhos pretos “como botões de veludo” tudo viram, olhos de mulher, cujas línguas são por demais conhecidas – a gente conta isso e elas já aumentam um palmo! –, mas não os da castelhana aquela, que seu segredo era outro, “assunto encapotado...” Só sem capuz o mal é identificável.

E assim foi. Mais um mate?

2.II. Seu João Camilo

– Hoy somos y mañana no somos, Otacílio. Não vê o coitado do Atanásio?! Preocupação mata.

O Atanásio, acorda Otacílio:

– Ué, mas ele não morreu afogado?

O bolicheiro explica que não, mas de jeito nenhum, pois saiu roxinho da silva, foi é ataque. Não vê que...

Quantos já matamos neste rio? Dois, três, mil?

⁵⁰⁴ (repetimos... doce som)

⁵⁰⁵ (FDB)

É pouco. Esse rio é morredor mesmo, cheio de panelas, poços que nem nuvens pretas na água, fundos... Matamos quem queremos, quantos quisermos, e ninguém tem nada que ver. Entoces... Bueno. O Atanásio estava atazanado com umas contas que tinha e a mulher dele, bá, bota gastadeira!, pior que ter correntina na zona. Com esse calorão, o próximo foi esfriar a cachola ali nos Aguateiros. Se criou ali, e nadador que era, de copinho, mas não tinha pra ninguém, até nas enchentes se sampava n'água, dando aqueles biquinhos dele, parecia uma estátua de tão inteiriço, daquelas pedras pra riba dos barcos, entrava como uma faca, sem nem espumar a lâmina d'água...

Pois assim fez... e ficou.

Bem dizer, ficou, porque o afogado, todo mundo sabe, sobe três vezes, a quarta já não vem. A muchachada da Cota, que passa de molho, um bando de vagabundo sem serventia, não se prestou pra acudir o homem, mas o Neco, o mais moço, atinou em chamar o Seu João Camilo, que é benzedor famoso, daqueles de perguntar “tu qué que eu tire a dor ou arranque o dente?”, e pega a brasa quente ou um raminho verde e faz uma reza com aquilo passando numa tesoura e bota na água, se é brasa, até afundar, que, quando afunda, o dente cai, porque, dor de dente, faz o coitado pedir sempre que arranque a dor pela raiz, e se é um raminho, seca.

O velho – por isso Deus deu o dom pra ele, pra ajudar, embora Deus dê, muitas vezes, no Brasil, milhões de vezes, dentes pra quem não tem bolacha ou bolacha pra quem o Seu João Camilo já livrou da dor e do apetrecho pra mastigá-la, uma vez que dentista, muitos morrem sem conhecer nenhum –, o velho, ágil na idéia, mandou o Neco chamar o Benício, e que levasse o laço, e já foi deixando o que tava fazendo e atravessando a rua com seu jeito curto e arrastado de caminhar, a cabeça bem branquinha brilhando naquele solação, chegando à beira do rio bem dizer junto com o laçador, já tinha um punhado de gente atrapalhando, até a viúva, chorosa, desmaiada, agarrada por duas ou três de rolo no cabelo, as unhas ardendo de vermelho, os olhões arregalados e a viúva – pro Seu João Camilo, a viúva, era certo – borrifando lágrimas pretas, luto rebocado, dor postiça.

2.II.I. Hay vivir y morir

O velho chegou-se ao Benício e disse:

– Te perpara, que o corpo vai subi uma vez só.

Vejam que João Camilo falou “perpara”, falou “subi”, um homem poderoso, capaz de prodígios tais que muitos diriam ter parte com o filho do carpinteiro, este mesmo apto para discutir com doutores – repetimos –, gurizote, mas por dom natural, diploma não tinha nenhum, bancos escolares, raiz quadrada, tabela periódica, essas quinquilharias; tinha era luz, que é o que percisam os poderosos, os mandatários, os presidentes, pro caso, e percisemo nós, de um que tenha dentro de si a “nódoa de lama” no “brim branco”, a “marca suja da vida”, como ensina Bandeira, porque esses, completa Oswald, “Para telha dizem teia / Para telhado dizem teiado / E vão fazendo telhados”, um desses que erguem sobre os braços a grande pirâmide social, doídos, machucados, infatigáveis, um da peonada despilchada, um dos ambulantes de chinelinho roto, um dos operários trapezistas da construção civil, um torneiro mecânico cuja máquina extenuada comeu-lhe um dedo, qualquer um assim, que tenha luz.

João Camilo falou e afastou-se para a beira do poço do rio, o sumidouro terrível, começando lá com suas rezas. Benício ouviu e ordenou:

– Abram cancha.

Armou o laço e, enorme, vigoroso, pôs-se a rodopiar com aquilo sobre a cabeça, sem desviar a atenção da água escura, fazendo “zim-zim-zim”. O velho resmungou alto, o espelho nublou-se em círculos e “ploft”, saltou fora até a cintura, em posição de sentido, como um boneco de mola, o coitado do Atanásio. Benício atirou o laço de sete braços com tal perícia que, ao fechar-se nos ombros do afogado, dir-se-ia que não o couro trançado o prendia, mas a mão providencial de sete braços, a mão salvadora – não fosse tarde –, a mão de Deus em João Camilo, Deus.

Puxaram-no para a margem entre ais de dor, ais de espanto, rumores de oração, risos – que sempre os há, até em velórios –, uma voz que chacoteou “mais fácil seria laçar as guampas” e, pronta resposta, um látego estalando ...e ais de dor.

Valduílsson abre outro refrigerante, “o calor tá de fritar ovo na testa”. Otacílio pensa no que ouviu. Moscas zunem pelo bolicho, pousando na marca melada da garrafa no balcão, nos queijos da prateleira, na pele suarenta de um e de outro. O Atanásio, bom sujeito. Hoy estamos y mañana no estamos.

– Hay vivir y morir – diz o bolicheiro, matando uma varejeira com um guascaço do pano encardido que trazem no ombro ou sempre à mão e que serve para tudo ainda que o chamem, ingratos, de “guardanapo”.

4.14. Balzaqueana de zona

Mais um mate?

É o que estamos a fazer em torno do fogo que nunca se apaga,⁵⁰⁶ porque, como diz o Telmo, “cada gole verde desta erva missioneira / nos enraiza mais por este chão”. O fogo, começado com capim seco, convida para uma prosa, mais ainda este nosso, perfumado de lucera. E vamos, mateando e pitando, até que nos sobre uma única palha, por última, a melhor.

Sabem... o coronel João Francisco só encilhava tordilhos; do Canto palmilhava o descampado com sua tropilha de tostados ruanos domados por ele mesmo e amadrinhados por uma egüita ovejira; Patrocínio Salvatierra ficava contente da vida só em ver os seus gateados; há quem prefira lobunos ou mouros. Simões decreta: “não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado. Se topares com um andante com os arreios às costas, pergunta-lhe – onde ficou o baio?” Melhor montado, portanto, andava Borges do Canto – e com os luxos dos ruanos, clinudos e polacos como balzaqueana de zona.

Que pêlo preferia Bento Manoel? Cada dia um, há de estar pensando alguém, considerando suas constantes mudanças de lado na epopéia dos Farrapos, comportamento que lhe valeu o apelido de “bruaqueiro” ou “trânsfuga”. Não foi apenas ele, porém, que bandeou-se pra lá e pra cá àquela época. Talvez porque a revolução não foi bem o que se diz hoje, esse decênio de heróis impolutos e coesão gaúcha contra o império.

⁵⁰⁶ (que nem aquele do Boqueirão, que coisa!, desde 1784)

4.14.1. O “precipício da separação”

Na verdade, Porto Alegre e Rio Grande, os maiores centros urbanos de então, sempre foram legalistas. Em 93 e 23⁵⁰⁷ deu-se o mesmo: o campo ergueu-se em campanha contra a cidade. Quando amarramos os cavalos no obelisco da avenida Rio Branco, em 30, só pela eloquência do fato em si, já se vê que foi igual, a campanha contra a cidade, mas, aí, sim, a gauchada grudada de tão unida, bá!, que nem dedo de gordo em alpargata apertada, compreendem?

Mas, voltando a 35, a vizinha Alegrete – da qual em boa hora Nova Hereford desmembrou-se, repito –, que inclusive veio a ser a terceira capital farroupilha, no início da refrega colocou-se contra a revolução, a exemplo de Pelotas, São Borja, Jaguarão e outras, como a segunda capital, Caçapava.

A cinco de janeiro de 36, a Câmara da Vila divulgou Proclamação de inequívoco teor, está no LAF: “Habitantes do termo de Alegrete! A pátria está em perigo, e no mais eminente e ruinoso que a podia ameaçar! Os riscos que a circulam são inumeráveis! (...) Um partido desorganizador em Porto Alegre pretende levar a província ao precipício da separação do Império e da República! Habitantes do termo! Correi às armas, uni-vos ao vosso comandante das Armas interino, Coronel Bento Manoel Ribeiro... (...) se vos prestardes, os alucinados desanimarão da sua empresa; se vos negardes a este tão útil trabalho, eles se julgarão com forças bastantes e levarão avante seus planos e então todos nos abismaremos!”⁵⁰⁸

4.14.2. Argelinos, não somos

Abismo de 10 anos, consultassem a cigana e não topavam a coisa.

A Câmara ainda oficiou ao presidente da província, Doutor José de Araújo Ribeiro, “manifestando-lhe completa adesão e afirmando lealdade ao governo de Sua Majestade,

⁵⁰⁷ (de que era, ora?!... Se já não sabe, que fique sem saber!))

⁵⁰⁸ (os farrapos, então, eram “alucinados”, perceberam? E “abismariam” quem os seguisse... Palavrório politiquero e, pro caso, imperial. Depois os historiadores dariam um jeito. Pois o Aranha, aquele, não tratam por herói? E o que que ele ajudou a fazer, afinal? Roubou um pedaço da Palestina e deu pros judeus. Os palestinos, ora, ficaram no ora-veja... também querem o seu pedaço, como não?! Bassam Abu-Sharif – decerto parente do Doutor Jivago –, assessor de Arafat, quer que se cumpra a Resolução 194 da ONU, que reconhece o direito dos povos expulsos de sua terra de a ela voltarem. Existem quatro milhões e meio de palestinos querendo voltar pra casa, mas Israel não deixa. E a ONU? Melhor perguntar aos EUA... Desde a ocupação da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, em 67, “os palestinos só o que fazem é defender-se do terrorismo de Estado de Israel contra a Nação Palestina”. Os judeus estão anexando mais territórios palestinos aos seus, construindo muros, e, desde 67, continuam a colonizar Gaza e a Cisjordânia “para criar uma situação de fato que lhes favoreça”. “E esses homens-bomba, não são o cúmulo do primitivismo, do barbarismo?”, perguntam os de sempre. Abu-Sharif: “As crianças não podem chegar às escolas; as mães dão à luz no meio das estradas, nos bloqueios; os homens não podem deslocar-se entre as aldeias livremente; os universitários são presos e torturados; o bombardeio é diário, sistemático, e matam basicamente civis... Os homens que amarram bombas em seus corpos criaram-se sob esta violência sem quartel; quase todos perderam membros da família, quando não a família inteira debaixo do fogo apocalíptico de Israel... Morrer já não importa...” E tu, hein, Aranha? Mas o que que tu tava pensando que fazia em 48? Não bastava o fiasco da ponte? Por essas e outras é que o Nicanor afirma que o Cruzeiro do Sul só se enxerga no Rio Grande: “Tenho um amigo em Quaraí que diz que é ele pisá em Artigas e o Cruzeiro some...” Melhor assim. Assim, os homens perdem a ilusão de Louis Armstrong – de um “wonderful world” – e ficam presos, quietos em seus guetos, loucos de medo do vórtice alucinante do além barreiras, onde o Cruzeiro, a via-láctea brilha livre, perigosamente...)

o Imperador.” Assim foi até a sessão de 16 de junho de 37, quando, “batida pela força impulsiva das circunstâncias, aderiu francamente ao movimento republicano”, ou seja, virou casaca, abismou-se.

A “força impulsiva” foi a declaração da Independência em Piratini.

Os “vivas” puxados pelo presidente da Câmara incluíram “o soberano povo Rio-grandense!”, “o sistema republicano!”, “o Governo da República e seus beneméritos defensores!!!!” Diante dos primeiros decretos enviados pelo governo revolucionário àquela Casa, no entanto, a reação alegretense não foi a de quem os recebia dos “beneméritos defensores” da República. Claro, sovinas e egoístas como até hoje são os habitantes daquela cidade, não poderiam aceitar que lhes mexessem no bolso. Em circular às outras vilas, a Câmara local adjetiva os decretos de “absurdos e iníquos”, pois impõem “tributos novos” e etcéteras que pretendiam mudar “os costumes de um povo”, aquelas “leis santas que garantem os sagrados direitos de liberdade, igualdade, propriedade e segurança, gravados no coração do homem pelo autor da natureza”.

A fúria dos do Alegrete – bem conhecida, salve-nos Deus!, pelos crimes hediondos que por lá ainda são cometidos – não permite espaço para a diplomacia: dizem eles que os ministros da nova República “esquecem de que os Rio-Grandenses não são um povo bárbaro” e que (os ministros) fingem desconhecer as “virtudes” que sempre nortearam as leis na Província.

Escrevem a Souza Neto instando-lhe que defenda a vida alegretense dos “ingratos que querem abusar da alta posição a que os elevaram as circunstâncias do momento, a fim de estabelecerem sistemas reprovados, que o século e a opinião pública abominam. Querem que sejamos Argelinos Exmo. Senhor, quando somos continentistas. Que desgraça!”

Surdo aos ais dos argeliegretenses, o governo revolucionário manteve os decretos e, a seis de julho de 38, mandou seqüestrar, ignorando os protestos do proprietário, o prédio de esquina – Arvoredo com Ipiranga – que mais tarde sediou a Constituinte Farrou-pilha.

4.14.3. Hemorragias intestinas

Tristão de Alencar Araripe⁵⁰⁹ – acusado por Carlos von Kosewitz de injusto – escreveu em 1881 ser a República rio-grandense:

– ...no governo político, o assassinato como supressão de uma dificuldade a planos partidários; na administração, a injúria do superior contra o subalterno; nas relações privadas, o duelo para desafronta de ofensas supostas ou reais.

Isso porque a nova república “levantava-se no meio de uma população na máxima parte sem instrução, e sem amenidades de costumes, qual era então a população de nossa campanha do sul; por isso inapta para o regime de democracia.”⁵¹⁰ Ao contrário do que pensavam do seu povo edis alegretenses, TAA os tratava por bárbaros: “Foi sempre a vida intestinal da república de Piratini.”

Intestinos que nos remetem ao Lombriga, vejam, homem simples, e a sua exemplar, civilizada postura de remediar a realidade mala, repartindo o que Deus deu pra todos sem que alguém tivesse de sangrar por isso. Os do Sepé, porque muitos, e organizados,

⁵⁰⁹ (TAA)

⁵¹⁰ (Pelé, embaixador brasileiro de todos conhecido, cismava com isso nos anos 70: sabe o povo votar?)

têm derramado um tanto de seu sangue nos campos patronais; primeira das tantas hemorragias intestinas do Rio Grande que vaza de uma luta entre castas...

4.15. *Capital vira-casaca*

As coisas nem sempre são como está escrito, embora muitas vezes o que está escrito descreva como foram as coisas.

No mesmo LAF, lê-se que em fevereiro de 44 a Câmara de Alegrete realizou sua reunião já “obedecendo novamente ao regime monárquico, que sete anos antes havia abandonado”. Vê-se, portanto, que nossa vizinha metida a besta com essa história de “terceira capital” começou e terminou a Guerra dos Farrapos contra os próprios. Daí ao fim da malfadada liça, o governo da república “não tinha pouso certo, vagando pelos distritos de Piratini e Canguçu”, nas palavras de TAA. Tanto que o último combate do “decênio heróico” deu-se às margens do Cuaró, na república oriental: “fora dos pátrios limites, nesse mesmo solo donde viera o fomento da guerra e a sua procrastinação”, conclui Tristão.

E nós: como assim, “fora dos pátrios limites”?

O pampa é um espaço, patria do gaúcho que bem Artigas desenhou e nomeou – Protectorado de los Pueblos Libres –, cuja existência lateja para sempre em nossos corações. Os rebeldes, apertados, homiziavam-se do outro lado da linha, ou na Banda Oriental ou em Corrientes, como os de lá, em situações semelhantes, para cá vinham: Rivera a jogar cartas com Bento Manoel no Garupá; Madariaga preparando no Guassu-boi, com “los bravos 108”, a invasão a Corrientes – aliás, bem sucedida, pois ele, Don Frutos e Bento Gonçalves, mais Domingos José de Almeida, andaram até discutindo, posteriormente, a união de suas pátrias em uma única pátria, que era a sua, deles, nossa –; os Saraiva, de acordo com os ventos da política; ih! esta lista gaúcha não tem fim.

A revolução dos farroupilhas, sim, teve fim com a paz de Ponche Verde, que prescindiu da presença de Bento, desgastado que estava junto aos seus outrora liderados... Belo líder este que jamais ganhou uma batalha que valesse, valesse, ao contrário do outro Bento, o Manoel – que despeitados chamavam de “bruaqueiro” –, vencedor de mil batalhas, inclusa a da Ilha do Fanfa, quando derrotou seu homônimo. Preso, o Gonçalves foi enviado para a Bahia, onde, com seu escravo de estimação, passou momentos agradáveis, aproveitando o litoral exuberante daquele hospitaleiro quinhão imperial. De preguiça, resolveu um dia nadar até uns barcos de pescadores, que o levaram para conhecer Itaparica e um homem lendário que lá morava, Dom João Ubaldo. Tava bom por lá, mas, vendo-se inadvertidamente forro, não teve outra opção senão – cáspite! – voltar à luta, que corria solta na província.

Souza Neto, aproveitando-se de sua ausência, já tinha feito a bobagem de proclamar a República Rio-Grandense, o que mais não faria se por lá ficasse? Libertaria os escravos? Distribuiria terras entre a miuçalha?

Não! Não! Não! Tá louco?! Era hora de voltar.

Mas – ninguém é de ferro! – arranjou jeito de passar antes por Santa Catarina e aproveitar de suas enseadas formosas, da água verde-água do mar. Os gaúchos argentinos muito apreciam, também, as praias catarinenses. Quem lhes abriu o caminho foi o

então Vice-Rei de Buenos Aires, Don Pedro de Cevallos, que, em fevereiro de 1777 – alta temporada – desembarcou em Canasvieiras, hoje, como se sabe, enclave de los hermanos em Floripa.

4.15.I. *Bailando conforme a música*

Mas não percamos o fio.

Herói foi Bento Manoel, erguido por Pont à condição de “marco vivo da demarcação de nossa fronteira, quando tudo ainda era incerto”. RP refere-se a Bento Manoel, Borges do Canto e tantos outros que, com sua destemida atuação, fixaram o que antes era móvel: “nossos limites ora iam ao Arapey, ora recuavam às margens do Ibirapuitã ou do Ibicuí”.

Nova Hereford, que então não existia, bailava conforme a música: ou a tirana e o anu, ou la media-cancha e el pericón. Por esse entrevero de sangue – contido nas veias, quando não esguichando a talho –, de cultura, sobretudo de infinito deserto, podemos imaginar a delicadeza da missão confiada ao nosso velho e prestativo Cansação de Sinimbu, que deslocou-se até Montevideo, em 1843, para prosear com Oribe e Rosas – bem ali, no riomar da Prata – e conseguir deles uma mãozinha, que, por favor, não acolhessem os rebeldes rio-grandenses fugidos de Caxias, porquanto, de outra forma, o futuro Duque não os poderia matar.

Ainda bem que não existia Nova Hereford, dizemos, levantando as mãos para o céu.

Os herefordenses, com muita honra, não nos encaixamos na descrição do gaúcho inventada pelo Partenon Literário e, em boa hora, para comparação, trazida novamente a lume por Assis Brasil. O do Partenon é leal quando insurgente; honesto como “contrabandista de mulas”; corajoso “quando tem uma arma”; cavalheiro com as damas para logo mandá-las “às panelas e aos esfregões”; e, grave ofensa, tem “nariz aquilino”.

Já nosotros, bueno: alguém aí provou chá de losna sem açúcar?... Coquimbos! Nós gostamos.⁵¹¹

2.12. “Enteramente solo”

Mario Benedetti, em *Ausencia de Dios*, escreve: “Digamos que te alejas definitivamente / hacia el pozo de olvido que prefieres...”

E: “quedará em mí tu corazón inerte e substancial, / tu corazón de una promesa única / en mí que estoy enteramente solo / sobreviviéndote.”

E: “saber que Dios se muere, se resbala, / que Dios retrocede con los brazos cerrados, / con los labios cerrados, con la niebla...”

E, enfim: “Es tarde. Sin embargo yo daría / todos los juramentos y las lluvias, / las paredes con insultos y mimos, / las ventanas de invierno, el mar a veces, / por no tener tu corazón en mí, / tu corazón inevitable e doloroso / en mí que estoy enteramente solo / sobreviviéndote.”

⁵¹¹ (nem todos)

Otacílio não conhece Benedetti; aliás, não se dá verdadeiramente com gringo nenhum, não gosta de gringo. Mas sente-se inteiramente só, e sobrevive “doliente” com um coração, se entendemos bem, transplantado ou artificial; se entendemos bem, houve uma operação, e das longas, substantivas, de abrir o peito ao meio e com um monte de gente de óculos escrevendo na sangüeira com pinças, tesouras, agulhas, bisturis.

Um homem sai dessas – quando sai! – sobrevivente mesmo, pois o que lhe resta daí pra frente não é vida – já imaginaram abrir o osso do peito, afastar bem os costilhares, trabalhar ali no buraco, como um encanador da prefeitura, nos esgotos, ou uma costureira, minuciosa e cara com seus debruados, e depois lavar as mãos, como Pilatos, e entregar pros céus a enorme cicatriz?! –, não é vida, basta olhar no espelho o estigma da autópsia riscando de cima a baixo o tórax, el pecho, escrínio d’alma.

Sobrevida, talvez, ou nem isso, alucinação, não fosse Otacílio quem é, sólido, inteiriço – basta juntar os cacos –, e estar ali no bolicho do amigo, apenas que sem esperança, sem fé, sem Deus, se entendemos bem.

Dona Nunciata sabia uma simpatia pra fazer gente sumir: pega a canha, dá um pouco pros santos, joga dentro uma pitada de pó de sumiço, pó de andorinha e raspa de corno de veado – tem tudo nessas casas de umbanda –, completando com uma colher de pólvora, que é fácil de achar. Depois, basta botar o nome do que tem que sumir num papelzinho e misturar com o resto. A simpatia tem que ser despachada em uma encruzilhada e é só esperar, mas esperar torcendo, mostrar que se quer muito o sumiço do estrupício. Sim, porque para darem-se ao trabalho de fazer a macumba, é porque o dito cujo só pode mesmo ser um estrupício.

É o que pensa Otacílio, mais uma vez querendo ser avestruz, e isso é grave, vai, vai que acaba botando ovo.

“Chá de sumiço, quando tem é que desfilar no dia 20? Ora, levanta a cabeça, rapaz! Esses valentinhos não são de nada, só ganham coragem em grupo, com a capangada. E nem é coisa pra tanto, mora o cavalo na estância, cochila arreiamento...” Assim falam no rádio – outros nomes, claro, outros temas –, no programa “Deus, amigão do peito”. Não que o gaúcho acredite, mas aquilo gruda no ouvido das pessoas e, de vez em quando, vem.

Otacílio sabe que Deus é pra quem pode; gente como ele, não.

Gente como ele paga adiantado e tem que morrer para ser feliz. Já dizia Bartolomé Hidalgo: “Allá va cielo, y más cielo / Cielito de la cadena, / Para disfrutar placeres / es preciso sentir penas”.

E Borges: “Milonga de la garganta / Tajeada de oreja a oreja”.

Bá!

2.12.1. Morredor y traicionero

Para gente como Otacílio, gaucha, cabe repetir, ainda que não as compreendam, as palavras de Juan Carlos Onetti:

– El exilio más aterrador es el del que descubre con horror y descreimiento, que su tiempo, que permitía abarcarlo todo, que era eterno e sin fin previsible, no era sino una mentira más.

Porque gente como Otacílio – de coração transplantado ou artificial – e, convenhamos, com este calor, não deve dar-se ao luxo de pensar, assim, com a mão no queixo,

absorto, tão absorto de, por exemplo, não ver uma barata que passa da cozinha pro quarto, isso não, pois sabe que tudo vem mudando há muito tempo, qualquer fazendeiro hoje desconta a comida que o peão come, essa mesquinharia, tem é que levantar e matar a barata, onde já se viu?

O coração deve doer, “doliente”, deve agulhar sendo alheio – alguma pinça esquecida, alguma lembrança –, órgão morredor e traicionero, deve ferir – quanta hemorragia! – como a gente “torpe y prepotente” de que fala Onetti, “que decretaban el exilio de aquellos que habían cometido el delito de no pensar como ellos”, ou, “simplesmente, de pensar”; deve ferir, torturar gente como Otacílio, simples, analfabeto, incapaz de saber das mentiras outras, mas começando a sentir, latejando na cabeça, a sentir com a cabeça – coração artificial, álgido agulheiro – as mentiras descaradas, começando a vê-las, desentupindo os ouvidos e conectando perigosamente os sentidos que tem o homem, acordando sua cabeça do exílio comatoso – a garganta, “tajeada de oreja a oreja”? – e a garganta, talvez, da mudez.

Mas não adianta ficar – rasos argumentos – fazendo marrequinha, atirando aquelas pedras chatas para saltitarem na água, nem cócegas no assunto; é preciso afogar-se como o Atanásio, achar um lenitivo para a canícula primaveril; hay vivir y morir.

– Já vou, Valduílsson, quero ver se pego o home lá.

– Já? Não quer um café preto engrossado com farinha? Tá pálido o amigo, flaquito.

– Na volta nomais.

2.13. O coração na cabeça

Afogado, como o Atanásio, Otacílio já está, de problemas: no arroz, trabalhando dentro d’água que nem pato, gringo; em casa, com Tunica, em mágoas; de um tudo, no coração – postiço? –, na estampa que tem de si de a cavalo, sem cavalo, no mundo, virado, que não entende, mas começa a sentir, a atender com a cabeça assim, como quando alguém o chama, passando os olhos em tudo sem nada ver, a enraivecer-se por dentro – ainda –, mas, sim, enraivecer-se, o estômago ardendo da ferida, as têmperas latejando, como se o coração batesse, vivesse, bem dizer, na cabeça.

O Seu Valentinho no meio da algazarra, da gurizama, festeando pela rua com seu camionetão reluzente, e ele, bem dizer peão fiel da vida inteira, guacho da Fincada, do Espinilho, da Santa Glória..., tantas, de a pé e sem aperos.

O Paulinho, por menos, se pendurou pelo pescoço na figueira velha; o Nuno, o Peco, o Luís, todos a mesma coisa; o Flademir, coitado, se injetou Butox na veia, por dívidas. Pois tinha 60 hectares e 60 reses, como botar mais 60 por cabeça? Enganou o outro, mas logo os bichos foram morrendo abraçados e a conta – meteu advogado no meio, esses papa-defuntos – ficou maior que tudo o que tinha. Guri novo, criado na cidade, recebe aquele retalhinho de terra e pensa que é monarca. Não sabia nem os pêlos dos cavalos que vieram junto na herança, dizia que um era “em tons de vermelho”, o outro “bege”, o Flademir, sempre esquisito.⁵¹²

⁵¹² (y hay 95 colores del pelaje, del alazán al zaino overo, sin hablar de las particularidades del cuerpo, bragado, fajado, nevado, rabicano, tapado y con manchas, las 18 de la cabeza y las 16 de los miembros)

Mas Otacílio não, vai exigir do patrão o que tem direito: um gaúcho que se preza tem a obrigação de desfilar – e fazer bonito – no dia 20.

2.13.1. Cores de pelaje

Foi tão rápido e tão ensimesmado que deu por si na frente do GRUNHE, empapado de suor. Imediatamente distingue a camioneta do patrão, bem na porta. Sobe as escadas, entra pela porta semi-aberta e meio que se pecha com uma mocinha que desce do segundo piso, apressada.

– Como é que o Senhor entrou aqui?

– Pela porta, ué.

– Pois vá dando volta que hoje o expediente é só interno – abre uma gaveta na mesinha de tampa de granito e bisbilhota uns papéis.

– Eu quero falar com o Seu Valentinho.

– Com quem? – pergunta a mocinha de uniforme, com ar de riso.

– Com o Seu Valentinho, o dono daquela camioneta cinza ali fora. Eu sei que ele tá aí.

– Ah, o Seu Valentim – delicia-se a funcionária. – Só que ele não vai atender ninguém hoje, a diretoria está de reunião. A menos que o senhor seja dos sem-terra e tenha vindo negociar...

– A mocinha tá fazendo pagode de mim?

– Eu? Bem capaz, senhor. Agora, saia, que eu tenho que subir e vou fechar a porta.

– Vou esperar aí na frente.

– Espere sentado para não cansar – diz ela, um abuso, só porque trabalha no meio dos ricos, pro causo, pelagens outras – não seu ordinário cobrizo –, fechando a porta e logo subindo com a papelama achada pro segundo piso, correndo como galinha desasada.

Otacílio atravessa a rua e fica encostado na parede, à sombra da mesma uva-do-japão do outro dia. Enquanto prepara um crioulo, olha para as janelas de guilhotina do prédio escuro, cabeças e mais cabeças decapitadas pelo seu campo de visão, alguns que vêm e vão, gesticulações agressivas, burburinho, uma que outra palavra escapando de um mais goeludo: ouve “vagabundos!”, ouve “matar!”, ouve “Sepé”.

ERRATA

“Não há nada mais absurdo e arrogante do que uma ERRATA: então, todo o resto está certo? Absolutamente? Isso é bem coisa de paulista ou uruguaianense!”, diz o Mestre, Don Bagayo y Balurdo..

Nós, cá de Nova Hereford, não somos assim, somos gente simples e, trabalhando como trabalhamos, de sol a sol, plantando areia pra atacar o deserto que se espraia – o princípio do soro antiofídico, sabem?, e o deserto tá cheio de cobras –, não temos tempo a perder.

Então... querem ERRATA? Terão ERRATA.

Só que nos demos o direito de apontar alguns erros – apenas alguns, como amostragem, se fizerem uma projeção estatística, a coisa fica braba, podem até tirar daqui um candidato, quiçá um eleito, Deus-nos-livre!, pra que votar, se a pesquisa elege antes? –, sem a indicação precisa das páginas, de modo a que os caros leitores deleitem-se brincando de esconde-esconde (está provado e reprovado que muitas das neuroses do nosso tempo estão ligadas diretamente à falta do esconde-esconde, do pegador, da sapata, do roda-maria-de-noite-e-de-dia da infância).

Pensamos também no Harry, aquele que deu um dinheirão pra quem o perdia num canto do desenho... Somos trabalhadores simples e pobres.

P.41- xotes (não é com “ch”, estão dizendo)

P.62- numeração: 1.4.1. Ninguém conhece o Janguta

P.67- numeração: 2.5.11. Sem a compostura do inteiriço

P.68- numeração: 2.5.12. Hay que tener cojones

P.177- compadre (e falamos de Osvaldo Pereira, ajoelhem-se!)

P.261- caxumba (e duas vezes com “ch”, ignorância pura, não fosse a Fernanda)

P.273- falta o ponto depois de bolicho. Termina a frase, ponto

P.275- “Saibam, a propósito, que o Grupo Picaço de Artes Plásticas de Nova Hereford publicou trabalho no *Semanário Guasca* defendendo a honorável tese de que “a tela **do espanhol** de 1911, intitulada **O Poeta**, nada mais é do que o retrato de um gaúcho bigodudo...” - é **do espanhol**

P.276- “Nas Araras, no Araguaia, na Bodoquena, no Rola Moça,” **falta a vírgula**, esta última, depois de “Rola Moça”

P.278- “xô!” é com “x”

P.281- Annoni (nome gringo é assim mesmo, existe só pra derrubar a gente)

P.281- Annoni na mesma página (caímos, mas montamos de novo...)

P.292- baiano (não tem “h”, nem se sabe direito por que a Bahia tem “h”, por que o Nei cantava aquela música, “Homem com h” ... assuntos controversos)

P.301- é dão-se: “Felizmente, as ocorrências de tão peculiar personalidade **dão-se** em surtos, que, ademais, não duram muito – na maior parte do tempo, os herefordenses tomam mate e ruminam doces lembranças da época em que os não fazendeiros tinham de seu ao menos los cojones.”

P.303- é Lilith: “Maríndia, chama-se ela... Onda remanente, buscando a querência perdida, la vacaría del mar, a índia... a querência, o tempo, longe, de liberdade, era só levantar a cola e, tudo bicho inteiro, bá... **Lilith**...”

P.308- coffee (duas vezes na mesma página. É que não entendemos nada de gringo, e o M.M.Gonçalves nem sempre estava por perto)

P.309- NOTA 603- faltou o espaço entre “A” e “outra ainda?”

P.315- falta o hífen, “norte-americano” tem

P.321- NOTA 623- intenções (pacíficas)

P.332- NOTA 645- nomás (como se diz em Nova Hereford e arredores, o mundo)

P.337- NOTA 655- floxo (é assim e pronto, que nem “flaco”, “flesco”...)

P.341- playback (outro vocábulo gringo enxerindo-se em nosso pago, tá braba, a coisa! Já tem igreja onde o gaúcho se mete a “falar línguas”, e nem é de borracheira)

P.344- canjicas (boas, salgadas ou doces, mas, pra um homem, não fica bem mostrá-las)

P.356- NOTA 687- Vannice (essa guria, agora que tá trabalhando no Banco, dobrou o “n”...)

P.358- é expressão: “repete por não achar outra **expressão** que não melindre os...”

P.362- é amicíssima (e Mirtes é mesmo amicíssima de Rosa)

P.379- NOTA 742- pare (ignorância pura, na dúvida, já dizia o Irmão Camiloto, não colocar acento, “fica parecendo esquecimento, não erro”)

P.379- NOTA 742- azougue, faltou o “u” (é que não gostamos das rimas bagaceiras que fazem com o “u”, agora, tirá-lo do meio da palavra, nem o ICNHE aprova)

P.393- porquera (porque é assim que se fala aqui, tá certa a Fernanda, em Santa Maria, e tudo, e não esqueceu... deve de tá praticando conversação)

P.396- gema-de-ovo (nunca iríamos imaginar que isso, tão corriqueiro e horrível pro colesterol, tivesse hífen, e dois)

P.398- annoni (de novo, óia!...)

P.400- Aldrin (o astronauta aquele que, em 69, fez de conta que desceu na Lua, em Hollywood... é com “n” no fim, americano)

P.412- Questão de breathing, briefing... (trocar aquilo lá por isso aqui, que a Fernanda diz que é muito mais correto. Como não entendemos qual dos dois preferia, botamos ambos os vocábulos)

P.412- jogging (qualquer “bombado” sabe, mas nós, de bombacha...)

P.413- é onde: “A gente perde tantas coisas pela vida. Eu, por exemplo, não tenho nem idéia de **onde** foi parar o meu ursinho de pelúcia.” (nem nós)

P.416- NOTA 800- gen (antigamente se dizia “gem”, mas tudo muda, isso era antes do DNA)

P.432- é trabalhadores (mania dos dois “eles” castijas)

P.440- é enrijecidos, e, neste caso específico, menos mal, se já não se ajeitou...: “os laços **enrijecidos** com o marido, agora que o filho está criado e bem, graças a Deus, e o artrítico não tem forças para surrá-la”

P.454- annoni (ó...)

P.465- NOTA 865- sai o “he”, fica o **him** (se lê “rim”, como o da hemodiálise)

P.475- NOTA 879- é **rigor**, e contra a corrupção, **rigor**, em negrito

P.480- NOTA 889- é **tessituras**, óbvio

P.486- Cunningham (segundo a Fernanda, sai o “e” final, mas não estamos certos disso)

P.493- falta o **a**: “Então, *vejam, a parte final do texto de Mário Corso*”

P.495- NOTA 907- **copiou**, claro, até já tinha um **copiou** antes

P.499- el gauchaje, claro, às vezes até fronteiriços se enganam

P.503- NOTA 920- **exportação**, “da pauta de **exportação** do Brasil”

P.504- NOTA 921- trabalhadores (de novo os dois “eles”, só pra espichar um pouco o livro)

P.508- annoni (sem comentários)

P.514- dimpêlo (que é como se diz! Thank you, Fernandinha)

E assim damos por finda esta ERRATA, esperando que divirtam-se procurando Harry... E, última forma, não é Harry, é Wally, avisam-nos. Tanto faz, o jogo é o mesmo... (tem uns que pensam que são o Cortázar... Como pode, se já morreu?)

6. “Circunvoluções cerebrais”

Lá dentro a reunião está quente, o ar-condicionado não dá conta.

O Doutor Polábio, três mil hectares e pico, lê partes de texto publicado em um jornal de grande circulação que guarda há dois anos em sua gaveta chaveada da escrivaninha, esperando pacientemente por um momento como este, que, através das inspiradas construções do articulista, o elevam também entre os demais:

– Estarrecidos estão aqueles que alavancam a produção nos mais distintos níveis deste país. Pasmos ao constatarem que invasão é confundida com ocupação. – Assim começa o artigo e o homem, o nome dele é Luiz Pereira Lima, é médico e professor universitário, não qualquer borra-botas desses que têm às pencas por aí.

Continua o Doutor:

– ...Atônitos ao identificar que a Justiça, imprensa e governo dêem guarida a lideranças semi-alfabetizadas de linguajar claudicante, de neurônios carentes de sinapses...

– O que que é isso? – pergunta o Senhor Plínio, mais de mil hectares de campo fino, cabanheiro de Angus e, agora, que a carne tem mercado, Texel, tudo, tudo, do trevo e do caninha das invernadas à mínima das mínimas bolitinhas pretas das ovelhas, hipotecado no Banco do Brasil.

O Doutor não dá bola – muito mais rico e sólido –, e continua:

– ...Este grupo é liderado por homens cujas foices são virgens de cortar pastos, mas não são de decapitar soldados em pleno centro de Porto Alegre...

– Agora eles vão ver o que é bom pra tosse! – grita o guri do Seu Tancredo, herdeiro único das duas estâncias do pai doente, da garganta de trovão do velho e, que não nos ouçam, de sua notória aversão ao trabalho, o que permitiu-lhe conhecer o mundo inteiro e, ao filho, viver nas praias da zona sul carioca até há três ou quatro meses, quando o pai piorou de vez, dizem que pra morrer, embora câncer em velho não mate assim no mais, pode deixar o vivente em cima numa cama por anos a fio, sádico torturador. O que incomoda alguns é que o rapazote – de quase trinta anos – não diz “eles”, mas “elesh”.

O Doutor olha, contrafeito, pra camisa cheia de coqueiros coloridos do guri, e vai adiante:

– ...mas mais importante é que este contingente tem poder de voto, e seus sufrágios são em uníssono, pois a oligofrenia é a matriz dos mesmos.

– Isso é verdade. Em Hulha Negra e todo aquele rebojo eles elegem quem eles querem. Foi no que deu a tal “abertura” deles. Antes, no tempo dos milico, não tinha dessas coisa! – exclama, alterado o Senhor Auricélio, quinze quadras de campo 100% arrozáveis e entregues, ih!, faz um tempão, pruns gringos buenos que ele achou em Jaguari, o sortudo.

– Mas tem mais, Auricélio, escuta só: “os que fomentam esta trupe chegam às raias de sentimentos irresponsáveis. Estimulam não controlar natalidade, para que proliferem-se como animais de baixa densidade de circunvoluções cerebrais. E o resultado deste descontrole é a produtividade humana, que torna-se brutal e desumana...”

– Resumindo, enchem de touro o rebanho pra criar ainda mais mamador? – pergunta o filho do Seu Teco, ajudando o gracejo com o gesto aquele de puxar uma ilharga imaginária, que significa “meter”, “botar bem”, “enfiar” etcétera.

As risadas – cascatas pampeanas? Prodígios, o pampa tão plano, o gaúcho tão grave, e agora esses gorguleios? – troam, todos deliciados com o Tequinha, recém formado em veterinária e, portanto, conhecedor da matéria. Fosse recém formado em história, poderia fazer piada com a ocupação – invasão? – do pampa pelos sesmeiros, quando expulsaram, exterminaram, subjugararam os então donos da terra, apropriando-se de suas vacarias, imensos, intermináveis rebanhos surgidos do descontrole da natalidade, da proliferação livre em campo aberto, gados missioneiros, indígenas, gaúchos, terras gaúchas.

Quando Darwin finalmente resolver dar um pulinho em Nova Hereford, para explicar sua teoria abjeta, alguém terá de questioná-lo também a respeito deste tema.

Agora, pesquisadores de uma Universidade aí estão dizendo que os guaranis já viviam no Rio Grande do Sul há cinco mil anos atrás, baseados em uns punhados de terra e cacos de cerâmica, vê se pode!? E, vem cá, isso interessa? O importante é que nos últimos duzentos anos os donos da terra, do gado, do departamento, do mundo conhecido... são os fazendeiros, representados pelo GRUNHE, e ponto final.

– Só uma última frase, gente – a balbúrdia toma conta do salão, o som das botas no piso de tabuão, as manoplas – que alguns pegam touro a unha – na cerejeira da mesa, a gritaria mesmo, gente acostumada a berrar com boi, ensurdeceria esses metidos a besta que moram na capital e pensam que falar baixo é bonito, quando pra nós – assim como cara feia – é fome.

O Doutor não consegue que o escutem quando arremata: “Afinal, para que qualificar-me para o trabalho se posso invadir?”

6.I. No fusque-fusque

Cabral foi um invasor; Colombo, idem; Silva Paes? O que acham? Eis os precursores do Sepé.

“Infeliz o povo que precisa de heróis”, teria dito, talvez borracho, Hobsbawn.

Em Nova Hereford, herói é todo o povo.

Na friagem de julho, o campo enregelado, tavam querendo tapar as ventas de Otacílio – o nariz de índio de Otacílio – e ele, o que faz? Faz como conta: “Caí da cama, me sampei no açude e, de quaje engripado, limpei a catarrera”.

Outro exemplo: o bolicho do Priamo, no Ipané, que se chama Culo porque, diz ele, “suerte, nunca la tuve” – e, de fato, de jogatina em jogatina foi indo e, de grão em grão, só restou o saco, vejam só, o homem até fazenda tocava –, tá sempre coalhado de mamau. Você sabem, qualquer macanudo, quando empina, fica flaco. As tardinhas de domingo não é incomum que comentem, entre um trago e outro, a brasa do sol apagando-se no

fusque-fusque, comovidos: “coitado do Altivo! Sozinho no fundão sem nem uma piguancha pra dar uns tapa...”

Herói, o Altivo.

I.19. *Truhán contra Truhán*

O arame de atilho quebra, corta.

Em cerca de esteira, o vento deita ela, sabem?

Como é que não vão saber? Em Nova Hereford, não se costuma fazer cerca de esteira; os daqui não se quebram assim no mais, então que, beber, se bebe, é bom – mas periga que a graxa pegue e o sabão não tire!?

Caiu, levantou, tá novo.

Nunca um herefordense abandonou a luta e deixou um escravo em seu lugar. Nunca, ao som do toque de degüello, um herefordense deixou de fincar as rosetas no flete arremetendo contra o inimigo sem quartel, deixando o campo como que aboborado de cabeças. Se as terras onde derramou-se sangue são mal-assombradas, “então são todas as do departamento!”, todas do pampa e umas rebarbas. Aqui não temos medo de assombração; não cultuamos vultos. Herói é o povo, todo ele.

O famoso processo “Truhán contra Truhán” diz algo do que somos, se já não aprenderam.

O homem viu um “vulto” saindo pela janela de sua casa e não teve dúvidas: sacou a garrucha de dois canos e fez fogo. No mesmo ímpeto, correu pra casa, deu de mão no facão e matou a esposa que dormia, ou fingia que dormia. Foi até o primeiro cadáver e viu que trazia um saco, dentro dele, prataria sua, herança de família. Então matara um ladrão, não o que o ciúme lhe apontara como amante da jovem esposa, que bem poderia ser descrita pelos versos do poeta, quase cem anos depois: uma mulher de rara beleza, “cabeleira crespa”, “anca em forma de lira e a cintura de vespa”.

Enfim, cagada feita, o que se haveria de remediar?

I.19.I. *Pureza de linhagem*

Um “vulto” não é ninguém de fato; um “vulto” não passa de uma assombração, desossada e descarnada da verdade; um “vulto” pode até ganhar o bronze das estátuas, mas não passa disso, lata. Nenhum desses vultos fundou Nova Hereford; tampouco os milicianos, “recrutados entre os homens brancos, sem mesclas, que fossem proprietários rurais ou estabelecidos em algum ramo de comércio”, como os identifica Arthur Ferreira Filho.⁵¹³

Os corpos de milícias, inspiravam-se decerto nos regimentos da sociedade feudal, vejamos: “para ser oficial”, o candidato precisava “sujeitar sua ascendência, até bisavós, à revista comprovadora da pureza de linhagem. Nos últimos tempos foi tolerada a mescla de sangue indígena, contanto que procedesse de algum cacique.”⁵¹⁴ Além disso”, continua

⁵¹³ (AFF)

⁵¹⁴ (deve ser por isso então que a Dona Eudóxia ficou tão braba com a Dila, a Dona Eudóxia contando que um tal que fizera mal a uma moça “era um homem de cor”, e a outra – agora se vê, alguns de nós são meio lentos –, só pra provocar, perguntou: “Ah, é? De que cor?” Índio também “não é normal como

AFF, “devia ser homem abastado para poder fardar-se com decência e armar-se à sua custa. Devia saber ler e escrever corretamente e possuir rudimentos de matemática”.

Certas regalias eram passadas para os filhos, mesmo que não tivessem nenhum pendor para a vida militar.

Otaçílio, gaúcho de lei, campeiro dos quatro costados, não poderia pretender qualquer posto nessas milícias de antanho da qual participaram “vultos” como José de Abreu e Bento Gonçalves. Mas pertenceria, como pertence – é um atavismo local, isso, quase uma sina –, à estirpe dos gauchos cuatrerros que, com repetidas tropelias contra as autoridades alegretenses, conseguiu a façanha de talhar um naco de pampa do gigantesco município e nele fundar Nova Hereford.⁵¹⁵

Sem dúvida, Otaçílio é um deles...

Ao menos sente-se como um dos tauras do triunvirato primitivo de Nova Hereford, os intrépidos João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta – alcunhas para os de Alegrete, apellidos para nosotros –, ainda que na lavoura, como um reles gringo.

5.5.3. “Para los pobres no han hecho leyes”

Se parasse de chover até o meio-dia, por certo que compunha-se o tempo. Isso quando a integração gaúcho-pampa, pampa-gaúcho fazia como que um gaupanchopa, amálgama vivencial, pamgaupacho. Agora, é bucha!

Analisando índices fantásticos da Argentina, se comparados com os da Austrália, Estados Unidos, Canadá... – isso nas três primeiras décadas do século XX –, Lanata crava:

– El desapego de la ley, la impunidad y la falta de escrúpulos de la clase dirigente dieron por tierra estos guarismos.

E, citando Esteban Echeverría, sarandeia com a adaga lá dentro:

– Se ha proclamado la ley y reinado la desigualdad más espantosa, se ha gritado libertad y ella ha existido para un cierto número, se han dictado leyes, y éstas sólo han protegido al poderoso. Para los pobres no han hecho leyes, ni justicia ni derechos individuales, sino violencia, sable, persecuciones injustas. Ellos han estado siempre fuera de la ley.

Inútil o sol brilhar a pino, que o tempo não podia mais ser recomposto. E assim, vejamos, parece que sempre foi, quando não foi.

Não é mais Deus que manda a chuva.

Em 1893, aqui pertinho, no Inhanduí, já não era.

Houve uma época – dizem – em que Deus reinava absoluto, como um sol nas trevas. Isto ofusca, cega os homens, experimentem enfrentá-lo cara a cara. Temerário, além do

a gente” para Dona Eudóxia, que, em compensação, ninguém esquece, quando era menina, gostava de pedir emprestadas as calcinhas das amigas. Uma vez, a Henriqueta pediu uma dela de volta, já fazia uma semana e a outra nada de devolver, era de cambraia, estampadinha com botõezinhos de rosa, tavam no colégio, e a Dodó disse “Então vem”, e foram no banheiro e ela tirou e devolveu a calcinha, fazia uma semana, menina!, que não tirava aquilo do corpo, a relaxada!)

⁵¹⁵ (absurdo dos absurdos: um vereador encaminhou projeto para a mudança do nome de nosso torrão natal, de Nova Hereford para Nova Polihereford, porque “nem se cria mais os aspado por aqui e cochilam os mocho; assim adequemo o departamento ao que ele é, é só olhar pros campo, e, de mota, tiremo os chifre do nosso nome” Absurdo! E periga passar.)

que, a luz, como não segui-la? Todos conhecem a história de Gaspar, Melchior e Baltazar, e crêem piamente nela, embora acontecida – se acontecida⁵¹⁶ – muito longe de Nova Hereford no tempo e no espaço.

Nem todos, para nossa surpresa – e revolta! – acreditam, no entanto, nos sucessos de João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta, reis a seu modo – nos ofícios do pampa –, magos, sem dúvida, no oficioso, marginal, fora-da-lei deambular pelo deserto atrás de estábulo nenhum, caverna nenhuma, criança coisa nenhuma, mas, semeando, ao cavalgar, trifulcas, entreveros, sangrias desatadas, güelas abertas, sumo campeiro e, pasmem, uma cidade, Nova Hereford, a capital do gado em pé – porque pelegos não faltam, é certo, e ninguém precisa mais que o olho pra pesar o boi que leva, e levam, tudo uma graxa só, pastos privilegiados, aguadas fartas –, onde ninguém se achica e – cancha! – ninguém se agacha.

Mas a luz, como não segui-la...

3.3. “Una mujer dormiendo en la calle”

Gumercindo fulgurava com seu lenço branco à frente dos maragatos.

Era impossível resistir a Gumercindo, de cuja figura emanava uma autoridade natural, sem a imposição de qualquer servilismo. Mata deixou-se levar. Mas isso foi depois. Antes é preciso dizer, com Edson Paniágua, que “a fronteira, em fins do século XIX, era o último espaço de liberdade para o gaúcho, encurralado pelos modernismos e pela apropriação de sua terra”. Na fronteira tudo é dúbio, ambíguo, impreciso; qualquer coisa pode ser, ou, sabe-se lá, desaparecer. Para o gaúcho, que tudo tivera – a suficiência pampeana –, restava a ainda aberta fronteira, última linha de sua rude epopéia.

Corta fundo ver o Fagundes dizendo que o “monarca das coxilhas e o centauro dos pampas não era o gaúcho”. Retalha os íntimos da gente o fato dele escrever: “o gaúcho deve ser percebido como alguém que cria gado em regime extensivo e que trabalha a cavalo. Ou como alguém que trabalha para quem cria gado”.

Não, não e não! Nem uma coisa, nem outra. Não em Nova Hereford!

O gaúcho não cria, a natureza cria e o gaúcho toma, quando tem fome ou para tirar-lhe o couro e o que mais valha em doblões. O gaúcho não trabalha; ele vaga, diverte-se, alimenta de léguas a estampa teatina. O gaúcho não tem patrão, sua pátria é a liberdade. Gaúcho não é peão; o peão é seu avatar refinado, pangaré. Gaúcho não pode ser patrão – a estância, este suicídio –, pois sua riqueza é não cuidar de tê-la, satisfeito de si.

As estâncias e suas grades de alambre, ó sina!, aguacharam o monarca, sem ter mais de onde tirar no imenso e deserto pampa – que Deus deu pra todos – sua subsistência. Muitos recusaram-se à redução e, vez ou outra tumbeavam pra bóia e os vícios, na esquila ou o que fosse. “Pero en la década de 1890”, diz Chasteen, “la relación oferta-demanda se había invertido”; a mão-de-obra era farta – os saqueados do pampa aberto... – e barata – amputados seus horizontes...

“La mitad o los dos tercios de los adultos hombres eran trabajadores asalariados en la década de 1890”, mas a maioria, “carecia en absoluto de empleo regular”. Tumbeiros,

⁵¹⁶ (senão dos stalinistas-democráticos; muitos deles ainda não leram a Bíblia... a outra, a não gaucha)

eis o que eram, carne descartável. “El resultado inevitable fue el hambre para el ‘pobrerío’ del campo”, completa o gringo, para nosso desespero, cheio de fontes.

Vejam que pescou em um diário de Bagé, por volta de 1884, o assombro “acerca de la muerte de un niño por inanición”, e, em São Gabriel o mesmo espanto de que “ahora una persona puede morir de hambre”, e em Melo – que nem com a iminente visita do Papa, vejam, livrou-se, que pecado!, do horror – Chasteen pescou a indignação – hoje banal, compadres, e nós, nada! – de “una mujer dormiendo en la calle”.

Virados em loucos-de-fome, muitos voltaram a matar a rês que encontrassem para irem levando – como nos bons tempos de outrora –, mas, “se han dictado leyes”, adverte Echeverría, e viver agora era um crime e tinha um nome: abigeato.

Os estancieiros já culpavam a imperícia policial e os governos, “pero también”, diz JCC, a la “inmensa pobreza que actualmente rodea a la clase proletaria”.

5.5.3.1. A voz de Deus

Os gaúchos do Sepé recusam-se a aceitar a domesticação dos mercachifles da história.

E, vejam, os proprietários não deixam o IRA vistoriar suas terras porque defendem o índice de lotação de 0,44 animal por hectare, quando, já em fins do século XIX, o rendimento a campo nativo era “de cerca de dos hectáreas por vaca”, lembra o gringo, ou seja, de 0,5 animal por hectare, superior, portanto, ao índice que os pilhadores do pampa querem impor – pouca vergonha! – hoje, entrados no século XXI.

Pode isso?

O que manda e o que é mandado, cuñado, por opostos, não cabem no mesmo significado. Enquanto aqueles esbaldam-se na impunidade – crudelíssima! – do poder, os gaúchos “han estado siempre fuera de la ley”.

Pergunta Don Hélder Câmara:

– Onde as injustiças não funcionam como violência – mãe de todas as violências?

Exorta:

– Quem vive em áreas onde milhões de criaturas humanas vivem de modo subhumano, praticamente em condições de escravidão, se não tiver surdez de alma, ouvirá o clamor dos oprimidos. E o clamor dos oprimidos é a voz de Deus.

Os do Sepé pensam assim, por isso berram tanto contra os cerumes petrificados. Vão meio que aos trambolhões, gambeteando pra não quebrar nada. É como diz o Osvaldo: “têm que sair escrevendo, já tô velho pra isso, deixei de ir a baile pra não andar me torcendo”. Mas a Terezinha confia: “meu caro, a justiça de Deus sempre triunfa”.^{517 518} O caso é que, vejam, em 1893 Deus já havia sido corrido do pampa; o gaúcho, quase. Restava gente como Gumercindo, solar, e gente como Mata-Sete, que seguia a luz – e como não? – , senhor de sua vontade.

⁵¹⁷ (“dizia” o Osvaldo, temos de lamentar sempre este passado imperfeito, tão presente em nós está o amigo)

⁵¹⁸ (nem sempre triunfa Deus, nem sempre. Ainda ontem cruzamos na rua com o filho-da-puta do Flávio, que roubou o que deu da cooperativa e anda aí, bem belo, tinham nos dito que estava no Uru-guaí, escondido... Pra quê? Roubo grande não dá nada mesmo!)

Na guerra, no campo cravejado da luta, então sim, quem ordena e quem obedece são o mesmo; de a cavalo, cargando contra o inimigo, são o mesmo: centauros, monarcas, gaúchos.

1.20. Inocentes de tudo

Homens do povo choram quando dói muito.

Doer é seu natural, mas às vezes a desesperança mata as últimas forças e então choram, “lloran donde no hay justicia”, explica Eduardo Calamaro.⁵¹⁹

O século XIX foi particularmente dolorido para os pobres do pampa:

– El gaucho, en el estado de criminal abandono en que vive, está privado de todos los derechos del ciudadano y del hombre; sobre su cabeza está eternamente levantado el sable del comandante militar y de la partida de plaza a quien no puede resistirse, porque entonces, para castigarlo, habrá siempre un cuerpo de línea. Ve para sí cerrados todos los caminos del honor y del trabajo – denunciava Eduardo Gutiérrez,⁵²⁰ para quem o gaúcho carregava “o terrível anátema de ser filho do país”.

Os que vinham de fora, chegavam adonando-se de tudo, contando com o beneplácito das autoridades, sempre encasteladas nos fofos do poder, ligando trinta para os seres humanos dos quais despojavam terra, munício, cultura. Saqueado em sua essência, diz EG, *ai, ai, ai*, “el hombre tiene que vivir huyendo como un bandido, tiene que robar para llenar las necesidades de la vida; empieza por matar defendiendo su cabeza y concluye por matar por costumbre y por placer”. É posto fora da lei “que para el no existió nunca”.

Foi o que aconteceu com João Burro, quando, de volta da campanha contra López, nada encontra do que era seu rancho, sua vida, a querência, cuja lembrança amiga o sustentara nos tremedais da guerra: igual ao gaucho de Gutiérrez, somente “el dolor rebose en su alma al contemplar este cuadro de desolación”. Da dor tirou forças, raiva e juntou-se a outros desventurados, como Mata-Sete e Saia-Curta, e saiu a cavar a vida. “Para la justicia, seria un delincuente; para el pueblo, era un héroe”.⁵²¹

Nem por isso ganhou estátua – faltava-lhe pureza de linhagem, certo traquejo social, roupas adequadas –; nem por injustiçado chorou; e, talvez por isso mesmo, não chorar nunca, desumanizaram-no os historiadores oficiais, apagando-lhe o nome – e o de seus companheiros – da saga fundadora de Nova Hereford, onde vive Otacílio, sua mulher, Tunica, e a filhinha Andressa, inocentes de tudo.

Ele só quer, como sempre fez até ir trabalhar na lavoura, desfilar no dia 20, pilchado a contento, montado de não fazer feio.

E, vejam – judiaria! –, só resta a Otacílio o que, necessário no dia-a-dia do campo, no desfile não faz falta nenhuma: “o cravador”, pra furar e costurar o bicho; “um tento”, pra servir de linha; “troquês e alicatre”; “chave”, se precisa enrolar alguma corda de arame; “facão”, pra soltar animal enredado... coisas que todo campeiro de lei leva nos arreios.

⁵¹⁹ (EC)

⁵²⁰ (EG)

⁵²¹ (EC)

Como não levar?

Acha uma vaca com a mãe-do-corpo pra fora.

Faz o quê?

Laça a vaca, maneiá ela, se não tem azeite, sempre um traz um pouco de graxa sovada debaixo da aba do basto, enseba o útero e faz ele entrar pra dentro de novo. Antes, outro vai na sanga e junta água no chapéu, lavam tudo, pegam a “creolina” – sempre se leva creolina pro campo – e limpam as mãos. Se a coisa é recente, fica fácil, mas com o tempo, fora, o útero incha, aí é brabo. Depois de botar pra dentro, não tem tento, improvisa, tira um fininho do látego da sobrecincha e costura.

Os gaúchos levam “patuazinho com remédios, creolina, bosta seca de cavalo” – isso dá pra pegar por perto –, pra bicheira. Não sabem? Tira os bichos do umbigo do terneiro, enche de bosta e solta. Não volta a bicheira de jeito nenhum. “Se tira os bichos com o desabichador, um pauzinho de madeira, assim. Hoje, claro, tem muito peão que não sabe nada disso, nem tirar os bicho tiram, só botam aquele desodorante roxo e pronto.”

Mas todos eles devem estar com suas pilchas, aperos e montaria a preceito, prontos para o desfile.

Otacílio, não!

1.20.I. As bocas abertas das feridas

Não Otacílio...

E Otacílio não é daqueles que sai dando soco em parede ou descontando nos beijos da mulher.

Tem gente que resolve tudo assim, no tapa, quebrando dentes, Otacílio não. Ele gostaria de, *puxa vida!*, marcar no gramil o couro, para que os tentos saíssem parelhos, e costurar as bocas abertas de suas feridas, atar as pontas soltas do seu parco entendimento das coisas, curar a alma da dor que sente inchando de estar fora, qual mãe-do-corpo de vaca, porque sente um vazio de boi de canga, carregando o mundo nas costas, mas fora do aconchego do mundo que sempre foi o seu e agora lhe tomam – essa carga que lhe pesa a cabeça nos ombros –, lhe tomam sem por quê! Sabem quando vão derrubando árvores ou prédios de um determinado lugar, transformando-o em outro lugar, irreconhecível para os que lá viveram? Assim, quando as pessoas têm de ficar explicando as fotografias – aqui era a casa onde nascemos, olha; lembra dos ipês que o vovô plantou? pois é, agora fizeram essa obra aí, cortaram –, para quem está fora? A sensação é de que as brincadeiras à sombra das árvores nunca existiram, despojadas da paisagem original; é como esconder-se atrás de árvores inexistentes; é como não ter vivido senão na memória esmaecida, esclerosada de sentidos...

Se Otacílio tivesse a graça – impossível – de escolher como ser lembrado pelos outros, depois de morto, seria desfilando no dia 20, faceiro que nem pinto em cisco.

6.2. A mesma catadura

No GRUNHE, a coisa anda mal parada.

Senta, contrariado, o Doutor Políbio – “mal-educados!” –, dobrando seu recorte para guardá-lo no bolso da camisa Lacoste verde musgo, que é vaidoso o Doutor, principalmente depois que enviuvou e adquiriu o hábito de recorrer paradas de ônibus em horário escolar, oferecendo carona – o bondoso setentão do jacarezinho no peito, nhac! – para as moças que moram longe, vejam só, e ficam ali esperando o ônibus, sempre atrasado, bancos duros, sebosos, podendo aproveitar e dar uma voltinha no seu Toyota Corola, brilhando de tanto lustro, com ar-condicionado e tudo, ainda mais neste calorão, prata, o carro, e loiro-cinza a tintura capilar, porque sempre teve o cabelo loiro o Doutor Políbio, na mocidade considerado um rapagão, imagem que lhe é cara e que pretende manter agora, que a maturidade vincou-o, ao menos no que pode – plástica é coisa de fresco –, no bem cuidado cabelo...

Envelhecer, sim, mas com a mesma catadura, o que não é pouco, tem uns que a gente nem reconhece, tanto que repuxaram a pele e mudaram a cor do pelego.

Um senhor, bem popular em Nova Hereford, inclusive, utiliza-se de uma outra peculiaridade sua – e de tantos –, a calvície, para trocar de peruca – de identidade! – todo dia, no que é deveras surpreendente: ora sai de liso castanho claro com franja, ora de acaju virando as pontas, ora de chocolate encaracolado.

Não o Doutor Políbio, sempre o mesmo; e infundir confiança é importante em suas atividades de médico e benfeitor de colegiais.

6.2.1. Por trás das ameaças

Vai guardar o recorte o Doutor Políbio, contrariado, e o guri que senta ao lado, o Cacalo, filho único do Doutor Asdrúbal, ex-intendente, ex-presidente do GRUNHE por dois ou três mandatos, senhor respeitadíssimo na cidade e no Departamento inteiro – até em Uruguaiana e Polianga do Sul, vejam só –, com fazendas aqui e na Banda Oriental, médico do pobrerio, que atende sem cobrar em seu consultório sempre com filas de maltrapilhos e ranhentos – uma nojeira! –, o Cacalo, que ao nascer matou a mãe, modo de dizer, era um ou outro e a finada – gravidez complicada – já tinha pedido que, qualquer problema, salvassem o filho, imaginem a angústia do Doutor Asdrúbal, criou o guri como se fosse de vidro, e ele é assim, meio tatibitate, deixa os cursos pelo meio, se encerra pra fora, às vezes, ou no Uruguai, passa lendo, sabe-se lá o quê, não tem nenhum compromisso com coisa nenhuma, embora o pai sempre o incentive a inteirar-se dos negócios... pois o Cacalo pede emprestado o recorte un ratito, vai o Doutor Políbio guardá-lo, para dar uma olhadinha.

– Como não, só me devolve que eu não tenho cópia – sorri o Doutor, entregando-lhe o papel.

O rapaz lê o texto destacado, impressionante, sem dúvida, mais pelo palavrório do que pelo que diz, que é o que quase todo ruralista diz com palavras mais toscas, e lê ainda o outro texto, também de um médico, José Brasil Teixeira, que foi recortado junto com o primeiro e ombreia com ele na página, sobre o mesmo assunto. Lê e fica muito impressionado – Cacalo é assim, diferente e impressionável –, emocionado até – ele às vezes chora em público –, com o artigo intitulado “Por produtores reformistas”, que, a

seu ver, este sim, contém uma proposta, e generosa, pacifista, capaz de resolver a questão.

Pergunta Teixeira se “não seria mais inteligente e conseqüente chamar a si a solução das questões agrárias que estão por trás destas ameaças?”

Ameaças do Movimento Sepé Tiaraju, ele quer dizer, e o “a si” dele refere-se aos pecuaristas e agricultores.

Cacalo concorda, chega de briga.

O articulista escreve que “com freqüência” ouviu produtores dizerem-se favoráveis à reforma agrária “feita em termos pacíficos e justos”.

E propõe, questionando: “se ambos os lados são favoráveis”, “se existe a concórdância explícita”, que sindicatos, federações, associações de criadores, deputados, bancada ruralista, todos se juntem:

– Por que não se mobilizar por uma reforma agrária justa e pacífica que todos dizem apoiar em tanta terra viável?

6.2.2. Dourados pomos

Cacalo está vivamente impressionado com o texto, parece que o homem lê pensamentos, diz o que sempre pensou e lhe parece óbvio: se todos querem, por que, na hora H, uns ficam de um lado e os outros do outro?

“É preciso agir junto e a favor dessa legião na maioria de famintos”, escreve Teixeira, observando que “baderneiros existem em todos os grupamentos sociais”, e é bem o que Cacalo pensa, olhando em volta a gritaria, nem deixaram o Doutor Políbio terminar, um bando de bugios no mato não faria melhor.

“Cedo ou tarde eles vão cortar o seu arame ou arrombar a sua porta na cidade”, está escrito, como um vaticínio bíblico a ser repetido depois que o mal acontece: “estava escrito”, ou em palavras mais de hoje em dia “eu não disse? Agora güentem”.

Cacalo sente que deve alertar os demais, tudo lhe parece muito claro e bem posto pelo articulista.

Sua colocação final é um chamamento à razão, igual ao que sempre pensou:

– Então, que se conquiste esta bandeira ora combatida e temida, que se reverta a intranqüilidade e que se faça ao mesmo tempo a paz e a justiça social, com objetividade e ampla conveniência.

Claro, claríssimo.

É conveniente para todos que a reforma agrária seja feita. Acabam os conflitos, quem quer vender e Nova Hereford está quase toda à venda, acha no governo comprador, e pronto.

Tem um poema, um soneto que vêm à cabeça do rapaz, tem num livro velho do pai, sempre gostou, alguma coisa como se a felicidade fosse uma árvore coalhada “de dourados pomos”, mas “nunca a pomos onde nós estamos”, qualquer coisa assim, parecida, que o emociona ele às vezes chora em público, mas não agora, que sente-se forte, apoiado pelo outro, do jornal, decerto gente importante, que pensou o que ele pensa, na batata, impressionante!, não lembra direito dos versos, mas não é isso mesmo?

Não estamos nos escondendo da felicidade?

A felicidade poderia ser plantada no e pelo GRUNHE, dourada, por que não?

– Se somos todos a favor da reforma adriária⁵²² eu sempre ouço o presidente do Drêmio dizer isso na rádio, por te estamos sempre lutando tontra? – pergunta Cacalo, levantando-se, com sua voz esganiçada.

6.2.2.1. Osso em boca de cadela

(Um parêntese para explicar que Cacalo é filho do Doutor Asdrúbal, venerando senhor, mas nem por isso livre das contingências da vida. Teve sarampo, varicela e cachumba, lógico, como todos, mas, por exemplo, a varicela deixou-lhe algumas marcas embora a cachumba não tenha recolhido. ~~Quer dizer: rico, mas órfão de mãe que, bem dizer, matou ao nascer, ou seu pai matou, ao escolhê-lo para sobreviver, ou ela mesma matou-se ao dizer “salvem o meu filho”, mãe piedosa às portas da morte, rico, mas tatibitate.~~

Ainda menino descobriu que, estranhamente, todas as pessoas, inclusive o pai amoroso, falavam errado.⁵²³ Bom menino, nunca demonstrou que percebia, forma que achou de proteger quem o cercava da terrível realidade. Bonomia de família, diga-se. Seu tio, Sezefredo, casou, coitado, com tia Idalina, rica, prestativa, muitas vezes levava Cacalo pra passear, fazer compras, comer sorvete e – o que não compreendia à época – brincar de roubar coisas nas lojas, coisas pequenas, baratas, brincos, lenços, que colocava na bolsa sofregamente, olhando rápido em volta, como nos filmes, mas sozinha; não o convidava para participar da brincadeira, nem mesmo o apaziguava com um olhar cúmplice ou com o dedo sobre os lábios cerrados, shhh!, comportamento destoante “naquelas tardes

⁵²² (L.F.Veríssimo, inclusive, diz que já fizemos a reforma agrária, “dos outros”. Que os imigrantes – e mais uma vez repetimos, desta vez com a lambuja do complemento – que acolhemos no século XIX “estavam, nos seus países, na mesma situação dos atuais sem-terra do Brasil. Eram os excedentes de uma estrutura fundiária perversa sem uma estrutura industrial que os absorvesse. Itália, Alemanha etc., fizeram a sua reforma com a nossa terra”. Então, duas coisas: primeiro, que a gringalhada tá sempre no meio do que não presta; segundo, que temos que providenciar urgentemente uma estátua – mas do Botero – para este senhor, longe de nós agourar nosso ídolo, ao contrário... Mas é preciso dizer ainda de outro taura, que o Demétrio Ribeiro, faleceu, a Virgínia me ligou, o Cajinho deve estar inconsolável, e Nova Hereford jamais prestou homenagem que valesse pra ele, que levou nosso nome do Rincão do Inferno pro mundo, e, nós, como sempre, nada...)

⁵²³ (é de pasmar! Essa menina, Leticia Wierzchowski, em um jornal da grande imprensa, diz de certas “peculiaridades” do gaúcho e tal, um monte de idéias-feitas, nada a ver conosco, imagina!, até que lasca: “Agora seguinte: somos uma gente que fala errado pra caramba.” Ela diz “Agora seguinte” e diz “pra caramba” concluindo que “nossa linguagem coloquial é impressionantemente confusa”, especialmente pelos “bás” e pelos “tris” além, claro, de nossa mania de engolir os “esses”, a letra: “Na verdade, faz muito tempo que eu tenho pensado nessa questão do sumiço dos esses. Para onde teriam ido todos os esses perdidos por aí?” Questão transcendental, não é mesmo? Respondendo: 1. nenhum gaúcho usa “Agora seguinte”, talvez alguns porto-alegrenses que visitam o Rio amiudemente; 2. nenhum gaúcho usa “pra caramba”, talvez alguns porto-alegrenses com crise de identidade que visitam o Rio e voltam falando carioquês; 3. nenhum gaúcho usa “tri”, a menos que consideremos gaúchos os porto-alegrenses, alguns pelotenses e moradores da região que abarca a capital, suas cidades satélites e um punhado de outras que lindam com Santa Catarina, o que seria um absurdo, porque gaúchos não são; 4. a moça não deveria ficar tanto tempo pensando a respeito do destino dos “esses”, já deveria saber que a gente fala sem “esse”, sem “erre”, troca o “o” pelo “u”, o “e” pelo “i” etcétera e que linguagem coloquial é isso mesmo, fala, que alguns autores transpõem para a escrita, com maior ou menor sucesso; 5. a moça já não tem idade pra ser tão bobinha; 6. a moça deve respeitar os gaúchos de verdade; 7. a moça que não invente de pisar em Nova Hereford; 8. se a moça não observar o item 7, corre o risco de levar uma pisa, mas uma pisa que depois até ela não vai saber pronunciar o seu nome Wier..., Wiertch...; 9. e, sabe do que mais, chimangada? Temos dito!)

faceiras, sem babás rezingueiras, bruxismo das cristaleiras, o pai domando a cadeira, sombra triste e ringideira”, como diria um anônimo poeta neoherefordense.

O tio, coitado, já havia prevenido todo o comércio da cidade – pequeno, ainda bem, trabalho menor, mas, mala suerte, opróbrio público, osso em boca de cadela – e, tão logo recebia os telefonemas dando conta das distrações da esposa, corria a pagá-las, explicando que ela “não fazia por mal”. Tia Idalina roubava o próprio marido: gravatas, que as empregadas achavam metidas atrás das garrafas de vinho; meias, sob o papel florido que forrava sua gaveta de calcinhas.

Cacalo amava a tia incondicionalmente, como um órfão ama a idéia da mãe. Estava com ela quando encontraram uma velha conhecida. A tia o mostrou para a outra e disse:

– Olha como está grande o meu sobrinho.

A amiga, toda chique, de redingote, para a criança:

– Mas, como é que a gente não vai ficar velha?, parece um homenzinho... Como é teu nome, meu amor?

Ele respondeu:

– Tatalo.

E a senhora, com seu conjunto de bolsa e sapatos de saltos altíssimos e finos como agulhas:

– Tatalo, meu anjo?

E ele:

– Tatalo não, Tatalo.

A senhora, de colar de pérolas e brincos de concha:

– Muito prazer, Tatalo, meu nome é...

O guri, bufando de raiva:

– Não é Tatalo, já disse, é Tatalo tum cê!

A senhora de coque riu o mesmo riso que muitos, ao verem-no falar, de outras vezes permitiram-se – ou não puderam conter –, um riso pela metade, que a educação aborta mal se esboça, um riso condescendente igual ao que as pessoas costumam dar quando cumprimentam o louquinho do Seu Alípio, sempre na esquina, brincando com uma piolinha, “Quantas já laçou, Lipinho?”, “Bá”, mostra os dentes o zarolho – fecha! ai, fecha!⁵²⁴ –, “umas quanta”, “Tu vai acabar ficando rico, che”, e o louquinho, todo faceirice, mais esmera-se no laçar suas moscas, o ar que respira.

A senhora riu o mesmo riso que viu em seu pai quando o antigo capataz da fazenda veio pra cidade e ficou morando no quarto ao lado da garagem, no fundo do pátio; que seu pai ria, mas como quem quer bem, compreendem?, de pena, quando o velho gagá engrolava as bobagens lá dele, que ninguém entendia.

A amiga da Tia Idalina mostrou a Cacalo o que só ele não sabia.

Hoje, depois de muito boi gordo gasto com os melhores profissionais de Nova Hereford – centro de excelência em muitas áreas, o mundo bem o sabe –, Cacalo perdeu a vergonha que tinha, mas o som das consoantes, essa insignificância, nunca conseguiu destrocar.)

⁵²⁴ (tem gente que não pode com um certo tipo de dente, dá um arrepio, e nem são protéticos)

4.16. Só a metade do bigode

A fronteira é o espaço privilegiado do valente, razão pela qual todas as guerras de fronteira em que se meteu o Império foram ganhas por nosotros.

Alguns gaúchos, como Gumercindo, lutando e lutando foram dar além do fim do mundo – que fica, todos sabem, no Mampituba, embora a corrente majoritária dos estudiosos de Nova Hereford entenda que o fim é a depressão central, admitindo-se a área das Missões, por afetividade histórica –, no Paraná, brrrr!, quase em São Paulo, e fazendo parte do percurso de-a-pé, vejam, um gaúcho, caudilho, homem!, de-a-pé, e assim mesmo gaúcho vivendo sua odisséia inelutável. Em Ponta Grossa, conta Ângelo Dourado, Gumercindo recebe um telegrama de Fulião: “Os bichos estão acampados em Castro; me dê ordem para atacá-los, eu quero destroçá-los, mande-me a ordem. Tenha pena de seu negro”. Suspira Dourado: “A nossa vida não é mais do que um lutar constante”. Os “bichos” tinham em Floriano um aliado férreo e em Castilhos, bueno...

Rubens de Barcelos o via (Castilhos) como um “todo maciço”, como “talhado de uma só peça em bloco de granito”. Mal vestidos, mal armados e mal provisionados espanta aos poltrões de hoje que os maragatos tanto resistissem ao ferro e ao granito, pólvoras que lhes choviam, sólidas e letais, de tudo quanto é moita. Castilhos ordenava: “Não poupe adversários”, porque a adversários “não se poupa nem se dá quartel”.

Não “dar quartel” era a senha para a degola, meio prático e barato de extermínio. Castilhos praticava o positivismo, segundo Constant, “a religião definitiva da humanidade”; a sua era uma “ditadura do bem”. Um exemplo, de R&B: Terêncio, primo de Gumercindo, por ter hospedado Silveira Martins, “foi estaqueado no pátio da estância, enquanto a escolta churrasqueava ao redor”. E nem estavam ainda em guerra, mas:

– Obrigaram-no a abrir sua própria sepultura, espancaram-no, depois o castraram, cortaram sua língua e orelhas. Ainda vivo, foi pendurado numa árvore e praticaram tiro ao alvo em seu corpo. E finalmente foi jogado num capão, onde foi comida de urubus até expirar.

Não eram ternos os republicanos.

Mais tarde, quando da morte em combate de Saldanha da Gama, pergunta *O Maragato*:

– Como é que tendo o almirante recebido apenas três ferimentos de arma branca, o seu cadáver apareceu sangrando, com falta de uma orelha, castrado, sem os dentes orificados, só com a metade do bigode, apresentando seu corpo infinidade de talhos feitos com facas ou espadas?

Como é?...

Ora...

Dunshee de Abranches, porém, cita um coronel maragato que afirmara que da Gama não fora degolado, mas apenas “sangrado”.

Ah, bom.

4.16.1. Olhos de pânico

Uma mulher de Nova Hereford, que se escondera em uma tulha quase vazia de feijão, e vira pela fresta da madeira seu marido ser esquartejado sem mais nem menos, um homem de paz, só por estar usando um lenço vermelho, presente do irmão – e que usava apenas em casa, na sua estanciola de simples! –, jamais conseguiu recobrar totalmente a sanidade, restringindo seu vocabulário a intrigantes duas palavras: “é” e “não”.

Suficientes palavras, se pensarmos em uma comunicação de trivial sobrevivência; mas intrigantes porque poderiam indistintamente servir de resposta à mesma pergunta repetida em seqüência. Assim: “A senhora já tomou banho?” e ela: “É”. Imediatamente: “A senhora já tomou banho?”, e ela: “Não”. Caso insolúvel, mesmo para o grande médico herefordense, o Doutor Atháide, que deu a doente por incurável, receitando como última tentativa – desengano de consciência, vejam –, que lhe providenciassem banho e a talqueassem sempre que respondesse “não” para a referida pergunta.⁵²⁵ Viveu poucos anos mais a infeliz senhora, vitimada por fulminante pneumonia.

Conjecturam os entendidos – mas sempre depois que não adianta mais – que talvez devesse ter sido mudada a pergunta, já que seu teor pouco importava, e sim o que seria respondido pela senhora, ou que, se a dogmática do tratamento não o permitisse, ao menos não insistissem em triunfar sobre a doença quando estivesse muito frio ou a senhora resfriada. A irmã que a acolheu na cidade tentou ensiná-la a dizer apenas “é” na frente dos médicos – já então era uma junta de especialistas, incluso um curandeiro filho de Xangô –, mas os doutores logo descobriram o truque, estudados e tal, e admoestaram firmemente a leiga:

– Não faça mais isso! A senhora não percebe o quanto é cruel roubar-lhe a metade do seu vocabulário?...

Quem não lembra da pobrezinha, sentada com a irmã – no tempo em que as famílias traziam cadeiras para a calçada e entretiam a noite em conversas entre si – “é”, “não”, e com os passantes, sempre recém saída do banho, empoada e silenciosa atrás de seus olhos de pânico?

E, só para saberem, ela fazia uma geléia de mocotó maravilhosa.

Coitadinha.

Deus a tenha.

4.16.2. Fazendo lenha

Barbaridades como esta – imortalizadas num símbolo, a gravata colorada – grassaram antes, durante e depois da revolução de 93, porque os republicanos não admitiam oposição – e a tiveram, somos gaúchos! –, unguidos por seu deus positivista. “Se os homens da república tivessem punido no Rio Grande os assassinos que em nome dela matavam e roubavam, quantas vidas se teriam poupado?”, lamenta Dourado, para observar que “destruir tudo e todos ‘era’ o sonho deles”.

E quase conseguiram. Alfredo Rodrigues queixava-se:

– A guerra civil arrasou quase por completo as estâncias, sobretudo na fronteira sul, não só com o extermínio bárbaro dos gados, como também com a destruição das cercas

⁵²⁵ (“A senhora já tomou banho?”)

de arame para dar passagem às forças ou simplesmente para fazer lenha. Muitos estancieiros não têm como restabelecê-las, nem como reparar seus campos, completamente arruinados.⁵²⁶

Falam de Adão Latorre e da tal Lagoa da Música, mas, vejam, eram mil os prisioneiros e ele degolou apenas trezentos, satisfazendo-se com a pequena percentagem e com o método, sem sujar-se no castrar, empalar, esquartejar... Devem ser os gemidos de agradecimento pela morte rápida.

6.2.3. *Cria de Hornero*

A intervenção do filho do Doutor Asdrúbal – nada surpreendente, pois o rapaz vai a todas as reuniões do Grêmio Ruralista, da Cooperativa, das Associações de raça, dos Carismáticos, tudo, e sempre fala e sempre tumultua os outrora pacíficos encontros de irmãos de seita, pro causo, gente que pensa igual e que vai lá para reforçar suas crenças e criar, de tantas vozes, um unísono poderoso, intimidante no ressoar, tanto nas abóbadas da religião do céu quanto nos imensos salões, poteiros, bem dizer, da outra religião, da terra, de possuí-la, “mãe generosa de cujo barro todos descendemos e alguma nuga dela entre os dedos ainda temos, por mais banho que tomemos”, poetou o Laíre, enfim, este unísono que é poder incontestado, e ai de quem!... confraria, clubinho, trinca, como chamam alguns em Nova Hereford, gente de Alegrete ou Uruguaiana, por certo, sangue ruim, nenhum pedigree... pois, com a presença de “Cacalo, caborteiro, cria de Hornero, se fosse cavalo”. poetou alguém que, diferentemente do supracitado, prefere o bucólico anonimato, pedante!, ao ofuscante estrelato, as reuniões tornaram-se tensas, campos de luta, em consideração ao Doutor Asdrúbal, até o momento apenas verbal, nem dá pra tomar o uisquinho ou, com este calor, nem uma cervejinha que seja, quieto, o guri não deixa –, a intervenção de Cacalo, já esperada, só não se sabia o momento, quase que silenciou a sala, ainda possuída pela alegria juvenil do texto lido pelo Doutor Políbio.

“Quase” porque, se os mais velhos, de alguma forma devedores do pai do inconveniente, respeitado produtor, ilibado administrador, ínclito cidadão de Nova Hereford, em consideração ao progenitor, poupam seu rebento, os mais jovens, futuro do país!, nada conhecem disso, especialmente o Pepe, cedo emancipado e, por conta disso, mui senhor de si, um rapazola ainda, mal entrado nos vinte – “boçal e soberano”, como diria um senhor de Teófilo Otoni, Minas Gerais, saudoso, amado senhor, contrariado com a aspereza de alguns filhos dessas plagas –, o Pepe:

– Ué, a favor! Umas pivica! Vou deixar esses vagabundo tomarem o que é meu? Eu tabalho, olha os calo aqui! – mostra a palma. – Eles que expremmentem! Boto a correr essa gentama a bala, e atiro pra matar mesmo, não é foguetetório pra espantar caturrita. Ué, me estranhando? Que venham! Venham pra ver.

– Eu também sou ecológico – brinca outro fedelho –, respeito o bicharedo, mas raposa, cruzeira e sem-terra, ah, é só na cabeça.⁵²⁷

⁵²⁶ (neste caso específico, podemos afiançar que, pelo menos em Nova Hereford, não é choro de fazendeiro)

⁵²⁷ (apotrados, os rapazolas... e, vejam, todos adeptos de quebrar o queixo dos potros... a letra – modo de dizer – não entra doendo? Atenção, porém, que, neste transcendental relacionamento do gaúcho com o potro, geralmente as rusgas – consultemos Jakobson, que o assunto pede –, advêm de ruídos na comunicação entre as duas metades centáuricas, e, adverte Mark Rashid, “probablemente la causa

6.2.3.I. “Lo que favorece a los caballos...”

O Doutor Asdrúbal não está, é médico, e das antigas, daqueles que vai a domicílio quando o caso requer, e não cobra, se a pessoa não pode, assim que não tem tido tempo de participar mais ativamente das reuniões do Grêmio Rural, do Rotary, ih!, não tem tempo pra nada, ainda mais que, depois do acampamento do Sepé no município, a classe passa reunida – a natureza voltou a cuidar dos seus interesses, como antigamente, e sem o fermento do olho do dono –, não há jeito de se fazer presente.

Mas – não seja por isso – manda seu filho, herdeiro de tudo que é seu e depositário da ardorosa fé que possui, nos homens, no futuro, na continuação de seu trabalho na sociedade, altruísta, buscando no que lhe compete um justo equilíbrio entre as pessoas. Cacalo, ali, personifica o Doutor Asdrúbal, que, além de bom samaritano, tem muito dinheiro, montanhas de dinheiro: se empilhássemos seus bois, um em cima do outro, talvez a coluna chegasse ao “idílico satélite”, como diz o outro, a lua, vejam, inocente de certas metáforas.

A lua, onde muitos, ignorantes, acham que Cacalo vive; só porque bota o tê e o dê onde não deve nas palavras, mas, principalmente, porque o guri vive lendo, assistemático, inquieto...⁵²⁸ e gosta muito de se misturar com a gentalha, passa no galpão quando vai pra fora, os empregados acabam sem saber o seu lugar, ficam mal-acostumados e, sabe como é, um vai espalhando pros outros nos bolichos e, daqui a pouco, não tem empregado que preste em Nova Hereford.

6.2.4. Terco coisa séria

Abobado perigoso, o Cacalo, mas – calma pessoal! – filho do nosso amigo e companheiro, o querido Doutor Asdrúbal.

– Calma, gente. Não é assim que vamo resolver alguma coisa – impõe-se o presidente do GRUNHE, o isigne Doutor Valentim, com quem o Otacílio não há jeito de pechar. E, dirigindo-se especificamente ao Cacalo, como uma professora de SOE ao aluninho problemático, pedagógico, inclinado para a frente, mãos postas, pronunciando clara e lentamente cada palavra:

– Nós não somos contra a reforma agrária. Nós somos contra a reforma agrária que eles estão querendo fazer. Nós queremos a reforma agrária, mas do nosso jeito, entende?⁵²⁹

del problema es algo que usted mismo está haciendo”, sendo “usted” o que monta e apenas monta, não procura entender o que o outro está pedindo. O assunto é deveras delicado, envolvendo mesmo a hombridade dos potros, que montam, está dito, todavia montam rápido, num vu!, a égua nem... “Cambiar la actitud de un caballo problemático puede resultar a veces fácil en comparación con cambiar las actitudes de algunas personas. Lo que favorece a los caballos es que, a diferencia de algunas personas, no tienen grandes egos”. Mirjan Terlingen ensina que, em vez de mudar o cavalo, começa por mudar a ti mesmo: “Ponte en su sitio y piensa como un caballo”. Bueno, aí já é mais fácil; eis um conselho que o indômito pode seguir sem levantar a bunda do sofá, metempsicótico bagual.)

⁵²⁸ (a Dona Odila sempre contava que o irmão dela enlouqueceu de tanto ler. Falava e falava, acabava falando sozinho, porque ninguém compreendia os negócios que ele dizia. Tiveram que internar... Por isso, quando vê um filho seu lendo, tira o chinelo e dá uma tunda no sem-vergonha. Só quando eles mostram que tão é estudando – de preferência matemática, a Dona Odila acha lindo matemática, gosta mais dos números do que das letras... não que os compreenda, os números, mas tinha um irmão... –, não lendo, então ela se acalma, coitada, já não tem idade pra ficar se incomodando. Ler pra quê?... Gurizada medonha!)

⁵²⁹ (tão tudo aí, os esses e os erres...)

– Não. Te jeito é o nosso jeito?⁵³⁰

– Ora, Cacalo. Teu pai ia gostar de ter uma dessas favela rural que eles criam lindando com ele? Esses coitado ainda são do tempo da lavração a boi, da enxada, da foice... Não admira que tenham degolado um aquela vez, em Porto Alegre. Se tivessem de trator, não iam conseguir acertar um carro parado. São uns bronco. O que eles querem é um pedaço de terra pra vender. Depois que acaba o dinheiro, eles voltam pros acampamento. Isso é uma indústria de vagabundo, compreende, a maioria passa bêbado, nunca viram uma lavoura de verdade.⁵³¹

– Tem gente de tudo quanto é buraco. O que menos tem, mesmo, é agricultor – o Seu Romalino, apaziguando, o pobre, das quarenta quadras que herdou, vendeu quase tudo, e o que não vendeu, deve.

– Eu sou contra a reforma agrária – troveja o Edegar, montado em um de seus inúmeros crioulos chilenos, olhando do alto do Cerro Cambaio os largos horizontes da propriedade, os que seu pai herdou e os que roubou, somados aos que ele mesmo comprou e aos que roubou, legalmente, correndo a miuçalha da volta com assinaturas em papéis engrolados a troco de favores devidos, direitos pretensos e, até, pelegas, poucas e a perder de vista, como seus horizontes largos, largos assim porque assim.⁵³²

– Antigamente, a gente deixava um qualquer cuidando de um posto da estância, quando não dava mais, se chutava ele e deu.⁵³³ Agora, a junta, se a gente bobeia, dá o campo inteiro pro desgraçado. Tu é um guri, não lembra disso, mas naquele tempo, tudo corria melhor. Hoje, na hora de ajustar alguém, olha, tem que procurar muito direitinho, porque, depois, ou se agüenta o filho da puta ou se paga os tubo pra se ver livre dele.

– Não tô entendendo o te te é isso... – começa Cacalo, mas o outro continua.

– Calma, calminha. Vocês, hoje, são tudo apressadinho. Por isso que chegamo ao ponto em que chegamo. Escuta. Antigamente, o fazendeiro era um benfeitor da peonada. Não deixava faltar o que fosse pra toda a gentama da volta, empregando peão até quando não precisava, pra ajudar, nem beliche vazio no galpão tinha, o homem se virava nos arreio ou a gente dava um jeito, um colchão de crina que sempre se achava em algum canto. O fazendeiro era respeitado por todos, até os banco tratavam melhor quem tinha terra...

– Mas te coisa! Pensei te desde a Revolução Farroupilha até adora, mesmo no tempo do Getúlio, te era nosso, te os bantos e os dovernos nos tratavam mal. Diziam, intlusive, te os daúchos eram chorões. Meu pai fitava puto tom isso.

⁵³⁰ (“Es muy frecuente encontrar personas que tratan a todos los caballos de igual forma, como si fueran idénticos, y nada más lejos de la realidad que esto”, ensina Olivé, hablando sobre a personalidade do cavalo. Ao comprar um potro – NH está praticamente toda à venda ou alquiler –, “si lo compramos pensando que con el tiempo lo vamos a cambiar es tan falso como elegir una mujer para casarnos pensando que después del casamiento la ‘mejoraremos’”, pois “podremos hacer que un caballo deje de ser asustadizo o inquieto, pero nunca podremos hacer que un caballo deje de ser curioso, inteligente o terco, por ejemplo”... E aí mora o perigo: um cavalo curioso, inteligente e teimoso, bá! Cacalo es terco coisa muito séria.)

⁵³¹ (ué!, o homem fica brabo e sai tesourando o português?!...)

⁵³² (ver os Costa, do índio Reduzo; ver os Silva, que mataram o pobre do boi manso...)

⁵³³ (como o João Guedes, de Boa Ventura, lembram?, expulso do campo porque, não é segredo de ninguém da lida, boi gosta de silêncio pra engordar e o João Guedes, bueno, respirava meio arfante, dava um nervoso nos bichos)

– Já tinham me dito, e eu não acreditava. Dizia: o quê, o filho do Doutor Asdrúbal? Mas, puta que pariu!, é difícil falar contigo, hein? Bota chato...⁵³⁴

Ah, o Cacalo!

O Edegar não costuma ter tanta paciência.

Se fosse outro, já tinha partido pro pau. Mas o Doutor Asdrúbal é uma pessoa que merece qualquer sacrifício – foi até cabo eleitoral dele, no Rincão, na última eleição pra Intendência –, não vale a pena perder as estribeiras com o gurizote, que, por sinal, nem falar direito sabe. Deve ser meio retardadinho.

O presidente do Grêmio, tentando encaminhar a pauta agendada para a reunião, interfere, esperando colocar um ponto final na esdrúxula discussão.

~~Claro que todos são contra a reforma agrária, isto é, são a favor, mas não assim, de qualquer jeito, e na hora que eles querem:~~

– E a vaselina? Se vão nos botar, cadê a vaselina, ora bolas? Nunca!

6.2.5. *Patás y patas*

O presidente do GRUNHE, com toda a paciência – e quase todos os esses!, linguagem, pro causo, sarnenta, de fraque – que deve ao Doutor Asdrúbal:

– Que ninguém nos ouça, Cacalo. Mas, quase todos nós aqui plantamos arroz, usamos tecnologia de ponta, até monitoração por satélite, colheitadeira cabinada, com ar condicionado e aparelho de CD, essas coisas. Precisamos de escala para termos algum lucro. Até na pecuária, precisamos de terra pra fazer o ciclo completo e vender bicho pronto com um ano e meio, até menos, a genética custa caro, tu sabe. Muitos de nós não estão bem, devem pro banco, pra cooperativa, mas estamos lutando por um escalonamento desta dívida, por uma política agrícola responsável, financiamentos compatíveis... Estamos lutando, sempre fomos fazendeiros. Tu acha que é justo desapropriar a nossa terra, retalhar em canteirinhos de quinze ou vinte hectares e dar pra qualquer um, que muitas vezes nem é agricultor, gente que nunca fez nada e ganha de graça o que nós lutamos pra construir? Tu acha? E tu acha que eles vão produzir alguma coisa nestes vinte hectares, que vão conseguir sobreviver dessa miséria? Até que poderiam, na verdade, o governo dá quase mil reais por mês pra cada um deles. Mas nem sabem o que fazer com o dinheiro e botam tudo fora. Tem muito assentamento aí que prova o que eu digo. Eles acabam deixando o campo e voltam pra cidade. Quando se apertam de novo, voltam pros acampamentos. Tu acha isso justo conosco?

⁵³⁴ (“A la hora de elegir un caballo, siempre hay que montarlo y se es posible, varias veces con un tiempo de espera entre monta y monta”, e “analizar muy bien su conformación, su aspecto, su actitud”, e “tratar de conocer a su madre...” Vejam que Fernando Noailles Olivé nada despreza em seus ensinamentos. Isso de decansar entre as montas, é velho, acontece com os touros, com os carneiros e, por supuesto, com os garanhões. Vai botar um bicho de alta capacidade no meio de um monte de fêmeas, pronto, se vai o investimento: o macho não consegue parar de cobrir e cobrir – uma tara a ser estudada – até que descai e, se descuidamos, morre... de ansiado e ambicionero. Conhecer a mãe, então, é fundamental. Observem que uma mãe bunduda gera filha bunduda. Não adianta analisar o pontual da bundinha adolescente da namorada, um xuxu, mas, se queres uma mulher para sempre, observa com acuidade o bundão da tua sogra. O Cacalo não conheceu a mãe, coitado, mas dizem que se parece com ela. Então, chato não é, que a finada, bá!, flor de pessoa. O Cacalo é apenas interessado, minucioso, irritante... não se deixa montar! Mas o Jerônimo, amigo dele, tanto olhava pra bunda da sogra, a Dona Tânia, que ela botou o sem-respeito a correr porta a fora, tapa e tapa: “E não me aparece mais aqui, tarado!” A Taninha, enxoval pronto, já andava até com ciúmes da mãe...)

– Então o Senhor é tontra a reforma adrária? O Senhor vai pro rádio mentir em nome da classe?⁵³⁵

– Não se trata disso, Cacalo. A gente tem que fazer política. Não fica bem dizer que somos contra.

– Por tê?

– Ora, este país é enorme, tem muita terra por aí. Que eles assentem esses vagabundos deles na Amazônia, no centro-oeste, no nordeste, bem longe de nós! O Rio Grande do Sul é uma ilha de excelência agropecuária; não precisamos de quem nos atrapalhe. Não estamos mentindo. Só não queremos essa gente aqui.

– E o taso do Seu Valdemar? Ele é tumpadre do pai e disse te vocês não deixaram ele vender a estância pro doverno fazer um assentamento. Botaram até deputado no meio pra impedir o nedócio, e ele ia receber em dinheiro, do Estado, e, o pai tomentou, bem mais do te o preço de mertado. E o Seu Valdemar precisa vender, tem te vender, o te te vocês tem te ver tom isso? Se ele vendesse, padava tudo o te deve e ainda sobrava pra totar a vida dele, ia tomprar um apartamento em Porto Aledre e morar perto dos filhos. Por te vocês se meteram e atabaram tom ele?

– Se ele não agüentou o repuxo, não podemo fazer nada. A vida é coisa pra macho, Cacalo.⁵³⁶

– Vocês mataram ele, isso sim.

– O quê?! Não, não, não não... não mesmo. Ele é que se matou. E não foi o primeiro e nem vai ser o último. Toda hora tem um se atirando da ponte ou se pendurando na figueira velha. A vida é pra macho, Cacalo. Ao menos aqui.⁵³⁷

⁵³⁵ (o Cacalo, criado com todos os mimos pelo pai, sem ter a orientação materna, tão importante na primeira fase de nossa existência, e meio solto em casa, o Doutor Asdrúbal sempre atendendo seus doentes, não recebeu no momento devido as ordens necessárias. Com os potros – de doma racional hablamos, animais racionais que somos –, tenemos que trabajar a la voz. “Arrancar: vaaaaaamos; Detenerse: altoooooooooo; Paso: Paaaaaaso; Trote: Tró!!!; Galope: GalóPPPP”, explica Olivé, sendo que “las diferencias en estas vocales iguales están dadas en la intensidad y el tono. La ‘a’ de arrancar es fuerte y rápida. La de paso en suave, lenta y larga. Esto es igual para las diferentes ‘o’ de detenerse y trote, estas variaciones de intensidad y tono son captadas muy rápido por el potro”. Sim, está certo, mas Cacalo não teve mãe e o pai, lá com seus doentes... assim que, caballo manso, o guri, mas, naquele casarão, naquele latifúndio, patas y patas, patadas...)

⁵³⁶ (Fernando Noailles Olivé, o cã-cã da doma racional – sabem? Aquela em que a parte alçada do centauro raciocina e a metade com os pés no chão, “el noble bruto”, não sofre por sua condição inferior na estampa anômala –, garante que “cualquier persona sin distinción de sexo, con amor, paciencia y perseverancia puedo no solo desbravar un potro, sino también mejorar la relación con su caballo y curar los vicios de caballos resabiados, descubriendo canales de comunicación efectivos y duraderos”. Olivé, das tantas pessoas que conheceu senhores do ofício, diz que muitas eram analfabetas e, justamente por isso e pelo meio natural em que criaram-se e viviam, “tenían una sensibilidad que les permitía mantener canales de comunicación con los animales y que podían no tan solo entenderlos sino predecir sus conductas y reacciones”. Então, a vida no pampa é coisa pra macho mesmo, de preferência analfabeto... Por isso, ler por aqui não é aconselhável para quem quiser continuar liso de lombo... acatemos a lição de Dona Odila.)

⁵³⁷ (esse negócio de macho, bueno... O Eraclide tava fazendo a cerca de divisa do Homero com a Marilda, era de tarde, o sol se agachando no oeste, bem pra onde ele olhou, assim, de relancina, viu uma coisa se mexendo, e, quando olhou, olhou, parecia uma visão, aquela mulher correndo com dois panos brancos contra o sol, voando, a cabeça com uma tiara branca, duas flores, uma enganchada em cada orelha, o vestido balão... contra o sol, assim, uma visão... e o Eraclide quase que se atira no chão, de Joelho, quando, num santiamém, percebe que era a Marilda, a santa, parecia uma louca... e ele por pouco não suja as rodilhas da bombacha no barro, bosta!... Então que esse negócio de macho, que eu faço e aconteço... tá certo. Mas entrou visão... Bá...)

6.2.5.I. Nas dobras sujas da pança

– Eu sei. São bem machos os te fitam impedindo as vistorias do IRA.

– O índice de produtividade deles é fantasioso, rapaz, totalmente irrealista. Não podemos deixar que eles vistoriem porque não queremos dar de mão beijada o que eles querem, que é nos desapropriar, fazer da metade sul um grande favelão rural.

– E vocês acham te menos de um animal por hetitare é o justo?

– Não interessa se é o justo. O que interessa é que a gente tá protegendo a flasse... a classe; merda!

– A flasse toisa nenhuma. ~~Meu pai produz acima dos índices deles, e muitos ali também, te eu sei. O Drêmio tá defendendo os intompetentes, os vadabundos, tomo vocês dostam de dizer dos do Sepé. Vocês tão é mentindo e meu pai me ensinou te homem não mente. É isso te é ser macho pra vocês?~~

– Bueno. Ofensa não. Agora chega. Chega de conversa fiada e vamo pra pauta da reunião.

– Tom licença, então, te eu tenho mais o te fazer do te fitar distutando estratédias de tombate àteles toitados.

– É, vai bater uma punheta, que tu tá precisando⁵³⁸ – provoca o Pepe.

Cacalo sai sem responder, preocupado com o que fazer daí pra frente, ~~quanto ao acampamento do Sepé e ao GRUNHE. O filho único do Doutor Asdrúbal é assim mesmo, sempre dando enorme importância às coisas mais banais e colocando-se, como um mártir da causa – seja qual for – ou como o paladino da humanidade – da flora, da fauna humana – , no umbigo da discussão, no centro da cicatriz abdominal, nas dobras sujas do âmago da pança... e sai, Quixote mais pra Sancho, a dar umbigadas nos inimigos da razão.~~

4.17. “Bela aristocracia...”

Parava de chover antes do meio-dia e não compunha-se o tempo; ventava norte três dias e não chovia; um homem pobre muitas vezes tinha que roubar para não morrer de fome em meio à abundância de proteína animal, agora tudo de quem a tomou de si.

Os tempos eram outros, sem dúvida.

⁵³⁸ (e é bem bom... Porque essas gurias de hoje em dia, bá, só quebrando o queixo – o que Olivé não ensina, defensor de seu método baseado “principalmente en la psicología” –, só com castigos físicos, um pouco, sim, de humilhação, e um tanto mais de medo. Por isso, aqueles tauras da **Morocho** – “Animal, te pára!, / Sou lá do rincão. / Mulher pra mim é como redomão, / Maneador nas pata e pelego na cara!” – resolveram compor este verdadeiro manual de como tratar as piguanchinhas coisa mais querida do pampa... A mulherada tava saindo do controle. E vinha de tempos. Uma vez, na Vila Militar, lá por 68, 69, as esposas dos oficiais que moravam no aprazível lugar, policiado dia e noite por soldados armados até os dentes, com guaritas na entrada e na saída, tiveram que fazer um abaixo-assinado e foram entregar pessoalmente ao comandante de um certo capitão pára-quedista, que vivia viajando enquanto sua mulher, uma loirinha que era um pedaço, recebia variadas e constantes visitas masculinas, todas com passe-livre nas barreiras, o que piorava sobremodo a situação, imagina!... As filhinhas dela, a sirigaita mandava pras vizinhas, onde ficavam brincando até terminar a da – brincahona!... e criativa... – mamãe. Haydéé, chamava-se e não é bem o Cacalo que com ela, solito, masturba-se...)

Imaginem que, antigamente – Oliveira Viana⁵³⁹ é quem conta – os caudilhos do Prata “quando retornavam de suas razias em nosso território, tangiam sempre à sua frente, como butim de guerra, dezenas de milhares de cabeças de gado arrebanhado. Nós lhe aplicávamos o mesmo método, de rapinagem oficializada”. Essa, nas palavras de OV era uma “bela aristocracia” ... de “superioridade magnífica”, sublinham R&B; para nós, de Nova Hereford, com algo de ironia, fronteiros ambos, traquejados em bilingüismos e, com mais de cinqüenta na garupa, sorros. Rapinavam os aristocratas, mas o populacho...

O que fazer em 1893?

Já dizia Gumerindo: “prefiro um assassino a um ladrão”.

A opção gaucha sempre foi a de pelear.

Assim que armava-se, no Inhanduí, a maior batalha da revolução. Os republicanos não queriam passar pelo mesmo vexame da Jararaca, quando caíram entre dois fogos ardilosos. Juntaram toda a milicama, desde veteranos do Paraguai, como Hipólito Ribeiro e Rodrigues Lima, até os Pinheiro Machado, José Gomes – com sua bengala de castão de chifre de veado? –, sem esquecer Manuel Vargas – já na luta, o sobrenome lendário –, Tupi Caldas, Bento Porto, Fabrício Pilar, Aparício Mariense... Entre os federalistas, Salgado, Joca Tavares, os Sarabias, Prestes Guimarães, Vasco Alves, Marcelino Pina, Torquato Severo, Juca Tigre... João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta, por supuesto, e seus novos amigos remanescentes do bando de Gato Moro.

E, quando feriu-se, a batalha, bá, foi braba a luta!

4.17.1. Degolar, por que não ?

Durou horas intermináveis, daquelas que precisam, para encerrar-se em seu ciclo temporal, dos minutos, um a um somando-se, e, estes, dos imponderáveis segundos, dezenas de segundos, quando, no calor da batalha, os gaúchos sabemos disso muito bem, eles não são mais do que abstrações, balões de pensamento furados a bala, rasgados a adaga, abjetas abstrações diante do dia – que é claro e perigoso –, da noite – que é quando o perigo aumenta – e da vida, para os que ainda a têm. Os republicanos, armados de dez peças de artilharia La Hitte, fora as Krupp, dois canhões Withworth, metralhadora Nordenfeld, Comblains, rifles Mauser e munição à vontade, enfrentavam federalistas com irrisórias armas de fogo, valendo-se de suas lanças de taquara e, talvez, cacetes de guamirim, como o fariam mais tarde em Passo Fundo. Muitos destes não lutaram por falta de com quê. Pensam que ter bala na agulha é como pegar o troco em balas? Inocentes!

Ainda assim, a batalha continuaria no dia seguinte, e com os insurgentes em posição vantajosa, não fora o incomensurável erro de um bombeiro, certamente baiano, que – escrevem Ruas e Bones – “confundiu uma coluna inimiga com as tropas do general João Telles, que estaria chegando em socorro dos republicanos”. Imundície! As tropas do Telles andavam por Livramento. O erro custou caro aos federalistas e inflou o moral dos encastelados no poder.

O melhor da ciência histórica de Nova Hereford afiança, sem medo de errar, que os maragatos venceriam fácil, fácil aquela escaramuça, alguns estimando que seriam de dois a três mil os prisioneiros, e pelo menos mil deles degolados, pra verem o que é bom pra tosse. João, Mata e Saia dariam conta do serviço, assoviando e cuspidando; à brasileira, só

⁵³⁹ (OV)

abrindo as carotidzinhas dos bichos, uma que outra a la criola, rasgando-lhes uma gargalhada de orelha a orelha. Só pelo divertimento o fariam, e pela canha, observação que nos leva ao músico e antropólogo brasileiro José Pagodinho, que assevera:

– A cerveja e a cachaça são os piores inimigos do homem. Mas o homem que foge dos seus inimigos é um covarde.

E então, degolar, por que não?

Como não, sendo gaúcho, enfrentar as chuvas de balas do inimigo só no ser de-a-cavalo, de peito aberto, de vara hirta?

4.17.1.1. O *reduto invicto*

Corre em Nova Hereford a lenda de que as artes de um alemão cego de passagem por Buenos Aires teriam sido oferecidas a alguém que conhecia alguém que conhecia um preposto de Silveira Martins. O homem apregoava o dom, divino, de prever o futuro no apalpar as nádegas das pessoas. O caso nem chegou ao preposto, pois o que conhecia o que conhecia o oferecedor o degolou no ato, pela ofensa, e depois foi até o tal alemão para fazer o mesmo nele, onde sua trilha se perdeu – e a do extraordinário cego –, o que transformou-se em um dos mistérios da revolução.

Gumercindo, vejam, não era um homem bundudo, como Getúlio, mas também não era nenhuma tábua – ambos baixos, os grandes, repitamos para constar –, de modo que talvez o alemão o fizesse tomar outro rumo, mais tarde, e não estivesse ali, no Carovi, expondo-se à bala fatal, não fossem as artes do alemão as que eram, pois um gaúcho, ainda hoje, considera, por exemplo, morrer de câncer de próstata – por negar-se ao tal nojento exame do toque – morte honrosa, no campo de batalha, por assim dizer, defendendo das mãos inimigas o último baluarte, o reduto invicto.

Corre em Nova Hereford a lenda, mas o que são as lendas?...

Dizem que o General Lima, morto Gumercindo, queria porque queria as orelhas do guerreiro. “As orelhas são minhas, minhas, minhas e de mais ninguém”, batia pé o homem. Por que as orelhas? Em se tratando de cabeça, todo mundo sabe, e Mano Lima só faz confirmar, outras são as partes mais cobiçadas: “puxa do queixo, meu ermão, puxa do queixo, / puxa do queixo, vamo repartir, / os óio e o miolo fica comigo, / a carretia e a ganacha vão pra tí”. Mas o homem queria as orelhas!⁵⁴⁰ Bueno, gosto não se discute. Ao menos não preferia aquelas outras partes, como o capitão aquele, de bandeira de arco-íris que foi corrido a relhaço do desfile do dia 20 na capital, o sem respeito.

⁵⁴⁰ (tem uns que guardam as orelhas das lebres caçadas como troféus, e com eles, orgulhosos, forram o espaço entre a lata de zinco e a madeira nos galpões de estância. Não duram muito, judiaria, logo bate a punilha, mas as cor de chumbo, miudinhas, essas, quem caça, guarda, que não é pra qualquer metido alcançar as bichinhas, bá!, ligeiras...)

4.18. “La irascible ternura”

Matararam Gumercindo e o mutilaram, como fizeram com certo argentino, no rio Yuro, e Benedetti cantou: “dicen que incineraron / toda tu vocación / menos un dedo // basta para mostrarnos el camino / para acusar al monstruo y sus tizones / para apretar de nuevo los gatillos”.

Tem um campeiraço pros lados da Queimada⁵⁴¹ a quem chamam Rengo, por ter apenas o polegar e o indicador da mão direita, restolhos de um façãoço – que bem procurou – de uns sotretas em um bolicho E este faz bom uso da pinça, nos alambrados e, capaz que não!, pra levantar uns copos normais.⁵⁴²

Quando mataram Gumercindo no Carovi, o general examinava o terreno para achar o caminho. A outros, como seu irmão Aparício, e, antes, Artigas, e, depois, tantos, coube a tarefa sempre urgente dos assinalados: não deixar, não, não, não deixar que, cuidado, a chama, a frágil, quase invisível chama de las “buenas novas”, a humanitária, “la irascible ternura”, apague, e, assim, se possa, ainda, dar combate aos cada vez mais numerosos e arrogantes filhos-da-puta.

Mata-Sete, desde a infausta batalha do Inhanduí, não largou mais Gumercindo. Um campeiro de hoje diria que Mata era que nem zebu em tropa: onde um vai, os outros vão tudo, que nem ovelha. Só que, nas tropas, já explicamos, vai um ponteiro com os cavalos, abrindo caminho, dois fiadores, um de cada lado e o culatreiro, que é o patrão. Mas o patrão, Gumercindo, como Aparício, culatreiro coisa nenhuma, que puxava os seus na batalha, era de seu natural liderar, pechar o inimigo, de pecho abierto como un gaucho de lei.

Os Sarabias eram caudilhos, dos grandes. Quando o caudilho “se levanta em armas”, diz Zum Felde, “todos o seguem”:

– Muitos não sabem porque entraram na luta, mas estão com seu caudilho e, portanto, estão onde devem estar.

Mata bem o sabia. R&B citam Avelino Breda:

– Gumercindo era um chefe nato, um caudilho senhoril, um cavaleiro bem apessoado, formoso, elegante e fino como uma dama de Versalhes, que de imediato conquistava o coração dos que se lhe aproximavam.

E citam Leoncio de Leon:

– Quando chegava Gumercindo, todos corriam para saudá-lo, homens e mulheres, autoridades e pessoas comuns. Tinha algo que nos deixava todos bobos. Não sei o que era, mas... ninguém possuía a fascinação de Gumercindo e ninguém nos deixava mais embevecido do que ele.

Vejam que Ruas e Bones referem-se ao chefe de 35 como “o ambíguo Bento Gonçalves”. A adjetivação, para um e para outro, causa desagrado na Academia Folclórico-Histórica de Nova Hereford, dirigida atualmente pelo professor Libindo Maria.

⁵⁴¹ (tá sempre se mudando, o home, mas leva junto a nombrada)

⁵⁴² (e tem aquele outro, lá pelo Planalto, que – ele ganhou, sim, ele ganhou! –, por artes de seu ofício fabril, só pode contar até nove... Matava de medo os bem nascidos, por seu “amor febril” pelo Brasil, claro, e por sua crença... então, vá que implantasse esse dedo aí do Benedetti... assim, no fulcro da questão! E de verdade, sem enrolar...)

– O que esses moços querem dizer com ‘ambíguo’, me diz? Sim, porque eu sou puta velha em história gaúcha e me dá um chilique essa falta de respeito, entende?

A ex-diretora da ACFOHINHE, professora Leidilaura, recusa-se a comentar o assunto, mas, em off, deixa escapar um muxoxo acompanhado de um dar de ombros, como quem diz “dama de Versalhes é o Libindo, isso sim!”⁵⁴³

4.18.1. “Caño de estufa”

O fato é que guerrear, para os fronteiriços, era parte do seu trabalho; todos gostavam dessas campanhas onde não faltava aire libre y carne gorda. Mesmo que, como em Dom Pedrito, de cada oito federalistas, apenas um possuísse uma arma, enquanto que todos os governistas, os perros inimigos, tinham as suas azeitadas... Mesmo que em Livramento, refere JCC, “la única artillería en poder de los insurgentes era una imitación de cañon hecha con un caño de estufa”... Mesmo que no Inhanduí, apenas um de cada três homens de Salgado possuísse um rifle, “y esta columna era, por lejos”, diz Chasteen, “la mejor armada” dentre os revolucionários...

Tamanha indigência de recursos propiciou a Gumercindo e Aparício colocar em prática a guerra gaucha, feita de cargas frontais de cavalaria de lanceiros e negaças, e volteios, e novas cargas, deixando os cães do governo espavoridos, e isso diante da coragem daqueles ginetes portando apenas lança e facão. Tal e qual canta Rassier,⁵⁴⁴ com a propriedade do conhecedor: “O gaúcho desde piá vai aprendendo / a ser valente, não ter medo, ter coragem...”

Mata-Sete esteve em todas essas páginas gloriosas, secundando Gumercindo. Logo destacou-se entre os maragatos, porque, da amizade feita com los hombres del Gato Moro, conseguiu deles, em troca de umas ninharias, três dos muitos cavalos que os argentinos haviam trazido de sua pátria. E todos sabem o quanto superiores eram os cavalos argentinos na comparação com os brasileiros. Aliás, os nossos eram também inferiores aos da Banda Oriental, e perdemos batalhas por isso. Mas os argentinos de Mata, como em geral, o cavalo argentino, afiança Ebelot, “es un caballo de treinta leguas”.

E há uma explicação científica para tanta resistência, dada pelo estudioso Losson a CE:

– El caballo árabe, el caballo persa, el tártaro, tienen seis vértebras lumbares; el caballo argentino sólo tiene cinco.

Algo a ver com “la dirección de las apófisis, que en vez de horizontales, se dirigen hacia adelante”. Características estas, especialmente no ir-se adelante – porque os tostados de Mata estavam sempre na linha de frente, guapos –, que granjearam ao herói herefordense muita simpatia de Gumercindo.

Não fosse o desastre de Carovi e Mata-Sete tornar-se-ia terrateniente no Uruguai... e morreria com Aparício em Masoler, pois estaria lá, com certeza. Mas Deus negou-lhe a honra. Negou-lhe, vejam, mas não, honras maiores, ao “ambíguo Bento”, que, segundo José de Araújo Ribeiro, era dos que fuzilava um homem pelo “mais leve motivo”; e também não a Castilhos, sob cujo patrocínio se degolava inclusive “à traição”, pela nuca, como diz Abranches.

⁵⁴³ (“que não tem ‘grilos’ com sua libido” – Roger)

⁵⁴⁴ (este, diferente do Pereira, ainda canta, presente nas vitrolas da gente – vejam a vantagem do cantor –, embora finado, o guasca, bonita – por que não?... finado – estampa de gaúcho, e se foi cedo, judiaria...)

Do jeito certo, era o certo.

Inclusive, o deveras citado Ibidem,⁵⁴⁵ diz que “o executar com a adaga, degolando e não fuzilando, é um instinto de carnicheiro que Rosas soube aproveitar para dar à morte formas gaúchas”. E bota gaúcha! Só não gostamos, os de Nova Hereford, do tal “instinto de carnicheiro”. Parece até coisa do vendido do Sarmiento, que detestava os autóctones por sabê-los melhores, hombres de cojones. Frescote!

4.18.2. Pergaminhos en caracoles

Elio Chaves Flores⁵⁴⁶ diz que “a ação dos caudilhos é entendida dentro do próprio processo histórico do qual participam e não acima dele”.

A historiadora Izônia Machado, secretária da Academia, pergunta:

– Como?

Repetindo: “a ação dos...”

– Não precisa repetir, eu não sou surda. Foi uma pergunta retórica, entende? O que significa ‘acima’ do processo histórico? Alguém vive o que quer que seja ‘acima’ do contexto no qual está inserido? Como um anjo, ou Deus?

Mas Flores cita Lucien Febvre:

– Qual é o ser humano que pode ser considerado como um poder autônomo, independente e isolado, uma espécie de criação original e espontânea, enquanto todas as pessoas humanas experimentam de maneira tão forte tantas influências...?

Qual? Qual?

Ora, o Garibaldi, de lá da Europa suspira: “Ó! Quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros...” E Saint-Hilaire ainda vai mais longe na comparação dos gaúchos com os outros brasileiros. Para eles, nosotros somos “mais homens”. Evaldo Muñoz Braz, só para constar, ensina que o gaúcho era “reconhecido em todo mundo” através de pinturas e desenhos de gente como “Ravenet, Bacle, Pellegrini, Pallieri, Agujari entre muitos outros”. Saibam, a propósito, que o Grupo Picaço de Artes Plásticas de Nova Hereford publicou trabalho no *Semanário Guasca* defendendo a honorável tese de que “a tela de Picaço de 1911, intitulada **O Poeta**, nada mais é do que o retrato de um gaúcho bigodudo, de poncho de campanha, montado em seu cavalo e cercado de pensamentos que, como pergaminhos en caracoles, metaforizam o típico cismar de um solitário pelos labirintos invisíveis do pampa infinito”. Bueno...

O gaúcho, qualquer que seja o nome, o berço, mesmo as macegas – não esqueçam Aquele do estábulo... –, é um caudilho nato, abarbarado, degolador e piçudo... Essa Izônia...

3.4. Matando no atacado

A chuva tá de pé trancado, o calor fora de época enlouquece os bichos.

Na fronteira com a Banda Oriental, um rebanho de quase cem búfalos selvagens vaza o Quaraí de um lado para o outro, sem respeitar as alfândegas. O secretário está

⁵⁴⁵ (em tudo quanto é livro, parece praga...)

⁵⁴⁶ (ECF)

preocupado com a aftosa, que grassa no país vizinho, mas os homens do ministério acham que está tudo sob controle – assim como estavam sob controle nossos limites com Corrientes, mas, desobediente, o vírus da doença veio para vacaciones no Rio Grande – ; acham que o secretário está alarmando à toa, os pecuaristas. Pelos búfalos; pelos javalis – que viraram praga acima do Rio Negro –; pelo gado que transita à noite, entrando por corredores na linha seca ou por ataques – mais de 70, informa o baqueano José Ovideo – no rio limítrofe; pelo ar, do qual não se pode exigir que, por favor, passe pelo pedilúvio; por tudo a aftosa entra e vai tomando conta do lado de cá do pampa. A matança de animais nas áreas onde foram constatados focos é grande, e os técnicos prosseguem com os exames nas zonas de risco que, a essas alturas, atinge quase todo o estado.⁵⁴⁷

O “rifre sanitário”, como chamam, é um rifre igual a qualquer outro: vai matando os bichos, no atacado, e enterrando-os em enormes valas comuns – aí a diferença, o sanitário é rifre, mas também é vala –, tapadas com terra e produto desinfetante. Pobres bichos... como os judeus na Segunda Guerra. O sanitário é rifre, é vala e é indenização para os que tiveram o rebanho sacrificado. O secretário quer a volta da vacina, mas a URCSA, núcleo FEDSUL, preocupa-se com a eventual perda de mercados. O secretário, desde que assumiu, falava dos riscos de ser retirada a vacina, sabedor, como todos, de que não havia controle da doença em outros países sul-americanos, alguns vizinhos. Mas os produtores e o ministério optaram por pleitear o status – como que carteirinha social de um clube seletíssimo – de zona livre sem vacinação.

O secretário, teimoso, continuou de olho em nossos lindeiros, pedindo auxílio a Brasília para vigiar as fronteiras. Que nada! Diziam que o homem tava botando chifre em cabeça de cavalo: isso é terra de centauro, homem, não de unicórnio! Bueno, agora estão vendo que sempre tivera razão, mas não querem dar o braço a torcer – por motivos políticos?⁵⁴⁸ – e buscam um jeito de transferir culpas. Homem de ciência, o secretário é meio bronco em mitologias.

Outro exemplo: condena a tradicional queima de campo para “facilitar” o rebrote primaveril. Qualquer agrônomo – mesmo o Sirley, que nem se formou – sabe que o fogo mata também organismos e microorganismos – e abala o meio ambiente como um todo.⁵⁴⁹ Mas como convencer os proprietários de que a cada ano o solo que queimam é reduzido em seu potencial produtivo? Como convencê-los, se deputados de oposição ao secretário dão respaldo para a prática, transferindo para a opaca zona do político o que é cristalina-mente técnico?

3.4.I. Um sonho que nem nublá

As queimadas, neste preciso momento, de calor canicular – suor pleonástico? asa redundante? –, vai que acabam incendiando o país.

Nas Araras, no Araguaia, na Bodoquena, no Rola Moça as chamas que deveriam “ajudar” no rebrote das gramíneas, descontroladas, estão destruindo as florestas. Há

⁵⁴⁷ (mas eles batem pé que vão fazer a Exposição e vão!)

⁵⁴⁸ (e o que haveria de ser?)

⁵⁴⁹ (repetimos e repetimos e repetimos! Esta charla é basicamente cultural, vejam, até de Darwin falamos, além de outras biológicas. Guardamos a secreta esperança de que o presente volume venha a ser catalogado como didático e, assim, possamos contabilizar maiores ganhos em prol de nossas entidades filantrópicas. O Instituto, por exemplo...)

mais de 1.500 focos de incêndio detectados, tudo pelo costume que os agricultores insistem em passar de pai para filho de tocar fogo na natureza. Em Nova Hereford, alguns proprietários tiveram de lavrar a terra cercando o fogo,⁵⁵⁰ mas a preocupação continua: “será que Deus esqueceu de olhar para nós?”, perguntam-se eles, embutindo na pergunta – Deus tudo sabe, não precisa ser tão explícito –, a recente montagem do acampamento do Sepé Tiaraju em solo herefordense e as muitas invasões de que a região tem sido vítima. Mas Deus ainda não respondeu: os do Sepé continuam incomodando, a aftosa... e a chuva é um sonho que nem nubla.

Ø calor, ademais, faz com que pessoas e animais peçonhentos deixem suas tocas: em busca de alimento, estes, e do sexo oposto, para procriar; suarentos, aqueles, loucos de calor, para se refrescarem e, com pouca roupa, também para conhecimentos bíblicos, se a oportunidade surgir, tanto que saem praticamente nus, mas de camisinha; pequenina, porque o calor é insuportável. Grande número de acidentes ocorrem entre pessoas e animais peçonhentos, principalmente cobras, aranhas, escorpiões e taturanas. Há teses e teses a respeito, prevalecendo a já tangenciada de que o calor corre todos pra fora e, quanto às pessoas, tornam-se menos cautelosas no vestir-se e no lânguidas que ficam, moles, dobráveis, quase bêbadas. Outra tese, moderna, sustenta que os homens são os mais peçonhentos entre os animais, o que deixaria o instinto dos outros animais alertas diante de sua aproximação, que, quando acontece, é interpretada como perigo iminente. Diante da ameaça, defendem-se atacando. Vejam que o tacão da bota é o suficiente pra acabar com aranhas, escorpiões e taturanas. Escorpiões, aliás, servem de brincadeira para as crianças do campo, que fazem um círculo de fogo em torno do bicho, só pelo prazer de vê-lo, sem saída, voltar seu ferrão contra o próprio corpo e matar-se – como muitos homens, presos, que enforcam-se; como Getúlio, cercado no Catete, embora este, o pai dos pobres, era mais, como San Martín, dos Andes, e Rui Barbosa, de Haia, uma águia de imponente vôo, ainda que, fisicamente, lembrasse um perdigão de avantajadas ancas –, matar-se como o gaúcho Getúlio Vargas, cercado pela corja peçonhenta.

Cruzeiras, cotiarias, jararacas, cascáveis... por aqui tem muito disso, e são os piores bichos, traiçoeiros como o quê. Frente a frente, um homem – acostumado com as dificuldades do laço, da doma, do facão – com apenas um pedaço de pau, dá cabo de qualquer cobra. Só mata as venenosas, claro, as que têm os dentes agudos como de chilenas, não a serrilha das esporas de brinquedo. A questão encrua quando duas cobras ficam frente a frente: aí, um pedaço de pau já não serve, quiçá o facão... o ideal mesmo é ter o berro – melhor ainda escondido.

6.3. “Tiene tu caballo un amigo íntimo?”

Sirley é o gordo bundudo filho do finado “velho Nunes”, encontrado morto em sua caverna sob a casa onde pesquisava a história da região, escrevia qualquer coisa ininteligível e, quando sentia-se forte, cavava em busca de um tesouro jesuíta que, tinha certeza, fora enterrado ali, e para ele. Sirley, cada vez mais gordo e bundudo, nutre por Cacalo imensa simpatia. Por falar como fala, talvez, o que os aproxima, diferentes, risí-

⁵⁵⁰ (já o dissemos, alguns de rápida espoleta)

veis nesta terra onde cravar esporas no flete preferido é carinho.⁵⁵¹ O certo é que Sirley, que um dia sonhara com os Mares do Sul, com lá viver, deslizando nas ondas azuis seu corpanzil de cetáceo – sonho apenas e, como tal, irrealizável –, acompanhando do fundo da sala a discussão entre o presidente e seu antagonista tatibitate, emocionou-se, comoveu-se com a valentia desassombrada do jovem que, ao menos lhe parece, falara a verdade, nada mais que a verdade e, por isso, o tribunal – o Doutor Valentim, salomão saloio, e seu pelego, o Pepe, sempre a postos, toda a cambada – o condenara, desdenhando, rindo, expulsando-o, bem dizer, que ele sabe, sentiu tantas vezes na carne, que apenas um olhar basta pra gente como ele – e Cacalo, presume, embora este ainda esperneie – sentir, perceber no olhar dedos apontando “fora!”, campainhas estrídulas gritando “chô!”, um olhar basta.⁵⁵²

E não pensem que durante a discussão, totalmente inusitada em um local de unanimidades fáceis, os demais limitaram-se a ouvir. Do fundo da sala, Sirley podia ver tudo, o presidente no centro da mesa principal, Cacalo na primeira fila, em pé, de costas para os que dele faziam troça com gestos, xingamentos, socos nas cadeiras, vaias, piadas a respeito de sua dicção; a diretoria contrafeita suspirando, chamando a funcionária pra trazer água – o calor insuportável –, consultando o relógio de minuto a minuto, como quem diz “até quando esta agonia?”, Sirley viu tudo.

6.3.1. *Jesus nunca viu*

(Riem-se do que troca Jesus por Genésio, riem-se como sempre riem de gordos – como Sirley –, de feios, de pobres, de negros, de guizos, do outro, enfim, “o inferno são os outros”, passava dizendo o Zarolho, decerto porque o apelidaram de Zarolho... Mas é só dar uma olhada naquelas estátuas de paredes antigas, em alto relevo, chamadas de “tímpanos” – nome perfeito, aliás, porque tem sempre um bando rindo no mármore –, imaginem uma eternidade rindo nos ouvidos da gente, haja tímpano!, quando o disco trancava na eletrola já era um suplício, tinha um, do Ivon Cury, 78 rotações, pesado, que sempre que ele cantava “hum, hum, hum, oh!”, trancava no “oh!” e não vinha o “que coisa louca quando eu beijo meu bem”, só ficava repetindo “oh!”, “oh!”, “oh!”, e o irmão pequeno da gente, só de impossível, o Ivon “oh!” e ele “ó!”, devolvendo o cumprimento, “oh!”,

⁵⁵¹ (o Dr. Robert Miller – ou seria Fernando Noailles Olivé, ou, ainda, Alberto López Pianello? – pergunta: “teu cavalo é feliz?” Boa pergunta, mas ele tem outras: “Pasas muchas horas con tu caballo, pero realmente lo entiendes?” Será?... “Entérate se tu caballo está deprimido y qué puedes hacer por él”. O douto autor ensina como saber se o cavalo está estressado: “Mira la postura de su cuerpo. Sus músculos están tensos? Mira su boca para ver si sus labios están prietos y tensos en vez de relajados y sueltos...” O cavalo tem que ter um companheiro com quem compartilhar suas cismas. “Tiene tu caballo un amigo íntimo?” Isto “también ayuda a que el caballo lo haga contigo, dejándote compartir una relación con él...”)

⁵⁵² (eis o companheiro – quem diria? – de Cacalo. Não basta pensar no cavalo, mas “intentar pensar como él”. Pianello exemplifica com uma pessoa que está aprendendo a dirigir e, no momento em que o semáforo fica verde, deixa apagar o motor. “No te parece más útil si dice la persona a tu lado: ‘empuja el embrague y aranca outra vez de nuevo’. En vez de empezar gritando: ‘Tu, grosero, haz lo que te dije debil estúpido?’” Com mulheres na direção, há controvérsias no Instituto quanto à maneira de tratá-las. Mas Palomino não se refere a mulheres: “Entenderas lo que quiero decir, no? Entender al caballo... intentar pensar como él...” Palomino não trata de “la jerarquía de la manada”, mas do amigo íntimo; mais até do que isso, da concepção mito-xifópaga do centauro – cada vez mais estreita nos últimos seis mil anos, impossível o descolar cirúrgico –, e então devemos buscar informações analógicas a respeito das “ondas remanentes”...)

“ó!”, “oh!”, “ó!”...⁵⁵³ em vez de dar um tombinho na agulha, tinha mesmo que tomar uns petelecos, *vaitimbora!*, imagina então os de mármore, grotescamente cacarejando sem parar – haja tímpano! Um inferno!

Jesus nunca riu. Nem na vida, nem nas estátuas; quem está sempre rindo são os demônios, já dizia “João Boca de Ouro”, o João Crisóstomo, faceiro – por dentro, por dentro – com o áureo apelido, e, depois, zarolho não se tem notícia que fosse, dizia ele que “o riso degrada e arruina tudo”. Uma vez, Cristo chorou dias e noites durante três anos bem contados por São Paulo, por isso Tiago e Lucas condenam o gesto, rir – “Está triste algum de vós? Faça oração. Está alegre? Cante Salmos”; e o outro, “Ai de vós os que agora rides! Porque gemereis e chorareis” –, imagina, só porque Cristo nunca riu!⁵⁵⁴ Não é de hoje que as pessoas gostam de imitar seus ídolos. No tempo da Carmem Miranda, diz-que tinha umas pessoas próximas na rua com bananas na cabeça, a cabeça, coisa tão principal, vejam, é a primeira a prestar-se a vestir o chapéu. Santo Agostinho já avisava, só não ouviu quem ficou surdo – com tanto tagarelar nos tímpanos da gente, não é de se admirar –, temos que ficar de tocaia senão nosso corpo, por si mesmo, se descontrola e nos faz passar vergonha, bueno!

6.3.2. Gravata borboleta

Aqui mesmo em Nova Hereford, que todo mundo se conhece – aquele é fazendeiro no Cantagalo; aquele tá desempregado, roubou; aquela é puta; aquela fornece vianda... – , podemos aprender uma lição: notaram que os ricos são sérios, preocupados, e os pobres estão sempre rindo? Aristóteles – isso antes de Cristo, explica o Doutor Vazulmiro – dizia que rir é próprio do homem, a sisudez, por conseguinte, pensamos nós, deve ser própria das divindades, e aí está o porquê dos ricos de Nova Hereford não rirem: se não se dão o respeito, como exigir da miuçalha?

E, a contrapartida: do muito entregarem-se sem pudor ao gesto obsceno do riso, os pobres acabam – de tanta frouxidão, uns até se mijam – ficando mais pobres, por isso têm cada vez mais adeptos aquelas igrejinhas improvisadas, sem torre, nas vilas, simplesinhas, simplesinhas, mas o pastor está sempre de terno e gravata. O céu é que nem um clube desses chiques, vão querer entrar mal arrumados? Uns até usam gravata borboleta.

⁵⁵³ (esse negócio de colóquio, que atazana a Wier..., a Wiertch..., a moça aquela que quer porque quer saber quem comeu os esses das palavras, também nos atazana, mas quando ligam aquelas telefonistas de firma, querendo nos vender alguma coisa de que não precisamos, se fazendo de finas, educadas, e pensam que nos enganam, não querem é perder a boca, tá difícil esse negócio de emprego, e querem nos botar goela abaixo o produto delas – já até falamos nisso, mas repetimos e repetimos e repetimos... –, e, finíssimas, quando falamos algo como “enfia essa tua merda no cu de volta!”, dizem “Oi?”, e, nós, “Oi!”, e, elas “Oi?”, e, nós, já putos, “não sei por que tu fica me cumprimentando no meio da conversa, já não nos apresentamos? Ou estou falando com outra pessoa? Tu me diz ‘oi’ e eu respondo, ora...” Coisa mais nojenta essa gente que não sabe nem falar ao telefone...)

⁵⁵⁴ (já a Caolha acha “uma beleza as pessoas alegres. Todo mundo tinha que ser alegre, sempre rindo, já pensou que maravilha, todo mundo se dando?!”) Ela sonha com um mundo perfeito, eterna pracinha, balanços, escorregadores, pirulitos coloridos... Encasquetou com isso e vive enchendo as Zarif... agora deu de dizer que os filhos dela são o supra-sumo, quando o do meio aquele não presta pra nada, sempre inventando dor aqui e ali pra ficar na sombra e água fresca, o vivaracho... até engordou, parece um porco. E isso que é religiosa coisa séria, a Caolha, acredita em tudo quanto é religião... Vê só... passa rindo...)

Isidoro de Sevilha, refere José Rivair Macedo, tinha a boca como “uma das partes nobres do corpo”, portanto, “deveria ligar-se às coisas elevadas pertencentes à esfera divina”. Jorge de Burgos vai mais longe em seu libelo contra a irrisão que, desenfreada, blasfêmica, “conclamará as forças obscuras da matéria corporal, as que se afirmam no peido e no arrote, e o arrote e o peido arrogariam a si o direito que é só do espírito, de soprar onde quer!”

Pouca vergonha!

Olhem só. A Fernanda Cardozo⁵⁵⁵ nos envia uma foto da Boca do Monte que pensamos ser um beijo, a boca como que no vidro, bicota, enfim, coisa simpática, mas, no verso – oh!, oh!, oh!, oh!, a agulha se nos tranca como espinha de peixe na garganta –, explica que é a capa de um disco do Tom Zé e que a boca não é boca, ou ao menos é outra boca, e nem do monte, mas do vale florido, o ânus, o que atualiza os ensinamentos de Jorge de Burgos, e nem precisaria, basta ligar a TV... Obscenidades! Riem do Cacalo porque estão em bando,⁵⁵⁶ hienas cercando o leão ferido, súcia, porque... estivessem sós... Só, o riso entala, é engolido em seco pela solidão mesma, silenciosa.

Aqui mesmo, em Nova Hereford, têm uns dois ou três que andam pela rua rindo sozinhos, loucos todos – ou paupérrimos... Mas há quem pense diferente. Certas tribos africanas cultivam o riso como demonstração de alegria – vade retro! – ao, por exemplo, matar um inimigo. Cacalo até tem esses ímpetos – matar, degolar –, mas, gaúcho que é, e rico, só o fazia sóbria, sombriamente. Há quanto tempo não aparece ninguém para o concurso de gargalhada do programa Rodeio Gaudério? O Manilha não conta, não deixam participar, porque dizem que é defeito físico aquela risada de lâmina; e nos perguntamos: mas e rir, eles não dizem que é defeito? E físico, até se flagelavam pra aprender, dando-se uma sumanta de pau no espírito, o espírito, que, como o anjo da guarda, localiza-se nas costas do cristão. Fiquemos, pois, com Burgos e, assim, com Deus.)

6.4. Desordeiros!

E enquanto aquilo acontecia – a cena com Cacalo no GRUNHE – Sirley lembrava o que lera na véspera na coleção de jornais antigos de seu pai – homem dado a juntar o que ninguém queria, selos, moedas zinabrentas, flâmulas, carteiras de cigarro meticulosamente abertas e catalogadas, caixas de fósforo, lápis-brindes, jornais... –, no jornal *O Campeador*, de Alegrete, edição de 85, não esqueceu, talvez do mês de agosto ou setembro, estava lá: “Neste momento, no Brasil, há somente uma categoria social de desordeiros: são os grandes proprietários de terra”. As palavras até podem ser outras, mas o sentido calou-lhe fundo: “Desordeiros acobertados pela institucionalidade, porque se os pobres se armassem para defender o direito à vida de seus filhos, as Forças Armadas lá estariam para acabar com a desordem. Enquanto que armas entre os grandes proprietários é um direito, pressuposto o direito de propriedade”.⁵⁵⁷ Martelava a leitura

⁵⁵⁵ (a Aninha veio nos visitar, com o Lucas e a Beatriz, e perguntou por ela... Está bem a Aninha, só tem que sair mais, passear... “Quem falando! Já viu a tua barriga de ficar só sentado aí?...” A gente, então, se cala...)

⁵⁵⁶ (e não falamos da Fernanda, claro, anote-se, que é um amor, mas daquela outra gente arrinconada na sala deles lá, organizando morticínios)

⁵⁵⁷ (vide as revistas em ambas as marchas pra Boicici: nos sem-terra, nada; nos outros, bá, um arsenal...)

da véspera na cabeça de Sirley: “Qualquer reforma social passa pela reforma agrária”. Leu ainda, talvez na mesma edição, que pessoas foram feridas a faca no CTG Borges do Canto por um elemento alcunhado Pontinho, da Rivadávia, e por um outro elemento “moreno, alto e beijudo”, sendo o primeiro detido e encaminhado ao Presídio Municipal, enquanto que seu companheiro conseguiu evadir-se, “mas a polícia tem informações de que está entocado nuns matos do Pai-Passo, onde efetua diligências e pretende pegá-lo nas próximas horas. As vítimas tiveram ferimentos leves e foram liberadas.” O deputado que definira os grandes proprietários como a única “categoria social de desordeiros” do país, também manifestou-se sobre a invasão da Fazenda Anoni, mais ou menos assim (Sirley, compreendam, pode ser um elefante, mas não tem memória de):

– A tomada de terras é mais justa até do que a luta por melhores salários, pois esta visa manter o poder aquisitivo, enquanto que a luta pela posse da terra representa a busca por uma possibilidade de trabalho.

Quanto às invasões, elas “sem dúvida estabelecem a instabilidade social, mas isso não importa, porque a política supõe transformação e a instabilidade é a mola desse processo de mudanças...”

– A invasão da Fazenda Anoni reafirma a necessidade da reforma agrária.

6.4.I. “Com estopa na garganta”

Grosso modo era isso que povoava – seres humanos, suas necessidades, nosso necessário pensamento altruístico, cidadão – a cabeça de Sirley lá no fundo da sala, escondido, apesar de sua estampa de boi gordo, pronto para o abate. E este homem, que há tanto tempo dizia coisas que ecoam como ditas agora, menos encantatórias na forma, certamente, mas quanto ao conteúdo, bem dizer, ecoantes no discurso do Cacalo, tatibitate, palavras de largo espectro, portanto, e de profunda significação, capazes de deixar lívidos os homens do GRUNHE, como diante de um fantasma; este homem, vejam – *duramente maltratado pelos patifes que escondem-se nas cruéis significâncias da palavra “mídia”, poder avassalador da nossa era, que sempre escolhiam para ele as piores fotos, os piores títulos, os piores enfoques, querendo fazer do homem doce perante a massa um torpe malechor, que é sempre torpe a ignorância, sequiosa de turbulências sob a proteção da turba, e silenciosa, criminosamente silenciosa, no varejo de seu dia-a-dia, varejando, mosca pestilenta, onde pousar, por ora, sua sobrevivência possível*, coitados –, o homem das palavras exatas foi recentemente alijado da cena política, talvez porque saiba e diga a verdade inteira, incômoda mesmo para seus correligionários, como todos, interessados, no momento da eleição, apenas em ganhar. Declarou ele:

– A meu ver erraram os que fizeram com que eu ficasse à margem, aqui quieto, com estopa na garganta durante toda a campanha.

Calaram-no com estopa na garganta, tecido ordinário, que solta fio, pode engasgar, que os mecânicos usam pra limpar engrenagens de automóveis – ignomínia! – em seus galpões escuros. Bem disse Onetti:⁵⁵⁸

⁵⁵⁸ (e repetimos o que já repetimos, para que aprendam; e se o fazemos tanto é porque o oco da cabeça do possível l...)

– No voy a referirme por ahora a los remotos tiempos en que gente torpe y prepotente decretaba el exilio de aquellos que habían cometido el delito de no pensar como ellos. O, simplemente, de pensar.

E, ainda Onetti:

– En el lugar donde uno ha nacido no es infrecuente el hecho del aislamiento impuesto por la mediocridad del medio, tantas veces pueblerino aunque acontezca en ciudades grandes y populosas.

Então, não foi isso?

Deixaram-no ali, quieto, “com estopa na garganta”. Porque era o melhor, o mais competente, o que poderia, por sua transparência, destemor, poder de linguagem, verdade, laçar os votos que migravam, prender com seu fascínio os indecisos de sempre, que seguem o que lhes parece ser o desejo da maioria, quando, pusilânimes, não percebem que eles fazem a maioria; este homem deixado à margem da eleição perdida poderia – e é tarde, energúmenos metropolitanos! –, como nos versos de Maiakovsky, “arrelvar numa última carícia teu passo que se apressa”.⁵⁵⁹

Teu passo, veja, que, dito por ti, é o meu passo, e, assim, o nosso passo, um grande e coletivo passo! Em nome de Nova Hereford, suas forças vivas e princípios imorredouros, declaramos publicamente que queremos para nós este malechor, José Paulo Bisol, porque o amamos – e gaucho, coquimbos, “quiere decir paria”.

⁵⁵⁹ (repetir Maiakovsky é sempre necessário)

7. Coisa mais mimosa

Estamos cozinhando um puchero neste fogo de chão e a charla continua.

O segredo do puchero não tem segredo, é o caldo, água inicialmente, a que vamos acrescentando legumes, raízes, carne, tudo o que tivermos à mão para maior sustância e engrossamento. “Despois, se come com farinha ou pão e se vai dormir bem a sestia...”

Pois não é que, proseando com o velho companheiro Osni Gomes, perdemos o porta-cuia, assim, de distraídos, em meio às quinquilharias do galpão. O Arli Rubim – moço, mas já vaqueano nessas coisas do campo – estava junto e disse que isso, no Mariano Pinto, nunca foi problema: “quando não tínhamos⁵⁶⁰ nada por perto, colocávamos a cuia na cruzeira enrodilhada que sempre andava por ali, como mascote”. O Osni retrucou que não dava, porque, quando a cobra está enroscada, a cabeça fica no centro, pronta para o bote.

O Osni entende de cobras, mas só das do Pai-Passo. As cruzeiras do Mariano Pinto recebem a cuia até com satisfação, aquele porongo quentinho, e ficam ali, quietas, enquanto delas fizermos o nosso bem à vontade porta-cuia. E aí delas que não! Vocês não conhecem o Arli como matador de cobra: ele herdou do velho Mariano a valentia, embora este acabasse morto por Caballero, comandante de Rivera, no distante 1828, e o Arli, bueno... Quando a gente quer o mate, é só pedir pelo nome dela – Rosinha, chamava-se a cruzeira do Arli –, que a bichinha levanta o pescocinho e alcança a cuia, equilibrada na cabecinha triangular, coisa mais mimosa.

Mas o Osni contou uma do avô dele, que gostava muito de carretear e, duma feita, no caminho de Uruguaiana, fazia o fogo da noite quando o guri que o acompanhava fez-lhe um sinal. “O velho, agachado, mexendo nas brasas, deu uma olhada de revesgueio e foi levantando, degavarinho, que a peçonhenta já se metia no bolso da bombacha (ué, e por quê? se o homem nem guardava dinheiro ali!). Foi a cobra cair no chão e ele meter o garrão na cabeça dela e dar aquela sujeitadinha de meia-volta, de esmigalhar mesmo. Ali ficou, mortinha da silva.”

Só não sabemos se o avô do Osni estava descalço ou de bota... mas deveria estar de bota, que não era louco nem nada.

Das tantas tarefas que teve como guri em estância, a pior para o Osni foi quando teve que cuidar de uma cascavel. Lá no Pai-Passo, claro.

Campereava com o capataz quando avistaram a barulhenta. O mais velho – e mais esperto – ordenou: “fica aí e não deixa ela escapar, que eu vou lá buscar o Seu Pontes. Se ela quiser se mexer, atira uma pedrinha perto que ela não foge”. E foi buscar o Seu Pontes,

⁵⁶⁰ (ele é cheio de esses e erres; quando pequerrucho, queria dançar balê)

que enviava as cobras pro Butantã. Só que a cascavel toda hora ameaçava algum movimento e, quando ele atirava a pedrinha, ela se punha a chacoalhar os guizos de tal forma que, diz o Osni, “parecia que eu tava cercado delas”. E é isso mesmo, as de chocalho são terríveis. Mas o Osni agüentou firme e sobreviveu pra contar a história.

Poderíamos até continuar enveredando pelo assunto – Osvaldo Pereira, do Itapororó, conhece muitas histórias –, porque temos respeito pelas cobras, mas, sabem como é, charlando com os amigos, vamos ao sabor descompromissado de estarmos juntos.⁵⁶¹

7.I. Como se toca uma ovelha

Parece que falamos de amenidades, tão amistosas as conversas.

Esses momentos são aqueles que devemos cultivar; aqueles que possibilitarão outros momentos, quando contarmos para os netos os causos que colhemos durante a existência.

O Olivera, finado Olivera, sempre disposto e feliz da vida, contava, no Culo, de sua estada em Misiones, na Argentina, quando trabalhou para um patrão que era pura barba e nariz, os olhos, claros, fundos da olheira persistente, mas bueno, que é o que vale, e gostava de estudar cobra e do que era bom: facão Formiga e, como empregada, a Cirila.

Uma vez, trouxe-lhe, tocando “como se toca uma ovelha”, com a ponta do Formigão, uma papa-pinto como regalo. Outra vez, conta o Olivera, a Cirila, com quem andava de cambicho, foi picada por uma jararacuçu. O patrão foi atrás da cobra, que deveria ser enorme pela distância entre as presas deixadas no pé da moça. E era mesmo: um metro e oitenta “de um negro aveludado, cruzando-se em largo losango faixas cor de ouro”. O patrão a matou, “o mais robusto exemplar que jamais vira” e, de inhapa – modo de dizer, Cirila era o principal, empregada boa na região era artigo difícil –, salvou a moça à base de lavagem com permanganato e canha à vontade, um bruto porre de canha na verdade.

O Olivera contava e, diante dos ares de broma dos outros, emendava: “perguntem pro Seu Sérgio ou pra Don Pablo!”

7.I.I. Vida sencilla

A estada em Misiones rendeu a Olivera muitos causos.

Brasileiro era o que não faltava por lá, restolhos de guerra. Gostava muito de dois velhitos, o Seu João Pedro e o Seu Tirafogo, o Seu Tirá. “Que fim tiveram”, ensimesma-se, para logo retomar suas histórias. Uma delas, impressionante, é o relato de um homem picado por uma víbora no Alto Paraná. Bebe canha, mas, nada. Ele percebe a gravidade da situação – “observando a lividez do pé e o lustro gangrenoso que se espalhava” – e resolve embarcar em sua canoa para buscar ajuda. Chega a pedir socorro ao compadre Alves, morador da margem com quem estava “estremecido”, mas ele não o escuta ou faz que não escuta. E desce o rio “à deriva”, enquanto a morte o vai tomando paulatina e celeremente.⁵⁶²

⁵⁶¹ (e já não estamos, que Osvaldo desta se foi de-a-cavalo, fazendo bonita figura, o taura)

⁵⁶² (o mesmo caso aquele, por outro contado, sempre tenebroso...)

Os circunstantes engolem seco, porque sabem o suficiente de cobras, de rios e de solidão para sentir a verdade daquela história do Olivera que, no Prata, a espalhou Horacio Quiroga; e de lá para o mundo. Pedem ao bolicheiro, como falando a si mesmos, outra rodada da branca, e nós, falando a nós mesmos os versos de Yupanqui: “Toda la noche he cantao / con el alma estremecida. / El canto es la vieja herida / de un sentimiento sagrao. / A naides tengo a mi lao / por que no busco piedad, / disprecio la caridad / por la vergüenza que encierra. / Soy como el león de la sierra / vivo y muero en soledad”.

Priamo, ao natural gritão e piadista, serve da boa em silêncio: “...apenas mi voz levanto / para cantar despacito / que el que se larga a los gritos / no escucha su proprio canto”.

Todos à deriva, ali, nas mesas toscas do Culo, com seus copos, em cuja transparência reflete-se a solidão de peões pobres, de “vida sencilla”, quase sempre montados em cavalos alheios. “A veces me duelen, fieros, los hígados e el riñón”, diz um, repetindo as dores do Atahualpa. Mas, logo, outro, com a voz firme de Cafrune, larga: “Y aunque no valga la pena / anote que no son quejas!” É o que basta para o Olivera voltar a falar de cobras, desta feita de cobras que hablan, e em espanhol. Mas ninguém mais acredita nas hamadriás, cruzadas e anacondas de seu mágico relato.

E dê-lhe canha, que a vida é curta.

3.5. Encerrando palavras

Viremos o mate, cura qualquer porre.

A verdade é que para nós, tantos anos passados e bem acomodados em nossos confortos, fica fácil dizer coisas e loisas disso e daquilo.

O gaúcho não era nada mais, nem menos, do que o gaúcho, tal e qual. O caudilho, um chefe. Como o sioux Nuvem Vermelha, o cheyenne Chaleira Preta, el charrúa Polidoro ou o nosso João Burro. Os homens os seguiam por terem virtudes de líder e por uma confiança ilimitada, que a hierarquia essa de caserna, da chave-de-estrela, na fronteira não contava. Mas não falemos de 93, Latorre ou Gumercindo, e repitamos solenemente Souza Docca:

– Esta revolução é um capítulo doloroso nos nossos anais que merece nossa condenação, e o fazemos silenciando sobre seus acontecimentos.

Silenciando assim como fizemos até aqui, encerrando palavras em livro, emudecendo-as qual nem tão belas adormecidas à espera de seu libertador, matando-as nesta prisão perpétua enquanto ele não vem, e se vem tarde, pois alguns meses bastam hoje para a obsolescência mercadológica, e o livro é varrido das prateleiras para um depósito sombrio, onde as traças, o mofo ou, aleluia!, algum rato de sebo o descobre, tossindo, e acaba por trocá-lo por uns pilas. Mas serão sempre ratos e nunca se saberá o destino da aquisição, considerando que costumam ter os olhos maiores do que a barriga.

Às vezes, acontece o oposto e certas obras; predestinadas à posteridade, granjeiam os leitores que merecem muitos anos depois. Imaginem que o jornal *A Federação*, da chimangada positivista, em 1912, dizia dos **Contos Gauchescos**, de Simões Lopes Neto:

– Discordamos da opinião de que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real, quer tanto ao conhecimento dos costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual. Este, pelo contrário, só

terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmos, por vezes mal sonantes e até inconvenientes...⁵⁶³

Se não tivéssemos optado, como Souza Docca, por silenciar a respeito de 93, diríamos que o redator de tamanha boçalidade é a demonstração cabal de que Latorre e Gumercindo foram tímidos em sua luta: como deixaram escapar do degüello essa gente?

Fazerem isso conosco é imperdoável.

Afinal, trata-se de Simões Lopes Neto.

3.5.1. “Tudo coisa do demônio”

Não contentes em achincalhar com Simões, os redatores de *A Federação* ousam dizer que a palavra “gaúcho” é “a evocação justa de um passado que não deve reviver”. E isso, segundo Muñoz Braz, para desculpar-se com um jornalista carioca “que havia escrito depreciativamente sobre o gaúcho”. Braz, mui acertadamente, acha asqueroso o gesto. E nos perguntamos: quem são esses cariocas se não um bando de malandros de calças e sapatos brancos, camisa listrada e chapéu panamá? A escória do país!

O único acerto do pasquim positivista foi quando refere que “a grande lei do progresso repudiou as suas práticas como prejudiciais ao surto das indústrias”.

De fato, o gaúcho, entidade livre e bastante, não suportaria o esfacelamento humano da produção seriada – não por acaso um taura missioneiro estadista como Getúlio, Jango..., recentemente repudiou o fordismo, optando por distribuir a dinheirama que seria dada para os americanos entre os nossos pobres, financiando projetos de fortalecimento do campesinato –, do cartão-ponto, Deus-te-livre!, da insalubridade de presídio das instalações fabris, das chaminés e suas baforadas negras cobrindo o azul.

Faina de escravos, isso sim.⁵⁶⁴

E, ao usar a palavra “surto”, bem entrega-se o redator: as indústrias são epidemias que um dia ainda apagam o homem da face da Terra. Como diz a professora e pesquisadora da Academia de Ciências e Letras de Nova Hereford, Maria Minerva, “isso é tudo coisa do demônio!”

Mesmo que silenciemos nós, os positivistas encarrapicharam-se no poder e fizeram horrores inenarráveis, não só contra seus adversários políticos, mas, principalmente, contra a democracia e a civilidade, que deve haver mesmo entre opositores. Nosotros de Nova Hereford e os gaúchos em geral, apesar de pampeanos – temos nojo dessas coisas da cidade, as casas grudadas, o vizinho espiando, a gente vivendo bem dizer se esfregando uns nos outros –, só matamos em último caso, quando o vivente é pra lá de baldoso, e, uma vez morto – o matamos bem, temos know-how⁵⁶⁵ neste parti-

⁵⁶³ (opinião parecida com a da menina aquela, a Wier..., Wierch... vocês sabem!)

⁵⁶⁴ (e esta faina continua, firme e forte, e também no campo. Agora mesmo, o Senhor Francisco Fausto, presidente do Tribunal Superior do Trabalho, disse pro Maurício Hashizume que “o trabalho escravo não será erradicado no Brasil enquanto não for aprovado o projeto do ex-senador Ademir Andrade” – que “prevê a expropriação de terras onde forem encontrados trabalhadores na condição de escravos” –, e isso porque o jurista acredita que “temos que tomar medidas de ordem econômica contra eles, porque essa é a linguagem que eles entendem”. Mas, não é ingênuo FF: “Há muitos interesses em jogo. E esses interesses estão agora até armando a mão de capangas”. Que coisa! E esses interesses fazem parte da “bancada ruralista” no Congresso? FF diz que falta “vontade política” dos deputados. Que vontade essa “política”, hein?! Fica se moneando, cheia de negações... enquanto o tempo, célere, passa, e os escravos... na chibata. Desapropriar? Ó palavrão!...)

⁵⁶⁵ (M.M.Gonçalves, agora com o auxílio da Fê)

cular –, o homem não revive para votar, por exemplo, fica bem quieto lá onde merece, apodrecendo.

Mas os “deles”, não.⁵⁶⁶

Foi, foi que em 22, em mais uma eleição que fraudaram, não contentes, ainda mataram, bem aqui ao lado, em Alegrete, o Vasco Alves, como se tivessem o direito natural de eliminar adversários, assim, feito bichos, cada qual com suas vítimas na cadeia alimentar. Tudo aquilo que vinha sendo engolido desde 93, em seco, as humilhações, as perseguições, o ostracismo social imposto pela máquina – bem dizer “locomóvel”, loca de moderna! – do PRR, regurgitou em golfada revanchista que empestou de sangue novamente o pampa no 23.

3.5.I.I. *Bochincho no Alegrete*

Tá certo, tem que dar um desconto, essa gente de Alegrete gosta muito de conversar fiado, mas, desta vez foi verdade mesmo, segundo pesquisa da já citada e muito respeitada historiadora de Nova Hereford, Izônia Machado, que conseguiu entrevistar ao menos três moradores do município vizinho que estavam na Intendência Municipal no dia da eleição de 22 e vivenciaram o entrevero que acabou com a vida não só de Vasco Alves, mas também do sub-intendente Marcírio Rodrigues e de João Pombo, famoso “afro-maragato”, conforme o designa a professora em seu opúsculo **Bochincho no Alegrete**, onde mais?

Todos concordam que tudo começou quando o deputado opositor Gaspar Saldanha reclamou de um eleitor que já havia votado várias vezes e queria fazê-lo novamente, em nome de mais algum morto ou ausente. Heitor Galant conta que o Coronel Vasco Alves subiu em uma cadeira e pediu calma, recebendo como resposta um tiro, que o derrubava quando, ato contínuo, outro tiro, no queixo, o matou.

A professora falou com Crescêncio Martins, o popular Mudinho, quando sua artrite já estava em estágio avançado, impedindo-o de explicar-se com a desenvoltura de gestos de outros tempos. Falou ainda com Dona Maricota, irmã de João Pombo, que, muito confusa em seus 98 anos, discorreu longamente sobre “o pombo que tinha nas alve do pátio” e que ela dava “quiereira nas mão, uoh! uoh!, e ele se vinha”. Dona Maricota mostrou o *Álbum dos Bandoleiros* e disse que estava em uma das fotos, enfermeira da revolução. No meio de tantas enfermeiras e tantas fotos, a pesquisadora pergunta “qual é a senhora?” e ela, coquete, “a mais bonita!”.

Depoimentos vagos – os pombos, todos sabem, não fazem “uoh!”, mas “ulruh! ulruh! ulruh!” ou “urulruruh! urulruruh!”, depende de quem ouve, nunca “uoh!”, que é fala de sapo – mas, se vistos sob certo ângulo, sem a má vontade típica daqueles que são “do contra” somente por sê-lo, como agora esses do PO⁵⁶⁷ e os invejosos de sempre, que não acreditam nos talentos da terra, os depoimentos podem, interpretados com carinho, lançar alguma luz sobre o fatídico dia.

O terceiro entrevistado pela professora Izônia, vejam, foi o próprio João Pombo. “Como, se ele morreu naquele longínquo e exato dia?”, perguntar-se-ão⁵⁶⁸ alguns. Sim-

⁵⁶⁶ (“Lázarus?” – Dr. Vazulmiro)

⁵⁶⁷ (assunto controverso)

⁵⁶⁸ (deixamos passar o pedido de atenção para uma mesóclise, páginas atrás, mas não podemos nos calar diante de outra, pois, bem o sabemos, poderão servir-nos, usadas amiúde, como passe livre, bem dizer – e mais bem ainda repetir e repetir e repetir, que a situação é osca –, para as escolas de nosso querido Estado... E o Otacílio logo volta, nomais...)

ples – e na resposta fica claro que a insígne professora não tem nenhum preconceito quanto a técnicas e métodos alternativos de pesquisa –; simples e prático: através da intermediação de uma médium, precisamente Mamãe Danih. Com hora marcada, para que não tivesse mais ninguém no terreiro, a não ser a ajudante aquela da mulher, a tal de “cambona”, sempre de branco e quieta, cheia de guias no pescoço.

3.5.1.2. João Pombo não se depilava

A pesquisadora foi atendida pela médium, igualmente paramentada, que rezou no congá e logo concentrou-se e começou a balbuciar alguma coisa com uma voz que não era dela, gutural, grave, seca, voz de homem sisudo brotando da mulher que ainda há pouco a cumprimentara com outra voz, outra impoção, alegre, até jovial – “incrível!”, pensou Izônia – e cantante, como a de algumas mulheres que a gente costuma encontrar quando somos obrigados a ir a Alegrete, cheias de cores, pernas, bolsinhas e trinados pelas esquinas.

– A senhora pode perguntar o que quer saber – disse a cambona. E que o João Pombo já incorpora-se no “cavalo”.

“Puxa! Veio de-a-cavalo, como gaúcho dos quatro costados que era”, pensou Izônia.

– Boa tarde, Seu João Pombo. Conte-me tudo daquele dia lá na Intendência, quando o senhor morreu.

A mulher, que estava sentada de pernas abertas num banquinho baixo e olhando para o chão, soltou um grito rouco, assim como um rugido de pedras rolando nos bolsos, e só não se arreventou ao cair de costas porque a outra a amparou na queda. Mas a pesquisadora não pode deixar de perceber, quando a profusão de saias rendadas velou o rosto de João Pombo, desvelando seus fundilhos,⁵⁶⁹ que usava calcinha cor-de-rosa cavadíssima, com o que lhe pareceu ser uma seta impressa em vermelho apontando para baixo, onde leu, num relance, “HERE”, em letras também vermelhas e de traços grosseiros. ...Ah!, e João Pombo fazia horas que não se depilava.

– O que que houve, meu Deus?

– Ele mostrou como foi que morreu. Já tá bem.

A cambona endireitou Pombo e traduziu o que do além dizia: que doeu muito, porque ficou agonizando uma eternidade no chão e ninguém atinava em ajudá-lo, tal o bochincho que se instalara no local – de cuja expressão, “bochincho”, vê-se, a professora tirou o nome do seu trabalho –, tiroteio, gritos... até que alguém muito pesado caiu-lhe em cima, sentado – e ali deixando sua enorme bunda – em seu rosto, de modo que morreu mesmo asfixiado, pois a racha do outro pouco ar lhe permitia,⁵⁷⁰ justo quando precisava de ar, ar puro, um pampa de ar.

No restante da entrevista – solertemente gravada por Izônia, que tinha pago apenas o preço de poder anotar, não, muito mais alto, o de gravar –, Pombo só confirmou o que todos sabem, não sem pinotes como o relatado, mas que, afinal, não molestaram ninguém. O furo conseguido pela audaz pesquisadora foi mesmo o da “causa mortis” do

⁵⁶⁹ (uns do IC adoram fundilhos. Quando eram gurizotes, assim que batia o final do recreio, postavam-se ao pé da escada, só pra ver as gurias subir, seus fundilhos... Ah, tempos!)

⁵⁷⁰ (em NH as pessoas sempre têm um sentado em cima, ó sina!, morte horrível! O Pombo, agora, daquela vez... O outro escarrapachado sobre a testemunha, que nem o Sirley, bundudo!, em nossos papéis, bem filho do velho Nunes – esse menino!)

mártir que, infaustamente, não achara, por sua vez, furo por onde pudesse respirar e, quem sabe, Deus é grande – e maragato –, salvar-se. Mas não deu mesmo, as agendas andam cheias há séculos.

3.5.2. Ó *perspicácia*

O episódio de Alegrete foi a culminância de duas décadas de descontentamento da facção derrotada em 93 para com os ditadores positivistas.

O grande caudilho revoltoso desta feita era um rude tropeiro e chamava-se Honório Lemes, mas o chamavam de “Leão do Caverá”, e assim ficou na história, imbatível que era naquela serra, da qual conhecia todas as canhadas. Uma vez – admirem o tope do homem! –, mandou fuzilar dois de sua tropa que – naquele tempo o gaúcho ainda relutava montar em égua nas campanhas – fizeram mal (e à força) a uma moça por lá.⁵⁷¹

O general que o combateu, Flores da Cunha, não lhe chegava aos pés como guerreiro, mas, a exemplo dos que mataram Gumerindo, na revolução que preferimos cortar, suprimir, degolar deste texto, por mui violenta, tinha à disposição incomparavelmente mais homens e recursos de guerra. Assim fica fácil virar nome de rua, escola, município: “Até eu!”, dizia o Xiruzinho Ubaldo, no bar.

Nova Hereford, sempre ciosa em defender nossos mais ínsitos valores, tem, em uma de suas muitas praças, estátua de Honório Lemes, que mostra – ó criatividade herefordense! – um cavalo à toda e, colado a ele, grudado no lombo, um volume algo aproximado ao de uma pessoa, com o que parece ser um rosto virado para trás e com o que, digamos, simboliza a mão da estátua segurando uma arma de fogo apontada para a retaguarda.

O artista quis mostrar o grande líder em sua posição preferida de ataque, isto é, correndo para o lado contrário ao do inimigo e, enganando-o – ó perspicácia! –, mandando bala à retaguarda, pro causo, vanguarda.

3.5.2.1. “Viva o Rio Grande!”

E assim Honório lutou em 23 e 24 – esta última, repique daquela –, até entregar-se a Flores, quando travou-se o famoso diálogo, um tanto cavalheiresco demais segundo contam.

- General, a vitória foi sua. Mas, como o trato? Por Doutor ou General?
- Me chama apenas de Doutor.
- Melhor, porque General até um tropeiro como eu pode ser.

Quando Honório quis entregar-lhe o revólver, Flores disse para guardá-lo. Então abraçaram-se e Oswaldo Aranha pôs-se a gritar como louco, “Viva o Rio Grande! Viva! Viva!” ...parecia um louco.

O Mudinho sempre apresentou uma versão menos diplomática do encontro, pois estava lá, homem criado no Buracal, oco da serra do Caverá, e, desde o início, incorporado aos maragatos.

⁵⁷¹ (se, gaúchos, ainda que à força, não sabiam fazer bem, até já foram tarde!)

Estivera no Uruguai com Honório Lemes e de lá, com ele, voltara, por Santana, para recomeçar a luta, isso já em 25. Pelos sinais, gesticulação abundante, esgares faciais horrendos – verdade que Crescêncio não era um homem bonito, até porque em Nova Hereford, um homem, para outro homem, sempre é feio – e pelos sons, guinchos propriamente, que soltava, e lamúrias, e baba, o diálogo deve ter sido mais ou menos como consta do estudo de outro insígne membro da Academia, o Doutor Abimelec de Almeida,⁵⁷² apreciador de Ray Connif, que muito conversou com Mudinho a respeito. Mais ou menos assim:

- Esta tu ganhou filho-da-puta, mas a volta vem.
 - Me chama apenas de Doutor, safado.
 - Pensei que fosse a mesma coisa, esses papel só servem pra enganar a gente.
 - Me dá esse teu trabuco, desaforado. E dobra a língua, se não...
 - Se não o quê? Vai me degolar, como os cem do Ibirapuitã?
 - Será os pé... Óia!...
 - Óia digo eu... Toma essa merda e enfia.
- Flores perdeu a calma e engalfinharam-se.

Foi então que Oswaldo Aranha, que nascera para ser membro da ONU, gritou: “Viva o Rio Grande!” E tratou de abraçar-se, ele também, aos dois briguentos, como se estivessem a trocar mimos – que os de homem, às vezes, parecem brigas, de tanto que se tapeiam –, no que foi seguido pelo Estado Maior, formando-se assim uma grande roda, um viril e inspirador amplexo gaúcho de mais de dez homens que, no apertarem-se e saudarem-se – e xingarem-se –, figuravam dançar uma dança nova, arrodeada e confusa, lenços brancos e vermelhos entreverados, bem dizer num cor-de-rosa inaudito e, perdoem-nos, para nós de Nova Hereford *...ai,ai,ai, desalentador*.

O gaiteiro, vendo aquilo, correu e gargalhou sua sanfona, acertando o ritmo dos desajeitados. Foi o fim da picada. Depois veio Pedras Altas e o mundo, que já vinha malejo, perdeu de vez o sentido. O Mundinho contou, chorando, chorando, o coitado!

6.5. A viva mão morta

Cacalo fora, a reunião pode seguir sua pauta extraordinária: estratégias a usar de modo a monitorar todos os movimentos dos acampados do Sepé, impedindo seu deslocamento para pretensas invasões, e necessidade ou não da contratação de mão-de-obra qualificada para atuar na defesa das propriedades.

Essa discussão é antiga.

No Direito Romano, os poderes do proprietário eram de tal modo amplos que o “exercício do *ius imperatoris* afastava-se das ingerências privadas dominiais, num respeito quase místico a esse direito”, escreve Stefanini, citado por Gehlen Frosi, que refere ainda o posterior regime feudal conhecido como “propriedade de mão morta”, que era a maneira – o “jeitinho”, diriam os mamelucos – de os nobres e clérigos, os donos da terra, base de seu poder, não terem de trabalhar e assim, com todo tempo livre, dedicarem-se a exercícios de guerra e à caça, com falcões adestrados, enquanto que “transferiam às classes inferiores seu (da terra) domínio útil mediante o pagamento de rendas e dízimos”.

⁵⁷² (quando pula, peida!)

Impressionante como aqui no pampa – temos até castelo! – a mão morta permanece viva e cada vez mais viçosa porque, vejam, os gringos metem mesmo a mão na massa – também no espaguete, que são porcos, mas sem embromação, entendem? – e, embora o arrendamento não proporcione aos proprietários os ganhos de anos atrás – insumos caros, máquinas pela hora da morte, preços mínimos, mínimos, irrisórios –, paga ainda um bom dinheiro para quem quer mesmo é não fazer nada – e quem não quer, podendo? –, desculpem-nos os proprietários de campos impróprios para a agricultura, que esses, ou trabalham, ou passam trabalho no não poder fazer nada com os ganhos advindos do arrendamento apenas para pecuária.

Não dá, não dá! A menos que o campo tenha mais de mil hectares... ih, muito mais para que se possa levar a vida como antes, claro, sem atribulações maiores e, no verão, Punta del Este, Rio ou Santa Catarina. É como diz um desses desafortunados senhores proprietários:

– Hoje, o negócio vai tão mal que a gente chega numa loja e tem que perguntar o preço das coisas, pra ver ainda se temos dinheiro ou não pra poder levar. Barbaridade! Judiaria...

6.5.1. *Derecho natural*

Mas não foi por falta de alerta ou de, digamos, “vontade política” que hoje temos de veranear em Manoel Viana ou Jaguarí, porquanto os liberais americanos em 1791, os revolucionários burgueses de França em 1789 e o próprio Código Civil que criaram em 1804 converteram a propriedade, segundo Monreal, “en un derecho sagrado e inviolable, cuyo rasgo político queda signado en mismo nivel de la libertad, la seguridad y la resistencia a la opresión”.

– Todas ellas reciben el común carácter de derechos naturales y imprescritibles del hombre. Nunca antes había alcanzado el derecho de propiedad tan elevada categoría conceptual.

Se na Idade Média só o clero e a nobreza tinham acesso à terra, os burgueses estenderam o direito de propriedade a todos – ao menos no papel, porque agora, na tal globalização, cada vez fica mais claro que quem pode mais chora menos e mais se sacode, sassarica, esperneia, chora mais quem pode menos –, e “como um direito natural e inviolável”, diz Frosi, sem limites, muito ao contrário, impondo, o princípio da livre-iniciativa privada, óbices ao Estado, que, acrescenta Fonseca, “se compromete a garantir o espaço para o exercício da autonomia da vontade, ao mesmo tempo que se abstém de fazer-lhe concorrência”.⁵⁷³

Bueno, se o direito à propriedade privada era um dogma, socorro!, chamemos a Igreja e seus exorcistas, exeketas, sábios... Perguntava Santo Agostinho:

– Em virtude de que possui alguém o que possui?

Não há resposta para tal questão, pois todos sabemos que tudo que existe a Deus pertence.

São Tomás de Aquino parece que deu um passo atrás ao entender que era um direito natural ser proprietário, mas deu dois à frente quando privilegiou a propriedade coletiva

⁵⁷³ (engraçado que esses de bolso cheio tão sempre reclamando do tamanho do Estado... Os daqui até que não tanto, a bombacha – ao contrário do fraque, “perro sarnento”, têm bolsos grandes)

e introduziu o conceito de “finalidade”, que é o que hoje chamamos de “função social” a que as propriedades deveriam, ~~devem submeter-se~~ – “deveriam” porque está na Constituição, muitas vezes letra morta neste campo de trabalhadores braçais, alguns semi-analfabetos, “devem” porque vai que chegue um presidente e diga: “acabou a bagunça, cumpra-se a Carta Magna!” –, e é bom que pensemos nisso, sem alarde para não alarmar os gansos, mas assim mesmo pensemos, cautelosamente, para que os fazendeiros que não produzem tenham tempo de dar um jeito nesse negócio de função social. Primeiramente, não às vitorias do IRA. Depois, a gente pensa no resto.⁵⁷⁴

6.5.1.1. O que não mata, engorda

Pulemos vários santos e inúmeros Papas e citeemos o bonachão João XXIII, que em sua *Mater et Magistra*, de 1961, explicita claramente a exigência ínsita ao direito de propriedade que é a de cumprir sua função social. E ainda dá um puxão de orelhas nos gananciosos condenando a má distribuição de renda, que, para exemplificar, é o que temos aqui no aprazível Departamento de NH: pouquíssimos detêm quase toda a fortuna do pago e, em contrapartida – que nosso maquiador contábil esconde no blush básico cor-de-rosa pink⁵⁷⁵ –, muitíssimos cercam os muros da cidade com sua miserabilidade pútrida.

“Aos leões!”, diria Nero, tivéssemos Neros e leões.

“O que nos falta mesmo” – sintetiza um grande produtor atolado em dívidas, sempre é bom repetir – “é um Facundo. Nunca tivemos um Facundo”,⁵⁷⁶ sonha o coitado, imaginando na caneca de leite cru que bebe, insone, na cozinha silenciosa – brucelose, aftosa, pus de mamite, borbulhas de saudade na mangueira, criança, recém tirado da vaca, com canela –, a inalcançável via-láctea: o que não mata, engorda.

Sucedendo João XXIII, o sisudo Paulo VI, quem diria?, na *Gaudium et Spes* e na *Populorum Progressio*, nas palavras de Frosi, “declarou, expressamente, que o direito de propriedade somente se outorga ao particular mediante condições e sob limites”.

Isso foi lindo e, vejam, atiçou a nossa criatividade. Tem um proprietário em Nova Hereford que colocou à venda sua fazendola – dez quadras, se tanto –, com a condição de que o comprador construa uma orada e nela faça, uma vez por semana, ser rezada missa por um determinado padre de nossa paróquia. Santo homem!

6.5.2. “Você que tem aí o seu fuquinha...”

A Constituição Brasileira, vejam, consagrou a função social como legitimadora da propriedade – rural, no que nos interessa em Nova Hereford, onde a cidade, com orgulho o declaramos, é filha das macegas –, mas, ó hipocrisia!, nem devemos falar muito nisso porque, aqui no pampa, quando a coisa é por demais, vomitamos. Exemplo: Caetano Veloso. Gostamos do moço, apesar de bahiano, mas, pára lá! Hum... o sotaque dele em Prenda Minha, “rrrodeio”, “rrrincão”, dá nos nervos da gente. É tocar o disco e abrir o saquinho plástico, que o lanço vem já vindo, é batata.

⁵⁷⁴ (assunto controverso mesmo no Instituto)

⁵⁷⁵ (informação a confirmar – é contigo Rosa)

⁵⁷⁶ (e repetimos e...)

Então, função social? Ora, o juiz aquele – bota macho! – sapecou em seu despacho – saiu em todos os jornais –, que, prestem atenção:

– Para alguém exigir a tutela judicial da proteção a sua posse ou propriedade, precisa fazer prova adequada de que esteja usando ou gozando desse bem ‘secundum beneficium societatis’, ou seja, de acordo com os interesses da sociedade e não apenas seus próprios interesses ou de sua família.

E com isso, deixou que os sem-terra ficassem lá onde tinham ocupado. Só que por pouco tempo. Sempre vem um e acaba com a alegria dos que nada têm. Ora, a função social... SCF, defendendo o, no episódio, esbulhado proprietário rural – e nós, stalinistas-democráticos de Nova Hereford entendemos que todos têm direito à defesa, menos naqueles casos em que um direito maior torna defeso esse direito por ser o outro na lide indefeso, o que não é raro –, sentenciamos:

– Diante desse extremismo que derroga e revoga o direito de propriedade, tremam todos quantos possuam residências muito espaçosas, excesso de dormitórios, de banheiros ou de garagens...

Interessante ângulo, viés de muitos adeptos. Um deputado-proprietário-rural certa feita, em um programa de televisão, olhou para a câmara e disse: “Você que tem aí o seu fuquinha e o seu chevettinho, cuidado. Eles vão tomar um deles de você...”⁵⁷⁷ E por aí foi, na linha de um poema que dizem ser de Maiakovski, mas em NH ninguém acredita, algo como: “Primeiro eles vêm pé por pé e levam um pé de couve de nossa horta. / Depois, ovos, batatas e o demais para sua receita. / E como nada dissemos da outra e desta feita, / eles voltam, soberbos, e roubam, inteira, a torta”.

Maiakovski? Bueno. SCF reclama que:

– Todos nós teremos que ser apóstolos da igualdade, distribuindo os frutos de nosso trabalho a todos quantos nos rondarem a porta empunhando bandeiras vermelhas e gritando pregões revolucionários.

Tirante a cor da bandeira, vejam que outros revolucionários, os farroupilhas, fundadores de uma estirpe, tinham como lema as palavras “Liberdade”, “Igualdade” e “Humanidade”.

Não que isso fosse definidor de um pensamento, entendem?, essas coisas de princípios e quinquilharias do tipo que alguns inventam para que os outros não incomodem tanto enquanto vivem... Os farroupilhas tinham escravos; Bento Gonçalves, já o dissemos, deixou dezenas para seus herdeiros; e só este detalhe, este insignificante detalhe, faz ruir o lema em cacos ...que era vidro, e se quebrou. Lemas, são apenas palavras e palavras são apenas sons, ruídos, gritos na noite, silêncio... Hay que dormir, não é nada, “sonhar, quem sabe?”.

MF chamou a atenção de nosotros – e em NH ouvimos – para o fato de que o liberalismo daquela época “possuía conotações diferentes das atuais”, razão pela qual não se pode analisar a Revolução Farroupilha com olhos de hoje.

(Se são de hoje, não são, ipso facto, de ontem:

– Como, por exemplo, não se pode plantar um gaúcho tocando gaita no decênio heróico – sempre tava falando o Doutor Abimelec.

⁵⁷⁷ (os membros do Instituto aqui firmam compromisso solene: que, pelo amor de Deus, este coitado nos procure que a gente faz uma vaquinha e repõe o fuca ou o chevette que lhe tirarem... com um doginho ou, se preferir, um TL...)

– Ué, mas por quê?

– Porque a gaita foi trazida pelos italianos, isso depois da Guerra do Paraguai.

– E o que impedia o gaúcho, se tudo isso aqui era livre, de ir lá no Paraguai buscar uma antes?

Os olhos de hoje, *ipsis litteris*, não são como os de antigamente.)

Aquele liberalismo farroupilha, diz MF, “por ser um movimento de uma minoria prestigiada e dominante, econômica e militarmente, era antagônico à democracia, pois não aceitava a participação do povo,⁵⁷⁸ isto é, dos não proprietários, no governo”.

Luigi Rossetti, redator de *O Povo*, teve de demitir-se “porque suas idéias não eram aceitas pelos líderes farroupilhas”.⁵⁷⁹

6.5.3. “*Alguns gens dispersos*”

O stalinismo-democrático embasa-se, de certo modo, no liberalismo farrapo. DF menciona a existência de negócios lucrativos no decênio heróico, e “quando não havia tal, os farrapos enriqueciam confiscando terras, gados e escravos dos inimigos. Há indicações de que quando sobreveio a paz, os estancieiros rebeldes se encontravam em condição econômica melhor que a dos estancieiros legalistas”.

E então, che? Pois não foi a criação do imposto territorial rural e a distribuição dos dois comandantes da fronteira, “impossibilitando de continuar o contrabando de gado”, que levou os estancieiros à “resposta” revolucionária? É Freitas quem afirma, não qualquer borra-botas. Por isso, vejamos, só na Metade Sul, perto da fronteira com a Banda Oriental, “prosperou” a rebelião.

Onde, ora? Onde os prejudicados nos negócios tinham banca, Nova Hereford inclusive, se existíssemos, e como não, nada daquele morticínio — cujo “único programa”, ensina DF, “consistia na manutenção e no fortalecimento do arcabouço social dominado pelos estancieiros” — nos pesa na consciência cívica. E não pensem não que é pouco o peso do decênio heróico: quem tinha escravo — e os senhores fazendeiros todos tinham — alistava em lugar de um filho seu, um negro seu, que ambos eram seus e com seus bens ninguém tinha nada que ver, e lá ia o negro servir de bucha de canhão; os pobres, quase todos meio miscigenados, indiáticos, eram alistados à força, por... por..., bueno, bota aí “vadiagem” e manda esse filho-da-puta pra frente de batalha.⁵⁸⁰

Por essas e outras é que Dacanal escreve que “a fome, a doença e as guerras encarregaram-se de eliminá-los rapidamente”, eles, os mestiços de índio, filhos das “mulheres indígenas preadas e possuídas”, das quais “sobraram alguns gens dispersos, mas tão dispersos que só muito dificilmente poderiam provocar dramas de consciência em algum marmanjo qualquer pouco informado sobre as leis de Mendel”. Otacílio, então, é fruto, restolho melhor dizendo, dessa história perversa, como Tunica, sua mulher, negra “como as asas da graúna”, seja isso o bicho que for.⁵⁸¹

⁵⁷⁸ (fortes palavras – sons, ruídos, gritos na noite... –, silêncio, não)

⁵⁷⁹ (Gringo ser sujo, não prestar, não valer o que come etcétera, são axiomas no pampa. Quanto a Garibaldi, Rossetti e Zambecari, nossos historiadores estão estudando o caso e, com certa relutância, já admitem que podem configurar exceções, exceções que confirmam a regra.)

⁵⁸⁰ (às vezes, tachamos de vergonha...)

⁵⁸¹ (não escondemos nossas dúvidas quanto ao que não é deste mundo. Como diz Don Bagayo y Balurdo, “o pior ignorante é aquele que pensa que sabe.”)

Além de Darwin, nossa Câmara Municipal deveria convocar, para melhor explicar-se, esse Mendel – e também esse tal de Dacanal, por que não?, que o gringo é bem fácil de encontrar ali pela Cidade Baixa, no Pedrini, no Copacabana, por ali, conforme relatos pormenorizados de espiãs de NH, capazes de perceber naquele senhor calvo e de cabelos branquíssimos – pelo contraste com a calva possivelmente – e as sobrancelhas severas, o mesmo ruivo combativo de sempre que o tempo abrandou, pero no mucho, pero no mucho, o mesmo que escreveu, irônico: “Em meio a tolos / vivi sereno / Nunca imprecando / Contra a madrasta sorte...” E, sábio: “...Descubro súbito / Que nada resta / A não ser amar-vos, / Ó Rosalinda, / Maldizendo Cronos / Que de inveja pleno / Do alto espreita / Na torva espera!”

7.2. Malícia despudorada

Em Misiones, além de cobras e outros perigos, há em profusão os bichos-de-pé, que são mansos, mas, quando a ferida infecciona, podem matar um homem.

Olivera conta de um que morreu disso, deixando os filhos pequenos:

– Mãe, já não tinham, coisa séria!

Misiones, Corrientes, Entre Ríos, Rio Grande, Uruguay, tudo é a mesma coisa, cochila a bicharada. Tem uns, meio ventenas, que saem a pisar a torto e a direito o que é rasteiro, sem atinar que o rastejante pode, enferrujado, até tétano dar; vivo, matar.

Um vereador da querência – vejam a que ponto chegamos – recebeu de presente uma cruzeira! Se aceitou? Ora, os presentes, sabemos todos, vêm acondicionados em caixas com, não raro, invólucros de celofane e fitas acetinadas; esses chamariscos, truque velho, malícia despudorada. Difícil, sem abrir a embalagem, saber o que traz dentro; a surpresa, aliás, é parte do regalo. Uma comparação: a melancia. A melancia é verde por fora e – oh, que linda, não precisava se preocupar comigo, obrigado – encarnada, sangüínea no íntimo.

Pois, rompidos os nós dos laços, rasgado o papel, aberto o escrínio, não é que surge, enrodilhada como um colar no ninho de jornal, a cruzeirinha de 25 centímetros. Nova ainda, para criar, como um gatinho angorá ou um cãozinho pequinês. Adultas e bem alimentadas chegam a mais de metro e meio; o Nelci ainda matou esses dias uma de seis palmos no campo do fundo.

Júlio de Castilhos teria recebido outro presente inusitado,⁵⁸² embora, no caso, de alegrar o sisudo: a cabeça de Gumercindo Saraiva em uma caixa de chapéu, talvez Cury. (Antes de ser jogada no rio, bem entendido, e de ser comida pelos peixes, o que Otacílio não viu, *ai, ai, se é que alguma coisa viu, encafifado que estava com seus bastantes problemas, sentado – sem Lídia, mas com “desassossegos grandes” – “à beira do rio”, “ouvindo correr o rio e vendo-o”, como um cego, para dentro. Ah, Otacílio!*)

⁵⁸² (repetimos, para que ninguém pegue segunda época)

7.2.1. O *fechecler da modéstia*

Cobras e degüelos não tiram o sono de nenhum gaúcho que se preze, disse sempre houve. Alguns, assustadiços, crêm que os campos onde aplicou-se a gravata colorada são mal-assombrados.⁵⁸³

Mas então, por todo o pampa deambulariam hordas de descabeçados, pois, attem bem, janotas, aqui, quando se trata de matar, mata-se!

Só não saímos a gargantear nossos feitos, como costumam outros. Falamos do Rio Negro e do Boi Preto e, piscando o olho maroto, fechamos o *fechecler da modéstia*. Mas, no Alegrete mesmo, cá do lado, Flores mandou degolar mais de cem, em 23. “Oh!” “Ah!” “Uh!” O que foi? Já não sabiam? Preferem as deformações dos entediados urbanóides paulistas de um ano antes? Preferem os abaporus com cabecinhas de manicla? Para nosotros, a cabeça deve ser digna do chapéu e, quando derrotada, que vá jazer na caixa e sirva de regalo mesmo, sendo a luta limpa.

Aos cem de Flores, somam-se muitos outros atirados pelos matos cerrados da história; como os três degolados e castrados no Passo do Vaí na mesma Revolução de 23 e pelos mesmos chimangos, ou os vinte e poucos achados decompostos pros lados do Maleva, faltando num a perna, noutro o braço e, em todos, a cabeça... Essa chimangada! Praga!

Contava⁵⁸⁴ o Osvaldo Pereira que, ao sul do Bojuru, “boca de cobra”, o Seu Duca tinha o sono pesado que era uma pedra – assim como os negros do Canabarro surpreendidos pelo Moringue –, “e gostava de sestiar num planchão embaixo dum paraíso”. O Hemitério, “loco de sem-vergonha, pegô o bicho do Seu Duca, atô com uma piolinha e prendeu num gaio, de leve, pra não acordá o home”. Depois – um pândego! –, foi chamar Dona Umbelina, que o Seu Duca tava se enforcando. A mulher saiu aos gritos, acordando o morto que, no susto, levou um bruto soco no pau – salvo, enfim, mas destroncado e motivo de lamúrias do dorminhoco (segundo o qual ficara prejudicado no uso por um bom tempo).

Ao menos, este sobreviveu ao enforcamento.

7.2.2. *Aí tem coisa...*

O Osni Gomes, ex-Posteiro do Grupo Tradicionalista Caudilhos do Rio Grande, amigo do Otacílio de longa data, sabe uma de sesta, mas antes, pra desmoralizar os ouvintes, contou outra que lhe contaram: que um menino em uma estância começou a preocupar sua mãe que, enquanto via os outros pegarem estado, aquelezinho era aquilo que se via, puro osso. E todos mamavam nas mesmas horas e nas mesmas quantidades. Até que o pai resolveu observar e notou que o magricela pegava a mamadeira e ia mamar longe de casa. “Aí tem coisa”, pensou, mas jamais imaginaria o que era. Bueno...

Um dia, a mãe distribuiu as mamadeiras e o marido, atocaiando-se, foi seguindo o guri, que enveredou pros matos que ficavam assim, nos costados da horta. Quando viu o que se passava não acreditou, mas viu claramente com seus olhos que a terra a essas

⁵⁸³ (repetimos e repetimos, para descortinar o desassombro)

⁵⁸⁴ (Osvaldo – querido amigo –, agora vive no passado, que, diz Borges, “é a estação (ninguém o ignora) mais propícia à morte.”)

alturas já comeu e arrotou: seu filhote estava dando de mamar pra uma bruta cobra, que ficava erguida, naquela pose das corredeiras, e ia sorvendo do bico todo o leite morno recém tirado da vaca e temperado com canela, secando a garrafa rapidinho e retirando-se deslizante, para a sesta.

Muito se fala de cobras mamadeiras e tem gente que afirma que algumas, espertas, na madrugada, quando as mães dão de mamar aos recém-nascidos meio que dormindo, elas colocam a cola na boca dos pobrezinhos, enganando-os com a chupeta viscosa, e fartam-se do leite materno, sugando dos mamilos inchados tudo o que têm a oferecer; ou quase tudo, pois quando falamos de mãe, não nos referimos à mulher que ela é, para não misturar as coisas e manter o assunto nas altas paragens da preservação da espécie, isto é, esquecendo o momento da encomenda, que, dependendo das mães envolvidas, pode sugerir a quem ouve do outro lado da parede (se não à própria parede, cheia de ouvidos) que um punhado de gatos povoa a venturosa cama (e o gato, todos sabem, mata a cobra... ui!).

7.2.3. Flertando, os dorminhocos

Voltando às cobras, cobras, no embalo, o Osni emendou a da sesta, esta acontecida no Pai-Passo mesmo.

Tinha lá um senhor, por apelido Leitão, que era bueno barbaridade, mas tinha horror às de-arrasto. Ah, e também era daqueles que quando dormia, pra acordar só com banda de música, como o Seu Duca.

Pois, uma vez, o Leitão dormia a sesta em cima de um banco de carpinteiro que tinha no galpão e os outros, muito sem-vergonhas, pegaram uma enorme papa-pinto que tinham matado (só de maulas) e a esticaram em diagonal sobre o Leitão em sono profundo, tendo o cuidado de deixar a cabeçorra do bicho aninhada no ombro do dorminhoco, com o rostinho virado pra ele, como se flertassem os dois, um morto no sono e a outra mortinha da silva. Aí começaram a gritar que “tá na hora da pegada e vamo e vamo!”, pra acordar a vítima.

O Leitão nem bem abriu os olhos e viu a coisa em cima dele, o que os fez arregalar de pronto, como um bêbado que cura o porre no susto, bá!

Aí, um dos empulhadores tirou o revólver e ameaçou dar um tiro na cobra pra salvar o amigo e o Leitão, coitado, só com os olhos e o indicador, que mais tremia do que mexia, pedindo pelo amor de Deus que não atirasse e que, sim, tirasse aquele corpanzil cor de barro de cima dele.

Já imaginaram o susto do homem? E o Osni, hein?! Um autêntico Caudilho do Rio Grande, bom de charla coisa muito séria.

7.3. Melhor o degüelo!

Degüelos, cobras, enforcamentos... cosa poca, si vamos a ver da vida ella misma, bá! Mas, de um tempo pra cá, outras preocupações – além do Sepé – têm invadido o pampa.

Mariposas, proliferadas em abundância pela temperatura, largam espículas que, atingindo o corpo das pessoas – superexpostas pelo calor –, causam dermatites em surto jamais visto.

E isso é o de menos. Pior são os morcegos, que disseminam a raiva bovina. Desconfie se o animal fica agressivo e se aparta do rebanho. Em seguida perderá os movimentos e morrerá. A contaminação dos humanos se dá pela saliva, logo, não são recomendáveis os mimos com que comumente os caseiros tratam suas vaquinhas de leite. Em Nova Hereford, três de uma mesma família entraram na anti-rábica.⁵⁸⁵

Pior ainda é o carbúnculo, que o homem pega de comer carne contaminada. Com tanto abate clandestino, como saber? Só mesmo depois, quando o corpo se enche de furúnculos ou – Deus nos livre! – a doença assume a forma pulmonar, pinta o pobre de azul-cinza, rouba-lhe o ar e, finalmente, o abate. O carbúnculo pode ainda tomar o cérebro... melhor nem pensar, melhor o degüelo.

Agora tem essa doença nova, a tal de vaca louca, que o gado pega comendo ração de osso e vísceras contaminadas. Os canadenses embargaram as exportações de nossa carne, sob a alegação de que o rebanho andava enlouquecido (na verdade, retaliando-nos, porque a Embraer sempre ganhava da Bombardier, bombardeada que já estava a coitada).⁵⁸⁶ As vacas daqui nem sabem o que é ração de osso; são capazes de cuspir fora, se alguém lhes servir a imundície.⁵⁸⁷

A rádio local resolveu até fazer um programa especial sobre a Medicina Veterinária, esforçando-se por prestar um serviço público, concessão pública que é a rádio e todo mundo esquece. Juntou um grupo das forças vivas da comunidade, num sábado, e ficaram a discutir o futuro do Departamento no âmbito do assunto.

7.3.I. ZYE II, Rádio NH

– Qual a sua opinião sobre o que temos que fazer na área daqui para a frente, caro Capitão Salatiel? – perguntou o mediador.

– Pois, tu sabe, Ismael, que eu já tenho quatro ou cinco curso, mas se fosse tirar outro, seria o de veterinária. Gosto muito de bicho. Eu tinha uma égua lazona no quartel que deu de tossir e tossir e não parava, que, Deus te livre!, dava pena do animal. O que que eu fiz?... E aí, Ismael, é que entra a importância desse programa, e até aproveito pra agradecer o convite, porque tem muita gente que maltrata os bichinho por aí esquecendo que eles também são cria de Deus. O que que eu fiz? Ia lá todo santo dia e ficava conversando com ela, só conversando, como um amigo. Pra encurtar: ficou boa num upa.

– Que interessante! Os bichos entendem a língua da gente, como as plantas. Todo mundo sabe que se o dono não fala com suas flores, elas não vão pra frente.

– Principalmente as violeta.

– Mas, voltando aos rumos da Medicina Veterinária...

– Se tu me der licença, Ismael, eu quero fazer uma denúncia. Eu tenho cinco cachorro lá em casa e três gato, tudo guaipeca. Tudo guaipeca que eu peguei na rua pra não deixar morrer. Tinha um até sarnoso, tava cor-de-rosa de sarna o bichinho. Curei ele. Gasto o que não posso com esses bicho. Todos têm carteirinha...

– Perdão, Seu Boji, mas nosso tempo é curto. O senhor ia fazer uma denúncia?

⁵⁸⁵ (que é como tomar no rabo, econômica e friamente falando)

⁵⁸⁶ (e, vejam, este é um trabalho pedagógico de largo espectro, até falamos de aviação e de comércio internacional, briga de cachorro grande que muito há de ajudar os alunos nas guerras do dia-a-dia)

⁵⁸⁷ (sobre o caso aquele, calamos... não somos como esses lesa-pátria...)

– Ué... e já não fiz?

– Perdão, Seu...

– Mas, Ismael, tá tudo pela hora da morte. Gasto com esses bicho o que não posso. O veterinário, os remédio de verme, tá uma careza. Se não fizerem uma campanha, quem avisa, amigo é, vai ter uma mortandade de cachorro e gato morrendo por falta de assistência, nas rua, na frente dos filho da gente.

– Ai, o Seu Boji me deixou emocionada. Olha aqui, até me arrepio...

– Esta é outra de nossas lideranças convidadas, a professora Martinha, sensível como toda poetisa. Por favor, professora, o microfone é seu.

– Mas eu devolvo, Ismael, não te preocupa que eu devolvo...⁵⁸⁸ Bom dia ouvintes, sou professora de História e não sei nada sobre o assunto, mas, mesmo assim, posso dizer que sei o suficiente. Estou falando de amor. Sem o amor do capitão, a egüinha decerto morreria. Sem o amor do Seu Boji, os oito animaizinhos estariam na rua da amargura. E, permitam-me falar de minha filha, que, aliás, se forma este ano em Direito...⁵⁸⁹

– Ah, aceite os parabéns de toda a mesa e de todos os ouvintes, que, com certeza, gostariam de cumprimentá-la também.

– Obrigada, vocês são muito gentis. Mas, como eu ia dizendo, a minha filha adora gato, mas adora que, nem sei, às vezes penso que gosta mais dos gatos dela do que de mim.

– Imagina... Bem capaz!

– É mesmo. Até me arrepio, ó... Ela tinha uma gatinha siamesa que era um amor, a Pérola, dormia com ela, estava sempre onde ela. Ah, e era educadinha, fazia as necessidades numa piletinha de areia... um amor, um amor... Então minha filha casou, vocês sabem, a festa foi no Campestre, com o filho do Doutor Miranda. Ótimo rapaz, trabalhador, de bom berço, como se diz, mas – ninguém é perfeito! – asmático. O coitado, entrava maio e já se agarrava naquela bombinha, ai... coisa horrível deve ser não poder respirar direito, né, hein!?

– Professora Martinha, tenho que chamar os patrocinadores, mas não posso esperar nem mais um minuto para ouvir o final de sua história superinteressante. Conte pra nós, por favor.

7.3.I.I. O suicídio do gato

– Ai, Ismael, até me arrepio toda.⁵⁹⁰ A minha filha tinha que escolher: ou ficava com o marido, que ela amava, ou ficava com a Pérola, que ela também amava de paixão. Bom. Ficou com o marido e me deu a Pérola de presente. Eu gosto muito de animais e cuidei da gatinha com todo o carinho, mas um dia, acordei e... cadê a Pérola. Procurei por todo o apartamento e nada. Me deu uma coisa, um pressentimento. Não sei por que, resolvi olhar pela janela... Já viajei bastante, conheço a Disney e praticamente toda a Europa, até tem um parque da Disney perto de Paris, sabiam?... mas nunca vi coisa igual. A pobrezinha estava estendida lá embaixo, numa poça de sangue, imagina!, nós moramos no quinto andar. Ismael, Ismael, o bichinho se suicidou, se suicidou... por amor.

⁵⁸⁸ (a professora Martinha é, além de sensível, muito engraçada ... Além do que, dizem por aí que, quando agarra um, bá, “só larga quando flocha o bicho!”)

⁵⁸⁹ (muito engraçada e quer porque quer entrar para o Instituto, mas há forte corrente contrária)

⁵⁹⁰ (não é doença, isso? Coisa mais sem fundamento!)

O mediador chamou os patrocinadores e os que escutavam em seus lares felizmente não ouviram o choro convulso da professora. Não ouviram também que o Valderi, líder comunitário da Vila Mucufa disse “essa não! O gato caiu, ora!”, e que o capitão retrucou “olha o respeito com os sentimentos da senhora! O senhor não sabe que gato não cai?”, e que o Seu Boji emendou “e tem sete vidas”, e que o capitão pensou que o outro tava gozando da cara dele, “tu tá me gozando, seu ignorante?”, e que o Seu Boji levou um susto, “todo mundo diz...”, mas o Valderi copou, “ignorante é tu, poca-bóia! Tu é capitão lá pros teus milico, mas aqui tu é igual a nós, poca-bóia!”, e que o capitão tentou acertar o Valderi com seu pingolim, e que o Ismael, puxa-saco, apartou, gritando com o líder comunitário, “têm que matar todos esses analfabeto, fazer uma limpa, começando pelos índio”, e que o outro, filho do finado Xiruzinho Ubaldo, conhecido de todo mundo, fazedor de balaios,⁵⁹¹ se picou e lascou pro Ismael, que vive na Igreja, “têm que morrer são esses padre, que tudo isso aqui era nosso e eles vieram nos roubar!”, e que o Seu Boji, já meio passado dos sessenta, custou, custou a entender e foi que perguntou pra professora Martinha, já meio-meio recuperada, “então o teu gato não tinha sete vida?”

Ai, ai, ai... Como resolver o tão complexo problema do futuro da Medicina Veterinária em Nova Hereford?

7.3.2. Vômitos e evacuações pestilentas

O problema das doenças é que não se pode resolver a facão o caso com as bandidas.

Vejam o mal de Chagas: a pessoa vai saber que a merda do bichinho a está matando décadas depois, só depois, quando o coração já pifou mesmo. E o tifo, já que falamos em merda: as fezes da pessoa infectada, uma vez tornando-se portadora crônica dos germes, podem causar epidemias. Imaginaram? A merda de umazinha pessoa! Têm ainda o tétano e a gangrena gasosa, cujos germes ficam se fazendo de mortos no solo até o momento de penetrar em alguma ferida. E a varíola, que também dá no gado e que podemos pegar facilmente, como quem pega um copo ou um garfo. Esta é conhecida velha; em 1888 matou muita gente trazida por um tropeiro ignorante de que viajava consigo o gadanho terrível. Tantos foram os mortos que as autoridades optaram pelo sepultamento em vala comum.

No afã de se livrarem da doença se livrando dos doentes, conta o Senhor Fidélis que alguns eram enterrados vivos. Salvou-se Olivério Camargo que, “ao cair na vala soltou um gemido”; resgatado, ficou bom e só veio a falecer “56 anos mais tarde”. Também visitaram-nos a cólera-morbus, em 1855 e 1867, e a gripe espanhola, em 1918: devastações a que a região de Nova Hereford deve muitas lápides.

Um cientista local – na verdade um navexólogo de curioso espírito – tem estudado o comportamento dos herefordenses diante dos acontecimentos recentes – com relação ao governador, aquele missioneiro, e aos componentes do Sepé, em especial –, chegando a inquietantes conclusões, ainda que preliminares: segundo ele, a personalidade do homem médio de nosso aprazível município varia da cólera à raiva e desta para aquela, manifestando-se através de ataques de nervos incontroláveis seguidos de vômitos e evacuações pestilentas.

⁵⁹¹ (mas, atenção: nem todo fazedor de balaios é índio. Não vão fazer como a Margarida, que ofereceu uma vaca para o casamento de uma moreninha só porque “gostava muito de índio”. Pra quê!? A outra se ofendeu, imagina! E a Margarida: “Mas tu faz balaio, eu pensei que...” Não, as coisas, definitivamente, não são assim.)

Felizmente, as ocorrências de tão peculiar personalidade dá-se em surtos, que, ademais, não duram muito – na maior parte do tempo, os herefordenses tomam mate e ruminam doces lembranças da época em que os não fazendeiros tinham de seu ao menos los cojones.

7.3.2.1. “Un simple péndulo o varilla”

Ah, tempos!

López Pianello desenvolveu interessante teoria a respeito das “ondas remanentes” que, cremos, nos ajudará de alguma forma a encontrar los cojones de muitos de nós – uma epidemia! – sem que tenhamos de lançar mão das seções de achados&perdidos desses pasquins sem-respeito.

Bueno. Pra começar: acreditam em bruxas?

Não importa o que pensem, mas tenhamos como pressuposto que “que las hay, las hay”.

“El perro, el gato, aves migratorias, palomas mensajeras, murciélagos, etc.”, sem esquecer “el noble caballo”, todos esses animais – como as bruxas –, possuem, de tão sensíveis que são, espantoso!, algo parecido com um radar. E não qualquer radar, como os dos americanos, que sempre falham na hora de decidir se pegaram um amigo ou um inimigo; um alvo militar ou um coitado dum civil, e atiram, bem dizer, a esmo, matando muitas vezes errado, o que é uma atrapalhação para a família das vítimas, porque, morreu, morreu, não há desculpa que traga de volta os inocentes – o que dirá pra eles, os inocentes, que nem reclamar podem, pra quem? –, sus cojones perdidos pra sempre.

LP – sua teoria, portanto, pretende-se de longa duração, nada que caiba num compacto⁵⁹² –, faz um preâmbulo, que assim resumimos: uma infinidade de ondas transitam pela Terra, sonoras, magnéticas, elétricas... inclusive emitidas pelos corpos – sólidos, líquidos e gasosos –, “porque vibran a raíz del movimiento centrífugo a alta velocidad, que dentro de cada átomo realizan protones, electrones y neutrones con sus respectivas cargas eléctricas”. Pois dessas ondas eletromagnéticas se valem “los radiestesistas, rbdomantes o zahoríes para descubrir bajo la tierra... la presencia de objetos ocultos”, e valendo-se “de un simple péndulo o varilla”.

7.3.2.2. Ondas remanentes

Adiante: estudos realizados na França comprovam cabalmente que as pombas têm “un receptor de ondas en sus oídos y no necesitan ver a distancia para orientarse”. São as tais “ondas remanentes” que qualquer iniciado em radiestesia sabe o que são, que são: as ondas que os corpos deixam nos lugares onde estiveram. Por conseguinte, conclui LP, “las ondas que dejan los animales en su querencia, son las que los guían a su regreso”.

⁵⁹² (se não for agora, não será nunca: alguns de nós temos uma certa implicância com nomes que as pessoas escolhem para seus filhos; ficamos até com pena. É um tal de Hemitério, Mingote, Agapito, Secundino, um tal de Tédulo, Flodoardo, Rosilene, Rosicler, Roseneide, Romalina... Bueno. Pois agora deram de dar o nome de Victoria às filhas, e nem é uma homenagem à rainha, mas, geralmente, uma auto-homenagem por tanto terem tentado engravidar e na hora H... por quererem tanto uma criança para a alegria do lar... porque daquela vez., bá!, o marido exagerou nos tabefes... A filha seria uma vitória sobre as vicissitudes da vida, enfim. Mas acontece que não botam na certidão Vitória, mas Victoria, ainda que a chamem de Vitória. E, ultimamente, andam registrando meninos como Victor. Don Bagayo – um pândego! – pergunta: “Serão parentes da RCA?”)

Quantas histórias ouvimos de animais que escapam dos novos donos e voltam pra querência?

Cães e cavalos principalmente, os melhores amigos do gaúcho, não por acaso. Não há acaso na ciência. Seria acaso um perro deixado – jogado fora – a 60 km voltar com seus próprios pés, atravessando rios e quiçá montanhas, ao cabo de 18 dias, a sua primitiva morada? Como, se fora no piso de uma camioneta, “sin poder ver no olfatear nada”? Outro exemplo: LP perdeu-se, e já era noite. Assim que não teve outro remédio senão “aflojarle las riendas al montado para encontrar el paso en un profundo madrejón y al poco rato, la ranchada”. A explicação:

– El pingo – igual que yo – sólo habíamos estado en ese lugar tres o cuatro días, pero las ondas remanentes que había dejado y la presencia de su dueño, que también emitía ondas, fueron los elementos que lo guiaron.

Está mais do que provado que as ondas electromagnéticas “son la fuerza poderosa y misteriosa de la que se sirven el caballo y otros animales para orientarse”, afirma LP.

– Mi convicción es ésta y la mantendré mientras no se demuestre lo contrario.

Entonces...

Desconfiamos da ciência, nosotros, gauchos; porque é da intuição bárbara, do empirismo criativo que as necessidades nos impõem que, dia após dia, sobrevivemos no pampa. Contra tudo e contra todos, diga-se, pois vocês – vocês! – só o que fazem é dificultar-nos o caminho, obstaculizar-nos o rumo... com arapucas, ilusões... vírus, chuvas tóxicas, panfletos eleitorais...

Antigamente, diz LP, os “gauchos le doblavan las orejas para adentro y se las ataban com una cerda para que un caballo nuevo no se disparara y se uniese a la tropilla”. Pois – mala suerte –, é o que temos de fazer hoje; impedir que as ondas penetrem os ouvidos dos fletes e eles corram o risco de seguir a blandiciosa e falaz música que vem da metrópole, e nós juntos, frouxas las riendas, porque, como orientar-nos diante de tão miríficas promessas?

A tropilha está se indo toda; o campo desertifica... Ficamos sós, “dia e noite, como um morto”.⁵⁹³

7.3.2.3. Uma coisa triste

“...Y los cojones? Y mis cojones?”

Coisa triste ouvir sempre isso do, pro causo, paralítico! A mulher nem na feirinha foi, tudo fechado, está voltando da volta, cansada, e o traste ali, gordo, as guampas enormes e retorcidas. Sem canga não serve pra nada – sem o Dourado, coitado do Cabiúna! –, y los cojones...

“Ando muito completo de vazios. / Meu órgão de morrer me predomina. / Estou sem eternidades. / Não posso mais saber quando amanheço ontem. / Está rengo de mim o amanhecer...”, diz Manoel de Barros, “...Essas coisas me mudam para cisco. / A minha independência tem algemas.”

– Y mis cojones, putana!?

⁵⁹³ (Pavese)

“A natureza é uma coisa triste...”, comenta Sábado – isto é um alrededor del fuego, mateada – e cita Whitehead: “...uma coisa triste, sem cores, nem sons, nem fragrâncias: todos estes atributos são puramente humanos”.

Maríndia, chama-se ela... Onda remanente, buscando a querência perdida, la vacaría del mar, a índia... a querência, o tempo, longe, de liberdade, era só levantar a cola e, tudo bicho inteiro, bá... Lilit, “alta e silenciosa, de negros cabelos soltos...”,⁵⁹⁴ e esta, petiça zaina, mas vaca igual no que interessa, a procriação, filhos mais filhos pro seu macho, fértil sob o manto da noite... e este touro sem bolas, boi manso...

Em seus sonhos, imagina os güevos voltando,⁵⁹⁵ bolas aladas, e então não teria de sair à caça, fêmea, afinal, jovem... Mas só em sonhos, *ai, ai, morre de medo da “maldição de Deus-Todo-Poderoso e da gloriosa santa Virgem Maria”, mãe e ainda por cima virgem, virgem! Teme “as pragas do Egito e as maldições que caíram sobre o faraó”, imagina, faraó!, e ela, coisa nenhuma... Morre de medo das “sentenças que flagelaram Sodoma e Gomorra, Datam e Abiram...” Tapa os ouvidos, mas, ainda assim, ouve “que vossos dias sejam curtos e penosos...”, que “malditos sejam o pão, o vinho e a carne que vós comeis e bebeis, a roupa que vestis, a cama onde dormis...”, quase fica louca anatematizada “com todas as maldições do Antigo e do Novo Testamento...”, não basta o Novo?, não basta?... , companheira e serva de “todos os diabos dos Infernos...” A índia contorce-se no sono, encolhe-se contra as falanges da “fome, a peste e a morte”, e grita, acorda gritando, não quer perder “a razão e a vista, não, não, não...”*

– Tá ficando loca, muié?! – sacode-a o paralítico.⁵⁹⁶

Mas já é hora de levantar, cevar o mate, ajeitar as taquaras e trabalhar, trabalhar até... Esquecer da vida fazendo balaios, vendendo-os na rua... que Maríndia, esta faz

⁵⁹⁴ (J.L.Borges / Margarita Guerrero)

⁵⁹⁵ (também ele, mas, gaúcho, faz uma trouxa com o lençol e enfia a bucha na boca, mordendo-a forte, trincando-a, se pano trincasse, ele todo trincado y sin salida, os olhos vazando, el pecho, inflado balão, mas de vidro – e que ela não veja, e que ninguém note, de vidro e se quebrou –, as mãos como cascos, empurrando o lençol alvo – alvo, sem as manchas do casal, macho-e-fêmea, como Deus quis, sujo, alva mecha na boca, ferida aberta, purulando gritos abafados –, cala-a-boca do boi manso, engasgado de sua dor íntima, que, ninguém note, permaneça íntima, corroendo por dentro, mas por dentro... e dorme, enfim, e sonha: Diferenças Esperadas de Progenie magnificas, bá!; perímetro escrotal de cinqüenta e lá vai pedrada, oigaletê!; alta capacidade de serviço, bota comedor!... Mis cojones, putana?!... Ele só quer – e ela nem sonha – acordar morto, não acordar, cravar o bico, morrer, ser abatido, que seja, nada mais...)

⁵⁹⁶ (se Lázaro ressuscitou... Anda lendo – escondido, quando a mulher está fora, o dia inteiro – livros que o vizinho – “dez filho, o sortudo, sete macho, católico cosa séria, só cobre a muié véia pra emprenhá” – empresta, no momento, do Padre José de Luna, está escrito “Óleo dos enfermos!... Com ele serão ungidos os provados pela doença, por qualquer tipo de enfermidade / para que recuperem a saúde / ou realizem sua definitiva páscoa...” Que seja a definitiva páscoa, então... que nunca se batizou, catecúmeno como? se o catecismo que conhece é o de galpão, terruño, bem outro que o do céu, que o de Luna... só se à força, quando, bem dizer, o batizaram boi – e Deus o fez touro, judiaria, um trompaço, tudo preto e acorda sin cojones, sin cojones! – mas, e o fundo musical? A gritaria da farra não conta, e o Padre Luna escreveu que “é imprescindível a execução de um fundo musical apropriado”, e isto não havia... E a “1ª Voz off” diz que a água da criação “lave as sujeiras”, e a “2ª Voz off” emenda que “não seja contaminada pela poluição”, e que “dê flores”, e que “dê frutos”, mas, e ele?, sem a corrompida esperança? sem água no deserto? Nicodemos, Verônica, José de Arimatéia... ninguém! “Comprometer-se com Jesus é imitar Verônica...”, é “ter a audácia de partir para enxugar a fisionomia do mundo de hoje”, que criou o que está aí, mas quedou-se “acorrentado a mil formas de escravidão” ...como faz com ele, o mundo, acorrentado neste corpo sem finalidade, vivo, e isto não é vida... Mas, se Lázaro ressuscitou, se Jesus... “Com Ele aprendamos a ressuscitar também”, exorta o Padre Luna, mas como, se ninguém ensina como? Como? E fica o boi rezando com a mecha enterada na boca, com sua língua de boi ainda sem ervilhas, ainda sem o molho do Pampulha, esperando a definitiva páscoa, a que lhe devolverá as bolas... e seria inédito!)

balaios, e é como engorda o boi, e é como vai levando, o futuro bem claro, só esperando a hora de vender o boi, na entresafra, o preço lá em cima, o boi perto dos mil quilos, e se arrancar daqui – quebrar as algemas da independência –, pra coimbras... Louca, louca!

1.2.1. “Pero hijos se hacen...”

Ai, ai... De nada adianta gritar: “Reloj, detén tu camino!” Nossa vida, assim mesmo, se apaga.

Felizes os que têm entes queridos a prantear-lhes a morte que – sempre célere! – aproxima-se, instante a instante. Podemos imaginar a dor do pai da Quelem quando, afrontado por ter perdido o grande prêmio da raça na Exposição, serviu seu bellissimo exemplar ovino em churrasco, podemos dizer, “fúnebre”. Dor igual sentiu o basco Ugartemendía, hacendero de Río Negro, quando perdeu, de um golpe, carneiro e filho. Conta Don Barrán que um vizinho foi até o pai, consolá-lo, no que comenta – desconsolado ele, como acontece com os que sentem as coisas de fora – que o morto já “andaría por años, no?” O outro responde:

– No, hombre, compré borrego el año pasado en Montevideo.

O vizinho compreende que morrera também um carneiro de Ugartemendía, mas insiste com sua desolação pela criança:

– Pero el chiquilín ya criadito, qué lástima...

Ao que o basco contrapõe, mui sensatamente, pensamos nós:

– Sí, sí, lástima, sí, pero hijos se hacen, mas carneros finos no se hacen!

Naquela época, as famílias eram numerosas e, morrerem crianças, coisa muito natural. Os pais “anestesiavam-se”. Tanto que, precavidamente, um certo senhor nomeava a todos os seus filhos de Camilo,⁵⁹⁷ “para el caso de un prematuro fin de su hijo mayor, este nombre patronímico continuara perpetuado en la familia”. Quem conta é Don Barrán. Filhos, filhos...

Otacílio só tem Andressa. Não tem cavalo, arreio, pilchas e trabalha na lavoura – o capão –, mas tem de seu Andressa.

Muito apanhou, guri bastardo, solto nas macegas, mas em sua filha nunca encostou a mão e tem claro que nunca encostará – a não ser que seja a tunda necessária, que a guria peça. Um pai tem o sagrado direito de corrigir seus filhos. Otacílio, todavia, não se vê corrigindo Andressa, rebenque na mão, bundinha de fora. Nem em Tunica nunca deu – não que merecesse, mas para impor sua autoridade –, nunca! Feliz dele, que tem uma filha saudável – a não ser pelo cocuruto na cabeça, um nada, já se sabe – e uma mulher decente. Pensa, vejam só, sem conhecê-lo – e sem rima –, o mesmo que canta Zitarrosa: “A la mujer, cuando es buena, / no hay plata con que pagarle. / Pero, cuando sale mala, / no hay palo com que pegarle.”

⁵⁹⁷ (aqueles judeus Alexandre, vejam, o ano dos Alexandre... E esse pai Camilo, que coisa...)

1.2.1.1. Enterrado vivo

Não tem cavalo, Otacílio, nem carneiro, e sua filha é uma “bonecrinha, Seu, uma boniteza!”

Tem, contudo, medo.

Um medo incontrolável, ainda que a ninguém aparente; um quase terror que é tanto pior quanto mais fuça e não encontra o que o sustente. Sabe o que teme, e só; o absurdo do que teme: como Olivério Camargo, ser enterrado vivo. Ser enterrado vivo. Estar vivo e cobrirem-no de terra, pá a pá, como quem abre boquete em taipa de lavoura e atira a terra... sobre seu corpo de gaúcho.

Bá, Deus te livre!

Em todo caso, tem procedência o temor de Otacílio: esses tempos, aqui mesmo em Nova Hereford, moradores dos arredores do cemitério, como a Dona Mirta, cuja casa fica na esquina da Cel. João Francisco, de frente para os fundos do campo santo, ouviram risadas que dali vinham. E há, todos podem ver, rachaduras no imenso paredão. Dona Mirta foi reclamar na Prefeitura e chamaram a próxima de louca. Não prestam pra nada mesmo: louca, sim, mas quando os ossos estavam, bem dizer, saindo pelos buracos da parede foi ela que avisou! Que culpa tem se não fizeram bem o serviço? Não vê mais ossos, não vai mentir, mas ouve conversas e, no meio da noite, umas gaitadas tenebrosas, coisa muito feia.

Confirmam que estão bem os ouvidos da vizinha vários cidadãos da Vila Borges de Medeiros, todos impressionados com a falta de respeito dos mortos, pela hora e – novamente, Deus te livre!, sempre é bom ter Deus do nosso lado, não do outro, Deus te livre! –, pelo lugar.

Nunca se temeu tanto a morte no pampa como hoje: ou porque antigamente ela fosse uma constante nas contingências do dia-a-dia – “para morrer, basta estar vivo”, dizia-se –, ou porque se acreditava piamente na outra vida e, por consequência, na naturalidade do trânsito de uma para a seguinte. Mas, mesmo naqueles tempos bárbaros, a passagem em sentido contrário, de lá pra cá, causava chiliques nos mais corajosos. Assombrações volta e meia visitavam os gaúchos, que fugiam como o diabo da cruz.

A vizinha Alegrete, terra de gente por demais assustadiça, tem muitas histórias de assombrações. Numa delas, em noites enlouradas, o fantasma de uma linda moça, violada por um teatino desalmado, sai do poço do rio onde, de vergonha, afogou-se, vestida de branco e chorando, chorando de dar dó. E aí? Bom, só. Quer dizer, se algum jovem for atrás da beleza da aparição, morre ou fica louco.

“Então, ninguém vai, ora...”

Ora, ora, dizemos nós: se fosse em Nova Hereford, assombrada ou não, o macherío caía em cima da pomba: ali, sozinha, altas horas, estaria querendo o quê? Vai ver, gostou. Vai ver queria experimentar outra vez do tento que sobrou no meio das pernas do homem quando Deus – guasqueiro bom barbaridade, talvez como o Seu Eudoro, do Cantagalo, melhor impossível – o criou, na parte que, por falta daquele tento, ficou descosturada no meio coisa mais querida das suas próprias pernas, assombrosas.

6.5.4. A expressão cruel da realidade

O primeiro mandamento do stalinista-democrático é aquele mesmo dos chanchos, de domínio público, pro causo, tal a justeza do chapéu na cabeça: “todos são iguais perante a lei, mas alguns são mais iguais”. Vejam que a Constituição Federal, no seu Artigo 5º, repete o axioma apenas em sua primeira parte, porque a segunda, pública e notória, é fonte do Direito, por supuesto, mas consuetudinária, consubstanciando sentenças e, conseqüentemente, criando jurisprudência e, creiam, doutrina, mas não seria politicamente correto inseri-la em lei, imaginem na Lei Maior... O artigo ainda garante a “inviolabilidade”, nesta ordem, “do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Nos parece que, na prática – expressão cruel da realidade –, os direitos vigem inversamente, ao menos para “os mais iguais” não contemplados em lei mas recompensados no que chegue – se isto é possível para quem, sempre!, o saco não teve fundo – naquilo que importa, que é o que podemos chamar de “poder de compra”.⁵⁹⁸ Vejam que a “igualdade” nunca passou de palavra vazia; slogan publicitário, falando modernamente; mentira institucionalizada pelos criadores de nossa mitologia. DF diz que:

– A massa livre das classes subalternas era banida da vida política. Isso porque os farrapos adotaram o mesmíssimo sistema eleitoral censitário do Império.

Está lá no projeto constitucional farroupilha, *ai, ai...* “são excluídos do direito de votar nas assembleias paroquiais... os que não tiverem de renda anual cem mil réis por bens de raiz, comércio ou emprego”. Para votar para deputados, senadores e conselheiros de Estado, era um tantito más caro: “duzentos mil réis por bens de raiz” etcétera. Agora, para candidatar-se a deputado, “não menos de trezentos mil réis de renda”. Plata y plata.

Por isso, comenta Freitas, “social e politicamente, a insurgência nada teve de generosa” e foi “altamente impopular”.⁵⁹⁹ Antes do direito à igualdade sempre estive o de propriedade, “sagrado” para os fazendeiros, que fizeram – em seu santo nome – as revoluções. E como tal, sagrado, *aiiiiiiiiiiiii, superior ao comezinho direito à vida, pois todos sabem que para morrer basta estar vivo, sendo estar vivo, nesses termos, assim como morrer... e até menos, considerando que se morre para a vida eterna.*

6.6. “Plante que o João garante”

Os fazendeiros estão novamente brabos. As reuniões no GRUNHE são tensas.

Há alguns anos atrás, todos batiam palmas e carregavam faixas enormes onde se lia: “Plante que o João Garante”. Como o João não garantiu – o cavaleiro presidente João Baptista Figueiredo, aluno de Dona Mimi, quando gurizote na alcatéia que chamam Alegrete, aqui ao lado –, bloquearam as estradas, botaram a arigozama a entregar panfletos no sol e entrincheiraram-se em barracas, a discutir “a conjuntura”. As faixas, então, outras: “Plante pouco que o gordo é louco”, e mimos quetais contra o Ministro Delfim Neto, que, pouca vergonha!, até paulista era!

⁵⁹⁸ (expressão muito do gosto do colega Roger, que está sempre repetindo essa coisa dos farrapos)

⁵⁹⁹ (esse Freitas nos dá cada susto! Qualquer dia mata um do coração nos CTGs, estas igrejas do culto gaúcho! ...E o Otacílio, coitado, quer porque quer mas nem sabe por que... desfilar no dia 20.)

O que discutiam? Bueno...

Um exemplo ao léu: a visita aos piquetistas feita por um grupo de abnegados defensores do meio ambiente interessados em debater com o presidente de tão importante entidade a nova Lei de Recursos Hídricos, que obriga a todos que de alguma forma mexem com a natureza a respeitá-la, sob pena de serem multados em valor muito acima de quaisquer ganhos que lucrassem por xingar o gordo. Foram lá o Artêmio e o João, líderes do movimento ambientalista. Tomaram refrescos – nas barracas de campanha é bem fresquinho, sabem?, a lona é grossa – e falaram, falaram e nada. O homem só olhava pra eles, imperturbável, compenetrado. Até que, já quase a perderem o fôlego de tanto explicar a coisa, o denodado presidente do GRUNHE, interrompe-os e, virando-se para o João, lasca:

– Faz tempo que eu quero te fazer uma pergunta.

– Sim. O que é? – responde o outro, esperançoso. *(Ah, vocês não sabem o que significa a, mínima que seja, demonstração de interesse do interlocutor para com os arrazoados entusiásticos dos idealistas. Abre-se um Jordão de esperanças ao simples desfranzir de cenho do ouvinte, ouvinte tumular, dir-se-ia, ou, para que vocês entendam, ator ganhando a vida como estátua de purpurina nas praças da metrópole – e isso, essa pasmaceira, esse cheiro é Nova Hereford –; a interrupção, o reconhecimento, melhor dizendo – ó, esperança! –, para os visitantes, soa como se alguma moedinha de razão tilintante o fizesse reviver. Melhor ainda, como se naqueles jogos infantis em que se petrificava os mais lentos – e o homem é leeeeeento –, que só voltavam à vida pelo toque mágico de um outro... e o toque dá-se, menino! Será? Será que o impenetrável líder classista havia sido tocado pela razão amiga ou, que seja, em épocas tão neocapitalistas, pela moedinha na caixa adequada? Ai, ai, ai...)*

– Sabe o que é? Eu tenho uma filha, estudante de Adevocacia, que está trabalhando no escritório de uns amigo dela, uma gurizada. O salário não dá nem pro fumo. Eu queria saber se tu consegue, com os contato que tu tem lá, uma colocação pra ela na Assembléia...

Quando Fernando Henrique Cardoso disse que o Brasil é um país arcaico, um país de caipiras, o dito não repercutiu como quando Collor chamou nossos automóveis de carroças. Porque FHC é um homem educado e – não menos importante, para ambientalistas – porque carroça, se não polui, deixa cheiro.⁶⁰⁰ Mas aquilo, ali no pampa em pé de guerra, era uma desfaçatez. Vocês não calculam as toneladas de terra que são perdidas anualmente com as lavouras, esses gringos não há jeito de aceitarem o plantio direto. Os arroios estão secando, pelos ataques imprudentes à mata ciliar e pelo assoreamento incessante; os rios, em época de puxada d'água, cortando.

⁶⁰⁰ (e eles têm, quase todos, o nariz assim, empinado, donos da verdade... Ah, e olhem esta. Deu no New York Times: um brasileiro desses empinados disse ao jornal que os brasileiros sabem que “Lula não cursou a faculdade” – ele já tá eleito, repetimos, e nós, aqui nas notas, e às vezes não só nas notas, trazemos o tempo, que boleamos de jeito, dominado no mais, preso à cincha... da caneta – e que, “na mesma situação, provavelmente cometeriam os mesmos erros”, por isso relevam o presidente, “devido ao profundo senso de identidade que Lula estabeleceu com eles”. E o homem é presidente de um instituto de pesquisas! Não dá um pânico ouvir isso? Para nosotros, gauchos, o que importa são as faculdades vitais... e, claro, as mentais. Tem um louco aqui em Nova Hereford que é formado em três ou quatro faculdades dessas de estudo, mas nem por isso deixa de ser louco, pensa que é o Búfalo Bill... Esses dias, deu na telha brincar de tiro-ao-alvo; não tinha nada para fazer com esse calorão, e ficou atirando da janela do apartamento nos autos que passavam... A estepe pampeana, de vez em quando, também fabrica seus lobos bobos.)

Ainda que Nova Hereford esteja ubicada em berço esplêndido, sobre o maior aquífero subterrâneo do mundo, o Botucatu, reserva de água doce que nos faz sonhar doce o futuro da terra natal, precisamos desde logo cuidar de nossos mananciais, do, por assim dizer, nicho ecológico onde vivemos, animais em extinção – porque em extinção a coragem, a honradez, a lealdade, o gaúcho *modus vivendi*, resumindo –, e não, onde já se viu?, buscar “colocação” pra filha burra de quem quer que seja.

6.6.I. No *coffee-break*

Agora, anos mais anos passados, a terra continua sendo maltratada por quem dela tira o sustento – às vezes a ostentação! – e, nos recursos colhidos, os recursos irrecuperáveis gratuitamente ofertados. Contra o relógio, corremos, sem rumo no pampa largo...

O que discutem hoje, nas salas refrigeradas do GRUNHE?

O pampa – “contra o relógio”?, corrija-se – é um espaço; quem liga para o tempo, esse cronos, quando vive no esgrimir-se com o tempo meteorológico, faça chuva ou faça sol? Os mesmos Artêmio e João, amigos, homens bem-intencionados – sempre os há, mesmo em pocilgas, no caso, chanchos bem-intencionados, comparação inadequada, diga-se, para que não pensem que temos algo contra uns ou outros –, participam de uma roda no *coffee-break*.

Joel acaba de regressar da Europa, onde passou trinta dias com a mulher:

– Uma bosta! Se paga um caminhão de boi e eles servem comida pra passarinho.

Tem, com o pai e o cunhado, vinte quadras de sesmaria arrendadas para o arroz, mas leva o gringo “com a cincha apertada, seguro morreu de velho”. Planta ainda duzentos hectares de azevém:

– As vaca tão guspindo ternero e não hay pasto, rapaz! Tem bicho bom mermando porque não têm o que comer. Passando fome! Uma barbaridade!

Quer botar uma piscina de vidro “no terraço do apê” com o fundo dando para a sala. Bebe um gole de cafezinho fazendo aquele ruído farfalhante de quem chupa sopa de colher em Nova Hereford – e assim é; sem o ruído, não tem o mesmo sabor; sorver o líquido ruidosamente é como arrotar para os turcos da rua Rui Ramos, sinal de que a coisa é saborosa – e comenta que o negócio é queimar o campo pra vir o novo rebrote:

– Lavrar ou roçar não dá, se gasta uma fortuna. Isso é pra rico.

O Claudiomiro, agrônomo, filho do Seu Plauto – quinze quadras, daí pra fora –, plantel respeitável de charolês, discorda:

– Tu gasta mais a longo prazo queimando, acaba com os microorganismo...

Mas o outro não quer saber:

– Vaitimbora, Diomiro! Essas modernidade só dão prejuízo. É que tu recém tá voltando pro pago; a capital, sabe como é, aquela fantasia de faculdade, livro demais, letrinha miúda, a cabeça solta fumaça. Senta a poeira e depois me diz. O azevém mesmo, fizeram direto e não veio.

O agrônomo:

– Sim, mas não pelo plantio direto e sim pela falta de chuva. E, parece mentira, mas no convencional, pelo menos do arroz, tu perde duas tonelada de terra por hectare ao ano.

Joel, erguendo a voz (e tachamos duplo, falta de respeito):

– Quisperança! Vai me ensinar? Vocês têm é que viver no campo! Imagina se não queima aquele pastizal?!

O agrônomo pega um jornal local que estivera lendo e mostra: “Queimada é crime”. Quem correr o risco, diz o semanário, está incurso no Art. 250 do Código Penal, “com pena de reclusão de três a seis anos e multa”; no Art. 27 do Código Florestal, “com pena de prisão de três meses a um ano ou multa de um a cem salários mínimos”; e no Art. 159 do Código Civil, que o obriga “a reparar os danos causados a terceiros”. Claudiomiro brinca com o, pro causo, criminoso:

– Acho que uns vinte ano e mil salário tu já deve tá devendo pelos ano que tu queima.⁶⁰¹

Todos riem, mas Joel, contrariado, aponta o dedo pras fuças do agrônomo e vocifera:

– Olha, guri. Eu vivo no campo há quarenta ano, planto arroz há vinte, meus crioulo foram a base pra criação dos Barro, que, todo mundo sabe, ganharam o Rorse⁶⁰² e coisa e tal, mas o sangue, a genética que dá a eles condição de ganhar essas prova vieram de lá do Guabijú, da minha estância, compreende? Se nós não temo nome...

– Eu tenho nome. Por que a brabeza, amor? – Rosa Barros, agora Rosa Barros Moreira, esposa do Joel, mui independente por sinal, talvez pelo berço, que entra nas salas do segundo andar do GRUNHE como quem vai à cozinha da própria casa, para falar com o marido a respeito da maquiagem dos exemplares que serão expostos na Agrofeira de NH, que está, bá!, em cima do laço.

6.6.I. Uma enciclopédial

Rosa Barros Moreira e o esposo conversam em particular, voz baixa num vazio da sala. Ele está irritado, vê-se. Mas a mulher dá-lhe um beijo depois de algumas palavras meio que ao pé do ouvido – a gesticulação do braço, firme, cortante, dando, talvez, o tom, senão o teor do cochicho –, o enlaça pela cintura e o traz de volta ao, como chama, “Clube do Bolinha”, fixando um tanto mais precisamente que deve andar pelos quarenta e poucos, embora ninguém no recinto a veja com mais de trinta e – grosseria típica de gaúcho – se recuse a comprá-la pelo preço de uma de vinte.

– Já atrapalhei vocês, agora deixo o Jô em paz. Ele é todinho das politicagens do GRUNHE. Grrrrr! – brinca a fêmea.

⁶⁰¹ (não tem nada que ver com o assunto, mas o José Ovideu contou que um policial, parece que na Argentina – já tínhamos tomado dois ou três malbec, dá amnésia –, tinha no banco o equivalente a mais de três mil anos de vida assalariada. “Qué bien, no?!” ...O que era mesmo que íamos dizer que não era mentira?... Ah – o vinho, o vinho –, sim: aqui não temos disso; os que enriquecem na profissão é por absoluto mérito!)

⁶⁰² (afirma M.M.Gonçalves que é “horse”, mas, quando diz “horse”, diz “rorse”, compreendem? Milkshaiquispir, o M.M., a poliglota roçando o dulcelácteo céu da boca no falar...)

⁶⁰³ (Luís Inácio Lula da Silva, várias vezes candidato à presidência da república, nordestino, pobretão e sem dedo. Qual eleição, esta? A que vem? A outra ainda? O pampa, vejam, é um espaço. A puta-que-pariu com o tempo que não é chuva, nesta seca tá dizimando os rebanhos da fronteira; um aqui já tirou mais de mil couros no campo, cosa loca! Capaz que já tenha havido essa tal de eleição... Oia o tirão na cincha, e quase que o tempo se vai...)

– A Senhora, por falar em politicagem, vai mesmo votar no Lula?⁶⁰³ – pergunta um mais metido, querendo incomodar o marido, lógico.

– Vou, claro – sorri ela, e vai saindo, vaporosa.

– Ela diz isso só pra me irritar. A que ponto chegamo. Ela tem aquela roupa que tá vestindo – vaporosa, pro causo, explicamos nós – pelo meu trabalho.

– Capaz mesmo que vá votar no Lula, Joel, é só pra te irritar. Se tu não fica brabo, ela pára.

– Aquele baderneiro. Já votei no Collor, no Caiado e no Maluf e, se pudesse, votava no Maluf de novo. Este, sim, tá maduro pro poder.

– Mas se o Lula ganha, não te preocupa, ele não vai tirar as nossas terra. Se foi o tempo...

– Esse país de merda tá perdido mesmo – pensa alto o Jô, que vai ter que adiar “sine die”⁶⁰⁴ o projeto da piscina sobre seus olhos; ele lá, tomando uísque no sofá confortável, escafandrista, as amigas da filha adolescente refestelando-se na água, talvez peladas, hoje em dia... Vai ter que adiar “sine die”, o fazendeiro, que uma vez freqüentou um ou dois semestres de um Direito qualquer e depois de aprender tudo o que precisava, abandonou o curso e voltou às éguas crioulas e ao pampa imenso.

Aprende “sine die”, “sine qua non” e “mutatis mutandi”,⁶⁰⁵ precisa mais? Para um escafandrista gaúcho, o homem é uma enciclopédia.

1.2.2. Estarian realmente muertos?

Otacílio tem certa razão em temer ser enterrado vivo.

Os bois sacrificados pela invasão irreprimível da aftosa – flagelo anunciado pelo Senhor Secretário, que ficou falando sozinho enquanto os maiores interessados, os donos do gado, tricotavam politicagens⁶⁰⁶ –, enterrados em vala comum, muitos deles agonizavam, mu! muuu! muuuuuu!, quando os agentes sanitários, apressados, com mais bois a matar e o dia já alto, os queimavam, Santo Deus!, a fogo ou cal.

As pestes que grassaram pelo pampa desde sempre – os bichos coureados nas arreadas apodreciam no campo; os cães raivosos, nas ruelas dos então vilarejos; os cadáveres dos inimigos, onde os encontrasse o fio, ponta ou pólvora da morte – deixaram como que “um atavismo marcado na alma da gente”⁶⁰⁷ que sempre se manifesta com horror diante de tudo o que seja branco: fantasmas, médicos, chatas alouçadas...

⁶⁰⁴ (Dr. Vazulmiro, especialista em línguas mortas – ao contrário do amigo M.M., que a Fê diz que trabalha bem com a sua –, mas não necessariamente ele, pois, compreendam, talvez o homem nem exista – e isso não declinamos –, e o nome sugira, indique... apenas uma atitude codificada... Poderia ser Antão ou Zuleica... Quem sabe não é Simônides, Isócrates ou Hesíodo? Por ventura Quinto Máximo, que não estava de braços cruzados? Ou nenhum deles? ...Ouvem “Vazulmiro”, e ainda “Doutor”, e pensam num homem velho, caquético, com problema de próstata? O certo, diz Cícero, é que “ninguém é bastante velho para não esperar viver um ano mais”. E que Deus o ouça!)

⁶⁰⁵ (ver nota anterior)

⁶⁰⁶ (repetimos e repetimos e etcétera)

⁶⁰⁷ (Telmo, o Jundiá)

Os hospitais eram locais sobretudo “morideros”, explica Don Barrán; locais para onde se evitava ir ao ponto de, quando das pestes, as famílias esconderem os seus doentes para que morressem em casa, cercados pelos familiares. Em tais ocasiões, nem mesmo o padre era chamado, e, se o era, isso acontecia no último momento, para, através da confissão, livrar o moribundo da condenação eterna. Barrán refere, neste sentido, a ordem de Monsenhor Mariano Soler aos párocos montevidéanos em 1896, recomendando “a los deudos del enfermo en peligro de muerte, y a los que lo asistan, que cumplan con el deber, a lo menos de caridad, de hacerle comprender su estado y la necesidad de confesarse”, que “no se intimiden por las preocupaciones mundanas, de agravar el mal del paciente, que al contrario, los sacramentos e auxilios de la religión lo consuelan y confortan y hasta le traen a las veces la salud; y sobre todo, antes de cualquier otro bien, está la necesidad y conveniencia de asegurarse la salvación”.

Em 1876, na mesma Montevideo, diante do dado de que 41% dos falecimentos não era atestado por médicos, perguntava o periódico *El Siglo* se todos os enterrados estariam realmente muertos. Essas coisas, vejam, traziam muitos temores aos simples. Um enterro foi suspenso na capital uruguaia, em 1866, por creer-se “que la finada conservaba aún el calor vital”. Voltando o corpo à cama, para malogro da esperança dos familiares, viu-se que estava morta a morta.

Mas, diz Barrán, “tal vez el ejemplo más espectacular de las dudas verosímiles de la época ‘bárbara’ sobre el estado real del hombre, lo dió el 30 de junio de 1815 el Alguacil Mayor de la ‘Plaza de Colonia’, llamado por el suicidio de un residente inglés”. A autoridade, para certificar-se do estado do saxão, “a presencia de los testigos pegó al cadáver tres golpes en el pecho preguntándole como se llamaba”. O dito nada respondeu – como também não declinou o nome de quem, afinal, o matava – pro causo.

1.2.2.1. Enterros de campanha

Naquele tempo, ir ao hospital era coisa para indigentes, porque os bem nascidos temiam a solidão de não estar em sua casa, entre pessoas e objetos conhecidos – o travesseiro, a cama, os serviços –, ainda mais que flacos pela enfermidade. Hoje, ao contrário, faltam leitos para a demanda de doentes sem recursos, doentes da falta de saneamento básico, da falta de comida, da falta de emprego, doentes sociais, em uma palavra, que são atendidos nos postinhos e, muitas vezes, quando conseguem a internação em uma enfermaria geral, estão naquele estágio do mal que precisariam mais de tres golpes en el pecho do que propriamente do médico; se vê disso todo dia nos telejornais, gente morrendo em filas de atendimento. Andressa estava enjoadinha da cabeça e Tunica não vinha conseguindo marcar consulta. Fosse no século XIX, a guria teria todo o hospital só para si, junta médica, capelão.

Os anúncios fúnebres dos jornais traziam a caveira sobre o xis de túbias, por falar em capelão; só nas últimas décadas é que a cruz, tão simbólica, substituiu o antigo desenho encontrado também nas bandeiras piratas dos filmes e nos rótulos de venenos. E, se é para enveredar por sendas quietais, diga-se que os apuros de Dona Mirta não são novidade por essas plagas. Era muito comum, nas fazendas, armazenarem caixões para os defuntos futuros, aproveitando a perícia de algum tumbeiro afeito às carpintarias.

Enquanto esperavam o cumprimento de seu destino subterrâneo, os caixões serviam para sestas, ninhos de galinha, amores roubados. E por falar em roubados, era o que

costumava acontecer com os ossos dos defuntos sepultados nos supracitados caixões-ninhos, nunca obras de carpinteiros suficientemente peritos a ponto de vedá-los aos cães, fuçadores contumazes desses enterros de campanha, cheios do ouro que são os ossos em boca de cadela; enterros sem capelão e a conseqüente salvação das almas, que saíam a assombrar os vivos, como a moça linda do rio.

Mas a Andressa, Deus te livre!, não.

Tinha apenas uma coceirinha na cabeça. Fúnebre está a cabeça de Otacílio lá com seus problemas – pessoais mais que de pai, era só uma bolotinha que coçava –, problemas menores do que o dos outros, como o filho do caso descrito por Don Roberto Boutón, acontecido em fins do XIX perto do Río Negro.

6.2.2.1.1. Libaciones de caña

Antes, para os que não sabem como era no pampa, expliquemos que amigos, parentes, vizinhos, todos acorriam a velar os mortos próximos, velórios que duravam muitas horas – para ninguém correr o risco de ser enterrado vivo –, à base de rezas, um pouco, choros, de alguns, e muito mate, doce ou amargo, chocolates, biscoitos, bolachas, pucheros... “tudo regado com ‘libaciones’ de caña”.

Pois o sobredito filho, depois de muitas “libaciones”, pôs o caixão em um carrinho preso à cincha do cavalo e saíram em cortejo ao cemitério de campanha para, enfim, o defunto poder repousar seu sono eterno. “Y marcharon medio ‘mamaos’, especialmente el conductor, que por el ‘disgusto’ se había pasado toda la noche tomando caña. Proseando y pitando iban, cuando al pasar frente a una pulpería, el conductor del carrito hizo alto e invitó a todos a hacer lo mismo para beber. Dijo: ‘a salu de padre muerto, que a padre muerto también gustaba’. Siguieron viaje, pero se desprendió la cincha y el carrito quedó en el medio del camino, siguiendo al trote como tal. Muchos vieron lo pasado, pero teniendo en cuenta lo pesado que iba el muerto, hiciéronselos ignorantes de todo, por ver hasta dónde irían las cosas”.

Bueno, pra encurtar, o filho, ao dar-se conta de que sua carga aliviara, diz aos outros: “He perdido al padre muerto”. E sai à galope em sua busca, perguntando aos mais mamados, que tinham ficado pra trás, se alguém vira “al padre por ahí?” Assim eram as coisas por estas bandas, cruas como deve ser a picanha por dentro, ao servida.

Os jornais, arautos do pensamento de seu tempo, como o *La Tribuna*, publicava, em 1876: “El cuerpo se horroriza ante este nuevo mundo cuyas puertas están guardadas por la muerte, cuya atmósfera son las miasmas inmundas del sepulcro, cuya luz es el fuego fatuo de los cadáveres en descomposición, cuya vegetación es el velo glutinoso de insectos que extienden sus pliegues vivos, trémulos y asquerosos sobre los cráneos y fragmentos que fueron en un tiempo espléndidas cabelleras, brazos esculturales, senos de vírgenes, auroras de deleite”.

Hoje, até a morte despiram – a civilização e seu econômico, brutal, brutal senso prático.

3.6. Tudo agora é num vu!

O trânsito das coisas no mundo mudou sobremaneira nos últimos tempos, e tão rápido que as pessoas vêem-se, da noite pro dia, despojadas do que sempre foram. De

repente, rasgam o campo trilhos de ferro e, logo, linhas o céu, de luz, de transmissão de sinais. Nem bem estamos curados das primeiras vergastadas no lombo e lá vêm outras e outras. Haja salmoura pra tanto talho.

Um próximo está mateando no galpão, depois de um dia de lida braba, e, sem aviso, do nada, toca o clarim ou canta um galo ou... Sem aviso, do nada! O gaúcho leva um susto, ensimesmado que está, pode até virar o mate nas bombachas, como guri. Mas, será os pé!?, o que é aquilo? O gaúcho olha em volta, procurando, no relance, a coisa, a coisa aquela, o quê? E vem o patrãozinho, divertido, dizer que “é o celular” e pega da cintura um aparelhinho assim, vermelho, aperta ali em alguma coisa e sai falando, sozinho, modo de dizer.

⊖ telefone já é uma praga na cidade, maneando as pessoas, que nem podem dar uma volta, prosear aqui e ali com os conhecidos. Mas este “celular”, um mosquitinho, é demais da conta.⁶⁰⁸

Senhor! Onde é que vamos parar?! Tudo agora é num vu! Tá e deu.

3.6.1. Gente infornada

Otacílio tem parentes em São Borja e em Quaraí. (Não vê que Nova Hereford fica bem aqui no meio, por obra dos valentes João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta.) Esses primos carnis de Otacílio – por parte de mãe os missioneiros; de pai, os cá de baixo – sempre se viraram no campo, fazendo de tudo um pouco, e, quando a coisa ficava apertada, como chibeiros, trazendo de quilo, só o que podiam carregar, como formigas. Sempre foi assim.

Pois não é que agora deram de prender as pessoas e tomar as mixuruquezas que trazem!

Gente pobre, todos. Do lado de lá é o mesmo. Um guri pergunta pro tio se são contrabandistas, e o tio:

– Sim, de quilo a quilo. Um quilo de açúcar, outro de erva ou de feijão... Por isso chamam eles de quileiro. Vão a pé, com a bolsa nos ombro.

O guri quer saber se são bandidos, e o tio:

– É difícil explicar. Quando tu for maiorzinho vai compreender. O que o homem faz pra defender os seu tá bem feito. É a lei natural.

O guri:

– Então não são bandido?

O tio:

– Não, filhinho. Não são bandido. São gente boa, mas infornada.

Sérgio Faraco e Don Murgúia, um brasileiro, o outro uruguaio, dialogaram este diálogo e mais miles do país dos gaúchos.⁶⁰⁹ Conhecem? Gente boa, instruída. Nos compreendem, eles, porque são como nós. Tivéssemos destes no deserto que é Nova Hereford, vivendo aqui no meio do nada, quem sabe abiriam a cabeça dura do prefeito, do presidente da Câmara, da gente do GRUNHE.

⁶⁰⁸ (repetimos, porque, solenemente: somos contra o celular!)

⁶⁰⁹ (os erros nos “esses” e nos “erres” são de exclusiva culpa do IC, que nem pra copiar presta e o revisor se recusa a ficar procurando o original... E se entrou bunda adentro do Sirley?... Será os pé...)

3.6.1.1. A vida é a coisa mais horrível

Chibear não pode, mas tudo o que vem do Paraguai, entra.

Aliás, o camelódromo é talvez nossa maior indústria e grande atração turística, uma Pérsia de bancas metálicas decoradas com bandeiras de clubes de futebol. Invadiram a terra do Solano López, acabaram com tudo o que tinha lá – o que, ó ironia!, precisamos conquistar ainda hoje, autonomia política e econômica – e nos vêm com ALCA! –, inclusive quanto às oligarquias, terra para todos que queiram nela trabalhar – e nos vêm com Banco da Terra! –, analfabetismo erradicado, dívida nenhuma, boa base fabril, ih!, tanta utopia... – e nos vem com... *ai, ai, ai, a vida é a coisa mais horrível, a gente trabalha, trabalha, guarda um dinheirinho e faz o quê?, tem que dar cria... então, a gente junta um pouco de cada um, que é pouco, mas é tudo o que cada um tem, e, juntando, bá, dá pra comprar muitas e muitas raspadinhas, o seu Juca da loteria até disse “Vocês vão me deixar sem o que vender, pessoal, mas o que é isso?”, a gente vendo que tava louco de faceiro de encher a gavetinha de real, depois, a torcida pro sorteio, um de mão com o outro, no pátio da casa da Neca, que é grande, rezando, pedindo o que, bem dizer, era de direito nosso, tudo, anos de trabalho ali, e não é que deu tudo errado, só um ventilador de prêmio, se fosse um pra cada um, mas só um, com esse calor, de que adianta?, a gente querendo aplicar o dinheiro, como vivem dizendo esses na televisão, convencendo a gente que a gente vai ganhar, bem dizer, já ganhou, e, vai ver, um ventilador... O pastor da igreja da vila fala que é pra ter calma, que Deus está olhando por nós, mas não deve ser pra nós, nós, tanta gente precisando... mas o pastor diz que já teve no fundo do poço e que agora faz milagre com as mãos, e ele olha pras mãos quando diz isso, parece louco, as mão da gente nem é bom olhar, tudo rebentada, encardida... e a gente cada vez mais que nem passa de uva, a filhinha da Neca ainda com aquela alergia dela, só podia com leite de bode, vê se pode, e pra achar o cabrito, menina, foi outra novela..., bá!... –, e agora, cento e tantos anos passados, chibeiros rio-grandenses vão fazer shopping em Ciudad del Este e nos trazem o que quisermos, basta especificar o pedido.*

É triste, mas não carecemos de lenço, guardem pra vocês, maturrangos, as lágrimas. Somos ou não somos filhos de João Burro, Mata-Sete e Saia-Curta?

3.6.1.2. A fruta da galinha

Hay que entender; entender lo que hay.

~~Os paraguaios tinham conseguido fugir da clave de desarrollo imposta pelos países ricos a nosotros, ou seja, vender produtos primários e comprar manufaturados, espelinhos com quantias e quantias de “valor agregado”.⁶¹⁰ Claro, eles botam os preços e definem as filigranas do grande mercado: o embaixador mexicano nos Estados Unidos, em 1962, assinalou que “o México perdeu mais divisas em um ano apenas, em virtude da queda do preço de suas exportações, do que recebeu em empréstimos durante os últimos cinco anos”.⁶¹¹ O presidente do Brasil, o gaúcho – e bota~~

⁶¹⁰ (Seu Libório)

⁶¹¹ (e o acordo é bilateral, bota bilateral!)

gaúcho!, em campo alheio, bá! = Jango, no mesmo ano, discursava no Congresso Norteamericano:

– A história da deterioração crescente dos termos de troca entre produtos primários e manufaturados é bem conhecida de todos. De ano para ano, o número de sacas de café, cacau ou de algodão, compra menor quantidade do mesmo tipo de equipamentos e produtos manufaturados:

Sejamos didáticos.⁶¹² Tomemos o caso específico de Otacílio.⁶¹³

O produto primário de Otacílio é seu suor, que ele vende mês a mês por um valor determinado por quem o paga, em última análise. Muito bem. Com o que ganha, no correr dos meses, Otacílio pode comprar cada vez menos coisas, pois elas ficam mais caras e o seu salário continua o mesmo. Grosso modo, é isso; qualquer grosso entende. Daí ele não ter condições de ir numa loja e mandar baixar das prateleiras tudo o que precisa pra desfilar e não fazer feio. O gaúcho, então, sofre de parte do patrão o que este sofre do mercado, senhor a quem serve de corpo e alma. A diferença é que Otacílio nada tem de seu, além do barraco onde moram mulher e filha, e o Seu Valentininho tem horrores, só de campo, bá! Porque – para que entendam de uma vez por todas – nós, Otacílio, os do Sepé, a indiada del sur, somos pobres, miseráveis alguns – que os gerentes dos bancos, os lojistas, os Zés dos bolichos não nos ouçam –, e estamos até o pescoço de dívidas que não temos como pagar. Por isso, o Mino – o Firmino, que a Maríndia cada dia que passa bota um pouco mais de osso naquelas guampas de boi manso –, tá sempre se queixando da vida.

Tomando mate no pátio, domingo passado, ele fez com o queixo pra galinha carijó, poedeira, a valente, que ia se acocando no meio de uns matos do fundo. Ficamos olhando em silêncio, respeitando o momento, bem dizer, divino, até que a penosa – que canja não dava, hein?!, nem é bom pensar, os bibelô do Mino – saiu cantando seu cocó-cocorocó!, a exibida. Ele me disse: “vai lá e pega pra ti, só não te apavora com o tamanho”. E fui e vi, bá, um baita ovão. Agradei pro amigo, que, pensativo – o Mino anda inteligente depois que se estragou –, me saiu com essa:

– O ovo é a fruta da galinha, compadre. Só eu que não presto pra nada...⁶¹⁴

(Se a Maríndia ouvisse, bem que teria pensado: “vamo vê, vamo vê, deixa que a balança decida...” Mulher louca, bem sem-vergonha na cara!)

3.6.2. Arcimboldo

O Senhor Franklin de Oliveira já dizia, há quarenta anos, que:

– O quadro social da vida agrária não se alterou e continua hoje sendo fundamentalmente o mesmo do tempo das sesmarias.

Do hoje dele pro hoje nosso muito pouco mudou.

Don Bagayo y Balurdo, arguto sempre:

⁶¹² (que o compêndio, pro causo, é)

⁶¹³ (um “case”, diz M.M.Gonçalves, e já andamos meio desconfiados que tá nos fazendo de bobo. Antes era só know-how, baby, I love you, Woodstock, Matasuch..., Masatuch..., Masashu..., terminava em ets, a gente já tava aprendendo e ele agora vem com “que nada, isso foi yesterday”... Ora, “case” – “queise”, como ele diz –, se o Otacílio é isso, imagina o Sirley, parece um hipopótamo!, e o Mino? Bá, coitado, sem gûevos...)

⁶¹⁴ (essa não! Boi manso, tá bem, estropiado e tal... mas, botar ovo? Um gaúcho, Mino?!...)

– O trabalhador rural em nosso país, por mais que labute, não tem munício suficiente para compor uma única tela de Arcimboldo, o que é deveras ruim, não só para a nutrição desses pobres-bichos, como também para o bom funcionamento do seu intestino, considerando-se o quando o célebre artista cuidava de balancear a dieta de seus retratos, resolvendo o, para outros menos criativos, clássico dilema entre o feijão e o sonho, tão somente no pintar feijões, nabos, alcachofras, a horta mesma viçosa, inteiramente colhida nos rostos sempre corados de seus camponeses, realizando, assim, na arte, o sonho, que é de todos, da barriga cheia. E, não menos importante: Arcimboldo tem “ar”, tem “sim” – porquanto “cim” é “sim”, ou muito me engano – e tem “boldo”, sendo o do Chile o melhor, não se discute, mas qualquer um senta depois de uma lauta refeição, especialmente noturna. Sabemos todos que não é bom dormir de barriga cheia, há quem morra disso.⁶¹⁵

○ Senhor Ibiapaba Martins, à época,⁶¹⁶ falava que a “mesma miséria e decorrências do arcabouço semifeudal da nossa estrutura agrária” atingia trabalhadores rurais e trabalhadores na indústria de alimentação, mas os objetivos perseguidos pelos sindicalistas eram diferentes: os primeiros lutavam pela terra, os outros por “melhores salários e condições de trabalho”. Segundo ele, diante disso, a “aristocracia rural” tinha “verdadeiro horror” às conquistas dos trabalhadores urbanos e fazia tudo para manter os trabalhadores rurais imunes ao “vírus da cidade”.⁶¹⁷

Muito pouco mudou, não é?

Os do Sepé continuam a lutar pela terra e os fazendeiros continuam a horrorizar-se com isso. Talvez o Movimento Sepé Tiaraju tenha sido contaminado pelo tal vírus – o, melhor dito, vírus da cidadania – mas, no restante, as condições de trabalho do peão são quase as mesmas. Diz o Senhor Ibiapaba – e nem precisava, que isso é mais velho que as pedras mouras do Inhanduí – que, para os antigos donos, até os latifundiários “não passam de posseiros”. E ainda assim, esses posseiros, “pequeninos, inábeis e superados senhores feudais”, quando vêem um empregado “desnutrido” à espera da “ordem”, costumam perguntar “o que é que aquele brasileiro quer?” O brasileiro, nota-se, “é um pária para eles”.

⁶¹⁵ (é verdade, mas quando não entrou o sol, mal não faz. Um amigo, o Seu Dinarte, estava tratoreando desde cedo, já meio entregando os pontos, mas é que o tempo ia bom e não dá pra deixar pra depois quando se trata de agricultura, o patrão fica fulo, e nisso se veio a vizinha, bem bonita que ela é, de banho tomado, o talco branqueando o pescoço, pra mostrar, claro, e a boca rebocada, oferecer, como ela disse “um fiambre” pro Dinarte, “o senhor não pára, tem que tá loco de fome”. O homem não ia fazer uma desfeita pra moça, cheirosa de se sentir longe, e pitoquinha, parecia uma boneca, o Dinarte tinha um fraco pelas mais petiças... Bueno, ao menos um dos regalos tinha que comer... ou os dois, esse Dinarte, sempre esganado!)

⁶¹⁶ (de meados dos anos cinquenta a meados dos anos sessenta, corte temporal de grande interesse para nós que, quase todos, *estávamos, como se dizia, “na flor da idade”, ao mesmo tempo em que o mundo mudava de fato, radicalmente, como nossos corpos – os pêlos, os seios, as pantalonas... –, para sempre, e nem desconfiávamos, quanto ao mundo, que fosse nos decepcionar tanto, ou nós ao mundo, que nós, que tanto sonhávamos, não o fomos capaz de mudar ao nosso feitio enquanto celeremente dava um pinote de 180 graus, como um pião, girando louco, totalmente fora de nosso florido, pacífico, amoroso, desbotado e cabeludo controle, coisa que nunca tivemos nas mãos, controle, o sonho já tinha acabado em 68, compreendem?, em 69, sabem?, porque Paris, Woodstock, Nova Hereford... é tudo o mesmo pampa, deserto, tudo é sempre o mesmo deserto, ai...)*

⁶¹⁷ (busquem que já falamos nisso, mas repetimos, e repetimos...)

O brasileiro, como o gaúcho, sempre foi um pária. Mas quem são os antigos donos, tanto da terra lá de São Paulo, de que fala o Senhor Ibiapaba – que acabamos de tachar – , quanto do pampa? Os índios, por supuesto; os índios vagos; os gaúchos; os ancestrais dos párias do Sepé. E Otacílio, vejam, é meio índio, mas não tem nem meio palmo de terra, desta sobre a qual trabalha desde que, em suas macegas, nasceu e se criou guacho.

1.23. *Guarde seus níqueis!*

De fora, é melhor do que estar ali no combate do assunto; se pega mais das coisas.

Assim, por exemplo, Walter Rela⁶¹⁸ diz que “el individualismo y la rebeldía fueron las bases sobre las que evolucionó el hombre de campo” e, com o tempo, com o avanço das cidades sobre este mesmo campo, conspurcando-o, “el gaucho se convierte en un rebelde del orden”, em “un ser marginado”. Na aparência, uma localidade como Nova Hereford, modorrenta e pacata, nada tem a oferecer a um eventual viajante. Mas “la vida del gaucho transcurre en el mundo físico de la llamura inmensa y despoblada”, explica WR, com isso – a menção da palavra “gaucho” – abrindo uma Las Vegas de possibilidades, fortuna cultural.

Deserto por deserto, o nosso é honesto: guarde seus níqueis!

Aqui se joga o truco, folguedo de muchachos viejos. Ninguém tem o olho maior que a barriga, se aposta a cerveja, quando muito. Ficar rico? E o que que é isso? Temos hábitos morigerados, incomodação praoquê? Um que outro, como diz o Pereira,⁶¹⁹ é “ambicionero”, mas estes não sentam o pêlo e saem pro mundo – tentear la suerte.

Agora mesmo, neste abafamento que Deus-te-livre, muitos de nós nos juntamos em algum bolicho ou em casa mesmo, onde corra a fresca, e passamos o tempo carpeteando. Não queremos nos gabar, mas o baralho espanhol, cheio de figuras coloridas, é muito mais bonito do que os outros aqueles, em preto e vermelho, sem chamarisco nenhum, e ainda assim viciam, pois, todos sabem, o vermelho é a cor do diabo e o preto é onde ele se esconde.

No truco – ou na escova, que junta a família toda e se conta os pontos com grãos de feijão, depois, se cata os que ficarão de molho pra cozinhar no dia seguinte – dá-se a expansão da alma gaucha. Um orelha as medonhas e já se solta: “Flor e truco, fedorento!” E o outro: “Quero! E retruco, fiadaputa!” Tudo gente buena, sã. Às vezes peleiam, é certo, mas nunca “por motivo fútil”, como diria o juridiquês desses que têm mais que mosca, e jamais alguém de Nova Hereford matou e depois escondeu-se atrás de “insanidade temporária” e outras barras de saia que a Justiça oferece. Mata, agüenta.

O fiadaputa do retruco se ri do agrado, calçado no azul do ás de espadas e nas sete moedas douradas do belo – a mais linda das cartas –, como berloques à luz do sol, um altar barroco ou qualquer outra imagem que se tenha do esplendor.

Em algumas dessas mesas de confrades, o truco é jogado com o baralho de Tacuabé e então o costume é como um ritual. Persignados ou não os jogadores da liturgia do que fazem, as cartas do charrúa estampando o pano por si rezam. Ah, godos metropolitanos! Ah, rio-grandenses corcoveadores de baios lilases! Vocês não podem saber – e a ignorrân-

⁶¹⁸ (WR)

⁶¹⁹ (coitado do Pereira... E, coisa séria, como o Luca é a cara dele, irmão mesmo, é ver um e imaginar o outro... coitado do Pereira)

cia perdoamos, à distância –, mas o pampa não termina nunca, pro sul; do umbigo do gaúcho brotam inesgotáveis mananciais, raízes fundas, de beber água no Botucatu. Blau contou muito, mas não tudo. Então, chambões de butique, chupins da nossa memória, “escuitem” como ecoa: Tacuabé... Tacuabé...

1.23.1. *Tacuabé, Micaela Guyunusa...*

Rivera, que nomeia a cidade oriental onde vocês costumam comprar uísques, perfumes, camperas, pantalones y otras cositas más, ali, do outro lado da rua de Livramento, em excursões farofeiras, barulhentas e pechinchonas, nomeia também, e antes, o homem, Fructuoso Rivera, primeiro presidente do Uruguay que, uma vez, pressionado pelos grandes hacenderos – a única “categoria social de desordeiros”, conforme Bisol em 1985,⁶²⁰ no Brasil, vejam, o pampa é um espaço, cento e tantos anos depois, igual, igual! –, armou uma cilada para exterminar com os charrúas em Salsipuedes. E conseguiu, à exceção de Polidoro, matador de Bernabelito, filho, irmão de Don Frutos, vingando nele único e num trio de asseclas – vingança de pobre pode pouco – seu povo chacinado.

Mas não foi apenas Polidoro, desculpem, quem escapou da traição armada; embora, não acatando o convite de Rivera, refugiando-se no Rio Grande e adotando o nome de Sepé, como o Tiaraju, tenha, de volta, longa vida vivido, ainda que melancólica, emborrachando-se nos boliches, ao que nos parece, para borrar o passado. Ficou meio terententém, pro causo. Alguns dos incautos charrúas que acreditaram em Rivera, pra pior do que os demais, quedaram vivos, entre os quais Laureano Tacuabé.

Tacuabé, mais a mulher, Micaela Guyunusa, prenha, e os caciques Senaqué e Vaicama-Pirú foram levados para Paris,⁶²¹ onde acabaram expostos como animais exóticos em um circo de variedades. A saudade da terra, a desnutrição e o humilhante uso que faziam deles – selvagens! –, de serem o que eram, charrúas, os homens da pátria de Napoleão – grande general, imensamente menor que o inverno russo, grande looser em Waterloo, tremendo filho-da-puta –, mataram os dois caciques. A altivez pampeana luta ainda em Tacuabé, la mujer e la hija, até que Guyunusa não resiste aos maus-tratos, em Lyon, e os dois sobreviventes desaparecem no velho mundo – sem porteira –, perdidos para nunca mais.

Os que jogam, no entanto, ritualísticos, com as cartas dibujadas por Tacuabé – e gritam “truco!”, sérios, com apenas um sam ou um deti, mentirosos, e ouvem o “quero!” do outro, pior, escondendo os olhos atrás do seu yu, do seu guaroj e do seu flaquito betum⁶²² –, estes são respeitáveis cultuadores de nossas mais lídimas tradições. Não é, portanto, modorrenta como parece Nova Hereford, que em suas entranhas – à sombra fresca de paraísos ou em salas arejadas – lateja o gaúcho.

1.23.2. *“Cielito, cielo que sí...”*

También los hay os que jogam com os naipes artiguistas del año de 1816, creados pelo franciscano Solano García com planchas de madeira, “sin bordes redondeados” – observam Marina Percovich y Juan Pedro Pernas –, a falta de numeração impedindo de “orejar las cartas”, mas pedagógicas, “como lo prueban las leyendas alusivas a la

⁶²⁰ (repetimos e repetimos...)

⁶²¹ (“cidade luz”, vejam, “as lanternas da cidade / deslumbram os olhos da china...”, como diz a música, Marco Aurélio Vasconcelos, mas mais ofuscaram, no caso, que todo caso é outro causo)

⁶²² (vocês não sabem nada: “deti” é o três; “sam”, o dois; “yu”, o ás; “garoj”, o dez; “betum”, o quatro)

inspiración artiguista que exhiben seis de los naipes: “Libertad y Unión – El Oriental no sufre tiranos” (as de oro); “Independencia” (dos de oros); “Con constancia y fatigas liberó su patria Artigas” (díptico en el cuatro de oros); “Viva la Patria” (dos de copas); “Concepción del Uruguay – Año de 1816” (cuatro de copas).

Capaz que encontrem algunos de estos jugadores na peça dos fundos de qualquer coisa, a mesa verde coberta pela hermosa bandera de três panos horizontais, azul, blanco y azul, com o rasgo diagonal, de cima para baixo, de un rojo, todos por igual anchos, assim tricolor a mesa verde, o teto a la porteña.

Capaz que encontren, capaz que no... vejam, em 1816, “Artigas está en la cumbre de su poder y gloria”, sublinham MP e JPP – Hidalgo, con su Cielito Oriental, desafiava os mamelucos: “Cielito, cielo que sí, / Cielo hermoso y halagüenō, / Siempre há sido el portugués / Enemigo muy pequeño” –, enquanto que hoje, mala suerte para nosotros, gauchos, o sonho da patria – “eterno como el sol”, diria Juan Carlos Solé, já não floresce “en cada primavera”, como floresceu com a celeste olímpica em 50 –, o sonho, ao contrário, esconde-se em furnas, capaz que nas do Jarau, que, ao sol, bem capaz!, cegam-nos os ultra-violetas da ALCA, e a isso estamos reducidos, indios en oscuras tolderías – os do Sepé, à margem dos caminhos –, porque hay muchas jaras y culebras pocas.

Alguns, desesperados, mesclan vino con caña blanca, vira e vira, duermen un rato y vuelven a beber; outros, em estágio mais avançado do desespero, se ainda não cravaram o bico, já andan a cagar en violin. A verdade é que, de mamarracho em mamarracho, nos puseram como o gado em dia de chuva fria, perfiladitos igual milicos em sentido, as baionetas guasqueadas de São Pedro – o padroeiro! – agulhando-nos a picanha, e, parados todos, como estátuas de corte no correr do alambrado, muro intransponível, resignado rebanho somos, sem as liberdades do pampa.

O jogo, pro causo, é a fuga que nos resta: mala fortuna confiar na suerte.

Pior ainda nosotros, na especificidade fantasma de Nova Hereford, que nem baralho espanhol temos, de nosso nosso, e não por desidia, bem que tentamos, mas o artista não logrou êxito malgrado suas boníssimas intenções: Mata-Sete estampando o sete de espadas, feliz analogia, mas João Burro o ás de paus tornaria difícil o trânsito do naipe nas escolas, onde sabidamente se aprende mais no pátio do que nas salas, e, o cúmulo!, vestir todas as copas com um saio que lhes deixava, bem dizer à mostra, os fundilhos – a haste, as pernas juntíssimas das virgens; a base, os pés –, que seriam o fundo redondo das copas, compreendem?, para representar Saia-Curta, beirava o ridículo.

E assim que... capaz que encontrem gauchos jugando com o baralho de Tacuabé ou com los naipes artiguistas, mas – ó sina! – não é com cartas nossas nossas que em Nova Hereford latejamos gauchos.

5.4. “Agarrem-me que vou cair!”

A batalha da Ponte do Ibirapuitã só poderia acontecer em Alegrete – como o assassinato de Paulino Fontoura, em 35, e a batalha do Inhanduí, em 93 –, porque aquilo chama as judiarias, as sangüeias, o que há de ruim no mundo. Por isso odeiam Nova Hereford, mordem-se de inveja de não terem um João Burro; de não terem tantos CTGs; de não terem um aeroporto.⁶²³

⁶²³ (para OVNI, mas isto é secreto. Quando mandaram aquelas sondas espaciais pro cosmo, com um gravador reproduzindo as línguas aqui da Terra, sons, matemáticas, um casal pelado, uns mapas, bem

Pois estava cada força de um lado da ponte e, pro norte, abaixo do aterro que a erguia, atrás da ponte dos trens, havia um campo, delimitado como Zona Neutra, onde a gentama que com aquilo estava no ora-veja, civis, populacho, mulheres, velhos e crianças em sua maioria, escondeu-se, acreditando estar a salvo das balas, brancas ou encarnadas. Era o combinado, então, bueno, por aqui que não tem espinho! Ali aglomeraram-se, quietos, esperando a tormenta passar. *Ai, ai, ai. E, neste momento delicado, permitam-nos daqui do oco do pampa, permitam-nos abrir uma janelinha para dizer: não acreditem em generais! Nunca! Generais são como políticos, fazem qualquer coisa – qualquer coisa! – para vencer, pelo poder inebriante da vitória. Então ai, ai, ai.*⁶²⁴

O combate ia lindo, tiro pra cá, tiro pra lá, até que Oswaldo Aranha é ferido e, segundo Antonio Augusto Fagundes, grita:

– Agarrem-me que vou cair!⁶²⁵

(Eco daqueloutro de 1866,

– Ai que fiquei sem orelha! Ai! Ai! Ai! Onde cairia!?

12 de maio de 66,

– Ai! eu caio! Quem me acode! Perdi o queixo!

em igualmente terrífica batalha?)

O General Flores, seco:

– Não cai nada! Já estou ferido há mais tempo e não disse nada! Não cai nada!

Ainda assim, preocupado com o jovem que, bem se percebia, granjearia fama internacional, mandou que o levassem para casa, para os cuidados da família prestimosa que morava ali na praça – pra quem conhece Alegrete, naquela casa que transformaram em um museu com o seu nome –, onde curou-se e, anos mais tarde, saudável, correu mundo e até presidiu a sessão da ONU que concedeu aos judeus seu tão desejado estado, Israel, encravado entre os palestinos, povo que Oswaldo Aranha não pode ajudar pois, a exemplo de Getúlio, seu grande companheiro, já tinha deixado a vida para entrar na história, mas não de moto próprio – como o “pai dos pobres” e os palestinos, que explodem com as bombas que

dizer, do que somos aqui, andaram – mas isto é secreto – “sondando” meio por alto se o homem da foto não podia ser o João Burro, mas – por quê? – não caminhou o troço... Certo é que sons de NH embarcaram na viagem, os roncões da Dada – coisa muito séria, o Baixinho gravou, assemelham-se a um prédio ruindo –, peidos, relinchos... o que temos para oferecer, enfim, mas tudo muito verdadeiro e sincero. Pior é esses que mandaram as sondas dizerem das “intensões pacíficas” que têm para com os ETs. Pois gostam duma treta que, bá!; o presidente deles chegou a dizer que é o “presidente da guerra”, que as decisões que toma as toma “com a guerra em mente”. Nem precisava gastar saliva... E um teve o peito de indicá-lo para o Nobel da Paz, o presidente da guerra para o Nobel da paz! “E ele pensa que os irmãos da galáxia são ignorantes como os americanos?”, faz pouco o Tiago. “Meia palavra bosta”, trocadilha o Roger... Mas nem tudo são risos, o Doutor Vazulmiro alerta, alegórico: “Se o que não está no processo não está no mundo, tenhamos em conta que as sondas também não estão...” E o Doutor Abimelec: “E o mundo, para os americanos, é tão-somente o país deles...” Não adianta, tudo é ficto... mas isto também é secreto.)

⁶²⁴ (essas notas que pespegamos ao pé das páginas, como chiclé balão na alpargata, vejam, notaram?, vão todas entre parênteses, como quem com as mãos em concha conta no ouvido do outro um grande segredo que só ele pode ouvir, ouvir e não espalhar; com as mãos também como quem reza, para, claro, que não espalhe, porque lembramos de Mao, “Você quer que se saiba de algo? Diga às pessoas que é segredo”; parênteses como mãos humanas segurando firme, mas também, e aí é que está, acariciando o dito como um filho, algo de nós, enfim, honesto, e tomara que vingue assim, e que faça carreira – médico, astronauta, por que não? –, professor, que seja, desde que adote o filho nosso como seu, tiragens e mais tiragens dele, gordo, reluzente, caro)

⁶²⁵ (a quem terá puxado o Dr. Oswaldo? Sim, porque os Freitas Valle são todos mui guapos. Deve ter sido o outro lado... é, só pode.)

amarram ao corpo para, morrendo, matar um que outro judeu, sem as alternativas dos tanques e mísseis americanos de seus inimigos, plantados na terra santa que fora sua por gerações –, e sim porque “Nosso Senhor o chamara”, como diz a Terezinha. Bueno...

Ferido, Flores continuou lutando dentro dos limites da civilidade de uma boa guerra, isto é, eu te mato, tu me mata, e, se morremos, morremos.

Transformou-se, no entanto, quando seu mano mais novo, o Major Guilherme, caiu morto, como se esta morte fosse outra que não o estancar respiratório da comum, o cessar bombeador do bobo, o amolecer do pescoço e o pender cinematográfico da cabeça inerte, muitas vezes o molhar-se e borrar-se nas calças de quem nem mais é quem, mas um simulacro, um espírito livre das convenções da convivência social, que paira acima, para além do peidar – peida! liberta teus ventos, infla as velas deste lúgubre barco, peida! –, do cagar-se – caga! deixa que o pútrido bolo fecal fecunde a terra com tuas mais íntimas e reprimidas vontades, caga! –, do mijar-se – mija! se não podes rasgar bragueta, encharca as calças deste úmido calor, tu que tão rápido esfrias, mija! –, do afogar-se em sangue em público, como um cordeiro, vaca, porco; como um porco inimigo, sangra! morre! de uma vez por todas, morre!, que este inferno, meu amigo, descansa, acabou...

Mas para Flores da Cunha, a morte do irmão foi outra coisa, como se algo estranho às guerras, estranho às armas que disparam uns contra os outros, estranho àquele 19 de junho de 23, naquela ponte maldita. Pacheco de Resende conta que o general berrava:

– Avancem, miseráveis, covardes, canalhas! Meu irmão está morto e eu estou ferido... e vocês fogem, bandidos! Avancem e degolem todos os que pegarem!

5.4.I. Mavioso corso

Abrimos cancha porque, vejam, Flores fez mais. Chamou um ajudante de ordens e ordenou:

– Vá à retaguarda e diga que degolem todos os prisioneiros!

A ordem foi cumprida e mais de cem pessoas, muitas das que se haviam escondido na Zona Neutra, foram degoladas, “infelizes inocentes que nada tinham que ver com a revolução”, na citação de Fidélis Dalcin Barbosa. Depois, “por ordem de Flores da Cunha, os degolados foram colocados em três grandes carroças, parados, atados uns nos outros e passeados pelas ruas da cidade, numa ostentação ruidosa de troféus, entre vivas aos senhores Borges de Medeiros e Flores da Cunha!” Não satisfeitos, ataram os corpos sem cabeça dos irmãos Timbaúva “à cincha de seus cavalos” e voltaram à cidade, “arrastando pelo pedregal das ruas os cadáveres dos heróis”. Além disso, os governistas saquearam o que podiam do comércio alegreteense e dos estabelecimentos pastoris, levando o butim para vender no Uruguai:

– Partiam diariamente numerosas cavalcadas e tropas de animais vacum e lanígero, bem como intermináveis caravanas de carroças e carretas conduzindo milhares de sacos de sal e cabelo e couros, enfim, o tesouro acumulado pelos nossos opulentos fazendeiros em toda uma safra.

Assim descreveu os sucessos de 23 em Alegrete Pacheco de Resende.

5.4.2. *Aqui não criamos porcos*

Por que tamanha atrocidade e tão despuddorado saque?

AAF, pro causo, responde: porque Alegrete era a mais maragata das cidades gaúchas. O governo de Borges queria quebrar o corincho de quem não aceitava pacificamente seu jugo.

Mas então por que não fizeram o mesmo em Nova Hereford, igualmente maragata? Por que sequer tentaram, passando ao largo de nosso território em suas idas e vindas guerreiras?

Simples: medo.

Não há registros históricos de caudilhos que se aventurassem por nossas plagas. Vasculhem as atas, os anais, os compêndios e nada encontrarão. Eram brutais, eles? Sanguinários? Desalmados? Frente aos nossos, ursinhos de pelúcia. Latorre, contam os antigos, passou uma temporada aprendendo a ser homem com João Burro. O coronel João Francisco recrutava seus confianças em Nova Hereford. O “ermão véio” Jack, conhecido depois como “o estripador”, antes de fazer fama em Londres, esteve no Prata e subiu o Uruguai até o acampamento de Burro, Mata e Saia, para apurar sua destreza com a faca.

Mas isso foi nos bons tempos.

Quando tivemos que amarrar nossos fletes no obelisco da Capital Federal, botar ordem no bochincho, o que parecia um começo foi o fim, como Woodstock,⁶²⁶ bá! Dizem que o homem virou o cocho. Não sabemos. Em Nova Hereford não criamos porcos.

4.19. *Fendaberta*

O Rio Grande, chanchos, está partido ao meio.

Sempre estive no tocante a quem pode e a quem se sacode; sempre estive, nosotros gauchos e – vocês! – a gringalhada do norte. Mas, agora, a voçoroca racha de maneira tal que, fosse um Jordão, nem Moisés daria jeito... e árida a fenda, rasgosa, por certo dolorida.

Se a Cata estivesse aqui poderia perguntar pra qualquer de nós: “Zezinho, o que é que eu costuro?” E o Zezinho: “Carne rasgada, nervo rendido e osso fendido.” E ela: “Isso mesmo que eu costuro, em nome de Deus e da Virgem Maria.” Repetiria três vezes essa última fala com os dedos em cruz no local ferido, depois reforçaria a benzedura dando laçadas de agulha e linha num pano qualquer, dizendo: “Isso mesmo que eu costuro.”

Daria certo, sem dúvida, como sempre, desde que sobre o local ferido, o fulcro ulceroso, fonte, bem dizer, de todos os males, o coração do pampa: Nova Hereford, por supuesto. Mas a Cata se foi. João Camilo se foi. Não há quem feche a fenda.

Ao contrário, ao contrário...

4.19.1. *“Quem ama não é pussuca”*

Saiu no jornal que o arcebispo vai lançar uma Cartilha Agrária, onde, explica a repórter, expõe “seu ponto de vista e não de toda a Igreja”.

⁶²⁶ (nome controverso, sem nenhum sentido e, depois, difícilíssimo! E agora, MMGonçalves quer ser chamado de “multimídia”...)

Como assim, “seu ponto de vista”?

Ele não é o arcebispo? Alguma paróquia vai ficar sem o caritativo livrinho? Os padres vão ignorá-lo? Um? Dois? Algum? O arcebispo pretende, segundo a jornalista, “aconselhar que os fiéis da arquidiocese examinem as questões fundiárias sob princípios éticos e cristãos e se baseiem no amor ao próximo.”

Tem gente aqui em Nova Hereford que parou no hospital com palpitação, doentes eles com esse tal de “amor ao próximo”. Ah, vai plantar batata! A Cartilha só o que faz é condenar o Sepé e seus métodos, justamente os próximos que menos têm e mais precisam. Ainda bem que há religiosos – um? dois?... – diferentes, que não são indiferentes aos que sofrem.

É bem como diz o Padre Paulo Aripe, em seu poema **O que é o amor**: “Quem ama não é pussuca / não vive do sangue alheio / qual carrapato ou mutuca.”

E mais: “O amor não é papa-pinto, / que vendo o pinto se dobra / num olhar apaixonado, / assobia e faz manobra, / mas quando o pintinho vê / está no papo da cobra.”

A tese dos que baixaram hospital sobre os versos acima é de que:

– Os patrões, através da mais-valia, são como carrapatos ou mutucas, e os sem-nada, vítimas, que, iludidos com a segurança do emprego, acabam subssumindo-se enquanto homens, mastigados pela engrenagem que acabará por cuspi-los.⁶²⁷

O professor Dante afirma que cobra não cospe e prefere o entendimento menos metafórico dos versos. Emociona-o mais, além disso, outra parte do poema, que lhe parece mais forte: “O coração que não ama, / resseca que nem torresmo”.

E a definição perfeita do Padre Paulo: “O amor é Deus mesmo.”

4.19.2. De que *habla* Dom Dadeus?

De que amor fala o arcebispo Dadeus, que até Deus tem no nome, então? De que amor?

Escreve em sua Cartilha que a invasão é um meio ilegal e imoral de adquirir a propriedade e que “para quem segue Jesus Cristo, a solução deste problema” – a reforma agrária?, perguntamo-nos, pasmos – “deve pautar-se pelas exigências evangélicas e éticas”, o que exclui “a invasão de propriedades feita por forças paralelas”.

De que habla Dom Dadeus?

Já Dom Jayme Chemello, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, defende as invasões de terras como um protesto:

– A ocupação de terra, uma vez ou outra, quando não há jeito de entrar e ninguém quer ajudar é como se fosse um grito, um clamor.

Então, do que hablas Dom Dadeus? E habla por miúdo:

– É bem clara a distinção entre ocupação e invasão. A primeira é pacífica. Refere-se a um bem ainda não ocupado. A segunda enfrenta alguém que, de alguma maneira, está de posse desse bem.

De alguma maneira, Dom Dadeus, os índios estavam de posse desta terra em 1500, quando os portugueses aqui se instalaram? O fato deles ocuparem a terra configura a

⁶²⁷ (fala nitidamente stalinista-democrática. Perguntamos: como foi parar em boca alheia?)

4.19.2.I. Ai, ai...

Vejam que coisa. Aqui em NH todos têm por pacífico que não há neutralidade possível em termos de idéias, à exceção dos casos de retardo;⁶³⁰ tese brilhantemente defendida pelo Doutor Sandoval que, por mais de vinte anos extraindo sisos, concluiu que as crianças ficam banguelas porque ainda não têm siso, mais ou menos como os retardados (que atende pelo convênio, os pobres não atende porque não pagam). Dizem até que isso vem dos gregos antigos, aqueles que se vestiam de mulher e pelo menos um gostava de dar o rabo, mas eram inteligentes coisa séria.

4.19.3. El conchabo

Isso dá pano pra manga.

O professor Roger levanta uma questão: não há na Cartilha condenação aos proprietários rurais que plantaram transgênicos afrontando a legislação de então, vigente, pro caso. Não seria o caso de – *então, porque já se han conchabado* – serem vistoriadas tais propriedades? Não preocupa ao Senhor o que essas experiências, ainda não completamente testadas – *o preto no branco, pau, pau, pedra, pedra, caranguejo, caranguejo, talidomida, talidomida...* – possam causar ao meio ambiente – *hiroshima, nagasaki, chernobyl, chernobyl, mercúrio, mercúrio, céσιο 137, 137...* – e às pessoas – *chernobilly, chernobilly, the end, idem, idem...* – que consomem – *business, tudo, não é à toa que Otacílio fica buzina com as buzinas, homem simples, puro etcétera, herói pedagógico* – tais produtos? Ainda que não o preocupe o plantio de transgênicos, ele é – *era, então, conchabaran, ai, ai...* – feito ao arrepio da lei e só não é – *era, mala suerte!* – coibido porque: 1. os produtores são fortes; 2. têm uma entidade poderosa por trás; 3. têm o apoio interessado da grande mídia... *e está dito, el conchabo!*

A sociedade – sustenta Roger, lecionando, o peito dele!, pensa que é menino ainda e que está no tempo? – é injusta e anti-ética, portanto parcial, nunca neutra, e parcial em favor dos que mais podem:

– A sociedade é um organismo viciado que funciona à base do pânico que a maioria, sem anjo da guarda – que é para quem tem costas largas, as asas... –, tem da minoria esmagadora, que se aboleta num e noutro cargo a pontificar, terrível.

Esse Roger... Se bem que... agora mesmo, vejam, os índices produtivos ficaram lá embaixo, como queriam os fazendeiros e mais uma vez a reforma agrária é atirada pra mais além. A Justiça assim decidiu, o que fazer? Este, é ou não é o país do futuro?! Pra sempre... E as vitorias para efeito de desapropriação, que os fazendeiros não permitiram que fossem feitas, ao arrepio – *ui, ui, uuuuuui...* – da lei, Dom Dadeus? ~~Hein, Dom Dadeus, hein?~~ “Nevermore”, como diria o corvo?

4.19.3.I. Adão e Eva, Joaquim e Ana

Ainda bem que padres como Antônio Galieto existem.

Ele publicou o livro **Deus não é estúpido** e recebeu advertência pública de seu bispo, porque “o livro fere a sensibilidade quando trata os problemas com agressão e

⁶³⁰ (o Instituto mantém um nosocômio especializado, a demanda é grande)

ironia". O padre, em carta ao bispo, apenas diz querer ver respeitada sua liberdade de pensar, este "dom tão grande de Deus". Saíram no jornal trechos da obra com reações diversas do povo de Nova Hereford. Escreveu o padre que "Cristo, como um homem completo, também sentiu o prazer sexual, teve imaginações e sonhos eróticos".

– É natural – disse um solteirão papa-hóstia.

– Absurdo! Como é que ele sabe? Entrou dentro da cabeça de Deus, decerto, quando ele tava dormindo? Isso é coisa que o sem-vergonha sente, tá na cara, e fica botando rabo logo em Cristo – vociferou Dona Nunciata, recolhadora do ofertório nas missas dominicais.⁶³¹

– Oba! – exultou o Pedrinho (que sempre os há).

– Ouvindo a conversa dos mais velhos, menino?! Vem cá que tu vai ver uma coisa! – a mãe.

O padre escreve ainda que Joaquim e Ana devem ter feito como todos os casais para conceber a Virgem Maria, olhando-se, beijando-se, tocando-se, o que a nós de Nova Hereford parece razoável, já que naquela época não havia a inseminação artificial, hoje prática comum não só em bovinos.

Mas o padre vai mais longe – ó intímatório! – e pergunta: "Poderia Cristo ter se masturbado?"⁶³² Ele acha a masturbação um ato "natural" e não crê que seja pecado, mas e nós, o que achamos? O pessoal fica se olhando na sacristia, se olhando, até que o solteirão fala: "Se pode ou não, não sei, mas deveria". E todos caíram na gaitada, até o Pedrinho de sempre, atrás da porta.

4.19.3.2. Aos que pegam bicos

Enquanto isso, Dom Dadeus lançava outra Cartilha, "para orientar o voto dos católicos", na qual desaconselhava a escolha daqueles com "orientação marxista e a simpatia por invasões de terra".⁶³³ Felizmente – porque nos tranqüiliza saber mais do seu espectro ideológico –, o arcebispo condena também o candidato que "se opõe à santificação e conseqüente repouso aos domingos e à abolição dos dias santos de guarda" e o que "propaga que, em matéria de sexo, não existe certo e errado, e que seu uso é apenas questão de diversão".

Bueno, esta última orientação aos católicos exclui o padre Galioto de qualquer candidatura. E a anterior, a todos que, tendo muito pouco com que sustentar-se e a sua família, pegam bicos aqui e acolá aos domingos, salvando a semana, e – *em que mundo o Senhor flana, Dom Dadeus?* – não podem se dar ao luxo de fazer feriado em dia santo.

Já avisamos: os quadros de Nova Hereford ligados à luta separatista e pela criação da Patria Gaucha estão estudando um protesto diante da Matriz da capital, aproveitando a total incompatibilidade de pensamentos entre o arcebispo e o povo pampa, protesto para renegar suas idéias, assim como a todo norte gringo que ele bem representa.

⁶³¹ (e umbandista praticante)

⁶³² (questão verdadeiramente de fundo – examinemos as mãos dos nossos filhos a partir dos dez anos)

⁶³³ (os stalinistas-democráticos estão reunidos pra discutir se estão ou não inteiramente inclusos nisso aí, sem prejuízo do protesto dos separatistas)

8. Sabambalhas

Pepe e um grupo de jovens fazendeiros e arroteiros arrendatários discutem num banco da praça, em frente ao Fórum, a delicada questão conjuntural: o governo querendo vistoriar as terras improdutivas, o baixo preço pago pela saca de 50 quilos e a presença acintosa de um acampamento de sem-terra no sagrado chão do Departamento.

É unânime o apoio à contratação de milícias mercenárias – de touca ninja cobrindo o rosto, uniforme militar camuflado, e armamento pesado ostensivamente a descoberto, para que todos saibam “quem manda em Dodge City” –, eles mesmos armados, gabando cada um seu berro, falando assim mesmo, “berro”, como bandidos, livremente em frente ao Fórum, onde, se puxassem o fuminho amigo, certamente seriam detidos, onde já se viu, às escancaras! O Pepe mesmo já pegou carona no camburão, mas ficou quieto, com aquele meio sorriso desafiador e debochado – que ainda faz a Quelem tremer os cambitos, quase mijar-se perna abaixo –, até que seu pai chegasse com o advogado, botando banca, onde já se viu?, um rapaz trabalhador, isso é uma barbaridade... e tudo ficar por isso mesmo. Há uma tese bastante difundida – e adotada pelos poderosos locais – de que a maconha é mais perigosa do que uma submetralhadora UZI, porque, vejam, a erva destrói o tecido social, enquanto que a arma o desinfeta.

– Lá em casa têm três cara. A ordem é que atirem no primeiro que tentar passar a cerca. Pra matar.

– Esses vagabundo tem que matar mesmo, e sem anestesia.

– Engaçado que os jornalista agora querem saber como é que a coisa funciona. Nunca se interessaram quando a gente precisava de apoio, o abigeato campeia... Que venham nos tentar que vão ver o que é bom.

– Assim eles descobrem nossas tática e nossas defesa...

– Mas, que que adianta? Os analfa⁶³⁴ do acampamento não vão ter tempo de contar pra ninguém.

Riem alto. Dois policiais cruzam, no ritmo passeado típico dos pedro-paulo – que é pra não levarem um tombo com as mãos daquele jeito, cruzadas atrás, riem de volta para os jovens, satisfeitos de que ainda restem alguns sadios por essas bandas –, nem ligam

⁶³⁴ (tem muito analfabeto que anda malejo, ansim, ansim, quando poderiam, alfabetizados, imagina a maravilha!, ao menos irem levando assim, assim... A pobrezinha na TV: “A Áfririca tem um monte de país dentrrro deeela?” Claro. “Iééééé?!” ... “O deserrrto é deserrrto porrrrque tem arreia?” Porque é deserto, ora! “E tem gente morrrando láááá?” Tem umas criaturas lá. “Iééééé?! Na arreia?!” O outro saiu de perto, o assunto poderia tornar-se interminável: “prrrraia é deserrrto?” “Vô lá cá mana...” “Iééééé?” “Pá lá e pá cá cá mana, de brrrusa, né, cê tá lóco? Cê tá lóco? Sem brrrusa dá vontade mas dá pobrrrema...” “Virrrge! Obrrrrigado meu Deus achei o trrrequinho!...” Ora, trequinho!...)

que, quem senta, senta no espaldar do banco, com os pés sujos onde, no de sentar, outros sujarão as calças. E o pedro, no feliz ensejo, lembra-se de agradecer ao paulo pelas “sabambalhas” que ganhou; depois da compressa, a esposa já sentiu, “bá, um baita alívio nas junta”.

Compreendem? Vocês não compreendem, nesses fofos...

8.1. Los Reyes

Aí é que, vendo os porcos em sua inocência infantil, por ignorantes da vida – e tem lá eles vida? vida que se preze? –, por incongruentes, por pobres, quase miseráveis, dependentes de bolas de quaisquer que as tenham no bolso, inocentes e festivos como cães, os porcos, diante de um Pepe, arroteiro, ou outro que, tá na cara, tenha a guaiaca cheia das pelegas... Aí é que, vocês não compreendem, *dá uma vontade de chorar – até nos homens, que, claro, se controlam –, porque Nova Hereford é mínima, grandiosa apenas pelo entorno de pampa, e todos conhecem o pedro e o paulo, sabem seus nomes, onde moram, quem come suas mulheres quando estão de serviço; aqui tudo é tão promíscuo pelo parco raio urbano onde as pessoas circulam, em círculos mesmo, feito louquinhos de pedra – já viram aqueles, Mateus, Leão... –, no redemoinho polvarento que traga as melhores intenções, suja os mais alvos lençóis, tonteia, vira e estatela, pra depois desfilar em cima uns dos outros, em círculos, pisando, bem feito!, forte com o saltinho no bucho, coiceando, toma!, onde pegar, que bem merece, porque amanhã, amanhã a do tamanco ou o cavalari bem podem estar na sarjeta, pois alguém tem de cair de ordinário já que subir não dá – capataz também é peão, capacho do patrão –, e a vida sem solavancos, melhor morrer, bem se vê, ai, ai, ai, que o coração só vive aos pulos. Então, a gentilha respira o mesmo hálito miasmático – muita mortandade acumulada no tempo, um fedor que brota e rebrota com o pasto contaminado – do Pepe e seus amigos, até pode sentar no mesmo banco da praça, até pode esbarrar com um deles – e desculpar-se –, que é quando, por minúscula que é Nova Hereford, dá vontade de chorar, compreendem? Porque uns, de berço, podem fazer gato e sapato e os outros, naturalmente, apenas rastejar como ratos. Não é de chorar um Ibicuí?... Sirley, talvez...*

Conhecem Gustavo Guinchón? Não, claro que não. Entonces, o apresentamos: “Con su permiso, paisano, / Yo soy Gustavo Guinchón, / Con la guitarra en la mano, / Voy hablar de corrupción, / Robo, coima, negociado, / Abuso, malversación / Son términos muy usados / En radio y televisión...” Les gustó? É de Oscar Sales, mas o tema, *quién no lo conozca? O que tem a ver o cu com as calças? Bueno... “Quem no banco sentar-se – e, pior ainda, de branco –, vai sujar o cu das calças com a merda que suja o banco”,⁶³⁵ ⁶³⁶ O gaucho canta Juan sin casa,⁶³⁷ “porque casa no tenía” e que era “tan pobre, tan pobre”*

⁶³⁵ (Laíre)

⁶³⁶ (já dizia Lutero, em tradução de Backes, combatente da – e na – arte, lá das Misiones contempladas por Artigas na Patria Gaucha: “Quem com o esterco se mete / Perca ou ganhe, sairá na merda”, compreendem? Não? Ensina Don Bagayo: “Não só a medicina tem de ser preventiva, amigos, acordem: se não se toma o 46 de véspera, não há hoje o que nos leve aos pés!” Misiones! Fez bem o Artigas em garantir pátrio não apenas o Backes, mas também o gaitero velho Fausto Wolff, por exemplo, velho lobo da canção desesperada, que desde sempre trabalhou à mão esquerda – do mundo e da literatura...)

⁶³⁷ (W. Lagos)

porque, coitado, sempre “le importó ganar el pan del fruto de su sudor”, Juan, que entregou-se ao silêncio e à miséria, sem mais forças, e “entornó sus ojos tristes y partió rumbo al olvido”. Guinchón⁶³⁸ declara: “Ando harto de mentiras / Que el gobierno ha transformado / En grandes nubes de humo / Que al pueblo deja viciado... // Me cansan las injusticias / Que el hombre pasó en la vida / Que chupan la sangre al pobre / Y el pueblo sangra en herida”. Um arrenegado, o payador. En seis de enero, día de Reyes, o Natal para os da Banda Oriental, un negrito – “tiene apenas cinco años y un tesoro, la inocencia” – chora porque o esqueceram los reyes: “ya no se acuerdan de llegar hasta mi casa, porque está mamita enferma, papito está sin trabajo y lo que sobra es pobreza”. Un menino, Carlito, “emocionado, hasta el negrito se acerca e dice: no te olvidaron, se equivocaran de puerta”, e lhe dá alguns regalos seus. Então el niño “grita com toda su fuerza: no me olvidaron los reyes, se equivocaran de puerta!” Um tesouro, a inocência... Não é de chorar um Uruguay? Sirley, talvez, guinchador contumaz, o filho do finado Nunes... mas não o Pepe e seus puxa-sacos, empoleirados no banco da praça, adubando o assento com suas botas de usar na mangueira.

8.2. Paz no campo

– Nosso pessoal lá em Brasília tá se mexendo, hein? Já tinham conseguido que terra invadida ficasse fora da reforma agrária, agora acabaram com as vistoria, garantindo os nossos índice de produtividade... Tá indo bem a coisa.

– Só falta é identificar mesmo os invasor, tocar um monte de processo neles e deixar que mofem na cadeia. Qual é a diferença de um bando de sem-terra armado de foice e facão pruma gangue de rua?⁶³⁹ Nenhuma. Mas os sem-terra não vão preso...

– E tem os transgênico...

– Lá em casa, há anos que só plantamo transgênico. Semente argentina, barata e boa. Bota colheita!

– Eles vão ter que aceitar. Todo mundo já planta, che...

– Pois é, mas não viu o coronel da Brigada dizer que formar milícia é crime? Por que então ele não bota os porco dele pra cuidar dos campo?

– Isso é conversa. Ele também disse que não pode fazer nada porque os ninja tavam dentro de propriedade privada, eles não podem entrar assim. Ora, o homem é nosso. Se quisesse mesmo fazer alguma coisa, já tinha feito.

– Sim, mas o pessoal da federação não acha isso. O Gilsão disse que a milícia existe porque o Estado se faz de morto, e que, enquanto existir o Sepé, não vai ter paz no campo.

⁶³⁸ (com O. Lagos)

⁶³⁹ (assim proseiam inocentemente os da barra brava herefordense. A maioria não faz nada, passam todo día al pedo... É como diz José Ovideo, “Son todos timberos y se hacen los osos”, hipócritas!)

8.3. Movimento de tropas

Os jovens conversam, cheios de si, orgulhosos de pertencerem a tão macanuda grei,⁶⁴⁰ que, vejam, buscou espelhar-se no Império Romano, cujo lema era “Si vis pacem, para bellum”,⁶⁴¹ que é o mesmo do Exército Brasileiro e significa, no frigidar dos ovos, que, para haver paz, devemos guerrear por ela, ou, ao menos, fazer um estardalhaço, assim como vestir mercenário de ninja, ou juntar um comboio de camionetes e sair brandindo bandeiras e berrando ameaças; movimentar tropas na região do conflito, enfim.

No fundo, o lema tem todos os indícios de que é teatro.

“O preparar-se para a guerra funcionaria como uma encenação de tal forma assustadora que o inimigo, diante de tal demonstração de poder, preferiria a paz à tragédia ensaiada. Os desfiles militares, apresentando ao mundo os mais sofisticados armamentos, da mesma forma, não passam de súplicas de paz”, diz Don Palacios. (Alguns pássaros antes de brigar pela fêmea, depenam-se para evitar a briga...)⁶⁴²

O quartel de Nova Hereford, fiel às tradições, desfila todo seu contingente montado em briosos corcéis, crioulos, por supuesto, prontos para as guerras pampeanas do passado, os garridos soldados com a lança em riste. As duas viaturas da unidade, um jipe e um caminhão, quase sempre ficam expostos à visitação de escolares, na oficina do quartel, onde os petizes, felizes, aprendem, além de civismo, um tanto de mecânica – “peneus, polcas, prafuseta...” e mais um monte com pê de picumã –, o que muito há de lhes servir no futuro.

Assim que, entre coisas e loisas, podemos dizer que a milícia é como para ganhar no grito, e isso o gaúcho sabe pra ensinar qualquer pavarotti da vida. O Gildo já explicou tudo muito bem: “Uma vez num outro estado / me pediram informação / pelo quê que no Rio Grande / todo gaúcho é gritão. // Bem ali no pé da letra / já lhe dei a explicação: / são tradições do Estado / pra quem foi acostumado / a gritar com a criação”.

Maria Elizabeth Lucas engalana o que o Gildo disse:

– Ao cantar gritando o cantor representa simbolicamente o homem da cultura pastoril – o peão, o “gaúcho”, o campeiro – que tem no grito um dos meios de domar a natureza ao seu redor.

Portanto, diante do que foi dito, percebe-se que os proprietários rurais e arroteiros depositam nas milícias a responsabilidade e a alegre esperança de que resolvam as coisas no grito – seu particular figurino renovando a tradição – ou, como Plano B, no berro mesmo.

A dificuldade é que a companheirada do Sepé não tem medo de nenhum barulho, acostumada a ouvir desde o bercinho de engradado às mais esganiçadas duplas sertanejas do país. Tal peculiaridade dos inimigos obriga a classe produtora a esforços inimagináveis de modo a aparelhar-se adequadamente para a luta.

Vejam que até a mão no bolso eles botam, e sem choro. Há algum tempo, em Nova Hereford, promoveram encontro com palestras conscientizadoras e um leilão de gado para angariar fundos a serem disponibilizados para contratação de milicianos, compra

⁶⁴⁰ (são barra braba, cuidado!)

⁶⁴¹ (e mais não dizemos, Vazulmiro é morto)

⁶⁴² (en Alegrete y Polianga do Sul hay muchos de estos. E, quando o ca'alo é brabo, se sampam no chão antes de subir, “ai meu joanete!” Pouca vergonha!)

de armamento moderno, pagamento de horas de vôo para aviões espiões e outras cositas más, logísticas, como rádios, celulares e alcagüetes.

Botaram a mão no bolso sem choro, os contumazes chorões às portas do governo.

8.4. O rumo da História

O leilão dos fazendeiros aconteceu no CTG mais tradicional dos vinte e poucos que existem em Nova Hereford, o Bento Gonçalves, que tem um salão grande o suficiente para abrigar todos os criadores do Departamento, que, não por nada, fazem parte da lista de sócios da prestigiosa agremiação. Os gaúchos arrabaleros desprezam o Bento porque acham que não cultua as tradições verdadeiramente, por permitir casal despilchado em seus bailes e servir mais para reuniões políticas, fechadas, discriminatórias, do que para as paleteadas, gineteadas, danças, como o pezinho, a tirana... nem inverno artística tem que preste, o figurino é até meio sertanejo, as gurias pintam os cabelos de cor-de-laranja – tem uma até que tatuou, imaginem!, um dragão na perna –, e os guris parecem uns frescotes com aquelas bombachinhas apertadas na bunda. No encontro este, na mesa principal tinha até deputado, dois, e os presidentes das associações rurais, do GRUNHE, FEDER, URCSA, o intendente, todo mundo mesmo, gente de peso, e, na platéia, a grande maioria dos fazendeiros de Nova Hereford, rebanhos e rebanhos, dinheirama grossa.

(Tachamos porque é demais. Até a pressão nos baixa...)

~~O capataz do CTG teve dificuldades em proceder à abertura oficial do encontro tal o bulício dos presentes, excitados com o que sabiam ser talvez a noite mais importante de suas vidas, que poderia mudar o rumo da história, colocando-a novamente nos trilhos, trilhos que asseguram, no ir e vir, a previdência necessária, tornando a vida mais estável.~~

~~– Meus amigos, meus amigos, vamos, sentem. Sentem para que a gente comece logo a coisa – pedia o anfitrião.~~

Mas, que nada. Era um tal de abraçarem-se forte, os que há muito não se viam, com aquele tapão franco nos braços, costas, onde pegasse, cumprimento típico da hospitalidade gaúcha; de beijarem-se, costume espanhol que seus descendentes orgulham-se de manter, aqueles beijos que são mais pechadas cara com cara, pois que a boca nem toca o outro, dois trompaços em que os malares e o maxilar provam sua rusticidade pampeana; de, bueno, gritarem uns com os outros, mesmo estando na mesma roda, porque, já cantou o compadre Gildo, o gaúcho sempre tem a impressão de ouvir “o gado berrando”, por isso, dizia ele, “às vez facilito / e sem querer dou-lhe um grito / e gravo a letra gritando”, e o mesmo faziam aqueles proprietários ali, folheiritos de serem o que são, melhor ainda juntos, em bando, contribuindo cada um para gravar na mente de todos seu grito – farrou-pilha, por que não? – de rebeldia.

8.4.I. Ouviruduipirã gasmargemplá cidas...

Como a algazarra prosseguisse, um dos deputados, escolado na faina eleitoral – pegar criança no colo, abraçar bêbado, comer qualquer gororoba, pisar em merda, tropeçar nas bibocas, fazer-se de bobo, fazer-se de brabo, fazer-se de feliz, de comovido, de honesto, de patriota... –, deu de mão ao microfone e começou, firme e forte:

– Ouviram, do Ipiranga, às margens plácidas...

No “heróico o brado” já o burburinho classista se apagava diante do fogo maior, cívico, cessando por completo no “sol da liberdade em raios fúlgidos”, e daí pra frente, todos em pé, alguns – os deputados, com certeza, ora se não...⁶⁴³ – com a mão direita no peito e a cabeça erguida, marcial:

(Dissonante na reunião a figura patética de um jornalistazinho desses do interior, que não completaram nem o primeiro grau, de muletas – quebrara o pé ao tropeçar e perder o salto, disfarce que quase o faz não parecer um daqueles gabirus nordestinos e o identifica como descendente dos guaranis missioneiros –, o fórceps que o arrancou do langanho donde veio visível no queixo a la Noel Rosa, aquele do “com que roupa, com que roupa eu vou ao samba que você me convidou”, a origem explícita no vestir-se colorido, penetra, bem dizer, no samba dos fazendeiros, aos quais, no entanto, sempre desprezado, não deixa de babar, vivendo disso. Coitado! Ai, ai...)

O Franklin, engenheiro químico formado no Rio, onde gastava um pouco a fortuna inacabável da família e bateu um tédio, um tédio da rotina praia-bares-boates-cama, e então resolveu estudar, até se formou – mas não exerce! –, com a morte do pai, voltou a Nova Hereford para cumprir o seu destino de não fazer nada, assumindo as 127 quadras da propriedade... o Franklin bate com o cotovelo no braço do amigo ao lado e sussurra “Olha o Quasímodo”, indicando com a cabeça o, pro causo, aborto. O outro olha, vê o Loivo e pergunta:

– Quase o quê?

Essa falta de leitura – e de mundo, de malícia – dos conterrâneos é que incomodam um pouco o rapaz, o engenheiro químico; bate um tédio, sabem?

8.4.I.I. Como mio-mio

Findo o arroubo cívico, agora sim pode falar o anfitrião, e o faz:

– Amigos, a gente sabe como a coisa tá preta, o arroz lá embaixo, o quilo do boi nem se fala, a lâ, bueno, tá tudo uma boa bosta. Pra completar, agora vêm esses vagabundo aí, dizendo que não têm terra e querem terra, onde já se viu? Eu sempre quis uma Toyota, daquelas antiga, Bandeirante, e nunca consegui comprar, não sei, nunca deu negócio. Por causa disso, então, eu vou me adonar da primeira que eu achar na rua? Mas só se eu fosse muito sem-vergonha. O que é da gente é da gente, o que é dos outro é dos outro.⁶⁴⁴ Eu só tenho uma fazendola, mas é minha. Vagabundo que chegar perto leva bala. (Aplausos entusiásticos.) Bueno, já falei demais. Vou passar a palavra para o nosso deputado, que tem muita coisa boa pra nos dizer. Obrigado. (Aplausos entusiásticos, para “o capataz da classe na estância grande” – como dizem os do contra de sempre referindo-se a Nova Hereford – e para o nobre representante da mesma classe na Câmara Federal.)

O político deixa-se aplaudir enquanto aplaude a seleta platéia – votos, ao fim e ao cabo, votos e auxílio para as próximas campanhas⁶⁴⁵ –, durando essa rasgação de seda

⁶⁴³ (essa gente é de amargar! de amargar!...)

⁶⁴⁴ (“O homem é bem socrático; até meio aristotélico, ousou avançar”, diz o Roger, mas o Roger...)

⁶⁴⁵ (de nós, do IC, não tira um pila, a gente anda rengueando nomais. É como diz o Armêndio Pereira, sem tirar nem pôr: “Tio Bituca tá bem seco / já não tem nem um mirréis!”)

quase um minuto. Quando a coisa morre, ele assume o semblante apropriado, de preocupação, e começa:

– O comunismo é uma doença.⁶⁴⁶ Temos que dar um jeito nesta doença antes que ela mate a sociedade em que vivemos. (“Apoiados!” de todos os cantos, palmas, gritos, bateção de pé.) O Lula e o partido dele estão a serviço do comunismo e querem acabar com a classe dos proprietários. (Idem, idem.) É hora de pensarmos em nós, de sermos egoístas, sim, individualistas, não importa o que pensa a imprensa vermelha que há por aí.

O coitado do Loivo, sentindo-se na obrigação de mostrar que, “imagina!”, nada tinha a ver com os vermelhos, muito pelo contrário – “eu sou daqueles que era feliz e não sabia” – comenta com o produtor sentado ao seu lado:

– Escrevi no jornal, o senhor não leu?, que os milicos tinham que voltar, o senhor não acha?

O outro não escuta direito, a balbúrdia é grande, uma baderna! Então Loivo resolve gritar “Apoiado! Apoiado!” justo no momento em que a platéia silenciara, atendendo enfim aos pedidos insistentes do orador.

Pra quê!?

Gargalhada geral, parecia uma sessão do Teatro Serelepe ou do Gira-Gira, que montavam seu circo de tempos em tempos nas cidades do interior.

O deputado, informado pelo capataz de que se tratava “apenas de um jornalistazinho de meia-tigela” – já tinham pisado e repisado no rir, capaz que ele não ia esmigalhar com a bota de sola, novinha em folha o pobre-diabo –, não perdeu a oportunidade:

– Obrigado amigo. Agora que já sabemos do seu inestimável apoio, podemos continuar?

Deus do céu!

8.4.I.2. De bicho, entendemos nós

Deus do céu! Parecia que vinha abaixo o, pro causo, Gira-Gira, como naquelas comédias bem simplórias, com palhaço em cena, só faltavam o amendoim e a pipoca.⁶⁴⁷ Os fazendeiros, na maioria homens maduros, riam, serelepes feito crianças pequenas, incendiados pelo momento que estavam vivendo e que – sabiam disso e mesmo esperavam ansiosos, mas não iam deixar de aproveitar, de amarga basta a vida – seria breve, logo, da comédia, passariam a tratar de coisas sérias, seríssimas, caso de vida ou morte, e riam, se riam...⁶⁴⁸

– Infelizmente, alguns industriais do centro do país, sempre eles, estão achando que o sapo barbudo é um cordeirinho. Ora, de bicho entendemos nós, que somos criadores! É ou não é?

⁶⁴⁶ (em Nova Hereford tem uma tese que diz que a doença é de tanta criancinha que comeram... Não vê que é que nem se empanturrar de mio-mio, como o que disse aquele homem da seita aquela que esses dias falou na televisão, bá... não viram?... disse que “criança é ruim, elas são ruins, ruins!”, e fazia careta e retorcia os dedos, coisa séria... Então, tá explicado: é que nem mio-mio, farinha de osso, trevo, essas ração braba... hum! Vai matando, matando e vai que mata mesmo, hum...)

⁶⁴⁷ (a vida é assim mesmo: “Quando tudo estivesse pronto, / o molho vermelho, a massa no ponto, / eu pressinto: me faltaria o vinho tinto!” – Laire, com dor-de-corno)

⁶⁴⁸ (“Pensando melhor, eram risadas nervosas, doentias quase, como de louco de cinema, nada a ver com os teatros mambembes que marcaram nossa infância”, observa Carmem, nossa colega de Instituto.)

(Ribombar de éééééés.)

– ...Eles não se dão conta que é disso que o Lula precisa, de um apoio que seja qualificado, que venha de outra classe que não seja a dos pé-de-chinelo dele. Já tão aceitando discutir até reforma agrária, como se fosse assunto deles... E uns, inclusive, tão criando ou apoiando programas de assistência aos pobres, como se tivessem culpa pela miséria do outro. Ora, nós que trabalhamos de sol a sol em nossas fazendas é que podemos dizer, de boca cheia, que é suando que se consegue as coisas.

(Aplausos e um que outro comentário, bem coisa de guri. Por exemplo: o Pepe sussurrou pro seu amigo que “não se deve falar de boca cheia” e que “eu não suo, quem sua são meus arigós; eu gasto”.)

– Nós temos que resistir. Eles chegam ao poder com um discursinho de mentira e depois, aos poucos, quando a gente se der conta, estamos vivendo em Cuba sem nem sair do lugar. Mas pra resistir, temos que ser firmes em nossa pauta, principalmente quanto ao Movimento Sepé Tiaraju, não, não e não!; quanto às vistorias, não, não e não!; e quanto aos transgênicos, sim!... não podemos ficar pra trás de todo mundo. E pra resistir, precisamos do quê? Como é que faziam os brancos dentro do Forte Apache quando os índios se vinham? Como faremos nós, dentro de nossas propriedades, quando o Sepé se vier?

(A platéia, participativa, sugere metralhadoras, bazucas, tanques, mísseis.)

– ...É por aí mesmo, pessoal. Vejo que as lideranças do Grêmio Ruralista estão fazendo bem o seu trabalho.

(“Apoiados!”, palmas, guinchos...)

– ...Mas do que precisamos e pra já, é de armas de verdade para resistir. E para comprar arma, arma de verdade, não esses tresoião do tempo do epa, temos que ter dinheiro, e não é pouco.

(Olha para o silêncio comovido dos confrades, com o dedo em riste, certo de que – modo de dizer, são todos irmãos – tão no papo.)

– ...Para isso estamos aqui, para arrecadar. Então poderemos comprar as armas de que precisamos e acabar com esses vagabundos que querem tomar o que é nosso. Que comece o leilão, gente boa.

8.4.1.3. A nobre causa

Falou por apopléticos dez minutos, o deputado, e é apoteoticamente aplaudido, em pé!, pelos cerca de mil a dois mil fazendeiros, como diria o Seu Mário – “Quantos quilos o senhor acha que tem esse boi, seu Mário?” “Óia, más o menos de 300 a 500.” “Bueno... E, Seu Mário, me diga: quantos metros têm daqui do galpão até lá no ipê, quero puxar luz pra botar um bico na entrada do cercado das casas, uns 100?” “Óia, é daí pra fora” –, esse Seu Mário!

O deputado passa a palavra pro leiloeiro, figura muito querida pelos produtores e tradicionalistas em geral porque costuma doar 0,1% do montante que auferir nos leilões para os CTGs do Departamento. (Antes teve um vídeo...) E o homem já vai avisando:

– Hoje, os meus amigos tradicionalistas vão ficar chupando o dedo, mas a causa é nobre.

(Risos.)

Além desta, o leilão tinha várias particularidades, a primeira e mais visível – ou invisível – é que não estavam ali os bichos a serem vendidos, simplesmente não entraram em pista, até porque não havia pista. Estavam os bichos, mas nos papéis que o leiloeiro – Senhor João Antonio Lamas, digamos nome e sobrenome do macanudo – tinha, várias folhas, com o nome dos proprietários e a quantidade e classificação dos animais. Assim: Doutor Eriberto Conceição da Luz, dez bois de sobreano; Senhor Aliomar Castro, duas vacas de invernar, cinco terneiros desmamados e um potro inteiro redomão; Senhor... Entenderam?

E tinha nomes e nomes na lista, e cada nome com uma quantia de bicho, coisa de espantar – de arrepiar, diriam os do Sepé – sendo a classe munheca e chorona que só eles. Outra particularidade espantosa: O Doutor Eriberto arrematou seus próprios animais duas vezes e voltou a doá-los “não quero, fica pra causa” (aplausos); o Senhor Aliomar, uma; o Senhor Fulano... Sabem?

Quando a coisa começou, o Pepe, caçador ferino, lascou:

– O Doutor Eriberto tá explicado. Ele não deve ser muito certo porque a mãe dele, todo mundo sabe, nunca regulou bem.⁶⁴⁹

Mas quando o Senhor Aliomar e os outros começaram a arrematar a bicharada e devolver pro leilão, até o Pepe comoveu-se, sentiu um arrepio, assim, coisa louca, como que tendo sido tocado por alguma entidade superior, Deus ou um anjo; como tendo sido, isso mesmo, roçado pela asa direita de algum anjo, e percebeu, naquele átimo, naquele transe epidérmico, que eles todos ali eram homens especiais, defensores da pátria, da terra, da propriedade privada, algo épico, profundo, farroupilha, por que não? ...e deu um lance, um lance absurdo, absurdo...

Todos olharam pra ele.

O leiloeiro bateu o martelo, “vendido”, e ele, no ato, imponente, garboso – por isso a Quem mata pelo cretino –, respondeu:

– Pode leiloar de novo, é minha contribuição pro movimento.

As palmas, dir-se-ia,⁶⁵⁰ arrebetaram os tímpanos – como os antigos, já não falamos?, cheios de risonhos de chifre – do salão. O lance estúpido, o ar de desassombro do moço, tudo, tudo fez do Pepe – como sempre, mesmo entre doutores, no templo⁶⁵¹ – o especial, o oportuno, o iluminado!

⁶⁴⁹ (não é que não regulasse bem, também não vamos deixar tudo por isso mesmo. A coitada da senhora, até já morreu, atropelada, mas não queria babá depois das complicações da diabete, a operação e tudo, imagina, “não tenho as minhas perna?”, perguntava, e os outros não tinham coragem de dizer que “não, Dona Idalina, a senhora perdeu uma, não lembra?”, como é que iam dizer uma coisa dessas pra mulher velha?, não era cega, tava na cara que não queria olhar pra baixo, empinada que sempre foi, e que não queria pagar alguém “pra companha”, munheca daquele jeito. Não que não regulasse, até bem ao contrário, pois de avião não andava, “se Deus quisesse que eu avoasse, me dava asa”, e era bem asseada, a Dona Idalina, vocês leram que um avião teve que voltar pra pista porque, tá lá escrito, “foi atingido por um pássaro”? Menino! Eles tão com medo dos urubus – que é o que não falta nas vilas de NH –, tá lá escrito: “a colisão de um urubu de 1,5 quilo contra um avião a 400 km/h pode ter o impacto de sete toneladas”. Perguntamos: por que voar tão rápido? E, com Dona Idalina, se viva fosse: por que voar? A camionete que a atropelou dizem que voava, mas era de um filhinho-de-papai e ficou por isso mesmo. Os filhinhos-de-papai em NH mandam mais que tudo... E isso que ela era mãe do Dr. Eriberto, hein!?... Não vê a desfaçatez do Pepe...)

⁶⁵⁰ (o momento, desculpem, pede uma mesóclise)

⁶⁵¹ (falar com responsável: é a segunda ou terceira vez que se menciona isso de templo. Já não encheu? E esses doutores? Belos doutores deviam ser, achicados pelo Pepe...)

8.4.2. Um horror! Um horror!

(Temos que ter muito cuidado em tocar no assunto, porque a cidade está em polvorosa com a presença dos sem-terra por aqui. Mas é preciso dizer que antes do leilão rodaram um vídeo com cenas terríveis. Não se sabe como, mas tinha imagens de Eldorado de Carajás, do Pontal do Paranapanema, das ações policiais no Paraná e até, de lambuja, uma passadinha pelo massacre do Carandiru. Nosso grupo de estudos – isto é uma pesquisa, de biblioteca e de campo – tinha uma pessoa lá dentro, codinome “Menelau”, pequeno proprietário, picareta de gado, o homem ficou em estado de choque. Nem deu na vista, porque cara de apavorado e cara de bobo é tudo parecido, o sujeito fica estático, de olho arregalado, às vezes, de boca aberta. Ele nos contou:

“Um horror, um horror! Aquele monte de mulher e criança, umas de colo, correndo pra tudo quanto é lado, no escuro, procurando uma canhada ou uma árvore pra se esconder, e os homem atirando, as luz das camionete iluminando os sem-terra. Dava pra ouvir os gritos deles, uma criança gritava ‘Mãe, perdi meu chinelo’, outra, chorando, ‘Não quero, não quero, tenho medo’, e a mãe, ‘Vem logo, menino, quer morrer?’, uma voz, ‘Mataram meu pai, pai!, mataram meu pai’. Horrível, horrível! Depois apareciam os jagunço, com uma touca na cara, mostrando as arma e comemorando a vitória, pulando, berrando. Vocês não sabem o que era aquilo. Noutra lugar, de noite também, eles baixavam o pau nos colono, chutavam eles quando caíam, pela cabeça, na barriga, no meio das perna... horrível. Pararam uns ônibus, numa estrada, mandaram as pessoa sair e tocaram bala, de borracha, parece, mas mataram um. Apareceu um coitado ajoelhado, comendo bosta de vaca, com uma pistola na cabeça, o cara dizendo ‘come, seu bosta’, e, brincando com seus companheiros, ‘bosta comendo bosta’. Pegaram uns e pelaram eles, em fila, e passavam, não dava pra ver o que falavam, mas davam cotovelaço na boca de um, joelhaço nas bola de outro, tapas, cuspiam. Tinha uma mulher com o pé rasgado, sangrando, o cara deu-lhe uma paulada de cassetete bem no machucado, o corpo dela saltou⁶⁵² pra cima, e caiu, quieto, decerto desmaiou. Ai, ai, ai, um horror, um horror, Deus te livre! Noutra cena, os policial abriram as porta de trás da viatura e, no escuro, mandaram bala, deve ter morrido alguém. Tinha também uns sentado, dois a dois, um de costa pro outro, não sei se algemado ou amarrado, e os policial por ali, rindo, dando uma paulada, um chute, e rindo, che! O pé-de-porco, noutra lugar, de noite, aparece gritando para o cara, algemado, ‘eu vou te estourar, vou espalhar teus miolo por aí, bicha nojenta’. Horrível, nunca vi nada igual, nem nos filmes do Chuck Norris, que é bala e bala, palavra. Aqueles preso também, amontoado, queimado, bá, coisa horrível, bá!” É preciso, meu Deus!, dar um copo d’água para o homem – melhor para todos, com açúcar – , que está apreensivo porque “eles vão comprar um monte de arma, um monte! Mas em que mundo nós estamos?”

Olha, não sabemos.⁶⁵³

Mas sentimo-nos como num poço escuro, profundo, frio no oco do pampa, ocos.

⁶⁵² (“como se fosse um soluço”, diria o poeta)

⁶⁵³ (há uma tese em Nova Hereford, baseada na observação da vida animal, que diz que os ruralistas atacam que nem bicho acuado – pelas barracas atas do Sepé –, de medo; têm medo e então reagem atacando, mas por medo, entendem?, o peito deles é puro medo, segundo a tese de doutorado, ainda não concluída)

8.4.2.I. Tudo céu

Ocos...

Por isso, vejam que lindo, o artista plástico Pablo Paniágua – talvez parente do historiador Edson Paniágua, amigo verdadeiro de Nova Hereford – resolveu pintar de azul as árvores mortas às margens das rodovias, apresentando-nos “uma nova possibilidade para a paisagem”. Bonito. O céu azul, as árvores azuis... Precisamos, como bem diz ele, “ampliar as fronteiras com o impossível”, pois o que temos não são boas perspectivas.

Vejam o que aconteceu com a Dona Clara, não conseguia respirar direito de tantos gases abdominais,⁶⁵⁴ já tava reta de redonda, de cima abaixo, mas tinha vergonha. O marido perdeu a paciência:

–Será os pé?! Tu só te queixa. Vai, te acoca num canto e fica cantando alto, aí ninguém escuta. Desse jeito, entupida de vento, vai acabar no hospital.

Adiantou? Não. A senhora não peidou e teve que ser internada mesmo na Santa Casa, quase morreu. Outro desastre correlato: o chihuahua de Pâmela, filha do Senhor Saturnino, estourou de tanto comer e beber coca-cola. Daí a importância das árvores azuis, a gente olha pra cima e tudo é céu, tudo é azul.)

8.4.3. Do cochichô

Refeito, o Menelau contou que... ôpa!... (cá pra nós, os fazendeiros montariam uma série de procedimentos de guerra, a exemplo do que foi feito em outros estados – “tinha até um especialista nisso que veio lá de cima pra dar um treinamento pros interessados”. Leu o que apontara nas idas e vindas ao banheiro, pra apontar mesmo, escondido, não perder nada,⁶⁵⁵ escondido num daqueles cochichôs com patente, o som chegando-lhe inteiro, de estourar os miolos de rascante, de nausear, ali sentado, de tão repugnante.

–Disse o homem que tinham que contar com o apoio da polícia, e muitos, só que sem aquilo onde diz o nome deles, aqueles paninho. Claro, pra ninguém saber quem são quando forem fazer as estripulia, porque, outra coisa, sempre vão ter que usar capuz, e, pra complicar ainda mais, só vão agir de noite. Ele falou que é muito importante isolar a área, não deixar ninguém chegar perto, pra não haver testemunha. E, chegando no acampamento, atçar os cachorro, jogar bomba, atirar, saquear, distribuir paulada a torto e a direito, xingar eles, derrubar os barraco, acabar com horta, todas as instalação e até com as coisa de cada um, escova de dente, cueca... e tirar eles pra fora do jeito que tiverem, se pelado, pelado...

Depois do bochincho armado, o homem disse – Menelau escutou, anotou e nos disse – que era pra deitar os sem-terra no chão, de bruços, comendo terra, bem dizer, separando as famílias, pra gorar qualquer reação ou tentativa do pai de proteger seus filhos, a mulher, e pra arrancar deles mais fácil quem são os chefes... que devem ser presos arranjando um motivo qualquer, mas devem ser presos. De manhã, depois de tudo feito, é que os oficial de justiça devem chegar, pra darem de novo a posse pro fazendeiro.

⁶⁵⁴ (acabara o Espasmo Silidrom e já não tinha idade para Funchicórea...)

⁶⁵⁵ (“Este parece que tá com o mijo flocho!”; comentou um com o vizinho, sentados lá no fundo, perto do banheiro, de tão cheio que tava o CTG)

— Isso em caso de invasão, como eles dizem, mas eles também vão poder usar o que aprenderem contra acampado e contra qualquer um, não vê? Vão ficar treinado pra guerra — frisa o assustado Menelau.

Ah, e o homem falou que era bom botar as pessoas em ônibus e largar longe, em outras cidades, extraviar eles, como faziam com os loucos antigamente, todos lembramos, o intendente mandava juntar e levar pra Uruguaiana ou pra São Borja.

Coisa séria!

De dar medo.

8.4.3.1. Por um tubo de canha

Vejam, ainda agorinha a Professora Virgínia ligou e comentou a respeito dos dois mendigos enforcados — depois de serem vítimas de tijoladas e sabe-se lá o que mais — esta semana em Nova Hereford. Um deles tinha sido trabalhador rural, ficou desempregado e, sem opção, nesta terra sem vagas, virou vagabundo, mendigo. O outro, também desempregado, foi — oh, ironia! — identificado pelo seu ex-patrão, sem ninguém por ele. Os matadores teriam sido outros dois mendigos, por um tubo de canha e restos de imitações baratas de big-macs.

Ambos os mortos tinham quarenta e poucos anos, mas aparentavam muito mais. Foram encontrados pelo cheiro em uma das cada vez mais numerosas taperas cidadinas, no meio de tralhas e ratos. “Que crueldade!”, lamentou a Virgínia, referindo-se, mais que às mortes, quatro, bem dizer ao que são reduzidas as pessoas em nosso puído, roto, esgamelado tecido social.

Seu telefonema lembrou-nos o poema **O bicho**, de Manuel Bandeira — “Vi ontem um bicho / Na imundície do pátio / Catando comida entre os detritos”, começa ele, um bicho que “não era um cão / Não era um gato / Não era um rato”, enfim: “O bicho, meu Deus, era um homem” — e lembrou-nos que o intendente de Nova Hereford, o alcaide!, está todo dia no rádio dizendo que marginal tem que tomar pau mesmo.

Por isso nos sentimos no fundo do poço, sem as miríficas árvores azuis.

Ô Paniágua! Traz teu parente pra cá!)⁶⁵⁶

⁶⁵⁶ (de reforma agrária falamos, não nos deixemos maravilhar apenas com o belo, mas também com o bom. Então, a Conferência Nacional dos Bispos largou nota dizendo que a RA “é um imperativo de justiça e de autêntico desenvolvimento, tornando-se imprescindível para evitar uma explosão social de consequências imprevisíveis”. Dom Dadeus, graças a Deus, é voto vencido na CNBB. Façamos outra novena de agradecimento... Mas tem mais, pra não deixar que o bicho fuja, pisa ali, ligeiro, Arli, tu que é forte, no rabinho de flexilha do cão... O Tribunal Internacional dos Crimes do Latifúndio do Pará condenou os responsáveis pela “chacina de Eldorado de Carajás”, aquela que matou um monte de sem-terra e ficou tudo por-isso-mesmo, do governador ao presidente, do chefe dos polícias ao polícia que atirou, todos... E são gente de respeito. O Hélio Bicudo só tem o nome assim, meio agressivo, mas é homem de paz, a paz verdadeira, com pomba e tudo... A Salete Maccaloz, também, Maccaloz é um sobrenome que até dá medo, mas é só a palavra, ela não fica botando a boca em todo mundo de valde, é só a palavra que assusta, como “Caty, o Caty...”, como “Ugartemendia... Óia que se tu não fica quieto eu chamo o Ugartemendia!” imagina, além de bicho-papão, basco... Bueno, mas, a Salete disse que “deixar que se puxe o gatilho é uma atitude participativa”, e é, co-autoria, se lemos bem o livrinho... E Jennifer — este, sim, bota nome bonito, não é esses pouquinho como Maria, Eva, Ana... — Harbury, além de tudo, americana, disse que lá, em Carajás houve execuções, “balas na cabeça e na nuca são provas de execução. Encontramos isso nas valas comuns da Bósnia”. Coisa horrível, e nós pensando que “o Hawai é aqui”, quando aqui é a Bósnia e nem temos com o que rimar, o Laire desiste, desiste o Rudiard... Ai, ai...)

7.3. Mulher custa caro

A Exposição Agropastoril de NH é a mais importante festa da cidade, não só porque é a única – não temos mais carnaval e o Natal é dos camelôs –, mas pela virtude de abarcar na sua totalidade o que dá vida ao Departamento – vêm expositores de todas as outras cidades, Alegrete, Uruguaiiana, Quaraí, Barra do Quaraí, Rosário, Manoel Viana, São Francisco, Maçambará, Itaqui e Polianga do Sul, o mundo... –, sua produção, o espírito gaúcho, as brigas pelas rosetas de Grande Campeão, as trovas, os remates, o cavalo crioulo, tudo, tudo. (Venham ver o Rio Grande de verdade, é sempre na primavera, os turistas ganham de brinde uma cumбуquinha de geléia de mocotó e um chaveirinho de tento.)

Pois o Senhor Valentim, patrão mui respeitado pelo Otacílio, potentado do GRU-NHE, recebeu uma ligação em meio ao tiroteio de uma reunião concorridíssima da classe, que a Fulana isso e aquilo, vá pra puta-que-te-pariu a Fulana, não tinha outra hora? Bueno. Mas o caso era, de fato, grave. Simplesmente – vejam o problemão –, a encarregada de preparar os animais pra a Exposição tava cheia de voltas que nem bolacha em boca de velha. Tava na cara que o negócio era dinheiro. Os bichos já tinham sido levados para o parque e a mulher nem-te-ligo. Os julgamentos começariam no dia seguinte; ou o criador dava um jeito ou entrava em pista descontado em relação aos demais. Perdia, na certa. Teve que ir lá.

– Quanto mais tu vai querer? – pergunta o Seu Valentim pra ela, encostada no balcão de um dos bares montados especialmente para a festa, de bota bege, bombacha verde musgo, com bonito desenho de favos, camisa xadrez predominando a cor da bota, vincha chimanga atando a cabelama preta, lustrosa, linda de pegar porque escapa, se arrenega, não se entrega ao primeiro toque.

A mulher olha pro homem mais pra lá do que pra cá que a encara firme e pensa que não é mais o mesmo, embora tente aparentar, certo de que o dinheiro e os truques de postura tudo podem, “mas está enganado”, pensa Fulana, “já deu o que tinha que dar e não dura muito”. Pouca gente no bar, mas o suficiente para a conversa ser pública; só não é repetida pelos alto-falantes da rádio da Feira porque trata-se de quem se trata.

– Eu quero o que tu sempre me prometeu e nunca me deu, um apartamento em Porto Alegre.

– Eu não te dei porque não queria que tu fosse embora.

– Se é por isso, eu fiquei, agora pode cumprir tua promessa...

– O problema é que estou sem dinheiro no momento. Espera os remate.

– Então vamos falar com o Lamas e resolver tudo agora. O que teus touro renderem vai pra minha conta.

– O que que eu ganho com isso? Tu prepara eles direito, eu consigo os melhores prêmio e na hora do bem bom é tu que fica, sozinha, com tudo.

– E se eu contar pra tua mulher?

– Ela sabe, só se faz de loca pra passar bem.

– E se eu fizer um bochincho na frente de todo mundo?

– Tu não é loca nem nada.

– Então, tá combinado – ela diz, e dá uma rabanada com o cabelo, no sair, que lembra a Valentim os melhores cheiros que sentiu em sua vida, impregnando o travesseiro, este,

e o outro, lá embaixo, embebendo, agridoce, o nariz.⁶⁵⁷ Ele a segura pelo braço, firme, faria tudo de novo, sem dúvida; agora, se ela quisesse... e ele pudesse. “Melhor nos pelego”, ela dizia, “a gente se ajusta melhor, no cetim escorrega”. Ai.⁶⁵⁸

– Tá bem. Vamo no Lamas.

Mulher custa caro. Bonita, então...

7.3.1. *Nem viver, vivem*

A discussão pode parecer sem importância considerando que o seu motivo é a negativa da profissional em preparar os animais do Seu Valentim para a Exposição. Por que o homem não mandou longe a zinha, contratando outra em seu lugar?

Pergunta típica de gente aí da metrópole, que não entende nada do assunto e fica bosteando só porque mora em cidade grande, atravessa a rua sozinha, pára táxi no dedo, pega qualquer ônibus pra qualquer lugar, inclusive os Tês, e se não tem ônibus, vai até de avião, não têm medo de nada, nem do Parque dos Maia, das enchentes do Nilo ou de estar entalada naquilo que voa, lá na rarefação nublada do cosmo, a não sei quantos metros de espatifar-se. Vocês vão ao shopping e nem sentem frio naquela geladeira cheia de desconhecidos de chinelo, pro causo, ninguém; saem a gastar com griffes, inutilidades, nem durar, duram, nem servir, servem, nem funcionar, funcionam.

E pra que os ônibus, os táxis, os aviões, se todos vocês têm carro novo, importado, se pagam uma fortuna só para exhibi-los antes que os roubem? Vocês têm empregos, bons salários, trabalham em andares altos, com vista pro Guaíba e isso parece muito natural, subir naquelas caixas fechadas entupidas de estranhos... falta luz e não há pânico, vocês são controlados, o intestino funciona e por aí não faltam terapeutas, no caso de caírem em si, do avião – economizando o forno crematório –, do carro em movimento – jogados pelo puxador que o roubou e leva –, do elevador, no poço sem fundo da vaidade; quanto mais alto, maior o tombo! Já o pampa...

O pampa é um deserto; paisagens sobre paisagens, as mesmas, e o tempo vai e vem, nunca se sabe. Entender-se no pampa é para vaqueanos, conhecedores, como o Canho, das nugas locais. Espicha o dedo e – olha que o degolam! – não há táxis circulando. Quer quem te leve, vai no ponto e pega um auto de praça, pode dar sorte. Avião? Aeroporto tem – pra OVNI’s –, avião pra quê? Pra pechar num urubu? Acabar com os bichos na pechada?

⁶⁵⁷ (a velocidade da vida de hoje, vejam, ainda ontem o Seu Valentim era jovem e agora... Tão veloz que não dá tempo pra pensar no que os graúdos dizem e a gente acaba embarcando na correria, desatinado também, e sem saber por que a pressa, da vida, que mais nos envelhece, e disso de ganhar dinheiro, de comprar isso e aquilo que nem precisamos, um cisquinho material na mão e parece que descobrimos a América, totalmente perdidos do todo humano, de sua abrangência... Por exemplo, a vagina: a vagina é apenas um socavão, como o sovaco, só que com buraco. Dá logo as pelegas pra essa que é pura vagina, dá até nojo!)

⁶⁵⁸ (tá provado e reprovado em NH: o homem é o bicho mais burro que hay. E esse negócio de cetim, encasquetaram com o cetim?)

7.3.I.I. O santo gozo

(Saibam que os seres alienígenas gostam do que é bom e não só em Nova Hereford, mas cerca do rio Dayman, no departamento de Paysandu, nas Tierras Coloradas – assim, bem explicado, quem procura, acha –, há uma estância, a La Aurora, que mantém importante pista de aterrissagem para OVNIs, bem no local, intacto, onde árvores queimadas marcam sua vinda anterior. Até Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na lua, não um lunático qualquer, portanto, pois astronauta é, bem dizer, um cientista, aquele monte de botão na cápsula, comida em tubo de pasta de dente, caminhar flutuando, assim meio em câmara lenta – o homem é, vejam, bem moderno enquanto que aqui hay algunos que ainda só cagam a campo –, até ele veio a La Aurora analisar o fenômeno e falar para os iluminados da verdade.

Tinha bastante gente, que La Aurora fica pro mesmo lado da Gruta del Padre Pío, conhecem? O capuchinho Padre Pío de Pietrelcina, o Padre Pío de todas las gentes, em 20 de setembro – ó data abençoada... Pío, Bento, Otacílio... – de 1918, estava meditando sobre a paixão de Jesus quando lhe apareceu o próprio, crucificado,⁶⁵⁹ e lançou sobre ele cinco raios que feriram-lhe, qual Cristo, as mãos, os pés e os costados, de cujas chagas começou a sangrar, empapando-se.⁶⁶⁰ Ao seu confessor, mais que estigmatizado, crucificado, dizia: “Sufro y sufro mucho... Yo no deseo que se me aligere la cruz, porque amo sufrir con Jesús;⁶⁶¹ en la contemplación de la cruz sobre los ombros de Jesús me siento más fortalecido y exulto de un santo gozo”.⁶⁶²

Deste santo gozo, com sofrimento e dor, é que andamos precisados.

As pessoas hoje gostam de tudo fácil e rápido, não vê as missas, o padre nem bem começa e já está no “ide em paz”, correndo pra sacristia, tirando batina e aquela roupama toda. Daqui a pouco, vamos ter missa em play-back⁶⁶³ e gozo pela tele-entrega – falas como “Yes, baby, tô quaje lá” cairão em desuso, o rapaz do motociclo providencia tudo e traz cá, na nossa porta –, quem sabe até os milagres curativos que Padre Pío fazia com as chagas de suas mãos, bastaria o tele-moço trazer um pedaço da tela del guante do santo⁶⁶⁴ – muitos pedaços venderam, sua santa mão, como o coração, deveria ser grande – e tocar com ele nossas dores, pronto, foi-se o sofrimento – capaz até que se negocie a permanência do gozo –, ó Deus!

Nosso querido José Ovideo pode ser que ainda tenha um naco de suas luvas – vende barato, não é ambicioso –, mas, se estiver em falta, em seu estabelecimento tem uma virgem que está sempre chorando e ele – solícito! – com certeza providenciaria um vidrinho do santo humor por apenas 50 pesos, três por cem. O produto é garantido. As divorciadas e solteironas que dele fizeram uso – como perfume, uma lágrima atrás da orelha, cheira a jasmim –, declaram-se bastante satisfeitas, dizem que seus desejos foram prontamente atendidos. José Ovideo é macanudo e dá um duro coisa séria.)

⁶⁵⁹ (bota macho! Por muito menos já vimos alegretenses saírem disparando, imaginem isso... O rio saiu da caixa, definitivamente! Cosa loca, espraizou-se o Caagai, o Dayman... foi-se o controle sobre a natureza – especialmente bexiga e intestinos)

⁶⁶⁰ (alertem o banco de sangue, antes a tipagem, depois, pelo menos dois litros, ou dez, não podemos perder o santo, andem, que o Padre empapa-se, e este viejo tiene que quedar en nuestra casa!)

⁶⁶¹ (“Que banco de sangue o quê! Preparem a camisa-de-força!” – o Roger)

⁶⁶² (“Suspendam a camisa-de-força! Tragam o botijão pro sêmem, pro sêmem!” – nosso malicioso e sem-respeito colega de Instituto)

⁶⁶³ (M.M.Gonçalves – o “multimídia” –, quiçá Fê)

⁶⁶⁴ (além de santo, asseado, não ia sujar os outros de sangue)

7.3.2. Pés plantados no chão

Avião... avião é coisa suspeitosa.

Bento Gonçalves, no manifesto de 25 de setembro de 35, o maior dos rebeldes, voou duas vezes,⁶⁶⁵ segundo ele, em prol do povo.⁶⁶⁶ Se os lanchões de Garibaldi caminharam, porque Bento – bento! – voar não poderia? Mas Delfina Benigna da Cunha achava que já voava tarde: “Vai com as águas lutar sempre sedento / Sevando o abutre que tenaz se aferra, / E deixa em paz a ensangüentada terra / Que tornaste em penoso monumento”.

Bento não usou, como o Padre Pío, luvas, e acabou por ensangüentar todo o Rio Grande.

Avião, enfim, não! E nem barco! Elevador? Vamos pela escada, gostamos dos pés plantados no chão. E, importante, olhamos pros lados pra atravessar a rua, se possível, de mão, automóveis matam.

Por essas e outras Otacílio cisma, por isso o homem, Valentinho, cedeu à exigência da mulher; porque as coisas não andam nada boas e é sempre um consolo dar a mão pra alguém, é de mãos dadas que se dança o “oi, bota aqui, oi, bota ali o seu pezinho, o seu pezinho bem juntinho com o meu”.

Ou seja: não mandou a zinha embora porque não é fácil preparar os bichos, e, como a Fulana, nenhum outro em Nova Hereford.

7.3.2.1. Merda em chinelo de dedo

Fulana é como uma 1ª prenda, porque foi uma 1ª prenda – antes de fornecer viandas, trabalhar como manicure e maquiadora e tornar-se preparadora de bichos –, sabe cantar – “Vou-me embora, vou-me embora...”, ai meu Deus! –, dançar – a Tirana, tirana, sempre com o mocito da internada, provocando o velho – e declamar – enfática e emotiva, de Aureliano Figueiredo Pinto, *Os Guaranis*, seus avós, “Olho a coxilha... E os arvoredos / jogados no horizonte e na distância” –, além de dominar a História do Rio Grande, na versão folclórica, o folclore em si mesmo, a geografia – as estepes do sul –, a culinária, claro, mulher, não fuma, não bebe, não vai além do contato das mãos com o namorado em público – em público, não! –, com Valentim, nem isso...

E tem inúmeras funções, a 1ª prenda, enquanto dura seu mandato de dois anos, como zelar pela indumentária de sua gente, participar de todos os eventos do Movimento Bento Gonçalves,⁶⁶⁷ divulgar sua carta de princípios, transmitir a cultura tradicionalista através de encontros e palestras e representar seu CTG em todas as atividades sociais, culturais e filantrópicas para as quais for convidada. São prendadas as moças. Mas a mais heróica, pro caso, de suas obrigações é vestir aqueles pesados vestidos, cheios de babados, imitando abajures, inventados para elas pelos criadores do tradicionalismo moderno.

Conta a artista plástica Vera Zattera que “uma menina não passou na porta pelo exagero de suas saias”. Mas isso foi em 1990, quando a moda era o vestido “bolo de noiva”. Hoje, as armações diminuíram e todas passam nas portas, pois o tradicionalismo pós-moderno aceita até que se fale em Anita Garibaldi, antes tratada por puta...

⁶⁶⁵ (a saber: 1. “...voei à capital a fim de ajudar-vos...”; 2. “...voei ao vosso lado...”)

⁶⁶⁶ (de passarola, voou?, o invento do padre amigo de Sete-Sóis? em prol? – suspeito esse Bento)

⁶⁶⁷ (o MBG tão tradicional)

Entendem agora por que Fulana é importante pro Seu Valentim?

Debochados, vocês da capital. Andam com as calças caindo, os fundilhos lá no Joelho, ou com as saias lá em cima, aparecendo os fundilhos das calças, e têm coragem de rir de nossas prendinhas? Metidos, hein?! Metidos que nem merda em chinelo de dedo. Ora, vão cuidar da vida de vocês, essa coisinha ordinária, que nós, gauchos, da nossa cuidamos!

Fulana sabe todas as rugas, os detalhes do serviço, vaqueana que nele é – “e em outros”, suspira Seu Valentim –, tendo, inclusive, participado de uma oficina com Pat James, onde aprendeu que “não há animal 100%, qualquer um pode ganhar realce, desde que sejam percebidas as suas qualidades” e que – isso é mais velho que as pedras – “se é pra hoje, então é que era pra ontem”. Entendem agora a importância de Fulana? Até saiu no jornal.

7.4. Pompom de tule

Dizem que o gringo James botou os olhos nela e quase esquece que tava ali pra enfeitar o touro.

Fulana declarou que aprendera muito com o expert, mais no detalhismo mesmo, pois o grosso dominava. Quatro são as etapas de um bom preparo para o desfile, além do próprio desfile – quando quem apresentar o bicho deve cuidar de seguir a fila indiana, pra não esconder-se do julgador atrás de um concorrente, deve também fazer com que ele caminhe natural, imponente, de cabeça erguida; se empacar, é preciso que um outro peão, por ali, de olho, ajude com uns tapas na picanha –, que são, 1) o banho, 2) o penteado, 3) a tosa e, 4) o casqueamento.

(Chorumelas... tachar!)

No banhar, duas coisas básicas: usar um bom xampu de gente, pra não deixar o pêlo ressequido, com água morninha, mas jateada, pra tirar tudo quanto é sujeira, e escovar bem o pêlo, contrariando o fio. O ideal é banhar, só com água, todos os dias no mês anterior ao desfile e, a cada dez dias, um banho completo, de campeão. Simples, não?

○penteado é ainda mais fácil, atentem cabeleireiras: deve-se secar o animal, ao sol ou com secador adequado e usar escova de aço, dividindo o pêlo na espinha do bicho – como cabelo repartido ao meio –, de cima pra baixo e, pra finalizar, da traseira pra frente, exaltando os predicados donde a cola vai no meio. Trabalho de instituto. A tosa tem que ser desuniforme, deixando pêlo nas paletas – pra evitar que apareça a pele –, sobre a inserção do rabo – pra ressaltar a preferida e tão requisitada traseira, os quartos do bicho –, nas patas – pra dar sensação de firmeza e equilíbrio. Raspa-se mesmo a cola, deixando, nos animais adultos, um pompom, como de tule – não economizem laquê! –, na extremidade:

Parece bobagem, mas o desfile é de gala e o sutil pompom contrabalança o peito largo e profundo.⁶⁶⁸ ○casqueamento nem é feito, bem dizer, por quem prepara o bicho;

⁶⁶⁸ (nem todos tiveram a sorte de um peito largo e profundo, alguns – como Sirley – até seios têm. Mas todos, na Agrofeira, querem fazer boa figura, bichos e proprietários. Assim, os ruralistas também envergam seu, pro causo, melhor pompom, e desfilam a griffe pessoal no meio dos animais, concorrendo entre si e com eles – de tão guapos, os de Nova Hereford –, para ver quem ganha o grande prêmio informal – “informal, mas de argola, de pedigree, vamos combinar”, diz o Fúlvio, amigo da Felícia, amiga do André Mitidieri, nosso amigo –, e então é um tal de de lá pra cá, daqui pra lá, só por desfilar seus ornatos – e sem imposto nenhum a pagar pela prataria, como o império nos cobrava em 35, e nos revoltamos, ora –, uns cuidando os outros, avaliando o peso em ouro, bem dizer, e a coisa ia assim quando percebemos que os mais abonados andavam de US Top e chapeuzinho de palha, nem bota vestiam, enquanto uns que devem as calças andavam folheiritos com elas atadas na cintura,

mas na cabanha, emparelhando as patas. Tem que cuidar as mãos, não deixar o casco crescer demasiado, principalmente a “parte posterior interna”, como ensina Simmons = este deve ser o bambambã da coisa –, mestre de James. Qualquer um, sabendo, faz isso, não precisaria um gringo vir aqui pontificar, ora...

7.4.I. Quem tem bolas

O que Fulana tem, no entanto, é arte dela, fruto de detida observação de cada exemplar – que já conhece, hein, e a miúdo –, as minúcias deles, vaqueana, depois de todo esse trabalho mencionado e por ela admiravelmente feito.

A potranca tem um sortidíssimo estojo de maquiagem – mala, melhor dizendo –, com tudo o que um homem ou uma mulher vaidosa podem precisar para exaltar sua masculinidade ou sua beleza. Fulana usa, basicamente, uma combinação de blushes até achar a tonalidade certa, que realça músculos, tapeia escolioses, sombreia defeitos, enfim, para ressaltar as qualidades do bicho. Nas vacas, chega ao requinte do rímel. O Seu Valentim ganhou muita roseta com seus red Angus graças às feitiçarias de maquiadora dela. (Entenderam por que não mandou às favas a zinha fornecedora de viandas, maquiadora e preparadora carinhosa e requintada de bicho?)

Fulana é uma mulher de carne – mais, muito mais, macia, quente – e osso – duro de roer, como diriam os cães, rosnando –, não essas coisas pastosas que grassam na metrópole e que, por trabalharem fora, julgam-se modernas, livres e outras bobagens do tipo, comprovadas, acreditam, porque racham a conta do motel e dirigem seu próprio carro; porque vão caçar no Bar do Beto e tomam a iniciativa quando querem trepar. Bueno. Nós gostamos das coisas simples. Trepar é simples: casa, abre as pernas da mulher e descarrega tudo o que não presta, o dia ruim, a vida, enfim, rapidinho, basta pensar em outra – na Liz Taylor em **Gata em teto de zinco quente**, na Jane Fonda em **Barbarella** –, segundos de lazer gratuito, e ela ainda cuida da casa e da cozinha.

Aquelas da cidade grande – não dá! – arruinam um homem com sua independência; elas querem brigar pelo que chamam de “espaço”, e nós, aqui, o temos de sobra pra cavalgar; pensam muito, querem demais no que fingem doar – quem paga, manda –, e quem manda é o homem, é seu o poder distributivo, Deus é homem, Jesus, Getúlio Vargas, Luís Inácio e outros grandes – o tamanho do pescoço não qualifica a carne do avestruz, apenas facilita sua fuga buraco adentro –; pelo menos aqui, quem manda é quem tem bolas.

1.2.4. A qualidade do compromisso

O gaúcho é sério porque sabe – atavismo cultural, fatalismo carnal – que viver é como morrer, todos os dias, e há que ter respeito pelos que estão morrendo de dentro pra fora – que de fora pra dentro, a história condecora ou é lá com a justiça –, todos. Por isso, ficar mostrando as cangicas, dar gritinhos de felicidade explícita, viver mui vividamente, pro causo, são festejos prematuros, pois a morte sempre vence.

guaiaca cheia de brilho, e nos lembramos de Gregório de Matos: “O velhaco maior sempre tem capa”, e “Quem menos falar pode, mais increpa”, e “A flor baixa se inculca por tulipa”, e, este Gregório!, “Para a tropa do trapo vazo a tripa: / E mais não digo, porque a musa topa / Em apa, em epa, em ipa, em opa em upa.” Y así son las cosas!)

Desta compreensão adulta da existência – o pampa não ensombrece nunca, a sombra é a nossa, de escoteiro, a galope ou no passo, conforme a sina, indo cumprir o compromisso –, que clarifica as idéias do que vai – nosotros – sob o chambergo, de-a-cavalo, tiramos a força que é valentia, destemor, heroicidade; vultos somos, pros de binóculo escarrapachados em seus confortos, avatares de vultos outros, mas sem a paga de um nome, uma lenda nos livros escolares,⁶⁶⁹ ao contrário, com a pecha grosseira de extemporâneos, primitivos, falsos, até, naquilo que mais nos honra. Que fazer, se nos faltam guerras? Se as revoluções mermaram como os ideais corrompidos pelos modernismos? Se nos gabinetes atapetados negocia-se o que antes, por inegociável, decidíamos no pampa aberto, em cargas de lança seca, no corpo-a-corpo de quem tem vergonha na cara e rabo nenhum?

Enterramos nossos mortos, milhares – o que fizeram com Gumercindo não tem perdão! –, levamos saudades aos seus túmulos onde quer que no campo jazam, então, sim, à sombra de umbus rombudos e ornados da voluntariosa natureza, quem sabe com a bênção de alguma flor. Quando o gaúcho vivia no pampa, antes das imundícies dessas cidades tomarem conta de tudo, com sua teia invisível de obrigações, vícios, transvios, carrapichos a la gran puta, os precavidos sempre tinham caixões prontos para o caso de um bater as botas:⁶⁷⁰ cada qual cumpria sua parte, entendem? Eles ficavam encostados na parede de um galpão, avivando nos ventenas – que los hay, até entre nós – a qualidade do seu compromisso, lembrando-os de cumprirem com suas obrigações, corajosamente, na luta de antemão perdida.

Um poeta, numa noite de 1899, Rainer Maria Rilke – e, por Maria, sonhador, induzido ao erro – imaginou um diálogo entre um francês e um alemão que iam para a guerra, deixando o francês, nobre, terras, conforto noiva... Grita o alemão, sem entender: “Mas, com os diabos, por que andais então montados, a cavalgar por esta terra peçonhenta ao encontro dos perros turcos?” E o outro, sorrindo: “Para regressar.” ...Bonito? Sem dúvida, bá! Mas, coitado do marquês, sem nenhum sentido. Em terra estranha ou na nossa, o rio de Heráclito⁶⁷¹ nos afoga em sua inescapável corrente, coisas feitas de pesada água, poeira e vaporosas quimeras.

Em Nova Hereford, por conta de sabermos, é comum que tenhamos mui temprano nosso túmulo no cemitério, com o retrato mais fiel na lousa, o epitáfio e a data de nascimento, deixando para a família apenas a tarefa de fechar-nos ali, inodoros, e concluir a síntese do que fomos em metal barato. Um estranho aos costumes de Nova Hereford, certa vez, trazido a passeio por um de nós, arquitetos ambos, foi visitar o cemitério local, conhecer as famosas esculturas, os templos gregos, as igrejinhas barrocas, quando, numa esquina, de inopino, enlevado pelas aéreas paragens de nossa arte estatuária, dá com o túmulo de quem o acompanhava, a foto sorridente – confirma, num átimo, com o rabo do olho, que também está ali o homem, vivo, sorridente –, e leva a mão ao peito, baqueia e cai, definitivo. Claro que não cuidara de nada, a família que providencie, cheia de dor, o que sua imprevidência criminosa deixou pra lá...

Irresponsável!

⁶⁶⁹ (nunca se sabe, a campanha foi deflagrada)

⁶⁷⁰ (Fulana também maquia cadáveres... e faz mãos, pés, massagem, tudo o que pode pra ganhar a vida)

⁶⁷¹ (não o chapeador que tem oficina na Coxilha; nem o fazendeiro, que o rio não é dele, é da União, exibido!)

1.24.I. O vazio da eternidade

Um obscuro e prepotente poeta de Nova Hereford escreveu um poema a respeito, cantado em ritmo de milonga, chamado **Cisma**, que diz assim (pigarros):

Troteia o tempo, galopa
Vai despacio, em disparada
Na marcha que a vida dita
E que o relógio não marca

Este cuida que os dias
Tenham sua hora exata
Mas, num de repente, o nada
O tempo também acaba

Acaba no meio o assunto
Atalha o truço, a estrada
E, no acabar-se, de pronto
Um outro tempo se instala

Um outro tempo mais ancho
Que sobre os tempos se espalha
Estranho à sina dos prazos
Um tempo que tudo iguala

Iguala maula e bom moço
Riqueza, cor, credo, idade
Um tempo em que não há posto
E não há luta de classes

Não pode haver mesmo luta
E já se viu pelear teso
Encaixotado de costas
Com as mãos no osso do peito?

E há uma luta entretanto
E é coisa muito da braba:
Embate de carne e tempo
Que asfixia-se em miasmas

A carne, uma vez eivada
Da morte, que rói e medra
Não nos traz de volta a vida
Nas folhas verdes da relva

Nem mesmo é o pó da terra
Que o pó que somos aguarda
Mas a campa fria e úmida
De alguma viela fantasma

A vida se vai com o tempo
 Que estanca no bom do mate
 Resta um tempo sem futuro
 O vazio da eternidade.

1.25. Fede-fede

Morrer é banal.

Para um gaúcho, deserto por deserto, vazio por vazio, o céu é o azul do mesmo pampa.

Inda agorinha morreu um mamau na BR, o caminhão nem vinha à toda, carregado de boi, mas pesado o suficiente para esmagar o borracho no asfalto onde apagara, sem forças, tino, para atravessar a estrada e morrer em casa, de roupa e tudo, surdo aos gritos da mulher, ressuscitando com o sol, imaculado, pronto para o dia. Adiaria o compromisso; perderia a ocasião da morte épica, enfrentando não sei quantos cavalos do mercedão, mais os bois do truck, sozinho, de-a-pé contra tudo e contra todos, armado apenas de uma garrafa quebrada à guisa de adaga. Pereceu, o quera, foi lavado com vinagre, conforme o costume, e deu adeus aos poucos amigos pilchado, com a de desfile, lenço vermelho e o chapéu – não poderia ir-se nu – sobre as mãos, um luxo!

Se fosse moça – Deus te livre! –, estaria vestida de noiva; se criança, de anjo. De anjo, como uma vizinha de Otacílio, pobrezinha, da idade da Vanessa, pobrezinha, já no caixão, o velório cheio de gente, os piolhos foram saindo dos cabelos e caminhavam pelo rosto,⁶⁷² em busca de calor, decerto, queriam descer pescoço abaixo, e a mãe, mãe, tentando catar os bichos um a um, impossível, chorando:

– Ajudem, ajudem, eles vão morder ela toda, minha filhinha, ajudem...

Agora?... Isso que a menina andava sempre de cabelo preso ou com trança, mas piolho não respeita nada, que nem carrapato, vai grudando e pronto, tá feita a cacaca.

Nas vilas é assim, toca de bichos.

Quem ainda tem daquelas camas de ferro antigas, presente de alguma patroa que resolveu espantar o tédio trocando a mobília da casa, sofre é com os percevejos. Eles tomam conta das camas e picam sem dó os viventes, dói coisa séria, e o cheiro deles mortos – sim, é uma guerra, matá-los pra poder dormir, chegar na hora no emprego... – é como o do fede-fede, conhecem? Horrível. Uma vez por semana desmontam as camas de ferro e enchem de água quente os canos, ou querosene, pra matar os bichos, mas eles voltam. Desde a 2ª Guerra, quando inventaram o DDT, ficou mais fácil a luta. Só que o DDT custa dinheiro, água quente não, e o DDT faz mal pras crianças. Assim que a praga continua.

Vocês não imaginam o que é morar amontoado na sujeirama, sem água que limpe a terra, a lama das fossas, com os dedos, as cutículas enegrecidas, aquilo cola e não sai, sempre alguma merda assinala, como um estigma, quem vem do arrabalde – e nem precisa morar na enchente, aquilo mofando as paredes, os móveis, inutilizando as roupas, duas, três vezes ao ano, sem piedade, nem parece de Deus, a chuva, para os ribeirinhos –, fechando-lhes portas, portões gradeados.

⁶⁷² (é a consciência pesada do pai de Andressa que lembra, que pune-se lembrando, ou se redime)

5.5. A grande cagada

Daquela vez, preso, Galdino, irmão de Tunica, disse-lhe, quando de uma visita dela:

– As grade da cela não me incomodam, parece que sempre vivi assim, as cerca pra fora, essas casa que parecem prisão, as porta batendo na nossa cara, não te preocupa mana, eu tô bem, só preciso de cigarro.

A irmã espantou-se:

– Quem é que anda botando essas coisa na tua cabeça?

E ele:

– Ninguém. A vida, mana, só.

Essa percepção⁶⁷³ de que a vida no pampa, hoje, é um confinamento para quem não possui de seu um palmo de terra onde respirar livremente levou Galdino, assim que solto, a engajar-se no Movimento Sepé Tiaraju. Infelizmente, novo no grupo, não teve forças para impedir a desastrada ocupação, decidida lá pela capital, por pessoas sem nenhum conhecimento dos costumes da região. Ele dissera:

– Agora, não. Está tendo a Agrofeira. É a única semana do ano que junta eles tudo no parque. Vem deputado, às vezes até o governador. Melhor deixar pro verão, que eles vão pra praia e isso aqui morre.

De que adiantou? A orientação viera de cima. Coube-lhes obedecer, “front especialíssimo”, como dissera um líder do Movimento:

– Nova Hereford é a cidade mais atrasada do estado. Temo que mostrar pros fazendeiro de lá que os tempo são outro, vamo esfregar nossas bandeira na cara deles.

E deti-se a coisa:

5.5.1. Olhinhos de ferro

Os acampados da beira do Curuçu saíram de madrugada, mas não todos, e dirigiram-se para o interior do interior do município.

Marchavam um tanto e descansavam à beira do corredor, sempre acompanhados de perto por duas ou três camionetes de fazendeiros, até que, de vereda, entraram por-teira adentro da Agropastoril Quero-quero.

Não bem de vereda, é verdade. O grupo de andantes, ainda que andantes, tinha rumo, que era a Fazenda Corticeira, enorme e meio que abandonada pelos donos, à venda há uns bons quatro ou cinco anos. Muito grande – e muito cara – não encontrava comprador. Mas, passando pela Quero-quero, a peonada do estabelecimento estava toda do lado de fora da cerca, a cavalo ou montada em tratores, pra proteger seus – do patrão – domínios – deles, o emprego –, e, gente bruta, como quase todo o gaúcho, mesmo os peões sem-terra, criados sob o jugo estancieiro, com suas leis rígidas, inimigos mortais dos do Sepé, começaram a inticar com os que passavam, aquelas mesmas palavras – de ordem, pro causo – que os patrões usam em qualquer microfone: “cambada de vagabundo”, “comunista”, “marginal”, “ladrão”, “bandido” etcétera.⁶⁷⁴

⁶⁷³ (“cegueira” para os do GRUNHE)

⁶⁷⁴ (nenhuma com o “esse” final, vejam! O que pode um mero revisor a queijo, bolachinha com gergelim e vinho? Vai de qualquer jeito, ora! E a Feira?...))

Os outros agüentando no osso.

Até que um peão mais abusado, estalou seu rebenque perto de um gringo velho e gritou:

– Te arranca, fiadaputa!⁶⁷⁵

O homem ferveu, ficou cor-de-rosa de tão branco – de tão brabo – e, no segundo laçoço, agarrou o couro e deu um puxão que desmontou o atrevido.

– Minha mãe não, que tá com Deus, desgraçado.

O outro tentou levantar-se, mas o gringo já lhe aplicava uma sumanta do seu próprio rebenque.

– Desgranido! – gemeu.

E o bochincho tomou conta. Os andantes se vieram contra os peões, uns vinte – “e eles eram como mil”, explicaria depois um empregado – e os foram empurrando de volta pra toca. Quando se deram conta, os do Sepé, estavam dentro da Quero-quero, correndo atrás dos covardes fujões. E porque dentro estavam, ali ficaram, até porque a estrada já estava cheia de camionetes – e pareciam duas ou três as que acompanhavam a marcha, ué! –, com um monte de olhinhos de ferro apontados pra eles.

Sem saída – queriam a Corticeira e ganharam a Quero-quero – começaram a deliberrar sobre onde erguer suas tendas.

Tudo isso, vejam o erro tático, bem no dia do desfile dos campeões da Exposição, quando o parque estava tomado de deputados e gente do GRUNHE. Havia até um grande encontro programado pelos fazendeiros para acertar o que fazer contra os acampados, por isso o auditório cheio, os ânimos exaltados – até o do Seu Valentim, que, graças aos dotes de Fulana, ganhara a roseta de Grande Campeão e de Reservado de Grande Campeão com seus angus, e deveria estar é faceiro –, a presença de autoridades de todo o Estado ligadas ao, como eles dizem, “agrobusiness” ou “agribusiness”, enrolando a língua e fazendo beijo no “bu”, que os mais graúdos dizem “bi”, como bem notou a professora Iara,⁶⁷⁶ de inglês, participe da Associação Lingüística de Nova Hereford, ALDENORD.

6.7. Islas flotantes

Agrofeira. Chorumela.

Os palestrantes iam-se sucedendo ao microfone, todos os com assento na longa mesa que dirigia os trabalhos e mais alguns que pediam a palavra para louvar o figurão que falava ou, todos eles, manifestando-se pelo uso da força, “sem limite e sem tréguas”, contra o Sepé. José Antonio Flores, 200 quadras de campo fino em Bagé, umas 400 no Mato Grosso, criador afamado de Braford, arroteiro de milhares de toneladas, dizia:

– Na Colômbia, os donos não chegam às suas propriedades, os comunas só deixam entrar os capatazes, pagando 10 mil dólares de pedágio por visita. Já foram seqüestrados mais de mil fazendeiros lá e mais de mil foram mortos. Isso, minha gente, tá começando

⁶⁷⁵ (“fiadaputa”, bem assim falava o Lazarilho, aquele de Tormes, com tradução nova por aí; coincidência...)

⁶⁷⁶ (“grande novidade...” – o “multimídia”, ciumento)

no país, e a partir do Rio Grande. Absurdo! Uma pesquisa mostrou que 97% dos gaúchos são contra o Movimento. Bagé, que é onde eu moro, já é a sétima em criminalidade no estado. E por quê?

Um grita na platéia (sempre tem um!):

– Por causa dos vagabundos do Sepé.

O bageense sorri:

– Obrigado, amigo, é isso mesmo. Os assentados não produzem e, sem o que comer, vão assaltar e roubar casas na cidade, sem que a prefeitura do PO faça nada. Olhem só: nos orçamentos deles, eles chegaram a dar sete vezes mais dinheiro para os assentamentos do que para o custeio dos produtores.

– A gente tinha era que ter fechado nossas contas no Bannisul, isso sim! – recrimina outro produtor do meio das cadeiras.

– Concordo com o amigo – continua Flores –, mas agora é tarde. Nosso problema é que não conseguimos trabalhar direito, tendo que ficar fiscalizando acampamentos. Onde já se viu? Como produtor, me sinto um coitado, debaixo do cu da cadela, se querem saber francamente. O governo do PO nos maltratou o que deu e agora, preparem-se, vai ser pior. Eles querem transformar isso aqui numa Colômbia, uma Cuba, que Deus nos livre. Mas nós não vamos deixar! E é essa minha mensagem final: nós, unidos, somos muito mais fortes do que esses borra-botas. Eles não vão conseguir o que querem, não vão!

(“...Debaixo do cu da cadela...” Vivemos um dilema. Esta é uma pesquisa de campo e de biblioteca, bem o sabem, mas é também uma charla sem fim ao pé do fogo de chão, chimarreando, coisa de gaúcho. As pessoas aqui não falam assim, com todos os esses da gramática, já anotamos.⁶⁷⁷ As pessoa, às vez, fala sem os esse, eme... Mesmo os do Instituto. “O véio flochô os arrelho na cruzada do arrolho, ca’alo veiaci, i ficô agarrado nas alve.” Assim. As pessoas aqui, muitas, não lavam as mãos antes das refeições, pegam o pão que caiu no piso e comem, “o que não mata, engorda”. No galpão mesmo da nossa charla, fogo de chão, os fricotes não têm vez. A decoração, vejam, fica por conta das orelhinhas das lebres que os caçadores guardam como troféus entre o caibro e o zinco negro de picumã; vão esquecendo ali aqueles detalhes guascas como lembrança do bem bom que é correr campo fora, comer carne nutrida de liberdade.)

El gaucho es mui cabrón nisto de liberdade, vive sem freios – si lo permiten! –, habla de boca llena, limpa a boca na manga, se desboca a la gran puta – Otacílio baba olhando pro que precisa pro dia 20 no chamarisco das vitrinas, sem um puto pila na guaiaca –, o gaúcho, enfim, é chucro de língua, sua prosa escorreita como enchente nas sarjetas, sucia, é certo, porque a vida nem coca-cola limpa, espumenta, viscosa, às vezes, sempre, leva junto cagalhões, como islas flotantes, doces de dar água na boca, por isso comendo esses, erres, emes, hum!, engolindo num puchero generoso, hum!, as regras todas, que não entende, da gramática, não é doutor?, vamos meio que aos trambolhões costurando a conversa, que não é fiada – respeito! –, mas, de tantos, resulta como?

⁶⁷⁷ (e insistimos porque agorinha mesmo saiu uma professora daqui – quase aos empurrões, não fôssemos educados – que resolveu ficar nos corrigindo, “Não é ‘tu fez’, é ‘tu fizeste’”, “Não é ‘tu gosta?’, é ‘tu gostas?’”... Ora, quem é que não sabe? “Se tu sabes, por que não usas?” “Por que não usos? Porque não queros...”, inticou o Waldir, mas o que correu a tipa mesmo foi o – todo mundo ficou pasmo – Doutor Abimelec, falando sem parar “piça, boceta, piça, boceta, piça, boceta...” O Doutor Abimelec!... Se bem que, lembra o Vinícius, “ele gosta do Ray Connif, passa cantarolando ‘pararará, pá-pá-pararará...’ Não sei...”)

6.7.1. No *regalito*

Em nossas pesquisas de biblioteca, achamos lá que o padre Cristóbal de Mendoza foi quem trouxe o gado pro lado de cá do Uruguai, mas trouxe lá pra cima, e tem também Hernandarias, que, na pesquisa fronteira, a campo, é o nome que mais se escuta – se escuita, se vamo limpá os ouvido –, como de João Burro, a campo se escuita, de Rivaldir, nada. “Abóbra, moranga, batata”, grita o carroceiro,⁶⁷⁸ “vage, mio, mandioca”, e nosso coração fica faceiro e corre pro portão, “Seu Duca, Seu Duca!” O cavalo clinudo, “pshhhhhhtiu!”, obedece as rédeas, acostumado, e nós, como capinchos que a luz encandeia os olhos, indefesos protagonistas da cena atávica, porque não podemos evitar, e nem queremos, por gosto compramos na porta do Seu Duca, para que volte sempre⁶⁷⁹ e nós naquele alvoroço de achar um mogango bonito pra fazer caramelado, uma abóbora de pescoço, figo, “O senhor não tem figo?”, no anfiteatro pampeano, palco do comezinho épico, “Pois, não tem, a Zeli desse jeito...”, “Piorou?”, “Pois tava bem boa, a senhora sabe?! Ajudando na chacra e tudo, não gosta de ficar de enfeite... Aí, pegaram de lidar com ela, essa operação, e não prestou. Tinha a cosa, bá!, nem sei, mas há horas... Praoquê mexê agora?” É, Seu Duca, as modernidades. “Esses dia, tavam dizendo na televisão que tomá mijo é bom pra saúde, a senhora vê!”⁶⁸⁰

Coitada da Zeli, não dura muito e as águas do Caagaí não vão parar por isso, que é coisa nenhuma pro rio, pro Heráclito – lembram? peralta... –, maleva, brincando com a cabeça de Gumercindo pra lá e pra cá, na correnteza, e nosso coração só no *regalito*, aos pulos, qualquer dia nos sai pela boca.

Não vê o Otacílio!?

Quer se misturar com esses gauchinhos de uma semana, se bobeando em cima daqueles cavalos que nem pro serviço prestam, desfilando, pro causo, com meio pelego, deixando os couros de fora. Antigamente, com menos de três não se saía pro campo, e pelegão, tinha uns encarnados coisa mais linda.

Vão desfilar sete mil, ouvimos no rádio. Mas de campeiros campeiros, tem o quê? A metade? Nem a metade.

Diz o Galdino que “bom era o tempo em que se cortava arroz à foice e se esquilava a martelo!” ...Mas o guri nem era nascido... Hum!

Os do Sepé e os do GRUNHE sempre se cortando.

O Feliciano não perdoa, “tão querendo voltá pras caverna! Era só o que faltava!”

No Jarau tem uns desenhos nas paredes – nem é bom espalhar, vai que a Câmara queira convocar o Champollion pra explicar os rabiscos, hospedar onde essa gente cheia de nove horas? –, bonitos até, só que tem a história da cobra, quando se mata a cobra, tem que levar embora, dar sumiço nela, senão a companheirada fica procurando e, Deus te livre! E nem se sabe se está morta mesmo, ninguém de Nova Hereford viu nenhuma de luz pendurada nos postes, ou viu e levou um susto, ficou mudo, morreu, coisa assim...

⁶⁷⁸ (dependendo da época; no verão se planta arroz, no inverno, se coça o saco)

⁶⁷⁹ (antes, comprávamos também achas de lenha, um, dois centos, não tinha fôgão a gás, agora... cuê-pucha! Estão virando o mundo de ponta cabeça)

⁶⁸⁰ (já pensaram quantos litros de remédio jogamos pelo ralo a vida inteira?! Judiaria...)

3.7. “Marco de giração”

Estamos nisso, a pesquisa parece sangria desatada, não há jeito de fechar os olhos pras coisas e, depois, se a gente não bota todos os “esses” e os “erres”,⁶⁸¹ as professoras vão deixar os alunos lerem?

E como é que vão saber a verdadeira história de nosso departamento?

Já não basta não nos botarem no mapa!?

Até pra ir pro mapa tem que ter pistolão?

Acham feio o que a gente diz?

Pois saibam que Hamurábi⁶⁸² tinha uma lei assim: o empregado agrícola de quatro anos, a partir do quinto, divide ao meio a produção com o proprietário. Convoquem então o Hamurábi, ora! Em vez de ficar bacorejando o rabo dos outros... Outra: o Bento de vocês, em 36: “os patriotas de 20 de setembro como eu detestam a república e a separação da Província...”

E dava vivas:

– Viva o nosso jovem Monarca Constitucional, o Senhor Dom Pedro II...

Em 38, já dizia que a separação foi “uma obrigação indispensável...”

Em 45, chama Canabarro de “bruto”⁶⁸³ e Caxias de “generoso”,⁶⁸⁴ só por ele os farrapos conseguindo alguma honra na paz. Riopardense de Macedo – pra esse, tiramos o chapéu –, analisando documentos de Bento, comenta que em menos de um ano ele mudara o discurso, de monarquista, que sempre fora, desde as guerras cisplatinas, para republicano; de vivas a Dom Pedro, a invectivas contra os aristocratas:

– Estranho juízo este contra “aristocratas” para um líder que dois meses antes abominava a república.

Riopardense figura que Bento foi “um marco de giração”, uma “giração de 180 graus”. Louco, o homem? Tem um grupo de jovens aqui em Nova Hereford, que, só pra inticar com a professora, fanática pelo dia 20, criou um grupo de estudos, a Frente Anti-Facinosos, FANFA. Essa gurizada medonha! Bueno... Nosotros damos vivas a João Burro, que é o vulto que merecemos.

6.8. Não somos iguais a eles

Falar para um auditório amigo consagra qualquer orador, e este não é o caso de Flores, articulado de tanto discutir no sindicato as questões da classe, embora seja o de quase todos os fazendeiros, limitados a gritar sempre as mesmas ordens a peões e bois. Por isso, os aplausos entusiásticos foram merecidos, realmente, tanto quanto os que cascatearam para o presidente do GRUNHE, que mediava o debate – por assim dizer,

⁶⁸¹ (insistimos, este é um compêndio com pretensões de didático: e os “emes”, de “...mamãe, mamãe, mamãe / quem me dera eu pudesse outra vez, mamãe / começar tudo tudo de novo”. Nem as progenitoras hoje estão livres dessas libertinagens maleducadas!)

⁶⁸² (não é o alfaiate que tinha na Borges, especialista em trajinho de criança)

⁶⁸³ (ué, saís...)

⁶⁸⁴ (idem nota anterior)

pois as idéias eram sempre as mesmas, mudando apenas o estilo, por assim dizer, do orador —, e acrescentou:

– O discurso do Senhor José Antonio Flores, nosso grande amigo de Bagé, nos inspira nesta cruzada. Quero dar um pitaco aqui que acho oportuno. Todos nós lembramos de uma cartilha que saiu durante o período da Revolução de 64. Então. O que eu acho é que deveríamos pensar em uma cartilha naqueles moldes para ensinar como agir contra o Sepé.

Gritos de “Isso mesmo!”, “Apoiado!”, mas o presidente não terminara. Pede silêncio, abaixa a cabeça como quem ora, e diz:

~~– Peço a Deus ânimo e incentivo para irmos para a linha de frente e que não tenhamos que matar, como eles.⁶⁸⁵ Não somos iguais a eles. Queremos uma reforma agrária sim, de verdade, mas com gente que gosta da terra, como nós.~~

Grande ovação para o presidente do GRUNHE, líder regional dos produtores, vencedor dos principais prêmios Angus na Exposição, um sujeito legal, podre de rico. ~~Alguém, enquanto aplaudem, comenta ao ouvido mais próximo:~~

– Devíamos era criar uma ONG, que tem recurso fácil, cara, e, no caso de matar alguém, a culpa seria de quem? ora, da ONG. Não acha?

~~Outro fez que sim com a cabeça, energicamente de acordo.~~ A cada vez que a seleta platéia levanta para aplaudir, erguem-se faixas confeccionadas com o esmero que o tema pede:

“Perdemos o direito à propriedade rural. E amanhã?”,

“Sepé não, cidadania sim!”,

“Bin Laden no Afeganistão, Saddam no Iraque, Sepé em NH. Não ao terrorismo!”,

“Invasão não, produção sim”,

e assim por diante, da primeira à última fila de ruralistas.

6.8.1. Uma pré-Colômbia

O caso é que a classe estava melindrada – puta da cara, na verdade – com o tal juiz que não concedera reintegração de posse a um produtor que teve sua terra ocupada, exigindo antes – ao produtor!, ao proprietário! –, que provasse que sua fazenda cumpria com a função social como estipula a Constituição.

Um dos deputados presentes chegou a dizer que a Polícia Federal deveria ser chamada para assumir o estado, que “está fora da lei”, entre outras coisas, porque, no Fórum Social Mundial – “esse desperdício do dinheiro público com comunistas e anarquistas que vêm fazer turismo aqui” –, o governador recebeu em audiência o presidente das FARC, tratando da compra de “armas ilegais para o Sepé”, do que afirmou ter “fontes seguras”:

⁶⁸⁵ (puxa vida! a capangada mata escondida do patrão, que nem sonha com o que eles fazem... O Pontal, Carajás, bá... Diz-que o Médiçi não sabia de nada, iam falar com ele e ele, “Cala a boca! Quero ver o jogo. Depois não sei quem escalo contra a Inglaterra”, o general do Tri, ocupadíssimo com “o Brasil que ia pra frente, ÔÔÔÔÔ!”), como dizia a marchinha. Imputar aos primeiros mandatários os crimes praticados pelos mocorongos que só sabem dizer “sim, Senhor!”, “positivo, Senhor!”, nem pra pensar se prestam, já chegam metendo bala, enquanto que os mandatários estão nos seus escritórios, bem longe do local do crime. Absurdo!

– O estado está uma pré-Colômbia! – enfatizou, a peruca meio ladeada pela paixão do tema.

Um seu colega também criticou a Colômbia e, claro, Cuba, senhas para aplausos entusiasmados, acrescentando que:

– O governo do PO utilizou a aftosa pra matar os rebanho e tornar as propriedade improdutiva e assim poder assentar os vagabundo do Sepé Tiaraju.

Puxa vida!

6.9. A gaita bufa, a gaita bufa

Vejam que a reunião dos ruralistas acontecia sob a lona colorida de um circo, armado – quem conhece o bonito parque de Nova Hereford, localizar-se-á – no campestre entre o pavilhão suíno e os WCs.

O pequeno auditório do prédio velho não comportaria tamanho espetáculo, pelo peso dos atores sociais convidados e pela massa que acorreu para ouvi-los. Assim que a transferência de local, um a poucos passos do outro, aconteceu quase na hora, no improviso do momento. O palco onde colocaram as mesas das autoridades já estava armado para o show noturno, do conjunto Tchê-Gaitaço – daquela música, tremendo sucesso, “a gaita bufa, a gaita bufa e eu digo ufa! / me sarandeando no salão na lufa-lufa...” –, instrumentos, microfones e o cenário mesmo, simples, um grande painel com a foto dos quatro cabeludos de pilcha gêmea, rindo à bandeira despregada – mas por rir, por ficar bonito, por nada –, servindo de fundo para a séria e grave ocasião.

Embora as carantonhas bizarras dos artistas e os dentes desparelhos à mostra dessem servir para algo, por exemplo, quando alguém referiu o governador como “desgovernador” e ninguém riu – porque a piada, de tanto uso, e por fraca, já não roçava o humor dos ruralistas – ou quando o mesmo engraçadinho, ao entregar a palavra para um dos líderes estaduais máximos da categoria, chamou-o de “governador”.

Só este gostou, notório postulante ao cargo, sempre na mídia à custa de factóides desesperados – e os veículos, pasmem!, os valorizam e reverberam –, respondendo, ao amigo que “menos, menos”, satisfeito de poder mostrar-se humilde publicamente uma vez que fosse, isto é, humano, com defeitos como qualquer, no caso, coisa de comover, escancarando que sua prepotência, sua implacabilidade, sua, enfim, mais nítida marca pessoal, sofria – e não sofria, aí a grande oportunidade de ganho político – de alguma fraqueza, mancava, talvez, ou era surda – do que fazia-se, ladino –, ou, ainda – absurdo! –, guenza.

Se ninguém ria, o Tchê-Gaitaço gargalhava: “a gaita bufa, a gaita bufa e eu digo ufa! / e sigo o baile, pro cansaço não dou lhufas / de bota e espora, tenho asco de pantufas / e quem quiser exprementar logo se entufa...”

6.9.I. O dedão destroncado

Mais chorumelas.

O líder aproveita o silêncio para dizer que não é governador, “até porque o governador tem tratado o produtor gaúcho de um modo safado”. Em seguida, cita um estudo de especialistas que defendem “que se deixe o pampa como está”, que os do Sepé, com

sua agricultura, acabariam com a terra que, em finíssima camada, cobre nossos campos, dando com seus ferros no basalto.

Não precisou o Cacalo estar presente, um gringo grosso que nem dedo destroncado – sempre os gringos –, brabo “com a politicage”, como dizia, interessado no preço do arroz, “que não paga, de longe, o custo da lavoura”, levanta e interrompe o grande líder, com o dedão – o destroncado – apontando pras suas fuças:

– Nem vem com essa daí, que aqui todo mundo é arozero. Eu mesmo arendei uma imundícia de campo desses aí, no Ibirocai, e só achei foi laje pra plantá, o último tinha levado com o aroz toda a tera. Então a gente não podia tá plantando, ora. Daqui a poco vocês não vão dexá nem a gente plantá com essa lorota de beoma e não sei mais o quê. Eu quero sabê é do preço mínimo. Cumé que a gente vai continuá desse jeito?

O calor, compreendam, que ferve os cérebros de Nova Hereford, sob a lona circense chega a fazer fumaça.

– Tem que dar sal pra esse gado – brinca o Pepe – daqui a pouco, tão comendo carona... E fica bem bom, o suor do bicho é medicinal.

Seu companheiro confessa:

– Antes, a terra ficava uma farinha, che. Não podia deixá um torrão que o pai reclamava. Agora, dois táio de grade fina, bem dizer uma ciscada, e tá pronto. Não adianta, Pepe, o direto é a solução.

– Ué, defendendo gringo?

– Bem capaz! Tô falando do plantio direto, que é bom mesmo.

– Ainda bem, se não eu te dava uma sova – sorri o queridinho da Quelem, oferecendo ao outro a latinha:

– Bebe, que teu mal é a sede, ermão graduado!

Esse Pepe...

6.9.2. O grande atraso do país

O “governador” habilmente evitou entrar em detalhes técnicos sobre o bioma pampeano, mas assegurou ao produtor que estavam “trabalhando diuturnamente para ganhar mais essa batalha”:

~~– Se o PO, ao invés de favelizar o campo, nos ajudasse, isso já tinha sido resolvido. Aí a gente vai falar com eles, ou com a imprensa, e eles negam sempre a verdade; eles usam⁶⁸⁶ a doutrina nazista de mentir, mentir, mentir, até que sua mentira, na cabeça dos outros, se torne verdade. Eles são o grande atraso do país, meu amigo. Têm que ser exterminados como faziam nos campos de concentração na Segunda Guerra:~~

~~Voa um que outro chapéu, dos mais chegados aos sindicatos, palmas esparsas, mas os demais, solidários com a preocupação do gringo – todos no mesmo barco –, guardam o silêncio de quem não gosta “de politicage”. Um dos descontentes – gringo, pra variar – avança:~~

~~– O Senhor fala nessa coisa de mentí aí, mas e nós, que plantemo soja trangênica porque vocês nos incentivaro, diziam que não ia dá nada, coisa e tal, e agora? I agora que~~

⁶⁸⁶ (“eles...”)

a Polícia Federal qué nos pegá? Vamo perdê tudo? Vocês diziam que a lei não valia, esquecero? I agora?⁶⁸⁷

Muitos na mesma situação fazem coro com o reclamante, outros, nas cadeiras da frente, pedem silêncio. “Estamos trabalhando diuturnamente...”, começou o líder classista, com sua maneira de falar, essa maneira de falar sem dizer nada, eivada de promessas como um balão cheio de vento, “politiqueira”, e o reclamante não agüenta, também...:

– Ah, não vem com essa daí! Vocês nos fazem de bobo. Queremo solução. Chega de conversa mol.

6.9.2.1. O poder

Aí então é que quem manda mostra o seu. Coisa impressionante!

O homem levantou, o vermelho tomando conta de sua cara redonda e flácida, e devolveu, aos gritos:

– O Senhor me respeite, que eu não sou seu peão. Se eu estou dizendo que não vai acontecer nada, é porque não vai. Lembra das famigeradas vistoria? O que que eles conseguiram? Nada. Nós trancamo o pé e impedimo de executar até ordem judicial, até ordem judicial, e não é poco! Não é poco! Até hoje não definiram os índice de produtividade, e só porque nós nos mobilizamo e fechamo questão contra o zero ponto oito animal por hectare. Queremo zero ponto quarenta e quatro! E por quê? Porque essa miséria qualquer um em qualquer terra de merda produz.⁶⁸⁸ E por quê? Porque assim tamo impedindo que eles assentem sem-terra em nossa região. Aqui não! Aqui não! Vocês não compreendem que a luta maior, a verdadeira guerra é contra o Sepé? Vocês não se dão conta que tamo ganhando a guerra e protegendo vocês, suas família, seus bem? Vocês são burro? São burro?... Por isso, meu amigo, quando eu digo que tamo trabalhando, acredita! Acredita, queu mentiroso não sô! Não sô! Eles não vão jogar fora os transgênico de vocês, vão pagar por eles, e bem! E bem! E se não for por bem, no grito, que é como se toca boi e comunistinha barato, vai por mal! Vai güelabaixo, por mal!... Todos temo arma e nossas milícia tão crescendo, só com gente muito bem trenada pro trabalho. Calma! Confiem em mim, confiem em mim!...⁶⁸⁹ Temos que estar unidos porque a coisa não vai ser fácil! Não vai ser fácil!⁶⁹⁰

⁶⁸⁷ (só não cortamos isso porque o motivo de não cortar seria o mesmo: já houve conchabo, repetimos, mas, entre a ilegalidade e o arreglo despuadorado, trabalhou-se, brincou-se, chorou-se, riu-se, amou-se, brigou-se, respirou-se, viveu-se, enfim, e não podemos fatar nossa vida ao bel prazer dos interesses escusos. Saibam que, neste íterim, Osvaldo Pereira faleceu, o Doutor Vazulmiro faleceu, a Professora Izônia teve um treco e recuperou-se, já está em casa, o Arli e a Vanice passaram no concurso, o Fernando conseguiu emprego, o Laerte emagreceu, a Caroline e a Isabel estão cada vez mais mimosas do papai, bobo com elas..., o João Otávio nasceu, e, pelo menos um avô dentre os tantos de NH, sentiu a mesma emoção de doze anos atrás, quando veio o Eduardo...)

⁶⁸⁸ (Realmente, um produtor de NH, só pra provar como a pecuária pode ser rentável – pra provar a seu pai, antes de tudo, daqueles que ainda engorda em invernadas enormes e a olho, com seu olho vigilante e forrageiro –, arrendou uma chácara, menos de 20 ha, e resolveu fazer um rodízio com cerca elétrica em uma pastagem de sorgo. O resultado: rentabilidade equivalente à do plantio de arroz. Em 105 dias, lucro líquido beirando os oito mil reais. Quantos bichos por hectare? Mais de três. Mas não espalhem.)

⁶⁸⁹ (De fato, o homem tem razão: eles conseguem mesmo tudo o que querem. Todos os agricultores, foras-da-lei, se vamos ver, que plantaram soja transgênica, nada sofrerão quanto a represálias legais – roubassem galinha e iam ver como se comporta uma polícia “dura” –, ao contrário, serão protegidos pelo Estado na comercialização de seu produto ilegal. Pronunciou-se o presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro: “Temos primeiro que vender, porque o pequeno foi induzido a plantar por

A platéia, meio que desconfiada pelas colocações dos dois gringos, desdesconfiou-se, foi toda aplausos, um delírio acompanhado por exclamações como “bala neles!”, “morte aos vagabundo”, “vamo limpá o pampa”... (Nova Hereford sempre foi fiel às suas bandeiras, diga-se. Repudiamos é a não menção oficial da trinca de João Burro, que, dizem eles, denigre a história, mas nós achamos que, ao contrário, prova e reprova a heroicidade intrínseca da história local. Ouçam o que falam nas vilas e nos bolichos.)

8.5. Brasa acesa

De primeiro, certas coisas só se falava nas vilas, por incertas, assim, gente precisada de um tudo. Hoje, bá... “Será que chove?” “Pôs, capaz que sim, tá se armando pro chovedor...” E, perguntamos, chovia? Nem sempre. Agora mesmo, “há quanto tempo Deus não rega o pampa?...”, lamentava-se um metido a poeta, “e isso que o céu tava pedrento”, acrescenta, e o outro, “é, e não veio chuva e nem vento...” Iam empilhando achas assim, madeira cheia de lascas, que são pra queimar, não pra bonito, mas que, enfia um fiapo no dedo, Deus te livre!, se não tira com agulha desinfetada, infecciona, tem que ir até o Postinho, quem duvida? Ora, vai com a cheringa mesmo... e tiram um tampo do dedo.⁶⁹¹

São como bichos, mas, engraçado, não têm o faro deles. Tem uns que dominam tudo, parece que nasceram com uma forquilha de achar ouro no nariz. “Praoquê oro no deserto?”, quer saber um coitadinho, “Eu quero é água e bóia!” Coitadinho! Não sabe que o ouro alimenta mais. Parece um tuco-tucozinho, fuçando umas brocas tipo cama de muda, solar, assim, um palmo pra comer a raizinha dele, e tem que ser em terra de areia, senão... “Mas e não é de areia o deserto?”, insiste a preá, presa boa de prear coisa séria, as jaras já apontam a lingüinha.

Pois o próximo uma vez saiu do fotógrafo e foi correndo no plantão médico – bá, que era uma urgência de matar um vivente! – porque, “o Sinhô sabe?, minha fia saiu de oio azul, eu pego ela no colo e vejo bem que parecem umas bulita, nem quis contá pra Chininha, mas fui lá pegá as foto do aninho dela, nem fui em casa, e vim aqui porque não tô enxergando bem, Doutor, os oio da guria são vermeio, Doutô, acho que tô trocando as bola!”

A medicina é um sacerdócio, ai, ai.

O médico pega as fotografias e acha uma só com o Tição – apelido do míope, que ele usa por nome, é assim que o conhecem, muda pra Agapito, de vereda, e perde os trabalhos que pega, bom que é na lida com planta, vão saber quem é o Agapito? –, a filha, uma sarazinha leitosa e uma mulher, negra de reluzir na foto, e bonita, peitos empinados. “É a mãe da criança?”, pergunta. E o Tição, “É, sim Sinhô, a Dalva. E a Doninha é a que tá no colo”. (Hoje não se faz mais disso, exame clínico completo, os médicos nem tocam na

orientação da Confederação Nacional da Agricultura e da Federação da Agricultura”. Que coisa! Por essas e outras atentem, nunca devemos cobiçar o galinheiro do próximo, nunca o galinheiro...)

⁶⁹⁰ (notaram que o homem às vezes diz “temos”, às vezes “temo”, ao sabor de seus sentimentos, não tem como dar uniformidade para o que essa gente fala. Já dizia Don Bagayo y Balurdo que “uniforme é só o verde oliva...” E o Laíre, que não perde uma rima: “o resto é perda de saliva”. E nosostros... nosostros não sabemos se temos mais medo dos sibilantes “esses” ou das explosivas exclamações. Quase nos cagamos, tchê!)

⁶⁹¹ (pagavam o quilo de carne do judeu aquele num upa, nem precisava trapacear)

gente e já vão pedindo exame e mais exame, mas de máquina, uma vergonha!... O Doutor é novo na cidade e, já se vê, não vai ficar rico, preocupa-se demais com quem não vale a pena.)

– Como é o nome dela?

– Daguri a?... Madona... a Dalvaquicopiô dumartista, masagen techamadeDoni nha... purquiépiquinini nha...⁶⁹²

– Me diz uma coisa... – começa o médico, ao mesmo tempo em que constata que todas as fotos, doze poses – “tá tudo pela hora da morte!” –, são de pessoas “de cor”,⁶⁹³ como dizem, e ele repete por não achar outra expressão que não melindre os..., os... entendem? – Me diz uma coisa, todos são teus familiares?

O outro, ansiado:

– Craro. Não temo dinheiro pra convidá os de fora – e mostra –, aqui tá meu ermão, Secundino, minha tia, Tia Negra, o pai da Dalva, o Seu Dalvo...

O médico faz “Hum-hum!”, devolve as fotos para o homem e dá o diagnóstico:

– Não se preocupe, Seu Tição, seus olhos estão bem. É que a guriazinha, quando dá o flash, a luzinha aquela da máquina, arregala mais os olhos dela, que, de azuis, ficam vermelhos, pelo reflexo. O senhor pode pegar as fotos e mostrar como a sua filha é parecida com o senhor, tem os olhos que são como um tição, uma brasa acesa... E como é linda, o senhor não acha?

8.5.1. Torvelinho

O coitado do Tição, só falta chorar de agradecimento ao despedir-se, faceiro, deixando o clínico, no entanto, triste com sua ciência, perdido em pensar versos de amator, humano demais para a profissão. Chegando ao apartamento pequeno onde mora sozinho – não pretende ficar mais do que o tempo do quartel na cidade, está de passagem apenas, não vê a hora de voltar para a capital –, toma um banho, veste o pijama, o chinelo, e põe-se a trabalhar. Está inspirado. Não mais do que uma hora, hora e meia depois, liga para casa. Fala com a mãe, preocupada se ele está se alimentando direito, essas coisas, que quando for num fim de semana vai preparar a comida que ele gosta, essas coisas... E fala com o pai – Deus na Terra, leitor contumaz, verzejador escondido –, quando conta sua experiência do dia e lê o que escreveu “num torvelinho”, como o pai gosta de dizer (saudades...):

“Maria deu um basta na rotina / Batizando de Madona sua filha. // Com olhos claros, a sararazinha / Parecia o Ademir da Guia. // E foi crescendo sua coroa carapinha / Qual molas em colchão de crina. // Peitinhos, púbere, apontando na camisa / Olhos profundos perscrutando esquinas. // Púbis, estuário de coxas longas, / Esponjas, corolas, corais marinhos. // Madona, óbvio, não cabia mais na vila, / E foi pro centro vender raspadinha. // Em poucos meses, subiu na vida, / O que é raro em área tão competitiva.

⁶⁹² (Desculpem, temos que dar um tempo ao revisor, para que se recupere, desse jeito, acaba louco.) (Pronto.)

⁶⁹³ (pretos, amarelos, verdes, vermelhos, todo o disco de Newton... o jovem é sensível com essas diferenças sociais que são as cores quando Deus as pinta nas pessoas, mortificando-se por ser, ele mesmo, um homem branco, acintosamente branco quando tem tanta gente passando fome, e não sabe como agir direito...)

// Maria enche a boca ao falar da filha, / Que foi pra São Paulo como massagista. // Mas só provoca o riso das vizinhas, / Que comentam, “a Dona sempre foi prestativa!” // Mas mãe sabe quando é inveja, e nem liga, / As filhas das outras são balconistas... // O que deixa Maria mais orgulhosa / É sua parte no sucesso da menina. // Nunca cansa de louvar a hora bendita, / Melhor do que a Super-Sena sozinha, // A hora em que olhou a recém-nascida / E, escolhendo Madona, a fez rainha.”

O pai fica em silêncio do outro lado da linha, mais de 500 quilômetros, parece que chora...

– O que foi, pai? O que achou do poema?

– ...É que, meu filho... – assoando-se – ...Como jogava o Ademir da Guia!

6.10. Concentração de vagabundos

A culminância do encontro sob a lona de circo dar-se-ia com a palavra do ilustre intendente, quadro remanescente da ditadura militar, quando prestou inúmeros serviços no que toca à identificação para interrogatório de inimigos do regime; seu dedo esteve em mais episódios do que podemos imaginar, entusiasta que era – e é, com a idade, cada vez mais furibundo – do regime castrista.

Tendo em vista a qualidade dos ouvidos, sua língua lamberia fundo – o cerume e mais, tímpanos, bigorna, martelo, estribo, como quem azeita o ferro a saliva, o forja, o ferro, no calor da hora, agulhando ponta, e, por fim, firmando o pé no “ossículo do ouvido médio”, ganha cancha contra o inimigo –, coceguinta, lambuzando o ouvinte de uma ânsia de mexer-se, mais pelas abelhas do que pelo mel. O intendente fala dia e noite no rádio e, por maior que seja o absurdo, enrola-o de tal maneira que os simples ficam cegos pelo invólucro e acabam por engolir o monstro dentro. Compreendem? Bueno.

Então vejam, gravamos (e tachamos, onde se viu?... descarado!):

– Ilustres deputados, líderes classistas, autoridades presentes, senhoras e senhores, em especial os produtores, tão achacados pelos governos esquerdóides que nos têm submetido às piores privações. Estamos sempre nos anos das vacas magras, nunca conseguimos a felicidade das vacas gordas. E como? Já não se passaram os sete anos de penúria? Sete mais sete e mais alguns, de lambuja, desde que o General João Baptista Figueiredo, que foi menino em nossa região e aqui temperou seu caráter, deixou o governo – e com razão – a contragosto. Olhem no que deu. (Pausa. Sacode a cabeça afirmativamente, “olhem no que deu”.) Eu estou assoberbado de trabalho e ainda tenho que responsabilizar-me por centenas de famílias morando em barracas à beira de uma estrada, sem as mínimas condições, e com crianças no meio, muitas, que as mães desnaturadas trazem para servirem de escudos para si próprias no momento de um embate. Esses inocentes não têm comida, higiene, escola, estão entregues às baratas... colocados nessa situação por uma ideologia malsã, por um partido que cresce de mãos dadas com a ilegalidade. E eu – o que tenho eu a ver com isso? – sinto-me na obrigação de atender essas crianças no que nos for possível. Por isso peço a mobilização geral de todos os setores de nossa solidária comunidade para que nos demos as mãos e expulsemos daqui essa gente que só mal nos pode causar. A consciência pesada, em caso de confronto, é o de que menos precisamos. (Pausa. Aplausos. Um gole d’água para limpar a garganta, *ai vem bala. E ele nem pigarreia.*) As pessoas deveriam evitar a doutrina socialista do PO, não lendo, não vendo, não tomando conhecimento das

suas idéias exóticas, porque eles difundem essas idéias e conquistam a cabeça das pessoas. (*Ai, ai, Deus! Deus! O que estamos ouvindo?*⁶⁹⁴) E isso começou pelas universidades e hoje os professores estão convencendo os alunos da sua ideologia. (*Os alunos são uns balões vazios, esperando pelo sopro piorrento, oracular dos professores para alçar vôo?*⁶⁹⁵) Os produtores deveriam fazer o mesmo, ir às rádios e fazer exatamente o que eles fazem. (Imaginem, o homem tem programa diário na rádio, fora as entradas ao vivo no horário dos outros, quando algo não é do seu agrado, pontificando, intendente... Imaginem! “A audácia do bofe!”, como diria a professora Eunice, inimiga do ilustre político desde o tempo do PL jovem.) Esse Fórum Social Mundial, por exemplo. Eles só convidam comunista, e tudo pago com o dinheiro do contribuinte, com o nosso dinheiro. Qual o resultado prático daquele bando de africanos, asiáticos, pederastas envolvidos em panos coloridos assistindo palestras e comprando souvenirs? É a maior concentração de vagabundos da história. E este tal de Orçamento Participativo? Um engodo. Eles levam as claques deles e aprovam o que querem. Depois vêm falar em “democracia direta”, desmoralizando quem foi eleito. (*Ai, ai, ai... Zum-zum de aprovação no auditório, o intendente está em casa.*) Mas o pior de tudo é o que fazem com as nossas crianças: é abominável a utilização do tal Método Paulo Freire, que é um método utilizado para a lavagem cerebral dos inocentes. Engraçado isso: O PO e o Movimento Sepé têm a estranha mania de idolatrar quem não presta. E nem vou falar do Fidel, porque é um apóstata, mas este Che Guevara que eles tatuam no corpo, o Maradona mesmo, o que não me surpreende, me digam, o que eles fizeram para serem idolatrados?...

6.10.1. Grrgrs!

Nesta linha de raciocínio, muito o nobre intendente teria a dizer não fosse a ação de profundo mau-gosto⁶⁹⁶ promovida pelo Sepé em pleno período da Exposição Agropastoril. Pior: no dia do desfile dos campeões.

O vice-presidente do Grêmio Ruralista do Rio Grande do Sul (GRRGRS), responsável pela política da entidade com relação aos sem-terra, sujeito retaco, sempre com o chapéu enterrado na cabeça, seco no trato, duro no tranco, um ríctus na boca sem lábios, como que mastigando o outro com seus olhos opacos, um sujeito pétreo, quase um objeto a serviço da causa, sem pensamentos deletérios, avesso a nexos, dele foi o celular que tocou – o clarim, motor dos atropelos da 7^a de Custer⁶⁹⁷ –, alguém avisando, do interior do município, que a Fazenda Quero-quero tinha sido invadida pelo Sepé. Gilsão, ciente da importância solene do momento – uma guerra, mais uma iniciando-se no coração do pampa –, interrompe o prefeito bem ao seu feitio, desconsiderando as frescuras protocolares. Diz:

– Um momento, senhores... Silêncio! Silêncio!...

Um cemitério, parecia o circo, imaginem, espaços tão distintos, o que é a vida, não é mesmo?

– Os filhos-da-puta acabaram de invadir a Quero-quero. Temo que montar nosso plano de ação.

⁶⁹⁴ (nota subscrita por todos do Instituto; o repúdio a este Senhor é amplo, geral e irrestrito)

⁶⁹⁵ (idem nota anterior)

⁶⁹⁶ (“Gosto não se discute...” não deixa passar nada essa turma dos stalinistas-democráticos...)

⁶⁹⁷ (repetimos e repetimos... cuidado com Nuvem Vermelha, Cavalo Louco, Touro Sentado... oglalas, hunkpapas, mineconjous, todos juntos...)

3.8. Jujo especial

Isto que fazemos é conversar em volta do fogo, as histórias vão e vêm às vezes sem anunciarem-se no “ó de casa”, outras sobre tapetes vermelhos – pompa do sangue, as oficialescas –, umas e outras igualmente viçosas, brotos de terra esterçada como são as deste deserto campesino, colhidas por mãos diversas, variegados frutos – fedores de flor, com sorte –, sabe-se lá o quanto calam fundo, se é que calam aos gritos, desculpem-nos, que gritos são, de socorro, sussurros que sejam, mas fala, ouçam.

Toca o telefone e a professora Iara atende, sempre pressurosa.

É Antônia, colega do Instituto Cultural de Nova Hereford, o responsável pela memória departamental, o mui respeitado ICNHE, o popular IC, “solução”, no dizer dos detratores do Instituto, que sempre os há, mesmo entre professores e intelectuais – lato sensu, isto é, qualquer ser com intelecto, ainda que intuitivo –, porque acham eles que o IC funciona por espasmos, entrecortadamente, construindo coisa nenhuma, mais retalhando o que toca; está lá morto e, de repente, ic!, dá um susto, e fica nisso, ic!, e jamais dá conta inteiramente da tarefa a que se propõe, estando mais do que na hora de abrir-se para o sangue novo que de há muito pleiteia uma oportunidade junto à instituição, para oxigená-la, erguê-la aos píncaros que lhe estão reservados e que Nova Hereford merece. Bueno.⁶⁹⁸

Antônia ligou para dar à colega amiga a notícia de que conseguira madressilva-dos-jardins, jujo especial para quem sofre de angina, fazendo-se chá das folhas, sendo as flores ótimas, quando transformadas em xarope, para o coração, sabem como é, a professora anda sentindo dores no peito, angustiada com essa pesquisa que se prolonga, adiando o envio do livro para a gráfica, quando ela queria tanto, aos 67 anos, autografar na Feira do Livro de Porto Alegre, e parece que este ano não vai dar. Cáspite! As coisas são assim mesmo, olhem o problema dos ruralistas, problemão!, e tudo porque o império luso, mancomunado com Buenos Aires e apoiado por todos os latifundiários da região, decidiu esmagar Artigas e, com ele, o sonho de sua – nossa! – Liga Federal, a Patria Gaucha, paraíso igualitário do pampa.

3.8.1. Los más infelices

No Reglamento Agrario de 1815, José Gervasio Artigas, proclamado “protector de los Pueblos Libres”, art. 6º, escreve que, por ahora, los apoderados y demás subalternos “se dedicarán a fomentar con brazos útiles la población de la campaña. Para ello revisará cada uno en sus respectivas jurisdicciones los terrenos disponibles, y los sugetos dignos de esta gracia; com prevención que, los más infelices serán los más privilegiados...”

Não é de impressionar que un hombre del campo tenha tido este gesto comovedoramente humano, de inclusão social, como dicen hoy, visão de estadista, feliz, enquanto que os caudilhos da época ocupavam-se apenas com pilhar, matar, enriquecer eles mesmos às custas da miséria alheia? Um gesto amadurecido no próprio convívio com “los más infelices” em campanhas pela campaña, de retribuição, talvez, certamente por respeito, quando os demais líderes americanos, depois de usar esse contingente como bucha de canhão em suas estripulias, os largava ao Deus-dará ou, pior, os exterminava em guerra fratricida – irmãos de pampa, do sangue das batalhas –, ou mesmo genocida, pensadamente de extermínio, como fez Dom Frutos com los charrúas.

⁶⁹⁸ (pra nós, não resta dúvida: tem inimigo na trincheira!)

Não é extraordinário que Artigas vislumbrasse em 1815, com a clarividência rara dos predestinados, e tornasse lei, o que ainda hoje, a reforma agrária, não logra realizar-se por força dos interesses “dos menos infelizes”?

Por isso, Artigas, em Nova Hereford, está devidamente homenageado como nome de rua, de um piquete de cavalaria e, claro, com uma, senão bela, expressiva estátua de nosso artista Clito Costa, o Costinha, filho do bicheiro Sicrano⁶⁹⁹ – o que que tem? Jesus era filho de carpinteiro –, não o fazendeiro homônimo, o Costa,⁷⁰⁰ que não sabe nem desenhar casa de jardim de infância e gente de palatinho; estátua em que o oriental aparece montado em um foguete espacial, cuja explicação, bueno...

Mas continua o art. 6º, vejam, o quão meticuloso em sua intenção redistributiva: “...En consecuencia los negros libres, los zambos de esta clase, los indios, y los criollos pobres, todos podrán ser agraciados en suertes de estancia si con su trabajo y hombría de bien propenden á su felicidad y la de la Provincia.”

No art. 7º abraça “las viudas pobres si tubieren hijos”, estas também agraciadas com sua generosidade, política social extemporânea, por supuesto, mui temprana no dia dos séculos.

3.8.I.I. “Anexemos Pelotas!”

“...las viudas pobres si tubieren hijos...” Ave! Ave!⁷⁰¹

A Liga Federal – repetimos porque é bonito, e dá saudade! – abarcava a Banda Oriental, Corrientes, Entre Ríos, Santa Fe, Córdoba, Misiones e parte do Rio Grande, aquela que a linha imaginária do Tratado de Santo Ildefonso (1777) deixou a ocidente, compreendendo, um pouco mais pra cima, as nossas Missões, toda Fronteira Oeste – Nova Hereford ao centro – e Campanha, pegando, no vertiginoso limite sul, Jaguarão e as terras do entorno da Lagoa Mirim, inclusa as dos Sarabias.

– Mas ficamos sem Pelotas – comenta o Professor Venâncio.

– E quem quer Pelotas? Deus me livre! – replica a Professora Mirtes.

– Não entendi – embrabece Venâncio, que, sentado de joelhos unidos, como costuma, questão de pudicícia, mesmo para quem não usa saias, inclina o torso para a frente, abrindo as mãos em leque, como se tivesse dois leques, um em cada mão, o que seria maravilhoso com esse calor de rachar.

– Ora Venâncio! Que os bichas fiquem lá com ela pra eles, tá te fazendo?! – esbraveja Mirtes, solteirona, amissíssima de Rosa, moça meio trambolhona metida a domadora.

– Neste nível não discuto, querida. Eu apenas queria dizer que, sem Pelotas, não temos Simões, os **Contos Gauchescos** etcétera etcétera compreende? Ficamos órfãos de Blau. Tu agüentas? É justo para nós, gaúchos? – argumenta, com as maçãs rosa-choque, de fu-ri-o-so!, o professor.

– Anexemos Pelotas! – decide Antônia. – Simões é maior do que qualquer preconceito.

⁶⁹⁹ (não queremos declinar o nome do contraventor porque jogo do bicho, saibam, é contravenção, vá que os porcos queiram dar o exemplo e trancafiem o amigo)

⁷⁰⁰ (“Costa Larga”, por apodo, e não nos perguntem o porquê)

⁷⁰¹ (“Sim, mas qual?”, pergunta a Professora Edna, distraída com seu bordado. “A Ave Maria!”, responde, braba, a Professora Nadir, dos quadros stalinistas-democráticos)

– Eba! Adoro o Vítor Ramil – bate palmas Lídia, a filha de Antônia, ouvindo tudo enquanto fazia que fazia a lição de matemática.

– E como resolvemos o caso de Cruz Alta? – provoca Mirtes. – O Érico, a gente entrega pra eles?

Realmente uma sinuca de bico. Matutam, matutam...

– Simples – diz Antônia –, Cruz Alta fica como uma base avançada nossa em terra inimiga, como a Colônia de Sacramento, ora. Os Estados Unidos tão sempre fazendo isso. Guantánamo não é dentro de Cuba?

– Ai, Deus me livre! – queixa-se Mirtes. – Nem me fala nesse absurdo.

Eis um dos problemas – limites – para a consecução do plano – capitaneado pelos stalinistas-democráticos, mas apropriado por todos os membros do IC, Nova Hereford é a mais gaucha das cidades, não esqueçamos – de implantar hoje, agora, já!, a Liga Federal pensada por José Gervasio Artigas.

3.8.1.2. Ninguém, inúmeros

(Vejam o dilema dessa roda de charla.

Não podemos ser contra ou a favor de coisa nenhuma porque somos muitos, mas todos são contra ou a favor de qualquer coisa, pesquisadores uns, metidos outros, assim que só nos resta ir tocando a carroça, gambeteando as armadilhas da estrada de chão, que, no andar, as melancias se ajeitam... ou não.

Ninguém aqui queria que Artigas fosse nosso caudilho na Farroupilha, ou seja, inúmeros: este, sim! Bento, não. Ele, o Bento, ficou brabo que o império “estabeleceu o imposto de dez mil réis sobre légua quadrada de campo e criou os direitos sobre os chapeados, as esporas e estribos dos nossos cavaleiros”. Odioso imposto, sendo o mais odioso para eles, segundo Riopardense, mais do que o – irrisório – da terra, o “pagamento para poder usar esporas e estribos decorativos”. Aqueles ferros de prata que enriquecem a figura no seu flete, vejam, isso não. República! E já!

E o Artigas, hein?, que reglou uma reforma agrária mais de vinte anos antes.

O que é mais gaúcho: a bufonaria?

Essa divisa mesmo, “a mais gaúcha”, não há consenso possível.

Nossa lindeira Alegrete – só podia –, quer porque quer ser a mais isso, mais aquilo. Ainda agora promoveram uma mateada na praça porque querem entrar pro Guinness de qualquer jeito. Juntaram meia-dúzia de gatos pingados e saíram alardeando que foram vinte mil. Onde? Só se Uruguaiana emprestou gente, ou Quaraí. Essa mania de grandeza, tem gente que diz que é doença. O Doutor, esse novo do hospício, que quer soltar os loucos tudo pela rua, parece até que bebe, andou entesando no rádio com os, pro causo, maniáticos.

E, depois, já que estamos no tema, vamos botar os pingos nos is:⁷⁰² eles dizem que fazem o maior desfile do dia 20 e que não tem de bicho! “Que contem, se duvidam!”, dá até nojo. Pois nem precisa contar, aquilo é uma sem-vergonhice! Os gauchinhos passam na

⁷⁰² (poema do Laíre: “O ‘i’ sem pingo / é pescoço degolado, / fantasma de Gumercindo / do Caagai encharcado. // Sem pingo o gaúcho, ih!, / perde o entono centáurico / e de-a-pé como um saci, / fica pulando no almagô. // Mas, valente, intemorato, / rengueando, seja, e daí?, / segue, sem pingo, o gaúcho / atrás do pingo pro seu ‘i.’”)

frente do palanque umas quantas vezes, sem nem trocar de pilcha ou cavalo, que não têm vergonha na cara de fazer tramóia, e os que ficam contando, contam eles de novo, ora, no piquete Borges de Medeiros, no CTG Assis Brasil, imaginem, e a cor do lenço?... contam umas quantas vezes, que nem os votos pro Borges em 22, e, a que ponto chegamos, todo mundo acha que tá bem, ninguém ameaça com revolução, nem um bate-boca que seja, vamos ver se os do Guinness caem nesta última deles, da mateada...

Cuê-pucha!, como diria o Blau, é bicho mamarracho o homem.)

3.9. Mãe e filho de um só golpe!

Então, há divergências no IC, mas nada que não possa ser resolvido com diplomacia. Só para que saibam de quanta diplomacia é preciso no Instituto, digamos bruto: os stalinistas-democráticos são uns misóginos da última.⁷⁰³ A origem do movimento, que alastrou-se como psoríase, herpes, essas coisas que pegam, entre os newherefordenses, principalmente os mais jovens, está em uma carta de um suicida que acabou morto por um homicida a soldo antes de perpetrar contra si próprio o crime perfeito.

Depois das introduções contraditórias de praxe, “deixo a vida por...”, “ninguém tem culpa, sou uma fraude...”, “a incompreensão, o tédio...”, enfim, o homem, Júlio César, começara a escrever o decálogo de sua filosofia, quando, de inopino, sentiu – principiou por sentir –, como um frio de aço, que algo, Thanatos, entrara laminar em sua cabeça, partindo-a, salomônica. Quando a mãe o encontrou com aquela machadinha cravada do coco até as orelhas, sangue e pedaços de cinza mole por tudo, foi fulminada por uma dor no peito, lancinante – e não era gases –, testaveou e ploft, caiu durinha sobre o cadáver do filho, sendo que o cabo da machadinha entrou-lhe pelo meio das coxas, armando com o vestido estampado que ela mesmo fizera, costureira, com um algodão das Casas Pernambucanas, uma singular barraquinha, deixando à vista que não se depilava do Joelho pra cima.

Pandemônio! Mãe e filho de um só golpe! Mas, ainda bem, um amigo, hoje falecido, o Doutor Ariovaldo Caña, teve o tirocínio de pegar de cima da mesa o documento que Júlio César Floriano deixara incompleto e – maior tirocínio, presença de espírito louvável – de guardá-lo no bolso do paletó, assim mesmo, viscoso de um sangue denso acinzentado.

3.9.1. O pensamento juflorianense

Ao que interessa: estava escrito:

DECÁLOGO DO MOVIMENTO STALINISTA-DEMOCRÁTICO

1º. Todos os homens são iguais, basta olharem-se no espelho.

2º. Todos os homens podem tudo democraticamente.

3º. Todos os homens podem usar de quaisquer forças, humanas e desumanas, para que a democracia vença, no caso de conflito de opiniões. A razão estará com o sobrevivente.

4º. Homem não é mulher. Mas...

⁷⁰³ (e há divergências, óbvias, no seio do IC, quanto a tudo o que se disser a respeito)

...e no “esse” de “Mas”, espichado pela força do golpe no fulcro do pensamento juflorianense, pela morte, é interrompido o documento fundador de tão importante força-viva de NH, o grupo dos stalinistas-democráticos.

Tal relíquia está guardada até hoje no cofre do Doutor Caña, daqueles enormes, sem que ninguém tenha acesso a ele, porquanto sua viúva, “antepática!”, não deixa ninguém acercar-se sequer da peça, o gabinete onde se encontra, sempre de portas e janelas fechadas.

Uma vez a professora Iara, muito educada, tentou apenas ver a carta, mas teve de contentar-se com um chá de erva-cidreira, ótimo para o estômago, para doenças dos nervos, como insônia, palpitações, desmaios até, e também ajuda no caso de flatulência – “bom”, pensou Iara ao sentir o cheiro adocicado, associando o sabor ao remédio muito receitado por Henriqueta –, chá este acompanhado de bolinhos de polvilho, que entopem, mas nada que um pedaço de folha de umbu na água do mate não resolva e que, quanto ao umbu, folha de pitangueira não equilibre.

O “Mas” do documento, voltando ao principal, intriga, mas é graças a ele que muitas mulheres participam do movimento: o pronome adversativo, depois do anterior e ululante enunciado, certamente poria as coisas no seu devido lugar.⁷⁰⁴ Mulher, por aqui, tem que ser homem barbaridade. Mas ficamos no “Mas”...

6.II. Opostos, por supuesto

A Patria Gaucha de Artigas, irradiada desde Purificación, no litoral del río Uruguay, buscava – dicen D. Jose Fernández y D. Luis Neira – “hacer prevalecer la justicia y la igualdad, único ideal posible de una auténtica revolución, con fuertes raíces populares”.

Aos grandes latifundiários também interessava pôr ordem na campanha, pero – avanzan Fernández y Neira – “mientras que para éstos lo principal era la situación de seguridad de las haciendas, personas y especialmente propiedades,⁷⁰⁵ sin ninguna profundidad socioeconómica en sus planteos, el general quería calar hondo en los problemas sociales, económicos y políticos que reclamaba su tierra”.

E é assim agora mesmo, no século XXI, quando o conceito norteador – de justiça social – do Reglamento não ganha suficientes adeptos entre los menos infelices. Como percebem Fernández y Neira:

– El Reglamento de 15, sintetiza sin dudas lo fundamental del pensamiento artiguista, con una lucidez y una altura de miras poco comunes en muchos líderes revolucionarios hispanoamericanos, siempre cautelosos cuando no opuestos a las reivindicaciones de las masas desposeídas rurales.

Opostos, por supuesto, por isso o escarcéu no Parque de Exposição, por isso as reações iradas – “às armas” conclamavam em tudo o que diziam – dos produtores no calor insuportável.

⁷⁰⁴ (e quem lavaria as chúcaras?)

⁷⁰⁵ (especialmente, para os latifundiários, antes das pessoas, a propriedade, lamentamos nós, hoje, sempre)

– Este Sepé é como as Farque, como o Alcaida. Só nos livramo dele se o Bush ajuda. Filhos-da-puta!

– É. Infelizmente, em vez de, numa Feira, estarmos debatendo tecnologia, morfologia animal, temos que nos preocupar com esse bando.

– Sabiam que cada família, pra ser assentada, custa 500 mil real ao governo? Dinhero nosso.

– Tudo isso? Acho que...

– É isso mesmo sim, eu li.

– Bá!

6.II.I. El hombre de Purificación

O presidente do GRUNHE, depois de alguns minutos de bochincho, passou a palavra ao líder maior da categoria, que disse, com aquela contrariedade desdenhosa que nós aqui conhecemos – *ah!, se não!, mas a volta vem...* – nos poderosos:

– Todos devemos buscar a liberdade, mas isso tem um preço, que é a eterna vigília. Se dividam em dois grupo e vamo, imediatamente, a maioria, pruma vigília na frente da Quero-quero,⁷⁰⁶ de onde só saímo quando eles forem arrancado de lá pela lei ou pela força. (Aplausos. Chapéus voando.) O grupo menor faz a vigília, agora 24 hora, no acampamento que, afinal, foi o que alimentou a invasão. Vamo nos comunicar por celular e cada produtor procure seus lindeiro de corredor, pra que a gente bote pelo menos duas camionete armada em cada boca. E com ordem de atirar. Aí, eles não vão poder se mexer, vão ficar entocado, vão aprender que aqui é mais caro. E vamo que vamo, indiada!

(Aplausos, gritos... Gestos que patenteiam, vejam, a permanência de um modo de pensar que já vigorava no tempo de Artigas. Escrevem Neira e Fernández que “el general quería calar hondo en los problemas sociales, económicos y políticos” de sua terra, tendo o conceito de justiça social como “un pilar básico de su concepción”, enquanto que para “los grandes propietarios latifundistas patriotas”, mesmo para estes, “lo principal era la situación de seguridad de las haciendas, personas y especialmente propiedades, sin ninguna profundidad socioeconómica en sus planteos”.⁷⁰⁷

Quanto sangue seria poupado se as idéias del Protector de Los Pueblos Libres tivessem sido apoiadas. Artigas lá, pensando nos humildes, e os nossos cá, distribuindo centenas de sesmarias: Dom Diogo, em 1814; o Marquês de Alegrete, de 15 a 17; o Conde da Figueira, em 19. E pior: “certa suficiência econômica parece ter sido condição exigida pelos governadores para conceder as sesmarias”, diz Barcelos, citado por Laytano. Os que mais tinham, mais ganhavam! Que coisa!

– Isso terá contado para que só derrotemos Serra Leoa no tocante à má distribuição de renda? – Bueno.

O que não tem solução, solucionado está. Passemos ao sonho del hombre de Purificación.

⁷⁰⁶ (“Quero-quero, quero-quero, / Quero-quero gritou lá em cima. / Quero-quero, quando grita, / É porque alguém se aproxima.” – só pra lembrar a canção da infância, quando éramos inocentes de tudo, nem sabíamos que os vôos rasantes do bicho em nossa direção eram para despistar seu ninho, em outra)

⁷⁰⁷ (repetimos, pode ser que entre...)

6.II.2. Atendendo pro outro lado

Poderíamos, inclusive – já que os Sete Povos ficariam todos dentro dos limites da nossa Patria Gaucha, Bossoroca, São Miguel... –, dar uma recortada um pouco mais pro leste neste abraço às Missões, pegando não só a Cruz Alta do Érico, mas algum município fabril...⁷⁰⁸ O que acham?... Tudo bem, então, não tá mais aqui quem falou,⁷⁰⁹ mas não podemos perder tempo, temos que botar em prática o Regulamento de 15 e tudo o mais, antes que a vaca tussa...

O quê?⁷¹⁰ Ah, sim... Fala.

– Eles ensinaram tanto a peonada que ninguém sabe ler e ainda descontam bóia e teto. Ensinaram foi só o que não presta.

É... Como diz o amigo de NH, historiador Edson Paniágua, “Nova Hereford foi erguida a partir da conquista e da pilhagem, beneficiando estancieiros e seus interesses, notadamente os chefes militares”. E agora vão tudo, a peonada de a cabresto, fustigar, imprensar os outros: com que moral? Este é um mundo imoral? Ah, vão cocheiar gafanhoto!)

– Buenas.

– Que tal?

– O que que tu tá achando?

– Feia a coisa.

– Eu também. Mas tenho a consciência limpa.

– Consciência limpa ou memória ruim?

Riem ambos e dirigem-se para suas camionetas, ver no que que dá isso tudo. Não são más pessoas – nem é disso que se trata –, mas são proprietários, sócios do GRUNHE e têm que dar o ar da graça em alguma frente pra não ficarem mal com a classe. Sargentos nazistas, sabem? Estavam apenas cumprindo ordens. Pior ainda, se querem saber mais, pois nestas situações é que se compreende o tipo de liberdade que temos, quando usá-la não é uma boa escolha.

Às vezes a verdade está aqui, ó, e a gente fica atendendo pro outro lado. Em Nova Hereford somos – alguns de nós –, como diz o outro, do tipo se hay gobierno, soy contra. Porque é brabo. Nada acontece. Onde, aliás, acontece o espetáculo fascinante da vida? Nos Mares do Sul do Sirley? Só sabemos – acre sabor – da morte, tudo é morte. Alguns de nós nem fazendeiros são, imaginem!

7.5. Vermes pelos olhos

O fato é que a ocupação deixou o pessoal meio desinquieto na cidade.

Comboios de camionetas pra lá e pra cá, os canos das winchester sobrando das janelas, gritarias, buzinaços, o rádio sempre xingando os do Sepé; nem se ouve mais

⁷⁰⁸ (se é fabril, não é gaúcho; temos que manter as exceções como exceções, senão...)

⁷⁰⁹ (engraçado, isso. O sujeito pensa que só no falar vai desaparecer, “não tá mais aqui quem falou”, como se a voz viesse de um fantasma... E não tem nada de fantasma, continua ali com aquela cara de cu dele, cheio de razão quando não tem nenhuma, se tivesse vergonha na cara, desaparecia mesmo... ora, “não tá mais aqui...” Volta de uma vez, Otacílio...)

⁷¹⁰ (o professor Vinícius quer falar, está afônico)

Roberto Carlos! E depois, todo mundo pegou a ficar sestroso, cheio de nove horas, com medo de que pensem isso e aquilo. Não deviam, porque a vida continua a mesma no consumo interno, que é onde fica o oco da vida de Nova Hereford, nas vilas, no desemprego endêmico, na endêmica doença, na violência diuturna, com ou sem coturnos, na morte banal, como é próprio dela – e não compreendemos! –, enfim, não deviam.

Com ou sem comboios de fazendeiros, *ai, ai... os potros continuam a botar vermes pelos olhos – contou o Robledo, barbaridade! –, um cachorro fila, manso, diz o dono, pulou a porteira e atracou-se num coitado que ia a pé pelo corredor empoeirado – o calor suga toda água da terra, que fica ali, seca, seca pra evoluar-se, tomar um ar, de carro ou o que seja, desértica, traiçoeira, os olhos enciscam, cegam – e mastigou-lhe a perna, de cimabaixo, sem remédio que não a amputação, mas o dono do cão pediu desculpas, o cão era manso, imagina!; Albenor teve uma coisa e agora tá com todo um lado esquecido, pobres crianças, sem mãe e agora sem pai; o Seu Pinto desandou grande, quer fazer aquele afago dele, mas a gente nota que tá diferente; uma mulher carneou o marido – “ele batia em mim!” – e comeu o que pôde, cozido com batatas, mas não agüentou e contou pra vizinha, pedindo, pelo amor de Deus, segredo, que esta também pediu ao contar pra sua amiga, que também pediu pra sua, mulher de brigadiano; Dona Ambrosina está grávida e tem um desejo incontrolável de morder o narigão vermelho do leiteiro, não adianta o marido providenciar tomates gaúchos, tem é que esconder a mulher, trancá-la no banheiro – “aí vem ele, tranca tua mulher ligeiro, ligeiro!” –, senão ela salta no leiteiro e arranca um pedaço do tomatão do homem; o marido de Dona Ambrosina, embora a gravidez seja recente, já está com dor no siso, é assim mesmo, com os outros filhos ficou com dor de dente até ela ganhar; Biloca, uma mocinha feita de taquara, vai até a casa de Dona Neusa, jovem senhora obesa e diz, “Dona Neusa, quero comprar três quilos de gordura”, a outra recebe o dinheiro simbólico, uma moedinha, e responde, “Te vendo três quilos de gordura”, só faltam mais três quilos pra uma comprar e pra outra vender, e está dando certo, Biloca já tem primícias de bunda e Dona Neusa perdeu alguns babados; Seu Antão anda matando cruzeira no Maleva como só ele mesmo, deixando intacta a cabeça, que corta e põe a secar, pra depois transformá-la em pó e colocar esse pó dentro de uma trouxinha de pano, costurada, pro doente botar no pescoço, como um breve, a doença vai junto com ele quando arreventa o cordão; Seu Antão é muito amigo do Albenor e da Dona Otília, esta nasceu pra enfermeira, não pode ver aleijado, cego, feio, que acha que tem que ajudar, por isso ninguém deixa ela se aproximar do seu Antão, que está sempre envolvido com doentes, seguro morreu de velho, diz a filha, “Temos que deixar ela longe do Plínio também, que anda se cagando perna abaixo, vai que se apaixone!”; uma prenda pintou o cabelo de cor-de-rosa e o patrão do CTG não deixou ela entrar no baile, o namorado também tava de brinco, isso complicou; o Arlênio entrou em casa aos prantos e ninguém entendia, embora ele explicasse com a voz balbuciante de quem sofre, “Ivan Novikoff morreu, morreu, tinha 102 anos e morreu”, bueno, se tinha 102 anos..., “você não me entendem, ele estudou com Nijinsky e Pavlova, era meu mestre, meu mestre...”, choro convulso: “o que vai ser de mim? Meu Deus!”, ui, ui, ui; Dona Débora baixou hospital novamente, está constipada, isso de só comer carne e tomar mate tem que acabar, quantos não vivem a vida inteira sentados numa patente sem sucesso, as hemorróidas desabrochando, o intestino, sem forças, entregando os pontos..., um chazinho de umbu resolve, mas não dá pra ficar só tomando chá a vida inteira, tem é que mudar a dieta, ora; um chacreiro compra tramas, moirões e arames, de atílio, de rédea e liso pra fazer um potreiro novo e plantar pessegueiro, tá dando bem, o Doutor falou que tem futuro; o Aristeu embrabece com a mulher, que usou sua faca pra cortar cebola, “Tu não sabe que*

perde o fio e se eu chego a me cortar fico envenenado!?”, *“Isso é mentira, é só pras crianças e as mulheres não usarem”*, *“Fica envenenada, mulher, dói barbaridade, com laranja é a mesma coisa, tu não sabe?!”*, *“A Teila falou que isso é machismo de vocês”*, *“A Teila, a Teila...”*; *um gringo foi dar comida prum cachaço e levou uma mordida na coxa, esguichava uma sangüeira da femoral, mas ninguém ouviu seus gritos, foi encontrado morto no outro dia, por isso somos contra criação de porco; “vão liberar a comercialização de quem plantou soja transgênica, porque o estrago seria grande demais se seguissem a lei, queimassem tudo e botassem na cadeia quem plantou e quem incentivou o plantio”*, os dois escutam no rádio, o mais moço comenta, *“maconha eles queimam à vontade, e, se fizesse mal, o Oreste já tinha morrido”*, riem, *“parece que esses transgênico dão câncer”*; o velho tá remendando umas cordas e o neto não pára, *será os pé?!*, *“Tá domando a cadeira, guri?”*; tudo na mesma, *tudo... um carro passa veloz pelo acampamento do Sepé, na BR, os dois homens se olham, “Vamos ganhar muita grana, cara!”*, e aceleram, cantando junto uma música gritada em língua bárbara, rumo a NH... Ai, ai.

6.12. As vacas não ligam

“Vamos ganhar muita grana, cara...” – se isso é modo de falar!?

O espaço na agenda do GRUNHE não foi difícil de conseguir, como bem previram os vendedores, dadas as circunstâncias. Na mesma tarde eram recebidos por umas cinquenta potenciais faturas de bota e bombacha, o que contrastava com os ternos bem cortados de Souza e Coelho, SOC Representações, mas, não nos enganemos, havia muito mais na guaiaca daqueles do que nos bolsos rasos destes. Apresentam-se e começam, com suas caras de envelope:

– Vocês, como empresários, rurais, mas empresários, sabem que o mais importante no momento de estabelecer contato com um cliente é a boa aparência.

– Bonito tem que tá o rebanho.

– Certo, certo, mas o dono do rebanho tem que dar o exemplo, não é verdade?

– Não sei por quê? As vaca não ligam – risada geral.⁷¹¹

– Cala a boca, Anacleto, deixa o moço falar.

– Obrigado, Senhor. Como eu ia dizendo – a intromissão nem faz cócegas no indivíduo, máquina, pro causo, de vender –, para a boa aparência, não basta fazer a barba e tomar um bom banho, o traje também tem que ser adequado.⁷¹² Se aparece para vocês um homem de vendas cabeludo, ou escabelado, com calça boca de sino, tatuagem, piercing e um paletó

⁷¹¹ (as vacas ligam, sim, são fêmeas, e, fêmeas, bueno... donde hay yeguas, potros nacen... O que querem é um minuto de atenção só para elas, para sua boniteza – nem que não sejam daquelas de exposição, mas férteis iguais, precoces iguais, já não falamos que umas tão dando cria aos dez anos? e bota mães! –, qualquer agrado do marido e já ficam arreganhadas de faceiras, não conseguem fechar as bocas – um perigo, que o gaúcho, por perto, tá sempre disposto a prover as guachas suas... –, ih!, agora é tarde, vão colher flores, crianças... Por isso têm pencias de filhos e todos, grandes já – viram?! –, de chupeta, mau hábito que degenera, não só a arcada dentária...)

⁷¹² (está dito, endereçado e selado, só que o prospecto vem junto, derecho como camino de hormigas, entregar em mãos o envelope vazio: impressionante como todos esses caixeiros-viajantes da última moda têm o mesmo corte de cara, pro causo, máscara, simpatia de catálogo, sorriso xis, disfarce, melhor dizendo, ovo goro, oco de vida, mas a casca – cáscaras! –, bá... bota casca! “Mucho farol y poca hombradía”, como diz Don Bagayo y Balurdo – ...y nosotros hacemos coro.)

xadrez cheio de bicos e ombreiras duras, quem vai perder tempo com ele? Seu produto tem que ser muito ruim. Deve ser um vendedor de naftalinas, ou pentes.⁷¹³

– Se vendem pente, podiam começar penteando o cabelo deles.

– Certo, certo, é isso mesmo, já vi que o senhor pegou o espírito da coisa. Mas não penteiam porque pararam no tempo. São uns perdedores, só podem mesmo vender naftalina. E, senhores, há pesquisas confiáveis a respeito. Nós apenas as passamos para vocês. Por isso, pensem e respondam sinceramente, com o feeling empresarial de quem está acostumado a grandes negócios...

– Fílim?

– É, quero me referir à experiência de vocês...

– Por que não disse logo? – riem, satisfeitos de si.⁷¹⁴

– Certo, certo, é verdade. Mas, nos digam: qual o item da aparência pessoal no mundo dos negócios que mais conta na hora de fechar uma venda e que faz de um empresário um vencedor?

– Tu já falou... Aroupa, ora – tenta um, achando que mata a cobra, calças boca de sino e tal...

– O produto. Sem um produto bom não adianta botar gravata – outro aluno participativo, este pensando nas naftalinas.

– Que tabelinha, hein?! E foi gol, um golaço minha gente.⁷¹⁵ Sem dúvida, a roupa e o produto, Senhores, são itens muito importantes, mas tem um que é mais: o item de maior importância para estabelecer o respeito entre os negociadores é o automóvel que dirige. Se o cara chega para vocês montado num fusquinha ou num chevettinho,⁷¹⁶ mandem pastar. É é claro que isso vocês já sabem e fazem...

⁷¹³ (nota pessoal do revisor: os pais da gente geralmente são seres humanos muito especiais. Pois meu pai era mesmo, desculpem se o de vocês, pura pose, ficava se fazendo... se anda como se puede y no como se quiere. Já aposentado, em Porto Alegre, recebia mensalmente um vendedor ambulante cego. Ele vinha de uma cidade praiana e passava o dia em suas visitas, oferecendo naftalinas, pentes, grampos, agulhas, linhas, miudezas pungentes... Meu pai sempre comprava algumas coisas – e as distribuía entre os vizinhos, parentes, amigos... Poderíamos, se tivéssemos “tino”, experimentar o comércio: uma loja só de naftalinas, ou de pentes, estoque não faltaria... –, ele fazia um lanche conosco e despedia-se, tinha ainda muito que andar. Tratavam-se por “tocaio”, e como isso honrava o vendedor. Em sua primeira visita após a morte de meu pai, quando soube, chorou tanto e tão convulsivamente, que derrubou seus óculos de cego – minha mãe colou a haste quebrada e envolveu-a no que pode de esparadrapo... mercúrio-cromo, gaze e esparadrapo melhor seria, pois o amigo precisava mesmo era... na alma, onde, que parasse de chorar, meu Deus?... de um curativo –, parecia uma criança atrapalhada com a maleta, a bengala, sua mais familiar equipagem. Continuou a nos visitar, sempre triste, cada vez mais triste, até que parou. Senti sua falta, como se me estivesse tentando roubar – imagina, o “tocaio”! – algo da presença do pai, até hoje integral, incorruptível, amantíssima em mim. Que conste, seus estelionatários filhos-da-puta: este revisor tem asco de bonecos enfatiotados que desprezam os vendedores de pentes e naftalinas. Asco!)

⁷¹⁴ (o mundo dos adultos machos! Houve um tempo em que pentear o cabelo para trás, com bastante gumex, era a senha para adentrá-lo; cultivar bigode ou barba; dirigir sem carteira; fumar; dormir em qualquer chão vomitado, de borracho; estrear no putedo – ou, ao menos em Nova Hereford, currar a empregada –; brigar no carnaval... Entre o cosmético, o vício e o crime, por aí fluía o trânsito da infância ao fantástico mundo dos adultos, onde, uma vez instalados, poderíamos qualquer coisa sem precisar de licença. Pouco mudou neste campo específico da estultice humana. E como a liberdade de um termina onde começa a do próximo, diz o Laerte, citando o mestre, “podemos dar um trompaço e jogar fora o outro”, até que um dia tenhamos espaço suficiente e possamos, inventando uma razão qualquer – e sem culpa –, invadir, digamos... o Iraque.)

⁷¹⁵ (foi gol? Mas como que a roupa e o produto podem tabelar de modo a estufarem a rede com um automóvel? Sabujos! Vira-latas! Chamem a carrocinha! E os estúpidos gostam...)

⁷¹⁶ (outro moderninho implicando com o fuca e o chevette, será os pé...)

– Pastar? Ué...
 – Desculpem, desculpem. Me refiro não a pastar, mas a mandar pastar, claro.
 – Os Senhores vieram nos vender automóveis, se entendi bem...⁷¹⁷
 – De maneira nenhuma, Senhor.⁷¹⁸ Nos tempos que correm, o automóvel, por si só, não resolve. Nós trazemos mesmo é a solução. E como vejo que têm pressa, adianto-me no assunto e vou direto ao ponto: o detalhe fundamental até nem é o carro, o detalhe é que, além de ser um carro novo, com design moderno, alta potência, conforto, uma máquina!... o automóvel tem que estar preparado para a guerra.

– Bárbaro! Mas...
 – Não me olhem assim porque, tenho que dizer, em nome da verdade, que é isso mesmo. Nas grandes cidades a guerra já foi declarada e é lutada no dia-a-dia, vocês sabem disso, a TV está sempre mostrando os estragos que os bandidos estão fazendo no seio da família brasileira.⁷¹⁹ Mas vocês são uns felizardos. Chegamos ontem a esta bela cidade e notamos que ainda não há pedintes ou assaltantes esperando nas esquinas pelo sinal vermelho para dar o bote. Nem flanelinhas vocês têm! Por enquanto, por enquanto, infelizmente, só por enquanto. De qualquer forma, pela força do hábito, não nos descuidamos e preferimos manter os vidros trancados – sorri o filho-da-puta.⁷²⁰

– Pedinte e assaltante é o que não nos falta. Não se pode ir tomar um cafezinho sem que venha uma imundície⁷²¹ pedir um troco.

– Pois, então, as coisas não estão tão boas quanto parecem. E permitam-me, Senhores, mas vindo para cá, a uns 15 ou 20 km, passamos por um acampamento de sem-terra.⁷²² O Coelho me chamou a atenção para aquilo, umas favelas que eles montam da noite para o dia, com bandeiras no alto de taquaras, e eu, que vinha dirigindo, fiquei pasmo. Não pensei que eles tivessem a ousadia de acampar aqui, justo nesta região, famosa pela excelência do que produz.⁷²³

⁷¹⁷ (eles não entendem nada, ignorantes, os entoados... Crianças para a SOC, que, fácil, fácil, vai-lhes tirar uma pontita de gado só com o brilhar do celofane de seus balas – pro causo, anti-balas –, só com o barulho doce do papel, do papel quebrando-se ao tato, toureando os cupinudos...)

⁷¹⁸ (criancinhas, os lambarizinhos... caíram na rede... Não Senhor, mas queríamos era isso mesmo, Senhor – por enquanto –, sua curiosidade interessada. Agora, sim, estão prontos pra fritada completa.)

⁷¹⁹ (imaginem que uma amiga da Solange que tava lá por São Paulo – tentando a vida, sabem?, o pampa não abre vagas que cheguem nem pros gaúchos, pras mulheres, então... bá!, Deus te livre! –, e foi morar com um chinaredo que encontrou na noite, na mesma situação dela. Pois, menina!, a Raimunda, amiga dela, até tava ensinando maxixe pra Sol, teve um azar e ficou presa numa enchente, teve um ataque e saiu do carro do cliente, se grudando na correnteza cheia de merda – como cagam os paulistas, coisa séria! –, e eu sei que acabou se afogando, mas salvaram ela, levaram pro hospital, fizeram sucção um monte de vezes, mas foi, foi que não agüentou: tinha mais do que merda naquela água, se fosse só merda tirava de letra, nordestina e tal, mas esses tóxicos, esses químicos – diz-que até atômicos, bá! –, quando entranham, nem o Padre Quevedo desentranha. “O pior, no Tietê é cair e ficar vivo”, diz a Terezinha, se vamos a ver, com muita razão.)

⁷²⁰ (assunto controverso no IC, porque as mulheres dizem que “a mãe deles não tem nada com isso”)

⁷²¹ (crianças de cinco, seis anos, os pais ficam esperando em alguma esquina para beberem tudo. Mas, e elas? Como mitigar as necessidades urgentes delas? E são cada vez mais numerosas... De onde vêm? Capaz que do pampa em volta. O pampa às vezes é assim, difuso... E elas surgem das grotas, das matas ciliares emaranhadas, dos próprios rios, sempre sucias, cobrizas de sucias – e de gens, o vírus –, andrajosas, sempre con hambre, e, na conta do capataz tá sempre faltando ovelha, uma que outra vaca...”Mas, e o couro?”, pergunta o patrão. “Não achemo...”, desculpa-se o campeiro, medroso de ser mandado a la cria...)

⁷²² (armam a arapuca, os inescrupulosos, a expressão maldita...)

⁷²³ (essencial para um vendedor: parecer acreditar no que mente...)

– São uns marginal. Mas eles vão ter o que querem.

– Marginais, sem dúvida. Eu diria mais: são os marginais mais perigosos do país, porque têm uma organização por trás, muito bem amarrada. É contra estes que temos que defender nosso patrimônio e nossa vida.⁷²⁴ Infelizmente, o governo nos escraviza,⁷²⁵ com impostos que não acabam mais e nos impondo restrições inaceitáveis à liberdade que o mundo de hoje exige. Se não fosse isso, vou confessar para vocês, ao invés de uma BM blindada, eu pilotaria um tanque de guerra para recolocar as coisas nos seus devidos lugares.⁷²⁶ Teria que resolver dois probleminhas: instalaria um ar-condicionado no amigão, o calor anda insuportável, e brigaria por duas ou três vagas no estacionamento, ao preço de uma, claro – sorri o...⁷²⁷

– Nós damos um jeito neles, sem tanque mesmo. Esperem um pouco, um poquinho no más.

– Ótimo, ótimo, melhor assim. Mas nosso objetivo ao visitar esta aprazível cidade, já percebi, deve interessar muito aos Senhores, principalmente depois da chegada desses vândalos por aqui. Pedimos que prestem atenção no vídeo⁷²⁸ que vamos rodar, de apenas dez minutos, e depois, tenho certeza, vocês compreenderão por que estamos tendo essa conversa, aliás, em muito boa hora.

6.12.1. Para os menos precavidos

O vídeo mostra cenas de violência real nas grandes cidades, envolvendo carros, seqüestros, mortes dos motoristas, coisas assim. E também cenas produzidas, com alguns carros que nada sofrem ao receberem saraivadas de balas, os pilotos abanando para os atiradores já sem balas, mexicanamente extenuados, frustrados, os bonitões indo embora sorrindo com seus automóveis reluzentes. A legenda: “Há maneiras e maneiras de blindar um carro, mas a da nossa empresa é a mais confiável, o certificado ISO diz tudo. BLIND & CO.”

Agora é Coelho quem fala. Explica a relação da SOC com a BLIND e elenca razões para ser adotada a proteção nos carros, todas elas decorrentes da escalada da violência, “que não respeita ninguém, mesmo em cidades pequenas como Nova Hereford. Os seqüestros relâmpagos são uma realidade que se espalha absurdamente, vitimando os menos precavidos”:

– Senhores, a blindagem não é um luxo,⁷²⁹ mas uma urgente necessidade.⁷³⁰

⁷²⁴ (incluir-se no problema, “va-vamos dar as mãos, vamos dar as mãos, vamos dar...”, fingir espírito de corpo...)

⁷²⁵ (adotar o mesmo histórico inimigo...)

⁷²⁶ (insinuar que também é adepto da “justiça pelas próprias mãos”... as milícias, o que são as milícias?...)

⁷²⁷ (filho-da-puta, um rematado filho-da-puta, capaz de fazer graça – de esperto – com o que é torpe desgraça...)

⁷²⁸ (criancinhas, tontos os perus, a machadada final... Alguns do IC não suportam a catanga e saem para vomitar; outros, querem botar a boca no mundo, mas em qual jornal? qual rádio? qual televisão que paute nossa voz?; Don Perico fica buzina: “Estos llegan como nacidos acá, como criollos da pampa... Les meto los encuentros...” Mas Don Bagayo y Balurdo é mais sensato: “Vamos a ver, vamos a ver... é, por enquanto, uma matinê...”)

⁷²⁹ (luxo? Não! Luxo é o quartinho que a Zilda fez no fundo da casa da filha, que mora com a neta porque o marido deu cada sumanta nela que ficou meio tantã, antes de ir embora pro Mato Grosso com a putinha irmã do vizinho, o Seu Hervandil, rica pessoa, não sabe o que fazer pra remediar o que não tem mais remédio, dando presentes pra Zildinha, boba, a pobre, nem sabe o que ganha, ajudando também a velha, com o quartinho, uma pecinha puxada do muro do fundo, alto, onde funciona uma oficina, o cheiro é bem ruim, mas tem o do esgoto na valeta do pátio, assim que equilibra, o vizinho

A combinação dos dois medos, seqüestros mais Sepé, comove os produtores a ouvir mais, preço, prazo, condições, tipos.

– Bem, Senhores, de início devo desaconselhar duas modalidades de blindagem, ambas parciais: a que protege apenas os vidros do automóvel e a que protege os vidros e as portas. Seria um bom dinheiro a ser posto fora, porque os bandidos não vão mirar apenas onde foi blindado, não é mesmo? Correr o risco pode significar a diferença entre a vida e a morte.

Os gaúchos ouvem quietos.

– As blindagens totais também oferecem opções: há as que resistem a balas 38 e as que páram até uma Magnum 44.

Ouvem quietos, meio preocupados, os gaúchos, nunca pensaram que estavam tão na mira dos outros, estando eles ocupados em ajustar a sua.

– Contra fuzis, o preço fica um pouco mais alto, mas é o ideal para camionetes, como as dos Senhores, e bastante indicada contra o inimigo que anda atormentando a região.

Coelho explica as promoções, três vezes sem acréscimo, o consórcio, com lance, sorteio, tudo, a garantia de dez anos, “mas dura no mínimo, no mínimo, vinte”; as características, fibra de aramida na lataria, vidros de policarbonato com 21 mm de espessura, aros de aço balístico nas rodas, permitindo que se dirija por mais de 20 km com o pneu furado, manta metálica no tanque, na tampa do motor, protegendo o radiador...⁷³¹

– É totalmente seguro e garantido, uma necessidade como dissemos, nos dias difíceis que correm.

– Eu quero saber é se funciona?

– Claro...

– Se o bandido chega perto da minha janela e dá um tiro na minha cabeça, a bala passa?⁷³²

fez uma, bem dizer, pontezinha com as tábuas que sobraram do quartinho, que ele ganhou do patrão que desmanchou o galpãozinho que tinha pra guardar caco e sobraram e ele fez sobrar mais, pra pontezinha, botando umas latas velhas de um lado, bem boas ainda, só que enferrujadas, mas nada que uma tinta não resolva, vai providenciar, só o que não pode é a guria, a neta, ficar toda hora brigando com as duas, botando em cara que a casa é dela e ela é que sustenta – Deus sabe como, mas não diz... –, até pau dá nas coitadas, a Zilda, velha daquele jeito, e a Zildinha, abobadinha, bá...)

⁷³⁰ (alguém do Instituto lembra de uma entrevista do gordo aquele exibido com um “mega-empresário” e este lhe dizendo que não, não andava de carro blindado, não achava necessário e – algo assim – que, no seu entendimento, era como um escárnio diante das enormes diferenças sociais do país, onde muitos não têm o que comer, andar de carro blindado. Isso em São Paulo, capital. Aqui, em Nova Hereford, engraçado – porque tão outro é o mundo, o mesmo –, ora, engraçado... aqui, a preocupação maior da população tem sido com o vírus... Vejam, o esgoto corre entre os pés – ou o contrário, os pés é que correm entre, no meio do esgoto – das crianças nas inúmeras vilas da cidade, cada vez menos numeráveis, quantificáveis com dados estatísticos à medida em que crescem, acrescentando casas – choças, papelão, palha – antes e depois das vírgulas – e os Programas têm seus limites, as comissões... sabe como é... –, como pausas lacrimais, inestancáveis esgotos escorrendo, das pessoas, entre, entranhando nelas o pútrido desentranhado, o vírus, e computador nenhum dá conta, pára tudo, vai-se o sistema, não há nada a fazer sem o banco de dados, babaus...)

⁷³¹ (Aramida? Policarbonato? Brrrrrr... “...camabel camabel o vale eoa / sobre o vazio de ondalit / a noite asfáltica / plcx”, Drummond.)

⁷³² (ah! saudades... folguedos infantis... A Terezinha começa, “Palma, palma, palma, / Pé, pé, pé, / Roda, roda, roda, / Carangueijo, peixe é...” Porque, como ela diz, “A gente fica falando tanto em arma que acaba achando que é um bichinho inofensivo, melhor brincar de roda, ora. Vamos: Carangueijo não é peixe, / Carangueijo, peixe é, / Carangueijo só é peixe / Na enchente da maré...” Então a gente brinca, ri, se diverte, vive...)

- Não passa de jeito nenhum, nem estilhaço, pois o poliuretano é para isso mesmo.
- Bueno, é o que interessa. Dinheiro não é problema, o negócio é que resolva.
- A gente fica uns dia menos em Punta e pronto – divertem-se.⁷³³
- Mas tu arrecém não tava lá?... – riem-se, faceiros (e por quê?).

À noite, deitados nas camas do hotel, cabeças apoiadas nos braços tramados na nuca, olhando o forro nodoso de pinus, Souza & Coelho sorriem.

- Quanto vendemos?
- Melhor deixar as contas pra amanhã, vamos descansar. Mas foi muito, ganhamos a Sena acumulada.
- E ainda temos Alegrete, Uruguaiana, Quaraí, Polianga do Sul...
- E que produto pra região hein?! Eu te disse. Viva o Movimento Sepé Tiaraju!^{734 735}

⁷³³ (Souza & Coelho ganharam fácil este dinheiro; perceberam a oportunidade e nhac! O processo de convencimento foi o mais primário, a exploração do medo; deveriam dar uma percentagem para os do Sepé. Tem outras pessoas, no entanto, mais nobres, que tomam para si as tarefas difíceis, senão impossíveis, e dão o melhor que podem no desempenhá-la, chega a ser heróico... O Padre Mário, quando atuava na fronteira, costumava freqüentar um putedo que ficava ali perto do passo... “Um Padre numa casa de mulher?”, sempre pergunta alguma maria mijona feiosa. Pois, aí é que está: converter um próximo num seminário ou num colégio de freiras, até o Chiruzinho Ubaldo; agora, converter num putedo... bota serviço bruto! E o Padre não refugava a peleia com o demo. Todos os sábados tava lá, firme, com sua vara de bater pecado. Beber, nem dá pra dizer que bebia, uma garrafa de vinho, se tanto, mas comer, comia, o que tivesse, e na cozinha, íntimo que era da casa. “Hoje eu converto a Rúbia, Dona Eva...” – Eva era a dona da boate. “...hoje eu sinto que Deus está inteiramente comigo”, dizia o santo homem, que fê impressionante! O Paniágua – o Edson, não o das árvores azuis –, deu o acaso de andar por lá naquela noite, e foi quem nos contou o sucedido. O Padre botou na cabeça que ia encaminhar a Rúbia, e só tentava a conversão com ela, sábado após sábado, correntina espoleta e linda coisa séria... Mas – vejam as inteligências do cão! –, mais uma vez seu esforço foi infrutífero. E não se diga que faltou o que fosse, pois o Padre Mário saiu do quarto – como sempre, aliás –, empapado de suor e branco e meio mole de pernas... Comeu outra servida de carreteiro e outro copo de vinho, o coitado, mas prometeu pra Dona Eva que, “Sábado que vem, sábado que vem a coisa vai ser diferente...” E seria, não vê, ainda que fosse igual, porquanto – como diria o poeta – o amanhã é sempre domingo... Mesmo que não tenha missa... porque el Cura confiou na vara e tomou uma paliza! Ficou rengo... diz o Paniágua...)

⁷³⁴ (“Certas matinês deveriam ser proibidas para menores de todas as idades – mesmo réus primários ou reincidentes, ainda que em defesa da honra –, também para maiores potencialmente infratores e/ou com gordas contas bancárias... Este volume, decididamente, não me parece adequado para mães de dez anos”, assevera Don Bagayo.)

⁷³⁵ (tínhamos combinado cortar essas excessivas notas, até porque muitos – a idade, a visão vai se aclarando, a vista mermando vem – usam aqueles oclinhos assim pela metade, e ficam levanta os olhos, baixa os olhos, dá tonteira, vômito, labirintite, sem falar nos problemas da cervical, quem é que agüenta?... Mas, perdão, há momentos em que, bueno, providenciem-se baldes! Vomite-se!... Ninguém morre de vômito, morre? Vejam, o governador de um Estado aí publicou um anúncio – conta Marco Santayana – de página inteira, em que “associa as festas de fim de ano à morte de chamados ‘bandidos’. **‘Para estes, o Natal não será o mesmo’**, proclama.” Os mortos são destacados em fotos e o reclame “sugere que a sua – do governador – polícia matou os ‘bandidos’ indesejáveis e prendeu outros”. Santayana entende que o anúncio “pode ser lido como uma licença para matar” e destaca que “foi a nota mais triste” destes já tristes – que cheguem, basta! – tempos para os brasileiros, transtornados “pelo desemprego, pela miséria e pela falta de esperanças”. Como diz a Deise, “é crítico, pra não dizer penoso...” Suspendam os baldes. Melhor sambulhar todo mundo dentro do açude, fazer a faxina completa... Compreendem? E não queremos... Porque o gaúcho, bem que avisa Luiz Marengo – “eu sou um índio ventena / e, quando pego a perigá, / eu mato sem fazê sangue / e engulo sem mastigá!” –, compreendem?, vivemos muito ainda a la moda vieja. Bá! Deus-te-livre!)

7.6. Indômito, o mar

Em Nova Hereford gostamos das cercas-vivas bem tosadinhas; se é redonda, redonda, se é quadrada, quadrada. Dá uma ânsia ver aqueles rabichos de galho sobrando do resto. Queríamos poder deixar tudo sem fiapos, pentear tudo, controlar a integridade das coisas pra que não desatem a fugir ao primeiro vento. Por isso, em geral, não gostamos de praia.

A ventania é horrível, fica dando laço de areia na gente, e o mar não pára nunca, sempre aquele barulho meio que de gargarejo, de cachoeira rouca. Poucos – mesmo entre os que podem – vão para Punta del Este, Santa Catarina, Rio de Janeiro. Bom mesmo é banho no arroio, cheio de sombra, quieto. Mas há alguns anos a filharada levou o Tuiuti de arrasto, a mulher ainda era viva. “São Gabriel está desmoralizada”, comentou. “Onde já se viu a ‘terra dos generais’ com o asfalto cor-de-rosa?” Espantoso! Todo mundo sabe que o asfalto é preto. Botaram um tipo de anilina na estrada? Que coisa!

A chegada à praia, no entanto, tocou a veia artística do professor:

– A serra, as nuvens baixas no horizonte de muros altos; as figueiras com a barba dos séculos, vetustos monumentos...

– Ai, professor, que lindo!

– Lindo foi meu tombo, quase morri. Também, nunca mais.

O professor e sua esposa, ambos vendo pela primeira vez o mar, o mar!, emocionados, correram até ele, sem ligar praquele lançante que fica na areia, um escorregador, pro caso, até a água, e não é que tropeçam os dois e embolam-se, caindo no repuxo, e bebem água, o mar os arrodando, já meio velhitos, não deixando que parassem em pé, uma onda atrás da outra, horrível! horrível! Ainda bem que o filho era vaqueano de praia e tirou os dois, cheios de areia por tudo. “Merda de praia!”, dizia o professor, limpando-se, “Merda!” Nunca mais. “Nem me convidem...”

Não há como domar aquilo, fazer daquilo lago, rio que seja, sombra.

Otacílio não conhece o mar, não teve a oportunidade de ir de caminhão com um amigo, como fez Morosoli; o mar, daqui, é distante demais.

O céu conhece: a boieira, as três marias, o cruzeiro do sul, tudo.

O inferno vive agora, neste calor asfixiante, à espera do Seu Valentininho que – disse a secretária – “está em reunião com uns empresários da capital”.

7.6.I. O zumbido arranha

Mais uma tarde inteira perdida, escondido do sol atrás das árvores, do outro lado da rua. Vontade de dar uma pisa de laço na sirigaita, entrar lá à força e resolver o tão pouco de que precisa. Tem certeza que o patrão não vai lhe negar o pedido. Mas, falar com ele, como?...

Nem dá pra chegar perto, parece um tio carnal do Otacílio, o Tio Beto, que tinham que acordar cutucando de longe com um cabo de vassoura, o homem já se virava cravando a faca que trazia à mão sob o travesseiro. Uma vez, no tempo dos calhambeques, o Seu Ariovaldo foi brincar com ele, que ia a pé – isso na cidade – e, chegando perto deu um buzinaço no ouvido do velho. Deus te livre! O Tio respondeu no susto, zupt!, com o facão

– na cidade, levava um facão, que podia mais contra trinca, isso antes das brigas a bala, hoje tão comuns – e rasgou de frente a cola a capota de lona do “de bigode”. Não houve garibada possível, tiveram que trocar toda a capota. Puxa! Que tempos!

Otacílio tem um mosquitinho na orelha, zumbindo intermitentemente, coisas que o cunhado disse antes de voltar pro acampamento. Ali, esperando – a cabeça só esperando fica oca –, o zumbido começa a arranhar:

“Eles vão investigar o Movimento, cuidar nossos passo, a gente pensa em se deslocar e eles crã! Nem peidar vamo poder que eles são bem capaz de nos atacar dizendo que ouviram bomba. Em vez de cuidarem os bandido, que continuam matando a-lo-grande, vêm atrás de nós, que só queremos terra pra plantar. Isso é uma ditadura, tu não vê? Eles podem fazer o que querem. Impedem vistoria, desobedecem despacho judicial, até lei, até lei, não vê os transgênico, quem é que incentivou esses gringo de merda a plantar? Agora botam a polícia em cima da gente, querem nos identificar, fazer nossa ficha lá na delegacia. Por que não fazem as dos fazendeiro também? Tu, por acaso, é fazendeiro? Qualquer dia te pegam porque tu é meu cunhado. Acorda, che! Eles contrataram um monte de capanga, isso aqui parece filme do Vandame, cheio de ninja.”

Otacílio lembra que a mãe, ele guri, engomava pra fora, com polvilho cozido ou gelatina branca, “quando o tecido era fino, organza, cambraia de linho, ropinha de bebê”. Depois passava e deixava aquilo armado e brilhoso. Sua camisa de primeira comunhão foi engomada com gelatina, e nem era de “tecido fino”, mas a mãe fez questão, “pobre mas limpinho”. Acredita tanto em Deus desde então – ganhara também um sapato novo, que não servia mais para o filho de uma das clientes da mãe, que engraxara até reluzir – que não sabe o que sentir diante do Seu abandono. A mulher o desafora, o patrão o despreza e esse zumbido que não o deixa em paz.

Antes, anos atrás, peão campeiro, cavalo próprio e pilcha completa, Otacílio se enxergava caminhando e cantando intimamente “quando a gente abre as asa”, que, quando abre as asas, a gente, meu amigo, é gente e “nunca mais, nunca mais”, che, te digo, nunca mais... E, do íntimo, reverberando nas paredes do íntimo como intimamente no privado de um banheiro o som retumbando em golfadas redondas nos azulejos, redemoinhando no céu da boca, como vinho tinto Cabeça de Touro, aveludando o céu da boca, a língua, embebedando a campainha, guardiã do foro íntimo, aliciando-a para o canto de asas abertas do Passarinho, o canto que rola pra lá e pra cá como redondos ramos secos no deserto, ao vento, voz retumbante nas paredes desérticas dentro, robustecendo-as de inebriantes águas, asas, almas, sabe-se lá.

E, agora, lástima!, esse zumbido que engole o canto, desasa o bicho...

8.6. Culatreiro

Divertir-se em Nova Hereford é embicar o auto em frente à sede social do Campes- tre, na praça, e ficar por ali pelas escadas brincando com o chaveiro de guasca e carancheando os que passam. É o que faz Sirley quando chega o Pepe com seu comboio de cinco ou seis camionetes e grita, da rua:

- Vai ou não vai?
- Aonde?

- Fazer a vigília no acampamento da BR.
- Ué...
- Então vem. Faz a culatra.

Sempre na culatra, sob a liderança do Pepe – que, ainda por cima, leva com ele a Quelem –, sem forças para dizer não, sem algo que fazer que não fosse não fazer nada no Clube.

Andava freqüentando umas aulas de inglês, pra entender as músicas e impressionar as gurias, mas não tinha ganas, nunca tivera, de verdadeiramente aprender algo como quem domina o assunto, como quem sabe tudo a respeito, como quem sabe, enfim, e não precisa ficar com medo do ridículo. Seu inglês não lhe permite ser mais afirmativo do que é – ou do que não é, sempre em dúvida –, inseguro até nos I-love-yous mais simples. Ao menos tenta e isso já é um grande avanço, sendo quem é, um... bá!

Às aulas de violão, sim, não falta; pode-se dizer que toca, os sons saem, o dedilhado não é ruim e o repertório, gosto do professor, tem-lhe aberto os ouvidos pra gente que nunca tinha visto mais gorda. Continua gordo, mas isso é de família: “quem herda os seus não degenera”. Nisso – seus progressos – vai pensando o culatreiro no trajeto até o acampamento, e de como ter uma nova chance com a Quelem, sua primeira e única namorada, agora capacho do Pepe e passada e repassada por todos do clube.

O comboio diminui a marcha e toca a buzinar ao cruzar pelo acampamento, um amontoado de barracas de plástico preto, com lampiões e bandeiras aqui e acolá. Os homens saem pra fora e ficam olhando, inexpressivos, bestas mesmo quando gritam-lhes “filhos-da-puta!”, “vagabundos!”, “ladrões”...

Os vigilantes entram na fazenda lindeira ao acampamento – o dono deu permissão para o que fosse preciso – e estacionam as camionetes numa coxilha, de onde podem ver o mínimo movimento dos sem-terra, a essa hora, de fato, mínimo, as crianças dormindo, os mais velhos recolhidos às suas barracas, ainda refazendo-se do incidente do dia anterior, quando um avião pulverizou uma lavoura ali perto – pelo menos a uns 500 metros! “e deu deriva! vejam que azar!” –, chovendo fungicida em cheio sobre o acampamento. Os líderes reclamaram para um vereador, “a essa distância, foi por gosto!” Mas, o que fazer contra tudo e contra todos? Mais de 50 crianças com até sete anos estão lá. “Ora”, disse um outro vereador – e fazendeiro –, “se a gente quisesse matar, largava inseticida neles. Tá visto que o piloto errou, deve ser novo no ramo.”⁷³⁶

8.6.I. O tresoitão

Descem dos carros, ligam o som mais potente e ficam de chacinha, tomando a cerveja – prevenidos – que trouxeram numa caixa de isopor.

O Pepe e a Quelem, não. O suficiente afastados do grupo, no escuro estratégico da noite sem lua, beijam-se. Tantas foram as vezes com a ex-miss, ex-primeira prenda, ex-garota disso e daquilo, que ele não sente mais por ela nenhum desejo de dizer eu te amo, ainda que mentindo; não suporta mais nem enrabá-la de frente, para não ter que ver a cara de quem – de novo! – está comendo. É como uma puta que não precisa pagar, que faz qualquer coisa, qualquer coisa mesmo só para tê-lo junto a si.

⁷³⁶ (Errou de local ou errou de veneno? Ficamos na dúvida, professor...)

Assim que beijam-se... e logo o Pepe tira o pau pra fora e a faz chupá-lo, forçando que engula seu gozo, apertando-lhe a cabeça contra sua virilha. Ela reclama que machucou, ele ri. Ela diz “agora vem”, já sem calcinha, mas ele quer diferente. Pega do portulvas um revólver, ela se assusta: “guarda isso, tenho medo disso”. “Isso é um tresoitão pra matar vagabundo”, diz o taura, “mas hoje ele vai me servir pra outra coisa. Vem cá.” Agarra a guria pelos quartos, abre suas pernas, repousando-as, pelos tornozelos, nua, em cada ombro e fica frente a frente com os opulentos lábios da moça, delicadamente carequeada com a melhor cera com mel – uma Iracema e seus lábios de mel, pro caso –, quando, só de pensar, tem outra ereção. “Me come, me come”, Quelem pede. “Metete, metete todo”,⁷³⁷ Quelem suplica. Então ele enrista o 38 e o roça na vagina exposta. Ela, “ai, tira isso gelado? tu tá louco?” Mas ele insiste e afunda parte do cano no melado: “vai dizer que não é bom?” A guria: “não, isso não, quero o teu pau, tenho medo”.⁷³⁸ Mas ele insiste e enfia, de um golpe, todo o cano, até o tambor. Ela grita e o empurra: “doeu, doeu, tu me rasgou”,⁷³⁹ diz, chorando.⁷⁴⁰ Pepe dá-lhe um safanão e a empurra pra fora da camionete: “Te arranca! e toma essa tua fedorenta!”, jogando longe a calcinha branca coisa mais querida, de rendas alvíssimas. Os outros só ouvem o bater forte da porta e o amigo passando, contrariado: “Enchi o saco. Amanhã eu venho”.

– Pô, che, qual é?

– Bá, cara, ando atucanado. Mas amanhã eu venho, Lulinha. Até.

8.6.I.I. *Motivos pra chorar*

Sirley aperta os olhos e vê Quelem levantar, batendo-se, como quem tira o próprio pó, que pó todos somos e a ele voltaremos, aproveitando o ensejo bíblico. Amanda, sua amiga, que está ficando com Felipe esta semana, vai ao seu encontro. Abraçam-se, conversam no escuro. Um diz: “Essas gurias, sempre têm o que fofocar.” O outro: “E sempre acham um motivo pra chorar”. Riem e abrem outras latinhas. Sirley ouve o que dizem, o de sempre, mas coloca todo o tino na Quelem, que gesticula como um naufrago, afogada em soluços. Um chazinho de camomila – indigestões, histerismos –, ou erva-cidreira – nervos, palpitações –, ou maracujá, salva, timbó, alcaçuz, alface etcétera, todos calmanetes, um ou outro haveria de ajudar a moça, coitadinha. Os vigilantes imitam o Cacalo:

– Se eu fosse um tadão, não tava ati. Por mim, meto bala no tu dessa tanalhada. Esses taras terem mu-mu?

– O Cacalo ia querer era o nosso cu.

– Terer o nosso tu.

– Pobre do Cacalo, sempre fora de órbita. O pai dele fica num vermelhão. Se fosse o meu, bá!

– Te tadava a pau – chega a se acocar de tanto rir.

– É, mas não sou eu que tenho que pedir a camionete do velho pra sair, eu tenho a minha.

⁷³⁷ (no sentido bíblico, o que não deve atrapalhar nossa utilização como leitura obrigatória nas escolas)

⁷³⁸ (judiaria! a riquinha... sai daí, bobalhão!)

⁷³⁹ (chega, chega! Tudo bem, mas rasgar? E ela nem se chama Marieta, pra costurar com linha preta...)

⁷⁴⁰ (“O assunto é sério, não deveria prestar-se para observações machistas”, reclama Dora. “Apoiado”...)

– Pela quantidade de campo que vocês têm, tu tinha que ter duas, uma pra andar quando a outra tivesse lavando, que nem cueca.

– Vou te dar cueca!

Há pessoas em Nova Hereford, injustas, que reclamam que aqui só se fala em boi e em arroz.^{741 742} Está se vendo que não é assim, e graças ao Sepé. A família também ocupa

⁷⁴¹ (ah, querem falar em arroz? Falemos em arroz. Se foi o tempo em que a mulher escolhia o arroz e o feijão – catando pedras, marinheiros e carunchados – antes de cozinhar. Os dentistas é que saíram ganhando com essa mudança de costume, como a Lizamar, recém-formada e com o consultório cheio – quando ela se vem pra olhar a boca da gente, o rego dos peitos coisa mais linda fica ali, a um palmo dos nossos olhos carnívoros, cheios de resíduos alimentares, porcos, sem nenhuma educação, atirando-se ao petisco com as mãos mesmo, lambuzando-se daquilo, feito bichos, bã... fosse ela oculista, teria que nos lavar os dentes com soda! –, guria competente, o Seu Abrão foi lá porque já na primeira colherada do carreteiro, pronto!, fez croc! e adeus dente, “o que prendia a ponte de cima deste lado aqui, ó”, explica o desolado Senhor. A Lizamar – só por dizer, que nem é dessas que se formam na capital e vêm que nem caturrita, um alarido!... –, comentou que em um lugar aí, parece que na Europa, um tinha processado o fabricante do alimento e ganhou uma indenização enorme pelo dente quebrado. Pra quê! O Seu Abrão gosta pouco de confusão... Foi lá no engenho do arrozeiro – “Pai do céu, mas isso aqui tá uma cidade de silo! Como inflô!” – e fez um bochincho bem grande. Lá nas cansadas, cheio de ouvir a gritaria, o dono resolve sair da sua sala e, “Afinal, mas que gritaredo é esse?..”, deu de cara com o Abrão: “É tu mesmo que eu quero, que tu quebrou meu dente... esse teu arroz pura pedra!” O gringo – eles já nascem vermelhos de sem-vergonhas que são, pra enganar –, ah, já repicou, “Que meu arroz o quê! Prova! Prova!”. E aí começou aquele vai-vem, “Foi!”, “Não foi!”, “Mas claro que foi!”, “Coisa nenhuma que foi!”, “Se fui eu que comi...”, “E fui eu que produzi, ensaquei e vendi...”, “Ah, tá confessando?..”, “Bem capaz!”, “Pois, então...”, “Mas catei, minhas máquina cata-ram tudo e só vai arroz pro saco! Ganhei até prêmio...”, “Que tu vai sabê o que vai em tudo que é saco... Tá querendo me enganar?”, “Se eu vô perdê tempo...”, “O quê?”, “Vem cá, por que tu não cata, como todo mundo?”, “Mas tu acha que eu tenho tempo...”, “Claro que não, ocupado em coçá...”, e nesse vai-vem seguiria, não fosse o Seu Abrão, esquentado, sampar um mata-cobra pelas fuças do gringo e botarem ele pra fora e... bueno, no fim, acabou que o processado foi o, pro causo, desdentado, que não teve como provar que o dente quebrou do arroz – a Doutora Lizamar nem comendo com ele tava, como é que ia afirmar... –, e, do outro lado, um monte de gente dizendo pro juiz que ele deu o mata-cobra, e deu, que ele fez um bochincho na firma, na frente de clientes, e fez, que ele saiu chamando o gringo de ladrão, sem vergonha, e saiu – coisa séria, só faltou botar no rádio... –, que ele... bá, um monte de coisas. Não adianta, os ricos sempre têm razão... Não esqueçam isso, hein?!, não esqueçam...)

⁷⁴² (e já que falamos em arroz e feijão, vamos falar de feijão. Abateram um bicho com a vaca louca nos Estados Unidos, deu manchete, ninguém mais quer comer carne. Luciano Antunes informa que “os testes foram feitos *post-mortem* e um recall que envolveu dez Estados teve de ser efetuado”. Luciano reclama que “essa cultura americana, cômoda para as corporações, é capaz de gerar pânico em situações como essa”, e isso porque o agronegócio “não possui os ‘contadores de feijão’, que medem se é mais barato fazer um recall ou pagar indenizações a vítimas de defeitos de fabricação”. Em que mundo vivemos?... Mas Antunes vê na desgraça americana “uma oportunidade única” para os fazendeiros do Brasil, “porque temos o maior rebanho comercial do mundo, somos os maiores exportadores e, principalmente, os maiores produtores de bois a pasto”, o “boi verde”. Não adianta: o Brasil é o país do futuro, pronto! É só resolver umas coisinhas... que o Seu Benê páre de botar fora a vacina contra a aftosa e agulhe o seu gado, ...que esses que têm campo também no Uruguai ou na Argentina, em época de epidemia, não fiquem trazendo o rebanho talvez já contaminado – o vírus é um azogue! – pro lado de cá, compreendem? Depois estoura um foco perdido num bojo lá no meio, longe da fronteira e ficamos no ora-veja... O Pitaco, bem sem metido, nem um palmo de terra têm, passa no cafezinho do Central, ficava cantando “Quem foi, quem foi / que falou no boi voador? / Manda prender esse boi, / Seja esse boi o que for...”, sugerindo coisas com a música do Chico que nem o Chico sonha, não entende nada de gado, o Ratinho, sim, e o Galvão, o Tarcísio... mas, o Pitaco, louco de ladino, apontando uns fazendeiros que fazem ponto ali e se rindo, provocando, não vê?! Bueno... Nós, do IC sabemos – assunto encardido, lo cagó Dios en nuestras manos – e de há muito alertamos: é o vírus, o vírus entranhado, no boi que voa, no sangue do pasto... – boi verde? Só se for melancia, que por fora é encarnado –, no indicador do Pitaco... “Vamos perder mais esta oportunidade? Por que não temos a cabeça no lugar?”, esbraveja Don Fierro. “É que depois de degolada fica difícil...”, começa o Roger, mas o outro não está para brincadeiras: “Cala a boca, marmanjão!” Então a Professora que pensava que “tombar” era derrubar prédio antigo – em uma reunião do Conselho do Patrimônio de NH, pode?! –, levanta a mão – pura mancha – de velha: “Me digam, o que é ricau?” MMGonçalves, MMGonçalves... por onde andas, teatinho?)

boa parte do pensamento de todos – mesmo dos jovens, que, segundo fonte freudiana, pensam 652 vezes por dia em sexo, ou seja, em constituir família, ter filhos –, assim como a religião.

Coisa mais bonitinha, as crianças das primeiras séries cantaram esses dias, na Igreja, os versos adoráveis da Irmã Míria Kolling, “Vovó, que coisa linda é você / Em nossa vida de família, / Junto com o vovô...”

E, fique claro – para que não pensem que somos o que não somos e vice-versa –, conste que levamos muito a sério o Salmo Responsorial do quarto domingo a Ramos, assim: “Que se prenda minha língua ao céu da boca / Se de ti, Jerusalém, eu me esquecer.” Prova relevante de que não esquecemos Jerusalém jamais é a de que nenhum newherefordense saiu com a língua presa, razão pela qual não produzimos cantores de pagode ou centroavantes.

- Viram o novo adesivo que mandaram fazer?
- Eu vi: “Você comeu hoje graças a um fazendeiro”. Na pleura deles.
- Só não achei bom o “você”. Ninguém diz “você” por aqui.

8.7. O Senhor é meu Pastor

As cervejas estão quase acabando. O Juca e o Bira resolvem ir à cidade buscar mais, cada um em sua camionete, pra um pega de tira-teima. Quelem e Amanda conversam na cabinada do Lulinha; ele e Sirley sob um ipê de flores negras. Só restaram os quatro, fiéis vigias do acampamento completamente às escuras, não fosse um ou outro lume espantadiço – a brisa noturna, morna –, de alguém que trama ou bebe. O homem da TV falou mesmo em “falta de sobriedade” nas últimas ações do Movimento, referindo que a polícia interceptara um caminhão com 40 litros de canha indo pra um dos acampamentos.

- O que que tu acha, Sirley?
- Acho que tão bebendo. Se fosse eu...
- Não é isso, che de Deus! Presta atenção! O que que tu acha que a gente tem que fazer com eles?
- Ah... Não sei. O GRUNHE resolve – Sirley, sempre irresoluto.
- O GRUNHE! Grande merda! Um bando de politiquero. A gente tem é que fazer justiça por nós mesmo. Isso – aponta o negro acampamento com o cavanhaque negro pontudo – não são gente, não são ser humano igual a nós... Viverem desse jeito... Chega de terrorismo no campo, Sirley, nisso o Seu Valentim tem razão. Chega de terrorista! Daqui a pouco a gente topa com um Binladen, um Sadan...

O filho do finado Nunes, um enorme homem, 120, 130 quilos de pura merda, gigolô de boi e de gringo arrozeiro, ex-futuro surfista em Papeete, um frouxo, deu de matar o tempo lendo, pegando filme na locadora, estudando inglês, regressão total. Os amigos disseram: “Sirley, tu nunca nos enganou.” E rindo: “Tu é mesmo um bundão!”

- Brigar com eles?
- Pra, daquele tamanho, passar o vexame de tomar pau?
- E adiantaria?
- Sua bunda por acaso não merece o aumentativo?

Quando Lulinha perguntou o que achava e começou a responder “Se fosse eu...”, Sirley pensava em um filme, **A fraternidade é vermelha**,⁷⁴³ e no diálogo – que sabia de cor⁷⁴⁴ – entre a moça e o juiz aposentado: “Se estivesse no lugar deles, o que faria?” “A mesma coisa”. “Atiraria pedras?” “Se estivesse no lugar deles, claro. E isso serve para todos que julguei. Com uma vida como a deles, eu roubaria, eu mataria, eu mentiria, claro que sim.”⁷⁴⁵

O filho do finado Nunes distraía-se decorando coisas, mas não qualquer coisa, hein?!... Vê se pode...

“Juruá-Purus-Madeira-Tapajó-Xingu” ...

“Saleh, Laureano-Nélbio-Paulinho e Cebola, Zezinho-Toninho e Luís Adolfo, Samir-Marcos e Zequinha” ...

“O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas. Refrigera a minha alma, guia-me pelas veredas da justiça, por amor ao Seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo, a Tua vara e o Teu cajado me consolam. Preparas a mesa perante mim na presença de meus inimigos, unges minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida e habitarei na casa do Senhor por longos dias...”

Não só isso.

Sirley decorara também outras coisas, inúmeras, camada sobre camada, de modo a sepultar o buraco do pai em sua casa, onde, pro causo, o deixou morrer, onde, entulhado, fechado a piso frio, alguém ainda grita por socorro.

– Chega de terrorista! – diz Lulinha e pega sua arma. – Já tá tarde, vamo começá o baile.

8.7.1. Un acontecimiento

O estrondo dos tiros no silêncio do campo, na paz bovina dos campos, tem algo de apocalíptico.

O berro começa a berrar e Sirley se arreda: os mumificadores tiravam o cérebro do morto pelo nariz, nele parece que o trânsito se dá pelos ouvidos, “Múmia!”, como chamam-lhe os outros, às vezes, nas tantas vezes em que se alheia – ou faz de conta, inseguro – e pergunta “Hã?”, quando deveria responder algo, sim, algo, mas o quê?

Lulinha atira da coxilha sobre o acampamento, que fica num baixio, espremido pela estrada. As balas riscam o asfalto, algumas delas perfurando as cumeeiras improvisadas dos sem-terra, zunindo e rasgando um céu sem estrelas – onde? onde, nesta angústia? onde, neste inferno? –, Sirley até pode ouvi-las – “Ora, direis, ouvir estrelas...” – e se arreda.

A gritaria lá embaixo, crianças chorando, mães, pais imprecando; a gritaria, o pânico, o medo aterrorizado, o baile... outro buraco a ser tapado, “O Senhor é meu pastor, nada me faltará... verdes pastos... mansamente... águas tranqüilas...” Bem disse o Doutor

⁷⁴³ (terá entendido? “Vocês, sempre subestimando os outros... Grande África um filme...”, a Sarita, furiosa, porque, com ela, é sempre assim também. É “burra” pra cá, “estrupício” pra lá. Um horror.)

⁷⁴⁴ (o cinema é um perigo, o próximo começa a pensar que a vida é tal e qual)

⁷⁴⁵ (a vida é assim mesmo, tal e qual. Disse a mesma coisa o ex-secretário de segurança, vejamos, homem que conseguia se botar no lugar dos outros – e, lembram colegas do IC, às vezes o lugar é bem ruim, sabem?)

León Benarós: “Un baile es un acontecimiento importante. Hobres y mujeres se reúnen. Pueden encontrar el amor y a veces la muerte.”

8.7.2. “*Tinha também um gordo grande*”

Dona Arminda, amiga de sua falecida mãe, levou um choque porque o marido, meio bacudo, na noite de núpcias, sem nenhum aviso, assim, de supetão, apareceu pelado na frente dela. A coitada fez até tratamento, levou tempos pra se recuperar, e a letra dela no quadro – era professora – ficou pra sempre trêmula. Imaginem as mulheres das barras, sem defesas contra o falo cuspidor de balas!⁷⁴⁶

E o Lulinha nem é dessas coisas. Um fuminho de vez em quando e só. Se fossem os outros, bá! Agora inventaram de tomar chá de trombeta, aquela flor branca, tipo copo-de-leite, que dá em arbustos ribeirinhos de folhas grandes, e dá pra baixo, assim como um sino – “badala mais que lança, cara, um barato!” –, que, dizem, pode até enlouquecer quem viaja.

Sirley, o ex-futuro viajante pelos mares do sul, nauseia-se do que vê, do barco em que está nesta tenebrosa proccla – sempre teve o estômago fraco, “culhão nenhum”, já dizia o velho Nunes –, clandestino, bem dizer, quanto ao que é, mas – o que importa o pensamento confinado na gaiola, como pássaros batendo cotos de asa, ensurdecedores, na cabeça? –, ali, de corpanzil inteiro, quase um capitão de mar-e-guerra, conivente, coautor. “Tinha também um gordo grande”, diriam. “Nada vale o que pensa / neste mundo de aparências”, completaria o poeta.

– Pára com isso, Lulinha! Chega! – a Amanda, se metendo onde não é chamada.

– Ué, agora vai me mandá? Pensei que a mãe tinha ficado em casa.

– Tu tá querendo matar alguém? Já não assustou o que chega? – Amanda o peitea, sutiã 48, bem uma holandesa, mas com temperamento de zebu. Pecha nele, fixa firme, dá uma rabanada e volta pra camionete. Logo aparece Quelem, dizendo que a namorada queria falar com ele.

– Mas será os pé! Agora vai me pôr no cabresto? Já ia pará mesmo – reclama mas vai, e vai ligeirito que a pomba é lindaça.

8.7.3. *Parto na água*

Ficam os dois de guardas noturnos, Sirley e Quelem, o brontossauro do velho Nunes e a miss-primeira-prenda, ex-namorados – quando ele cursava Agronomia em Porto Alegre e ela bailava com o Pepe nas internadas artísticas da fronteira –, no meio do nada campesino – não fosse a gritaria no acampamento, um rebuliço –, como dois estranhos.

“Se não pode dizer a todo mundo / Que ela é uma boa menina / Então não diga absolutamente nada”, filosofou Dos Passos, em um dos seus *Jornais da Tela*.

Pero... De que diablo hablan muchachos? Dos pasos?

Uno, para Sirley, es como si fuera una maratona, y sin laureles.

Además, falemos claro: Quelem, para Sirley é uma boa menina, a melhor, a única, mesmo tendo feito o que fez, não importa, mas Sirley é do tipo que se sente melhor não

⁷⁴⁶ (Quelem, que é a Quelem, sentiu-se violada; isso que ali, na camionete, de perna aberta, imagina essas...)

dizendo nada, não dando um passo que seja, imobilizado na camisa-de-força de sua figura patética.⁷⁴⁷

– Tenho pena deles, das crianças – Quelem, todo mundo sabe, abortara um filho do Pepe, tentativa frustrada de amarrá-lo. Ele dissera que “se virasse” que ele pagava, nada mais. Vejam que, desde que o México entrou de pato na onda americana do NAFTA,⁷⁴⁸ a miséria instalou-se entre os camponeses e as crianças; em cinco anos, já perderam um centímetro de altura em média. A informação é de Natália Viana e preocupa porque, de centímetro em centímetro, um feto de oito meses poderá vir à luz sem que a mãe perceba em meio ao fétido, o feto, mínimo, enquanto a mãe lê, defecando, fotonovelas, bem outro parto na água, filho de peixe... E agora falam em ALCA, NAFTA das Américas, imaginem!, o Pepe nem precisaria gastar com bobagem. – Queria ir embora desta cidade.

Sirley pensa em perguntar por que não vai, mas não quer ouvir que é por causa do Pepe, resposta inaceitável, o safado não dá a mínima pra ela, apenas a usa de vez em quando, tá quase noivo da Daiane, todos sabem, não quer, não quer. Desimpedido, tudo arrendado pros gringos, ele, sim, é o homem⁷⁴⁹ pra ela, com ela, com a coragem inflada pela presença dela, surfaria em Papeete,⁷⁵⁰ ele, o hipopótamo que jamais subiu numa prancha, que vomitou o fígado, criança, numa travessia na barca Rio-Niterói pelas águas de lago da Baía da Guanabara.

Criança é o que é, é o que são a vida inteira pessoas como ele – “o biotipo não ajuda, senhora”, dizia o professor de Educação Física para sua mãe, preocupada com seu desinteresse pela vida, com sua morbidez, tão jovem, cada vez mais gordo –, pessoas que não se enquadram no modelo das indústrias, sempre com a calça enfiada na bunda e o rego à mostra, indecência.

Gordo = criança

(lambuzada de algodão doce, bochechuda, as covinhas pronunciando-se até no respirar, eternamente com as roupas feitiço da vizinha costureira, tecidos alegres das lojas dos turcos, sempre no rotundo picadeiro, “olha o gordo!”, “olha lá o tamanho do guri!”, “que pança!”)

= palhaço = coisa nenhuma

(gente, os outros, os normais; gordo é uma auto-suficiência, por si só um sujeito social, uma qualidade substantiva, intransferível, como “negro”, como “bicha”, uma fantasia solta pelas ruas... Socorro! Polícia!).

8.7.3.1. Uma estrela

Quando o marido da empregada da Dona Ambrosina morreu, Sirley foi com a mãe ao enterro. Nunca esquecerá.

A viúva, enorme, teve um troço e estatelou-se no chão, carregando consigo os dois que tentaram segurá-la.

⁷⁴⁷ (Quanto a Sirley, entendam, não adianta ficar socando o joelho, como faziam os mais velhos no tempo deles quando queriam enfiar alguma coisa na cabeça dos outros; não no que toca à Quelem)

⁷⁴⁸ (quem nasceu pra pato pato, nunca chega a surfista, vide Sirley, ridículo!, parafina no cabelo?..)

⁷⁴⁹ (ô palavra de peso! A honraria, o filho do velho Nunes?)

⁷⁵⁰ (não surfaria, nem sequer boiaria, como um pato... provavelmente seria morto por algum Acab, nosso Moby Dick pampeano...)

Todos riram.

Estavam chorando, o caixão acabara de ser emparedado, mas todos riram. Nunca esquecerá porque o esqueceram ali, entre os túmulos e as flores mortas, tratando da desfalecida no chão – erguê-la como? –, abanando-a, fazendo-a voltar a si, quando – eles não podiam entender – estava integralmente em seu elemento, estatelada no chão do cemitério, alegrando a desolada cerimônia com sua dor, tão somente pela especificidade – viúva?, pois sim... – de sua condição de gorda, que por ser tanto, tudo, é coisa nenhuma.

Sirley pensa de Quelem que ela nunca “gostou” dele; pensa de si que é “um cara” gordacho. Porque não acredita ser possível que o amem; porque não se vê como um homem, um homem capaz de ser visto como tal por uma mulher. “Gostar”, se pode de um bicho, de crianças – todos gostam de crianças –; um “cara” é qualquer cara, nada em especial, até um que chamem de “Cabeça”, por cabeçudo; de “Pé”, por piçudo; de “Pança”, por pançudo. “Cara” não exige responsabilidades que não possa cumprir.

Pepe, desde pequeno, já era, “coisa querida, um homenzinho”. Hoje, lidera a Juventude Ruralista, encarregada de monitorar o acampamento, coisa pouca perto do bochincho lá na fazenda invadida, mas muito mais do que alguém teria a insanidade de pedir a Sirley. Ainda assim, o “cara” ama, ama desmesuradamente Quelem, com quem divide a noite abafada, aquele recorte desértico de mundo...

Enfim – Quelem gosta de crianças –, quem sabe?...

(E Sirley... Sirley não tem coragem de contar, mas pagou trinta dólares e batizou com o nome dela uma dessas novas estrelas que todo dia os telescópios descobrem. M.M.Gonçalves – guri de ouro! – ajudou-o com as tratativas junto à firma, no Canadá. Está no livrinho e – ó emoção! – uma dessas que brilha aí no céu chama-se Quelem, Estrela Quelem, e esta é, pro causo, sua!)

8.7.4. *Você tem a poção, baby!*

- Tu tem CD aí?
- Tenho uns.
- Deixa eu entrar, quero sentar um pouco.
- Tá.⁷⁵¹

Sirley coloca um do Willy Nelson, *Always On My Mind*⁷⁵² – “Maybe I didn’t love you...” –, que ele sente, traduz seu relacionamento com a Quelem: “Talvez eu não tenha te amado / tão delicadamente quanto poderia...” (Delicado, daquele tamanho?) “E eu aposto que nunca te disse / Que eu era muito feliz porque tu eras minha...” (Caladão como uma múmia descerebrada?) E é ainda mais adequada a letra em sua cabeça quanto a Quelem – porque não sabe se um dia ela de fato foi qualquer coisa sua verdadeiramente, este possessivo constrangedor, duvida disso, parecem um casal desparceirado, enfim... –, quando diz: “Você sempre esteve em meu pensamento / You were always on my mind...” E “Give me one more chance to keep you satisfied / I’ll keep you satisfied” (O bebê chorão: “Dê-me mais uma chance de te satisfazer / Eu te deixarei satisfeita...” –, o bobo alegre, uma

⁷⁵¹ (a mulher como que manda que ele saia da frente, que tire do caminho, que arraste sua gorda de rajar com la uña pro lado e ele, “Tá”, louco de faceiro, dando piola pra que a outra o enforque, não chega a cobra que é, daquelas que mata enrolando-se, sebossa, e depois sufoca)

⁷⁵² (anda! bota o CD, estúpido! Isto é pra ser lido com a música... E já deixa de sobreaviso o Jimmy!)

mulher como a Quelem, rodada.) Mas a melodia enche seu coração de esperança, seus olhos de lágrimas, seus...

– Não tem outra coisa pra ouvir?

Como?... Mas como? Vejam o que fazem as mulheres com os homens – os “caras” – em Nova Hereford. Sirley está freqüentando curso de inglês e tudo, pediu ao professor M.M.Gonçalves que traduzisse as letras – as adequadas a Quelem, que selecionou, cuidadoso, para tocar a música e dizer, com os olhos, de preferência, sem abrir a boca, “o Willy Nelson... faço minhas as palavras dele... pra ti, baby” – e a piguancha⁷⁵³ se sai com essa.

É como sempre ouviu: melhor nos pelegos, lençol de cetim deixa a china que é um sabão, escorregadia, fresca. Mas, não há de ser nada, está preparado para os imprevistos previsíveis. Tira o companheiro Willy, “Talvez eu não tenha te segurado / Em todos aqueles momentos tão solitários...”, e pega o infalível Jimmy, Jimmy Cliff, de reggae todo mundo gosta: **Rebel in me.**

Infalível.

Quelem, formada em inglês – e piano, ballet, jazz, danças da invernoada, word, excel, a puta-que-pariu⁷⁵⁴ – canta, com sua vozinha doce, em falsete, junto com o jamaicano. Sirley observa, como tantas vezes, a ex-namorada, embevecido com sua beleza desenvolta.

Quelem, pra quem vê uma foto dela, é bonita, claro, e apenas isso, como uma embalagem de loja chique, mas em movimento, caminhando, falando, rindo, cantando, é um espetáculo, dá vontade de acariciá-la por existir, compreendem? Porque só se existe em movimento; fotos são próprias para serem alouçadas, tumultares.

“If the rebel in me / Can touch the rebel in you...” canta o rastafari jamaicano, e ela, mal e mal, o quanto quanto mexendo your lips, os ombros ossudos, suavíssima dança que, para um hipopótamo como Sirley, em dieta vegetariana desde que o Pepe... bueno, para Sirley, o corpo todo branquelo de Quelem cantando com Jimmy Cliff, “If the lover in you / Can touch the lover in me...”, os contornos d’África⁷⁵⁵ do reggae, dancing, a Quelem, pista de pouso para seus mais elevados sonhos. A quantas estamos? Cinco mil pés? Sobe. Dez mil pés? Sobe. Sobe, baby, canta baby, mexe baby, “My love is deeper than the ocean...”, mexe, que me acabo, me afogo, subsumo água, teu suor, salgada, “Come one, because you got the potion...”, você tem a poção, baby, my love...

– Adoro essa música – diz Quelem. – Me leva pra longe daqui.

– Já? Mas não é meio cedo? A vigília...

– A música, Sirley, a música me leva pra longe, entendeu agora? Bota de novo, faz o favor.

⁷⁵³ (piguancha, sim, senhora! Não tem perdão)

⁷⁵⁴ (bueno.... Este é um vasto departamento... Vocês sabem como se prepara e aplica unhas de gel?... remover o esmalte, lixar, botar o tip acrílico fixando com brush ou gel, tanto faz, depois dar uma outra lixadinha em cima, pincelar camada fina de b ou g menos na meia-lua e na cutícula e enfiar a unha ainda úmida no Dip Powder, retirando-a e limpando o excesso de pó, uma lixadinha, depois outra passada de b ou g e deixa secar 30 segundos, então passar o Top Colt e está pronto, mas ainda dá pra fazer um acabamentoozinho com base e esmalte... Vocês não sabem, mas Quelem sabe!)

⁷⁵⁵ (mesóclises, apóstrofes e, se quiserem, fazemos “como os saltimbancos desconjuntam os ossos doloridos”, querem? “A entrada é grátis para os conhecidos” – por isso, Quintana, nunca ficamos ricos...)

8.7.5. “No te derrumbes...”

Quelem ordenara, ele obedece: “toca de novo **Rebel in Me**”.

Ele, feliz, obedece.

Taí.

Ambos gostam de **Rebel in Me**.

Tem um filme, com a Melanie Griffith e o Jeff Daniels, **Totalmente selvagem**, um filme de ver duzentas vezes e gostar cada vez mais, ela, de branco, ruiva, no baile dos não sei quantos anos de formatura, linda, focinho de uma focinho da outra, a Quelem, só que mais baixa, mas até a voz, infantil, em falsete, e o sorriso arqueando um lado do lábio, e ele, o Jeff Daniels, ver o Sirley, não fisicamente, claro – mas isso é o que menos importa, não é o que dizem?, em alguma coisa temos que acreditar, fora!, deixem, ao menos que assim seja neste lapso romântico –, mas pelo jeitão dele, meio deslocado e, principalmente, ele, um executivo, por uma fala, depois das algemas e tudo, quando confessa que, por trás do certinho que é, dentro mesmo, no âmago do seu ser, mora, pulsa um rebelde.

Quantos rebeldes pulsarão apenas na pança do filho único do velho Nunes, o que arrendou toda a estância pros gringos e deu agora pra ler, pegar filme na locadora diariamente, aprender inglês? ...Quantos, e nenhum deles com estômago para Papeete ou, que seja, para a Jamaica?

– Tem cigarro? – acorda-o Melanie.

– No porta-luvas.

Ela remexe no lixaredo e acha uma carteira de Marlboro fechada...

– O homem de Marlboro... antes da doença – ri.

– Como?

– Nada. Pensei numa coisa engraçada.

– Viu **Totalmente selvagem**?

– Não. Por quê? – a pergunta fura a fumaça.

– Quem gosta dessa música, na certa vai gostar do filme. Tu é muito parecida com a Melanie Griffith.

– De novo com isso? Se eu fosse parecida com ela, não tava neste buraco. E agora ainda me prestando pra vigiar esses coitados.

– Não pensa que eu gosto disso...

– Claro que não. Tu tem é medo do Pepe.

– Eu venho pela classe, ora, a...

– Cala a boca, Sirley! Se eu não te conhecesse... – Ela diminui o som, Jimmy Clift canta **Peace**. – Escuta.

Uma criança chora no acampamento.⁷⁵⁶

⁷⁵⁶ (uma criança chora... “riete, niño / que te traigo la luna cuando es preciso...”, Hernandez y Cortez, **Nanas de la cebolla**, Quelem, veja, delicada – a puta-que-pariu, vasto departamento, não é somente kits, peelings, brushes... –, não pode cortar cebola que chora, arde de chorar a menina – que é menina ainda diante de uma estrela que também é, Sirley assim a fez –, a guriazinha linda... “Vuela, niño, en la doble luna del pecho, / él triste de cebolla, tu satisfecho, / no te derrumbes, / no sepas lo que pasa, ni lo que ocurre.” Triste, ella, ardentia sin remedio... pero, chiquitín, “no te derrumbes...”)

Deve estar com alguma dor, de ouvido, talvez – um azeitezinho acalmava, então não sabem? –, e forte.

O Osvaldo Pereira, aquele homem velho do Angico,⁷⁵⁷ esquilador, alambrador, domador, tudo que o campo exige dum pobre, artes de sobrevivência, quando era muchachinho novo, no Cerro, tinha uma prima, a Dulce – só o Osvaldo mesmo, uma priminha com nome tão doce –, que ficava num bercinho de engradado, daqueles de madeira, mas não perdia uma: pra onde iam, levavam a guria, ajudando a cuidar dela também, a mãe tinha o que fazer em casa, sempre demasiado para o dia, pequeno pra quem é sozinha, cheia de filhos. Brincavam de pegador, de se esconder, de vaca-amarela-cagou-na-panela, qualquer folguedo, e a guria ali, rindo ou dormindo “naquelas tarde fulera, à sombra dos cinamoni que, pro causo, nem hay mais”.

Quelem quer que a criança pare de chorar, Sirley lhe conta a história da Dulce, e – riquinha!, coisa mais fofa! –, a mãe nela, a que abortou nela o filho – corticeira? cavalinha? cipó-mil-homens? médico? agulha de tricô? o que importa? –, a que, rica, poderia tê-lo, mãe, mães, que é o que são as mulheres,⁷⁵⁸ algumas nove meses na cama, só pela graça de parir – abaixo de capim-pé-de-galinha, farinha de lágrimas-de-nossa-senhora, unha-de-gato, amor –, Quelem quer por que quer calar aquela boca.

Pudesse, com a chupeta de seu seio...

– Não tem nenhuma caixa aí?

– Só o isopor dos remédio pro gado.

– Me dá.

– Mas, pra quê?

⁷⁵⁷ (“perene tarumã verdejante”, nós inté chora, querido amigo, o céu, desde agosto, aos nossos olhos perdidos no azul, anda puxando ao verde, verdejando, não vê?!, bispando...)

⁷⁵⁸ (e é o que são! O Doutor Alvarino Marques, clinicou anos em Alegrete e região, bota gente boa, sabia tudo de charque, charqueadas, essas coisas, estudioso, mas, foi falar de mulher... Escreveu que “o papel econômico das mulheres no campo ainda precisa ser investigado devidamente. Além de mães e esposas estóicas, as mulheres das estâncias concorreram com uma força de trabalho ainda não avaliada. Substituíam freqüentemente os maridos nas suas longas ausências, por viagens demoradas e guerras constantes. Não só dirigiam os trabalhos de rotina nas fazendas, como tomavam parte direta nesses trabalhos, auxiliadas por moleques, piatzotes e peões caseiros.” Diz ele que, enquanto domésticas, iam além das tarefas comuns de cozinhar, limpar e costurar, mas também fiavam, teciam e costuravam a mão toda a roupa, assim como “as velas de iluminação, o sabão, os doces, as lingüiças, era tudo feito em casa”, e também eram as professoras de seus filhos, da língua à matemática. Bueno. Até aqui, não faziam mais do que sua obrigação. Pensamos, com Don Alcancia, “Não será porque as atuais descuidam de suas sagradas tarefas que estas deixam de ser sagradas. Portanto, desliguem as TVs e mãos-à-obra! Vamos!” A mulher tem, de fato, algo de fabril em sua composição. Observem que não podem ficar paradas, estão sempre sassaricando. Mas o Doutor Alvarino avança: “Levando-se em consideração a renda muito baixa auferida com a exploração da fazenda, o valor do trabalho da mulher nas estâncias, talvez tenha sido bastante superior ao rendimento exclusivo da pecuária.” Como “valor do trabalho”? Qual teria sido o “valor do trabalho” dos escravos das fazendas? E dos “moleques, piatzotes e peões caseiros” que ajudavam? Pagava-lhes, pro causo, o salário do perro... Pois este, o do perro, era o que as mulheres mereciam, se pudéssemos quantificar comparativamente especificidades do gênero – como ser mãe, quanto vale parir?... O que valem são os rebentos, se machos, mais; se fêmeas, bueno, servirão para parir um dia, enquanto isso, que cozinhem, lavem, costurem... – coisas de mulher, femininas. Dizem – fontes confiáveis da ciência de Nova Hereford – que têm a ver com hormônios, progesterona, estrogênio... E aí, TPM, OB, HPV, DIU... mamite, culote, histeria, furor uterino, bucles... essas coisas, chico, placenta, corrimento... langanhos de mulher, exclusivamente, graças a Deus! “Sem o pampa, o gado, os gauchos, qual a razão, ainda que subalterna, destas “estóicas” viverem?”, pergunta Don Alcancia. “Nenhuma!”, responde o lógico. “Então, que merda é essa que tamo discutindo?”, esbraveja o culto, além de culto, muito mais robusto de bombacha. E vão todos terminar a noite no chinaredo. Oigalete!)

– Vai dá ou não vai dá?

Como negar alguma coisa pra Quelem?

Essas caixas, qualquer veterinária dá, e mesmo que já está meio comida, meio mofada.

Mostra pra ela.

Não adianta, ela quer.

Pega também o xergão atirado na carroceria, sacode-o, arejando as fibras engraxadas, e forra com ele o “berço”.

– Vamo.

– Mas, e a vigília...

– Tá com medo do Pepe?

– Capaz...

– Deixa o bobalhão comigo. Vamo.

– E o Lulinha?

– Ah, Sirley, até o Lulinha? Não te preocupa que ele não vai te comer. O idiota fica com a Amanda. Vai ou não vai?⁷⁵⁹

8.7.6. Feliz paquiverme

Sirley faz chacoalhar a diesel, cascavel cavalariço, tira a tampa da panela fervente, sopa de rolamentos que é o ruído de escola de samba paulista da camionete – a do ano que vem já vai ter o chassi feito na base da hidroformagem, 50% mais resistente –, e sai devagar, com as luzes apagadas.

Contornam um cerrito e pegam a BR lentamente, às ordens de Quelem, que diz “é aqui, pára!” A criança ainda chora. Bate palmas, sem descer. Um bugio aparece, indiático, neanderthalense, barba espetada, sestroso, horrível, tem uma foice na mão, fica à distância. Ela grita em sussurro, soprando a voz:

– O que que ela tem?

– A guria?

– O bebê.

– Tá com fome.

Quelem leva um susto. Fome?

(Ai, ai... Argentino Luna: “Me preguntan cómo ando / Y respondo más o menos / Com angustias en el alma / Por lo que han hecho al pueblo. // Como puede andar un hombre / Que no ve al outro contento / Que ve niños en la calle...” Hambre? Fome...)

Mas como, fome? Dor de ouvido, gripe, balda... mas, fome? “Meio-dia, panela no fogo, barriga vazia”, acostumara-se a ouvir. Mas a panela sempre estava no fogo e, logo, a barriga cheia, crianças saudáveis querendo fugir da obrigatória sesta. No susto, abre a porta, desce as touceiras que bordejam o acostamento e dá o berço para o homem, des-

⁷⁵⁹ (a puta-que-pariu é um vasto departamento... Quelem tem e usa seus vários kits especiais: francesinha, francesinha angélica, pianinho, brasileirinho, sedução big, pingentes, maybelline, creative millenium impala, este com as opções azul – tranqüilidade –, verde – crescimento –, prata – divindade –, amarelo – plata –, laranja – energia –, rosa – amor –, amor, amor, amor... Ela vem de laranja e Sirley de amor...)

confiado, com a foice – “da Praça da Matriz”, pensa ela, num átimo, mas o choro... –, prometendo-lhe:

– A gente vai no postinho e já volta. Vou trazer leite pra ela.

Volta à camionete e manda o motorista tocar:

– Rápido, Sirley, tu parece uma lesma!

Ele obedece, como não fazê-lo? As mulheres amadas sempre têm razão, ainda que não seja próprio delas, ocupadas com tricôs, fricotes, fermentos, fofocas, fodas – elas, sim, com o nobre fim de preservação da espécie, cópulas, melhor dizendo –, o raciocínio... pensam, de vez em quando, pensam, o músculo cardíaco injeta na corrente sanguínea algo assim como... às vezes de... e elas: “vamo!” Irresistíveis. Então o rebelde do volante, todo cagado – pela vigília, pelo Pepe –, toca pro postinho, sim, senhor, deixando atrás de si um vazamentinho, coisa pouca, de leite derramado, um rastro todo seu de irresoluto, de maria-vai-com-as-outras-e-volta-só, de paquiverme viscoso. Mas vai feliz...

Vai, e feliz... só porque a tem ao lado, sem que a tenha, mas ali, ao alcance de qualquer um, não dele – nunca foi passado com as gurias –, que já a teve perto de longe, na capital, fazendo de conta que estudava agronomia, namorados, os primeiros um do outro, quando nem era gordo e tocarem-se, pouco, crianças quase, não maculava o bom gosto. Vai, veloz lesma, o som tocando sabe-se lá o quê, mas em seus ouvidos, entre os tufos de pêlos, como piolhos, punilhas, “Maybe I didn’t love you / Quite as often as I could have...”, Willie Nelson explicando-lhe, ajudando-o a entender, aceitar-se tão grande e não alcançá-la, ambos na cabine escura, sós na pequenina noite de Nova Hereford, “Little things I should have said and done / I just never took the time / You were always on my mind”...

Você sempre esteve no meu pensamento, sempre, sempre, sempre...

8.7.6.I. Tijolinho

– Já volto – desce ela, correndo.

– Deixa que eu... – quando vai terminar uma frase? Uma única frase conexa, fluida, elevada, que mereça, em forma e fundo, pentagrama – e, claro, seu tanto de piolhos e punilhas.

“É o túmulo!”, diria o Cacalo, se fosse quem não é mas apenas um caso-desafio para mórbidos fonoaudiólogos. Sirley, no entanto, depois que deixou de ser aquele gordo filho do velho Nunes para, com a morte perpetuada do pai, tornar-se tão este novo, igual, não fora o peso ganho, o arrendamento total da estância, dinheiro todo seu, pança de fazendeiro, que já tinha, igual, pro caso, na igualdade um tanto de independência, mas não “independência ou morte!”⁷⁶⁰ nunca foi de arroubos, lento, lesma, a mesma corrente de elos arrastando-se na sucessão dos dias – quem herda os seus, não degenera, viram? –, o normal, mas com a chave do cadeado no bolso, sua, esquecida em algum bolso, da qual detém posse exclusiva, como se balas de um revólver, ele próprio, Billy The Kid de NH, este, no entanto, Sirley, apenas kid, esperando, sempre esperando, Quelem, que, agora, impetuosa, resolveu amamentar o chorão do Sepé e demora-se na lojinha de merda do postinho de merda.

⁷⁶⁰ (o destino, apenas o destino... foi isso com o pai...)

- Vamo – ordena ela ao voltar, cheia de pacotes.
- Ué! Fez um rancho?
- Foi com teu dinheiro?... Não, né!? Então vamo logo.
- Sim senhora. O que mais... – ousa, mas a outra o atalha.
- Não amola, Sirley. Tamo⁷⁶¹ fazendo o que é certo.
- Mas não precisa me tratar desse jeito, só falta me dar pau.
- Tu que me obriga, ora, dou um dedo e tu já qué a mão.
- Comprou mais o quê?
- Leite de caixa, que dura bastante, massa, arroz, feijão, açúcar, café, bolacha e tijolinho.
- Tijolinho? Fralda descartável não? – está ficando metido mesmo, hein?!
- Não enche, Sirley. Todo mundo gosta de tijolinho. Por que a criança não pode ficar chupando tijolinho?
- Se melando toda...
- Como nós. Por que não?
- Só que ela é do Sepé, o Pepe não ia...
- Mas tu... não adianta. Tu logo te entrega, não?! O Pepe não ia gostar? Sempre o Pepe isso, o Pepe aquilo. Ora! Nem me fala nesse cara. Tô por aqui com ele... Sepé... A criancinha, que nem falar sabe direito, é do Sepé? Ora...

Quelem quer que a criancinha do Sepé não seja do Sepé, mas tão somente uma criancinha, inocentemente uma criancinha, o que – “ontologicamente”, diria o colega de IC, Vinícius – é, afinal, enfim... Sirley, sempre sem o que dizer – ou mesmo tendo –, cala a boca. Suas leituras, seus novos hábitos, pegar filme diariamente, estudar por conta própria, ouvir discos do pai, outra época – quem conhece Tommy Dorsey? Bing Crosby? –, são coisas que adensam-lhe os silêncios, ficam reluzantes de gordos. O gordo e caladão Sirley agora é como um Buda, rotunda estátua muda, sentada na banha, inerte em sua condição de estátua, mas significativa, cada camada de gordura pétrea engordada a toddy pelo pensamento, pelo simbólico, que transforma celulite em inteligência, pachorra de pacóvio em filosofia. Não que notem, imagina!

8.7.6.2. O príncipe perfeito

(Sirley precisa ter, em uma palavra, atitude.

Por exemplo: o presidente do Gabão, Omar Bongo.

A Miss Peru América, Ivette Santa María foi convidada “pela organização Miss Humanity” para participar de um evento no país africano,⁷⁶² mais especificamente, em Libreville, a capital.

Chegando lá, um casal apresentou-se como da M. Humanity e comunicou à peruana que o presidente queria ter uma conversa particular com ela. O presidente, imagina! Libreville... Ela foi e... Deus do céu! Ainda por cima, a Ivette é Santa María – mãe de Deus,

⁷⁶¹ (destacamos o “vamo”, o “tamo” em tão prendada moça, ainda há pouco sibilando, de prendada, os esses. Capaz que seja pelo apuro da situação, pela emoção, que torce tudo, tudo, o que dirá a língua, enrolativa por natureza, tem gente que morde e uns que até engolem a própria, coisa séria!)

⁷⁶² (“Iéééééé? Esse também lá drento? Mas bota gandre a África...” Ninguém fala assim, ora... Verificar.)

rogai por nós etcétera... –, que vergonha!... O mandatário quis que ela entrasse no quarto dele, ela fez menção de fugir, ele agarrou-a pelos ombros, ela deu um tirão, ele disse, “Oh!”, ela, assustada, cabelos em desalinho – muito mais bonita! – fugiu por um elevador que dava no estacionamento, os seguranças dele, “Stop! Stop!”, a forçaram a entrar num carro, que saiu rodando, foi quando ela, “trinq! nhééc...” – falta de grafite na porta –, “brlolorollonn!”, rolou fora do veículo – que a seqüestrava! – em movimento e buscou refúgio no hotel onde estava hospedada, a coitadinha, e, no que abriu a porta da suíte, deu de cara com Omar – Bongo?, a pobrezinha, nem nos digam uma coisa dessas... –, mas, não, sim Omar Sánchez, o namorado, que, cavalheiro, a tinha acompanhado até o longínquo país... então, ai, desfaleceu. O presidente ainda os reteve, de brabo, 12 dias.

– Interessante como os Omar perseguem Santa María. E o Shariff – o Doutor Jivago – continua bonito, hein?! – comenta a Domitila, já caducando.

Atitude, compreende?!

D. João II enganou, prendeu e matou o Duque de Bragança; depois, vindo a saber que o Marquês de Montemor contra ele tramava em Castela, “fê-lo julgar à revelia e executar em efígie, o que impressionou tanto o Marquês, que pouco mais viveu”; no ano seguinte, descobriu que o Duque de Viseu conspirava contra sua vida, já que era o sucessor do trono, e não teve dúvidas, chamou-o e, “no seu guarda-roupa, na presença de D. Pedro D’Eça, Diogo de Azambuja e Lopo Mendes, matou-o a punhal”, os “demais conspiradores foram presos, julgados, condenados e executados”, inclusive o fujão Fernando de Meneses, morto em França pelo Conde de Palhais Castelan, e o Conde de Penamacor, só que este, refugiado na Inglaterra, ficou apenas algum tempo preso na Torre de Londres.

E este D. João II “recebeu o cognome de ‘Príncipe Perfeito’ ” – na acepção maquiavélica –, porque, vejam, foi “um mestre da moderna arte de reinar”.⁷⁶³ Atitude, em uma palavra! O que, mala suerte, falta a Sirley...)

8.7.7. Falar com quem?

Não que notem, o gordo, não, não: uma vez bundão, nunca Buda.

Por isso abdica de dizer certas coisas, mas sua convicção quanto à “questão agrária”, como dizem, não é nada firme, segue a onda apenas – vigília? vambora! carreata? comigo mesmo! –, pra não alarmar os gansos, sempre muito atentos.

Por exemplo: leu na internet matéria de Caio Quero – quero-quero, pro causo, um alarde! –, que traz a opinião de um juiz de Alçada de São Paulo, Dyrceu Cintra Júnior, dizendo que a Medida Provisória que impede por dois anos a vistoria em imóvel rural que foi objeto de ocupação é inconstitucional, pois os sem-terra não “têm por finalidade tomar a propriedade ocupada, mas sim chamar a atenção das autoridades públicas para o problema da reforma agrária”.⁷⁶⁴ E o STJ tem decidido nesta direção, descaracterizando tais atos como crimes contra o patrimônio e configurando-os como “direito coletivo,

⁷⁶³ (todas as referências a D. João II são emprestadas de Hélio de Alcantara Avellar. Obrigado.)

⁷⁶⁴ (que nem o coitado do Jacó com o Labão, “pai de Raquel, serrana bela”, que a queria, mas o velho o fez trabalhar em troca da moça por sete anos, e, na hora H, empurrou-lhe a irmã, Lia. Ora, Jacó teve que armar tenda com Lia e esperou outros sete anos por Raquel – e mais esperaria, conta Camões, “se não fora / Para tão longo amor tão curta a vida!” Assim os do Sepé... Armam tendas a lo loco, e tudo por causa do ladino do Labão.)

expressão da cidadania, visando implantar programa constante na Constituição da República”.

Pshhht!

O professor da USP, Régis de Oliveira, mesmo entendendo que o juiz deve caracterizar a ocupação como esbulho possessório, acha que “a solução dada a este tipo de situação é uma solução de cem anos atrás” e que, antes de conceder a liminar de reintegração de posse, o juiz deve comunicar o IRA “para que seja feito um estudo que averigüe a produtividade da terra. No caso de terra improdutiva, o juiz deve alertar o Executivo para que este a desapropriar em prol daqueles que a ocuparam.”

Pshhhtiu!

Não é invenção. Tá na internet. As duas, a MP 2.027/2000, que livra áreas ocupadas da vistoria, e a MP 2.183/2001, que visa à identificação dos ocupantes para excluí-los do Programa de reforma agrária, não por nada chamadas de “medidas anti-invasão”; “entulho autoritário”, na expressão de João Pedro Stédile.

Então... Vai falar com quem sobre isso?

A simples menção ao nome do Stédile ou do Bové o marcaria como inimigo da classe – dos produtores, que são todos aqueles que, produzindo ou não, declaram-se como tal, desde que não sejam pequenos, pois, neste caso, pode ter truta e a imundície ser do PO ou simpatizante, vade retro! –, classe cujo terreno das idéias costuma lavar implacavelmente e entupir de agrotóxico.

O Cacalo poderia ser um bom interlocutor – porque essa guerra toca fundo em Sirley, sujeito por demais sensível, mal acostumado pela mãe, criado como maricas, sendo claro... e agora metido em livros, filmes, o diabo –, mas o Cacalo é um tremendo garganta de sapo, um bandeirudo dum pantalona, ia sair repetindo, sem maldade, só pra sentir-se apoiado, que o Sirley isso, o Sirley aquilo.

Está só.

8.7.7.1. Essa gentalha

Com a miss ao lado, a moça rica que acaba de fazer um rancho pra uma família de debaixo da lona preta porque um bebê chorão se esganiçava, pérola ao alcance de sua mão, concha aberta... e só.

Chegam ao acampamento, agora silencioso, param no acostamento e Quelem, um tanto desapontada – cadê a criança? –, entrega, pela janela, os sacos para o homem que, pelo visto, ficara ali, esperando, com medo talvez de um outro apresentar-se como pai da criança⁷⁶⁵ – cadê a criança, que não chora mais? cadê o sofrimento? –, todos tão iguais, sujos, barbudos, vestidos de panos cor de terra, que é como ficam os que não a tem e que, por querê-la, chafurdam nas beiras baixas das rodovias, enquanto não os assentam, ou matam, ou, desesperados, desistem e vão mendigar na capital, pestes.

– Me leva embora.

– Mas e o Lulinha e a Amanda...

– Deixa o Lulinha e a Amanda, não vê que não vai acontecer nada aqui?! Essa gentalha...

⁷⁶⁵ (e tantos, por aí, fugindo da responsabilidade... “Oh, meu papai! Preciso de você, papai! Oh, meu papai! Sem você, eu aí, aí, aí...”)

6.13. As carnes

Sirley preocupava-se com eles, Lulinha e Amanda, sozinhos na vigília, mas imagina que – não fizeram sinal de luz nem nada – devem estar ocupados, dormindo, o que importa? Melhor nos pelegos, sempre diz o Pepe, lençol de cetim escorrega, a mulher escapa debaixo da gente, che!⁷⁶⁶ E duma cabine de Hilux não há como escapar, ao contrário, oferece anteparos para posições as mais variadas, se estamos falando de sexo, meio apertadita e firme como devem ser, já que estamos falando de sexo, as carnes da mulher.

O acampamento está, bem dizer, vazio, tem razão a Quelem, e parece que todos dormem à exceção do vigia deles, que deve estar dormitando em algum lugar invisível... sabe, pela TV, que sempre há um vigiando. A ação mesmo, a cargo do pessoal graúdo do GRUNHE, acontece do outro lado do município, frente à fazenda ocupada – pelos sem-terra linha-de-frente, que esvaziaram este acampamento e outros mais da região –, lá, sim, ninguém sequer cochila.

6.13.1. Coisa anti-higiênica

Quando o governador veio a Nova Hereford inaugurar uns troços, e andava pra lá e pra cá sem cordão de isolamento, no meio de todo mundo, os que tocaram os cavalos pra cima da comitiva dele e dele mesmo, pra protestar – “paz no campo”, “incentivos para a agricultura”, “viva os transgênicos”, “abaixo as vistorias”, essas bandeiras contumazes –, estão lá, liderando o enorme acampamento de campanha que montaram cara a cara com a invasão, o front, onde carne gorda não falta sob as lonas militares estendidas entre tratores e camionetes, fogos vários, churrasqueada à vontade, oigaletê porqueira!, ninguém se mixa por pouco, “vai lá e me carneia uma novilha” ou “traz uns consumos pra indiada lá da ponta”, são ordens que correm contrapontando as gargalhadas, há muita estância grande por aquelas bandas, tudo campo fino.

– O bigodudo veio saindo e eu botei o dedo no nariz dele, “o que que tu tá pensando?”, disse umas boa pra ele...

– Eu botei o dedo no nariz do metido e mandei que fosse cantá de galo em outro lugar, aqui não! não vem que não tem!

– Eu botei o dedo no nariz dele...

Todo mundo se vangloriando de ter posto o dedo no nariz do homem, mas o que é isso? Que coisa mais anti-higiênica!

E um ainda garante que deu um soco na cabeça do Secretário, assim meio mata-cobra, por trás, pegou na nuca, “o pouca-bóia se foi ao chão!”

Mascam as costelas, a graxa escorrendo pelas mãos, pelo beijo, esôfago adentro.

Travesseiro de painço, isso...

Como?

Não entendem a relação?

Bueno. Criança que dormiu em travesseiro de painço – não tem nem cheiro, uma maravilha! – tem os dentes fortes, porque ela acomoda a cabeça nele e faz mozza, alcalá

⁷⁶⁶ (atenção revisor: ver se a repetição não está demasiada, entende? Isto é: já não demos pistas suficientes que “mãe é mãe, paca é paca, mas mulher, não, mulher é tudo vaca”? Entende?)

bem o rosto no granulado que enche a fronha, se distrai, dorme e os vira-e-mexe do sono vão massageando as gengivas, fazendo assim este barulho de osso no osso da costela, então, quando vem a dentição, vem que, bá! Gaúcho sempre teve dente forte mesmo, é da raça, cada canino que Deus-te-livre!

Se dão lindo nos acampamentos, deve ser coisa meio genética, dos tempos da conquista da fronteira. Por isso não é de estranhar que os sem-terra agüentem o que agüentam: são gaúchos eles também, herdeiros de Sepé – “Esta terra tem dono!”, disse aos lusos e aos castijas –, proprietários da mãe terra (que a desses ruralistas deve ser é tia, mãe não, e tia daquelas emprestadas, más, de solteironas, de feias, falta de filho seu, seu mesmo).

– Essas imundícia... – rosna um, entretido em chupar o tutano de um osso, fazendo pro lado com a cabeça na direção das lonas pretas. – Tem que matar tudo antes que seja tarde. São que nem formiga, sempre aparece mais.

– Y andan así mismo, como camino de hormigas, os safados...

– É. Formigueiro se acaba com ele no início.

6.13.2. O branco dos olhos

Estão ali no “veremos”, esperando não sabem bem o que e churrasqueando, miuçalha na hierarquia pampeana, vejam só, e dizer que a igualdade era um galardão farrapo e, antes, muito antes, no deserto, iguais eram todos e tudo de todos, porque de ninguém, e só quando é de ninguém, sem dono, a terra, o gado, a vida, o ar que se respira oxigena os sentidos e o sentido mesmo de lutar o dia-a-dia bruto como um fim em si mesmo, sem projeções de ganhos, sem equações de custo-benefício, sem as miragens de futuro, um tempo que nem existe, esfarela-se mal vai se movendo o rolo compressor do agora.

Miuçalha os lá da ponta, potentados estes mais pra cima, também com seu osso nos beiços, osso e mate o simbólico na filosofia campeira, da igualdade, dizem, com a boca cheia, a graxa escorrendo e o mosquedo louco pelas sobras: se o gado em pé é do patrão, bueno, no espeto é de todos, todos os que acampam do seu lado da estrada, prontos pro que der e vier contra os da lona preta, bóia não descontada do salário do mês, nem a cama dos arreios; em campanha, o peão é soldado, miliciano, às ordens, claro, mas engrandecido pela causa, a causa, seja qual for, boieira piscando alta no obscuro da rotina, rascacielo do pampa.

“Às vezes, gestos insignificantes é tudo o que temos”, disse alguém no cinema, e como estava certo. Por isso, voltar aos acampamentos, às armas, desperta um atavismo bom na peonada, fumos de heroicidade, nombrada, talvez, para correr de boca em boca nos bolichos – “Fulano matou três sozinho”, “Sicrano defendeu a posição valentemente”... –, significância, enfim, boieira, pro causo, no fusque-fusque da existência.

Entre os padrões, a conversa pode ser a mesma, chorumelas como “vagabundos”, “imundícies”, mas também pode ser diversa:

– As vistorias só têm um propósito: nos tirar a terra. Eles querem resolver o problema da violência nas cidades grandes mandando os bandidos deles pra cima dos campos que foram de nossos avós.^{767 768 769}

⁷⁶⁷ (Perceberam? Não perceberam? Perceberam ou não perceberam?...)

⁷⁶⁸ (Dá pra ir direto ao assunto? Vai ficar nessa lenga-lenga?)

⁷⁶⁹ (Tá bem, tá bem. Eu só queria saber se perceberam todos os “esses” sibilantes e os “erres” rascantes da opinião, só isso. Coisa rara, hein?! Perceberam?)

– Esses aí é que tão⁷⁷⁰ bem. Não têm nada a perder. Sem-terra... E os sem-sossego como nós?

– Bando de sem-vergonha, isso sim!

– Por que não identificam esses bandido? Não tem uma lei?

– E tu já viu lei valer neste país? Só vale quando é contra nós. Olha o que querem fazer com quem plantou transgênico.

– Eles não queriam nem que a gente acampasse aqui, deixando tudo ao Deus-dará. Dizem que vamo acirrar os ânimo. Se tem cabimento isso!?

– Se tem cabimento... – repete o Orestes, engrolando a língua.

(“Caríssimos...”, começa o padre no sermão da missa dominical. “Baratíssimos...”, cochicha o bêbado, espargindo seu pastoso hálito agridoce no ouvido da senhora ao lado, horrorizada com a falta de respeito. Ela ajeita o vestido e o vizinho vê – em dobro, portanto, sem possibilidade de erro – que o rabo dela espicha, espicha, cheio de carrapichos, lixos, bichos do chão da nave e os outros fazem-se de mortos, cantando “Livrai-nos Deus...”, como se nada houvesse ali saindo de dentro do vestido da mulher. “Viu o baita rabo da dona?”, pergunta pro outro vizinho. “O quê?”, responde o cego, dando uma de surdo. O bêbado desiste e vai tomar ar puro, bando de loucos! Vem chegando – “atrasada, hein?!” – a Aninha Leocádia, antiga colega de escola: “Orestes, que bom te encontrar. Quando tu estiveres são, vai ali em casa que eu quero te fazer uma proposta.” Já tá a Aninha com suas esquisitices: “Que proposta?” A outra reluta mas diz, como quem oferece um doce mais doce que o doce de batata-doce – um amor, a Aninha –, diz: “Tenho dois hectares separados para dar para quem quiser viver como manda a natureza e segundo as Leis de Deus. Já comecei até a fazer um arvoredo. A condição é que deixe da bebida. Aparece ali em casa.” E entra na igreja, querendo recuperar o atraso – “imagina, menino, fiquei conversando com a mamãe e perdi a hora” – em seu relacionamento formal diário com o Senhor. Isso tudo passa zunindo frente aos olhos de Orestes, quando usufrui da hospitalidade gaucha no acampamento dos ruralistas, deixando-o até meio zarolho, o que os outros creditam, maldosos, à canha...

– Bá! Eles tiram até o branco dos olho da gente. Só tomando um trago mesmo. Se tem cabimento...)

1.26. O plantio das calças

Aninha Leocádia é filha de um fazendeiro famoso do Perau, mais pela qualidade do seu rebanho, cheio de rosetas, do que propriamente pela quantidade de campo; mais pela espiritualidade religiosa com que chefiou – é finado o homem – sua família, do que por seu próprio comportamento, errático, visionário, até que se atirou da ponte e morreu afogado. Professora aposentada, católica fervorosa e naturalista convicta, vive fazendo experiências em busca das razões que só o conhecimento pode dar, uma vez que a sem-razão, a não-razão da fé, esta plenitude, traz desde sempre dentro de si qual os outros têm os órgãos, grudada, imanente como chiclete de bola.

Um exemplo aleatório para quem não é de Nova Hereford: o plantio das calças.

⁷⁷⁰ (Perceberam, não é?! Mas é pura pose!)

Quando o pai morreu, ela pegou várias calças do guarda-roupa dele, de tergal, poliéster, calças sociais como se dizia, com vinco – ele se gabava de nunca ter posto no corpo essas “lonas”, os jeans, “nem no tempo do brim coringa” –, e as levou pra estância. Plantou-as num campo de espinilho, protegidas pelos próprios – uma praga, se a gente deixa, tomam conta, viram mato –, em um pequeno campestre. Juntou às do pai peças de roupa de algodão, “100% cotton”, para ter o comparativo necessário. Em resumo: os espinilhos vieram, porque sempre acabam vindo, um inço, e as calças brotaram junto; as árvores foram crescendo e as calças, esgaçadas pelos galhos, iam abrindo as pernas, subindo com os espinilhos, desbotadas pelo sol, o azul-marinho ficando rajado de cor-de-vinho, cor-de-rosa, contrastando lindo com as flores da própria árvore, amarelas como gema de ovo de galinha crioula.

Aninha Leocádia sempre que fala da experiência, com os olhos brilhantes, diz que, quando ventava forte, as calças voavam como birutas, “parecia que a gente tinha estendido ali pra secar”, e davam até sombra, menina! “Que máximo!” Isso as do pai, porque seus panos de algodão, o solo incorporara, transformando-os em terra.

Conclusão: não usem nada que não seja de tecido 100% natural; a natureza tem mais o que fazer do que esvair-se lutando contra os lixos do homem. E, outra coisa, não cozinhem em panela de alumínio e não comam carne vermelha, quem avisa, amigo é.

4.20. Nada como um susto

De tempos em tempos, os ruralistas dão tiros para o alto⁷⁷¹ – como fazem os policiais quando um deles morre, no cemitério – e ensurdecem o pampa com suas buzinas.

De dia, teco-tecos sobrevoam o local, tudo para não deixar que as imundícies durmam hora nenhuma, mas enlouquecem mesmo os cachorros, que buscam abrigo para seus sensíveis ouvidos embaixo de qualquer coisa ou então, desesperados, atacam-se uns com os outros, do que resultou a morte do poodle de uma atuante fazendeira, líder do movimento das mulheres proprietárias, seu conseqüente chilique – “brutos, brutos, brutos”, dizia ela, sem coragem para juntar os restos dilacerados de Kiki – e, que não nos ouça, assunto para boas piadas de macho depois que retirou-se, abatida, para a cidade.

No mais, confraternizam – até o Orestes deu o ar da graça, sumido depois que o pai tomou-lhe o campo que teimava em beber –, churrasqueiam, biritam, discutem a conjuntura, imprecam contra os do Sepé, usufruem o melhor do momento, enfim, como um feriado prolongado, uma pescaria, uma atávica – de cinema barato, terceiromundista, não há incentivo para as artes neste país etcétera – campanha guerreira.

O Túlio, vinte e poucas quadras de propriedade e outro tanto arrendado, botando boi pela cerca, um dos tantos neoherefordenses convictos da existência de outros mundos habitados e de que NH é um dos pontos de contato escolhidos pelos alienígenas – foi, inclusive, presidente da ASSONANHE (Associação de Navexologia de Nova Hereford) –, conta o que todos já sabem de cor, quando viu um anjo no deserto do São João, em Alegrete, para onde se dirigira por ordens superiores. Alguém lhe sussurrara, enquanto curava um porre, que fosse até lá receber instruções importantíssimas para a humanidade.

⁷⁷¹ (e se acertam um disco? Ou avião que seja, ou pássaro em extinção?)

Nada como um susto para erguer um homem.

Pôs-se de pé, ligou para o Anselmo – secretário da ASSONANHE, companheiro de peregrinações a Itaara – e pegaram o rumo indicado. Tinham certeza de grandes revelações porque, vejam, foi no deserto do Mojave que um anjo contactou, roçando de leve um brasileiro e, mais, mais, não esqueçam que Gabriel anunciou a nova para a Virgem Maria⁷⁷² num outro deserto – o que era e é o Oriente Médio, quando não tem mariners por lá,⁷⁷³ que não um imenso deserto? –, o que quer dizer que os anjos e, supostamente, os ETs, preferem conversas em particular, com pessoas especialmente escolhidas, suficientemente desenvolvidas em sua expervivência, em seu espiritualismo materialista, porque só estes – Túlio, Anselmo e outros poucos⁷⁷⁴ – foram ungidos com o óleo sagrado do grande, do supremo conhecimento.

– Não adianta ficarem com inveja, inveja mata – brinca o Túlio, apontando o dedo trêmulo para os circunstantes. A verdade é que... quem sabe a verdade?

4.20.I. Até Jesus

Dizem uns que ele sentou na areia em posição de lótus casual – que é quando, se estivesse em pé, não conseguiria fazer o quatro – e acabou dormindo, cabeça pendida, logo, logo, o Anselmo levou um susto, pensou que tinham levado o seu espírito. Outros, divertem-se, que ouviram da boca do próprio Anselmo – não dão morto por testemunha –, que Túlio sentiu um ruído deslizante passando por ele e logo o barulho de um pilão ancestral fazendo farinha, como se os do futuro dissessem que deveriam buscar no passado a chave para a longa viagem.

– Faz sentido! Faz sentido! – gritava ele, após acordar com a cara vermelha da insolação.

E o Anselmo, que estivera esperando à sombra do quebra-vento plantado para conter a expansão do deserto, um tanto inutilmente, depois de matar a pauladas a peçonhenta que por um triz não pega o amigo, dando nó na cabeça triangular do bicho, como quem soca farinha de cobra para fazer algum breve macumbento, puto da cara. Mas desanuviou – o amigo pode ser tudo menos ruim das idéias – quando Túlio entendeu que deveriam beber aquilo no café, fosse o que fosse, mas com vinho, “a bebida mais antiga que eu conheço, até Jesus já tomava seus cálices e, decerto, como fazem os padres, molhava uma bolachinha nela, pra ajudar a digestão”.

Pobre do Túlio, não larga a diaba.

⁷⁷² (Cá pra nós, que susto, hein?! Virgem e tudo...)

⁷⁷³ (o deserto: há indícios, auspiciosos para uns, inquietantes para outros, de que UFOs participaram da Guerra que os EUA fizeram contra o Iraque, embora apenas como observadores. Os B-52 americanos nada puderam – embora, evidentemente o tentassem, só os cínicos de sempre não vêem que os ianques não queriam os poços de petróleo que pululam nas imediações de As-Zab As-Saghir, mas sim a Área 51 de Saddam, famoso reduto de aliens pelo menos desde que um disco voador ali foi abatido em 91 ou 98, quando os Estados Unidos também estavam largando bombas por lá – contra as forças alienígenas, que bem protegeram a tumba de Ishkut-i-Kurh, a pirâmide de Altun Kopru ou a base subterrânea de Qalaat-e-Julundi. Oficialmente? Não. Sempre “nada a declarar”, pensam que somos bobos.)

⁷⁷⁴ (um reforço inesperado: George Bush. O presidente quer fazer uma base lunar – “A lua é um passo lógico para nosso progresso e realizações futuros” –, trampolim para Marte e, diz o jornal “mundos além”. Puxa...)

4.20.2. Os convencidos

Essa coisa de UFOs deve mesmo deixar um próximo malejo.

O Barão Vermelho, na Bélgica, em 1917,⁷⁷⁵ ⁷⁷⁶ foi “o primeiro a atirar contra uma espaçonave alienígena”, diz seu colega Peter Waitzrik, cuja memória para um homem de 105 anos é espantosa:

– Ordenaram-me que não contasse nada, mas já estou no fim da vida⁷⁷⁷ e quero que meus filhos, netos e bisnetos saibam a verdade.

Para os que não confiam em alemão, aí vai uma evidência britânica, e de um lorde, Dowling:

– Estou convencido de que estes objetos existem e de que não são fabricados por qualquer nação da Terra.

Então, meados do século XX, “mais de 10 mil avistamentos de naves não identificadas haviam sido comunicados às forças aliadas”, informa Thiago Tichetti.

Nostradamus, se querem evidência maior – o adivinho previu Napoleão, a Segunda Guerra, o franquismo, a Guerra dos Seis Dias, o atentado às torres gêmeas, os feitos de João Burro... –, mencionou os alienígenas e suas intenções em seu famoso livro. Está lá: “Mandaré o céu leguminosa qual raios hirtos, / Que brotará da terra onde, adubando, tudo dá, / Como uma praga, searas virgens, ao Deus dará. / Então, por que parar? Parar por quê? Por que parar?”

Tantas evidências – e a massa cinzenta? –, ele fala do anoni, só pode ser, tá tomando conta dos campos... o próximo fica malejo, e como não, se os outros... bá... O pior cego é o que se faz nas esquinas, e ainda fica pedindo dinheiro deatrás dos óculos escuros.

4.20.2.1. Projeto Lua

O Túlio se meteu nisso por influência de dois amigos de bar, ambos saudosos do tempo em que NH foi a Capital Galáctica da Navexologia e ferrenhos partícipes do Projeto Lua,⁷⁷⁸ grupo que ainda se reúne no aeroporto local – como se sabe, extra-oficialmente, construído para o exclusivo pouso de discos-voadores, pois que linha aérea convencional terráquea aqui não pega, já diz o nome, terráquea, os gauchos são animais terruños, os aéreos a gente manda tudo pro hospício –, às sextas-feiras, que é quando os lobisomens e demais seres extraordinários saem das tocas – na Lua, crateras, bem dizer cavernas, de onde os selenitas enviam suas mensagens, mal comparando, rupestres, especialmente da Guttenberg e da Descartes, que, uma mais outra menos, ficam nas imediações do Mare Nectaris, que assim como o Mare Humororum, afirmam os do Projeto, é onde

⁷⁷⁵ (ano de muitas efemérides no mundo inteiro; em NH foi quando Otília, mulher do Dr. Patiño, ao cruzar e descruzar as pernas no Campestre, mostrou a todos que era verdade o que dizia para suas amigas: “não uso calcinhas porque me sinto presa com elas”. O sem-vergonha do Abdo deixou escapar um dichote e, enfim, brigaram e o Dr., rica pessoa, acabou morto, mas o Abdo não passou um só dia na cadeia – ainda que preso já estivesse pelo que Otília tinha de livre –, foi absolvido sete a zero, onde já se viu marido deixar a mulher andar com as coisas de fora? Não em Nova Hereford. E cumpram-se os costumes!)

⁷⁷⁶ (e a Sharon Stone, hein?! Se achando...)

⁷⁷⁷ (que nada! Eia! O senhor ainda tem muita vela pra soprar, imagina! Por que esse pessimismo? O senhor já ouviu falar em Matusalém?...)

⁷⁷⁸ (não avisar o Bush de jeito nenhum! Ele vai querer tomar conta.)

nossos irmãos orbitam, satelitais –, e periga acontecer algum contato, oxalá abduções. (Disse Voltaire Schilling da Viagem de Saint-Hilaire ao Rio Grande: “para um cientista, embrenhar-se pelas matas daqui era como ir caminhar na Lua”. E aqui ainda é aqui.)

Esses dois militantes da causa, codinomes cósmicos Hector B. e Danny Boy, introduziram, por assim dizer – porque todos nós, mesmo os céticos, as mulheres e os homossexuais, já estamos dentro, alma mesma, ainda que involuntária, do corpo sideral –, o pingüço Túlio nas imaterialidades da abóbada celeste, inclusive o estudo das nebulosas difusas, passando a limpo, claro, o básico da Estrada de São Tiago.

Sem o que fazer na estância, a natureza macanuda faz tudo pra ele, Túlio passou a dedicar grande parte do seu tempo ao estudo da cosmologia em geral – espécie de sociologia antro-ufológica – e da cosmologia em particular, *stricto sensu* – se é que faz sentido algo neste mundo de Deus. Perguntava-se Tiago:⁷⁷⁹ “1) quem sou?; 2) donde vim?; 3) pronde vou?” Bueno. À primeira questão o amigo Anselmo, com a brutalidade própria dos materialistas burocráticos, respondeu na lata: “Tu é o Túlio, de Nova Hereford...” etcétera e tal. Absurdo! Tem gente que parece não ter as antenas da espécie, sexto sentido, telepatias cinéticas, essas banalidades espirituais que, em seu alvar conjunto, estão a nos dizer uma única e irrefutável verdade: Deus!

– Como Deus? Só Deus, sem nada mais, como “Deus existe”, “Deus é pai”?

– Presta atenção Anselmo: Deus nunca é apenas; Deus é Deus e, pelo que tenho lido, até me arrepio, olha, acho que Deus é também jardinagem, ginástica aeróbica, física quântica.

– Mas tu nem sabe o que é isso...

– Exatamente. Não vê a racionalidade de tudo? Deus não se dá a conhecer por inteiro; alguém já falou com Deus tete a tete? Sempre fui péssimo em física, mas péssimo de rodar colando, tu acha que isso é um acaso? Rodava e rodava porque Deus, onipotente, estava reservando algo melhor pra mim logo ali adiante.

– Sim, a cobra que eu matei...

– Chega de heresia, Anselmo, já te disse que foi um anjo e os anjos podem aparecer em formas variadas pra gente, por que não como uma cascavel? Ela, por acaso me picou? te picou? não! Ah, vocês... vocês, hein!... A verdade tá enchendo tua cara a tapa e tu não acorda.

4.20.2.2. Dos quatro costados

Discussões inúteis assim tiram Tiago do sério, então ele abre um uisquinho e fica pensando na vida, devagar e sempre, em doses caubói duplas, que é pra estimular os neurônios – ou chips, Tiago tem dúvidas, não sabe se é um robô ou um ET humano...

Donde veio, o fazendeiro tem relativa certeza, pela numerologia que fez, Sol e Kiron, o asteróide, em conjunção e Kiron, vejam, os gregos figuravam como um centauro, e o homem é um gaúcho dos quatro costados, se criou no lombo do cavalo, e esse jeito dele – “la torpeza de movimientos del gaucho a pie”, diz Fernando Assunção, muitas vezes confundida pelos estrangeiros, nada vaqueanos, como “inferioridad psico-física, no era sino una consecuencia de que literalmente vivía sobre el caballo y todo lo hacía valiéndose

⁷⁷⁹ (que é o mesmo Túlio, que adotou o nome Tiago por razões óbvias, mas a gente custa a se acostumar, sempre foi Túlio e, de repente, passa a ser Tiago...)

de él” –, muitas vezes confundido pelos apressadinhos da serra ou da cidade grande que vêm a NH, a capital do gado em pé, só pra, bem dizer, como os bandidos bandeirantes, prear nosso gado, só que com os pilas que tiram do bolso, mas como quem saca um cheio de bala na agulha, sem respeito, e já vão etiquetando as pessoas, botando preço em tudo, e no Tiago, biltres!, pespegam garrafas na testa, “bêbado!”, quando esse andar dele é que lhe falta o cavalo, não como Otacílio, que não o tem, mas lhe falta, que estão pastando na estância, e é como andar sem patas, de muletas, pro causo, aos trambolhões, meio sarandeado, centauro o homem, de Kiron, do Sol é que não, sapecado? tisonado? torrado?...

Pronde vai, bueno, aí é que são elas.

Às vezes pensa em dar um pulo no Mojave, que este do São João é pouco deserto, comparando, um oasisinho de areia no meio do pampa, e lá... Às vezes decide: “Anselmo vou fazer o caminho de Santiago.” E o outro: “A pé?” Então Tiago, vejam que só falta o São – o San – e o homem, um predestinado – se não de pia, certamente de chuveiro, aqueles banhos cura-porre intermináveis que ele toma, sentado no box, a água, cachoeira sutil, tamborilando seus aéreos dedos em sua cabeça mole, inculcando idéias, se em pedra dura fura, imagina no mole?! –, se fosse pra Espanha, estaria a trilhar seu próprio caminho, coisa mesmo do destino, mas de-a-pé?

Falam os faladores – que desses em tudo hay –, que no bar todos viram filósofos... Túlio, por que não?

Este, porém, pode-se dizer que é um daqueles “barões assinalados”, pois sendo gaúcho de Kiron é duas vezes centauro... Anda “por mares nunca dantes navegados”, no Projeto Lua – Armstrong e Aldrim não consta que tenham tocado o Nectaris ou o Humorum, preferindo a boa vida do Serenitatis ou do Tranquilitatis, quem lembra?, uma viagem dessas pra, bem dizer, não sair do conforto da sala, dos chinelos... –, e, bueno, está de malas prontas, como se diz, mas, aí é que o troço complica, porque de-a-pé, não mesmo!...⁷⁸⁰ Vai, vai que se perde, e aí? O cavalo não se perde nunca; sempre, não importa em que coimbras esteja, sempre acha o rumo da querência.

4.20.3. **Macrocósmico**

A Fê – professora de inglês do nosso anglófilo M.M.Gonçalves – passam ailoviú pra cá, ailoviú pra lá –, aprofundou-se em pesquisas nesta vasta área do conhecimento, tendo inclusive recebido convite de um astronauta de Alcântara para, secretamente – isso é informação confidencialíssima, nem pra melhor amiga no banheiro, locus extravazandi por excelência, permite-se dar o serviço –, embarcar na nave aquela que acabou tendo um probleminha, felizmente nada grave, que impeça, vira a boca pra lá!, a continuidade de nosso projeto cosmológico.

Porque, pouca gente sabe, mas tem o microcósmico e o macrocósmico, este último envolvendo robôs, ETs humanos e matrizes, reprodutoras bem dizer, pra eventualidade de algum contato, interessando sobremaneira à comunidade científica esse tipo de choque híbrido.

⁷⁸⁰ (mas, se é duas vezes centauro, por que não vai com suas próprias patas, o preguiçoso malacostumado?)

Mas a Fê recusou, e tudo por loviú ao Memê – apelido carinhoso do namorado –, tendo perdido ainda a oportunidade única de se tornar a primeira Coadjutora Siderada da Terra, um apostolado, trabalho de doação, cujo grão-mestre, Papa Obispo, autocognominado Pai Celestial, defende o amor amplo, geral e irrestrito, isto é, ecumênico mesmo e, como o comtismo – para usarmos referências de todos conhecidas, citando Riopardense, que refere o que pensam os positivistas de sua fé –, tal “religião do amor universal” é “demonstrável” e está “apta para dirigir o gênero humano rumo à sua unidade final, através de um regime científico, industrial, pacífico: a ciência servindo a indústria para generalizar o conforto e propiciar a paz estável”.

O astronauta fez chegar às mãos da Fê um longo programa das atividades desenvolvidas pelos irmãos, boletins, notas, decálogos – pelo menos uns dez –, poemas, idéias motrizes, um tamagotchi – com um recado: “Salve-o!” –, testes dos mais variados com as classificações referentes aos pontos obtidos – do “Vil Parasita” à “Fênix Interestelar”.

Tudo aparentemente razoável, uma mulher moderna tem que estar pronta para assumir quaisquer tarefas e responsabilidades que um grão-mestre se lhe sobreponha, mas Fê estranhou essa coisa do comtismo e, busca daqui, busca dali, não é que dá com as cartas de Castilhos a sua noiva Honorina, “sacerdotiza doméstica”, a quem passa temas e os cobra – “Se me permitires, farei de novo a resenha de teus trabalhos, adaptados aos meus desejos” –, segundo os seus desejos!!! Deu no quê? A próxima teve seis filhos, quase um por ano enquanto viveu o mestre.

Ora, ora, manter a mulher sempre prenha é velha estratégia de quem a quer presa em casa enquanto o mundo, o universo fora, estrela. E assim Fê desistiu, mas Túlio, Tiago – que não tem de seu o Memê –, segue na, pro causo, infrutífera busca pois, já dizia Don Bagayo y Balurdo, “é do homem a sina triste e malsã de plantar sapo esperando colher rã”.

Sábias palavras.

Agora mesmo, Tiago foi participar em Itaara de uma olimpíada de pitbulls com sua cadela Ginebra.

6.14. Puchero brabo

A vigília dos hacenderos, charlas, uns entendendo tudo, outros patavina... E assim são as coisas, o maior come o menor, mas sempre tem um maior ainda.... e bodoso...

– O peito daquele funcionariozinho dizer que nós aqui semo uma ilha dentro do Brasil, que eles não podem atuá. Por que se metem com a gente? Querem tirá as nossa terra e dá pra esses vagabundo.⁷⁸¹

– E como se a gente não trabalhasse. O melhor rebanho europeu tá aqui. Quem fez essa genética?

– É, mas não adianta. Governo, IRA e Sepé são tudo a mesma coisa, tão tudo dentro da mesma panela...

– Mas bota puchero brabo!

– É. A gente tá rindo, mas não podemos perdê o foco. Nada que eles quiserem, vão conseguir na paz. Nós temo história, temo um passado a honrá e isso se faz na luta.

⁷⁸¹ (agora os “erres” sumiram de repente – e todos de uma vez...)

– Agora vão multá quem plantô transgênico e não declarô. Quem declarô, tudo bem. Então vão multá pela mentira, não pelo plantio. Como é que pode? Se é assim, declaro que tenho uma lotação de dois boi por hectare e me livro da vistoria.

– Não diz bobagem, Laci. Eles vão confirmá todas as informações. E me diz uma coisa, quem é que vai acreditar que um boa vida como tu tem, que seja, meio boi por hectare? Tu tem é muita terra e pouco juízo.

– Ah, tão contra mim?! Mas não fui eu que fiz dinheiro desviando recurso do banco e pesando meu arroz umas quantas vezes porque sou diretor da cooperativa. Nunca chego nem perto daquilo lá. O que tenho, herdei, e, se gasto, gasto o que é meu. Esta carne mesmo, que vocês tão lustroso de comê, é de uma novilha minha. Podem se empanturrá! Eu vou é dormir na minha cama.

6.14.1. A praga do padre

O Laci, irmão do Edi e da Doraci, filhos, todos, dos finados Derci e Cedeni, herdou verdadeiramente uma fortuna em terra lá pelo 28, pelo Rincão do Inferno, Pai-Passo e, aqui pra baixo, mais pro Garupá, pro lado do Ibirocai também, um pedaço, junto com os irmãos, claro, mas aos cuidados dele, o mais velho, que teima em gastar, gastar pra ver no que dá, mas este poço não tem fundo, não há putedo que seque, não adianta.

O pai também era birrento, por isso fez tanto dinheiro. Isso lá pela década de 30 e 40 até o fim da guerra – “antes do progresso”, dizia, sem sonhar que cada vez mais guerra e progresso, este apodado de “tecnologia”, imagina!, se acolheriam no futuro –, quando o arroz ia da campanha pra cidade de carreta. Cada uma carregava uns 1.500 quilos, puxados por quatro ou cinco juntas de boi. Era uma enorme fiada de vinte, trinta carretas que ele, com seu motociclo, acompanhava, coordenava, vigiava pelas estradas estreitas do Departamento.

A principal cooperativa ficava perto da Viação Férrea, por onde se dava o escoamento da safra. Era um tal de boi pra cá, boi pra lá, aquele entrevero. A pioneira plantação de arroz de Nova Hereford foi em 1928, obra de um gringo, sempre enxeridos. Mas logo no ano seguinte, Cedeni Campos iniciava sua lavoura.

Quando chegou o primeiro locomóvel à região, em 33, máquina último tipo, 35 HP a vapor, para industrializar a matéria bruta, Cedeni já era o maior arroteiro num raio de 200 km. Com ele nunca pegou a Praga do Padre, que, no tempo das guerras de fronteira, pediu doações aos ruralistas para erguer uma nova igreja, maior, com vitrais e imagens esculpidas por um artista europeu, e ficou no ora veja, ninguém deu nem pro fumo, levando o religioso a imprecisar:

– Esta terra nunca vai ter nada!

6.14.2. Deu pra falar sozinho

A praga nunca pegou.⁷⁸²

Cedeni foi ficando cada vez mais rico e adquirindo cada vez mais campo – justificando o sobrenome, Campos, nobreza rural hoje em dia –, até morrer, coitado, com a

⁷⁸² (e pra NH, o que que tu acha? Hein?! Se pegou, hein?! Bota naba!)

reguinguela frouxa, um horror, mijava em tudo quanto era sofá, de desgosto, dizem, em consequência do doloroso passamento, dois meses antes, de sua esposa Derci, só Deus sabe do quê.

Andava com umas dores na barriga, que puxavam a perna, lá na estância isso, ninguém teve dúvidas: apendicite. Cedeni mandou buscar no açude as chamichungas, limpou-as do barro e as colocou, como manda a tradição, na coxa direita da mulher, cuidando, dedicado, que não fossem se meter nas partes dela, bicho bem chupador.

Puxariam, com certeza, a inflamação, mas não puxaram, mesmo auxiliadas pela dieta de maçãs. Preocupado, apelou para o carvão de ipê fervido, mas não adiantou. Derci piorava. Resolveu então que era caso pra médico, e, quando preparava-se pra tomar o rumo da cidade, a esposa morreu, soube na hora, nem precisou a negra entrar gritando, soube porque cessaram os gemidos, os gemidos que a mantinham viva.

Então, de uma hora pra outra, degringolou, deu pra falar sozinho, uma trela sem fim, incompreensível, deu pra voar nos assuntos, nos horários, deu pra andar pelo campo de madrugada, até a cacimba ou, mais freqüentemente, ao cemitério da família, onde enterrara Derci, deu pra mijar na cama, mijar nas calças, mijar nos sofás, levantava e deixava aquela mancha fedorenta, choca...

Às vezes, na frente da sede, olhando pro nada, o líquido quente lhe escorria pelas pernas e fazia poça, um horror. Nem parecia o destro bailarino nos famosos fandangos da Tia Fefa, no Vacarí, senhor de seus movimentos, externos e internos – comeu muitas atrás das árvores, ih!, mas nenhuma, nenhuma!, emprenhou –, era outro, um traste inútil. Então, um dia, amanheceu, como ultimamente, todo mijado, porém mortinho da silva.

Acabara-se a agonia.

– Duma cosa o Laci tem razão: se eles vão cadastrá quem plantô transgênico, ficham a gente; se quiserem botá um processo em cima, botam. É que nem o cadastro dos sem-terra que invadem, quem tem o nome ali, tá fodido.

– Era só o que nos faltava. Tu tá nos comparando com essa gente? Tamo aqui então por quê? Turismo? Che, se nós não acreditamo em nossas bandera, como é que as pessoa vão nos apoiá? Vamo deixá que nos marquem e assinalem como criminoso? Invadi terra é coisa de bandido, a lei tá certa, agora, plantá o que a gente quisé nas nossas terra é uma questã de liberdade, a lei tá errada.

– Até matonha?

Élcio vira-se, brusco, para soltar os cachorros – será os pé?!, encasquetaram com isso, hoje até coisa, bem dizer, só de chinelão, ora maconha – no Cacalo – inconfundível, o filho do Doutor Adrúbal –, mas dá de cara com o venerando pai e seu sorriso que desarma qualquer ataque, vivo nome de rua, praça ambulante, hospital com pernas, vulto departamental, o pai do incomodativo.

– Doutor, nos dando a honra?

7.7. Plantação de matonha

O Cacalo – vai na vigília pra provocar? Por que não fica em casa vendo novela? – senta num mocho, na roda perto do fogo, de gente mais simples.

Lera artigo do Doutor Luiz Flávio Gomes intitulado, sem tirar nem por, “Plantação de maconha para uso próprio não é tráfico de drogas”, em que o advogado sustenta isso mesmo que anuncia, entendendo que “se houver dúvida sobre a tipicidade da conduta – e há, no caso –, a melhor solução, é adotar a posição mais favorável ao acusado”.

Não que seja um hortelão da cannabis sativa, mas Cacalo incomoda porque é militante do verde, contra a transgenia, a clonagem e a guerra bacteriológica, porque lê, enfim. Inclusive, viu na TV E⁷⁸³ ⁷⁸⁴ a futurista⁷⁸⁵ Hazel Henderson dizer que precisamos redefinir nossa noção de progresso e que progresso é, para ela, “viver com a natureza e não devastar recursos naturais”.

Nem falou tudo isso pro Élcio e a gente dele porque, quando comentou o assunto com uma amiga, a Lurdinha, ela perguntou, chocada, “Tu vê TV E?”, e quando ele confirmou que sim, não perdia o Roda Viva, ela disse “Que pobreza!” E a Lurdinha, ele considerava uma guria legal. Por essas e outras, a mesma Henderson fizera um gracejo, que “na Grã-Bretanha só demonstramos afeição física por cães e cavalos”, ressaltando que prefere, ela, ao menos, “as pessoas”.

O fenômeno do relacionamento afetivo entre o gaúcho e a égua, portanto – atenção! –, ganha relevância internacional, assim como as cruéis dificuldades da consecução do antigo costume amoroso em regiões tão obsessivamente planas como o pampa herefreudiano no que espalma-se na direção de Uruguaiana.

Não valeria a saliva falar disso tudo com o Élcio.

O líder da barraca, que pontificava há um minuto atrás, conversa, humilde, com o velho, sempre muito educado, e pensa, tem um estalo, o Élcio, ao lembrar do que dissera alguém, talvez do GRUNHE, “nos faltou foi um Facundo”, pensa que é verdade, ali em pé, cordial, tem esse estalo de revelação, porque está na cara, se dependêssemos de pessoas como o Doutor Asdrúbal, nenhuma revolução brilharia – “como adagas na coxilha, / rompendo firme as braguilhas, / fronteira, nossa Bastilha...” –, boeiras que são, em nossa história guapa.

“Se a gente tivesse um Facundo, não estaria mais aqui vigiando esses pouca-bóia”, matuta, “ele já tinha feito a faxina”.

3.10. *Patria Gaucha*

Por essas e outras é que a maioria dos estudiosos dos assuntos de Nova Hereford, conselho de notáveis, diga-se, lutam pela reconstrução da Patria Gaucha pensada por Artigas, claro, mas alguns, como o Professor Hemitério, querem-na estendida a La Rioja – “ué, vamos ficar sem nosso maior caudilho?!” –, no “nosso” carinhoso para com aquele que tocou fogo na casa com os pais dentro, por circunstâncias da luta, com certeza, que exige disciplina, desapego e, como não?, barbárie; neste “nosso” o abraço fraternal de muitos “eus”, órfãos de quem os unisse nas mesmas façanhas.

⁷⁸³ (que pobreza!)

⁷⁸⁴ (pode ser, mas novela não vê, nem que tenha a Malu Mader... aí, na verdade, vê, mas só olha da cintura pra baixo)

⁷⁸⁵ (como é que se ganha um título desses? Tem faculdade onde? Já pensaram, “Prazer, Zezinho, futurista...” Puxa vida... uns com tanto e outros com tão pouco!)

O Élcio, a não ser pela vaidade excessiva no vestir, no ostentar mesmo seus carros, seus touros e até suas putas, pode, é um dos que pode lamentar nossa escassez de Facundos, pois, todo mundo sabe, matou o Adalcir no Cantagalo brigando de peito aberto, com facas, como um cuchillero porteño, pela Adalgisa, flor de mulher já nos seus quinze anos, com quem teve até filho depois, quando a arranchou só para si. E, diga-se também, no episódio da invasão da Fazenda do Sorro, foi dos que peitou o Secretário, que queria confabular com os sem-terra lá dentro, em vez de atihar os cachorros da Brigada pra cima deles e botar tudo a correr.

O Secretário ia entrando e ele, mais dois ou três, fizeram parar o auto, “onde já se viu?, fala com os vagabundo e com a gente não?” Só não foram mais longe porque os outros acharam que virar o carro – oficial, ainda por cima – ou cagar de pau ou borra-botas era dar munição pros bandidos. Ora... Bueno. Mas não ficou por isso mesmo a “descortesia” – como explicaria depois à imprensa um porta-voz dos ruralistas –, bem capaz! Logo que o Secretário entrou, recebido como se fosse um deles pelos sem-terra, tapinhas nas costas e coisa e tal, o grupo se reuniu e resolveram, eles também, invadir a propriedade:

– Se nós não conseguimos atacar um carro deles, eles é que vão atacar uma penca dos nosso?, pois sim!?

Então, enquanto o Secretário papeava com os bandidos lá nas casas – a Fazenda do Sorro tem uma entrada limpa, de uns mil metros até a sede, campo duro e enxuto, uma coxilha que desce leve –, o Élcio e mais uns dez ou doze, os que estavam na boca da porteira, montaram em suas camionetas e tocaram por diante os brigadianos que tentaram impedir – fizeram que tentaram, porque tinha jornalista ali, e fotógrafos –, entrando triunfalmente na propriedade conspurcada, desfraldando alto, ao vento livre do pampa, bandeiras do Brasil e do Rio Grande, nenhuma vermelha alcaide. Foi lindaço!

O breve desfile pela coxilha lembrou – ao menos para o Élcio, sujeito emotivo – as cargas da cavalaria farroupilha, as potentes e reluzentes camionetas fazendo as vezes dos corcéis fogosos de antanho conduzidos pelos mesmos intimoratos gauchos.⁷⁸⁶

Os ruralistas fizeram seu itinerário – uma volta pelo potreiro da frente, em marcha lenta, que não era uma carga de cavalaria, mas uma demonstração de força e tenacidade – cantando o Hino Rio-Grandense,⁷⁸⁷ aplaudido, pro causo, pelas buzinas dos demais ruralistas, do lado de fora, ocupando em fila interminável, todo o corredor de acesso à

⁷⁸⁶ (enquanto isso, a Brigada prendia numa rinha de galo mais vinte peledores, e esporas, biqueiras, seringas para injetar anabolizantes, essas coisas. Uma das nossas mais caras tradições, vejam a que ponto chegamos. Esse desgoverno! Pra completar, a gringalhada da serra inventou de homenagear os gaúchos e abriu uma “Mostra” – eles adoram se amostrar – de brinquedos que a gente tinha pra fora antigamente. Não é que o repórter escreveu lá que não sei o que e “bonecas de sabugo encantam os piás de hoje”. Só se for na terra dele. Piá é gaúcho já, e não se tem notícia de que brinquem de boneca, só se for aquela de fazer as muchachinhas sentarem na, pro causo, “bonecra”, que é o jeito carinhoso com que chamamos o sabugo nosso aqui. Aproveitamos pra repudiar veementemente essa “descoberta”, na Escócia, do que eles dizem serem “os fósseis das genitálias mais antigas do mundo”, de insetos de 400 milhões de anos. Para nós, os pênis pétreos de nossos crustáceos de 100 milhões de anos continuam sendo os primevos – escocês usa saia!)

⁷⁸⁷ (iniciativa copiada dos americanos, que cantam o hino até em campeonato de punheta, e que se alastra em tudo quanto é cerimônia, pro causo... A gente tá lá olhando a plantação do Seu Bettega, bem tranqüilo, tomando mate, e já um começa o “Ouviram do Ipiranga...” ou o outro do “Mostremos valor, constância...” E é a mesma coisa em tudo quanto é lugar, chegam a pegar a gente desprevidino, sem um papel pra acompanhar a cantoria, que um é fácil, mas o outro, bá, não tem quem decore...)

propriedade.⁷⁸⁸ “Quantos somos? Eles parece que são cegos. E valem por dois destes desmilingüidos!” E depois, na cidade, lá, quando o Secretário foi falar com as autoridades, estavam à espera, desta vez as mulheres à frente, pra parecer mais pacífico pros jornalistas de fora, e ainda rezaram Ave Maria, Pai Nosso... pra ficar quase beato o movimento ruralista – o que não se faz pra mostrar o que tá visto? –, esses jornalistas são tudo comuna.

5.6. Abriu os tarro

– Meu pai degolô em 23 – diz o Eraclide, como em confiança, para o Aurimar. Estão do lado de fora de uma das tendas, observando o negro acampamento dos sem-terra.

– O que que tem? O meu também deve de tê degolado uns quanto, brabo daquele jeito. Era normal na época.

– Mas o meu me contô, disse como foi. Eu nunca tinha visto meu pai chorá, ele já tava doente, desenganado. Abriu os tarro...

A noite, insuportavelmente quente, esfumava-se aqui e ali na luz guasqueada dos fogos de chão espalhados pela longa linha de camionetas da vigília. Nenhuma blindada, por enquanto. Ardem os olhos, é preciso sair pro limpo de vez em quando.

– Que dupla de João-grande, hein?! E nós lá, nos defumando... Que bosta essas maquineta, hein?!

– E aí, Miro, lutando com o celular?

– Mas isso não presta pra nada. Quando a gente precisa, não tem sinal.

– Como vai a Jerusa?

– Pois é, rapaz, o primo dela chegou de visita, aquele meio frescote. Tá indo pra Buenos Aires, decerto dar por lá.

– Ué, mas não é o mesmo que teve aí não faz um mês?

– É, sempre viajando. Vendeu a estância do pai, comprou um monte de apartamento e agora vive na estrada. Da outra vez nos convidou pras terma de Arapey. Imagina! Com esse calor! A Jerusa foi, não faz nada mesmo. E o pior é que gostou.

Afastados um pouco da patronagem, pitando uns de rama, o Astrogildo e o Rotil observam os do dinheiro, fazendo pouco caso.

– Eu, perparo na cabeça, vô lá e faço. É como diz o otro... só se Deus não der licença. E esses aí só conversam.

– Isso é pra judiá da gente. Quem é que sai a trupicá em perau no meio da noite pra espiá os ronco dessa gentama?...

– De dia é que não vão dormir.

– O cunhado do Otacílio tá acampado aí.

– O guri aquele? Sempre foi meio loquinho.

– Mas numa coisa ele tem razão. O que que a gente ganha com isso?

⁷⁸⁸ (e, afirmam uns que lá estavam e de quem não temos por que duvidar, até os cavalos do campo se vieram relinchando pra beira da cerca, assim como os bois, mugindo... aplausos tudo, vejam, e tem gente que diz que bicho não tem sentimento... “Mais do que sentimento, comunas de merda, têm até posição política!”, emendou outro, mas já meio se passando na bebida, que, viva a hospitalidade gaucha!, corria solta...)

- Ficá no emprego.
- Até quando eles não quiserem mais, como fizeram com o Deco, sem quê nem por quê.
- Quem não estudô...
- Estudá de que jeito, me criei nas mangueira.
- Mas ao menos não passemos fome. Meu patrão sempre foi bom pra mim.
- Que nem o meu, não sabemo nem lê nem escrevê... Esse guri, o Galdino, me contô um dia, o Otacílio tinha ido comprá canha na esquina, ele não gosta de falá nessas coisa. O guri me contô que leu uma história de um home que tinha tanta fome que olhava uma ponte e via ela de chocolate, o rio, era de mel, tudo assim, tudo comida. Era um que nem nós, meio peão, só que no tempo antigo, o Brasil nem existia.
- É, Astrogildo, não sabemo lê, e é melhor do que lê só bobage, mas eu gosto mais de tá neste acampamento do que naquele. Eles vão fazê o que com nós?
- Com nós, nada, mas tão fazendo por eles mesmo. Um dia conseguem a terrinha deles e vão vivê em paz... Nessa história do Galdino, o rio, eu queria de vinho, vinho tinto, bá!
- O outro silencia, reacende o pito, pensa com as mãos – vício de trabalhador braçal – , quebrando talinhos de chirca seca. Rotil suspira:
- Tô é cansado. Tô é cansado.⁷⁸⁹

6.15. O comandante

Num curso que fez, desses que os comerciantes estão trazendo para Nova Hereford, Elcio lembra que o cara falou que do líder depende o sucesso dos que estão debaixo de seu comando. Até citou Napoleão – não o louco, com a mão apalmando a barriga e o chapéu virado na cabeça, o outro –, assim:

⁷⁸⁹ (cansado estou eu – o revisor que vos fala – de ficar cuidando que é “ficá”, de escrever “escrevê”, de falar que ele “falô”... Vou, vou e, puxa!, olha outro erro que deixei passar: e troco “passar” por “passá”, criando até uma confusão com os mecânicos, que podem pensar que é o carro da Volks, muito criteriosos que eles são, apertam a rebimbela e frouxam a parafuseta, e prometem pra hoje e vão entregar depois de amanhã, pra que têm aqueles enormes calendários de mulher pelada ensolarando as paredes pretas? Não chegam os “vamo”, os “fiquemo”, os “com nós”? Aonde querem chegar esses metidos dos meus colegas – que, resolvi, jamais lerão isso antes de impresso, que o Ludo, da gráfica, é meu amigo, bá, acho que desde o tempo das estampas do sabonete Eucalol – com essa bobagem? Ora “língua é fala”! Marengo e Mattos sabem muito bem o outro lado dessa seca: as tropas que levaram, mugindo alto, aquele alarido, “silenciaram pra sempre na marreta da charqueada”. Cheguem num “Precisa-se balconista” falando essa língua da fala pra ver se o dono vai empregar alguém... Vão xingar o pobre velho!... Só na estiva, ou pra fora mesmo, que é até interessante, “Bota um xis aqui ó, Fulano...”, “Este mês ando apertado, Sicrano, vou te dar só uma parte do dinheiro...”, tudo um bando de doutor, esses campeiros, nessa língua da fala, e ainda faltou o Beltrano... E vem a professora, parece louca, “Veja o caso do Supino...” O que que tem que ver o cu com as calças? Falando nisso, o Paulo Antônio esteve aqui e falou que **As Naus**, do português Lobo Antunes, faz uma mistura entre o que inventa e o que Deus e os historiadores criaram, abolindo as amarras do tempo etcétera. Fique claro: esta nossa pesquisa é muito mais antiga e nunca lemos o sem-respeito. Bem que a professora queria que todos conhecessem **Os cus de Judas**, onde já se viu?! – mais de um? quantos? cistos pilonidais? – e logo do Judas, traidor!... Se nem o nosso conhecemos, ninguém vai ficar de espelhinho no rabo, ora! A vida arrancando os mondongos da gente e ela com bagaceirices... Assim que cansei. Chega dessas bobagens.)

– Não existem soldados ruins, apenas comandantes ruins.

E o comandante ali é ele. Adianta ficar dando compota pra quem gosta de goiabada cascão? Não só na Fazenda do Sorro, mas no episódio do repúdio ao governador, quem tomou a peito as ações?

O direito à propriedade estava em jogo – e está! e está! –, o mais sagrado, não era coisa pouca. Quem sugeriu que as lojas fechassem? Quem sugeriu o luto? Quem trouxe o comércio para o nosso⁷⁹⁰ lado, afinal? E aquele documento que eles largaram, sublinhando a baderna que o Rio Grande vivia – e vive! e vive! –, mostrando que o real motivo do Sepé era esse mesmo, criar uma grande baderna, econômica, social, um estado de ilegalidade e de violência às instituições que poderia levar ao caos, quem praticamente o ditou a eles? Que terra que nada! Ganham e passam nos troco. Querem é o caos, pra depois, tudo destruído, as torres civilizatórias no chão, tomar o poder, fazer do país uma grande Cuba, só não vê quem não quer. Se tivemos sucesso no passado, foi porque usamos as armas adequadas à época. Armas temos, precisamos é de um líder 100%...

E quem foi que liderou a invasão de ruralistas no Sorro? Quem foi?

Élcio, vejam, é um homem talhado para o poder.⁷⁹¹ E está sendo desperdiçado, seu talento solapado porque o Doutor Valentim só pensa nas vacas dele, as do campo e as de casa. O Miro, queridinho do presidente do GRUNHE, macio, abobalhado, não sabe nem como ligar de um celular, já ele, empunha um celular, tudo o que pega, aliás, empunha, como se a coisa tivesse ponta, como se a fosse enterrar até o cabo em alguém. E agora, ali, age como um poltrão, só porque não lhe deram o poder de cagar de pau o tatibitate do Cacalo, seja filho de quem seja, o presente tem que enterrar o passado e o Doutor Asdrúbal já deu o que tinha que dar.

Um gaúcho desses que foi plantar no Mato Grosso, o Marciano, tinha campo no Plano Alto, veio visitar o pai, até morreu o pobre do velho, e contou que os índios da região, os caiová, parece, é “cai” alguma coisa, se enforcavam sem mais nem menos, a vontade ia pegando nos outros, que nem gripe. Esses que escrevem diziam que não era vontade, era falta dela, total, e que era culpa do progresso, que roubava a identidade deles.

– Ora. Se roubaram a identidade, dá parte e pede segunda via⁷⁹² – respondera o Élcio na ocasião, espirituoso quando quer.

Mas o fato é que o suicídio virou moda. É só dar na televisão – máquina do demônio! – que os outros saem a fazer igual. Em Nova Hereford há até uma árvore perto da cidade que virou mimosa da locama: querem se matar, vão lá e se penduram pelo pescoço, amanehem duros.

⁷⁹⁰ (controverso, controverso: esta moeda tem muitos lados.)

⁷⁹¹ (uma mulher não pode ser líder, vejam, não se segue elas como a Gumercindo, Artigas ou João Burro, que têm rumo reto, podem até gambetear o inimigo, mas o tino do rumo não perdem; uma mulher que, sim, se segue é pelas gambetas, pro causo, delas, aquele sacolejado sarandear das ancas no andar, que sugere outra coisa que se faz, no geral, deitado; mulher se segue como caça, ou cadela no cio, a cachorrada toda atrás, num alarido que Deus te livre... O líder nem precisa fazer “psiu!”, a pandilha já vai quieta, persignada, naquele silêncio que é iminência de coisa grande, transcendente, até que estoura a boiada e então, bá, é a coisa mais linda do mundo, melhor ainda se se tocou a degüelo...)

⁷⁹² (cada um do IC – parece que fazem por gosto – quer contar a coisa do seu jeito, mas a coisa é a mesma, no busfílis... São os olhos vermelhos, as nugas locais, a perda da carteirinha... Tudo uns falastrões, mas não agüentam uma perdez pelo buçal!)

6.15.1. *Morrer, mas lutando*

Os que escrevem vão pra TV – isso é coisa de mulher ou de bicha, só pode ser – e ficam de trela, discutem uma hora, sempre batendo na mesma tecla dos cai-cai do Mato Grosso, de perda da identidade,⁷⁹³ que o gaúcho já não podia ser o mesmo e não aceitava isso, preferindo morrer a render-se aos novos tempos... Aí tá certo. Render-se, nunca! Não o gaúcho. Agora, matar-se? O gaúcho gaúcho luta. Pode até morrer, mas lutando. Bento Manoel, o sentinela da fronteira, gênio militar, nasceu em Sorocaba. Mas Sorocaba era o grande entreposto de gado do Brasil, assim que, quando veio pro Rio Grande, já tinha decorado o “Queres ler?” das vacarias, e foi assimilando as “nugas locais”, como diz o outro, já meio gaúcho, acabou gauchando-se por completo.

Esses que se esticam em galhos, bueno, gaúchos que sejam, mas com eles acontece o contrário do que com o Bento: só nasceram aqui, mas a templa não funcionou. Ficaram virados nuns merdas, covardes, de tanto ver televisão, essas novelas de homem corno manso – então não é homem! –, chorando, ridículos – não são homem, são pederastas filhos-da-puta, isso sim –, essa pouca-vergonha agora de botar mulher com mulher, essa putaria da cidade grande, as crianças vendo tudo, aprendendo o que não presta, aí dá no que dá. No tempo do Bento Manoel... Bueno. Mas não hay más disso.

O Élcio sempre quis viver em outra época, até andou tentando aprender castelhano de verdade, não essa mistura fronteiriça, mas não teve cabeça, faltou-lhe cabeça, vejam, o que lhe sobra quando o tema é o Sepé, quando o assunto é exterminar a gentalha encardida que se esconde logo ali, zombando de tudo quanto é sagrado, ali, na Quero-que, que é da família proprietária há quase duzentos anos.

6.15.1.1. *Povos ressurgidos*

– Acharam cerâmitas dos duaranis te tomprovam te eles já viviam ati há cinto mil anos. Pensavam te eram só três mil anos, mas adora sabem te são cinto mil. As fazendas da região têm dois séculos... Acho te a gente vai ter te devolver pros índios a terra deles – parece que lê pensamentos, o Cacalo, e os distorce como uma lavadeira pra estender tudo bem aberto no varal, bem onde todo mundo vê.

Élcio faz-se de surdo, afinal, o guri nem está falando com ele, mas, surdo, ensurdecem em seus ouvidos os laços de língua do língua presa, soltando-se como tivesse braças e braças de comprimento, centro da roda, mal chegado, com suas informações sempre novas, destoantes, provocativas. Por que ouvem-no os jovens? Para rirem-se da sua cara, só pode ser, só pode ser...

– Li na revista *Rainha* te eles tão sendo tonsiderados povos ressurgidos, porte tinham se espalhado e se desenraizado e adora tão terendo o te é deles de volta, ressurgidos tomo Tristo. Eles falam até na revista te os fazendeiros é te são os invasores da terra dos índios, e te os índios tão de luto. Perduntam se a gente não tem verdonha desse passado te roubou, massatrou eles. Eu tenho e acho te a gente tá fazendo a polítita errada tom os sem-terra. Eles são os minuanos, charruas, yaros, tapes, duaranis ressurgidos...

– Ah, vai te catar, Cacalo! Tu quer que a gente dê pra eles uma terra que é nossa?

⁷⁹³ (chegaram ao cúmulo de dizer que esse negócio de navexologia do Túlio-Tiago e da gente dele, Nova Hereford, Itaara... só comprovava que nossa identidade, ó, se foi, babaus... por isso fugíamos pro espaço. Como, “fugíamos”? Não estamos aqui? Vocês são cegos, surdos ou tão pedindo uma pisa?)

- Uma terra te nós tomamos deles...
- Dá a tua, ora.
- Se fosse minha, eu dava, mas é do meu pai.
- Eu sei que dava... Pois sim!
- Dava, porte não precisa dar tudo, é só distribuir um pouto e basta. Adora, se vocês não terem perder os anéis, vão atabar perdendo os dedos.
- Que anel? Tá ficando louco? E eu sou homem de usar anel?

1.27. Dentro da redoma

Os assuntos vão e vêm no acampamento, sempre os mesmos.

Uma professora chegada ao nosso Instituto comentou que não é só nos acampamentos, é em tudo quanto é lugar, a vida inteira, “aqui só se fala em boi, em vaca e em arroz”, disse, de novo. “E no tempo”, alguém emendou, “por causa da safra”.

Todos têm razão, não vê o Sirley?! Só pensava em Mares do Sul, Papeete e outras besteiras. Deu no quê? Em nada.

O pampa é uma redoma.

As fugas? Consentidas, porque fortuitas, infantis; acordadas, na verdade, dentro de nós para com nosotros: sonhar é como sarampo, um dia amanhecemos, crianças, com um fantástico, inexplicável pijama de bolinhas vermelhas bordado em nossa pele e não temos de ir à escola; dias depois, passa.

O pampa é uma sina.

Vem um estranho e rasgamos o xergão pra ele – a hospitalidade famosa –, abrimos cancha, corre! Quando o coitado volta das férias, o bafafá infernal o espera, buzinas, guinchos, o fuliginoso ar nos pêlos das narinas, a lágrima indolor da ardentia metropolitana, exógena como tudo, como o impermeável, gélida – e inútil, está dito! – mediação entre solicitude – esta patranha mercantil – e solidão, ei-lo.

Ei-lo!

Mas, vejam, las vacaciones, ele as tem indeléveis como num chip genético; é um outro homem: o pampa! O pampa!⁷⁹⁴

Ei-lo prestes ao suicídio, porque, sem suas férias, não passa de um cartaz ambulante, sórdido, patético – que ninguém vê, cegos de horizontes – pedindo socorro, assim, seis colunas, caixa altíssima: SOCORRO! Coitado.

Em Nova Hereford, a vida inteira, brincamos de mocinho e bandido.

Se alguém quiser chamar seu tordilho de Silver, ora, que o faça! Que o empine: “Aiô, Silver! Avante!” O segredo é a redoma e, claro, este perder de vista que tudo explicita, como um livro aberto, as páginas feito pás de um catavento semi-plantado arejando, renovando o de sempre, para sempre escrito, ali, no tempo, ao tempo, atemporal.

Dizem que na China, em Shantou, foi descoberta uma árvore com 1.236 anos, plantada durante a dinastia Tang, que dá flores amarelas em todas as primaveras.

Não somos pretensiosos, nossas figueiras devem ter apenas uns duzentos anos e nem é nelas que se suicidam nossos poucos covardes, filhos-da-puta! Mas esse troço da

⁷⁹⁴ (como aqueloutro, “o Caty! O Caty!”, e alguns de nós, o nome indizível do fantasma basco)

China... Estivemos pensando... Talvez seja um bom motivo para aquele estranho que agora tem a lucidez plena de ser um rato de esgoto,⁷⁹⁵ um rato ofegante nos desvãos do concreto, ir até o prático balcão da esquina e comprar uma passagem para Shantou.

Primavera aqui, outono lá: exótico pingente daria nosso hóspede introjetado de pampa – desesperado do pampa – em tão remotas paragens, arbóreo enfim, naturalizando-se, arvorando-se em nutritivo fruto da terra sem o concurso, sempre inglório, das flores, mesmo as amarelas.

1.27.I. A palavra nova

Os assuntos vão e vêm.

Um alemão desses aí, Handke, botou num livro: “Assim como precisava da máquina de escrever, ele carecia, em dado momento, dos ruídos do mundo exterior... Uma mosca dentro do quarto o incomodava mais do que uma grua a vapor ao ar livre.”

Depois: “Já a caminho do portão do jardim, o escritor virou-se de repente. Correu para dentro de casa, irrompeu escritório adentro e substituiu uma palavra por outra.”

E então: “De repente, passou a não ter mais pressa. De repente, com essa única palavra nova,⁷⁹⁶ a casa inteira vazia lhe pareceu cálida e confortável.”

Nós, aqui no pampa, gostamos duma prosa espichada, espichada mas despacito no mais, pra preencher um pouco as voçorocas que a intempérie marca em quem vive com o rosto contra o vento, solito no mais, de escoteiro no deserto... Gostamos, e menos de falar do que de ouvir... as palavras, assim, são sempre confortáveis, como um poncho Renner no inverno, um mosquiteiro no verão. Por isso, quando a chamarrita – **De a cavalo**, de Marengo e Mattos – abre “janelas de rancho nas dobras do corredor”, a gente sabe do que fala, de a cavalo, de escoteiro mas de-a-cavalo...

(E o pobre do Otacílio, hein?!, completamente de-a-pé... judiaria! Cuidamos do amigo no que podemos, esses parênteses côncavos, mãos que confortam, carinhos, tapumes contra as intempéries do pampa aberto interpenetrando-nos, pampas, pro causo, índios viejos, quase que nem existimos de tão transparentes na paisagem mimética, mas cá estamos, firmes.

“Ergue-te, Otacílio!...”

⁷⁹⁵ (menina! O que é a ignorância! Tínhamos uma convidada da metrópole em nosso Instituto, metida a pesquisadora – “A importância do pênis no tecido social dos habitantes machos do pampa rio-grandense entre a Revolução Federalista e a de 30, quando amarraram seus cavalos no monumento afim da então Capital Federal”, o tema de sua tese –, e, como sempre, antes do chá, líamos um texto de autor gaúcho. Na ocasião, **Almuerzo y Dudas**, de Mario Benedetti. A linhas tantas... “– Dispõe de um rato? – perguntó él.” “– Sí.” “Le pido entonces que almuerce conmigo...” Pra quê! A pesquisadora começou a vomitar cada golfada, sujando o tapete de couro e mangas, calças, sapatos de todos em volta. “Vão almoçar um rato?!”), dizia ela e glowrrrhaharrow!, outra golfada. O pior é que – além da má digestão, pois já tava quase na hora do nosso five o'clock e ela com o estômago ainda cheio – era puro arroz e feijão o lanço dela, coitada da perua!, cheia de teses, se fazendo de importante, e nem um estrogonofezinho no bucho... Dá até nojo na gente!)

⁷⁹⁶ (qual palavra? Devia de ser prodigiosa essa palavra. Um exemplo: a avó cega da Lisi dizia que não presta deixar sombrinha aberta dentro de casa, e não presta mesmo, sombrinha é pra sair no solapado do pampa. E ela, velhinha, velhinha e cega, velhinha mas lúcida, perguntava, “Hein, aiune? Hein aiune?”, vejamos, “olhos meus” esta, sim, palavra tão bonita, queria saber se fecharam a sombrinha – inútil mesmo ali aberta –, porque não presta, não presta, um bico de luz dentro de casa é o necessário sol, não queima, pra que sombrinha? – e, se queima, troca-se...)

...Ergue-te e anda? Não, vocês não compreenderam – sempre vocês! –, não compreendem. De-a-pé é como estar entrevado. Não adianta. Cada um tem um breafing... Aliás, vocês não iam ao shopping? Comer num fast-food? Fazer um upgrade?... Comprar um joring pro footing? Um feeling? Um timing? Um bye?... Por que vocês não chispam do nosso texto? Sempre nos achicando...

Por que vocês não ficam definitivamente em Santa Catarina? Lá tem aqueles guarda-sóis enormes, coloridos, sempre à beira da praia, fincados na areia, e o mar ali, os golfinhos, las ballenas, las gaviotas... Hablar con los hermanos a cada verão renovaria a fantasia gaucha que cultivamos... vocês!, o vistoso carnaval que levam dentro, enfim, ganhando sua definitiva passarela. E fica cheio de paulista, um divertimento...)

1.27.1.1. Encomendem o caixão!

Esse escritor, Handke, coitado, correndo feito um louco atrás da máquina, decerto gritando “Eureka! Eureka!”, como o outro aquele da banheira, talvez até pelado, são tudo meio ao contrário... Pois, Handke, como os falecidos Drummond – “lutar com as palavras / é a luta mais vã...” –, João Cabral, Rosa... aquele homem deve sofrer muito. Um milagre que ainda esteja vivo... nos aparelhos, quem sabe, vegetativo... Se bem que “ele usava a expressão ‘escritor’ no máximo de maneira irônica ou constrangida, apesar de haver passado mais da metade da vida posto no ato de escrever...” Bueno. Pode enganar a si mesmo, mas Deus? Não, não... Encomendem o caixão!

Este volume – bom de esconder nas calças, as moças terão uma ótima primeira impressão –, que fique claríssimo: não é obra de escritor nenhum. É uma pesquisa a muitas mãos sobre nosso entorno: o presente, o passado e, quiçá, o futuro. Um traz uma frase azul; outra, uma estampada; outro, uma xadrez pedrês... e nós pegamos esses retalhos e fazemos uma colcha de fuxico. De uma vez por todas, é isso apenas: fuxico.

Escritor já nasce doente terminal, que nem bandido de morro ou homem-bomba. Bichos morredores e nós... nós só queremos ficar pra semente, nada mais. Podem pegar no colo Matilde Urbach desfalecida, não deixem que a Ingrid parta no teco-teco de Casablanca, ganhem a sena acumulada sozinhos e enfiem tudo, nós, não... Nós, o que queremos, é simples: ficar pra semente, renascer um monte de abóbora de pescoço, aquilo doce se espichando e tomando conta do deserto, mio-mio que seja, anoni... mas vivos. Quantos, de um tempo pra cá, cravaram o bico? E jovens, demasiado jovens... Carlos Carvalho, Marcos Faerman, Vera Karan, Henrique do Valle, Sérgio Metz, Caio Abreu... E os nossos? Naná Menezes, Breno Ferreira da Silva, Nora Dornelles, o Tenente Juvenal... Escritor é o caranguejo comendo as vísceras, metastático... Tem gente que bebe creolina em gotinhas diárias, mas não adianta, o caranguejo até gosta, lambe a casca dos beiços. É só seguir as pedrinhas de volta, a coisa já está lá, bem gorda...

1.27.1.2. Filhos de Senmut

A coisa, lá dentro.

Carlos Carvalho: “Um homem, tendo meditado muito sobre as vicissitudes da vida, decidiu não mais sorrir... A vida lhe fechara as portas. Pois ele fecharia a cara à vida.” E isso porque “...se apercebeu de que vivia nas trevas não sabia desde quando”, e, “com a descoberta”, teve “a compreensão exata e desagradável da ausência”. Então, “...os pas-

sos dele, iniciando a semana, parecem os de um bicho se arrastando penosamente". Pareciam, isto sim, com tanta dor no lombo, foi, foi que – era vidro, somos assinzinho, de vidro, bibelôs – quebrou.

Caio Fernando Abreu, "cansado batendo como um louco naquela porta que não abria, era tudo um engano", mas continuava "...batendo batendo batendo batendo batendo...", tudo "tão escuro agora", tanto que ele "não conseguiria nunca mais encontrar o caminho de volta..." Batendo, batendo – e todos surdos –, avisa: "Gritarei, então. Muito alto, com todas as minhas forças..." Desesperançado, no entanto: "...acho que sei com certeza que nem você nem ninguém vai me ouvir". Compreendemos, também nós tivemos "estantes de madeira escura suportando o peso das obras completas de Karl May, Michel Zevaco e Edgar Rice Burroughs." E de Júlio Verne, Mika Waltari: "Eu, Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto...", até decoramos: "Não o escrevo para a glória dos deuses da terra de Kan porque estou cansado de deuses..." Como Caio, cansado, e batendo batendo...

Marcos Faerman, que, como Tupac Amaru, era "...de um espírito e de uma natureza muito robusta", reconheceu-o Don José Areche, e nós. Mas já não havia mais "caminho de volta". O homem era um anti-cristo, "o Inimigo da Coroa. Tu eras uma Calamidade, um Perigo, uma Ofensa..." (Uma vez, em Porto Alegre, cantou a namorada do Nicolau na cara dele, na cara. Não fazia nada pelas costas, um Perigo!) Não havia mais caminho de volta, "a liberdade da América ficava para depois." Cuzco caiu.

Vera Karan escondia-se no acolchoado: "Fiquei com a coberta na cabeça e tapei os ouvidos com força e, mesmo assim, mesmo sem ouvir, pude sentir que ela já começara a gritar e que provavelmente só pararia quando lhe dessem a primeira injeção..." (Como disso sabemos... como disso sofremos, de nossa parte, nós.) "A gente perde tantas coisas pela vida. Eu, por exemplo, não tenho nem idéia de onde foi parar o meu ursinho de pelúcia."

Luiz Sérgio Metz: "...eu estou numa casa, não sei se esta ou aquela. Tudo na noite ressoa." (Numa casa, vejam, em casa.) E "havia uma esperança", porque "um lugar é habitado e habitável quando dele se pode ter saudade, sempre e somente saudade."

Henrique do Valle, "do lado de fora": "Afastem-se de mim / sumam daqui todos..." A bomba na cabeça: "minhas vibrações são como facas / que rasgam o claro das conversas / e eu já não posso mais ter amigos / porque sou o último sobrevivente de hiroshima". Morrer, morrer, "apagar a miséria", "destruir a mágoa", "penetrar no nada..."

E os nossos: Naná Meneses: "...vou girando vivo / até que meus restos / se juntem à terra / e a memória se desprenda." Breno Ferreira da Silva: "Penso que sou um homem acabado / um homem já sem onde como ou quando..." Nora Dornelles: "Sinto / um / desejo / imenso / de / simplesmente / viver." Mas, "Dois / saveiros / se / cruzam. // Qual / o / segredo / preso / a / cada / vela?!"

Todos, vejam, com a fixação na morte, no tempo que passa, todos deslocados no mundo, todos duvidando, todos trevosos, sorumbáticos, pro causo, terminais. E o Tenente Juvenal, coroando este estado de espírito – novo "mal do século", o XX –, soneta, em **Ao GBOEx**: "És segurança e és tranquilidade / Do cidadão que a ti se associar, / Pela confiança que sabes inspirar, / Na decorrência de tua atividade. // E assim agindo, com honestidade, / Ao que cumpre, por dever, a ti saldar, / Fazes então, sem alarde, ressaltar / Tua tradicional pontualidade, // Pois quando o esteio da família cai, / Teu pecúlio em

socorro dela vai, / Com presteza e real solicitude. // Manténs ainda o Plano Integrado / De Previdência e Assistência ao associado, / Que é o PIPA, transbordando de saúde.”

A coisa, o caranguejo lá dentro, mas um consolo nos resta: há vida, ainda que não a nossa, após a morte. Só pedimos a Deus que olhe pelo PIPA; que continue assim, solícito e saudável.

1.27.2. Potencial desordem

O Secretário de Educação e Cultura do Departamento de Nova Hereford pede a palavra. Diz a Nota Oficial:

“Concidadãos e concidadãs. Todo mundo sabe que o Instituto Cultural de Nova Hereford está empenhado em construir uma versão de nossa história que só a enxovalha. Os mesmos sentimentos escusos, as mesmas ideologias espúrias dos anos 60 e 70 – agora reforçadas pelo revanchismo – move seus associados. Não podemos nos calar diante da insensatez e da potencial desordem.⁷⁹⁷ Por exemplo: eles insistem em elevar o veado galheiro à condição de animal-símbolo do pampa, quando – basta olhar em volta – não se acha mais do que uns poucos por aí, escondidos nos matinhos, exemplares que não são abatidos apenas porque correm risco de extinção, e, assim, preservamos o equilíbrio ecológico, todos sabemos o quão úteis podem ser esses bichos com as cobras. Outro exemplo: todos os membros do ICNHE assistem a noveleta da TV que fala de um gaúcho aqui do Departamento, nascido na vizinha Alegrete, de onde partiu aos quinze anos para o centro do país, elegendo-se Senador da República. Este Senhor, José de Freitas Valle, irmão do Manequinho, aquela estátua que tem no centro da praça principal deles, de modo nenhum representa os pacatos habitantes da nossa região: passa dando festas nababescas, onde confundem-se artistas, beberões e prostitutas, os primeiros descrevendo ou pintando⁷⁹⁸ as piores deformações da espécie humana. Sustenta o achincalhamento de nossas tradições, o Senador; financia, decerto com os bois da família, os comportamentos aberrantes que, não fosse a *manus longa* da justiça, estariam toureando os nossos olhos como normais. E o IC⁷⁹⁹ gabando-se de que um local “teve que ir lá pra cima”, como eles dizem, “ensinar aos homens do século XIX como proceder no século XXI”. Desautorizamos oficialmente tal ponto de vista e não reconhecemos o Senhor José de Freitas Valle como novaherefordense,

⁷⁹⁷ (“Lembremos que Caco Milque, retratista membro da insidiosa organização, de volta a nossa cidade, cumprido seu período de ostracismo, foi punido em decorrência de inventar problemas no obturador, no cenário ou no zoom para aproximar-se das modelos que posavam nuas para seus calendários, chegando mesmo a cair sobre elas, alegando ‘a urgência de um close’, como está nos anais. O referido é ainda associado ao crescimento impressionante do uso do chá de trombeta sob as nossas barbas. Elemento, portanto, mais do que perigoso.” Até cortamos isso do discurso, coitado do CM, agora se acolherou com aquela e anda murchinho, murchinho. Diz-que ela chupa todo o tutano dos que enfrentam ela, a caninana!)

⁷⁹⁸ (o sete!)

⁷⁹⁹ (“IC”, hein?! Com que direito? E a nota é pública! Dizem até que o salafrário, ao entregar o papelucho aos repórteres, sugeriu que nós lambêssemos um fiapinho de lã vermelha e colocássemos na testa de cada um, que o soluço “passava na hora e acabava-se o antro”. Bueno. Temos uma outra receita pra ele que, tão logo consigamos chegar perto do safardana – numa dessas visitas às vilas que o ordinário faz pra plantar sua eleição pra prefeitura na próxima, patife! –, vamos enfiá-la no sem-vergonha: espinho de tuna; vamos fincar um espinho de tuna na bunda mole dele e esperar que ande – todo mundo sabe que espinho caminha dentro do corpo da gente –, ande e crã! No coração, de preferência, se é que o miserável tem. Por quinhentos... Ora, quinhentos! Por mil e quinhentos não vai ficar, ah!, isso não!)

ainda que da licenciada Alegrete. Aproveitando o ensejo, sugerimos que as televisões sejam desligadas naquele horário, e que, outrossim, os rádios sejam ligados, como antigamente, para que toda a família, reunida, acompanhe a Voz do Pastor, ultimamente com audiência diminuta em virtude das sem-vergonhices que passam, como diz a missionária Aninha Leocádia, conhecida e respeitada por todos nós, no “aparelho do demônio”. Estamos reunindo elementos e breve denunciaremos a quem de direito a obra lesa-pátria que constrói o Instituto Cultural de Nova Hereford: fiquem certos, ou queimaremos os originais ou, melhor ainda, faremos uma fogueira em praça pública com os volumes, se publicados. Não por acaso os poetas aqueles foram expulsos da República. Se querem guerra, terão: Viva o abc campeiro! Viva o chão batido, as paredes de barro e o capim santa-fé! Viva a mãe doméstica! Viva o cavalo crioulo!”

Essa gente empafiosa em tudo o que faz parece que desfila. Se tem cabimento esse monte de cocô de ovelha?! Mas eles vão encordoando as palavras uma atrás da outra e entram com o discurso em cunha, assim, sala adentro, as bolitinhas de merda atrás, como um manto que se abre. Que venham!... Pegamos os jornais que nos caíram nas mãos e os rasgamos, simplesmente. Já estamos providenciando, inclusive, uma estátua de José de Freitas Valle em tamanho maior do que a do seu irmão, em Alegrete. Afinal, Nova Hereford são outros quinhentos.

6.16. Eunicos!

Os assuntos no acampamento, sempre iguais, ainda que outros, sempre o pano do pampa ao fundo...

Nevou em Cacimbinhas, Santa Maria, Bagé, Caçapava, no que seria Nova Hereford, nevou em muitos lugares em agosto de 1879, e hoje, setembro, credo!, este calorão.

Um deputado falou que, com os transgênicos, queriam “apenas produzir alimentos para combater a fome dos gaúchos e dos brasileiros”. Rebateu um do Sepé:

– Este discurso de combate à fome é da década de 50, quando da revolução verde, que prometia modernizar o campo brasileiro com tecnologia de ponta. A fome diminuiu?

Os repórteres Júlio Araújo e Ricardo Rodrigues anotaram tudo. Os garotos-propaganda dos transgênicos desdenham a resistência aos herbicidas, que, depois de algum tempo, as espécies desenvolvem e aí, tchau e gracias, lá vão os agricultores na lorota de um outro agrotóxico mais potente, alimentando, isso sim, o círculo vicioso do lucro inescrupuloso. (O agrônomo Sílvio Neuman andou dando umas aulas pro pessoal do Instituto.)

Vejam o que aconteceu no Canadá, com a canola e o girassol: em poucos anos, os agricultores tinham que aplicar o dobro de herbicida pra manter a lavoura livre dos mesmos inços primeiros, agora resistentes ao tóxico,⁸⁰⁰ como o bêbado, que cada vez

⁸⁰⁰ (coisa séria. Vejam essa “gripe do frango”, brigando com a “pneumonia asiática” pra ver qual é a bambam. O Eduardo notou que, “é mesmo, as galinhas lá de fora tavam fazendo um barulho diferente, um espirro misturado com tosse”. O João Otávio, no colo da Caroline, vomitou. A Isabel não viu, tinha uma ovelha braba correndo atrás dela. O Nelci não confirma, “pode ser, pode ser... se Deus manda...” Mas que um número considerável de galinhas têm morrido misteriosamente no Departamento, isso as estatísticas dão como certo, os restaurantes 1,99 só têm servido risoto, galinha ensopada, assada, com ervilhas... O pior de tudo é que a gripe tá matando gente. Elas transmigram para as pessoas, combinam-se com a gripe comum – traçam planos, estratégias, emboscadas – e, pronto, instalam-se no próximo e adeus-tia-chica! Tran Thi Trung Chien, ministro da saúde vietnamita, está

mais entorna pra conseguir sequer cambalear, quanto mais cair na sarjeta, chegar em casa quebrando tudo, inclusa a cara de cu da mulher. E a lavoura transgênica no Canadá⁸⁰¹ já não era uma maravilha, já não dava aquele lucro que os arautos do apocalipse anunciavam, viciados no caos de “viver o presente”, como se o mundo fosse acabar no fim do expediente, e lixe-se o mundo; viciados no caos e sem filhos, vis, enérgicos – o progresso! eia! ave! – eunucos...

6.16.1. A serpente

O Stédile aquele, disse assim:

– Nós herdamos não dos nossos pais, mas para os nossos filhos.

Mas o Stédile, mesmo em nosso círculo, não é lá muito benquisto, portanto, não apaguem o que foi dito mas, urgentemente – como nas restaurações de fotos soviéticas, limpando da história Zinoviev, Kamenev, Trótsky –, apaguem quem o disse.

– A única possibilidade de expansão dos transgênicos entre os países produtores de grãos reside no Brasil – falou o dos sem-terra, remetendo para uma questão crucial do capitalismo, sempre voraz, sedento por novos mercados que, malgrado esta sua compulsão ínsita, um dia acabam e a serpente começa a engolir-se a si mesma.⁸⁰²

preocupado. Pra piorar o caso, seu assessor do Departamento de Veterinária, Dau Ngoc Hao, já tá achando que tem porco no meio: a gripe dá nas aves, passa pros porcos e, desses relaxados, pros humanos. Não é de dar medo isso?! Imaginem a transgenia, com suas pesquisas, milhares, sem controle nenhum... Já pensaram se os gens, por exemplo, do milho, puladores como os vírus – “e os cangurus”, acrescenta a professora de biologia, Andrea –, transferem-se para nosso corpo, “metamorfoses ambulantes”, já dizia o filósofo... já pensaram? Já pensaram o que as galinhas, mesmo gripadas, podem fazer com um reles gen de milho ao alcance de seus bicos em nosso corpo?)

⁸⁰¹ (“Socorro! A realidade é um bonde sem freios que nos persegue implacavelmente...” “Mas, não acabaram com os bondes no país?...” “Então é pior, pior ainda, meu Deus!... O bonde é uma irrealidade que, sem trilhos, nos pode perseguir onde levarmos a cabeça! Nem no pampa estamos a salvo... socorro!” A Portaria 764/98, da Secretaria da Vigilância Sanitária aumentou em 100 vezes o limite de resíduos do agrotóxico glifosato no solo. Em 100 vezes! O deputado, Doutor Rosinha, encaminhou projeto para sustar essa calamidade, que pode contaminar inclusive o Botucatu, maior reserva de água potável do mundo sobre a qual, inclusive – e importantíssimo! –, Nova Hereford está assentada: “Sem entrar no mérito do interesse que envolveu a citada Portaria...”, começa o deputado... “Como? Então há interesses escondidos nessas entrelinhas?” “Ué, não viu o parecer do relator para a nova Lei de Biossegurança?” “O quê?” Tem uns aqui no IC que, quando contrariados ou nervosos, ficam surdos – melhor do que pegarem a encher o bucho, como o esganado do professor Sardinha, que subiu quando, nervoso, não parava de comer postas de sua prima de água doce, a traíra, e foi, foi que se entalou e puf! –, surdos, a gente tem que gritar, sacudir, em casos extremos, esbofetear. “Tá aqui no jornal que a bancada ruralista ficou eufórica...” “Como? Bancada ruralista?” Nessas horas é bom ter sempre uma mulher por perto. A Henriqueta fez um chá para o colega e o recostou no sofá do canto, “ora, ora, ora...” É que, diz Nelson Breve, a dita bancada “considera o Ibama um entrave ao aumento da produtividade no campo.” Tanto que o deputado Abelardo Lupion elogiou o “bom senso”, a “coragem” do relator a “enfrentar uma platéia como essa.” E completou: “Ele não favoreceu ninguém.” O Roger se ri – deve ter um saco de risadas na pança – e pergunta: “Se o relatório não favoreceu ninguém, por que foi um ato de coragem enfrentar a tal platéia? E comemorando o quê os ruralistas soltaram bombas?” O deputado Ivan Valente advertiu Aldo Rebelo: “A euforia da bancada ruralista me deixa muito preocupado e deveria deixar o senhor também, senhor relator.” A deputada Luci Choinacki comentou: “Quando uma vela muito grande é acesa por um lado, é porque o milagre foi ruim para o outro.” Sempre “os interesses, não é verdade?!” , como diria Brizola. O meio ambiente que se quimiodegrade!)

⁸⁰² (Vimos na capa cinza de um livro francês, que coisa!, e, talvez em sonho – o imponderável –, uma “serpente do mundo” em um amuleto grego, mordendo a própria cauda, quer dizer, no sonho, vimos a eternidade, que é o tempo cíclico, de cuidar do próprio rabo, como se diz, de voltar ao pó, de renascer Fênix, coisa de que o capitalismo – sonhos – não quer saber.)

Com o plantio ilegal da soja, criaram uma situação de fato que pressiona o governo no sentido de que invente uma solução de direito para que os espertos – e os incautos, que também os há – possam comercializar a safra e não quebrem; perceberam o problema social?!

Pouca vergonha!

Mas o homem acha que devem ser identificados – como eles fazem com quem ocupa terra – quem botou as sementes do mal pra dentro do país e “os responsáveis devem indenizar os agricultores que foram levados a cultivar⁸⁰³ essas sementes”. (Imagina, como se fosse o mesmo! Como se fossem iguais!⁸⁰⁴)

6.16.2. Espírito de porco

Nós, o que não queremos é ser cobaias dessas comidas ajuizadas sabe-se lá com o quê. Porque, vejam, não há um só pé de transgênico em Nova Hereford, a briga nem nossa é. Ocorre que ruralista apóia ruralista – e vice-versa –, desde que o mundo por aqui chegou com seu modelo willys de ser – bicolor –, ou até antes, quando nem estrada tinha, nem cerca tinha, nem Deus existia.

Aquele negócio de ir dando terra, latifúndios, para uns – não para outros –, depois postos militares, depois títulos de nobreza – o sanguinário Moringue, pasmem!, virou Barão; José de Abreu, o exterminador de índios e mamelucos, virou Barão; tem um Marquês de Alegrete, um Visconde de Pelotas, só falta um Duque de Nova Hereford –, e aí, bueno, casam uns com uns, nunca com os outros, por questões, pro causo, feudo-estratégicas e acabam refinando o sangue, perpetuando taras e criando novas, pois Mendel não perdoa,⁸⁰⁵ olhem a vaca louca aí, dizimando rebanhos, D. Maria, a louca, rainha de Portugal, a Princesa Isabel, enlouquecida, botando os escravos porta afora, pra rua da amargura, viverem como?

“Anfã”, como diria Dona Nenê Cristina, professora de francês, ou, ensinando sempre, “alosanfã” – a memória dilacera-se com os anos e os anti-depressivos –, enfim: os ruralistas têm o que alguns chamam de “espírito de corpo”, outros de “espírito de porco”, conforme a mira com que miram.

⁸⁰³ (que houve uma, pro causo, campanha pelo plantio patrocinada pelos mesmos de sempre – aqueles que também faziam pouco da aftosa, enquanto ela se alastrava, só pra dar o contra no Secretário e no Governo, que eram do PO, e deu no que deu... –, aqueles que, chega na hora, fazem-se de desentendidos, “ué, saís!”), restando o problema para os pequenos, a quem, no entanto – raposões! –, defendem, “desinteressados e altruísticos”, usando – cara de pau! – a “questão social” como argumento. Citemos Décio Freitas, a respeito da “enorme maioria” da nossa população sem “cultura democrática”, que não possui “as mínimas condições intelectuais para exercer a democracia segundo seus interesses e suas necessidades”, sendo o resultado desta “real falta de independência” da massa a eleição de um parlamento de “fisiológicos”, que trabalha, ó sina!, contra quem o elegeu. Por que isto aqui, agora? Porque não é só a não-razão do Pelé que cabe – “o brasileiro não sabe votar”, teria dito nos anos do verde-oliva – no bojo da questão. E porque não é só o parlamento que trabalha contra; não basta o pelego pra caracterizar o cordeiro, o focinho – ou o rabo – o lobo deixa de fora. Luzes, pois! Daí muitos de nós preferirem Facundo a Sarmiento, que este queria trocar de povo, varrer os gauchos da face da Terra, e nosotros, bueno, somos pela educação, pela prenhez da verdade da educação – prenhez positiva, filhos machos! –, e também somos pelo macete, de pau de guajuvira, que serve pra tudo que exija bater... se for o caso...)

⁸⁰⁴ (observação controversa no seio do Instituto... Digladiam-se dentro de nós várias opiniões de especialistas, todos querendo ser ou vendo nos outros o “quisto transgressor”...)

⁸⁰⁵ (ninguém quer ser uma ervilha, mas há cérebros e cérebros)

- Viram que deu no jornal que o governo tava protegendo os invasores?
- É, mas um cronista pobre-diabo, desses que não sabe nem de que lado se monta, disse que a gente ficou triste porque queria sangue.
- Se a gente tivesse aqui um coronel como aquele, dos Carajás, a coisa ia ser diferente. Não ia sobrar meio pra contar a história.
- Também não podemos perder de vista a renegociação das nossas dívidas. Brigar é bom, mas acho que temos que ganhar cancha nas outras reivindicações da gente.
- Primeiro temos que limpar Nova Hereford dessa ciscama, depois sentamos pra negociar o resto.
- E o Ordálio? Não tá por aí?
- Acho que não veio.
- Me chama ele, telefona.
- Não sei se ele vem.
- Como não vem se nós sustentamos ele?!
- Sim, mas não quisemos anunciar na edição especial que ele fez...
- Porque não interessava, não chega o que a gente paga por mês? Chama e vamos⁸⁰⁶ ver se este jornalistaquinho não aparece. Aí, ele vai saber o que é bom pra tosse.

(Nossa colega insiste que há vários jujos indicados para combater com eficácia a tosse, como o alecrim, que pode ser posto no mate depois de virá-lo, de tardezinha, o açoita-cavalo, a casca de camboatá, a semente torrada de língua-de-vaca, urtiga, tansagem, crista-de-galo... ih!, um monte. Mas a pessoa não pode ficar tomando frio no pescoço, porque a tosse geralmente está associada ao resfriado ou à gripe. “Pela ignorância, mas também pela teimosia é que as pessoas ficam com tosse e discutindo quem tem o melhor remédio pra essa bobagenzinha, simples irritação das vias aéreas. Belos exemplares do masculino bom senso...”)

7.8. Codinome Átila

- Alô?
- Estamos na escuta, positivo?
- Como na escuta? Foram vocês que ligaram.
- Positivo, Senhor. Pegamos uns elementos suspeitos que vinham das Bibocas, positivo?
- Não sei. É tu que tá dizendo, é ou não é?
- Perfeito, positivo?
- E então, a quantas andamos, ô negativo?
- Não, não, positivo. Pegamos três e vinham ferrados, positivo?
- Ai, ai, ai. Cavalos?

⁸⁰⁶ (notaram a mão do revisor? O diálogo tá cheio de esses e erres, ora! Claro que não se fala assim, mas, vejam o que pensa Don Bagayo y Balurdo: “Quando lemos o texto escrito corretamente, traduzimos o escrito para o falado – tamo, viemo, fazê, tomá... –, naturalmente, até ‘sem querer’. Já quando nos utilizamos de uma escrita fonetizada, ficamos com enxaqueca”. Estamos pensando no assunto enquanto trabalhamos; tudo pode mudar de uma página para a outra.)

- Positivo?
- Quero saber se são cavalos. Vocês prenderam cavalos?
- Perfeito, montados, positivo?
- Ai, ai, ai... Meu amigo, dá pra acabar com essa frescura e dizer logo quem que vocês pegaram aí nesta bosta de corredor, ô positivo?!
- Aqui é o codinome Átila, positivo, Senhor? Com quem o Senhor está falando?
- Mas... se tu ligou pra mim e acabou de te apresentar. Tá ficando louco? Anda, flagelo de Deus, dá o serviço.
- Aqui é o codinome Átila, Senhor. Deve haver algum engano, positivo?
- Negativo! Negativo! Codinome Átila de merda, nós estamos te pagando uma fortuna e tu não consegue nem me informar quem foram os três que vocês pegaram! Quem são esses três bostas, afinal?
- Positivo, Senhor. São três elementos armados de faca, perfeito?
- Imperfeito, ô positivo! Faca não é arma, carioca de merda! Onde é que foram te achar? Revólver não tinham?
- Dois do meu pessoal estão levemente feridos, mas arma de fogo não portavam, positivo?
- Feridos a faca, então?
- Negativo, Senhor. A pedra, mas de grosso calibre, positivo?
- A pedra? Meu Deus! Mas pelo menos vocês conseguiram prender os três Davis, não é?
- Não levantamos os nomes dos elementos, positivo?
- Eles estão ou não estão aí presos com vocês?
- Positivo num primeiro momento, Senhor, mas, agora, negativo, Senhor. Eles aproveitaram que conhecem melhor a região do que o meu pessoal e conseguiram escapar. Mas sem os cavalos.
- Eu não acredito...
- Senhor?
- Não acredito... Os feridos estão bem, pelo menos?
- Foram atendidos e passam bem, Senhor, pequenas equimoses. Positivo.
- É pra matar um do coração... Mais alguma baixa?
- A camionete, Senhor. Muitas pedradas. Perdemos o vidro dianteiro, positivo?
- Negativo! Negativo! Tu sabe quanto custa um vidro desses? Vamos é descontar tudo de vocês, o vidro, o chapeador, a pintura... Vocês vão ver uma coisa... Mais alguma informação, ô positivo de merda?
- Desculpe, Senhor, mas estamos fazendo buscas e até agora não conseguimos localizar os elementos, positivo?
- Perfeito! Perfeito!... Continuem as buscas então, ô positivo, pode ser que vocês achem algum elefante por aí, nada mais me espanta...
- Senhor?
- Continuem, continuem, eu vou desligar.
- Positivo, Senhor. Positivo e operante. Manteremos posição. Codinome Átila desligando, positivo?
- ...

“Mas onde estava o Élcio com a cabeça ao contratar esses retardados?”, pergunta-se o ruralista, muito de outro jaez, perceberam? E por isso mesmo não muito freqüentador do GRUNHE, a não ser em caso de força-maior.

6.17. Tudo comunista!

Claro que o jornalista, Ordálio, se isso é nome que se apresente, qual a sua graça? Ordálio, vê se pode? – formado nas faculdades da sobrevivência, também é decorador –, foi, e foi rápido.

O problema com ele é sua delicadeza e uma certa amizade devotada ao Cacalo, a quem considera “inteligentíssimo e chiquérrimo, um charme” – esta última qualidade possivelmente associada a sua maneira peculiar de falar⁸⁰⁷ –, e isso incomoda sobremaneira os ruralistas entrincheirados nas camionetes. Mas, pelo menos, não fica se fazendo de importante.

– O outro aquele não leu na rádio que um cinegrafista tinha visto os PMs começarem o “massacre”, como ele chamou, de Eldorado de Carajás, atirando nos coitadinhos dos sem-terra?

– São tudo comunista. Se em Carajás mataram gente de cima pra baixo, se acocaram por quê? Não agüentaram o tirão? Tavam se cagando?

– E aquela guria não publicou que nosso porta-voz tinha dito uma besteira quando afirmou que com 20 hectares ninguém vive do campo, botando estatística e outras besteiras, coisa de gringo, só lá na colônia mesmo, não aqui, a metida?!

Barbaridade.

O Décio Freitas, puxa vida!, ainda escreve que o Rio Grande era um lugar “semibárbaro” que se civilizou graças à imigração, porque, “num país de latifúndio e escravidão, instituía-se em vasta região do RS a pequena propriedade e o trabalho livre”, ou seja, a gringalhada.

Pra completar, o homem faz um paralelo da imigração com a reforma agrária, admitindo que esta não terá a importância econômica daquela, mas que “se reveste de legitimidade” no que toca ao social e – absurdo! – “contribuirá, além disso, para dismantelar o latifúndio improdutivo, que não inibe apenas o desenvolvimento econômico e social, mas também o desenvolvimento democrático,⁸⁰⁸ pois terra concentrada significa poder político concentrado.”⁸⁰⁹

⁸⁰⁷ (o professor Donaldo Schüller, tradutor de Joyce – o James –, saiu no jornal, disse: “O que nos constitui homens é a palavra. Precisamos aprender a falar, para entender a necessidade do outro, para que as fronteiras sejam marcas de aproximação, e não de divisão.” E é isso que fazemos no Instituto – “Iééé, néééé...” –, como diz o Seu Jair, dá uma coisa, um homem velho e parece uma ovelha –, para nosotros, a fronteira é aberta como uma casa sem portas de com-licença, só com janelas, milhares de janelas escancaradas... Só não sabemos direito se o Cacalo, constituído pelas palavras do jeito que diz, no fim das contas dá um homem, isso não sabemos.)

⁸⁰⁸ (que interessante! Saramago – aquele que fez da península ibérica um barco desgovernado no Atlântico, bruxo – disse esses tempos, a gente tava tomando mate e pegou a coisa no ar, que “todos os dias uma comédia vergonhosa que se chama democracia é encenada. Nesta comédia, pode-se debater de tudo, menos a própria democracia.” E, sem combinar com Décio Freitas, também disse que “a falsidade central deste modelo reside no fato de que o poder econômico é o mesmo que o poder político”. Essa comédia, segundo Marco Aurélio Weissheimer, tem “efeitos trágicos para a sociedade”, e –

Mas que coisa! Estão todos contra nós? Não, não, o Ordálio é o único que dá pra manobrar de jeito. Qualquer senão, a gente sabe do que ele gosta mesmo...

– Aí, a gente chama o Cacalo!

Se ri muito nas trincheiras, churrasqueando e, eventualmente, jogando o truco, promovendo buzinaços, soltando rojões contra os acampados ou dando tiros pra lua. O ruim está sendo o calor, que não dá folga nem de noite, embora no campo sempre sobre uma brisinha amiga. Dá pra esquecer, quando ela sopra, muito de vez em quando, que os grandes produtores – quase todos de NH ali –, em torno de sete mil no país inteiro, são responsáveis por 85% da dívida agrária.

– Tem que alongar a dívida, mas, adianta? Daqui a pouco não estamos na mesma? Melhor seria perdoar...⁸¹⁰

E esse negócio de punir quem usou o financiamento ou parte dele pra outras coisas que não a produção, bueno, vão ter que punir quase todos. O governo tem que garantir preços mínimos e comercialização, subsidiando como fazem os países ricos, claro. E essas taxas de juros, bá!

– Amanhã o juiz deve dar a reintegração de posse aos proprietários, temos que nos preparar.

– Lá no Sorro foi tudo bem, o pessoal trabalhou direitinho. Pena que o Gilsão não tá aqui pra coordenar a coisa toda, aquele bochincho que ele armou lá, hein?!...

– Prestem atenção, de uma vez por todas: quem fez todas as judiarias na Fazenda do Sorro foram os sem-terra e ponto final.

– Só tô falando aqui, eu não ia...

– Não ia e não vai, e nem aqui. Nem um pio sobre este assunto. Ou nós unificamos o discurso ou perdemos a credibilidade. E isso tem que acontecer dentro da gente. Temos que pensar exatamente o que temos que dizer, pra não soltar rastilho por aí. Quem roubou as dez vacas foram eles. Não apareceram os couros? Decerto enfiaram no cu. Quem quebrou as máquinas? A mesma coisa. Quem fez sumir documento e rasgou os sofás, tudo, tudo, tudo foram os sem-terra. Depois a gente filma e pronto, tá documentado o vandalismo.

6.17.I. Cachorro virado

Vamos dar um talhito no assunto, que é preciso.

Este Élcio que fala é lindeiro do Seu Gregório, estancieiro forte e maniático coisa séria. Na porteira da estância do velho, já falecido, tinha uma placa onde estava escrito PROIBIDO CAÇAR E PESCAR, como é comum no interior e – bastante incomum, origi-

valha-nos Deus! – disse o português que “nossa maior tragédia é não saber o que fazer com a vida”. Esta noite já não dormimos. Se dormimos, vêm os terríveis pesadelos. Melhor não dormir, porque, se a morte, sorrateira, vem se aproveitar de não sabermos o que fazer com a vida, fazemos como o Vitor Ramil: “Eu sei que a morte eu não mato / Mas deixo toda lanhada”. Queríamos um chá que nos poupasse das partes ruins, tição que nos queimasse os sinais...)

⁸⁰⁹ (o IC está bem dividido a respeito: uns querem uma estátua do Décio Freitas na praça, em bronze eterno; outros, sua pele mesmo, já entrada em anos)

⁸¹⁰ (embora o gaúcho nunca tenha sido muito das coisas de Deus – não confundam gaúchos com índios reduzidos –, hoje em dia se usa muito o nome Dele, se argumenta muito usando o divino perdão, vejam a criatividade no milagre, consubstanciando a fé em razão, a razão em números, os débitos – quando não em novos créditos – em fluidas e, uops!, evolaram-se... nuvens... nada...)

nal, para dizer o mínimo –, em letras vermelhas, PROIBIDA A ENTRADA DE PADRES, NEGROS, PEDERASTAS E SIMPATIZANTES DO PO.

Muito pescou com o Seu Gregório, o Élcio – amigos podiam –, uma vez pegaram um dourado que não coube no freezer, sempre conta a Maria, cozinheira na estância, gente de lá mesmo, filha do Seu Mingote, antigo capataz, tinha devoção pelo patrão.

A mania dela era desvirar cachorro, porque achava que assim salvava da morte o dono da casa. Tinha uma guaipequinha lá que via alguém sentar na varanda e se vinha, faceira, deitar nos pés do vivente de barriga pra cima, esperando um carinho nas mamicas ou do bico das botas no pescoço, até dormia assim, ajeitando a cabecinha malhada ao seu conforto. Se a Maria andava perto, pegava a vassoura e dava um corridão na cadelinha, “Chá pra lá, Xuxa! Chá pra lá, abusada!” No mesmo gesto, passava um pito no Seu Gregório: “O Senhor quer morrer? Ora, onde já se viu!?”

O homem velho divertia-se com os cuidados da Maria, a pobre, acreditava que cachorro de patas pro ar tinha mesmo o poder de matar um.

O caso é que – conta o Élcio – o estancieiro foi encontrado morto na varanda, um ataque cardíaco fulminante decerto, tendo a seu lado, dormindo de roncar, com as patinhas pra cima, apoiadas em sua perna hirta, a Xuxa, bem bela. Quando a Maria veio espantar a cadelinha, seu tratamento preventivo, já era tarde. Nem se trouxesse a ambulância, aqueles tubos e uma junta médica pra gritar em uníssono “Chá pra lá, abusada!”, mudaria o destino do patrão, definitivamente selado.

6.17.1.1. Roberto Carlos

Dizem que o Élcio aumenta, pode ser.

Quando mais jovem, adepto das peladas de sábado com os amigos, apelidaram-no de “Mentira” – ou porque não jogava nada, ou porque tinha, e tem, as pernas curtas, ou, bueno, porque mentia mesmo –, vejam só. Mas hoje, com as têmperas grisalhas de respeitabilidade – sempre pescador, porque vira um vício e mulher não vai –, tornou-se um dos líderes dos ruralistas.

O jornal do Ordálio até publicou um perfil dele na sua página social, na seção Destaque, aquilo de sempre, Livro? Qualquer um do Roberto Shi... Shi... – o outro teve que completar, ora, é obrigado a saber japonês agora?, Personalidade? Meu pai, Ídolo? Jesus, Cantor? Roberto Carlos...

O Élcio é tarado pelo Rei desde os tempos do “calhambeque, bi-bi!” Suas preferidas eram **Jesus Cristo**, claro, e **Emoções**, mas agora o Roberto lançou um outro hino, **Seres humanos**, que ele fez questão de mostrar para os companheiros de vigília, ressaltando a mensagem em favor dos transgênicos, quando ele canta que fizemos “o avião, o telefone, o rádio, a luz elétrica, a televisão, o computador, progressos na engenharia genética...”, marcando também a busca pelo aprimoramento espiritual da espécie,⁸¹¹ característica sua muito do agrado do Élcio, bem clara nos versos “Somos seres humanos / Só queremos a vida mais linda / Não somos perfeitos / Ainda”, até pelos compassos que não preenche com sua voz entre “perfeitos” e “Ainda”, tirando qualquer dúvida de que o Rei acredita

⁸¹¹ (pelo menos no que toca aos ruralistas, nobilíssimo afazer, lembrem que os senhores feudais, condes, duques... sangue azul, em síntese, eram fazendeiros... O castelo aquele, no pampa, não tá ali de brinquito, compreendem? É um símbolo, compreendem?)

que isso será possível um dia, essa lacuna de canto, para quem ouve, funcionando como um estímulo dessa busca e, da parte dele, como uma convicção de que a perfeição num futuro breve será alcançada, entendem?

Todos gostaram da música, adotada mesmo como uma espécie de hino do movimento, ao menos diante daquela invasão.

Imaginem que os comunas da imprensa ficam falando em latifúndio, desastre ambiental e produtividade baixa, bobagens, sem ver o outro lado da coisa, e o Roberto tem a resposta pronta: “Que negócio é esse de que somos culpados / De tudo que há de errado sobre a face da Terra? / Que negócio é esse de que nós não temos / Os devidos cuidados com o mundo em que vivemos? / Fazemos tudo por necessidade / Vivemos em busca da felicidade”.

Toma! Bem nos beijo!⁸¹²

6.17.2. Defendendo a propriedade

“Os comunas da imprensa...” Alberto André, mais de trinta anos à frente da ARI, perguntado se a mídia está mais ligada atualmente ao capital do que à informação, decretou: “Ela sempre esteve ligada ao capital. Isso se dá pela necessidade de manutenção do veículo. A venda avulsa não mantém o jornal. O que mantém é a publicidade e a maior é a do capital. A tendência dos jornais é defender o capital o máximo possível.” José Arbex Jr. completa que, na grande mídia, “só é publicado e divulgado aquilo que interessa ao grande circuito econômico e financeiro”. E, só pra não deixar passar a idéia de que em NH só nos interessamos por chás, alguém, em um debate na TV E⁸¹³ – Schroeder, talvez –, criticou a censura em geral, “na ausência de informação, tudo pode acontecer”, e que deveríamos ser mais críticos, não aceitarmos de braços cruzados o mundo que nos querem jogar nas costas... O Cacalo está sempre vendo a TV E, como alguns de nós.⁸¹⁴)

– E esses santinhos aí, do outro lado da estrada, em campo alheio, não têm nenhuma culpa? Só falta uma dessas encardidas emprenhar e dizer que foi um touro nosso! Quem duvida que até ganhe pensão na justiça!?

O Élcio é bem divertido às vezes. Só o Cacalo é que não acha.

– E assim, tudo tontinha idual. O chefão de vocês lá se derreteu em ládrimas, te a toisa não tava boa pros ruralistas, te o doverno só atrapalhava... Pois sim! A maioria te trabalha e produz é te se prejudita tom essa enrolação. A verdade é essa: pura enrolação pra proteger tem não faz nada e vive de papadaios do Banto do Brasil. Até tantaram o Ouviram do Ipiranda... Pouta verdonha!

– Então tu acha que os índices tão certos?

– Tlaro! Só no Rio Drande deu polêmite. Tu sabe bem te a toisa é ténite. Mas, não, pra nós, tudo é polítita. Polítita e religião, porte andaram até rezando o Pai Nosso na Tâmara.

– Tu nem parece filho do teu pai. Tu não entende que estamos defendendo a propriedade. Não podemos ser covardes diante da situação. A tradição do Rio Grande...

– É de tovardias também, tomo em Porondos, Rio Nedro, Boi Preto... e por aí vai.

⁸¹² (tema controverso no IC)

⁸¹³ (que pobreza!)

⁸¹⁴ (a Lurdinha, não)

- Não mistura as coisas, guri.
- Duri é o teu de retados...

Não sei se notaram, mas sempre que só há homens reunidos degradingolam-se as melhores intenções – quando as há, raro – e o que era para ser um convescote acaba em briga.

Os homens, mesmo os de quem menos se espera, estão sempre prestes a sacar sua Ponto 45 ou sua Glock, ainda mais com o tempo estando esse inferno.

Artur Arão, conta o professor Edson Paniágua, matou quatorze brigadianos por vingança, um a um. Isso nos albores do século XX, mas o fundo não tem nada a ver com datas. No fundo, no fundo, sempre foi e está sendo conforme os caprichos do macho. A mulher demora um pouco se arrumando e o marido já lasca: “É pra hoje ou pra amanhã? Parece que vai pra Europa!”

Como se as mulheres fossem, vejam, umas pamonhas. Ou como se fervessem o caldeirão – de que jeito? –, até hoje os homens repetem coisas como: “A gente pode não saber porque bate na mulher, mas ela deve saber porque apanha!” E todos caem na gaitada.

Estavam exorcizando uma mulher na igreja em frente ao bar Brasil Gaúcho e me entra um mamau, tira o facão e diz “Deixa que eu boto a correr esse diabo!” Claro que a coitada fugiu, como quem está meio-meio e fica bom no susto, é comum isso, mas a igreja teve que se mudar, o bar continua ali. Hum...

6.17.3. *Eu prometo!*

Caem na gaitada porque não é com eles, íamos rir nós, muito, se um desses machões tivesse que dar à luz.⁸¹⁵ Vivem no escuro, no quarto escuro da estupidez, da ignorância, sem janelas, alcova, bem isso, os machões.

Um ex-prefeito foi numa vila tomada pela enchente e discursou: “A água vai baixar, tem que baixar, Deus vai nos ouvir. Eu prometo, vocês vão ver que vai baixar”.⁸¹⁶ Ora, como é que a água não ia baixar? Se havia enchente, é porque ela tinha subido acima do normal. Lógico que um dia voltaria ao normal, mas ele teve a cara de pau de “prometer” isso.

Mulher não fica por aí al pedo como os homens; mulher não pode fazer de conta, tem a casa e os filhos pra cuidar. Mas eles são uns cínicos! Todos esses aí, de quarenta e poucos, cinqüenta, pegavam as *Sétimo Céu* da irmã ou da mãe e iam “fazer um barro” lendo as fotonovelas com a Michella Roc. Eles sabem que sempre tivemos o coração apertado, que sempre sofremos o pão que o diabo amassou e quase sempre por eles, vocês, que nunca mereceram, cínicos!

(O Stalinismo Democrático é bem mais difícil de praticar do que parece. Este texto, por exemplo: obra coletiva. Quem assina? O que importa? O revisor ou o que seja. Mas ninguém, tampouco ele, tem o poder de cortar pensamentos inteiros, pedaços de vida, como quem vai no Alfredo e pede pra ele aparar as pontas do cabelo. O homem, por natureza, é um stalinista, isto é um fato irrefutável; vai tornando-se democrático à medida em que toma contato com outros stalinistas – fanáticos religiosos, militantes de ONGs, líderes de torcida organizada, políticos em geral e quaisquer indivíduos comuns, sem

⁸¹⁵ (há homens e mulheres no Instituto, temos que agüentá-las)

⁸¹⁶ (de novo, isso? Já não cansaram de incomodar o infeliz?)

esse ou aquele carimbo a latir mas com ele latente, pronto para manifestar-se, fazer piquetes, desfaldar bandeiras, adonar-se do controle remoto da TV –, obrigando-se – de modo a conviver para mais tarde ter a quem subjugar – a portar-se como um macaco amestrado. Mas o bigode e o quepe estão ali, em potência, não duvidem. Não duvidem nem quando, de repente, alguém pega da pena e sai a divagar, a fazer cócegas no papel com esta curiosa peça que agasalha as aves – e as faz voar, voar! *meu Deus!, a choramingar de prazer auto-piedoso, e então a escrita deita, como uma lavoura pronta atingida por tormenta, deita, assim, de lado, como chuva oblíqua, num itálico bem brasileiro, sem gestos largos, ao contrário, tristonho, melancólico, e nada se pode fazer quanto a isso, é como um tique que dá em alguns – mais em algumas –, a emoção vai inclinando, derrubando a pessoa no correr do texto e só podemos “ai, meu Deus, lá já vai a letra ficar tortinha, tortinha, como cabeça de beata”, mas é tarde, só matando, paredón. Escreveu Platão: “Só os mortos viram o fim da guerra.” Bonito, não importa o que signifique, inspirador. E nós completamos, com Don Bagayo y Balurdo: “Era uma vez um goleiro pernetá. Mas ele queria jogar, queria participar, e então deixamos que defendesse o gol, a cidadela de nossa mais íntima crença, com suas nodosas, sebentas, carcomidas muletas”. Ai, ai.)*

8.8. Anéis de fumaça

O Sirley, enroscado nos know-hows do seu inglês, canta “Hey! Mr. Tambourine Man, play a song for me / I’m not sleepy and there is no place I’m going to...”

Hey! Mr. Tambourine Man, “não tenho ninguém para encontrar / E a velha rua vazia está morta demais para sonhar...” Hey! Mr. Tambourine Man, “toque uma música para mim... Leve-me em uma viagem sobre seu rodopiante e mágico navio... Então me leve desaparecendo através dos anéis de fumaça da minha mente... Deixe-me esquecer do dia de hoje até amanhã...”

Bob Dylan soando na madrugada de Nova Hereford⁸¹⁷ e ele, como uma baleia de cuecas, escarrapachada na cama feita especialmente para sua bitola pelo Osni, marceneiro de mão cheia e contador de causos – como Dylan –, a janela aberta para o angical do pátio, a lua, as estrelas, o céu de anil noturno, e ele “with all memory and fate driven deep beneath the waves”, mamífero sem mãe, cetáceo entalado irremediavelmente na cama como um inválido, no profundo e escuro poço sem ar de Nova Hereford. Isso que não leu o que disse Cristóvam Buarque sobre a juventude brasileira de hoje, assim:

– Eles não querem construir um novo Brasil, querem um sapato novo; não querem construir um mundo novo, querem ir a uma festa com muito embalo.

Não é um velho com vinte e poucos anos, tampouco um jovem com aquela barriga de fazendeiro, a camionete, os ganhos do arrendamento e, pro causo, os pensamentos taciturnos.

Não gosta de festa nenhuma e sapatos, usa-os apenas, quaisquer em que caibam seus pés congenitamente intumescidos. A Quelem, sim, ainda gosta de sapatos novos – bolsas, vestidos, jeans, tudo o que possa botar comprando, diretamente da sacola da loja para seu corpo, o corpo!, sem a intermediação do roupeiro, aliás, repleto – e de festas, onde as façam, seja com quem for. Nenhum dos dois é pedreiro ou engenheiro para construir coisa alguma;

⁸¹⁷ (tradução de M.M.Gonçalves)

“Brasil”, “mundo novo” são expressões abstratas, que não lhes dizem respeito. Pensam nos limites de Nova Hereford, dos campos que possuem – pedaços do mundo velho, graças a Deus –, do pampa vasto, seus interesses. No mais, tudo é sonho.

Sirley anda lendo, vendo filmes demais, escutando muito Bob Dylan – está virando a cabeça o filho do velho Nunes! –, “Brasil”, “mundo novo”, então, olhando-se aquém do róseo pançudo, o Sirley absconso em seus recônditos, este nutre, de graxa que seja, da memória adiposa de quando o inimigo era seu pai, o asqueroso!, de quando foi jovem um dia e sonhava construir-se firmemente alicerçado sobre uma prancha transatlântica surfando as ondas de Papeete, este nutre abstrações e infla de balões coloridos expressões ainda ontem vazias.

E isto, sonhar, enfim, que isto é, transmutar sua própria imagem no espelho, não o deixa feliz, se é que deveria.

O Cacalo fala, publicamente, em qualquer lugar, “Isto parece Drenal, vocês ou são dremistas ou tolerados, não tersedem tomprender te a toisa é bem mais drave?!” e não sente nenhum embaraço no abrir a todos sua opinião contrária a eles, aos que o ouvem, e parece mesmo surdo ao que diz porque não percebe como o diz, senão, como o faria? Teria coragem?

O Zezinho, um ex-colega de escola, dizia “agaga”, “sagagá”, “agoga”, “caga”, o erre não saía de jeito nenhum, e ainda assim falava – besteiras quase sempre, mas falava –, até no coral se meteu, como se não fosse um doente, um paciente perdido de sua fonoaudióloga cometendo desatinos. Outro, o Elielson, na entrevista pra conseguir o emprego no Frigorífico, inocente como um bebê, disse que queria o emprego, trabalhar bastante “pra ficar rico”. Pode?

– Como é que eu ia empregar este simplório? – lamentava-se o administrador, velho amigo do pai do idiota.

E o Elielson, coitado, achou que tinha ido mal na informática, em cujos rudimentos exigidos era PhD.

8.8.1. Boca torta

Nenhum pensa que o problema está neles,⁸¹⁸ na maneira como intercambiam-se com a realidade. Bem fez o César, o boca torta aquele que trabalhava na Companhia de Eletricidade.

Ora, toda Nova Hereford – que não é nenhuma Nova York – sabe que o César tem esse problema de falar assim como no teatro, pro lado, segredando um comentário maldoso para só a platéia rir e o outro personagem de cena ficar batendo o pezinho, fazendo ouvidos moucos, que é o que manda a rubrica, todo mundo sabe. E sabem também que o Júlio, advogado de porta de cadeia, cafajeste notório, piadista de mau-gosto etcétera, absolutamente não tem a boca torta.

Quando o Júlio foi na seção do César resolver um probleminha simples, no entanto, e começou a falar com a boca torta, o outro achou que estava sendo ridicularizado, que o canalha o estava imitando desavergonhadamente, boca torta de lá, boca torta de cá, tripudiando sobre um problema de saúde com que Deus o marcou e médico nenhum conseguiu resolver, malgrado as duas ou três cirurgias a que se submeteu e os muitos

⁸¹⁸ (em nós)

dólares que teve de trocar. Ficou uma fera e tirou o Júlio do prédio a empurrões, ainda que este protestasse que tivera uma paralisia facial e que isso, pasmem!, fosse verdade.

Bem fez o César porque somos o que somos independentemente do que lutemos contra, quando não há o que fazer.

E os outros não têm o direito de nos jogar a coisa na cara quando todos os minutos de nossa vida sofremos por isso, fala arrevesada – um amigo nosso jamais pronunciou corretamente o nome daquele filme em que as pessoas voavam, **O Tigre e o Dragão**, e não tem problemas de fala, ao menos que se saiba –, boca torta, obesidade mórbida.

(Poderíamos receitar um chazinho de arruda ou beladona, uma compressa de maria-mole... mas preferimos repetir o que todos deveriam saber: não dá pra tomar banho quente e sair pro frio. O choque térmico pode retorcer de tal forma a cara do vivente que ele se arrepende na hora de não ter ouvido os mais velhos. Bem feito!)⁸¹⁹

6.18. Os toitadinhos

No acampamento, a ladainha é a mesma de sempre.

– Se os proprietários não tonfiavam no PO pra medir os índices de produtividade, teriam o estado fora disso e não sei mais o te, e adora? Adora não tonfiam no doverno federal e terem te o estado vistorie? E vocês dizem te o problema é ténito, não é polítito? Tão é usando os ruralistas tomo massa de manobra e vocês tão dostando porte o diabo é o PO, os índices ténitos, a produtividade vão pro lixo, em vez de trabalhar, viraram piteteiros!

– Estamos honrando a tradição de luta do estado e defendendo a nossa classe contra os politiqueiros.

– A luta, te eu saiba, era em tampo aberto, de a tavallo, tom lança seta, não fazendo festa nos torredores e assustando esses toitados. E polititeiros, meu amido, são vocês, te usam uma entidade de tlasse pra fazer oposição ao doverno. Eles são polítitos, eleitos pelo povo e tão fazendo o te prometeram e te a lei manda.

– Sim, por isso nem dão bola pro refinanciamento das nossas dívidas, não é no deles que arde.

– Também, tuatro anos de tarência, vinte anos de prazo e padamento de 40% do devido! Se tudo tuanto é setor tivesse isso, o país tebrava.

– Ah, nem vem! Nos tratam como marginal, não há política agrícola e o governo prefere dar trela aos sem-terra do que nos ouvir. Temos mais é que mostrar nossa força.

– São uns toitadinhos. Venderam vata por mais de sessenta mil na Expointer. As médias nunta foram tão altas. Mardinais são esses pobre-bichos aí – aponta para o negro ajuntamento plástico –, e por isso mesmo precisam ser intluídos na sociedade tomo cidadãos.⁸²⁰

⁸¹⁹ (Notaram?... É isso: às vezes entra o Sirley no meio da conversa – ainda mais agora, que deu pra ler – e se aboleta em uma cadeira, aquele enorme bundão tapando as anotações do nosso grupo, que sempre tem um esquecido que deixa ali, e depois, Seu Longuinho, Seu Longuinho... Sim, porque o bundão do Sirley pode esmagar resmas e resmas de conversa sem que escape nem um ai espremido do papel, nem um único e dolorido traque de aí...)

⁸²⁰ (esse dá até nojo! Nem parece filho de fazendeiro, fica repetindo o disturso, olha aí... o discurso dos outros! – assunto, bom ressaltar, responsável por muitas querelas e alguns dentes quebrados no IC)

6.18.1. Mal paridos

Argentino Luna: *“Me pregunta cómo ando / Y respondo más o menos / Si una manga de langosta / Se há robao hasta los sueños / Gobernando, desgobernán / Porque la justicia es de ellos / Y com nombre y apellido / Sinvergüenzas andan sueltos / Esta manga de ladrones / Que se roba mis impuestos / Mercenarios de mi vida / Jubilaos com privilegio.” E nós, como ele, más o menos... “Por los niños sin cobijo / Por los brazos del obrero / Por el llanto de las madres / Por la paz de los abuelos... Habrá que ganar la vida / Hacer la vida de nuevo / Un puñao de mal paridos / No puede ganarle a un pueblo.” Não pode, não pode, verdade... Ai, ai...*

5.7. Inalalabai

Choveu, esparsamente, 10 milímetros no último mês, quando o normal seriam 140, 150.

O calor é um martírio e já começa a faltar água.

Os ruralistas suam aos borbotões; os lenços – bandeiras – de pescoço logo tornam-se sebosos; as bombachas, como calças de guri mijão, molham do risco da bunda ao entrepernas; as camisas chegam a ficar transparentes de úmidas nos sovacos. A sensação é a de estar-se todo melado, as moscas ficam varejando e a fumaça gordurosa do churras-co cola na pele, como um visco.

Do outro lado do corredor, o lado oposto das potentes camionetes, onde “o escuro confunde-se com o escuro”, uma das tendas pretas de plástico fervente aloja temporariamente – um dia, amanhã?, a Brigada vem e desmancha o acampamento, a brutalidade excessiva, dizem, apoiada pelo papelzinho do juiz – a sem-terra Evânia. *Evânia o nome da próxima, e já a cabeça vai ficando tortinha, a letra... Samuerverderreimhouei aaaprrai, Samuerver scaissarblu, coisa parecida assim, os ailovius do Sirley, inalalabai,⁸²¹ mas Evânia, Evânia não, tudo nela tá aquém do arco-íris, ou então somos nós, devemos ser nós falando pelos cotovelos, aos cotovelaços, enquanto a glote, sempre com a lira afinada, cala – e dizer que poderíamos ir a Roma, talvez Florença! –, a lira, de calar-se, vai ficando chinfrim, incapaz de vibrar seu canto, então somos nós, sorvete demais, cremoso demais. Schlee tem um conto, pela primeira vez a guria experimenta o gelado doce dissolver-se acariciante em sua boca. Choramos. Evânia não. No outro acampamento, no Curuçu, fizeram um fogão de barro, horta... antes vivia do lixo, o marido perdera o cavalo, entraram pro Sepé. Tem quatro filhos com ela, a outra a mãe tomou e disse “meu neto, nunca mais!”, “nunca mais tu vai ver essa criança!”, a desgranida!, porque entrou pro Sepé, porque a guriiazinha era muito pequena, Evânia ficou com pena, as barracas são frias quando faz frio no campo – e “o minuano invade as frinchas”. A outra que veio morreu, picada de cobra, ficaram quatro. No calor elas atacam mais. Mas... vão organizar uma escola agora, a maior parte dos acampados vem da periferia, armam com taquara as barracas, rápido, só quando tem tormenta, aí voa tudo e começam tudo de novo. Tem uma barraca central, maior que as outras, ali fica a coordenação, mas as reuniões não têm lugar fixo. A que expulsou os três sem-respeito foi*

⁸²¹ (M.M.Gonçalves nem sempre está disponível, gerente da Caixa, nem a Fê, às voltas com a firma nova)

ali, quiseram pegar as moças, uma até filha dela, a Etelevina, bêbados, fizeram um bochincho, deveriam ir pro putedo se era isso que queriam, tem gente que espera anos na beira da estrada por um lote, é a vida, tem que agüentar. A guarita, também de taquara e lona preta, acusa quem chega, mas os que já tão dentro, quem vem por trás, a gente nunca espera. Mesmo assim, com guarita e guarda, bem dizer, uns vinte ninjas botaram a correr uns que tavam armando acampamento lá por Uruguaiana. Os banheiros – tudo é de taquara e lona plástica –, têm um buraco que fazem no meio, de um metro mais ou menos, e botam tábuas pra firmar os pés e poderem acocar firmes. Tem um só pra homem e outro pra mulher. O banho, tomam no rio ou em barragem que fique perto, e é com horário fixo, homens e mulheres apartados. Evânia parece cavalo, tem todos os dentes e está sempre mostrando as canjicas, onde morava era o fim do mundo, no meio do lixo, e o marido dava nela. Agora, até parou de beber. Onde ganhar o lote, tá bem, qualquer canto... quer uma vida diferente da sua pros filhos; por isso, quando começam a dar tiros nas barracas, guarda os pequenos na cova que cavou pra eles e fica só rezando, mais tranqüila. Esses gelados machucam a boca ao dissolver-se, cremosos. Choramos... Ai, ai, do outro lado, rimos...

1.28. Vago

E o Otacílio, hein?!

Enquanto a peonada divide-se entre defender os interesses do patrão ou os do Movimento, fica em cima do muro, com essa coisa do dia 20.

Nem os mais tradicionalistas de Nova Hereford, aqueles que não tiram a bombacha pra nada,⁸²² nem estes estão muito entusiasmados com a comemoração farroupilha, todos, de uma ou outra maneira, implicados na “questão Sepé”, como dizem, que é “de vida (nossa) ou morte (deles)”, segundo brincam os mais simplórios.

“Apolítico” é o que Otacílio, sem saber, é; ou seja, nada.

Ninguém, por mais que queira fugir do assunto, consegue esta proeza. Mas Otacílio respira, locomove-se de um lugar para outro no mundo, vivendo, e ninguém de carne e osso, só porque ele existe, poderia ocupar – mesmo dividir com ele, na amizade – o mesmo lugar no espaço que, por estar vago, por sua exclusiva ação ou inação, deixa de estar. Não sei se percebem, mas isto é alta filosofia.

Transitamos por Aristóteles, nada mais, nada menos... e, já, já, por Platão, Sócrates, Céfalo...

Imaginem que estavam conversando, Sócrates, Polemarco e Céfalo quando este último diz:

- Deixo-vos com este assunto, visto que preciso ir terminar o sacrifício.
- Assim, no mais, sem vaselina?
- É. Ia ceifar uma vida... de bicho, provavelmente, mas uma vida, e nem-te-ligo, como se fosse mijar.
- Que tempos... E a gente reclamando.

⁸²² (pra nada, a bragueta é de botão e ancha... se a coisa se pára complicada, tiram uma manga das calças e deu, pois é um rincãozinho aquilo da mulher, concha maternal, mãos de convergir, ajudar, não tem como espirrar o taco... Um homem sem bombacha fica só de cueca e, por aqui, muitos tão devendo até as cuecas, vai que já a tenham penhorado... e o respeito?)

- Aos deuses...
- Ah, bom...
- ...

Antes de retirar-se, o velho declarara que tinha “as riquezas em grande apreço, não para todos, mas somente para aqueles homens moderados e cautelosos”.⁸²³ Vejam que – Platão não o menciona –, disse o disparate sem sequer corar as bochechas. E chamava-se Céfalo. Já pensaram se atendessem por Tripa Gorda, que é o apelido de um leiteiro aqui do Capivari? Nem é bom pensar.

1.28.I. Pouco importante

Mas a pouca vergonha continua com Polemarco, a quem Sócrates encurrála sadicamente em um canto do raciocínio impróprio para menores, relativamente incapazes e pederastas (porque estes capaz que gostem):

- Logo, a justiça só é útil quando o dinheiro for inútil?

O raposão perguntava daquele jeito de quem já sabe a resposta, mais ou menos se a justiça só cabia quando a prata não resolvia. E Polemarco:

- Creio que sim.

Ora, aí é que Sócrates deita e rola, que então “a justiça é inútil quando nos servimos dela e útil quando não nos servimos?” E o outro: “Penso que sim.” E Sócrates:

– Logo, meu amigo, a justiça é muito pouco importante, se ela se aplica somente a coisas inúteis.

Porque, gurizada, vejam, para as coisas úteis, já existe o dinheiro, não é assim até hoje? ...Mas Polemarco ficou zonzó de vez:

– Não sei mais o que eu dizia. No entanto, continuo afirmando que a justiça se resume em ser útil aos amigos e prejudicial aos inimigos.

Com isto muitos mistérios ficam explicados. Por exemplo: por que quando um jogador de futebol famoso ou um cantor de pagode famoso atropela alguém e foge do local nada acontece com eles... que é porque, agora o sabemos, não é caso para justiça, mas para prata, e, muito importante, a justiça é amiga – mas amigona mesmo, de segredarem no vaso – de quem a tem, prata, de modo que só intercede quando o caso é de muito pouca monta, roubo de galinha, descuidismo, prostituição infantil...

1.28.I.I. Darwin tem razão

Mas a justiça, não caíam nessa, não é cega.

A venda é só pra aguçar o tato, pra poder distingüir no escuro – onde o sol não entre porque é noite, onde luz não se acenda pra não acordar quem dorme, e não se fale, e se ande pé por pé, sem sapato... – o que é patacão do que é ficha de telefone.

Então, todo mundo sabe que o homem é um animal político.

⁸²³ (os ruralistas pensam, bem dizer, o mesmo; não querem saber de alastrar as riquezas, os novos ricos, forçosamente, por uma questão que é de dividir, não de somar, os tornariam – aos ricos antigos – menos ricos e isso é inadmissível, direito adquirido – ainda que por herança, doação ou grilagem – é intocável!)

Otacílio ficar espalhando por aí que é apolítico – e não anda, nem sabe o que é isso, mas ad argumentun, compreende?⁸²⁴ – não fica bem, porque, vejam, seria como declarar-se fresco ou, dá no mesmo, menoscar-se enquanto animal, pois, nisso Darwin⁸²⁵ tem razão, o homem – “na enésima potência”,⁸²⁶ o gaúcho –, é um bruto animal, e se veio do bugio,⁸²⁷ como o gringo diz, então o gorila pode muito bem ser cria do homem – do gaúcho, forte daquele jeito! –, as idas e vindas dos antepassados pra África decerto resultaram buenas.

Esses dias ainda roubaram umas folhinhas de zinco da Noeli, a coitada tinha saído pra trabalhar e o vizinho, menina!, entrou lá e levou as latas pra casa da mãe, na outra vila, de carroça. A Noeli deu parte, deu até nome e endereço do sem-vergonha, pois era vizinho, che!, e adiantou? Trabalhando de doméstica, ganhando o que mal dá pras bocas da filha e dela, a filha também saindo cedo, pra estudar, a Noeli quer que ela seja rica, “médica, adevogada, professora... rica, tem que ser rica”, tu acha que a polícia ia se mexer? Ficou tudo assim assim, deu em nada. Engraçado – modo de dizer, ninguém aqui acha graça da desgraça dos outros – que, no mesmo dia, roubaram um depósito desses de agrotóxico e, quando o dono foi lá na delegacia contar, o delegado é que contou pra ele toda a história, já tinha até prendido os ladrões.

Que coisa.

A polícia – longa mão da justiça, pro causo – só se mexe se hay plata, o que é uma injustiça, vejam, bicéfala, ora cumprindo-se, quando inútil, bem dizer – o que são uns tonéis de veneno pra um comércio grande como é esse de insumos e implementos agropecuários no pampa? –, ora se fazendo de morta. E Céfalo foi terminar seu sacrifício... aos deuses. Vai ver que dá certo.

Agora, em São Leopoldo, os ratos tiraram os pedaços de um bebê, como aquele da amiga da Tunica... os ratos tomando conta de tudo, aqueles infernizando a noite de Naziazeno, já mencionamos, lembram?, proliferaram-se de um jeito que, bá!... as baratas, também... a sem-vergonhice...

É uma pouca vergonha, mas um vivente chega e nem tira mais o chapéu pra dar adeus pra gente. E o das latas, aquele, não é que roubaram a égua que puxava a carroça, que era, no ordinário, o ganha-pão dele, carregando areia pra construção, fazendo fretes quaisquer... e agora, o próximo não tem nem com que trabalhar, quanto mais roubar, que é coisa pra cavalo bom, carroça de pneu de auto, não aquelas que, quando é pra picar a mula, preferem esperar os outros saírem de casa e, bueno... coisa séria.

A Noeli é que não ficou “nem um pouco!” com pena.

⁸²⁴ (o Dr. Vazulmiro às vezes exagera... pensa que a gente é burro?)

⁸²⁵ (uma nova teoria se nos é apresentada pela Janeth, aquela metidinha filha do Doutor Afrânio. Ela diz que Darwin reduzia a sobrevivência a uma competição entre as espécies, extinguindo-se as flaquitas, mas não é bem assim: “Kropótkin provou que nem sempre vigora a seleção natural, mas a solidariedade”. Isto é – se bem entendemos –, duas espécies meio mais ou menos se juntam e formam uma associação forte, capaz de enfrentar os mais fortes, então mais fracos porque sozinhos. Ora, isso muda muita coisa. Talvez devêssemos convocar esse Senhor para acompanhar Darwin na Sessão Especial da Câmara e fazer os dois debaterem, se for o caso.)

⁸²⁶ (mas quem diz isso, este sim, é fresco, o fresco de merda!, e aqui neste volume pedagógico o nome do traste não entra...)

⁸²⁷ (apenas uma hipótese, ad argumentun...)

1.28.2. *Pega no pau e beija na pomba*

Um velhote feioso, de óculos, disse de-já-hoje, na televisão que, se o operariado havia se incorporado no pós-guerra enquanto classe no bolo da sociedade, agora, com a globalização, essa nova classe, já não tão nova, mas, enfim, ao que interessa: eles – nós, pro causo – estão sendo pulverizados; 60% dos trabalhadores do país estão na informalidade, e os outros perdendo direitos, conquistas – doações, que aqui tudo foi dado, das sesmarias à CLT –, enfim... Isso não é aula de história, quem somos nós?!, ou de velhacaria, nisto, sim, somos doutores no que aprendemos dos apoderados... Isto é um volume pedagógico.

Pedagógico. Exemplo: uma mãe teve que ensinar a guisa da filha a homenagear a Bandeira do Divino. Na frente de todo mundo, gritou com ela:

– Mas tu é bem burra. Pega no pau e beija na pomba, burra!

A gurria encabulou. Todo mundo riu, gente sotreta.

E o Otacílio, hein?! Riu?

Se ficou quieto é que tava do lado da gurria, se riu é igual aos outros, um baita filha-da-puta.

Sim, só que Otacílio sempre fica quieto, então, de lado nenhum é que tava... Como de fato, não. Otacílio, no exato momento, tomava um café preto engrossado com farinha coisa mais boa na casa do Vica, outro que não sabemos como não tá todo quebrado, equilibrando-se a vida inteira em cima de um muro imaginário, cada vez mais pobre: uns pensam que ele é uma coisa e não lhe dão changa, outros não lhe dão changa porque pensam que ele é o contrário. Coitado.

Acontece que não adianta ficar se empanturrando só pra adiar seu encontro com o patrão. Tem é que dar um jeito na coisa, enfrentar o lobo nos olhos antes, pra que a fera, despojada da força emudecedora da iniciativa,⁸²⁸ deixe que diga as palavras... quais?...

Difícil para um analfabeto, as palavras.

Johann Christian Günther escreveu:⁸²⁹ “Dizem que uma mulher e um livro / Podem nos dar a mesma alegria; / Mas quem haverá de achar prazer, / Em se deitar sobre um livro todo dia?”

Eis aí, vejam, uma das principais razões do alto índice de analfabetismo no pampa. Não que o carnal do livro, se o volume alentado e o papel pólen soft, não sirva de, pro causo, égua, prum gaúcho guacho, mas, que sim que isso não resolve o problema das palavras... quais?...

⁸²⁸ (no tempo do epa, as pessoas acreditavam que era o lobo olhar pra gente e a gente ficava muda. Então, espertos, arregalavam os olhos e ficavam zarolhando pra tudo quanto é lado, vá que um lobo os achasse, assim achavam o lobo antes e não perdiam a fala como acontece com Otacílio diante do Seu Valentim. Mas isso era quando Platão escreveu **A República**, a gente copia só pra que, em sala de aula, alguém levante o dedo e pergunte: “Tia. Quem é esse Platão?” E a tia: “Ah, Platão... Vou pesquisar e amanhã te digo.”)

⁸²⁹ (tradução de Marcelo Backes, da já referida – há centenas de páginas – Linha Paca Norte... em a **Arte do Combate**, vejam!)

5.8. Não dá mais, não dá mais

Adílson entrou pro Movimento porque não dava mais.

Esquilador em uma máquina de seis tesouras, os rebanhos foram diminuindo e o homem aposentou o negócio. Eram uma pacotia de homens, quatorze fora o dono. Seis tosadores – Adílson era um –, dois levantadores, um agarrador, um atador, um mecânico afiador, um cozinheiro, um embolsador e o guri de atirar o véu. O agarrador também descascarreia e o embolsador cozinha, ou cozinjava, que não hay más disso.

Uma de seis tesouras, pra valer a pena, tinha que tosar de vinte e cinco a trinta mil ovelhas nas redondezas. Cada homem tosava, no mínimo, cem, o Adílson cento e vinte, por aí, uma vez alcançou as cento e quarenta, lonqueadito no más, porque tinha outro compromisso no dia seguinte. O levantador, que paga a lata, botou a ficha no copinho e tocou no ombro dele, “deu, Dilso”. Foi um alívio embrulhado com orgulho e as dores todas, na mão e, Deus te livre!, nos quartos. Mas a máquina ajudou, era uma Lister com quadro de madeira, e as tesouras, Cooper. Se fosse a martelo, um dia era pouco pra metade do que conseguiu, contava no máximo uma sessenta fichas.

Quando os mocinhos vêm um velho caminhar meio de perna aberta, as cadeiras duras e o torso angulado pra frente – a bunda lá atrás –, se equilibrando como, assim, um sinal de maior, é batata, a matemática não erra: foi esquilador.

De menor deveria ser o sinal, pois ganhou o que com isso?, podem pensar alguns, mas estão errados. Primeiro, que um homem de menor não pára em pé, e outra: viver, no pampa, marca – a ferro e fogo, como diria Josué Guimarães, e o sentiu Catarina, o marido entocado naquele poço, a vida inteira tremendo, gringo, logo se vê –, desanca, daí o andar saracoteado de muitos, mas o corincho vai firme, inquebrantável, porque não é um ciático ou uma vértebra qualquer, está no cerne do homem, na alma, no espírito, no pensamento, o que seja, fora do alcance deletério desses apequenamentos de hoje em dia.

Adílson, locomovendo-se meio que sentado em banqueta invisível, entrou no Sepé por isso, para manter empertigada a esperança, a idéia atávica do guerreiro pampeano.

Quando, do outro lado do corredor, a fazendeira setentona se agarrou no brigadiano, pensava o mesmo.

5.8.1. Bolsa Victor Hugo

O praça não obedeceu uma ordem sua – “prende aquela sem-vergonha, olha lá, provocando” –, porque não podia prender ninguém apenas porque pulara a cerca para o corredor e logo voltara, talvez com um brinquedinho do filho ou um maço de alguma erva, e, depois, né, só recebia ordens de seus superiores hierárquicos, no caso, do Sargento Garcia, sempre entretido com um osso de costela gorda.

A ruralista, talvez com inveja dos fazendeiros guatemaltecos que, com a permissão de Ubico, nos anos quarenta, e de Montenegro, nos sessenta, podiam matar por decreto – conta-o Galeano –, toda posuda, a voz rouca, decerto de andar sempre aos gritos com os outros e fumar sem dar trégua aos pulmões seus e alheios, baixota, mas – coisa interessante essas ilusões socióticas, se é que o nome é esse – olhando de cima pra baixo o brigadiano, com o pito numa mão e a bolsa Victor Hugo na outra, agarrando meio pelo cogote o coitado, seu isso, seu aquilo, e a etiqueta, o VH de metal que encarece a bolseta pra uns

quinhentos cruzeiros ou mais, prendendo no botão da farda dele, acoquinado, enredado por aquele bafo, a bolsa, as mãos azuis da mulher, os vitupérios contra “essa chimangada imprestável” – maragata aludindo a Castilhos, o, pro causo, pai da nossa mui valorosa Brigada Militar? –, contra “essa gentinha desprezível” – gente como Adílson, todo chueco de tosar pilas e pilas pra gente como ela e restar com nada de seu, descadeirado? –, e, depois, sobrando para os ruralistas, que tinha descoberto finalmente “o que fazer da vida”.

O que seria? Não era de coração então que afirmava-se no rádio “da paz no campo”? Da paz, enfim? O brigadiano, salvo por um colega das garras da furibunda fazendeira – mais de quarenta quadras e um rebanho merino de dar inveja aos australianos –, perguntava “tu viu?”, “tu viu só?” Claro que sim, imagina, por isso foi prestar-lhe socorro:

– Mas não esquenta, que esta loca é a mesma que ficava atacando os autos e dando aqueles pedacinhos de papel lá na praça. Loca, quem não parava ela xingava, não esquenta.

A senhora ainda tinha um mau costume que a ciscama não conhecia, mas rendia boas gargalhadas entre seus pares (em sua ausência, há coisas – das melhores da vida – que só se faz escondido): vira e mexe se soltava de lombo, timpanismo crônico, pro causo, aquele peido que – os cronistas sociais são unânimes – “não fica nada bem em uma pessoa da sua condição”.

Quando alguém ousava censurá-la, ela dava de ombros, como fez com o Evódio:

– O que não presta se bota pra fora, que é o que tu devia fazer com a tua mulher.⁸³⁰

O mau costume da velha,⁸³¹ em todo caso – a explicação não a absolve, o cheiro é de bicho podre, mas ajuda a entender o funcionamento de seu organismo –, é de família. Um tio seu, nos anos cinqüenta, na véspera do casamento, em jantar na casa da família da noiva, deixara escapar um traque troante de entupir nariz. Pediu licença ante os comensais atônitos e, vexado, foi até o banheiro, onde matou-se com um tiro na boca. Deus! “Bota gaucho flocho!”

4.21. O fim da linha

No bar Flor e Truco a vida continuava indo, as moscas voejando entre o balcão e as mesas atrás de um resto gorduroso, marca doce de fundo de garrafa, pele suarenta onde sentar. Aparício – “não aperta, Aparício, não aperta / não aperta, Aparício, não aperta / não aperta, Aparício, não aperta / que essa história vai ser descoberta” – conta da última vez em que botara os pés em Porto Alegre, há uns quarenta e tantos anos:

– ...eu tinha vinte e dois. Levemo uns frango daqui pro Seu Antoninho. De carona num desses caminhão de transporte. Fiquemo em Viamão. E me encarregaram de levar um frango pro Seu Agenor, que morava perto da tal Redenção em cima dum armazém assim, assim, bueno, tá. O caso é que me fui. Não sei lê, né, andei toda a manhã com o galo no colo, só a cabeça pra fora, o jornal todo cagado. O ônibus fazia a volta, eu não achava a

⁸³⁰ (A mulher do Evódio, bueno, como é que vamos explicar sem faltar com o respeito ao amigo?... Vá que seja. Repitamos as sábias palavras de Martínez Estrada: “De la vaca dimanan casi todos nuestros bienes y nuestros males”.)

⁸³¹ (“Me gusta cuando callas porque estás como ausente...” – ah, Neruda!)

parada e seguia. O homem avisava “chegou o fim da linha”. Mas... Senhor!... Eu descia e pegava outro ônibus. Pra isso eu sabia que o bolicho era na minha direita e ia procurando. Mas quando fazia a volta, ficava pra cá, pro outro lado. E eu não atinava. Lá nas cansada enxerguei um meio parecido com o que me historiaram e apeei. Pra quê!? Era mesmo. Cheguei lá e fizeram o tal comício com o tal galo e a cagança.⁸³²

– Hoje, tá muito deferente. Esses tempo até degolaram de foice um brigadiano. Meu genro, aquele branquelo que às vez dá as cara por aqui, casado com a Rosaura, pai dos meu neto, a outra não dá jeito de emprenhá, pois o meu genro era conhecido do falecido e disse que a coisa anda braba. Esses vagabundo não respeitam é nada.

– É, Aparício. Se fosse hoje tu só chegava no bolicho com o jornal cagado, te tomavam o frango. Já pensou?

Risadas de homens velhos – cacarejos que viram tosse pigarrenta, pedras rebojando em porongo –, as moscas espantadiças levantam vôo, sarandeiavam entre as espirais de fumaça buscando o alto do forro engraxado. Vivem só para comer e procriar como aquelas tribos primitivas lá da África, peregrinando na selva seca atrás de comida o dia todo, a vida toda, só que úmida, melada, mas o calorão o mesmo, o instinto o mesmo.

O Professor Palacios quer que discutamos a seguinte questão: e nós, não? Emenda que, na África, “ao menos eles têm árvores de até cinco mil anos, os baobás, uma vaga idéia do infinito, e nós?” Não alcançamos a relação cu-calças e o Professor, sanguíneo: “E nós, vivemos apenas para comer e procriar?” Respeitamos o Professor que até safena andou botando, mas nós, afinal, trabalhamos e o trabalho enobrece o homem, não é novidade. “O trabalho só enriquece o patrão”, diz ele e vai saindo. Temos que fazer alguma coisa, tomar alguma providência administrativa, quem é que agüenta o gênio desse próximo?! Uma vez, nas suas caminhadas arrabaleras, viu de longe – ali no Muciço – uma roseira branca florescendo nos matos do rio. Apressou o passo, atolando-se, e deu com um espinilho enfeitado de papéis e sacos plásticos, árvore de Natal daquelas que a enchente deixa armada quando baixa, enfeitando a desolação. Chegou em casa chorando. Está esgotado. A família tem que internar o homem antes que acabe se enforcando como esses outros; virou epidemia isso. Em vez de ficar mais macio com a idade... Se bem que os suicidas quase sempre são devedores sem pila pra honrar o compromisso, preferem matar-se à vergonha da cadeia. Em todo caso, como bem disse Wenefledo de Toledo:

– Não só o homem vive da constante permuta do ar que respira. Os animais e as plantas são também alimentados pelos fluidos etéricos. Recebem e dão na troca recíproca da vida, servindo a Deus no seio da fraternidade.

Ou seja: isso pega. Todo cuidado é pouco.

4.21.1. Um chuchuzinho

– O Rengo não tem aparecido? – pergunta o Basílio pro Valduílsson. O Rengo é um homem da Lagoa Branca que perdeu três dedos em uma briga de facão, só ficou com os dois da pinça, daí o apelido.

⁸³² (transcrição de gravador, *ipsis litteris*, homenagem ao Aparício, que morreu de repente. Já vem um “deferente” por aí, e mais. “Como, de repente?”, pergunta a professora Deolinda. “Assim, tava vivo e, de repente... não.”)

- Bá. Faz tempo que não vejo esse próximo.
- Não sei se tá se fazendo de pastel ou de galinha morta pra não andar de camioneta.
- Te cristiou?
- Bota lambança, aquelas cordas dele, em cima do desfile. Vou fazer que nem os fazendeiros. Não posso pagar bandido, mas vou arrumar uns gansos lá pra casa, uns quero-queros, um desses guaipecas barulhentos, só pra dar o alarma quando ele aparecer.
- Mas, te devendo, não vai aparecer. Toma uma cerveja e entrega pra Deus.
- Não, não, cerveja me repuna. Me dá um liso mesmo.

Se o Rengo é meio aspa torta, o Basílio é daqueles que ficam buzina por qualquer me dá cá aquela palha. Pois não andava de camote com a Sensata e desfez até o noivado, com data e tudo marcada, só porque ela deu “ó” pro primo na frente dele. “Mas é meu primo”, desculpava-se a guria. “Pior”, respondia ele, “e na minha frente”. Decerto preferia que fosse por trás, o abombado. Guampudo por trás, pode? “Bem capaz!”, o homem se apotraria ao ouvir tal lógica. Mas, vejam, se um “ó” na frente é feio, não pode, nas costas qualquer “uh! uh! uh! mais! mais!” pode – ele não vai saber mesmo –, e bem sem lindo deviam ser esses por trás da Sensata, um chuchuzinho daqueles.

Quem sabe ainda casam?! Se Deus Nosso Senhor quiser, a gente levanta essa penca porque, vamos e venhamos, agüentar o Basílio de maus bofes é brabo. Depois de dois lisos, ele é capaz de prender fogo. Pois não cortou o Vilso só porque ele disse que tava com pontada nas costas e o Vilso perguntou se respondia no peito, e ele, “é”, e o Vilso, gracioso, “ainda bem que teu peito não tá surdo”, não cortou? Se até filosófico foi o Vilso, pro causo...

Se bem que, todo mundo sabe, Deus não anda muito conforme com as coisas em NH – nunca andou, na verdade, a merda é a mesma (e não passou na Câmara o incentivo pecuniário para a instalação da fábrica de perfumes, já pensaram?!, povo de pouca visão... e olfato) –, agora enfrentamos uma seca braba, o tempo vem se armando, se enfarruscando e a chuva passa, não deixa um puto pingo pra nós, mas há menos de um ano enfrentamos a maior enchente das últimas décadas. O prefeito teve que ir visitar os desabrigados, alojados – como reis, diga-se – nas baías do Parque de Exposições, juntar o pessoal em torno de uma mesa que arranjaram pra ele subir e lançar mão do gogó, sua grande arma eleitoral. Discursou:

– O rio trançou o pé e não quer saber de recuar. Mas, minha gente boa, ele vai recuar. O rio, eu prometo pra vocês por esse sol que me alumia, tem que baixar e vai baixar, ele vai baixar porque estamos orando e ele vai baixar e ficar quietinho lá no leito dele, que é o lugar dele, podem acreditar em mim. Eu já menti pra vocês?⁸³³

Ora, o desgranido sem-vergonha! É claro que um dia o rio ia voltar ao normal, as enchentes não são eternas. Por isso Deus dá uma olhada de soslaio cá pra nós e, vupt!, nem-te-ligo, vira a cara: dívidas antigas, muito o que pagar.

4.2.1.2. *Caolhal Caolhal*

Muito o que pagar.

A igreja, por exemplo. Quem a fez, sua primeira torre, foi Angiolo Raffaele Mittidieri, à mão, com suas mãos de artista e cristão – e uma pazinha, que um padreco qualquer deu

⁸³³ (cada um que conta aumenta alguma coisa... agora já é em cima de uma mesa, imagina, falta de respeito!)

sumiço nela –, grande mágoa do Tio Lelo – tio do André –, porque o avô quase morreu de tanto trabalhar e consta nos anais – anais, isso sim! – que o Frei Cirilo de La Cruz foi o construtor da igreja.

Só por que era religioso?

A mesma coisa com o escultor Adolfo Fernández Crespo, que lutara na milícia de Aparício Saraiva em 1904;⁸³⁴ que estivera em Masoler e ajudara a carregar o chefe ferido até a segurança da estância brasileira, onde veio, mala suerte, a falecer; que exilara-se em Concórdia, para fugir das represálias coloradas, e posteriormente se instalara em NH, nas primeiras décadas do século XX, escultor de fina sensibilidade, onde passou a entalhar altares, portas senhoriais e – mala, mala suerte! –, na maturidade, caixões artesanais para seus amigos repousarem o sono dos justos, ele mesmo injustamente empobrecido e os anais – anais! la gran puta! – calando a seu respeito, as portas ainda estampando sua arte, injustiça!

Su hija menor, Fani, talvez por pintar ela mesma – naturezas vivazes –, não se conforma.

Um dia comprava no supermercado quando ouviu insistentemente “Caolha! Caolha!”, uma mulher gritando em sua direção. Ela olhou em torno pra ver se alguma vesga surda estava por perto, mas, não, a outra, provavelmente, louca, dirigia-se a ela.

– Eu? – perguntou. E a mulher:

– Claro! Tu era a única da aula que usava óculos.

Imagem! A coitada estava mesmo “fora da casinha”, como diz o outro, e nem era tão velha. Mostrou uma foto de criança e perguntou:

– Adivinha quem é? – ...Como saber?

– Que bonitinho, não estou reconhecendo – a outra,

– Não te faz de louca, capaz que tu não vai conhecer. Não lembra do Laurry, aquele que foi Promotor? Vai dizer que tu não sabe?

Fani resolveu aceder porque, afinal, estava com pressa, quase na hora do café da tarde de todos os dias com as irmãs Irma e Marieta:

– Claro. Que coisa. Não mudou nada.

E assim deixou a outra contente e pôde despedir-se, mas, penalizada, bem a Fani, arriscou uma última delicadeza: viu que a ex-colega usava uma pulseira expansiva e mentiu:

– Que lindo!

E perguntou, pegando um dos pingentes:

– O que é isso?

A outra:

– Chouriço!

Ôpa! Quase perdemos o fio, esperem um pouquinho.. obrigado, aqui está, merda!, escapou... peguei, aqui está, pronto, e eis o fio da meada: toma Terezinha, e anda com esse tricô que o inverno, ano que vem, tem de novo.

Falemos de Sensata.

⁸³⁴ (repetimos porque o conhecemos, o velho Crespo, um número! E, porque gostou da terra quando trouxe Aparício, pra cá voltou, trabalhou, pescou, divertiu-se a valer, viveu... e, finalmente – porque Deus quer assim, não tem jeito de mudar isso nele, birrento! –, faleceu.)

3.II. Hombres rudos

Falemos, pois, de Sensata, a ex do Basilício.

Sensata, como Severa, topou na vida con un hombre rudo.

A Severa Villafañe nos referimos, vitimada pela “pasión insensata” – na expressão de Salvador de la Colina, chovendo no molhado, em NH como em qualquer lugar todas as paixões são insensatas – de Facundo Quiroga quando deixou os campos da família em Chumbicha e refugiou-se no Convento del Huerto de Catamarca, onde “el terrible caudillo” a achou e a golpeou, derrubando-a:

– A Severa la cabeza le sangraba, quedó en el piso como muerta y nunca más se recuperó, murió al poco tiempo – contou ao pai de Gloria de Villafañe su abuela, Cándida Rosa de Villafañe y Ocampo.

E assim foi. Sarmiento, no entanto, perro sarmento, detrator dos gauchos, reclamava que, à América, le ha faltado “un Tocqueville”. Pra quê? Sábio era Lucas, 5, 4, quando reza que a divina providência nos “conceda sempre os dons do deserto: silêncio, confiança e água pura”.

Facundo os tinha, os dons, templado nos confins de La Rioja.

Matou Severa – se é que a matou –; onze proeminentes de sua cidade natal, certa vez; de outra, vinte e sete prisioneiros de la batalla de Rodeo de Chacón, e por aí vai e se espicha seu rastro de sangue. Ainda assim, terá matado mais do que o General Paz, que, em Córdoba fez los federales contarem dois mil e quinhentos cadáveres produzidos – em escala – por sua política de “sosegamiento” das serras, Paz, el bondanoso? Mais do que Rosas no limpar o pampa de seus donos, o índio, o – sinvergüenza! – gaucho? Ele, o gaucho, que “anda siempre juyendo, / siempre pobre y perseguido. / No tiene cueva ni nido”, como canta Fierro, quejoso de Sarmiento y su gobierno liberal?

Por isso el Petiso Orejudo, que começara matando aos nove anos, tendo sido preso aos dezesseis, com já quatro no currículo “y ocho lastimados”, sempre crianças, respondeu aos doutores que queriam saber o que pensava de seu comportamento:

– No soy el único; otros también lo hacen.

Vejam que a “nobreza de caráter” de Tocqueville não fez nenhuma falta, que por aqui homens exemplares exemplificaram bem como são as coisas do mundo no mundo sem frescuras do aberto.

3.II.I. El Petiso Orejudo

Sensata, como queríamos demonstrar, não deveria dar “ó” para seu primo na frente de Basilício. Se tem fumaça, há fogo.

Por exemplo: Fiore Godino, el Petiso Orejudo, além de matar niños, também gostava de incendiar casas, só para “ver trabajar a los bomberos”, e “corría a ver los incendios y les daba una mano a los bomberos”, para estar perto, porque, dizia ele, “es lindo cuando caen en el fuego”. Mas roubar, não roubava. Incendiava e matava, mas roubar... No cárcere, preferia a solidão:

– Yo no trato con esa gente, son todos ladrones...

Para Basilício era o mesmo, com o agravante de que, ao sorrir seu “ó” para o primo, Sensata – dando sota e basto assim, agora as gurias inventaram de, no meio da conversa,

arregalar os olhos e “oi?”,⁸³⁵ mas, tavam pensando em quê quando a gente falava?, só pode ser bobagem, “ó!”, “oi?”, que negócio é esse?, quando as galinhas ficam conversando é porque tem gato no galinheiro, Basilício sabe – desonrava seu nome e como que, na sua frente, deixava-se roubar, roubava-lhe, dele para dar ao primo, ela, para dar-se. Não há como perdoar, não adianta.

E o Rengo que se cuide, que a volta sempre vem.

De desdedado, pode quedar-se rengo mesmo, cheqüeta, o bobalhão.

A professora Belmira, de piano – ensinou todas as últimas três ou quatro gerações de mocinhas de NH a tornarem-se prendadas até o debut, porque depois, como diz o marido artrítico, “bagacereiam e viram umas putas se agarrando nos bancos da praça, não há quem ataque”, absurdo que ela ouve com a mão na boca, “ai, que absurdo, pai, não repete isso, por Deus” –, participante de nosso Instituto, não está gostando nada, nada do rumo da nossa história – “porque neste ritmo...” –, esse negócio de estarmos em volta de um fogo de chão – “não vejo nada disso, só se estiver escondido embaixo do parquê” –, de lidarmos com essa chama que, gaucha, nunca se apaga – “não vejo nada disso, o forro não tem nenhum sinal de picumã” – e conta-nos, por seu turno, uma história para figurar a nossa (antes, que coisa!, Belmira fala do forro, do piso... e é musicista! Não deveria preocupar-se com o ar entre, o vazio onde se vive? Culpa da concretude brutal do marido artrítico? Então, por que não se cala? Fosse arquiteta, ou escultora, artista de bens palpáveis, mas, musicista... Temos mais o que fazer):

– Tem um pianista russo de cabelo encaracolado escovado para cima que já com um ano e seis meses cantava Bethoven com a mãe, aos três compunha peças curtas, aos seis freqüentava uma escola de música para superdotados, aos dezessete apresenta-se como solista para o grande público, tendo como regente Karajan, tocando com a Filarmônica de Berlim, imagina!, e, ainda hoje, deve ter uns quarenta anos, sempre é acompanhado pela mãe, sua única professora.

(Fresco?)

Belmira viu um concerto dele na TV, tem dedos aveludados, como se muitas aranhas brancas deslizassem pelas teclas quando toca, os cabelos como nuvens negras vergastadas pelo vento proceloso e o Karajan, como um Netuno – um Plutão –, regendo a tempestade, a orquestra, elétrica, navio à deriva, movendo-se, o coração batendo forte, parecia um daqueles barcos antigos a remo, dezenas de braços escravos enfrentando o imponderável e o vencendo ao construí-lo, de sons apenas, todos erguendo alto, e bravas, as ondas e, delas, monstros marinhos sob o céu furioso para, de repente, o nada, palmas educadas em um seguro e confortável teatro, um teatro, nada, e o rapaz com seus impressionantes cabelos de demente, a fazer mesuras, indo e vindo para o palco para mais mesuras e mais palmas, de música, nada.

– Uma fuga tresloucada – sem volta, sem sentido, diz ela.

⁸³⁵ (de novo isso de novo, parece idéia fixa! Cada um quer despejar o seu tanto... não há violin que chegue.)

3.II.2. Os rumos

A professora Belmira odeia cabeludos como a qualquer excesso,⁸³⁶ acha que a música é toda ouvidos e, dos ouvidos, aí sim, pra dentro, na alcova da alma, tudo se pode. Não é caso para chás – quieta Henriqueta! – ou psicanalistas, Hernández explica: “Cuando el indio es más salvaje / trata pior a la mujer”.

Mas Belmira não deve parar aí, deve ler o Fierro inteiro – sentindo o ferro, talvez corcoveie –, porque diz lá: “Hay gauchos que presumen / de tener damas”.

Assim talvez a professora desfaça o coque e tudo o mais que tenha preso, desamarre – “me amarró luego las manos / con las tripitas de mi hijo” – os laços enrigecidos com o marido, agora que o filho está criado e bem, graças a Deus, e o artrítico não tem forças para surrá-la (Echeverría nem sonhava em falar de ti Belmira, mas, pelo que sabemos, por aqui, todas las mujeres son cautivas.).

Os rumos, os fazemos nós.

Belmira não é dessas, mas tem mulher em Nova Hereford que ainda guarda dinheiro em uns saquinhos de pano que costuram em uma piolinha amarrada à cintura, embaixo da saia, e, quando precisam usá-lo, fingem coçar a virilha, como se houvesse pulga ali, o ladrão pensa “ah, aquela relaxada não tem um puto pila” e a deixa em paz, buscando bolsas bonitas, das que se usa “a tiracol”.

Conosco não é assim, casa-da-mãe-joana, temos regras; Belmira corre o risco de passar pela Comissão de Ética e ser expulsa do ICNHE; conosco é tudo às claras, dinheiro não temos mesmo, esconder o quê? E esse negócio de coçar as virilhas, bueno, as virilhas servem para outras coisas, não só com os dedos, porque, dependendo da posição das pernas, são bem um tobogã, assim, já brincaram de deslizar em ladeira ensaboada de lama, o rio lá embaixo?

Belmira não é dessas e nem daquelas, como a amiga da Tunica, que, cheia de filhos, uns sempre perdidos pela vizinhança, despejou pela janela da cozinha a panela de água quente onde cozinhou uns milhos e, nem é bom pensar, queimou a cabecinha, os ombros, os braços, os joelhos do seu de dois anos que estava sentado justo ali, no chão, brincando com uns ossinhos, coitado. Belmira é uma senhora respeitável, que nunca coçou a virilha – sequer a bunda – e cuidou de seu único filho com todos os mimos de filho único, agüentando, de contrapeso, o pai do mimoso, sujeito intratável, ainda mais depois de aposentar-se e ficar reinando no sofá com a TV ligada o tempo todo naqueles canais de esportes exóticos que os americanos gostam. Respeitável, mas precisa fazer uma auto-crítica, porque as regras valem para todos, não são como música, que, bonita, bonita, mas não se pode agarrá-la – sem falar nos surdos, hein? –, brandi-la, como os estatutos, esfregá-la na cara de quem não quer compreender.⁸³⁷

⁸³⁶ (o Ministério dos Vícios e das Virtudes do Afeganistão proíbe o cabelo caído na testa porque “distrai” o cidadão na hora de fazer as preces – só uma informação, a demonstrar nosso vasto interesse cultural, sigam a leitura deste, bem dizer, livro didático, que pedagógico, bueno, só um filho-da-puta não vê que é)

⁸³⁷ (A preocupação em ficar consertando palavras – pensamentos, pro causo –, para figurar em bibliotecas escolares, para que os alunos conheçam a verdadeira história de Nova Hereford... a busca de Otacílio... não deve – não pode! – ferir os princípios do Instituto. Cumpra-se!)

3.II.3. *Planta rasteira, chirca*

Em suma: os rumos, os fazemos nós.⁸³⁸ Fierro disse: “Yo he conocido cantores / que era un gusto el escuchar; / mas no quieren opinar / y se divierten cantando; / pero yo canto opinando, / que es mi modo de cantar”.

E é isso mesmo. Traduzindo: para muitas vozes, vale o coletivo, a opinião coral, Belmira. Quieta o facho. Não fazemos concessões quanto a isso, vide o caso do nosso associado aquele, que se julga grande coisa por uma mera coincidência de nomes – y apellidos – com personagens ilustres de nossa história, a quem chama, sem nenhum pudor, “parentes”.

Ora, Facundo Quiroga e Dolores Fernández constituíram família e tiveram prole Quiroga Fernández – Fernández Quiroga no costume lusitano de botar o pai por último, ou Queiroga, se aportuguesamos o último sobrenome, mas não o primeiro, Fernandes, ora... –, está certo.

Mas, há nomes mais comuns?

Fernández tem algo a ver com Fernando, mas qual? Há tantos que é o mesmo que assinar “filho das macegas”. E Quiroga é Quiroga, como Horácio, que é salteño como os Fernández do “grande coisa” – não os de Dolores –, pois bem, e daí? Quiroga é também uma espécie de urze do mato, planta rasteira, chirca.

Portanto, Belmira, quieta, que o tal tomou uma descompostura e o castigo de datilografar e dar uma revisada por alto – se é que é capaz, o prepotente, vamos monitorá-lo – no texto final deste nosso estudo. Mal comparando, Belmira querida, é como se por acaso ele tivesse a boca cravejada de ouro e a gente desse uma pisa nele, só nos dentes, pra ver se descontava o prejuízo dos atrasos que ele nos causa com suas manias de grandeza.

Quanto a ritmo e rumo, ouve o que disse Del Corro, Pio:

– Por virtud de esa lectura unitiva, integradora, genuinamente mítica, se hace posible advertir que **Martín Fierro** es lo más entrañable de **Facundo**.

Hablamos del gaucho, do camilucho, do gaúcho, que deu caudilhos, como Facundo – morto a mando de Rosas, que não era flor que se cheirasse, porque indômito, o gaucho, em uma palavra bastante –, e outros tantos que povoam o gaudério, estampa que, lamenta Corro, Pio, “dentro del proyecto liberal, estaba destinado a ser peón sin derechos”.

Bem cantou José Hernández: “sólo el gaucho vive errante / donde la suerte lo lleva”. Com ritmo marcado e rumo claro: “Debe el gaucho tener casa, / escuela, iglesia y derechos”.

Se parece discurso do Frei Sérgio, bueno, segue o baile porque, vejam, não podemos correr o risco de repetir o desatino ocorrido em um CTG do Departamento, onde o cantor resolveu, quase dia, anunciar que tocariam a última marca – imagina, uma notícia assim dessas de supetão?! – e matou na hora, enfarte fulminante, um próximo feliz da vida. Longe de nós. Como diziam os antigos – nós! –, mais um mate pro estribo e outro pro passador. Segue o baile.

⁸³⁸ (“...às vez já vem meio pronto, que sim que a gente tem que interá... não vai dexá por milequinhento...”)

6.18. A carta

Osquindolelê, osquindolelêlálá, os ruralistas continuam suas raivas a repisar...

A não ser por um álbum de figurinhas que, pressionadas, largam cheiros, de churasco, de fralda de bebê, de rio poluído, de comida estragada... um número! O filho do Simão levou pra vigília.

– Com essa idade, eu já colecionava mulher pelada – brincou o Atanásio.

Mas o que ocupava os serões nas barracas, véspera do desalojamento dos invasores, com certeza – “esse juiz não vai repetir a cagada daquele outro” –, era a carta aberta de agradecimento dos proprietários a quem os apoiou.

Já de início criou-se um impasse, os do GRUNHE exigindo que a entidade viesse em primeiro lugar, o intendente, “não senhor! a maior autoridade de Nova Hereford sou eu!”, e o dono esbulhado preferindo botar “o onipotente”⁸³⁹ para abrir a lista de seus obrigados.

– Mas como? A CNBB chamou a ação em Carajás de “cruel chacina”, só porque morreram dezenove deles!

– Chacina?! Quantos de bem a bandidagem mata nas cidades todo dia?

– Um policial falou até que quando bate o vento norte a criminalidade aumenta.

– Então, o que que estamos esperando? Com esse calorão eu podia matar uns vinte, resolvia a questão e voltava pra me meter na piscina em casa, na santa paz do meu lar. Eu só chego de visita, essas imundícies tão sempre incomodando.

O delegado mencionou o vento norte – o siroco, como disse – e é bom que lembremos Ana Terra, sempre encafifada, e com razão, quando o vento norte batia portas e janelas de seu rancho: sempre o mau presságio se confirmava.

O calor, vejam, também deve ser considerado como potencializador de crimes. Mersault não matou um porque o sol estava quente? O sol é capaz de fritar nossos mais bem intencionados neurônios. E quando a noite, “com seu manto salpicado de estrelas”, não traz consigo o abrandamento de ser noite, o refrigério da brisa, não há quem não veja despertar em si, pelo cansaço, pelo amolecimento dos músculos cerebrais, a vontade fisiológica de cagar tudo, a tiro, a fogo, a grito, mas, pelo amor de Deus, dar um fim nisto.

– A fogo não, porque a ciência já comprovou que a matéria orgânica do solo, organismos, microorganismos...

– Ah! Vai pra puta que te pariu!

– A tiro, ele pode sair pela culatra. Vai que a gente mate uma mulher com o filho no colo... Viram mártir.

– Vocês tão me gozando?

– Não, che, bem capaz! ...é que eles usam mulher e criança como escudo, todo mundo sabe...

– E eles são filhos do diabo e sujam a sede da estância de merda antes de sair, é isso? Me dá uma cerveja e vai te catar.

⁸³⁹ (Deus? Qual?)

6.18.1. Rastilho de labareda

Não que o Aristides seja a favor dos baderneiros, imagina!, simplesmente tá de saco cheio com tudo, cheio mais pelo calor, pelo abafamento, essa coisa que abraça os poros da gente como uma camisa-de-força os braços, sufocante, o que prova que o delegado, Ana Terra e os cientistas em geral, classe tão desprestigiada no país – assim como os “de lua”, tidos como meio loucos –, têm lá seus motivos e razões no que dizem e fazem.

Um “de lua”, tentou se atirar do edifício da rádio gritando que era o Batman,⁸⁴⁰ outro matou o irmão com seis tiros “porque não tinha mais balas, sem-vergonha!”; outro cagou de pau a mulher grávida – que até perdeu o nenê – e o pai aleijado dela, sem as duas pernas, atrás de quem a burra foi se esconder, órfã de mãe desde pequena; outro queria aprender a se aliviar em chata pro caso de ficar doente, sujava os lençóis e acordava a mulher no meio da noite a tapa...

Os casos são inúmeros.

A ciência é mesmo uma coisa que vira a cabeça da gente, puxa vida! Olha as queimadas.

Lá pra cima estão fora de controle, os hospitais estão lotados de criança com doença respiratória, e tudo pelo vento – muito lá, nenhum cá, Deus tira duns e não devolve... e a chuva, hein?! –, que faz um rastilho de labareda.

Vejam a Neida, cheia de boas intenções: tinha rachaduras nos garrões e ensinaram-lhe a passar fígado cru. E ela passou, ficava toda lambuzada. Com pena de jogar a carne fora, dava pro cachorro da vizinha. Ficou boa dos pés, mas o cachorro morreu. E tem gente que não acredita nessas coisas. Por isso a Liloca tem nojo de homem de brinco e cabelo comprido, de costas não se sabe que bicho é. Tem razão.

Agora inventaram essas calças de duas cores, azul na frente, marrom atrás, a gente acha a mulher bonita, passa, volta-se pra olhar o que interessa e parece que é outra pessoa, a gente no burburinho – isso a passeio em Porto Alegre, porque em Nova Hereford todas as bundas são manjadas, não vale a pena nem conferir o material –, fica em dúvida, gira rápido o pescoço, “será?”, capaz de dar um torcicolo, coisa séria.

Ah, vocês acham que perdemos o rumo, que não sabemos do que estamos falando?

Ora, falamos da vida, dando uma espiadinha enquanto ela corre de nós, abiloladamente, sem tempo pra um mate, uma prosa à beira do fogo. A pressa tonteia, perdemos o melhor.

Abelaira bem que nos preveniu com a história de Afonso e da virtuosa Tareja, que entregava-se ao mancebo com todo o fervor de mulher com marido ausente – na Índia, ainda por cima, oceanos distante –, quando o jovem lembrou-se de que obrara “sem lavar depois o cu”, e murchou todo, perdendo a mulher e, perante ela, a prezada hombridade.

Azar maior teve Tuzinho Fernández, que caiu do cavalo e bateu a cabeça em um cupim, entrando em coma e vindo a falecer dias depois, virgem. E vexame maior – o que é controverso em se tratando de hombridade, seja de Afonso, Pedro ou Paulo – deu Irene, que encontrou com um senhor em uma fila de banco e ele, “Bom dia”, ela, “Bom dia, como vai o senhor?”, ele, “Bem, mas tu não tá me conhecendo”, ela, “Não, senhor,

⁸⁴⁰ (NH é quase uma aldeia, admitamos; as histórias aqui são poucas... Ou as recontamos sempre, cada vez de um jeito diferente ou vamos ter que começar a inventar coisa, e isso, bem o sabemos, é o pior que se pode fazer num livro, bem dizer, didático.)

desculpe”, ele, “Eu sou o Antônio, o Toninho, teu compadre, batizei teu filho, o Anselmo, lembra?”, ela, “Ai, seu Antônio, que vergonha! Mas também, o senhor tá um charme”. O guri já tava no quartel, como é que ia lembrar?

E já que falamos em Tareja logo acima, cumpre mencionar outra Tareja e sua irmã Urraca, filhas de Afonso VI que fizeram guerra uma contra a outra – e contra tudo e todos, parece-nos –, não logrando lá grande coisa, por volta dos anos mil, mil e poucos de nossa era. Citá-las, por quê? Ora, por que não citá-las? Vocês não sabem o que é matar o tempo em noites e noites de vigília, só tendo o recreio de dar uns tiros, comer um espinhaço de ovelha, chupar um tutaninho... Desinquietos, nós...

6.19. Murchinha, murchinha

“...O chinaredo, que de há muito me conhece, / sabe que, pedindo, desce / meu facão na vinte e oito...”, toca um rádio no coração da vigília, música de Kenelmo e Francisco Alves.

“Não sou de família rica nem nada”, lamenta-se o jovem agrônomo vendedor de fertilizantes, porque uma das líderes do grupo de mulheres produtoras, com quem tentava estabelecer algum relacionamento – bom pras vendas e, quiçá, pra bem mais –, criticou a bombacha preta dele, “ninguém tá de luto aqui, pelo contrário”, e ao ouvir seu dichote de que se soubesse que ela gostava, viria de branco, emendou que “branco era a cor dos fazendeiros ricos quando iam às festas no passado, acho que não dá pra ti”.

“Ora”, lamentava-se o vendedor, “eu só queria agradecer, não sou rico nem nada, quem é que não sabe...”

O amigo perguntou-lhe se acreditava mesmo no “efeito pretiumam” da história do filme, a Julia Roberts puta de esquina etcétera. “Mas o que tem que ver o cu com as calças?”, irritou-se ele, e o outro: “Tudo. Se tu acha que pode dar um braguetaço nessa daí, então acredita em cinderela, bela adormecida, pretiumam... E se tu acredita, meu amigo, tem que começar sendo puta. Vamo ali atrás então e vai baixando as calcinhas; te pago um pila.”

O vendedor riu e, rindo – o poder que tem esse verbo, que vem de dentro e mexe agradável com os músculos da cara, ilumina o sujeito –, parece que uma brisa soprou para longe suas queixas.

O riso e a brisa são poderosos, vejam, na Expointer, o líder ruralista – anos atrás, nem lembramos direito – disse que o governo pregava “o redemoinho, ventos soprando de todos os lados que trazem o conflito”, e o governador respondeu que queriam “um vento que sopra para todos os lados e vai se transformando em brisa”. Bonito isso. Feio falou o diretor da Sociedade Rural Argentina, temos o recorte:

– Tomem cuidado com essa enfermidade social que está assombrando o Brasil: a reforma agrária, uma operação política fracassada em todo o globo e que tornou a Bolívia e o Peru os maiores produtores de cocaína do mundo.

Pensávamos que a reforma agrária era o remédio para uma dada enfermidade social, remédio que funcionou nos países mais adiantados do mundo, e já nos encafifávamos, mas aí percebemos: o sujeito é argentino, provavelmente porteño, daqui a pouco nos chama de macaquitos. Ora, Bolívia e Peru... O Brasil é um continente, temos terra pra

todos, ninguém precisa plantar ilegalmente coca ou transgênicos. Do ciúme é que temos que nos cuidar, a inveja mata. A Dona Célia, aqui de Nova Hereford, era famosa: botava o olho na plantinha, no outro dia ela amanhecia morta, murchinha, murchinha.

Falando em plantinha, saiu no Washington Post que os produtores de milho transgênico deles lá estavam “à beira do pânico”, porque os consumidores não queriam consumir produtos à base de grãos modificados. Mas bochincho mesmo aconteceu em Capela Santana, quando um bando de sem-terra rendeu os funcionários de um Centro de Treinamento e roubou quinhentas galinhas New Hampshire⁸⁴¹ e dez sacos de mandioca. Ninguém se feriu, mas o ato foi considerado uma “barbárie”. Disse um funcionário que “eles arreventaram o cadeado e abateram as aves a pauladas”, e que “algumas mulheres destroçavam o pescoço das galinhas ali mesmo”.

Santo Deus! Coisa horrível!

Esses funcionários devem estar traumatizados. Imagina se o governo continuasse a não mandar comida pra eles! Sem galinha, iam atacar as despensas dos outros, rasgar à foice – ai, até nos arrepiamos – os sacos de mantimento, pegar punhados de sal com as mãos sujas... Ainda bem que o cabo responsável pela Brigada lá era uma pessoa calma:

– Vamos esperar e entendemos que os colonos estão com fome, o que causa desespero – disse.

Jerônimo Batista dos Santos chama-se ele: estes não ganham medalha?

6.19.1. Feia, a coisa

Pelo menos nós, aqui em Nova Hereford, queremos paz, quando dá. Estamos de atalaia agora, mas, também... Ah! Esses lá de cima chamam mandioca de aipim. Por que será? Conhecem aquela rima da gente, brincadeira, que o varoncito “se acoca na mandioca”? Não seja por isso, é latim igual: a gente entra com o aipim e tu te chega com o local. (Impossível manter a compostura num acampamento, ainda mais com esse calor fora de época.)

– O pessoal tá se mexendo. Fizeram um tratoço, agora uma cavalgada. Vão queimar mais de trinta bilhão de cruzeiro em soja? Bem capaz! Produtor não é criminoso.

– Na minha terra mando eu, ora. Planto o que eu quiser e se eu não quiser deixo ela quieta.

– Ela anda meio quieta mesmo, não?

– Cuida do que é teu e cala a boca.

Vai se parando feia a coisa e já alguém tem que se meter no meio, senão se pegam. E são companheiros, estão do mesmo lado. É que a ansiedade, a tensão que esses sem-terra criam, tira qualquer um do sério. Um líder do movimento chegou a declarar – de cabeça quente, claro – que o Sepé queria era “um mártir”, porque “eles que tentem invadir uma propriedade que seja da região e vão ver qual vai ser a nossa reação”.⁸⁴²

Que os ruralistas estão armados é público e notório, saíram inúmeras fotos de guerreiros ninjas guardando suas propriedades, mas falar em “mártir” significa algo além de armar-se, significa apertar o gatilho e significa mais do que atirar a esmo, senão que

⁸⁴¹ (voltou M.M.Gonçalves, mestre em americano e em galinhas)

⁸⁴² (e invadiram, todo mundo tá vendo, e, bueno...)

exatamente o contrário, atirar às devas, para ceifar o vital, prostá-lo, justificando o investimento, que, privado, nunca dá-se a fundo perdido.

Aliás, prenderam esses dias em Bagé um arsenal de armas traficadas, incluindo vários fuzis AK-47 e FAL, ambos de calibre 7.62 mm., capazes de disparar 600 e 760 tiros por minuto, respectivamente, e rajadas, aquilo mesmo da música ratatatá-tatá-tá,⁸⁴³ mais pistolas semi-automáticas, carabinas Ruger, outras com luneta, ampolas de gás, um troço com visor e mira laser, cinquenta mil cartuchos pra tudo quanto é calibre, um arsenal verdadeiramente, exemplo prático da acepção da palavra que desde as revoluções andava confinada nos dicionários por essas plagas, as armas apenas nos quartéis, para instrução de recrutas.

Um dos presos, segundo o jornal, “afirmou que as armas eram revendidas a pessoas da região, entre elas produtores rurais temerosos de invasões”. Bueno. Dá aqui pra avivar esse fogo...

6.19.2. Cuidado com o Beltrano

Milícias armadas, declarações beligerantes, planos articulados de defesa anti-invasão, um kit completo contra os sem-terra, sem dúvida.

Agora, dá pra acreditar em preso?

Não dizem por aí que eles mentem, desmentem, juram inocência, confessam-se culpados, dependendo da tortura a que forem submetidos?

E não precisa ser tortura, como as denunciadas pelos agricultores Aldoir, Antonio e Ivan, que disseram ter sido “brutalmente agredidos”, referindo que os policiais – brincando, talvez – acionavam “o gatilho do revólver descarregado” na cabeça dos rapazes. Pior se estivesse carregado, diria um de raciocínio menos subjetivo. Mas, dizemos nós, enfim, estar preso já não é uma espécie de tortura, o confinamento compulsório, a sensação de nada poder?

Por outro lado, dá pra confiar na imprensa?

Assim, piamente?

Os caras mandam um foca lá em caixa-prego e o rapaz sai a repercutir o que falou Fulano ou Sicrano,⁸⁴⁴ às vezes cachorros grandes no mundo do crime, cheios de câibras. Os ruralistas de Nova Hereford repudiam qualquer informação que os ligue a traficantes de armas e, se alguém tiver a insana idéia de sugerir que as armas empunhadas por alguns ninjas contratados para proteger as fazendas, dizendo que são de última geração ou de uso exclusivo das forças armadas, parecem-se com muitas das apreendidas, coisas e loisas, terá que provar isso nos tribunais, porque as armas, no geral, se parecem mesmo, todas têm gatilho, cano e bala, e se há uma lei que proíba isso e aquilo, seguro morreu de velho, o direito de propriedade é sagrado – “Un país gobernado pelos propietarios está en el orden natural”, já dissera Boissy d’Anglas, citado por Guillemín, quando a Revolução Francesa já dera sua guinada brusca, acabando inclusive com o sufrágio universal – ...e

⁸⁴³ (“Era um garoto / Que como eu / Amava os Beatles e os Rolling Stones...” – cuê-pucha! Ah, tempo bom! Eu inté choro, amigo... Joan Baez, Woodstock, bilboquê, Mug...)

⁸⁴⁴ (sempre esquecendo do Beltrano... Quase sempre o Beltrano é quem dá todo o serviço... E se usamos “repercutir” errado, gramaticalmente falando, é só pra dar nos dedos desses jornalistas...)

também há lei que garante ao proprietário, com os meios que estiverem ao seu alcance, a proteção do que é seu.

Esses jornalistasinhos não sabem com quem estão tratando; quem cutuca onça com vara curta, depois que agüente o tirão.

Na verdade, os ruralistas têm-se tornado grandes colecionadores de armas ultimamente. Sempre gostaram de caçar; e uma coisa leva a outra. Tem gente que gosta de selos, outros da numismática, outros ainda de canecos de chope; os fazendeiros colecionam armas modernas, de antigüidade bastam as máquinas agrícolas, sucateadas por falta de apoio governamental, e as mulheres que têm em casa.⁸⁴⁵

A maldade humana não tem limites.

Vejam que lá pra cima mataram um índio, Leopoldo Crespo, de 77 anos, que dormia na rua, “para acordar” o coitado. Os caingangues reclamam do preconceito dos brancos para com eles. Salvador Cipriano, de 88 anos, é perseguido e tem que se esconder para não ser roubado; já ouviu: “Esses bugres têm que morrer”. Os brancos não se conformam com as reservas indígenas tão extensas e eles sem um palmo de seu para plantar.

Que parentesco teria com Leopoldo o velho Adolfo Fernández Crespo, uruguaio de origem basca, guerreiro de Aparicio Sarabia, que mudou-se com a família para Nova Hereford nas primeiras décadas do século XX?⁸⁴⁶ Nenhuma? Provavelmente, porque com o velho Crespo – e as Crespo, o bando de filhas brabas que deixou – ninguém ousaria mexer, imagina! Fossem mais jovens, o ETA estaria perdendo um belo dum contingente extraviado no pampa.

16.9.3. Não é pra qualquer um

Mas da maldade humana, dizíamos... não tem limites.

Olhem só: há quem recomende a esses brancos sem perspectivas locais que se engajem no Movimento Sepé Tiaraju e venham incomodar a gente, quieta aqui, já pensaram? Não podemos ficar de braços cruzados, ora. Ser macho no pampa não é pra qualquer um.

Por isso tem havido um crescimento preocupante de frescos na região que as estatísticas não computam – ai das estatísticas! –, mas que, ainda bem, tentam manter a compostura. Revelam-se mais no íntimo das casas das tias velhas, quando elas contam que, “menino, a gente usava maiô de popeline!”, e eles, “ai, que máximo!”. Pra tomar banho nos arroios, nas estâncias, levavam os maiôs escondidos e trocavam de roupa no mato, chegavam em casa sequinhas, a mãe nem desconfiava da travessura. As empregadas entravam n’água de saia mesmo – “rodadas? Ai, que máximo!” –, uma vez a Duca quase se afogou porque a saia subiu e tapou a cabeça dela, “parecia uma flor”. “Meu Deus, uma flor!” Sempre querem mais, “ai, mais, mais”, e as tias, maliciosas na trela por já não poderem, *ai, ai, experimentá-la, a vida, sequiosas por terem com quem falar e não ouvir apenas retumbar nas peças de altos cortinados e móveis silenciosos as próprias vozes já outras, cada vez mais outras, roucas, fracas, alheias, fugindo como a própria vida, e levando-as consigo, emudecidas pelo espanto de tudo ter fugido assim, tão rápido, tão rápido... Ai, ai...* “Os lambaris vinham nas partes da gente e faziam cócegas...” Vejam, as velhas falando em lambaris – nhac! – e eles ouvindo palometas.

⁸⁴⁵ (as por fora são outros quinhentos)

⁸⁴⁶ (mas o que que é isso? nepotismo? vamos mudar de assunto?)

Por essas e outras é que continuam vivas – ainda que ditas em outro contexto – as palavras proferidas por Caiado em 87:

– Nós, produtores rurais, brasileiros e patriotas, não vamos deixar que essas pessoas venham plantar aqui ideologias espúrias.

2.14. “Timbre de honor”

Ah, el gaucho! Foi um tenente de Salta, Juan Martín de Güemes, nas lutas pela independência, “en un rasgo romántico” – refere Assunção –, quem primeiro recorre ao “adjetivo injurioso” – gaucho – “y se lo aplica, como un timbre de honor, a sus tropas de caballería ligera”. Antes, “gaucho” era como decir “los godos” – a gentama imperialista –, tentando desqualificar-nos, e assim cuspiam na cara de nosotros, “criollos rebeldes”. Reputa Assunção que Güemes, por este feito, “dio proyección heroica y comenzó a darle difusión universal regional al vocablo, contribuyendo en buen grado a cambiar su semántica”.

Otacílio, deste “timbre de honor”, não colhe o que necessita.

Agora mesmo, é um dos que faz hora no bolicho, mas taciturno, o cobrizo de sua pele, mimetizada do escuro íntimo, no escuro do canto onde esconde-se pra pensar, se com raiva consegue, se a peçonha até então incógnita que está a descobrir, a remoer, a ruminar entredentes não o toma todo no desespero último do bote. Os outros matam o bicho com uma história de venda de campo, falam de um amigo que regulava de idade com eles mas – não adiantou ninguém avisar, eles são assim mesmo, morreu de tanta canha – morreu de tanta canha, coitado, e, sempre numa pinimba braba, resolveu dar uma de corretor. Ofereceu um campo pra um conhecido, que até se interessou, homem de dinheiro, e sentaram num bar pra tratar do negócio, ele sempre com seu liso na frente, o outro – ninguém é de ferro (noves fora o marido da Belmira) – espumando o bigode de cerveja:

– Quantas quadras Nadson?

– Bá, che, aí é que tu me aperta.

– Sim, mas como é que eu posso pensar em valor se não sei o número de hectares?

– Mas nem é muito, umas três quadra e pico, mais ou menos.

– Mas, Nadson, eu tenho que saber com exatidão.

– É o que eu digo, umas três quadra, três e meia e não se espicha.

Matam o bicho, as gargalhadas soam longínquas no escuro de Otacílio.

2.14.I. Recado pro Janguta

Quando se calam, sim, o silêncio faz o peão – de lavoura, agora, de lavoura! – atentar pro que está havendo. Um moço entrou no bolicho e foi até o balcão, onde Valduílsson, com muita má vontade, fazia de conta que secava uns copos com o pano que sempre tinha ao ombro, úmido. O mesmo moço aquele que andava atrás de um homem velho, quem sabe até morto, mas persistia como se fosse a coisa mais importante do mundo. O Doutor Anacleto gosta de plantas e está sempre dizendo que daria tudo só pra ver um tal cactus cubano...⁸⁴⁷ mexicano, parece... florescer, porque, vejamos, o espinheiro só abre flor de cem em cem anos. Pra ele é a coisa mais importante do mundo.

⁸⁴⁷ (deve ser mexicano, no IC não tratamos de política)

- Cada qual com sua obsessão.
- E aí, companheiro, achou o homem?
 - Não, senhor, infelizmente não houve jeito. Estou repassando os lugares onde já estive pra ver se...
 - Bá, mas vai ser difícil. Andei indagando e ninguém sabe nada, nunca viram mais gordo esse Seu Janguta... é esse o nome, não?
 - Sim, senhor. Com as outras pessoas também não consegui nada.
 - Mas não vai tomar uma geladinha? O calor anda horrível este ano... e nem é época ainda, che.
 - Não, obrigado. O que eu queria do senhor era que, se alguém, por acaso, descobrisse alguma coisa, desse um recado pro Seu Janguta ou para os familiares dele.
 - Não me custa nada, amigo, diga lá.
 - O Ricardo, amigo do Seu Janguta, faleceu. Eu vim avisar que ele faleceu.⁸⁴⁸
 - Mas que coisa, não me diga!? – Valduílsson, que acabara de, “diga lá”, meio que só na retórica, “por educação”, aceitar-se como ouvinte, portador do recado, agora queria saber mais, curiosidade pura, como todo dono de bar, cabelereira, herefordense em geral, sobre o cactus do qual o estranho lhe entremostrara a flor difícil. – De quê? Era moço?
 - São os novos tempos, o senhor sabe, doenças velhas. Foi de enfarte. Desde o Fukuyama a gente vem morrendo aos poucos – sorri triste o, bem dizer, chasque.
 - Como?
 - Não é nada, uma brincadeira nossa.
 - Com essas coisas não se brinca, moço.
 - É verdade. Mas o Ricardo andava depressivo seu...
 - Valduílsson.
 - Então, Seu Valduílsson, quando os sonhos da gente perdem sentido diante da realidade...
 - A gente vai ribanceira abaixo com eles, até um analfa como eu sabe. Mas é preciso lutar. Eu sempre penso, parado aqui atrás desse balcão, que o mundo arroteia, arroteia e não pára. A esperança não é a última que morre?
 - É verdade. É que eu tinha a esperança de encontrar o Seu Janguta e não consegui.
 - Quem sabe não foi até melhor?! Imagina: acha o homem e ele tá entrevado, gagá ou, pior, até morto. O baque ia ser maior. Assim o amigo pode imaginar que ele anda muito-bem-obrigado aqui ou ali e pronto. Só não deu pra saber onde.
 - O Senhor tem razão – sorri de novo o estranho com a mesma tristeza, a mesma amargura. – Muito obrigado, então já vou indo, a viagem é longa.
 - De nada. Quando der por essas bandas não deixe de chegar, minha casa tá sempre aberta.
- O outro agradece novamente e sai para o sol insuportável.

⁸⁴⁸ (o amigo já disse isso páginas atrás e todo mundo ouviu. Se está repetindo em tudo quanto é buteco é porque nos toma por analfabetos, pensa que ninguém vai ler estas linhas, quando está redondamente enganado, porque, se Deus Nosso Senhor quiser, as águas vão baixar, vão baixar..., assim como o Janguta morreu, morreu, faleceu, cravou o bico, lástima... etcétera etcétera... e este volume, este ainda pára em pé nas bibliotecas das escolas municipais! Vocês vão ver!)

2.14.2. Os que podem e os que não

Valduíllsson retoma o que fazia. O bolicho volta ao normal da mesa ruidosa e de Otacílio, só o branco dos olhos, imóvel, cegando o escuro.⁸⁴⁹ Os bêbados riem um do outro por causa do celular – “telefone de garupa”, como diz o Glênio Fagundes –, que, novidade, quando toca em público, deixa a bacudama envaretada. Um sai de fininho e vai atender escondido, como quem, apertado, mija atrás de uma árvore, bispando pros lados pra ver se não vem gente; outro, faz que não é com ele e deixa tocar a imundície; o que tá meio dormindo de mamau, encostado à parede, a cadeira com as pernas da frente erguidas é mais drástico:

– Pego o bicho apitador e dou uma sumanta nele, a mulher é que não gosta, me chama de burro.

Riem de cair, de bêbados, Otacílio nada ouve. Pensa no que lhe disse o cunhado, Galdino, militante dos sem-terra – e não ouvindo, assim, não atina o quanto mudou o pampa, os pobre-diabos todos com esses modernismos bestas, que não entendem e de que não precisam –, sobre os que podem e os que não podem. Disse o cunhado:

– Os que não podem, se sacodem, e é o que estamos fazendo, mas sacudindo forte pra que a casa caia.

A casa, esta igreja familiar que tudo gesta e que, diz o Galdino, “está podre”; a casa, altar das tradições, escola da obediência; a casa, coração do campo em volta, que é sentido, razão, identidade.

⁸⁴⁹ (uns no escuro e outros... em Davos, em Mumbai. Em Davos, bá, um fiasco, quase ninguém. Já vão dois anos que nenhum graúdo vai lá. Emir Sader corta fundo: “Davos é vitrine de um supermercado que já faliu”; “Davos foi derrotado, antes de tudo, pelo desencontro de suas teses com a realidade...” Suas teses: “privilégio do econômico-financeiro sobre o resto, promoção dos milionários do mundo a agentes e donos legítimos do mundo”. Mas perdeu também para o Fórum Social Mundial, onde viceja “o pensamento crítico e independente”. Vai voltar para Porto Alegre, mas este último, em Mumbai, não sejamos bairristas – o pampa tem vários, pro causo, consulados na capital, aparelhos com aparência de pacatas casas de família –, também foi um espetáculo: outro mundo **É** possível! Arundhati Roy, autora de **O Deus das Pequenas Coisas** – ô título emocionante, ao menos para nós, de NH; parece que fala de nosotros, cacaquinhas, coisinhas sem valor de mercado, que temos por Deus, e só assim neste plano Ele existe e persiste, a Esperança –, disse: “Nós lutamos por uma justa representação multipolar do mundo, por uma distribuição mais justa da riqueza, pela sobrevivência do planeta... Como Gandhi, o FSM reabilitou a idéia de desobediência civil. A resistência não violenta deve ser transformada em uma arma pacífica. Pois, a opção pelas armas seria tentar ganhar o presente ao preço de hipotecar o futuro.” Coisa mais bonita, lembra Thoureau até, e... “eu quero uma casa no campo / onde possa compor muitos rocks rurais...”, hipotecar, nunca! Tem umas pessoas aqui da região, que deram bens de raiz em garantia e, agora: “E agora?” Davos sempre acha que a gente deve: “Incompetente! Dá pra cá aquela casa!” Ou: “Ineficiente, romântico, anacrônico! A fazenda de moranguinhos é minha, tchau e gracias!” A de moranguinhos! O que não fariam se fosse a de rabanetes?! E Gilberto Gil foi lá, em Mumbai, brasileiro, embaixador da humanidade, e, todo de alaranjado, parecia uma abobrinha daquelas de fazer refogada, cantou **Filhos de Gandhi, Soy Loco Por Ti, América** e, de Lennon, **Imagine**... “all the people / Living for today... // You may say I’m a dreamer / But I’m not the only one / I hope someday you’ll join us / And the world will be as one”. Lindo! É como fala Saramago: “Estamos usando nosso cérebro de maneira excessivamente disciplinada, pensando só o que é preciso pensar, o que se nos permite pensar”, e assim não dá, vejam, até o Otacílio já anda caraminhando o sol naquele escuro abjeto.)

2.15. Cadernos de criança

Otacílio, no escuro do bar, pensa no cunhado.

Galdino lê aqueles livros dele, todos sublinhados, riscados – “anotações, trechos pra destacar e discutir”, diz ele –, como cadernos de criança. Lê revistas, jornais, está sempre lendo, a Tunica já falou que vai acabar ficando cego, mas ele responde que, ao contrário, “estou ganhando ‘olhos de ver’, como os do Paulo Freire, mana”. “Mas, e quem é este? Vai querer mais o teu bem do que a tua irmã?” O Galdino disse que no espaço de quatro ou cinco anos (1985 a 1989?⁸⁵⁰) mataram mais de quinhentos sem-terra (“640, um recorde”, está escrito na revista) e agora voltaram a matar, pagando uma capangada ninja pro serviço sujo, com armas sem registro (dois fazendeiros “admitiram que as armas são clandestinas”, está lá, o preto no branco). A ordem é “enfrentar os sem-terra e resistir à vistoria de suas propriedades” – ajudamos nós a memória de Otacílio, lendo o que não sabe no respeitado veículo da mídia nacional. Lemos e, oh!, espanta-mo-nos! (Alguns de nós, Henriqueta...) Então eles não querem ser vistoriados? Mas, por quê?

Se o produtor produz, só pode ser por birra.

Um ruralista chega a contar de uma feita, quando pegaram – ele e doze seguranças – vinte sem-terra, botaram todos num caminhão e os levaram “pruma região erma”. E lá, no ermo, fez o quê?

– Não matei nem machuquei muito, pouca coisa.

Ah, bom. Pelo menos não estaquearam, courearam e botaram sal, como faziam os capangas de outrora, aqueles sim, “calaveras con diploma”, para usar a expressão de Cafrune, deslocada, é verdade, mas, já imaginaram a reviria que anda a cabeça de Otacílio? Pode ser que essa música amoleça um pouco a gana do homem, que tá encafifado com tanto zum-zum e nada que o embale – como um guri de colo, que seja, onde a vergonha? –, que o recompense, esta a palavra, assim se sente Otacílio, um homem bom, de responsabilidade, e agora, isso, foi de Herodes a Pilatos, como se diz, e nada, nem chegou perto do Seu Valentininho.

2.15.I. São falsos!

Tem os que podem e os que não podem,⁸⁵¹ falou Galdino. Não vê o caso dos brigadianos?

Contamos a história? Mas não vão pensar que...

Não. Contemos, até porque a moral dela contraria o ditado popular aquele, o hábito faz o monge, muito respeitado nestas épocas em que tudo é aparência, aí, vai ver e, bueno,

⁸⁵⁰ (conferir)

⁸⁵¹ (os que podem, os sem respeito!, com esse calor, queriam mesmo era se pelar lá pra cima, não por acaso tem uma tal praia da Gaúcha Pelada, nem damos o endereço, mas tem outras, pouca vergonha!, a do Toco Grande e do Pau Alto, que, só podia, têm ondas fortes, a da Enseadinha e a da Gamela, com “ondas escuras”, o fim da picada para quem tem filha em idade escolar, a de Genipabu, que é só rimar pra ver que é só pro que não presta, a do Morro do Careca, que nos contaram que “é a mais badalada”, e, como não?, Adão e Eva foram expulsos do Paraíso por quê?, tem a do Bode, do Cachorro, do Xodó, Maria Farinha, Cacimba do Padre, bá!, um monte delas pra evitar... Se quiserem saber mais, comprem um guia e se mandem pra lá, que aqui, dessa gente sem respeito não queremos nem notícia, gaúchos, gaúchos, não são!)

quedele o tutano? Aconteceu assim: Uma empresária foi assaltada por quatro pessoas, dois deles vestindo farda da Brigada. Deram-lhe “coronhadas no rosto e na cabeça” (está no jornal) e roubaram-lhe a bolsa e bijuterias. A Delegacia vai apurar o caso, e já tem um indicativo de que foi uma “tentativa de seqüestro”, pois, dias antes, “dois homens com fardas da BM estiveram no prédio fazendo perguntas sobre a vítima”. O título da matéria: “Empresária é atacada por falsos policiais”.

Que coisa! Em nenhum momento as pessoas envolvidas na investigação e na produção da notícia pensaram – num átimo, uma tiquitinha de nada, pulguinha atrás da orelha – que os assaltantes poderiam ser de fato brigadianos? Há médicos, advogados, manicures, mordomos que eventualmente praticam crimes, mas brigadianos não? Brigadiano, por definição, é um ser humano incapaz de incidir por sua conduta em um dos artigos do Código Penal? O título desde logo informa que os policiais bandidos são “falsos”. Ainda que usassem farda, são “falsos”. A apuração do caso, fiquemos tranqüilos, será rápida, meio caminho já foi andado, porque, vejam, o hábito não faz o monge.

(Só nos preocupa um pouco, data venia, *ai, ai, ai... que, lendo a matéria, muitos meliantes resolvam vestir fardas para perpetrarem seus crimes, sabedores de que o uniforme os afasta preliminar e cabalmente do rol dos suspeitos. E, outra ninharia: como confiar, a partir da premissa anterior – de que bandido fardado não é policial –, nos policiais fardados, se eles podem ser, não policiais, mas bandidos?... São apenas questionamentos que nos fazemos, certamente bobos, essa gente deve saber de coisas que sequer imaginamos aqui neste deserto, loucos de medo, guachos de desamparados...*) “Há os que podem e os que não podem”, gesticula, enfático, o Galdino.

9. Buenos Aires querido

Não somos preconceituosos, fique claro.

Amamos o próximo, desde que a uma certa distância, de modo a que seja mantida a dignidade e a assepsia. Na viagem que o Instituto fez a Buenos Aires, por exemplo – o ICNHE –, havia pelo menos uns dois ou três frescotes.

– Mais – diz o Barbosa. – Mais, que eu contei.

Bueno. De qualquer forma, alguns foram. Mal de finanças, a inteligência herefordense recorreu a uma agência de viagens, encaixando sua diminuta comitiva em excursão deveras concorrida à capital dos argentinos, submetendo-se ao bulício turbulento do ônibus turístico, que limitava suas expectativas à Bombonera e a um baratilho no Once.

A missão à terra de Bustos Domecq tinha por fim convidar o próprio para ser o Patrono de uma grande feira do livro que o IC pretendia realizar, estendendo para além fronteiras – de acordo com a tese do fluxo-refluxo intercomunicacional, do Professor Antoninho, que não foi por problemas decorrentes dessa mesma tese, Ramona, em uma palavra, correntina loca, Deus te livre!, com quem da outra vez, em Paso de Los Libres, no Buraco, comprando ele, vendendo ela, alfajores, caíra-se de amores, coisa que a esposa não queria nem ouvir falar, teses, Argentina, essas sem-vergonhices –, estendendo a nomeada da cidade e do operoso cenáculo.

Bustos Domecq, questionariam alguns, por que não Ricardo Reis ou, estradulemos, Shakespeare? Ora, a Europa sempre foi pra lá de coimbras, enquanto que Buenos Aires é logo ali, metam-se com suas vidas. Outros, é forçoso dizer, embarcaram na aventura sabendo-a infrutífera, seja pelo etílico do nome, Domecq – antecipando buquês, não de conhaque, vinho todavia, mas sem as flores, senão que de um malbec, um cabernet ou um merlot, desde que no Tortoni, na mesa de quién más?, Borges, por supuesto –, seja pela fuga da engarrafada, engradada, avinagrada rotina, seja pela falta de caráter, tudo o mesmo, mas nunca por outras faltas muito mais graves num artista, a da moralidade de calzoncillos ou a da irresponsabilidade.

Mas, com tanto a desfrutar, foi sofrida a viagem.

9.1. Vai te roçar num pé de tunal!

O hotel – heresia em Buenos Aires! – era uma dessas caixas modernas de concepção perigosíssima para os membros da comitiva, todos de outra época.

Os quartos, imaginem!, não tinham chave, abriam com um cartão desses de crédito, se se conseguisse que, enfiando-o bem e de um todo, acendesse uma luzinha verde na

geringonça, mas, para os da comitiva, só acendia a vermelha. “Aquele troço não presta”, voltava alguém à portaria; “Quero um com chave”, pedia outro. Mas não tinha, o hotel abolira as chaves.

Já no upa da chegada, aquela alegria, “chegamos!”, cadê a porta? Antes que alguém tentasse um “ó de casa!”, bater palmas ou socar o imenso painel de espelhos da fachada – Tata Dios, eles também tinham abolido a porta! –, duas folhas corrediças, de inopino, um abra-te sésamo, que susto!, franqueavam a entrada a quem delas se aproximara, no caso, o professor Auricélio, que resolveu examinar no espelhão se não tinha resíduos de lechuga nos dentes da ponte de incisivos brilhando de nova – um balaio de dinheiro –, porque comera no último parador um sandwich – sentia-o com a língua que, sem sucesso, tentava fazer as vezes de fio dental – cuja metade ainda escondia-se, grudenta, nos escaninhos dos, ainda seus, molares e pré-molares:

– Que susto, rapaz! Aquilo me pega de boca aberta, cheio de gente no saguão me olhando!

Depois, teve o banheiro. Não havia torneiras!

A intelectualidade de Nova Hereford não aprendeu, campo fora, a lidar com esfíngicos artefatos, com o agravante de que torneira é uma peça eficiente, ou está aberta – quando nós, só nós a abrimos, não ela por si, automática – ou está fechada, ou então o encanador bota uma solinha, uns barbantes e resolve. As do hotel pareciam cabeças de elefante metálicas, mas as orelhas, que poderiam ser as borboletas de abrir, uma pra água fria, outra pra água quente, haviam sido decepadas pelo projetista para dificultar de vez a vida das pessoas de certa idade, cada vez mais inúteis, mais deslocadas no mundo do que teta em homem diante da avassaladora investida da turba infanto-juvenil que fica mutilando dumbos – a infância! –, educada por super-heróis sanguínários, tele-açougueiros robóticos desprovidos da ferrugem humanizadora da lágrima.

No desespero de lavar-se, assoar-se – podem rir, manequins de shopping! –, porque, com a idade, os pêlos das ventas crescem como tufos de anoni,⁸⁵² por mais que os cortemos; projetam-se como antenas espigadas, capturando as impurezas do ar em seu filtro, malha filiforme que nos protege dos perigos de respirar, vivos ainda e desesperados – por não compreendermos, por assoar-nos –, começamos a bater, girar e puxar o elefante frígido que, de repente, esguicha com tal força de sob sua tromba um jato tão caudaloso de água que nos molha todo, peito, barriga, calças, sem que o possamos conter de imediato, pois, vejam, na vertigem do instante, sequer sabemos como fazê-lo por não sabermos o que fez o bicho reagir tão violentamente: o bater? o girar? o puxar?

A luta é tenaz – e não somos mais jovens –, eis que, domada a fera, quedamos exaustos, prostrados no vaso, os pés como lanchas à deriva no lagoão do arroio – “foi no lagoão do arrolho / que eu botei meus pé de moio”, diz a cantiga –, que acha seu curso escorrendo para o carpete contíguo, onde torna-se manancial, mácula capaz de engolir um homem, desmoralizado pela ingloria do flagrante, vitória de perro, mijando pelo quarto, rubros o nariz – duro de picumã – e as maçãs malares, contrastando com a lividez do esforço, palhaço perfeito em seu trono de plástico. Mas... não tá morto quem peleia!

Tiramos a roupa ensopada e partimos para o enfrentamento com o chuveiro – ducha, pro causo, que alguns mais curiosos conseguiram tirar o regador do suporte e, inclusive, direcionar banho para as partes pudendas –, agarrado a um gancho de metal e

⁸⁵² (vide Nostradamus)

voltado para a parede. Soqueamos o elefante e a água dispara, como uma metralhadora – AK 47? Deus te livre! –, gelada. A cada tapa recebemos rajadas, ora no peito, ora na cara, a coisa rendilhando-nos de laços agulhantes. Como penitentes medievais, mortificamos – socorro! – com o cilício do banho, martirizando-nos ainda com a manipulação do diminuto sabonete, que escorre pelos dedos e vai-se ao chão, tornando-nos quase impossível sua busca e recuperação sem testações nas paredes e na porta de vidro do box – um perigo! –, porque, imaginem a força do jato, incontrolável como um buscapé, não desiste de alvejar-nos na razão direta e proporção inversa – ou vice-versa, não somos matemáticos – do estabano de nossa defesa.

Um pontapé involuntário na cabeça do paquiderme acaba com o suplício, mas estamos mortos – e com dor de barriga, o esforço, a comida, a viagem –, assim que... ufa... voltamos ao vaso e nos aliviemos mas, vejam, não tivemos forças para, no bidê, mais um embate, então com a ducha súcuba, gêiser a castigar-nos as hemorróidas, e nos retiramos para o descanso da cama acolhedora, o sono dos guerreiros abatidos, deixando que o som do escaldante chafariz nos abrandasse o sono e sonhássemos, enfim, com a natureza equilibrada e elefantes – na Índia! – lentos, lassos, lesmas. Deus!

E vem mais tarde, no elevador, um dos frescotes ainda elogiar a “delícia” de banho, pousando a tibia asa em nosso ombro: “Ah, também! Vai te roçar num pé de tuna!”

9.2. Muñequitas lindas

Até 1962, deu na TV, mulher não podia trabalhar fora sem a autorização por escrito do marido. Hoje, metidas como jacus rabudos, tomam conta de todas as vagas, eficientíssimas.

No tal de “city-tour” que inventaram, paramos na Recoleta bem dizer só para conhecer o túmulo da Evita, mulher de passado pouco recomendável que chegou – notem e anotem! – à presidência do país. O local é simples, o que muito abalou um dos bichinhas: “Ai, aqui é que está a pobrezinha?”, espantou-se ele, com o dedinho indicador fazendo aquele gesto característico de apontar curvo e logo recolher a mão de volta ao corpo, figurando como que o movimento de um cisne – a mão dum, a cabeça do outro; o dedo, o bico; o braço, o pescoço – mui hermoso, a nonchalance por saber disso, de ser todo isso, a beleza, a elegância, a pureza, cisne, coisa de impressionar.

Tivéssemos à mão um ti-ti e um lago, o moço bem que poderia – e, sem dúvida, o faria – sair dançando os passos do belo balé. Sua acompanhante, igualmente decepcionada:

– Ai, eu trouxe até pipoca!

E ele:

– Ai, nem me fala. E depois, queridinha, vão pensar que tu veio pra fazer um despacho. Deus me livre!

Ai, ai, ai. Subalternas?... As mulheres estão tomando conta de todas as vagas e, com o crescimento já referido do contingente de pederastas em nossa volta, podemos inferir que a Inquisição queimou-as, as bruxas, mas não acabou com a praga, pois estão tomando-nos – deles, fique claro, desses varoncitos – a própria alma, travestindo-a, rebocando-a de batom barato e ensaiando-a nos truques do rodar bolsinhas. Ai, ai, ai.

Um casal deles – se isso, casal, é possível – se atracou no hall do hotel boca com boca – e, o pior, políglotas, logo vimos –, tratando-se assim, no feminino – “E aí, queridíssima?” “Ai, menina, dormi como uma princesa!” –, isso que um deles tinha barba e o outro um basto bigode. A gente tomando café e eles comentando com um lá que tinham viajado no “sub” – o metrô –, na linha A, “En la línea A, muñequita linda, que mantiene sus vagones originales, de madera... como se diz século?... ah, del siglo pasado, bien no comecito, entiendes?, lo tomamos en La Plaza de Mayo, fuimos hasta la Rio de Janeiro...” A outra completa: “Una belleza! Só não tinha os inferninhos de Copacabana!” E se afagam, e riem, dá até inveja, tanta a alegria –, enquanto que nós ainda remoíamos o fiasco do “city-tour” da véspera.

9.2.1. Perdone e desculpas

Deram-nos só dez minutos para esta mesma Plaza de Mayo, que, além da Casa Rosada – de um rosa velho, mas, interessante, mais pálido nas laterais do que na fachada principal, sintoma da crise? –, tinha a Catedral – um templo grego de interior bellissimo –, o Cabildo e outros monumentos que não tivemos tempo de visitar, na correria – já não somos jovens –, o que nos deixou putos,⁸⁵³ até porque um ambulante queria vender-nos uma minúscula bandeirinha argentina por três pesos e uma mendiga recusou a moedinha de um peso que, penalizados, lhe íamos dando.

No interior da Catedral, afrescos maravilhosos, púlpitos dourados, naves e mais naves, mas o acidente atrapalhou a fruição da coisa. Um dos nossos, católico fervoroso, abestalhado com a força epifânica do lugar, ia caminhando aos corrupios em torno de si, como uma piorra, olhando as colunas, o teto, os vitrais, quando se deu conta de que estava frente a frente com o altar principal, com Ele em sua cruz, tão outra e sempre a mesma, e, sem nenhum aviso prévio – um epilético os tem, um enxaquecado idem, uma grávida... –, por puro reflexo,⁸⁵⁴ gordote e velho, ajoelhou-se e fez o sinal-da-cruz, estendendo, no ajoelhar-se, a perna genuflexa para trás, de modo a manter o equilíbrio – o equilíbrio, meu Deus, como mantê-lo, um velho reumático que se lança ao chão por Ti, a rótula na dura e fria pedra, e Tu, e Tu? –, obstando, com seu inusitadamente rápido jogo de pernas, uma outra embevecida visitante, que caminhava embaixo tirando fotos de cima, e tropeçou naquilo e abriu-se toda, braços, pernas, máquina, abraçando o espaço, firmando pé no ar – o equilíbrio, como mantê-lo diante de Ti, que está sempre a nos exigir tanto do que não temos, o equilíbrio? –, estatelando-se doloridamente na realidade sucia del piso espléndido.

Perdone e desculpas inúteis, nosso colega cerrou o cenho.

A máquina da jovem era daquelas digitais de dois flashes, o primeiro para que a gente pisque e o segundo às deveras, para garantir que ninguém vai aparecer piscando na foto. Ao menos assim explicou um entendido nessas ciências, que, desde que chegara a Buenos Aires, colocara um lenço de camponesa na cabeça, azul com petit-pois brancos, declarando que assim homenageava las madres de la Plaza de Mayo, “las locas”, como disse – um rapaz de brinco, piercing no umbigo e jeans femininos, daqueles que avolumam a bunda –, o que achamos muito adequado e merecedor de respeito, afinal, quando ban-

⁸⁵³ (que é – por favor! – o oposto de fresco)

⁸⁵⁴ (pavlomístico-ritualiano?... pro causo...)

didos matam filhos há que desesperar-se, mas quando o próprio governo dá sumiço neles, usar lenço de bolinhas é o mínimo que se pode fazer para protestar contra a ignomínia, além de cuspir e gritar, enojado, “chanchos!”, ou de chutar a porta de qualquer banco americano... Bá!

O “city-tour” seguiu em frente, o que fazer?, e, ao passar pela 9 de Julio, a bela guia, por nombre Sol – o que levou um dos nossos, velho já, a pedir-nos que o chamássemos de Luna –, mencionou que o obelisco era um objeto fálico. “Obh’eto fálico”, dissera, deixando o Arlênio excitado: “Atención, atención acá, señorita. O que es obh’eto fálico?” A moça, diante dos risinhos gozozos, não perdeu a linha, ao contrário, e respondeu: “Semejante al miembro viril... de los argentinos por lo menos.” Então os risinhos abriram o fole, enchendo o “bus” – frescotes! – do “city-tour” – bichinhas loucas! – das nossas tradicionais gaitadas, obnubilando-nos un ratito a vista deslumbrante de la calle más ancha del mundo.

3.12. Filosofia

“El gaucho ha sido acusado por muchos de indolente; quienes visitan su rancho lo encuentran en la puerta, de brazos cruzados...” – diz el viajero, Capitán F.B. Head – “...en un lindo clima, carece de frutas y legumbres; rodeado de ganados, a menudo está sin leche; vive sin pan, y no tiene más alimento que carne y agua...”

– Mas, quem é esse porquera que tá falando mal de nós? – indagaria um mais apressadito, pois parece mesmo que nos deprecia, o gringo. Mas, não: “Es cierto que el gaucho no tiene lujos, pero el gran rasgo de su carácter es su falta de necesidades”, e, “si ha conseguido un recado y buenas espuelas, no considera que el dinero tenga mucho valor”.

Bota filosofia nisso, ainda mais hoje em dia, neste mundo de ambicioneros; bota filosofia, ainda ainda mais “cuando se reflexiona que en la serie creciente de lujos humanos no hay punto que produzca contentamiento”, diz el Capitán – e assim são as coisas, meu capitão –, em 1845, vejamos, derradeiro ano do Decênio Heróico que Otacílio quer homenagear desfilando, digno, mas, por favor, que o homem não é disso, sin lujos. Não por indolência, portanto, mas por filosofia, Otacílio cisma – filosofa, que, vimos, este é o nome hermoso para a preocupação dos pobres que não seja a de comer, a de trabalhar, a de sobreviver no dia-a-dia miserável – mais do que bebe seu liso, dá uma bicada de vez em quando, molha os beiços, nem escuta o que falam os da outra mesa, numa faceirice que parece que ganharam na loteria. E nem calha de escutar, pura bobagem.

3.12.1. Uma baita duma chama

Um conta que seu compadre tinha sido deixado pela mulher e ficou nas últimas, se parou a entornar litros e litros, não saía de casa, não trabalhava, não tomava banho, um horror, e então a irmã dele pediu pra que o piadista fosse até lá “dar uma força”. Ele foi.

O abandonado, cheirando a vômito, mijo, bosta, uma mugria de dar nojo, comunicou-lhe sua cogitabunda decisão num vapor de canha que Deus-te-livre: ia pedir emprestado o revólver do Zózimo e ia na casa da sogra e ia entrar “nem que seja à força”, dando uns tiros pra cima, e ia matar, primeiro a mulher, depois a sogra, o sogro, a cunhada e os dois filhinhos dele... e, então... ia se matar. Chorava. O amigo:

– Vai faltar bala, Lídio. Só tem seis no tambor. Por que tu não inverte tudo? Vai dar no mesmo. Primeiro te mata e depois mata os outros.

A mesa se fina de tanto rir, um retóço de doer as juntas. Galdino também, faz uma baita duma chama com os livros lá dele. Veio com um, novinho em folha mas já todo riscado, cheio de papel botando a língua pra fora. “O último do Tau Golin”, explicou, como quem fala da Bíblia. E não deixa de falar, porque mete o pau nos padres, que vinham pra cá roubar (ajudamos: o governador Veiga Cabral para o regente, 1801: “...tão longe ficam de virem desempenhar aqui o título de caritativos pais e zelosos pastores, que antes desempenham melhor o de carnívoros lobos, rapinadores de tudo quanto encontram”), imagina!, os representantes de Deus na terra.

Galdino lê apaixonado aquelas coisas, ainda ontem um guri que não sabia nem limpar a bunda, o nariz sempre escorrendo, e agora fala até palavra estrangeira, utipô... (ajudamos, eis que analfas não somos: o uti possidetis, “princípio que incorpora as ações concretas da história na ocupação real dos territórios, criando direitos”, Golin), afirmando que todo esse pampa, do Ibicuí ao Quaraí, foi roubado dos índios, hermanos e gaúchos pobres por bandidos a soldo, que ganhavam as terras e ainda divisas militares, os safados, como paga pelas barbaridades que faziam com los pata-en-el-suelo, que era bota de garrão de potro o que usavam os camiluchos, quando muito, a pele encasurrada, cáscara, pelo machacar de vagos sobre o inculto pago.⁸⁵⁵

3.12.2. Gaiolas de passarinho

“E roubariam mais, até o Arapey, até o Dayman, não fossem expulsos como mereciam”, empolga-se o cunhado nos pensamentos de Otacílio, indiático também ele, como José de Abreu, dono de quase todas essas terras de Nova Hereford, mas dono assim, varrendo os donos verdadeiros, adonado, melhor dizendo (Abreu, “arquétipo do sulino que, de uma situação social paupérrima, através da aventura, da guerra e da conquista, atingira a posição social de latifundiário e militar”, lê Galdino o livro riscado, gesticulando “e ainda fizeram do bandido um Barão”), um carreirista, pro causo, de Maldonado, que bandeou-se pro lado de cá pra fazer fortuna, e meio índio, vejam (“mestiço de traços indiáticos – que alguns de seus biógrafos se esforçam para apagar como se fosse uma maldição, apontando-lhe exclusivamente os antepassados portugueses”, lê o irmão da Tunica que nem ela quando braba, e está brabo), como Otacílio, só que rico e rico, nem que não seja, é sempre branco. Um qualquer, por muito menos está frito: quantos ficam presos por galinhas nessas gaiolas de passarinho, merdeadas, apertadas, pior, sem sol, que são as cadeias daqui, decerto baseadas no Caty, do Coronel João Francisco, tradicional estabelecimento de punição e recuperação do cidadão para a vida em sociedade,⁸⁵⁶ não vê o “louco” do Dyonélio?

Otacílio é como a tuna, duro de espinhos, mas, por dentro, às vezes, mole demais, com Tunica, principalmente, no tempo em que, muchachinho novo, emborcava pra ga-

⁸⁵⁵ (“Não deveríamos voltar com a providência tachista?...” Posta em votação, a idéia foi rejeitada. “Mas, por que, hein?” Ora, porque sim.)

⁸⁵⁶ (modelar, segundo nosso grupo de estudiosos, um deles, inclusive, tendo forçado sua prisão – desacatou a autoridade de um inspetor, chamando-o de “corno!”, mas não adiantou, porque isso todo mundo já sabia, então o chamou de “corno manso”, aí foi demais, porque o inspetor dava sumantas na mulher defendendo sua honra – só pra passar uma noite na cadeia, de onde saiu na manhã seguinte direto pro hospital, sofrendo cirurgia proctológica de urgência...)

nhar coragem de falar com a moça, bonita como ela só, no baile, e a chamava de “memosa”, a língua pastosa do visgo interior da tuna derramando-se de amor. A la pucha!

Agora, a mulher parece outra, ralhando com ele como uma vó implicante e ele tendo que babar, bem dizer, os ovos dela – um homem acostumado a comer os de touro nas brasas –, pedinchando atenção, como com Seu Valentinho, um homem sério como ele, mestiço, é verdade – como o Barão do Cerro Largo –, mas nem por isso menor – como José de Abreu, que nem era tão paupérrimo... –, mas com a sina de ser pobre e sentir-se assim, solitário no deserto, de a pé pro dia 20, dia de honrar a pátria...

E por aqui ficamos neste tocante pra que a letra não vá ter um daqueles ataques e ficar tortinha, imagina!, e o leitor no fim das contas torcer o pescoço por nossa causa. Ao contrário, queremos que enxugue as lágrimas e escute esta: quem plantou transgênicos contra a lei não vai ser preso mas terá que pagar royalties. Ai, ai, ai, a ilusão lá se vai. Esqueceram de mencionar este detalhe antes? Ora, ora, acontece, acontece sempre. Senhor, dai-me coragem de viver... Mais lágrimas? (Não, Henriqueta, ninguém quer chá.) Por essas e outras é que encaminhamos um pedido à Câmara de Vereadores para que proibam as transmissões de TV para nossa cidade, nem que apenas as novelas.

É brabo, che. O cavalo crioulo – e o gaúcho, por extensão – tem o coração do casco mais pra cima, por isso sente menos as pedras no meio do caminho.

Otacílio às vezes vaza porque, mesmo um gaúcho, não pode ficar com tudo guardado só pra si.

Todos conhecem o caso daquele que preferiu amarrar as perdizes que caçou na fita do chapéu ao invés de colocá-las, como todos, no saco comum. Bueno, um companheiro menos vaqueano naquilo – e cegueta –, vendo os bichos alçarem-se no pastizal, no reflexo, tocou-lhes chumbo. Não interessa se pegou ou não, mas bem fica claro que as perdizes não deveriam estar onde estavam. Assim com Otacílio. Guardar demais faz mal, até dor no peito dá, parece um enfarte que sobe assim da barriga.

Mas, vejam, Otacílio vaza pensamentos por enquanto e aí é que mora o perigo. Vai, vai que estoura. De qualquer forma, cautelarmente, é bom que cortem o sinal da TV, e já.⁸⁵⁷

9.3. Las cuevas más oscuras

A busca de Bustos Domecq, infrutífera até então, os interlocutores dos colegas de Instituto – “mal educados!” – ou não respondiam, fazendo ar de espanto, de incredulidade, como se os bem-intencionados herefordenses fossem loucos, ou punham-se a mofar claramente deles, alguns chegando ao requinte de indicar domicílios longínquos, em Chacarita, Avellaneda, calles inexistentes, los bromistas.

Un, cabrón hijo de puta, “si, si, sin duda”, mencionou um endereço em La Boca, “pero después de las diez” – da noite, claro –, quando o escritor com certeza estaria em casa, “libre de sus obligaciones en la oficina donde trabaja, ubicada en Palermo, lejos,

⁸⁵⁷ (tem uma propaganda agora, um careca vem de auto numa cidade toda estalando de brilhosa, e, daqui a pouco, tá no deserto e pára o auto numa quadra de tênis desenhada na areia, mas sem rede nem nada, e o careca desce, pega a raquete de tênis e dá uma patada na bolinha, parece louco, já vimos umas quantas vezes mas sempre damos um pulo na cadeira, o careca atira a bola bem contra nossa cara – e só pode ser, porque não tem ninguém no deserto jogando com ele, um susto, qualquer dia matam um meio mais ou menos do bobo, assassinos!)

entende?" Si, si, como no. O Instituto Cultural de Nova Hereford – é preciso dizer, antes que desconfiem da verossimilhança deste relato –, assemelha-se à Academia Brasileira de Letras, isto é, nem todos que mantêm assento na Casa são políticos ou gurus, profissionais especializados no trato com as pessoas, capazes de discernir – ossos do ofício – as astúcias contidas na verdade e na mentira.

Os dois intimoratos que se jogaram de cabeça – ô atitude temerária! vai, vai que metem a testa em apuros – no encaço ao grande gênio das letras são cidadãos simples, sem nenhuma malícia, despreparados mesmo para o enfrentamento com os universos paralelos, os meandros labiais da ficção e – principalmente – os labirintos porteños.

Amuados com os colegas, a quem nunca conseguiam encontrar – el vino, las muchachas, las cuevas más oscuras... –, lá se foram atrás de Domecq, os olhos peçados das cores de La Boca, que conheciam como a palma da mão, pelos postais. Ao descerem del autobús, cerca de La Bombonera, no meio da noite, no entanto, já começaram a duvidar do sucesso de sua missão e a perceber, senão o logro, que metiam-se no centro de um acontecimento sobre o qual não tinham nenhum controle, e que os levava adiante, pelas ruelas tortuosas, pelos cortiços de latón hasta quien sabe, La Boca en su entereza misteriosa, como que escondida em un capuchón negro, terrible, e eles penetrando no acontecimento, extraviados, cada vez mais delineando com seus passos incertos, o coração na boca – en La Boca –, a iminência do fato em si: soledad y dolor.

Medicadas las heridas de la paliza, tiveram de permanecer no hotel, confiantes na promessa dos colegas de que continuariam a improvável busca, tarefa a que dedicaram todo o seu tempo, mas a seu modo – el vino, las muchachas... Já cantava José Esperanza: “Vino el vino como vino / se no es bebido se va, / y uno se queda bebiendo / vino que vino a olvidar” –, porque, ninguém o ignora, uns são diferentes de outros e daí advém toda a maravilha do mundo e a inspiração para os artistas conceberem suas obras tão originais – como as que por certo brotarão da pena de nossos distinguidos herefordenses, de corpo e alma debruçados nas mesas dos cafés portenhos e em algum regaço de hembra, num “enterro”, como diz o outro, pelo amor à arte –, tão trabalhosamente plasmadas, tão... tão.... y nos quedamos sin palabras, que o que eles são não somos e preferimos percorrer a Corrientes – la calle que nunca duerme! – atrás do que seja barato.

9.3.1. “La nota de venta”

Mas... Allá se pasaron cosas, coisas que devemos contar, para que outros não sofram os mesmos apuros.

Compramos vino em una bodega cualquier, dos botellas, e as colocamos na bolsa tiracolo que desde os anos 70 nos acompanha na luta – e não mudamos o mundo, e nem a nós sequer mudamos, dói-nos confessar, mas ainda assim lutamos –, sobrando para fora o bocal das garrafas. Bueno. Logo achamos outra bodega e entramos atrás de más vino, de Mendoza, que son los mejores según el gusto de nuestro bolsillo. Na hora de pagar, a mulher encasquetou com as garrafas cujos bocais sobressaiam da tiracolo, insinuando que as tínhamos roubado de suas prateleiras.

Queriam porque queriam, menina!, “la nota de venta”, mas nós, “isto é um absurdo, vamos notificar sim, mas a embaixada brasileira”, na verdade não sabíamos onde estava a tal nota – quem dá bola pra isso? – e nos encaminhávamos para o triste desfecho de

pagar novamente pelo que já havíamos pago, quando, num golpe de sorte, em meio a cigarrillos, libros viejos – cuatro por diez pesos –, camisinhas preventivamente levadas do Brasil e muitos papéis, apontamentos, sabe-se lá, encontramos a tal nota. Ah, vocês não calculam o poder, a força da verdade, de estarmos com a razão quando o mundo inteiro – é sempre o mundo inteiro em nossa frágil condição de sermos honestos, honestos antes de tudo neste mundo porco – nos acusa. Ah, não sabem. No fim, dois Ringo Bonavena nos puseram pra fora aos empurrões, fartos de nosso alarido. Conclusão: sempre guardem la nota de venta e nunca discutam com pesos pesados.⁸⁵⁸

Em San Telmo, quiseram nos vender uma meia furada por diez pesos, porque teria sido de Gardel. Pensam que somos trouxas? Mas não resistimos a una baraja con motivos tangueros por veinte pesos e a un sombrero cochambroso de Gardel – por lo menos tenía toda la pinta – por míseros treinta pesos.

Hay que tener ojos abiertos en Buenos Aires, que allá no es Paso de Los Libres, hein!

9.4. Murió Nicolás Sarquis

A viagem de volta foi especialmente penosa para o grupo do IC. Uns convalescentes de La Boca e inconsoláveis com não terem podido encontrar-se com Bustos Domecq, outros com uma bruta dor de cabeça – não somos mais crianças – dos quatro dias embotillados na Paris latina, bebendo nas paradas, quando muito, un porrón de cualquier cosa.

Os donos da excursão parece que queriam chatear-nos deliberadamente, passando nas mínimas TVs de bordo – impossível ler as legendas, impossível dormir com a luz cambiante e o som explosivo anglo-saxônico – os lixos mais requintados, daqueles que os recrutas comentam na segunda-feira, “bá, e aquela hora que o cara...”, “e bota mina gostosa!”, estudando em grupo e após uma noite de sono meditando, se são melhores ou piores que os bestialmente incrementados pornôs.

Recorremos então aos jornais comprados em Buenos Aires, folhados sob o foco amarelo da luz de leitura, o pampa disparando lá fora como tropilha de tordilhos negros ou um único, infinito – cosa hermosa, hermano!⁸⁵⁹ –, fantasmagórico. Lemos em Página/12 que “Murió Nicolás Sarquis, un apasionado de la historia”, aos 65 anos, de edema pulmonar. Sarquis filmou **Facundo, la sombra del tigre**, em 1995, e sobre ele disse:

– Facundo es un personaje que nos involucra como argentinos y tomo este personaje en sus facetas más contradictorias. Mi Facundo y sus reflexiones tienen que ver relativamente con el ideario de los caudillos; no tienen que ver tampoco con los acontecimientos de este momento histórico en particular, con la actualidad. La sustancia del Facundo está en cuestiones más de fondo: la vida, la muerte, el destino.

⁸⁵⁸ (se ainda fosse Monzón... bêbado)

⁸⁵⁹ (Exilados na capital, voltem pro pampa antes que seja tarde; voltem pro pó do pampa que todos somos, o deserto fértil de nossa saudade. Vejam, Bob perguntou a Srila Prabhupada: “Por acaso, a verdadeira meta da vida é conhecer Deus?” E o guru respondeu: “Sim. Voltar ao lar, voltar ao Supremo...” Srila disse também que “a vida material é miserável” e que este lugar – a terra – “é a morada das misérias”, mas não devemos acreditar em tudo o que um guru diz, ressalva Don Bagayo y Balurdo, “não sejamos olhos-grandes; baste-nos o que nos interessa”).

A vida, a morte, o destino... vejam como são as coisas: Sarquis começaria na semana de sua morte a filmagem de **La clausura**, sobre o general José María Paz, o grande inimigo de Facundo. O nome não recomenda, Paz, enquanto que Facundo, desculpem a involuntária rima, é forma e fundo, e quer dizer “eloqüente”, vejam, o que foi no particular, em sua prática gaucha. Coisas da linguagem. Em NH, quando se fala no Bar do Bretão ninguém pensa no bardo bretão, Shakeaspeare ou outro qualquer, Lennon, porque o Aldabreto, Bretão, tem mesmo um bar na Vila Mucufa, onde vende cachaça a retalho e pastel de vento. Pode até nos faltar um Facundo em Nova Hereford, mas não este bar. E é bem freqüentado: os maiores pinguços do departamento vão lá. É sujo, fedido e junta um mosquedo em sua volta, latrina dos borrachos, que mijam, cagam e vomitam por ali e, talvez por isso mesmo, ali está, não fecha nunca.⁸⁶⁰

9.4.I. De dor em dor

“Estar contigo o no estar contigo es la medida de mi tiempo”, escreveu Borges para María Kodama, enamorado.

“El nombre de una mujer me delata. Me duele una mujer en todo el cuerpo”, disse.

Lemos o Página/12 e, doídos do ônibus incômodo, do remorso pela burla com os companheiros calando sobre Domecq, doídos da luz, do som da TV, de alguém que lia com uma caneta daquelas tradutoras, que apitam, insuportáveis, temos ainda que agüentar no osso o peso da cabeça do Arlênio em nosso ombro, aquele volta e meio atacado pela bursite, dormindo o amigo, de boca aberta, roncando como bugio preso na gaita.

Podemos, enfim, saudosos da nossa, dizer com Borges “Me duele una mujer en todo el cuerpo”, porque já não somos jovens – el Gran Café Tortoni é cem anos mais velho, espremido entre Mayo e Rivadavia, e ainda vigoroso, profuso – embora a vida, de dor em dor, nos atucique, nos...

– Vamos dar uma paradinha, pessoal, vinte minutos pra fumar e esticar as pernas – ouvimos do responsável pela excursão, interrompendo-nos os pensamentos, só para nós reservados.

Aproveitamos o silêncio para cochilar.

⁸⁶⁰ (um escritor desses aí disse que o seu papel era o de “escrever bem”; outro, que escrever bem é “apriorístico” – sentiram as velas enfunando? –, o escritor deve fazer mais. Sim, mas o que é escrever bem? E, agora esta, o que é fazer mais? Nas poucas vezes em que vamos a Porto Alegre, naquele baratilho de livros que fazem todo ano, na primavera, bá, a tal Feira, forramos o poncho de saldo, só de saldo – até aconteceu uma coisa desagradável com um colega, que pegou, distraído, um livro numa caixa e, ao abri-lo, tava lá, na primeira página, “vai tomar no teu cú”. Como é que o da banca não viu? Falta de respeito. Até em Nova Hereford, todo mundo sabe que “cu” não tem acento... –, e depois das compras, ficamos por ali, no largo que deixam no meio da praça, onde marcamos encontro para irmos juntos pro hotel, Porto Alegre não é NH, cochila bandido. Bueno. Pois é justo ali que se juntam esses que escrevem, cada qual mais bodoso que o outro – a Ludmila diz que são “presumidos”, e, na certa, também são, mas o cheiume deles, bá! –, falando que nem umas gralhas e gesticulando que nem galinha batendo asa, mas parecem mesmo com os pavões que a gente olhava do muro no pátio da Maria da Graça, o leque bem aberto, e a gente fazia mira e pock!, não errava uma com a funda de goiabeira, enchia a bolitaço os assanhados... Mas esses de Porto Alegre – por que será? –, têm, por trás desse jeito deles, um outro jeito, amassado assim como roupa de linho, desalinhado mesmo – ver o Fonso morto –, guenzo... e, preocupados em abrir e fechar o leque colorido, e nem tava calor, pro causo, nem percebiam que a gente percebia, mas não somos tão burros, só faltavam as castanholas, e ainda bem, vá que, afetados daquele jeito, ainda saíssem sapateando... Que vergonha! Aprumem-se, senhores!... Dão uma pena na gente...)

Quando os ruídos voltam e o ônibus retoma a rota, notamos, surpresos, que a parada tinha sido de uma hora. Teriam jantado? E nós? A janta não seria mais adiante, segundo o combinado? Um do IC vai cambaleante até a poltrona do responsável, inteirar-se das novas e encontra-o conversando com o “obeso jovial”, que sempre há nas viagens. Este explica que “o pessoal quis jantar logo de uma vez”. O do IC pensa em responder “o pessoal coisa nenhuma, tu foi o primeiro a sentar e o último a levantar, não parava de embretar comida”, mas apenas pergunta: “e nós?” “A gente dá uma paradinha perto da aduana pra vocês darem uma forrada no bucho; talvez eu também faça uma boquinha”, brinca o gordo, bamboleando as banhas.

Soubemos na hora que não daria tempo.

O gordo, que atrasara a saída de Buenos Aires em uma hora – fazendo uma boquinha? –, que inventara uma parada fora do tempo – porque não dava mais, tinha que fazer uma boquinha –, acabava de decretar que ficaríamos com fome aquela noite, pois só de avião chegaríamos ao YPF antes de fechar. E foi assim. Nos agüentamos com umas barrinhas de cereais, “boas para regular o intestino” consolou-nos a moça, ao oferecer-nos uma bela duma cagada quando chegássemos.

9.4.2. *La tarh'eta*

Antes, tínhamos a aduana, e lá – ó viagem! –, lá, sim, passamos um aperto: o jovem que homenageara “las locas de Mayo” perdera a tarjeta – não o lenço – e sem ela não poderia passar a fronteira. Enlouqueceu o da bunda postiça, enlouqueceu e começou a rodopiar com as mãos nos ouvidos, repetindo “mi tarh'eta, mi tarh'eta, que ódio!” Nós já estávamos ficando tontos com aquela piorra barulhenta quando sua amiga o pegou pelos braços e, sacudindo-o, gritou-lhe “pára! pára, que eu vou achar ela pra ti”. Mas ele não conseguia. Ficou olhando sem ver enquanto a outra revisava sua bagagem, “estou parado! estou parado! que ódio!”, e, nervoso, pulando no mesmo lugar, ou apenas trocando os pés de apoio, como fazem os dançarinos em musicais cinematográficos, até com muito jeito, muita graça natural, observamos.

A amiga não conseguia achar o papel no entrevero da mala da “loca” e então ela desmaiou.⁸⁶¹ Mas não foi dar no chão duro, não mesmo, pois o “obeso jovial” – que até era meio socialista, ou assim propagandeava enquanto enriquecia – estava perto e, solidário, amparou-lhe a queda nos resistentes e roliços braços. Abanicos e o cheiro de caipirinha embebida em um papel higiênico fizeram-no voltar a si, o lenço meio pendido prum lado – mas a homenagem e a promessa de só tirá-lo ao passar a ponte heroicamente sustentava, e, sejamos francos, nem a Bonafini é elegante sempre –, o rosto como que empoadado de blush exangue. Um forte! Alguém acabou pagando uma multa e passamos todos.

Mas para alguns de nós, do ICNHE, a reação de nossa “loca de mayo” foi mais uma cuchillada no coração – dolorido pela solerte premeditação de xerocar apenas as crônicas de Domecq, “um espetáculo, um veríssimo portenho”, sem prólogo ou qualquer vestígio

⁸⁶¹ (reparamos que outro companheiro – de excursão, mas não da viagem –, acocado – sempre acocado, por que será, hein? –, lia um livro, desta vez sem a caneta que apita, mas no olho mesmo, assim acocado, enquanto acontecia tudo aquilo, sereno e distante, e bota olho, porque o Arlênio passou perto e jura que o livro tava de cabeça pra baixo... Por que será, hein?!... Loca a outra, e ele?... Don Paredes: “Complexo de Dorothy.” Como? “Estão de tal modo ocupados em desfraldar bandeiras do arco-íris nos varais do céu que nem notam quando ele está lá, e diáfano, quase feminino de tão curvo, naturalmente belo... Mala suerte. Perdem a chance da nécessaire de ouro.”)

que denunciasse o engodo, e de sugeri-lo patrono para a bem-intencionada e asinina direção, só pelo prazer de novamente estar em Buenos Aires, nuestro Buenos Aires querido –, porque já não somos jovens, muchachos, y no hay pila.

Ela estava enlouquecida porque, sem a tarjeta, vejam, teria de ficar “em terra estranha”, não poderia “voltar para casa”. Está escrito, ouvimos bem. Por isso é tão difícil realizar os sonhos⁸⁶² e, dentre os sonhos, mais este da Patria Gaucha, que, parece, mesmo entre nós, poucos o sonham.

1.29. Embrulhada em papéis

Vejam que a essência é a mesma; la Patria Gaucha vive, embora muitos não a vejam, eis que não a estampam em camisetas promocionais.

A professora Cíntia fica cagando lei quanto ao desfile do dia 20: mulher de vestido de prenda não pode⁸⁶³ – e nós, público, nos privamos de vê-los abertos sobre o lombo do cavalo, engalanando-o –, só de bombacha ou chiripá, como o macherío; homem, ou de colete ou de jaleco, só com a camisa de mangas e o lenço, não. Como pode ser? Peão – que o grosso é peonada – com pilcha de patrão? A professora Cíntia embrulhou-se com os papéis lá dela e perdeu a noção da essência, que é a mesma, de jaleco ou camisa, de vestido ou chiripá, argentina, uruguaia ou rio-grandense. Figueroa, Luis, o demonstra: se as cinchas são, por lá, de lã na maioria, “en Córdoba se usaran cinchas de piolas y en Salta y Cuyo eran comunes las de ramales, trenzadas en cuero”. Las de nosotros, em Nova Hereford, são de piolas. Estribos, bueno, de plata, latón, hierro forjado, de astas de carnero, mas todos os gauchos um dia usamos o estribo pampa, “una lonja transversal – lo describe Figueroa – de cuero que hacía las veces de botón para estribar entre los dedos”.

– Como, entre os dedos?

– Ora, bota de garrão de potro, seus pimpões.

E os cavalos de montar, trilhos ou rodas não fosse o pampa ubíqua liberdade, asas, melhor dizendo, centáuricas, deste extraordinário conjunto?

“Lo que se busca en el animal es un paso largo, directo, decidido y parejo”, proclamam Nordby e Lattig, isto é, de peito aberto, e, ao galopar, “el caballo debe mostrar una coordinación fácil, natural y eficientemente regulada entre el cuerpo y las patas para lograr un andar suave”, ou seja, é coisa de gaúcho, não é pra qualquer um. E, tanto lá como cá – o que é o mesmo –, boqueia-se o flete, porque “la edad de los caballos se determina por el estado de sus dientes del medio o incisivos”. Melhor, no entanto, um pingo com sete ou oito anos, com dentes desgastados, “desapareciendo la negrilla o cavidad central” de cada um dos médios, do que cavalo aporreado ou mancarrão.

⁸⁶² (sonho “es un negocio de tío Bartolo”, dizem os fronteirões, um mau negócio sonhar...)

⁸⁶³ (esta Cíntia! Quer vestir mulher de homem porque de vestido parece um homem vestido de mulher, a bigoduda? Ou isso ou anda extrapolando a linha bem marcada da nossa paciência? Será que a feiosa anda usando o poder que tem no Movimento pra equiparar – absurdo! – homem e mulher? Ora, mulher, todo mundo sabe, nasceu pro lar, quando muito pra datilógrafa, como a Macabea, ou, melhor, normalista, trabalhando de mãe dos filhos dos outros, porque mulher é mãe. Bem disse o grande LfV: “A mulher é subalterna e ai que não goste. Nada mais educativo do que nossas danças tradicionais, em que os homens sapateiam, batem as esporas, cruzam os facões e brilham enquanto as prendas rodam a saia”. Essa Cíntia tá querendo encrenca... E vai ter, e vai ter... Óia...)

Mesmo Juan Manuel de Rosas, tão ocupado com o terror, pensou a miúdo em como tratar os cavaleiros. Escreveu:

– Debe haber el más delicado y puntual esmero en que el que trabaje en un caballo no lo remate, y que lo mude antes que se le ponga pesado.

Asseverou:

– No hay cosa más mala que rematar o cansar un caballo. De ello resultan las muertes y el conseguiente menoscabo.

Aconselhou:

– Para evitar todo esto y aun las más maltrataduras, es lo mejor mudar frecuentemente.

E Rosas, vejiam, o tirano, o bárbaro – na opinião de Sarmiento – era um produtivo fazendeiro: “sesenta arados funcionando a un mismo tiempo sólo se há visto en el establecimiento modelo de Los Cerrillos”, contara Adolfo Saldías. Até Carlos Darwin – deve ser parente do outro que os vereadores de NH empenham-se⁸⁶⁴ em trazer à Câmara para explicar que negócio é esse de que o homem descende do macaco quando até o presidente Bush, líder maior do planeta, crê, como cristão republicano, em Adão e Eva⁸⁶⁵ –, impressionou-se com Rosas:

– Sus fincas están admirablemente administradas y producen más cereales que las de otros hacendados.

E tinha espírito classista, o homem, pois já em 1819, muchacho novo, projetou a organização de uma “Sociedade de Labradores y Hacendados”, segundo informação de Fermín Chávez, que foi o embrião dos nossos combativos Grêmios Ruralistas.

José Hernández, em seu monumental **Martín Fierro** quanto ao pingão, ensina: “Pa quitarle las cosquillas / con cuidado lo manosea; / horas enteras emplea, / y, por fin, sólo lo deja, / cuando agacha las orejas / y ya el potro ni cocea. // Jamás le sacude un galope / porque lo trata al bagual / com paciência sin igual; / al domarlo no lo pega, / hasta que al fin se le entrega / ya dócil el animal”.

Paciência, recomenda, e desvelo: “es bueno que el hombre aprenda, / pues hay pocos domadores / y muchos frangoyadores / que andan de boçal y rienda.”

⁸⁶⁴ (não de todo – quisessem, já o tinham trazido há muito tempo. É bem coisa de político, que faz que faz.)

⁸⁶⁵ (e em marçianos, no Papai Noel e, valha-nos Deus!, no “militarismo suicida” de Toynbee, que é “a causa do colapso de todos os impérios”, explica DF, “a noção de que pela força militar se pode resolver todos os problemas”. O ex-secretário do Tesouro americano, Paul O’Neil, escreveu – e LfV divulgou –, que “a idéia de atacar o Iraque foi defendida na primeira reunião de gabinete do novo governo, dois anos antes de 11/9”. O poder do Dick, ou, traduzindo, do Bráulio. Outros pensam diferente, como David Palmer, do Jethro Tull – lembram do **Aqualung**? ... “In the beginning Man created God: and in the image of Man created he him...” –, que cortou fora seu Dick e agora se chama, maviosa, Dee. Já o Papa criticou a TV pela “forma leviana como mostra o sexo” – “Deus à imagem do Homem”, opina Don Palacios, – e a positividade que empresta “ao divórcio, à contracepção, ao aborto e à homossexualidade”. Quanto ao último caso... como “empresta”? Palmer, Arlênio & Outros vivem na certeza de que não têm nada o que devolver, que o que ganharam, ganharam dado e “sem intermediações caducas”. Bueno. Mas tem um padre aqui, que come como um bispo, que é pra ficar pançudo que nem um fazendeiro, porque, coitado, sofre de priapismo, tem fixação pela Virgem Maria, só porque é virgem, então, bá... não fosse a barrigona – “vai até quase o joelho, menina, um relaxamento!”, fuxicam umas beatas, que é como vêem de fora o desenho da batina, pro cause, pontudo abaixo do umbigo, o abdômen e, vejiam, nada flácido, o que é de espantar... “relaxado! E nem deve ter celulite que nem nós...” –, como rezar missa, com a Virgem em tudo quanto é canto?... Se o Papa chega a sonhar... Nem precisa um novo Concílio de Trento, como tá louco pra fazer, o padre já tinha virado churrasco.)

1.29.1. Denunciar: *santo ofício*

Diferenças hay, porque os homens somos diferentes, embora iguais.

O patrão tomando mate na cuia da peonada antes da recorrida, eis aí um bom exemplo: são iguais, mas diferentes, os que mateiam. O mate mesmo, essência gaucha, tem feitios variados, conforme a região e o gosto de quem o ceva. Uruguaios e argentinos preferem cuia degolada, más chica, com boquillas pequeñas de filtro estrecho, talle de pera, yerba de hojas picadas... no trituradas, polvo verde con palos, como ao gosto rio-grandense, filtros chatos e rotundos, agulheiro finíssimo pra não engasgar o vivente. Em qualquer desses países – e no Paraguai, no Chile, na Bolívia, no Peru – se toma mate, os apetrechos variando conforme os costumes e, mesmo, a riqueza dos mateadores, não sendo incomuns cuias de prata e bombas com bocal de ouro.

Diferenças hay, mas, vejam, la yerba Baldo, buenísima, fabricada no Rio Grande e consumida enormemente no Uruguay, traz estampilhas com desenhos e ditos de Don José Gervasio Artigas. E, outra coisa, há uma linguagem do mate que todos no pampa – não vocês! vocês! – conhecem; hábito comum, linguagem comum. En publicación de Puig & Ribas Distribuciones, S. L., para Sakai, S.A., algo desse código gaucha é desvelado, conversa de namorados:

“Mate muy caliente: Espero tus palabras. Así es mi amor por tí”;

“Mate espumoso y fragante: Amor correspondido”;

“Mate hirviendo: Odio”;

“Mate com miel: Boda”; e por aí se espicha.

De maneira geral, os gaúchos não o apreciam com mel, pode sapatear a professora Cíntia. Mas os conquistadores espanhóis, houve época que não o apreciavam de jeito nenhum.

O procurador Alonso de la Madri conseguiu proibir seu consumo em 1596 sob o argumento de que Deus era desservido pela erva, “porque por tomarla, no oyen misa ni sermones, quebrantan los ayunos y dan mal ejemplo a los hijos...” Assim, que ficou decidido: “Cualquiera persona, de cualquier estado y condición que beba hierba en público o en secreto, incurra en la primera vez en 10 pesos de multa y en 15 días de cárcel pública, y en adelante sean castigados con graves penas”. O jesuíta Diego de Torres chegou a denunciar o mate ao Santo Ofício, vejam, porque os índios, que por primeiro o usaram, o fizeram “por pacto y sugestión clara del demonio”. Portanto, embora sejamos de ordinário tolerantes, vocês, pimpões metropolitanos, tomem cuidado conosco; ouçam a ameaça surda de Bartolomé Hidalgo: “Cielito, cielito que sí, / le dijo el sapo a la rana, / cantá esta noche a tu gusto / y nos veremos mañana”.

1.29.2. *La vara de la justicia*

Multas, penas, proibições, sugestão do demônio...

Por essas e outras é que o gaúcho tinha – tem – como habitat “al salvage, rudo y abierto, donde campean el toro cimarrón y el indómito bagual”, explica Fernando Assunção,⁸⁶⁶ “donde la vara de la justicia real no llega, o llega mui débil”, mui débil pra poder com nosotros, gauchos, “criollos sueltos, pobres y holgazanes, porque sus (nuestros)

⁸⁶⁶ (FA, quando nos der na telha)

padres no les dejaron de comer, no les enseñaron a trabajar, ni ellos si aplican a ello”, como diz Hernandarias.

Então, los gauchos, más taluditos, templados pelos séculos, baqueanos, baguales como os baguais indômitos, indômitos como el cacique Juan Bagual, que lhes emprestou o nome – e a nombrada! –, os melhores cavaleiros do mundo, gabou-nos Garibaldi, adestrados no desgarronear vacunos que trouxe aquele mesmo Hernandarias, e, antes, Juan de Garay, e, antes, Pedro de Mendoza, también el ganado yeguno, también os índios pampas, introdutores e maestros, esse entrevero de ganado y hombre, cavalo e homem que alguns chamam mítico, querendo, talvez, desmerecer-nos, a professora Vanja... Bueno, a professora Vanja, do ICNHE, lembra que “mítico” e “mitômano” têm a mesma raiz – e grega, não é pouca coisa, como os arabescos das fantasias de romano que a gente usava no tempo em que o carnaval era uma festa pagã, tá certo, mas com respeito – e então estariam, pro causo, a nos chamar de mentirosos, o que não é bom pra saúde, o último que se fez de bobo assim... conhecem nosso Campo Santo?, pois está ali, alouçado, no meio dos cisos, é fácil de achar, fica bem no costado de cá da cruz que botaram em homenagem aos degolados por Flores no Combate da Ponte do Ibirapuitã, em Alegrete,⁸⁶⁷ que sim que Nova Hereford, vejam, independizou-se daquela imundície, mas alguns familiares dos inocentes assassinados pelo general, gente boa, se vieram pra cá, melhorar de ares, sabe como é...

De forma que “mítico” é pior do que a encomenda, se ainda fosse “místico”, aí... só para que compreendam, “en las capilas campesinas se oía misa a caballo”, diz FA,⁸⁶⁸ “y hasta los mendigos pedían limosna de a caballo” no tempo – ah, tempo! – da gauchería, quando a vida era “una epopeya de caballos; caballos, lanzas y corage gaucho”.

Ouçam, pois, coquimbos em geral, o princípio criollo: “El consuelo del hombre es el caballo, pues de Dios es el caballo. Sin caballo el hombre es nada”.

E isso agora de encasquetarem com o mate! Com as prendas... Não têm mais o que fazer?

Otacílio, pelo menos, tem preocupações maiores. El caballo, el caballo...

1.30. De que riem vocês?

Dói fundo quando o presidente da Banda Oriental, Jorge Batlle, propõe a unificação do Uruguay e do Rio Grande em um único país e todos riem. Disse Batlle em Montevideo:

– O que nós deveríamos fazer, que não temos feito há mais ou menos 150 anos, é uma espécie de país independente.

Onde o motivo para, segundo o enviado especial, “a gargalhada” do então nosso primeiro mandatário e “de jornalistas que participavam da coletiva”? O paulista, como bom paulista, deve ter rido de nervoso com a perspectiva de uma Suíça gaúcha, conhecedor de nossa história, mas, e os bocós da imprensa? Nada sabem de nós? Nunca ouviram

⁸⁶⁷ (os eloqüentes dizeres: “Aqui jazem os mártires desconhecidos que, como soldados de Honório Lemes, foram degolados após o combate do Ibirapuytan pelos mercenários alugados à ditadura. Homenagem da Cruz Vermelha Libertadora.”)

⁸⁶⁸ (hoje, bá, um amigo tentou entrar montado numa lanchonete dessas e não deixaram, que “ia quebrar os copos”, não deixaram!)

falar de Artigas? Da Patria Gaucha? Enquanto vocês se escaldam nesses nomes suspeitos,⁸⁶⁹ Porto de Galinhas, Lençóis, Praia D’Ajuda, Búzios... coloridos, tropicais, macumbentos e surubáticos, pro causo, preferimos o cinza antigo, o frio que irmana de Buenos Aires e Montevideo. Chico Buarque? Zitarrosa! Caetano? Athualpa! Gal, Marisa, Maria Rita? La Negra: Mercedes Sosa!⁸⁷⁰

E já que estamos no assunto, um trecho de **Alma Pampa**, de Jayme Caetano Braun: “Brasileira / castelhana / milonga ronco de mate, / tu nasceste do embate / da velha saga pampeana, / espanhola / lusitana / entre patriadas e domas, / sem divisas, / sem diplomas, / pulsando um mesmo dialeto, / porque o vento, / analfabeto, / fala em todos os idiomas”.⁸⁷¹

E outro: “Por isso, em qualquer fronteira / no esboço da lonjura, / és a mais linda mistura / da nobre estirpe campeira, / fidalga / e aventureira / com geografia na cara, / passaporte tapejara / no caminho dos andejes / reculutando solfejos / que uma linha / não separa!”

E outro mais: “Alma de pampa / e semente / que nasceu / nos dois costados, / herança dos mal domados / que formaram nossa gente, / o passado / e o presente / e o futuro dimensionas / nas primas / e nas bordonas / do garrão do continente”.

Choraram? Não? Entendemos... homem, chorar, só muito macho. Por conta da sugestão de Batlle, ou não, o fato é que fizeram pesquisa com os rio-grandenses e: “Foi constatada uma imagem superpositiva e auto-idealizada. O desenho da pesquisa mostra uma população que sente imenso orgulho de sua terra e de sua gente”, sintetizou o professor Brum Torres.

Sim, claro, isso é bom, não lhes parece?

Mas a matéria aponta “incongruências nas respostas”. Exemplo: para os entrevistados, “a raça mais influente na formação do gaúcho” é a italiana, com 66,1%, seguida da alemã, com 56,3%. Torres reputa o absurdo à telenovela **Terra Nostra**, então no ar pela Rede Globo. Já imaginaram se fazem uma pesquisa agora, esse seriado sobre os Farrapos dando ibope, com o Garibaldi vindo, já macarronicamente formatado, da tal **Terra Nostra** e o Bento apresentando-se com inusitados olhos verdes, ondulante cabeleira e sobrenome teutônico?...

Não adianta! Separação já!

E não só da Metade Sul, mas da Metade Sul e, claro, das Missões – relíquia de nossa história gaucha –, com a posterior criação da Liga Federal, el Protectorado de Los Pueblos Libres, com a Banda Oriental e mais Misiones, Corrientes, Entre Rios e Santa Fé. Nova Hereford poderia ser a capital, ou Salto; e o presidente, José Ovidio Fernández, por que não, índio viejo?! Repetimos para que cale: já!

⁸⁶⁹ (já os elencamos, mas há outros, a lascívia é sem-vergonhice que, rastilhando, se alastra)

⁸⁷⁰ (“Tantas vezes me mataran / Tantas vezes me morí / Sin embargo estoy aquí / Resucitando // Gracias doi a la desgracia / Y a la mano con puñal / Porque me mató tan mal / Y seguí cantando...” **La cigarra**, M. E. Walsh, linda, não? Contra ela, qual? A formiga?...))

⁸⁷¹ (belo companheiro o payador consegue pra Otacílio, o vento, vejam, analfabeto e poliglota, paradoxos da arte, fazendo inusitados ecos, abrindo janelas, soprando compensações em uma casa escura e pétrea)

1.30.1. “Son verdades las que digo”

A Patria Gaucha, honrando a história de todos os seus mais recônditos rincões, já começaria com luta. Vejam que – diz o jornal *Extra Classe* –, no Rio Grande do Sul, “todos os municípios com mais de 60% da área ocupada por propriedades acima de 500 hectares estão na metade de baixo”. Na Argentina, a concentração é igualmente grande – Lanata o informa –, assim como no Uruguai, conforme relato do historiador saltenho – e candidato a presidente – J. O. Fernández. Repetimos para que cale: a luta inicial: a reforma agrária. Vargas não a fez – e contou-o a Décio Freitas –, que esperava que a industrialização a fizesse. No campo? Esse Vargas!

“Y no les pido perdones” – canta Larralde – “porque es falsear en cumplidos, / son verdades las que digo, / y aguanten si son varones”.⁸⁷² E Antonio Lussich: “Libre soy como el pampero / Y siempre libre viví, / Libre fui cuando salí / Dende el ventre de mi madre / Sin más perro que me ladre / Que el destino que corrí...” Por isso, tem sua razão Estanislao del Campo: “Se el pasto nace en el suelo / Es porque Dios lo ordenó, / Que para eso agua les dio / A los ñublados del cielo. / Dejen pues que al caramelo / Le hinquemos todos el diente, / Y no andemos, tristemente, / Sin tener en donde armar / Un rancho, para sestiar / Cuando pica el sol ardiente”.

Parece justo, mas, vejam que Rosas, em suas **Instruções a Los Mayordomos de Estancias**, já dizia: “si en caballadas aparecen algunos cojudos mordedores, que deben caparlos, e que si así siguen haciendo daño, que deben matarlos; y se aparecen algunos torunos mordedores, que también los deben matar”.

Touro sem bolas, é boi. Há, portanto, que ter cuidado com esses, pro causo, mordedores de fronha.

Recomendava Luis Figueroa: “Ante cualquier delito o sospecha se sometía al paisano a castigos físicos”, como “el cepo”, que consistia em dois caibros pesados com três cavidades semicirculares, para o pescoço e os pulsos, que eram juntados e apresilhados, ficando o gaúcho horas “en una muy penosa posición”. Os milicos usavam também costurar um couro molhado em torno do prisioneiro que, quando secava, encolhia, provocando “gran dolor y ahogo”. E “la estaqueada”, que prendia pulsos e tornozelos o mais abertos possíveis em estacas fincadas no chão, “produciendo gran dolor en las articulaciones”, tormento que também poderia ser aplicado atando o paisano em uma roda de carreta. Comenta o autor: “Como el gaúcho se resistía adaptarse a los imperativos de la ‘civilización’, era considerado un paria en su propia tierra: estas sanciones y ‘correctivos’ solían ser acompañados por frecuentes palizas que completaban el ‘acto de justicia’.”⁸⁷³

O que acontece nos acampamentos dos sem-terra, em seu alrededor, percebe-se, não são novidades no pampa. Mudaram as armas – FAL, submetralhadoras, bombas de efeito moral, miras a laser, foices, também foices – mas “los abusos”, mencionados por Figueroa continuam a castigar os gaúchos. Menos mal que nosotros estamos alrededor, mas del fogón campero – ni de huesos de caracú, ni de llantas de rueda, tierra apenas,

⁸⁷² (varones, no varoncitos... Tem um aqui que deu de falar assim... “Eu li no livro do Pom...” “Ora, ‘Pom’. Se o nome do homem é Pont, então é ‘Raul Ponte’, como a frente, nossa proa, sempre no front, ‘frente’...)

⁸⁷³ (gaúcho quer dizer pária, já o citamos e repetimos, não para que sintam pena, mas, bem ao contrário, para que saibam como chegar em nosotros, que temos lados, que temos redondos como vocês, seixos rolados e rerolados dos coices que a caborteira dá; temos uns quantos lados e incontáveis pontas, picanas, pro causo, rosetas, afiadas, espinhos engasgados furando o couro, ferroneadores...)

tierra madre –, tomando mate, meio que protegidos pela sombra de galinha – chazinho bom cosa loca, sene, pra prisão de ventre –, dê-lhe trela, o perro dormitando aos nossos pés, a nosso modo fazendo jus a José Gervasio Artigas, que disse: “En el camino del honor, del que jamás me he separado, me he hallado al frente de los derechos sagrados de mi Patria que he defendido y defenderé hasta donde el soplo de mi vida me anime.”

E assim é.

5.9. San Yermo! San Yermo!

Isto é uma seca que vai e vem, sempre a mesma, ladainha de velório, lamúrias: “Altino, barbaridade, aos quatro ano teve clupe, se salvou, quando servia, chegou a cabo, teve tifo, se salvou, depois, lá fora, mais umas cinco pontada de pneumonia, uma dupla, se salvou, agora anda amolado da coluna, não sei...” A mesma seca: “Silvino, a mana mandou a guria avisar que não tá podendo rezar pra Tia Neuza, te perpara pro enterro” – quando a mana não consegue rezar pra alguém é que a coisa tá perdida, não há esperança que cure, não é um simples presságio, é, já, a notícia! Façamos o sinal da cruz. Pêsames pela querida tia. A doença toma conta quando as defesas estão debilitadas e nós, aqui, não temos uma trincheira em pé, Gumercindo, João Burro, Facundo ou qualquer santo gaúcho – San Yermo? San Yermo, que Roma, sempre, “quem?” – que nos proteja. Podem ver como as ruas estão cheias – e os livros – de loucos, anões, fantasmas, frescos, coxos, bestas, fora os patológicos de remédios e estetoscópios.

Não vê o cego do edifício? *Ai, ai, ai. Esses dias, terminada a reunião, íamos saindo e ele entrando. O primeiro avisou, “não feche a porta que vem outro”. Ele via os vultos e gritava – também é surdo – “tem outro?” Na falta de sombras móveis entre seus olhos e o saguão lactescente, o velho gritava, “outro?”, e, daí a segundos – ó, Deus!, tudo menos essa escuridão –, “outro?” Um de nós, ouvindo aquilo, teve de voltar – com lágrimas nos olhos? Essas coisas nos tocam, um homem, como nós, frágil, auxiliando-nos em altos brados, nosso pai que volta?, e nós, míopes, mudos? – e agradecer ao senhor, “não tem mais ninguém, obrigado”, e oferecer-se, “o senhor precisa de ajuda”, e ouvir, “não, meu filho, obrigado, estou acostumado sozinho” – “meu filho”, ele disse –, e retornar até nós, esperando logo adiante, sem nenhuma pressa, sem verdadeiramente nada o que fazer no dia morto... Sempre a mesma seca. A vida nos pega como a um pedaço de pau, um graveto qualquer, e vai nos falquejando, falquejando. Dói. Se vocês soubessem, vocês aí no conforto da capital, o quanto... Essas linhas são como ondas arredondadas – seixos, não! –, exercícios alfabetizatórios, sons rudimentares, nossa música. Aninhamo-nos nelas, protegemo-nos em seus côncavos, mas, vejam (Belmira tem certa razão, enfim), nosso coração dispara e – sina! – vivemos a brigar com o ritmo, vira e mexe em estado de choque, a doença. E como não?*

5.9.1. Tese controversa

Agora mesmo: desapropriaram o ruralista só porque principados e mais principados caberiam dentro do país que possui em terras – com seus príncipes e princesas? Grace Kelly, viva, suas filhas... –, coisa absurda, porque um trabalhador tem o direito de enriquecer abiscotando de si próprio a mais-valia do seu trabalho, maneira engenhosa de eliminar na fonte possíveis questões trabalhistas, ônus pesado para o empregador.

(Alguns dos associados ao Instituto discordam dessa tese, pro causo, econômica, e vão mais longe: têm nojo de quem a menciona. “Vôo de lunático”, dizem, o que muito magoa as pessoas a nós chegadas que transitam entre este e os desconhecidos outros mundos – Túlio/Tiago, Hector, Danny, F.Cardozo... – que, garantem, existem e com cujos habitantes afirmam manter contato.⁸⁷⁴ Um dos discordantes tem uma firma – vende pilchas, recuerdos, cordas, essas coisas de gaúcho –, pois, uma vez, um rapaz, até bem apessoado, sem brinco nem nada furando a cara, apresentou-se como candidato a uma vaga de balconista. Ele perguntou por que o jovem queria o emprego, e o outro: “pra juntar dinheiro e ficar rico”. Na mesma hora mandou pastar o imbecil: onde já se viu ficar rico trabalhando?!⁸⁷⁵)

E desapropriaram, pelo que consta – embora os órgãos oficiais neguem –, com base em vistoria feita do alto de um gira-rosca (temos um amigo, proprietário de alguns hectares, poucos, mas proprietário, sabem como é, empafioso, pançudo, que diz que “vistoriaram de um gira-rosca e o gajo, de contar ovelhinhas, pegou no sono”, mordaz com os portugueses, de quem coleciona piadas, e, por espírito de corpo⁸⁷⁶ – proprietário, pançudo –, avesso a desapropriações), vejam, gracioso apodo que os irmãos lusos inventaram para o helicóptero, que, convenhamos, parece nome científico de bicho, como lepidóptero, que são bichos alados, como as borboletas, coloridos e leves, mais primos dos colibris do que propriamente das lavadeiras metálicas adejantes que, segundo os órgãos oficiais, apenas davam apoio aéreo à operação realizada em terra. Bueno.

O caso é que os ruralistas não gostaram nada do decreto governamental, porque enxovalha o sagrado direito de propriedade, mas, pior, porque mais de quinhentas famílias de sem-terra vão ocupar, retalhar a estância – o pampa conspurcado –, e vão querer, maltrapilhos, sujos, andar pela cidade como se naturais dela, entrar em lojas, falar com as pessoas de bem.⁸⁷⁷ Estima-se que o comércio do município terá de fazer grandes encomendas de bombas de flit, considerando-se a indignação de um local que preferiu não se identificar: “você não vão querer que a gente fique de braço cruzado enquanto esses chupa-sangue nos atacam, não é?!”

5.9.2. *Salva Altamiral*

Pois, vejam, em Itaguajé, as autoridades municipais e os comerciantes levantam as mãos para o céu pelos assentamentos lá implantados. Agora, porque, antes, nem autoridades nem população queriam sem-terra por perto: “A gente não aceitava muito, dada a

⁸⁷⁴ (F.Cardozo, inclusive, quase foi abduzida em Itaara. O ET – cognominado Bob, em honor ao Wolfenson, donde vem não existe Playboy – queria porque queria, mas ela foi firme, graças a Deus. O despeitado deu uma reviravolta e rogou uma praga pra ela, disse, “Que tu nunca mais encontre uma pessoa que goste de ti!”, e sumiu na poeira verde. Imagina, não pegou: quem não gosta da Fernanda? ET de meia-tigela...)

⁸⁷⁵ (parece que já contamos essa, mas, não, é uma epidemia, as coisas mais estapafúrdias se repetem por aqui, dá até medo... Também, com esse negócio de deixar os loucos soltos... loucura pega? Vai se saber, se até o computador, pelo ar, bem dizer, como a aftosa, adoce... esses vírus tão cada dia mais impossíveis!)

⁸⁷⁶ (“Espírito de porco... se é pançudo...” Contemos até dez, a tensão ataca o coração.)

⁸⁷⁷ (Ai, ai, ai... Pois não é que o novo governo – e não é do PO! – mandou a brigada baixar o pau nos ruralistas que tavam bloqueando a estrada, menino! Não queriam deixar os do Sepé passar, mas como isso? É o direito de ir e vir?... Pois os pé-de-porco foram pra cima deles de escudo, cacete e bala de borracha... uma mazorca! Tem gente esfregando as mãos pra ver no que vai dar... Nós, fora.)

maneira radical..." É sempre assim... "Mas, com uma convivência mais próxima, vimos que não era como a gente pensava", diz o secretário municipal de administração.

Radical foi a mudança que os novos moradores trouxeram ao município, tanto que hoje "são vistos como um caminho para dinamizar a economia local e não faltam prefeituras empenhadas em atrair mais assentamentos". A reportagem é de Lorena Kleuk e foi baixada da internet por nosso amigo China, unha-e-carne com o Galdino, cidade pequena é isso mesmo, todo mundo se conhece, e assim o Otacílio, humilde gaúcho de-a-pé, entra na roda e sarandeia conosco essa dança floreada. Mas não podemos florear demais porque está chegando a inadiável hora; o calor continua insuportável e do incêndio prometido, nada. Até o Santos Luzardo, sujeito meio que amolecido pela vida na cidade, os estudos para doutor e tal, decidiu, já na página 81 – da edição de *La Nación*, 2001, letra de corpo generoso... em outras, econômicas, provavelmente a resolução acontece bem antes, vejam, as artes gráficas intercedendo profundamente na arte de Gallegos –, que seu ideal dali pra frente era "luchar con doña Bárbara, criatura y personificación de los tiempos que corrían", e que "no sería solamente salvar Altamira, sino contribuir a la destrucción de las fuerzas retardatorias de la prosperidad del Llano".

Pois, e daí, Otacílio?

Obra ou abandona a moita (há bibliotecas prontas, catalogadas, com inscrição a preços módicos, atendentes belas e solidárias – ainda que não em Nova Hereford, mas o mundo não é só Nova Hereford, por mais controverso que isso possa ser em nosso cenáculo –, ambientes aconchegantes, silenciosos, e tudo ligando trinta pra ti, então anda logo), vamos, obra! Salva Altamira, homem! "Há muito lombilho velho / Carona de couro cru / Pois já vai chegando o tempo / De encilhar Caramuru."

2.14. O Tio Fonso

Willian MacCann, em 1853, foi "sorprendido por un ruido sordo acompañado de una trepidación; la tierra parecía temblar bajo nuestros pies". Terremoto? Hecatombe antediluviana? Tsc, tsc... Apenas "una inmensa tropa de baguales" solta no campo, livre.

Outro gringo, Robert Elwes, pela mesma época, igualmente assombra-se com nosso ordinário: os gaúchos "son todos de caballería, pues no se puede esperar de un gaúcho que vaya a ningún lado sin el caballo"; "los gaúchos debieran ser vistos unicamente a caballo" porque "su elegante y facil manera de montar suscita admiración". E, vejam, Otacílio ali, no bar, as idéias veiaqueando por dentro dele, cada tombo que Deus te livre, indeciso entre o fazer e o não fazer, claro, mas, mais, sobre o que fazer, que algo tinha, onde se viu!, as coisas não podiam ficar de cabeça pra baixo e pronto, passar por elas plantando bananeira e nem-te-ligo, não, não, onde se viu! Enforcar-se não ia, como esses daí; degolar-se não ia, como o tio Fonso...

O Tio Fonso, era guri ainda, por uma rivalidade em casa, nunca soube o certo, se degolou no meio do campo. Tava posando na estância velha do finado João Faceiro, e bem que andava, normal. Quando servia, até no hospício foi parar, parece que enxergava uns bichinhos que só ele mesmo, queriam atacar ele, virava uma fera, o que tinha na mão sampava no ar, assim pra matar os bichinhos, e nele mesmo, se dava pau, pra não deixar que eles entrassem pra dentro dele. Mas andava bem. Quem descobriu o corpo foi o

Bituca. O pai dele, o Cabo Flor, mandou buscar remédio no mato pro reumatismo, tempo pra chuva, sabe como é, e o Bituca foi, pela volta do banhado, quando, já subindo pela estrada, encontrou o cavalo do Fonso, solto, sem arreios. O Bituca pensou que ele tava de-a-pé atrás dos leitõezinhos, a porca tinha dado cria no campo.

Quando foi daí a um pouco, o cavalo dele se negou, ué! Ele tendeu assim pra frente e viu o homem caído no chão. Barbaridade. Apeou, atou o cavalo do Fonso na unha-de-gato, montou e foi de-a-galope avisar que ele tava caído, uma sangüera, “acho que morto”, ele disse,

2.14.1. Sangue arruina ligeiro

Otacílio não esquece, o Bituca falou assustado, a cara assim arregalada, parece que inchada, meio vermelha.

Informaram o sucedido por rádio amador ao patrão na cidade e ao destacamento da subdelegacia, que ficava pra cá um pouco da ponte, que nem tinha ainda, do arroio Caruá. Uns que trabalhavam no mato, lascando madeira pra fazer trama, poste, largaram e se vieram. O capataz também se aproximava, a passo, meio emocionado assim, disse que tinha acontecido um troço com o Fonso. Os brigada chegaram e ficaram de guarda, sem mexer no corpo, que ali estendido, do mesmo jeito, passou toda a noite. O Astrogildo foi avisar a família do Fonso, mas mal varou a sanga de pedra, no que sobe o repecho, já deu com a condução levando a mulher e os filhos do morto, decerto ouviram a notícia recorrendo a faixa do rádio. O subdelegado, de manhãzinha, desvirou o corpo e confirmou que ele tinha se matado, tava com a faca firme na mão.

Pobre do Fonso. Tinha chairado a faca, acharam a chaira atirada perto, tocos de cigarro, fósforo... pensou bem a coisa, preparou o espírito. Quando o subdelegado mexeu no Fonso, ele já tava bem arruinado, bicho por todo o corpo, tiveram que dar um banho de creolina pra matar um pouco, tava fervendo de bicho. O sangue arruina ligeiro, e como é fedorento o sangue de gente! Era março, um calor! Como este fora de hora de setembro, mas, naquele tempo, calor era calor, frio era frio. Ficou um rio de sangue na estrada, escorrendo pra um socavão que tem ali, coisa séria.

Otacílio lembra outra coisa do tio Fonso, engraçado, porque não tem nenhuma importância: ele, pequeno ainda, arrumava a tampa do fogão, que se soltava, e o tio fez que não com a cabeça e naquele jeito morno dele falar, disse “não adianta, a tampa cansou”. Talvez ele tenha cansado também, como a tampa, sem arrumação, pobre do tio Fonso.

2.14.2. Coitada da Cotinha

Galdino chama Otacílio de saudosista, que tem os olhos voltados pra trás. E é (saudosista), e tem (os olhos...).

A casa velha da estância do finado João Faceiro, chorou quando viu que a botavam abaixo. A filha dele, a Cotinha, não queria que a derrubassem. Professora, solteirona já, lamentava-se com Henriqueta, inconsolável ainda, anos depois: “aquela casa escutou muita coisa bonita, foi casa dos avós, cantina, fizeram bailes nela, tocaram música. Não queria que tudo terminasse no chão, soterrado. Penso na casa escutando as palavras, os sons ribombando na cumeeira alta, entranhando nas paredes porosas, nas madeiras escuras...”

Mas eles – os irmãos, práticos – alegaram que o valor a ser pago pela reforma era alto, não valia a pena. E ela ameaçando entrar pra dentro pra morrer com a casa – como os ecologistas que sobem em árvores pra protegê-las ou aos bugios delas –, e os irmãos arrancando-a de lá, impacientes.

Otacílio lembra da Cotinha com as palmas das mãos no rosto, tapando os ouvidos, seu desespero. Chorou, porque também ele ali encontrara a segurança das refeições, do catre num canto quente, dos pequenos afazeres de guri, de ter, enfim, um lugar na Terra, ainda que seu não fosse, mas que o abrigava do mundo, o mundo que a ele chegava pelos molambentos andantes, sempre meio borrachos, meio ladrões, perigosos...

A família do Seu Valentinho, compradora da fazenda, ficou com todos os seus guaxos, Otacílio, Mariano, Timóteo, Maria... Galdino diz que ele tem um “pensamento subalterno”, mas Otacílio não sabe o que é isso. Sabe, sim, que sente muitas coisas que não sentia antes e que as palavras do cunhado são como relhaços, não de Galdino, estranhamente, mas do patrão, que não o recebeu, não quis ouvi-lo um minuto que fosse, não deu-lhe a chance de pedir, de empréstimo, o cavalo, tirou-lhe a alegria e a honra de desfilar no dia vinte.

O zambo bebe de um golpe a canha que encantara a tarde inteira com seus pensamentos, deixa a paga na mesa e sai pra longe do bulício dos outros, com pressa, mas sem ter pra onde ir, cansado das buzinas em seus ouvidos, agora de Tunica, sempre reclamando, exigindo, gritando. Apenas sai. Sai pra llanura, “La maldita llanura, devoradora de hombres!” – o murmúrio do “espectro de La Barquereña”, Lorenzo, insidioso polvo nos olhos vermelhos de peão de lavoura. Mas não é como Fonso, não teria o tio naquele dia trágico a mesma tenência, ao contrário, que degolar-se não vai, isso não, mas alguma coisa, isso sim, alguma coisa tende nele, vigorante.

Quando chegar a hora...

5.10. “Indigentes ignorantes”

Em Nova Hereford, desconfiamos das coisas estabelecidas,⁸⁷⁸ das instituições, dos dogmas,⁸⁷⁹ porque – singelamente – são como placas de STOP para o pensamento.

⁸⁷⁸ (a bombacha, por exemplo. Otacílio tá mal pro desfile, tá mal de pilcha, tudo, mas os outros ouvem e fazem cara de “sinto muito mas chorar não posso”. E por que não podem? Nós outros, por Osvaldo Pereira, choramos, nosso Blau, querido amigo, saudades... Então, que tá mal de pilcha Otacílio, nem bombacha boa tem, e, sem bombacha, gaúcho não é gaúcho, como é que vai desfilar dia 20? Bueno – falamos de coisas estabelecidas –, a bombacha, vejam, “não é um artigo de vestimenta característica do verdadeiro gaúcho, pois ela não é originária da América do Sul e muito menos do pampa”. E quem fala é Cezimbra Jacques, o criador do Grêmio Gaúcho, inspiração de todo esse gauchismo: a bombacha “é antes uma vestimenta turca, que, da Turquia, foi importada para a Espanha e desta para o Prata e dali para o Rio Grande do Sul”. Talvez – vejam como são as coisas – por isso gostamos tanto de comprar nos patricios da Rua do Arvoredo – por favor, nenhuma analogia com a outra, da capital, onde, bem coisa de gringo, a alemoa e o marido faziam lingüiça de gente –, ainda que eles, estranho, não usem bombacha. O Arlênio fica supermal com esses “mandamentos”, como diz, gracioso, “pra mim sempre foram só dez”. Porque o Arlênio, justiça seja feita, faria maravilhas com uma bombacha em sua Elgin comprada na De Ré no tempo da Dona Marica ainda: “já pensei zilhões de coisas pra deixar os favos mais ‘cheguei’, até fuxico, já pensaram?, e o cós mais caído como se usa agora, tipo santropê...”)

⁸⁷⁹ (o Barão Paul Baptiste d’Ornano, tradução de Fúlvia Moretto, em seu relatório consular de 1863, elencou alguns dogmas, uns mais, outros menos, mas todos ainda vigentes em nossa província: 1. “não há aqui nenhuma espécie de segurança no envio das cartas e na inviolabilidade do lacre”, basta citar apenas o caso da Cidinha e não falemos mais disso; 2. “os maiores contrabandos e fraudes são

E o pensamento, para funcionar, tem que ter cancha como um bom parilheiro.

Nicasio, peão de Güiraldes, “contaba cuentos del tiempo ‘antigua’ y depreciaba a todos los mocitos criados entre algodones, como los del presente”. Raucho não queria ser um desses, um “cajetilla”. Em NH não hay cajetillas (e os algodões andam em falta nas farmácias depois que os sem-terra encasquetaram com a região).

Uma dessas “coisas estabelecidas” é a Revolução Francesa (francês também é gringo!); outra, o quanto nossos heróis farroupilhas agiram sob tão nobre inspiração.

Bueno, vamos a ver: Voltaire publicava seu modelo de país, aquele em que “la minoria hace trabajar a la mayoría, es alimentada por ella, y la gobierna”. Esta maioria, “indigentes ignorantes”, só teria seus braços para viver e com eles, por força deles, constituiria a, tão necessária para os burgueses, “vil multitud”, nas palavras do voltaireano Thiers.

Diderot, conforme Guillemin,^{880 881} precisou, na Enciclopédia, “sin ambages, que sólo los propietarios están cualificados para desempeñar un papel nacional”. Leia sobre 1789 e os anos que se seguiram. De tudo um pouco, de tudo um pouco, vá que seja, mas algo que preste, para não ficarem velhos e comentar, por exemplo, “Imagina, dizer que o coitado se parece com o Mazaropi! Se ainda fosse com o Tairone! Ficasse quieta.”

Mazaropi é dos nossos, entendem? Se Robespierre era feio, Voltaire muito mais.

Os burgueses deram armas para o populacho, “a vil multitud”, mas, passado o perigo, trataram de retomá-las, permitindo apenas aos cidadãos com bens a defender a autorização de porte.⁸⁸² O que disse Robespierre:

–Quereis dividir la nación en dos clases, una de las cuales estará armada unicamente para contener a la outra.⁸⁸³

E a classe armada fazia demonstrações de seu poderio a cada efeméride no Campo de Marte – para nosotros, expressão pleonástica, todo campo é de Marte, o pampa é de morte, com a exceção da touca ninja, morte alienígena, embora, em épocas de DNAs, mais em conta é ser de Vênus, usou, bota fora, enfim... Thánatos pontifica –, com canhões,

feitos nos próprios prédios destinados à repressão e pelos empregados mais bem remunerados, sem que ninguém ouse denunciá-los ou proceder com rigos contra eles!” bueno, caemos... 3. “numa palavra, todos os meios são bons para adulterar uma eleição, mesmo o seqüestro de um eleitor obstinado e o assassinato ao pé da urna eleitoral”, vide, mais tarde, a morte de Vasco Alves, na Intendência da vizinha Alegrete, e os episódios das pesquisas, já bem depois, no tempo, e por causa, claro, do PO. O francês termina por dizer que, ao ler a Constituição Brasileira, imagina ver “uma enorme cabeça de bronze sobre os ombros de um pequeno homem de palha...” Aí já é um pouco demais, convenhamos, diplomaticamente falando, por isso, fazemos coro com o então Chefe de Polícia, Doutor Raphael Daria Calado, que não deu pelota para o assassinato de um francês por aí, e ainda por cima, mascate. Disse ele, e até mui poeticamente: “se os franceses não querem ser mortos em meu país, que se vão embora para Paris!” Atentem: francês também é gringo.)

⁸⁸⁰ (por ello hablamos en español – e, francês, bem... vejam a fama de Pelotas –, políglotas que somos sendo vários os idioletos)

⁸⁸¹ (HG, se e quando nos aprouver)

⁸⁸² (se não nos enganamos – o que não é incomum –, estão querendo mais ou menos isso com essa nova lei do porte de armas, esse “desarme da população”, não é verdade?)

⁸⁸³ (vocês podem até ficar tontos neste ziguezague do texto pras notas e das notas de volta pro texto, pode dar um probleminha na cervical ou labirintite mesmo... Então, não querendo ler, não leiam... Enfim... Mas, quem avisa, amigo é: uma vez um aqui não quis perder tempo com um PS numa carta e foi este psiu, que não considerou, o responsável por sua morte... a mãe, sabem como são as mães, sempre com cuidados... Bueno... Mas o que que era mesmo que íamos dizer que não era mentira... Ah!... Bota taurá este Robespierre, hein?! Botou o dedo na ferida e, bá, saltou pus pra tudo quanto é lado. Igualzinho a hoje! Parece que fala conosco, incrível! E – o francês, que rico! – fala em espanhol, que é a língua, qualquer loco sabe, de brigar revolução.)

modernos fuzis, bombas de efeito moral, os imorais... “Los pobres, a callar”, repisa Henri Guillemin, ressaltando a importância “que tuvo en la Revolución francesa el miedo de los propietarios a perder sus bienes”. Por isso o desarmamento dos pobres; por isso a exigência de possuírem bens – os homens de bem – para votar e de possuí-los mais para serem votados, “medida de simple prudencia para proteger la propiedad”, diz Henri.

Pela primeira vez, e na Constituição Francesa, aparece no texto que a propriedade é inviolável e – pasmem – “sagrada”, adjetivo tão medieval em sua religiosidade intrínseca, aparentemente tão deslocado naquelas tábuas da modernidade, mas apenas aparentemente, pois os burgueses sabiam como ninguém distingüir o concreto do abstrato, já que se tratava de dinheiro, não é mesmo? Por isso alguns aqui do IC ficam tapados de nojo com esses “avatars farroupilhas”. Don Bagayo y Balurdo, nestas ocasiões – “por que dizer de outra forma, e pior, o que outro já o disse, e melhor? –, sempre cita José do Pagodinho: “Eu acho que a coisa mais feia / É gente que vive chorando de barriga cheia”.

5.10.1. Um perigo!

Tivemos uma Bastilha local aqui – ou várias, se figurarmos este símbolo como a luta contra um poder que nos contraria os direitos e privilégios que também queremos para nós, que diabo! –, mas nem a Guerra dos Farrapos ou qualquer outra logrou a superação do que, com sua “lucidez brutal”, segundo HG, disse Robespierre em 1789:

– La gran mayoría de nuestros conciudadanos se vem reducidos, por la indigencia, a la lucha por la supervivencia; esclavizados hasta tal punto, son incapazes de reflexionar sobre las causas de su miseria y los derechos que la naturaleza les ha dado.

Cada vez mais atual este Robespierre!

Qual o problema com os sem-terra? É que eles “reflexionan” e estão organizados na busca dos seus direitos – “contra nossos privilégios, nunca!” –, um perigo. Quando o juiz despachou favorável à reintegração de posse impetrada pelo proprietário da fazenda ocupada, veio o oficial de justiça cumprir o mandado e criou-se o impasse: os ruralistas bateram o pé⁸⁸⁴ e exigiram que os sem-terra fossem por uma estrada secundária até o assentamento onde ficariam e que cada ônibus fosse precedido e seguido por camionetes dos fazendeiros e da polícia, impedindo – seguro morreu de velho – qualquer gracinha da bandidagem,⁸⁸⁵ como fazer uma passeata por dentro da cidade, propagandear sua causa vermelha, tremulante e barulhenta pelas janelas dos ônibus, fazer “baderna”, em uma única e significativa palavra.

– Não contentes com o esbulho, ainda querem mais barulho!?

Quem visse de longe a cena, do alto – teco-teco, helicóptero ou qualquer objeto voador não identificado, assim fica por extenso certas miopias –, ficaria boiando no ar, naufrago ao sabor das ondas, por supuesto, do rádio dos ruralistas. Três ou quatro ônibus desses velhos de cidade dum lado, uma ou duas centenas de esfarrapados entra-não-entra, camionetes a perder de vista do outro, dessas reluzentes, engalanadas pelo pavilhão nacional e o rio-grandense, meia dúzia de viaturas oficiais, chuecas as coitadinhas, no centro, onde juntava-se o bolo de gente, quase todos de chapéu, reeditando a moda

⁸⁸⁴ (e lembramos do hino “oi, bate o pé, bate o pé, bate o pé / oi, bate o pé, faz assim como eeu...”, a influência portuguesa, com certeza, mostrando-se no amálgama racial nobilíssimo que é o gaúcho)

⁸⁸⁵ (terminologia, como quase tudo, controversa no IC)

do tempo antigo,⁸⁸⁶ quando se passava por uma mulher na rua, se tirava o chapéu e se dizia “Madame” – isso para o OVNI, que tem todos os dados possíveis armazenados mas é burro como um computador, coisa do demônio! –, embora o tom da conversa fosse outro, sem salamaleques:

- Ou eles saem como nós queremos ou ninguém sai!
- O despacho nada menciona a respeito, mas...
- Pois, então!
- Eu quero a garantia do Senhor de que eles não vão acampar em alguma praça da minha cidade, já chega de esculhambação!
- Não posso lhe dar garantias, o despacho...
- Que despacho coisa nenhuma! Se não diz aí, deixa que a gente sabe como fazer.
- Quero que fique clara nossa posição, que estamos aqui para resguardar a integridade física das pessoas e para fazer cumprir o despacho...⁸⁸⁷
- Mas se o despacho é omissivo, cria-se um impasse. Qual é o problema deles irem por aqui? Vocês querem que eles passem pela cidade, fazendo passeata?
- Não se trata disso, meu Senhor...
- Cancha, que eu não sou teu senhor!
- Me desculpe, Senhor, mas...
- Até quando esta chorumela?

5.II. Jogo do Osso

Na retirada dos sem-terra, “os ânimos estavam exaltados”, como diria um locutor de futebol, mas não era para tanto. Os do Sepé queriam passar pela cidade – pensando em arregimentar os herefordenses para um levante revolucionário? – e os ruralistas queriam que eles fossem para seu destino por uma estrada secundária – como se fossem clandestinos? e não são? –, sem as luzes de outros olhos para alimentar idéias, sabe como é.

Vamos exemplificar, não porque o possível leitor é um analfabeto que não sabe montar a cavalo – não sabe montar a cavalo!!? –, não sabe e ainda se diz gaúcho – gaúcho!?? –, mas porque em tudo há cançadas, meandros onde a verdade se acoca e, bueno, vá se saber de longe se estará só examinando algum rastro ou fazendo uma grande cagada, a tal da verdade.

Exemplificando, então. Ao menos o jogo do osso conhecem?

⁸⁸⁶ (olha que, naquele tempo, também isso era uma mixórdia. José Pérez Castellano, citado por Angel Rama, diz que, no final do século XVIII – ontem, se somos “um grãozinho de areia na poeira cósmica”, como bem lembra Aninha Leocádia –, “el peinado alto y en figura de mitra, aunque algo más ancho, es aquí viejo; que lo han rebajado y lo han subido diversas veces... En los zapatos usaron tacos altos y los rebajaron hasta el extremo de no usarlos ni chicos ni grandes; los volvieron a tomar, pero por grados, hasta llegar a la mayor altura. As mulheres, comenta Rama, “ya en 1787, confundían a todos com las variedades de la moda”, ainda que, observa Castellano, “regularmente visten con honestidad sin descubrir jamás los pechos, y muchas veces ni aun la garganta... digo muchas veces, porque algunas están de outro parecer...” Ah, bom! Já pensaram se não fosse assim, os ancestrais às tontas, com bolas sem manicla, pro causo, atirar em qual?)

⁸⁸⁷ (esse negócio de despacho fica até mal, sempre se usou fio de bigode por aqui, e despacho, despacho, só nas encruzilhadas, com galinha, milho e canha, refeição pro pobre que acordar mais cedo – Deus ajuda quem cedo madruga, isto é velho...)

Não leram Simões Lopes Neto? Aquela história em que o marido perde a mulher no jogo?

Pois era o do osso, a tava, como se diz, ou taba, e também se diz que “tirar la taba no es pa’ cualquiera”. Portanto, não é simples jogo de azar e não deveria ser proibido, por que não ganhar um dinheirinho – talvez uma mulher – com a habilidade que Deus nos deu? Outra das tantas injustiças com o gaúcho.

Mas o jogo é simples: tira-se um dos ossos do tarso dos bois, o astrágalo, que tem quatro caras, a maior, em forma de S, chamada suerte, a menor, chata, culo, e as laterais, hoyo e tripa. Geralmente se calça a tava com apliques de metal em cima e em baixo pra dar ao osso maior equilíbrio e permitir as clavadas, pois o jogador a atira em uma cancha de terra limpa de seis ou sete passos e um dos bons não raro consegue clavadas que, como diz o termo, cravam o osso no chão firmemente, de ponta e com la suerte pra riba.

Alberto Buela sabe tudo do assunto – cita Leguizamón, que diz, inclusive, que “Rosas e Quiroga fueram dos destros, apasionados e formidables taberos”, e nós gostamos de ler, por Facundo, nem tanto por Rosas, que lembra culo, não suerte, culo em flor, hemorróidico – e descreve os tiros que demandam destreza, que são o de “dos vueltas” e o de “vuelta e media”, e o que conta apenas com a sorte do jogador, o de “roldana”, quando o osso dá “sucesivas vueltas en el aire” y “en general, hace que la taba ‘galope’ en el campo contrario antes de detenerse”. Os de “roldana”, está visto, hoje são os mais comuns, coisa que entristece a todos nós e dá razão a quem diz que não se faz mais gaúcho como antigamente. Fazemos o possível, creiam, pauleando a mulher quase todas as noites e ensinando pros pequerruchos os segredos pampeanos, pra que honrem a legenda, ora... Bueno.

5.II.I. Astrágalo's Game

Estando então proibida a tava, um jovem vereador – não o que aprovou aquele projeto da passarela para pedestres sobre a linha férrea, para beneficiar cegos, velhos, paraplégicos, só que a coisa foi feita sem rampa e com uma escada tão alta e a pino que nem os jovens vão se animar a usá-la... este não, nem o que encasquetou com o Darwin... outro, um outro –, percebendo que em tudo quanto é lugar, especialmente na periferia e nos bolichos do interior, o jogo continua a ser jogado, a dinheiro, sob as vistas grossas inclusive das autoridades – que não cabe aqui mencionar se fardadas ou não –, resolveu apresentar um projeto criando um novo jogo que chamou Astrágalo's Game. Quem quisesse fazer canchas do game pagaria um alvará à prefeitura e taxas periódicas, como qualquer outro empreendimento, cujo montante arrecadado seria destinado a instituições que promovem a cultura gaúcha – seu reduto eleitoral –, desde que a instituição beneficiada não se inclua entre as exploradoras do negócio.

As regras do jogo?

Era disso que falávamos. Ir pela cidade ou por uma estrada secundária não dá no mesmo em termos de evacuação, por assim dizer? Quem diz que os herefordenses estariam com os sem-terra depois da metralha de rádios e jornais demonizando-os? Na dúvida, uma opção que viabilize a operação de despejo, que é isso mesmo, pegar os sem-terra lá e despejá-los acolá, no assentamento mais próximo: um terceiro caminho, o do Abaju.

- Ah, mas esta estrada não passa pela cidade! E, pela gente, nós ia a pé.⁸⁸⁸
- Assim já é demais. Minha paciência tá se esgotando. Os ruralista queriam aquela, vocês queriam a outra? Pois bem. Não contento nenhum dos lado e vamo é por essa, do Abaju.
- Mas essa não passa pela cidade, tá contentando os fazendero. Nós nem queria ir de ônibus.
- Tu me respeita! Sai! Sai! Tu me respeita e vai lá juntar tua gente! A pé pra arrumar encrenca pelo caminho?! Sei!

5.II.I.I. Digitais roçando o gatilho

Os sem-terra que acercavam-se dos ônibus, de inquietos que estavam, passaram ao descontrolo, andando de um lado pro outro, reclamando, gritando palavras de ordem, sacudindo alto suas bandeiras e foices, criando nos ruralistas também uma inquietação, um estado de prontidão mesmo, de alerta máximo – como nos filmes de guerra fria –, as armas todas apontadas pro bolo da gentama, na mira, as digitais roçando o gatilho, *ai, ai, ai... até que uma mulher resolve voltar para onde estavam, de onde a tinham tirado, por força da reintegração de posse, uma sem-terra jovem, com o filho no colo, pensando decerto que a criança seria como um escudo e que ela, afinal, era uma mulher, desarmada, as mãos ocupadas em segurar o bebê, representando perigo nenhum, pensando decerto que a deixariam novamente esbulhar a propriedade – inviolável e sagrada desde a Revolução Francesa, vimos –, a incauta com o inocentinho nos braços, bela dupla, o estampido seco nem se ouviu direito no alarido, do AR 15 – ou coisa parecida, pelo estrago, dizem que trespassa cinco ou seis, juntos –, mas a mulher como que explodiu, a criança voou – “Convertido en un niño solo y asustado, desde la ventana contemplaba el mundo de trampas y escondidas que me había sido vedado...”, disse Ernesto Sábato, melancólico, e esta criança, o que dizer dela voando, sem ventanas em sua solidão descarnada? –, a mãe com os braços abertos – vivas? aves? aleluias? –, a sangüeira, porque ela rodopiou, no peito, e quase nada, um mosquitinho nas costas, e os braços caindo com ela e a criança, meio comida como por um desses cachorros assassinos, caindo, meio em postas como no açougue, um trambolho de carne, só que quente e desenganchada de árvore, como os enforcados, mole, suja, enfermiça, ploft! “Así estamos, Consternados, Rabiosos, / Aunque esta muerte sea uno de los absurdos previsibles...”, escreveu Benedetti sobre o Che, lembramos doloridos, e, ai, ai, ai... parece que voltamos no tempo, àquele tempo de “Órdenes, botas, rejas”, sussurra Juan Gelman, “La esperanza es un niño ilegal, inocente, / reparte sus volantes, anda contra la sombra”, e não anda mais, a inocência, só a desesperança, o desatino e, Juan, lá fora, a manhã não prospera... ai, ai...*

Nem sempre a solução “Astrágalo’s Game” dá certo.

Às vezes uma mulher é seca e pega uma criança pra criar, trata como um bibelô e o bicho cresce uma praga. Tem disso em NH. Essa coitada, morta, devia ter nascido seca e ficado só, morta, pobre do inocentinho, pensam uns. Outros – os que tapam o rosto com as palmas, os que escabelam-se, os que gritam, desesperados... – pensam diferente. Do brigadiano, lá em Porto Alegre, já não sabemos, mas que lástima o moço estar ali, justo ali, naquele momento em que os sem-terra fugiam dos outros brigadianos para esconderem-se na prefeitura.

⁸⁸⁸ (alguns de nós “adoram” botar esses ciscos lingüísticos na boca dos coitados – e continuam –, que assim passam por cultos, mas nós outros gostaríamos mesmo era de ressuscitar o Paulo Freire...)

5.12. Tobiano de alma

Em Nova Hereford costumamos usar de um artifício, mas só em casos extremos, que é o de não estarmos onde se dá a coisa, não importa onde estejamos ou o local do fato: simplesmente nos declaramos – para nós mesmos e para o mundo, quiçá para as galáxias desconhecidas do Túlio/Tiago – ausentes, pescando, jogando truco no CTG, visitando a Dona Amazônia, não é, Dona Amazônia?, que é uma senhora que também zela pelos bons costumes de nossa terra.

Se algum ventena aponta-nos, como a Pedro – antes do galo cantar ou depois, ficamos brabos assim de perder o tino das coisas –, “eu te vi lá”, nós o botamos em camisa-de-força, “é louco, louco de amarrar!” As tradições devem ser mantidas porque são os elos que nos unem ao passado e ao futuro radioso, não vê Pedro, virou o primeiro Papa e tudo.⁸⁸⁹

O cavalo pode até ser zaino, mas se for tobiano de alma, é como diz o outro, nos escondemos onde dá. Una muchedumbre de mercachifles refestela-se roubando o que é nosso. Se fizerem uma sabatina nesta gente, vão ver que o que têm é alheio, roubado. Um dos líderes dos ruralistas mesmo – sempre pegava segunda época no colégio – é um burro, burro!

Mate Amargo publica entendimento – preocupante – da Unesco: “En los próximos treinta o cuarenta años, la mitad de las lenguas del planeta va a desaparecer”.

Então, como diremos: “vem cá, memosa”? “meu irmão, aperta os cinco”? Vamos contratar um “adevogado” pra isso? Pensamos com Unamuno: “La lengua es la sangre de mi espíritu”. E como “el pensamiento depende del lenguaje, puesto que con palabras se piensa”, estamos – seres pensamentais que são os gaúchos, basta mirar nossa galeria de notáveis – quase sempre, sempre com os olhos toldados de sangue, el cuchillo en la mano, cuidado, coquimbos!

– Não precisamos pensar, a TV pensa pela gente – sorri José Ovidio Fernández, presidencial, desde Salto, Uruguay, y nuestros ojos, siempre toldados de sangre, já entornam, pétala por pétala, fragrância de rosas vermelhas... Então, há esperança... porque – no es cierto, Pepito? –, só a esperança abriga e alimenta a ironia... Há esperança, enfim!

⁸⁸⁹ (La Negra, de Walsh: “...Cantando al sol / Como las cigarras / Después de un año bajo la tierra / Igual que sobreviviente / Que vuelve de la guerra...” Parece que sempre deixamos as coisas incompletas, faltou lá, vamos na De Ré comprar, mas não tem mais, só de outra partida... Deixamos o fio solto, só pra ter motivo de voltar à urdidura dessa trama, sempre as coisas assim, soltas... “Tantas veces me borraran / Tantas desaparecí / A mi propio entierro fui / Sola y llorando // Gracias doi a la desgracia / Laralá-laralá... Y seguí cantando... Cantando al sol / Como las cigarras...” Solta... e nós, cuidadosos, amorosos, amarrar as pontas, dar a inteireza possível ao que, pro caso, somos, totalmente ali, no processo de fazer, de fazer-nos, livres tecituras corando ao ubíquo sol do pampa, assim, escondendo-nos, no aberto... Sinceramente? Vamos à toda, fugimos, o Caty, Guantánamo, todos os Dops... Na Sibéria, ao menos, estaríamos dormentes, adormecendo, dormindo. O que importa é ser tobiano de alma, ou tordilho, alvar, marmóreo, ir direto pro céu... compreendem? Tem o Chomsky, sim, mas: que texto é o nosso texto neste palimpsesto? Vejamos o Otacílio... Pra vocês é fácil – vocês! –, mas, de-a-pé, sair escrevendo por ai, analfabeto como um mamau... Sem ca’alo, entrevados, estamos, mas resistimos. “El ombú, como el gaucho, no sirve para nada”, repete Javier de Viana “la sentencia doctoral de los eruditos”. É que estes nunca precisaram del “refugio de su sombra en los incendiados mediodías del desierto”. Como dizia o velho Pancho, “Nunca carece apurarse pa pensar las cosas, pero hay que apurarse p’hacerlas”. Então, corre, Otacílio! Aproveita a algaravia e corre!)

5.12.1. Radio El Mundo

Paco Taibo II, como se fosse P'eng P'ai, "El hombre que inventó el maoísmo", escreve: *"Mi historia personal es la de un eterno combate contra los dragones que devoraban las cosechas, esclavizaban a niños de cinco años, consumían a los hombres hasta llevarlos a un estado próximo a la total imbecilidad, y destruían la chispa de la vida en sus ojos". Terratenientes! A chispa de vida em seus olhos, viram?, pende as cabecinhas das letras de emoção, a chispa de vida daquela mãe, Pietá chorando seu Cristinho sem cruz sequer, voando como um gira-rosca – como uma passarola, se quisermos lembrar o Padre Bartolomeu, do Saramago... –, sem lágrimas sequer, de mãe e filho, a menos que quaisquer fluidos corpóreos, e não só dos olhos vertentes, mas do peito, ouvidos, bucho, por líquidos, empapados melhor dizendo, em farrapos da roupa em trapos espumantes, humores desprendendo-se, o espírito de mãe e filho, mártires dessa estupidez, fluídicos evolvendo-se enquanto as postas caem, prostram-se coisa mais nenhuma na terra buscada, la chispa en sus ojos, de vida, fogo-fátuo, nada, vejam, enquanto que o soldado teve cortejo fúnebre acompanhado pelas mais altas autoridades estaduais e salva de tiros, marcando o horror da morte da Praça da Matriz – ainda que na encruzilhada democrática – indelevelmente na memória das pessoas, enquanto que as pessoas desta morte, de Nova Hereford, pobres-bichos, desmemoriadas.*

Glênio Fagundes comentou de uma marca gaucha:

– Isso aí recupera a auto-estima da gente, faz brotar até moirão.

E que bom que moirões brotassem. Nossa luta é esta: moirões brotarem.

Vocês são muito jovens, talvez, mas quando a LR 1, Radio El Mundo, de Buenos Aires, foi inaugurada, em 1935, disse Enrique del Ponte:

– Conocemos la mágica influencia de la palabra, no ignoramos la bondad de un ejemplo sano ni el mal que pueden provocar los malos ejemplos. Hemos aprendido a precisar lo que se puede hacer y lo que no se puede hacer desde la radio.⁸⁹⁰

Trinta e tantos anos mais tarde, quando quase tudo era proibido em NH, podíamos, no entanto – ó liberdade! –, sintonizar a El Mundo, diretamente dos estúdios de la calle Maipú 555, ouvir Chico, Caetano, Vinícius, Yupanqui, nas madrugadas de espera, e, na exata emoção de uma conversa com Rui Neves, amigo e poeta, ouvir dele que "de domingo a sábado / a voz clandestina / do padeiro sabino / lecionou socialismo // e músculos atléticos vazam da noite / infinitas certezas".⁸⁹¹ O tempo passa e ainda – flaquitos – trememos, mas fazer é preciso, viver... As rádios estertoram em nossos, mais sensíveis, tímpanos: "Mortes na guerra é o esperado", dizem, práticos, os cínicos. Pois, bem. Que a mágica influência da palavra inspire-nos a charla; que brotem os moirões, floresçam; que não nos achem onde estamos porque, em Nova Hereford, lá não estamos. Pronto!

⁸⁹⁰ (não aqui; aqui, ainda não...)

⁸⁹¹ (Rui Neves, poeta, carteiro, distribuidor de jornais, sapateiro, consertador de bolas de couro, carregador de malas na ferroviária e de balaios de compras em carrinho de mão no armazém do Seu Irizaga, engenheiro de Reco, mimeógrafo de campanha que fazia com rodo de gelatina, tela de nylon, tábua e dobradiças, onde imprimia seus panfletos audazes e jornais de luta, e mais, muito mais é o poeta, ou não seria poeta.)

5.12.1. "...logo ð foume..."

O patrício, escutem-no:

– Zou um bubrezinho dum alvanel gui zufre bra buder algueivar uns algueires d almargem, cum almogafre, num imborda, jeira agui, num bebo álgoool, num zou um alarife, suvrimos grande albarda na braza da madriz, vugimos bro algázer, era uma algadéia, bur Alá!, o chom vigou algadifado d nuza gende, zu alfanje dinha a gende, alfange i udras alfaias, num zou um almograve, zo gueru baz, baz e amur, zou azim, a garavana zo dem gende azim, Omar e meu nome, Shariff bur alcunha da gumpanherada, gende boa, dogo gaita i dambor, dive um armazém, mas guebrei, Omar deu azar, bur Alá!... guero um já d alegrim, u gorazón, eza algazara, ai, meu gorazóm, num zou almogadém d nada, zo denho eza alpergada, eza aropa, badrízio, do logo d foume...

– Mas, o que é isso? Quem é esse louco?

– ... almôndegas, aroz, bur Alá!, mijahdra, guibe gru, dabule, esfiha...

– Tirem esse louco daqui! Chega! Ué, sais... Brincadeira tem hora. Mas será os pé!

5.13. Calem a boca!

Bueno. Não importa o que saiu na imprensa, estávamos lá. *Seiscentos colonos sem-terra acamparam na Praça da Matriz, em frente ao Palácio Piratini, para cobrar do governo a promessa – de dois meses antes – de serem assentados de uma vez por todas. Quinhentos brigadianos e seus cavalos, cães pastores, escudos, bombas de gás, submetralhadoras e costas largas – de homens fortes, o ofício assim o exige – são deslocados para o local. Questão de rotina, ligam para o HPS: preparem-se aí, pode haver trabalho extra. As autoridades estaduais botam a culpa no governo federal, que não manda dinheiro para a aquisição de terras. Os colonos gritam palavras de ordem e brandem seus instrumentos agrícolas, foices inclusas. O comandante da operação dá um ultimato aos visitantes indesejáveis e o cumpre, alheio aos panos quentes dos políticos, quem é que manda, afinal? O pelotão de choque, baionetas caladas, avança, com a cobertura de bombas de gás lacrimogêneo. Um dos sem-terra teria “atirado uma pedra” – audácia! –, deflagrando o conflito. Os brigadianos botam os colonos a correr pelas ruas próximas. Pau e pau. Na Borges com a Andradas, alguns deles dão de cara com um PM armado de cassetete e revólver, cercam-no, ele atira, acertando a perna de um, a barriga de outra e ainda erra um terceiro tiro, ao mesmo tempo em que um de seus oponentes o fere mortalmente no pescoço com uma foice, espécie de gadanha de cabo curto, aquela para ceifar grãos, esta, vidas, pois a morte a empunha com seu terrível roupão de embuçado, valendo uma pela outra, no caso, porque não há regras em briga de rua e, quem não tem cão – pastor ou arma de fogo –, é caça e age como tal. Morto o soldado – ignora-se a efetiva relação entre os fatos, a BM já havia colocado em alerta o HPS –, a BM cerca o HPS. E cerca a prefeitura, onde os sem-terra se haviam refugiado, um seu oficial exigindo a entrega do matador do seu colega senão invadiria “essa merda”. O prefeito obtém do governador a concordância para a evacuação da polícia da Praça Montevidéu, mas a BM continua lá – e lá ficaria por mais de dez horas! Não minutos, horas! –, outro oficial fechando questão: “Não saímos daqui nem que o Collor mande.” (Tudo isso acontecendo certamente sem o*

conhecimento do clown que dizia ter “aquilo roxo”. “Aquilo” o quê?) Os policiais também negam-se a sair do HPS, mesmo a pedido do Secretário de Segurança; querem é que os médicos liberem os colonos para levá-los e tomar seus depoimentos. Enquanto isso, a tese de que a BM fora provocada – a pedra? – tornava-se oficial como justificativa para o conflito. Os sem-terra vão prestar depoimento; as testemunhas jantam juntas – a lei permite? – no refeitório do 9º Batalhão da Brigada e juntas – permite, a lei? – embarcam para identificar os envolvidos na morte do policial. Onze são os suspeitos apontados. Claro que a morte cega, mas, de onde estava, ali, imóvel já, eterno, quem sabe o soldado não viu – e apaziguou-se – sua promoção post-mortem a cabo e as lágrimas do governador e do secretário? (Neuroni Machado, 23 anos, foi morto com um tiro na cabeça, durante uma ocupação em Bagé, seu rosto ficou uma coisa difícil de descrever. O padre Pivotto rezou: “É mais uma vítima que tomba nesta injusta luta por um pedaço de terra”. Não foi promovido Neuroni – e nem cabia – mas coube ao menos na terra, sua carcaça, a “exata medida” do que nunca teve em vida.) A prefeitura – do PO – ficou cercada por mais de dez horas, foi chamada de “essa merda” mas era em outro âmbito que a coisa cheirava: as testemunhas contradiziam-se quanto ao local, às roupas do matador e às suas características físicas. (“Acredito que o governador tenha que tomar medidas mais enérgicas em relação a vocês”, disse o Secretário da Agricultura para o representante sem-terra no primeiro encontro após o conflito da Praça, meses antes da morte de Neuroni. Informam-nos, a propósito, que cinco crianças morreram num acampamento por conta do veneno pulverizado por fazendeiros, e morreram antes do PM. Estranho. Será que saiu no jornal? Afinal, foram cinco, e crianças. Deu deriva ou... Informam-nos também que um colono levou um tiro na nuca disparado por um PM “enquanto estava deitado no chão” e ficou paraplético. Isso em Cruz Alta, também antes do conflito da foice. Que coisa. Não lembramos de nenhuma manchete sobre o caso. Lembram-nos igualmente do episódio de Eldorado de Carajás, quando dezenove sem-terra foram assassinados, mas aí já estão ofendendo, pensando que, só porque moramos numa cidade que nem está no mapa, somos ignorantes de tudo o que se passa no país. Contra-atacamos: da morte da mãe e seu filho de colo, sabiam vocês? Sabiam? Ora, calem a boca!) Houve indiciamentos. Um jornalista que presenciou o crime não identificou o preso acusado de autor do golpe de foice como tal; um estagiário de medicina declarou que atendeu o mesmo preso no HPS no momento em que ele deveria estar na esquina democrática golpeando o PM; uma doadora de sangue também reconheceu o preso como o homem com quem conversara no HPS por volta do meio-dia...

5.13.1. “A minha pergunta”

Mas, o que é isso? Primeiro aquele turco, depois essas mortes aí nos esfregando na cara nossa ignorância – discutível! discutível! – e agora essa coisa! E ao meio-dia, quando o sol está a pino e até Blind Willie Johnson seria capaz de ver um pouco. Deve ser algo com o ser-estar no mundo ou coisa parecida. (O HPS, muitos acham, deveria ser mais central, enquanto outros entendem que a esquina democrática bem que poderia ficar da Redenção, parque de todos os portoalegrenses, aquelas paineiras lindas, cidadãos felizes fazendo o footing...)

O espaço para conjecturas é vasto ao meio-dia, quando as coisas não projetam suas sombras: prédios metempsicóticos transmigando sua essência pra lá e pra cá, e renas-

cendo a cada depoimento cá ou lá; homens alados, ícaros incandescentes derretendo versões pelos céus da capital; colonos “manipulados”, “profissionais do ativismo”, “inocentes úteis”, “paparicados guerrilheiros”...

Abelaira: “A minha pergunta: à custa de tanto falarem nisso conseguirão enganar as pessoas, as palavras têm mais força do que a própria realidade quando vêm do Poder? A realidade é um ideal inatingível, mediada apenas pelas palavras que, elas sim, são decisivas? O mundo é ficção? E se é ficção não valerá mais instalarmo-nos nela?”

Por que não?

Um advogado “do Poder” proferiu a célebre frase – quando das falas do jornalista, do estagiário e da doadora de sangue (“Ode à doadora de sangue: O+ O- / A+ A- / B+ B- / AB+ e - / Viva o pico solidário! / Viva o suco de laranja! / Ave, peraltas!” – Laire) –, sábias palavras:

– O que não está nos autos, não está no mundo.

De que mundo habla? Em todo caso, deixemos claro: não temos lado, estamos construindo um muro em NH para nos instalarmos em cima... dos EUA, de Israel, de Berlim. É como dizem os que ficam de atalaia defronte às lonas pretas, “só queremos a paz nos campos”.

2.15. Tem que judiar dela

Um lote de dias depois, Otacílio ainda estava no veremos, sem pilcha, montaria e já sem esperanças, tropeçando pra lá e pra cá – as pedras do meio do caminho, as retinas fatigadas – que nem mosca tonta.

A Dalva tinha uma vizinha que só ia à missa com ela, rengueando, a coitada, era manca, rezava ligeiro, sempre na frente dos outros, assustada, e dizia “Amém” toda hora, era o padre piar e ela “Amém”, os outros olhavam e riam, mas ela nem-te-ligo. Quando não sabia os hinos, assobiava, assobiava, menino!, a gente se ria por dentro, mas não é coisa de rir – e nem lugar –, a renguinha não conjuminava direito, até o cinto tinham que botar nela, esses tempos ia perdendo a saia, a Dalva, quando viu, já escorregava pelas ilhargas... Também, a outra vizinha, a velha da muleta tinha ido junto, a filha pedira, tão simpática, aquela que é antipática, e a Dalva tinha que cuidar os degraus da igreja, não fosse cair a velha, e não é que cai a saia da outra, mas credo! Não é um pecado? Vejam, a Dalva morreu, tão boa, e essas duas como não andarão escalavradas!? Pecado.

A Dalva era filha-de-Maria quando moça, depois casou, mas à missa nunca deixou de ir, só aos domingos, é verdade, porque teve um filho atrás do outro, o marido bebia, dava uns bifés nela até, e a próxima tinha que lavar pra fora, ali no perau do Cemitério dos Afogados, pra juntar algum dinheirinho ao menos pro leite das crianças, mas o marido, se ela não escondia, tomava, então ela escondia e dê-lhe tabefes, vivia de beijo aberto e olho roxo, a Dalva.

Otacílio aprendeu com ela, uma vez que andava por ali, as roupas quarando nas pedras mouras da beira do rio, ele brincando com o Pinote, filho dela, uma das vezes, poucas, em que viera pra cidade, muchachinho novo, e ficara uns dias solto, a Dalva disse “vem cá, guri, me dá essa camisa”, e ele, guiso, obediente, tirou o pano imundo que vestia e o deu a ela, que, antes de esfregá-lo, ensinou:

– Meu filho, não se pode deixar sujar muito a roupa assim, que ela não dura, pra tirar a imundícia tem que judiar dela, enxovalhou, tem que lavar.

E ele aprendeu, e tanto, que mocito, fazia boa figura nos bailes, as pilchas, nunca novas – ganhava heranças dos patrões, domingueiras perto do que podia comprar –, sempre muito limpas e cheirosas, atraindo as moças, como Tunica, daquela vez...

Agora, sem pilcha, sem nada, passando pela igreja onde cantam fervorosos os fiéis, enchendo de súplicas a abóbada alta, egoístas todos, nenhum como ele, só, lembra, estando assim, só, desnudo de seus, pro causo, avios de gaúcho em plena Semana Farroupilha, da Dalva, lavadeira, que não está lá naquelas vozes e de quem aprendeu uma lição que não tem como usar não tendo o que usar.

1.31. As costas da mão

Ao filósofo cabe, segundo Wittgenstein – citado por Richard Rorty –, salvo engano,⁸⁹² “indicar à mosca a saída da garrafa na qual ela está presa”.

Otacílio é a mosca, percebem?, e sem a vareja da filosofia.

Não estamos fazendo ninguém de bobo, acontece que, se o homem está confuso, bueno, está instalada a confusão. Claro, pras mulheres sempre é mais fácil, vivem fazendo fita e ai, ai, ai, o mundo inteiro corre com o mercúrio-cromo. Nós, do IC, não esquecemos as lições dos mestres e Faulkner disse que se a gente se achica diante da mulher, ela nos passa por cima, “então, o jeito de tratá-la é dar-lhe as costas da mão, aí talvez ela venha a rastejar”. Isso, sem querermos nos gabar, é velho pra nós; um tabefe de mão virada, o desenho de soco inglês dos ossos dos dedos aproveitando o útil do seu desenho, bá, Deus-te-livre! Como observa Nicole Diver, “Eu acho que as coisas devem pertencer às pessoas que gostam delas”.

Sempre demos razão a Dos Passos, mesmo antes dele existir – somos antigos –, quando ensina que “se você lida com questões que tocam as pessoas, deve saber que vai causar dor; especialmente se atingir algum alvo próximo à verdade”. Por isso, cuidamos de bater na cara, bem próximo dos maus pensamentos que têm, preferencialmente na bocadelas e nos olhos de cigana.

As ciganas, repolhudas em suas saias estampadas, brilhando berloques, colares, como cascáveis, a muita criança de Nova Hereford e arredores deram sumiço, oblíquas e dissimuladas de dar nojo – só um bruxo mesmo, aquele do Cosme Velho, pra percebê-las, bruxas, que las hay, las hay, em uma menina, a coisa tomando-a mal largados os cueiros, e nós lemos e não esquecemos, decoramos até, como tabuada, como os afluentes do Amazonas, Juruá-Purus-Madeira-Tapajós-Xingu, e desde sempre as enfrentamos com um pezito atrás –, sinônimos que são essas palavras todas, mulher, cigana, bruxa, não por acaso três, como os medonhos gumes do tridente do demo. Então, isso é velho pra nós.

Riopardense de Macedo – outro que merece estátua –, pesquisando lá n’*O Povo*, jornal da República de Piratini, imaginem!, em janeiro de 1839, pinça um “Apelo às mulhe-

⁸⁹² (fique claro: também temos o direito de errar e o direito, anterior, de tentar deixar mais brilhosa esta conversalhada, enfeitando-a com nomes chiques e citações, sempre chiques, como um estofado novo num auto velho, compreendem?, e nós sem dinheiro pra trocar por outro... “agrega valor”, como dizem, é só não ter os pneus furados)

res” farroupilhas, nada superior “à sua delicadeza”, ressalvava o missivista – decerto um desses que ficam o dia inteiro escrevendo pra tudo quanto é publicação na ânsia de ver seu nome nelas, não importa o tema, o que dele saibam, nada, um desses chatos que NH também produz aos quilos, como o boi –, porque ele não queria – quem era ele pra querer ou não querer?! – que “as generosas rio-grandenses” prejudicassem “a própria beleza cortando-se como as Siracusanas seus longos e negros cabelos para fazer cordas que lancem as flechas da morte nas fileiras do inimigo”, não, isso nunca, ele limitava-se a pedir “às nossas belas” que fizessem “fios para os hospitais da República” e que cosessem “os fardamentos das tropas contentando-se, para satisfação deste trabalho, do reconhecimento público e dos louvores da História”. Chato porém sensato, nosso missivista; não podemos exigir de ninguém algo acima de suas aptidões. Tanto que – está no mesmo periódico –, quando os legalistas invadiram Rio Pardo para roubar a música e mais o Maestro Medanha, e um “fanfarrão de bigode vultoso e retorcido” xingava aos gritos os farrapos, as bravas mulheres riopardenses o vaiaram, debruçadas nas janelas, com denodado espírito cívico. Riopardense de Macedo – que, diga-se, não tem parentesco com as referidas belas, tampouco com a cidade, ainda que também ele seja um monumento de nossa cultura e, repetimos, merecedor de estátua – ressalta tal, bem feminina, “participação na luta dos republicanos”.

A Dalva nada tem com isso, vamos respeitar, aquilo era uma mulher de alma viril, não precisava de mercúrio-cromo. É que uma coisa leva a outra e, para nós, aqui do pampa, “misoginia, mutatis mutandis, é o mesmo que xenofobia”.⁸⁹³

Ficamos fulos porque tirar de Otacílio o dia 20 é como capá-lo a macete, a bordoadada sobre os cordéis contra a madeira guinchando desumana; como capá-lo a bordizo, a torquês retorcendo o corte por dentro, a la pucha! E Otacílio é ovo guacho, aquelas pedras brancas que a ema põe no campo, solitárias, fora do ninho, não para chocar mas para afastar os predadores dos filhotes que agasalha longe, ovo à toa que depois a mãe – a mãe! – vem bicar, quebrar a casca pra que as gosmas de dentro chamem as moscas que alimentarão suas assumidas crias; Otacílio é o ovo guacho que vingou, filho das macegas, e o dia 20, vejam, é para ele, como o Natal, gacho filho das macegas, dos pajonais, do úbere deserto pampeano.

2.16. Temple melancólico

Deixem a gente dar um talho no assunto pra continuar no mesmo, como quem desdobra a manta pra fazer o charque...

Uma china ou uma negra “recibía la yerba tomada de un saco hecho de un buche de avestruz”, cevava a beberagem y “el mate circulaba hasta que la yerba perdía su sabor, que era áspero, amargo y acre, y que, en el campo, nunca se tomaba con azúcar, sino cimarrón”, conta R.B.Cunninghame Grahan – ô gringo de nome esquisito! –, e, no matear, esses homens cujo “temple de ánimo era melancólico”, pois “la alegría no arraiga en aquellas desiertas estepes”, estas desertas estepes de vidas solitárias, de llanuras sin fin, estos hombres, uma vez na roda, sentados sobre “cabezas de buey” ou mochinhos mesmo, começavam “el desgrane de noticias”, que isso e aquilo, mas... “luego se hablaba de

⁸⁹³ (seja o que Don Bagayo y Balurdo queira dizer com isso...)

caballos”, do que falta a Otacílio – a sua alma encarnada, galopeando, que “el galope es el aire natural en la pampa”, nota FA –, égua que seja.

Menino, Otacílio foi iniciado nas conjunções carnavais com a eguada da estância, e não havia, vejam, coitado – como entre os gringos e suas porcas –, amor.

Taludinho, ficou de ajudante do filho do patrão, que não queria nada com o batente e inventou de pedir um caminhão pra transportar cargas pela fronteira. Nos dois anos que durou a brincadeira, não conheceu nenhuma pensão familiar, só tasca, e das piores, uma até gerenciada pela mãe do patrãozinho, que era filho de enxerto. As gurias dançavam de um jeito com aquelas saias justas que parece que tinham um troço no fiofó, dava até vergonha de ver.

O Venceslau – esse era o nome do filho da puta – fazia ele beber umas canhas brabas e ficava cutucando a bunda das mulheres e perguntando pro ajudante:

– Que tal o vestido, hein? Hein? pois eu prefiro o tutano.

Depois caía na gaitada, e se ria tanto que sempre vinha alguém saber se estava bem, se não queria deitar numa cama. Ele meio que se finava, ficava roxo, babava um pouco, capaz até que fosse doente, quem sabe?! De manhã, botava os óculos escuros – “Que ray-ban⁸⁹⁴ chique, hein? Hein?” –, e saía pra rua, espreguiçando-se. Tomavam um café numa birosca qualquer e pegavam a estrada poeirenta. Estava sempre sujo, com dor de cabeça, ânsia de vômito e caganeira. Também, era um retoço só! Bueno.

El ojo del amo engorda el ganado, todos sabem. E o dono só tinha, de longe, prejuízo. Assim que tudo saiu como Otacílio, guri analfabeto, estava lendo: o patrão tomou o truque do Venceslau e ele voltou ao galpão da estância, seu lugar no mundo.

Não sabia, mas era um escravo.

Se hoje, segundo os jornais, quase quatrocentas mil pessoas entre cinco e dezessete anos trabalham no Rio Grande e mais de 40% delas sem receber salário – como escravos, claramente falando –, imaginem quando Otacílio também era um deles, época em que estatística ou qualquer outra frescura da cidade não contava para os fronteiriços?

Essas, pro causo, misturanças de hoje criam dúvida na cabeça das criancinhas:

– Tia, escravo não tem que ser negro?

E a professora, ela a seu modo uma escrava, tão ordinário, tão miserável, tão desumano o seu contra-cheque, tão absurdo que institucionaliza, inconstitucional, o trabalho escravo assalariado, ainda tem que explicar o abominável.

Mas Otacílio, quanto a ele, su piel cobriza não deixa dúvidas: escravo!

Homem, no entanto, divide-se quanto ao que fazer de sua vida agora que lhe roubaram o dia 20. Divide-se como o monstro bicéfalo francês de 1838, notícia transcrita pelo *Estrela do Sul*, outro jornal farroupilha – e ele sem desfile –, duas vontades num corpo único – “é verdade que muitas vezes choram ao mesmo tempo, mas não é raro ver uma beber e outra dormir...” –, sentindo ganas que não são dele, cuchillero peligroso de pulpería.

⁸⁹⁴ (“raibão” pra muitos daqui, mas M.M.Gonçalves – bem coisa de inglês –, não admite e, no entono todo dele – como é que a Fê agüenta? – pede o chá... e nem são faiveocloque!... Falando nisso, e o Dr. Vazulmiro? “Bá, nem é bom falar...” Mas o que foi, diz. “A prósta.” Bá, nem é bom falar.)

7.8. Altissonante vanglória

Mas, sabem? – outro corte –, a salga da faina por si só, sem as vertigens dos planos (*aquele trabalhador que chega cansado em casa, tira os sapatos e, de chinelinhos de leiteiro, conversando com a mulher na sala que os estreita, de pequena, que os estreita, de juntá-los joelho com joelho de tão perto que ficam as cadeiras, pequena a peça, mão com mão, hálito com hálito, este calor das pessoas entre elas, que se gostam e, duas, conseguem o prodígio de unir vontades, aspirações, esperanças, conseguem ainda, joelho com joelho, apesar das monstruosidades lá fora, no vasto e inestancável, dentro, meio que espremidas pelas tábuas gastas, conseguem o prodígio do sonho, de vislumbrar o futuro para os filhos que dormem, de iluminá-lo com seu sonho, esse trabalhador, para ele, a salga diária de carregar o mundo – que não entende –, sua peça desparceirada do mundo nas costas sem que lhe expliquem por que o faz, apenas lhe dizem – mandam – “faz!”*, e ele faz, para ele, quando chega em casa, tudo clarifica, tudo ganha sentido, tudo fica maior e, mesmo sem entender o que ronda em volta, sente-se, no apertado da sala despojada, em seu papel, e sente-se bem como domador do futuro, cansado, mas bem, com forças para abrir a picada no – que não entende – denso, pétreo, espinhento, porque sim, porque, de chinelinhos de leiteiro – leiteiro que paga em dia, este Naziazeno, vacinado contra o pesadelo dos ratos porque, como Deng Xiao Ping, a quem não conhece mais gordo, sabe que “não importa a cor do gato, mas sim que ele pegue os ratos”, e por isso volta e meia espalha raticida pela casa, apertada, pouco então, uma ninharia, melhor do que correr o risco de roerem os pezinhos do bebê, como aconteceu, Deus te livre!, na vila aquela, um horror –, simples mas eficaz contra bichos de pé e outras pragas terruñas, sente-se, descalço nela, a terra, enraizado com seu solado de couro acalcanhado, seguro no que planta ao pisar e no alçar-se firme, cabeça erguida, o futuro doce logo ali no berço, na caminha do outro, pode fechar os olhos e ver a picada aberta, a luz avermelhando as pálpebras e dormir tranqüilo), a salga da faina por si só, sem a vertigem dos planos, caso de Otacílio, sina de Otacílio, escravo de sua idéia fixa, charqueia apenas, dá uma reboldosa nas emoções do próximo, derrete os açúcares que todos somos, compreendem?

Vocês, aí de cima, mais...

Mas escondem-se – no pampa, não há touceira pra tanto – não raro no desdém, na arrogância, na altissonante vanglória.

Uma senhora empinada escreveu no jornal – e assinou! – que sentia-se blasé com essa história de que os gaúchos são mais europeus – ela tem os olhos claros, sobrenome germânico e pele alva como neve suja – do que os outros brasileiros; que “quisperança!”, não era melhor do que ninguém, sua empregada mulata, sua amiga pobre, sua... Bueno. Outra, escreveu que não gosta de chimarrão, puchero, bolacha maragata... e define o ser gaúcho como aquele que lê Rosamunde Pilcher,⁸⁹⁵ que ama Paris, que modela o corpo em academias... Bueno.

Esses jornais têm muita utilidade por aqui, sabem?

Quando o tempo está úmido – a tia Marieta adora! –, a gente forra o chão e eles chupam a água. Em épocas de seca como agora, nem pra iniciar fogo servem, pra que fogo?

⁸⁹⁵ (quem? Gaúcho, se sabe ler, lê **Contos Gauchescos**, que basta-se a si mesmo!)

7.9. Encantadora

(Dorothy Parker tinha uma boneca de borracha, toda rasgada, que ela atirava para os cantos e seu cachorro buscava, brincalhão. Franklin Adams disse dela: “Ninguém pode escrever coisas tão irônicas a menos que tenha um profundo senso de injustiça – injustiça para com aqueles membros da raça que são vítimas dos brutos, dos pretensiosos e dos hipócritas”. Ninguém é tim-tim por tim-tim alguma coisa, mas Dorothy – “Odeio quase todas as pessoas ricas, mas acho que eu seria encantadora nesse papel” – é mais gaúcha do que aquelas duas lá de antes, a alemoa e a “desbundada”.⁸⁹⁶

Seu cãozinho de dentes afiados dilacerava mais e mais a boneca, que decerto já ia perdendo as tripas de pano. Se montasse um cavalo – mulher ou guri que senta a bunda num cavalo, não vai três meses e ele já se humilha, perde a alarifagem, não presta mais – , Dorothy, como Otacílio e um gaúcho qualquer, de lei, sempre que lhe daria uma beliscadinha, uma riscada de espora, mordida, pro causo. Ela – Parker, Bic, não importa, gaucha perdida em Nova York e não além do arco-íris, como a outra Dorothy, já a mencionamos, e algumas aqui, bonequinhas de pano – compreenderia seu – do cavalo – cavalari desalento, vítima dos pretenciosos.

R.B.Cunn..., o gringo aquele, disse coisas bonitas. Disse que, nas estâncias do pampa, los perros “mantenían al viajero como a un barco rodeado por la tempestad” e que, por qualquer desavença nos naipes ou, mesmo, na payada, já sacavam o facão e peleavam até a morte, a data esta fixada como efeméride no calendário gaúcho: el “día en que habia habido ‘mucha tripa al sol en lo de Tío Chiaché’”. Não de pano, as tripas, mas os perros, de dentes afiados, mordazes, prontos sempre a defender da tempestade a saúde de seu dono que, se quisesse, “podía vivir como un príncipe”, e não ali, naquele rancho, mas... por que – perguntamos, atônitos – abdicaria de ser monarca do mundo inteiro, o pampa, para ser apenas príncipe?

Esses turistas, sempre pretensiosos, cegos às riquezas que não estão à venda.)

7.10. Pátria dentro da Pátria

O tal de Mario Corso, psicanalista, inicia seu artigo em um desses jornais com: “Existe uma fantasia que embriaga muitos de nós: o Rio Grande do Sul seria uma pátria dentro de outra pátria.”

Em Nova Hereford não temos psicanalistas, psiquiatras, psicólogos, essas inutilidades, por sábia decisão da Câmara Municipal, mas, aos poetas, não os expulsamos. Vira e mexe anda alguém pela rua falando sozinho e, se vai ver, recita “Bêbada de ar estou / E embriagada de rocío”, Emily Dickinson.⁸⁹⁷ Ou, ainda, dela mesma, “Para compor um prado, precisa-se de um trevo / E uma única abelha, – / Um único trevo e uma abelha. / E devaneio. / O devaneio por si só já basta, / Se as abelhas forem raras”.

Bêbado é bêbado e aqui, como não beber?

⁸⁹⁶ (como vocês mesmos dizem, essas aberrações que nem sentar podem! Coitadas!)

⁸⁹⁷ (aqui? como, em português? Ora, o Ivo Bender!)

Tememos esses que ficam com os olhos assim, bailando, não atentam direto pros olhos da gente. Desses, como mulher fingindo recato com os cabelos tingidos de repolho roxo ou cenoura – com o tempo, insistimos, nascerão os filhos, impregnados do veneno, com pêlos de hortaliça? –, queremos distância cautelara.

Como não beber no deserto?

O horizonte, por mais que andemos, sempre más allá, para além do horizonte e nós, livres, todavia inconclusos, o todo que nos escapa, e está dentro de nós, de pampa, mais além perdido?

A pátria gaucha dentro de nós, de nosotros – braços, pés, cabeça e devaneios – amputada?

Expulsamos as inutilidades porque, vejam, soltaram os loucos de atar e um deles, o Zezinho,⁸⁹⁸ jogou-se do terceiro andar do prédio da rádio de capa e máscara, embriagado de Batman; outro, vinte e tantos anos depois, roubou o 38 do pai e saiu a dar tiro em milico, berrando “Abaixo a ditadura!”; a Dileuza, pobrezinha, se agarrava nas pessoas, às dentadas, sempre com fome; aquela coitadinha da praça, nem é bom falar, imitando passarinho, pinto, piu-piu, piu-piu, nós quietos e ela vem pé por pé e dá um bruto assovio nos ouvidos da gente, de sabiá, gralha, como vamos saber, louca?!

Sábria decisão da Casa do Povo herefordense expulsando esses que não sabem que por aqui todos temos outro por dentro – país, pátria, como queiram –, só que para os de atar, bem fazia o Cel. João Francisco: “calabosso!” Leram? **O louco...**, do Dyonélio? Alguém por aí sabe onde anda o Janguta? (Aquele homem quer por que quer ser o arauto da dor: “o Ricardo morreu!” “Faleceu, o Ricardo...” Quer botar na rádio?!) E **Hombre**, leram? Do Faraco. Imaginam sequer do que trata, vocês que não têm passado e roubam o nosso? E o conspiram, e – Deus! Tata Dios! – ousam espicaçar-nos com: “Que faça bom proveito quem nisso acredita (a tradição “inventada” para “nosso” Estado), mas, sinceramente, esta peça de ficção não nos aproxima de nós mesmos.”

Usam o “nós” como se fôssemos o mesmo, nós, gauchos, eles – vocês! –, coisa nenhuma; e ainda nos cospem limão nos olhos com: “o problema é que ser gaúcho é menos uma essência, ou seja, espremendo sai muito pouco suco, do que a força da nossa paixão por se diferenciar do Brasil”.

Como se não tivéssemos identidade própria! Como se um gringo pudesse falar por nós, por nosotros, gauchos!

“Nós”, cara-pálida? *Ai, ai, ai...*

*Nós, nós!, somos o restolho,*⁸⁹⁹ *“gaucho quiere decir paria”.*

Bêbados? Por supuesto.

Mamaos. De ar, de rocio, de pampa.

Vocês?

É fácil falar do minuano sob edredons (ou diante de uma tábua de queijo e um vinho bom, ou de suéter térmico e touca de pom-pom, ou em posição de lótus, mal imitá-lo, ommmmmmmm...), mas, Corso, queríamos te ver – e a outros, outras, aquelas lá, antes –

⁸⁹⁸ (já contamos e repetimos com outro nome, nenhum real, pra que cale e o coitado continue incógnito)

⁸⁹⁹ (**O homem restolhado**, de Gaston Miron, traduzido por Flávio Aguiar: “Eu fiz de mais longe do que eu uma viagem abraçadabrante / há muito tempo eu não me revia / eis-me aqui em mim como um homem numa casa / que se fez em sua ausência / olá, silêncio // eu não voltei mais para voltar / eu cheguei àquilo que começa”.)

campereando com o vento te cortando a cara, penetrando-te, desconjuntando ossos do tremor como alucinações de trem fantasma.

Então, psico-sei-lá-o-quê, todo esse teu farol, essa tua lábia viscosa, gosmenta como cuspida de bêbado, tu, aqui, extraviado que nem cu de bêbado, te quebrarias em cacos, o cristal que são vocês daí, te racharia ao meio a lichiguana fronteiraça, que é pra quem tem templa gaucha não pra qualquer um, extraviado, metido a facão sem cabo. Saiba, Corso, que... Nem vale a pena. Como diz o outro – o outro! –, no me sale del coño.

7.9.I. *Perdón, Don Corso!*

(Esperem. Necessário talho. Ai, ai, ai... Desculpe, Doutor Mário Corso. Escrever a tantas mãos dá nisso: uns puxam prum lado, outros pra outro. E há entre nós, aunque viejos, perdoe-nos a expressão, mas tem um dia que a gente estoura, há alguns entre nós, que nem conseguem mais erguer o pescoço do ganso, me entende?, pra botar de molho, e, como guris barranqueadores, se acabam num vu!, deixam a égua no ora-veja, foi isso, perdoe-nos, foi apenas isso. Outros, como este seu humilde admirador, que deu-se ao trabalho de ler seu texto até o fim, superando os pontacos de lança seca que no correr dele nos desferes – não posso mentir, doeram profundamente: transformamos “defeitos em virtudes”? De que defeitos hablas? –, pede solenemente perdão. Perdón, Don Corso. Lo que pasa es que, bueno, sua sugestão final de que deveríamos buscar uma “visão menos romântica e idealizada” de nosso passado e que, cuando lo piensa, pensa nos “atuais sem-terra”, porque, “ninguém leva tanta pedrada” como os do Sepé, “talvez por isso mesmo, por nos lembrarem quem foram nossos avós, e, então, que na nossa origem éramos bem mais pobres e menos nobres do que gostaríamos”, bá... Osso, osso, osso, o Corso é um colosso! Vamos,⁹⁰⁰ inclusive, sugerir que façam uma estátua eqüestre sua, ou, que seja,⁹⁰¹ um busto que muito honrará nosso Museu. Ai, ai...

Aproveitamos o ensejo para dizer-lhe que não concordamos com a decisão da Câmara de expulsar os psico de NH e que, desde então, sem nossas sessões com a Doutora Benigna – e suas pilulazinhas –, voltamos a ter aqueles mesmos pesadelos e os homenzinhos-peixes, os homenzinhos-rãs agora estão nos perseguindo pela rua, nós caminhando, bem belos e, de inopino, fazemos cara-volta e os surpreendemos atrás de nós. Aí, claro, escondem-se num vão de porta ou num poste, esses dias nos viramos tão de supetão que derrubamos uma senhora, a Dona Otília, mãe do Abelardo e da Lia, coitada, quebrou a bacia, e foi sem querer, o Senhor, que compreende essas coisas, sabe, não tivemos nenhuma intenção, e, quando falamos das perereconas verdes, dos lambaris diáfanos, nos dirigem impropérios, o Abelardo, nosso amigo de tantos anos, imagine!, até tentou nos agredir – o que fazer, Doutor, ainda ontem acordamos com o lençol cheio de escamas?)

⁹⁰⁰ (o “plural majestático”, disfarce também, vil – para fugir das patrulhas, coisa séria...)

⁹⁰¹ (vamos que o gringo – perdón! –, que o Senhor não saiba andar a cavalo...)

4.2.I. Pobrezuelos

Jorgelina Duarte, neta de um cacique guarani, agora vivendo a áspera, fria, impessoal realidade cartão-ponto da metrópole, diz:

– Me costó venirme a vivir a una ciudad como ésta. Extraño mucho los tiempos de la comunidad, el empezar el día reunidos y hablando, tranquilos, alrededor del fuego.

Pobrezuela.

Jorge Máximo refugia-se nas práticas de sua gente:

– Salgo a caminar cuando sale la luna, en silencio. Después me siento en la tierra y escucho a los antiguos.

Sua crença, contrária a dos brancos, “que miram hacia el cielo”, é a de que o espírito ancestral, como as raízes de um Cambará ou Sauce, está sempre embaixo da terra “y con el tiempo aparece, especialmente si uno está mal o angustiado”.

Pobrezuelo.

(Melissa, cevada, alface, sálvia, cidreira, erva-de-são-joão... Mas Henriqueta, ela mesma deprimida porque uma amiga estava com diarreia e, sempre solícita, disse-lhe que tomasse um chazinho de aroeira, ou de marmeleiro, ou de bambu, que tem no pátio, mas a outra, surda, ouviu o que quis, e, menina!, tomou de folhas de corticeira, de pessegueiro e de umbu, quase morreu desidratada! Já está bem, graças a Deus, não era a hora dela, mas Henriqueta continua pra morrer com o mal-entendido.

Da tragédia, porém, tiremos ensinamento: vejam o poder das rimas. A gente vai ficando velho e só escuta os sons que encontram correspondência naqueles que fomos colhendo durante a vida. Esta que quase se esvai em merda, por exemplo, sempre foi a mais emérita fofqueira de Nova Hereford, ainda que tenha posto um bruto galheiro na cabeça do marido, mesmo sendo um jaburu de tão feia. Así son las cosas, dizian los abuelos. Ouviu a “eira”, o “eiro” e o “u” que mais soavam no compasso dos latidos do seu coração, que o que caga pela boca essa senhora é outro dos tantos recordes não reconhecidos de nosso torrão natal... A Dona Mosa e a Marilu, de Alegrete? Bá! não dão nem pra saída. Pobrezinha da Henriqueta.)

4.2.I.I. O rutilante “sim”

Carmelo Sardina, índio também, exilado em San Telmo, feirante, como índio, sabe que:

– El anciano es un templo; es quien nos enseña a transitar por la vida y nos marca nuestros errores.

O mesmo pensa Silvia Rinqué, estendendo sua nostalgia para além do encapsulado cidadão:

– En la cosmovisión indígena todo es indivisible. La matemática está unida con la música y con la religión. Por eso, la platería no es un simple adorno, cada pieza tiene su nehuén. Por eso, si uno pierde una pieza, no debe pensar que la perdió, sino que la pieza se fue de su vida.

Percebe-se que Silvia trabalha a prata – outra, ainda que a mesma que verteu sanguinolenta pelas artérias platinas, ontem, de Potosí para o além-mar –, como seus ancestrais, “arte sagrado ejercido sólo por las mujeres”. E, ao trabalhá-la, *imprime em cada peça el*

nehuén – sua alma, compreendem? – “para darle fuerza, energía. Por eso no siempre puedo hacer una pieza por encargo: si es para una persona mala, me voy a quemar la mano”. E já, vejam, nos cai a cabeça e a letra junto, tortinha, tortinha, expressão de nosso mais profundo manancial, nosso Botucatu que derrama-se pelos olhos – d’água – telúricos, que todos aqui os temos e, às vezes, de tanto que perdemos, hídrico, o foco, marcamos consulta, preocupados, com o Doutor Pithan, vá que seja outra coisa diferente do que sempre é e acabemos por ter de olhar o mundo pelos ouvidos, pelo nariz, pelo paladar, pelo tato ou, aventura vertiginosa, por aquele que chamam de sexto sentido, nehuén de tudo, e então, livres do desalmado, como não chorar? como empinar a escrita, humildemente curvados no altar íntimo de nosso próprio templo? E Silvia, vejam, explica que no seu idioma não existe a palavra “não”. Não estão, portanto, sempre dizendo – e ouvindo – “não, não”, não dizem “não” porque “não” não há, apenas o rutilante “sim”, o, a la moda vieja, sorridente – não dizem “no te amo”, mas “ahora estoy ciego al resplandor de tu luz” –, sinestésico, metafórico, pleno de sentidos “sim”.⁹⁰²

Está certo quem escreve quanto aos índios que “tenemos una deuda que se mide en palabras, costumbres, ritos, sabores”. Não há o que pague esta dívida; o mate que tomamos alrededor deste fogo que não apaga, por exemplo, ou o amigo que chega faceiro e grita “jujuy!” – um “quibiajuju!” genuinamente alegre, sem os penduricalhos da ginebra, baba na barba; berloques, lançados, do almoço –, alegre como um homem que houvesse escalado uma montanha e livre, tocando o céu, o anunciasse, “jujuy!”, que é isso mesmo o que é e o sentimos – esta alegria – dentro. Dívida com os índios, os camiluchos, os gaudérios, os gaúchos, gauchos, por supuesto, guaxos da mãe terra, que os expulsou – a nós! – e que, nos galpões, a soldo – descontados os pilas de lei, casa, comida... –, ou sobre os arreios, tropeando, ou, despilchados, na lavoura – Otacílio... –, os mantém – a nós! – cativos.

Então, vejam, o parte final do texto de Mário Corso,⁹⁰³ corajoso no apontar o explícito, o que ninguém parece ver, mas nítido, similitudes entre o atual e o antigo – avós heróicos, seus avatares míseros –, é um texto que vergasta com silício o orgulho, dor sem lenitivo, doença da alma, foco de delírios, febres, desatinos, banditismo... Unir sem-terra a vultos míticos, Mário Corso,⁹⁰⁴ só te traz um benefício: o da dúvida: ou enlouqueceste do mister psíquico ou, são, verás jamais o pampa infindo. Veio o Bigode e só não o esfolam vivo por missioneiro o galo, e mui arisco.

7.10. Como cu de lagarto

Décio Freitas – para que continuemos a aprofundar o talho que acabou em Corso, para que finquemos nas vísceras da verdade a lâmina inteira de nossa faca – diz:

– Na pequena propriedade rural está a raiz histórica da qualidade de vida do RS, a melhor do Brasil.

E faz “uma comparação entre o moderno RS da Metade Norte e o velho RS da Metade Sul, entre o minifúndio e o latifúndio, entre o bem estar social e a miséria social”. A reforma agrária, mandamento constitucional, reduziria esse “atraso econômico, social

⁹⁰² (o teu “sim à vida”, caríssimo JPB)

⁹⁰³ (merecedor de estátua)

⁹⁰⁴ (conselho de amigo, que, por aqui, bá!)

e cultural que retarda e envergonha o Brasil”, mas sua implantação está sendo “frustrante”. E conclui Freitas:

– Obviamente, o latifúndio improdutivo precisa ser destruído, pois ele próprio é econômica e socialmente destrutivo.

O historiador, como todos nós do Instituto – ou quase, têm um ou dois que temos que dar um jeito, andam atravessados como cu de lagarto – acredita que o que temos é um “arremedo de reforma agrária” e que “em seu lugar precisa-se construir algo sério e fecundo”. Bueno. Então, o Galdino, cunhado de Otacílio, os dendém da irmã Tunica, com a ligeireza de gênio típica da família e a pressa própria de quem tem a vida inteira pela frente, mas hoje!, tem que ser hoje!, fica brabo:

– Se todos querem, por que não fazem? Porque os ruralistas não deixam, ora! Olha o absurdo de Boicici!⁹⁰⁵

Boicici, a mãe da mãe da cobra, por ali onde mataram Sepé, e nós pensando que as avós são todas velhinhas mimosas. Mas, afinal, do que fala Galdino?

Um stalinista-democrático diria simplesmente: “o governo, usando de sua prerrogativa constitucional, desapropriou um latifúndio, improdutivo segundo os parâmetros do IRA, e os proprietários, aliados aos políticos de direita e contando com os instrumentos protelativos de que dispõem – dispositivos legais etcétera, o etcétera agasalhando, agasalho, coisas de arrepiar de frio, solidão... –, fazem de tudo para impedir que o ato governamental se cumpra”. (Na verdade, um stalinista-democrático – para despistar o despiste, o SNI é aqui – usaria alguns chavões, talvez gesticulasse ou cuspiasse de lado, escarnecendo dos “manotaços de afogado da burguesia rural”, talvez apenas “desse de ombros”, como nos filmes, não sem um muxoxo e o indispensável peteleco e o amassar no chão da bituca mata-rato, ou talvez – como nosso companheiro, líder do movimento em NH – nada fizesse, distante dos fatos, cuidando do rebanho do pai, época de cria, sabe como é...)

Objetivamente: desapropriação feita, teve início a guerra judicial, os proprietários contestando-a – e os políticos e as associações de classe etcétera...

Do outro lado, de modo a pressionar o governo para que fizesse valer sua decisão, prontamente um grupo de sem-terra pôs-se em marcha para Boicici. Alarmados, os boicicizenses trataram de defender suas posições.⁹⁰⁶ A prefeitura abriu uma enorme vala na estrada de acesso à propriedade em questão, que um líder ruralista disse ter o objetivo de impedir a “invasão” dos sem-terra, informação logo corrigida pelo prefeito, nada disso, tratava-se apenas de um rotineiro conserto no corredor municipal.

– Nunca vi consertarem estrada abrindo um buraco que a secciona, como uma trincheira, impedindo qualquer fluxo, pra lá ou pra cá, sem que a obra tivesse por finalidade a colocação de bueiros ou coisa parecida – comentou um engenheiro amigo nosso que pediu encarecidamente para não ser identificado (mas, em nome da verdade, podemos dizer que é um rapazinho novo, amigo velho, natural do Mariano Pinto, e que trabalhou muitos anos fazendo e patrolando estrada por essa fronteira toda).

⁹⁰⁵ (ele tem essa mania de perguntar e responder a própria pergunta, mal-educado!)

⁹⁰⁶ (já jogaram War? Nem queiram... muito melhor o bilboquê.)

7.10.1. Anonimamente

Enfim, como íamos dizendo, os ruralistas – e os etcétera etcétera – trataram de defender suas trincheiras, um deles chegando a ameaçar com uma nova Revolução Farrou-pilha:

– Já fizemos uma, podemos fazer outra!!!

A senhora Oflía, vereadora do Partido Obreiro, denunciou telefonemas anônimos que a ameaçavam de morte:

– Vamos matar os bois e as vacas também, te prepara!

(Alguém do IC comenta que a mensagem é ambígua. O “te prepara” pode ser entendido como um convite para ajudar na matança, e “bois” e “vacas” quem sabe são apenas bois e vacas... Outro colega, no entanto, muito educado, estudou no colégio das irmãs, responde, ainda se dá ao trabalho...: “Querida, temos de ver em que contexto o telefonema se insere”. Pros outros, não damos pelota; temos mais o que fazer, a Feira do Livro se aproxima e, se não publicamos o relato, como vamos angariar fundos para a Creche Santinha do Caverá e a Idoso’s Home?)

Menos ambíguo é o panfleto distribuído – anonimamente – na cidade, que chama os sem-terra de “ratos”, “escória humana”, e propõe à população local que envenenem a comida deles, que usem armas para contê-los, que banhem de gasolina o acampamento que farão – com aviões agrícolas e pilotos experimentados em chuva tóxica –, porque “sempre terá uma vela acesa para terminar o serviço e liquidar com todos eles”. Nada de espantar no pampa, “terra adubada a sangue”, como diz um poeta que vende fertilizantes. Al Petizo Orejudo le gustaba quemar sus víctimas, nada de espantar.

Renato Zugno, advogado e professor, em texto inspirado – nossa colega Gregória o trouxe para uma reunião e ao lê-lo não conteve as lágrimas, sendo salva a maquiagem, suave, adequada a sua idade, pelo lenço prestimoso do Doutor Plínio, com iniciais bordadas, muito elegante, por sinal –, escreve que “não se pode mais conceber uma distribuição de renda tão injusta e desigual, com fartura de uns e miséria de outros”, e sugere “uma mudança de comportamento das relações sociais e econômicas, a fim de diminuir drasticamente as diferenças de sobrevivência humana entre as classes”.

Citamos Zugno a pedido da doce Gregória, que vê ligação direta entre os episódios de Boicici e o texto, especialmente quando pergunta: “Querem paz? Por que, então, não baixam as armas, cara-pálidas⁹⁰⁷?”

Por essas e outras é que um amigo extra-terrestre – ou robô intergaláctico, tem dúvidas –, depois de horas com o dedão à beira da estrada para Itaara, conseguindo finalmente carona com o Danny e o Hector, sempre solícitos, desabafou:

– Cá pra nós, mas tá difícil viver na Terra, hein?!

⁹⁰⁷ (ninguém é perfeito: ou Zugno copiou o IC ou o IC compiou Zugno. A mãe da Dinorá acha, simploriamente, que ninguém copiou ninguém, “imagina, eu era guria e via nos filmes os peles-vermelhas brigando com os cara-pálidas ou com os casacos-azuis...” Perquirir verdade.)

8.9. *Sonho de valsa*

O Sirley, filho do finado Nunes, diga-mo-lo sem mais rodeios, é um bundão.

Já foi mais, mas para terem uma idéia, sempre que vem ao Instituto, senta em cima de algum trabalho, livro, pesquisa,⁹⁰⁸ afogando as palavras, que nem cócegas fazem, imagina... Por que não cuida mais onde enfia a bunda? Pois o bundão sonhava com o Taiti só porque leu em uma revista que lá não tinha cobra. Aquietado pelos arrendamentos que recebe, sem nada o que fazer, abichou de vez:⁹⁰⁹ deu pra ouvir música clássica e ler uns troços esquisitos. Não foi com a turma do Pepe apoiar os ruralistas de Boicici, inventou uma gripe, febre, essas desculpas esfarrapadas, indignas de um Farrapo em guerra, mas os outros nunca acharam que ele era dos de fé mesmo, capaz de fazer o necessário para defender a luta – que, afinal, também é dele – pelo direito de propriedade, móvel dos homens com “H” maiúsculo e da sociedade pampeana.

Ao invés disso, recolheu-se ao seu onanismo livresco, escarrapachado na enorme cama, cheia de papel de bombom *Sonho de Valsa*. Num livro que pegara na biblioteca, leu:

“Oh, Senhor, nosso Deus, ajudai-nos a rasgar a carne dos soldados inimigos em postas sangrentas com nossas bombas; ajudai-nos a cobrir seus campos alegres com as formas pálidas de seus patriotas mortos; permiti-nos abafar o trovão dos canhões com os feridos retorcendo-se de dor; ajudai-nos a destruir seus lares humildes com um furacão de fogo; ajudai-nos a arrancar com dor inútil o coração de viúvas inocentes; ajudai-nos a deixá-las sem lar a vagar, com trapos, fome e sede, na companhia dos filhos pequenos, abandonadas pelas ruínas de sua terra desolada, enfrentando o calor do sol de verão e os ventos gelados do inverno...” Ai...

Lendo isso, de Mark Twain, traduzido por Paulo Cezar Castanheira – e “até que bem”, segundo nosso especialista, o “multimídia” M.M.Gonçalves, ganhando uns cobres na Caixa Econômica enquanto London espera –, Sirley lembra de outros livros que lera, vejam, que beleza essa faculdade analógica com que Deus nos concebeu (agora, a descoberta do *Homo Sapiens Idaltu*, na Etiópia, dando-nos a certeza de que somos todos irmãos, e, irônico isso, africanos, quando, mesmo no IC, havia, e ainda há, colegas que imaginam dois tipos de pessoas, as *Sapiens Sapiens*, nós, e as *Neanderthalensis*, os outros, mais rústicos, que nem sabem combinar sapato e bolsa), e imagina que o americano bem que poderia estar orando – escrevente ad hoc que seja, só pra fechar alguma lógica, como diria Cícero, Don Bagayo e qualquer causídico de porta de cadeia – pelo bom sucesso das armas luso-espanholas sobre os povos do pampa, invadindo e tirando-lhes o próprio pampa (porque o pampa é um espaço e o tempo antigo que não volta mais é o mesmo de sempre que, por estático, parece que volta, e melhor, recua mais porque sempre o mesmo, e fora, voa), vertendo, no sangue indígena, também o sangue ibérico, miscigenado, deixando-os teatinos como perros cimarrones, os desalmados carolas de Europa; com “o espírito abatido, exaustos de aflição, implorando a Vós” (Deus maiúsculo!) “o refúgio da tumba e vê-lo negado...”

Sirley, sensível e emotivo como uma donzela – como um perdedor! –, não entende as razões da conquista porque, dentro do mundo interior que vai construindo linha a linha,

⁹⁰⁸ (volvemos a decir que tal mau costume nos põe tiriricas da vida)

⁹⁰⁹ (assunto controverso no Instituto, de uma vez por todas, temos que banir de nossa organização esses preconceitos bobos... Ou queremos que nos confundam com qualquer gringo aí, polenteiro?)

pauta a pauta, fotograma a fotograma, aspirar e expirar... não cabem razões na palavra “cobiça”;⁹¹⁰ Sirley não entende e sente-se como os invadidos, como os desalojados, como os corridos a la cria, as vítimas, pro causo, da irônica e terrível oração de Mark Twain: “...Senhor, matai suas esperanças, estiolai suas vidas, prolongai sua amarga peregrinação, tornai pesados os seus passos, molhai com suas lágrimas o seu caminho... Atendei à nossa prece, oh, Senhor, e Vossas serão a gratidão, a honra e a glória por todos os séculos dos séculos, Amém.”

E por aqui todos repetindo “Amém” – pensa Sirley –, e, os transviados do unísono obscuro, coitados! (Bem verdade que essa coisa que inventou o Rainha, agora, de juntar um acampamento no Pontal do Paranapanema aos moldes do de Antônio Conselheiro, em Canudos – espelhando a situação de miserabilidade dos deserdados de hoje na imagem histórica, claro, mas... –, essa coisa permite que os que sempre dizem “Amém” falem em “fanatismo religioso” – alusão aos “padres vermelhos” –, em “messianismo”, em “anacronismo”; qualquer disparate, vejam, periga pegar.

Aconteceu com Tata Dios, em Tandil, 1871-72. Gerónimo de Solané começou a fazer curas e juntou adeptos entre los gauchos porque, além de curar, predicava – mui correctamente, no les parece? – contra los extranjeros y masones. Foi, foi, que um seu seguidor declarou guerra santa contra estes inimigos e, formando um grupo – uma montonera –, matou quase quarenta deles. A vingança não tardou e tanto o messias quanto seus acólitos foram executados, acabando-se o problema mas no la leyenda. João Burro, de passagem por aquelas bandas quando do acontecido, contava a história em torno do fogo, nas calendas de Nova Hereford, sarapantando os mais valentes que – seguro morreu de velho – dormiam um sono – a mão no cabo da faca – entrecortado.)

8.9.I. Sina

Sirley, fazendeiro viverdor de rendas, levando na flauta, como se diz, enquanto outros padecem o impensável, tem asco desses pimpões citadinos, asco adquirido quando cursou na capital alguns semestres de Agronomia. Ao mesmo tempo e no mesmo “copo de cólera”, odeia os proprietários rurais empafiosos, egocêntricos, brigões, falastrões, gritões – como seu pai, um dia –, como o Pepe e o pessoal do GRUNHE.

Quando pensa “nós, gaúchos” não pode excluí-los, no entanto; quando pensa nos sem-terra, não pode incluir-se entre eles, mentiria.

A que “nós” pertence esse menino? Que nós o atam que prantos não lhes desatem, tão só?

Não é com vocês aí, na luminescência metropolitana. Vocês não têm que responder nada, que achar nada. Não importa, aliás, o que achem. Isto não é para vocês, é contra vocês. Roubaram-nos tudo e agora querem meter-se?! Vocês são vocês, rio-grandenses – coquimbos! –, e nós somos nós – em parte, Sirley à parte –, gaúchos, o restolho, nada. Saibam que uma mulher aqui pediu o desquite porque o marido obrigava a todos – ela, filhos, cachorro, empregada – silêncio completo na hora do almoço, para ouvirem, como a um Deus, o intendente bostear no rádio. A mulher não agüentava mais aquilo, engolia mal, as crianças perdiam o apetite, e sem o que fazer, pediu a separação. Motivo plausível? E, como não?! Pois separou-se, litigiosamente, não sem antes levar uma paliza que até hoje seu corpo acusa quando tá pra chuva.

⁹¹⁰ (fácil pensar assim quando se nasce com a vida ganha)

Por que contamos isso? Pra que vocês, desenraizados, gauchinhos de butique, sintam que ser gaúcho não é uma escolha, é sina, íntegra e incondicional condição do ser pampeano, centauro, espécie em extinção – mas não tá morto quem peleia! ...E pra que vocês, se derem com os costados por aqui, preparem o lombo. Falta de respeito!

3.13. Ontologicamente

Nem venham por aqui – vocês! – que a vara de marmelo vai zunir.

Que coisa!

Só prestam pra nos botar quebrante; a gente vai ficando vesgo, parece que vão puxando nossa alma pelo nariz, os olhos juntos... e se bate um ar?... Uma amiga da mãe do Edson, decerto da capital, conseguiu matar até um pé de arruda dela... mas que olho, hein!? O troço anda tão desmoralizado que só ganha concurso de prenda guria da Meta-de Norte, tudo uma gringalhada se fazendo. Por isso o Antonio Augusto Fagundes volta e meia tem que botar as coisas nos eixos. Esses tempos, vejam, tomaram a faca de um gaúcho, em São Luís Gonzaga, porque entenderam que o homem estava “armado”. Afinal, onde é que nós estamos? num baile de chanchos? Todo mundo sabe que a pilcha completa exige faca, que “não é arma – diz Fagundes –, é instrumento de trabalho, é até talher na hora de o gaúcho saborear o seu churrasco”.

O rapaz não foi pego na mangueira, ou campereando – “já vi patrões censurarem peão pelo desleixo de estarem sem faca na hora do trabalho”, reforça o autor do **Canto Alegretense** (com seu irmão Bagre)⁹¹¹ –, está certo, mas, ainda assim, desde que João Cezimbra Jacques criou o Grêmio Gaúcho, lá no final do século XIX, o espírito do tradicionalismo é o de cultivar os usos e costumes da terra – do pampa, bem entendido –, mesmo que longe dela, para lembrá-la sempre, mostrá-los aos almofadinhas – envergonhá-los! –, difundir-los por sadios, verdadeiros.

(Alguns intelectuais, inclusive dentro do Instituto de NH, às vezes vêm com essa conversa de que gaúcho pilchado nas avenidas metropolitanas, a pilcha como roupa de rotina, por deslocada, é “kitsch”, igual a pingüim de geladeira. Outros de nós, entretanto, fazem coleção de pingüinzinhos – ou galinhas, com surpresas dentro... gordas galinhas com tampa, onde já se viu? – e tão variada, de pingüins, que vai-se abrir a porta pra pegar uma ambrosia ou uma geléia de mocotó e dá-se com mais de centena deles, de tudo quanto é tamanho e modelo, como diz a Virna, “transformando o mau-gosto presumido em agradável surpresa, em – diríamos – minuciosa, carinhosamente construída alegria de viver o dia-a-dia”).⁹¹²

⁹¹¹ (hino, ajoelhem-se... só que – ó sina! –, por que não Canto de Nova Hereford?)

⁹¹² (espantoso, não acham?! Mas são pessoas excêntricas mesmo – parecem loucas! –, uma, além dos pingüins inanimados, tem como bicho de estimação uma tartaruga – “pedra que anda”, segundo o Santiago –, que volta e meia – tão animada! – nos prega um susto, a cabecinha de espermatozóide brotando da pedra ornamental, a um canto da sala, e já nos sujamos todo com a sopa; a das galinhas, bá, tem mania de limpeza, sempre com aquele pano dela lustrando os bibelôs, isso quando não tá limpando os mijos e os cocôs das cachorras, ou quando, uma de cada lado da porta de vidro – porque as cachorras estão de mal –, não fica de conversa com as duas, seguindo a orientação do veterinário, baseado em Freud, “Vocês não podem brigar, são irmãzinhas, embora adotadas... – o doutor disse que não se pode mentir para os pacientes –, ouviram, meus amores?” Conversar, tudo bem, tem gente que bate longos papos com orquídeas, mas contar, assim na lata, que são adotadas? Tenha a santa paciência! Não se livra nunca deste psicólogo... Parecem loucas! Também, a mãe delas... Caolha! Caolha!... nem é bom pensar...)

Cezimbra Jacques, e seus seguidores de meados do século XX, o que queriam era recuperar o passado perdido temporal e espacialmente, exilados todos na cidade grande sem nenhuma guerra. Sob este ângulo, vejam, qualquer museu vira salão ornamentado para o carnaval. De uma vez por todas: “faca e facão são ontologicamente instrumento de trabalho”, encerra Fagundes.

Mas se o rapaz não estava trabalhando...

Bueno, é que vocês não sabem o trabalho que dá cultivar a tradição e, porque não sabem, também não podem compreender.

Não é de hoje, no entanto, que o uso da faca tem provocado celeumas; andaram até proibindo de carregá-la nos desfiles de 20 de setembro – tem cabimento? Se até no sono – ou melhor dito, cochilo –, vimos gauchos de mano con el cuchillo (porque, vejam, João Burro contara aquilo)!

Mas, faca, ao menos isso Otacílio tem.

Despilchado, de a pé, peão de lavoura – como fosse gringo, che! –, mas faca tem, e boa, não Solingen, coisa pra rico, mas com um fio que nem o das pedras em campo duro, afloradas e rasgadeiras, lâmina de aço bem templado, cabo de osso, bainha de couro trabalhado, um luxo! Seu único luxo, pro causo, neste dia 20 que o pega desprevenido, acoquinado, zanzando pelos arrabaldes, costeando os galpões dos piquetes, a gauchaje preparando-se pra tomar o rumbo da praça, homenagear Bento, Neto, Canabarro, homens de ferro e granito, não como ele, de barro, apenas – como Adão, e por isso expulso do bem bom – de barro, daqueles que nem tijolo dá, farelento, fraco...

3.13.1. “Adiós, pampa mía...”

Zanza de olheiras fundas, chambergo amassado, bombacha de lida, camisa desbotada, tudo, as chinelas que perdeu, tudo contando como passou a noite, sujo, atirado num canto de tasca, mamado, ele, que não bebe, mas abatimado que estava, o outro lhe dando canha, alegre – “Bueno... le dijo la mula al freno... y el perro dijo al veneno” –, pagando pra todos por uma graça alcançada, “una santa novia con modales de putana”, dizia e gargalhava, dizia e cantava, agarrado na guria de branco, parecia uma enfermeira, “Adiós, pampa mía... me voy, me voy a terras extrañas...”, cantava e abraçava a piguanchinha, “Adios, caminos que he recorrido, ríos, montes y quebradas, tapera donde he nacido...”, cantava e lambia o pescoço da criança, “Si no volvemos a vernos, tierra querida, quiero que sepas...”, e cajeteaba outra que passava requebrando os quartos, às gaitadas pela bolina, “quiero que sepas que al irme dejo la vida”.

Otacílio, meio abombado numa cadeira, abichornado pelo que bebera – pouco, muito pra quem não bebe e bebe –, olhando aquilo, a mão do homem apalpando uma, a língua babando outra, lembra de Tunica, apotrada por nada:

– Tu só pensa nessa merda de desfile, e a gente aqui que se lixe, a guria doente, eu me matando... Vai atrás dos teu cupincha e fica por lá, me viro só mesmo, tu passa fora e quando vem não presta pra nada. Anda, vai!

(Havia uma lei, antigamente, que empurrava os pobres, ex-escravos em sua maioria, para os arrabaldes, se possível, para depois de algum rio, separando bem quem era quem, para que os de bem não tivessem que dar de olhos todos os minutos do dia com a miséria, já chegava o que tinham que agüentar nas ruas, no horário comercial. Mudou?

Não para Otacílio, Tunica e Andressa; não para a esmagadora – por esmagada, não por esmagar, “quem semo nós, seu?” – maioria.)^{913 914}

O parceiro, floreadito no más, canta: “Señor Comisario, Señor Comisario, déme otro marido, porque este que tengo, porque este que tengo, no duerme conmigo”.

A Dona Morocho sempre dizia que o álcool deixa os próximos com o miolo mole e por causa do miolo mole, não do álcool, faziam as besteiras que faziam. Dizia e ria, a Dona Morocho, Otacílio não atinava por quê. Achava que tinha a ver com seu negócio, dona de bar, mas, guri, não atinava. Agora, atirado na sala cheia de corpos, como um morto, mole o miolo, os membros – como o Fonso... –, a fala, respirando o budum corpóreo do imenso bicho de que faz parte, polvo terruño, bem dizer, pó que a terra há de comer, já de boca aberta, a terra, ele falseando o pé, caindo na voçoroca, entre os casais, despercebido naquele aquário, o estômago reagindo em fortes ondas e ele nadando até a porta, a latrina, qualquer buraco onde aliviar-se, agora a Dona Morocho, ô velha impossível!, agora, sim, o lanço indo e vindo nos seus gorgomilos, entendia, enfim... ou, miolo mole, desentendendo-se consigo mesmo, então, não entendia?

3.13.2. O veiacol!

Na tasca, com duas agarradas pelo pescoço, guaiaca cheia, estava o Seu Cacildo – Cacildo, ora, sem-vergonha não merece senhoria nem na puta-que-pariu, quanto mais no putedo –, o Cacildo, sem-vergonha... Uma vez lhe pedira, “Ô, Otacílio”, falava assim, pra dentro, voz de porongo, “vem cá guri, tu me repara por uns dois ou três dia esse gado que eu só posso recolher pra semana?” Era sexta, bueno, claro, não custava nada, cerca com cerca. “Se tu me faz este favor, te regalo com uma camisa cosa muito linda que eu ganhei, novinha, novinha e não me serviu, mas cosa fina, acho que é seda, cosa assim, um luxo. Hein?” Como não, cerca com cerca... (Mas não é o Doutor Camposanto que entrou ali naquele quarto com a guria aquela? A guria nem 15 tem... e o Doutor Camposanto, hein?! “Ela não vota, Doutor, não adianta!”, gritou o bêbado, mas logo esqueceu do candidato – a candidato – e fixou o olho vidrado numa garrafa verde em cima da mesa de cujo bocal, “como é que ninguém viu?”, saía uma fumacinha, assim, como aqueles lenços transparentes das odaliscas, vidrado à espera das odaliscas...) “Bueno, deixou os bicho ali mais de dez dia e a camisa, quedele? Agora ali, agarrado nas pomba”, “Não te esqueci, Otacílio. Tua camisa tá bem guardada. Passando o desfile, providencio pra te deixarem ela lá fora”, reina, “e com a guaiaca cheia, o veiacol!”.

João XXII disse, com todas as letras, que “Adão, no paraíso, fora proprietário”, mas, data venia,⁹¹⁵ preferimos ficar com Alexandre de Halles: “quando o desequilíbrio da fortuna é tão grande entre os cidadãos, que uns acabam reduzidos à miséria, então non staret societas humana (a sociedade humana não pode subsistir)”.^{916 917}

Vamos, Otacílio! Reage, homem!

⁹¹³ (“Mas, vamos combinar, eles tão sempre armando barraco! Olha a Tunica!” – argumenta uma colega)

⁹¹⁴ (anule-se a nota anterior, que a sujeitinha foi expulsa sumariamente desta Casa)

⁹¹⁵ (Dr. Vazulmiro? Andava desaparecido...)

⁹¹⁶ (Luis Alberto De Boni)

⁹¹⁷ (Garrafas por todos os cantos, mas vazias. Ajudemos Otacílio e, em uma delas, guardemos um nome por ele escrito – magicamente, como faz o amor; analfabeto –, o nome, ai, ai, ai: Tunica. E, homem-

3.13.3. “Oito ca’alos por home”

A festança entra noite adentro, como sempre em véspera do Dia do Gaúcho, ninguém querendo perder um instante da farra – depois, só no ano que vem –, o calorão insuportável, mesmo na madrugada, mas, nem-te-ligo, o macherío e a mulherada meta e meta, trago e trago, de pé, no chão, meta e meta, todos querendo espichar ao máximo a homenagem aos pais da pátria, cada gaúcho botando todo o esforço, a fibra própria da raça na luta encarnçada pra na hora do desfile, amanhecidos, ainda assim, estropiados, formarem piquetes, prontos, prontitos no más, reverenciando a chama que não se apaga.

Otacílio, prostrado Deus-sabe-onde, adormece ouvindo doces quadras: “Eu sou gaúcho de sangue / Eu não sou filho de gringo: / Posso passar sem mulher, / Mas não passo sem meu pingão” ...Pingaço, de lei, uma tropilha de tostados, sonha... “Oito ca’alos por home, oito! Oito... pra fazê a guerra...” “Fui soldado, sentei praça / Sentei-me numa guarita. / Agora, sou comandante / De toda china bonita...” Oigalete porquera! “Sou monarca da coxilha, / Uso lenço colorado, / E por todos esses pagos / Ninguém é mais namorado...”, Otacílio, numa chaira que nem guri com solitária, solito como nunca, dormindo estirado feito sapo morto, coitado, e ninguém se presta pra arrastá-lo pra dentro da baía.

5.14. “Runoia finlandês”

Galdino deprime-se mal vem chegando a Semana Farroupilha.

Lá vêm as prendinhas fantasiadas de alface,⁹¹⁸ os bombachudos de ocasião, engomados e papudos com suas cuias de prata, os discursos épicos, a retórica estentórea... Meu Deus!

Hélio Moro Mariante, em texto – muito citado no cenáculo – de duas páginas, junta “naves espaciais”, Carlyle, Goethe, o Himalaia, Schiller, os Vedas, a Ilíada, a Eneida, a Odisséia, “o trovador do Languedoc, o cantador do Gevandan, o repentista do Vivaraís, os tropeiros da Florença, da Toscana e da Lombardia”, o “tradicional aedo da velha Grécia”, o “gleeman anglo-saxão”, o “mongoni do oriente fatalista”, o “runoia finlandês”, o “velático da misteriosa Índia”, o “bardo galo-celta”, o “scalco escandinavo”, o “ingênuo e feliz sorrir de uma criança, o desabrochar de uma flor, o vultear de um colibri”, o “esplendor de uma borboleta irisada!”, o “monstro sagrado”, a “saudade e o amor, a hospitalidade e o heroísmo, a ternura e a paixão”, “paz e amor!”, Calíope, Euterpe, Clio, Melpômene, Erato, Polínia e Talia, tudo, tudo junto, incrivelmente colhidos – esses pomos d’ouro da inspiração – no super, que digo?, no hipermercado da língua apenas para introduzir-nos na leitura de uma antologia de poemas gauchescos... Ó cultura!

– O homem é uma enciclopédia! – comenta Don Palacios.

Galdino ferve de raiva, mas não desliga o rádio.

carta, como o de Jorge Adelar Finatto, arremessemos a mensagem ao oceano. Apenas... “Digam que / não estou... digam que / em certos dias / ando pela vida / como esses cães / sem dono”. Mas já somos nós que falamos com as palavras de Finatto, nós que sentimos o mesmo e nos emocionamos, porque Otacílio, quem há de saber? Um segredo: Otacílio, analfabeto, como há de pensar o pobre homem sem letras, sem as letras??? Tudo é invenção, tudo é engano...

⁹¹⁸ (na verdade, repolho, Galdino não entende nada de cozinha)

A vitoriosa no concurso de poesias do ano declama – com gestual patético, ele pode ver ao ouvi-la, escandindo, tremebundas, as sílabas – sua obra de arte: “Há muito tempo, no Rio Grande, houve uma guerra / que durou dez anos e nunca acabaria, / pois, enfrentando a poderosa Monarquia, / lutavam homens em defesa de sua terra. / / E esses bravos homens, que não temiam nada, / nos deixaram lenda e lição: não há quem dobre / àqueles que lutam por uma idéia nobre. / E só nesses termos a paz foi assinada. // Ainda ouvimos o clarim pelas coxilhas, / que são legados da Epopéia Farrroupilha / e que nos tocam – mente, braço e coração. // Inspiram novos desafios a todo instante, / como o que há vinte e quatro anos leva adiante / o CTG do excelso Passo do Lixão.”

5.14.1. Dentes bem brancos

Galdino sai pra frente, deserta, todos estão na praça, o grande dia, 20 de setembro! Volta, Tunica prepara a comida.

– As pessoas no acampamento sonham com uma vida melhor, sabe? Querem ter sua casa, sua horta, suas flores até, coisas burguesas... Passo do Lixão! E por que, em vinte e tantos anos, em vez de dançarem oi-bota-aqui, oi-bota-ali, não acabaram com esse lixão? Aquelas crianças catando o que comer no meio da podridão... Filhos-da-puta!

– Te acalma, Galdino, que a Andressa recém dormiu, anda enjoadinha. Faz um mate pra nós.

– Em uma mística – ele conta, enquanto põe a água a aquecer, enche até o pescoço a cuia em formato de pêra da irmã com a erva Mano Lima, forte, não como a Canária, que usa, mas buena, pra variar um pouco, e espera, cuidando a chaleira, que a água esperte pra cevar o mate –, semana passada, uma mulher contou um sonho que teve, um sonho muito simples, não ter mais que pedir comida nas casas...

– Ela veio daonde?

– Morava numa das ilhas, perto de Porto Alegre. Todos os dias atravessava as pontes e ia mendigar no centro, já pensou? Com dois filhos pequenos...

– Que tristeza! Me alcança a abobrinha, ali.

– Ela contou o sonho dela. Os filhos ficavam com fome e ela ia no pátio e colhia a comida. A cozinha do sonho tinha panelas enormes. A família era pequena, mas cozinhava nuns panelões de refeitório...

– Chiou.

Galdino derrama a água fumacenta na termo, ajeita a bomba na cuia e serve-se do primeiro. Penteia com os dedos os toquinhos da erva, compondo, lisinho, o topete, e passa o mate pra irmã, espumando a nata verdolenga.

– Naqueles panelões enormes... e a comida ficava boa, porque ela era muito boa cozinheira no sonho, não faltava nada, tinha os temperos que precisasse, saía um cheirinho... A casa toda – era uma casa, as peças separadas com parede e tudo –, tudo ficava com aquele cheirinho bom, e as crianças comiam na mesa, redonda, as cadeiras iguaizinhas, e elas estavam alegres e tinham os dentes bem brancos.

– Coisa triste.

– Ela chorou. Todo mundo chorou.

Tunica devolve a cuia pro irmão e toca seu rosto com a mão cascorrenta – veludo cotelê.⁹¹⁹

5.14.1.1. A reboque

Tunica tem os olhos como os de todo mundo, como os que acordam de um sonho, como os de Galdino, que guarda o sonho (que nem o avô, homônimo, guarda-chaves da estação de trem do Ibirocaí, guardava seu bom nome) onde ninguém o possa roubar. E Galdino, uma vez incentivado, uma vez empolgado, uma vez na segurança única de estar com quem ama, respeita... é como se ligassem uma vitrola daquelas de móvel, GE, para vários discos, não pára de girar no mesmo assunto, parece que engoliu a agulha.

– Eles têm um pacto, mana, pra não vender pro governo. Eles não querem sem-terra por perto.⁹²⁰ Eles não gostam de índio, não gostam de negro, não gostam de pobre, só gostam deles mesmos. E não gostam de trabalhar. Ficam dizendo que não vão dar de mão beijada pra vagabundo a terra que suaram pra ter, mas quem não trabalha são eles, a gente se criou aqui, sabe, passam a vida coçando o saco na escada do clube deles ou viajando, enquanto a natureza cria o gado e gente como o teu marido fica olhando pra ver se engordam.

– Nem me fala nesse traste. Quer porque quer sair da lavoura e voltar pro galpão da estância, imagina! Quer rasgar dinheiro, a gente precisando.

– O Otacílio é uma vítima, mana. Tu tem que ter mais paciência. Ele é um homem que pensa como no tempo dos farrapos, analfabeto. Os fazendeiros querem é gente assim, sempre “sim, senhor”, que não saibam dos seus direitos, que pensam que o mundo é como é e pronto, azar o deles se nasceram pobres, “Deus quis assim”.

– Tu viu o que aconteceu com a Andressa, né!? Nem pra tirar uma ficha presta. Tô por aqui com ele. Nem posou em casa, corri ele. Deve ter se achado em algum piquete desses borracho.

– Já te disse, mana, ele é uma vítima do terrorismo econômico...

– Ah, essa é boa! Nem sei o que que é isso.

⁹¹⁹ (como a voz impressionante do Júlio Rocha)

⁹²⁰ (isso é, verdadeiramente, mui perigoso! Eles por perto, já pensaram se ganham lotes por aqui? O Doutor Ariovaldo Umbelino é curto e grosso: “Os números mostram que a reforma agrária é uma solução para o desemprego no Brasil.” De que números habla? “De acordo com dados do IBGE, o custo para se gerar um emprego numa indústria automotiva é de US\$ 50 mil, e o custo para a geração de um posto de trabalho no campo é de US\$ 1.500”; “a reforma agrária elevaria a renda do trabalhador rural, que hoje vive com menos de um salário mínimo, para três salários”; “as pequenas propriedades respondem por 35% da produção nacional, mesmo da soja, que é o primeiro produto da pauta de exportação do Brasil”; “Do total da renda da agropecuária brasileira, 56% é gerada na pequena propriedade, 30% na média e apenas 14% na grande”. Dados, vejamos, do IBGE! Mui perigoso, bá! Ainda mais que o Stédile se deu conta – está no texto de Laura Muradi – de que não basta conquistar a terra: é preciso derrubar ainda uma “outra cerca”, que é “a da tecnologia das multinacionais que nos impõem as sementes transgênicas. Se perdermos o patrimônio das sementes, de nada adiantará conquistarmos a terra e o capital. Aqui no Brasil, o camponês tem que lutar contra os transgênicos, nem que tenhamos que ir à guerra”. Barbaridade! “Guerra não é aquilo que tem nos filmes, mãe?”, pergunta a guriazinha, chorosa... Imagina... E, vejamos, os gauchos estão tudo rezando pela mesma cartilha. O Programa Uruguay Sustentable quer soberania e segurança alimentar, gestão sustentável do território, acesso das comunidades locais aos recursos para a produção, “y la formulación de políticas de apoyo a la agricultura campesina ecológica en al menos cuatro ámbitos: acceso a la tierra, defensa del agua, defensa de las semillas y políticas públicas”. Um perigo, isto! Rasga isso, menino! Dá aqui! Óóóóóóia...)

– Claro. A gente anda a reboque do que o mercado quer, por isso tem tanta gente passando fome.⁹²¹ O mercado não se preocupa com o ser humano, só quer saber de especular e ganhar dinheiro fácil.

– Não se preocupa mesmo. Vai dizer pra mim, que compro as coisas aqui pra casa?! Tudo pela hora da morte. E a continha aqui no mercadinho da esquina já tá virando a página.

– Não brinca, mana, a coisa é séria.

– Eu sei que é séria, pensa que eu tô brincando?! Vai no mercado, então. Não tem vez que eu chegue no caixa e não tenha que deixar alguma coisa. Nunca o dinheiro dá. Na semana passada dava, hoje já não dá. É isso que fico fazendo conta nas prateleira pra ver se boto no carrinho o Nescau ou não, se tenho que pegar a lata menor. Eu sei bem que a coisa é séria.

– E eles dizem o quê? “Temos uma democracia...”⁹²²

– Pelo menos a gente vota.

– O que adianta votar, só votar? Se as pessoas não têm educação, saúde, direito ao trabalho, se são tratados como bichos, a democracia é só fachada. Sem direitos humanos, não existe democracia, Tunica. Eles ficam falando tanto no voto pra gente pensar que o voto resolve tudo, pra depois nos jogarem na cara que é a gente que escolhe os governos.

– Mas, e não é?

5.14.2. Pegar de volta

Galdino e Tunica conversam na cozinha, vejam, e o momento é crucial: ela pergunta “Mas, e não é?”, querendo dizer que é a gente que escolhe os governos, coisa que Galdino acha que não, essas coisas que lê, essa tal “militância”.

Responde ele:

– É e não é, ora. Ficam martelando no rádio, na TV, em tudo quanto é lugar a mesma mentira e a gente acaba acreditando neles. Vai ver quantos como o Otacílio têm lá em Brasília. Nenhum. Mas a bancada ruralista tem quase duzentos pra alardear pro Brasil inteiro que os sem-terra são isso e aquilo. Queria ver se morresse um deles. Faziam outra Revolução Farroupilha, como andam ameaçando por aí. E o pior é que a maioria deve as

⁹²¹ (Karin Nansen: “Actualmente, el hambre en el mundo es nuevamente usado como excusa para el desarrollo del modelo monoexportador a gran escala...” Como há 50 anos, a mesma desculpa da fome do mundo e quem ganhou foram as grandes indústrias agroexportadoras e, claro, as multinacionais da indústria química. Ficaram mais pobres os camponeses, a concentração fundiária cresceu, caíram os empregos no campo, todos tornaram-se dependentes dos produtos das corporações multinacionais, a saúde dos trabalhadores travou luta inglória contra os agrotóxicos, assim como os ecossistemas, que entraram em processo acelerado de degradação. E agora, diz KN, o modelo incorpora “tecnologias basadas en la ingeniería genética, que atentan contra la biodiversidad, la seguridad alimentaria y el equilibrio ecológico en general”. As grandes companhias multinacionais controlam 75% do comércio internacional, ô livre competição! “...los alimentos se han convertido en una mercancía más: el objetivo es generar ganancias, no alimentar a los pueblos”, alveja Karin, bem no buslís dos papudos. E, vejam, o volume vai chegando ao fim e a novela da Lei de Biossegurança ainda não acabou. Neste exato momento – ai! –, as multinacionais deram um trompaço nos ambientalistas que, bá! ...E usando como relator uma “nova versão de comunista, do tipo pró-imperialista”, ironizam as ONGs. Não vai dar tempo, vejam, de acompanhar até o final. A vida então continua – mala suerte! –, após o ponto final deste pedagógico volume?... Quem diria, hein?!)

⁹²² (“comédia com efeitos trágicos para a sociedade”, diz Marco Weissheimer que disse Saramago, mas isso Galdino não leu, não recebe os boletins da Agência Carta Maior, que, bá, neste cu de mundo – há controvérsias quanto ao “cu” –, nos refrigera a cabeça da alma... Com esse calorão... gracias, gracias.)

calças. Vão defender a terra deles, a plantação, o gado, tudo o que é deles, mas e a dívida que fizeram também não é deles? Por que todo mundo tem que pagar e eles não? E por que nenhum promotor ainda não enquadrrou esses caras por porte ilegal de arma e formação de quadrilha? Porque eles podem, são ricos, mandam e desmandam em tudo.⁹²³ Os sem-terra não podem nada, não têm nada!

– E por isso querem pegar o que é dos outros?

– Pegar de volta, mana. Esses outros que tu diz, vieram se adonando das terras através dos tempos. Ficaram ricos assim.⁹²⁴ Não precisam nem trabalhar e cada vez precisam menos de quem trabalhe pra eles. O que que vão fazer esses que eles mandam embora? Não tem emprego, mana! E eles só sabem fazer aquilo, não vê o Otacílio?!

– Mas a mulher aquela do sonho, nem de fora é.

– Não é de fora, mas também não consegue emprego. Só tem emprego pra quem sabe inglês, ou mexe em computador... Gente simples não acha. Antigamente, ela ainda podia ser doméstica, mas, hoje, nem pra doméstica mais tem emprego. É muita gente sem ter onde trabalhar...

– E acabam tudo nos acampamento.

– Eles não têm saída. E o Movimento não pode fazer como os ricos fazem, não pode discriminar ninguém. Todos que estão lá é porque precisam fazer alguma coisa da vida deles, não têm opção.

– Vão acabar morrendo nessas marchas deles...

– Podiam morrer na cidade, de bala perdida. Agora os PM saem dando tiro, não interessa se tem gente perto. Não viu o caso aquele lá...

– Vi. Nem me fala. Eu também vejo televisão.

– Mana, a gente tá encheirando o latifúndio. As coisas vão mudar. Eu mesmo vou conseguir um pedaço de terra pra mim, até me caso...

– Ai, a Marina não pode ouvir isso. Se ela sabe que tu quer ir pro meio do mato, adeus-tia-chica, aí é que não tem mais casamento.

– A Marina não é a única mulher no mundo...

– Grávida de ti, é.

⁹²³ (viram? Ele pergunta e ele mesmo responde!)

⁹²⁴ (e não é que o rapaz tem pencas de razão! Já não dissemos? Bueno... Sobre a “apropriação do gado e da terra no universo platino”, Cesar Augusto Guazzelli, não faz rodeios: “A *apropriação* delimita o grupo social de onde emergem os caudilhos; a *desapropriação* e impedimento no acesso à terra produz o trabalhador rural, o peão, base social da ‘montonera’”. Os negritos são nossos, para ressaltar que uns – os mais pobres, cobrizos em sua maior parte, como Otacílio – foram expulsos de onde estavam e outros – os mais próximos do poder – neste “onde estavam” estabeleceram-se, terratenientes: “todos os caudilhos platinos, sem exceção, foram proprietários de terras”, frisa Guazzelli. E Horacio Guarany: “Ya se fueron los gauchos / Y quedó la policía...” Roubo! E qualificado! Sorros... Vamos brincar de teatrinho. *Don Spadabota*: O gado chimarrão é de todos? Pois bem. A partir de agora, não. Só Fulano, Beltrano e Sicrano têm o direito de vaguear. *Xiruzinho Mixe*: E quem vivia disso antes? *Don Spadabota*: Bandidos! Contrabandistas! Abigeatários! Prendam essas imundícies! **Em off**: Mas não os terratenientes e ‘as autoridades administrativas, militares, eclesiásticas’, entendido? – porque, pesquisou CAG, era “prática extremamente comum”, mesmo entre “as pessoas de destaque na sociedade colonial” –, entendido, Mixuruca? *Xiruzinho*: Sim, Senhor, mas os gauchos continuam a fazer arreadas. *Don Spadabota*: É? Então, escreve aí: todos os que vaguearem de moto próprio, sem que estejam a mando de algum proprietário serão considerados, para todos os efeitos, vadios – “as leis de vadiagem”, a necessidade de papeletas, conhecemos essa seca... –, pode prender à vontade! *Coro*: Cercados por todos os lados, ai, ai, ai... os gauchos eram obrigados a aceitar o “conchabo” com os fazendeiros, tornando-se seus empregados, ai, ai, ai... Outrora livres no pampa livre e, agora, ai, ai, ai...)

4.22. Na Casa Verde

Enfrentemos a questão.

Os estudiosos do stalinismo-democrático entendem que o grande problema da militância revolucionária é conciliar a vida pessoal, as necessidades individuais de cada um, o receituário pequeno-burguês introjetado por gerações, isso, com uma prática altruísta, que, por força, por princípio, coloca o social, o todo, antes de tudo.

Esse despreendimento é que anda fazendo falta hoje em dia, e não adianta enfrentar um caso sério, como diz o Brizola, com “injeção de Cibalena”.

No IC, quando temos um problema desses – “ah, minha TPM”, “oh, meu filhinho engoliu uma bolita”, “ai, ai, vida” –, damos logo um remédio pra matar. Exemplos:

a) ouvir ao menos o último disco de cinco bandas nacionais de rap, transcrever as letras de ouvido, traduzir o que dizem e analisar suas intenções e sua poética;

b) eleger Van Damme ou Chuck Norris, assistir toda a filmografia de um ou de outro, extrair do material, excluindo as cenas de luta, seu sumo cinematográfico e escrever, a partir disso, um tratado sobre a sétima arte;

c) ler por duas semanas o jornal de maior circulação no estado, de cabo a rabo, quantificar, por centimetragem/coluna, os textos informativos e, um a um, analisar os editoriais e os textos opinativos assinados, de modo a produzir ensaio sobre as tendências do veículo;

d) fazer uma seqüência de cinqüenta apoios, cem abdominais e vinte barras no capricho e sem choro; etcétera...

Temos perdido adeptos, devemos confessar, mas, como não é de nosso feitio desistir, buscamos sangue novo em meio à juventude de NH, especialmente junto a um pessoal que está sempre vestindo preto, roupas com numeração acima do seu manequim, as calças caindo, um ou dois objetos metálicos implantados no rosto, tatuagens várias, algumas aparentes, com motivos instigantes, enfim, gente que poderá – este é o país do futuro – substituir-nos quando de nossa elevação deste para o plano espiritual, sempre confiando que até lá já tenhamos compreendido a língua que falam e eles a nossa.

(Ao menos um expert temos no assunto, sobrevivente do castigo do rap, o professor Junqueira, no momento, infelizmente, internado na Casa Verde tratando de – na classificação de Ballet, que, ressalta a professora e dançarina Verushknova,⁹²⁵ “nunca coreografou para o Bolshoi” –, suas vesânicas, como a loucura circular, a dipsomania, a erotomania e a mania da dúvida, todas elas, na opinião do Doutor Augustinho, perfeitamente inseridas no que chamam hoje em sociedade de comportamento normal, sendo desnecessária, portanto, a internação do amigo, mas, que fazer?, a família nem quer pensar a respeito, ocupada em gastar os bois gordos do Junqueira. Barbaridade!)

⁹²⁵ (“Verushkvéia”, como quer o Roger, “a mulher deve ter uns oitenta!” ...Aproveitando: vocês não acham que o mundo está sendo tomado por um infantilismo, o mandatário que nem falar direito sabe – e fica vesgo quando quer parecer inteligente, pedindo ao Congresso um vale de não sei quantos mais bilhões para acabar com o terrorismo – brincando de caubói com armas de verdade, e o papai? e Bárbara? e a babá?, brincando de marciano às expensas do globo, este cada vez mais quintal de brincar, vocês não acham? Aqui, os brigadianos – viram o desfile da Semana da Pátria? – não conseguem coordenar os passos e então, bueno, qual é o joãozinho do passo certo? nos confundimos, ficamos até com medo, o crime tão organizado... E a Xuxa? este programa dela... não dá uma vontade de chorar?... Don Bagayo y Balurdo – sempre sofreu de um fraco pela Xuxa, cultivava um ciúme incompreensível da Marlene Matos – tem diversa opinião: “Ser adulto é o maior abacaxi. Eu detesto fruta felpuda!”)

Essa gente empafiosa... Como diz Mencken: “um relincho vale por dez mil silogismos”. Por isso, não admira que Otacílio ande desse jeito, amputado de seu cavalo...

4.2.2.1. Só o que não presta

Enfrentemos a questão... – cuidado! Zupt!... Essa foi por pouco. Se te pega, tira um tampo da cabeça! –, mas com as necessárias precauções.

Güemes, no norte argentino, libera a seus gauchos “o direito de abater reses de qualquer proprietário de Salta para sua manutenção”, o que lhe traria prestígio entre a peonada e a ira incontida dos estancieiros “que de início representara”.⁹²⁶ Artigas, na Banda Oriental, propõe uma reforma agrária modelar, às custas dos “malos europeos y peores americanos”. Guazzelli: “Os casos de Artigas e de Güemes – este em muito menor medida – são isolados. As lutas caudilhescas que explodiram não conteriam mais qualquer proposta de cunho popular ou pretendendo transformações nas relações de produção estabelecidas.” Nem lá, nem cá, tudo o mesmo deserto.

Esses caudilhos de hoje – nenhum Güemes e muito menos Artigas, imagina! –, só aprendem o que não presta. Esses dias veio um “prestar solidariedade à classe”, a qual também pertence, mas deputado e tal, em outras altas paragens, bem mais sedutoras que o acampamento – gosto de uns, vejam, desgosto de outros, já desacostumados em andar onde não tem ar-condicionado – conta suas reses. Foi chegar e, vum!, engatou uma marcha batida por entre o corredor que seu nariz abria no amontoado – montón, montonera só da graudagem – de ruralistas, cumprimentando, apertando mãos, sorrindo para o máximo possível de pessoas, mas sem parar nunca, sem tampouco refrear o ímpeto avassalador de sua chegada, passando a impressão de dinamismo e resolução que almejava.

A seu lado, na mesma vertigem, dois ou três assessores, ajudando a abrir caminho, pegando bilhetinhos de solicitações classistas, pessoais, empregatício-parentelares, empurrõesinhos em processos, essas coisas. (Na saída, o mesmo, só que os armários, ao invés de só empurrar e pegar papel, também davam desculpas, que “o deputado tem a agenda cheia”, que “se a gente não forçar, ele não sai daqui, é sempre assim”, que “se pudesse ficava mais tempo...” – a vida toda? Abraçaria a causa, pro causo? Ou é bem daqueles que se abraça com um verde aqui, outro vermelho ali, um melancia, um toma-lá-dá-cá, trocador de partido, espalhador de promessas, mas não atendendo nem as precissões mínimas de um único amarfanhado bilhete... –, que, bá etcétera etcétera etcétera)

Só que – voltando à entrada ovacional – o deputado foi abrindo caminho mas perdeu o rumo, porque, vejam, um acampamento à beira da estrada não é um auditório, nem palanque tem, e ele não tinha jeito de parar, o Élcio tentava chegar perto, mas os seguranças não deixavam, sempre amáveis, empurrando, cotovelando, mas gentilmente, sorridentes, impregnados até o caracu da importância de sua missão, pois até cheiro corporal exalavam, a Dona Maria do Horto, foi chegarem e embrulhou o estômago – só usa Paloma Picasso –, educada, até saiu de perto pra lançar... E o Élcio, já meio puto com levar esbarrão de leão-de-chácara – fazendeiro –, deu uns manotaços e conseguiu se infiltrar por baixo, colando no deputado, mas – mala suerte –, com aquela correria, o homem deu no descam-

⁹²⁶ (CAG)

pado, coisa séria, onde, apoiada na última camioneta da frota, uma Land Rover tinindo, Dona Maria do Horto esvaía-se em vômito. Não titubeou um átimo, o nosso paladino: sustentou a dama nos braços, ofereceu-lhe seu lenço com iniciais finamente bordadas e segurou a testa da coitada, maleja... também, com oitenta e picos.

4.2.2.1.1. "Hipoteca de solidariedade"

O discurso acabou acontecendo na carroceria de uma camionete, mais curto do que o previsto, pela pressa toda enlouquecida do chegar. Isso é velho: é longe? Sai mais cedo. Não precisa correr.

Mas o deputado – cancheiro – seguiu direitinho a bula: “saiba o que falar”; “seja relevante para o público que o ouve”; “crie o clima para lançar sua idéia ou argumento”; “apresente sua solução...” até “a entrada e saída do candidato” e dê a impressão de que “você tem todo o tempo do mundo para elas”. O Cacalo, ouvindo a “hipoteca de solidariedade...” – já estava acoquinado com a correria toda –, vai lembrando da bula, um livro que lera, ainda tem em casa, à sua cabeceira, emprestado pelo Doutor Zuñeda Neto, até com dedicatória do autor... Teve todo o cuidado ao manuseá-lo, nem o dedo passou na língua pra virar as páginas, costume adquirido de seu pai. Francisco Ferraz, o autor... **Manual Completo de Campanha Eleitoral**, é isso. Cretino. O descarado copia até as frases sugeridas... Ficara acoquinado quando ouviu o brutamontes empurrar uma meia dúzia e dizer: “se a gente não forçar, ele não sai daqui, é sempre assim”. Cretino. E esse é o que vai nos dar a paz nos campos...⁹²⁷

Por isso é que estamos sempre, nós, *ai, ai, ai... com dor aqui do lado, no peito – o infarto instalando-se? –, agulhadas na barriga – cálculo? câncer? apendicite aguda, que na coxa também dói uma língua quente? –, pernas inchadas – reumatismo? a gangrena, já?... –, bolsa na cabeça – sabia... o aneurisma... a loucura? –, correndo do consultório para o laboratório, do laboratório para o consultório, fazendo biópsias, às vezes o ar nos afoga em golfadas, às vezes ficamos de olhos acesos no escuro, impossível dormir com tantas formigas dentro – e nada de saírem pelo nariz como as do coronel do Dias Gomes; e nada de serem piolhos e nossa mãe Tunica, hábil costureira –, por isso a farmácia cresce em nosso quarto, por isso não temos dinheiro nunca... mas é imprescindível um balão de oxigênio, soro sempre à mão, quiçá uma enfermeira... Ai, ai... não fosse o Sebastião – o Sebástian, bá, bota amigo, “levanta tuas mãos pro céu”, dizem as filhas –, sempre se interessando, telefonando, nos visitando diariamente, indo até Porto Alegre quando daquele troço que tivemos lá na praça, nem é bom lembrar, quase morremos; não fossem o Modesto e a Lúcia, aqui ao lado, médicos e primos, correndo nem bem chegamos ao chão do desmaio; não fossem o Doutor Alexandre Alves, o Doutor Odilon Régio, o Doutor Milton Berger, sempre nos salvando da iminência da morte; não fosse a Anajara Henriques cercando-nos de comovente carinho, botando a trabalhar todas suas falanges protetoras por nós, fazendo intermináveis novenas por nós, mobilizando os céus por nós – e nem vale a pena... –, pensando em nós, positivo, que já é um passo pra cura; não fossem Bezerra de Menezes, Octacílio Camará, São Jerônimo, São José, a Pomba-Gira, meu Deus, e não agüentaríamos... porque nos capinam,*

⁹²⁷ (coitado do Cacalo! Ainda flana pelo mal do século, doença romântica, pelo sentimentalismo, pelo idealismo... quando tá todo mundo se agarrando no trem-bala do pós-pós-modernismo, que é a abolição total das peias morais, a sem-vergonhice no seu mais cínico descaramento... o caos e mais um pouco.)

nos esquilam, nos aramam – e do farpado... a coroa de Cristo?... por que, tão assinzinhos... –, nos pelam, nos salgam, nos botam o formigueiro na cabeça e nos lambuzam de salaçúcar, mordem, marcam, se abancam em nós como numa privada, lendo jornal, os fedorentos... E está lá no jornal: “Secretaria de Meio Ambiente planeja floresta de uva-do-japão para conter deserto”. Mas, como? Uva-do-japão é praga! Que nem o anoni! Não sabem?! Querem acabar com o deserto? Qual? Qual, cretinos? E nossas matas nativas, nossas matas ciliares, nossa reserva ambiental?... Ai, ai... não adianta. Nem o cinamomo é nosso, vejam, o paraíso – andou sonhando perto, o Sirley, Papeete – é crioulo do Paquistão.

Se a coisa é séria, por que sempre tem alguém – vocês! – rindo?

Sonhadores, isso até podemos ser... nosso *eu machucado...* “But I’m not the only one”! A Regina teve um filho e o chamou Fidel. Não dá a pinta de vir a ter barba, mas só nisso não tem a quem puxar. O que que fez a Antonella, pra não ficar pra trás? Batizou o seu de Simone, “um jogador lá da terra do meu pai.” O guri é feio coisa séria, “Mas quando ela crescer, se ajeita, não vê a Lola...”, confortam as da vila. “Ela quem?”, fica fula a Antonella e já vai mostrando o tico do guri. Já arrancou os cabelos de duas ou três. Também... Só podia ser coisa de gringo...

Mas é o sonho, não adianta. Lembra a Madona?... O sonho, bá!

2.17. Abatumado da vida

Enquanto Galdino e Tunica tomavam seu mate e conversavam, na tranqüilidade da vila esvaziada pela festa, Otacílio desentendia-se consigo mesmo e o mundo.

Acordara não sabia bem onde e se mijando (como quem tomasse demais chá de raiz de espinho de carneiro, barba de milho, um gole por dia de casca de angico vermelho curtida na cachaça por uma semana, duas – cerveja, Henriqueta, cerveja).

Havia outros ali, dormindo, e outras, num galpãozinho no fundo da tasca. Tudo então, nesse passar de olhos, quando se dirigia para o taquaral, latrina aberta, tudo lhe veio ao pensamento, a noite terrível, num golpe e revirando-lhe, pensamento e estômago, reboldosa que botou fora, nem precisou dedo na garganta, nem nada, no taquaral, aproveitando, curado o estômago, esvaziada a bexiga, para limpar também o intestino. Lavou as mãos e o rosto na torneira de um tanquezinho, bebeu bastante água ferruginosa, compôs o que deu a aparência de gaúcho pobre – bota (gasta), bombacha (manchada), faixa (desfiada), guaiaca (vazia), camisa (desbotada)... –, sem lenço e chapéu, que decerto ficaram no bochincho da madrugada com algum outro mamau.

Deu a volta e olhou pela janela o interior da casa: o mesmo entrevero de gente do galpão, nenhum de seus pertences à vista – bunda, perna, peito, isso bastante, mas do chapéu (amassado), velhito, mas bueno ainda, e do lenço colorado (puído), nem sinal. A tasca, cercana do cemitério, ficava também perto de uns terrenos onde os tradicionalistas montavam seus piquetes – baias e galpão de costaneira –, servindo de local de churrasqueadas, bailantas, retoços...

Otacílio zanza por ali, sem saber bem o que procura, acoquinado como está, quase todos os piquetes taperas,⁹²⁸ claro, o desfile já começara, um que outro com seu peão casei-

⁹²⁸ (como muitos anos antes, as choças dos tapes, vazias, enxotados que foram pelo rugido luso-espanhol nos calcanhares; dispararam os silvícolas, claro, a selvageria atrás, à toda!)

ro, já dando jeito nas carnes pro churrasco da volta dos gaúchos, este, sim, do grosso – porque o último da Semana Farroupilha, depois, só no ano que vem (porque a peonada, *ai, ai, ai, em desespero por ter que voltar pra realidade de cão das estâncias, de bicho sogueiro quando, “potro sem dono”, nasceu pras liberdades de manada, tropel tropejando tormenta na terra vasta, cargando contra hijo-de-puta cualquiera, mas não, guacho das casas, boi de canga, idéia que repuna, o homem que lhe fecha a porteira, hombre!, mas não tem forças, solitário, dois ou três quando muito, o pampa imenso, faltam-lhe braços, carajo!, e, pela fresta passa um boi, pinoteando, rasgando seu coração, abrindo fístula em suas idéias, ulcerando-as todas, que, onde passa um boi, passa a boiada, derrubando-o, prostrando-lhe as negações da inconformidade, os resquícios de monarquia, deixando-o ali plantado enquanto a vida, longe, galopa,⁹²⁹ e ele, ali, plantado, plantado e sem sombra, sem frutos, sem sequer a ilusão da inflorescência primaveril e seus perfumes de quimeras, nada!), só no ano que vem, che! –, carne gorda pra engraxar os bigodes, templando-os fio a fio.*

Otacílio, abatimado da vida, ouve “bigodes” na confusão de sua cabeça e lembra do tempo em que seus fios valiam como documento, e tanto eram documentos que nem arrancá-los precisavam os gaúchos para serem retos, isto se é ou não é, independe de garantias. Lembra do que contavam a respeito do Seu Venâncio Gaileife, fazendeiro forte pros lados de Quaraí, foi na Revolução de 23. Os maragatos precisavam de gente, pois do outro lado o governo tinha a Brigada, as tropas de linha – milícias também, mesmo no oco da campanha, a chimangada tinha lá seus asseclas –, a “máquina”, como se diz hoje, à época provavelmente figurada pelo locomóvel, moderna engenhoca da então incipiente indústria do arroz... (tínhamos até recentemente uma delas, em perfeito estado, no pátio do Museu Histórico, mas o intendente resolveu doá-la para um desses departamentinhos de gringo, nos arredores de Santa Maria, porque “nossos primeiros arroteiros vieram de lá”. Se são “nossos” – ainda que gringos, que é pouco menos que coisa nenhuma, tá bem, mas, em tempos de vacas magras, a vida nos sapecando cada sumanta, qualquer migalha é pão! –, o que importa de onde vieram? Vamos ver se a Europa devolve o ouro que levou do Brasil na rapina da colonização. E nós, aqui, já que é assim, queremos de volta o charque que os paulistas vinham buscar para alimentar os escravos do “ciclo do ouro” – mas vivo, pastando, que os campos andam com folga de boca, no hay plata, tradicionalmente os custos de produção na fronteira incluem vacaciones en Punta o Buenos Aires, e “devemos preservar nosso patrimônio cultural legado pelos costumes dos antepassados, que Deus os tenha”, explicam, “não podemos cortar mais gastos, a não ser que nos queiram desossados”, exageram, “e agora, com essa moda de tirar o campo do produtor pra retalhar lotes e dar pra esses sem-terra, se não desopilamos em Punta, como agüentar a pressão?”, apelam, “você, que gostam tanto de usar números contra nós, já fizeram uma estatística pra ver quantos fazendeiros nos últimos anos têm morrido de enfarte por conta dessa guerra comunista?”, deliram – quem não, nesta naba braba?!)..

2.17.1. *Vivir sin lucha, a la pucha!*

E como a usavam, a “máquina”, que é, pro causo, como chamam as de esquila, com quatro, seis, oito, dez tesouras, mas essa apenas tosquia ovinos, tira inteiros bonitos velos de merino, corriedalle e ideal, enquanto que aquela pelava a coruja dos adversários políticos, e sem as delicadezas de cabeleireiro, mas como açougueiros especializados em

⁹²⁹ (“el aire natural en la pampa” – FA, lembramos novamente, pra espicaçar...)

tirar do bicho apenas um corte nobre, a cabeça, fonte de toda oposição, do que, cúmulo do desperdício, nem os miolos utilizavam, pra sopa, desdenhando – ao contrário dos silvícolas, gurmês inatos que, percebam o requinte, preferiam comer franceses, vimos num filme – tão sofisticada iguaria.

O que poderiam os maragatos diante da força avassaladora de un loco móvil?

Serem ainda mais móveis, como o demonstrou, na prática, o Leão do Caverá.

Se bastou?

Não, mas para um gaucho, desprendido por natureza, vivir sin lucha, a la pucha!, no es vivir, cuñado, es como hacer trampa com Dios. Para nosotros, a vida não vale um putito pila, pois não a vendemos como vocês. A vida é o que resta depois, sobrevida, quarentena, e por enquanto, até a próxima peleia, sempre, porque es caliente lo que quema nuestras venas, río de sangre, haciendo suyas leyes, solares, libres caminos.

Apunte, cuñado: nada vale a pena que no peligre cadena!

Arregui contou: dois gauchos prometeram-se, um deles barbeiro, o outro cliente. No dia de costume – ínterim entre a vívida disputa e a morte acordada –, o cliente vai ao barbeiro e senta na cadeira para que a lâmina do outro, como há anos e anos, trabalhe em sua pele dura. O profissional faz o seu serviço e o cliente vai embora. Em seguida – depois do expediente – entreveram-se – cuchilleros – a toda brida; apenas um viverá.

Eis que o gaúcho – diferente do jagunço, matador pejorativo, de atalaia, com a capangada –, lutador de campo aberto, frontal – gentílico rio-grandense, por obra dos gringos, furto inqualificável, vocês, vocês, sem heróis, sem epopéias! –, hombre: quem, senão o gaúcho, teria a honradez suprema de, oferecendo-se a ocasião, por imprópria, não usá-la? Outros correriam ao quarto-de-banho, a lavar-se, com o usual da patente afrouxado mesmo nas calças, como cueiros, peça mais de acordo. Biltres!

Mas, vejam, os maragatos levaram um peão do Seu Venâncio, gaitero também, arma decerto útil nos acampamentos, pra esquecer – ou pra lembrar –, e lá ficou o homem até que os graúdos assinassem sua paz. Quando voltou, o peão pediu pra trabalhar novamente na estância e o patrão perguntou-lhe:

– Eu te mandei embora?

E ele:

– Não, senhor.

E o Seu Venâncio Gaileife, gaúcho de nome e sobrenome, encerrou o rápido – e exemplar – diálogo:

– Então, aqui tá o teu dinheiro, continua a lida.

Pagou-lhe, vejam, todos os meses que estivera fora, lutando também a guerra do patrão. Cuê-pucha! E ainda hay disso hoje na campanha, graças a Deus.

6.20. Algún algo

Otacílio, zanza pela cidade deserta com um mandamento apenas na cabeça: fazer algún algo.

Mas que hacer?

O calor estúpido das últimas semanas amanhece úmido neste dia 20, com reviravoltas de vento nas esquinas, colando a roupa no corpo suado, cisco na cara, renunciando

viração braba que até já tá vista pelas nuvens, uma confusão de volumes gordos e cores, branco, cinza, preto, o céu azulando furos na cortina densa, na maneira como deslocam-se, apressadas umas, outras, as que pesam o ar e ameaçam, despacito como montanhas aéreas, troantes, trombetas dos céus apocalípticos. Otacílio atenta para os matizes do dia e sente que está atrasado, não sabe ainda qual quê nem para quê. Já, já, vai saber.

Enquanto zanza, zonzo, o vento levantando papéis – falamos, ao dizer “vento”, do tempo, impalpável dimensão nas entranhas do pampa, impalpável como las brujas, mas que las hay, las hay –, batendo portas, movendo coisas, leve sopro no lerdo arrastar-se do homem sobre a Terra, pobre lesma com embófia de escargot, pensamos nós, deste bafejo, que é de vida, outrossim, ela dizendo “sssolha ssseu sssaqui!”⁹³⁰ isto é, “olha eu aqui!”

Indício de vida, o movimento, mas também de morte, este vento sozinho sem ter quem lhe feche a porta, quem recolha os papéis; cidade vazia, cheia de ausências, dia 20, quantos vultos revoloteando lépidos, sem a trouxa do corpóreo pra carregar? quantos, as auréolas, os títulos, a nomeada, despídos do peso ficto da história, quantos a borboletear no cisco, enlouquecidas ventoinhas, presentes? do imponderável para Nova Hereford, presentes, brincando, sujos, e os quase dez mil cavalarianos homenageando-os in memoriam...

Junto à papelama, voam folhas de jornal, uma dá no rosto de Otacílio, que desvenilha-se dela, analfabeto... (nós lemos, ...o tempo da escrita é outro: uma entrevista com Demétrio Ribeiro, arquiteto, urbanista, cidadão cujo molde não se encontra mais – lenda viva, diríamos, não fosse ele modesto, avesso a foguetórios, e, avisa-me a Virgínia, acabou de falecer na capital.⁹³¹ Criado aqui pertinho, no Rincão do Inferno, estância do Boqueirão – “ambiente rude”, escrevem, falta de respeito –, depois falquejando na Europa sua educação campeira, engastando nela, na solidez troncal dela, milênios de requintes. E, vejam, para um homem desses, que deve saber umas trinta línguas – fora os dialetos! –, perguntam se teve problemas com o “impenetrável” búlgaro. Santa paciência: “Não – ele responde –, eu cheguei a traduzir artigos do búlgaro. Tinha estudado um pouco de russo, e o búlgaro é um russo simplificado. Todos os termos importantes são conhecidos: burguesia é *bourgeoisie*, terreno é *terrein...*” Comunista, o Demétrio, talvez stalinista-democrático, é obrigado a responder sobre os “crimes de Stalin”, a mesma pauta de sempre, só faltou a menção a Cuba e a Fidel:

⁹³⁰ (inútil tentar demover a professora Divinha quando encasqueta de inventar coisa, como esse ridículo efeito onomatopéico, decerto de cobra que fala, ou mesmo lesma)

⁹³¹ (Escreve o Cajinho: “Tive a irremediável certeza de que o Demétrio havia morrido – verdadeiramente a senti, não a dor, esta que, comigo, acrescenta-se às outras, pesada, mas a estranha lógica – quando, no velório, conversávamos sobre como ele era e de como faria falta para todos nós sua lucidez, seu entusiasmo... e ele continuou quieto, calado, como se as coisas não lhe dissessem respeito, a conjuntura, a vida; ele não participou, enfatizando sua opinião com seus gestos largos, as mãos abertas como que ao abraço. ...Vários de seus gestos, e mesmo sua postura, seu talhe de estátua antiga, o dar de ombros, o sorriso de quem possui o dom do entendimento das coisas e do mundo, assim o guardaremos. De sua grandiosa dimensão humana, sua privilegiada inteligência, sua consciência crítica, sua inquebrantável curiosidade intelectual – a gulodice, a ansiedade... –, disso a história da Arquitetura, a história do Rio Grande do Sul, algumas histórias deverão falar e falar – o que não é pouco –, mas, como aluno, como amigo, como, de certa maneira, órfão, eu gostaria de poder captar e perpetuar certos gestos bem humorados do Demétrio, daqueles largos, tão significativos e cheios de saber – enfado – e compreensão, aqueles gestos que eram convites ao abraço, e, através deles, mostrar a todos que não o conheceram o quanto perderam com isso, ainda que nós, seus íntimos, muito mais – porque era a nós que abraçavam – tenhamos para sempre perdido.” O Instituto Cultural de Nova Hereford, dorido, inconformado – estão nos levando todos! –, assina embaixo.)

– A gente nunca imaginou que aquilo fosse o paraíso. Mas era uma sociedade na qual as pessoas viviam melhor. Se as crianças não vivem na rua, se as pessoas têm trabalho, então é porque é melhor.

Mas a paciência é santa, não ilimitada:

– E vem o Brasil, onde se mata criança feito cachorro louco, colocar defeito, ah, pára aí!

Sempre foi assim. Nos anos quarenta, “estudantes abriam a correspondência de colegas”; a Igreja Católica, a sociedade em geral, “naquela época se achava lícito qualquer coisa contra o comunismo”. Perguntam-lhe sobre seu avô, seu pai, Assis Brasil, Borges de Medeiros, homem antigo que é, vivência inestimável, e ele diz lamentar não ter conhecido Borges, a quem os fazendeiros não topavam por ser “mais progressista” do que eles:

– Os latifundiários não aceitariam muito facilmente que existisse alguma autoridade entre eles e Deus...⁹³² – eis o homem, podemos vê-lo num meio sorriso, lástima!

6.20.1. Finórias defesas

Nos jantares mensais com o Demétrio na casa do Cajinho Moojen – outro exilado na capital, deixando-nos aqui, cada vez mais sós –, que vinha dar uma olhada no Boqueirão, todos ficávamos na cozinha, cada um fazendo sua tarefa, de descascar cebolas a limpar perdiz – então a função começava cedo, no pátio –, que é coisa simples, mete-se o dedo no cu dela e puxa-se o de dentro, que sai inteiro, o cheiro não é bom, como o de zorrilho no campo, o boas-vindas, este sim, rudo da querência, mas os pratos que se faz com o bichinho, principalmente à escabeche, valem o trabalho. E ali, na cozinha, o Cajinho criando seus acepipes, conversávamos – mais ouvíamos – com o Demétrio.

E lá aparecia o Castelhana com as Patrícias uruguayas – mesmo na fronteira, difíceis de encontrar –, que ele descobria em Artigas e chegava com elas, a surpresa!, os largos dentes à mostra, amigáveis, de gozador, que a terra, vorazmente, crudelíssima como um bárbaro, satisfeita com o resto – magrerão andava, da doença, mas sempre taura, hombre de sustância! –, isto ainda não comeu. Do que o Demétrio falava, aquilo tudo, nada revelaremos, está no cofre da memória; em Nova Hereford não costumamos dar nem ração para os porcos, imaginem colares de pérolas cultivadas, brincos... não!

Uma vez, no Boqueirão – tínhamos ido buscar o Demétrio com sua Kombi 65, o Cajinho e um de nós –, fomos conversando, conversando e acabamos ficando pra jantar. O capataz da fazenda, um índio atarracado e sério, o Pompílio, que nos fez companhia à mesa, perguntou se queríamos um “chá pra baixar” – ovelha, feijão, arroz, couve –, e nós, “claro, obrigado”. “De losna”, ele disse.

O Demétrio, sorrindo, como quem aceita de bom grado uma brincadeira, respondeu que “sim, este mesmo serve”, o Cajinho observou que era forte, mas “adequado” ao que tínhamos comido, e o infeliz professor, representante do IC, pra não ficar pra trás – já tinha provado aquilo, amarguento, mas matar não ia –, largou seu “quero” jovial, como jogador de primeira viagem em mesa de truco, denunciando a todos a mão que tinha.

Barbaridade! O Pompílio fez por gosto.

Tranquilo como água de poço, foi ele mesmo preparar a coisa, que trouxe minutos depois, deslizando como um espírito índio à luz das velas, silencioso e solene. Cada um pegou

⁹³² (e ainda hoje, vejam Carajás, o Pontal, Boicici...)

a sua caneca fumegante, tentando a quentura, o colega soprou o líquido indefinido, afastou o ramo de folhas verdes que ornamentava a beberagem e arriscou um pequeno gole.

Pra quê!

Não porque pelasse, já tomara mates mais quentes, mas o amargo daquilo, à medida em que cumpria o trajeto da garganta ao estômago, o foi prostrando na cadeira, encolhendo-o sobre si mesmo como tripa grossa na brasa. O índio se ria com os olhos do outro lado da mesa, escondido o rosto atrás da sua caneca.

“Filho-da-puta”, pensou o frangote, e resolveu que tomaria aquela merda toda... o que não foi macho pra cumprir, rengo que estava, metido a facão sem cabo, “depois da sobrecincha, era ele”, chisteavam os amigos, domador petulante de rodas – do IC, apenas, já se vê –, vergastador argumentativo, rengo ali, por um chá de losna mais forte, mais desabridamente acre que suas finórias defesas.

– Não gostou do chá? – perguntou o índio.

– Não. Estou acostumado com o de alcachofra. Este até parece mate doce, e mate doce, de onde eu venho, a mulherada é que toma.

O índio abriu-se mais, mas em silêncio, superior, o Demétrio e o Cajinho, discutindo Le Corbusier, Frank Lloyd... nem perceberam o que acontecia.

Voltariam pra cidade no dia seguinte, mas nosso colega exigiu que fosse “já, se não forem vocês, vou eu, a pé”, obrigando, vejam, os mais velhos, a seguirem seus caprichos. E se vieram, noite fechada, sem um raio do sol-ourives do Wamosy, na kombi 65, pela “estrada deserta, imensa e nua”, ao menos uma das almas do interior da banheira ambulante rezando pela sua, gêmea, que o esperava em casa, por certo, sedentária formosa, fixando-se nesta imagem de mate doce para que as outras inúmeras almas do Rincão do Inferno – descarnadas, esqueléticas, fantasmagóricas... mais pela losna que pela vida, nem tão amarga – não o pudessem alcançar.

Assim conta nosso colega. O Cajinho tem versão menos audaz no que toca ao diálogo com Pompílio e mais, digamos, histérica – ó tempo, que não corrói a memória, apenas a vida! Ó desalmado! –, quanto à retirada às pressas da fazenda àquelas horas da noite.

Mas, o que importa isso?

Se Billy The Kid matou nove ou vinte e um, fora índios e mexicanos, Pompílio continua vivinho da silva – índio velho nessas trampas –, e nós, galinhos de rinha, com a pena que nos sobrou do episódio do Boqueirão, ainda podemos aprumar-nos em texto dos tombos que a vida nos dá, de impêlo, que nus viemos ao mundo, sem sobrecincha coisa nenhuma, gritando que nem galinha polaca.)⁹³³

⁹³³ (Aproveitando o ensejo, solicitamos ao Cajinho Moojen que regresse, para que voltemos a comer bem, para que nosso intestino funcione como antes e não tenhamos de perpetuar, coisa deprimente!, essa dieta à base de comida de cachorro, aqueles torrõezinhos de fibra, como se fôssemos inválidos a quem o cão em nós, guia, provedor, leve-nos ao quarto-de-banho e nos alivie da prisão-de-ventre, esses dias até, o metido a besta – o poeta! – quase desmaiou, teve de fazer lavagem e ajudar com a mão pra tirar o pétreo formado no intestino, e tudo porque andamos nos alimentando mal coisa séria. E tem outra: essa loucama cada dia derruba um prédio histórico ou o adultera – o que dói mais, sentir os vestígios do belo acochado por esses enlatados que, dizem, protegem a casa do ladrão, afivelando-a com portas e correr de janelas diminutas, práticas no limpar, dizem, mas nós, Cajinho, olhando de fora, do outro lado da rua, impotentes, lamentando o estrago, nós é que sentimos medo, um medo cuja lógica, irracional emana diretamente da fachada absurda, que é o de saírem sardinhas à janela ou uma gangue de salsichas transgênicas pela porta a perseguir-nos sem dó... ou, que seja, chucrute. O drama de Otacílio, vejam, é mais simples, desfilar ou não desfilar; o nosso envolve entupimento, hemorróidas, Niemeyer e Paul Bocusse.)

4.2.3. Os outros minutos do mandato

Voam folhas de jornal, tormentosas, um pretume crescendo do lado chovedor.

O presidente recebe uma comitiva do Sepé e, bonachão, bota na cabeça o boné do movimento – bota e tira, rindo, mas bota –, como em outras ocasiões o fizera, um chapéu de gaúcho, um de tirolês, um capacete da esquadrilha da fumaça, boné patronal em agrishow (o antigo, até cocar), e, engraçado, ninguém, em nenhum veículo formador de opinião – nem na Folha de NH! –, achou que ele, sem brevê, estava governando apenas para seus companheiros de vôo, ou candidatando-se indecorosamente para o papel de Christopher Plummer em refilmagem de **A Noviça Rebelde**, ou... enfim, o presidente, segundo a grande imprensa – Folha de NH inclusa – e os políticos ligados a grupos que defendem interesses outros, só erra quando veste boné de um grupo que não o seu, outro, portanto – e, inédito!, de gente pobre e nem muito limpinha –, o que, na verdade, simbolizaria que o presidente não governa para grupo específico nenhum, senão que para todos.

(Alguém chegou a sugerir que devemos vestir o boné do Brasil, coincidentemente, quando o prefeito daquela cidade vizinha de NH, temeroso de uma iminente invasão de sem-terras, avisou bem avisado – óia! – para seus conterrâneos, uns gatos pingados simpáticos ao movimento, que era na base do “Ame-a ou deixe-a”, cala e não bufa, lembrando época em que usar o boné do Brasil, bueno, o professor Praxedes diz que, “por ditatorial, nem patriótico considerar-se-ia”, mas o professor, todos sabem, quando sai à rua – sistemática muito vezeira em Nova Hereford –, acorrenta a mulher dentro de casa, e por amor assim a deixa, atitude que – longe de nós censurá-lo, o stalinismo-democrático é também uma forma de liberalismo dialético, como, por exemplo, o sado-masochismo, pois, entre quatro paredes, tudo é permitido – não o recomenda como comentarista do assunto).

L.F.Verissimo – que já tem estátua encomendada, de Botero – escreve que os do Sepé cometeram dois crimes imperdoáveis, o de “se organizarem” e o de “querer transformar retórica em realidade”, portanto, patrícios, escutem: “Lula não vestiu um uniforme inimigo, como quer a reação, quando botou o boné... O inimigo usa cartola. Ou usava, nas charges antigas.”

Se o boné vermelho alvoroça tanto, imaginem!, a ponto de ameaçarem com CPI, como nunca perceberam o risco que corremos quase todos os outros minutos do mandato, os minutos sem boné, quando o presidente pode pensar qualquer coisa e nada em sua cabeça o denuncia?

Imaginem!

Es que el pobre pela, el remediado raspa y el rico come con cáscara...

Um senador chegou a dizer que os sem-terra se colocam “à margem da lei”. Indignam-se alguns de nós:

– E os policiais do massacre dos Carajás? E os agricultores que plantaram a soja transgênica proibida?⁹³⁴ E os ruralistas que contratam milícias armadas com AR 15? E o

⁹³⁴ (o veneno elimina líquens, fungos, minhocas, bactérias... quebra o microsistema... os microorganismos que metabolizariam, por exemplo, o adubo, disponibilizando-o para as plantas... A microflora, compreendem?, é afetada e, por consequência, também a microfauna... O fim do mundo! E as macro – eles só pensam “macro”, tudo é “macro”, os estúpidos! – não sobrevivem sem as micro... A terra fica estéril! E tem outra coisa: se o gen louco se espalha pras outras plantas, que produto terá eficácia para cada uma delas?...)

prefeito que, para estancar a marcha inexorável do movimento, abriu, segundo um líder patronal, “na estrada da Reúna, uma vala interrompendo todo e qualquer tipo de trânsito”?⁹³⁵ E os responsáveis pelos panfletos “apócrifos” incentivando a matança dos “ratos” do Movimento por fogo, veneno ou bala? Ora...

“À margem da lei” só aqueles pra quem a letra da lei é morta.

(Desculpe, mas então todos. Uns porque ela nunca os defende, marginais por exclusão, restolho social, bem dizer, ratos. Outros porque, com poder de fogo, eles a matam e, se necessário for, a resgatam da morte, a matam de novo e novamente a resgatam, prorrogando, se necessário for, na lei, as sete vidas do gato. Desculpe... É que muitas mãos na massa, vai, vai que abatuma, alguns de nós perigando sobre o muro – o medo! o medo! –, sem geometria e balanceamento, ruins de aprumos – o medo! –, e tudo nunca dizemos, mesmo de Nova Hereford, cascas grossas, porque hay, también acá, los que comem con cáscara. Perdón.)

4.24. No ora-veja

À margem de tudo na manhã do dia 20 – o desfile, homenagear os grandes vultos –, revolteando nos redemoinhos de cisco e papelama, zanza Otacílio, atrás de algún algo, de algún que hacer, não é por que caiu num poço que vai deixar de caçar tatu.

E assim aproxima-se do rio onde o movimento de cavalos é maior, a praça num upa!, só subir duas ou três quadras, a gauchama alvorotada, o cheiro de bosta de cavalo, de pêlo suado, de carne assando, de canha, a macheza bravia, reiúna, ei-la reunida, ô coisa linda!

Mas Otacílio ainda está no ora-veja; a boca, uma lixa; grossa, a saliva enfrenando a língua, garrotilho metálico, raiva sufocante, algún algo, cualquier tajito se va en sangre. E foi que o vento espiralou à sua frente guasqueando-lhe a face – a outra face, involuntária, “puta que pariu!” – um bolo de papel, desses que se fabrica miles pra espalhar na cidade nas campanhas políticas, santinhos, pro causo, mas este sem santo, pura letra que ele, analfabeto, tapeia, pois grudou na cara suada, tapeando-se, sem dor nenhuma, zozno.

(Não lê Otacílio, trabalhador, peão, desde que se conhece por gente, sem tempo pra cartilhas, mas lemos nós, e é o “panfleto apócrifo” que apareceu na capital do departamento de Boicici, aqui pertinho, sociologicamente, antropologicamente, literariamente até, estilo Hemingway lutando boxe, realmente muito interessante para a análise criteriosa dos membros de nosso preclaro Instituto. Diz assim: “Povo de São Gabriel...”⁹³⁶

Diz assim o tal panfleto: “Povo de São Gabriel, não permita que sua cidade, tão bem conservada nesses anos todos, seja agora maculada pelos pés deformados e sujos da escória humana. São Gabriel, que nunca conviveu com a miséria, terá agora que abrigar o que de pior existe no seio da sociedade. Nós não merecemos que essa massa podre, manipulada por meia dúzia de covardes que se escondem atrás de estrelinhas no peito, venham trazer o roubo, a violência, o estupro, a morte. Esses ratos precisam ser exterminados. Vai doer, mas para grandes doenças, fortes são os remédios. É preciso correr sangue para mostrarmos nossa bravura. Se queres a paz, prepara a guerra. Só assim daremos exemplo ao mundo

⁹³⁵ (vendemos, com outra embalagem, o mesmo peixe... para calar!)

⁹³⁶ (trocamos o nome verdadeiro de Boicici por este, um pseudônimo, digamos, se humano fosse el pueblo...)

que em São Gabriel não há lugar para desocupados. Aqui é lugar de povo ordeiro, trabalhador e produtivo. Nossa cidade é terra de oportunidades para quem quer produzir e não oportunidades para bêbados, ralé, vagabundos e mendigos de aluguel. Se tu, gabrielense amigo, fores procurado por um faminto rato do..." – *ai, meu Deus! Ai meu Deus!, exclamam as mulheres do Instituto*, sabe-se lá se por pena dos do Sepé, que são mulheres, ou, bueno, pode ser, está provado cientificamente, decerto porque não podem ouvir as palavras "rato" e "barata", *ai... ui!ui!* – "...dê-lhe um prato de comida, com três colheres cheias de qualquer veneno para rato. Se possui um avião agrícola, pulveriza à noite 100 litros de gasolina em vôo rasante sobre o acampamento de lona dos ratos. Sempre terá uma vela acesa para terminar o serviço e liquidar com todos eles. Se és proprietário de terras ao lado do acampamento, usa qualquer remédio de banhar gado na água que eles utilizam para beber. Rato envenenado bebe mais água ainda. Se possui uma arma de caça calibre 22, atira de dentro do carro contra o acampamento, o mais longe possível. A bala atinge o alvo mesmo há (sic)⁹³⁷ 1.200 metros de distância".

– Que horror! – diz a professora Dália – sensível flor –, e já Henriqueta vai fazer chá de camomila, por via das dúvidas, para todos.

– Não aparece um promotorzinho que seja pra tomar uma providência? – pergunta, despetalando-se, a tia.

– Como tem um monte de gente lá, se alguém der esse tiro aí, de 1.200 metros, e matar um sem-terra, acho que um promotor pode indiciar todo mundo por formação de quadrilha, co-autoria no homicídio, no caso, qualificado, acho que pode – tateia o Doutor Alfonso, bacharel só para apresentar-se – "Prazer, Doutor Alfonso" – como o doutor que afinal não é, título comprado numa dessas universidades caras, ninharia para um proprietário de mais de vinte imóveis de aluguel, adquiridos com a venda da fazenda herdada, esperto demais para mourejar no campo, preferindo viver de rendas e dedicar seu tempo para "a humanidade", ou seja, o IC, várias outras agremiações culturais e filantrópicas e – ninguém é de ferro – as gurias novas dos putedos da região.

– Ah, então primeiro tem que acontecer o desastre pra depois eles fazerem alguma coisa? Absurdo! – Dália está inconsolável, nem o chá adiantou. Essas mulheres! Florzinhas de estufa.)

Os gauchitos bem montados, cavalos num estado que, bá!, de dar inveja em quem não tem, reluzentes, pilchas completas, poncho, laço, aperos de prata, alguns, troteando enquanto esperam sua vez, exibindo o conjunto uns pros outros, rédea curta, a cabeça do bicho como cabo de guarda-chuva, garbosa, e eles com a mão direita na cintura, segurando o mango, o braço fazendo ângulo, como asas no trote, remando o vento – "O Moringue! O Moringue!", grita um historiador bêbado,⁹³⁸ e ouve, "Te some, lasqueado!" –, o corpo soltito no más de quem sabe.

Merda!

Otacílio zanza pra lá e pra cá como se só ele ouvisse, enlouquecido, aquele apitinho de cachorro que os adestradores usam e só os cachorros escutam, estridente, quase arrebatando os tímpanos dele, guaipeca, vira-lata perdido de seu dono nas ruas inóspitas, mascando na cabeça – com os caninos – "eles vão ver, eles vão ver".

Este dia 20 vai fijar fecha: el año en que Otacílio...

⁹³⁷ (Dr. Vazulmiro, de volta, faceiro)

⁹³⁸ (do Instituto? Não vimos, estávamos atendendo pro outro lado...)

2.18. Potros

Lá nas cansadas, descaído já, entregando os pontos, encontra o Odorico, prontinho, cuidando da sede do piquete, um galpãozinho de santa-fé bem ajeitado, o terreno comprido, da rua até o rio, a cavalhada mais pra baixo, costeando o mato.

– Vá chegando, compadre, a casa é nossa – convida o velho, faceiro.

– Ué, casereando?

Odorico se pára a rir, tá bem mamado o homem:

– E é bem bom – abre a geladeira tapada de cerveja.

– E os outros? – pergunta Otacílio, interessado, já a cabeça trabalhando, areando a língua, entonando as idéias.

– Mas nem te conto. Veio aquela milicama aqui e queriam tirar as faca da gente. Diz-que não pode desfilar armado. Mas desde quando faca é arma? Pra mim...

Otacílio interrompe o bêbado:

– Pra onde eles foram? Faz tempo

O outro olha o relógio:

– Ando mal das vista.

– Faz tempo? – insiste o de-a-pé-sem-pilcha.

– Faz quaje hora já. O Seu Pepe disse que ia fazer um bochincho na delegacia. A faca é do vô dele, tem até oro no cabo e na bainha.

Otacílio olha mais atentamente a cavalhada, vaqueano, só pra confirmar o que lhe parecera antes:

– E aqueles potro, pra quê?

Odorico se ri, há muito passou da meia guampa, tá mais alegrete que de costume, cerveja à vontade, esbalda-se no “remédio de rico” – “hay que mamar muito pra fazer cócega” –, se ri e cochicha, divertido, com a mão tapando a boca:

– O Seu Pepe vai fazer uma estripulia no desfile, vai tocar por diante esses potro, tudo solto, e óia que não conhecem rédea, é tudo xucro.

A boca de Otacílio seca de um tudo, a idéia clarifica-se na cabeça.

– Vou te fazer companha – diz para o amigo, aceitando o “remédio”.

Bebe rápido, apressando o fogo do outro, sentado num tripezinho campeiro, baixo, agachando-o mais ainda contra a terra e, coisa bárbara!, se dá por conta de como copou de edifício a cidade, parece até que vão cair em cima dos viventes ribeirinhos, altos demais, pra quê?, tanto espaço no pampa pra morar espichado, espreguiçado, sesteando, pro caso, e vão se empoleirar que nem pomba em fio de luz, além do mais, um perigo.

Mas Otacílio respeita não sabe bem o quê nos edifícios altos, sente medo, diga-se, não sabe do quê, mas um certo, indeterminado medo. Odorico bodeia e vai se encostar “uns minutinho”, pede pra ele ficar dando uma olhada nas coisas, os cavalos... Como não? Vai firme, compadre. Não é disso, de trapas, gaúcho respeitável e respeitador, mas, como se diz nos bailes, “o que sai na gaita, morre no pé”. Tem que dançar a marca que o gaiteiro toca: vaneira, vaneira; xote, xote.

Não pode mais do que isso e o que pode, pode, faz! Decidido, é pior que burro quando empaca. E ele embirrou de desempacar, a la cria!

Levanta-se de um golpe e já tinha aberto a porteira e já tinha montado no mouro encilhado que tava ali e já tinha tocado os potros por diante, para a rua, à toda, os gauchitos riam, “quibiahuhu!”, Otacílio atrás, como cagalhão na correnteza, impotente contra o que começou, sangria desatada, e, vejam, desinteressado disso e de si, sem mais medo nenhum, sem nenhum acanhamento, ali, à toda brida, e sem querer desfazer mal-entendidos, pedir desculpas, sem querer parar antes que acabe e, nós sabemos, a cancha, o pampa nunca acaba, nunca finda, o pampa, é sempre ainda, acaba a gente antes.

O alvorço toma conta da gentama que embreta o desfile, nas calçadas, gente simples com os filhos no colo, um bando de dois de paus cujo divertimento é apenas olhar os outros se divertirem, sem dinheiro, sem salário, sublinhe-se, sem as condições mínimas de direito de um cidadão gaúcho, sem cavalo, devia ser lei, isso, mas não, fincados ali de assistência, pra servirem de cerca, de brete mesmo para o desfile, pra abanar – e, suprema glória, receber o abano, talvez ouvir o nome gritado do alto, do palco –, olha lá o Camilo, o Horácio, o Gumerindo!, a faceirice igualando a todos na mesma idiotia, parvoíce consentida, assumida até com gosto – pelo risco, que não há, porque a vida tiene más vueltas que perro con pulgas –, e agora, isso, potrilhos soltos como em campo aberto, enlouquecidos pelo aberto, testaveando no asfalto, a gentama espreme-se contra a parede, protege os filhos com o corpo, algum ventena descarrega o revólver (instrumento de trabalho, ora, se a faca é, se a foice é...) pro céu – e, acreditem, a bala deve ter acertado o coração da nuvem preta, pois se veio a água, chuvarada (diria o poeta: “De chofre, a chuva empapou de sono o telhado / Lado a lado, os pingos foram apagando o feriado / De pedra, a chuva, nas vidraças, eu menino / Escondendo a funda no traje de domingo / E fugindo, indo, indo, indo, indo / Pelo arroio da sarjeta, já invisível, de barquinho”) –, o pai abraça mais o filho e, enfim, como “lágrimas na chuva”, efeito do chá de barba de milho, mal da bexiga que andava, deixa-se mijar, que alívio! O locutor oficial nota o corre-corre na boca da praça, “se vieram!, se vieram!”, e logo surge a manada estourada, fora do regulamento, absurda: “Isso não pode, que piquete é esse?, tem que ser desclassificado, Dona Elizabeth, mas o que é isso?” E a coordenadora do desfile – “Tem que garrotear o couro desse infeliz!” –, responsável pelas entidades tradicionalistas legalmente constituídas – e com as contas em dia –, dá de mão no microfone, esganiçando ordens inutilmente, porque pifou, a chuva pifou o som, de granizo, depois de tanto tempo, logo então... estragando a festa.

8.9. Nos ombros das páginas

Sirley saúda a chuva que tamborila nas janelas – ei, Senhor do tambor, toca uma canção pra mim – ao som de Bob Dylan, esse rapaz que agora deu pra recuperar o tempo perdido, está certo, mas o tempo que não viveu – como diz o Telmo, “quantos recordam tropeadas sem nunca tropear” –, atavismo da alma, talvez, deitado sobre uma montanha de travesseiros, lendo, vejam, um livro que fala de um outro livro, ele, que, de primeiro, não lia livro nenhum, nem o das pastagens sulinas, na época da faculdade de Agronomia, gramíneas, leguminosas, essas simplicidades, lendo agora, quando descansa o volume no aconchego da pança para apreciar o espetáculo da chuva batendo nas vidraças, tão

mudado, Aguiar e Silva⁹³⁹ dizendo que o Quixote trata da dicotomia “sonho / vileza da matéria”, mudado, está certo, mas, *ai, ai, ai, chorando, por que chorar? Epidemia de “lágrimas na chuva”, Faraco, olha o que conseguiste,*⁹⁴⁰ *nem fica bem pra um gaúcho ficar chorando nos ombros das páginas, pro causo, que as do Sirley são de papel e pentagrama, parco inglês o seu, mas as notas dançando entre as linhas, gordinhas – gordinhas! –, como pares ou trios de crianças abraçadas brincando de pular sapata, ah, isso, guri solito que sempre foi – brincando só de olhar, desajeitado demais, pesado demais, vá que machucasse alguém, melhor não –, o emociona... e, claro, a dicotomia (na mesma página do Aurélio, recomendamos, tem também dicotiledôneas, diclidanteráceo, didascália, dictério e pencas mais de palavras interessantíssimas, didimite, por exemplo, Deus nos livre), coisa bárbara isso, sonho / vileza da matéria, Papeete / Nova Hereford, qualquer outro / Sirley, Quelem / Sirley.*

O coitado do guri do finado Nunes, lendo essas bobagens, foi, foi que serviu-lhe o chapéu – e não qualquer chapéu, mas um Cury três xis, que peleia com o Prada pra ver qual é o melhor, dependendo da partida; um Cury de campeiro, que não deixa copa pra não juntar água, imagina, com essa chuva, e estalando de novo, a carneira reluzente, mas não da graxa que fica do uso, que tem que esfregar com areia pra ficar limpa de novo e sair o cheiro; um Cury três xis, hein!?, e ainda reclama, de barriga cheia –, serviu-lhe como feito sob medida, *ai, matéria vil de homem, soluçando só porque, sabem?, sempre foi o maior da turma e nunca separou pelotão no Desfile da Mocidade, e, em qualquer lugar do mundo, sempre é o maior que separa pelotão!, solução porque está sozinho no seu carneiro espaçoso do mausoléu dos Nunes.*

E a Quelem, então?! Com a chuva, então...

Que a Quelem⁹⁴¹ tem andado melancólica, pensando demais e não nasceu pra isso, vejam, nem homem é! Bem ao contrário, mulherão, rainha disso e daquilo, miss, primeira prenda, agenda esgotada de eventos, sejam de que naipe forem, ocupadíssima, e, agora, cheia de nove horas pra se vestir, maquiagem – as unhas, vejam, pintava à francesinha, transparentes com a ponta branca, pra ficar natural, chique –, caminhar até, um pé na frente do outro, como na passarela, bamboleando a bunda – como a Bündchen! –, uma menina da melhor sociedade não tem que ficar pensando na vida, se tem tudo para bem vivê-la! Deixa isso – pros homens, claro – pras feias, pras pobres, pras outras, ora! Mas, não. Já viram alguém aceitar um conselho? Pra completar, o fim da picada, também anda lendo jornal, a Martha Medeiros, que escreveu: “Os carros estão cada vez mais potentes. Os prédios altíssimos. Os shoppings, moderníssimos. Mas certas cabeças seguem deste tamanhozinho”.

Martha refere-se à reação de alguns gaúchos a um programa de TV que vive nos gozando, chamando-nos de “gayúcho”, coisas assim. “Eta, província”, diz ela. Acontece

⁹³⁹ (a moça da biblioteca deve ter errado de livro... Aguiar e Silva? “Nunca vi mais gordo”, é quase a resposta unânime no Instituto. “Pois não botaram **A peste** na sessão de medicina, **Lavoura Arcaica** na de agropecuária e **Os cus de Judas**... bueno, este esconderam, e fizeram muito bem!... Mas Aguiar e Silva?... “O gordo tinha que ler o que deu no jornal, que os americanos não empregam mais gordos que nem ele porque dão muita despesa com médico, isso sim. Não há jeito de baixar a banha.” Como se tivessem balança, vejam, embutidas nos olhos, que só no olhar já dessem o peso e, claro – gatinha! –, a etiqueta adesiva.)

⁹⁴⁰ (só que, não sublimes, as nossas, mas abjetas, vis como a matéria, fazendo lodo apenas, atolando-nos...)

⁹⁴¹ (que-a-qué, qué-qué, que-qué... isso até parece aquelas marrequinhas pecorruchas de lagoa, uma judiaria, mas tem gente que caça)

que a Quelem⁹⁴² ainda é uma adolescente, entusiasma-se com este mundo deslumbrante de carrões potentíssimos (“pra quê? sei lá, um pega, sei lá, voar nele, sei lá”), de putos prédios (“bá, a cumeeira entre as nuvens”), de shoppings superlegais (“todas aquelas vitrinas de marca pra viajar”) e tem de conviver com cabecinhas mais do que provincianas, interioranas e ruralistas, como a dos pais, das amigas, do Pepe. E, outro porém: Quelem quer e não quer, compreendem? Adolescente, lógico, tutano em formação, *ai, quer mais pra sua vida do que Nova Hereford pode oferecer – com seu arranha-céu de dez andares; seus carrões de ir pra fora, tração nas quatro; seu comércio brim-coringa, bolichos, turcos, imitações baratas –, mas também não quer ir embora de onde sempre foi alguém, rainha, saibam, e não é pouco, rainha, miss, primeira prenda...*

Mas não é só isso, ainda tem outro porém: Quelem não é mais a mesma bobinha idiota que se rende incondicionalmente a carrões, prédios, shoppings, como se esses símbolos da sociedade consumista que domina o mundo – e, afirma o Tiago, “como epidemia, estende-se pelas nebulosas intergalácticas!” – não fossem apenas o que são, objetos, materialidades edulcoradas da acre, áspera, desabrida realidade, sordidez que nos degrada e repugna. Quelem, por hábito coquete, costuma se olhar com frequência ao espelho. Ultimamente, não vê-se mais como se via. Mudou, está na cara, nas formas, já não tão exuberantes, no íntimo Raio X que faz de si e que a desvela – e que ninguém nota! –, solitária flor de estufa, mas com ganas – e medo – de pradarias.

E tem mais: *Deus! Quelem viu na Internet que o tribunal da Nigéria confirmou que Amina será enterrada até o pescoço e morta por apedrejamento, por nada, porque sim. Oh, melancolia!* (Antes, daria uma rabanada na cola e riria: “Morra, Amina!”) *Oh, melancolia!* (E não viu, entretida lá, fazendo o quê?, que ainda há esperança... O mundo, nós!, impedimos a lapidação. Com a chuva, a casa parece que oca do vazio, retumbando grunzo, escura, soturna (“...minha alma desta sombra, que se alonga em meus umbrais, / Não há de erguer-se – nunca mais!”), o nevermore de Poe, por Alexei Bueno, retumbando e, *judiaria, Quelem, vejam, em Nova Hereford não há livraria de livros, sem o consolo do último Scliar, que ao tema remonta, a melancolia, oh! bá!*), e, no quarto da mãe ausente, em determinada gaveta, embaixo das anáguas, o vidrinho escondido tantas vezes útil, as pilulazinhas do sonho, duas, três, dez, não importa, hoje, quando amanhã nada mais importa...

8.9.I. Tata Dios!

(Não podemos deixar de fazer constar neste documento o quanto discordamos de Martha Medeiros no referido texto, que acabou contribuindo para levar a adorável Quelem ao hospital – ao menos não a matou, como Vingança, do Lupe, àquela fã mal amada –, um quanto que, se é muito para a Quelem,⁹⁴³ é quase tudo para nosotros. A célebre cronista refere que “no mundo inteiro estão acontecendo paradas gays” e não entende por que o Rio Grande “fica tão aflito diante de uma realidade que é universal, portanto nossa também”.

“Nossa”, vírgula! Aqui não, ué, saís!

⁹⁴² (que-qué, que-qué, que-qué... essa coisa pássara, não como bicho de boca, que tem eco dentro, reverbera brabo)

⁹⁴³ (sempre pelos motivos errados, sempre por querer o que não pode ser, tanto que é o que é, entendem?)

Mas a moça insiste: “olha o mico que a gente está pagando em nome de uns poucos atingidos em sua honra”.

“Mico”?

Só se for no Leblão de Porto, porque aqui não se paga mico, nem sabemos do que se trata; o que temos, de macaquice, é o bugio, nas matas nativas, cagando na mão e atirando bosta na impudícia de coximbo incomodativo, além do ritmo, claro, roncado, genuinamente nosso, sem paga que o compre, não estamos à venda, senhora!

“Uns poucos”?

Todo o pampa, toda a pátria gaucha, todo o Rio Grande de verdade! E ainda que fôssemos poucos, seríamos suficientemente o necessário para pelar a coruja de vocês, que nos roubaram a estampa guasca e a gentilizaram, nem gentis somos, bem ao contrário, de uma vez por todas: bicharoca aqui não! O tio do Arli comia carne crua e bebia sangue de boi na fonte, sabiam? E gostava de comer a paleta do consumo pegando pelo osso, de a cavalo, como coxa de galinha... Parada bicha? Experimentem! Experimentem só!

...Sirley chorando; Quelem estupefaciando-se; Pepe sem sua estrepulia, puto da cara; Galdino, Tunica e Andressa no bom da sesta; Seu Valentim, no palanque, abrigando-se da chuva; Cacalo, da sacada de seu casarão, na praça, tomando mate e acompanhando os acontecimentos insólitos do desfile, Caca Dios!, isto é, Tata Dios!

IO. La fecha

“Nas quebradas do Yuro / eram 13,30 horas” (cá también, Gullar, lo juro – e nosso claroscuro –, y nuestro héroe también duro, y sin perder la ternura, pero le falta lectura, é muchachinho de fora, montou o flete da história, e agora? e agora? e agora?), uma e meia em Nova Hereford...

Otacílio toca tudo por diante – mas vai sozinho, por que não convocou um coletivo?, por que não convidou uns amigos, pro causo, outros que não o deixassem assim, tão só no redemoinho da fecha: el día en que Otacílio... Por quê? –, os potros estatelam-se no asfalto encharcado, desatinados, sampam-se contra a multidão buscando brecha, estrebucham-se furando alguma quina, e ele mesmo vai mal, meia-sola em bota é um perigo, só pregada, falseia no estribo, mas vai, e sabe muito bem o que faz, não fica, como querem uns, “meu Deus, e agora?”, desde guri, quando trabalhava pelo salário do perro, e quando pedia um troquinho pro patrão, lá que uma vez, era uma novela pra ganhar, “toma” – um níquelzinho –, “toma e poupa, porque dinheiro anda em cavalo gordo”, desde guri e hoje, empregado de lavoura, que nem gringo, analfabeto, leu muito bem a lorota inteira, sabe como é, mentira das cabeludas, só que entre ler – que é viver um por um os dias, um depois do outro, trazendo o outro na garupa e, aos poucos, pesando, derrubando o vivente – e conjuminar coisa com coisa, aí é que são elas, agora, apenas, sim, mas não porque caiu do céu, como a chuvarada, senão que já estava dentro de um todo, de repente, assim, que é como lhes dizemos, não, mas acumula da como num jarro cheio que vai, vai, que foi, transbordou.

Por uma terra sem males, cantam nas igrejas Yvy mara ei, Missa, vejam – oh, Deus! –, cuja idéia surgiu em Boicici; “Queremos reparar / A História desta Terra, / Massacre secular”, cantam Tierra, Coplas, Casaldáliga e o coral Inti Quilla; cantam “Os pobres desta terra / Queremos inventar / Essa Terra Sem Males / Que vem cada manhã...” Também isso Otacílio sabe, não é surdo, Terra, Tierra, Terra, cantorias, mas as manhãs acumulam-se, como esta que passou – são 13,30 horas –, e alguém tem de fazer algún algo, e à moda vieja, abrojuda – o gaúcho é analfabeto, mas vai, por linhas tortas, escrevendo reto seu destino, abram cancha! –, única linguagem que esses doutores respeitam.

Assim que, resoluto, Otacílio aproveita o entrevero – a manada enlouquecida, o corre corre da gentama, a gritaria, as pedras caindo pesadas sobre tudo, uns ovos, parece até que, puxa!, dum galinheiro no céu, a água entupindo esgotos, formando lagos nas esquinas, borrando tudo, turvando a visão, a dele, não, não seu propósito – e aponta o rocinante pro palanque, firme, as rédeas na canhota, destro que é, o braço como um talabarte na diagonal do corpo, buscando o cabo da faca trespassada ao contrário às costas, presa pela faixa, avança.

(Cacalo, na sacada art-nouveau em frente, percebe, talvez o único a perceber em toda a praça, porque conhece Otacílio há uns quantos anos, de guri, que o que fará – nada mais o pode impedir, no impulso –, inusitado nele, tão calmo, é um desatino.

O gaúcho, em meio ao pandemônio, nunca assim tão seguro de si, toureado a vida toda e empacava, toureiro esparramando medos,⁹⁴⁴ clarividente do seu gesto, aponta o pangaré pro palanque onde as autoridades, buscando abrigo da chuva, guasqueada, recuam pro fundo, ou mesmo pra baixo dele, melhor ainda, completamente a salvo, deixando lá apenas o coitado do Nicanor, mais largo e barrigudo ainda do que é, pilcha engomadita de nova, mas já empapada, e nada do homem arredar o pé, não quer abandonar de jeito nenhum o lugarzinho que arrumaram pra ele, primeira vez na vida junto às autoridades, honra muito sonhada e nunca possível, o palanque é sempre pequeno para a penca de cargos e representações que querem caber nele, um tradicionalista dos quatro costados, no momento casereando no CTG do Passo do Padre, cujo patrão é amigo do intendente, os senhores vêm, não custava fazer feliz o pobre homem, um a mais, um a menos, apertando, todos cabem, e, de fato, deu, só que agora, com essa chuva, a única autoridade que restou na linha de frente do palanque foi o Nicanor, que nem autoridade é, criando um embaraço pros outros, escondidos feito pintos pelados, enquanto que ele, com o mesmo sorriso simplório que Deus lhe deu, ligando trinta pro desastre daqueles potros atropelando o regulamento, daquele bombardeio d'água, deslustrando a data magna – la fecha de Otacílio! –, destruindo em minutos meses de trabalho, Dona Elizabeth quase tendo um treco, o intendente, os representantes ruralistas, o padre, os milicos, todos meio acocados sob onde deveriam estar, empertigados, olímpicos, mas não, olímpico só o Nicanor, que até deu uns passinhos pra frente, ocupando – toda – a primeira fila, encostando-se na guarda do, pro causo, puleiro, um pedaço de pau roliço com casca e tudo, pra realçar o rústico, o tradicional da festa – nos pequenos detalhes, deixaram uns galhozinhos com folhas até, no eucalipto –, a barriga avançando sobre o parapeito, bem na altura da guaiaca lustrosa do Nicanor – parapeito!, vejam –, bem belo, como se nada acontecesse, como se tudo o que acontecia fosse pra ele, em função dele, e, afinal, era. “Não, Otacílio! Não! Este tara não...”, leva a mão à boca o Cacalo, pensando, com os olhos arregalados, por que o homem não falou com ninguém? Por que foi se meter sozinho nesta guerra que, mesmo sendo, bem dizer, nem é, pro causo, dele?), avança direito ao chimango pançudo, pouca coisa não deve ser, todo entonado com essa chuva, e se rindo, o graúdo – “La muerte es una sonrisa / que termina en carcajada”, canta Horacio Guarany –, toma!, faz Otacílio, desembainhando a faca e, no mesmo amplo golpe, em pé nos estribos, da esquerda pra direita, debaixo pra cima, rasga o pescoço do Nicanor, coitado, desentendido da coisa, só aos poucos caindo, a gargalhada aberta botando sangue como ladrão de barragem, aos borbotões, tingindo lenço, camisa, bombacha de encarnado, pois que, sim, era de carne também feito, e sebo, aquele sangue que golfava qual cacimba do talho do pobre-diabo, desentendido de si, diluindo-se na intempestiva borrasca destes, nunca em paz, pampas, pro causo, mares do sul – água tamanha –, biliosos, intestinos, rumorejantes, o sangue vivo matando-o, ironia, maragato, o sangue, o lenço, a pilcha, tudo, os olhos arregalados.

“Não, Otacílio, não!”, engole o grito Cacalo.

O gaúcho sai disparando, malechor, pária, solito, ninguém se acha no bochincho, e Otacílio, como aquelas lebres menorzinhas, cor de chumbo, as orelhas murchinhas pra trás, encolhidinho, corre dos cachorros, achatado, as pernas traseiras puxando as dianteiras, corre e não o pegam, hein?... fosse o tempo outro, que molhadas, as lebres, qualquer guaipeca pega. Corre, Otacílio! Corre!

⁹⁴⁴ (e bota aprumos... pecho... perímetro escrotal!)

Tratado
ontológico
acerca das

bolas do boi



romance

José
Carlos
Queiroga

Trechos al pedo:

El gaucho es mui cabrón nisto de liberdade, vive sem freios - si lo permiten! -, habla de boca llena, limpa a boca na manga, se desboca a la gran puta - Otacílio baba olhando pro que precisa pro dia 20 no chamarisco das vitrinas, sem um puto pila na guaiaca -, o gaúcho, enfim, é chucro de língua, sua prosa escorreita como enchente nas sarjetas, sucia, é certo, porque a vida nem coca-cola limpa, espumanta, viscosa, às vezes, sempre, leva junto cagalhões, como islas flotantes, doces de dar água na boca, por isso comendo esses, erres, emes, hum!, engolindo num puchero generoso, hum!, as regras todas, que não entende, da gramática, não é doutor?, vamos meio que aos trambolhões costurando a conversa, que não é fiada - respeito! -, mas, de tantos, resulta como?

A Dalva tinha uma vizinha que só ia à missa com ela, rengueando, a coitada, era manca, rezava ligeiro, sempre na frente dos outros, assustada, e dizia "Amém" toda hora, era o padre piar e ela "Amém", os outros olhavam e riam, mas ela nem-te-ligo. Quando não sabia os hinos, assobiava, assobiava, menino!, a gente se ria por dentro, mas não é coisa de rir - e nem lugar -, a renguinha não conjuminava direito, até o cinto tinham que botar nela, esses tempos ia perdendo a saia, a Dalva, quando viu, já escorregava pelas ilhargas... Também, a outra vizinha, a velha da mula tinha ido junto, a filha pedira, tão simpática, aquela que é antipática, e a Dalva tinha que cuidar os degraus da igreja, não fosse cair a velha, e não é que cai a saia da outra, mas credo! Não é um pecado? Vejam, a Dalva morreu, tão boa, e essas duas como não andarão escalavradas!? Pecado...

Rápido com a cherenga, Valdomiro capava os touritos e atirava um a um, pelo cordel, os gúevos na cinza do fogo da marca. O foguista cuidava de manter os ferros quentes, pra não judiar dos bichos, e também reparava os bagos, pra que não torrassem. Quando achava que estavam prontos, pegava pelo cordãozinho esturricado, num "ai-ai-ai, que tá pelando", banhava na salmoura e já "vem cá, que assim te quero", atirava boca adentro a coisa chamuscada. Enchia-se o pandulho com aquela iguaria campeira da qual, uma vez provada, jamais se esquece o gosto.

Que gosto?

Difícil falar de gostos, porque o palato, embora fique sempre ali pela língua, é mudo.

www.meritos.com.br

ISBN 85-89769-04-6



9 788589 769044

ISBN 65-89009-05-8



9 786589 009054